2/7/68 4 vols

Samodães I, 1288

Borba Moraes I, 273

"This is the work which contains the Fragmentos Historicos by father Anchieta (p. 183/192, 203/4 212/219)"



IMAGEM
DA
VIRTUDE
Em o Noviciado da Companhia
DE
JESUS
NO REAL COLLEGIO DE JESUS
de Coimbra.
NA QUAL SE CONTEM A VIDA, E VIRTUDES de muitos Religiosos, que nesta Santa Casa foraõ Noviços.
OFFERECIDA
A [illegible]
VICTORIA,
Padroeira do mesmo Noviciado.
PELO P. ANTONIO FRANCO
Da Companhia de JESUS.
SEGUNDO TOMO
COIMBRA
[illegible]

Miguel Osorio
Lisboa

IMAGEM DA VIRTUDE

Em o Noviciado da Companhia

DE

JESUS

NO REAL COLLEGIO DE JESUS
de Coimbra,

NA QUAL SE CONTEM AS VIDAS, E VIRtudes de muytos Religiozos, que nesta Santa Caza foraõ Noviços.

OFFERECIDA

A' SENHORA DA VICTORIA,

Padroeira do mesmo Noviciado,

PELO P. ANTONIO FRANCO
Da Companhia de JESUS.

SEGUNDO TOMO

COIMBRA,
NO REAL COLLEGIO DAS ARTES DA COMPANHIA DE JESUS
Anno 1719. *Com todas as Licenças necessarias.*

INTRODUCCAÕ

NESTE prezente Volume pouco, ou nada tenho que advertir, que naõ fique dito na prefaçaõ do primeiro Volume, em que trato dos homens de virtude desta Santa Caza do Noviciado de Coimbra, por quanto este nam he mais, que huma continuaçaõ daquelle; sendo necessaria esta divisaõ, por evitar a grandeza do Volume, & ficarem todos os que estaõ feitos tendo no vulto proporçaõ entre si. Versehâ nelle mais, quam glorioza seja esta Santa Caza, sendo tantos em numero os Heroes, que nella se entregaraõ a Deos. Aindaque foram grandes os Santos homens, cujas vidas referi, naõ lhe saõ inferiores, os que aqui se haõ de ler. Muitos Martyres destes trata o primeiro livro. Muitos homens raros, primeiros pays, & fundadores da Sãta Provincia do Brazil, que deste Collegio nasceo, destes falla o segundo. Muitos outros em todo o genero de virtudes assombrosos, destes digo nos ultimos dous livros. Por fim ajunto hum pouco mais que Catalogo dos Religiosos, que aqui foram Noviços, & escreveraõ livros, assim como fiz nas obras dos outros dous Noviciados: porque como os dous polos, em que se revolve o Ceo da Companhia, sejam virtudes, & letras, tudo tenhaõ que ver nesta sua Imagem os nossos Irmaõs de Coimbra, servindo as letras somente de sombras, com que mais realce a Imagem da Virtude, formada de taõ bellas cores, quais saõ as que lhe deu a maõ de Deos, que foi o Author de taõ celestial pintura. Aqui acharàõ em praxe mil modos de exercitar todas as virtudes Christans, em especial, as que por causa da nossa profissaõ devem ser mais nossas, & nòs mais seus. Missionarios de altos

es-

PROTESTO
Do Autor

A Santidade do Papa Urbano VIII. aos 13. de Março de 1625. na Congregaçaõ da Santa, & Universal Inquisiçaõ de Roma por hum decreto seu prohibio imprimiremse livros, que contenhaõ vidas de homens, que passassem desta vida com fama de santidade, revelaçoẽs, & milagres, martyrio &c. sem aprovaçaõ, & conhecimento do Ordinario. De mais em 5. de Julho de 1631. explicou, que naõ sejaõ elogios de Santos, ou Beatos, que cayaõ absolutamente sobre a pessoa, ainda que se podem admittir, os que cahem sobre os costumes, & opiniaõ de santidade com protestaçaõ no principio, que senaõ pertende dar a semelhantes cousas a authoridade, que procede da Igreja Romana. Conformandome com estes decretos, só quero, o que nelles quer a Santa Madre Igreja, nem as cousas que digo, & as palavras, com que as explico, quero se tomem noutro sentido, senaõ no que permitte a Igreja Santa.

LI-

LICENÇAS
Da Ordem

JOAÕ Pereyra da Companhia de JESU Vizitador, & Provincial da Provincia de Portugal por particular cõmissaõ, que pera isso me foi dada de N. M. R. P. Miguel Angelo Tamburino Preposito Geral da Companhia de JESU; dou licença, pera que se imprima este livro intitulado *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de JESUS do Real Collegio de Coimbra*; Tomo segundo, que compoz o Padre Antonio Franco da mesma Companhia; & foi examinado, & approvado por pessoas doutas, & graves; & por verdade dei esta assinada com o meo sinal, & sellada com o sello do meo officio. Lisboa na Caza Professa de Saõ Roque a 2. de Agosto de 1711.

Joaõ Pereyra

Do Santo Officio

CENSURA DO M. R. P. D. Fr. JERONYMO de Santiago Qualificador do Santo Officio.

ILLUSTRISSIMO SENHOR

POR mandado de V. Illustrissima li com toda a attençaõ o livro intitulado: Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de JESU no Real Collegio de JESU de Coimbra; Author o Reverendissimo Padre Mestre Antonio Franco, & nelle naõ achei couza, que encontre nossa Santa Fé, ou bons costumes, antes me parece muito digno de que se de ao Prello, pera que a exemplo de vidas taõ prodigiozas à todos sirva de imitaçaõ;

çaõ;aos Noviços da mesma Companhia no grande zelo da honra de Deos, & no fervor da conversaõ das almas, aos mais Religiozos na perfeita observancia de suas regras, & estatutos; à todos os Fieis Catholicos no incendido amor de Deos, & do Proximo, imitando todos taõ eminentes virtudes, & taõ heroicas obras, como fizeraõ estes grandes Religiozos, de que falla o Author, cujo trabalho devemos louvar muito, porque se, como diz Saõ Joaõ Chrysostomo, os louvores alheos cedem em louvores proprios, & quem admira os merecimentos dos Santos, se faz admiravel na Sanctidade da sua vida: *Qui alium laudat laudabilem se reddit; & qui sanctorum merita admiratur, mirabilis ipse vitæ sanctitate redditur.* Louvando o Author as virtudes, & merecimentos de seus santos Religiozos, naõ só se faz louvavel, mas merece o tenhamos por Imagem de todas as Virtudes. Este he o meo parecer, V. Illustrissima farà o que for servido. Collegio de Nossa Senhora da Estrella.

S. Joaõ Chrysost. serm. de Martyr.

O Doutor Fr. Jeronymo de Santiago Qualificador do Santo Officio.

CENSURA DO M. R. P. M. Fr. ANTONIO das Chagas Qualificador do Santo Officio.

ILLUSTRISSIMO SENHOR

COM particular attençaõ, & com notavel gosto vi este segundo tomo, em tudo semelhante ao primeiro, & se lhe pode applicar aquillo de Virgilio: *Primo avulso non deficit alter aureus, & simili frondescit virga metallo.* O Author he o Reverendissimo Padre Mestre Antonio Franco, dignissimo Filho da sempre nobre, & esclarecida Religiaõ da Companhia de JESUS, bem conhecido pelo abrazado zelo, & incansavel trabalho, que tem tido em compor tantos livros, sem nelles havera mais leve demonstraçaõ de censura: neste naõ achei clausula que advertir; muito sim que admirar, & como das cousas grandes [diga o Princepe da Filozofia Aristoteles] naõ ha de aver louvor, senaõ admiraçaõ: *Magnorum non est laus, sed admiratio*, remettendo ao silencio seu maior elogio, concluo com applicar ao Author, o que Plinio disse de Phidias esculptor celeberrimo: *Hæc sunt obiter dicta de artifice nunquam satis laudato.* Quanto contem he doutrina solida em tudo conforme à nossa Santa Fé, & reformaçaõ dos costumes, & assim me pareçe deve Vossa Illustrissima conceder a licença para se imprimir, para que todos conhecaõ o muito que se deve à Sagrada Religiaõ da Companhia. Trindade em o Convento de Nossa Senhora do Livramento 20. de Dezembro de 1711.

Fr. Antonio das Chagas

Vis-

Vista a Informaçaõ, pode-se imprimir o livro intitulado, Imagem da Virtude, de que trata esta petiçaõ, & impresso tornarà pera se conferir, & dar licença que corra, & sem ella naõ correrâ. Lisboa 8. de Janeyro de 1712.

Ribeyro. Rocha. Fr. Encarnaçaõ. Barreto.

Do Ordinario

Podesse imprimir o livro de que esta petiçaõ trata, & impresso torne pera se conferir & dar licença que corra, & sem ella naõ correrâ. Lisboa 10. de Março de 1712.

Bispo de Tagaste.

Do Paço

CENSURA DO M. R. P. M. D. FRANCISCO de Saõ Bernardo, Conego Regular de Saõ Joaõ Evangelista.

SENHOR

HE Vossa Magestade servido, que veja o Segundo Tomo do livro, que compoz o R. P. Mestre Antonio Franco da Sagrada Companhia de JESUS, intitulado Imagem da Virtude; & nas vidas prodigiozas dos Veneraveis Heroes, de que trata este Tomo, imaginando eu que conrespondese a materia com o titulo, achei que excedia muyto ao titulo a materia; porque no titulo nos mostra a modestia do Author só a Imagem, & na materia se està vendo hum perfeito Original, donde pera a reforma, & pera o desengano se podem tirar muytas copias, porque qualquer acçaõ das vidas dos servos de Deos, que neste livro se escreve, naõ he huma Imagem muda, mas sim hum exemplo vivo, que ao mesmo tempo, que desperta a nossa tibeza, està persuadindo a nossa imitaçaõ. Porisso eu digo, que a materia do livro he hum original, de que em nos mesmos deviamos formar a Imagem, retratando em nos proprios as virtudes, com que os seos Heroes naõ só ennobreceraõ o Noviciado do Collegio da Companhia de Coimbra,

que foi o berço, em que se criaraõ; naõ só illustraraõ as terras, & conquistas de Portugal, que foraõ as partes, em que viveraõ; mas tambem encheraõ de assombro o mundo todo, quando via em cada hum delles ser Original proprio da perfeiçaõ, o que só se intitula Imagem copiada da Virtude. Como esta Imagem naõ tem alguma sombra, que encontre o Real serviço de Vossa Magestade, me parece digna de se ver com a luz da impressa, concedendo-se ao seo Author a licença, que pede. Vossa Magestade mandará o que for servido. Santo Eloy de Lisboa 16. de Julho de 1712.

O Doutor Francisco de Saõ Bernardo.

QUe se possa imprimir, vistas as Licenças do Sãto Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornara à Meza pera se conferir, & taxar, & sem isso naõ correrá. Lisboa 19. de Julho de 1712.

Costa. Andrade. Botelho. Pereyra. Baracho.

IN-

INDICE
DOS RELIGIOSOS, CUJAS VIRTUdes se escrevem nesta Obra.

INDI-

INDICE

PELOS DIAS DOS MEZES DOS PAdres, & Irmaõs, que se contêm neste Segundo Tomo do Noviciado de Coimbra, & no Additamento, que vay no fim do Tomo. Os que tem este sinal ✠ foraõ Martyres.

JANEIRO.

		Anno da morte
2	IRm. Adaõ Francisco.	
9	Padre Luis de Britto.	1691.
10	Padre Francisco Fernandes.	1616.
12	Padre Francisco Pires.	1586.
14	Padre Martim de Mello.	1617.
17	Padre Joaõ Aspilcueta.	1555.
24	Padre Affonço Gil.	1582.
25	Padre Francisco da Cruz.	1706.

FEVEREIRO.

1	PAdre Pedro Gomes.	1600.
7	Padre Lourenço Cardim.	1585.
8	Irmaõ Antonio de Mello.	1598.
9	Padre Jozeph de Seyxas.	1691.
16	Padre Jeronymo Rodrigues.	1591.
17	Jrmaõ Sebastiaõ Fernandes.	1627.
18	Padre Joaõ Cardim.	1615.
23	Padre Francisco Peres.	1583.
No mesmo	Padre Antonio do Rego.	1709.
25	Padre Jgnacio Pimentel.	1714.
29	Padre Marcos Jorge.	1608.

MARÇO.

2	PAdre Misser, ou Moyses Joaõ.	1553.
3	Padre Antonio Coelho.	1709.
8	Padre Sebastiaõ Mẽdes.	1666.
12	Padre Gracia Gonçalves.	
✠ 15	Padre Gonçalo da Sylveira.	1561.
16	Padre Francisco Hẽriques.	1590.
21	Irmaõ Henrique Nunes.	
22	Padre Antonio de Morais.	1704.

4 Pa-

ABRIL.

MAYO.

JUNHO.

JULHO.

25 Pa

DEZEMBRO.

Em mes, & dia incerto.

IMAGEM DA VIRTUDE
EM O NOVICIADO DA COMPANHIA de Jesus de Coimbra.

PARTE SEGUNDA,

LIVRO PRIMEIRO,
NO QUAL SE REFEREM AS VIDAS, E MORTES gloriosas pella Fe de muitos Religiosos, que nesta caza foraõ Noviços.

CAPITULO I.

Vida do admiravel Martyr do Senhor o P. Dom Gonçalo da Silveyra.

Sua patria, Pays, & criaçaõ, que teve antes de ser da Companhia.

Monomotapa 15. de Março de 1561.

1 O PADRE Gonçalo da Silveyra, hum dos primeiros Padres desta nossa provincia de Portugal, foi tambẽ hum dos mais esclarecidos Heroes de toda a nossa Companhia. Com rezam pode ter de si vaidade a Villa de Almeyrim na provincia de Alentejo, de ser o berço, onde naceo homem de tanto ser. Nam faltaraõ outras terras, que lhe quizeraõ tirar esta gloria; como foraõ a Villa de Goes, & a Cidade de Evora. Tenho em minha maõ papeis antigos do nosso cartorio de Coimbra, emq̃ se daõ as rezoẽs; que havia pera estas terras cõtenderẽ entre si sobre ser sua esta gloria. Por Goes se allegava, o estar alli sepultada a May do Sãto Padre, aqual falleceo do parto, emque o deu a luz; & naõ constava vir de outra parte seu corpo tresladado pera Goes, final de que ali nacera, & tambem se dava por rezaõ o dito de certo Prior, que fora da caza do Pay do bemdito Martyr.

2 Por Evora se allegava o ditto de hum Antaõ Sarayva, que diziaõ ser Estribeiro do Pay do Padre Gonçalo da Silveyra, oqual passando pello Col-

Collegio de Evora, & perguntado, onde nacera o Padre, respondeo, que nas cazas do Sertorio em Evora, apontando a camara, & lugar, o qual foi ver o nosso Padre Manoel de Lima muitas vezes, sendo Reytor do Collegio. Afora este testimunho fazia por esta parte a fama de toda a Cidade, que disso estava chea; & as Freyras do Salvador compraraõ as cazas do Sertorio, principalmente por este respeito; tanto assim, que naõ quizeraõ derrubar a tal camara, como fizeraõ às mais cazas, deixandoa, pera a meterem na Igreja nova. Daqui naceo fazeremse algumas pinturas, nas quais se dizia ser natural de Evora.

3 O nosso Padre Alvaro Lobo, que compos a Historia desta provincia, o fas de Goes, dizendo, que assim lho dissera huma Freyra Irmaã do glorioso Martyr. O nosso Padre Frãcisco de Araujo, que foi mui curiozo, & lido em nossas cousas, propos todos estes ditos a Dom Alvaro da Silveyra sobrinho do nosso Padre, pera que descifrasse esta duvida. A sua reposta foi a seguinte, que tenho diante de mim da sua letra reconhecida, & dis assim: *Meu tio o Padre D. Gonçalo da Silveyra naceo em Almeyrim em vinte, & tres dias de Fevereiro sesta feira da era de mil, quinhentos, & vinte, & seis, & ao terceiro dia falleceo a Condessa minha avò sua May Dona Brittes de Noronha, & buscarei hum papel, que tenho, da letra de meu avo seu Pay, emque isto esta melhor declarado. Esse Antam Sarayva foi Estribeyro de meu Pay, & naõ de meu avô, nem podia saber disto.* Esta por suas formais palavras a reposta deste fidalgo, neto do Pay do Padre Gonçalo da Silveyra. Aquem delle procurou este informe disse de palavra, que a Freyra, de que fallava o Padre Alvaro Lobo, naõ era Irmaã do Padre, mas sobrinha, ou parenta. Por esta rezaõ o ditto Padre na sua Historia manuscritta tem ser de Almeyrim, deixando a imaginaçaõ, emque estava. A isto se ajuntou o ditto do Padre Amador Rebello Mestre de ler, & escrever Del-Rey Dom Sebastiaõ, que como seguio sempre a Corte, teria ocasiaõ de averiguar este ponto, & deixou escritto ser de Almeyrim. Huma Irmaã do Santo Martyr, ainda que disse nacer em Goes, no principio do seu informe dis, que do Padre Gonçalo sabia mui pouco, porque fora muito minina pera o Mosteiro, & assim que sendo este o principal fundamento, q̃ havia em favor de Goes, naõ acharaõ ser sufficiente pera desfazer o testimunho de Dom Alvaro. O Padre Araujo em hum catalogo, que fes dos homens virtuosos, que naceraõ na provincia de Alentejo, começa pello Padre Gonçalo da Silveyra.

4 Portanto ficou este ponto fora das duvidas, que nelle se moviaõ, constando da letra do Conde seu Pay a terra, dia, & anno de seu nacimento. Quis nisto fallar com esta miudeza, porque neste tempo naõ falta, quem diga ser de Evora, levado ou das pinturas, que disse, ou de algumas noticias, emque isto se affirma, tendo só acostado as rezoẽs de favor, & naõ as que desfazem esta falsa opiniaõ; porque succede encontraremse humas sem as outras. O nosso Historiador da provincia diz, que naõ faltavaõ alguns, que queriaõ dar esta gloria a Lisboa. Eu dos muitos papeis, que nisto vi, ninguem encontrei, que tal cousa dissesse, nem ainda de caminho, mais que este Padre, que creo era o deste dezejo. Com esta clareza, escusarsehaõ semelhantes litigios nos tempos adiante, se acazo este meu trabalho tiver a boa fortuna de chegar à imprensa, & se fazer publico.

5 Foraõ os Pays do nosso ditoso Martyr de geraçaõ muito illustre. O Pay se chamou Dom Luis da Silveyra, foi o primeiro Conde da Sortelha, Guar-

Guarda mor Del-Rey Dom Joaõ o Terceiro, Alcayde mor de Alenquer, filho de Nuno Martins da Silveyra Senhor de Goes, & Mordomo mor da Rainha Dona Catherina, & de Dona Philippa de Vilhena. Foi o Conde Dom Luis homem de grande ser, & algum tempo mui valido Del-Rey. Por estas rezoẽs, foi eleito Embayxador pera effeituar o cazamento da Emperatriz Dona Izabel com o Emperador Carlos Quinto.

6 Sua mulher, & May do Padre Gonçalo da Silveyra foi a Condessa Dona Brites de Noronha, com este sobrenome a chamam seu neto Dom Alvaro no testimunho assima referido, & huma Irmaã do Padre Gonçalo da Silveyra, em hum informe, que de sua letra tenho na minha maõ, aos quais se deve mais credito, que a algum Nobiliario, de que cuido usou o nosso Historiador, como quem nelles era mui perito, dizendo: era seu nome Dona Brites Coutinho, & naõ de Noronha, como na vida impressa do Padre lhe chamaõ. Era esta Senhora filha de Dom Fernando Coutinho Marichal do Reyno, o qual foi morto em Calicut na India, quando o grande Affonso de Albuquerque quis tomar ao Zamorim aquella sua Cidade, & de Dona Maria de Noronha. Donde se ve, que ambos os sobrenomes competiaõ à May do Padre Gonçalo da Silveyra.

Corografia Portug. tom. 2. pag. 276.

7 Destes dous illustres Senhores naceo Dom Gonçalo. De dez filhos, que tiveraõ, foi elle o ultimo. Deste parto, qual outra Raquel do seu Bemjamin, falleceo a Condessa Dona Brites. A causa de nacer em Almeyrim foi acharse ali entaõ a Corte, aquem seguia Dom Luis, como pessoa, que no Paço tinha posto taõ autorizado. Ouve por aquelle tempo em Almeyrim assim antes, como depois de nacer o Santo Martyr occasioens de grandes festas; porque em vinte de Janeyro se tinha ali recebido a Infanta Dona Izabel com o Emperador Carlos Quinto, & aos vinte, & quatro de Fevereyro hum dia depois de nacer o Santo Martyr, naceo na mesma Villa o Principe Dom Affonso.

8 Tres dias antes de nacer o ouviraõ chorar dentro das entranhas de sua May, como sentindo aver de tirar a vida, aquem lha avia de dar. Tres dias depois morreo a Condessa, & dahi a poucos annos o Conde seu Pay. Ficãdo assim orfaõ de Pay, & May, o levou pera sua caza, & a seu Irmaõ Dom Alvaro, Luis Alvres de Tavora Senhor do Mogadouro cazado com Dona Philippa de Vilhena Irmaã do Padre Gonçalo da Silveyra, & por esta via saõ desta familia os Marquezes de Tavora, que he huma das illustrissimas cazas de Portugal.

9 Logo de minino foi mostrando, que Deos o criara todo pera si, & nada pera o mundo. Naõ gastava o tempo nos divertimentos dos seus annos. Aborrecia galas, cavallos, montarias, exercicios mui ordinarios a moços da sua qualidade. O seu gosto era ler por livros devotos, rezar, dar esmola aos pobres, & por vezes a pedia a seus Irmãos, pera a repartir aos mendigos. Se via, que alguns mininos pelejavaõ entre si, elle se fazia Anjo de paz, que os tornava a fazer amigos.

10 Se algum minino pobre da sua idade cahia enfermo, o hia logo vizitar, & lhe levava dinheiro de esmola, sem fazer reparo nem na humildade das cazas, nem na das pessoas enfermas. Nunca se pode acabar com elle, que bebesse vinho, costume, que guardou, em quanto viveo. Quando mudou os dentes apertando com elle os criados, que tomasse vinho na boca, pera apertar as gengivas, nunca tal cousa quis fazer.

11 Era mui amigo da verdade. Succedeo que os dous Irmãos fizeraõ certa ninheria, da qual sabendo Luis Alvres de Tavora seu cunhado, os

chamou, pera os reprehender. Dom Alvaro negou fortemẽte, Dom Gonçalo chãmente confessou sua minimisse. Vendo Luis Alvres a tezidam de hum, & a candura do outro, entrou em duvida, a qual daria credito, & fingindose irado se voltou pera Dõ Gonçalo, & lhe disse: E bem, fidalgo, naõ bastava ter feito huma vileza, se naõ ainda sem pejo vos dais por autor della? Senhor, respondeo Dom Gonçalo, naõ so tenho pejo, mas pella vida me custa, ter cahido neste descuido, porem eu me teria por mais culpado, se à minha falta accrescentasse huma mentira, por me livrar do castigo. Ficou o fidalgo admirado de taõ santa, & taõ madura resposta, maior que os annos de Dom Gonçalo.

12 Sabendo ja ler, & escrever, o mandou seu cunhado a hum convento de Saõ Francisco dedicado a Santa Margarida, que fica alem do rio Douro jà em Castella, & junto ao Mogadouro, pera que ali aprendesse Grammatica. Aquelles Santos Religiosos lhe ensinaraõ naõ menos as virtudes, que a Grammatica. A vista de exemplos tam santos cobrou amor à vida aspera, & se desaffeiçoou aos mimos, com que se acompanha em cazas illustres a criaçaõ dos mininos.

13 Raras vezes vinha a caza de sua Irmaã, tanto se pagava da de Deos. Tinha tanta ansia de aproveitar no estudo, que nelle gastava boa parte da noite. Dormindose naõ poucas vezes o criado, que delle tinha cuidado, & de o compor, & vestir, Dom Gonçalo pello naõ espertar, passava o mais da noite vestido sobre a cama. Admiravaõse os Religiosos de cousa taõ rara, como era o seu discipulo em todas as suas acçoẽs. Notouse mais, que nem por obra, nem por palavra offendeo a pessoa alguma, ou de fora, ou de dentro de sua casa.

CAPITULO II.

Entra na Companhia o Padre Dom Gonçalo, vence as contradiçoẽs dos seus, do desprezo de si, & desapego de parentes.

1 TEndo dezasete annos, o Conde Dom Diogo da Silveyra seu Irmaõ mais velho o mandou a Coimbra, pera continuar seus estudos. Os annos, que ali estudou, viveo no Real Mosteiro de Santa Crus. O exemplo de sua vida era nomeado em toda a Universidade, especialmente dos nobres, que nelle respeitavaõ mais hum Anjo da Ceo, que a hum homem da terra. Pouco antes tinhaõ vindo a Coimbra os nossos Religiosos, aos quais por serem os mais delles estrangeiros, tidos, & avidos no povo por idiotas, chamavaõ por desprezo Franchinotes, porem a força do santo exemplo de suas vidas era tal, que fas admiraçaõ os muitos mancebos illustres, que se animaraõ aos imitar entrãdo na Companhia.

2 O melhor da Universidade se abraçou com o desprezo de Christo na Companhia: Dom Gonçalo, cuja vida aqui se escreve, Dom Rodrigo de Menezes, Luis Gonçalves da Camara, Dom Leaõ Henriques de Noronha, Antonio Moniz, de todos vaõ suas vidas escritas em seus lugares; Dom Theotonio filho dos Duques de Bargança, que depois foi Arcebispo exemplar de Evora: alem destes outros muitos, de que fazem mençaõ as nossas Historias. Abrio o caminho à nobreza do Reyno o Padre Dom Gonçalo, que assim se nomeou, por naõ ser ainda prohibido entre nos, o chamarse Dom, quem o tinha de seus pays. Tambem acho escrito tomara por occasiaõ pera deixar o mundo,

certo

certo disgosto, que tivera com seu Irmaõ, naõ se dis sobre que materia.

3 Entrou elle na Cõpanhia aos nove de Junho de mil quinhentos, quarenta, & tres, naõ avendo ainda hum anno, que a Companhia entrara em Coimbra. Fes a entrada com tanto segredo, que assim desapareceo, como se a terra o engolira; por evitar os primeiros assaltos dos parentes, & a desenquietaçaõ, que podia fazer aos nossos, quis occultarse em algum retiro. Por tanto por ordem dos superiores se recolheo com todo o segredo em hum lugar tres legoas àlem da Cidade do Porto, a ter os Exercicios espirituais de Santo Ignacio. Tudo se fes com tais cautelas, que se naõ pode entender, que feito fosse delle, por mais diligencias, que nisso puzeraõ seus parentes, metidos em huma grande suspensaõ.

4 Ali se fortaleceo pera os combates, deque estava certo. Finalmente voltando a Coimbra sahiraõ os parentes da sua confusaõ, & entraraõ em novos empenhos, de o esfriar nos seus propositos. Vieraõ feitos em hum corpo com o Conde seu Irmaõ, armados com cartas Del-Rey, porque se lhe naõ impedisse o fallar com elle; trouxeraõ consigo alguns Religiosos, que nesta lida os ajudassem. Aparecendo diante delles Dom Gonçalo, lhe começaraõ a dizer com grãdes encarecimentos o mal, que tinha obrado, como tinha deshonrado sua caza, em se meter a viver entre gente tida, & havida em taõ pouca estimaçaõ, que se queria ser Religiozo, naõ faltavaõ Religioẽs autorizadas.

5 Querendo elles continuar a lenda, cheo de santo fervor o Noviço os atalhou, estranhandolhes muito os seus desvarios, dizendo, que aquellas cousas estavaõ bem, pera quẽ procurava honras, naõ pera quem buscava desprezo, como elle: que as mesmas rezoẽs, que lhe traziaõ, pera deixar a Companhia, tivera elle, pera so com ella se abraçar. Entaõ meteraõ sua pratica os Religiosos, dizendo, que tais resoluçoẽs pediaõ mais vagares, que naõ podia agradar a Deos, o que se fazia temerariamente; que pera naõ entrar em Religiaõ, era causa bastante, naõ gostar disso seu Irmaõ, aquem tinha em lugar de Pay, nem seus parentes sendo taõ illustres, como eraõ.

6 A isto respondeo, que elle tinha mais obrigaçaõ a Deos, que o chamava, que a Irmãos, & parentes; & que estava taõ solido nos seus propositos, que se seus proprios pays o quizessem impedir, tinha animo pera por sobre suas cabeças seus pes, & por elles assim pizados ir adiante em seus santos intentos. Vendo todos a firmeza de sua resoluçaõ, & que perdiaõ palavras, & tempo, & pejandose os Religiosos, do que tinhaõ emprendido, se despediraõ, ficando Dom Gonçalo senhor do campo.

7 Ate este tempo andava nos vestidos, emque entrara, logo os deixou, & tomou huns muito vis, & pobres. So deixou por ordem do Superior ficar hum gibam de setim preto, o qual trazia em caza, & contou elle depois ao Padre Luis Gonçalves da Camara, que huma das cousas, que muito o ajudaraõ a se confundir, fora este gibam, que trouxera ate se gastar de todo, porque todas as vezes, que o vestia, ou despia, tornava sobre si dizendo: o mundo cre, que sou ja outro homem, & eu estou tanto o mesmo, que nem o vestido tenho mudado. Diziase a si mesmo, que por naõ ter ainda o espirito de Religiozo, naõ merecia lhe tirassem o habito de secular. Depois do anno de Noviciado fes os seus votos em dia de todos os Santos com o Padre Nuno Ribeiro, que tambem morreo Martyr. Quando chegou o tempo de se ordenar, tomou ordens de Epistola dia de Nossa Senhora de Agosto, & as de Missa dia de Nossa Senhora de Setembro.

8 O seu

8 O ſeu principal cuidado foi exercitarſe em todas as virtudes. Mortificava muito ſeu corpo com jejuns, diſciplinas, & vigilias. O amor de ſe deſprezar o fez parecer doudo em muitas couſas. Chegou a tirar as ſobrancelhas, pera parecer mais feo. Algumas vezes fazia geſtos de doudo, ſó porque o avaliaſſẽ por tal. Dando certa peſſoa alguns negros de eſmola ao Collegio, lhe encomendou o Superior, tiveſſe cuidado delles aſſim no eſpiritual, como no temporal. Elle o fez com eſtremada obediencia, & caridade, parecia ſer eſcravo dos eſcravos. Enfermando algum, com ſua propria mam lhe metia o bocado na boca, & fazia os miniſterios mais aſquerosos. Aſſiſtindo à cura de hum moço, recolheo em huma tigella boa quantidade das materias, que de huma lancetada lhe correram, & ſentindo aſco, levado do dezejo de ſe vencer, pos a tigella a boca, & a bebeo.

9 Indo huma ves deſpejar hum vazo, como ſentiſſe repugnancia, por cauſa do roim cheiro, pera ſe vencer meteo o braço naquelle lodo; & aſſim domou o horror da natureza. De ſi era mui deſcuidado. De propoſito naõ alimpava os veſtidos dos animalejos, que em ſi criam os corpos humanos, dondeſe ſeguia andar coalhado deſta praga, & ſer nojento aos mais, & retiraremſe delle, que he o que com iſto pertendia.

10 Huma ves lhe diſſe o Conde ſeu Irmaõ, que naõ era neceſſario ſer taõ cuidadozo paſtor de tal gado: ao que elle reſpondeo: mais o eſtimo, que o voſſo Condado; porquanto me dâ materia de ſofrimento, & deſprezo proprio, que me levaõ ao Ceo, & o voſſo Condado tudo he miſeria da terra. Semelhante reſpoſta deu a outras peſſoas illuſtres, que niſto lhe fallavaõ. Sahia em corpo às praças publicas trazendo às coſtas o provimento, que ſe comprava. Outras vezes levava ao hombro tejolo pera as obras do Collegio. Decia ao rio Mondego com hum jumento, & nelle acarretava area pera as obras. Succedialhe neſtas occaſioẽs paſſar pello meyo da Univerſidade, onde era taõ conhecido, viaõno ſeus criados, & corridos ſe eſcondiaõ. Entre outros encontrou a ſeu Irmaõ Dom Alvaro em huma rua, quando vinha com o jumento diante de ſi; tanto, que o fidalgo nelle deu com os olhos, lhe cahiraõ os olhos, & faces no chaõ de vergonha. Entendendo Dom Gonçalo, donde nacia tanta modeſtia em ſeu Irmaõ, deſpertou a vos, & com a vara ao jumento como coſtumam, os que tem por officio governar eſte gado; & foi paſſando por diante de ſeu Irmaõ, alegrandoſe mais de ſer viſto aſſim, do que de o ver ſe envergonhara ſeu Irmaõ.

11 Outra ves encontrou ao Cõde Dom Diogo da Silveyra ſeu Irmaõ, que vinha com grande acompanhamento, & eſplendor de criados. Naõ quis a humildade do Padre Dom Gonçalo perder taõ boa occaſiaõ, & aſſim à viſta do Conde ſe meteo pella mais alta lama, & enlodado foi continuando ſeu caminho.

12 Procurou eſte ſervo de Deos, unirſe todo a ſeu Criador, por iſſo ſe avia com ſeus Irmaõs, & parentes, como ſe em nada lhe tocaſſem. Vindo a Coimbra o Conde ſeu Irmaõ, ſó pello ver, entrando no Collegio, pedio lhe chamaſſem a Dom Gonçalo. Dandoſelhe o recado, reſpondeo ſecamente: Que naõ conhecia tal homem, nem com elle tinha algum negocio, vaſſe pera ſua caza, ou lâ lhe chamem outro, com que falle, que a mim nem me he de proveito, nem neceſſario fallar com elle. Eſteve o prudente fidalgo taõ longe de ſentir iſto, que antes recebeo contento, porque entẽdia a raiz deſte ſanto deſapego. Dandoſe avizo do que paſſava ao Padre Reytor, mandou logo, que vieſſe Dom Gonçalo, fallar a ſeu Irmaõ: porem

rem o Conde o naõ permittio, por lhe naõ querer dar esse disgosto.

13 Se lhe mandavaõ seus parentes alguns mimos de cousas de comer, de ordinario sem delles tirar, lhos tornava a remeter; & se deyxava ficar alguma parte, era pera se repartir pellos enfermos. Avendo seis annos, que estava na Companhia, lhe mandou seu cunhado Luis Alvres de Tavora, & sua Irmaã Dona Philippa hum grandiozo prezente de doces. Ainda, que com licença os podia aceitar pera a cõmunidade, o naõ quis fazer, só porque eraõ a elle mandados; mas por naõ agravar a tais pessoas, fez levar aquellas cargas aos carceres, & hospitais, & repartir pellos prezos, & enfermos. Isto mesmo praticou em outras ocasioẽs.

14 Querendo o Conde seu Irmaõ cazar a huma de suas Irmans, communicou este negocio com o Padre, o qual rindose lhe disse: Admirome, que tal cousa me comunique: parece bem a vossa Senhoria, que aconselhe eu a alguem, que tome o estado, que eu naõ quis pera mim: Certo, que he cousa indigna, que quem com a vida, & palavras aconselha a continencia, como cousa de grande perfeiçaõ, induza a alguem a tomar estado. Por tanto pode vossa Senhoria tomar conselho com outros parentes, que lhe naõ faltam; & assim terá este negocio o fim, que se dezeja, & escusaraõ de me lançar pragas, como de ordinario costumaõ os cazados, quando entre si tem disgostos, desabafando estes contra quem os cazou.

15 Quanto mais o Padre se desviava dos parentes, mais procuravaõ elles, que os cõmunicasse. Pera este effeito pediaõ aos Superiores, lhe ordenassem, que lhes escrevesse; o que elle de outra sorte naõ fazia; & ainda assim cumpria com esta obrigaçaõ mui raras vezes. As suas cartas eraõ cheas de espirito de Deos, & com palavras proveitozas ao bem das almas. Huma destas suas cartas, que escreveo a seu Cunhado Luis Alvres de Tavora, & a sua Irmaã Dona Philippa tenho em meu poder, & por naõ ser mui cõprida, a quero aqui meter por suas palavras. He a seguinte.

16 *Deos Nosso Senhor prospere a voßas merces neste mundo de modo, que creçaõ muito mais em bondade. Senhores, naõ esperẽ melhores novas de mim, nem eu lhas poderia dar, que fallar sempre com elles de meu Deos, seu bem, & de todo o mundo. Ouvindome voßas merces contar delle, & lembrarme de suas infinitas maravilhas, naõ lhes deixo, que temer, nem tem, que se doer de mim, senaõ sabendo o mao serviço, que faço a hum Senhor tam tarde conhecido, & comigo tam liberal hâ tanto tempo.*

17 *Senhores de meu Senhor amados, se com elles estivera, sô meu bom JESV lhe ouvera de encommendar; porque sendo elle tam poderozo de me fazer tam ditozo de tam malaventurado, quanto mais poderia aumentar suas ditas virtuozas. Naõ percaõ, naõ, com a magnificencia divinal o ganho, que lhes descubro, digo, que naõ se contentem com a virtude, que lhe sabemos, olhem, quanto nos ficarâ por entezourar, por bem, que todos corramos apos aquelle graõ tratante Rey do Ceo. Por mais serviços, que lhe façaõ, por mais, que em todos mereçaõ, muito mais devem fazer; porque Christo em remir suas almas do pecado, pera lhas sanctificar, & dotar de glorioza eternidade gastou sua vida inteira.*

18 *Pois na morte, quem aturarâ a JESV, quem morrerâ tam devagar, como elle? Quem por elle tam ferido? Nos olhos de seus parentes tam desmedrado? Tam mingoado de confortos? Tam cheo de confusam? Esta lembrança, senhores, que lhe dou do amor, comque JESV os amou, tomemna, pera consolar suas almas às vezes com tais pensamentos. Porisso*

nam lhes escrevo, porque me naõ certificaõ, que se accendem muito no amor divino, quando lho lembro. Se lhes naõ renovo o dezejo de servirem a JESV Nosso Senhor, pera que he perder tam preciosas palavras?

19 *Comesse a Senhora Dona Philippa desde hoje atte o Natal, pois tem tanta oportunidade em seu recolhimento. Folgue de offerecer a Deos huma hora, ou par dellas pera se lembrar de seus beneficios, da Bemaventurança, que espera, da bondade suavissima, da sabedoria, & alto poder de Deos, entendendo muitas vezes nestas cousas; & pera melhor isto fazer alimpando amiudo a consciencia por lagrimas, & confissaõ. Guarde mui solicitamente sua alma, inflamea de altos, & sanctos dezejos. Eu fico Senhora, que se esta occupaçaõ provar, naõ deyxarâ ociozo ao Senhor Luis Alvres della. Nestes mimos criarà de melhor võtade suas filhas, com mais honra, & gosto dellas pera maior descanso de vossas merces.*

20 *Rogolhes, senhoras, que isto sô vejam de minha carta, pera se regerem por ella. pera o qual lhes tomo obediencia de sobrinhas; & senaõ guardense da maldiçaõ de Deos, porque quem naõ se cria em Deos, amaduresse, & frutifica pera o demonio. Guardenos Deos de mal, sobrinhas minhas, antes reynar com Deos, crecendo nelle. JESV dé a vosso pay, & vossa may, quanto cuidado me dais. Se vos dizem, que em boa maõ estais, dizeilhe vos, q̃ das de nossos pays, & mãys cahimos todos no inferno. Se o Senhor Luis Alvres, & a Senhora vossa mãy vos naõ fallaõ de Deos, vos naõ vam acostumando aguardar os Mandamentos, se vos naõ ensinam a folgar com elle, seu cuidado he descuido verdadeiro. Peçolhes, & rogolhes muito, como a tamanhos meus amigos, que estimem muito, quam pouco hâ, que Deos todo poderozo perfilhou as sagradas almas de suas filhas no bautismo. E pois lhes sobeja vontade de ellas serem, quais vossas merces saõ, naõ falte muito maior resguardo, pera se conversarem no paraiso do Ceo, que a graça divina lhes dâ, com a summa Magestade. Nosso Senhor os conserve em bonança neste mundo de modo, que naõ desfalleçaõ, quando passarem delle. Seu criado pera Deos. Dom Gonçalo.*

21 Esta a sua carta, a qual com tanto mais gosto tresladei, quanto ella anda mui outra na vida, que deste Padre se imprimio em Castelhano, por ser traduzida do Latim. Nesta forma eraõ as mais cartas, que escrevia a pessoas de fora, & às de caza.

CAPITULO III.

Continua o desapego com seus parentes, & se refere a edificaçaõ, com que se ouve em caza de sua Irmaã.

1 Estando seu Cunhado, & sua Irmaã em Goes, que dista seis legoas de Coimbra, mandou a Coimbra hum seu criado, pedir a Dom Gonçalo, que pois a distancia naõ era muita, quizesse dar a Goes huma chegada, pera consolar a sua Irmaã, que o tinha criado, como a filho. A reposta foi, que jâ por outro mais perfeito amor deyxara o dos Irmaõs, & parentes, no que tocava às demonstraçoẽs exteriores, que o sangue pede, que das espirituais, & interiores diante do Senhor nunca seria esquecido do muito, que a seu Cunhado, & a sua Irmaã devia. Portanto lhes rogava, naõ quizessem desenquietar, a quem sô tratava de se unir com Christo Crucificado.

2 Com esta esquivança creceo mais o dezejo do Cunhado, & pera conseguir, o que pertendia, veyo em pessoa a Coimbra. Fallou ao Padre Reytor do nosso Collegio, o qual ordenou

denou

denou a Dom Gonçalo fosse a Goes. Teve elle sentimento, mas ouve de obedecer. Porem como a obediencia lhe naõ determinou mais, que a ida, no modo della, & da estada em Goes descobrio sua virtude grandes lanços de merecer. Poz tais condiçoẽs, que com ellas parecia, naõ admittiriaõ aquelles fidalgos tal vizita.

3 Eraõ as condiçoẽs: Que elle se avia de recolher com seu companheiro em caza separada, & que naõ avia de comer à sua meza. Que naõ lhe avia de trazer de comer a seu apozento, senaõ hum escravo sómente, & esse em sua prezença avia de andar cuberto, & sem ceremonia alguma: & que as iguarias fossem sómente carne de vaca cozida, & em dias de peixe pescada seca.

4 Aceitaraõ aquelles Senhores as condiçoẽs, ainda que asperas, por naõ perderem o gosto de ter tal hospede. Nesta forma esteve em Goes alguns dias tendo por companheiro ao Padre Belchior Carneiro, que depois foi Bispo de Nicea. Estiveraõ ali com tanta modestia, & recolhimento, que do paço faziaõ Collegio. Dom Gonçalo se tratava como estranho. Queria, que seus criados o tratassem como a igual. Fazia, que o escravo, que o servia, se assentasse com elle à meza, & comesse do mesmo prato. Nunca se deitou em cama, senaõ sobre o duro chaõ, tendo huma pedra por cabeceira, sem tirar o rigorozo cilicio de ferro, que sempre trazia. Isto mesmo procurava fazer, quando estava no Collegio, pondo em lugar de pedra hum livro encadernado com taboas debaixo da cabeça por travesseiro.

5 Suas praticas com a Irmaã, & Sobrinhas eraõ todas de Deos; da brevidade da vida, pouquidade do mundo, grandeza dos bens eternos, do muito, que deviaõ amar a JESU Christo. Muitas vezes fallando de cousas santas, se accendia tanto nos dezejos de morrer martyr, que sua Irmaã se confrangia, & entristecia, como se diante de seus olhos o visse fazer em pedaços. Vendoa assim affligida Dom Gonçalo lhe disse: que desconsolaçaõ he esta, Irmaã minha, naõ folgareis de ter hum Irmaõ Martyr? A isto respondeo Dona Philippa: Bastame ter hum Irmaõ Santo. Naõ se contentou o Padre com esta reposta, & entrando em mais fervor lhe começou a prègar da excellencia do Martyrio taõ altamente, que os prezentes ficaraõ entendendo, quam gloriozo seja aquelle genero de morte.

6 Toda aquella caza andava muito devota. Ajuntava em huma sala os escudeiros, & criados, fazialhes praticas, & doutrinas. A estes costumava chamar Irmaõs, & a os que o eraõ no sangue, chamava somente parentes. Seguiraõse frutos mui notaveis. Huma sobrinha sua, que a mãy tinha pera cazar, seguindo os conselhos do tio deu de maõ ao mundo, & se entrou Religioza. Mais notavel foi a mudança de Dona Leonor Coutinho Irmaã do Padre, a qual estando cazada por ordem do Conde seu Irmaõ, depois de recebida à porta da Igreja, a tempo de celebrar as vodas, declarou a seu Irmaõ, & parentes, que ella escolhia por espozo a Christo, & logo se consagrou a Deos em hum Mosteiro.

7 Desterrou daquella caza os juramentos, & o jogo; em vendo cartas as rasgava, & lançava pella janela fora; dizendo, que naõ tivessem em caza armas do demonio. Meteo grande amor à penitencia. Naõ ficou pessoa em caza desde o senhor atte o mais vil escravo, que senaõ confessasse com elle, ou com seu companheiro. Ouve nesta occasiaõ huã pia contenda entre Dom Gonçalo, & Dona Philippa: pedia ella a seu Irmaõ, que a cõfessasse; recuzava o Padre, dizendo: senaõ atrevia ver a seus pes, a quem

tivera em lugar de mãy. Por fim da contenda ouve o Padre de se render, & ficou Dona Philippa muito consolada.

8 Nesta occasiaõ conseguio de Deos hum especial favor. Passava de vinte annos, que esta fidalga era cazada com Luis Alvres de Tavora, sem atte aquelle tempo ter mais, que filhas; levada entaõ de huma santa confiança pedio a seu Irmaõ, lhe alcançasse de Deos hum filho. Prometeolhe o Padre de tratar com Deos este seu dezejo, & pertençaõ, & dentro de dez mezes se vio Dona Philippa com hum filho morgado, & herdeiro da sua caza, que nella veyo a succeder.

9 Em outra occasiaõ estando muito doente Dona Philippa, foi mandado ir a Goes a vizitala. No caminho encommendandoa a Deos, teve revelaçaõ, naõ ser a doença de perigo, antes estar ja a enferma com melhoria. Daqui naceo, que entrando em caza, sem perguntar por sua saude, começou a fallar de Deos. Estranharaõlhe os seus esta secura em tanta affliçaõ da caza; interrompendoo, lhe disseraõ, como estando todos em tanta confusaõ, & vindo elle de Coimbra só pera consolar a enferma, de nada menos tratava, nem perguntava pello estado da doente. A isto respondeo, que naõ tinha, que perguntar, o que jâ sabia, por tanto só convinha engrandecer a Deos pellas merces recebidas, que elle estava certo naõ ter perigo a enferma, & estar com melhoria na saude corporal; o mesmo esperava, estaria na espiritual, pois Deos, como fas aos seus escolhidos, a vizitava cõ dores, & trabalhos.

10 Hum acto fes de notavel caridade, que mostrou amava os inimigos dos seus, como se fossem cousa sua. Hum Senhor teve disgostos com o Conde pay de Dom Gonçalo, & se naõ corriaõ entre si. Querendo o Padre mostrar, que elle como o sangue naõ herdara estes disgostos, o encõmendava todos os dias a Deos, vizitavao, fezselhe taõ familiar, que o fidalgo admirado de cousa taõ rara, se lhe poz todo nas maõs, & a sua caza, & o escolheo por Confessor seu, & da sua familia.

CAPITULO IV.

He mandado ir a Roma, do caminho volta a Portugal: como sabia a fazer Missões, & de huma, que fes à Cidade de Braga.

1 CORria o anno de 1550, quando Santo Ignacio tinha ordenado ao Padre Mestre Simaõ Rodrigues, hum de seus primeiros companheiros, & Fundador desta nossa Provincia, que fosse a Roma, porque tinha que cõmunicar com elle cousas de muita importancia. Mandoulhe tambem, que fossem alguns Theologos passantes, dos que dessem de si maiores esperanças, pera que vendo ali a Companhia em sua fonte, depois voltando a Portugal informassem aos mais Irmaõs, pera que fosse hum em todos o modo de proceder. Como a jornada do Padre Mestre Simaõ se fosse dilatando, mandou diante a tres, dos quais era hum o Padre Dõ Gonçalo, & o Padre Joaõ Dicio Flamengo, & o terceiro naõ ficou em lembrança, como se chamava.

2 A ordem era, que fossem por Gandia, & que naquella Universidade tomassem o grao de Doutor em Theologia, assim pera maior autoridade das suas letras, como por dar gosto ao Duque Dom Francisco de Borja, que assim o pedia, & jâ naquelle tempo era occultamente da Companhia, que tanto veyo a illustrar com sua pessoa, & santidade. Nenhuma cousa menos cuidava a humildade do Padre Dom Gonçalo, q̃ estas honras li-

literarias: accõmodoufe com a obediencia, naqual tinha o intereffe de ver a Santo Ignacio.

3 Quando ouve de fe partir, o Conde feu Irmaõ lhe mandou offerecer cavalgaduras pera o caminho. O Padre fe rio da offerta, & a naõ quis acceitar. No dia da partida lhe mandou o Conde huma mula carregada de mimos, & mantimento, que foffe feguindo os peregrinos. Quando o azemel deu o recado, eftranhou ifto muito o Padre, & o mandou voltar atras. Refpondeo, que tal naõ faria, que fe naõ atrevia levar pera caza, o que trazia. Entaõ o Padre diffe, que elle o acceitava em nome dos pobres, & chegando à primeira Villa entrou no hofpital, & repartindo tudo aos enfermos, defpedio o azemel, & continuou o caminho, vivendo de efmolas. Partio de Coimbra dia de Reys do anno de 1550: fahiraõ com elle cem Irmaõs atte a Barca dos Palheiros, onde ouve muitas lagrimas, & abraços; antes que fe partiffem, differaõ ali todos as ladainhas, & outras oraçoẽs.

4 Hiaõ todos tres veftidos pobremente, & a pè com feus bordoẽs nas maõs. Levavaõ às coftas huns alforges com os feus papeis. A obediencia dos tres corria por conta do Padre Dom Gonçalo, porem os duos tinhaõ poder fobre elle, pera o moderarem no tratamento de fua peffoa, por neceffitar elle, de quem lhe temperaffe o rigor pera comfigo. Caminhando nefta forma chegaraõ a Gandia, onde o Santo Duque os agazalhou como pay, & irmaõ. O mefmo lhe fes o Santo Padre Andre de Oviedo Reytor do Collegio.

5 Chegado o dia de tomar o grao, feitos jà os actos neceffarios, tomou o Santo Duque à fua conta o gafto da folennidade. Tratou cõ muito gofto feu com o Padre Dom Gonçalo, como com homem Santo. Entretanto, que efperavaõ ali ao Padre Meftre Simaõ, alem de o Padre Dom Gonçalo tratar mui eftreitamente cõ o Santo Duque, fahia a prègar na terra. Depois com beneplacito do Duque, & do Padre Reytor foi a Valença, onde era Reytor dos noffos o Padre Diogo Miraõ, que em Coimbra o tinha recebido na Companhia. Naquella cidade prègou com grande fervor, & proveito dos ouvintes. Depois lhe chegou ordem do Padre Meftre Simaõ, que voltaffe a Portugal, por quanto El-Rey fabendo de fua detença em Valença, & fruto raro, que nella fazia, fignificou ao Padre Meftre Simaõ, que lhe daria contentamento em mandar voltar pera o Reyno ao Padre Dom Gonçalo. No mefmo dia, que recebeo a ordem, fe poz logo em caminho, fem mais lhe lembrar o dezejo de ir a Roma. Taõ refignado vivia no querer da fanta obediencia.

6 Era o Padre Dom Gonçalo homem de grande zelo das almas. Em Coimbra fahia muitas vezes a prègar pellos lugares vizinhos: voltando de fora canfado, o feu fuftento era pedir ao defpenfeiro hum pedaço do paõ dos moços, & retirandofe a hum lugar fecreto junto da cozinha, affentado fobre hum madeiro, o comia. Nos lugares, aonde prègava, a horas de jãtar, tirava do feu alforginho hum pedaço de paõ, & delle comia. Antes de prègar, he que coftumava pedir efmola, porque depois da prègaçaõ fe lhe naõ deffe por iffo mais aventajada. Fez varias Miffoẽs, nas quais o feu coftume inviolavel era andar a pè, recolherfe nos hofpitais, & pedir pellas portas o fuftento precizo.

7 No anno de 1551 foi em Miffaõ à Provincia de Entre-Douro, & Minho, na qual o fruto foi igual ao exemplo de fua vida. Accendia efte fanto homem fogo nos coraçoẽs. Em Braga fe hofpedou no hofpital de Saõ Marcos. Por mais, que o Arcebifpo Dom Frey Balthezar Limpo o quis

levar ao ſeu paço. Gaſtava o dia todo em confeſſar, doutrinar, fazer amizades, & conſolar os doentes. As noites paſſava quaſi ſem dormir, dando muitas horas à oraçaõ, algumas a o eſtudo das prègaçoẽs, & ao ſono ſó o que a natureza cançada de reſiſtir podia tomar quaſi a furto ſobre o livro.

8 Neſte hoſpital ſe guardou por memoria deſte Santo Varaõ huma meza com hum buraco feito com o fogo, onde o Padre de noite eſtudava. A dormecendo huma ves encoſtado à meza, acertou de ſe acabar de gaſtar o pedaço de rolo da cera, que deixara ardendo no tempo, que o aſſaltou o ſono: chegando o fogo à taboa foi lavrando pouco a pouco, atte fazer hum ſó buraco nella, que a paſſou de parte a parte, quanto dizia a circumferencia do rolo, ſem mais ir por diante, nem queimar a meza, em que o ſervo de Deos eſtava reclinado.

9 A ſua ſuſtentaçaõ era ſó aquillo, que lhe davaõ de porta em porta. Como tinha alguns pedaços de paõ de broa, & com que comprar huma cebola, ou rabaõ, naõ queria mais eſmola. Quando ſe achava ſó com algumas moedas de cobre, ſe hia elle meſmo à praça comprar algum comer groſſeiro de pobres, metẽdo na maõ, aquem lho vendia todas as moedas, que tinha, pera que tomaſſe, o que lhe cabia.

10 Acertou neſte tempo de paſſar por Braga o Padre Dom Leam Henriques da noſſa Companhia, tornando do Moſteiro de Sam Fins pera Coimbra: foi ſer hoſpede do Padre Dom Gonçalo no hoſpital, onde o gazalhado foi conforme o eſpirito de pobreza, que em ambos avia; porque o Padre Dom Gonçalo naõ melhorou a meza com outras iguarias; poz nella as coſtumadas, alguns pedaços de paõ de broa, & hum par de cebolas. Conſolouſe grandemente o Padre Dom Leaõ, porque aſſim como era Irmaõ do Padre Dom Gonçalo no inſtituto, que profeſſavaõ, aſſim o era no amor da ſanta pobreza. Eſta foi a meza de dous homens taõ illuſtres por nobreza, como o eraõ eſtes dous Padres.

11 Tenho em minha maõ huma das cartas originais da letra do Santo Varaõ eſcrita de Braga ao Pade Miguel de Torres ſeu Superior, em que lhe da conta de ſeus eſcrupulos, & do fervor, que ouve em Braga: della quero aqui referir alguma parte, porque melhor ſe veja ſeu grande eſpirito. Fallando de ſi tem eſtas palavras: *Eu ſempre por graça de JESV, ſempre abracei, & ſempre beijarei, convem a ſaber, pedir eſmola de porta em porta por caminho, & nas cidades, & lugares, onde eſtamos, & daqui comer, & naõ mais, que de eſmolas: confeſſar, atte quando os penitentes duraõ; velar atte, que naõ haja, que fazer; eſtudar, jejuar, ſem eſcuſar por eſtes trabalhos andar a pè, & às vezes de preſſa, prègar atte enrouquecer, mortificar atte morrer.... Tudo iſto he bem, que Voſſa Reverencia ſaiba, pera que me encommende a Noſſo Senhor, porque eu bem poſſo morrer ſobre a demanda, mas naõ hei de entibiar, nem deixar de tentar, por onde ſe homem poderà vir a crucificar.*

12 Logo entrando a fallar do fruto, que em Braga ſe fazia, o conta na forma ſeguinte: *Recebi huã de Voſſa Reverencia, emque alem do mais me mandava vir pera o Porto. Deramma Domingo primeiro do Advento, indo pera prègar, no caminho. Logo me fis preſtes, mas o reſto do Domingo, & a ſegunda feira ſeguinte foi neceſſaria, pera me deſpedir, & atar alguns ſerviços de Deos grandes, que eſtavaõ em aberto, & trazia nas mãos; aſſim que Domingo pela menhaã logo comeſſei a dizer, que me avia de partir, deſpedindo a gente da pratica, que ſabia a fazer os Domingos, & ſe-*

festas à tarde, porque tomava aquelle tempo todo pera outro negocio muito de Deos.

13 *Foi tanta a gente, que acodio à doutrina, & me mandaraõ dizer, que os naõ deixasse descõsolados, que lhes ouve de fazer pratica. Parece, que Deos a tinha ordenada pera a derradeira, Padre meu: certo, que naõ se pode encarecer, de quanto fervor, amor, edificaçaõ, & sentimento mostraraõ, porque aos do Porto, que ja vinhaõ por mim, naõ lhes pareceo, que avia ahi mais devoçaõ, doque naquella gente viraõ. E certo, que nem no Porto, nem em Thomar naõ espero mais ver.*

14 *As lagrimas, que hiaõ, & os encontros naõ se podem crer. O apertar de pessoas, que chorando confessavaõ, que nunca viveraõ bem, & que era necessario, que eu os ouvisse de confissaõ. Enjeitaria em dia, & meio quinze, ou vinte destas confissoens. Homem ouve dos bem honrados, que dizia, & naõ sei se jurava, mas bem se lhe pareceo, porque outras doudisses disse, & fes maiores, que esta, que estivera pera bradar em alta vos, que eraõ todos doudos, ou nescios, por me deixarem ir.*

15 *Mexeraõ tanto, ate que o Arcebispo se poz em me fazer ficar. Mandoume por huma ves hum seu Capellam, por outra o Vigario Geral, pessoa das mais principais da sua corte. Fuime là à noite: naõ he necessario mais, se naõ que nunca vi o Arcebispo em fervor, senaõ entaõ, porque se lhe parecia a consolaçaõ em tudo. Andamos largo espaço, dandome conta de conceitos seus, & parecia depois, que tudo nacia da nova edificaçaõ, & gosto, que tinha de ter ouvido o fruto, que Deos fazia com as doutrinas, & mais serviços da Companhia na sua Cidade, dizendome, que o naõ sabia como entaõ. Especialmente das suas Freyras, as quaes se confessaraõ todas, senaõ tres mocinhas, que ficaraõ, por naõ aver tempo: eraõ Noviças, & quasi todas geralmente exercitaraõse mui diligentemente. Commungavaõ todas de ordinario cada festa, & Domingos.*

16 *Padre meu, he verdade, que o deste Mosteiro foi hũ notavel fruto de quantos ate agora ca fizemos, por que he de prantas novas, & Religiozas, & ha entre ellas capacissimos espiritos, & todas saõ molheres nobres, & de juizo, & naõ tem o estorvo de Prelados de outra Religiaõ. E o mesmo Arcebispo folgou, que eu as confessasse, & ajudasse em tudo, & sempre as ha de favorecer nisso. Reformaraõse todas em todos os estatutos, & observancias das regras. Em meditar cada dia pello menos huma hora com seu exame à noite. E toda via o tomaõ mui de verdade, & de porfia.*

17 *Ja huma Tia, & huma Irmaã de Francisco de Abreu Furtado he pera dar graças a Deos, he moça de dezasete annos, dis que determina de naõ lavrar mais, nem de trabalhar pera se vestir, & que remendarà o habito pera poupar todo o tempo pera contemplar, & assim o faz. Naõ ha ja quebrar silencio, nem vestir camiza, nem dormir em lançol. Outra me disse, que dezejava ja cortar a cauda a hum vestido, que tinha. Os jejuns, & as disciplinas saõ tantas, que metem em pressa humas às outras, & naõ pode ser senaõ, que se ouvem pella Cidade, que assim fallaõ dellas.*

18 *O conhecer das tentaçoẽs, & o andar apos as paixoẽs, & o determinar de em tudo perseverar, & me obedecer, he muito pera estimar. Na Abbadeça fez nosso Senhor grande fruto, porque he molher de mui boa inclinaçaõ, & pera se confessar ella, & outras quatro, me detive, que estas ficavaõ, mas só a Abbadeça, & outra confessei, & nenhuma professa ficou por confessar. E avendo eu de cõ-*

mungar

mungar a Abbadeça o dia, que me avia de partir, & a outra Noviça, que confessara por derradeiro, foi tanta a devaçaõ, que o Santo Sacramento nellas obrava, que naõ quizeraõ passallo esta ves, puzeram diligencia, como se reconciliarem, & a Abbadeça, & as filhas todas communguaraõ a menhaã, que me parti.

19 *Braga estava jà mui entregue a todo exercicio virtuozo. Sobejavaõ confissoẽs, pareciase em todos novo abalo pera as doutrinas, prègaçoens, & devaçoẽs. Mas por derradeiro, Padre, assentei, que isto, & muito mais esta certo, como os prègadores vivermos evangelicamente, & rigorosamente, porque com os olhos lhes via eu as almas mudar, quando lhes andava pellas portas, & me tornava com o comer na maõ, ou indo jà comprado pera o hospital. Duas cousas noto por proprias de nossa profissaõ, & dos ministros legitimos della, que onde quer, que vaõ, achega nosso Senhor pera elles logo peccadores, que espantavaõ a todos, segundo profecia do tempo do Salvador, que dis Izaias, que o lobo se ajuntaria com o cordeiro, & o leam com a ovelha. E a outra he, que quando se despedem, deixaõ suavidade de seu exemplo, & virtude.* Athe aqui parte da sua carta, que escreveo à cerca da missaõ de Braga.

CAPITULO V.

Das Missoens, que fes na Cidade do Porto, & na Villa de Thomar.

1 De Braga conforme a ordẽ da santa obediencia passou à Cidade do Porto, onde chegou dia de Santo Andre, estando jà aquella populosa Cidade chea de sua fama. Nella seguio o mesmo estilo, que em Braga, quanto ao tratamento de sua pessoa, hospedouse na caza da Misericordia. Dahi sahia a pedir esmola pellas portas pera o seu sustento. Muitas vezes depois do meyo dia tendo acabado de prègar, sahia a buscar pellas portas esmola. Do qual exercicio santo escrevendo do Porto ao Padre Manoel Godinho, & Irmãos do Collegio de Coimbra dis assim: *Eu peço, como Vossa Reverencia me ordonou, & andando pera pedir por toda a rua cham, que he das principais nesta Cidade, naõ achava entrada, porque eu sou muito mao de entrar ate às escadas nos recebimentos, & nesta rua saõ as cazas muito altas, & grandes. Passei toda a rua, quasi sem pedir, senam ja no cabo. Comecei a pedir em humas cazinhas, se naõ quando de rosto ouço, & vejo huma molher à porta fallando com outra doente, que os Clerigos estariaõ entam jantando, & seria, ou passaria de doze, que depois a confessaria o Padre da Misericordia, & eu era oque estava defronte pedindo esmola.*

2 *Pergunteilhe, se era algum doente necessitado de confissam? Disseme, que era huma molher, que nam podia ir à Igreja: offerecime pera a confessar logo, & assim foi, que fomos ambos a huma varanda, aonde està hum altar de nossa Senhora à porta desta rua, que sahe direita pera fora dos muros contra Sam Lazaro. Era huma velha pobrissima, & mui enferma. Destas cousas, & de levar minha reçaõ aos pobres, & hospitais fis ja algumas, de que sinto grande consolaçam: Deos me ajude pera o louvar, servir, & perfeiçoarme em obedecer, & em o amar.* Ate aqui as suas palavras.

3 Fez o Padre muitas conversoẽs: deixando outras, de huã dis assim: *Outra pessoa se veio a mim, pedindome confissam, & muito vagar, declarandome logo, que tinha peccado muito contra mim. E o peccado era contra os Padres da Cõpanhia, de cujas deva-*

devaçoẽs, & roubos das almas, que faziam, & fizeram nesta Cidade, nunca cessava de rir, & fallar. Foi tam estremada sua mudança, que eu nam ouzo declarar mais. He a fe, que me tem, milagroza, porque obra nesta alma grande amor, & sentimento de nosso Senhor, & grande fervor de espirito, & ordem de meditar. E tem tanta fortaleza, habilidade, discriçāo, & autoridade com a mais honrada gẽte em quasi toda esta Cidade, que he certo ha de ganhar a muitas almas.

4 *Faço, des que vim, doutrina cada dia na Mizericordia às duas; & comecei de a cobrir, peraque nenhum a deixasse, com tomar a Epistola de Sam Paulo ad Ephesios, pera declarar, tocando na derradeira parte da hora alguns avizos à cerca do conhecimento proprio, & pera estranhar o peccar. Cahiolhes tanto na alma, que me fizeram deixar a Epistola, & que tudo queriam disso, & que nam se avia de prègar outra cousa, & que nunca aquillo ouviram a prègador. A gente, que vem, he muita, & mui principal.*

5 Aqui no Porto encontrou o Padre Dom Gonçalo a hum Padre da Congregaçaõ de Saõ Joaõ Evangelista, aque neste Reyno chamaõ de Santo Eloy, com o qual teve mui estreita amizade, & tem nesta carta hum tal elogio delle, que julguei o naõ devia passar em silencio, em honra de tal servo de Deos, & agradecimento do bõ gazalhado, que aquelles virtuosos Padres fizeraõ ao Padre Dom Gonçalo.

6 *Prèguei*, saõ palavras suas, *em santo Eloyo, aonde temos muita devaçaõ. Pedro de Santa Maria fas aqui fruto mui notavel, porque nas doutrinas, que fas Domingos, & Festas à tarde, concorre o Porto. He pera dar graças a Deos, porque de tal modo acode a gente, que se entaõ prègar o maior prègador do mundo, he por demais, a meu parecer. Mui estremadamente se sente na Cidade o fruto deste Padre, porque as confissoẽs saõ innumeraveis, & quotidianas, & em todas as Igrejas, & na Se muito mais. E disseraõme, que numa sò meza esta festa na Se commungaram duzentas, ou trezentas pessoas, & ouve muitas mezas. Eu vejo em Santo Eloyo estes Domingos, que là prèguei à minha Missa, que digo, muita gente, pera commungar, & dizẽme, que desde pella menhaã nam fazem senam mezas às Missas, que se dizẽ. E em todas as Igrejas ha muito disto. O que tesse isto depois de Deos foi o bemdito Henrique Nunes. Parece, que nam temos nos aqui, que fazer.* Ate aqui as palavras do Padre Dom Gonçalo. Este Henrique Nunes foi o Pay dos Padres Christovaõ de Gouvea, & Joaõ de Madureyra, devotissimo da nossa Companhia, & nella morreo feitos os votos de estudante, como direi em seu lugar.

7 Estando no Porto lhe mandou hum fidalgo hum grandiozo prezente, com apparato de pagens, & criados, que traziaõ o recado. Respondeo o Santo Varam, que vinhaõ errados, que o naõ conhecia, quem mãdava tal prezente; que vissem bem, pera onde os encaminhara, que naõ era pera elle, que se tornassem. Instando os criados huma, & outra ves, que os naõ mandaraõ, senaõ ao Padre Dom Gonçalo, & que naõ podia aver nisso erro, & que naõ quizesse fazer a seu amo tal aggravo, & a elles: entaõ o Padre em nome dos prezos aceitou o prezente, mandandoo logo pellos mesmos mensageiros à cadea, aonde se repartio pellos pobres encarcerados. O mesmo fazia das esmolas, que ajuntava, contentandose com hum pedaço de paõ. Causando com isto, que todos viaõ, geral edificaçaõ na Cidade, onde era tido, & avido por santo.

8 Querẽdo os Cidadãos do Por-

to graduar oque os annos antes tinhaõ notado de virtude em o nosso Padre Francisco Estrada, & agora viaõ no Padre Dom Gonçalo, costumavaõ dizer: que lhes parecia ter o Padre Estrada o zelo de Saõ Paulo, & o Padre Dom Gonçalo o do Serafico Padre S. Francisco.

9 Chegando á Corte a fama deste Apostolico Padre, à petiçaõ Del-Rey foi mandado à muito nobre Villa de Thomar, que dista como doze legoas de Coimbra. Nesta Villa fes a mesma cõmoçaõ, & reforma de costumes, que nas outras partes: viveo, & andou, & se sustentou, como o fizera em Braga, & no Porto. Depois de estar ali dous mezes, os moradores escreveraõ a El-Rey, naõ consentisse, lho tirassem. Despachou El-Rey taõ santa petiçaõ, & fez com os Superiores da Companhia, que o deixassem ali estar mais quatro mezes.

10 Acodiaõ muitos dos principais ao hospital, onde o Padre os ensinava a ter oraçaõ. Tinha pera isto determinado certas horas, nas quais declarava o modo de meditar. Acabada a declaraçaõ, se recolhiaõ todos a varios lugares do hospital, a exercitar, oque se lhes avia declarado. Succedialhe prègar tres, & quatro vezes no dia. Começava por alguma aldea mais vizinha, onde hia ante menhaã primeiro, que os aldeanos sahissem ao campo, prègavalhes; depois voltando à Villa fazia huma exhortaçaõ aos que vinhaõ ouvir a Missa do dia. Depois do meyo dia fazia outra à gente ociosa. A quarta junto da noite, quando ja a gente cessava do trabalho, & dos negocios.

11 Nestes santos empregos andava taõ esquecido de si, que lhe succedia ir por chuvas, & por sois com a cabeça descuberta, sem nisto advertir, senaõ quando lho diziaõ. Gastando os dias em prègaçoẽs, confissoẽs, fazer amizades; as noites se lhe hiaõ em oraçaõ diante do Santissimo na Igreja do hospital. Hum pouco meditava, outro fallava com Christo, outro rezava Psalmos Nestes exercicios se detinha ate que o corpo cançado cahia em terra, & ali tomava algum sono. Tendo tomado esse tal, ou qual alivio, se tornava a por de joelhos, ate amanhecer. Disto foraõ testimunhas muitas pessoas, que com santa curiozidade o espreitavaõ.

12 Prègava com tal fervor, que nesta Villa em quinta feira de Endoenças prègou o Mandato por espaço de sinco horas, sendo extraordinarias as lagrimas no auditorio, & no mesmo dia à noite prègou a Payxaõ por espaço de sete horas, sempre com tal moçaõ dos ouvintes, que sendo tanto o tempo sempre o ouviraõ com attẽçaõ, & suspençaõ; oque naõ podia ser sem especial graça de Deos, assim no prègador pera aturar, como nos ouvintes pera o ouvir tanto tempo com agrado, devaçaõ, & paciencia. Saõ estas cousas muito extraordinarias, & como tais se referem, posto que se reprezentem incriveis.

13 Succedeolhe aqui em Thomar hum engraçado cazo com hũ Sacerdote verdadeiramente simples. Foise o Padre com elle reconciliar: tendoo a seus pes, veiolhe curiosidade de saber, se era filho do Conde da Sortelha, como tinha ouvido dizer. No meyo da confissam lhe perguntou, como se chamava? Respondeo o Padre: o meu nome naõ he peccado. Quis o homem puxar da autoridade do lugar, & claramente lhe perguntou, se era filho do Conde da Sortelha? Naõ quis o Padre responder a cousa taõ escuzada. Entaõ lhe disse, que se o naõ dizia, o naõ havia de absolver. Como nem assim quizesse o Padre acodir a esta pergunta, o simples homem o mandou ir de seus pes, sem o querer absolver. Levantandose o Padre, foi tomar o amitto, & dizer Missa, porque a sua confissaõ era so de devaçaõ, como eraõ as mais, que fazia.

14 Quan-

14 Quando o Padre ſe ouve de deſpedir de Thomar, tinha huns ſapatos mui deſbaratados: certo homem grave compadecendoſe delle mandou comprar huns ſapatos novos, & fallandolhe à parte, lhe pedio, que os acceitaſſe, pois os que tinha nos pes, naõ eſtavaõ capazes de aturar doze legoas a pè athe Coimbra. Reſpõdeo, que naõ tinha neceſſidade, & que ſe os que tinha nos pes, naõ pudeſſem aturar, que em ſe acabando, faria o demais caminho deſcalço. Vendo o homem, que perdia palavras, ſe concertou com outros, que na ultima deſpedida, como por obſequio o abraçaſſem, & levantaſſem no ar, em quanto elle lhe calçaſſe os ſapatos novos. Aſſim o fizeraõ: vendo o Padre taõ gracioſa traça, & obſequio, ſe deixou à ſua piedade, & vontade, naõ qurendo mais reſiſtir a ellas. Ficaraõ mui vivos ſeus exemplos naquelle povo, & os nobres o foraõ na deſpedida acompanhando tres legoas, tendo feito grandiſſimas inſtancias, que acceitaſſe cavalgadura, & outros cõmodos pera o caminho.

15 Huma couſa ſuccedia neſtas miſſoẽs, com que faziaõ ao Padre ſahir daquelles ſeus comeres ruſticos, & groſſeiros; & vinha a ſer, que quando avia de comer, o metiaõ em lhe fallar das couſas da ſalvaçaõ. Metido neſtas materias aſſim ſe affervorava, que comia ſem advertir o que era, ou nam era; & deſte modo o enganavaõ, & faziaõ comer alguma ſubſtancia melhor, que a do ſeu ordinario mantimento.

CAPITULO VI.

De como ſe ouve, ſendo primeiro Prepoſito da Caza de Sam Roque. Revelaçoẽs, q̃ teve de ſer Martyr. Paſſa à India, & doq̃ ſentia deſta viagẽ.

1 NO anno de 1553 ſe deu em Lisboa principio à noſſa Caza profeſſa de S. Roque: no primeiro Domingo de Outubro tomamos poſſe, dizendo Miſſa o P. Cõmiſſario Jeronymo Nadal, prègãdo S. Frãciſco de Borja, aſſiſtindo El-Rey D. Joaõ o Terceiro Fundador da Caza, o Principe Dom Joaõ ſeu filho, & todo o bõ da Corte. Na Miſſa do Padre Cõmiſſario fizeraõ ſua profiſſaõ de quatro votos o Padre Dom Gonçalo Prepoſito da nova Caza Profeſſa, o Padre Gonçalo Vaz de Mello, & o Padre Antonio de Quadros.

2 Como o Padre Gonçalo da Silveyra aſſiſtia na Corte, avia occaſioẽs de eſtimaçaõ mais, doq̃ ſua humildade queria, & podia ſofrer. Tinha huma, ou duas primas no paço; eſtas a miudamente faziaõ com a Rainha, que mandaſſe chamar ao Padre, peraque fizeſſe praticas às Damas, & Senhoras do Paço em prezença da meſma Rainha. Davalhe iſto grande pena, por ſer menor o fruto, & mais a frequencia. Nam via modo, com que ſe livrar deſta, que tinha por importunidade. Cuidando, que ſe deſcontentariam delle, ſe as reprehendeſſe com liberdade, lhes eſtranhava as galas, & outras ſuperfluidades, que coſtuma aver em ſemelhante gente. Chamavalhes monturos alcatifados, & caveiras embuçadas. Vendo porem, que eſte caminho nam fazia a ſeus intentos, uſou, o que a Santa Eſcritura conta de David em prezença Del-Rey Achiz.

3 Fingioſe parvo, & deſaſizado, babandoſe, & deixando cahir a humidade pellos narizes athe a boca. A eſte deſar acompanhavaõ geitos, & eſgares de homem tolo; tudo a fim de que ſuas primas ſe envergonhaſſem de tal primo, & naõ tornaſſem mais a fazer com as peſſoas Reais, que o mandaſſem chamar. Porem tudo era canſarſe de balde, porque ſe entendeo, ſer mera traça de ſua humildade, & aſſim eſtas invençoẽs naõ ſerviaõ mais, que de atiçar o ſeu dezejo de o

ouvir muitas vezes. Indo o Padre D. Gonçalo, & o Padre Gonçalo Vaz de Mello fazer praticas à Senhora Dona Izabel, costumavam dizer as Damas dos dous, que o Padre Dom Gonçalo hia pelejar, & espancar, & o outro consolar. Isto diziaõ, porque o Padre Dom Gonçalo, como fica dito, as reprehendia muito.

4 Naõ se contentava com prègar, & doutrinar em Lisboa; sahia pellos lugares da Comarca na forma, que assima fica dito o fazia em outras partes, tratandose sempre com o mesmo rigor. Com estas obras, & grandissimos actos de virtude, que adiante se referiraõ, mereceo de Deos nosso Senhor a gloriosa palma do Martyrio, do qual em Portugal teve revelaçaõ, & Deos com sinais evidentes manifestou esta honra, peraque o tinha escolhido.

Em Coimbra acõpanhou ahte a forca a hum padecente, fez da escada sua exhortaçaõ ao povo, depois se meteo hum pouco a fazer oraçaõ por aquella alma em hum retiro, que ali estava feito, pera se lançarem os ossos dos enforcados. Meditou noque ali via, & com a cõsideraçaõ passou ao q̃ succedera no monte Calvario. Aqui se sentio todo abrazado em dezejos de morrer por Christo, pedio ao Senhor lhe fizesse esta mercè. Foilhe entaõ revelado, que morreria affogado com huma soga por seu amor. Naõ pode elle ter encuberta esta mercè, & assim affirmava muitas vezes, a via de ter a tal morte.

5 Esta primeira profecia do seu Martyrio se confirmou depois em muitas occasioẽs. No Collegio de Coimbra sahindo hum dia da oraçam se foi, como outras vezes fazia, a servir na cozinha: entrando nella disse ao cozinheiro: *Irmam, exercite bem este jumento* (assim chamava a seu corpo) *o qual ha de ser arrastado por amor de Deos, & lançado em hum rio, pera naõ ser de alguem honrado, & venerado.*

6 Huma ves prègando na Caza professa de Saõ Roque, entrou em grande alegria, & virando o pescoço pera huma, & outra parte pos a maõ na garganta, & disse pera o povo: *Irmãos meus, esta garganta estimo sobre todas as cousas do mundo, porque ha de ser por amor de Deos apertada fortemente, & assim perder a respiraçam.*

7 O Padre Leam Henriques sẽdo Provincial contou diante de muitos, q̃ em Coimbra pellos Olivais sahia a espairecer com o Padre Gonçalo, & fallando ambos entre si de Deos, se affervorou tanto o Padre Dom Gõçalo, q̃ apertãdo o braço ao Padre Leam, lhe disse: *Meu Padre Leam, ajudeme a dar a Deos as graças, por que lhe faço a saber, que eu hei de morrer por Christo, & este meu corpo ha de ser lançado, onde o nam acharão.*

8 Quando chegou a Portugal a nova da glorioza morte por Christo do nosso Padre Antonio Criminal, que foi o primeiro da Companhia, que teve esta boa fortuna, se vio no Padre Dom Gonçalo tal fervor, & ansias de morrer por Christo, que parecia naõ lhe caber no peito o coraçam. O que tudo nacia do dezejo, que tinha de em si ver cumprida a promessa, que o Senhor lhe fizera.

9 O que sobre tudo foi assombrozo, he o que se vio em Lisboa dizendo elle Missa na Caza de Sam Roque: ao tempo que levantou o calis, lhe viraõ todos os prezentes as mãos cheas de sangue. Causou isto grande espanto; alguns cuidavaõ, que o sangue do Senhor lhe cahiria nas mãos. Como isto fosse mui fallado, perguntou a Rainha Dona Catherina ao nosso P. Miguel de Torres seu Confessor, que cousa podia ser o verẽ todos as mãos do P. Dõ Gonçalo ensangoentadas? Respondeo o Padre: Eu, Senhora

nhora, naõ me atrevo a definir por certo, oque aconteceo; mas se me he licito, digo, que he tal a santidade do Padre Gonçalo, que por ventura quis Deos com esta maravilha significarnos, oque todos dizem, que este Santo Varaõ ha de ser martyrizado por Christo, offerecendo seu corpo, & seu sangue da maneira, que o Senhor se offereceo a seu Eterno Padre no incruento sacrificio da Missa, que o Padre Gonçalo estava celebrando. Ficou a Rainha satisfeita com esta interpretaçaõ, & se confirmou na opiniaõ, que tinha da virtude do Padre Dom Gonçalo.

10 O Padre Doutor Luis de Molina tem estas palavras em huma carta sua: *O dia, emque El-Rey Dom Joaõ declarou ao Padre Joaõ Nunes por Patriarca de Ethiopia, passando o Padre Dom Gonçalo, & tratando com outros sobre ir à India, com a mam sobre o peito disse: Hei de ir à India, & hei de ser Martyr, & nam hei de ser posto em catalogo dos Santos. Entendo, que o disse com amor do Martyrio.* Isto, oque tem o Padre Molina, que neste tempo servia de roupeiro na caza de Sam Roque, como elle dis. Entendo, que por exercicio de humildade veyo ali servir nos officios da caza sendo ainda Noviço, pois neste tempo ainda naõ avia Noviciado formado na caza de Sam Roque.

11 Movido pois de Deos, que o chamava, pertendeo ir pera a India, & o conseguio de nosso Padre Santo Ignacio. Soube hum Padre primeiro deste despacho, doque o soubesse o Padre Dom Gonçalo; por tanto lhe foi pedir alviçaras da boa nova, de ter licença de Roma. Deulhe o Padre as graças pella nova, & accrecentou, que aquillo nada tinha de nova pera elle, pois estava jà antes mui certo de aver de ir pera a India.

12 Quando na provincia se vio a resoluçaõ, comque pertendia, enviou o Padre Provincial a hum Irmaõ com cartas a Sam Francisco de Borja Commissario da Companhia em Hespanha, que nam consentisse, que esta provincia tivesse huã tamanha perda, como era sahir della o Padre Dom Gonçalo, que era a melhor joya, que nella avia. Tendo disto noticia o Santo Padre disse estas palavras: *De balde trabalham, emque eu nam va pera a India, porque nam hà força nenhuã humana, que me possa impedir esta missam, por estar jà decretada, & confirmada pello mesmo Deos.*

13 Vencidas todas as difficuldades, que se offereceraõ, se embarcou pera a India no anno de 1556. Hiam nesta viagem treze da nossa Companhia, repartidos em diversas naos. Entre elles hiaõ homens muito avultados em tudo, como eraõ o Patriarca Joaõ Nunes Barreto, o Bispo Andre de Oviedo, o Padre Francisco Rodrigues o Manquinho, o Padre D. Gonçalo, & outros. Quando se foi despedir da Infanta Dona Maria, lhe disse: que serâ, Dom Gonçalo, se tiver ainda alguma reliquia vossa de Martyr? Elle respondeo: zombe Vossa Alteza, que poderozo he Deos, pera que isso se ponha em execuçaõ, & se cumpram os dezejos de Vossa Alteza; & assim foi, que depois de sua morte alcançou esta Princeza hum pedaço de huma roupeta, que fora do uso do Padre. A navegaçaõ foi das mais felices, que tem avido nesta trabalhoza, & comprida viagem.

14 As quatro naos, em que hiaõ os nossos Padres, chegaraõ quasi juntas a Moçambique. Em dia de Santiago o Maior pella menhãa foi vista perto da ilha a nao, onde hia o Padre Dom Gonçalo, & pello meyo dia entrou no porto; era isto em hum sabbado: ao domingo pella menhaã sahio o Padre com gente da sua nao em procissaõ desde Nossa Senhora do Baluarte athe a Misericordia. Hia vestido

com ſobrepeliz, & levava nas maõs as Santas Reliquias, & de tarde prègou. No tempo, que durou a viagẽ aſſim de Lisboa athe Moçambique, o ſeu cuidado foi induzir a todos os da nao a exercicios de virtude, nos quais elle era o primeiro. Acodia aos enfermos, como ſe fora eſcravo de todos elles. Concertavalhes o ſeu comer no fogaõ da nao. O tratamento de ſua peſſoa era com a ſeveridade, que ſempre uſou comſigo. O ſono, que tomava, era entre os grumetes, & gente vil da nao, cuberto com huma manta groſſeira, como ſe foſſe qualquer daquelles, entre os quais tinha encoſtado ſeu mortificado corpo.

15 Nos dias, que as naos ſe detiveraõ em Moçambique, tambem ſe empregou em ſemelhantes obras, porque ſó nellas tinha o ſeu eſpirito refrigerio. Prègava, doutrinava, ſervia nos hoſpitais. Vizitando o Padre muitas vezes ao Capitaõ da nao na viagem, depois de partirem de Moçambique, o naõ quis vizitar, por ter noticia, que metèra cõſigo huma roim occaſiaõ. Fazendo o Capitaõ niſto reparo, lho mandou dizer: reſpondeo o Padre, que deitaſſe fora o diabo, que comſigo tinha, que entaõ o vizitaria. Obedeceo envergonhado da ſua fraqueza, & o Padre continuou em o vizitar. Dia de Saõ Lourenço partiraõ de Moçambique; em ſeis de Setembro chegaraõ a Goa. Com ſer a viagem, que tiveraõ eſtas naos, taõ boa, fallando della conta grandes ſuſtos. Em huma carta, que eſcreveo ao Padre Gonçalo Vaz de Mello, ſeu grande amigo, & homem de eſtranhas virtudes, como eſcrevi em ſua vida, lhe relata os aſſombramentos deſta viagem na forma ſeguinte.

16 *Deixando a recordaçaõ da navegaçaõ, que fizemos deſſe pera eſtoutro mundo, porque aſſim como a morte naõ a pinta ſenaõ quem morre, nem ſe pode ver pintada, ſenaõ vendo quem eſtâ morrendo, aſſim o trago, que paſſaõ os que navegaõ de Portugal à India, naõ o pode contar, ſenaõ quem o paſſa, nem o pode entender, ſenaõ quem o vê paſſar. E aſſim como os homens, que a primeira ves ſe viraõ na hora da morte, lhes parece, que nunca ouviraõ fallar nella: aſſim quem ſe vio em aquelles golfaõs, naõ lhe alembrava couſa, que lhe tiveſſem dito da verdade, & terror prezente. Aſſim nem mais, nem menos a anguſtia, & agonia, em que ſe vem os paſſageiros deſſe Occidente a Oriente, em que eſtamos, os que nos vemos fora della, ainda que trabalhemos, nunca a poderemos vivamẽte rẽprezentar comnoſcô meſmos, quanto mais pintar ſem errar, & mais a quẽ eſtâ em Portugal, & em Lisboa, & tam ſeguro de navegar, ſenaõ for em bargantim de Lisboa pera Almada.*

17 *Nunca ſe viraõ ſuores de morte, como os que ſe ſuam nas coſtas de Guinê. Nunca ſe viraõ membros frios, como os que cortam os ventos de Boa eſperança. Nunca ſe viram deſmaios mortais, como os que ſe paſſam nos balanços, que as naos fazem neſte cabo. Nunca ſe viram dar golpes na vida, como as machadadas, que dam os mares neſte cabo. Nunca ſe viram termos de morte, & tam pranteados, como trazem comſigo os pes de vento, que fuzilam neſte cabo. Nunca ſe vio morrer homem cercado de temores, & ſaudades, do que neſte mundo deixa, & no outro ſe eſpera, como os que ſe vem neſta carreira, vẽdo muitos mortos, & lançados ao mar; & todos os outros, entre os quais fica, velos ainda pera morrer de fome, de ſede, de doenças graviſſimas, & de perigos de mar innumeraveis, de baixos, de penedos, de coſtas, de encontros de naos, & de ſorvo dos mares.*

18 *Voſſa Reverencia imagine, como ſe pode eſcapar à morte, que eſpera a tantos portos quantos palmos*

mos hâ de Portugal à India. De modo, que se pode dizer, que tantas vezes morrem, os que fazem esta viagem, quantos portos de morte vem claramente, que ham de passar, tendo tam provado ficar em algum delles. Naõ he nada, senaõ que os physicos, que saõ pera consolar, digo os pilotos, que governaõ as naos, dizemvos, que vedes a Ascensam, vedes as ilhas della; senaõ quando a cẽto sincoenta legoas vos tornaõ a dizer, que naõ eram as ilhas da Ascensam, senaõ as de Martim Vaz. O lhai, que comparaçam da Ascensam, que meteo a Deos no Paraizo, pera as ilhas de Martim Vaz dezertas, que nam sei, se o meteram no fundo, ao menos dizem, que lhe pezou de as ter visto.

19 *Diziam os Medicos da nossa nao, que o erro destas sangrias, ou sangraduras nam lhes enleariam mais de cento, & sincoenta legoas. O physico mor da capitania, digo o seu piloto, por consolar ao nosso, & a nos, dizia, se me mal nam alembra, que a sua nao lhe furtara duzentas legoas, ou mais. Naõ he nada, senam que hiam direitas por linha ao porto, que governavam, & dahi a pouco espaço huns nos achavamos caminho do Congo, aonde foi ter a nao Framenga, outros amanhecialhes a terra do Natal, que he o adro das naos, que se perdem. Outros avendose de chegar pera Moçambique, que està bem vizinha dos calores da linha, vam dar comsigo pouco menos do polo.*

20 *Finalmente, Padre meu, que os temores, que sobrevem nesta viagem, do que a morte descobre do outro mundo, pareceme, que sam tam proprios deste mar, que nelle, ou em outro tal contemplava, quem disse, que as dores do inferno o cercaram. E por tam averiguado tem os pilotos, ser sem remedio o perigo desta viagem, que todos tem por aforismo, que as naos de Portugal pera a India, & da India pera Portugal, Deos as leva, & Deos as tras. E assim he verdadeiramente, que posto, que a diligencia humana sempre lhe Deos deixa seu lugar, porem neste governo desta viagem especialmente parece, que os olhos, & mãos de Deos somente bastam.* Athe aqui as suas palavras.

CAPITULO VII.

He feito Provincial da India. Como entrou em Goa. Contase com parte de huma carta sua a viagem, que fes a Chaul, & Tanâ, & dali a Còchim.

1 LOgo, que chegou a Goa, se lhe leo a patente de Provincial, que Santo Ignacio pera isso mãdara. Huma das cousas, que ordenou, foi a separaçaõ dos Noviços, que athe entaõ se naõ tinha feito, por naõ aver cõmodo de cazas; porem elle mandando cortar por todos os inconvenientes, os fes accõmodar em huma classe nova, que se acabara, & lhes deu seu Mestre pello modo, que ficavaõ no Reyno. Porem assim o que passou, quando logo sahio a terra, como da jornada, que brevemente fes a Baçaim, & dali a Còchim, direi com as palavras daquella carta pera o Padre Gonçalo Vaz, porque se està lendo em suas palavras assim o gosto, que tinha nos trabalhos, como a santa amizade, & familiaridade, que tinha com o Santo Padre Gonçalo Vaz. Nella dis na forma seguinte.

2 *Ensiarei o melhor, que puder, o processo, & discurso, que tive depois, que da nao sahi em Goa athe este ponto, que estou em Còchim, escrevendo a derradeira carta pera Vossa Reverencia. Antes de entrarmos na barra de Goa, me desembarquei da*

não em hum Catur do Senhor Governador, o qual hia a esperar as naos, & saber as novas do Reyno: neste Catur me desembarquei, & me meti só nelle deixando os companheiros na nao, & assim furtei a bençam ao Patriarca, & Bispo, ao Padre Francisco Rodrigues, & aos mais Padres, & Irmãos, indome diante sem o elles saberem, a meterme no nosso Collegio de São Paulo de Goa, ao qual cheguei bem de noite, & bati tam descansado, como se chegara de Santo Antam à porta de São Roque.

3 Fisme peregrino, pedindo se averia ahi pouzada pera hum caminhante: em fim nam me abriram, senam por mensageiro de Santo Antam. Eu em caza, & o Padre Antonio de Quadros, que nos hia a receber a todos, andava pello rio, assim que lhe furtei a volta. Isto era hum sabbado, em que o Padre Melchior Carneiro se negociava pera prègar ao domigo. Como me teve em caza, descarregou o sermam sobre mim. Eu como vinha mal acostumado de Lisboa, & porque tambem elle estava entam por Superior, nem soube, nem me pude negar. Prèguei, posto que enjoado, & dahi por diante continuei o officio. Pella semana o meu confessar ordinario, que lâ tinha, se me tornou em negociar muitos negocios, q̃ se offereciam. Devotas de confissam nam hâ câ tempo pera as criar, porque ellas em toda a terra se dam. Devotos tambem athe agora nam os pude ter na prègaçam; mas de soldados ainda as devaçoēs parecem motins.

4 A continuaçam, que lâ se tem com as cadeas pera a confissam, essa, & muito mais frequente tiveram os soldados destas partes, pera despachar petiçoēs, & fallar em negocios, de que lâ sempre fugiamos pellas circunstancias da terra pedirem outra cousa, & os Padres estarem câ muito tempo hâ nesse foro, & por ser Reimol, como elles câ chamam, que quer dizer, vindo do Reyno de novo; & nam lhes parecer tam verde, & duro, lhes dei a trela algum tanto, & a seu parecer com nao pouco serviço de Deos, consolaçam, & edificaçam da gente. E he verdade, que pella graça de Nosso Senhor, & pella bonissima condiçam do Senhor Governador muitas esmolas se fizeram, alguns perdoēs, que pareciam arrezoados, & importantes à salvaçaõ das almas, se ouveram; & por esta via muitas pessoas de serviço, & merecimento se ajudaraõ: assim pera os Padres, como pera a Christandade concedeo sua senhoria nam pequenas merces, & favores.

5 De quando em quando posso ouvir algumas confissoēs, & as ouço. Conselhos se offeressem muitos pera responder. Indose o Senhor Governador pera Baçaim, que sam como setenta legoas, eu me parti em a armada, & quis Deos, que acertasse logo com a fusta de Dom Francisco Mascarenhas, filho do bom Capitam dos ginetes, que Deos tem na gloria. Elle me levava mais a minha vontade, do q̃ o Senhor Governador (a modo de fallar) porque a armada hia de vagar, & esperando por sua senhoria, & Dom Francisco punhame em terra cada ves, que eu queria.

6 Deixo o refrigerio, que era tomar homem agoa fria, desenjoar na praya, escapar das calmas da fusta a sombras mui frescas. Mas hia homem triumphando do diabo, & seu cetro, porque a terra, que tomamos, era de Mouros, & gentios. E o que hei medo, que mate a Vossa Reverencia de inveja, he, que nos achavamos seis, des fustas, & todos os soldados apontados de suas cores, & vestidos, honrados, nobres; ajuntavamonos todos na praya, eu a lhes prègar, & elles a ouvir. E acertou logo a ser o Evangelho das Bemaventuranças do domingo da oitava dos Santos. Os bancos eram as pedras, & o pulpito hum penedo no meyo dellas.

7 Se-

7 Senaõ quando no meyo do sermam vem hum Catur apressado, em que passava o Senhor Governador: alguns dos que vieram, se lhe foram as embarcaçoẽs, & elles ficaram. Em fim todos seguraram o sermaõ athe o cabo. Pareciame este gosto, como os que a conteciaõ pella ribeira de Tiberias, & na praya do Jordam.

8 Antes, que o Governador chegasse a Chaul, que he no caminho de Baçaim, se adiantou Dom Francisco comigo, & me pos antemenhaã là com hum Irmaõ. Fuime a entregar à posse do hospital, porque os Padres Dominicos, que naquella cidade tem caza, estavam em posse de agazalhar os Padres, & Irmãos da Companhia, que por ahi passavam; & porque me achassem jà no hospital, & assim me pudesse escuzar, me anticipei, tendo despedido hum Irmão pera Tanâ. Estava sò rezando no hospital, quando vem o Provedor, que he hum homem muito honrado, perguntarme a mim por mim mesmo, dizendo, se vinha ali o Mestre Gonçalo, ou Dom Gonçalo, ou Frei Gonçalo. Naõ soube nada de mim, senão depois de ido, que o avizarão. Deume logo huma cazinha no hospital, onde fiquei bem consolado, & agazalhado.

9 Quando veyo a hora de comer, posto que fui mui convidado, tomei posse da santa pobreza; fuime a pedir, o que pera nos outros nesta terra he mui novo, & naõ a costumado, & naquella cidade era mui novo. Pedimos o Irmaõ, & eu cada hum por sua rua. A esmola, que me deram, foi de hum Portugues, o qual me deu alguns bazarucos. A segunda de hum Bramane gentio, que me deu tres, ou quatro bazarucos. A terceira estãdo pedindo dâ comigo de rosto hum homem honrado dandome os agradecimentos por hum officio, que lhe o Senhor Governador tornara, por eu intervir nisso.

10 Indo mais abaixo, acho hum cidadaõ principal dali muito rico, que se estava lavando os pes; era meyo dia, o pobre pedio esmola à porta, fazendo, que o naõ via, por se nam correr; mas elle era muito bom homẽ, & assim como estava, se alevantou, pedindome, que jantaria, que entrasse: eu disse, que ali avia de estar. Entam me meteo na maõ naõ sei que, senam quando eu acho na maõ dous pedaços de prata, que câ chamão tangas. Entaõ lhe disse: Isto pera que he? Elle me disse, que levasse.

11 Entaõ me fui; vendome tam rico apresseime pera o hospital. Correm apos mim grande soma de bazarucos, dos quais cada hum he hum real de lâ, estes saõ os seitiz de cà, porque saiba Vossa Reverencia a lazeira dessa terra, & agrossura desta, eu naõ os engeitei. Eu ido, perguntou aquelle homem honrado, aquem achou na rua, se me conheciaõ, & o primeiro lhe disse, que era hum doudo, que andava em Goa, & trabalhava pello persuadir. Elle dizia, que naõ parecia doudo, que os doudos traziaõ os vestidos mais despedaçados. Outro o enganou, cuidando, que o dezenganava, dandome a conhecer. Foi a pos mim pella rua, naõ me alcançou, nem soube, onde entrara. Assim foi o principio em Chaul, & digo a Vossa Reverencia, que parecia a devaçam de Lisboa taõ frequente, & de tanta gente de toda a sorte. Pareceraõme na devaçam com os do Porto, que eu tenho por mais, & por melhores devotos, que os de Lisboa. Athe aqui parte desta viagem com as palavras do Padre Dom Gonçalo.

12 Sete, ou oito dias, se deteve o Padre em Chaul: onde os moradores quizeraõ fazer Igreja, & caza à Companhia; por entaõ nada nisto determinou. De Chaul foi a Tanâ, onde tinhamos caza. Os Christaõs o sahiraõ a receber com grande festa. Ali ouve grande concurso. Assistio em pessoa o Governador da India a algumas

mas solenidades convidado pellos Padres. Ouve hum bautismo feito pello Padre Dom Gonçalo: eram os bautizados entre homens, mulheres, mininos, & mininas quarenta, & finco. Ali prègando dia de JESU se moveo a ser da Companhia hum soldado mui nobre natural da Cidade do Porto chamado Payo Correa.

13 Recebendoo na Companhia, & deixando mui consolados aos nossos Padres, & Irmaõs, se partio pera Cochim em hum Catur de Dom Diogo de Noronha; o qual mandou hum homem honrado no mesmo Catur, que assistisse com todos os mimos, & regalos ao Padre Dom Gonçalo, cousa muito contra a sua humildade, & mortificaçaõ. *Hum seu homem honrado* [dis o Padre na carta, que tenho apontado] *que manda no Catur, nos fazia tantos mimos, & bocados, como as devotas de Saõ Roque, aos que là adoessemos. E o serviço, & a reverencia era huma vergonha. Isto digo a Vossa Reverencia, porque saiba, quantos mimos Deos tem nesta terra, pera os que se desterram là da sua. Eraõ as galinhas de tantas maneiras, & as iguarias, & os ovos mexidos, & frutas, & doçuras, que parecia, que estava homem junto das praças, & boticas de Lisboa. O Noviço, & eu o pagamos bem, porque eu vim enjoado athe Cochim: assim que nem dos mimos, nem do viço da costa de Goa por todo este Malavar, que he como hum paraizo terreal, eu pouco me logrei.*

14 *O companheiro de mortificado, vendose continuamente diante de quem ontem o vira soldado, & taõ differente no habito, & postura. A graça foi, que achamos huma roupeta, que he como sargia delà, & sombreiro, & barrete, & manteo, como nos cà trazemos, somente humas botas amarellas muito justas, que he o trajo de soldado de cà, estas lhe naõ pudemos trocar com apressa; & assim vinha Apostolo de calça vermelha, ou amarella. E entaõ elle, como he tambem disposto (Deos o benza) & apessoado, accrecentava muito mais a mortificaçaõ. Certo, que eu vinha mortificado de ver, como elle vinha graciozo do dô de JESV, & do amarello do mundo. Toda via deunos Deos paz no caminho, & chegamos a Cochim.* Assim falla o Padre Dom Gonçalo desta sua jornada, & deste seu Noviço, de quem com rezaõ estava mui pago. Esta carta foi dada em Cochim no mes de Janeiro de mil quinhentos sincoenta, & sete, naõ avendo ainda qnatro mezes, que chegara de Portugal a Goa.

CAPITULO VIII.

Como foi causa de se meter na India o tribunal do Santo Officio, & se fazerem outros muitos serviços de Deos em bẽ das almas, & do Estado da India.

1 Estando aqui em Cochim exercitando os ministerios da Companhia com o Padre Belchior Carneiro Bispo eleito de Nicèa, souberaõ, como alguns homens ricos, & de sangue Hebreu inficionados com o Judaismo dos naturais da terra, que professavaõ esta lei, elles tambem a seguiaõ com grandissimo escandalo. O que podiaõ fazer tanto mais à sua võtade, quanto menos avia, quem sobre isso puzesse algum cuidado, pois naõ avia ainda lâ Santo Officio, & era morto o Bispo de Goa Dom Joaõ de Albuquerque. Tanto, que os Padres tiveraõ esta noticia, os foraõ perseguindo em suas prègaçoẽs, em especial o Padre Dom Gonçalo, que como era douto nas linguas Grega, & Hebrea lhes provava com varios textos, ser vindo o Messias.

2 Começaraõse disto à sentir, & a soltar palavras contra os Padres.

Atreveraõse a dizer a hum, que pouco antes deixara o Judaismo, que era homem sem sizo, o que deixava a lei, que tinha. Chegou a tanto seu desaforo, que lançaraõ nas caixinhas das Igrejas escritos cheyos de palavras injuriozas contra Christo, contra sua lei, & contra os Padres. Diziaõ nelles, que dentro de pouco tempo se prègaria a lei de Moyses, como entaõ se prègava a de Christo. Nestes escritinhos se assinaraõ em baixo: *O Povo de Israel.*

3 Vendo os Padres tanta demazia, se foraõ ter com o Vigario da cidade, chamado Pedro Gonçalves, que fora grande amigo de Saõ Francisco Xavier; & lhe requereraõ, que pois na India nem Santo Officio, nem Bispo avia, a elle pertencia aquelle cazo, inquirir dos culpados, & prendelos, que elles o ajudariaõ. Logo começaraõ todos tres juntos a devaçar. Estando hum dia na Sê tomando os ditos das testemunhas, acodio o Capitaõ, ao que parecia, induzido pellos criminozos, & disse ao Vigario, que lhe naõ convinha devaçar daquelle cazo, & que logo desistisse. Aqui tomou a maõ o Bispo eleito, & lhe disse: que a elle era, que naõ convinha meterse em tal negocio, pois era cazo de fê; que se fosse pera sua caza, & que naõ fallasse mais em tal cousa. Assim o fez.

4 Indo a devaça por diante, com ajuda dos Padres o Vigario prendeo a vinte, & tantos Christaõs novos, que sahiraõ culpados, & eraõ dos mais ricos da cidade. Passado o inverno, foraõ todos mandados pera Goa. Foraõ os Padres em seu seguimento, pera que o negocio naõ tornasse atras. Querendo em Goa soltalos sobre fiança, os Padres se oppuzeraõ, & assim estes, como outros, que em Goa se descobriraõ, & prenderaõ, foraõ remetidos a Portugal, & castigados, como mereciaõ.

5 Nesta occasiaõ querendo o Governador Francisco Barreto soltar os prezos sobre fiança, disse, que o Padre Dom Gonçalo lho aconselhara: disse isto pera parecer a cousa mais facil. Neste tempo vindo o Governador ouvir o sermaõ, disse o Padre nelle estas palavras: *Bem sei, senhores, que andais todos com as orelhas cheyas, q os prezos se soltaõ sobre fiança por meu consentimento, & conselho. Porque entendais, quanto he ao contrario* (*aqui se virou pera o Santissimo, & tirando o barrete disse*) *Pello Santissimo Sacramento, que ali està no altar, que deste negocio naõ sei mais, que dizeremme, que os soltaõ sobre fiança, & que o Senhor Governador dizia, que eu era desse parecer: tornovos a jurar pello mesmo Senhor, que naõ fallou comigo nisso; & se fallara, que eu lhe respondera, o que agora digo, que nunca fui, nem serei de parecer, que se solte gente por tais crimes preza. Agora faça sua senhoria o que quizer.* Foraõ estas palavras de tanto effeito, que o Governador depos o seu pensamento; & se vio a intrepidez deste grande servo de Deos.

6 Escreveraõ os Padres a El-Rey da necessidade, que avia de Santo Officio na India, & por rezaõ destas cartas, & informes do Padre Dom Gonçalo, & dos mais, El-Rey se resolveo a meter Inquisiçaõ na India. Foraõ os primeiros Inquisidores no anno de mil quinhentos, & sessenta com o Arcebispo Dom Gaspar. Correraõ os Padres nesta occasiaõ grandes perigos, porque ao Padre Carneiro em Cochim lhe atravessaraõ com huma setta o barrete; ao Padre Antonio de Quadros pertendeo hum Medico dar veneno em huma purga, de que o livrou o boticario; ao Padre Dom Gonçalo quizeraõ matar na ilha de Choraõ. Mas a todos livrou Deos destes perigos.

7 Tambem teve o Padre Dom Gonçalo boa parte nas leis, que por

induzimento dos nossos publicou o Governador Francisco Barreto contra os infieis, com as quais tomou a fé grandes forças, & teve muitos augmentos. Vendo o Patriarcha João Nunes Barreto, o Bispo eleito, o Padre Dom Gonçalo, & os Padres Antonio de Quadros, & Francisco Rodrigues, q̃ se naõ podia passar a Ethiopia, consultaram entre si, como promoveriaõ a conversam nas ilhas de Goa, & nas adjuntas a ella: tendo tomado alguns arbitrios, que lhes parecia serem mais ao que intentavam, tudo cõmunicarão ao Governador, que era homem de singular Christandade, & piedade.

8 Tudo, o que lhe praticaram, lhe pareceo santo, & bom, & disselhes, que fizessem huma lista das provizoẽs, que queriaõ, que passasse. Feitas ellas conforme a direito, o Governador as fes logo autenticar, & apregoar. A summa dellas era, que nenhum infiel vassalo del-Rey de Portugal tivesse, ou fizesse Pagodes, ou ceremonias gentilicas, nem festas publicas, sobpena de ser cativo, & condenado a Galès, & perder a fazenda, ametade pera o accuzador, & a outra pera as obras da ribeira. Que nenhũ infiel tivesse officio publico, por ser cousa absurda, que o inimigo de Christo tenha poder sobre os Christaõs, & q̃ com pretexto do officio del-Rey, que tem, os moleste.

9 Que nenhum official de justiça, ou fazenda se servisse de algum infiel. Que os gentios, que tivessem semelhantes officios, fossem delles tirados, & se provessem em Christaõs novamente convertidos. Que as rẽdas, & terras del-Rey tanto por tanto se arrendassem aos Christaõs, & naó aos gentios. Que os novamente convertidos herdassem aos gentios seus ascẽdẽtes, & descendentes. Que os gentios naõ herdassem aos Christaõs. Que as mulheres dos gentios fazendose Christans fossem meeiras com seus maridos em toda a fazenda, conforme as leis de Portugal. Que os orfaõs filhos de gentios, que naõ tivessem uso de rezaõ, fossem tomados, & bautizados, & postos nas cazas dos Religiozos, pera serem ensinados em nossa fê; & os que tivessem uso de rezaõ, tivessem tutores, ou curadores Christaõs, athe serem emancipados. Estas, & outras provisoẽs a favor da Christãdade foraõ depois approvadas pella Rainha Dona Catherina, que governava na menor idade del-Rey Dom Sebastiaõ.

10 Estas leis se começaraõ logo a executar, despedindo o Governador do seu serviço a varios gentios. Seguiose disto, que as conversoẽs foraõ muitas em numero. Ouve porem grandes difficuldades nos Bramanes, que vinhaõ encampar as rendas, & faziaõ medo de aver El-Rey de ficar defraudado. A isto acodiraõ os Padres, dizendo ao Governador, que elles lhe buscariaõ Christaõs abonados, que corressem com os direitos Reais, & que mandasse castigar os cabeças daquelle motim. Deste modo se frustraraõ as forças, & traças do demonio. Por esta occasiaõ se deu principio aos bautismos solenes, que em Goa se fazẽ com grandes apparatos, em que muitos no mesmo dia se bautizaõ com muita gloria de Christo, & confusam do gentilismo. O que tudo resulta tambem em muita honra do nosso bemdito Martyr, que como Provincial da Cõpanhia nestas obras tinha a parte principal, & nellas punha todo o seu esforço.

11 Vindo no anno de mil quinhentos sincoenta, & oyto por Vizo-Rey Dom Constantino de Bragança, teve tambem com elle grande maõ o Padre Gonçalo da Silveyra. Entre outras cousas de muita hõra de Deos, que por persuasam do Padre fes este piissimo Vizo-Rei, foi a Igreja de Sãto Thome em Goa. Tomou o Padre occasiaõ pera isto persuadir, assim a

muita

muita devaçaõ, que ao Santo tinha, como por aver o Rey de Narsinga saqueado a cidade de Meliapor, & levado entre os despojos as Reliquias do Santo Apostolo, que ali se veneravaõ em huma arca de prata. Bem verdade he, que sabendo desta arca, a fes logo restituir a seu lugar com o santo deposito, que em si guardava, tendo respeito àquellas santas memorias, a quem seus antepassados tiveraõ sempre veneraçaõ. Foi cousa notavel, que todos os officiais, & trabalhadores gentios, que andaram nesta obra, se vieraõ a fazer Christaõs.

12 Vindo novas a Francisco Barreto, quando governava, que o Melique vinha com todo o seu poder sobre Chaul, vendo, que naõ avia tempo pera preparar armada, & pagar soldados, pedio ao Padre Dom Gonçalo fizesse huma prègaçaõ, em que reprezentasse o aperto. Elle a fez com tal espirito, que a gente à sua custa fazia embarcaçoẽs, & pagava soldados. E em breve tempo se achou o Governador em Chaul com tres mil Portuguezes, que he o mayor poder de gente Portugueza, q̃ ajunta o Vizo-Rey, afora a gente da terra; & tudo isto sem El-Rey fazer gasto algũ. Assombrado o Melique do que naõ cuidava podia ser, pedio pazes. Nesta viagem foi tambem o Padre Dom Gonçalo, a cujo zelo se deveo o seu bom effeito.

CAPITULO IX.

Alcança a Missaõ de Monomotapa, & se refere huma carta, em que dà conta da viagem athe Moçambique.

1 ACabando o Padre Dom Gõçalo de ser tres annos Provincial, entregou a occupaçam ao Padre Antonio de Quadros, & elle se foi preparando pera ir prègar ao gentio. Entre as cousas, que leo neste tempo, foi o que Santo Thomas escreve àcerca do Martyrio, que lhe servio como de prognostico da boa dita, que o esperava. O Senhor, que delle se queria servir, brevemente offereceo occasiaõ muito à medida de seus dezejos. No anno de 1559 chegando as naos do Reyno a Moçambique, onde era Capitaõ Sebastiaõ de Sà, estava nesta fortaleza hum sobrinho do Rey de Inhambane, & Otonge, q̃ fica pera o cabo da Boa Esperança junto ao cabo das Correntes. Por rezaõ do Capitaõ, que no bautismo fora padrinho deste moço, se chamava elle Sebastiaõ de Sâ. O padrinho o tratou com notavel liberalidade, deulhe muitas peças de valor. Quando voltou à sua terra, vendo o tio o bom tratamento, que lhe fizeraõ; & dizendolhe os Portuguezes, que o bautismo abria aos que o recebiam as portas do Ceo, entrou em dezejos de seguir tambem a lei de Deos. Dizendolhe, serem necessarios prègadores, tornou a enviar o sobrinho a Moçambique, pera que os trouxesse.

2 Tendo ali chegado do Reyno Dom Jorge de Santa Luzia primeiro Bispo de Malaca, & Dom Jorge Temudo primeiro Bispo de Còchim, & Frey Antonio Pegado Vigario Geral dos Religiosos de Saõ Domingos da India, lhes pedio o Capitaõ, mandassem alguns Sacerdotes com o moço convertido a Inhambane, pera fazer Christãos a El-Rey, & a seus vassallos. Offereceraõse pera em Goa fazer com o Vizo-Rey, que satisfizesse a tam justo dezejo. Cumpriram logo que entraraõ em Goa, esta sua promessa, fazendo tudo prezente ao Vizo-Rey Dom Constantino, & elle o communicou ao nosso Padre Provincial Antonio de Quadros, o qual offereceo pera a empreza os Religiozos, que fossem necessarios.

3 Mandou logo o Padre Provincial encõmendar muito a Deos este

negocio. Entendeo o Padre Dom Gonçalo, que esta porta se abria, pera elle entrar a prègar a Fe no gentilissmo. Lembravalhe, oque avia annos lhe succedera em Coimbra: tirando elle no fim do mes o Santo, segundo he estilo da Companhia, lhe cahio em outro escritinho, que tambem se tirava, aquella sentença do Psalmo quarenta, & seis: *Qui dat jumentis escam ipsorum, & pullis corvorum invocantibus escam.* Que a providencia de Deos sustenta os jumentos, & aos corvos pequeninos, que suspiraõ pello mantimento. Festejou entam muito esta sentença, dizendo, que os corvos pequeninos eraõ os Cafrinhos, & que era prognostico, deq̃ lhe avia de ir prègar a Fè, & dar o sustento das almas.

4 Tambem parece, que o Senhor lhe tinha revelado esta empreza, como cousa, peraque estava destinado, porque quando de Portugal chegou a Moçambique, pedindolhe os moradores, que quizesse ficar com elles, respondeo, que por entam nam podia ser, mas que elle depois tornaria de vagar. Quando logo se tratou, de quem avia de ir a esta missaõ de Monomotapa, avendo sobre isto varios pareceres, o Padre Dom Gonçalo importunou muito ao Padre Provincial, porque o mandasse a elle. Neste tempo indo, como hia muitas vezes, fallar com os Irmãos Noviços, rogou, que lhe encõmendassem a Deos esta pertençaõ. Entre outras disse estas palavras: *O cafres, de pretos, que sois, quam brancas espero em Deos sejaõ vossas almas: quem me desse verme jà comvosco pera vos ajudar, & que fora eu o instrumento, pera que venhais ao conhecimento de Deos, & se o mesmo Senhor for servido acabar entre vos nam com morte qualquer, mas que me tirassem a vida por meu Deos, desfazendo meu corpo todo vagarozamente, começando pellos dedos das mãos, cortando cada hum, & dandolhe tantos golpes, quantas juntas o dedo tem, & depois de cortados os dedos, cortada a mam pello collo, & depois pello cotovelo, & ultimamente pello hombro, & o outro braço da mesma maneira, & pello conseguinte as pernas, & depois de ficar o corpo todo estroncado, me cortassem a cabeça.* Todas estas cousas dizia com tanta alegria, que se naõ pode encarecer. Vendo porem, que por certos respeitos lhe nam queriaõ despachar a sua petiçam, tratou de negociar com Deos por meyo da Virgem Senhora, de quem era devotissimo. Na caza da Provaçaõ de Goa na sua Capellinha tem o Padre Sebastiaõ Gonçalves na sua Historia manuscrita, se venerava o Mysterio da Assumpçaõ da Senhora, em que de huma parte estava Santo Ignacio Martyr entre os leoẽs, & da outra S. Boaventura com as insignias de Cardeal: diante pois deste mysterio orava muitas, & muitas horas o Padre Dom Gonçalo, tomando por advogada, & padroeira da sua pertençao à Virgem Mãy. Costumava elle dizer, que aquella Senhora, que nos Cantares dezia de si: *Nigra sum*, que era negra, era favorecedora dos Cafres, & que ella lhe avia de alcançar o despacho por mais contradiçoens, que os homens a isso lhe puzessem.

5 Naõ se enganou no que affirmava, porque vencidas muitas difficuldades, que bem se estam vendo, considerando, que pessoa era o Padre Dom Gonçalo, foi nomeado pera a trabalhoza empreza de Monomotapa. Deraõlhe por companheiros ao Padre Andre Fernandes, que pera esta Missam foi ordenado de Missa: era Coadjutor temporal, & viera a Europa por mandado de S. Francisco Xavier: o terceiro foi o Irmaõ Andre da Costa. Todos tres no mes de Dezembro do anno de mil quinhentos sincoenta, & nove se embarcaram pera Chaul, & dali a sinco de Janeyro de

1560. partirão pera Moçambique. O que lhe succedeo nesta viagem, devaçam, comque se ouve, cuidado da modestia da Companhia, tudo direi com huma carta sua, que contem muitos exemplos santos, & mais pera quem anda em semelhantes viagens. He a seguinte pera o Padre Antonio de Quadros.

6 *JESVS, & a sempre Virgem Maria sigam sempre com seus favores, & protecçaõ toda a conversaçaõ, & as viagens todas de toda a santa familia de Vossa Reverencia: Amen. Reverendissimo Padre. Por estarmos pera nos embarcar hoje doze de Fevereyro pera Inhambane, naõ sei se podera o Padre Andre Fernandes, nem o Irmaõ Andre da Costa cumprir com as cartas de novas. Por isso Vossa Reverencia creo avera por bem, que ordene eu aq a Vossa Reverencia hei de escrever, de maneira, que possa satisfazer à consolaçaõ da communidade, & à informaçaõ, que a Vossa Reverencia se deve. E lembrame, que escrevi a Vossa Reverencia de Chaul, que nos partiamos hum dia depois de JESV, ou o seguinte, porque o tinhamos, que seria, & assim nos embarcamos esse dia pera partir, como dizia, mas depois de estar o Capitam, & toda a caza embarcada na barra, & cõ tempo proprio, & bem rijo, por nam poder sahir hum navio do Capitam, pera ir o mesmo dia, nos detivemos sobre a amarra, & tivemos dous, ou tres dias de vento tam rijo, que nam foi nada o enjoar toda a pessoa piedosamente, mas afrontounos tanto, que forçados deixamos huma amarra, & demos à vela vespora dos Reys.*

7 *A noite começamos a dizer a ladainha, que segundo todos hiamos naõ foi pequena solenidade, & ao outro dia ouve Missa, & prègaçaõ de estaçam. E assim continuamos as ladainhas cada dia, & à noite, & a Missa os Domingos, & festas. As prègaçoẽs, ainda que eram de barca, naõ as avia, senaõ em festa grande, & nam prègamos, senaõ depois dos Reys em dia de S. Sebastiaõ. Aos Sabbados tomei eu pera dizer as ladainhas da Madre de Deos, que lâ diziamos, & os Noviços. Os outros dias diziam as dos Santos os Sacerdotes, q́ vinhaõ, a revezes, cõvẽ a saber, o Vigario de Sofala hũ dia, o Capellaõ do Capitaõ outro, o Padre Andre Fernandes outro. E assim diziaõ tambem as Missas os domingos, & festas a revezes, que eu a nam dizia, senaõ algum dia por devaçam. As ladainhas da Madre de Deos veyo a gente a tomar muita devaçam: o Piloto, & outros as tresladaram, doque eu fico nam pouco consolado, avendo a Madre de Deos por bem de imprimirmos sua devaçam especial athe pellas barcas; & pera lhes escrever a devaçaõ da Virgẽ, & suas excellencias serẽ mais familiares, eu pus as ladainhas da Virgẽ em linguage com as oraçoẽs competentes pera a navegaçam em Latim. Mandoas a Vossa Reverencia, pera as ver; & tambem, porque pedi em caza dos Noviços ao Padre Antonio Vaz, que mas tirasse, & quando as vi, nam me faziam tanta devaçam como as de Latim; & essas, q̃ se tiraraõ câ pello mar, faziam tanta à gente, que nam podia ser mais, segundo parecia.*

8 *Por nos vingarmos dos Santos repouzos, que nossos Irmãos logram no Collegio, & caza da Provaçaõ, & câ nam alcançavamos, sob color de devaçam, & piedade, pella viagem metemos ao Capitam, & companheiros desde o sabbado oytava dos Reys treze graos da altura, ou alturas dos resplandores da sempre Santa, & sempre Virgem Madre de Deos nossa Senhora; tomando cada dia hum grao delles depois do jantar; assim como o Piloto hia tomando cada dia a altura do sol material, assim hiamos nos tomando o sol Virginal. A esta conversaçam vinha o Senhor Pantaleam de Sá, & fazia estar toda*

a companhia capaz, & tambem chegava a consolaçaõ à Senhora Dona Luiza sua molher, que estava em seu apozento com suas molheres, & por estarem perto, creo, que ouviam. Mas nos com os devotos somente tratavamos

9 Esta conversaçam durou treze dias, segundo o numero das alturas, as quais tambem ordenamos neste numero a proposito das tres jornadas dos tres Reys Magos, que puzeram do Oriente athe o prezepe bemaventurado. O mesmo dia, que começamos estes repouzos, depois de comer metemos tambem sob color de devaçaõ pella Virgem, & por todo seu bom successo das fazendas, & saude, que à noite tratassemos tambem juntos, como de dia, das vidas dos santos daquelle dia, & assim o faziamos, encomendando a todos depois da pratica, que esse dia seguinte dissessem certos Padre nossos, & Ave Marias, & Credo pella Cafraria, & que nos diziamos mais hum por seus intentos, tomando o santo, ou santos do dia, cuja vida tratavamos a noite precedente, por intercessores. Estes eram os repouzos das ceas, & duraram outros treze dias, & assim de hum, como de outro se tirava, quando faltasse a devaçaõ aos assistentes, pagarense as ociozidades naquellas noites por junto, a quem se nam podia pello dia, & pello navio acodir particularmente, mas creo, que pella graça de Deos avia gosto, & fruto.

10 Desde que partimos da barra quasi o espaço destes treze dias, trouxemos a pedir de boca o tempo, de modo, que em mui breve tempo fomos àlem da linha bom pedaço, aonde tivemos humas calmarias, que muito nos enfadaram, tirando o serem ordenadas por Deos, ainda nos hiam pondo em afronta de falta de agoa; & isto em paragem junto da linha, & que tinha mais necessidade de agoa. Dizia o Senhor Pantaleam de Sâ, que diziaõ, que por sobra de devaçoẽs duravam as calmarias, & eu rindo, como elle fallava, respondia, que jâ podia ser, porque às vezes via Deos, que andaria gente pello mar, que nelle tivesse mais conta com elle, que na terra.

11 Nestas calmarias se começaram a cantar as ladainhas, que antes se diziaõ rezadas. O canto formado faziaõ o Vigario de Sofala, & Capellaõ do navio, que as alevantavam, & nos com o Capitam, & povo respondiamos em canto de lavradores. Eu mesmo alevantei, que cantassem as ladainhas, & eu era Arcediago, pera o que se avia de fazer das devaçoẽs. Mas o canto parece, que se acordou pera os louvores da Madre de Deos resonarem nos abismos do mar athe as alturas do Paraizo, porque logo se seguio no sabbado à noite, cantarem a ladainha, como lâ mandei. E certo, que assim soava nas orelhas, & nas almas a alleluia Virginal, que se eu fora peixe, ou dos alcatrazes, que naquella paragem andavam, eu gritara ao Criador, que as calmarias duraram mais, do que duraram, & que se tornassem as agoas do mar doces, pera nos naõ queixarmos tanto à Virgem com a mesma ladainha.

12 Desde aquelle sabbado athe chegarmos a Moçambique, pedio o Capitaõ se dissesse a ladainha da Virgem cantada assim pella calmaria, como pella chegada, que hiamos jâ tardando; assim se fes, & a calmaria a ficar, & nos a cantar os pregoẽs virginais. Aqui repeti eu ao Capitaõ, que por estas ladainhas diria eu, que as calmarias duravam, & elle, que podia ser; & eu digo, que saõ todas as cousas da Virgem de tanta melodia, que naõ no juraria; & por sinal, que depois, que sahimos das calmarias o dia da Purificaçam da Virgem, vimos terra mui dezejada, & ne-

& necessaria, pera sabermos, como hiamos navegados, porque o Piloto he mui bom official, mas esta he a primeira viagem, que fes destas partes. E digo a Vossa Reverencia, que naõ sei, aquem ponha, virmos tam bem navegados, senam à Virgem, que louvavamos. E saiba certo, que a noite, que avia de amanhecer o dia da Virgem, escapamos de huma marrada, & boa, porque corremos de noite como huma setta, & sem lua; senam quando se sentiram tam perto da terra, que pello cheiro, & fogo a conheceram. Assim se manifestou a Virgem nas calmarias, das quais se espantavam todos, avelas de tantos dias nesta viagem.

13 *Nestas calmarias, como disse, por se fiarẽ da viagem ser asodada, & por se verem com muita gente, se começou a temer a sede, & curar da regra, que dantes nam avia; & por a paragem ser mui caloroza, a gente se carregou muito com as calmas, & com a regra, ainda que ella era larga, & mais era o temor, que a sede prezente. E porque comiamos com o senhor Pantaleam de Sá, nam nos podia chegar a fome, nem a sede; toda via por edificaçaõ, & rezam de membros, a gente sentio em nos, que guardavamos bem estreitamente a regra; & o Capitaõ nos convidava ao comer, & de dia, & de noite a bebermos, antes nos importunava offerecendo sobre que beber; & nos a ter maõ na regra. Creyo, que se edificaram muito com pouca custa nossa E assim nisto, como noutras particularidades experimentamos, que em pequenas cousas se perde, ou ganha muita edificaçam.*

14 *O que sob correiçam de Vossa Reverencia tenho, he, que as pessoas da Companhia, que andam por fora, & comem com senhores, ou pouzam com outros seculares, aviam de trazer muito a cargo, & de proposito olharem os pontos, & regras da cortezia, & comedimento no comer, beber, & se deixar servir; porque quanto mais nos elles querem dar destas cousas, por tanto mais sobejos, & importunos nos teram os circunstantes, se nos despejamos, ou descuidamos nos tentos, que cumpre terse. E estes tentos nam sinto eu regra, que os ensine a nossos Irmaõs, senam hum verdadeiro dezejo de edificar em tudo aos seculares, & nam nos desedificar em nada, & alem deste dezejo he necessario vigiar sobre isto, quando estamos à meza com elles, & quando conversamos com elles, & nos alojamos em suas cazas.*

CAPITULO X.

Continua a mesma carta, do mais, que nesta viagem fes, & padeceo.

1 *CONfesso a Vossa Reverencia, que quiçá senam fora esta obrigaçaõ de naõ desedificar (do que eu tenho bem pouco cuidado) naõ pudera acabar comigo toda esta viagem, desde que com Pantaleam de Sá me embarquei, senaõ era a jantar, & cear, nunca decer à tolda, nem do chapiteo, onde era nosso gazalhado, pera onde me tornava acabado de jantar, & cear. E obriga tanto a consciencia Religioza a esta edificaçaõ, que nesses dias de calmaria posso dizer a Vossa Reverencia, que passei boa provaçaõ, & exercicios, porque nos esquecemos de abrir as janelas do camarote; de dia era sol de Guiné; no chapiteo debaixo de toldos recolhiase muita gente, que tinha guarida, donde nam me parecia edificaçam estar lâ: com o Capitam, jâ o tinha por regra; nem por outras partes abaixo do navio pellas muitas mulheres da caza do Capitaõ, que vinham, & se podiam topar, das que serviam, & dos apparelhos do navio se podiam ver.*

2 *Assim,*

2 *Assim que eu me estufava pella menhaã toda athe o jantar, & depois athe a noite no camarote com a võtade, que Deos sabe, mas naõ me arrependo. Os companheiros tambem buscavam sua guarida com muito trabalho, & avizo, porque elles nam lhe consentia eu teremme companhia no camarote, por nam estarmos todos em suadouros expostos ao enxame das moscas, que eram muitas. Ao dormir à noite estavamos juntos em nossa estancia, porque se sofria. E geralmente observavamos o apartarnos, & calar, & recolher, senam aos tempos de util communicaçam, porque sentimos, que se homem quer nas embarcaçoẽs softer o terreiro, fica torrado, & esturrado. E nam creyo, que tem mais lugar este refram:* La mucha converſacion es cauſa de menosprecio: *que nas embarcaçoẽs. Isto creyo, que folgarâ Vossa Reverencia escrevermolo pera entre Irmaõs, & tambem porque veyo a proposito das calmarias,*

3 *Venho a como a Virgem se mostrou nosso piloto, ou patrona, sem o nos merecermos. Depois de passadas as calmarias, nos puzemos em breve no cabo da viagem. A duas sangraduras pouco mais, ou menos de Moçambique nos deu vento contrario tam rijo, que creyo se começavam a enfadar mais, que com as calmarias, por ser junto do porto, & pegado com terra, & o vento ser do mar, que nos empuxava pera ella, a nam querermos tornar pera tras; as correntes porem nos ajudavam, porque eram mui rijas pera Moçambique; & tanto, que com o vento ser adverso, andamos com as correntes huma boa sangradura; & estando outra de Moçambique nos deu o ponente de rosto tam furiozo, que nos enfadou muito; & tivemos hum pedaço de dia, & huma noite mui trabalhozos, & eu cuidava, que desandassemos hum grande pedaço: outros diziam, que com as correntes aviamos de discorrer Moçambique.*

4 *Senaõ quando pella menhaã depois de grandes medos nos achamos juntos com Moçambique mais direitos, & melhor navegados, do que se desde que nos deu o temporal trouxeramos a proa nelle com o melhor vento. E pera se provar, que a Virgem governava, huns, que sabiam da terra, subindo às gaveas, diziam, que viam huma terra àlem de Moçãbique, dizendo, que estava mui abaixo do porto; & com isto ficavamos devendo muito, depois de Deos, a sua Madre; senaõ quando o piloto proprio enxerga a Virgem do Baluarte, & a nao da arribada. Entam viram, que estavamos bem marcados, ou encaminhados, & quando o piloto disse, que via a Virgem do Baluarte, pera eu conhecer, que nos governara, achome naquelle verso nocturno, ou Matinas da segunda feira do Psalmo cento, & quatro:* Expandit nubem in protectionem eorum, & ignem, ut luceret eis per noctem. *E posto, que rezavamos, o Padre Andre, & eu [porque os favores da Virgem nam sam pera trocar] eu creyo, que era, o que estava dizendo aquelle verso, quando appareceo a senhora do Baluarte. Elle, confesso, que os mereceo melhor, mas eu como quem tinha mais necessidade, os notei logo, comparando a vista da caza da Virgem com o verso do Psalmo.*

5 *Finalmente nos cumprio Deos novamente aquella collecta:* Deus, qui transtulisti patres nostros per mare rubrum, laudem tui nominis decantantes. *Assim nos cantando os louvores de Maria, nome especialissimo de Deos, por ser de sua Madre, & esposa, & toda sua, acabamos nossa viagem mais saborozamente, que se vieramos sempre com bonanças, porque nam fora nossa chegada tam precioza, nem a Deos tam glorioza. Este tempo, que nos deu, tambem a gente o ti-*

tinha por estranho, como as calmarias, porque, como elles dizem, nos viemos no proprio tempo da monçam, eu creyo, que sem milagre, porque sabe Deos enlear o ordinario da natureza com successos tam bem naturais, q̃ nam o parecem tanto, pera que aja lugar a providencia, & eminencia absoluta sobre suas creaturas; & a especial conta, que tem com a creatura racional; que ainda nos successos naturais quer Deos, que os refiramos mais a elle (naõ jà por milagres) que a natureza, no que commumente nos outros somos mui desattentados.

6 *Nos nos achamos nesta viagẽ muito bem de virmos livres de propria matelotagem. Verdade he, que o senhor Pantaleam de Sà he tam nobre, & nosso, que nam me espanto. Comemos, & ceamos sempre com elle, & por ser no mar, bem pode homem confessar, que tambem almoçavamos com elle. E em tudo nos tratava melhor, que a si mesmo. E a elle deviamos ficarnos tanto tempo pera as almas; do qual praza a Deos, que naõ nos tome conta mais, que aos nossos Irmaõs, de o nam lograrmos na terra: porque Deos nos deu experiencia, que sabe Deos melhor no mar, que na terra, & se communica tanto, & mais suave, & liberalmente; assim como as noites, & os dias parecem mais graciozos, & sam mais livres.*

7 *Toda via porque Vossa Reverencia saiba, depois, que alevantamos as cabeças, encõmendamos aos companheiros, que pella menhaã tivessemos huma hora de oraçam da vida de Christo, & à tarde outra de algum mysterio da Virgem. Creyo, que segundo o apparelho do mar, nos conservamos com edificaçam. E nam foi pequeno frutto ficarmos com confiança, que nas viagens, que nos ficavaõ, nos aproveitariamos, & podiamos aproveitar de veras. Tinhamos cada dia todos hũa ladainha, encõmendando no cabo a Igreja, a Companhia, esta provincia de Vossa Reverencia, & estado da India, o Capitam, nossa empreza, a viagem, as almas do Purgatorio, a conversam dos infieis, que Deos nos nam deixe tentar nas cousas essenciais da nossa vocaçaõ, & os que nos encõmendam a Deos particularmente. Alẽ das ladainhas diziamos todos tres por cada huma destas necessidades huma Ave Maria. Cada semana nos confessavamos duas vezes. O Irmaõ fazia a doutrina cada dia. Assim que chegamos a Moçambique dia da Bemaventurada Santa Agueda. Tomada a licença, me desembarquei, pera poder dizer Missa em Nossa Senhora do Baluarte. E nam quis Deos, que a doença nos encetasse, pois hiamos pera tam gloriosos trabalhos.*

8 *Estando em Moçambique me occupei em algumas confissoẽs de homens grossos, que morriam; delles da arribada, delles de câ. Negociei por nossa empreza huma procissam com Reliquias das Onze mil Virgens, q̃ aqui dei, & humas vesperas cantadas, & Missa. E tudo na caza de Nossa Senhora do Baluarte. Ouve muita musica de charamelas, frautas, violas de arco, & os cantores, que alguma hora honraram a capella de Sam Paulo. Tambem prèguei, por encher a forma da solennidade. Acabada a procissam, me deixei ficar na ermida da Senhora com o Irmaõ, indose o Padre Andre Fernandes pera caza do Capitaõ. Meu intento foi pera cuidar na prègaçaõ do outro dia, & naõ pera dormir ali aquella noite.*

9 *Esperava eu, que me viessem buscar, ou fazer companhia, senam quando a dezoras batem à porta, & pediram huma tocha, que se lhes deu pella fresta. Senaõ quando tres insignes musicos começaram de cantar hum soneto, que creyo, parecera ao muito Reverendo Padre Belchior*

Carneiro alem da terceira rima; especialmente se o ouvira tam perto das serras do Preste, como nos o ouviamos das de Inhambane. Elles nam podiam ser Anjos, pois pediam à porta da Virgem tocha de noite pera cantar, mas digo a Vossa Reverencia, que nos fizeram lembrar dos Anjos, que de noite, & de dia estam cantando à Virgem. E eu estava tam surdo imaginando no temor, que tinha na caza da Virgem, que fiquei envergonhado. Mas naõ ponha Vossa Reverencia culpa, aquem se via tam perto das minas do ouro, marfim, & ambre, temer de morrer, antes de entrar nellas, & mais sendo o quilate de todos estes averes celestial, & divino conforme ao preço da quelle sangue formosissimo de Deos vivo, o qual foi proprio resgate das almas, que Vossa Reverencia nos manda grangear. Athe aqui o Padre Dom Gonçalo: tem esta carta a sua data a doze de Fevereiro de 1560.

10 No fim desta carta tem o Padre Sebastiam Gonçalves, de quem aqui a tresladei, algumas clausulas, que naõ tem outro treslado, que tenho na minha maõ, no qual se naõ dis este cazo dos musicos; poderà ser, que o Santo Martyr o referisse em outra carta, & que o Padre o metesse aqui. Tambem, a que na minha maõ tenho, tras mais algumas especificaçoẽs. Como foi, que quando o Santo Martyr sahio em terra, succedeo molharẽse as botas, & depois de fazer oraçaõ à Senhora do Baluarte, sahindo pera fora, no alpendre se descalçou, & as pos a enxugar, ficando descalço, & os pes molestados. Neste tempo, chegou Francisco Barreto de Lima, que fora Governador da India, & vindo pera o Reyno, por se perder huma nao, & ficar a sua mui carregada, com oque da outra se aproveitara, foi obrigado a arribar a Moçambique, & porque lhe deraõ rebate, estar ali seu grande amigo o Padre Dom Gonçalo, o foi logo buscar. Naõ pode o Padre deixar de o receber com os pes descalços, de que ambos se riraõ com aquella familiaridade, que entre si tinham. Fez muito esforço pera o Padre se ir a pouzar com elle; do que se escusou, assim por naõ ser rezam tomar outra hospedaria sem Pantaleam de Sà, que o trouxera, se ter desembarcado, como porque a pouzada de Francisco Barreto era de grande trafago, & o Padre queria socego, & quietaçaõ.

11 Acceitou o Padre a pouzada em caza de Pantaleaõ de Sà em huma torre, onde ficou só com seus companheiros: comeo sempre com o Capitaõ; porem naõ deixando o pedir esmola pellas portas pera exercicio da humildade. Quando vinha o tempo da meza, tirava, como o costumou fazer o gloriozo Patriarcha Saõ Francisco, hum pedaço daquelle pam, que ouvera de esmola, & delle comia. Deuse logo tanta pressa a dispor a viagem, que chegando huma segunda feira, na outra seguinte se embarcou. Estava Moçambique mui doentia, & o Padre aos tres, ou quatro dias se achou tal, que esteve pera se sogeitar à cama.

12 Jà, que temos a este divino mercador de caminho a negociar nas minas de ouro, & prata da Cafraria com os cabedais, que de Portugal, & da India leva, serà rezaõ, que os digamos, porque se veja, quam grossos eram, & quam bem petrechado hia de virtudes pera esta gloriosissima empreza. Ainda, que no que temos referido, se ve bem a riqueza de sua alma, agora a daremos mais a ver, & quam bem fundadas eram as esperanças, que tinha de fazer o grande avanço, que fes. Por tanto, em quanto o deixamos desembaraçandose pera a viagem, direi suas muitas virtudes, & depois darei huma breve noticia das terras, aonde hia prègar, de seus trabalhos, morte, & o que depois della aconteceo.

C A-

CAPITULO XI.

Do trato, que tinha com Deos, & devaçaõ às cousas santas. Quam cuidadozo foi do recolhimento, & noticia, q̃ teve de cousas occultas.

1 Athe este lugar, ainda que tenho contado muitos actos de virtude do Padre Dom Gonçalo, fui mais seguindo com a narraçaõ o discurso de sua vida, & gloriozos trabalhos, reservando pera dizer neste passo os exemplos, que nos deixou em todas as virtudes, porque todas teve em grao perfeitissimo, & por ellas se fes digno da glorioza coroa do Martyrio. Começando pello trato com Deos, donde costumam nacer as outras virtudes, nelle parecia o Padre Dom Gonçalo mais Anjo do Ceo, que homem da terra. Ou caminhando, ou descansando, o coraçam andava em Deos, & punha muitas vezes os olhos no Ceo, onde só tinha os affectos.

2 Algumas vezes o viram na sua oraçam levantado da terra. Huma foi mui assinalada na caza de Sam Roque em Lisboa. O Irmaõ Pedro Marques, que era Sacristaõ da Igreja, & depois foi por muitos annos Ministro no Collegio de Coimbra, indo ao cubiculo do seu Padre Preposito sobre certo negocio, como depois de bater, lhe naõ acodissem, abrio a porta; & no meyo do cubiculo vio ao Padre levantado no ar. Admirado foi dar avizo ao Padre Gonçalo Vaz de Mello, contandolhe, o que passava. O Padre chamou a outros Padres. Foram assim juntos ao cubiculo, & viraõ ao Santo Varam naquella admiravel postura, & a notaram de vagar; & deixandoo, se retiraram, dando graças a Deos, pello que obra em seus santos.

3 Em Goa se retirava por vezes a ter exercicios espirituais na Ilha de Choraõ, onde os Judeos o quizeram, & pertenderam matar, mas Deos o livrou. Pella festa de Saõ Bartholomeo fes huma devaçaõ por muitas noites, na qual imitava ao Santo, pondose, como o Santo, cem vezes de joelhos cada noite. De ordinario se arrebatava, quando dizia Missa, & lhe era necessario perguntar ao companheiro, em que passo estava? Sendo Provincial na India, lhe succedeo estar taõ elevado em Deos, que acabada a Missa, se hia assim revestido do altar pera o seu cubiculo. No seu trato ou fosse com os de caza, ou com os de fora, se via, que estava com o pensamento em Deos. Assim de dia, como de noite gastava muitas horas em oraçaõ. A sua postura neste tempo era de joelhos com os olhos no Ceo, ora com os braços em cruz diante do peito, ora com elles cahidos, tam immovel, como se fora de pedra, sem mover a cabeça, salvo, quando levantava os olhos ao Ceo.

4 No refeitorio era tal a attençaõ, com que ouvia a liçaõ da meza, que se esquecia de comer. Sendo Provincial ordenou, que os nossos alem da hora de oraçaõ de menhaã, & dos exames de consciencia, tivessem de tarde outra hora de oraçaõ. Porque os nossos se naõ empregassem tanto no bem das almas alheas, que se esquecessem das proprias, escreveo, aos que trabalhavaõ na Costa da Pescaria, que quanto fosse possivel, naõ deixassem de ter a hora de oraçaõ de menhaã, & os exames da cõsciencia. Ordenou mais, que algumas vezes no anno se recolhessem aos Collegios, a ter os Exercicios espirituais de Santo Ignacio. Naõ queria, que depois da Paschoa da Resurreiçaõ ouvesse sermoẽs no Collegio de Còchim, pera, q̃ os Prègadores, q̃ se tinhaõ empregado no bẽ das almas alheas, tivessẽ tẽpo pera tratar cõ Deos do bẽ das suas.

5 Por mais occupaçoẽs, que tivesse, naõ deixava de dizer Missa; pera ella se confessava antes duas, & tres vezes. Se tinha tal enfermidade, que o naõ deixava celebrar, todos os dias da doença commungava. Em todos os cubiculos, em que morava, punha tantas cruzes, quantas eraõ as paredes, pera se lembrar de Christo Crucificado. Da Virgem Senhora foi devotissimo: sempre nos seus sermoẽs procurava metter louvores desta soberana Senhora. Em vendo alguma imagem sua, abaixava os olhos, & a cabeça, & algumas vezes pondose de joelhos a adorava: Isto se notou mais particularmente com huma imagem desta Senhora, que no Collegio de Goa se poz em certa passagem, pera que todos a venerassem.

6 Estando pera acabar de ser Provincial, levantandose pela meya noite com a roupeta solta, & cabeça descuberta, passeava na caza, onde os Noviços dormiaõ, naqual avia hum oratorio grande metido na parede: quando hia passeando, & chegava de fronte da imagem, punhase em pè cõ os olhos nella, & às vezes no Ceo; & subitamente se deixava cair com os joelhos ambos em terra, & logo se levãtava, & isto fazia, quantas vezes chegava à imagem. Outras vezes fazia o mesmo, quando hia passeando pella caza com os olhos no Ceo, & detendose, se punha de joelhos pello modo ditto. E em huma varanda do Noviciado, em que avia huma imagem da Senhora, fazia o mesmo.

7 Andando rezando o Rozario, sempre, que começava a Ave Maria, fazia huma inclinaçaõ. Em Goa fes hum astrolabio dos louvores da Senhora repartidos conforme os graos, & climas do Ceo. Tambem ordenou humas ladainhas mui devotas, que os Irmaõs Noviços rezavaõ; & tambem algumas prozas em louvor da Senhora. Assima fica ditta a devaçaõ, com que na viagem de Moçambique asservorou a todos os navegantes.

8 Quanto procurava o seu recolhimento, & dos nossos, mostrou huma ves em Goa, dando em huma prègaçaõ satisfaçaõ aos devotos da Companhia, de os nossos se retirarem de vizitas; começou dizendo: *Naõ vos escandalizeis, Senhores, de naõ irmos a voßas cazas vizitarvos, pois sabeis, quam tenra, & nova he a Companhia, & que naõ convem a huma Religiaõ nova começar vizitando; & se naõ convem à Religiaõ, menos convem aos Religiozos della, porque o que ganhaõ na oraçaõ, & recolhimẽto por todo o anno, o perdem em huma hora de vizitaçaõ a devotas. E eu o tenho bem experimentado com algumas vizitas, que fis, sair recolhido do Collegio, & tornandome pera elle, & querendome outra ves recolher, me nam podia valer de imaginaçoẽs de cousas, que vira, & ouvira em vossas cazas. E se cuidais, que pellos voßos doces, & mimos, que nos mandais à portaria, estamos obrigados a vos ir vizitar cada ves, que vòs quizerdes, & ir a ouvir voßas patranhas, digo, que naõ queremos vossos mimos, & doces, pois tam caros nos custaõ; que por ißo os da Companhia tem as mangas estreitas, por naõ meterem, nem trazerem nada nellas; & prouvera a Deos, que vos vira eu tal espirito, & fallar tam altamente delle, que eu vos fora conversar, & ouvir.*

9 Das cousas occultas lhe communicou Deos muitas noticias, como se vio em diversas cousas, que ficaõ atraz referidas, em especial da morte, com que avia de acabar, & se verà das que agora contarei. Avia em Portugal certa pessoa illustre no sangue, mas nos costumes perdida. Dezejava muito o Padre ver a este homem emendado; pera isso fazia por elle frequentemente oraçaõ, particularmente na Missa. Sendo assim, que em outras occasioẽs achava a Deos favoravel,

quando rogava por esta pessoa, lhe parecia, que o Senhor, como irado, lhe dava as costas, & se apartava. Attonito com esta estranheza, se determinou de a contar ao mesmo homem, por ver se assim cahiria em si. Referiolhe, o que experimentava todas as vezes, que na Missa fazia oraçaõ por elle. O miseravel homem tam longe esteve de se emendar, que por fazer zombaria do Padre, & o notar de simples, contava gracejando a seus amigos este ditto. Hum dos que ouviraõ estas graças, foi Jeronymo de Menezes, que depois foi Reytor da Universidade de Coimbra, Bispo de Miranda, & do Porto. O fim, que veyo a ter, foi, que depois de ter padecido grandes perdas em bens temporais, & espirituais, acabou sua mâ vida escõmungado.

10 Quando foi em missaõ à cidade de Braga, ao despedirse mostrou grande sentimento hum seu devoto, por naõ aver naquella terra caza da Companhia. Entaõ o Padre pera o consolar lhe disse: *Tende bom animo, que dentro de poucos annos vereis nesta cidade Collegio da Companhia.* Pareceolhe isto ao homem somente ditto a cazo, pois nunca da cidade puderaõ alcançar os Arcebispos, pera que alguma Religiaõ fizesse ali Convento, sendo assim, que muitos destes Prelados tinhaõ sido Religiozos. O effeito mostrou, que o Padre fallara com espirito superior, porque o santo Arcebispo Dom Frey Bartholomeo dos Martyres, naõ fundando dentro de Braga Convento da sua Ordem, fundou nella o nosso Collegio, que foi a primeira caza de Religiozos, que ali ouve de muros a dentro.

11 Vindo os Turcos com poderoza armada sobre a cidade de Ormuz no estreito da Persia, o Vizo-Rey Dõ Constantino fes General da armada Portugueza, que mandava em soccorro da praça, a Dom Alvaro Irmaõ do Padre. Encommendou elle as cousas de seu Irmaõ a Deos, & o Senhor lhe revelou o successo da empreza, & que Dom Alvaro se perderia. Logo foi fallar ao Vizo-Rey, dizendo, que naõ duvidava do esforço de seu Irmaõ, que daria boa conta de si em quaisquer cousas grandes, que lhe metessẽ nas maõs, *Mas eu sei* (disse) *que se for por General, elle, & toda a armada se hâ de perder. Assim, que sua Excellencia puzesse os olhos na honra de Portugal, & no credito de Dom Alvaro.* Cuidou o Vizo-Rey, que a petiçaõ nacia de humildade do Padre, por tanto naõ desistio na sua eleiçaõ.

12 Partiose Dom Alvaro cheyo de esperanças, & de valor. Avistandose com os Turcos, elles se atemorizaraõ, & pediraõ paz a Dom Alvaro com partidos muito honrados. Cuidando o briozo fidalgo, que tinha a vitoria na maõ, naõ quis vir no que pediaõ os Turcos. Antes lembrandose de seu Irmaõ, como soldado desenfastiado, disse: *Tenho entendido, que nem sempre as profecias de Dom Gõçalo sahem certas; pello menos esta ves ha sido profeta falso.* Logo mandou emproar em o inimigo, pelejouse de huma, & outra parte com grande calor, & por fim da refrega Dom Alvaro foi morto, & vencidos, & desbaratados os Portuguezes. Ficando mais este documento à nossa naçaõ, pera em tais occasioẽs pôr moderaçaõ na soberba, & naõ deixar o certo pello duvidozo.

CAPITULO XII.

De sua rara mortificaçam.

1 NAõ he explicavel o santo odio, com que perseguio seu corpo, & suas payxoẽs, & a tezidaõ, com que nesta lida perseverou, em quanto lhe durou a vida. Trazia cilicio perpetuo junto à carne em lugar de camiza, & porque parecesse

ser

ser camiza, lhe punha hum colarinho de pano de linho. A este acrecentava outras vezes hum cilicio de ferro feito a modo de ralo. Outro cilicio teve, com que prègava, em si cousa medonha a modo de gibam, todo elle de ferro, como corpo de armas brancas, crivado todo com as pontas pera dentro. Esta peça deixou a hum seu amigo secular, quando se partio pera a India; seus filhos a estimaram como reliquia; delles diso Padre Sebastiaõ Gonçalves na Historia manuscritta da India, viera aos nossos Padres da caza de Saõ Roque, & que o tinhaõ em grande estima no thezouro das sagradas reliquias.

2 Vendo a hum Irmaõ muito triste, lhe disse: *Irmaõ, lançai de vos essa tristeza, que quem serve a Deos, hâ de andar alegre.* Respondeo o Irmaõ: *Vossa Reverencia he santo, vive quieto, & sem tentaçoẽs; se padecera, as que eu sinto, outra cousa seria.* Entaõ o servo do Senhor, lhe pegou das mãos, & o mandou, que lhas metesse nas costas: assim o fez,& achou, que as tinha feitas huma chaga com os açoutes. *Fis isto*, lhe disse, *porque vos animeis,& saibais as tentaçoẽs, que padeço, que tudo isto, & mais he necessario, pera as vencer. Naõ imagineis, que Deos vos hâ desemparado; elle naõ permitte sermos tentados mais, do que podemos.* Ficou o Irmaõ com tam santo exemplo fora da sua tristeza, & mui animado a naõ fraquear na contenda. Quando ouve de ir pera a India, entre outras rezoẽs allegou aos Superiores, que tinha boa compleiçaõ, & podia com os trabalhos assim do mar, como da terra, & passaria só cõ paõ,& agoa. Quando, estando no Porto, lhe foi avizo, pera vir pera Coimbra, mandara pedir licença, pera entrar na cidade disciplinandose athe o nosso Collegio, pois senaõ tinha achado naquella disciplina publica, que os nossos, sendo Reytor o Padre Manoel Godinho, como digo na sua vida, tomaram pelas ruas, & praças de Coimbra, deque o Padre Dom Gonçalo teve huma boa inveja, por senaõ achar prezente.

3 Na India se disciplinava com certa casta de varas mui flexiveis, cujos golpes alem de serẽ penetrantes, fazem logo saltar o sangue do corpo. Estas feridas curava com azeite de Melinde, & sem as deixar sarar de todo, se tornava a disciplinar. Quando huma parte do corpo estava chagada, se castigava em outra: & assim usava com o seu corpo, o que os lavradores com as herdades, que em quanto descansa huma parte, lavraõ, & semeaõ a outra. Daqui nacia nam se poder assentar, & por disfarçar a cauza, costumava dizer: *Estes meus leicenços nam me deixam estar assentado.* Pera estas crueis disciplinas se retirava a huma cazinha, que avia na cerca do Collegio de Goa, em tempo, que o naõ pudessem sentir; porem o sangue, que ficava nas paredes, bem descobria a todos o seu rigor.

4 Na India tinha feito concerto com o Irmaõ Andre Fernandes, com o qual depois de ordenado foi à Cafraria, que em todas as occasioẽs se mortificassem. Andavam como de aposta, aquem mais se avia de mortificar, a modo dos tafuis no jogo, quando entre si se picã. Dizia o Padre: *Irmaõ Andre, à menhaã he dia de tal Santo, com que o avemos de festejar?* Respondia, o Irmaõ, *que jejuassem*: replicava o Padre: *Seja a paõ, & agoa. Sou contente* respondia o Irmaõ. E nesta forma tinhaõ outras santas porfias.

5 No comer foi parcissimo, & usava de comeres grosseiros: o adubo, que ajuntava ao paõ nas missoẽs, quãdo muito, era huma cebola; o ordinario era comer paõ, & agoa: & de melhor vontade se pegava a hum pedaço de paõ de milho, centeyo, ou sevada, que outros se pegaõ aos comeres delicados. Na meza tinha grandes artificios: pera dissimular a sua abstinencia,

tudo

tudo puxava a si; armavase, como quem tudo, & de tudo avia de comer; depois o tempo se lhe hia em partir, embrulhar, & revolver, & por fim de contas de todos estes apparatos sahia elle tendo só comido paõ, & bebido agoa.

6 Do sono furtou muito a seu corpo. O Padre Luis de Mendanha no tempo, que em Goa, sendo Irmaõ, teve cuidado do seu cubiculo, achou em hũ cartapacio escritto da maõ do Padre Dom Gonçalo, hum voto, que naõ dormiria, senaõ forçado da natureza. Assim o fes sempre: assima dissemos, o que nelle se observou de noite na villa de Thomar. De noite dormia assentado em huma cadeira sem encostar a parte alguma o corpo, & tinha posto em certa proporçaõ huma taboa, pera que inclinandose o corpo com o sono, & dando nella se magoasse, & despertasse. Quando se deitava, era sobre as taboas da barra, & às vezes punha sobre ellas muitos livros, & sobre elles se encostava, pondo algũ mui duro por cabeceira: daqui nacia ter sempre grande lida com o sono.

7 Nas suas peregrinaçoẽs se recolhia nos hospitais. Quando esteve em Missaõ na cidade do Porto, antes de termos ali Collegio, adoecendo, se deitou em hum xergaõ de palha, como os pobres enfermos. Vindo ao vizitar Henrique Nunes de Gouvea, lhe affeou muito o tratamento, que comsigo usava. E depois de muita lida, a penas pode alcançar do Padre, que admittisse hum colcham de lã, que lhe fez vir de sua caza: porẽ tanto, que o Medico disse, que a febre parara, se levantou, & tornou a por na cama o seu xergaõ de palha, tendo tirado o colcham de lã. Desta pia desordem se seguio aggravarselhe a enfermidade, de que naõ pouco teve, que padecer.

8 O Padre Doutor Luis de Molina tem em huma carta sua estas palavras. *Lembrame, que tendo eu cuidado da roupario, & sacristia em Saõ Roque, & acompanhandoo ao pulpito, trazia huma jaqueta de burel mui aspero, como cilicio, & prègãdo hum dia menhaã, & tarde, & confessando juntamente toda a menhaã, athe se levantar segunda ves a hostia na Missa, hia ao pulpito, & acabando, tornava ao confessionario athe huma depois do meio dia. Tirando aquelle dia a camiza suada, ficou com a jaqueta sobre a carne, pera prègar a tarde; & dizendolhe eu, que camiza avia: respondeo: que quem me metia nisso. Era entaõ Superior.* Isto, o que dis o Padre Molina, do que nelle vio.

9 Frequentemente, sendo Superior, exhortava os subditos à mortificarem suas paixoẽs, a ser inimigos de si mesmos, que nunca largassem da maõ a fouce, mas que naõ se aviaõ de contentar com somente cortar a herva, mas aviaõ de arrancar as raizes, que eraõ as paixoẽs. Exhortava a imitar a Christo Senhor Nosso, & a os seus Martyres. Dia de Saõ Lourenço dizia: averá entre vos algum, que por seu Deos queira ser assado em brazas vivas? No de Santo Andre: a Cruz nos convida. No de Saõ Sebastiaõ: as setas estaõ preparadas pera nos. E deste modo falava de outros santos Martyres, cujas penalidades elle muito appetecia.

10 Na India, onde por rezaõ das calmas he necessario mudar frequentemente as camizas, elle o fazia muitas vezes de vinte em vinte dias, & succedia naõ poucas vezes, quando a despia, estar podre o algodaõ, de que ali he esta roupa. Tudo nacia do pouco tratamento, que de si tinha. Succedialhe trazer o corpo todo esfolado de burbulhas, que na India vem em certo tempo do anno. Sendo dellas o remedio lavarse com agoa fria, naõ usava de tal remedio, antes se deixava andar com a camiza podre com o suor, & com a humidade das mesmas bur-

burbulhas. Quando esteve em Braga, sahia às vezes com hum homem seu devoto a huma deveza, & ali cobrindose com hum gabaõ do mesmo homem, hia alimpando peça por peça o seu vestido das savandijas, que o corpo cria, do modo, que o costumaõ fazer os pobres às soalheiras.

11 Avizou ao cozinheiro, & Sottoministro, que se guardassem, que nas porçoẽs ouvesse particularidade pera o Reytor, ou pera elle, ou algum outro, excepto o Patriarcha, que seguia a communidade; porque se fizessem o contrario, os avia de penitenciar. Quando hia à primeira meza, & se offerecia o taboleiro, sempre lançava o braço por sima dos pratos, & tomava, o que lhe parecia peyor.

12 Vindo em Coimbra de prègar, trazendolhe à meza doces,& outras cousas, se contentou com comer somente paõ, & castanhas cruas, & disse por graça ao refeitoreiro: *Irmaõ, a marmelada seja pera os animais, a quem comemos as suas castanhas.* Tambem passando huma ves em missaõ pella villa de Goes, naõ quis acceitar os gazalhados, que o Conde seu Irmaõ lhe fazia, & preparandolhe grande quantidade de mimos pera o caminho, os naõ quis levar, dizendo, que aquellas cousas eraõ boas pera porcos, entendendo nesta palavra os homens regalados, & amadores do mundo.

13 Dizia, que o Purgatorio de hum Religiozo da Companhia avia cà nesta vida de ser a mortificaçaõ, & que com ella de tal sorte se avia de purificar, que morrendo fosse ao Ceo direito, sem passar pello Purgatorio. Deste santo dezejo nacia o fazer muitos votos, pera assim se obrigar, dos quais pedio dispensaçaõ, porque lhe impediaõ assistir aos nossos ministerios, como dezejava.

CAPITULO XIII.

De sua humildade, obediencia, cuidado da observancia, & de sua pobreza.

1 APenas averà homem mais appetitozo de honras, do que este fiel servo de Christo o foi de afrontas, & desprezos. Em Coimbra tirou de ruim estado a certo homem: a concubina teve disso tal impaciencia, que escreveo ao Padre huma carta, emque cada palavra era huma injuria. Abrindoa, & encontrando, com o que muito dezejava, se retirou a hum lugar apartado, & lendo, & relendo mui de vagar a carta, dizia consigo: Em fim, Gonçalo, achaste, quem te conhecesse: esta só atinou, com quem tu es: oh como te pinta com tuas cores! Daqui por diante saberàs, oque em ti tens. Com esta, & semelhante lenda foi achado por hum Religioso, que o buscava.

2 Nos caminhos nam contente de ir à pè, levava a seus hombros os seus livros, & papeis, deque se ajudava nas pregaçoẽs. Certa pessoa por compayxaõ lhe pedio, quizesse, que hum seu escravo lhe levasse aquelles papeis, & livros, jà que nam admittia pera isto hum jumentinho. Respondeo o Padre com graça: *Boa charidade he essa, que usais comigo, tiraisme o merecimento de levar os meus livros, & quereis dalo a hum escravo? Vede nam quebreis com isso as leis da verdadeira charidade.*

3 Notouse muito, que entrando varias vezes na Igreja de Goes, pera fazer oraçaõ pella alma do Conde seu Pay, que ali està em grandioso mausoleo, nunca pos os olhos naquelle sepulcro, & se entendeo o fazia, pella pouca estimaçam, que tinha das soberbas mundanas, comque os grandes, athe depois de mortos, querem a vul-

vultar mais, que os outros. Procurou ſempre occultar ſua nobreza, & ſer tido, & avido por humilde, & pobre. Tinha averſam a governar. Sendo Provincial pedia muito a Deos, deſſe a ſentir a ſeus Superiores, que puzeſſem outro em ſeu lugar: pera iſto alcançar jejuou vinte dias continuados a paõ, & agoa.

4 Indo ſegunda ves prègar huma quareſma a Braga, elle hia a pe, fazendo ir a ſeu companheiro a cavallo. Quando voltou ao Collegio, depois de tres dias, o fizeraõ logo diſpenſeiro, ſendo o ſeu goſto todo andar em officios humildes. Muitas vezes hia por Coimbra em trajos de azemel com huma mula buſcar peſcado, ou hortaliça à praça. Outras hia buſcar area ao Mondego pera as obras, nas quais ſervia aos trabalhadores. Ainda hoje ſe ve na cerca do noſſo Collegio de Coimbra huma calçada de pedras mal ajuſtadas, que ſe dis, poſto que diſto naõ encontrei documento eſcritto, que fora feita por eſte ſervo de Deos. Na Cidade do Porto, quando ali eſteve em miſſam, ſabia com huma tigela de barro, como os pobres, a pedir elmola pellas portas das cazas mais humildes. Quando era Provincial, logo que jantava, ſe naõ avia enfermos, que vizitar, ſe hia lavar a louça da cozinha, & ali gaſtava o tempo do repouzo fallando de Deos com o Irmaõ cozinheiro.

5 Na obediencia foi a meſma promptidaõ. Na Cidade do Porto recebeo cartas do ſeu Reytor de Coimbra, que logo vieſſe pera o Collegio; ſem demora ſe poz ao caminho: como tiveſſe os çapatos mui desbaratados, lhe diſſeram, que ſe detiveſſe, em quanto ſe reparavaõ com humas ſolas, de que neceſſitavaõ pera o caminho. Reſpondeo, que nas obras de obediencia naõ avia eſperas, com as quais ella ſe deſdourava. Pondoſe ao caminho, brevemente ſe tornaraõ os çapatos de todo inuteis. Por tanto com grande moleſtia ſua continuou athe Coimbra a pe, & deſcalço, & aſſim entrou no Collegio rindoſe, & cheyo de alegria.

6 Na doença, que teve no Porto, eſtando no hoſpital, o foi vizitar Joaõ Rodrigues de Sà Governador da Cidade, levando comſigo a Dona Ignes Senhora illuſtriſſima parẽta do meſmo Padre. Fazendolhe avizo de quem o vizitava, mandou pedir a Dona Ignes, que o naõ vizitaſſe, por entender, que niſſo encontrava a vontade do ſeu inſtituto. Aſſim o ſuperintendente do hoſpital, como Henrique Nunes de Gouvea lhe pediraõ encarecidamente, q̃ naõ fizeſſe tal injuria a tais peſſoas, & mais eſtando à porta do apozento. Nenhumas rezoẽs o puderaõ dobrar, dizendo reſolutamente com toda a modeſtia religioza, que naõ avia de permittir, ſer vizitado de mulher alguã eſtãdo enfermo, aſſim por naõ ſer neceſſario, como por naõ ſer conveniente ao rigor da diſciplina religioza. Com eſta repoſta aquelles fidalgos ſe recolheraõ pera ſua caza, indo muito edificados de taõ ſanta tezidaõ.

7 A inteireza, que elle tinha na obſervancia, procurava tiveſſem ſeus ſubditos. A todos hia diante com o ſeu exemplo. Procurava, que nada do neceſſario lhes faltaſſe; como quem ſabia, que a falta do neceſſario he a porta, por onde o demonio mete a largueza dentro nas Religioens. Por cauzas ligeiras tirava dos eſtudos aos Irmãos eſtudantes, & os mandava ſervir na cozinha. Fazia, que feitos os votos dos dous annos, ficaſſem algum tempo vivendo com os Noviços, porque ainda naquelle tempo naõ avia os annos, que chamamos do Recolhimento depois do Noviciado. No acodir aos carceres, hoſpitais, & ſemelhantes miniſterios da Companhia, elle era o primeiro, & os mais com o ſeu exemplo eraõ neſtas obras mui continuos.

8 Amou sempre a pobreza, como mãy. Sendo Preposito da Caza de Saõ Roque, nunca o puderaõ persuadir, que tomasse outros vestidos, em quanto se lavassem os que trazia, por quanto necessitavaõ disso: por tanto era preciso, quando dormia, porlhe outros limpos, mas na pobreza semelhantes aos seus, & deste modo o melhoravaõ. Dizia, quando nisto lhe fallavaõ, o de Santo Hilariaõ: que naõ avia, porque buscar delicias no cilicio.

9 Avendo de prègar em Odivellas, que he hum Mosteyro rico, & grandiozo distante duas legoas de Lisboa, indo pera la o dia antes da prègaçaõ, & podendo mui bem chegar ao Convento, se deixou ficar no Lumiar, só por fugir dos mimos, com que as Freyras o aviaõ de hospedar. No Lumiar buscou o hospital, depois de gastar a tarde em ensinar a doutrina. A cea foi hum pedaço de paõ duro, & secco. Levando por companheiro a hum Irmaõ, que tinha cuidado das obras da caza, lhe perguntou, se levava algum dinheiro? respondendo, que sim; disse o Padre: Bem pobre vindes vos, & logo lhe fez deixar o dinheiro escondido athe voltarem. Depois de ali no Lumiar fazer sua doutrina, mandou pór o Irmaõ à porta do hospital, onde se recolhera, com avizo, que se alguem lhe trouxesse alguma cousa pera a cea, o despedisse, dizendo, naõ ser necessaria. Em Odivellas se naõ quis hospedar na hospedaria commua, por ter noticia, que nos baixos moravaõ mulheres, & assim fes, que se lhe desse hum apozẽto livre deste inconveniente, que naõ era pequeno pera sua Angelical pudicicia.

10 Assas prova he de sua pobreza, o que fica referido, que usava comsigo, quando andava em missoens. Quando à noite se recolhia com os pobres nos hospitais, se no seu alforge tinha algum pedaço de paõ mimozo, o trocava por algum grosseiro de algum pobre, & deste comia. Outras vezes, pera que o tivessem por homem de pouco juizo, se assentava à porta de alguma caza, ou na rua, como os pobres, & ali comia.

11 Sendo Provincial na India, se retirou algum tempo a viver entre os noviços, & como elles. Logo pos todos os seus livros na livraria commua de caza, & ficou só com o Breviario, Constituiçoẽs, & livro dos Exercicios de Santo Ignacio. Porque o seu Breviario tinha mais algum aceio, & curiosidade, o deixou, tomando hum mais usado. Veronicas, Imagens, Reliquias, & Relicarios, que de Portugal levara pera a India, repartio entre os nossos, que andavaõ nas missoẽs, sem pera si reservar cousa alguma. Este desapego imitavaõ seus subditos, desfazendose naõ só de cousas, que podiaõ escuzar, mas ainda de muitas necessarias.

12 Tendo dado as couzas de devaçaõ, que disse, athe deu ao Irmaõ Francisco Duraõ huma Cruz, que comsigo trazia. Dizia com muito fervor aos Padres, & Irmãos: que se fossem fazer Reliquias por Christo, padecendo muito por seu amor, athe por elle derramar, quanto sangue tinham em suas veas.

CAPITULO XIV.

De sua charidade, cuidado do bem dos subditos, fervor em prègar, & confessar, & outras virtudes.

1 ERa o Padre Dom Gonçalo homem de singular charidade. Sendo Superior tinha especial cuidado dos enfermos. A miudo os vizitava, & com elles gastava a hora, que depois de jantar, & cea se determina pera fallar. Quando os enfermos eraõ muitos, chamava os saõs à enfer-

enfermaria, & ali em vos baixa, por naõ molestar os enfermos, lhes fazia huma pratica, emque tratava, como se deviaõ aproveitar da saude, & como aviaõ de tirar fruto das enfermidades.

2 Publicouse, quando era Provincial, o Jubileo do anno santo por espaço de quarenta dias, do qual era huma das condiçoẽs o dar alguma esmola aos pobres. Daqui tomou o Padre occasiaõ pera meter nos subditos huma proveitoza devaçaõ. Veyo a ser, que no dia, que o Jubileo assinava de jejum, guardasse cada hum ametade da comida, que se lhe dava ao jantar, & a levasse aos prezos. Como os mais à imitaçaõ do seu Provincial só passavaõ com paõ, & agoa, ficava aos pobres mui boa esmola. Esta se lhes levava logo, & a acompanhavaõ com outras obras de humildade, & charidade, como eram o varrerlhe, & alimparlhe o carcere, & fazer outros ministerios de si asquerosos. Depois lhe ensinavaõ a doutrina.

3 Mandou El-Rey fazer em Goa hospital pera remedio dos enfermos, que do Reyno chegavaõ nas viagens. Logo o Padre determinou alguns da Companhia, que servissem aos enfermos. Deu principio a esta charidade escolhendo treze; com elles se foi ao hospital, disse là Missa, deulhes a communhaõ. Depois de darem graças a Deos, os levou pellas enfermarias, assinando a cada hum certa estancia. Logo os ajuntou na caza, emque todos aviaõ de dormir. Ali lhes fes huma exhortaçaõ, de como se aviaõ de aver com charidade, & edificaçaõ, constancia, modestia, & sofrimento; & abraçandoos, se tornou ao Collegio, pera acodir às obrigaçoẽs de seu officio, & elles se ficaram no hospital por todo hum mes, em quanto ouve enfermos.

4 Aos subditos procurou adiantar muito em virtudes, & letras. No tempo do seu governo tudo no Collegio de Goa espirava santidade. Tinha o Padre muitos artificios santos. Aos mais moços fazia exercitar em diversas virtudes, propondo premios a quem mais se aventajasse, como eraõ Reliquias, Rozarios da Senhora, & outras cousas de piedade. Estas se repartiaõ a quem em tal, ou tal virtude mais exemplo dava, ou della mais actos fazia. Ouve, quem por esta occasiaõ dez mil vezes no dia com breves jaculatorias invocou o favor da Santissima Trindade. Com esta santa emulaçaõ crescia em todos o fervor, & andavaõ os entendimentos santissimamente occupados.

5 Nam tinha menos cuidado em os affervorar nos estudos. Aos Theologos, & Philosophos fazia ter varias conclusoẽs fora as ordinarias. Aos Humanistas propunha materias diversas, emque exercitassem seus estilos. Elle augmentou os estudos com hum Curso de Philosophia, do qual foi mestre o Padre Antonio de Quadros, que lhe succedeo no cargo de Provincial. O mesmo Padre Dom Gonçalo depois de acabar o officio, & governo, disputava com os Philosophos, & lhes presidia pera mais os adiantar no seu estudo. Todos os Domingos depois de jantar, em quãto foi Superior, gastava huma hora com os subditos, tendo com elles conferencia sobre varias virtudes mais conducentes ao nosso instituto.

6 Por ser elle em si tam austero, & observante, & querer, que à risca se fizesse, o que cõvinha à inteira observancia, tinha às vezes no governo seus fervores, em que parecia exceder aquella prudente moderaçam, que se requere em governos humanos, a que sempre a prudencia dâ suas quebras. E era o Padre tam humilde, que considerando estes seus fervores costumava dizer, que era melhor pera subdito, que pera Superior.

rior. Por querer os subditos só occupados nas suas obrigaçoẽs, era mui contrario a que gastassem o tempo em visitas de seculares, como cousa inutil, & que nam tem proveito algum, senam pegarem elles alguma cousa da sua ronha, costumes, & modos aos Religiozos. Porque deste rigor avia queixas, deu em hum sermaõ, como assima contei, rezaõ do que fazia. E ninguem fugia mais, que elle, de conversaçoens com seculares, dizendo, que era tempo perdido. So admittia vizitas de hum fidalgo chamado Dom Diogo de Noronha, & tambem o hia visitar muitas vezes, por ser homem bom Christaõ, & mui avizado, com o qual as praticas eram mui proveitozas. Perguntado este Dom Diogo de alguns fidalgos seus parentes, & amigos, que era, o que queria do Padre Dom Gonçalo, que tantas vezes fallava com elle? Respondeo: *Fallo com hum Clerigo o mais virtuoso, & avizado, com que nunca fallei: porque se tratais com elle cousas de espirito, arrebatavos; se da guerra, & de outras cousas seculares, a todos nos ensina: de maneira, que fallo com elle por aprẽder a fallar.*

7 Foi este Santo Padre incansavel em prègar, & tinha nesta faculdade modo suave, o qual junto com o seu grande espirito era huma sulpensam dos ouvintes. Daqui nascia succederlhe na Cidade do Porto começar a prègaçaõ pellas duas horas da tarde, & acabar pellas Ave Marias, sem enfado dos ouvintes. Elle se affervorava tanto, que huma ves prègando na Caza de Sam Roque encravou a maõ em hum prego, & nada sentio. Corria o sangue em fio, lançavaõlhe alguns lenços ao pulpito, para atar a ferida. Ouve por esta causa reboliço. Em nada o Padre advertio, senaõ depois de ter acabado o sermaõ.

8 Fazendo huma pratica à Senhora Infanta Dona Izabel mulher do Infante Dom Duarte na sua Capella, se lhe seccou tanto a bocca, que quasi naõ podia fallar. Mandou a Infanta trazer hum pucaro de agoa, peraque molhasse a bocca. Tomando o pucaro, o poz nas mãos da Senhora Dona Maria, que depois morreo Princeza de Parma, & ella se parou diante do Padre, offerecendolho. Porem elle sem advertir em quem tinha diante de si, foi adiante com a pratica bom espaço. Athe que a Infanta admirandose nam menos da modestia, & paciencia da filha, que do fervor do Padre, sorrindose disse ao Padre, que tivesse compayxaõ da minina, que estava ja cansada de esperar. Entam caindo no seu descuido, fez huma grande reverencia à mãy, & à filha em reconhecimento de tam singular honra, & mercè.

9 Os seus sermoẽs mais os compunha na oraçaõ, & meditaçaõ, que revolvendo livros. Em muito tempo nam vio outro livro mais, que o Breviario, a Biblia, & as vidas dos Santos Padres. A sua livraria eram as Imagens de Christo crucificado, & da Senhora. Era muito zelozo da honra de Deos. Sendo necessario, cortava rijamente nos seus sermoẽs pellos vicios. Nisto descontentou a muitos na India. Via a grande liberdade, que avia nos costumes, & se armou todo contra ella. Daqui nasceo dizerem huns, que era homem sem juizo, soberbo com a nobreza de seus parentes, & que era hum idiota, & sem letras

10 Vendo, que destes dittos podia resultar prejuizo no bem das almas, se resolveo aos convencer em publico. Prègando pois em hum numeroso auditorio disse na forma seguinte: *Sei, que dizeis de mim, que me tenho por grande fidalgo: se isto assim fora, chãmente o confessara; mas nam quero ser mentirozo; pois a minha nobreza, de que faço cazo, he*

he ser o minimo da Companhia. Dizeis, que sou idiota, & sem letras; tampouco nisto fallais verdade, porque eu estudei, & cuido, que com algum proveito, & sou Doutor em Theologia. Dizeis, que sou hum doudo, & nisto tendes rezam, naõ o posso negar, & por esta verdade vos perdoo as outras duas mentiras.

11 Divulgaraõ os Judeos, aquem muito perseguio pellas dezordens, que ficam assima ditas, que elle se hia pellos outeiros, & dava com pedras na cabeça como doudo. Sabendo destes dittos, prègando no Collegio de Goa disse: *Dizeis, que ando pellos outeiros da Ilha dando como doudo com as pedras na cabeça. E bem, cousas saõ as vossas, que cada dia fazeis, & que cada dia acontecem neste estado, pera hum homem Christam naõ dar com a cabeça pellas pedras, & fragas? De que vos espantais? Se tivereis amor de Deos, entenderieis, que era isso tudo pouco, pera oque devia fazer o bom Christaõ.*

12 Depois de ser Provincial lhe rogou o Padre Antonio de Quadros seu successor, que pera consolaçaõ dos da Companhia escrevesse os seus sermoẽs. Pera isso lhe mandou logo dar alguns cartapacios em branco. Começou a escrever, mas a poucas regras, ou por sua humildade, ou por se naõ divertir de outros exercicios mais uteis, tornou ao Padre Quadros rogandolhe muito, que o desobrigasse desta pensaõ, porque senaõ podia applicar a semelhante cuidado. E assim ouve de o escusar.

13 Como era tam incansavel em prègar, o foi tambem em ouvir confissoẽs. Entrando no Confessionario, pondo os olhos nos circunstantes, se nelles avia algum escravo, por elle he, que commumente dava principio ao seu trabalho. Costumava dizer, que às vezes debaixo daquellas roins capas estavaõ mui bons entendimentos, & que tinhaõ muito de Deos, como por vezes tinha encontrado. Disse, que andando pellas aldeas lhe viera à confissam huma moça de cantaro, tam apurada em sua vida, & tam cuidadoza da perfeiçaõ de sua alma, que elle se lhe naõ atreveria a antepor na virtude ainda a huma Religiosa de grande perfeiçaõ. Ja assima disse, como sempre confessava, em quanto duravaõ os penitentes.

14 As suas palavras eraõ todas de Deos: quẽ hia fallar com elle, devia ir preparado a fallar cousas santas. Indo a cazo com certos homens nobres, começou hum a jurar. Tanto que o ouvio, disse: *Senhores, ficaivos embora: nam me atrevo andar em companhia de homens, que juraõ; temo, que venha sobre elles, & sobre mim algum castigo do Ceo.* Hum Religiozo, que muito o tratou, disse, que nunca lhe ouvira palavra, de que se naõ pudesse tirar proveito. No seu exterior era secco; mas apalpado era mui suave. Se sabia, que algum Irmaõ andava tentado, ou desconsolado, ou por si, ou por outrem naõ descansava athe o nam consolar. Na meza o seu modo ordinario era levantar os olhos ao Ceo, & logo os punha nos Padres, & Irmãos, que comiaõ à meza, de tal maneira, que nunca se achou na meza, que algum Padre, ou Irmaõ naõ comesse, oque lhe punhaõ, que elle naõ visse, & logo chamava os que serviaõ, & lhes mandava, que trouxessem alguma cousa a tal Padre, ou tal Irmaõ, porque naõ comiaõ.

15 Era notavel a modestia, & recolhimento, comque andava pellas ruas, & praças: parecia, que sempre andava suspenso, & arrebatado. Contou hum Padre, que dandolhe elle os Exercicios de Santo Ignacio, de tal sorte se transportava, que era necessario tirarlhe pella roupeta, & espertalo, pera acabar de propor os pontos

da meditaçam.

16 Nas causas da honra de Deos era hum fogo. O Padre Luis Gonçalves da Camara, cuja admiravel vida em seu lugar escrevi, costumava dizer: *Que o Padre Dom Gonçalo era Santo de espada, & broquel.* O Padre Antonio de Quadros, cujas grandes virtudes escrevi, tambem disse: *Sabeis, que cousa he Dom Gonçalo? pareceme, que se Deos ouvera hoje de tomar hum homem, pera se encontrar com o Antichristo, nam escolhera outro, senaõ a Dom Gonçalo.*

17 Do fervor, comque se abraçou com a Cruz de Christo, tem o Padre Diogo Miraõ, que era Reytor do Collegio, estas palavras em huma carta pera Santo Ignacio: *Aqui esta comnosco hum fidalgo, que se chama Gonçalo da Silveyra: entrou na Companhia com boa resoluçaõ, so por motivo de buscar a Deos, & desprezar tudo por seu amor. Fes os Exercicios espirituais comgrande indifferença de animo. Nelles determinou ficar comnosco, o que antes lhe parecia difficultozo. He moço de grande juizo, & muito pezo, feito pera cousas grandes. Teve percepçam das verdades eternas, & daqui se moveo; parece, que as tem impressas no coraçaõ. O corpo he forte, & robusto, & he necessario aver cuidado em o moderar na aspereza pera comsigo: com tudo isto he mui docil, & cre o que se lhe dis. He moço de grandes talentos. He de grande exemplo ver o modo, comque se ha. He pera dar graças a Deos ver servir na cozinha, & officios baixos, & tratarse como cousa vil hum moço, que hâ pouco andava acompanhado com tres pagens, & hum ayo. Ouve no paço por esta causa grande alteraçaõ, & fizeram grande bulha seus parentes, que sam pessoas de altos postos. Mas a sua constancia assim a elles, como a nos he cousa maravilhoza.* Athe aqui o Padre Miram.

18 Levado o Padre Dom Gonçalo de seus notaveis fervores, alem dos tres votos da Religiaõ, fez os seguintes. Primeiro, *que nem directamente, nem com artificio, ou dissimulaçaõ procuraria relaxaçam dos tais votos.* Segundo, *que pellos ministerios espirituais nada receberia, nem ainda com titulo de esmola.* Terceiro, *que nunca por sua propria vontade avia de deixar a Companhia, ou o modo que tinha de viver. Que se por disgraça fosse despedido, cõ todo o esforço procuraria tornar à Cõpanhia. Que se o rejeitassẽ, & ficasse na sua maõ fazer o que quizesse, naõ escolheria outro genero de vida. Se os Padres lhe dissessem, que entrasse em outra Ordem, isso mesmo faria.* Sobre estes tam generozos principios fundou as admiraveis virtudes, que o fizeraõ digno de tanta gloria; & lhe grangearaõ tanta opiniaõ de Santo, que a Infanta Dona Izabel lhe escreveo à nao, quando jâ estava embarcado: que se voltasse da India a Portugal, sendo ella morta, a resuscitasse.

19 Os Padres da India tendolhe dado a licença pera ir à Cafraria, se admiravaõ de tal licença terem dado, & como isto lhes entrara no juizo, sendo o Padre taõ necessario na India ao bem cõmum da Companhia; mas Deos, que o queria fazer Martyr seu, os deslumbrou. Sendo certa Infanta de condiçaõ trabalhoza, rogaram as pessoas Reais ao Padre Dom Gonçalo, que muito a encõmendasse a Deos, peraque se amolgasse. Assim o fez, & tiveraõ suas oraçoens o effeito, que se dezejava. Tendo assim dado noticia das virtudes do Padre Dom Gonçalo, a demos agora das regioẽs, onde foi prègar, & logo da jornada, proveito della, & fim gloriozo.

CAPI-

CAPITULO XV.

Dasse noticia da Cafraria; missaõ, que o Padre Dom Gonçalo fez ao Reyno de Tonga, & do fim, que veyo a ter esta Missaõ.

1 AQuellas Regioẽs, a que os Portuguezes chamam Cafraria, cahem na Africa Austral. Foraõ mui pouco conhecidas dos antigos Geographos; & assim a estas, como a outras muitas as fes sabidas, & nomeadas a navegaçaõ das naos Portuguezas, as quais ao mundo deraõ a conhecer o mesmo mundo, que athe o tempo das nossas navegaçoẽs estava em grande parte como escondido, ou enterrado. Estendese esta Ethiopia em vastissimos Reynos cheyos de innumeraveis naçoẽs mui barbaras, & incultas, sem Deos, & sem lei. Em tempos antigos foi naquellas partes cousa mui estendida o Reyno de Monomotapa, cujo circuito abraçava mais de oitocentas legoas, fora muitos Reys, & Senhores grandes, que lhe tinhaõ seu reconhecimento.

2 Este grande Imperio, andando tempos, se veyo a dividir em varios Reynos, & Senhorios, como de ordinario vem a succeder, quando os Imperios chegam à sua maior grandeza, porque naõ podendo o Emperador animar tam grande corpo, poz a tres filhos seus por Governadores: elles, morto o pay, se levantaraõ cada hum com o destrito, que governava. Sempre ficou o de Monomotapa mais avultado, & de maior nome. Monomotapa quer dizer filho da terra, de sorte, que morrendo El-Rey dizem com espanto: morreo o filho da terra. Saõ estas gẽtes muito dadas a todo o genero de feitiçaria. O que mais he de admirar, que nenhum crime he entre elles mais castigado, se a cazo algum se castiga.

3 He a terra abundante de minas de ouro, & de marfim. Os vicios principais saõ os das feitiçarias, como disse, & os de ter muitas mulheres. Por isso, ainda que facilmente abracem a fè, saõ nella pouco constãtes, & se lhes fas muito duro deixar suas brutalidades. Hum dos costumes mais engraçados destes barbaros he, que se o Rey bebe, tosse, ou espirra, logo se sabe em toda a povoaçaõ; porque os que assistem em vos alta lhe daõ o seu, Deos te ajude: os de fora ouvindo aos de dentro fazem o mesmo, & os da povoaçaõ os imitaõ, & assim como as ondas, vaõ huns despertando aos outros. Tras El-Rey pendente da cinta huma enxada de ouro com seu cabo de marfim: com esta insignia quer significar aos seus, que sejaõ amigos do trabalho. Tambem tras duas azagayas, com que da a entender, que està preparado pera fazer justiça, & defender aos seus.

4 He esta regiaõ muito falta de mantimentos, ou porque de si naõ he fertil, ou porque a gente naõ he trabalhadora, antes hâ entre elles grandissimas invejas, quando vem, que algum se assinala entre os mais em cultivar a terra, ou em criar gados, & por isso tem mais de seu. Esta só causa basta pera o matarem, dizendo ser grande feiticeiro. Ha muitos bois, & bufalos: por preguiça, & inercia naõ trabalhaõ com elles; antes vendo, que os Portuguezes em Sena lavravaõ com bois, & com elles acarretavaõ pedra pera huma fortaleza, se ajuntavaõ a ver isto como cousa entre elles estranha. Outros muitos costumes tem estas gentes, de que tratam diffusamente, os que destas regioẽs escrevem, & seria historia larga, se todos aqui se ouvessem de referir.

5 O Reyno de Inhambane, ou Tonga chamado com este nome, que he tambem, o que tem a principal povoaçaõ do Reyno, fica pera a parte do Cabo de Boa Esperãça junto do Cabo das

das Correntes: entre elle, & o de Monomotapa fica outro Reyno. He esta terra muito doentia. Quanto à Religiaõ naõ conhecem aver Deos, nem immortalidade das almas. So fazem cazo, do que vem com os olhos. Nem tem artes, nem policias. Apenas trazem cubertas em seu corpo as partes naturais. Em huma palavra toda esta negragem tem mais de feras do mato, do que de homens.

6 Duas missoẽs fes o santo Padre Dom Gonçalo; a primeira foi a Tonga, ou Inhambane; a segunda a Monomotapa, onde morreo. Era tanto seu fervor, que naõ quis esperar, que Pantaleaõ de Sâ, que era seu parente, puzesse alguns negocios correntes em Moçambique, pera ir com elle no seu navio; mas acertando estar ali hum pangayo de caminho pera Inhãbane, se embarcou nelle em doze de Fevereiro. Foi mui bem provido à custa Del-Rey, afora mimos, & varias peças, que lhe deraõ Francisco Barreto, & Pantaleaõ de Sâ em ordẽ a ter, com que prezentear ao Rey da terra. Alem dos nossos Religiosos levava comsigo a dous Portuguezes, & a hum homem da terra, todos bem intelligentes daquella costa. Tratouse o Padre com muito rigor.

7 A jornada foi cheya de muitos incommodos, quais se entendem da embarcaçaõ, em que hiam. Della dis assim o Padre Andre Fernandes. *Partimos em hum zambuco, que he hum genero de navio, adonde nem assentado, nem em pè; nem deitado achavà homem bom lugar; & posto que eu avia ditto ao Padre o trabalho, & perigo, que era navegar em tal embarcaçaõ, toda via elle pellos grandes dezejos, que tem de padecer, quis que fossemos nelle. Donde sempre estava cansado, porque alem da falta do lugar, sobreveyo huma tempestade tamgrande, que esteve muitas vezes em perigo de se perder. Da hi por diante tivemos muitas chuvas, ventos por proa, sem ter, onde nos defender delles.* Athe aqui o Padre.

8 Sẽdo o Padre Dõ Gonçalo de natureza robusto, quando chegou a Inhambane, hia taõ fraco, & doente dos olhos, que alem de naõ ver, tinha hum corrimento taõ cruel, que bom espaço de tempo naõ pode levãtar cabeça. Vendose nestes apertos, arrastando o corpo quasi esmorecido pera debaixo de huma arvore, levantou a Deos seu coraçaõ encõmendandolhe a salvaçaõ da Cafraria. Logo fallando com a Senhora, em cujo sabbado estava, lhe rogou, que lhe alcançasse de seu santo Filho forças, pera continuar a empreza, a que o chamara. Feita esta oraçaõ, foi cousa notavel, & rara, que a febre se despedio, & se sentio com forças, & mais alento.

9 Dista a cidade de Tonga Corte do Rey como trinta legoas de Inhãbane pella terra adentro. Em quanto o Padre Dom Gonçalo se refazia, mandou diante de si fazer avizo a El-Rey, ao Padre Andre Fernandes em companhia de quatro Cafres. Naõ quis elle por sua humildade ir em hõbros dos negros, mas a pè, como elles. Prezaõse muito os Cafres da ligeireza no andar, & desprezam a quem naõ tem esta, que tem por gentileza. Deu o Senhor alentos ao Padre de modo, que sendo hum homem entrado na idade, & desacostumado a semelhantes viagens os pode acompanhar.

10 Quando chegou a Tonga, foi bem recebido Del-Rey, o qual se admirou, que sendo homem cuberto de cans, pudesse ter acompanhado na jornada aos Cafres. Logo mandou Cafres a Inhambane, pera trazerem à Corte ao Padre Dom Gonçalo: entre estes, que foraõ, alguns eraõ parentes do mesmo Rey. Ao Padre Andre Fernandes presenteou El-Rey com dous dentes de marfim, que elle com beneplacito do mesmo Rey deu ao

lin-

lingoa. Indolhe por diante humas febres, que no caminho lhe vieraõ, se pos em dieta de milho com agoa, & sal, que naõ avia outra cousa. O seu hospede, que era o lingoa, o sangrou duas vezes. A cama era só huma esteira sobre o chaõ. Sentiose, como elle dis em huma carta sua, muito mal; & vendo, que o seu hospede o tinha por muito enfermo, & arreceava, que morresse, lhe disse: Que sentia muito estar assim sobre o chaõ; q̃ por amor de Deos lhe mandasse cortar humas poucas de junças, & lhas lançasse debaixo da esteira; assim o fes, & dis o Padre: *Antes naõ lhas pedi, porque arreceei desedificalo.* De sorte, que só quando vio, que o hospede o considerava nas ultimas, se affoutou a lhe pedir, que debaixo da esteira lhe puzesse huma pouca de junça, entendẽdo, que por estar tal, o hospede se naõ desedificaria de procurar aquelle regalo. A virtude, que denota esta acçaõ, naõ se pode explicar, senaõ com admiraçoẽs.

11 Melhorou o Padre Andre Fernandes, sendo grande parte da doença, considerarse em tal solidaõ. Neste tempo o vinhaõ vizitar alguns filhos do Rey, aquem o Padre hia declarando, como avia Deos, & outras cousas pertencentes ao bem das almas. Elles se mostravaõ mui affeiçoados, & se offereceram com outros muitos, pera serem Christaõs. O Padre os foi entretendo athe chegar o Padre Dom Gonçalo, que veyo depois de dezasette dias.

12 Naõ deixou a jornada de lhe ser custoza, porque como estava pouco convalecido, & naõ podia ir a pè, os negros a cada passo o punhaõ no chaõ, pedindo, lhes desse alguma cousa, quando naõ, que ali o deixariam ficar no meyo daquelles matos; por tanto era precizo ao Padre ilos de continuo cõtentando. Quando chegava, o sahio a esperar o Padre Andre Fernandes; & ainda, que todos estavaõ da saude mal tratados, se consolaraõ grandemente com se verem hũs aos outros. Naõ se quis o Padre deter cousa alguma, fallou a El-Rey, deulhe as cartas do Vizo-Rey da India, & os prezentes, que lhe trazia, & declarou a causa da sua vinda, que era unicamente sua salvaçaõ, & a de seus vassalos.

13 Veyo o Rey no que o Padre delle queria. Logo com grande cuidado se foraõ ao Rey, & aos seus, praticando as verdades de nossa santa fê, ensinando a doutrina Christaã. Depois de estarem instruidas sufficientemente athe quinhentas pessoas, o Padre as bautizou. A El-Rey deu o nome de Constantino, à Rainha o de Dona Catherina, a hũa sua Irmaã o de Dona Izabel. Logo os Padres levantaraõ Igreja, & a dedicaraõ à Senhora da Assumpçaõ.

14 Escrevendo aos Padres, & Irmaos da India do que passou nesta occasiaõ, tem estas palavras: *Duas cousas me movem, Irmaõs charissimos, a escrever estas cousas: a primeira pera me lembrar do que todos temos obrigaçaõ de saber, & he, que se nos entregarmos todos a Deos, & a seu serviço, conformandonos com o que a santa obediencia nos ordena, acharemos em Deos vida, saude, & todas as cousas necessarias pera a vida em abundancia. A segunda pera que entendam, quando alguma enfermidade nos sobrevem por causa de Deos, que entaõ elle sò fas os nossos negocios, & quando elle os toma por sua conta, escusado he todo o nosso trabalho, & cuidado.*

15 *E assim quando alguma enfermidade, ou alguma tribulaçaõ nos quer desviar do nosso proposito, devemos sofrer tudo com paciencia, & de boa vontade, pondo todos nossos cuidados nas maõs de Deos, dandolhe infinitas graças, por querer sua divina Magestade fazer sò, o que nos outros por nossa soberba, & maldade,*

totalmente perderiamos. Bom exẽplo temos do que vou dizendo no que a nos outros mesmos nos hâ acontecido; porque estando gravemente enfermos, sem poder attender a cousa alguma, obrou Deos por sua infinita bondade por nosso meyo muito mais, do que puderamos fazer, nem cuidar estando mui saõs. Nossas enfermidades naõ sò naõ estorvaraõ a conversaõ dos Cafres, antes a ajudaraõ; pera que deste modo conheçamos a infinita clemencia de Deos, & nossa grãde insufficiencia. Eu partirei mui de pressa pera Monomotapa com a graça de Deos. Dizemme, que pode muito o demonio com seus enganos naquellas partes, & que naõ so leva aos miseraveis Cafres ao Inferno, senaõ que por todos os caminhos se mostra cruel contra os que entre elles tratam a causa de Deos, & que procura enganallos com seus embustes, & maldades. Eu naõ temo as forças, & enganos do demonio, porque cõfio no soccorro, & ajuda do Ceo: sò pera que Deos me ajude, dezejo muito naõ me apartar hum ponto de sua divina vontade, & pera que melhor o faça, me encõmendo em vossas oraçoẽs. Athe aqui a clausula da sua carta.

16 Sette semanas se deteve o Padre em Tonga, & tendo ali formado Christandade deixou pera a cultivar, & fomentar ao Padre Andre Fernandes, & Irmaõ Andre da Costa, & o Padre tornou a Moçambique, pera passar a Monomotapa. O fim, que esta Christande de Tonga veyo a ter, direi de caminho em poucas regras. Ficaraõ os dous servos de Deos mui desconsolados, por carecer da conversaçaõ de taõ bom pay, como tinham no Padre Dom Gonçalo.

17 Continuaraõ com a seara, na qual era muita a zizanha, & maior o trabalho em de todo a arrancar. Trabalhava o Padre muito por desterrar o vicio da poligamia, & os cazamentos incestuozos, pelo qual lhe cobraraõ tal odio, que por vezes estiveraõ pera o matar. Hâ entre estas gentes certa casta de homens, que chamam Sangas, grandes feiticeiros, & de grãde authoridade; porque sem mais averiguaçaõ se tem por verdade qualquer cousa, que dizem. Estes meteraõ na cabeça ao Rey, que o Padre era grandissimo feiticeiro: duas eram as provas do seu ditto. A primeira, diziaõ elles, q̃ tendo mais de cem annos de idade, como suas cans mostravaõ, tinha nos trabalhos tantas forças, & animo, que excedia aos de menos annos. A segunda, que trazia sempre hum livro nas maõs (este era o Breviario) & que o revolvia muitas vezes, & como naõ tinhaõ visto cousa semelhante, affirmavaõ, que ali avia hum notavel feitiço. Dis o Padre Andre Fernandes, que a primeira ves, que entre os negros tirou o Breviario, & o começou a folhear, se puzeraõ os negros à roda todos espantados, cuidando ser cousa viva.

18 Divulgaraõ pois os Sangas, que o Padre era feiticeiro. Naõ foi necessario mais, pera logo assim o crerem todos. Daqui nasceo fugirem delle, como de cousa peçonhenta. Tratando o Rey com os Sangas de extinguir os feitiços, pera livrar ao povo do medo, foi o meyo darlhe busca, & caça. Com muita gente de armas tendo discorrido por varias partes da povoaçaõ, entraraõ na Igreja, & caza do Padre, pera levar ao Rey os feitiços, que encontrassem; & como ouvessem às maõs hum vaso de barro, cuidando, que ali estavaõ todos os feitiços do Padre, se queriam sahir com elle; mas o Padre lho tirou, & fez em pedaços, de que ficaraõ mui espantados, naõ se atrevendo a continuar na diligencia.

19 Outra cousa irritou muito aõ barbaro Rey. Era persuasaõ daquelles negros, que o seu Rey tinha dominio sobre os tempos, sobre chuvas, ven-

ventos, & tempeſtades; & pera elle fazer medo a algum vaſſalo ſeu, baſtava dizer, que faria, que naõ choveſſe, & deixaria mirrar todos os frutos, & ſearas. Lidando muito o Padre pera o tirar deſta loucura, o tomou diante de muita gente, & o começou a examinar de muitas couſas naturais: de que ſe faziam as nuvens? Porque ſubiam ao alto, & eraõ levadas de humas pera outras partes? E couſas ſemelhantes. Como reſpondeſſe, que naõ ſabia, o Padre o arguio, de que ignorando, o que muitos ſabiam, quizeſſe tomar pera ſi o dominio dos tẽpos, que era ſó de Deos.

20 Pera mais o confundir, lhe diſſe: *Se tens eſſe poder, aqui diante de todos faze, que o ar ſe cubra de nuvens, & que venha logo ſobre a terra copioza chuva, que aſſim creriaõ todos ſer verdade, o que fingia; & ſe o naõ podia fazer, confeſſaſſe a ſua mentira.* Foi tal a efficacia das rezoẽs do Padre, que diante de todos confeſſou, que tal poder naõ tinha. Daqui creſceo a fama, de que o Padre era o maior feiticeiro do Reyno, & que as ſuas palavras, & a confiſſaõ Del-Rey tudo fora mero feitiço.

21 O barbaro conſiderando, que no que ſe lhe fizera dizer, perdera muito de ſua authoridade, tinha ao Padre grande aborrecimento: difficultoſamente lhe dava entrada, naõ queria desfazerſe de ſuas ſuperſtiçoẽs, eſte exemplo ſeguiam os vaſſalos. Daqui naſceraõ ao Padre graves trabalhos, em dous annos, que eſteve naquelle Reyno. O Irmaõ Andre da Coſta obrigado de crueis doenças ſe retirou a Moçambique. Ficou ſó o Padre Andre Fernandes naõ tendo peſſoa viva, com quem ſe conſolar. Padeceo rigorozas fomes, ſendo obrigado a dar pello ſuſtento as couſas do uſo da Igreja, que ſe podiaõ applicar a miniſterios profanos. Quatorze dias ſe ſuſtentou das folhas de huma ſerralha, que tinha à ſua porta. Sobreveyolhe huma febre lenta, que o hia conſumindo, & moendo.

22 Dezejava grandemente morrer naquelle deſamparo: ſó lhe dava cuidado, que ficando ſeu corpo ſem ſepultura, poderia inficionar o ar, & ſer nocivo a alguẽ; porquanto eſtava certo, que os Cafres o naõ enterrariaõ, porque coſtumaõ fugir muito de corpos mortos, nem os ſepultaõ, ſenaõ às eſcondidas: fez o Padre abrir huma cova de tras da arca, ſobre a qual tinha ſua cama; porque entrando, depois de eſtar morto, os Cafres iriaõ abrir a arca pera roubar o que em ſi tinha, & levantando a tampa, o corpo cahiria per ſi na cova, que de tras eſtava; & aſſim ficaria metido na terra. Fez o Padre eſta prevençaõ, porque tinha comſigo determinado de morrer entre aquelles barbaros, por ver ſe os podia abrandar.

23 Com tudo naõ ouve remedio, pera os deſperſuadir da ſua imaginaçaõ, de que era feiticeiro. E de cada ves mais aſſanhavaõ ao Rey cõtra o Padre, tanto, que lhe mandou dizer, que naõ enſinaſſe mais a ſua doutrina, nem reprehendeſſe os coſtumes, & ceremonias dos naturais, porque elle lho prohibia. Viſta eſta reſoluçaõ, diſſe o Padre a El-Rey, que elle naõ viera ao ſeu Reyno buſcar marfim, nem ouro, mas ſó a ſalvaçaõ de ſeus vaſſalos; que pois iſto ſe lhe impedia, naõ tinha elle, que fazer em ſuas terras; por tanto ſe queria tornar pera a India. Aſſim o fez, aonde chegou mais morto, que vivo. Eſte he o fim, q̃ teve a miſſaõ aberta em Tonga.

CAPITULO XVI.

Da jornada, que o Padre Dom Gonçalo fes a Monomotapa.

1 TEndo o Padre em Moçambique preparado a viagem pera Monomotapa, aſſiſtindolhe,

como sempre o fizera, Pantaleaõ de Sâ Capitaõ de Sofala, se fez à vela em hum navio ligeiro com seis Portuguezes, sem levar comsigo algum da Companhia. Partio no mes de Setembro de 1560. Indo navegando ao longo da costa como noventa legoas de Moçambique na foz do rio Mafuta, se levantou tal tempestade, que alagandose a fusta, se deraõ por perdidos. Neste tamanho aperto o Padre se poz de joelhos, & fez ao Senhor a petiçaõ, que em semelhante pressa fizeraõ a Christo seus discipulos: Senhor, salvainos, que morremos. Foi tanta a efficacia desta oraçaõ, que no mesmo ponto cessou toda a braveza dos mares, & dos ventos.

2 Logo saltaraõ em terra, fez o Padre levantar hum altar na praya à torreira do Sol, nelle disse Missa em dia de Saõ Jeronymo. A calma era tal, que estando os Portuguezes calçados, a penas podiaõ sofrer a quentura das areas; parecia, que os pès se lhe assavaõ. Como o Padre, em quãto disse Missa, nem tinha tenda, nem sombreiro, que o defendesse do Sol, padeceo muito. A cabeça lhe arrebentou em empollas, & bostellas: sendo que avia remedios à maõ, os naõ quis applicar, deixando a cura à natureza. Neste lugar se deteveraõ tres dias. Dali foraõ navegando com o mar quieto athe o rio Colimane, onde à entrada correraõ grande perigo. Finalmente chegaraõ a Migoaxant Rey de Giloa amigo dos Portuguezes, o qual os recebeo com benevolencia. Ainda, que era Mouro, deu licença, que no seu Reyno se prègasse a ley de Christo. Naõ se quis o Padre aqui deter, porque dezejava converter a El-Rey de Monomotapa, & feito este Christaõ, seria facil a conversaõ dos mais povos, & Reys inferiores em tudo ao de Monomotapa.

3 Deste lugar se fizeraõ à vela pera o rio Cuama, que dista trinta legoas de Sofala: na entrada ouve huma perigosa tempestade, que os obrigou a se recolherem na enseada de Linde, na qual se deteveraõ treze dias. Hum navio de sua companhia se perdeo no dia seguinte, por se naõ querer recolher com elles naquella enseada. De Linde chegaraõ a Cuama. Dezembarcando disse o Padre Missa na entrada do rio. Tornandose a embarcar, pedio aos Portuguezes, que pois entravaõ no Reyno de Monomotapa, encõmendassem a Deos sua missaõ, peraque o fim della correspondesse ao seu dezejo. E mais, que naõ tomassem a mal retirarse por alguns dias da sua communicaçaõ, pera nelles se dar mais a Deos, & lhe rogar o fizesse digno de levar seu santo nome àquelle Reyno, & nelle confirmar as verdades de nossa santa fê com seu proprio sangue.

4 Logo mandou no baileo da fusta por humas cortinas, onde por alguns dias se deu todo à oraçaõ, & liçaõ das vidas dos Santos. Seu comer era huma ves no dia hum punhado de graõs torrados, & agoa. Duraraõ estes santos exercicios por espaço de oyto dias, no fim dos quais chegaraõ a Sena, que era o termo da navegaçaõ.

5 De Sena mandou o Padre pedir a El-Rey de Monomotapa licença, pera ir a seu Reyno. Em quanto naõ chegou a reposta, se occupou em confessar, & doutrinar os Christaõs da terra. Poz em bom estado a muitos Portuguezes, que viviaõ desencaminhados. Bautizou quazi quinhẽtos escravos. Vizitou algumas vezes a El-Rey de Inhamior sogeito ao de Monomotapa, que morava huma legoa de Sena, o qual de boa vontade se fizera Christaõ cõ oyto filhos, que tinha, se o Padre o quizera bautizar. Consolouo, com lhe dizer, que se poderia o Rey de Monomotapa sentir, se acazo bautizasse a outros primei-

ro, que a elle. Tambem dilatou o Padre, por naõ ter quem deixar com elle, pera o instruir bem nas verdades de nossa santa fè.

6 Era passado hum mes, depois que chegara a Sena, quando chegou de Monomotapa Antonio Cayado Portugues mui valido Del-Rey, & Capitaõ mor dos portos daquelle Reyno, o qual vinha da Corte, pera levar comsigo ao Padre Dom Gonçalo. Logo fes o Padre huma trouxa dos ornamentos da Missa, & a levou a seus hombros sem consentir, que outrem o fizesse. Quando avia de passar algum rio, ainda que lhe desse a agoa pello pescoço, o passava levando os ornamentos sobre a cabeça. Quando o rio era tam profundo, que se naõ podia vadear, metiase em huma almadia, aqual os Cafres nadando levavaõ à outra parte do rio.

7 Vespera de Natal chegaraõ a huma aldea por nome Quitumquim naõ muito longe da Corte. No dia seguinte disse as tres missas com grãde cõsolaçaõ sua, & dos Portuguezes, que por ventura foram as primeiras, q̃ naquelle Reyno se disseraõ. Partindo deste lugar entraraõ dia de anno bom de 1561 na cidade de Monomotapa, que dà o nome a todo o Reyno. Em outros documentos acho, que dia de Santo Estevão he que entrara em Monomotapa. Naõ passou o Padre pellos lugares do Reyno sem fruto do seu trabalho, porque entrãdo na povoaçaõ Mabate, a fez toda Christaã; & lançandolhe a bençaõ, disse, que todos seus descendentes seriaõ Christãos. E assim foi athe o anno de 1603, no qual se tirou naquellas terras por mandado do Illustrissimo Senhor Dom Frey Aleyxo de Menezes Arcebispo de Goa a inquiriçaõ de seu martyrio: porque todas as vezes, que por ali passaõ Portuguezes, lhes offerecem as crianças, pera que as bautizem.

8 Tambem era publica voz, & fama dos Portuguezes antigos, que perecendo alguns Cafres à fome, o Padre lhes dava, o que levava pera comer, & sustentandose com jangomas verdes, dizia, que era hum manjar muito suave, & os que nesta jornada hiam com elle, & podiam alcançar algumas das jangomas de suas maõs, as achavam tam doces, & suaves, como se fora manjar vindo do Ceo. Chegando a huma povoaçaõ chamada Bomba pegada com a cidade de Monomotapa, achou hum Cafre, que estava pera morrer: avendo delle cõpaixaõ, o bautizou, pondolhe por nome Luis. Mas rezando sobre elle o Evangelho se levantou sam, & pedio de comer.

9 Tanto, que o Rey soube da chegada do Padre, tendo entendido dos Portuguezes ser homem de grãde nobreza, & virtude, o mandou vizitar com hum bom prezente de bois, vacas, milho, ouro, & gente pera o servir. Mandoulhe o Padre dar as graças pella merce. Regeitou os bois, vacas, ouro, & criados, dizendo, que de Antonio Cayado entenderia, quais eraõ as riquezas, que elle vinha buscar a seu Reyno. Sòmente acceitou o milho, que naõ podia escuzar pera seu sustento. Delle fazia tambem esmola aos pobres. Ficou o barbaro pasmado de ver a grãdeza do animo do Padre, por naõ acceitar o ouro, que todos tanto appetecem.

10 Depois mandou vir o Padre a sua prezença, recebendoo na recamara mais interior daquelle seu tal, ou qual paço, onde ninguem costumava entrar. Estando sua mãy prezente, o mandou assentar na mesma alcatifa, em que elle estava; ficando Antonio Cayado encostado nos umbrais da porta servindo de lingoa. Perguntou logo El-Rey, quanto ouro queria, quantas herdades, quantos bois; que na Cafraria he fazenda de grandissima estimaçaõ, & quantas mu-

mulheres? Refpondeo, que nenhuma coufa mais dezejava, que o bem de Sua Alteza. Entam voltando o Rey pera Antonio Cayado, diffe com grande efpanto: que naõ podia deixar o Padre de fer maior, que todos, pois fe naõ deixava vẽcer daquillo, q̃ a todos vẽce. Depois de muitos cũprimentos, q̃ com elle teve, o defpedio com palavras de grande amor, & cortezia.

11 Querendo no dia feguinte dizer o Padre Miffa, mandou concertar o Altar, & nelle poz huma fermofa pintura de noffa Senhora. Eftando dizendo Miffa, alguns dos fidalgos levados da natural curiofidade chegaraõ à porta da Capella. Ficaram admirados da formofura da Imagem: logo foraõ dizer a El-Rey, que o Padre tinha comfigo huma mulher muito formofa. Logo lhe mandou dizer, que lha foffe moftrar, que tinha muito dezejo de a ver. Sem demora a levou cuberta com hum pano de feda. Pera mais o affervorar no dezejo de a ver, antes de a moftrar, lhe fez huã pratica, emque lhe declarou, quam grande Senhora aquella foffe, como era mãy do Senhor, & Criador de todas as coufas, & Rey de todos os Reys. No fim defcobrio a Santa Imagem, & a moftrou a El-Rey, & a fua Mãy, que prezente eftava.

12 El-Rey lhe fez muita reverencia: huma, & muitas vezes rogou ao Padre, que lha deffe, que a dezejava ter comfigo, pera que depois da morte o enterraffem a feus pes. Depois da morte do Padre dizia, que fonhava muitas vezes com ella, & que por feu meyo alcançava victoria de feus inimigos, & que o Padre Gonçalo era Santo. Nam dezejava outra coufa mais o Padre; de boa vontade lha offereceo. Mandou fazer hum oratorio decentemente ornado na camara Real, onde a collocou. Contaraõ os Portuguezes, que de là foraõ pera a India, que a Rainha do ceo appareceo a El-Rey por finco noites continuas com grande refplandor, & mageftade na mefma forma, & figura, que a tinha no oratorio. E logo em amanhecendo pafmado daquella novidade contava à Rainha fua mãy, & aos Portuguezes a vizam, que de noite tivera. Os Portuguezes contavaõ logo tudo ao Padre Dom Gonçalo, o qual tinha inexplicavel alegria, por ver os favores, que a Senhora fazia a El-Rey, a quem elle tanto dezejava trazer ao conhecimento de feu Criador.

CAPITULO XVII.

Convertefe, & bautizafe El-Rey, & como o Padre foi martyrizado, & o mais, que nifto paffou.

1 COm as fobredittas apparições entrou em diverfos penfamentos o coraçaõ Del-Rey. Mandou chamar ao Padre, & lhe diffe, que eftava em grande trifteza, por naõ entender a lingoagem, em que a Rainha do Ceo lhe tinha fallado por finco noites. Refpondeo o Padre, que ninguem podia entender aquella divina lingoa, fe naõ depois que obedecia às leis de feu Santiffimo Filho, Deos, & Redemptor dos homens. Logo El-Rey deu moftras de querer fer Chriftaõ, & dahi a dous dias mandou dizer ao Padre por Antonio Cayado, que affim elle, como fua mãy queriaõ receber o fanto bautifmo, por tanto os foffe logo bautizar.

2 Pareceo ao Padre dilatar o que pediaõ, affim pera ferem bem inftruidos, como pera provar com a perfeverança a firmeza defte dezejo. Depois de os ter inftruidos, os bautizou dia da Converfam de S. Paulo. A El-Rey deu o nome de Sebaftiaõ, & à Rainha o de Maria. Mandou El-Rey naquelle dia de prezẽte ao Padre cem bois, os quais o Padre logo mandou

matar,

matar, & feitos em poſtas diſtribuir aos pobres por via de Antonio Cayado. Aſſombraraõſe os Cafres de tanta liberalidade, como de couſa nunca viſta em ſuas terras. Tanto que El-Rey ſe bautizou, ſeguiraõ ſeu exemplo trezentos fidalgos, que depois de catequizados receberaõ o ſanto bautiſmo; & nunca ſe apartavam do Padre, trazendolhe leite, ovos, manteiga, & outros prezentes a iſto ſemelhantes. Nam comia o Padre carne, contentandoſe com milho cozido, hortaliça, & frutas do mato.

3 Eſtava jà quaſi todo o povo abalado, pera abraçar noſſa Santa Fè, movido com o raro exemplo de ſantidade, que no Padre avia, quando o demonio procurou de affogar eſta divina chãma, que jà hia lavrando. Tomou por inſtrumento a quatro Mouros poderozos mui validos Del-Rey. O author da cõjuraçaõ foi Mingamis natural de Moçambique, & Cacis dos Mouros. Eſtes parte por ſi, & parte por outros fizeraõ entender a El-Rey a magoa, que tinhaõ do perigo, em que eſtava de perder a vida: dizendo, que o Cacis dos Portuguezes, a quem elle tantas honras fazia, viera por ordem do Vizo-Rei da India, do Capitaõ, & Regulos de Sofala eſpiar a terra, & ſolicitar os animos do povo contra ſeu Rey, & Senhor; & depois dar avizo, peraque o vieſſem conquiſtar.

4 Pera mais azedar a El-Rey, fingiraõ grandes mentiras, dizendo, que o Padre era o maior feiticeiro de quantos avia na Cafraria, que trazia comſigo varios feiticeiros, pera enfeitiçarem a gente, & matarem a El-Rey. Que todos aquelles, que deixaſſem lavar as cabeças pronunciando ſobre ellas as palavras dos Cangarios (com eſte nome chamaõ ali aos Portuguezes) na meſma hora, ou quizeſſẽ, ou naõ quizeſſem, ficavaõ ſogeitos ao Padre. Por tanto, que conſideraſſe bem, o que tinha feito, & o que devia fazer. Que ſe deixaſſe ir ſem caſtigo a tam grande feiticeiro, ſem duvida os ſeus aviaõ de perder o juizo, & huns aos outros ſe aviaõ de matar. A iſto accreſcentaram prezentes, que lhe deram.

5 Ouvindo o negro Rey, que ainda era mancebo, eſtas falſidades, perſuadido a que os Mouros lhe diziõ verdade, propos logo de mandar tirar a vida ao Padre, antes que elle, & os ſeus vieſſem a tal perigo. Do meſmo parecer foi a Rainha. Revelou Deos ao Padre aſſim o animo Del-Rey, como a traiçam dos Mouros. Diſto deu elle conta a Antonio Cayado, dizendo: *Bem ſei, que El-Rey anda traçando minha morte, aqual me naõ tomara ſem apparelho.* Teve Antonio Cayado eſta nova por couſa taõ ſem geito, que ſe começou a rir do que o Padre lhe dizia.

6 Chegandoſe pois o Sabbado de Suzana, que entaõ foi em quinze de Março, pedio a Antonio Cayado, que logo fizeſſe vir a ſua caza dous, ou tres Portuguezes, que na Corte andavaõ, porque os queria confeſſar, & juntamente a elle, & dar o Santiſſimo Sacramento, porque depois o naõ poderia fazer; pera aſſim cumprirem com a obrigaçaõ da quareſma, & tambem porque temia, que a furia dos barbaros lhes abrangeſſe a elles. Foiſſe detendo com a Miſſa, eſperando pellos que mandara chamar, & nam vindo elles a tempo, fez o ſacrificio da Miſſa, conſumindo as formulas conſagradas, que pera elles apparelhava.

7 No meſmo dia bautizou ſincoenta peſſoas dandolhes de veſtir, & Rozarios, pera ſe encõmendarem à Senhora. Vindo jà ſobre a tarde os Portuguezes, os ouvio de confiſſam; & com grande pas, & alegria do roſto os animava a ſofrer com paciencia, o que Deos delles ordenaſſe, naõ lhes declarando ſua morte, porque a naõ impediſſem. Porque Antonio Cayado

do nam estava prezente, lhes meteo nas mãos os ornamentos, peraque lhos entregassem. Tanto que se foraõ, vestio huma roupeta nova, a sobrepeliz, & estola, ficando em caza com a Imagem do Santo Crucifixo posta sobre o altar, & duas velas acсezas.

8 Tornando Antonio Cayado lhe disse: *Antonio Cayado, em verdade vos digo, que mais apparelhado estou pera receber a morte, do que meus inimigos estam pera ma dar. De boa vontade perdoo a El-Rey, & a sua mãy, pois que foraõ enganados dos Mouros, & por elles induzidos a me darem a morte, cousa, que eu tanto dezejo.* Dizendo elle isto com rosto alegre, & sereno se despedio Antonio Cayado, naõ se persuadindo, que coubesse tanta maldade nos novamente convertidos; porem deulhe de conselho, que se retirasse pera conservar sua vida tam necessaria aos que se tinhaõ bautizado.

9 Nam acceitando o Padre este conselho, lhe mandou dous criados seus, peraque o vigiassem aquella noite. Parece o dispos assim a divina providencia, peraque ouvesse quem desse testimunho da morte do Padre, & circunstancias, que nella ouve. Testimunhou Antonio Vas, como testimunha de vista, que o Padre ceou às Ave Marias hum pedaço de bolo de milho secco, & sobre elle bebeo huma pouca de agoa. Depois se pos a escrever pera a India, & Sofala. Mandou as cartas a Antonio Cayado pello mesmo Antonio Vas, mandandolhe, que naõ tornasse. Estas cartas, & ornamentos se perderam em huma fusta, que navegava pera Moçambique.

10 Os Cafres espreitaraõ por vezes o Padre pellas fendas da porta, & naõ entraraõ, em quanto o viraõ esperto. Disseraõ os criados de Antonio Cayado, que o Padre andara athe alta noite passeando junto da sua choupana com os braços em cruz, postos os olhos no ceo, donde esperava o alento, pera morrer pella Santa Fè, que prègava. Nenhuma cousa mais o affligia, que ver dilatarse a hora por elle tam appetecida. Os inimigos só esperavaõ, que se encostasse a dormir.

11 Finalmente cansado com taõ comprida vigia se recostou sobre huã esteira de canas. Tanto que assim o viraõ, entraram na caza oyto Cafres, dos quais era Capitaõ hum por nome Mocrumes, que muitas vezes comera com o Padre. Este se pos logo sobre o peito de bemditto Martyr, & quatro Cafres o tomaram pellos pes, & braços, & o levantaram no ar. Estando elle nesta postura, os outros lhe lançaraõ huma corda ao pescoço com seu nô corredio, & huns de huã parte, & outros da outra, o affogaraõ, lançando elle grande copia de sangue pella bocca. Os moços, que o vigiavaõ, com o medo se acolheraõ ao matto. Aconteceo tudo isto o Sabbado de Suzana de noite a quinze de Março, como consta da carta, que Antonio Cayado escreveo a Gaspar Gonçalves seu amigo, escritta no Sabbado depois de Lazaro do mesmo anno de 1561; aqual dis, que vira, o Padre Sebastiam Gonçalves. Donde consta o engano dos que escrevem, que o Martyrio do Padre Dom Gonçalo foi dia de Santa Suzana aos onze de Agosto, nam advirtindo, que o tal dia se chamava de Suzana, por se ler na Missa a sua historia.

12 Morto assim o Martyr do Senhor, converteraõ os barbaros sua raiva contra a santa Imagem do Crucifixo, & a fizeraõ em pedaços. Feito isto, foraõ arrastando o corpo athe o rio Mutate, no qual o lançaraõ: pera que [como fingiaõ os Mouros] nam causasse peste na terra o corpo de hum tam grande feiticeiro. Quando despojaraõ de seus vestidos o santo corpo, o acharaõ cingido de hum

hum cilicio de ferro, & assombrados com isto disseraõ, que homem, que se vestia de ferro, nam podia deixar de ser grande feiticeiro. Tambem se dis, que avendo no rio Mutate muitos Crocodilos, tragadores de gente, depois que nelle se lançou o santo corpo, nunca mais fizeraõ preza nas pessoas, que se chegavaõ ao rio. Mandou tambem o Rey matar a sincoenta Christãos, que o Padre no dia de sua morte tinha bautizado, tomandolhes primeiro as contas de rezar, & os panos, que o Padre lhes tinha dado.

13 Quando os trezentos Christãos, que depois do Rey se bautizar tinham recebido o santo bautismo, souberaõ a fereza, que usara com aquelles sincoenta, se foram ter com El-Rey, & com grande liberdade lhe disseram: *Que se mandava matar aquella gente, por se deixar molhar pello Padre, que tambem elle, & sua māy, & todos elles mereciaõ a morte, por terem consentido o mesmo em suas pessoas.* Tooulhe ao barbaro a rezaõ, & parou no seu furor. Dali a dous dias foi ter com elle Antonio Cayado, & os outros Portuguezes, & com graves rezoẽs lhe affearaõ a deshumanidade, daqual El-Rey de Portugal, & o Vizo-Rey da India lhe pediriaõ conta. Lançou elle toda a culpa aos Mouros, que o tinhaõ induzido. Logo os mandou matar: o mesmo fes aos conselheiros, & a sua māy. O principal motor se escapou, & fes a monte andãdo como outro Caim vivendo pellos matos sempre cheyo de sobresaltos.

14 Tambem se cumprio a profecia do Padre Dom Gonçalo, o qual disse antes de sua morte, que avia de vir huma perseguiçaõ de Cavalleyros de Christo, que a vingassem. Porque veyo sobre aquella terra tal praga de gafanhotos, que naõ deixaraõ em arvore folha verde, consumiram os mantimentos, & da geral fome, que ouve, morreo innumeravel gente. Tambem sobreveyo Francisco Barreto de Lima trazendo de Portugal muita gente de armas no anno de 1571 pera conquistar as minas de ouro, & prata da Cafraria, & com a guerra, que fes, castigou Deos bem a estas naçoẽs; & elle fes castigar a muitos, que tinhaõ concorrido nesta morte.

15 Destes culpados alguns se converteraõ a nossa Santa Fé. Entre os mais foi admiravel a conversaõ do Mouro Xeque Ampeo. Era este homem mui nobre, & entendido entre os Cafres, grandemente zelozo da sua seita. Foi este homem sempre observando os costumes do Padre Dom Gonçalo, & depois os que via nos Padres, que foraõ em companhia de Francisco Barreto: vendo, que as obras, que faziaõ, se davaõ muito com a rezam, começou a vacillar na sua crença. Andando cõ estes pensamentos, succedeo ser prezo, & metido em hum carcere defronte da porta da Igreja, donde notava as ceremonias dos officios divinos.

16 Notando assim estas, como outras obras santas, dormindo hum dia lhe pareceo entre sonhos, que se chegava a elle hum dos Padres da Companhia, que estava em Sena, & que com boas palavras lhe dizia, que deixasse a seita de Mafoma, & se fizesse Christaõ. A noite seguinte vio entre sonhos huma fermoza Crus, & ouvio huma voz, que lhe dizia, que fizesse, o que os Padres da Companhia lhe aconselhassem, & em tudo seguisse seu parecer. Contou elle estas suas vizoẽs a hum Antonio de Mello Portugues amigo seu, accrecẽtando, que se queria fazer Christam, & que desse ordem a fallar com elle algum da Cõpanhia, que o dirigisse.

17 Foi chamado o Padre Estevaõ Lopes: temendo naõ ouvesse aqui fingimento, & medo da morte, o desenganou, que ou se cõvertesse, ou

se nam convertesse, avia de morrer. A isto respondeo, que lhe nam dava cuidado a vida do corpo, mas só a da alma, que o bautizasse, & que depois da morte, pedia, que seu corpo fosse sepultado ao modo dos Christãos. Instruido, quanto bastava, foi bautizado. Neste tempo manifestou Deos com modo estranho, como era de coraçaõ a conversaõ de Ampeo. Estava muito no fim da vida hum mancebo nobre por nome Ignacio Mendes camarada de Antonio Valente tezoureiro Del-Rey. Por tres, ou quatro dias esteve com a falla perdida; depois rompeo nestas palavras: *Xeque Ampeo:* & as repetio muitas vezes.

18 Affligiose o tezoureiro Del-Rey, que tambem estava enfermo, & nam sabia da conversam de Ampeo, & disse ao enfermo: Como, sendo vos Christaõ, em tal hora tomais nome taõ malditto na bocca, sẽdo, como sabeis, esse homẽ taõ inimigo de Deos, de nossa lei, & dos Portuguezes? Dizei antes, JESUS, Maria, que saõ o remedio, & bem de nossas almas. Naõ acodio a isto o enfermo, calou hum pouco; & logo tornou a dizer: *Xeque Ampeo minha alma com a sua:* & calando espirou. Foi grande a tristeza de Antonio Valente, por ver, que aquelle seu fiel companheiro acabara com tais palavras na bocca. Com esta tristeza fallou com o nosso Padre Francisco de Monclaro contandolhe sua magoa. Quando o Padre tal cousa ouvio, ficou mui admirado, & contou ao tezoureiro a conversam de Ampeo, & accrecentou, que Deos com o testimunho daquelle virtuozo mancebo quizera declarar sua grande mizericordia, & ditozo estado de Ampeo.

19 Ouvindo isto o tezoureiro, assim como estava enfermo, se fes levar ao carcere, aonde vio com seus olhos a Ampeo abrazado todo em amor de Deos, feito prègador, & persuadindo aos outros Mouros, se abraçassem com as verdades de nossa Santa Fè. Pello ver o Padre Monclaro taõ fervorozo, quis, q̃ no bautismo se chamasse Lourenço. Foi bautizado com outros sinco Mouros, & dahi a poucos dias fazendo confissam de suas culpas acabou esta vida temporal, sendo morto por aver concorrido na morte do ditozo Padre Dom Gonçalo. Todos affirmavaõ, que o Santo Padre lhe alcançara no Ceo taõ feliz morte, sendo que era, o de quem menos tal cousa se esperava.

CAPITULO XVIII.

Em que se conta a relaçaõ da conservaçaõ estranha do corpo do santo Martyr Dom Gonçalo. E de huma cousa, que obrou em Frey Bernardo de Britto.

1 Tinha profetizado este ditozo homem, & Martyr do Senhor, em como seu corpo depois da morte naõ seria achado, nem venerado dos Christaõs; porem quis o Senhor, por quem dera sua vida, que jâ que o naõ veneravaõ os homens, o honrassem as feras da terra, & as aves do ar. Esta noticia, & cazo maravilhozo escreveo o Licenciado Affonso Leaõ Barbuda, que andou naquelles Reynos da Cafraria, & fez especial roteiro das couzas mais notaveis, & que encontrara, & vira: entre ellas foi esta do corpo do Padre Dom Gonçalo, a qual elle escreveo ao nosso Padre Francisco de Gouvea, que nesta provincia foi nosso Provincial.

2 A relaçam pellas formais palavras de Affonso Leaõ he a seguinte: *Entre as cousas, & notaçoẽs, que tenho em escritto, postas em lembrança, dignissimas de se imprimir em pera os vindouros, he huma mui notavel, que achei vindo das serras das minas de Monomotapa, à torna viagem*

gem pera a nossa fortaleza de Tete, donde por outro caminho entrei pera chegar às mesmas serras, he que chegando a huma paragem, onde entestaõ dous rios, que se apartaõ pera diversos lugares oppostos muito hum do outro. No remanso, que fazem a modo de enseada (como he a do Alfeite da banda de Almada) achei grande quantidade de aves, & passaros muito maiores, que perùs, & batardas, mui alvos das penas; & somente os cotos das azas eraõ pretos, os pes, & bicos mui vermelhos, & os olhos de varias cores, & fermozos, na cabeça tem huã pinha de penas, em sinco quinas, feitas em crus, & vermelhas. Muitas destas aves estavaõ postas num pao muito grosso de mais de doze varas de comprido, o qual era tam pezado, & forte, que parecia de ferro. Este pao estava junto a hum grãde, & espeço arvoredo, & brenha mui alta.

3 *Quis saber mais especificadamente do pao, & das aves, & tentando sahir em terra pera a parte da brenha, os moradores de humas povoaçoẽs vizinhas, que estam da outra banda do rio, avizaraõ aos tres negros, que hiaõ comigo, filhos de Reys, que por nenhum cazo sahisse em terra, porque aquelle pao estava ali avia muitos annos, o qual do fundo do rio o lançara ali a cheya com hũ corpo de hum homem branco vestido de negro atado. O qual homem branco certos tigres, & outros animais levaraõ nas boccas lâ dentro daquella brenha, & que nella o tinhaõ guardado, & inteiro, & que os mesmos animais como de guarda postos, o defendiam; & tinhaõ encerrado. E que depois de terem la levado o corpo, voltando à borda do rio, onde o pao estava, & todos juntos com as cabeças, & com as mãos levaraõ o pao nadando, & o puzeraõ bem junto à ribanceira da terra, onde o ditto corpo esta: & que tambem os animais defendem o pao, & que so consentiam aos dittos passaros, & aves porem se nelle de dia pera descançarem, & à noite pera dormirem. E nelle faziaõ huma taõ suave armonia de diversas vozes, que muita gente dos lugares comarcãos, que andavaõ pescando, de proposito se chegavaõ pera aquella parte, assim pera ouvirem a musica, como pera tomarem por ali mais peixe, que por outras partes. E intentando elles por vezes sahir de noite em terra pera aquella paragẽ, o naõ fizeraõ nunca com medo dos tigres, & outros animais ferozes, que sahiaõ da brenha, & discorriaõ pella praya do rio, em quanto os pescadores por ali andavaõ. E estes animais naõ faziaõ mal algum aos passaros, nem se elles espantavaõ, nem deixavaõ de cantar.*

4 *Puxando eu mais por este negocio, pello que jâ tinha advertido, & perguntado a negros mui antigos, & velhos, que me pareceraõ de bom entendimento: soube delles, & assim mo affirmaraõ, que ali dentro daquella brenha estava o corpo daquelle branco assim vestido como vinha amarrado no pao, & que naquella paragem o deixaraõ as cheyas, & que os animais o tiraraõ do pao, & levaraõ pera dentro da brenha, onde o tem guardado, & encerrado, & assim ao corpo, como ao madeiro guardaõ, & defendem, & somente aos passaros naõ offendem, antes lhe fazem tam boa companhia, que offendem aquem lhes fas algum mal; & se os pescadores tomaõ algum destes passaros, logo o largaõ, sem ouzar ao maltratar. E voce omnium, & dos negros mais antigos, & velhos daquelles lugares, achei, o que todos affirmaraõ, que o corpo, que esta naquella brenha, deve de ser de algum grande Santo, ou de algum Deos (fallam como gentios.)*

5 *O que achei por verdadeira informaçaõ, antes de chegar a esta*

paragem, que tenho ditto, foi, que eſte rio procede de huma grande lagoa, que eſta no alto da ſerra do grão Monomotapa, & que no principio deſte rio foi lançado o corpo do Padre Gonçalo da Silveyra, depois de ſer martyrizado pello Monomotapa, & atado em hum pao ferro muito groſſo fora deitado neſte rio, & que a inundaçam das muitas agoas do inverno trouxera pello meſmo rio abaixo o pao, & o corpo intacto, & que por fim apportou naquella paragem, & ahi o tem Deos poſto, guardado, & defendido dos brutos animais, com tam ſuave armonia de aves, & paſſaros, como ditto he.

6 Tudo iſto tresladei, & mando a Voſſa Paternidade do proprio original do memorial, que fis das couſas, que achei no Cabo de Boa Eſperança, & por toda aquella coſta da terra do Natal, & Fumos, & pellas partes, & paragens dos Reynos de Opãgua, & Nubugana, que ſam Reynos grandes de boa gente, mui fiel, domeſtica, & de bem fazer: onde achei novas, & tradição do Padre Gonçalo da Silveyra, que nas dittas partes andou, & fes grande Chriſtandade, aqual eſtá já mui inculta, bravia, & agreſte, por falta de obreiros da vinha do Senhor, da qual paragem ſahio o Padre Gonçalo da Silveyra pera Monomotapa, & quando ſe deſpedio daquella terra foi com grandes ſaudades, & muitas lagrimas dos moradores. E ſoube de hum negro muito velho, & honrado, que ao deſpedirſe diſſera o bemditto Padre: Filhos, eu vou chamado da obediencia, & nam poſſo alfazer, ſenão obedecer: no coraçam vos levo a todos, fazei ſempre, por ſerdes bons Chriſtaõs, & filhos de Deos, que já me nam vereis mais neſta vida, porque eu vou morrer pella fé de Chriſto.

7 Com eſtas palavras ſe levãtou entre os Chriſtaõs tam grande pranto, & alarido, que foi eſpanto, & com elle o acompanharam athe ſe embarcar. Eſte velho com outros me diſſeram o Padre Noſſo, a Ave Maria, Credo, Salve Rainha, Mandamentos de Deos, & da Santa Igreja, que o Padre lhes tinha enſinado, mas com algumas faltas, por lhes naõ lembrarem bem eſtas oraçoẽs. Eſte meſmo preto trazia ao peſcoço huma crus com huma veronica, & humas contas: & poſto que algumas couſas deixavaõ de dizer, folgavam muito de lhas enſinar. Diſſeme tambem da campainha, que tangia, quando dizia Miſſa, aquem elle chamava o grande branco, & grande ſanto. Diſſeme mais, que do Reyno de Monomotapa vieram ali ter mercadores negros com ſuas mercadorias, & lhe contaraõ, que o Monomotapa mandara matar a hum Cacis branco, & o mandara lançar no rio atado a hum madeiro grande, pera mais naõ apparecer.

8 Dis mais, que acharaõ hum Morungaco, que he como Duque, curiozo, que intentou mandar ſaber em ſegredo do ditto corpo, que os animais tinhaõ deſatado, & levado à ditta brenha, & que mandara a dous negros por huma parte, & que elle com muita gente de frechas, & arcos arremeteram por outra, que entretanto, que os animais ſahiram, & arremeteram aos dittos frecheiros, ſubiram os dous negros nas arvores, ſobre as quais eſtiveram dous dias, & q̃ viram o ditto corpo eſtar inteiro, & intacto no meyo da brenha, ao redor do qual ſe deitavam os meſmos animais com as cabeças junto delle, & que ſe revezavam como vigias de certo, em certo tempo eſtando eſpertos com a cabeça inclinada pera o ditto corpo, & que pera ſahirem os dittos dous negros, tornara o Morungaco com ſua gente, & que em os animais arremetendo, ſe deceram das arvores os dous negros, & ſe meteram em huma embarcaçam pequena,

que

que tinham escondido, & que se embarcaram secretamente, pera que os dittos animais naõ sahisse a elles, & que se senaõ afastaram da praya muito depressa, sem duvida os acabaram. Isto he o que escrevi, & passa na verdade: Mirabilis Deus in sanctis suis, & in omnibus operibus suis. Athe aqui a informaçaõ de Affonso Leaõ de Barbuda, daqual tras parte a Historia desta nossa Provincia, & eu a tresladei aqui de hum papel do Cartorio do Collegio de Coimbra, em que hâ este ultimo paragrapho, que naõ tem a Historia, & naõ he pera se passar em silencio.

9 Agora direi huma cousa, que parece milagroza, & a temos escritta da letra de Frey Bernardo de Britto, aquem a Monarquia Lusitana, & outras obras fazem bem conhecido no mundo. O favor, que elle alcançou de Deos pella intercessaõ do nosso gloriozo Martyr, he o seguinte, tresladado do testimunho original, que temos no Cartorio de Coimbra.

10 *Por esta por mim feita, & assinada certifico eu Frey Bernardo de Britto Religiozo da Ordem de Saõ Bernardo, Doutor em Santa Theologia, & Chronista mor de Sua Magestade nos Reynos de Portugal, que estando eu mui doente de gota a quaresma passada deste prezente anno de mil seiscentos, & quatorze nesta Corte de Madrid, & avendo mais de treze noites, que naõ dormia com grande força das dores, em especial do dedo polegar da maõ esquerda, onde nunca me tinha dado a gota, senaõ aquella ves, assim me atormentava mais, que as outras partes, tomei na maõ hum livro pequeno, que contem a vida, & martyrio do Padre Gonçalo da Silveyra da Companhia de JESV, que padeceo em Monomotapa, que me tinha emprestado Francisco de Lucena Secretario de Estado do Conselho de Portugal, & naõ me dando as forças das dores lugar, pera ler, nem pera dormir, ainda, que era mui noite, meti o dedo inchado entre o livro, & passando pella memoria a vida, & morte do Santo Varam Gonçalo da Silveyra, nam mui certo em meu animo, se era, ou naõ era verdadeiro Martyr, disse apertado das dores estas formais palavras.*

11 *Padre veneravel, se he verdade, que vos sois verdadeiro Martyr, & como tal tendes na gloria aureola, alcançaime de Deos alguma remissaõ destas dores, & ao menos, que possa dormir, & aquietar do trabalho, que padeço hâ tantas noites por falta do sono, & conforme a verdade do vosso martyrio se me conceda esta petiçaõ. Pouco depois de dittas estas palavras, adormeci como dedo inchado entre as folhas do livro, & me parecia, que estava lendo no mesmo livro, & achava nelle muitos milagres, & cousas notaveis, que nam tinha lido, & me admirava comigo dizendo; que donde averia tanta cousa nova em livro, que eu acabara de ler todo taõ pouco tempo avia, & de tal modo me durou este sonho todo o tempo, que dormi, que ainda depois de acordado estava como attonito das cousas, que taõ claramente vira accrecentadas no livro da sua vida, das que nelle vira; & acordando do sonho, & tirando o dedo de entre o livro, o achei sem dores, & desinchado, & caindo em como dormia, & estava sem dor na parte, que mais me molestava, dei graças a Deos, & a seu servo escusando a duvida, em que puzera a verdade do seu martyrio, & pella menhaã mostrei o dedo sam aos que a noite antes o viraõ tam mal tratado, & contei a merce, que Deos me fizera, & dos muitos, que o viram, me lembram Manoel Serveira Pereira Governador, que foi de Angola, Lobo Rodrigues de Bivar, Pedro de Souza meu criado, & outras muitas pessoas, que me naõ lembraõ,*

& que

& que tudo paſſe na verdade o affirmo in verbis ſacerdotis, & por tanto paſſei a prezente de minha maõ em Madrid 3. de Setembro de 1614. Frey Bernardo de Britto.

12 Eſta he a vida glorioza, & glorioza morte do ſanto Padre Dom Gonçalo. O dia, em que morreo naõ he facil dizello ao certo, porque como foi morto jà alta noite, ſó Deos ſabe, ſe foi antes, ou depois da meya noite dos quinze de Março, por iſſo huns o tem em quinze, outros em dezaſeis. Deſte Padre eſcreveram muitos Authores aſſim da Cõpanhia, como eſtranhos. Podemſe ver no Agiologio Luzitano em dezaſeis de Março. Entre elles he hum o noſſo inſigne Poeta Luis de Camoens no livro decimo dos ſeus Luſiadas oitava noventa, & tres, onde tem:

Ve de Monomotapa o grande Imperio
Da Salvatica gente negra, & nua,
Onde Gonçalo morre, & vituperio
Padece pela Fè ſanta ſua.

O meſmo Poeta na primeira parte das ſuas Rimas tem o ſeguinte Soneto, que he o do numero trinta, & ſete.

Naõ paſſes caminhante: quem me chama?
Huma memoria nova, & nunca ouvida,
De hum que trocou finita, & humana vida
Por divina, infinita, & clara fama:
Quem he, que tam gentil louvor derrama?
Quem derramar ſeu ſangue nam duvida,
Por ſeguir a bandeira eſclarecida
De hum capitaõ de Chriſto, que mais ama:
Ditozo fim, ditozo ſacrificio,
Que a Deos ſe fez, & ao mundo juntamente,
Apregoando direi taõ alta ſorte:
Mais poderâs contar a toda a gente,
Que ſempre deu ſua vida claro indicio,
De vir a merecer tam ſanta morte.

13 Quanto à diſpoſiçaõ do corpo, tem o Padre Manoel da Veyga no memorial da caza de Saõ Roque no tratado quarto capitulo ſegundo. Era o Padre Dom Gonçalo de boa eſtatura, roſto comprido, & magro, ſemblante, que tirava mais a ſevero, que a brando, ſentenciozo nas palavras, animozo nas emprezas, & deſprezador de todo o luſtrozo, & eſtimado do mundo. A vida, que aqui fica eſcritta, he recolhida aſſim dos Authores, que delle eſcreveraõ, em eſpecial do Padre Doutor Nicolao Godinho, que de Latim anda traduzida em Caſtelhano, & do noſſo Padre Sebaſtiaõ Gonçalves no livro oitavo da ſua Hiſtoria manuſcritta das couſas, que os da Companhia fizeraõ na India, que he obra de bello eſtilo, & diſpoſiçaõ, & digna de andar nas mãos de todos; porem muitas couſas eſpeciais, que naõ tem os Authores, que deſte Padre eſcrevem, ſe tiraraõ dos muitos documentos, que de ſuas virtudes ſe guardaõ no Cartorio do noſſo Collegio de Coimbra. E aſſim nenhuma das vidas, que deſte Padre andaõ eſcrittas, tẽ tantas couſas, como eſta. Na vida do Padre Meſtre Simaõ Rodrigues refiro a ſaude milagroza, que com ſuas oraçoẽs alcançou ao Padre Dom Gonçalo, & que por lhe fazer Deos eſta merce em dia de Saõ Silveſtre, algum tempo ſe chamou com o nome de Silveſtre.

14 Quan-

14 Quando falleceo em Roma o Padre Aſſiſtente Nuno Maſcarenhas, homem na Corte Romana de grandiſſima authoridade com o Papa, & Cardeais, andava em pertençaõ, de que o Papa concedeſſe aos da Companhia, pudeſſem dizer Miſſa, & rezar do Padre Dom Gonçalo.

CAPITULO XIX.

Vida do Veneravel Martyr do Senhor o Padre Ignacio de Azevedo, & Martyrio de ſeus bẽafortunados cõpanheiros.

No mar das Canarias aos 15. de Julho de 1570.

Sua patria, & nobreza: entra na Companhia, & ſe dis o diſcurſo de ſua vida athe ir em companhia do Arcebiſpo Primas na vizitaçaõ do Arcebiſpado de Braga.

1 O Veneravel Padre Ignacio de Azevedo, ainda ſem o gloriozo fim, comque ſe coroaraõ ſuas virtudes, foi hum dos maiores homens em ſantidade, com que Deos quis honrar eſta ſua minima Companhia. Sua patria foi a inſigne Cidade do Porto; & he o naſcimento deſte illuſtriſſimo Martyr do Senhor huma das couſas, de que ella pode ter maior gloria. Seus pays foraõ por ſangue illuſtres, & de familia muito authorizada; deſcendentes dos Malafayas, & Azevedos, que obraram grandes façanhas aſſim na reſtauraçaõ do Reyno por El-Rey Dom Joaõ o Primeiro, como na tomada de Ceuta, & outros lugares de Africa.

2 Seu pay ſe chamou Dom Manoel de Azevedo: foi Commendatario de Saõ Martinho moſteiro antigo no Arcebiſpado de Braga. Seu avo foi Dom Joaõ de Azevedo, a quem El-Rey Dõ Affonſo o Quinto deu o Biſpado do Porto, o qual ouve de Dona Joanna de Caſtro filha de Fernaõ de Souza alguns filhos. Eſte Dom Joaõ era filho de Luis Gonçalves Malafaya, que foi Veador da fazenda Del-Rey Dom Affonſo Quinto, & de Dona Philippa de Azevedo, Senhora de igual nobreza a ſeu marido.

3 Teve Dom Manoel varios filhos; o primeiro foi o noſſo Dom Ignacio, que aſſim ſe chamou ainda na Companhia, em quanto a ſegunda Congregaçaõ geral, a que elle ſe achou prezente, naõ deſterrou da Companhia o tal appellido. O ſegundo foi Dom Franciſco de Azevedo, ou Atayde, em quem o noſſo Dom Ignacio entrando na Companhia renunciou o ſeu morgado. Outro filho de Dom Manoel foi Dom Jeronymo de Azevedo conquiſtador de Ceilaõ na India, da qual foi Vizo-Rey.

4 A occaſiaõ, que ouve pera Dom Ignacio tomar a reſoluçam de entrar na Companhia, foi a ſeguinte. Prègãdo na Cidade do Porto o noſſo Padre Franciſco Eſtrada fez ali grande abalo com ſuas Apoſtolicas prègaçoẽs; por ellas ſe deu muita gente ao eſtudo da perfeiçaõ: entre os grãdes diſcipulos, que teve o Padre Eſtrada, foi hum Henrique Nunes de Gouvea Cidadam mui nobre, & principal, que, como direi em ſua vida, veyo a fallecer tendo feito os votos de eſtudante na Companhia. Era Henrique Nunes vizinho de Dom Ignacio, o qual depois, que ouvira os ſermoẽs do Padre Eſtrada, tinha comſigo cobrado hũ certo deſamor a eſtas vaidades tranſitorias, das quais elle em ſua riqueza, nobreza, & dons naturais tinha nam pequena parte.

5 Retirouſe entre eſtes ſeus penſamentos a huma ſua quinta, que chamaõ de Barboza, que eſtà no deſtritto de Paſſo de Souza, ſinco legoas diſtante da Cidade do Porto, a qual he aſſento, & cabeça do morgado

dos

dos Azevedos de Entre-Douro, & Minho. Entendeo Henrique Nunes os cuidados de Dom Ignacio, dezejando, como tam ſanto, que era, ganhallo de todo pera Deos, ſe foi ter com elle àquella quinta. Trataraõ entre ſi das vaidades, & pouquidades do mundo, & dos bens eternos, em que ſó avia perſiſtencia. Deixouſe Dom Ignacio penetrar tanto de Deos, que ſe reſolveo com Henrique Nunes, irem ambos ao noſſo Collegio de Coimbra tomar os Exercicios eſpirituais de Santo Ignacio.

6 Chegados a Coimbra, ambos dentro em o noſſo Collegio fizeraõ os dittos Exercicios por eſpaço de hũ mes continuado, no qual jejuou todos os dias, & tomou tambem todos os dias cruel diſciplina: nunca abrio a janela, nem de dia teve outra luz mais, que a da candea, pera ter maior recolhimento de ſeus ſentidos. Todo ſe pos nas mãos de Deos. Quãto à eleiçaõ do eſtado, que avia de ſeguir, deixou ao Padre Luis da Grã Reytor do Collegio, & a Henrique de Gouvea, aos quais pareceo, ſer vontade de Deos, que Dom Ignacio ſe conſagraſſe ao Senhor em ſua Cõpanhia. Tinha neſte tempo vinte, & hum annos de idade. Foi tanto, o que a graça de Deos obrou naquelle nobre mancebo, que depois dos Exercicios pedio ſer admittido na Companhia, & nella entrou no Collegio de Coimbra aos vinte, & tres de Dezembro de mil quinhentos quarenta, & oyto, renunciando a caza em ſeu Irmaõ Dom Franciſco. Logo ſe entregou mui deveras ao exercicio de todas as virtudes Religiozas, oraçam, mortificaçaõ, abnegaçam, & a todas as mais.

7 Do ſilencio era taõ amigo, que ſe lhe hiaõ os dias ſem fallar palavra. As horas de oraçaõ mental eraõ muitas, & tantas as lagrimas, que ſe achava dellas molhado o chaõ. Nas penitẽcias, jejuns, diſciplinas, & cilicios foi tal ſeu exceſſo, que ſe enfraqueceo ſobre maneira. Deuſe muito aos officios humildes, & alguns ſoube, como ſe ouveſſe de viver delles. Sahio inſigne alfayate, & çapateiro. Nos annos adiante ſempre conſervou a alcofinha, em que trazia os inſtrumentos deſta mecanica. Elle remendava, & concertava os çapatos, & veſtidos, & fazia outras humildades, de que fallarei em ſeu lugar, que agora vou ſomente dizendo em ſumma o diſcurſo de ſua vida.

8 O que paſſou àcerca dos eſtudos tem o Veneravel Padre Ignacio Martins, que foi ſeu condiſcipulo, por eſtas palavras: *O Padre entrou jâ muito homem na Companhia, exercitouſe em acozinha, & outros officios baixos com grande edificaçam. Pareceo à obediencia o ouvir Artes, & Theologia, & aſſim partimos pera ir ouvir hum Curſo, que em Saõ Fins leo hum Padre de caza. E alguns vinte, que fomos, convem a ſaber Reytor, Meſtre, & diſcipulos todos fomos a pè, divididos poucos, & poucos. Eu hia com o Padre Ignacio de Azevedo, & Affonſo Barreto, & outros dous. E o Padre Ignacio de Azevedo nos levava a obediencia; & tinhamos duas horas de meditaçam pellas menhans, & outras duas à tarde: & depois communicavamos os ſentimentos da oraçam; a qual cõmunicaçam nos ajudava muito.*

9 *Eſtivemos em Saõ Fins dous annos ouvindo o Curſo. Neſte tempo o Padre Ignacio foi o vizitador, & eſpertador dos outros, & o que repartia as porçoẽs na cozinha. Entam ſe vinha aſſentar à meza; & no comer era notavelmente aſpero comſigo. E hum dia diſſe, que nam era digno de comer paõ alvo, mas que dezejava de comer do paõ dos farelos, que daõ aos caens de caza. Era eſtilo daquelle Curſo meditar hora, & meya pella ſemana ante Miſſa, & aos domingos duas horas, por ſe dizer a Miſ-*

Missa entam tarde; por nam averem vindo ainda as Regras de Roma, & depois da Missa communicavamos cada hum com seu companheiro os sentimentos por hum quarto de hora; & entam hiamos a nosso estudo.

10 *Neste tẽpo avia muitas mortificaçoẽs; porque alem das que o Superior dava, tinha cada hum com seu companheiro as obediencias revezadas. Foram deste Curso o Padre Marcos Jorge, o qual entrou na Cõpanhia jâ homem, & muito bom Canonista. O Padre Pedro da Fonseca entrou jâ homem tambem. O Padre Gonçalo Alvres Vizitador da India jâ homem. O Padre Marçal Vaz tambem entrou homem. O Padre Ignacio Martins, & o Padre Affonso Barreto eram moços. E nam sendo ainda de ordens sacras, todos se fallavam por vòs, & era esta lingoagem da Companhia, & os Padres por Reverencia, mas os Irmaõs por vòs. Acabado o Curso, nos partimos todos a pè pera Coimbra.* Athe aqui as palavras do Padre Ignacio Martins. Nesta occasiaõ indo a Saõ Fins o Padre Mestre Simaõ, vendo ao Padre Ignacio de Azevedo mui magro, & consumido, lhe disse: *Irmaõ, engordai, tomai cores, & forças pera o divino serviço.* Foi cousa, que todos notaraõ, que dentro de poucos dias entrou em si, tomou carnes, & cores. O que tudo se attribuio à virtude do Padre Mestre Simaõ. No anno de 1553 tomou em Braga no mes de Fevereiro todas as ordens sacras: deulhas o Bispo Massilitano Dom Francisco da Conceyçaõ; como vi na carta de ordens.

11 No mesmo anno de mil quinhentos sincoenta, & tres começou a ser Collegio a caza de Santo Antaõ o velho em Lisboa, & se abriram nella escolas. Athe entaõ aquella caza era huma como Residencia do Collegio de Coimbra: neste anno, que foi erigida a Collegio, começou a ter por seu primeiro Reytor ao Padre Ignacio de Azevedo: no mesmo anno entrou a ser primeiro Preposito da caza de Saõ Roque o santo Padre Gonçalo da Silveyra, que naõ he pequena gloria destas duas cazas serem seus primeiros Prelados dous Martyres tam insignes. Neste seu governo era grande o fervor, com que acodia a tudo, o que era trabalho. Ensinava a doutrina em a nossa Igreja, acodia às galès, carceres, & hospitais. Nas confissoẽs era incansavel. Trabalhava por hum Collegio inteiro. A tudo abrangia seu grande espirito, & o ajudavam as forças, & robustèz do corpo, o qual parecia ser amassado pera toda a sorte de asperezas. Cõ tal Reytor se santificaram as paredes do Collegio de Santo Antaõ, que està na rais do monte do Castello de Lisboa, & hoje he dos Padres Ermitaens de Santo Agostinho, aquem aquelle edificio se vendeo, quando nos mudamos pera o Collegio novo, em que hoje moramos.

12 No anno de mil quinhentos sincoenta, & seis falleceo em Roma nosso gloriozo Padre Santo Ignacio. Pera assistir à eleiçaõ do novo Geral, foi a Roma com os eleitores o Padre Provincial Miguel de Torres. Em seu lugar deixou por Vice-Provincial ao Padre Ignacio de Azevedo. O qual neste tempo, que teve a seu cargo a Provincia, vizitou as nossas cazas a pè, levando diante hum jumentinho com os papeis, capas, & algum sustento. Elle nas estalagens o pensava, & ao partir o preparava. E foi nesta materia o primeiro exemplo, que sei ouvesse nos Superiores de toda esta nossa Provincia. O segundo foi o Padre Gonçalo Vaz de Mello. Nem este rigor he facil em homens, que saõ jà mui entrados na velhice, como de ordinario saõ os nossos Provinciais, o que naõ tinha o Santo Padre Ignacio de Azevedo, que entaõ estava na flor dos seus annos.

13 Depois estando na caza de Saõ Roque por morador, & Ministro da mesma caza entre outras obras de charidade, em que se vio muito sua virtude, foi o cuidado, que teve de tres pobres enfermos. Deraõlhe noticia, que em certa parte avia huns tres enfermos taõ nojentos, que naõ avia, quem a elles se pudesse chegar: & assim pereciam com summo dezamparo. Logo os foi buscar o Padre Ignacio. Achou aos tres miseraveis mais mortos, que vivos, cheyos de corrupçaõ, & podridaõ. Fazia sua fealdade estranho horror aquem nelles punha os olhos. Examinandoos com algumas perguntas, entendeo, que o estado das almas era tal, como o dos corpos.

14 Tratou de lhes curar as almas: logo negociou no hospital lugar, em que fossem curados, & assistidos com o necessario de algumas pessoas pias. O Padre Ignacio tomou à sua conta curarlhes, & alimparlhes as podridoẽs. A todos tosquiou com suas maõs. Hum destes despedia de si tam pestilente cheiro, que ninguẽ se podia chegar a elle, sem enjoar. O mesmo enfermo bradava à gente, que se afastassem daquelle lugar, porque o roim cheiro de seu corpo lhes nam fizesse mal. A este alimpava o Padre Ignacio com inexplicavel charidade. Vindo neste tempo de Evora, onde era Reytor, a Lisboa, o veneravel Padre Leaõ Henriques, homem de grandissimas virtudes, como em seu lugar escrevi, contandolhe a charidade, que hia todos os dias usar com aquelles mizeraveis o Padre Ignacio de Azevedo, quis ir vela com seus olhos, & assistir a cousa tam digna de veneraçaõ. Foi por companheiro do Padre Azevedo, o qual preparou os seus unguentos, panos, & instrumentos de surgiaõ: começou a curar o seu enfermo, alimpar as chagas, & espremer as materias; com o cheiro pestilente, que vaporavam, deu hum desmayo no Padre Leaõ Henriques, sendo assim, que era muito animozo, & naõ era desacostumado a tratar com enfermos nos hospitais. Porem o Padre Ignacio de Azevedo se avia com tal segurança, & fortaleza, como se estivera em algum prado de cheirozas flores. Com estas obras de charidade assim se lhe affeiçoaraõ aquelles miseraveis enfermos, que fizeram em ordem ao bem de suas consciencias, quanto o Padre delles queria. Todos se resignaraõ na võtade de Deos, sofrendo com paciencia as molestias, em que se viaõ, das quais finalmente morreraõ, assistindolhes o Padre Azevedo athe darem a Deos suas almas.

15 No anno de mil quinhentos, & sessenta foi eleito por Arcebispo de Braga o incomparavel varaõ Dom Frey Bartholomeu dos Martyres da Ordem do gloriozo Padre Saõ Domingos. Tinha elle cobrado grande amor aos nossos Religiozos, depois que os teve por discipulos em Evora, quando ensinou Theologia ao Senhor Dom Antonio filho do Infante Dom Luis, de quem alguns nossos eram condiscipulos, & pera isso tinhaõ vindo de Coimbra, entre os que foraõ dar principio ao nosso Collegio de Evora. Logo que este santo homem foi obrigado por obediencia de seus Prelados a acceitar aquella dignidade, escreveo ao Padre Diogo Laynes entaõ Geral da Companhia, significandolhe o amor, que sempre tivera aos nossos Religiozos, & que tanto, que o elegeraõ, ou obrigaraõ a tomar sobre si tamanha carga, determinara ter por seus coadjutores aos Padres da Companhia. Que por ser a sua Diecesi dilatada, & mui falta de doutrina, lhe avia pello menos de conceder athe des Religiozos, que fossem ensinando a doutrina, prègando, confessando, & explicando cazos de consciencia, em quãto elle nos naõ fundava Collegio.

16 Ten-

16 Tendo escritto nesta forma ao Padre Geral, alcançou de quem governava a Provincia, lhe mandasse logo alguns Padres. Foraõ dous, & hum Irmaõ: dos Padres era hum o nosso Padre Ignacio de Azevedo. Em Braga se recolheraõ no hospital de Saõ Marcos: viviaõ das esmolas pedidas pellas portas, sem querer usar nem das liberalidades, que o Arcebispo lhes mandou fazer, nem das de outras pessoas. Ensinavaõ aos mininos, & rudes a santa doutrina, sahindo hum delles com a campainha pellas ruas a convocar os mininos, & a gente do povo. Prègavaõ frequentemente, faziam amizades, avia muitas confissoẽs, & cõmunhoẽs. Todas estas cousas eraõ novas, & por isso dellas se seguia maior abalo, & cõmoçaõ. De tudo tinha miuda noticia em Lisboa o Religiozo Arcebispo, que ali esperava as letras em ordẽ à sua sagraçaõ; & se dava o parabẽ da boa eleiçaõ, q̃ fizera, & della esperava recolher frutos mui copiozos.

17 Logo que foi sagrado, & tomou posse da sua Igreja, começou como hum novo Sol a illustrar, & visitar a sua Diecesi, ao modo daquelles antigos Prelados, que sam tidos por Padres da Igreja de Deos, indo à serra do Barrozo, que he muito aspera, & falta de doutrina. Nesta empreza levou comsigo ao Padre Ignacio de Azevedo, & a outro Padre da nossa Companhia chamado Pedro Lopes. Nella trabalhou este servo de Deos em bem das almas, como de seu agigãtado espirito se esperava, & mais tendo diante de si o exemplo de hum tal Prelado. Hum cazo acho em nossas Historias, que nesta occasiaõ succedeo entre os dous varoẽs santos, & amigos de Deos. Apenas ali se achava outro paõ, senaõ o grosseiro, que era o ordinario dos rusticos: a cazo ouveraõ os criados do Arcebispo hũ paõ mimozo, & se teve por especial delicia; puzeraõno, como era rezaõ, na meza do Arcebispo, à qual comia, o Padre Ignacio de Azevedo: tanto, que o vio, o offereceo ao Padre Ignacio. Elle o naõ tocou, & no seguinte comer tornou o paõ. Nesta forma andou de hum pera o outro tantos dias, athe que se endureceo, & cobrou bolor. Quando assim esteve, entaõ com huma santa contenda cada hum o queria pera si, sem consentir, que o outro nelle tivesse parte. Tal era a mortificaçaõ destes dous insignes varoẽs.

CAPITULO XX.

Como pello bom exemplo do Padre Ignacio de Azevedo se nos fundou o Collegio de Braga. Do exemplo, com que se ouve neste governo, & de huma Missaõ, que fez à Villa de Barcellos.

1 VOltando o Arcebispo da sua vizitaçaõ, tendo visto, & apalpado o grande espirito, & muita virtude do Padre Ignacio de Azevedo, tratou de meter maõ à obra da fundaçaõ do Collegio, que elle tanto dezejava naquella cidade pera bem do seu Arcebispado. Tinha este negocio graves difficuldades, que vencer, & naõ eraõ faceis, querendo o Arcebispo dar contentamento à cidade, & ao seu Cabido. Athe aquelle tempo naõ avia naquella cidade mosteiro algum, nem convento de Religiozos mais, que hum de Capuchinhos de Saõ Francisco hum quarto de legoa fora da cidade.

2 Ainda, que tinha avido muitos Arcebispos Religiozos, & quizeraõ fundar às suas Ordens conventos dentro em Braga, jâ mais o puderaõ effeituar. O Cabido contradizia, por naõ querer, que se diminuisse a frequencia de sua Sê, a cidade tinha outras rezoẽs, & todos nellas eram taõ teimozos, que os Arcebispos a-

viaõ por bem de se accõmodar com elles. O mesmo por estas contradiçoẽs ouve de fundar em Viana do Minho, & naõ em Braga, o mosteiro, que edificou da sua Ordem de Saõ Domingos. Communicando pois o Arcebispo o ponto desta fundaçaõ, vio tais difficuldades no Cabido, & cidade, que naõ ouzou a continuar nesta materia seus intentos.

3 Por tanto contando ao Padre Azevedo a sua magoa, o despedio, dizendo, naõ podia ter effeito a fundaçaõ. Tomou o Padre a bençaõ ao Illustrissimo, pera no dia seguinte fazer seu caminho pera Coimbra, recolheose ao hospital de Saõ Marcos, onde era a sua pouzada. Tendo alguma gente noticia da sua partida, & que avia de ser pella madrugada, veyo antes de romper a alva ao hospital, pedindolhe a confessasse antes de partir. Naõ se soube negar o Padre, naõ obstante o desengano, que jâ tinha, de naõ querer ali a cidade Collegio da Companhia: assentouse, & mandou assentar a seu companheiro no confessionario, & começaraõ a ouvir alguns penitentes. Vindo a pos estes recrecendo mais, & logo outros, passava jâ de meyo dia, sem os Padres levantarem cabeça.

4 Era tempo, em que o Arcebispo estava à meza, ou jâ sobre ella, quando repontandolhe humas saudades do Padre Ignacio, fallou delle com muito louvor, & sentimento, dizendo aos circunstantes: *Aonde irâ agora nosso bom companheiro o Padre Ignacio de Azevedo?* A isto respondeo hum criado: *Ainda nam sahio de Braga, porque o deixei agora confessando no hospital de Saõ Marcos. He, o que dizeis?* Replicou o Arcebispo. *Ide ver se estâ ahi.* Foi o mensageiro, & voltou com o recado, de que os Padres estavaõ ainda rodeados de penitentes; era isto huma hora depois do meyo dia.

5 Ficou o santo Prelado edificadissimo, & movendolhe Deos o coraçaõ, disse reprehendendose a si: *Esta he a gente, que eu deixo ir do meu Arcebispado? Tais ministros, & ajudadores das almas hei eu de perder? Culpa minha serâ engeitar tanto bem: naõ ha de ser assim, naõ.* Logo mandou hum criado, que lhe fosse chamar os Padres, & naõ voltasse sem elles. Acabadas as confissoẽs, assim cansados, sem terem metido bocado na bocca, se foram ao Arcebispo. Tanto, que os vio, como se vira huns Anjos, lançalhe os braços com tanto amor, como se os quizesse meter em sua alma. Mandaos agazalhar, & que se naõ partam, & dalhe sua palavra, de que o Collegio se avia de fazer, pois Deos o queria.

6 Venceraõse as difficuldades. Fez o Padre avizo a seus Superiores, pera que lhe mandassem mais obreiros em ordem a dar principio à nova fundaçaõ. Hum dos que lhe vieraõ, pera o ajudarem a prègar, foi o Padre Ignacio Toloza Doutor na Santa Theologia, ao qual o Padre Azevedo dava as prègaçoẽs de maior expectaçam, & concurso, fazendo elle as de menos esplendor, como eraõ doutrinas, & praticas pellas aldeas, & lugares à roda da Cidade.

7 Em quanto se naõ assentaraõ de todo as cousas tocantes ao Collegio, rezidio com seus companheiros no hospital de Saõ Marcos, em continuos exercicios de oraçaõ, mortificaçaõ, & charidade. Tratavase cõ grande aspereza: se lhe mandavam alguma cousa de comer, que fosse delicada, como iguarias bem temperadas, & deliciozas, as naõ tocava. Mandouselhe huma gallinha jâ concertada de esmola, veyo algumas vezes à meza, sem nunca o Padre a tocar, nem dizer aos companheiros, que a comessem. Finalmente a mandou dar aos pobres; dizendolhe os companheiros por graça, que aquella

la gallinha devia sem duvida de estar escõmungada, pois sua Reverencia assim fugia della.

8 Estando aqui no hospital antes de ir pera o Collegio, lia à meza hũ capitulo do novo Testamento, & depois começava a comer, & o seu antipasto, como deixou escritto o Padre Ignacio Toloza, era hum pedaço de paõ de broa. Neste hospital estiveraõ os nossos Religiozos athe os vinte, & nove de Julho do anno de mil quinhentos, & sessenta, em que o Padre Ignacio de Azevedo tomou posse da capella de Saõ Paulo, & dos estudos, como primeiro Reytor do novo Collegio.

9 Naõ avia em Braga mais edificio pera os nossos, que a capella, & pateo das escolas, sem outros apozẽtos. Por esta causa pouzavam os Religiozos em huma caza do pateo com grande aperto. Por naõ caberem nella, hiaõ alguns dormir às mesmas classes, trazendo, & levando cada dia a cama às costas. Nisto, como no mais, era o Reytor o primeiro. A classe, onde dormia, era a mais chegada à capella; em huma tribuna, que nella avia pera a ditta capella, gastava em oraçaõ diante do Santissimo a maior parte da noite. Ali tomava animo pera vencer as difficuldades, que occorriaõ em a nova fundaçaõ, & tudo alhanava sua muita prudencia, & mãsidaõ.

10 Delle tem o Padre Ignacio Toloza estas palavras acerca do rigor, com que se tratava neste tempo: *Nenhum cuidado* [dis o Padre] *tinha de si, nem do seu tratamento corporal. Com aver muita fruta em Braga, todo hum veram se passou, sem saber, que a avia; & dizia elle com muito espirito aos que estavaõ em sua companhia: Irmaõs, agora vimos a fundar este Collegio, & fazer os seus alicerces; & haõ de ser com muita pobreza, & aspereza de vida, porque os que ham de vir depois de nos, ham de ter bons cubiculos, abundancia das cousas temporais, & com estes fundamentos se dispoem, pera com perfeiçam possuirẽ, o que Deos depois lhes ha de dar.*

11 *Em os officios de caza* (continua o Padre Toloza) *sempre tomava pera si o maior trabalho; & assim algumas vezes era porteiro. & cozinheiro, elle mesmo fazia os colchoẽs pera os Irmaõs. Em fim pera que em poucas palavras diga muito; eu estava em sua companhia o anno de mil quinhentos, & sessenta, que foi o primeiro anno do meu noviciado, & tive mui poucas praticas com elle, mas affirmo, que todas as suas obras me eraõ sermoẽs. Porque desprezo do mundo, desprezo de si mesmo, obediencia, grãdissima diligencia na guarda das regras, todo genero de perfeiçam vi nelle, & pezame, porque o imitei tam mal.*

12 Começando a referir alguns actos de suas virtudes dis: *Quero começar pello conceito, que o Santo Arcebispo de Braga Dom Frey Bartholomeu dos Martyres tinha do Padre Ignacio de Azevedo, porque hũ santo conhece bem outro santo. Era eu companheiro do Padre Ignacio de Azevedo, & como era tam humilde, me encõmendava a mim os sermoẽs da Sè, & elle prègava lâ poucas vezes, & disseme o Arcebispo: Eu farei prègar ao Padre Ignacio, que he hum santo.*

13 *Pois toquei de sua humildade, quero dizer, o que della me lembra. Sendo Reytor do Collegio mandou huma ves açoutar hum estudante filho de hum homem honrado daquella cidade, por culpas, que delle tinha. No outro dia veyo o pay aos estudos, & disse ao Padre Ignacio palavras mui afrontozas, & injuriozas, sem o Padre lhe responder palavra. No que bem mostrou, quam arraigada tinha no coraçaõ esta virtude, pois com alegria interior soffreo*

freo tam grande injuria. Depois este homem morreo de huma frechada, que lhe deu hum seu inimigo; pode ser, que fosse castigo de Deos.

14 *O vestido, que trazia, era mui pobre, & velho; por força lhe faziaõ tomar huma roupeta nova. Aconteceolhe huma ves ficar estudando de noite, em quanto os outros dormiaõ, o que fazia muitas vezes, porque como de dia era mais occupado, de noite estudava os seus sermoẽs, & carregado com o sono queimou o barrete na candea, & traziao com hum grande buraco pella cidade. Disselhe eu huma ves: Deve Vossa Reverencia tomar outro barrete, que esse já parece mal. Respondeo: Deixai, pois eu o queimei, eu o tenho de gastar.* Todas estas cousas dis o Padre Ignacio Toloza, como testimunha de vista. Eu as quis dizer com suas palavras. Foi este Padre homem de muitas virtudes, & digno discipulo de tal Mestre: succedeo no governo da Provincia do Brasil ao Padre Ignacio de Azevedo depois de sua glorioza morte.

15 O exemplo do Padre Ignacio de Azevedo a todos trazia fervorozos: ninguem à vista do muito, que elle fazia, se furtava ao trabalho. Elle era Reytor, prègador, confessor ordinario, & Lente de cazos de consciencia. A tudo abrangiaõ seus grandes talentos, & zelo incansavel.

16 Neste tempo de Reytor foi em missam huma Quaresma à Villa de Barcellos, que lhe pedio prègador. Avia naquelle povo grandissimos odios, & muitos bandos. Meteo o Padre a maõ nestas desavenças, & todas as compos com geral edificaçam de todos aquelles contornos, onde estas discordias eraõ mui sabidas. Prègava naquella Villa Domingas, quartas, & sestas de menhaã: de tarde ensinava a doutrina hum noviço seu companheiro. Em todo o tempo ouvia as confissoẽs, que se offereciam, que eraõ muitas. Todo o seu negocio nas prègaçoẽs era confissam, & communhaõ. Acabando de prègar, assentavase em huma cadeira, & ouvia confissoẽs athe as duas, & às vezes mais.

17 Nas segundas feiras prègava no lugar de Fam, que dista duas legoas de Barcellos. Tambem neste povo fes muitas amizades. Hum dia avendo de passar o rio entre Fam, & Espozende, porque nas terças feiras prégava em Espozende, encheo muito o rio, & naõ podendo ir adiante, se hospedou em hum mosteiro de Religiosos. Levantandose elles a rezar de noite, o Padre se levantou tambem a rezar com elles.

18 No dia seguinte hia o rio de monte a monte, porque alem da chuva, succedeo serem agoas vivas. Meteose em hum barquinho, quando no meyo do rio se ve na vea da agoa hum grande tronco, que de meyo a meyo vinha marrar na pequena embarcaçaõ. Deraõse os barqueiros por perdidos. Nisto os animou o Padre Ignacio de Azevedo, & se poz no lado da barquinha esperando o encontro do madeiro na maõ, & com ella, como se fosse alguma palha, o desviou, & deste modo sahiraõ daquelle grande perigo, dando a Deos muitas graças, por assim os livrar da ruina, que tinha por inevitavel.

19 Nas quintas feiras prègava o Padre em outros lugares distantes duas, & tres legoas de Barcellos; & sempre fazia estes caminhos a pè. De sorte, que os dias gastava em ajudar aos proximos, & as noites em oraçaõ com Deos. Em todo o tempo daquella Quaresma, & depois athe o Espirito Santo, nunca afroxou em suas penitencias. Acodia aos prezos nas cadeas, & pobres nos hospitais. Nunca a Camara da Villa, nem outras pessoas puderaõ acabar com elle, que acceitasse o necessario pera seu sustẽto: mas elle em pessoa com seu com-

panheiro

panheiro chegavaõ a duas, ou tres portas, & como lhe davaõ hum pedaço de pam, naõ pedia mais. Este comia feito em pedacinhos fervido em agoa com hum pouco de sumo de laranja de huma larangeira, que estava em hum quintal da Mizericordia.

20 Chegou à noticia do Padre Diogo Miraõ Provincial o muito trabalho, que o Padre tomava, a muita penitencia, que fazia, & o pouco sustento, comque acodia a seu cansado corpo. Escreveolhe, rogando, que poupasse as forças pera cousas maiores. E quanto ao tratamento corporal de dormir, vestir, & calçar, lhe ordenou desse obediencia a seu companheiro, que era hum Irmaõ noviço de dezasette, ou dezoito annos. Assim o fez inteiramente, nam se afastando hum ponto do que nestas materias lhe gizava o Irmaõ noviço.

21 Tambem acho escritto, que indo o Padre Ignacio de Azevedo pera Barcellos, chegando ao rio Prado, como este fosse cheyo, fazendo o Padre oraçaõ, se achou assim elle, como seu companheiro da outra parte do rio por virtude divina, sem saberẽ o como ali foraõ.

CAPITULO XXI.

Conceito, que delle tinha o Arcebispo Dom Frey Bartholomeu. Referese huma carta do mesmo Prelado pera o Padre, & outras cousas, que lhe succederaõ em Braga.

1 HUm dos mais abonados testimunhos, que tem a virtude do Padre Ignacio de Azevedo, he o grande conceito, que delle tinha o Santo Arcebispo Dom Frey Bartholomeu. Costumavalhe elle chamar o seu Anjo. Quando foi ao Concilio de Trento lhe escrevia cartas de grande familiaridade. Tenho em meu poder huma reposta do Arcebisco, da qual se ve bem a benevolencia, comque se tratavaõ: he a seguinte.

2 Gratia, & vera consolatio. *Duas suas recebi juntas, huma escritta em Mayo, & outra em Julho, & com ellas muita consolaçaõ com as novas, que me daõ das merces, que Deos nosso Senhor com a nova pescaria de peixinhos lhe meteo em sua rede, & confio, que seraõ primicias de outras pescarias maiores, athe me pescar peixes Conegos &c. Confesso, que me alegrei em o Senhor com a entrada desses moços, assim pello que toca a suas almas, como pello proveito, que dellas em algum tempo se pode esperar na Igreja de Deos: mas juntamente lhe confesso, que muito mais me alegrara, se me escrevera, que aviam crescido mais os medicos, pera acodir a tantos hospitais. Estes noviços, quando vierem a curar, jâ eu naõ hei de ter cuidado dos doentes, mas a bem medrar, de estar no Purgatorio penando, porque mal curei, & menos medicos ajuntei.*

3 *Vossa Reverencia como tem charidade mui larga, pretenda prover a todos os lugares em todos os tempos. Eu escaçamente a tenho estendida à Diecesi de Braga, & aos dias de minha vida.* Et ideo dico cum Ezechia: Saltem sit pax, & veritas in diebus meis. *E por isso dezejo, que o grande zelo, & animo de Vossa Reverencia, que tem pera accrecentar essa santa Companhia, principalmẽte fosse, em accrecentar obreiros, que saibam podar, & empar, & apos isso nam me parece mal, que se me comecem a criar alguns poucos pera o tempo futuro,*

4 *E porque, como digo, sou muito amigo de mim, & de escapar dos perigos de meu officio, grandemente folguei com as publicas mortificaçoẽs*

da

da ceira, &c. desses tirunculos, parecendome, que em sua maneira eraõ prègaçoẽs pera esse povo, & por isso naõ deixe de as continuar a seus tempos, & se ha alguns delles, deque se possa fiar, os mandaria de dous em dous por essas Igrejas, que estaõ dentro de huma legoa, a ensinar a doutrina Christaã aos lavradores, ou ler por algum livro, que lhe seja conveniente, porque o povo rude muitas vezes com estes novos escabeches se affeiçoa, & gosta das cousas espirituais. Itaque, chariſſime Pater, hic ſit tibi ſcopus oppugnare peccata illius regionis tam mirantibus veteranis, quam tyronibus his. *A diligencia na eleiçaõ dos que devem ouvir cazos, lhe encõmendo, sejam tais, de quem se possa esperar muito fruto.*

5 *O Padre Laynes chegou aqui no mes passado: todos receberaõ muita consolaçaõ com sua vinda, na congregaçam dos Bispos, como na geral, & tambem, que de sua doutrina se ajuda muito este Concilio. Os dias passados prègou em Italiano. Fez hum sermaõ o Padre Salmeyram; entre os Theologos he mui bem ouvido, tem dado grãdes mostras de habilidade, assim em materias do Concilio, como em huma prègaçaõ, que fes em Italiano muito a proposito dos ouvintes. Ambos pouzam. Outro Padre esta aqui, que se chama Mestre Joaõ, mas como vem por Theologo do Duque de Baviera pouza com o seu Embaixador.*

6 *A esses Irmãos, que da minha familia passaram à sua, chame juntos, & da minha parte lhes de huma bençam, & diga, que pois se passaram do paço terreal pera o celestial, que attentem, nam façam sò este passamento com o corpo, mas tambem com o espirito, mudando os pensamentos, os dezejos, as palavras, as obras de terreais em celestiais, & que se lembrem, quanto ham de ter de bons, & no mais, quanto tiverem de mortificados, & resignados: naõ se fiem no fervor de seu mosto, o qual muitas vezes para em vinho azedo: peçaõ ao Senhor, que os faça vinho velho, fino, & firme, & que lhe dê dom de perseverança:* Quæ ſola coronatur. *Vi muitos noviços ferver, & arder, & banharemse em doçurinhas espirituais, & acabar em grandes tibiezas, athe alguns sacudirem de si o jugo do Senhor; porque se naõ fundaraõ em verdadeira mortificaçaõ, & continua oraçaõ mental.* Ideo jugiter gemendum: Deus in adjutorium meum intende; Deduc me in via tua: Vias tuas, Domine, demõſtra mihi: Emitte lucem tuam, & veritatem tuam: Vultum tuum, Domine Deus meus, requiram. Deus meus, & omnia. Da, quod jubes, & jube, quod vis. *E porque agora vos tenho por meus, assim vos me tendes por vosso encõmendandome a Deos, pois vos pos nessa segura, & deleitoza praya, & a mim lançou neste bravo mar, emque ando, quasi pera me affogar. Estas palavras tomai em reposta da carta, que me escrevestes.* Dominus perpetuo ſervet Rectorem, & omnes. *De Trento vinte de Dezembro de mil quinhentos sessenta, & dous. O Arcebispo Primâz.*

7 Athe aqui a carta do ſanto Arcebiſpo em repoſta da noticia, que lhe tinha dado, de ſerem entrados na Companhia dous eſtudantes da ſua familia. Entre as couſas mais nomeadas, que Deos por meyo do Padre Ignacio de Azevedo obrou naquella Cidade, foraõ as amizades entre diverſas peſſoas, cujos odios nem o Cardeal Infante ſendo Arcebiſpo, nẽ outros Arcebiſpos puderaõ extinguir.

8 Dous eraõ os principais cidadãos entre ſi inimigos: tinhaõ jâ vindo às maõs, & ſe tinhaõ ferido hum a o outro. Fallou o Padre a cada hum de per ſi, & pode acabar com elles, que

que se fariaõ amigos. Determinouse o dia, emque aviaõ de vir à nossa Igreja, & darse as maõs. No tal dia hum veyo ledo. Como tardasse o outro, estava o Padre com cuidado: neste tempo entrou na Igreja certo cidadaõ homem ao parecer de bom natural; rogoulhe o Padre, que lhe avia de fazer graça, de o ajudar naquella obra do serviço de Deos, chamandolhe aquelle homem, por quem esperavaõ. Meu Padre, respondeo elle, mandeme quanto quizer, mas chamar tal homem, isso nam farei eu, porque ha des annos, que nos naõ fallamos.

9 Bem està, disse o Padre, Deos vos trouxe aqui pera depordes esse odio. Tam boas, & santas palavras lhe fallou, que elle depois de mostrar alguma repugnancia, disse, que da sua parte estava corrente. O trabalho era, nam acabar de vir, oque se esperava. Entrando neste tempo outro homem, o Padre lhe rogou muito, lho fosse chamar. Ay Padre, respondeelle, trate de outra cousa; hà muitos annos, que lhe naõ dou o Deos vos salve. Entendendo o Padre, que Deos o trazia a tal hora, com suas santas palavras o rendeo como ao primeiro. Tendo alcançado estas duas vitorias, ve entrar na Igreja outro homem, aquem fez a mesma petiçam, que aos dous tinha feito. Respondeo elle, que tinham ambos pendenciado; & nem o chapeo lhe tirava, que mal o iria chamar. Entaõ o Padre com o exemplo de Christo, & dos prezentes assim o abrandou, que se pos nas suas maõs. Parece, que isto só esperava Deos, porque logo chegou, oque era taõ esperado: oqual vendo juntos a quatro seus inimigos naõ deixou de se assustar: entaõ o Padre lhe contou, oque avia passado, & como Deos ali os trouxera todos, porque os queria todos pera si. Reconciliaraõse huns com os outros, de que resultou grande edificaçaõ na cidade, & consolaçaõ especial no Padre Ignacio de Azevedo.

10 Aqui lhe succedeo no Collegio de Braga, que chegando horas de jantar, nam avendo em caza pam algum, que se puzesse na meza, confiado em Deos, que nam faltaria a seus servos, mandou tanger à meza. Neste tempo chegou à portaria huma mulher desconhecida, & entregou hum cesto de paõ ao porteiro, & nunca mais della se soube. Outras muitas cousas, & santos exemplos ouve no Padre Ignacio de Azevedo neste tẽpo, que governou o Collegio de Braga. Quando abaixo contar exemplos especiais de suas virtudes, entam direi as mais cousas, que delle acho em lembrança.

CAPITULO XXII.

Vem de Braga à Congregaçaõ. Vai a Roma; voltando passa ao Brasil por Vizitador. Dasse conta da sua vizita. Como tornou a Portugal. Referese huma carta do Arcebispo de Braga em seu favor pera o Papa.

1 NO anno de mil quinhentos sessenta, & sinco falleceo em Roma nosso Padre Geral Diogo Laynes. Avendo em Coimbra Congregaçaõ Provincial, veyo a ella, como Reytor, que era do Collegio de Braga, o Padre Ignacio de Azevedo. O apparato era hum jumentinho taõ fraco, que cansando em o caminho, lhe tirou o Padre o fardel, sobre que assenta a carga, & tomandoo com o mais às costas, caminhou nesta forma algumas legoas. Com este, & semelhantes actos taõ elevados se hia este grande homem dispondo pera a gloria do Martyrio.

2 Quando chegava às estalagẽs, elle desenfardelava o jumentinho, &

o pensava. Com elle diante de si entrou no Collegio de Coimbra: & deixou escritto o Irmaõ Francisco Cardozo, que entaõ era porteiro, que metido da portaria pera dentro, foi atar à mangedoura o jumentinho, tiroulhe o appresto, abrigoulhe as mazelas com humas cubertas com aquelle vagar, & curiosidade, que o fazem, quando chegaõ às pouzadas, os que tem a seu cuidado este gado. Como começassem logo a concorrer com grande alvoroço muitos Padres, & Irmaõs pera lhe darem as boas vindas, elle lhes disse, que esperassem hum pouco, em quanto acabava de accõmodar ao companheiro. Feita esta prevençaõ, subio assima entre os braços de seus Irmaõs, que o amavam, como suas virtudes mereciaõ.

3 Na Congregaçaõ sahio eleito pera ir a Roma por Procurador da India, & Brasil em companhia dos Padres, que hiaõ por eleitores. Sahindo por Geral Sam Francisco de Borja, de quẽ erão mui sabidas as suas virtudes, & prestimos, o escolheo pera Vizitador da Provincia do Brasil. Voltou a Portugal, & tomando comsigo sinco companheiros tres Padres, & dous Irmaõs se embarcou pera o Brasil. Chegando às Ilhas de Cabo Verde, como a nao ali parasse hum pouco, nam quis perder tempo o servo de Deos: sahindo em terra exercitou nossos ministerios de doutrinar, & confessar, per si, & por seus companheiros. Agradouse tanto o Bispo do bom modo, que vio nos Padres de ensinar a santa doutrina, que rogou ao Padre Ignacio de Azevedo, lho deixasse por escritto, pera fazer se continuasse nelle.

4 Apportou à Bahia aos vinte, & quatro de Agosto de 1566. Era entaõ Provincial no Brasil o Padre Luis da Grã, o qual leo a patente de Vizitador, em que o Santo Padre Francisco de Borja lhe dava os seus poderes, bẽ como se elle mesmo em pessoa fizera esta vizita. Os primeiros tres mezes gastou em vizitar o Collegio da Bahia, que he o principal, & cabeça daquella Provincia, & as aldeas de Indios, que estaõ a elle annexas. Dispos o governo conforme a ordem das Constituiçoẽs. Athe entaõ todo o cuidado do Collegio carregava sobre o Reytor; por tanto lhe aliviou o trabalho com Ministro, & Sotoministro, como se praticava onde ja estava em exercicio a disposiçaõ, que nisto tem as Constituiçoẽs, que de novo ali se promulgavaõ.

5 Deu ordem, que se accrecentasse o edificio do Collegio, & se fizesse caza de Noviciado, pera que tivessem a separaçaõ, que nas mais partes ja tinham os Noviços. Logo tratou de vizitar o resto da provincia. Indo o Governador Mem de Sà pera o Rio de Janeyro a concluir a guerra, que ali avia com os naturais, & Francezes, & fundar naquelle rio huma cidade; nesta occasiaõ, em que tambem hia o Bispo, foi o Padre Ignacio de Azevedo levando comsigo entre outros companheiros ao Padre Luis da Grã Provincial, & ao portentozo Varaõ o Padre Jozeph de Anchieta, que entaõ se tinha de pouco ordenado de sacerdote. Partiraõ em Novembro do sobreditto anno.

6 Em dezoito do Janeiro seguinte entraraõ no Rio. Em dia de Sam Sebastiaõ se deu assalto aos inimigos, que estavaõ bem fortalecidos, & com o favor do gloriozo Martyr Sam Sebastiaõ ouveraõ os Portuguezes huma illustre vitoria, ajudando tambem a ella as oraçoẽs, & sacrificios dos nossos Padres, que ali se achavaõ. Depois disto o Padre Vizitador com o Bispo Dom Pedro Leytaõ, & mais companheiros foram pera Saõ Vicente, aonde estava o Padre Manoel de Nobrega, com quem todos, como com homem taõ Santo, & pay daquella provincia, muito se alegraraõ.

7 Com elle tratou o Padre Vizitador àcerca das cousas daquella provincia. Assentaraõ entre si, que se fundasse Collegio na Cidade do Rio de Janeyro, & neste Collegio de Saõ Vicente se introduziraõ, como no da Bahia, as nossas Constituiçoẽs. Dali passou a vizitar a caza de Piratininga, donde tornou a Sam Vicente: tomando comsigo ao Santo velho Manoel de Nobrega, foi com elle ao Rio, assim peraque ali desse principio ao novo Collegio, como peraque com maior descanço gozasse dos frutos de seus grandes trabalhos.

8 Partio de Saõ Vicente no mes de Julho de 1567. Indo na embarcaçaõ o Bispo, o Padre Azevedo, Manoel de Nobrega, Luis da Grã, & o Padre Jozeph de Anchieta, todos elles aqual mais santo, os livrou Deos nosso Senhor de hum evidentissimo perigo. Ancorou a embarcaçaõ defronte do porto, aque chamaõ Britioga, em vespora de Santiago. Querendo os Padres dizer Missa, se meteraõ no batel com outros passageiros, pera sahirem a terra. No meyo do caminho se levantou huma medonha balea, muy assanhada ou de algumas frechadas do navio, ou com a saudade de lhe faltar algum filho, que perdera.

9 Por qualquer destas causas, que fosse, levantou a cabeça, & parte do corpo sobre a agoa, & foi com brava furia seguindo o batel, batendo as azas, & levantando diante de si montes de agoa. Todos se davaõ por perdidos, & mais quando chegando ao batel, meteo a cabeça debaixo, & levantou a cauda sobre elle, como pera descarregar a pancada. Aqui os servos de Deos postos de joelhos rogaraõ a Deos os livrasse: o mesmo fazia o Bispo lâ do navio, & os que com elle estavaõ, & viaõ tamanho perigo. Neste passo aquelle espantozo monstro parando com o golpe, se foi escoando pella proa, & os deixou livres. O Padre Jozeph de Anchieta contando este aperto, tem estas palavras: *Estava o Bispo, & os mais do navio ala mira esperando o successo com grande temor, mas confiados, que nam perigariam, por ir ali o Padre Ignacio com seus companheiros.*

10 No dia seguinte de Santiago disseram Missa solemne em acçaõ de graças, & continuaraõ sua derrota. Chegando em pas ao Rio acharaõ ao Governador occupado na fundaçaõ da nova Cidade. No coraçaõ della deu aos Padres o sitio, que escolheraõ pera fundarem Collegio, & em nome Del-Rey Dom Sebastiaõ fundador lhe consignou rendimentos, pera sustentar sincoenta Religiozos. Tudo agradeceo, & acceitou em nome da Companhia o Padre Ignacio de Azevedo. Tendo posto em feiçaõ, oque tocava ao novo Collegio, & deixando por Superior dos nossos ao Padre Manoel de Nobrega, deu a volta pera a Bahia vizitando de caminho as mais estancias, em que assistiaõ Religiozos nossos, & as aldeas dos Indios, deixando nellas boas instrucçoẽs em ordem ao bem dal almas.

11 No mes de Março de 1568. entrou na Bahia. Sua vista era a todos de grande consolaçaõ: respeitavaõno todos como a sãto. Diziaõ delle: que podia ser Vizitador sem regras, nem preceitos, se estivera sempre prezente. Isto diziaõ, por ser tal seu exẽplo, que podia com os subditos, o que acabam as Regras, & os preceitos.

12 Ardia o bom Padre em zelo das almas: via a grandissima seara, que nos offerecia o Brasil, & que os obreiros eram mui poucos. Querendo acodir a esta falta, fez Congregaçaõ Provincial, pera nella se eleger Padre, que fosse a Portugal, & a Roma, & trouxesse bom numero de obreiros Evangelicos. Deixara o santo Geral na sua maõ, ou voltar elle a Roma, ou

K 2 em

em seu nome mandar outro, que o inteirasse das cousas do Brasil, & do modo, comque se podiaõ adiantar aquellas Christandades. Porem elle quis, que a eleiçaõ fosse a votos, avendose nisto com huma Religioza indifferença de ir, se nelle votassem, ou de mandar, aquem os mais escolhessem.

13 Na Congregaçam sahio elle nomeado com geral contentamento de todos. Em quatorze de Agosto de 1568. deixando a todos cheyos de saudades, se fes à vela pera Portugal. No tempo, que chegou ao Reyno, estava El-Rey Dom Sebastiaõ em Almeyrim, aonde o Padre foi, em ordem aos negocios da sua Provincia. De toda a Corte foi bem recebido, porque eraõ mui conhecidas suas virtudes. Succedeo ali faltar hum Domingo prègador, por naõ poder vir de Santarem a respeito de nam dar o Tejo passagem pella grande inundaçaõ, comque tinha cubertos os campos. Offereceose o Padre pera supprir esta falta. Gastou o sermaõ em cõtar as cousas do Brasil, & gaballas muito a El-Rey, em ordẽ, a que o despachasse bem pera os augmentos da Christandade: no que teve agrado Del-Rey.

14 Logo o Arcebispo Primâz seu amigo velho lhe deu por carta as boas vindas; & por saber, que hia a Roma, lhe mandou carta de recomendaçaõ pera o Santo Pontifice Pio Quinto, aqual por ser hum valente testimunho da virtude, & zelo do Padre Ignacio de Azevedo, a quero metter aqui; he a seguinte: *Beatissimo Padre. Depois de beijar os bemaventurados pes de Vossa Santidade, Ignacio de Azevedo Sacerdote da Companhia de JESV, Vizitador, & Preposito Provincial da mesma Companhia nas partes do Brasil, vai a Roma tratar com Vossa Santidade alguns negocios de muita importancia, tocantes à mesma Companhia; & porque eu tenho bem conhecido sua grande virtude, & o dezejo, que tẽ de soffrer trabalhos, & levar sobre si a Crus de Christo, de que elle (desprezada a nobreza do mundo) se quis fazer verdadeiro imitador, assim na pobreza, abnegaçaõ, & desprezo de si mesmo, como tambem no zelo, & aproveitamento das almas, & no augmento da Religiaõ Christaã, de que tem dado a todos boas mostras, assim nesta Diecesi de Braga, onde por alguns annos me ajudou muito, como nas partes do Brasil, donde pouco hà veyo: me pareceo cousa muito pia, pedir a Vossa Santidade, o queira favorecer, & o receba com aquellas paternais entranhas, & amorozo animo, comq̃ costuma receber, & abraçar todas aquellas cousas, que ajudam ao culto divino, & à salvaçam das almas.*

15 *Assim que Vossa Santidade o pode ter por hum varam Apostolico, & cheyo de Espirito Santo, porque nessa conta o tem todos aquelles, que nesta provincia de Portugal o conhecem. Pello qual todo o favor, que Vossa Santidade lhe mostrar, & toda a ajuda, que lhe der pera seus ministerios, tudo tenho pera mim será muito agradavel, & aceito diante de nosso Senhor, cujas vezes Vossa Santidade tem na terra, ao qual clementissimo Senhor, peço, accrecente os annos de vida a Vossa Santidade, com os quais lhe faça muito serviço em a terra. De Braga quatro de Março de mil quinhentos sessenta, & nove. O Arcebispo Primâz.*

16 Esta a carta do Santo Arcebispo Dom Frey Bartholomeu traduzida de Latim em vulgar; na qual o chama varaõ Apostolico, cheyo do Espirito Santo, & dis a grande opiniaõ, que avia de suas virtudes. Estes elogios, por serem de tal homem, merecem todas as estimaçoẽs, & se devẽ ter por tam verdadeiros, como era, quem os fazia.

CAPI-

CAPITULO XXIII.

Parte o Padre Ignacio de Azevedo a Roma, de como ali foi recebido, & cousas de devaçaõ, que trouxe comsigo; & como todos o queriam seguir.

1 Fes o Padre Ignacio de Azevedo grande commoçaõ na Corte. El-Rey em tudo o favorecia. Os nossos Religiozos à porfia o dezejavaõ seguir. Athe familias inteiras se lhe offereciaõ de pessoas seculares, & officiais. Dizem as memorias antigas, que com naõ ser o Padre Azevedo eloquente, eram tais suas palavras, & tal seu modo, que todos se hiaõ atras delle, como antigamente as arvores, os penhascos, as feras, & os rios atras de Amphiam, & de Orpheo.

2 Deixando a todos alvoroçados com os dezejos de o imitar, em Mayo de mil quinhentos sessenta, & nove se partio pera Roma. Nosso Padre Saõ Francisco de Borja o recebeo como a hum Anjo do Ceo. O Sãto Padre Pio Quinto lhe fes grandes merces, & benevolencias, & os Cardeais o agazalharaõ cõ muito amor. Todos gostavam de ouvir de sua bocca as novidades da terra do Brasil. O Papa lhe concedeo grandes privilegios; entre elles os que tinha concedido à India: Indulgencia plenaria pera todos, os que o acõpanhassem, corpos de santos, huma cabeça das Onze mil Virgens, & outras Reliquias de grande estima.

3 Tambem foi pera elle de inestimavel preço huma copia da Senhora, que pintou Saõ Lucas; por maior respeito desta santa imagem, athe aquelle tempo nunca os Pontifices permittiraõ, que se copiasse; porem nesta occasiaõ ouve licença do Papa Pio Quinto o Padre Saõ Francisco de Borja, pera della tirar huma copia, como em effeito se tirou por hum dos mais insignes pintores de Roma. Esta entregou o santo Geral ao Padre Azevedo, pera que em seu nome a offerecesse à Rainha de Portugal Dona Catherina.

4 Mas antes de a dar a sua Magestade, fes em Portugal tirar della quatro retratos pello Irmaõ Joaõ Mayorga hum de seus felicissimos companheiros. Delles reservou hum pera si: deu outro ao Collegio de Coimbra, deu outro ao Collegio de Evora, que he venerado na capella dos Irmaõs Noviços. Finalmente hũ ao Collegio de Santo Antaõ de Lisboa, onde fora Reytor. Aquella imagem, que de Roma trouxera, pedio o Padre Miguel de Torres à Rainha sua cõfessada, a deixasse por sua morte à nossa caza de Saõ Roque, como em effeito deixou, & assim o tem as memorias antigas. Esteve muitos annos em o Santuario da Igreja; depois por se gozar mais della se pendurou na sancristia em o lugar, onde se reveste o Sacerdote, que dis Missa no altar mor, & ao prezente neste lugar està, & merece singular veneraçaõ pellas circunstantias, que ficaõ dittas.

5 Entre as mais cousas, que alcançou do Santo Geral, foi, que pellas Provincias, por onde quizesse vir de Roma pera Portugal, lhe dessem em cada huma sinco sogeitos pera o Brasil, intervindo nisso tres condiçoẽs. Primeira, que todos o pedissem. Segunda, que o Padre Ignacio fosse delles contente. Terceira, que o Provincial da tal Provincia os julgasse por idoneos. Pertendendo com isto, que todas as partes ficassem entre si contentes. Quando chegou a Portugal trazia muitos, & mui bons sogeitos. Delles eraõ alguns Theologos, outros Artistas, & outros officiais de diversos officios, que lâ lhe eraõ mui necessarios. Entre elles o

Ir-

Irmaõ Aragonez Pintor, que tirou os retratos, de que fallei.

6 Naõ deixarei de dizer a grande festa, & devaçaõ, que ouve, quando se mostrou a primeira ves em os Collegios desta Provincia a imagem, que trazia pera a Rainha. A primeira ves, que se mostrou, foi no Collegio de Coimbra depois do meyo dia acabado o repouzo. Estando todos os Padres, & Irmaõs no pateo da cisterna, mostravase de huma janela; & logo pera a verem melhor, & mais de perto, se lhes mostrou tambem dentro em caza em hum corredor largo. Naõ se podiaõ todos fartar de ver huma, & outra ves cousa tam bella, & devota. A segunda ves, que se mostrou, foi em Evora depois do repouzo da noite, chegando ali aquella tarde, avendose a imagem de levar à Rainha na menhaã do dia seguinte, por estar ella entaõ, & toda a Corte em Evora.

7 Tomou-a hum Padre nas mãos, poz se em hum lugar algum tanto alto. Puzeraõse dous Irmãos com duas tochas accezas, hum de huma parte, outro da outra. Todos os mais Padres, & Irmaõs de joelhos chegavaõ poucos, & poucos a vela bem de perto, & beijar a extremidade della. Affirmavam todos, que nunca tinhaõ visto cousa, que lhes reprezentasse tanta virtude, & magestade divina, quanta lhes reprezentava aquella santa pintura. Tambem fez muita devaçam ver, & beijar as reliquias, Agnus Dei, Lenho da Santa Cruz, varios Crucifixos, & retabolos, que trazia. Tudo se poz em Coimbra em huma meza no cruzeiro do corredor do Collegio novo. Ali se chegavaõ poucos, & poucos, veneravaõ, & beijavaõ as Santas Reliquias, & tocavaõ suas contas.

8 Todas estas cousas ajudavaõ muito, pera os Padres, & Irmaõs se moverem a ir servir a Deos no Brasil. Mas muito mais os incitava o vivo exemplo do Padre Ignacio de Azevedo. Naõ avia nenhum, que com tal capitaõ naõ quizesse meterse nos trabalhos, & perigos. Em todos os Collegios de Portugal era importunado. E todos tinhaõ entendido, que hiaõ a padecer, & isso appeteciam. Contando estas cousas o Padre Mauricio, cuja historia manuscritta vou seguindo neste, & nos passos seguintes da vida deste santo homem, tem estas palavras.

9 *Louvores a Nosso Senhor; foi este hum tempo, em que vimos na Cõpanhia hum exemplo de toda a edificaçaõ, moverse tanta gente com dezejos taõ solidos, & verdadeiros, quanto bem se vio depois por experiencia, a irem morrer por amor de Christo. Porque todos, os que pera o Brasil se moviam, naõ se persuadiaõ menos, que ir morrer por amor de Deos, ou pello menos a padecer mui grandes trabalhos, & perigos de morte. Como todos estavaõ nesta Provincia taõ edificados de verem poucos dias antes tantos Padres, & Irmaõs nossos morrerem na peste, os quais todos com tam boa vontade, & com tanta promptidaõ se meteraõ na morte, por acodirem à saude, & salvaçaõ dos proximos, jâ que muitos dezejaraõ, & naõ alcançaraõ ser companheiros dos que tam gloriosamente morreraõ na peste, dezejavaõ pello menos ir buscar alguma outra boa morte por esses mares do Brasil, ou por essas Indias Occidentais.*

10 Fallando o mesmo Padre Mauricio do fogo, que este gloriozo Martyr pegava por onde hia, disse o seguinte: *Tanto, que chegou a este Reyno, foi cousa pera dar graças a Deos, ver, quanta gente se moveo nelle, pera ir ao Brasil. E quanta se movia, em quanto nelle andou. Naõ fallo jâ nos da Companhia, porque estes todos se queriam ir com elle. Mas os de fora onde quer que elle chegava, logo se moviam de maneira,*

neira, que se alvoraçava a terra. E huns se moviaõ a ir com elle, outros fallavaõ nisso, como em huma grande novidade muito pera dezejar.

11 *Vimos nos em Evora aquelle anno, que ahi chegou, & fomos testimunhas de vista, que em chegandò se alvoroçou toda a terra, naõ somẽte a cidade, senaõ ainda o termo, & naõ nos podiamos revolver na portaria com gente, que vinha em busca delle. Huns lhe vinhaõ pedir, que os recebesse na Companhia, & que os levasse pera o Brasil, & destes foraõ muitos, & muito bons sogeitos recebidos, os mais delles estudantes da Universidade. Outros sendo cazados, tendo mulheres, & filhos, que os encaminhasse a irem lâ morar.*

12 *Outros sendo officiais de diversos officios, se lhe vinhaõ offerecer, & entregar, athe os pastores, & lavradores do campo, pera irem habitar a terra. E athe os Religiozos da Serra de Ossa, dos quais hâ muitas cazas em Alentejo, que queriaõ lâ ir fundar sua Religiaõ. Dos Frades descalços de Saõ Francisco tinha tambem movidos, pera irem lâ fundar cazas da sua Ordem: de todos escolhia os melhores, & os animava, & a huns encaminhava pera a Companhia, outros pera irem habitar, & enobrecer o Brasil. E o que mais he, a todos buscava ajudas pera suas despezas, & gastos. E à sua instancia folgava El-Rey de gastar nesta obra, & os fidalgos, & homens ricos, a quem elle fallava, folgavaõ tambem de ajudar. Era o Padre Ignacio hum dos homens, que vimos nesta vida mui ajudado de Deos; ao qual succediaõ tam bem as cousas, que tomava entre maõs pera serviço de Deos, que espantava, & cativava a gente, com quem conversava. Porque se via, que naõ fazia isto com eloquencia natural, porque naõ era mui eloquente, senaõ com a graça divina, & muita prudencia sobrenatural.* Athe aqui as palavras do Padre Mauricio, que nos deixou escritto com miudeza assim o que succedeo antes do martyrio, como nelle, & depois, de que morreram pella fè.

CAPITULO XXIV.

Retirase o Padre Ignacio de Azevedo com seus Companheiros a Val de Rozal, & modo, cõ que ali se começou a proceder.

1 AJuntou o Padre Ignacio de Azevedo setenta pessoas da Companhia entre Padres, & Irmaõs, parte, que lhe deram das Provincias de Castella, parte desta nossa, parte, que elle recebeo. Dos quais alguns eraõ Theologos, & podiaõ ler Theologia, & cazos de consciencia. Alguns eraõ Philosophos acabados seus Cursos, & podiaõ ler Artes, & ouvir Theologia. Outros eraõ bons humanistas, & podiaõ ler humanidades, & ouvir Philosophia. De todos estes hia bom numero. Mas os mais delles eraõ Irmãos, que avia pouco eraõ recebidos na Cõpanhia. E muitos vieraõ mui movidos de Deos, que os recebessem, & os mandassem logo ao Brasil; ou os mandassem nesta viagem à prova, & experiencia, pera lâ os receberem. Desta maneira levava elle tambem alguns, pera os quais dizia, que esta viagem era sua anteprovaçaõ.

2 Alguns mezes antes do tempo de se embarcar, se retirou o Padre Ignacio de Azevedo a huma propriedade do Collegio de Santo Antaõ, chamada Val de Rozal, huma legoa distante do porto de Cassilhas entre Azeitaõ, & Caparica: sitio mui retirado, & proprio pera os santos exercicios. Com esta bemditta companhia ali se dispoz pera a grande felicidade, com que todos aviaõ de ser

coroados. Quanto neſtas ditozas brenhas ſe vio neſte tempo, tudo foi devaçaõ, piedade, & ternura.

3 Jâ diſto toquei alguma couſa em a obra, que trata do Noviciado de Evora, por occaſiaõ dos muitos Martyres, que aquella ſanta caza deu por companheiros ao noſſo invencivel General Ignacio de Azevedo. Mas porque o que ali conto he muito pello groſſo; teraõ goſto os noſſos Irmaõs Noviços, a cuja conſolaçaõ em eſpecial encaminho eſte meu trabalho, lerem eſtas couſas com mais alguma miudeza; & eſte he o ſeu mais proprio lugar, em que fallo do General da empreza, por cuja direcçaõ eſtes ſoldados de Chriſto ſe adeſtraraõ nas armas. E com eſtes exercicios aſſim ſe puzeram correntes pera o conflicto, que ſendo os mais delles noviços pelejaram, & venceram, como veteranos.

4 Temos deſta materia huma devota Hiſtoria eſcritta pello Padre Mauricio, Confeſſor Del-Rey Dom Sebaſtiaõ, da qual ainda que ſe aproveitaraõ, os que deſtes gloriozos Martyres eſcreveraõ, ſempre foi muito pello groſſo, fugindo de decer a miudezas, ſendo aſſim, que neſtas he, que ſe ve muito o fervor, & perfeiçaõ. Por iſſo irei dizendo eſtas couſas quaſi com as palavras, & diſtinçoẽs, que nellas tem o manuſcritto do Padre Mauricio.

5 Chegandoſe o tempo de partir pera o Braſil, começou o Padre Ignacio de Azevedo a ajuntar toda a ſua gente em Val de Rozal. Huns vinhaõ de Evora, outros de Coimbra, outros de Braga, & outros do Porto, por onde os tinha diſtribuido. Todos vinhaõ a pè vivendo de eſmolas. Os que aviam de vir da Cidade do Porto, como aviaõ de vir por mar em huma nao, que o Padre ali tinha meya fretada pera ſi, & ſeus companheiros, & mui bem preparada com ſeus gazalhados, tardaraõ muito. No principio determinava o Padre de ſe partir neſta nao com a maior parte de ſeus companheiros, ſem eſperar pella armada do Governador Luis de Vaſconcellos, que hia governar o eſtado. Por tardar ella tanto, prolongou elle tambem muitos mezes a habitaçam de Val de Rozal.

6 Hoſpedouſe antes ali, que em Lisboa, por naõ eſtar ainda a cidade deſempedida da cruel peſte, que no anno de mil quinhentos, & ſeſſenta, & nove começara, & fizera em Lisboa inexplicavel eſtrago. Por eſta cauſa determinava o Padre ſendo tẽpo, embarcarſe de Val de Rozal, ſem tocar Lisboa. Entre tanto fazia naquelle retiro com ſeus companheiros huma vida de Anjos. Tinhalhes repartido o tempo pera os ſeus exercicios eſpirituais, pera as praticas, & exames. Tinhaõ muita oraçaõ mental alem da ordinaria. Exercitavaõſe em rigor, & pobreza, folgando ſentir falta do neceſſario. Naõ he explicavel, quanto com os exercicios ſantos, que ali ouve, Deos ſe communicou a ſeus ſervos. O Padre Ignacio de Azevedo eſtava naquelle tempo tam ſatisfeito, vizitado, & conſolado de Deos, que eſcrevia algumas cartas aos Collegios, tam devotas, que podiaõ fazer ternura nas pedras. Entre outras couſas dizia o muito, que ſua alma ſe conſolava, em ver, quanto Deos Noſſo Senhor ſe communicava àquelles Irmaõs. Dizia eſpecialmente eſtas palavras: *Que ja naõ eſperava em toda a ſua vida ter melhor tempo, que o de Val de Rozal.*

7 Era em todos, os que jâ eſtavam, ſingular a alegria, que ſentiam, quando vinhaõ poucos a poucos dos Collegios. Hum dia entravaõ quatro, outro dous, outro ſinco, ou ſeis. Hum dia vieraõ do Porto, & Braga dezaſeis de huma barcada. Nem eſtes ainda eram os da nao Santiago, que

no

no Porto estavá fretada. Todos, os que já eraõ da Companhia, & vinhaõ por terra, faziaõ seu caminho a pè, recolhendose nos hospitais, & vivẽdo de esmolas. Avia muita alegria, quando contavaõ os successos do caminho, os desprezos, & repostadas, que soffreraõ. Logo os que jâ estavaõ em Val de Rozal choviam sobre o Padre, pedindo huns licença, pera lhe lavarem os pès, outros pera lhe fazerem a cama. Quem alcançava huma destas cousas, nam cabia em si de prazer. A todos os hospedes agazalhavam em camas de colchoẽs, & lançois: as que ali eram ordinarias, se dirâ mais abaixo.

8 Ajuntaraõse em Val de Rozal muitos Padres Professos, & antigos da Companhia. Ali se acharam os dous Padres, que hiam por Reytores, & fundadores dos dous Collegios das Ilhas, que mandava fundar El-Rey Dom Sebastiaõ. O Padre Manoel de Sequeira por Reytor à Madeira, & com elle os Padres Belchior de Oliveira, & Pedro Quaresma. O Padre Luis de Vasconcellos pera a Ilha Terceira com os Padres Pedro Gomes, & Balthezar Barreira. Estes Padres se detiveram ali cousa de hum mes. Depois fizeram sua navegaçaõ.

9 Os Padres, que aviam de ir pera o Brasil, eraõ o nosso glorioso Martyr, o Padre Pedro Dias, Padre Diogo de Andrade, Padre Francisco de Castro. Avia ali tambem muitos Irmaõs antigos de conhecida virtude; & outros, que avia pouco tinhaõ posto fim a seu Noviciado: porem os mais eraõ Noviços. Nelles hiaõ muitos de grandes esperanças. Nestes se revia o Padre Ignacio de Azevedo. A estes tomou em especial à sua conta.

10 Primeiramente ordenou, que todos os Noviços estivessem separados dos mais em duas cazas de sobrado. Ali tinham seu Noviciado passante de quarenta. Ainda, que era Superior de todos, quis em particular fazer o officio de Mestre dos Noviços. O seu cuidado foi, pegarlhes a virtude com o seu exemplo. Em todos os seus exercicios se exercitava, sendo elle o primeiro nas cousas de mortificaçaõ, & humildade. Com o exemplo de elle se fazer Noviço, entrou nos mais antigos tanto fervor, que todos se fizeram Noviços, como elle. Nam concedia elle isto, se naõ depois de muitas petiçoẽs, & assim lho chegavaõ a pedir de joelhos. Nesta forma athe os Professos se puzeraõ no modo dos Noviços à imitaçam do bom Padre. A differença de huns aos outros era somente, que os Noviços estavaõ separados com alguns antigos, & os mais antigos na Religiaõ estavaõ em morada diversa.

CAPITULO XXV.

De como exercitou na oraçaõ a seus bemdittos companheiros.

1 ENtrou nos servos de Deos grande fervor de oraçaõ. Quantos ali estavaõ tinhaõ todos os dias duas horas de oraçaõ mental a campa tangida, medidas por hum relogio de area. Isto era alem das Missas, & exames de consciencia. Naõ queria, que sem licença se tivesse oraçaõ fora desta ordinaria, mas com licença se tinha muita extraordinaria. Quando algum queria ter mais oraçam, o modo de pedir a licença era, pera ter mais tempo de oraçaõ oito, ou quinze dias. O Padre concedia os dias, conforme via, que cada hum se saberia aproveitar, a huns mais, a outros menos.

2 Avidas as licenças se entregavaõ muito à oraçaõ, em que sentiaõ devaçaõ, & fervor. Porem o Padre como Mestre tam experimentado

tinha nelles grande tento, & antes, que fizessem excessos, os reduzia à oraçaõ ordinaria. Encõmendava, q̃ vizitassem muitas vezes o Santissimo Sacramento. Costumava dizer nas praticas: Jâ que aqui todos somos Noviços, nam se deve ter por Noviço, quem nam vizita o Santissimo pello menos nove vezes cada dia. Como a devaçaõ era tanta, succedia a alguns fazerem estas vizitaçoẽs compridas, imaginando serem breves. Porem o Padre em vendo, que se deixavam esquecer, lhes dava penitencias. Depois do exame da noite faziam todos huma vizita geral ao Santissimo; a esta taxava o tempo de hum Padre Nosso, & Ave Maria, & nam mais.

3 Mandava muitas vezes applicar a oraçaõ por diversas necessidades: pella conversaõ dos infieis, pella Cõpanhia, por El-Rey, pella reduçam dos hereges, & por outras cousas semelhantes. Pella nao do Porto, como via, que tardava, se applicava as mais das vezes, & por ella se faziaõ muitas devaçoẽs, & penitencias.

4 Pediaõ os Irmaõs penitencias por suas faltas: quando lhas concedia, dizialhes, que fossem tambem pella nao do Porto. Cada noite avia dez, doze disciplinas no antecoro por diversas necessidades, mas com ellas sempre se ajuntava pella nao do Porto. Quando no tempo, que he dado pera fallar, diziaõ as faltas a algum, conforme o costume dos nossos Noviços, logo este pedia por ellas huma disciplina. Concedialha, dizendo, fosse tambem pella nao do Porto; como se o coraçam lhe dissesse o grande bẽ, que Deos naquella nao lhes avia de fazer.

5 Era o Padre Ignacio muito devoto da Payxaõ do Senhor. Mandava ler à meza quasi sempre o livro *Passio duorum*. Folgava muito de o ouvir, & encõmendava aos Irmaõs, que o lessem, meditassem, & metessem dentro na alma. Daqui se seguio terem os Irmaõs grande gosto desta liçaõ. Neste tempo todo Val de Rozal ardia em devaçaõ, & gosto de Deos. Quando alcançavaõ alguma licença pera mais oraçaõ, parecia naõ poderem fartar a sede, que tinhaõ reprezada. Como naõ avia relogio de sino, acontecia em lugar de huma hora terem duas, & tres, imaginando ter sido mui pouca.

6 Ouve ali nesta materia raros exemplos. Delles direi, o que aconteceo ao Irmaõ Francisco Peres Godoi ajudando ao Irmaõ cozinheiro. Avendo hum dia muito, que fazer, foi mandado fazer a cozinha no tempo da oraçaõ de menhaã. Succedeo naõ aver tempo athe junto da huma hora, pera ter a sua oraçaõ. Tendo entaõ jâ lavado a louça, & as cousas bem dispostas pera a cea, disse ao cozinheiro: Irmaõ, eu hoje naõ tive oraçaõ. Respondeo o cozinheiro: Ide ter a vossa oraçaõ, athe que vos chamem. Era huma hora depois do meyo dia. Hia elle com tanta fome, que ouve Irmaõs, que vieraõ vizitar o Santissimo às duas, & tres horas, & o acharam alì. Voltaram os mesmos às quatro, & às sinco, & viaõno estar. Tornaraõ às seis, & sette, & o Irmaõ Godoi no mesmo lugar. Assim esteve athe as oito, sem aver quem sospeitasse, que o fazia senaõ com licença. Depois da cea, indo o refeitoreiro ver a taboa, onde se apontaõ os que vaõ à meza, como visse, que faltara o Irmaõ Godoi, começou a perguntar por elle.

7 Responderaõlhe os Irmaõs, que estava na capella desde a huma hora posto em oraçaõ. Chamado elle, disselhe o Ministro: Irmaõ, porque naõ fostes cear? Respondeo: Estava em oraçaõ. Pois, disse o Padre Ministro, quando ouvis a campa, naõ aveis de deixar tudo? Respondeo: Mandoume o Irmaõ cozinheiro, que tivesse oraçaõ, athe que me chamassem,

ſem, & ainda agora me chamaraõ. Admirouſe muito o Padre Miniſtro, & mandou-o cear. Chamado o cozinheiro, diſſe, que era verdade, que aſſim lho mandara, mas que naõ entendia mais, que por eſpaço da hora coſtumada. Tal era a devaçaõ, & obediencia, que Deos tinha cõmunicado a eſte bemditto homem, parente da Madre Santa Thereza de JESUS, aqual chamou aos da noſſa Companhia: *Homens bemdittos.*

8 Todos, os que de novo entravam na Companhia, faziam ali ſua primeira provaçaõ tomando huma, ou duas ſemanas de Exercicios de Santo Ignacio. Os que vinham, ſem ter acabado os dous annos, ali entravam em Exercicios. Tambem muitos Irmãos do Collegio ſe recolhiam a ter algumas ſemanas delles. Com aver tantos, que faziaõ os Exercicios, & ſerem as cazas tam limitadas, o Padre tinha modo, pera todos ſe recolherem a ter os Exercicios. Os Noviços modernos ſó tinham huma caza, a qual era huma de ſobrado pequena, que algum tempo ſervira de pombal. Fazia entrar nella ſinco, & ſeis juntos, ali faziam ſua primeira provaçam, ſem fallar huns com os outros.

9 Da meſma maneira todos de companhia, acabada a primeira provaçam, continuavam, & começavam de tomar ſeus Exercicios. Entam tinham ainda mais ſilencio, porque em todo o dia nam fallavam huma ſó palavra huns com os outros. Eram vizitados antes do jantar, & antes da cea, dandoſelhe as meditaçoẽs, pera meditarem pella menhaã, & entre dia. Depois de cea, & jantar vinha o Padre, que lhes dava os Exercicios com hum Irmaõ. A cada hum per ſi perguntava pellas meditaçoẽs, como ſe achavam nellas, & do que ſentiram. Praticavalhes algumas couſas a propoſito do q̃ meditavam; trazialhes alguns exemplos, com que os animava, & ajudava nas ſuas meditaçoẽs.

10 Acabando eſtes, entravam outros tantos; huma ves eſtiveram onze. Nos primeiros dous mezes nunca aquella caza eſteve ſem Exercitantes. Tinha determinado, que todos, os que entraſſem de novo ſe criaſſem deſte modo. Ali acabou ſeus dous annos o Irmaõ Joaõ Fernandes de Lisboa, & fez os ſeus votos na capella. Quis o Padre Ignacio, que ſe lhe fizeſſe feſta. Enramaram toda a capella; encheram os altares de flores: tiraram pera eſta feſta a imagẽ de Noſſa Senhora de Saõ Lucas, & hum Crucifixo, que reprezentava ao Senhor vivo em a Cruz, & outros retabolos. Tudo ſe pos de feſta; ouve prègaçam; depois de feita a feſta, abraçaram todos ao Irmaõ, que profeſſara.

CAPITULO XXVI.

Das praticas, & prociſsoẽs, que ſe faziam.

1 Todos os dias acabada a Miſſa dos Irmaõs avia pratica. Somente avia conferencia em lugar de pratica algumas vezes de oito em oito dias, ou de quinze em quinze. Avia neſtas praticas grãde eſpirito aſſim de quem as fazia, como de quem as ouvia. Vinhaõ a ellas quaſi todos os Noviços modernos, & antigos. Era couſa de grande conſolaçam, ver ali Padres antigos, & Profeſſos feitos Noviços aſſentados pello cham, & os que naõ cabiam na ſala pellas eſcadas.

2 Os que faziam eſtas praticas era muitas vezes o Padre Ignacio de Azevedo, muitas o Padre Pedro Gomes, em quanto ali eſteve, & tambem o Padre Pedro Dias. As praticas do Padre Ignacio de Azevedo todas eraõ da mortificaçam. Dizia muitas

vezes aos Irmãos assim nas praticas, como fora dellas, que nenhuma occasiaõ de mortificaçam aviam de deixar passar, em que se nam mortificassem. Trazia sempre na bocca estas palavras: *Irmaõs, as cousas mais baixas; sempre aveis de ficar magoados de vos outros levarem as occasioẽs de mortificaçam, & humildade: se varreis a caza, aveis de ficar magoados, de vos outro levar o sisco.* Dizia, que fossem muito amigos da Cruz, & dos trabalhos. Quando nas praticas dizia estas cousas, lhe sahiam a elle do coraçaõ, & as metia dentro nas almas de todos.

3 Outro modo tinha de exhortar mais efficas, q̃ era calando apparecer somente diante dos Irmãos; porque elle era tudo isto, que prégava: elle este dezejo da Cruz, & de trabalhos. Elle era esta humildade, & mortificaçam. E velo homem diante desi, via nelle quanto tinha prègado. Alem de ser conhecido fora de caza por incansavel nos trabalhos, obediencia, & charidade, quando em caza o viaõ ser primeiro em todas as cousas humildes, & trabalhozas, o primeiro na cozinha, o primeiro no varrer, no lavar das tigelas, no arear da louça, em buscar mil invençoẽs de se humilhar, & mortificar, & zombar desi, tendo em todas estas cousas contentamento, era esta mui efficas prègaçam, & pasmavam todos de ver toda a virtude mais fermosa em suas obras, que em suas palavras. Nam era isto cousa nova nelle em Val de Rozal. Sempre foi o mesmo, desde que entrou na Companhia, athe que morreo. Bastava, pera se recolher qualquer destrahido, velo diante desi. E isto era pratica commua entre os Irmãos de Coimbra em seus primeiros principios, que cada ves, que com elle encontravam, por mais destrahidos, & descuidados de Deos, que fossem, em o vendo logo tornavam em si, & se recolhiam, & punham o pensamento em Deos.

4 Sempre no fim da pratica avia hum quarto de conferencias, & as mais das vezes mandava o Padre Ignacio aos Irmaõs, que cada hum lhe trouxesse aquella pratica escritta. Destas praticas sahiam mui devotos, & penetrados de Deos, & do amor da Cruz, & trabalhos.

5 Tambem avia muita devaçaõ com humas procissoẽs, que se faziam todos os dias. Ordenava o Padre, que fossem a diversas Cruzes, que avia distantes em espaço competente das cazas. Estas procissoẽs se faziaõ de menhaã pella fria, em alguma meya hora antes da oraçam, ou da Missa, ou da pratica. Nellas hiam quasi todos assim Noviços, como os naõ Noviços, mas que o eram por imitaçam. Quando eram antes da oraçaõ, ficava somente em caza hum Irmam na portaria, pera ter cuidado da mesma caza. Alem da utilidade espiritual servia este exercicio muito pera a saude do corpo.

6 Ouvido o sinal da campa, todos eram juntos na sala da portaria. Sahia diante o Padre Ignacio, & o Padre Andrade entoando as ladainhas, & paravam defronte da portaria; sahiaõ logo os cantores, & os mais respondendo por sua ordem, & deixavam os dous Padres no meyo, os quais estavaõ quedos, athe passarem todos. Nesta forma todos juntos abalavam, as mais das vezes pera a cruz de hum outeiro à vista das cazas, onde hoje em memoria destes ditozos Martyres se ve levantada huma fermoza Cruz de marmore, que hum Procurador do Brasil, por serem a gloria da sua Provincia, mandou levantar naquelle outeiro.

7 Outras vezes hiam pera outra Cruz no caminho pera Lisboa, & a outras, que estavaõ em distancias competentes a esta funçam, & tempo, que nella se gastava. Hiam de dous em dous todos por ordem em

duas

duas fileiras, indo os cantores na dianteira, & no fim os dous Padres, seguindo todos nas repostas aos cantores. Quando chegavaõ à Cruz, todos se punham de joelhos; nesta postura continuavam as ladainhas athe o fim. Logo que as acabavam, entoavaõ os cantores: *Dulce lignum, dulces clavos, dulcia ferens pondera.* Avia ali Irmaõs de vozes muito suaves, & assim a musica fazia singular devaçam. Concluia o Padre Ignacio as ladainhas com tres oraçoẽs, a primeira da Cruz, a segunda por El-Rey, a terceira: *Respice quæsumus, Domine, super hanc familiam tuam.*

8 Nos sabbados as procissoẽs eraõ hum pouco mais solennes. Cantavaõ os musicos mais versos em canto de orgam, respondendo outros musicos no mesmo tom. No dia da Invençaõ da Santa Crus em Mayo foi a procissaõ mais solenne, que nenhuma outra. Primeiramente mandou o Padre alguns Irmaõs, que preparassem a Crus grande do outeiro, & a tivessem pella menhamsinha muito enramada, & vestida com flores. Assim o fizeraõ, & alimparam hum grande terreiro ao redor da Santa Crus, & o juncaram com muita diversidade de flores, & boninas. Chegando a procissam à Crus, se entoou o *Dulce lignum.* As vozes daquelles Anjinhos eraõ neste passo huma suspensaõ. Em especial o Padre Ignacio se enlevava todo, enchendose de alegria espiritual, como se estivesse no Paraizo.

9 Depois das oraçoẽs costumadas, tornava dali a procissaõ as mais das vezes desfeita. Entaõ vinhaõ poucos, & poucos cantando a doutrina, ou algumas outras cantigas devotas. Porem no dia da Cruz depois de festejar a do outeiro, que era a Matris, se foram quasi todos em procissam à Crus do caminho da Cidade, cantando hymnos, & Psalmos, & a vestiraõ de flores. Da mesma maneira fizeraõ a quantas cruzes avia por ali à roda, athe a huma cruzinha pequena, que estava ao canto do lagar, & a outra no poço. De sorte, que a festa abrangeo a todas as freguezias.

CAPITULO XXVII.

Dos exercicios corporais, & officios, em que os occupava, & como passavaõ o tempo das recreaçoens.

1 HUm dos principais cuidados do Padre foi telos sempre occupados em exercicios corporais. No tempo, que restava depois da pratica athe o exame antes do jantar, & o que avia desde a doutrina athe a oraçaõ de tarde, se gastava em officios, & exercicios corporais. Tinha ali todos os officios ordinarios de porteiro, sancristaõ, cozinheiro, despenseiro, & refeitoreiro. Estes officios estavam bem providos de ajudadores, de modo que se pudessem revezar muitas vezes, quando hiaõ ter oraçaõ, ouvir Missa, escrever, ler, decorar, ir à doutrina, & aos tons; porque nestas cousas, quando hiam huns, ficavaõ outros. Todavia ainda os officios eram poucos pera occupar tanta gente, & era necessario buscar mais occupaçoẽs, pera dar que fazer a todos.

2 Aqui se via a industria do Padre em inventar officios de novo, pera os ter occupados com frutto, & proveito. O Irmaõ Antonio Fernandes era mui bom carpinteiro de macenaria. Este com alguns, que o hiaõ ajudar por ordem do Padre alem de fazerem todas as cousas de carpintaria, que eram necessarias em Val de Rozal, fizeraõ ali muitas cruzes, & retabolos, tendo o Padre pera isto mandado comprar boa madeira. Neste retabolo mandava assentar mui ricas,

&

& devotas Imagens de ſeda amarela, verde, & de outras cores. Daqui levava muitas cruzes de pao preto, & vermelho mui bem lavradas, das quais tambem algumas ficaram na Capella, & cubiculos de Val de Rozal.

3 Ordenou tambem, que o pintor trabalhaſſe em ſeu officio; deulhe alguns Irmaõs, que lhe ajudaſſem a moer as tintas, & outros, que foſſem aprendendo o officio. Ali fez duas, ou tres Imagens de noſſa Senhora tiradas pella de Sam Lucas. Ali pintou alguns retabolos mui devotos, illuminou muitas Imagens de papel, dellas grandes, dellas pequenas, & todas ſe puzeram em retabolos, & as arrumou em arcas, pera as levar comſigo. Como eſtes dous officiais eram inſignes em ſeus officios, levavaõ as traças do retabolo da Igreja de Sam Roque, & as de outros altares menores, pera no Braſil fazerem por ellas ſemelhantes retabolos.

4 O Irmaõ çapateiro com outros, que ſabiam do officio, concertavaõ todo o calçado, que ali era neceſſario, & faziaõ outro, que levar pera o Braſil. Aos alfayates alem de obrarem o neceſſario pera os Padres, & Irmaõs, fez cortar capas, roupetas, & & outros veſtidos, & aſſim feitos hiam em arcas pera la ſervirem no Braſil. Alem de tudo iſto ali mandou fazer veſtimentas ricas, frontais, panos de pulpito, alvas, ſobrepelizes, & mais ornamentos pera os altares.

5 A outros occupava em treſladar muitas grozas de Theologias, cazos, & couſas eſpirituais, que la podiaõ ſervir. Aos que levava deſtinados pera meſtres, dava tempo pera eſtudar. Aos que tinha mãdado apparelhar pera ſacerdotes, lia o Padre Pedro Dias ſuas liçoẽs de cazos de conſciencia. Ouve neceſſidade de fazerem alguns colchoẽs; nam avendo, quem ſoubeſſe, chamou o Padre Ignacio alguns Irmaõs, que viſſem, como elle os fazia, & fez hum todo, ſem alguem lhe por mam, mais que elle. Dali por diante ficaram meſtres.

6 Ouve tambem ali neceſſidade de amaſſar pam, & lavar a roupa, por naõ aver commodidade pera iſſo em outra parte por cauſa da peſte. Logo o Padre Ignacio engenhou, como ali ouveſſe amaſſadoria, forno, & lavandaria, com o neceſſario pera eſtes officios. Eſtes eraõ os mais appetecidos, andavaõ à porfia, aquem os havia de alcançar. O Padre os dava por oppoſiçaõ: quem os alcançava, os fazia cõ muito cuidado, & perfeiçaõ, acautelandoſe de nelles cõmetter alguã falta, por onde lho tiraſſem; porque os outros, tendolhe ſanta inveja, ſe apuravaõ em lhe notar as faltas, pera os averem pera ſi. Deſte modo todos andavaõ occupados com huma ſanta emulaçaõ aſſim nos exercicios exteriores, como nos mentais de meditaçaõ, & oraçaõ.

7 Os tempos da meza, & da recreaçam depois de jantar, & cea ſe adubavaõ todos com a virtude. O comer ordinario era peixe ſecco, ſardinhas, peſcadas, & bacalhao. Raras vezes avia carne, ſenaõ por alguma feſta, & eſta commumente era de chacina. Pera os fracos, & mal diſpoſtos nam faltava carne freſca. O que tinha muito, que ver, eram as penitencias, que continuadamente ſe faziam no tempo de comer. Nam avia meza, em que nam comeſſem em pe ſette, & oito. Quaſi cada dia avia reprehenſoẽs, que ſe davaõ a ſette, & a oito. Aſſim ao jantar, como à cea avia diſciplinas nas coſtas.

8 Muitos com licença jejuavam varios dias na ſemana em eſpecial na ſeſta, & no ſabbado. Pera feſtejarem os ſeus Santos, faziaõ tambem muitas penitencias de jejuns, & diſciplinas. Eſtas feſtas nam as fazia cada hum per ſi ſó, mas buſcava companheiros, que o ajudaſſem a celebrar o

ſeu

seu Santo. Segundo a licença, que tinha, os festejava com sette, oito, dez, doze, jejuando todos, & tomando disciplina. Huns hiaõ às festas dos outros. O contentamento em todos naõ cabe em palavras dizer quam grande fosse.

9 Accrecentava o Padre Ignacio este prazer com as reprehensoẽs, a que chamamos entre nos capellos, que lhes fazia dar no meyo destas cousas. Avia grande singeleza em todos, assim quando eram reprehendidos, como quando os mandavaõ reprehender a outros. O mandar estas cousas, & o fazeremse, era o mesmo. Ao Irmaõ Luis Rodrigues de Evora se deu huma ves penitencia por huma falta de olhar pella meza, que estivesse no repouzo com os olhos fechados, athe que lhe dessem sette capellos. Pozse entre todos com os olhos fechados; foraõ os sette hũ apoz outro dandolhe estas reprehensoẽs, que o bom Irmaõ esteve soffrendo com muita consolaçaõ de seu espirito.

10 A outros por rir muito, se mandava, que no tempo do repouzo estivessem com os dedos em crus sobre a bocca. Outros no mesmo tempo vinhaõ com licença dizer suas faltas, pondose de joelhos. Em as dizenzo descarregava sobre elles mui boa reprehensam. Veyo huma ves o Irmaõ Marcos Caldeira dizer por hum papel suas faltas com muitas lagrimas, & sentimento. Hum, que estava avizado pello Padre Ignacio de Azevedo, lhe começou a descantar, dizendo: *Boa hypocresia está essa; quereis, que vos tenham por humilde? Boa humildade. Já que cá nos vindes dizer essas faltas, porque deixais estas, & estas? Estas saõ as que avieis de dizer, & chorar. Mas vos as calais, & nam quereis conhecer, pera dellas vos emendardes.* Semelhantes reprehensoẽs, ainda que asperas, naõ os deixavaõ carregados, nem por ellas se entristeciaõ, antes se animavaõ a continuar em seus fervores.

11 O Padre Ignacio as mais das vezes se hia pera o repouzo, ou recreaçaõ dos Irmaõs Noviços; humas vezes perguntava pella vida do Santo, que naquelle dia se tinha celebrado na meza, dizendo: quem disser melhor louvor deste Santo, lhe hei de dar hum premio. Este premio vinhá a ser alguma reprehensam, ou disciplina. Era pera ver, como contendiaõ, pera levar o tal premio. Outras vezes pediaõ ali virtudes a nossa Senhora huns pera os outros, & se armavaõ conversaçoẽs mui devotas.

12 O mais frequente exercicio, que fazia neste tempo, era mandar aos musicos, que cantassem alguma cousa, pera recrear os Irmaõs, ensinando com seu exemplo, como aviaõ de achar a Deos nestas recreaçoens. Mandava cantar hymnos, prosas, romances da Payxam, de que era mui devoto: agradavalhe em especial hũ romance, cujo principio era: *Levantad el pensamiento, Poned los ojos en la Crus, Vereis a Christo JESVS, Padecer por vos tormento.* Este fazia elle cantar a tres vozes, Godoi, Magalhaẽs, & Alvaro Mendes, & repitiam estes tres com todos os mais cantores.

13 Muitas vezes se vio o Padre estar chorando, quando se cantava este romãce, o qual tinha muitos pes, & comprehendia quasi todos os mysterios da Payxaõ. Outras vezes fazia cantar a *Salve Regina, Ave maris stella, Regina cæli lætare.* Depois da musica perguntava a muitos, em que cuidavaõ, quando ouviam cantar, em que sentiram mais consolaçaõ. O que fazia com tal espirito, que em todos causava devaçam.

14 Depois desta recreaçaõ, a que entre nos chamamos repouzo, se recolhiam por hora, & meya, ou duas horas, nas quais escreviam, ou estudavam conforme a ordem, que se lhes tinha

tinha dado, athe se tanger à doutrina, na qual se gastava huma hora pello relogio de area. Aqui perguntava ora a huns, ora a outros, como se ouveram na meditaçaõ, & o que Deos nella lhes dera a sentir? dizendo sobre isso cousas, que os pudessem ajudar. Nisto gastava pouco mais de hum quarto. Logo mandava perguntar huns aos outros pella doutrina, & se aviam como se a ensinassem fora em publico. Ao outro dia no mesmo tempo avia liçam das Regras, & exercicio de tons; os quais faziaõ naquella lingua das que sabiaõ, & se lhe mandava, ora em Latim, ou Grego, ou Hebreo, ou Castelhano, porque avia nelles quem sabia estas linguas. O mesmo era mandallos, que arremeçarse, sem pôr nisso alguma difficuldade.

CAPITULO XXVIII.

De outros santos, & proveitozos divertimentos, cõque o Padre Ignacio de Azevedo occupava a seus bemaventurados companheiros em Val de Rozal.

1 TAmbem pellas tardes principalmente hiam muitas vezes ao matto buscar lenha; traziaõ dous, & tres feixes no dia às costas. Faziaõ ali junto de caza grandes mõtes de lenha. Porque era tempo de poda, hiaõ tambem por vezes apanhar todas as vides, & fazellas em feixes, & dellas faziaõ grandes montes. Outras vezes hiam colher rosmaninho, pera as ovelhas comerem, & ajuntavaõ em feixes, pera levarem pera o mar. Sahiam outrosi a colher carqueija, de que faziam muitas, & mui boas camas com suas cortiças à cabeceira: porque camas de colcham nam as avia ali, senaõ pera alguns achacados, ou alguns hospedes. Nem avia, quem mostrasse ter dellas necessidade.

2 Outro divertimento era sahirem a colher graã, da qual avia muita nos mattos de Val de Rozal. Della obrou o Pintor bellissimas tintas, que levava pera o Brasil. Outros mais fracos apanhavam flores, & ramos, pera ornar os altares. A todos estes exercicios sahiaõ com grande prazer fallando entre si cousas de Deos. Com elles nam poucas vezes hia o Padre Ignacio de Azevedo: ainda que dali costumava frequentemente ir a Belem, a dar aviamento às cousas da viagem, parecia, que a nada faltava.

3 Quando os Irmãos de tarde hiaõ ao matto, os acompanhavam os Sacerdotes, & o Padre Ignacio, quãdo se achava prezente. Fazia alguãs vezes levarlhe lâ de merendar a cada hum seu quarto de pam, & huma talhada de queijo com sua quarta de agoa. Acabada esta refeiçam, tomavam às costas os feixes, que ja estavam feitos, & preparados. Nam consentia porem, que os Sacerdotes trouxessem feixe algum. Só elle arremetia a hũ feixe, & tomandoo às costas o começava a levar cõm os Irmãos. Aqui os Irmãos nam consentindo tal cousa, se hiaõ a elle, pegavaõlhe no feixe, & diziaõlhe, que pois lhe nam parecia bem, que os Sacerdotes levassem feixe, que tambem nam era rezaõ, o levasse Sua Reverencia. Nesta contenda, ainda que rindo, & gracejando, o queria, & procurava levar, mas os Irmãos tambem rindo, & gracejando naõ desaferravam delle. Tanto porfiavaõ, athe que lhe tomavaõ o feixe, & o repartiaõ entre si.

4 Consentia o Padre, que lhe fizessem esta força, & ficavaõ todos rindo, & passava tudo por graça. Mas a graça era mui modesta, & santa, como o eram todas as suas acçoẽs. Nesta forma aquelle santo esquadraõ de soldados de JESU se vinha retirando

pera

pera caza, tam alegres, & contentes, que podiaõ fazer inveja ao Santo minino Izac debaixo do ſeu feixe, em que o pay o intentava ſacrificar.

5 Chegando o tẽpo da oraçaõ de tarde, ſe diſpunhaõ pera ella, lendo o quarto antes por livros eſpirituais. Ainda q̃ na oraçaõ de menhaã a muitos mãdava o P. q̃ da hora tiveſſẽ a meya de oraçaõ vocal, & a outra meya de oração mental, eſta hora de tarde todos a tinhaõ mẽtal. Era das quatro, & meya athe as ſinco, & meya. Todos acodiaõ a ella, ſem ficar algum nas officinas. Os Noviços modernos a tinhaõ na ſua Noviciaria, os antigos parte delles nos cubiculos, parte na Capella diante do Santiſſimo. As janelas, & portas todas eſtavam fechadas. Fazia grande admiraçaõ o ſummo ſilencio, que avia em todo Val de Roſal, com aver ali mais de cem peſſoas: quando eſtavam todos em oraçaõ, parecia nam eſtar ali alma viva. Nam avia ſilencio de meya noite, que venceſſe eſte. Tanto ſe embebiam todos em Deos.

6 Do tempo da cea, & recreaçaõ depois della baſta dizer, que ſe paſſava como o do jantar. Acabado o repouzo, ou recreaçaõ depois da cea, os Irmãos ſe recolhiam a ſeus officios, ou a couſas ordenadas, ſegundo a diſpoſiçaõ do Padre Ignacio. Porem os que ſe apparelhavaõ pera tomar ordens ſacras, neſta hora tinhaõ ſuas conferencias de cazos, a que preſidia o Padre Pedro Dias. Depois faziaõ todos ſeu exame de conſciencia, vizitavaõ o Santiſſimo, & ſe recolhiaõ a tomar deſcanço.

7 Outra couſa, que aqui ouve de grande recreaçaõ eſpiritual, foraõ as peregrinaçoẽs. Avia nelles abrazados dezejos de ir peregrinar. Nam ficou Noviço, nem Irmaõ do Collegio, ou Padre, que nam pediſſe eſtas peregrinaçoẽs. A muitos ſe concederaõ: huns foraõ a Noſſa Senhora do Cabo, outros a Nazareth, outros a Tourega, outros a noſſa Senhora das Virtudes. Hiaõ de dous em dous, ou de tres em tres veſtidos pobremẽte. Davalhes o Padre à ida ſomente dous, ou tres paens de eſmola.

8 Avia grande alegria, quando voltavaõ. De ordinario vinham rotos, mortos de fome, magros, & desfeitos com as fomes, que paſſaram, mas taõ contentes, como ſe vieraõ de alguma grande feſta. O Padre Ignacio os ſahia a receber, & apos elle todos os Irmãos com goſto incrivel. Depois dos abraços eraõ levados ao refeitorio. No tempo do repouzo ajuntavaõſe todos. Fazialhes o Padre contar os ſucceſſos da peregrinaçaõ, as reprehenſoẽs, que lhes davaõ, chamandoos vadios, ociozos, dados à calaçaria. Tambem contavam, como algumas vezes os quizeram prender, & ao pedir das eſmolas lhe davaõ eſtas, & aquellas repoſtadas. Acabando de contar eſtas couſas, todos os outros arremetiaõ ao Padre, pedindo, que os mandaſſe, que pois eram vindos já huns, bem podiaõ ir outros. A muitos algumas vezes lhes deſpachava logo a petiçaõ. A maior contenda era em agazalhar eſtes hoſpedes. Huns contendiam ſobre lavar os pes, outros ſobre o fazer a cama. Os que vinham de peregrinar, alem de lhe lavarem os pes, veſtiam camiza lavada, dormiaõ em cama de colcham, & lançoes: algumas vezes mudavaõ o demais veſtido; ainda que dahi por diante ſe lhes concedia dormir na carqueija, como dormiaõ os mais.

9 Huma das grandes recreaçoẽs, comque muitas tardes os aliviava, era decer com elles ao mar, que fica como meya legoa das cazas de Val de Rozal. Hiaõ os muſicos cantando hymnos, Pſalmos, & cantigas mui devotas, accommodadas à recreaçaõ, & devaçaõ. O P. muitas vezes os mandava decer abaixo à praya do mar, ficãdo elle cõmumẽte enſima nas bar-

rocas com dous, ou tres. Ajuntavaõ-se à roda de huma fonte, que està na praya. Huns se recreavaõ estando ali em santa conversaçaõ. Outros andavam pella praya apanhando conchinhas de mariscos. Outros se chegavam às ondas, & se afastavam dellas, em especial os mais pequenos se recreavam muito com as ondas. O sitio por seu retiro dava lugar a todos estes honestos desenfados. Por fim da recreaçaõ lhes mandava o Padre dar de merendar junto da fonte a cada hum seu quarto de pam com alguã fruta. Depois voltavaõ a caza cheyos de consolaçaõ. Estes saõ em summa os exercicios, comque em Val de Rozal o Santo Padre Ignacio de Azevedo por cousa de sinco mezes ensayou pera o Martyrio aquelles seus ditosos soldados; & santificou todo aquelle sitio, em o qual naõ ha palmo de terra, q̃ naõ fosse pizada, & tocada com pes taõ sãtos. Ainda na Capella estava hâ poucos annos posta em huma parede aquella grande crus de pao, aonde principalmente ordenavaõ as procissoẽs, a qual avendo rebate deque estavam estes gloriosos Martyres pera sahir cada hora canonizados, foi trazida pera o Collegio de Santo Antam, & ali posta em resguardo, por nam aver delles outra mais insigne reliquia, cujo pe na Capella costumavamos beijar em veneraçaõ de tantos braços, & mãos santas, que a apertaraõ, & tocaram.

CAPITULO XXIX.

De como deixaram Val de Rozal, & o mais, que passou athe sahirem pella barra fora.

1 CHegavase o tempo de partir pera o Brasil. Faziase prestes o Governador, & toda a frota, que avia de ir naquelle anno. Só a dezejada nao do Porto nam acabava de apparecer. Julgando o Padre, que nam era bem, esperasse mais, tratou de mudar a caza, deixando Val de Rozal, passando pera Lisboa com todos os companheiros, em ordem a dispor a viagem em algumas naos da frota, deixando ao Padre Pedro Dias com alguns mais, pera irem em a nao Santiago. Hum dia de tarde publicou, que no seguinte dia se aviaõ todos de ir de Val de Rosal, pera se embarcarem; naõ cabiaõ em si de prazer com tal nova. Naquella noite entrouxaram todos o fato. Em rompendo a menhaã depois de terem a sua oraçaõ, & ouvirem Missa, sahiraõ todos antes de nacer o sol. O dezejo de se verem no Brasil era tam grande, que lhes tirava as saudades de Val de Rozal.

2 Começaraõ a caminhar todos juntos ao porto de Cacilhas. Nam avia pera todos mais, que huma só cavalgadura, na qual se revezavaõ tres, ou quatro mais fracos. Tomaram barcos, passaraõ a Lisboa; endireitaram a se hospedar na caza de Sam Roque. Pasmava a gente de ver juntos tantos, & tam modestos Irmãos; os mais delles hiaõ em corpo. Quinze dias estiveraõ na caza de Sam Roque antes de se embarcar. Recolheraõse na caza da Provaçaõ, que ali avia, & entam estava despejada, porque os Noviços se tinhaõ todos mandado parte pera Coimbra, & parte pera Evora, por causa da peste, que no anno proximo tinha consumido Lisboa.

3 Ali naquelles dias tinhaõ todos os exercicios, que faziaõ em Val de Rozal. Em lugar de alguns corporais succederaõ cà outros, como era ir à Ribeyra comprar, & trazer às costas as cousas cõpradas: traziaõ nas em ceirinhas. Quasi todos passaram por este exercicio; como tambem por outro de ir ao hospital servir aos enfermos. Nestes quinze dias fizeraõ por suas mãos muitas toalhas, & guardanapos

napos, & almofadas pequenas de huma vela, que El-Rey lhe dera de esmola, pera lhe servirem pello mar. Como o Padre Ignacio era nestas cousas tam grande official, este seu engenho de mãos parecia pegarse tambẽ a todos.

4 Neste tempo succedeo huma cousa notavel ao Irmaõ Fernaõ Alvres, que morreo em companhia do Padre Pedro Dias. Tendo huma grave tentaçaõ se sahio da caza de Sam Roque com intento de naõ voltar. Passando pello Curral, hum touro, que estava pera ser morto, se soltou, & se foi ao Irmão, lançouo por terra, & o enxovalhou, sem lhe fazer mais o deixou. Cahio em si o fugitivo, voltou a caza, chorou, & pedio perdaõ ao Superior. Foi recolhido, sem nada se saber, porque avia poucas horas se tinha ido, & se naõ achara athe ali sua falta.

5 Teve entre outras cousas o Padre Ignacio singular dom de conhecer, os que tinhaõ verdadeira vocaçaõ. Era mui animozo em os tornar a mandar desenganandoos, que nam avia nelles o necessario pera aquella empreza, ainda que por outra parte tivessem grandes talentos. A hum, que tinha em pouco as cousas da obediencia, lhe disse, que nam era pera a Companhia: depois, que sem effeito lhe applicou alguns remedios, o mandou com a bençaõ de Deos pera sua terra, dandolhe ajuda de custo. Direi as faltas, que nelle avia, porque lhe descontentou. Eram semelhantes a esta. Mandaraõno huma ves ajudar ao cozinheiro: applicouse mal a isto. Reprehendido, porque naõ fazia, o que se lhe mandava, respondia, que no Brasil faria aquillo, & muito mais.

6 Da mesma maneira tornou a enviar dous Noviços de Belem, & hũ de Santa Catherina, estando jâ embarcado, só por lhe parecer, nam eram dignos daquella empreza. Tambem tornou a mandar outros pera os Collegios, donde tinham vindo, nam pellos julgar indignos da Companhia, mas ou por nam correspõderem â perfeiçam, que elle queria, & era necessario pera o Brasil, ou por ver, que por suas indisposiçoẽs corporais nam podiaõ aturar lâ os trabalhos.

7 Tinha o Padre Ignacio de Azevedo disposto a viagem em algumas naos da frota, visto naõ chegar a naõ do Porto: só faltava embarcaremse, que o demais estava tudo corrente, & os navios de verga dalto. Quando em Sam Roque se queria despedir, chegou de Belem o Irmaõ Antonio Soares, dando por novas, ser entrada a nao do Porto. Ouve com isto em todos notavel prazer. Logo o Padre os fes chamar a todos, & assim juntos foram â Capella dar graças a Deos, por lhes trazer aquella nao ainda a tempo, que pudessem fazer nella sua viagem.

8 Logo fes tirar pera esta quanto tinha metido nas outras naos. Entaõ se meteo nella com quarenta cõpanheiros. Ao Padre Pedro Dias embarcou em a nao do Governador com vinte, & tantos companheiros. Ao Padre Francisco de Castro com dous Irmãos fez embarcar em a nao dos Orfaõs: chamavase com este nome, por levar muitos mininos, que do tempo da peste ficaram desemparados, & por ordem Del-Rey hiaõ pera povoar a terra. Os da Companhia eram sessenta, & nove, a mais numerosa esquadra de Missionarios, que athe o prezente sahio deste Reyno pera as suas Conquistas. Alem destes levava muitos nas tres naos, pera lâ os receber, se na viagem dessem de si boa satisfaçaõ.

9 Depois, que se embarcou, antes de sahir do rio, ali ordenou de sorte as cousas, que a nao Santiago era hum Collegio da Companhia tam bem ordenado, que o nam seria melhor em

terra. Como tinha fretado ametade da nao, toda do maſtro athe a poppa era ſua debaixo da tolda, & debaixo da cuberta. Tinha mandado fazer ſeu dormitorio com beliches de huma, & outra parte. Do pe do maſtro athe a camara do leme ficava deſpejado hũ eſpaço ſemelhante a hum corredor; eſte era o ſeu refeitorio. Tinha ali mandado pôr huma meza de huma ſó taboa, que tomava todo eſte comprimento do pe do maſtro athe a poppa. Eſta ſe abaixava, & levantava com hum engenho de cordas, quando era neceſſario.

10 Hum dia à tarde ſe embarcaram, & no ſeguinte dia começaram com ſua ordem, como ſe eſtiveram no Collegio. Avia ali tanger a eſpertar, & à oraçaõ; tanger à primeira, & ſegunda meza. Avia liçaõ a ambas. Avia tanger ao repouzo, & a recolher. Nam faltava o dizerem a culpa, nem penitencias, & diſciplinas. Avia ali todos os officios ordinarios de huma cõmunidade, diſpenſeiro, cozinheiro, refeitoreiro, enfermeiro, boticario, & ſancriſtam. O ſeu cuidado foi ter, em que occupar a todos. Logo que ſe embarcou, tomou poſſe do fogaõ da nao, mandoulhe fazer hum repartimento de taboas, ficando cercado da parte de fora pera os da nao, & aberto da parte de dentro pera os noſſos. Deſta maneira fez delle cozinha, em que os noſſos ſe pudeſſem exercitar na humildade pello mar. Pera que toda a cozinha foſſe noſſa, fez aos Irmãos cozinheiros de toda a nao.

11 Todos, os que queriam cozinhar alguma couſa, o davaõ por hũa janelinha aos noſſos cozinheiros; depois, quando era tempo, por ali meſmo a recebiam guizada, ſem nenhum de fora entrar dentro. Fes, que o pintor, carpinteiro, & alfayate tiveſſem ſempre, que fazer em ſeus officios. A maior parte dos Irmaõs occupava em fazer coſtura da vela, que levavaõ, por terem quaſi todos aprendido eſte officio. A muitos dos eſtudantes mandava tambem eſtudar. Nam avia ali portaria, nem porteiro, nem era neceſſario, porque nenhum de fora entrava no apozento dos Irmaõs. Tinhaõ tanta reverencia àquelle lugar, que do pè do maſtro por diante ninguem ouzava paſſar. Como principiava a liçaõ eſpiritual da meza, logo todos calavaõ, & ſe punhaõ a ouvir. Era tal o ſilencio em toda a nao, que athe os paſſageiros, & marinheiros pareciam Religiozos.

CAPITULO XXX.

Parte de Lisboa o Padre Ignacio de Azevedo com ſeus companheiros. Modos ſantos, com que ſe ouve athe chegar à Ilha da Madeira. Como aproveitou, & recreou a todos.

1 DEs dias pouco mais, ou menos eſteve embarcado defronte de Saõ Jozeph, & de Santa Catherina, guardando nelles a ditta ordem, como ſe ainda aſſiſtira em Val de Rozal. Dahi ſahiraõ alguns dias a ouvir Miſſa, & cõmungar a Belem, & a Saõ Jozeph. No fim deſtes dias tiveraõ o tempo, que eſperavam, com o qual botou toda a frota pella barra fora aos ſinco de Julho. Conſtava de ſette naos, & huma caravela. O Governador do Braſil Dom Luis de Vaſconcellos hia em huma nao da India grande, & fermoſa, que ſervia de Capitania. Eſta levava o farol, & bandeira na gavia. A nao Santiago era Sotocapitania. Tiveram tempo favoravel, com o qual humas à viſta das outras foram demãdar a Ilha da Madeira.

2 Ordenou logo o Padre Ignacio de Azevedo, que ouveſſe todos os dias ladainhas na nao, & que a

dou-

doutrina, com que os Irmãos se exercitavaõ em Val de Rozal, fosse pera toda a nao. O seu primeiro cuidado foi grangear os animos de todos, & pera isto tinha modo mui singular. A cada pessoa deu seu Agnus Dei, & seu Rozario da Senhora de contas bentas. Logo lhe fez huma pratica da estima, em que deviam ter estas cousas, & quam fruttuosa costumava ser a santa doutrina. Com esta exhortaçaõ ficaram mui dezejozos de a ouvir. Como os vio assim affeiçoados, concertouse com o Capitam, & principais da nao, que em ouvindo tanger à santa doutrina, acodissem todos.

3 O primeiro dia, que se deu sinal a ella, todos quantos avia na nao, se ajuntaraõ pera a ouvir. Sahio o Padre Ignacio com todos os Irmaõs: elle fez esta primeira doutrina, & só os Irmaõs eram perguntados; & mandou cantar dous. Gostou tanto a gente desta primeira doutrina, & das que se foraõ seguindo, que todos folgaraõ, & determinaraõ de respõder na doutrina. A alguns, que dezejavam responder, & naõ sabiaõ, ou sabiaõ pouco, dava o Padre Irmaõs particulares, que cada dia lha ensinassem, & dessem alguma liçam della.

4 Depois de ter bem introduzida a santa doutrina, a entregou ao Irmaõ Bento de Castro, & elle dahi por diante a fazia, achandose sempre em prezença o Padre Ignacio. Foilhes apos isto propondo premios, & alguns Agnus Dei bem guarnecidos, & Rozarios de contas bentas. Creceo muito a emulaçam; naõ avia, quem naõ gostasse de saber a doutrina, & responder a ella, & disso se prezasse. Foi a cousa tanto avante, que athe o capitaõ, piloto, & contramestre folgavam de se levantar, & responder com o barrete fora, & o tinham por honra; ainda, que o Irmaõ naõ queria, que o capitam respondesse alevantado, & desbarretado, por ser homem honrado, & capitam da nao. Huma ves lhes fez o Padre Ignacio seus premios, & humas contendas publicas sobre huma imagem de seda muito fermoza, & outros dous premios menores. Oppuseraõse a estes premios os mais graves, o capitaõ, o piloto, & outros. O primeiro premio se julgou ao capitam, o segundo ao piloto, o terceiro a hum passageiro honrado; todos tres homens de mais de quarenta annos. Deraõselhe com grande festa de todos. Gostavaõ muito de ouvir cantar a santa doutrina, por isso lha mandava cantar por dous Irmaõs, que tinham vozes mui engraçadas, como eram os Irmaõs Aleyxo, & Magalhaens.

5 Nam parava o zelo deste santo homem nestas cousas, mas de humas fazia degrao pera as outras. Tinha grandes modos, pera fazer de todos o que queria. Quando determinava effeituar alguma cousa, que tivesse difficuldade, os ajuntava no castello da poppa, & praticava com elles: logo por lhes fazer festa, mandava cantar alguns Irmaõs cousas devotas. As vezes depois das praticas, & cantigas tambem os convidava. Nesta forma hum dia tendoos a todos contentes, querendolhe tirar os livros de cousas profanas, lhes disse, que lhe trouxessem os livros, que tinham, & pellos que naõ fossem bõs, lhes daria outros. Logo todos lhe trouxeram ali grande soma de autos, coplas, novelas, & outros livros profanos. Todos os tomou, & lançou ao mar. Em lugar destes a huns deu Contemptus mundi, à outros huma doutrina, & livros semelhantes, com que ficaram mui contentes. Tãbem deu pera todos em commum hũ Flos Sanctorum de Braga. Determinou lugar, no qual pera todos os da nao estivesse em publico. Ordenou, que o Irmaõ Magalhaens todos os dias a certa hora lhes lesse por aquel-

le

lo livro, nesta hora se ajuntavaõ muitos ao ouvir, & nisso tinham prazer.

6 Quando se queria por o sol, mandava tanger às ladainhas, acodiam logo todos os Irmaõs. Tambem o capitam, & contramestre tocavaõ seus apitos, & concorriam, quantos avia na nao, sem ficar mais, que hum aó leme. Postos todos de joelhos ensima da xareta, começava o Padre Ignacio, & o Padre Andrade a entoar em canto de orgam as ladainhas, respondiaõ os musicos somente, os outros todos assistiam de joelhos. No fim dizia muitas oraçoẽs por diversas necessidades. Sempre concluiam as ladainhas com a *Salve*, & algumas vezes com *Regina Cæli, lætare, alleluia*, tres vezes. Tudo se cantava com grande suavidade.

7 Depois jà bem de noite faziaõ os marinheiros sua Salve, tocavam seus apitos, ajuntavaõse todos. Acertava isto a ser de ordinario, quando os Irmaõs estavam todos recolhidos a fazer seu exame de consciencia. Postos todos os marinheiros de joelhos, hum se punha da habitacula com huma candea, & começava a entoar suas prozas, & oraçoẽs, nas quais invocavam o favor de muitos santos, & lhes faziam suas petiçoẽs, dizendo por isto outros tantos Padre Nossos, & Ave Marias. Gastavam nestas cousas huma hora pouco mais, ou menos. No fim benziam sua candea, como he costume dos mareantes. Com aver todos os dias doutrina, ladainhas, & Salve ordenada pellos Padres, nunca os da nao deixaram estas suas costumadas devaçoẽs.

8 Em todos os domingos, & dias santos avia Missa seca cantada em a nao: ainda naquelle tempo se naõ costumava, como hoje, dizer Missa no mar. Fazia o Padre armar hum altar no mais alto castello da poppa cõ frontal, & ornamentos ricos, com a imagem de Nossa Senhora de Saõ Lucas. Sahia elle com vestimenta rica conforme o frontal, estando todo o coro, & Sacerdote prestes, tangiam a campa. Acodiam, quantas pessoas avia em a nao, todos com suas velas accezas, punhaõse de joelhos cõ as velas nas maõs.

9 Era cousa notavel, que raro se achava ali, que naõ sahisse com seu cirio, ou vela acceza. Costuma esta gente do mar pellas Endoenças comprar hum cirio, ou huma vela mui fermoza, accendela diante do Sãtissimo, & depois de ter ardido hum pedaço, a recolhem, como cousa benta, & sagrada. Levaõna pera caza, guardaõna com devaçam pera todos os perigos, & lhe servir de candea na hora da morte. Por esta causa quasi todos no mar a levaõ em suas cayxas. Depois da Missa fazia o Padre sua prègaçam, que durava pouco mais, ou menos, que hora, & sempre prègava da charidade, deq̃ elle andava cheyo. Naõ he pera passar em silencio, como antes da Missa benzia agoa, & a hia lançando por toda a nao, & depois a lançava no mar, & os cantores em canto de orgam cantavam o *Asperges*, que o Padre hia dizendo em voz baixa.

10 Porque no tempo da meza a gente da nao guardava muito silencio, ouvindo a liçam espiritual, que se lia, & dava fè de tudo, naõ avia penitencias, nem reprehensoẽs, nem disciplinas; mas porque estas cousas naõ faltassem, descobrio modo pera as aver. Tinha elle repartido tres lugares pera a recreaçam, a que chamamos repouzo, hum debaixo da cuberta, onde tinham a maior parte dos seus gazalhados, outro a hum canto do mesmo refeitorio, outro na varanda. Como à varanda estava sobre o leme, no lugar mais escuso, & apartado de toda a nao, ordenou, que no tempo do repouzo se dissessem as culpas, se fizessem as penitencias, & dessem as reprehensoẽs, & que ali à noi-

noite ſecretamente ſe tomaſſem as diſciplinas.

11 Tirou huma ves os ſantos, como no fim do mes coſtumamos na Companhia. A eſta ſolemnidade aſſiſtio toda a gente da nao, & todos tiraram ſeu ſanto. Encõmendoulhes muito, lhe tiveſſem devaçam, porque ſem duvida receberiam delle favores; dizendo a eſte propoſito, que quando viera do Braſil, o ſanto do mes o trouxera a ſalvamento, porque no ſeu dia entrara no rio de Lisboa.

12 Toda a frota depois, que partio de Lisboa, foi quaſi ſempre junta, tanto, que muitas vezes hiam as naos à falla humas das outras. Todos os dias ſe ſalvavaõ duas vezes em amanhecendo, & anoitecendo, & iſto por ſua ordem. Primeiro, que todas a nao Santiago, que era Sotocapitania ſalvava à Capitania: ella lhe reſpondia com ſeus apitos, & boa viagem. Prepaſſava a Capitania por todas as outras, & cada huma lhe fazia o meſmo, & depois de todas a ſalvarem, ſalvavam tambem à Sotocapitania. Indo aſſim todas juntas, muitas vezes depois de ſe ſalvarem, mandava o Padre Ignacio cantar ao Irmaõ Magalhaens aquella proza, que começa: *Muerto eſtá el buen JESVS*, aqual o Irmaõ cantava com huma voz tam ſuave, que parecia couſa do Ceo; tam eſperta, que athe as naos, que vinham mais afaſtadas, a ouviaõ, & folgavaõ de ſe chegar mais perto, porque aquella voz tam ſuave ouvida entre as ondas fazia humas ſaudades da gloria.

13 Outras noites dava outra muſica mais ſuave a todas as naos jũtas, porque fazia cantar: *Recuerde el alma dormida*, a tres vozes com arpa: cantavaõ os Irmaõs Alvaro Mendes, & Magalhaens, o Irmaõ Godoi tangia arpa, & fazia contrabaixa. Eſta muſica era taõ ſentida de noite ſobre o mar, que todos a ouviam paſmados: viaõſe chorar muitas vezes os Irmaõs, o Padre Ignacio naõ parecia eſtar neſta vida. Tudo era humas como veſperas da eterna felicidade, em que dentro de pouco tempo ſe avia de alegrar em companhia dos Anjos.

14 Nas outras duas naos, em q̃ hiaõ os Padres, tambem naõ faltavaõ ſemelhantes devaçoẽs, & ſantas recreaçoẽs, porque na nao do Governador tambem avia Miſſas cantadas, & officiadas pellos cantores do Governador. O Padre Pedro Dias dizia Miſſa, & prègava a ella: o Irmaõ Gaſpar de Goes fazia nas tardes a doutrina. Na nao dos orfaõs tinha o Padre Caſtro mui bem exercitados os mininos; aos quais quando prepaſſavaõ pellas outras naos, lhe ouviaõ à noite cantar a Salve, & de dia a doutrina. Neſta forma com bom tempo em ſete dias a frota toda junta chegou à Ilha da Madeira, aonde ſe detiveraõ vinte, & quatro dias. Em quanto aqui deſcanſam, & ſe reſolve a partida da nao Santiago às Ilhas Canarias, ainda, que tenho ditto muito das virtudes do glorioſiſſimo Padre Ignacio de Azevedo, quero referir outras couſas, que no diſcurſo de ſua vida me ficaraõ por dizer, porque ſe veja antes de o metermos na gloria por meyo do martyrio, toda a eſcada de excellentes virtudes, & actos heroicos, por onde ſobio a tanta gloria, a cuja porta o temos.

CAPITULO XXXI.

Em que ſe dizem muitos exemplos das virtudes do Padre Azevedo, & como em hum incendio ficou livre prodigioſamẽte huma ſua eſcrittura de doaçaõ.

1 QUantos tormentos, dis a Igreja em huma das antiphonas dos Martyres, todos os ſantos padeceram, pera chegarem

garem com ſegurança à palma do Martyrio. Todos padeceraõ muitos, huns, que elles ſe deraõ, outros, que lhe deraõ os tiranos. O noſſo Padre Ignacio de Azevedo ainda que dos tiranos padeceo a morte, de ſi padeceo huma vida em tudo mortificada, abatida com deſprezo proprio, humilhada com humilhaçoẽs humas ſobre as outras, trazendo a ſeu corpo em quanto viveo morto ao mundo, & ao amor de ſi.

2 Nacendo em taõ avultada fortuna em caza de ſeu pay, na qual era o morgado, trazia hum cilicio branco de continuo veſtido em ſeu corpo. De trazer o tal cilicio fez voto à Virgem Santiſſima em honra de ſua Virginal pureza. Depois na Companhia ſe lhe mudou eſte voto, em cujo lugar rezou por toda a vida o Rozario, & o officio de ſua Immaculada Conceyçaõ. A devaçaõ, que teve a eſta Senhora, foi taõ entranhavel, que nem a ſeu corpo morto puderaõ os hereges, como diremos abaixo, tirar a Imagem da Virgem Mãy.

3 Vivendo com o eſplendor, que demandava ſua nobreza, paſſeando em cavallos mui briozos, com lacayos bem trajados, & tendo pagens mui luzidos, ſendo em ſua peſſoa dotado de todas as boas prendas, que fazem a hum fidalgo eſpectavel, & roubador dos olhos de todos, elle cõ grande alento fez mais cazo dos deſprezos de Chriſto, que de todos eſtes luzimentos. Na Religiaõ nunca perdeo occaſiaõ de ſe humilhar.

4 Vindo de prègar em Barcellos, trazia diante de ſi hum jumentinho, em que o Noviço companheiro, & elle ſe revezavam. Chegando à porta da cidade, diſſe ao companheiro, que eſcolheſſe huma de duas, ou que foſſe a cavallo no jumento, & que elle o levaria diante pello cabreſto; ou que o Irmaõ o levaſſe do cabreſto, indo o Reytor a cavallo. Ficou o Irmaõ embaraçado com tal queſtaõ, na qual tudo, o que concedeſſe, era trabalhozo. Neſta perplexidade, reſolveo o Padre Reytor a queſtaõ; mandou, que ſobiſſe o Irmaõ no jumento, & elle o tomou pello cabreſto, & aſſim foi atraveſſando pella cidade athe a porta do Collegio.

5 Neſte ſeu Reytorado de Braga, ſendo tempo de grandes frios, hũ ſubdito lhe reprezentou a neceſſidade, que tinha de hum gibam. Reſpõdeo o Padre, que logo o proveria: deſpedindoſe o ſubdito tirou o Reytor huma jaqueta, com que ſe abrigava, & lha mandou dar. Por ſerem mui crueis os frios, & ter elle eſcrupulo de alguma grave doença, ſe naõ ſe amparaſſe, foi à eſtrebaria, tomou huma cuberta, que ſervia a hum jumento; fazendolhe no meyo hum buraco meteo por elle a cabeça, & a cingio a modo de ſamarra. Porem como cheiraſſe mal com o calor a podridam, que avia na peça, cauſada das mazelas do jumento, foi deſcuberto o furto, a que elle reſpondeo, que aquelle gibaõ ſe mudara de hum pera outro jumento. Quando com os outros Irmãos trabalhava nas obras do Collegio de Coimbra, o fazia com a conſideraçaõ de David: *Ut jumentum factus ſum apud te.* Dizendo naõ aver conſideraçaõ mais efficas, pera chegar ao ſummo da perfeiçaõ. Nas meſmas obras trabalhava o Padre Jorge Serram dizendo ſer muito melhor conſideraçaõ conſiderarſe como Anjo. Sabendo iſto o Padre Meſtre Simaõ, os mandou arrezoar cada hum pella ſua parte. O Irmaõ Serram diſſe muito ſobre as perfeiçoẽs dos Anjos, que imitadas fazem a hum Religiozo Angelico. O Padre Azevedo diſſe com muitas rezoẽs, que o tratarſe como jumento eſtolido em prezença de Deos era a mais ſublime humildade, & que punha ao humilde em lugar muito ſuperior.

6 Quando andava em Miſſaõ nas

nas ſerras do Barrozo com o Padre Pedro Lopes, como viſſe, que tinha os çapatos desbaratados, tirou os ſeus, que eſtavaõ melhores, & lhos deu, & elle tomou pera ſi os do companheiro, & aſſim como eſtavam ſe ſervio delles, andando meio deſcalço.

7 Avendo no principio da fundaçam do Collegio de Braga grande falta de alfayas, quando paſſavam hoſpedes, a cama do Reytor, tal, ou qual era, ſe dava a hum delles; & elle dormia ſobre huma taboa. Antes de ſe diſpor a mudança pera o Collegio, aſſiſtia, como no principio diſſe, no hoſpital de Sam Marcos, & coſtumava dizer, que com milho, & vinho verde avia de fundar aquelle Collegio, alludindo niſto, quanto entendo, ao rigor, deque conſtava o ſeu ſuſtento. E na verdade a ſua muita virtude, & auſteridade, comque ſe tratava, nos grangeou aquella caza hoje abaſtada.

8 Sua oraçam era mui devota, & fervoroza. Em Evora indo fallar com elle o Irmaõ Andre Annes, bateo à porta do cubiculo duas, ou tres vezes: como lhe nam acodiſſem, abrio a porta, & vio ao Padre Ignacio de Azevedo poſto de joelhos encoſtado à meza, & vio, que lhe corriaõ as lagrimas pello roſto abaixo, & davaõ na meza, & dahi pella grande copia cahiam no cham. Tambem neſte Collegio aconteceo fazerem na Igreja delle os exorciſmos a hũ endemoninhado, o qual eſtava mui rebelde. Neſte tempo eſtava o Padre Ignacio em oraçaõ no coro (hoje he o da ſala da Univerſidade, que entaõ ſervia de Igreja:) deceo o Padre abaixo, lançou as contas ao peſcoço do endemoninhado, & huma bençam. Logo ſem demora o demonio ſe foi, & o deixou livre.

9 Quando ſe apparelhava pera o Braſil, & lhe faziaõ difficuldade, em dar alguns ſogeitos, que pedia, dizendo Miſſa em ordẽ a eſte fim, Deos aſſim trocava aos Superiores, que lhe davam, os que pedia. Trazendo entre mãos negocio de difficuldade, que foſſe do ſerviço de Deos, fazia abſtinencia no comer, tomava diſciplina, dizia Miſſa. Iſto era tam ordinario, que ſe entendia logo ter entre mãos alguma couſa de eſpecial ſerviço de Deos. Com tais diligencias tinhaõ boa ſahida os negocios. Em Braga eſtando em pratica com outros Religioſos noſſos, veyo a hum, certo penſamento deſconcertado. Parece, que Deos o revelou ao Padre Ignacio; porque no meſmo ponto poz no ſubdito huns olhos muito ſeveros, & logo deſappareceo o penſamento, & o Religioſo ficou na paz, emque antes eſtava.

10 No Braſil vendo elle vir das aldeas dos Indios aos Padres com os pes enlameados, lhos beijou por devaçaõ de aſſim andarem pello bem das almas. Indo huma ves pera Coimbra com hum Padre, elle na caza, onde pouzaram, ſe pos com toda a humildade a aſſar a carne, que o outro Padre avia de comer. No Porto indo vizitar huma ſua Irmaã Freyra no Moſteiro de Santa Clara, ſempre eſteve com os olhos cahidos, porque foi homem de ſingular modeſtia, mas modeſtia mui alegre.

11 Indo na miſſam com o Arcebiſpo, & com o Padre Pedro Lopes, os deixou paſſar adiante, & elle ſe ficou ao pe de huma arvore confeſſando hum lavrador, & aſſim o fazia muitas vezes, de que muito ſe edificava o Arcebiſpo. Por iſſo lhe chamava o ſeu Anjo, dizendo delle, que era hum Santo. Naquelles principios do Collegio de Braga, indo vizitalo o Arcebiſpo, Frey Joaõ ſeu Confeſſor tendo viſto a eſtreiteza, & pobreza, comque ali ſe vivia, diſſe perá o Arcebiſpo: Naõ ha, ſenhor, mais Arrabida, que eſta caza.

12 Era homem de notavel man-

ſidaõ, & com ella acabava muito. Tratando com o Arcebiſpo ſobre a uniaõ de huma Igreja do Collegio, dizia o Arcebiſpo com ſeus letrados, que na tal uniaõ avia ſimonia: o Padre affirmava, que naõ; como em verdade a nam avia. Muitas vezes foi tratado com palavras aſperas, porque inſtava neſte negocio: moſtrou ſempre tal humildade, & manſidaõ, que o Arcebiſpo, & ſeus letrados, que niſto o nam queriaõ ouvir, ſe viram obrigados a dar ouvidos a ſuas rezoẽs, & pezandoas conforme o direito, julgaraõ, que de verdade nam intervinha ali ſimonia. Donde naceo dizer o Arcediago Franciſco de Chaves, que era hum dos letrados, que a paciencia, & humildade do Padre Ignacio dera ao Collegio de Braga a Igreja de Mazedo.

13 Com eſta manſidaõ ajuntava muita prudencia, que tudo teve ſingular nos ſeus governos. Tinha hum ſubdito, que com pouco fundamento ſe eſcuſava doque lhe ordenavam, que fizeſſe. Vindolhe o porteiro pedir Confeſſor pera hum enfermo, diſſelhe, que chamaſſe aquelle Padre. Dandoſelhe o recado ſe eſcuſou, que eſtava mal diſpoſto da cabeça. Aceitoulhe a eſcuſa, & mandou outro Padre em ſeu lugar. Dahi a pouco tornaraõ a pedir outra confiſſam, mandou avizar ao meſmo Padre. Tornandoſe a eſcuſar, aceitou a eſcuſa. Terceira ves ſe veyo buſcar Confeſſor pera outro enfermo. Mandou ſe fizeſſe avizo ao Padre, que ja duas vezes ſe tinha eſcuſado: vendoſe avizado tantas vezes, tomou a capa, & ſahio a fazer a confiſſam. Por eſte modo ſem penitencia, nem reprehenſaõ effeituou o Padre Reytor, oque do ſubdito queria.

14 Sendo elle Vice-Provincial, hum Padre pedio ao Padre Reytor do Collegio de Coimbra, que era o Veneravel Padre Miguel de Souſa, licença, pera ir a eſpairecer ao campo. Deulhe a licença dizendo, levaſſe por companheiro, aquem lhe pareceſſe. Eſcolheo elle por companheiro a hum noviço, que jâ era eſtudante. Vendoos ſobre a tarde vir de fora, perguntou, quem dera a tal licença pera ir com noviço. Sabendo, o que paſſara, mandou ao Reytor, que tomaſſe huma diſciplina, por nam dar companheiro accommodado aos Padres, que hiaõ fora; & ao Padre, que eſcolheo o noviço, mandou, que tomaſſe outra diſciplina, por nam ſaber eſcolher companheiro, quando lho puzeram na ſua eleiçaõ, & ao noviço mandou rezaſſe o *Miſerere*, em quãto ambos ſe diſciplinaſſem no refeitorio. Tam animoſo era, quando o zelo da obſervancia pedia ſeveridade.

15 O rigor, comque tratou ſeu corpo, foi exceſſivo. Quando hia por Provincial pera o Braſil, por deſpedida tomou no refeitorio de Coimbra huma diſciplina com tal rigor, & por tanto tempo, que ſe magoaram todos, os que eſtavam na meza. Mandandolhe o ſuperior pedir, que quizeſſe acabar, naõ o mandou por nam ſer ſeo ſubdito, & ſer Provincial do Braſil; elle com humildade ſe eſcuſou, & foi continuando. Neſta occaſiaõ ſe lhe viraõ as coſtas denegridas, & pizadas, & como ſe ſe açoutara com hum molho de chaves, lhe ſaltou o ſangue. Depois beijou os pes a todos, & fes abſtinencia comendo no cham; hia entaõ pera mais humildade com os pes deſcalços. Quando tomava ſemelhantes diſciplinas muitas vezes hia em corpo ſó com a veſte de penitencia, & aſſim beijava os pes.

16 Governando o Collegio de Braga, foi huma ves tomar ao refeitorio huma diſciplina nas coſtas por eſpaço de hum *Miſerere*; no fim diſſe a ſua culpa com eſtas palavras: *Reverendos Padres, & Chariſſimos Irmãos, digo minha culpa, que por naõ guardarmos as regras, como devemos,*

mos, ſe me da eſta penitencia. Com eſte modo de fallar, & tam bõ exemplo, os ſubditos muito ſe edificaram, & animaram à obſervancia. Deſtas ſuas diſciplinas tinha ſeu corpo tanto horror, que o dia antes ſe via andar enfiado, & logo conjecturavam todos, que devia andar com penſamento de tomar alguma diſciplina nas coſtas.

17 Huma das couſas, com que muito edificou a Cidade de Braga, foi, que indo caminho vio a hum pobre ſem camiza, mandou ao companheiro, que paſſaſſe adiante, elle ſe meteo detraz de hum vallado, tirou a ſua camiza, deua ao pobre; & porque a falta ſe naõ advertiſſe, pos o lenço no peſcoço. Porem nam quis o Senhor, que tal exemplo ſe naõ ſoubeſſe, porque, ainda que elle fes pello encobrir, o pobre o naõ calou.

18 Foi homem de grandiſſima mortificaçam; naõ avia couſa, em que naõ procuraſſe vencerſe; ainda as paixoẽs naturais, que ſaõ como primeiros impetos, procurava ter debaixo da ſua maõ. Avia, ſendo elle ainda Irmaõ, em o Collegio de Coimbra hum caõ mui furioſo, de que todos tinhaõ medo, & por iſſo eſtava ſempre aferrolhado. Pareceolhe ao Padre Ignacio, ſerlhe neceſſario vencer aquelle temor, que em ſi ſentia; pedio licença pera ter cuidado do caõ. Avida eſta licença, o tomou à ſua conta por muitos mezes. Com ſer o caõ pera todos huma furia, pera com o Padre Ignacio ſe avia como hum cachorrinho meigueiro. Tomava hum pao, davalhe cada ves, que queria, encolhendoſe toda aquella braveza dentro de ſi, ſẽ ſe atrever a fazer pello menos hum impeto contra ſeu bemfeitor; de que todos ſe admiravam, ſendo aquelle bruto de natureza huã fera em tudo aſſanhada, & que a todos ſe enviava.

19 Quando tornou de Roma, pera o Braſil por Provincial, foi a Braga viſitar ao Arcebiſpo; acertou a eſtar tambem ali o Padre Ignacio Toloſa, de quem aſſima fallei, & pella eſtreiteza do novo Collegio ſe hoſpedaraõ ambos no meſmo cubiculo. Tinha o Padre Toloza hum cilicio mui aſpero ſobre a meza; logo que o Padre Azevedo o vio, lho pedio. Reſpondeo o Padre Toloza: Padre eſte cilicio tenho eu pera os noviços. A iſto diſſe o Padre Azevedo: Meu Padre, eu ſei hum noviço, que tem delle boa neceſſidade, por charidade lho de. Tanto o importunou, que o Padre ouve de largalo.

20 Tinha elle grande amor a eſte Padre; tambem lhe tinha o meſmo o Padre Toloza. Dezejou o Padre Azevedo levalo comſigo ao Braſil. Reſpondeolhe, que ſeos dezejos eram na India, mas que ſe a obediencia o mandaſſe ao Braſil, que de boa vontade faria a jornada. Naõ ficou o Padre Azevedo contente com a repoſta, porque queria, que elle pediſſe. Depois ſem o Padre Toloza o imaginar, ordenou Deos, que foſſe ao Braſil, & foſſe por ſucceſſor do Padre Ignacio de Azevedo. No tempo do ſeu governo, confeſſa o Padre Toloza, que pellos merecimentos de ſeu ſervo o Padre Ignacio de Azevedo, lhe fizera Deos grandes merces, & que elle era, o que negociava no ceo, & que elle Padre Toloza executava câ na terra, & que mais obrou no Braſil com ſua morte glorioſa, do que fizera com ſua vida.

21 O Padre Antonio Leite deixou eſcritto, que ſendo o Padre Ignacio de Azevedo eſtudante grave em Salamanca, tomou os Exercicios de Santo Ignacio, como outros tomavam; nelles ſe converteo tanto a Deos, que determinou, nam ver mais o mundo, & pera ſe impoſſibilitar mais a iſſo, cortou hum dos bigodes de ſua barba, de que muito ſe prezava. Como nam encontrei iſto em outro eſcrittor, o tenho por pouco ſe-

guro, & pode ser fosse equivocaçaõ, com oque se escreve de hum de seus companheiros, que assim o fes.

22 Pera gloria do mesmo Padre direi aqui, oque aconteceo em nossos dias na rua da Palma em Lisboa. No mes de Settembro deu ali hum cruel incendio nas cazas de Gaspar da Costa fidalgo bem conhecido por sua nobreza, & valor nas armadas, descendente do Padre Ignacio de Azevedo, cuja escrittura de doaçaõ elle guardava por reliquia mui precioza. Arderaõ as cazas, ardeo hum escrittorio de papeis, emque estava a tal escrittura assinada pello ditoso Martyr. Foi cousa mui notavel, que no dia seguinte se achou a ditta escrittura na rua, & quẽ a achou entendendo ser papel, que pertencia àquella caza, o entregou. Recebeose entre admiraçoens, pois sem prodigio naõ era possivel salvarse tal papel, ardendo todos os mais, & o escrittorio, emque estava. Agora tornemos ao fio da narraçam.

CAPITULO XXXII.

De como se detiveraõ na Ilha da Madeyra. Da viagem pera as Canarias, de como se detiveraõ em Terça Corte alguns dias, & o que nestas occasiões succedeo.

1 NA Ilha da Madeyra acharaõ os tres Padres, que tinham ido fundar o Collegio, & que estiveraõ com elles em Val de Rozal, feitos algum tempo noviços do Padre Ignacio de Azevedo. Foraõ delles bem recebidos, & vizitados com refresco. Naõ os puderaõ agazalhar todos em terra, por morarem com aperto em cazas de aluguel. Porem sua charidade descobrio modo, comque recrear à todos. Acabaram com o Padre Ignacio de Azevedo, que lhos mandasse à terra quatro a quatro, sinco a sinco. Estavaõ estes hum dia nas cazas, que tinham nome de Collegio. Ali jantavaõ, passavam aquelle dia, ceavam, lavavaõlhe os pes, dormiaõ ali a noite. No seguinte pello mesmo modo vinham outros, & assim se foraõ succedendo. Por esta ordem nam ficou algum, que nam participasse da charidade do Padre Manoel de Sequeyra, que a todos os queria meter dentro na alma. Delles tinham sido alguns seus noviços em Evora.

2 Os Padres sahiaõ à terra cada dia a dizer Missa ao nosso Collegio, ou na ermida de Santiago. Succedeo aver entaõ Jubileu, & assim tiveram os Padres muitas confissoẽs, que fizeram, & naõ lhe faltou trabalho. Nos Domingos, & dias Santos sahiraõ todos os Irmãos das naos, & hiaõ ouvir Missa, & commungar na Igreja de Santiago, onde concorria muita gente da Cidade a confessarse com os Padres, & a commungar com os Irmãos. Parecia, que a gente da terra se nam podia fartar de os ver; porque quando sahiaõ juntos da nao, & se recolhiam, & cõmungavam, tudo com muita modestia, & compostura, avia grandes concursos a este devoto espectaculo. Todos lhe rogavaõ muitos bens, homens, & mulheres, & toda a sorte de gente. Edificavaõse muito de verem tantos servos de Deos, aquem levavam ao Brasil só os dezejos de o servir.

3 A nao Santiago de necessidade avia de chegar às Ilhas Canarias, pera deixar nellas parte da sua carga, & tomar ali outra em lugar da que deixava. Ouve grandes difficuldades entre o Capitam desta nao, & o Governador, pera lhe darem licença, que partisse, porquanto andava mui perigozo com os Cossarios Francezes. Na consulta sobre ir, ou naõ ir, nam quis ter voto o Padre Azevedo, ainda que tinha tanta parte em a nao. Tomouse resoluçaõ pellos officiais della, que

nam podia ali esperar, & ouvesse a licença, aventurandose todos ao que lhes acontecesse.

4 Assentada esta resoluçaõ, tratou o Padre de dispor toda a gente da nao, pera o grande perigo, emque se metiam, que era nam menos que da vida. Aos seus Irmãos disse, que todos estivessem com animo de morrer, por quanto o mar andava coalhado de Hereges Francezes. Todos mostraraõ notavel alegria, excepto quatro, que ouvindo encarecer o perigo, fraquearaõ pedindo ao Padre, que os deixasse ficar, pera irem com o Padre Pedro Dias. Veyo nisso cõ boa vontade, porque naõ queria, que alguem o acompanhase violentado. Foi cousa muito notavel, que destes quatro nenhum perseverou na Companhia.

5 Ajuntando o Padre a todos os seculares da nao, lhes propoz o perigo, que pois nem sabiaõ da vida, nem da morte, se confessassem todos, & cõmungassem. Elle, & o Padre Andrade os ouviraõ a todos de confissaõ, reconciliaraõ aos Irmaõs, & no dia seguinte, que era de Saõ Pedro, & Saõ Paulo, o Padre lhes disse Missa na ermida de Santiago, & deu a todos a sagrada cõmunhaõ. Trataraõ os Padres entre si, que seria bom ficar o Padre Azevedo na Ilha, & ir em seu lugar algum dos outros Padres. Porem o Padre Ignacio, que sempre pera si guardava o maior trabalho, se resolveo brevemente, em naõ ir outro, mas elle avia de ser o primeiro neste perigo, como o era no cargo de Superior.

6 Naquelle mesmo dia se recolheo o Padre à nao com todos os seus, despedindose primeiro do Governador, & do Padre Reytor Manoel de Sequeira, & mais Padres, & Irmaõs do Collegio: alguns delles se vieraõ despedir à nao: a despedida em tudo saudoza foi, a que fes dos Padres, & Irmaõs, que ficavam esperando pello Governador. Veyo o Padre Pedro Dias, & Padre Castro com os mais à nao do Padre Azevedo. Abraçaraõse, & despediraõse com muitas lagrimas: como se o coraçaõ lhes dissesse, que jâ se naõ aviaõ de tornar à ver mais nesta vida. Em especial ó Padre Pedro Dias chorava, como se fosse hum minino, dizendo ao Padre: *Ah meu Padre Ignacio, que pode ser, que jâ nos naõ tornemos a ver câ neste mundo?*

7 Depois de todos recolhidos, tornou ainda de noite o Padre Pedro Dias com os Irmaõs Joaõ Mayorga pintor, Antonio Fernandes carpinteiro, & Alonso Baena, aos quais o Padre quis levar comsigo em lugar dos que ficavaõ. Estes tres Irmaõs sempre estiveram no Collegio, onde fizeram aos Padres algumas peças de preço, alem de outras menores, huma imagem de Nossa Senhora tirada pella de Saõ Lucas, huma de Christo Crucificado com Saõ Joaõ, & Nossa Senhora, postas em suas molduras mui bem acabadas. Ficou imperfeito hum retabolo da cea do Senhor.

8 No outro dia de menhaã, que era o da cõmemoraçaõ do Apostolo Saõ Paulo, deraõ à vela com bom tempo pera as Ilhas Canarias. Da Ilha da Madeira por diante foi muito mais alegre a viagem, do que o fora a do Reyno, assim por irem quasi todos os Irmaõs jâ desenjoados, como por ir a gente da nao mais reformada. Parecia a nao toda nao santa. Naõ avia ali jurar, pelejar, jugar, nem murmurar. Tudo era rezar, fallar, & tratar de cousas santas. Cantavam, & tocavam suas violas, as cantigas eraõ devotas. Naõ se ouvia huma palavra ocioza. Sobre tudo hiaõ todos alegres, & cheyos de prazer.

9 O Padre se pos em fazer guardar silencio em a nao, porque ouvesse quietaçaõ. Estava tam senhor dos coraçoẽs, que acabou quanto quis, cõm os marinheiros, mas com taõ bons

bons artificios, que se naõ fazia molesto. Em elles fora fallando alto, ou fazendo alguma desenquietaçaõ, sahia o Padre de dentro, em apparecendo todos se aquietavaõ. Fallavalhes hum pouco de Deos, & os deixava. De sorte, que nem os reprehendia, nem lhes dizia, que o desenquietavaõ; mas metia pratica, de que gostassem, em os tendo gostosos, se retirava, & elles ficavaõ em silencio.

10 Algumas vezes lhes mandava hum Irmaõ, que lhes fosse ler por hum livro, a que logo acodiaõ, & estavaõ attentos. Outras vezes tam bem lhes mandava tanger, ou cantar, o que muito folgavam de ouvir. Nesta forma, sem elles cahirem na causa, porque se fazia, guardavam silencio. Huma ves estando huns alta noite vigiando seu quarto, cuidando, que ninguem os ouvia, de pratica em pratica se estenderam a fallar algumas palavras, que naõ convinhaõ. Ouvio-os o Irmaõ Bento de Castro Mestre dos Noviços, que pouzava debaixo, donde estavaõ. Logo se posa tomar huma disciplina: a cujo estrondo se calaraõ. O mesmo fez em outra occasiaõ o Irmaõ Domingos Fernandes com o mesmo effeito.

11 Depois, que o Padre Ignacio de Azevedo sahio da Ilha da Madeira, era mui continuo em dezejos de morrer por seu Deos. Nas suas praticas sahia frequentemente nestes dezejos, parece naõ sabia dizer outra cousa. As suas palavras eraõ: *Oh Irmaõs, se nos fizesse o Senhor tanta merce, que nos cortassem os hereges a cabeça por seu amor.* De qualquer cousa tomava occasiaõ, pera romper nestes abrazados dezejos. Estando elle dando de comer ao Irmaõ Gregorio Escrivano, que nada podia conservar, lhe disse: *Irmaõ, naõ cureis da morte, antes que vos matem por amor de Deos.* Do que elle bem se lembrou, como se dirâ em seu lugar.

12 Avia sette dias, que tinhaõ sahido da Ilha da Madeira com vento brando, & mar bonança. Estavaõ ja perto da Ilha da Palma, cousa de duas legoas, & meya da cidade. Sobreveyo hum vento contrario, que os fazia tornar a traz; mas, como estavaõ perto de terra, trabalharaõ por ir descahir em hum surgidouro, que està de traz da Ilha chamado Terça Corte. Ali chegaraõ a quelle dia, & pella tarde sahiraõ a terra. No outro dia se puzeraõ em Terça Corte a esperar tempo.

13 Neste lugar morava hum fidalgo Framengo muito rico. Tanto que a nao chegou, lhe mandou hum bom refresco. Na tarde do mesmo dia sahio o capitaõ da nao, & o piloto com outros, & o Padre Ignacio de Azevedo com dez, ou doze Irmaõs, & todos juntos foraõ dar os agradecimentos ao fidalgo. Recebeos com agrado, & foi este maior, quando se deu a conhecer com o Padre Ignacio de Azevedo, com quem se criara na Cidade do Porto, & os pays de ambos tinhaõ sido mui amigos. Abraçou-o, & se lhe queria lançar aos pes.

14 Logo o importunou, que levasse lâ todos os Irmaõs, que lhe queria dar hum refresco em terra. Naõ podendo conseguir tanto, pello menos acabou com elle, que levasse alguns; cũprindo como seu dezejo, se tornou a recolher à nao naquelle dia, mandando o fidalgo a pos elle mais refresco. No seguinte dia foi lâ o Padre com quinze Irmaõs. O fidalgo o sahio a receber vestido custozamente, com humas contas grossas de ouro ao pescoço. Tinha distante meya legoa da praya huns paços mui formozos com sua Igreja, a qual estava de festa. Levouos a ella, confessouse com o Padre Ignacio, o qual dizendo Missa lhe deu a Cõmunham, & aos Irmaõs. Logo por lhe fazer mais festa, lhes mostrou seu tezouro,

& as

& as peças ricas da sua Igreja, tinha taõ bons, & custozos ornamentos, & peças de prata, que mais parecia capella de hum Principe, que de hum fidalgo particular. Depois de lhes dar de jantar esplendidamente, lhes mostrou o seu jardim, que tinha muito, que ver.

15 Sinco dias durou esta detença em Terça-Corte. Em todos elles foi summa a instancia, que o fidalgo fez ao Padre, que quizesse ir dali por terra pera a cidade da Palma. Offerecia cavalgaduras pera todos os Irmaõs, & pera conduzir o fato, que lhe parecesse. Dizialhe, que a distãcia era só de tres legoas, & que por mar com as voltas, que avia de dar, & ventos contrarios, seria viagem de dias, em que corria a nao perigo de encontrar os cossarios. Ao principio naõ se inclinou o Padre a seguir o conselho do fidalgo, porem depois aceitou a charidade. Hum dia à tarde fez preparar algumas trouxas. Na menhaã seguinte desembarcou com todos os companheiros com animo de se ir por terra.

16 Foi com todos elles a dizer Missa; confessaraõse, & cõmungaraõ. Na Missa, quanto se conjectura, teve revelaçaõ, de que Deos queria ser glorificado nelle, & nos outros da sua companhia. Porque sahio da Missa determinado a se tornar a embarcar, & mui arrependido do que tinha feito, como se cahira em alguma tentaçaõ. O Padre Ignacio de Azevedo teve por cousa ja antiga tomar na Missa muitas resoluçoẽs em cousas do serviço de Deos, porque ali o Senhor lhe dava muito a sentir sua divina vontade. Assim foi na occasiaõ prezente, porque totalmente mudou de parecer.

17 Fallando aos Irmaõs lhes disse: Eu estava resoluto a ir por terra pello perigo, que hâ dos Francezes; porem agora tenho assentado irmos por mar, & sinto em o Senhor, que assim o devemos fazer, porque se os Francezes nos tomarem, que mal nos pode vir dahi? O maior mal, que nos podem fazer, he mandarnos mais sedo pera o Ceo. Todo o mal, que nos podem fazer, naõ he nada.

18 A primeira ves, que o Padre se vio em terra com os Irmaõs, hum pouco antes de chegar a Terça Corte, acertou de ser o lugar mui solitario de muitas rochas, & serranias, & nellas muitas covas metidas pellos rochedos. Entaõ lhes disse: como seria bom, que naquelles dias, que ali se detivessem, vivessem naquellas covas fazendo penitencia, & que dali se poderiaõ ir embarcar. Logo os Irmaõs começaraõ a dizer, que lhes parecia bem. Tornou a dizerlhes; que ali comeriaõ ervas, & lhes daria mais alguma cousa; que aos domingos se ajuntariam todos, & que iriaõ a cõmungar, & ouvir Missa. Começando todos a importunalo, que assim se fizesse; lhes disse: *Ah Irmaõs, outras covas mui differentes destas saõ, as que nos buscamos.*

19 Naquelle dia depois de ouvir Missa, & cõmungar, se tornaraõ à praya; ali lhes mandou o fidalgo de jantar com muita grandeza: a tarde gastaraõ andando pella praya, como o faziaõ em Val de Rozal, cantando hymnos, & Psalmos, & algumas cantigas devotas. Nesta tarde se tornaraõ a embarcar. Depois o fidalgo se foi à nao despedir do Padre Ignacio de Azevedo, onde lhe deu huma boa merenda de cousas doces da Ilha da Madeira: fez que ao entrar, & sahir, se lhe disparasse toda a artelharia. Em lugar do thezouro, q̃ elle lhe mostrara, lhe deu o Padre a ver a imagem da Senhora de Saõ Lucas.

CAPITULO XXXIII.

De como partio a nao Santiago de Terça-Corte, & foi entrada dos Francezes.

1 EM huma terça feira partiraõ deTerça-Corte,com tẽçaõ de paſſarem pella Ilha Gomeira, tendo gaſtado quinta, ſeſta, & a noite toda pera o ſabbado em fazer hum grande rodeio: davaõ jâ a volta pera a cidade da Palma, de que diſtavam duas, ou tres legoas. Indo todos cõ grande alegria, começa a bradar hum moço, que hia vigiando da gavea, dizendo, que via huma nao groſſa.Dahi a pouco tornou a bradar, que via outras quatro velas menores. Ouve grande alvoroço em a nao, cuidando alguns ſer a armada de Dom Luis, que ficara na Madeira,porque a principal embarcaçaõ era taõ fermoſa, que parecia nao da India.

2 Vinha eſta mui dianteira, que em pouco tempo ſe chegou tam perto, que logo os noſſos, mudando de conceito, aſſentaraõ ſer nao de Frãcezes. Naõ ſe enganaraõ; porque era Jaques Soria hum famoſo capitaõ Coſſario da Rainha de Navarra, capital inimigo de Catholicos, muito antigo no officio de roubar, porque fora jâ em outro tempo Sotocapitaõ do Pè de pao,quando ſaqueou a Ilha da Palma. Depois, que a nao Santiago partio da Ilha da Madeira, dahi a dous dias chegou Jaques Soria com eſta armada à Ilha da Madeira. Junto della queimou, & roubou alguns navios. Determinouſe Dom Luis de Vaſconcellos com ajuda do Capitaõ da Ilha ſahir a pelejar com elle; com eſte intento deſaferrou, & ſahio ao mar. Vendoſe Jaques Soria buſcado, como os ſeus navios eram mui ligeiros, fogio de modo, que lhe naõ pode chegar Dom Luis,o qual ſe tornou à Madeira, & Jaques Soria ſe fez na volta das Canarias, & quando a nao Santiago eſtava pera tomar o porto, ſe achou junto della.

3 Chamavaſe o galeaõ de Jaques Soria a nao Principe. Trazia mais de trezentos homens de peleja, todos bem armados de ſayas de malha, capacetes, & armas brancas. Muita arcabuzaria, & muita artelharia toda de bronze. O capitam Portugues, & os ſeus à viſta de tamanha nao naõ perderaõ o animo; determinaraõ de vender mui bem ſuas vidas. Deixandoos o Padre no que determinaſſem fazer, depois que aſſentaraõ pelejar,os esforçou,que pois a peleja era contra inimigos da fè Romana, pelejaſſem como bons Chriſtaõs, & como tais ſe animaſſem à morte. Todos eſtavaõ mui bem diſpoſtos em ſuas conſciencias.

4 Começaram com todo o calor a deſembaraçar a nao pera a peleja. Desfizeram o refeitorio, em ordem a aſſeſtar as peças de artelharia, & ter a ſervintia ſem empecilho. Entre tanto o Padre Ignacio com a imagem da Senhora tirada pella de Saõ Lucas nas maõs animava aos Irmaõs. Ajuntouos ao pè do maſtro, ali entoou elle, & o Padre Andrade humas Ladainhas, a que os Irmaõs reſpondiaõ. Entre tanto a gente da nao punha tudo leſte, & os Francezes, cujas naos voavaõ, ſe vieram chegando. Depois das ladainhas fez o Padre huma pratica aos Irmãos, em que lhes diſſe, que naquelle dia aviaõ de ir povoar hum Collegio no Ceo, que todos ſe puzeſſem em oraçaõ, pois ſeria a ultima neſta vida. Logo com hum ſanto impeto do eſpirito diſſeraõ todos em altas vozes a Deos: *Senhor, façaſe em nos voſſa vontade, aqui eſtamos expoſtos, & offerecidos a mil mortes por voſſo amor.*

5 Em nenhum ſe vio ſinal algum de fraqueza, mas em todos ſobreſahia hum animo determinado, & reſoluto,

luto, maior, que todos os perigos, & que a mesma morte. Entaõ mandou o Padre Ignacio, que cada hum se fosse pôr em oraçaõ no seu gazalhado. Elle se ficou ali no meyo da nao ao pè do mastro grande em oraçaõ. Averia hum quarto de hora, que estavaõ em oraçaõ, quando a nao de Jaques Soria distava jà da nao Santiago pouco menos de tiro de bombarda. Foise o Capitaõ ao Padre Ignacio, & lhe disse: Padre, estamos prestes, pera pelejar, mas temos mui pouca gente, sendo tantos os inimigos; dainos alguns destes vossos Irmaõs mais robustos, que nos ajudem. Respondeo o Padre: darvoloshei, nam pera pelejarem, mas pera vos animarem com suas palavras.

6 Chamando aos Irmaõs lhe disse, como era necessario, que alguns delles andassem na peleja, animando, & esforçando a gente. Todos queriaõ meterse neste perigo. Delles escolheo o Padre alguns mais homens; foraõ estes os Irmãos Manoel Alvres, Joaõ de Mayorga pintor, Gonçalo Henriques diacono, Manoel Pacheco de Ceuta, Diogo Pires Mimoso de Niza, Francisco Peres Godoi, Antonio Soares Sotoministro, o Padre Diogo de Andrare Ministro, Estevaõ Zurara, Joaõ de Saõ Martinho, Affonso Baena. A todos disse, como aviaõ de andar na peleja, esforçandoos a defender a fè Romana, & morrer como bons Catholicos, recolher os feridos, & dar algum conforto de comer, & beber aos que cançassem, fallando sempre de Deos, & protestando a fè Romana.

7 Estando todos assim prestes, & a ponto de peleja, se vinha chegando Jaques Soria, determinado de abalroar a nao. Tirou primeiro aos nossos, que amainassem; elles lhe respõderaõ com huma carga de artelharia. Ainda que lhe mataraõ hum golpe de gente, naõ fez disso cazo, porque vinha bem provido. Logo abalroou, descarregando sua artelharia contra a nao, fazendo por lhe lançar gente dentro. Da primeira ves naõ podendo bem ferrala, indo prepassando saltou em a nao Santiago o patraõ da nao de Jaques Soria, vestido de armas brancas mui reluzentes; este era a segunda pessoa depois de Jaques Soria; com elle saltaraõ dous Francezes assim mesmo cubertos tambem de ferro. Começaram a correr pella xareta pera a popa, onde viram gente. A elles arremeteo o Capitaõ, o Piloto, & calafate com alguns outros, que estavaõ no castello da popa. Depois de pelejarem hum pouco com elles, sem os poderem entrar, por virem bem armados, hum delles arremeteo ao patram com huma lança, & o encontrou com tanta furia, que o derribou, & depois de bem ferido, assim vivo, & armado deram com elle no mar, & matando os dous companheiros os lançaraõ tambem nas ondas.

8 Estava a nao de Jaques Soria tam perto, que puderaõ todos ver, & conhecer pellos barretes aquelles, que os mataraõ, contra os quais os hereges ficaraõ mui raivozos, por ser o patram pessoa tam principal. Com esta raiva abalroaraõ segunda ves a nao, mas nam a podendo bem ferrar, dous, ou tres, que quizeraõ saltar em a nao Santiago, cahiraõ no mar, & se foraõ logo ao fundo. Tornaraõ sobre ella terceira ves, & desta naõ a ferraraõ, nem chegaraõ a ella, mas prepassaraõ hum pouco afastados. Entam deu Jaques Soria outra volta, & veyo a quarta ves sobre a nao, trazendo jà comsigo as outras quatro naos. Ferroua pella proa, atravessandoselhe diante, as outras quatro a tomaram no meyo, & começaraõ a disparar nella sua artelharia, & arcabuzaria. Jaques Soria pella proa trabalhava, por lhe meter gente dentro. Naõ avia em a nao Santiago mais, que athe trinta homens de peleja, &

esses mál armados com capas, & espadas, algumas rodelas, & lanças. Vendo elle, quam poucos eram, & quam mal armados, meteo dentro athe sincoenta dos seus vestidos de armas brancas; & dando com isto a nao por tomada, desaferrou, & se deixou andar ao largo.

CAPITULO XXXIV.

Do que succedeo em a nao durando a peleja: da morte do Padre Ignacio de Azevedo, & alguns outros seus companheiros.

1 O Padre Ignacio de Azevedo como alentado capitaõ esteve sempre no meyo da nao ao pe do mastro grande com a imagem de Nossa Senhora nas maõs. Quando logo os hereges entraraõ, em alta voz deu testimunho de sua fè, reprehendeo aos hereges dos seus erros, animou aos Catholicos a defender a fè de Christo. Bradava mui fervorozo, & com naõ ter a voz mui viva, & ser grande o estrondo das armas, bem se lhe entendiam de quando em quã do suas palavras.

2 O primeiro, que foi morto, & com seu sangue testimunhou sua fè, foi o Irmaõ Bento de Castro, que servia de Mestre dos Noviços. No tempo, que os inimigos começaraõ a entrar, & o nosso capitam com os seus pelejava com grande valor, estava elle com os seus Noviços encõmendando a Deos a batalha. Neste tempo era mui importunado dos Irmaõs, que lhes desse licença, pera irem buscar a morte entre os inimigos da fè, & naõ estar ali esperando por ella. Elle porem a nenhum deixou sahir, querendo ser o primeiro. Vendo o servo de Deos, que a nao se vinha enchendo de hereges, que entravaõ pella proa, abrazado em amor de Deos naõ podendo ter mam em si, dezejozo de dar testimunho de sua fè, tomou na maõ huma Cruz, abraçou os Irmãos, despediose delles, pedindo perdam das faltas, que no seu officio cõmetera.

3 Fazendo instancias, que os levasse comsigo, lhes ordenou, que se deixassem ali estar, que elle hia morrer por seu capitaõ. Subitamente se arremeçou entre os que pelejavam, passou da popa à proa pello conves, onde os hereges, & os nossos brigavaõ. Subio no castelo da proa, por onde os inimigos entravaõ, sem outras armas brancas mais que a sua roupeta da Companhia, servindolhe a Cruz de espada. Ali posto em pe a tempo, que ainda o galeaõ de Jaques Soria estava atravessado, começou a protestar a fè, & a reprehender os erros dos hereges. Vendo claramente os hereges, que aquelle dali naõ pelejava por sua vida, & fazenda, mas só prègava contra seus erros, disparáraõ nelle tres arcabuzadas, com as quais elle naõ cahio. Assim passado com os pelouros naõ cessava do seu fervor. Entrando entaõ por aquella parte alguns hereges, lhe deraõ à maõ tente sete, ou oito punhaladas, que elle esperou sem fugir com o corpo, & tomandoo nos braços deraõ com elle no mar. Deste bemditto Irmaõ, porque foi Noviço em o Noviciado da caza de Saõ Roque, fallo com especialidade, quando refiro as vidas dos que ali se criaraõ. Este Irmaõ tanto que lhe deraõ a nova, que avia de ir pera o Brasil, se foi ao coro dar graças a Deos, & offerecer ao Santissimo. Depois se foi ao cubiculo, abraçou o companheiro, & lhe disse com excessiva alegria: *Companheiro, eu hei de ser o primeiro, que hei de sahir aos hereges com hũ Crucifixo na maõ, & com elle na maõ hei de morrer*. Tudo assim se cumprio. Era de forças do corpo muito fraco, mas grandemente animoso.

4 Em

4 Em todo este tempo o invencivel capitaõ Ignacio junto do mastro grande, como dissemos, com a imagem nas mãos, com a protestaçaõ da fè, que fazia, dava animo aos Catholicos, & confundia os hereges; que tinhaõ boa vontade de lhe chegar. Estando assim bradando, vendose hum herege desapressado dos nossos, arremeteo ao Padre, deulhe no meyo da cabeça tal cutilada, que lha fendeo athe lhe apparecer o cerebro. A pos esta cutilada lhe deram tres, ou quatro estocadas, sem elle se afastar daquelle lugar, athe cahir. Caindo quis dar mais claro testimunho de sua fè, em cuja defensa morria; levantou a voz, & com hum grãde brado disse estas palavras, as quais por sima de todo o estrõdo das armas, & peleja foraõ mui bem ouvidas: *Todos me sejam testimunhas, que morro pella fè Catholica, & pella Santa Igreja Romana.*

5 Nam cahio o Padre de todo, mas ficou encostado ao martinete. Acodio logo o Padre Andrade, que se abraçou com elle. Acodiraõ tambem alguns outros Irmãos dos que exhortavaõ a pelejar. Tomaraõnos a ambos assim abraçados hum com o outro, & os levaram pera junto do leme, sem o Padre nunca largar das mãos a Santa Imagem. Ali se reconciliou o Padre Ignacio com o Padre Andrade. Depois da reconciliaçam o tomaram os Irmaõs, & levaram a huma camara, que estava junto do leme. Acodiraõ a elle quasi todos os mais, & o foraõ abraçar. Banhavaõse todos em lagrimas sobre elle. Elle os abraçava a todos com huma nova alegria, & amor entranhavel. Ao abraçar todos lhe punham a cabeça no peito, elle os apertava comsigo, & lhes dizia: *Filhos, nam temais, nam; esforçaivos: ah meus filhos, quam grande merce he esta de Deos. Ninguem tenha fraqueza.*

6 Estava o glorioso Padre todo cheyo do seu sangue, o rosto cheyo, a cabeça toda cheya, os peitos todos feitos hum poço de sangue. Os Irmãos, que o abraçavaõ, todos lhe punham o rosto, & a cabeça nas feridas. A Imagem da Senhora toda ensangoentada. A camara toda nadava em sangue. Todos choravam, em especial o Irmaõ Magalhaẽs dizia tantas lastimas, que cortava os coraçoẽs; entre muitas disse especialmente esta: *Oh que sera agora de nos sem Pay, & sem pastor.* Acodio o Padre a estas palavras dizendo: *Filhos meus, naõ temais, Deos me fes vosso pastor, bem he que o pastor vâ diante das ovelhas, eu vou diante apparelharvos as moradas.* Depois de dizer estas palavras, dahi a hum pouco espirou fallando sempre, consolando, & animando os Irmaõs athe o ultimo arrãco. Foise pouco a pouco exhaurindo de sangue, & assim espirou em muita pas, & socego tendo sempre os olhos na lamina da Senhora. Depois de morto nam se fartavam os Irmãos de o abraçar, derramar muitas lagrimas sobre elle, & banharse em seu sangue. Particularmente o Irmaõ Magalhaẽs, que ficando com o rosto todo cheyo de sangue, ficou tam devoto do mesmo sangue, que dizendolhe os Irmãos, que se lavasse, respondeo: *Nam queira Deos, que eu me lave do sangue do Santo Padre Ignacio de Azevedo; se a obediencia mo nam mandar, nunca delle me lavarei.*

7 Em quanto isto passava, & ainda de pois de espirar o Padre Ignacio, andava a peleja mui aceza. O Padre Diogo de Andrade, & Irmaõ Godoi, & os mais, que se tinham retirado com o Padre ferido, tanto que elle espirou, tornaraõ a se occupar no que antes faziaõ. O Padre Andrade com os Irmãos Antonio Gonçalves, Antonio Suares, Affonso de Baena estavam em huma parte curando os feridos, fallandolhes de Deos, & que morressem como bons Christãos.

Outros Irmãos ali perto em outra parte tinham conservas, & cousas de comer, & beber; com ellas acodiaõ aos que cançavam, & desmayavam com as feridas. O Irmaõ Godoi muitas vezes se achava animando entre os que pelejavam; outras vezes apparecendo no meyo dos Irmaõs, lhes dizia, que naõ degenerassem dos altos pensamentos de filhos de Deos. Nesta forma andavam outros metidos entre os que guerreavam no meyo da poppa, & proa por todo o conves, & ensima da Xareta, & do Castello da poppa, porque em todas estas partes avia peleja.

8 O cuidado destes servos do Senhor era animar a grandes vozes, a que pelejassem pella honra de Deos, & da Fe Romana, invocando o favor dos Santos, & procurando morrer como bons Christaõs. O que elles fasiaõ com grande fervor, nem avia em sua bocca outras vozes, senaõ: *JESV, JESV, Santa Maria, Madre de Deos, Santiago, Santiago.* Ardendo a peleja, o Irmaõ Diogo Pires de Niza vestido, como os mais, em roupeta da Companhia protestava a Fe, & animava muito ali junto, onde cahira o Padre Azevedo. Dezejava hum herege grandemente chegarlhe, & vendo occasiaõ, quando elle passava de huma parte pera outra, o atravessou com huma lançada, de que logo cahio morto, sem dizer mais palavra. Depois com os outros mortos foi lançado no mar.

9 O Irmaõ Joam de Mayorga pintor no Castello da proa com vestido, & barrete da Companhia, que nesta forma andavaõ todos, pello que eraõ mui bem conhedidos dos hereges por Jesuitas, dava aos nossos muito animo, & como ali fossem jà poucos os Portuguezes, que puzessem em cuidado aos hereges, sinco, ou seis arremeteraõ ao Irmaõ, & assim vivo deram com elle no mar, sem antes o ferirem. Da mesma maneira morreraõ o Irmaõ Gonçalo Henriques do Porto, Manoel Rodrigues de Alcochete, Manoel Pacheco de Ceuta, & Estevam Zuzara Biscainho. Estes andavaõ tam metidos no calor da peleja, que nam se acharaõ à morte do Padre Azevedo.

10 O Irmaõ Manoel Alvres era dos que andavaõ em sima da Xareta, & no Castello da poppa; nunca desceo abaixo. De huma em outra parte estranhamente animava com brados, & palavras mui efficazes: era sua voz como de homem criado no campo, & que fora antes pastor, tam poderoza, que sobresahia a todo o estrondo das armas, & gritaria da contenda. Nam somente era ouvido, & conhecido, dos que estavam dentro da nao Santiago, mas tambem das naos, que pelejavam à roda. Suas vozes davaõ aos nossos grandissimo alento.

11 Trasiaõ no de olho os hereges, & como naquella parte fossem jà os nossos mui poucos, & alguns hereges escuzassem o pelejar, se foraõ ao Irmaõ, & fizeram nelle grandes crueldades. Retalharaõlhe todo o rosto com cutiladas, huns lhe estenderaõ as pernas, & lhas moeram com os canos dos arcabuzes, outros lhe fizeraõ o mesmo aos braços. Nam acabou aqui o odio contra elle; por mais padecer, o nam quizeraõ acabar de matar, nem lançar ao mar. Os Irmaõs, tendo occasiaõ, o meteraõ debaixo da tolda. Curaraõlhe as feridas do modo, que puderam, & o deixaram em hum camarote, aonde muitos Irmaõs se estavaõ consolando com elle, & aquella bemditta alma estava tam cheya de prazer, que nam acabava de agradecer a Deos sua boa ditta; suspirava por dar jà o ultimo arranco, como quem estava certo da grande fortuna, que o esperava.

12 O Capitaõ da nao Santiago, que pelejava no Castello da poppa, sentindose cheyo de feridas mortais, trabalhou, por se retirar pera baixo, aonde

aonde estavam os Irmaõs da Companhia pera morrer ali entre elles. Os hereges o foraõ sempre seguindo, athe elle se meter em huma camara, onde o carregaram, & acabaram de matar. Mortos os Irmãos, que animavam, & morto o Capitam, que o fes com estremado valor, se acabou a peleja. Dos nossos marinheiros, & passageiros morreriaõ athe quinze, ou dezaseis, mui poucos na peleja, a quasi todos lançaraõ os Francezes ainda vivos ao mar, por muito feridos, & incuraveis. Dos inimigos morreriaõ athe trinta, assim entre os que foram mortos em a nao Santiago, como com os que nas outras naos morreraõ com a nossa artelharia.

CAPITULO XXXV.

De como os hereges mataraõ a algũs Irmãos, & lançaraõ ao mar o corpo do Padre Ignacio de Azevedo com a Imagẽ da Senhora, que nunca largou, senaõ cõ hũ novo prodigio. E dos maos tratamẽtos, que se fizeraõ aos servos de Deos.

1 LOgo que a nao foi rendida, parou a peleja, & se mitigou o dezejo de continuar a mortandade. Espalharaõse pella nao a roubar. Acertaram alguns hereges a entrar em huma camara, onde alguns Irmaõs nossos estavam postos em oraçaõ diante das santas Imagens. Como esta casta de hereges perseguia muito o culto divino, & o das santas Imagens, tornaram com esta vista a ferver em ira. Hum delles arremeteo ao Irmaõ Bras Ribeyro natural de Braga, & lhe deu com os punhos da espada taõ cruel pancada na cabeça, que lhe fes o casco em pedaços, & saltaraõ os miolos pello chaõ, ficando ali de todo morto.

2 Ao Irmaõ Pedro de Fontoura tambem de Braga, que ali orava, outro herege dandolhe com a adaga, lhe fendeo a cabeça, & derrubou o queixo debaixo, cortandolhe juntamente a lingua. Nesta forma andava entre os Irmãos dando sinais de alegria, & com grandes dezejos, que o acabassem de matar.

3 Ao Irmaõ Antonio Correa natural da Cidade do Porto, lhe deu outro com os punhos da adaga na cabeça, & fes hum grande inchaço. Veyose o Irmaõ assim magoado aos outros dizẽdo: *O Irmaõs, naõ vedes, quã duro sou, pois dandome esta pancada na cabeça, me naõ puderaõ matar.* Vindo por isto mui descõsolado, o cõsolaraõ os mais dizẽdolhe, q̃ ainda estava a tempo de lhe fazer o Senhor a merce, que tanto dezejava. Quãdo as naos dos hereges tinhaõ cercado a nao Santiago, & a batiaõ, acertou hum pelouro a passar por entre dous Irmãos, & disse hum delles, que se chamava Gaspar Alvres: *Oh! prouvera a Deos, que me acertara aquelle pelouro, & me matara por amor de Deos.* Neste mesmo tempo estava o Irmaõ Pedro Nunes de Fronteyra cõ outros em huma camara, que tinha hum buraco, & disse aos mais: *Prouvera a Deos, que por este buraco entrasse huma bala, que me quebrasse esta cabeça por amor de nosso Senhor.*

4 No tempo, que os hereges andavaõ revolvendo a nao, & roubando, alguns trataraõ de acodir a reparar a nao, que ficou mui desbaratada das artelharias; fazia tanta agoa, que parecia quererse ir ao fundo. Estes ajuntaraõ a todos os Irmaõs, que estavam vivos, & saõs, & os obrigaraõ a dar à bomba; nam tem conto as injurias, que aqui lhe fizeraõ, & o odio, que lhe mostraraõ. Davaõlhe de bofetadas, & pescoçadas. Chamavaõnos, *Perros, Pretes, Monas,* que em sua lingua quer dizer: *Clerigos Religiosos*

giosos. Diziaõ, que todos elles naõ eraõ outra cousa, senaõ patrulha do demonio. Vinhaõse a elles com as espadas nuas, davaõlhe, pera os fazer trabalhar.

5 Nam deixavam os outros hereges de revolver as camaras, no que deram muito, que sofrer ao Irmaõ Manoel Alvres, arremeçandoo ora pera huma, ora pera outra parte. Por esta causa alguns Irmaõs escoandose da bomba, o foraõ buscar, & trazendoo o puzeram junto de si emsima de huma arca. Ali dizia aos Irmaõs palavras de muita consolaçaõ, tendose por indigno de tantas merces, como Deos lhe fazia. Pedio, que lhe dessem huma pouca de agoa, pera apagar a sede: deuselhe por huma campainha em lugar de pucaro, que nam tinhaõ. Confessouse com o Padre Andrade. Vendo ser chegada sua hora, pedio a todos, lhe dissesse cada hũ seu Credo.

6 Nam tardou muito, que nam viessem quatro, ou sinco hereges, dos que ali acodiam a fazer assintes, & perrarias aos servos de Deos. Estes vendo ao Irmaõ Manoel Alvres, disseram entre si: *Este he, oque gritavã emsima, toma, toma, bota ao mar*. Logo pegaram delle, & levandoo de rasto athe o bordo da nao, assim vivo deraõ com elle no mar. Este Irmam foi Noviço em Evora, delle fallo em seu lugar.

7 Da mesma maneira achando ali perto ao Irmaõ Pedro de Fontoura, o lançaraõ tambem vivo ao mar. Em quanto os Irmãos davam à bomba, dissimuladamente se confessaram todos. Neste tempo tendo jâ os hereges lançado os mortos ao mar, & muitos feridos, que acharam no conves da nao, começaraõ a trazer os que estavam por dentro della. Entaõ viraõ o corpo de seu bemditto pay, & pastor o Padre Ignacio de Azevedo ser trazido por seis, ou sete Francezes, todo interiçado com os braços em crus estendidos, assim vestido, & calçado o levaram diante dos olhos de todos, & lançaram no mar. Esta vista foi pera elles de grandissima dor, & magoa, ficaram mudos com a pena, desabafando esta pellos olhos em muitas lagrimas, & pella bocca em soluços. Por serem os Irmaõs obrigados a estar à bomba, o naõ viraõ cahir nas ondas, porem sete, ou oito marinheiros Portuguezes, que andavaõ livres, & entaõ se acharam no Castello da popa, nunca tiraraõ os olhos delle, ficaram attonitos, doque viraõ, & o contaraõ depois ao Irmaõ, que escapou.

8 Disseram pois, que o corpo do varaõ de Deos se naõ fora ao fundo, & que elles nunca delle tiraram os olhos, que sempre o viram ir sobre a agoa com os braços abertos, & estendidos a modo de crus, athe que se apartou a nao tanto delle, que o perderaõ de vista. Contavam isto com grande admiraçaõ por cousa milagroza; por ser cousa, que elles por experiencia sabiam, que qualquer corpo morto lançado no mar se vai ao fundo, como se fosse hum sacco de terra.

9 Oque accrescentou esta admiraçaõ foi o milagre da Imagem da Senhora, porque morrendo com ella, nunca os hereges lha puderam tirar da maõ, com ella o lançaraõ nas ondas, & tendoa na maõ levantada, andou assim sobre o mar de huma em outra parte o cadaver; chegada a noite huma onda o chegou junto da nao, & hum Portugues estendendo a mam pegou da Santa Imagem, que elle largou sem violencia. Occultoua, quanto pode, dos hereges. Depois na Ilha da Madeyra a entregou aos nossos Religiozos, donde foi levada ao Brasil, & dizem se conserva no Collegio da Bahia.

10 O Padre Alegambe no livro, que trata das mortes illustres dos filhos da Companhia, dis, que o cadaver do Padre Ignacio de Azevedo depois

de andar muito tempo ſobre as ondas, ſe fora abaixo, & que ſahindo outra ves ſobre as ondas, & invocando tres vezes o nome de JESU, entregara a ſanta Imagem a hum navio, que paſſava, & que deſte homem viera aos Padres. Bem ſei, que tem alguns, fora lançado ao mar ſem a Imagem; mas o que fica ditto, he oque conſta de teſtimunhos mais averiguados. Saquino na Hiſtoria geral parte terceira livro ſexto numero 263. dis, que os hereges conſervaraõ eſta Imagem, & que reſperſa com o ſangue do Santo Martyr viera às mãos dos noſſos, & fora mandada ao Braſil, onde ſe conſervava.

Pet.Poſſin.in vita P. Azevedi lib.3.cap.4. Alegãbe mortes illuſt. Cienfuegos na vida do Santo Borja.

11 Avendo jâ muito tempo, que os Irmãos continuavam na bomba, parecendo ao Padre Andrade, que eſtavam mui fracos, & neceſſitavam de algum alimento, foi ter com o Capitam dos hereges, que eſtava na poppa fallando com os Portuguezes, como com amigos; era elle ſobrinho de Jaques Soria, chamavaſe Monſiur Merlim, taõ bom homem, como o tio. Porem cuidou o Padre acharia nelle alguma humanidade. Falloulhe em Latim com cortezia, reprezentando a fraqueza dos Irmaõs; pediolhe os ſoccorreſſe com algum mantimento. A repoſta deſte barbaro foi arremeter ao Padre como huma fera aſſanhada; deulhe de bofetadas, & deitouo de ſi com indignaçaõ. Logo a malditta canalha dos hereges, que com elle eſtava, ſe foraõ ao Padre ſeguindo o exẽplo do Capitaõ: choveram ſobre elle as bofetadas, & peſcoçoẽs; tiraraõlhe com o barrete ao mar. Vendolhe a coroa, mais ſe enfureceraõ. Saltaraõ nelle aos couces, & com hum couce deraõ com elle da Xareta abaixo. Ficou do mao tratamento todo eſcalavrado, lançando pella bocca, & narizes grande copia de ſangue. Neſta forma cheyo de alegria ſe foi pera os Irmaõs, dando graças a Deos, por lhe fazer merce, de elle aſſim padecer por ſeu amor.

12 Depois dos Irmãos eſtarem por muito tempo cançados com o trabalho da bomba, entrou nos hereges novo furor; fizeraõnos ir todos pera o caſtello da proa, dandolhes muitas eſpaldeiradas, & dizendolhes injurias a montes. Quando paſſavaõ da bomba pera a proa, hia o Irmaõ Manoel Fernandes de Sirolico por ſima de humas taboas junto do bordo da nao: aqui ſe arremeçou a elle hum herege, & tomandoo nos braços deu com elle no mar, pello qual nadou ſeu eſpirito ao porto da bemaventurança.

13 Meteraõnos todos debaixo do caſtello da proa, & ali os fizeraõ deſpir ſuas roupetas, dandolhe ſobre iſſo muitas pancadas, & bofetadas, em eſpecial nos que tinham coroas, & mais que em todos no Padre Diogo de Andrade, por trazer coroa de Sacerdote. Cuidavam elles, que o tirar das roupetas fora pera aſſim os lançarem no mar: porem os hereges, aſſim como eſtavaõ os ſervos de Deos ſem roupetas, & ſem barretes, os fizeram tornar à bomba.

14 Ao paſſar vendo os hereges ao Irmaõ Aleyxo Delgado tam pequeno, porque teria quatorze pera quinze annos de idade, tres, ou quatro o arrebataram entre as maõs, & começaraõ a darlhe muitas punhadas. Hum delles o apertou comſigo, dandolhe na cabeça, & peſcoço tanta punhada, que lhe fes ſaltar o ſangue pella bocca, & narizes. Lançãdoo elles de ſi, todo enſangoentado ſe foi pera os outros, que eſtavam lidando com o trabalho da bomba. Conſolaraõno, dizendolhe: *Irmaõ Aleyxo, eſte he o tempo de padecer, & ſofrer por amor de Deos.* Cuidando o innocentinho parecer a ſeus Irmãos aver nelle fraqueza; reſpondeo: *Que couſa he iſto? Iſto naõ he couſa alguma: Omnia poſſum in eo, qui me confortat.*

15 De-

15 Depois trataraõ os hereges do seu jantar; tomaraõ das gallinhas, que acharaõ em a nao, encheraõ dellas huma caldeira. Cozidas ellas, se puzeram a comer com grande festa. Das gallinhas tomaraõ meya duzia, & as mandaram por hum Frances aos Irmãos, que as comessem. Aprezẽtouas ao Padre Andrade, o qual pegando dellas as lançou no mar, dizendo ao Frances: Nos naõ comemos carne ao sabbado. Foise o Frances mui indignado, dando aos outros em voz alta suas queixas do termo, com que o Padre se ouvera. Espantaraõse os Irmaõs, de que naõ viessem sobre elles os hereges. O Irmaõ Luis Correa foi entaõ aos camarotes, nos quais achou huma pouca de conserva, da qual o Padre Andrade fez, que comessem alguns dos Irmãos. Poucos ouve, que pudessem comer, porque todos em cada momento esperavaõ pella morte, nem avia cousa, que mais dezejassem.

16 Os hereges todas as vezes, que por ali passavaõ, os investiaõ cõ roins palavras, & peyores obras, dizendolhes, que avião de ser degollados, & lançados no mar. Os Irmãos de continuo se animavam huns aos outros, estando preparados pera tudo, o que Deos quizesse dispor de suas vidas.

CAPITULO XXXVI.

De como foraõ mortos todos os mais.

1 TOdas as cousas referidas passaraõ athe o tempo, que os hereges acabaraõ de jantar. Depois mandaraõ saber de Jaques Soria, o que queria, que se fizesse, dandolhe conta de tudo, o que se tinha obrado. Andava o seu galeam afastado da nao como hum terço de legoa. Os que foraõ no batel, meteraõ nelle comsigo ao piloto da nao Santiago, & o calafate, por terem notado, que elles com o capitaõ tinhaõ morto a Joaõ Bocardo patram da nao de Jaques Soria. Hiam elles bem tristes, porque entendiaõ a causa de serem levados.

2 Tambem fizeram ir no batel a hum dos nossos por nome Simaõ da Costa natural do Porto: este ainda que andava entre os Irmãos, naõ o parecia ser: tinha de pouco entrado na Companhia, & usava ainda dos vestidos seculares. Era mui bem apessoado, & tevese sospeita, ser filho de algum mercador, & o levavam, pera delle saber Jaques Soria as importancias da nao. Quando o piloto se embarcou, como derramasse muitas lagrimas, os hereges o consolavam dizendo, naõ temesse, porque seria piloto na nao do Principe: ao Irmão diziam, pello verem mancebo, & bem disposto, que seria pagem do Principe.

3 Naõ lhes deu Jaques Soria roins entradas, porq̃ antes de descobrir seu mao coração, se quis informar bem do que tocava às fazendas da nao. Depois de informado, deixouos ficar no galeaõ, & voltou o batel à nao Santiago. Persuadiraõse os Irmãos, chegar avizo de sua morte, & dizendolhes o Padre Andrade, estivessem conformes com a vontade de Deos, responderaõ a huma voz: que nelles se cumprissem suas santas disposiçoẽs. Dahi a pouco os começaraõ de tirar hum a hum pera fora, cõtandoos bem, & apartandoos da outra gente prizioneira, & puzeraõ grandes vigias pera que se naõ tornassem a misturar.

4 Feita esta diligencia, tornaraõ a mandar o batel a Jaques Soria, & aos Irmãos fizeraõ de novo dar à bõba. Andavaõ os hereges como lobos famintos à roda do aprisco, esperando, quando Jaques Soria daria sentença pera elles se poderem fartar do

do ſangue dos innocentes cordeiros. Sendo aſſim, que aos mais tratavam como amigos, aos noſſos em tudo faziaõ mâ paſſagem, como quem ſó dezejava berberlhe o ſangue. Fizeraõ grandiſſimas diligencias, aſſim porque nenhum dos paſſageiros morreſſe entre elles, como porque nenhum delles eſcapaſſe entre os paſſageiros. Viaõ a todos as coroas, & as mãos, & outros ſinais, de que ſe podiaõ ajudar pera os differençar de todos os mais.

5 Succedeo aqui, que hum Portuguez, que hia por morador pera o Braſil, & era cazado, por andar com certo roupaõ, foi tido dos hereges por Jeſuita, & por tal lançavaõ maõ delle, & o contavam entre os noſſos. O pobre homem neſtas anguſtias tudo era gritar, & eſconjurarſe, que naõ era Prete. Com tudo nada lhe valia; em vendo alguma aberta, logo ſe eſcoava dentre os noſſos, mas ſem proveito, que logo o tornavaõ a meter com elles, ainda que gritava, ſer homem cazado com mulher, & filhos. Tratavaõno muito mal, affirmando ſer Prete, que queria com aquella traça eſcapar. Com tudo advertindo os hereges, que nenhum dos noſſos ſe negava, antes chãmente diziam todos, o que eraõ; ſe foraõ perſuadindo, naõ ſer Prete aquelle homem; ajuntandoſe a iſto jurarem os outros prizioneiros, que tal naõ era, ſahio o triſte das garras da morte, porque ainda, que a cauſa na verdade a fazia appetecivel, naõ ſe lhe accommodava por entam o eſtamago com ella.

6 Oyto, ou nove horas avia, que os ſervos de Deos lidavam com a bomba revezandoſe entre ſi, padecendo em todo eſte tempo inexplicaveis injurias, porque ſó a elles faziaõ os hereges dar à bomba; aos mais, como diſſe, tratavaõ com bom roſto. Naſcia eſte odio, como elles confeſſaraõ, de que em França os maiores inimigos da ſua ſeita eraõ os Jeſuitas; por iſſo imaginavaõ fazer a Deos obſequio em moleſtar gente tam deteſtavel.

7 Eſperando os hereges por inſtantes a reſoluçaõ de Jaques Soria, viraõ ſobre a tarde, que o ſeu galeaõ ſe vinha chegando pera a nao. Chegando à falla bradou, dizendo aos ſeus: *Deitai, deitai ao mar eſſes perros Pretes, que vam ſemear falſa doutrina ao Braſil.* Ouvida eſta ſentença, fizeraõ ir pera o caſtello da poppa a todos os Portuguezes, que andavam pello convez. Feita eſta diligencia, com grande furia, & feſta arremeteram aos Irmaõs. Arrebataraõnos da bomba, & parecia, que os levavam pellos ares. Naõ lhes davaõ lugar a dizer palavra. O primeiro, a que arremeteram, foi o Padre Andrade; ali na bomba lhe deram de punhaladas, & por huma portinhola aſſim vivo, & mui ferido deraõ com elle no mar.

8 O meſmo fizeram ao Irmaõ Domingos Fernandes, & ao Irmaõ Antonio Soares. Aos grandes, que elles tinhaõ por ſacerdotes, por ſer contra elles mais o ſeu odio, lhes davam de punhaladas, antes de os lançar ao mar. Aos outros de menos idade, que pareciam de dezaſette, & dezoito annos pera baixo, ſem nenhuma ferida os lançavaõ vivos ao mar. Duas partes avia no convez, por onde os lançavam, huma junto à bomba, outra mais chegada ao meyo do convez. Pera huma parte levavaõ ametade, & os outros pera a outra. O Irmaõ Joaõ Sanches ficou entre os que eſtavam junto à bomba, por iſſo naõ vio, a quais dos outros deram de punhaladas, & a quais lançaraõ ſem ellas. Depois lhe contaraõ os marinheiros, que tambem os grandes hiaõ feridos ao mar, & os pequenos ſem feridas.

9 O Irmaõ Magalhaens, quando o arremeſſavaõ, moſtrando parti-

cular alegria disse aos tyrãnos: *Ah Irmaõs, Deos vos perdoe isto, que fazeis?* Geralmente em todos avia cõtentamento, & tinham rezam pera elle. Foi singular o esforço do bemditto Irmaõ Gregorio Escrivano. Era mui achacado do estamago ainda em terra; com o enjoamento foi muito mais, mas taõ amigo do trabalho, que elle sustentava o principal da cozinha. Dias avia, que o Padre Azevedo o obrigara a estar na cama, mas quando vio, o que se fazia a seus Irmãos, nam querendo perder a coroa do martyrio, se tirou da cama, & sem barrete, & descalço se foi meter entre os mais.

10 O Irmaõ Alvaro Mendes toda a viagem foi enfermo de enjoamẽto, com tudo isso naõ quis ficar na Ilha da Madeira, pera ir com o Padre Pedro Dias, & vendo maltratar a seus Irmãos, se foi meter entre elles. Todos foram lançados pello modo ditto ao mar, excepto o Irmaõ Joaõ Sanches, que era pequeno, & Deos o guardou, como testimunha de vista, que depois contasse todas estas cousas. Quando os hereges apartaraõ os Irmãos, logo entam conheceram a este por cozinheiro, assim pello vestido menos asseado, como pellas mãos cheyas de callos do trabalho. Agora quando jâ estava ao bordo da nao, pera ir ao mar, acodiraõ alguns dizẽdo: *Deixai este pera cozinheiro.* Assim o fizeram, por ter delle necessidade, & fez este officio athe França.

11 Em lugar deste supprio Deos outro por hum modo bem novo. Quando os hereges arrebataraõ os Irmãos da bomba, acharam ali a dous mancebos, que nam eram da Companhia; porem persuadidos serem Pretes, os levaram de mistura com os Irmãos. Foi cousa notavel, o que aqui se vio; hum delles consentio ir ao mar por da Companhia, sem nisso ter alguma repugnancia; porem o outro começou a gritar, que elle naõ era Prete, nem da Companhia: por mais, que fez por escapar, nada lhe valeo, & assim foi ao mar, sem evitar a morte, & sem grangear a coroa do Martyrio. Era este hum mancebo passageiro.

12 O outro, aquem Deos ali parece, que acceitou na Companhia, em todo o tempo da navegaçaõ pedira com muita instancia ao Padre Azevedo o recebesse entre os seus. Era sobrinho do Capitaõ da nao. O Padre Azevedo lhe queria muito por seus bons costumes. Em todos os trabalhos referidos quasi nunca sahio dentre os Irmãos. Foi pera louvar a Deos ver sua morte; calouse sempre, avendose como qualquer dos outros da Companhia, indo de tam boa vontade pera o sacrificio, como elles. Chamavaõlhe Saõ Joaninho, que he nome costumado Entre-Douro, & Minho, donde era natural.

13 Quando foram ao mar, estavaõ os Portuguezes na poppa, vendo este gloriozo triumpho da fè, no qual avendo tantas crianças, nem huma só fraqueou, nem jâ mais se desnegou, de quem era. Disseram os marinheiros Portuguezes, que os que nam sabiam nadar, se hiam logo ao fundo com os braços abertos: em especial disse hum do Irmaõ Aleyxo Delgado: *Aquelle Padrezinho, que nos cantava a doutrina, logo como o lançaram, se foi ao fundo com a cabeça pera baixo, & com os braços abertos.* Outro disse depois chorando: *Quando os eu via ir pello mar com as cabecinhas erguidas, & com as maõs levantadas, fallando huns com os outros alto, quebravaõme o coraçaõ.*

14 Athe os das outras naos se magoaraõ com tanta fereza; os de huma, quando os viaõ passar, lhe gritavaõ, se chegassem à nao, que os recolheriam. Estes eram, os que sabiaõ nadar, mas ou naõ ouviraõ, ou se naõ

naõ fiaraõ delles, tendoos por tais como os outros. No dia feguinte mandou Jaques Soria vir diante de fi aos tres, que diffemos foraõ levados à fua nao: ao piloto, & calafate mandou cortar as cabeças, por ferem culpados na morte de Joaõ Bocardo, que era peffoa principal. Ao Irmaõ perguntou, fe era elle tambem Prete Jefuita? Como o Irmaõ Simaõ da Cofta eftava ainda veftido de fecular, ficava facil o livrarfe; mas elle chãmente confeffou, fer da Companhia. Accendeofe Jaques Soria em ira cõ efta repofta, & lhe mandou ali fem demora cortar a cabeça. Ditofo Irmaõ, que com hum fó mes de Companhia confeguio tam grande felicidade!

CAPITULO XXXVII.

Daſſe noticia dos trinta, & nove cõpanheiros do Padre Ignacio de Azevedo, & fe apontam em efpecial, os que foraõ Noviços em Coimbra.

1 ANtes, que falle do mais, que nefta occafiaõ obraraõ os hereges contra as coufas fagradas, & outros fucceffos da nao Santiago, & caftigo, que o Ceo deu a Jaques Soria, he bem diga primeiro, o de que hâ memoria de cada hum deftes gloriozos filhos da noffa Companhia, cujo triumpho aconteceo em hum fabbado quinze de Julho do anno de mil quinhentos, & fettenta, dia por certo o mais gloriozo, que athe o prezente teve toda a noffa Companhia, & fe hâ de ter outro, que o vẽça, ou iguale, fó Deos o fabe. Affim mefmo foi efte dia ditofiffimo pera a naçaõ Portugueza, pois quafi todos, os que aqui triumpharam, excepto alguns poucos de outras naçoẽs de Hefpanha, foraõ nacidos em Portugal.

2 Delles foram Noviços nefte Collegio de Coimbra, o Padre Ignacio de Azevedo, capitam illuftriffimo de taõ invencivel companhia; o Padre Diogo de Andrade, os Irmãos Antonio Correa, Amaro Vaz, Joaõ Fernandes de Lisboa, Joaõ Fernandes de Braga. E todos os mais fe pode dizer, que lhe pertencem, pois elle criou em fi ao que a todos encheo de efpirito de Deos, & os adeftrou pera tam excellente, & cabal vittoria. A maior parte delles foraõ Noviços em Val de Rozal, muitos no Collegio de Evora, como digo, quando efcrevo daquelle Noviciado, outros no Porto, & Braga. De todos elles darei huma breve noticia, pois afora o que fica ditto, naõ he muito, o que delles fabemos: feguirei a ordem do Alphabeto, porque facilmente dè com efte, ou com aquelle, quem quizer faber a noticia, que nos ficou em memoria.

3 Conforme efta ordem tem o primeiro lugar o Irmaõ *Aleyxo Delgado*; era natural da cidade de Elvas, filho de hum cego, aquem elle fervia de guia, porem enfinando o bom cego huma cachorrina, que o guiaffe, como o filho tiveffe mui lindo engenho, indole, & habilidade, o entregou a hum homem honrado de Evora, pera que lhe deffe alguma ordem, & modo, com que eftudaffe. Trazido a Evora foi recebido, pera fervir no Collegio dos Convictores, que era nos Paços Del-Rey. Efte Collegio, que fe dizia dos Porcioniftas, era inftituido pello Infante Cardeal Dom Henrique; nelle fe criava muita fidalguia, & era mui numerozo. Corria o feu governo por conta dos Religiozos da Companhia. *Aleyxo Delgado*

4 O minino Aleyxo foi em pouco tempo crecendo em virtude, & no eftudo das letras. Indo hum dia o Padre Jorge Serram, que era Reytor do noffo Collegio, ver efte dos Convictores, o minino Aleyxo lhe rogou

muito, que o admittisse na Companhia. Perguntoulhe o Padre, pera q̃ queria ser da Companhia? Respondeo, que o movia a isso o muito, que dezejava ser Martyr. Vindo a Evora o Padre Ignacio de Azevedo, tendo Aleyxo quatorze annos, o admittio na Companhia. Mostrou sempre espirito maior, que sua idade, como fica ditto. Diziaõ ao depois, que os hereges o lançaraõ pello ar às ondas bem como huma laranginha.

Affonso de Baena 5 O segundo *o Irmaõ Affonso de Baena* Coadjutor temporal de naçaõ Castelhano da Provincia de Toledo. Foi lançado no mar vivo, & mui ferido: tinha de Companhia tres annos; era de o officio ourives; de idade contava trinta annos.

Alvaro Mendes Terceiro *o Irmaõ Alvaro Mendes* natural da Cidade de Elvas. Assima dissemos o fervor, com que estando mui enfermo se levantou, & meteo entre seus Irmaõs, por alcançar com elles a palma do Martyrio. Era estudante, & foi lançado ao mar vivo.

André Gonçalves Quarto *Andre Gonçalves* estudante: sua patria foi Viana de Alentejo no Arcebispado de Evora; estudara naquella Universidade. Foi ao mar cheyo de punhaladas.

Antonio Correa 6 Quinto *o Irmaõ Antonio Correa* estudante natural da Cidade do Porto, filho de Joaõ Gonçalves, & Violante Correa: entrou na Companhia em Coimbra ao primeiro de Junho de mil quinhentos sessenta, & nove, tẽdo dezaseis annos de idade. Em minha maõ tenho huma carta de letra de seu pay, em que fallando delle dis assim: *Meu filho Antonio Correa, que Nosso Senhor foi servido de levar ao Ceo por martyrio, logo em seu nacimento, & criaçaõ foi tam brando, que nunca tive com elle trabalho. Foi sempre tam bem inclinado, que nunca me lembra, que fizesse cousa, porque merecesse ser castigado. Desde que foi maior, naõ lhe avia de escapar doutrina do Collegio.*

7 *Com muita efficacia pedia, que o quizessem tomar pera barrer as cazas, mas porque era pequeno, o naõ tomavam. Toda via aprendeo a ler, & escrever, & Grammatica. Eu tinha hum meu parente em Coimbra; mandeio lâ, pera aprender o Latim. Era tam affeiçoado à Companhia, que pedia aos Padres, o quizessem nella recolher; mas porque nam era de idade pera isso, o nam tomaram. Entam veyo de lâ tam desconsolado, que determinou meterse Capucho; foi daqui a Ponte de Lima, pera se meter em hum mosteiro de Capuchos, que la estâ. Elles, quãdo o viram tam pequeno, lhe disseram, que a sua regra era mui aspera, que nam tinha idade, nem corpo, pera poder com ella; & nam o quizeram acceitar.*

8 *Veyose muito desconsolado. Quis Nosso Senhor, que naquelle tempo estava o Padre Manoel Rodrigues, que Nosso Senhor tem no Ceo, em Coimbra, que fora lâ a negocio, & o Padre Peres, que estava aqui, lhe escreveo, & mandamos o mocinho, que com tantos dezejos foi pera lâ. Quis Nosso Senhor, que o tomaram na Companhia, de que elle ficou tam contente, que sempre dava graças a Deos, de lhe fazer tamanha merce: & me disseram, que todos os dias, que ouvia Missa, pedia a Nosso Senhor, que ordenasse, como elle fosse Martyr. Nosso Senhor foi servido, de lhe cumprir seus dezejos. Seja elle pera sempre louvado. Amen.* Estas as palavras do pay deste ditozo Irmaõ.

9 Disse a outro Irmaõ, que confiava em Deos, que avia de ser Martyr, & que isto pedia a Nosso Senhor hum anno avia, quando entrou na Companhia, & corria em outro, que nella estava, perseverando na mesma petiçaõ, todas as vezes, que via levantar o Santissimo Sacramento. Reveloulhe Deos orando diante do San-

Santiſſimo, que ſua petiçam era deſpachada, de que ficou ſobre maneira alegre. Aſſima diſſemos o muito, que ſentio naõ o matarem os hereges, quando lhe deram na cabeça com os punhos das adagas. Foi lançado vivo nas ondas.

Amaro Vaz Sexto *Amaro Vaz* Coadjutor temporal; teve por patria a Cidade do Porto; ſeus pays ſe chamaram Franciſco Pires, & Maria Vaz: entrou na Companhia no Porto no primeiro de Novembro de mil quinhentos ſeſſenta, & nove; dali foi continuar o Noviciado em Coimbra: tinha de idade dezaſeis annos. Foi lançado vivo no mar atraveſſado com punhaladas.

Antonio Fernandes. 10 Settimo *Antonio Fernandes* de Montemor o novo; entrou em Evora, & delle fallo na obra daquelle Noviciado.

Antonio Suares. Oitavo *Antonio Suares* de Trancozo: foi Noviço em Evora; delle trato em ſeu lugar; atraveſſado, & vivo foi ao mar.

Bento de Caſtro Nono *Bento de Caſtro* natural da Villa de Chacim no Biſpado de Miranda; atraveſſado, & vivo foi ao mar. Entrou em o Noviciado da caza de Saõ Roque. Delle trato, quando eſcrevo do tal Noviciado.

Bras Ribeiro. Decimo *Bras Ribeiro* Coadjutor temporal nacido em Braga: a eſte depois de quebrada a cabeça, & lançado o cerebro no pavimento da nao, lançaram morto no mar. Tinha vinte, & quatro annos de idade, & ſette mezes da Companhia.

Domingos Fernandes. Undecimo *Domingos Fernandes* Coadjutor temporal nacido em Borba; entrou na Companhia em Evora, delle trato em outro lugar. Atraveſſado às punhaladas, & vivo foi lançado no mar.

Padre Diogo de Andrade 11 Duodecimo *Padre Diogo de Andrade* natural do Pedrogam grande, Sacerdote profeſſo de tres votos ſolemnes. Seus pays ſe chamaraõ Joaõ Nunes, & Anna de Andrade; entrou na Companhia em Coimbra aos ſette de Julho de mil quinhentos ſincoenta, & oyto. Em a nao fazia officio de Miniſtro. Aſſima fica contado, o que delle ſabemos, & como por elle ſe começou a executar a ſentença da Jaques Soria, ſendo cozido a punhaladas, & lançado vivo no mar.

12 Decimo terceiro *o Irmam Diogo Pires* natural da villa de Niza no Biſpado de Portalegre, & nam do Priorado da Crato, como tem alguns. *Diogo Pires* Chamavaſe antes *Mimozo*, por aver eſte apellido em familias daquella Villa, & naõ pella rezaõ, que alguns eſcrittores apontaõ, de que ſe dizia aſſim, por ſer de genio mui amavel. O Padre Saquino o nomea Diogo Pires Diniz. Eſtudava Philoſophia em Evora; parece, que o naõ ajudava muito o engenho pera as delicadezas deſta ſciencia.

13 Faltou hum dia no Curſo, pella qual falta o mandou o Meſtre caſtigar. Recebeo o caſtigo com grande ſogeiçaõ. Depois foi dizer ao Meſtre, que a cauſa de faltar fora, ter ido ao moſteiro de Valverde diſtante legoa, & meya de Evora tratar com o Guardiaõ ſua entrada nos Capuchos da Piedade, de cuja Provincia he aquelle moſteiro. Reſpondeo o Meſtre, que ſentia naõ ſaber antes a cauſa de faltar; louvoulhe muito taõ ſantos intentos, de caminho lhe engrandeceo a boa eleiçaõ, que alguns eſtudantes daquella Univerſidade fizeraõ, de irem recebidos pello Padre Ignacio de Azevedo pera o Braſil.

14 Logo Diogo Pires ſe começou tambem a inclinar àquella viagem. Pedio a Companhia, em que foi acceito. Indo no tempo da peleja de huma parte da nao pera a outra, lhe deu hum herege huma cruel lançada, de que cahio morto, & logo deram com elle no mar. Contando depois o Meſtre ſua bem afortunada

mor-

morte aos condiscipulos, fizeraõ delle mui honradas lembranças, & cobraram tal respeito ao lugar, em que se assentava, que dali por diante nenhum nelle se assentou.

Estevam Zurara. 15 Decimo quarto *Estevaõ Zurara* de naçaõ Biscainho, de officio borlador; foi hum dos que no tempo da peleja animava, & foi lançado no mar. Era Coadjutor Roupeiro no Collegio de Placencia, onde teve revelaçaõ de seu martyrio, & a descobrio a seu confessor.

Fernam Sanches. Decimo quinto *Fernam Sanches* estudante da provincia de Castella a velha, foi lançado vivo ao mar, & muito mal ferido.

Frãcisco Alvres. Decimo sexto *Francisco Alvres* natural de Covilhaã no Bispado da Guarda, Coadjutor temporal: entrou na Companhia em Evora, & delle fallo em outro lugar; foi às ondas vivo.

Frãcisco Magalhaens. 16 Decimo settimo *Francisco de Magalhaens* estudante natural de Alcacere do sal; entrou na Companhia em Evora, por isso aqui delle nam digo mais; foi lançado vivo ao mar.

Frãcisco Peres Godoi. 17 Decimo oitavo *Francisco Peres Godoi* Castelhano natural de Torrijos no Bispado de Salamanca, parente da glorioza Madre Santa Thereza de JESUS. Estudando em Salamanca tomou os exercicios espirituais de Santo Ignacio, nos quais tomou resoluçaõ de naõ por mais os olhos no mundo, & em segurança do seu proposito fez semelhante acçam àque assima disse do Padre Ignacio de Azevedo, cortou hum dos bigodes de sua barba, de que elle muito se prezava, & que era hum dos grandes impedimentos, que tinha pera deixar o mundo, nam se atrevendo a cortalos. Se fora nos nossos tempos, em que nisto todos saõ frades, & clerigos, nada teria, que vencer; mas naquelles prezavaõse os homens, do que se devẽ prezar.

18 Com estranha resoluçaõ entrou na Companhia em Medina del Campo, sendo seu Mestre dos Noviços o admiravel, & perfeitissimo varaõ o Padre Balthezar Alvres. Deuse a estremada mortificaçaõ. Entre outras indo a peregrinar se lhe pos huma vespa no rosto, & mordendoo lhe fes sangue, & o chupava, sem o Noviço dar rumor de si, soffrendo mui quieto tam cruel tormento, athe que advertindo o companheiro, lha enxotou do rosto, mui espantado, & com rezaõ de taõ inaudito soffrimento. Por sua rara virtude o amava muito o Padre Balthezar Alvres.

19 Succedeo porem, que achou o Padre ser elle falto de vista no olho esquerdo, & no exame, que se fas aos que entram tinha calado este defeito, porque o acceitassem. Ficou mui sentido o Padre Balthezar Alvres, por se ver obrigado ao despedir. Neste tempo fazia gente em Castella o Padre Ignacio de Azevedo; propoz o Padre Balthezar Alvres ao Irmaõ Godoi o seu estado, & se quizesse ir pera o Brasil, onde se podia dissimular mais em hum sacerdote o seu defeito, ficaria na Companhia. Veyo nisso de boa vontade, & dizendo o Mestre ao Padre Azevedo as excellentes prendas de Godoi, & suas grandes virtudes, nam obstante o defeito, o acceitou.

20 Era ditto seu mui ordinario, apprendido do Padre Balthezar Alvres: *Nam degeneremos dos altos pensamentos de filhos de Deos.* O que elle nesta occasiaõ bem exercitou em si, & depois por vezes o intimava a seus companheiros. Em Val de Rozal deu aquelle raro exemplo de oraçam, & obediencia, que assima contei. Sabia musica, & tocar arpa, & instrumentos, comque alegrava aos Irmãos, & era o Mestre naquelles suaves cantos de Val de Rozal, & na viagem pera as Ilhas. Quando entrou na Companhia estudava Canones.

Ferido a punhaladas foi vivo lançado ao mar.

CAPITULO XXXVIII.

Continuase a mesma noticia, & como no mar das Canarias, dali a muitos annos, se vio nas ondas huma representaçaõ deste Martyrio. De como os vio no Ceo S. Thereza, & algumas appariçoens, que fizeram.

Gaspar Alvres.

1 Decimo nono *o Irmam Gaspar Alvres* Coadjutor natural da Cidade do Porto. Ferido a punhaladas foi ao mar vivo.

Gonçalo Hẽriques

Vigesimo *Gonçalo Henriques* natural assim mesmo do Porto, tinha jâ ordens de Evangelho: foi hum dos que na peleja se destinou pera dar animo aos soldados; foi lançado no mar pellos hereges.

Gregorio Escrivano.

Vigesimo primeiro *Gregorio Escrivano* natural de Logronho em Castella, Coadjutor temporal, o qual, como assima se disse, estando muito enfermo na cama, se vestio, & foi meter entre os Irmãos, por nam perder taõ feliz sorte: foi lançado vivo ao mar. O Padre Alegambe tem, ser Portuguez, o que, entendo, foi descuido da pẽna.

Joaõ Fernãdes de Braga.

2 Vigesimo segundo *o Irmam Joaõ Fernandes* Portuguez natural de Braga filho de Joaõ Fernandes, & Anna Jorge; tendo vinte, & dous annos de idade entrou em Coimbra na Companhia pera estudante aos sinco de Junho de mil quinhentos sessenta, & nove. Foi ao mar vivo.

Joaõ Fernãdes de Lisboa.

Vigesimo terceiro *Joaõ Fernandes* natural de Lisboa filho de Andre Fernandes, & de Elena de Torres: entrou na Companhia em Coimbra pera estudante aos sinco de Abril de mil quinhentos sessenta, & oito; fes os seus votos em Val de Rozal, como assima se disse. Foi vivo ao mar.

Joaõ Mayorga.

Vigesimo quarto *Joaõ Mayorga* pintor natural do Reyno de Aragam: trinta, & sinco annos tinha de idade, & tres de Companhia. Foi ao mar vivo.

Joam de S. Martinho.

3 Vigesimo quinto *Joaõ de Saõ Martinho* estudante natural de Juncos no Arcebispado de Toledo. Foi vivo ao mar. Entrou na Companhia em Evora. O Padre Alegambe tem, ser de Ilhescas, mas o livro das entradas do Noviciado de Evora tem, o que fica ditto.

Joam de Safra.

Vigesimo sexto *Joaõ de Safra* Coadjutor temporal natural de Xarez de Badajoz em Castella. Entrou na Companhia em Evora. Foi ao mar vivo. O Padre Alegambe tem, ser de Toledo; mas o livro do Noviciado de Evora lhe dâ a sobreditta patria.

Luis Correa.

Vigesimo settimo *Luis Correa* natural da Cidade de Evora estudante; foi vivo lançado no mar.

Luis Rodrigues.

Vigesimo oitavo *Luis Rodrigues* estudante natural da Cidade de Evora onde entrou na Companhia. Foi lançado vivo ao mar.

Manoel Alvres.

4 Vigesimo nono *o Irmaõ Manoel Alvres* Coadjutor temporal: ainda que, os que delle imprimiram, dizẽ ser de Evora, o livro do Noviciado daquelle Collegio tem, ser natural de Estremoz. A mesma patria tem no tal livro seu Irmaõ Francisco Alvres, o qual com dezejo de ser Martyr, como seu Irmaõ, passou ao Brasil, onde com raro exẽplo foi quarenta annos cozinheiro no Collegio da Bahia. Delle se falla mui honradamente no Manilogio da Companhia. O Irmaõ Manoel Alvres foi Noviço em Evora. Teve revelaçaõ, de que avia de ser Martyr. O muito, que padeceo, antes de ser lançado vivo ao mar, & o muito, que alentou aos que pelejavam, fica ditto assima, & naõ ha, porque repetir. O mais digo em a obra do Noviciado de Evora.

5 Tri-

Manoel Fernãdes 5 Trigesimo *Manoel Fernandes* natural de Celorico. Era estudante, & foi vivo ao mar.

Manoel Pacheco. Trigesimo primeiro *Manoel Pacheco* estudante natural da Cidade de Ceuta Colonia dos Portuguezes em Africa, & agora o he dos Castelhanos. Ao mar vivo.

Manoel Rodrigues. Trigesimo segundo *Manoel Rodrigues* estudante natural de Alcochete no Arcebispado de Lisboa. Foi vivo ao mar.

Marcos Caldeira Trigesimo terceiro *Marcos Caldeyra* natural da Villa da Feira no Bispado do Porto, foi Noviço em Evora. Avizandoo o Padre Reytor em a Capella dos Noviços, que avia de ir pera o Brasil, deu alguns gritos tam grandes, que se cuidou enlouquecera, dizendo: *Oh ditozo de mim, que hei de ser Martyr!* Foi vivo ao mar.

Nicolao Diniz. 6 Trigesimo quarto *Nicolao Diniz* estudante natural da Cidade de Bragança. Foi lançado vivo ao mar. Sendo ainda estudante secular, disse por vezes a seu Mestre, que o coraçaõ lhe dizia, que elle avia de ser Martyr. Depois de estar na Companhia teve revelaçaõ desta boa fortuna. Estando elle no Collegio de Bragança esperando avizo do Padre Ignacio de Azevedo pera partir, entrou o Irmaõ dispenseiro na caza, onde o Irmaõ Diniz estava occupado em amassar o pam, & o achou com huma alegria tam extraordinaria, que lhe perguntou a cauza. Respondeo: *Irmaõ, como posso deixar de estar alegre, se agora me revelou Deos, que dentro de pouco tempo hei de ser Martyr?*

7 Depois da morte do Irmaõ Diniz, quando a nova chegou a Bragança, se achava ali Dom Antonio Pinheyro Bispo de Miranda, o qual prègando ao povo, dando em primeiro lugar graças a Deos, por honrar sua Igreja com hum taõ glorioso sacrificio de quarenta victimas preciosas, discorrendo em particular sobre o Irmaõ Diniz disse com notavel piedade: *O nosso Diniz, que aqui vistes andar pellas ruas de Bragança, he Martyr gloriozo com coroa de gloria immortal, & eu Bispo naõ sei, se me hei de salvar.* Este Irmaõ avia quatro, ou sinco annos, que estudava Latim em as nossas escolas; pedia com grande fervor ser da Companhia; sem embargo das boas partes, que tinha, os Padres o dilataraõ, por ser notavelmente baço das cores. Sabendo disto o Padre Ignacio de Azevedo, escreveo, lho recolhessem em caza, athe o mandar chamar. O Padre Manoel Pimenta dis em huma carta, que tinha muita graça em reprezentar, & que o vira em Coimbra, onde seu Mestre lho gabara. Devia ser isto, quando passava pera Lisboa.

8 Trigesimo quinto *Pedro Nunes* natural da Villa de Fronteyra no Bispado de Elvas estudante: foi lançado ao mar vivo. O Padre Alegambe tem, ser Castelhano; mas foi descuido da peña. *Pedro Nunes.*

Trigesimo sexto *Pedro da Fontoura* natural de Braga Coadjutor tẽporal, ao qual os hereges tendoo ferido gravemente, & cortado a lingua, lançaraõ ao mar. *Pedro Fõtoura.*

Trigesimo settimo *Simaõ da Costa* natural da Cidade do Porto Codjutor, foi mandado degolar por Jaques Soria, & lançado nas ondas em 16. de Junho. *Simaõ da Costa.*

Trigesimo oitavo *Simaõ Lopes* estudante natural de Ourem. Ao mar vivo. *Simam Lopes.*

9 Trigesimo nono, *Joaõ Adaucto*, a quem chamavaõ, como assima se disse, Sam Joaõ; era nascido na provincia de Entre-Douro, & Minho, sobrinho do Capitaõ da nao. Sempre dezejou muito ser da Companhia. O Padre Ignacio de Azevedo o amava grandemente por sua boa indole; & santos costumes. O Padre Possino conta, que os hereges, metendose elle entre os nossos, o apartavaõ, athe, *O Irmæm Saõ-Joaõ Adaucto.*

que

que no ultimo tempo indo vestir debaixo da proa huma roupeta, das que tinham tirado aos nossos Irmaõs, se veyo assim vestido meter com elles, & pode ser tido por Jesuita, & com elles lançado por tal em odio da Fe ao mar; sendo assim, que, como disse, no mesmo tempo deraõ com outro mancebo secular nas ondas, tendoo por Jesuita, por mais, que elle gritou, que tal nam era. Com este Irmaõ prefez Deos o numero de quarenta, que ficava diminuido por nam tirarem a vida ao Irmaõ Joaõ Sanches.

10 Esta foi a gloriosissima companhia, comque o grande Azevedo entrou no Ceo, & nos honrou câ na terra. Sendo a maior parte delles ainda Noviços com pouco tempo de Religiaõ, se ouveraõ com alento taõ divino, que bem mostraraõ, quam cheyos de Deos estavam. Entraraõ elles na batalha, & ainda na navegaçaõ com hum certo impulso interior, que lhes dizia, aviaõ de ser Martyres. Deixou escritto hũ nosso Religiozo, que se achou na caza de Sam Roque os dias, que ali estiveraõ hospedes, que lhe diziam muitas vezes estes bemdittos Irmaõs, que elles nam aviam de chegar ao Brasil, mas que no caminho aviaõ de padecer Martyrio, & dis, que fallavam nisto com grande segurança.

11 Oque foi cousa de grandissima admiraçaõ, & teve por testimunhas a muitos da nossa Companhia, he oque em nome dos mais, que isto viram, escreveo o nosso Padre Mario Falconio em carta sua dada em Buenos Ayres no Paraguay ao primeiro de Março do anno de 1617. & tinha, oque dis, succedido o anno antes no mar das Canarias, onde acabaram estes nossos santos Irmaõs.

Alegãbe nas mortes illustres. Nadasi 15. de Julho

12 Oque escreveo, & vio o Padre Falconio traduzido fielmente do Latim, em que o tras o Padre Alegãbe, no vulgar he o seguinte: *Em hum sabbado dezanove de Novembro junto da noite se poz o vento do nacente, & pella noite totalmente cessou; seguiose calmaria athe a tarde do Domingo. Oh calmaria! Oh suavissima calmaria! Nam qual costuma ser, aque tras tedio aos navegantes. Porque parados naquellas ondas, que foraõ brando sepulchro a trinta, & nove Martyres, que doçura se cre, que experimentamos? Viamos as ondas, que athe este tempo apparecẽ tingidas cõ aquelle fermoso sangue, mais especiosas, que os crystais, pareciam mais esplendidas, que as pedres preciosas, aquellas gottas, que cahiaõ de agoa tirada com as maõs; mais nobres, que as margaritas do Oriente, que se recebem lus do sol, estas resplandecem com trinta, & nove sois. Estas agoas nos foraõ mais doces, que o nectar, & gostandoas as sentiamos suavissimas. Como quer, que estivessemos parados, derretendose os animos com a doçura mais, que as mesmas agoas, se nos mostraram nas ondas varias apparencias, as quais com grande admiraçaõ estavamos vendo. Ja nos parecia ver aquelles santos feridos, jâ desfazendose em rios de sangue. Ja se nos reprezentavaõ os algozes discorrendo de huma em outra parte. Neste tempo levantandose hum vento perturbou o mar, abalou as naos, & desfes nosso gosto.* Athe aqui as palavras do Padre Falconio.

13 Adverte o Padre Alegambe, que ainda que isto pareça ser contado pello Padre com modo mais de quem medita, & considera, oque foi, doque de quem com narraçaõ historica escreve, oque vio com seus olhos, que em verdade o Padre aqui conta historicamente, oque cheyos de admiraçaõ viraõ cõ seus olhos nas ondas daquelle ditozo mar, em que Deos pera consolaçaõ dos Religiozos da Companhia, que hiaõ naquella nao, reprezentou nas ondas o estrago, deque ellas foraõ amphitheatro.

tro; & com novo portento adoçou as agoas salgadas.

14 A Madre Santa Thereza de JESUS os vio a todos no Ceo com laureolas de Martyres, em especial ao que era seu parente chegado no sangue. Tambem tras o nosso Padre Eusebio no tomo quarto dos seus Varoẽs Illustres, que em companhia do Irmaõ Pedro Aldea appareceram a certos cazados de bom viver cõ coroas de flores na cabeça, & palmas nas mãos.

15 O Padre Ignacio de Azevedo cercado de luzes, & resplandores appareceo a seu Irmaõ Dom Jeronymo de Azevedo. Assim o referem diversos Authores. Advirto, que o Padre Alegambe, & delle o Padre Nadasi trazem neste numero dos quarenta hum Joaõ Baena Castelhano, & hum Pedro Fonseca Portuguez, & nam fallam no Irmaõ Luis Rodrigues de Evora. Porem nam tiveram quanto a isto as noticias tam apuradas, como as que câ temos na nossa provincia, onde o catalogo, que aqui fica, se fes logo no principio com grande exacçaõ, & os nossos escrittores, como em cousa de sua caza, assim o tem mui certo, & averiguado, & feito no mesmo tempo, & nelle nam hâ genero algum de duvida.

CAPITULO XXXIX.

Do estrago, que os hereges fizeram nas cousas de devaçaõ. Tudo o mais, que succedeo à nao Santiago. Como athe os hereges estranharaõ esta fereza. Castigo, q̃ teve Jaques Soria, & outros destes tyrannos.

1 PEraque haja plena noticia desta grande tragedia, direi o mais, que passou naquella nao Santiago, que foi o theatro, onde se fes esta crueldade. No dia seguinte, que foi Domingo, começaraõ os hereges a revolver, oque avia na nao. Deixadas outras cousas, foraõ dar com hum bâul, em que o Padre Ignacio levava reliquias, & cousas sagradas. Tanto que nellas deraõ com os olhos, hum novo diabo lhes entrou nos corpos, & almas. Começaram a fazer em pedaços as santas reliquias, lançalas pello conves da nao, pizalas, & saltar sobre ellas.

2 Dando com hum meyo corpo, em que hia metida huma cabeça das Onze mil Virgẽs, lhe tiraraõ esta reliquia, & feita em pedaços a arrojaraõ no conves; os nossos Portuguezes recolheraõ, como puderam, estes pedaços. O meyo corpo de vulto trouxeram muitos dias enforcado da gavea. Dizia o Capitam, que o levava pera o ter em caza por imagem de huã filha sua, q̃ com ella se parecia. Castigou Deos este desaforo com huma grande tempestade, que lhe durou muitos dias, & elles disseram entre si, que em quanto ali fosse aquella imagem, a tormenta nam cessaria; entaõ permittio o Capitaõ, que a lançassem no mar, & cessou a tempestade.

3 As contas, & rozarios punhaõ ao pescoço, & rezando por escarneo a Ave Maria, as deitavam nas ondas. Entornaram pello conves os oleos sagrados, & botaraõ ao mar os vazos, em que hiaõ. Davaõ ao Irmaõ Joaõ Sanches, que jâ era seu cozinheiro, huma cruz do verdadeiro lenho do Senhor, peraque a lançasse no fogo; nam o querendo fazer, o encheraõ de couces, & bofetadas, & depois a puzeraõ no fogo, dizendo ao Irmaõ: *Olha, perro papista, como arde.*

4 Tomaraõ hum devoto Crucifixo, que o Padre levava, & formando hum altar, começaraõ por zombaria a entoar: *O Christe Sancte*; & logo com hum furor do inferno, de quẽ eram filhos, estendendo a Santa Imagem

gem sobre huma meza, lhe derão de punhaladas. Abrindo hum caixam, em que hião os ornamentos sagrados, armarão hum como altar, & se revestirão a modo de quem queria dizer Missa, indo arremedando as ceremonias sagradas. Por hostia tomarão hum Agnus Dei; depois de o levantarem, deram com elle no cham, & o passaram com muitas adagadas, & o deitarão no mar, dizendo, ser cousa do diabo. Os ornamentos, & peças de seda guardaram, por esperarem dellas interesse.

5 Os calices lhe serviam de copos nas mezas. Pella excellencia da pintura guardaram huma Imagem da Senhora tirada pella de Sam Lucas, pasmando da fermosura, que reprezentava. A esta com o livro das nossas Constituiçoẽs guardou pera si o Capitam. Outra Imagem de vulto tirada ao natural pella de Sam Lucas feita em marmore tambem a guardaram, por lhe parecer peça de muito preço.

6 Sinco legoas de terra estariam, quando cometteram estas abominaçoẽs. Dahi se foi Jaques Soria com toda a armada, & prezas à Ilha Gomeyra, pera nella se refazer de agoa, & mantimentos, onde a gente da terra tinha posto em seguro sua fazenda, & prata das Igrejas por temor de gente tão feróz. Mostrou Jaques Soria ir de pas pella necessidade, que tinha de se refazer. O Conde da Gomeyra esperando aver delle os cativos, o recebeo de pas, & lhe fes a elle, & aos seus festa em terra banqueteandoos. Depois do convite lhe pedio os cativos; prometteo de os dar.

7 Refez a armada do destroço, que recebera, & a proveo de mantimentos, & agoa; & depois por cumprir de algum modo sua palavra, lhe largou vinte cativos, que lhe pareceo serviriaõ de pouco, levando comsigo todos os mais, que da nao Santiago eram dez, & de outras prezas eram muitos. Logo deu à vela tomando a seu sobrinho por patraõ da sua nao, & pondo outro em seu lugar em a nao Santiago, chamado Monsiur de He. Partirão dali todos juntos; porem Jaques Soria, por nam poder ja levar mais, se fes caminho de França.

8 A nao Santiago, na qual ficou o Irmaõ Joam Sanches, andou sinco mezes às prezas pellas costas de Galiza, Portugal, & Algarve. Tomou alguns quatro navios Portuguezes, & seis de outras naçoẽs. Passaram grande tormenta; depois lhes começou a faltar agoa, & vinho. Quarenta dias beberam quasi todos vinagre. Morrerão alguns mui atormẽtados de sede; depois lançarão em o batel alguns sette, ou oito dos seus na costa de Galiza pera irem buscar agoa. Foraõ prezos dos Galegos, & levados a Santiago: ali os queimarão por hereges.

9 Tomando huma ves certo navio de Bretoẽs Francezes Catholicos, meteram nelle gente, entre ella hum piloto, & hum predicante, ambos hereges finissimos. Tinha o navio huma agulha, em cujo espelho estava pintada a Santa Magdalena na sua lapa, & hum Crucifixo diante da Santa. Logo o piloto quebrou aquelle espelho, & pos outro em seu lugar. Succedeo, que dahi a pouco andando às voltas com hum barcote Biscainho pera o tomar, castigou Deos o aggravo, que lhe tinham feito. Nam avia no barcote mais, que hum berço, o qual escondia: indo passando junto dos hereges em huma das voltas, vendo ser occcasiaõ, os Biscainhos dispararão a sua peça, cuja bala matou ao piloto, & predicante, & foi dar na agulha, & a fes em pedaços. Logo se accolheo, sem lhe poderem dar alcance. Porque nem sempre Deos guarda pera muito tempo o castigo das injurias, que a elle, & a seus Santos se fazem.

10 Chegou finalmente a nao Sãtiago a tomar porto na Arrochela,

que naquelle tempo era o valhacouto dos hereges, & piratas. Posto que vinha com huma frota de onze velas, huma tempestade as espalhou no cabo de *Finis Terræ*, & naõ lhe ficaraõ mais, que duas, que entraraõ primeiro, que ella no porto. Duas das outras mataraõ os hereges, que dentro hiam, & se foraõ meter em Lisboa. Das outras se naõ soube onde fossem parar. Era a nao Santiago mui esperada, por isso foi recebida com grandes festas. Disparou a cidade muitas peças em sua entrada.

11 Recebeo com sua chegada grande contentamento Madama Joanna de la Brit, que se intitulava Rainha de Navarra, & era cabeça daquelles hereges rebelados contra seu Rey. A causa especial deste seu gosto foi huma mentira, que lhe meteo na cabeça o contramestre da nao Santiago, a quem Jaques Soria levara diante no seu galeam. Querendose este livrar de huma culpa, que lhe punhaõ da navegaçaõ, & da ira de Jaques Soria, lhe disse, que o naõ matasse, que elle lhe descobriria onde vinha hum grande thezouro. Acceitando elle o partido, lhe disse, que na nao Santiago junto ao mastro vinha hum barril de ouro Del-Rey de Portugal.

12 Isto mesmo meteo em cabeça à Rainha, que por essa causa o tratou bem. Ouve della hum cavallo, & dinheiro, & antes, que chegasse à nao, se accolheo pera Bordeos, & dahi pera Portugal. Cheya pois destas esperanças veyo em pessoa à nao, perguntando pello barril: fez buscar naquelle lugar, onde se achou hum barril cheyo de pratos de estanho, que o Padre Ignacio de Azevedo levava pera os Collegios. Entaõ cahio no engano.

13 A nao Santiago em chegando abrio logo; ficou assim quebrada, & metida no fundo, que parecia naõ poderia jà mais servir. Das mercadorias, que levavaõ, carregaraõ logo os hereges dous navios, & os mandaraõ ao Brasil. Em saindo encontraraõ cõ a armada do Duque de Alva Governador de Flandres, que os meteo a pique. Neste tempo o Irmão Joaõ Sanches andava em caza de Jaques Soria, servindo em caza descalço, sem camiza, & sem chapeo, cuberto somente com huma samarra. Os hereges por escarneo lhe chamavaõ o Saõ Joaõ Bautista no dezerto. Vendose, que naõ avia esperanças de aver por elle, & outros algum resgaste, a Rainha deu licença se fossem a suas terras. O Irmaõ Sanches padeceo muito athe chegar ao nosso Collegio de Onhate em Hespanha; ali se deu a conhecer, & de Collegio em Collegio chegou em Portugal ao de Evora, & dali foi chamado ao de Sãto Antaõ em Lisboa, onde por sua informaçaõ o nosso Padre Mauricio escreveo os passos desta larga tragedia. Este Irmaõ (quam altos, & profundos sam os juizos de Deos!) depois de viver nove annos na Companhia, foi della despedido; & o que esteve a ponto de ser Martyr, & padeceo tanto em odio da fè, veyo a faltar em sua vocaçaõ. Que he exemplo muito pera temer.

14 Em toda a Europa fez nos Christãos este Martyrio grandissimo abalo, dando graças ao Senhor por assim illustrar sua Igreja em tempos taõ calamitozos. O Santo Pio Quinto, que entam governava a nao de Saõ Pedro, & tinha conversado, & feito tantas merces ao Padre Ignacio de Azevedo, em hum moto proprio, que naquelle tempo despachou, no qual concede à Companhia as graças dos mendicantes, tem estas palavras: *Nam contentes com os fins das terras, penetraram athe as Indias Orientais, & Occidentais; & alguns delles foram constrangidos do amor de Deos, que prodigos de seu proprio sangue pera plantarem mais efficasmente nessas partes a palavra de*

Deos,

Deos, se sometteram ao martyrio voluntario.

15 As praticas, que depois de tomada a nao Santiago, & mortos os nossos, os hereges tinham com os prizioneiros Portuguezes, todas mostravaõ o refinado odio, que nelles avia contra os da Companhia. Diziam, que por nenhum cazo perdoariam a algum da Companhia, porque em França eram os mais capitais inimigos, que tinha a sua seita; que elles ali eram, os que sustentavam a Igreja Romana, a El-Rey, & aos outros Catholicos. Fallando com o Irmaõ Joaõ Sanches pera o consolar lhe disseram: *Certo, que este Jaques Soria hâ de ir ao Inferno, porque matou tantos Padres com tanta crueldade.* Respondendolhe o Irmaõ: *Pois vos, porque os mataveis, vendo que elles nem pelejavam, nem vos faziaõ mal?* Acodio hum delles: *Naõ deixariamos nos de matar hum daquelles Pretes, por quanto no mũdo hâ, porque se elles naõ foraõ, jâ em França todos seriamos huns.*

16 Outro fallando com os marinheiros disse: *Se vos naõ matareis a Joaõ Bocardo na entrada da nao, a nenhum de vos matariamos, senaõ aos Pretes.* Disse mais: *Aquelle grãde diabo, que estava nas mãos com a imagem de Santa Maria, era Bispo?* Responderam os marinheiros, que naõ, mas que era Provincial dos mais, & homem de nobre geraçam; que se o naõ matassem, lhe daria El-Rey por elle muito dinheiro. Acodio hum: *Nem que El-Rey nos dera, quanto tem, lhe perdoariamos.* Quãdo o capitaõ, que na nao Santiago succedeo ao sobrinho de Jaques Soria, chegou a Arrochela, a Rainha o chamou, & lhe perguntou pellos Jesuitas, & se os trazia, estando prezente o Irmaõ Sanches. Respondendo, que os naõ trazia, & que todos foram lançados no mar, ficou espantada de tal deshumanidade.

17 Pergũtou mais, quem os mandara lãçar? Dizendo, que Jaques Soria, o mãdou ali vir, & lhe disse: *Quê dos Pretes Jesuitas, porq̃ os mandastes lançar no mar?* Respondeo com seu pouco pejo: *Eu os naõ mandei lançar, mas elles com o medo de mim por sua vontade se lançaraõ.* Nam se atreveo a dizer o que fizera, por ver na Rainha hum grande espanto daquella crueldade; mas como ella hia pouco interessada na vida dos Jesuitas, naõ tomou por isso muita payxaõ. Quando o Irmaõ Sanches vinha por França com os mais, pediaõ esmola, & contavaõ ser tomados por Jaques Soria, & referiaõ a mortandade, q̃ fizera nos Jesuitas; as Frãcezas hereges lhe rogavam muitas pragas, por ser tam fero, & deshumano.

18 Direi por fim desta narraçaõ o castigo, que deu Deos a alguns dos que concorreram na morte do Padre Ignacio de Azevedo, & seus companheiros. Os quatro soldados, que concorreraõ na morte do Padre Azevedo, subitamente perderaõ a vista, & ficaraõ de todo cegos. Jaques Soria dali a alguns annos morreo raivando como caõ. Foi sua morte tida athe dos seus hereges por infeliz, & de homẽ inimigo de Deos, & abominavel. Tambem hum dos hereges, que nisto concorreraõ, entrando em huma Igreja de Catholicos, a fazer zombaria das Santas Ceremonias, de repente foi ferido por Deos com hum horrorozo tremor do corpo. Este o fez entrar em si, & conhecer seu peccado. Pedio perdaõ à Virgem Senhora, de quem era aquella Igreja. Sarou no corpo, & alma, & detestou suas herezias.

19 A vida, & martyrio do Padre Ignacio de Azevedo, & de seus companheiros escrevem muitos, & gravissimos Authores, que cita o nosso Padre Simaõ de Vasconcellos na sua Chronica da Companhia da Provincia

cia do Brasil no livro quarto numero sessenta, & seis. Elle a tras tambem na mesma Historia, & livro citado. Depois delle a escreveram os Padres Philippe Alegambe nas mortes illustres dos filhos da Companhia. O Padre Matthias Taner nos Martyres da Companhia. O Padre Possino em tomo especial; & o Padre Alvaro de Cienfuegos na vida de Saõ Francisco de Borja. Muitas outras cousas, que refiro do Padre Ignacio de Azevedo, & algumas de seus companheiros, que naõ trazẽ os outros Escrittores, saõ recolhidas dos documentos antigos, que hâ no cartorio do Collegio de Coimbra.

CAPITULO XXXX.

Vida, & morte pella Fê do Padre Pedro Dias, & de outros onze, q̃ com elle foraõ mortos pellos Hereges.

No mar das Canarias aos 13 de Settẽbro, & aos 14 de 1571.

Dasse alguma noticia das virtudes do Padre Pedro Dias, & dos muitos trabalhos, que elle, & seus companheiros padeceraõ, athe emprender segunda ves a jornada do Brasil.

1 SE no Ceo, onde só hâ o que he bom, pudera aver vaidade, a nosso modo de fallar teria della grande tentaçaõ o bemditto Padre Ignacio de Azevedo, cuja illustre vida, & illustrissima morte assima ficaõ referidas; porque teve tam boa eleiçaõ nos sogeitos, que desta nossa Provincia, & de outras de Hespanha levava pera a do Brasil, de que hia Provincial, que o Ceo, como envejozo, naõ permittio, que a terra câ os lograsse, & assim lhos roubou todos, huns em sua companhia, outros em companhia do Padre Pedro Dias, a cujo cargo ficaraõ os mais, a quem naõ abrangeo a ira de Jaques Soria.

2 Foi o Padre Pedro Dias homem de estremadas virtudes, & no grao, que teve de Coadjutor espiritual, dos mais completos, & doutos, que ouve na Companhia. O nosso Padre Balthezar Telles na sua Historia desta Provincia tem, ser natural de Lisboa; porem he cousa sem duvida, que sua patria foi a Villa da Arruda no Arcebispado de Lisboa: naõ trazem os catalogos os nomes de seus pays; entrou na Companhia em Coimbra aos vinte, & oito de Março de mil quinhentos, quarenta, & oyto. *Part. 1. c. 32. n. 10.*

3 Foi Procurador no Mosteiro de Saõ Fins, & no Collegio de Coimbra. Sua grande esfera se dâ a conhecer pellas occupaçoẽs, a que no mesmo tempo abrangia; porque era Procurador, Lente de cazos, & presidente das disputas delles; Consultor, & Confessor dos Padres, & Irmãos. Dizia todos os dias a Missa dos Irmãos. Isto fazia tudo junto, sem ter quem o ajudasse nos negocios, & demandas, que eraõ muitas. Andando entre mãos com tantas cousas, se avia com tanta pas, & alegria, que parecia, naõ ter nada, que fazer.

4 Era homem de abrazada oraçam. Sempre rezava as horas canonicas de joelhos. Na mortificaçaõ de suas payxoẽs foi estremado. Nunca se perturbava, nem alterava. A's confissoẽs accodia com notavel pontualidade. Delle se dis, que tinha singular dom, pera aquietar consciencias escrupulozas; tanto assim, que ouve quem disse, que iria de boa vontade ao fim do mundo só por ter por confessor ao Padre Pedro Dias. Palavra, que offendesse a pessoa vivente, nam se vio sahir de sua bocca. Na observancia das regras, & modestia Religioza foi a mesma exacçam. Pedindolhe em caza huma pessoa da Companhia, mandasse cantar hum dos Noviços, que comsigo levava pera

pera o Brasil; respondeo estas palavras: *Receio, que me dem por isso huma penitencia, & naõ sinto tanto a penitencia, quanto naõ fazer, o que devo.*

5 Sempre se levantava com a Communidade; logo rezava Prima, depois tinha sua oraçaõ no tempo ordenado; dizia sua Missa. Esta ditta, rezava as horas menores. Acabadas ellas, entrava com os seus negocios. Todos os dias de tarde tinha meya hora de oraçaõ mental. Foi homem em Coimbra de grande authoridade com a gente de fora, por isso onde elle punha a maõ, punha Deos a virtude.

6 Certo homem, a quem hum filho entrara na Companhia, tendo disto sentimento, allegava, que o filho naõ tinha idade. Sobre este ponto tirou hum instrumento com testimunhas, & fez muitas diligencias. Falloulhe o Bispo de Coimbra, & outras pessoas graves, que nam fosse por diante com o negocio: porẽ naõ puderaõ acabar com elle, que desistisse. Vendo o Bispo sua tezidaõ, lhe disse, que fosse ao Padre Reytor, que logo lhe daria seu filho. O Padre Reytor lhe mandou diante ao Padre Pedro Dias. Indo fallar com elle, de tal maneira o dobrou, que logo ali rasgou toda a sua papelada, & ficou mui amigo da Companhia.

7 Trazia o Collegio hum negocio com a Camara de Coimbra, pera o qual se ajuntaraõ todos os Vereadores, & mestères. Ouve diversos pareceres, huns por nos, outros contra nos. Dos que naõ queriaõ, eraõ hum Vereador, & dous mesteres do povo, & outros. Vendo o Presidente, que nada se effeituava, disse aos dous mesteres, que fossem ao Collegio fallar com o Padre Reytor, & lhe dessem suas rezoẽs. Entraraõ pella portaria mui agastados. Dado recado ao Padre Reytor, elle lhe mandou diante ao Padre Pedro Dias: fallando com elles, assim os abrandou, que lhe concederaõ, quanto queria, ficando mui amigos da Companhia. Voltantando com o recado ao Senado, perguntoulhes o Presidente, que mudãça fora aquella? Responderam, que o Reytor lhes mandara diante hum Anjo nas palavras, & modo de tratar, que sempre lhes fallara com a bocca cheya de rizo, & que nada lhe puderam negar.

8 Tinha dom particular pera fazer amizades. Dous Lentes da Universidade homens graves andavaõ muito mal. Meteose em os compor o Bispo de Coimbra, o Reytor da Universidade, & diversos Religiozos, todos sem effeito. Foi o Padre Pedro Dias fallar com ambos, & acabou, o que quis; trouxeos ao Collegio, onde se abraçaraõ.

9 Avendo falta no Collegio, quando se lhe pedia dinheiro, naõ o tendo, costumava dizer: Confiemos em Deos, que nos proverá: & tomando a capa, sahia fora, & logo tinha, quem lhe emprestasse, o que pedia. Naõ era homem acanhado, nem miseravel, nem tambem prodigo, & esperdissado, mas sabia nas cousas ter aquelle meyo, que dittam as leis da prudencia, & Religioza providencia.

10 Foi grande o dezejo, q̃ mostrou de ir ao Brasil cõ o Padre Ignacio de Azevedo; tanto assim, que sendo homem cansado, & de idade, mostrava ser mancebo no alvoroço, com que abraçou esta jornada. Em todos aquelles santos ensayos, que ouve pera o Martyrio em Val de Rozal, & ficam referidos na vida do Padre Ignacio de Azevedo, teve elle, & seus companheiros boa parte. Em Lisboa se embarcou na Capitania do Governador Dom Luis de Vasconcellos. Guardava com seus companheiros na viagem semelhante ordem à que refirimos tinha o Padre Ignacio de Azevedo.

11 Quan-

11 Quando na Ilha da Madeira ouve de se partir da mais frota a nao Santiago, foi elle, o que mais sentio aver de se apartar do Padre Azevedo, a quem respeitava, como a santo. Ali na mesma Ilha teve a nova da morte, que lhe dera Jaques Soria, & ficou bem sentido de o naõ acompanhar. Escreveo a Portugal o succedido, naõ entendendo, que Deos no mesmo mar lhe tinha preparado semelhante coroa, a qual avia elle de alcançar por meyo de immensos trabalhos, tempestades, & perigos, como logo começou a padecer por quatorze mezes inteiros.

12 Tanto, que pareceo ao Governador Luis de Vasconcellos, que o tempo seria favoravel, se fez ao mar com a mais frota. Hiam os nossos em duas naos, em huma o Padre Pedro Dias com a maior parte delles, na outra o Padre Francisco de Castro com alguns. Emproaram em Cabo Verde; naquella paragem os começaram a molestar as doenças; pellas evitar, se fizeram na volta de Guinè, clima muito sogeito a calmarias, & chuvas tambem muito nocivas. Daqui naceo, que as doenças, que na paragem de Cabo Verde começaraõ a picar, neste sitio cobraraõ tais forças, que as naos se tornaram hospitais.

13 Nas duas naos, em que os nossos hiam, assim o Padre Castro na Capitania, como o Padre Pedro Dias na sua, tiveram grandes occasioẽs de mostrar seu fervor. Elles eraõ os Parochos, elles os Medicos, & Surgioẽs de almas, & corpos. Passado que foi o rigor das doenças de Guinè, como se quantas miserias hâ nesta vida tivessem tomado à sua cõta a estes navegantes, vieram sobre elles desmedidas tormentas. Entre ellas, & sempre com a morte diante dos olhos, chegaraõ à vista do Brasil; a qual lhe poz em esquecimento o que jâ era passado.

14 Quando se imaginavaõ no fim dos trabalhos, os começaram de novo. Por mais, que forcejaram, nẽ lhes foi possivel vencer o Cabo de Santo Agostinho, nem tomar outra alguma terra, & menos deterse naquella paragem. Ouveraõ de obedecer aos ventos, & à corrente das agoas, & ir parar nas Indias de Castella. O Governador Luis de Vasconcellos, & na sua nao o Padre Castro tomaram porto na Ilha de Saõ Domingos. O Padre Pedro Dias foi parar na Ilha Cuba, todos mui destroçados, onde foraõ obrigados a invernar.

15 Dom Luis depois de se refazer com diligencia, tornou a buscar o Brasil, porem os temporais deraõ cõ elle nas Antilhas. Dali foi obrigado a ir demandar as Ilhas Terceiras, & tomou porto em Angra, & com elle o Padre Castro, & mais tres da Companhia. O Padre Pedro Dias, em quanto se deteve na Ilha Cuba, & porto de Santiago esperando tempo, se empregou todo em ajudar cõ prègaçoẽs, & confissoẽs os naturais da terra. Chegou a fama do seu destroço a Abana, onde estavam Padres da Florida. Logo o nosso Padre Antonio Sedenho com a charidade, que os da Companhia temos huns pera com os outros, se pos a caminho pera o porto de Santiago, pera consolar, & ajudar aos nossos Religiozos. Ficou a nao tal, que naõ estava capas de fazer viagem.

16 Por tanto determinou o Padre Pedro Dias com seus companheiros passar a Abana, que dista do porto de Santiago como duzentas legoas pera o Occidente. Fizeraõ parte deste caminho a pè por terras mui asperas, & desabridas, & em tempos muito chuvozos. Athe que acharaõ certo naviocho, no qual se meteraõ, pera ir a Abana. Era elle tam desabrigado, & o tempo tam humido, que alem de lhe corromper esses poucos

poucos mantimentos, que levavaõ, lhe apodreceraõ nos corpos os vestidos, com que se abrigavaõ, & cobriam. Finalmente tomaram o porto de Abana.

17 Nesta terra se meteram em huma nao Castelhana, & nella chegaram à Ilha Terceira no mes de Agosto de 1571. Ali como em terra de Portuguezes se consolaram muito, principalmente com o Governador, Padre Castro, & mais companheiros, que nella estavam. Achavase Dom Luis com mui pouca gente, huma tinha morrido, outra se tinha deixado ficar nas Antilhas, & na Ilha Terceira lhe tinhaõ fugido naõ poucos, assombrados com a immensidade de infortunios, por onde tinham passado.

18 O Padre Pedro Dias tinha partido da Madeira com vinte, & oyto da Companhia. Destes tinha mãdado pera suas Provincias a parte por suas indispoſiçoẽs, & a outros por se enfastiarem de tantos trabalhos. A alguns Noviços, que tinha achado pouco pera a Companhia, mandou pera suas terras. Ultimamente mandou alguns dos outros pera Portugal, deixando ficar só treze, & ao Padre Castro; por todos com elle vinham a ser quinze. No tempo, que o Padre Pedro Dias tinha chegado à Ilha Terceira, chegara tambem a ella o Veneravel Padre Ignacio Martins, entendendo, que foi na occasiaõ, em que, como digo em sua vida, foi em naos, que sahiram a correr a costa, & levava a seu cargo vizitar os nossos das Ilhas. Vẽdo elle, q̃ o Padre Pedro Dias estava ao principio com animo de se ir pera Portugal, o exhortou a que dali emprendesse outra ves a jornada do Brasil, como em effeito o poz por obra.

CAPITULO XLI.

Como foi entrada a nao, valor de Dom Luis, como foram mortos sinco dos nossos em odio da Fè; & duas cousas notaveis, q̃ neste dia ali acõteceraõ.

1 EStando, como fica ditto, reduzido Dom Luis à penuria, que temos referido, & que apenas podia animar huma só nao, fez reparar, & prover huma de carga. Em seis de Settembro de 1571 tornou a lidar com a fortuna, partindo da Cidade de Angra em demanda do Brasil. Foi tomar as alturas das Ilhas Canarias. Dentro de seis dias com ventos favoraveis chegou àquelles mares. Aos doze do ditto mes lâ sobre a tarde se viram ao largo sinco velas, quatro Francezas, & huma Ingleza, que pellas bandeiras se deraõ a conhecer.

2 As Francezas eram a armada, que os hereges da Rochela tinham naquelle anno lançado fora a fazer prezas. A Capitania era o mesmo galeaõ, em que Jaques Soria tinha o anno antes tomado a nao Santiago. O Capitaõ era outro tal como elle, & se chamava Joaõ Cadavilho. A nao Ingleza se ajuntara às Francezas, pera todos em hum corpo saquearem a Ilha Gomeira, em que o anno antes Jaques Soria se tinha provido. Destruida aquella Ilha, puzeram as proas nas Ilhas Terceiras, pera onde entaõ caminhavaõ, quando Dom Luis dellas teve vista.

3 Vendose todos com o perigo em caza, logo Dom Luis poz a nao em tom de guerra, & tudo a ponto de peleja, como taõ esforçado, que era. O Padre Pedro Dias fez a todos huma pratica sobre aquellas palavras: *Domine, salva nos, perimus.*

Cujo assumpto foi exhortar à confissaõ. Em primeiro lugar se confessou Dom Luis com o Padre Castro, que era o seu Confessor. Ambos os Padres gastaram a noite em ouvir confissoẽs. Os nossos Irmãos lembrandose, de que naquelle mar o anno antes tinhaõ sido coroados seus ditosos companheiros, aquem elles tantas invejas tiveraõ, agora se animavaõ huns aos outros, tendo esperãças de semelhante felicidade.

4 Ao principio mostraraõ os inimigos naõ fazer cazo da nao, continuando em seu rumo, tudo a fim de a buscarem de noite, & ella se descuidar nas preparaçoẽs pera a defensa. Entendeose ser este o seu intento, porque em anoitecendo mandaraõ huma lancha, a qual fosse a balravento da nossa nao com hum farol accezo; a este seguiaõ as naos, pera na menhaã darem sobre a nossa. Vindo a menhaã tendo Dom Luis esforçado a gente, & estando mui determinado a se defender, chegou Cadavilho a tiro de bombarda, & disparou duas peças sem bala, como fazendo sinal de que amaynassem as velas, & se rendessem. A reposta foi dispararlhe Dom Luis alguma artelharia. Tres vezes fez impeto pera ferrar a nao, por outras tantas foi Cadavilho rebatido com morte de vinte Francezes, & naõ pequeno perigo do seu galeaõ, que lho passaram com huma bala ao lume da agoa, quebraraõlhe o mastro grande, & outra bala lhe tinha morto dez homens.

5 Vendose o inimigo em perigo de se afundir, fez maior esforço a quarta ves; ferrou a nao pella proa, & por ella meteo athe sessenta hereges bem armados. Mataraõ a sinco dos nossos, que defendiaõ a proa, & se foraõ apoderando da nao. Dom Luis passado com huma bala pellos peitos tendo quebradas as pernas com outra, assistido só de sinco criados seus, & rodeado de corpos mortos pelejava, como hum Marte. Neste valor continuou, athe que cõ huma lançada o acabaram de matar. Cahio no meyo da nao com morte de quem elle era, de muito Christaõ, & mui valente. Mortos os soldados, & o Capitaõ, os marinheiros se entregaram; mas desta entrega, como de cousa tardia, fizeram os hereges mui pouco cazo continuando em matar, em quanto a ira se naõ esfriou.

6 O corpo de Dom Luis, sem ser conhecido, foi com os outros mortos ao mar. Foi Dom Luis fidalgo mui illustre por seu sangue, mui intelligente do mar, a quem suas disgraças, & seu animo maior, que todas suas disgraças fizeram nomeado. A primeira ves, que entrou no mar, foi o anno de mil quinhentos sincoenta, & sette por Capitaõ mor de sinco naos, que hiam pera a India. A Capitania, em que se embarcou, antes de sahir do rio de Lisboa se abrio; sahindo as mais naos, foi elle obrigado a esperar, detevese athe Mayo; partindo entaõ foi obrigado a invernar no Brasil. No anno seguinte chegou à India.

7 Voltando pera o Reyno fez naufragio junto à Ilha de Saõ Lourenço. Perdida a nao, & trezentos homens, apenas se salvou no batel com trinta pessoas. Foi sua ventura estar ali negociando huma nao Portugueza, em que se meteo, porque de outro modo acabaria às mãos dos barbaros. Naquella nao passou à India. Dali tornou a Portugal rico somente de trabalhos. Dez annos depois o fizeraõ Governador do Brasil, em cuja viagem teve os contrastes, que ficaõ apontados. Indo junto à Ilha da Madeira tomando falla com as nossas naos, que vinhaõ da India, lhe deraõ por novas, que seu filho Dom Fernando de Vasconcellos fora morto pellos Mouros no cerco de Goa. Adiante no mar das Ca-

Canarias parece, que enfadada a fortuna de lhe dar pezares, o meteo nas maõs dos hereges,pera ser,como foi, despedaçado por elles. Só lhe nam pode tirar o cahir com morte honrada, digna de seu sangue, & de seu esforço.

8 No tempo dos combates o Irmam Affonso Fernandes com alguns Irmaõs animavaõ a gẽte, q̃ pelejava, tomavam os feridos, & os recolhiaõ. Os Padres se occupavam em os confessar. Quando os inimigos entraraõ pello castello da proa,estava o Padre Francisco de Castro confessando o contramestre mui mal ferido. Nam he explicavel o furor, que conceberaõ com tal vista, como homens, que tanto aborreciaõ aquelle Sacramento. Arremeteram ao confessor, & confessado, porem a este deraõ huma so estocada, ao Padre deraõ innumeraveis, nam se fartando de o estoquear. Dahi a dias lançavam isto em rosto a hum Irmaõ, que escapou, dizendo: O vosso Castro estava confessando. Conheceraõno tambem pello vestido.

9 Neste tempo o Padre Pedro Dias, tendo acabado as Confissoẽs, sahia pera sima, & com elle o Irmaõ Gaspar de Goes; em os encontrando os mataram às estocadas, conhecendo pello vestido, serem Jesuitas, ou Pretes, como elles lhe chamavam. Tambem feriram mui mal ao Irmam Miguel Aragonez. Era cousa notavel a vontade, comque se hiam contra os que viaõ no vestido dos da Cõpanhia, chamandoos Pretes,enganadores, mâ gente, perros, & outros nomes affrontozos.

10 Andando ainda os inimigos com esta furia, nam tinham decido abaixo,onde o Padre Pedro Dias mandara recolher os Irmãos, & que ali rezassem as ladainhas, & tivessem oraçaõ: vendo serem mortos os tres, & estar o Irmaõ Miguel tam ferido,se animaraõ huns aos outros a irem offerecerse à morte,em especial o Irmaõ Affonso Fernandes, que servia de Sotoministro, & mortos os Padres era como superior dos mais Irmaõs,disse cõ grande fervor: Sayamos, Irmãos, a estes hereges; eu irei diante.

11 Com esta determinaçaõ o Irmaõ Miguel nam obstante estar ja ferido, começou a subir pera o conves; em o vendo os hereges o atravessaram com huma estocada. Nesta conjunçaõ, que os outros vinham sahindo, chegou ali hum Capitaõ, o qual nam consentio, que os matassem, nẽ os ferissem. Tanto, que todos sahiram vendo ao Irmaõ Miguel assim ferido, se ajuntaram à roda delle, abraçaraõno diante dos hereges, & se puzeraõ ao curar. Ataraõlhe as feridas, tirando huns os lenços, outros outras couzas, que podiaõ ter serventia.

12 Neste tempo lhe diziaõ os hereges muitas injurias; tanto assim, que todos os mais Portuguezes se afastavam delles, por nam serem molestados dos hereges, que tam mâ vontade mostravam aos servos de Deos. Aos mais prizioneiros começaram a tratar bem, dizendo, ser boa gente: porem se viam algum com vestido, q̃ tivesse ainda parecença qualquer que fosse cõ o nosso,jâ o traziaõ de olho, & perseguiaõ, dizẽdolhe,ser tambem Prete. Chamavaõ aos Irmaos enganadores,lançandolhes em rosto as guerras de França, que se elles nam foraõ, jà em França nam averia outra religiaõ,senaõ a sua.

13 Sendo jà tarde os tomaraõ todos juntos na Xareta, & lhes ataram as maõs atras;indo atar ao Irmaõ Miguel Aragonez, como estava mui ferido, em lhe pegando dos braços, se doeu muito. Assanhado disso o soldado, tomandoo em braços deu com elle no mar. Neste passo fizeraõ grãde festa os hereges: querendo outro imitar a este com semelhante acçam, pegou do Irmam Francisco Paulo Noviço, & pellos ares o lançou nas

ondas. Estes sinco foraõ mortos em odio da Santa Fe vespera da Exaltaçaõ da Santa Crus treze de Settembro.

14 Antes que digamos o que no dia seguinte passaram, & padeceraõ os mais, direi duas couzas mui notaveis, que neste dia aconteceraõ. A primeira foi a devaçaõ de hum minino orfaõ dos que El-Rey mandava pera povoar o Brasil. Tinhase elle confessado com o Padre Pedro Dias; no tempo, que o Padre com o Irmam Goes subia ao conves, o minino se naõ quis apartar do Padre, por mais, que lhe diziam, se metesse com a outra gente, aquem os hereges perdoavaõ. Quando vio, que com as espadas nuas os hereges acometiam o Padre, podendo fugir, o naõ fez, antes se abraçou com elle, & assim o mataram juntamente, & juntos os lançaraõ ao mar.

15 A outra cousa foi a miseria de hum dos nossos Irmaõs por nome Gaspar Gonçalves: este vendo a vontade, comque os hereges se enviaraõ aos nossos, se meteo em hum recanto da nao, tirou a roupeta da Companhia, & se misturou com os outros Portuguezes, imaginando, que assim escaparia; porem succedeo, que mandando Cadavilho fazer vestoria dos feridos, o Cirurgiaõ assim a vulto disse, que lançassem ao mar certos, que estavam juntos, porque naõ averia, comque os curar, nem sustentar; entre estes foi tambem ao mar Gaspar Gonçalves, nam evitando a morte, & perdendo a coroa do martyrio; assim castiga Deos aquem he covarde em se lhe offerecer. He este exẽplo mui temeroso, pois hum homem, que passou por tantas experiencias, & trabalhos innumeraveis, a que se accommodou por amor de Deos, quando estava pera colher a palma do martyrio, a perdeo por conservar sua triste vida, que metteo nas maõs da morte pellos passos, comque della se queria escapar. Sam inscrutaveis os juizos de Deos; humilhar, & naõ dar por seguro he a mayor segurança.

CAPITULO XLII.

Do mao tratamento, que lhe fizeraõ os hereges; como os dividiraõ, & o que passou com os que forao pera o galeam de Cadavilho.

1 Estando a nao mais sossegada, abriraõ os hereges os caixoẽs de algumas cousas de devaçaõ, & fizeraõ grandes desacatos às cousas sagradas. A tarde daquelle dia se foi em afrontarem aos nossos, contra quem tinham odio capital, como aos maiores inimigos, que destruiam em França sua religiaõ. Nove por todos eram, os que restavam; o Irmaõ Affonso Fernandes, aquem os mais reconheciam por Superior, Andre Paes, Joaõ Alvres, Pedro Dias, Fernando Alvres. Estes sinco ja nam eraõ Noviços. Os outros quatro eraõ Noviços. Chamavaõse Pedro Fernandes, Diogo de Carvalho, Sebastiaõ Lopes, & Diogo Fernandes.

2 A todos com as maõs atras das costas os meteram aquella noite no aposento, que fora de Dom Luis, sem lhes darem cousa alguma, comque satisfazer à grande fome, que tinham de todo o dia em jejum; sendo assim, que nam faltaram com a cea aos mais prizioneiros. Desta deshumanidade se enterneceo hum herege, que por hum buraco da camara, que estava mui bem fechada, lhe metteo algum biscouto às escondidas, mas tam pouco, que apenas tomou cadahum seu boccado.

3 A' porta daquelle apozento se puzeram guardas. Toda a noite gastaram em se animar huns aos outros, & tratar de como aviam com toda a con-

confiança de resistir aos hereges, acodindo afoutamente pella honra de Deos. Diziaõ palavras de grande animo, & conforto. Pella noite eram por vezes vizitados dos hereges, que delles hiam zombar. Huns vendolhe as coroas, lhe davam nellas; outros lhe punhaõ as espadas nuas nos pescoços, outros os punhais nos peitos; muitas vezes chegando à carne, os feriaõ. Outros sem entrar dentro, dando grandes pancadas nas portas, lhes metiam medo, dizendo, que esperassem pello baraço, que se entravaõ dentro, os aviam de fazer em postas. Ajuntavam sempre nomes mui afrontozos, chamandoos caens, perros, Papistas, Pretes do diabo.

4 Com nada se amedrontavam os bemdittos Irmaõs, respondiam em honra de Deos palavras de grande confiança. Nam serviam estas senaõ de mais os assanhar: diziaõ, que senaõ fosse tam mâ canalha, & os enganos dos Jesuitas, nam averia guerras em França, & Alemanha, & todos jâ seriaõ Calvinistas. Estas, & outras muitas parlandas concluiaõ cuspindo nos servos de Deos, arrenegando delles, como de cousa a peyor do mundo, dizendo, que qualquer hora de vida era nelles mal empregada. Chegaraõ a tanto furor, que estiveram pera os enforcar a todos aquella noite da verga do mastro grande.

5 Tendo passado a maior parte da noite em lhes fazer espantos, & vexaçoẽs, deram lugar a que pudessem tomar algum descanço. Pouco antes de romper a menhaã, sentindo o Irmaõ Pedro Dias grande estrondo, observou, que os hereges andavam dispondo as cousas pera os enforcar; entaõ despertando aos mais lhes disse: que se apparelhassem todos pera morrer, porque elle via aos hereges mui determinados com cordas, & espadas nas maõs. Todos responderaõ: Venha oque vier, pois vem tudo da maõ de Deos, naõ ha que temer, morramos por seu amor.

6 Ao nacer do sol entraram de tropel na camara, & os levaram a todos pera junto do mastro grande, onde estava o Capitaõ, que Cadavilho puzera em a nao, & os soldados armados dispostos em fileira. Foram passando os Irmaõs pello meyo, & ficaram diante do Capitaõ. Este lhes disse com voz assanhada: Pera vos, perros Jesuitas, enganadores, caens do Papa, nem ha, nem he bem, que haja clemencia. E voltandose aos soldados disse: Logo enforcai esta mâ fazenda, & depois vam todos ao mar. Sem detença se arremeçaõ a elles, & os levam pera as estancias determinadas, & lhes metem as cabeças nos laços das cordas, & se poem a ponto de os levantar à pancada.

7 Nesta occasiaõ se chegou à nao o galeam de Cadavilho: fez elle sinal com a maõ, que parassem, dizendo: Bem sei, que naõ merecem outra cousa, porem eu lhes concedo a vida com tanto, que digam onde vai o dinheiro, que sei lhes deu El-Rey, pera fazerem huma Igreja; se o nam descobrirem, nam falta agoa no mar, nem tempo pera elles a beberem. Logo lhe tiraram os laços do pescoço, desataraõ as maõs, deraõ as suas roupetas, dizendo, fossem pello navio, & viessem ali com o dinheiro.

8 Nam queriam elles este favor, com tudo retiraraõse ao interior da nao, & postos de joelhos se animavam huns aos outros. Sendo passada cousa de huma hora, vendo os hereges, que nam appareciam, foi hum ter com elles, & lhes perguntou, se tinhaõ jà o dinheiro, porque o Capitaõ esperava? Responderam, que alguma pobreza, que hia pera os seus gastos, fora roubada nas caixas; que mais nem tinham, nem della sabiam.

9 Nam se dezenganou Cadavilho. Fez, que dos nove dous ficassem

em

em a nao, & os fette paſſaſſem pera o ſeu galeam, cuidando, que divididos deixariam cahir alguns indicios do dinheiro. Ficaram em a nao o Irmaõ Pedro Dias, & Diogo de Carvalho. Logo, que ſubiraõ ao galeam, ſe puzeram à roda delles os hereges, dizendolhes infinitas injurias, dandolhes nas coroas, & muitas bofetadas no roſto.

10 Quis hum predicante provar de ſabicham, & diſſe em Heſpanhol, que os mais delles ſabiam, que ſe admirava, de que os Jeſuitas ſendo no mundo avaliados por ſabios adoraſſem o Papa, ſendo elle Antichriſto, & idolatraſſẽ nas imagẽs, & oſſos dos mortos. A eſte tom foi dizendo outros deſvarios. Tomou a maõ o Irmaõ Affonſo Fernandes, & dando rezam a tudo, lhe diſſe, que elles eraõ os enganados, & que o amor de viver à larga os fazia abraçaremſe com as mentiras, que diziam ſer verdades. Perguntaraõlhe alguns, ſe daria a vida por aquellas couſas, que affirmava? Reſpondeo: Nam ſo eu darei eſta minha, mas quãtos aqui eſtaõ comigo de boa vontade daraõ as ſuas. A iſto diſſe indignado o Frãces predicante: Pois aſſim he, todos ſereis degolados. A que os mais Irmaõs diſſeram: O que quizerem, que eſtamos todos apparelhados.

11 Como os hereges viam, quam bem o Irmaõ Affonſo o fazia contra o ſeu predicante, & como ſe ria dos ſeus argumentos, moſtravaõlhe alguma inclinaçaõ, como de quem eſtava da ſua parte. Em quanto o Irmam Affonſo eſtava neſtas controverſias, a gente vil da nao ſe deſenfadava com o Irmam Noviço Pedro Fernandes; ao qual na entrada do galeam, por ir o ultimo, puxaram a ſi, pera com elle ſe entreterem, em quanto com os outros o faziam os graves.

12 Era eſte Irmaõ muito modeſto. Puzeraõno no meyo de huma roda; diziaõlhe palavras de pouco pejo. O Irmam ſe poz em profundo ſilencio. Queriaõ elles reſpondeſſe, pera ſe fomentar o deſenfado. Vendo porem, que ſe fazia eſtatua, cuidando era por ſe deſprezar de lhes reſponder, ſe foraõ a elle às bofetadas, hum lhe tirou com o barrete pellos ares, outro lhe tirou a roupeta. Quando o viram naquella forma, fizeram grande feſta. Neſte paſſo as anſias do Irmaõ eraõ, que tirada a roupeta, o naõ teriaõ por Jeſuita. Tanto lidou, athe que eſcoandoſe de ſuas maõs ſe foi ajuntar com os outros, eſtando ſempre com rara modeſtia, & compoſtura.

13 Quando afroxou a diſputa com o Irmaõ Affonſo, hum herege lançando maõ do Irmaõ Pedro Fernandes, perguntandolhe, quem era, & porque ſe metia com os mais, pois naõ tinha o meſmo veſtido? Reſpondeo, que elle tambem era da Companhia; que ainda, que lhe tinham tirado a roupeta, o ſer da Companhia ninguem lho tiraria. Vendo os malditos boa occaſiaõ de ſe alegrar à cuſta deſte Irmaõ, hum delles o poz no meyo: davaõlhe de bofetadas, peraq̃ levantaſſe os olhos. Como ſoffreſſe tudo cõ notavel ſilencio, hũ ſe foi a elle, & cõ as maõs lhe procurava abrir os olhos: outro lhe meteo debaixo da barba hum pao, pera nam ter a cabeça baixa, & ſe a cazo a deixaſſe cahir, picandoſe a levantaſſe. Neſtes, & outros, que tinham por deſenfados, ſe paſſou aquelle dia athe horas de jantar.

14 Athe eſta hora, excepto aquelle boccado de biſcouto, que diſſe, nada tinha comido. Cadavilho ſe foi jantar, dizendoſe lhes deſſe de eſpera athe a tarde, & ſe naõ appareceſſe o dinheiro, que entaõ os lançariaõ no mar. Em quanto os hereges jantaram, eſtiveram os Irmaõs livres de ſuas importunidades, fallando huns com os outros de ſua boa fortuna, animandoſe a ſoffrerem a morte, que

nam

nam tardava. Todos estavam alegrissimos; naõ lhes lembrava comer, nem disso tinham cuidado. Os seus dezejos eram dar jâ a vida, por quem a dera por seu amor na arvore da Santa Crus.

CAPITULO XLIII.

O mais, que passou nesta tragedia, & como foraõ ao mar nove Irmaõs, & delles escaparam dous com vida. Castigo, que tiveraõ alguns dos hereges. E se dâ especial noticia de cada hũ destes doze confessores de Christo, particularmente dos que nesta santa caza foraõ Noviços.

1 DO tempo do jantar por diante vinham os hereges a magotes de tres em tres, quatro em quatro a entender com os Irmaõs em cousas de Religiaõ; a todos respondiam sem alguma sombra de temor. Sobre a tarde ouve mais concurso, & hum herege disse ali diante de todos, que bem se via, que eram brutos, pois criam, que as suas oraçoens eram ouvidas no ceo, & que oque elles câ em voz baixa fallavam, podia vencer tamanha distancia. E que se mostrava, oque dizia; pois tendo elles rezado tantas ladainhas, gritado por Santa Maria, & pellos Santos, elles lhe naõ tinham acodido, nem os livraram de suas maõs. Que tudo vinha, de lâ lhe nam chegarem tais deprecaçoẽs.

2 A este desvario respondeo o Irmaõ Affonso com desdem, dizendo, que se o argumento provava alguma cousa, que com elle tambem provaria, que Deos nam ouvia as oraçoẽs, pois nem sempre as despachava. Por tanto, que de elle naõ acodir, nẽ os seus Santos, naõ se seguia, que naõ soubessem eram rogados, & invocados. Que na occasiaõ prezente os naõ livravaõ de suas maõs, porque sabiam, lhes era assim mais proveitozo morrer por seu Deos, que ficar com vida. E como hum Calvinista a isto dissesse: Se assim he, eu te empenho minha palavra, q̃ com esta espada vos corte hoje a cabeça. Respondeo o Irmaõ: Isso, & o que todos queremos he o mesmo: façase em nos a vontade de Deos.

3 Entre estas cousas se passou a tarde, & pondose o sol, deraõ os hereges sinal a cear. Entaõ os Irmaõs se ouveram, como no tempo do jantar. No tempo da cea chamaram por seus nomes aos Irmaõs Diogo Fernandes, & Sebastiaõ Lopes: indo elles, lhes deram os hereges alguns sobejos, sem dos outros fazerem cazo. A novidade os encheo de admiraçaõ, porque mais a estes dous, que aos outros: o fim, que nisto ouve, como se verâ, mostrou ser a cousa mais disposiçaõ de Deos, que obra de homens.

4 Pouco avia, que estavam os dous comendo, quando ouvem no conves grandes estrondos, & os Irmãos, que nomeavam o santissimo nome de JESUS. Cahindo no que era, & que os hereges executavam sua impiedade nos Irmãos, se foram logo meter entre elles. Tiraraõ a todos suas roupetas, & pegando delles os lançaram ao mar o mais longe que podiam afastados do galeam. Dos sette os Irmaõs Pedro Fernandes, & Joaõ Alvres se foraõ logo ao fundo, ou por melhor dizer ao Ceo. Como foram lançados huns longe dos outros, & a noite estivesse escura, nadaram algum espaço de tempo pera onde a fortuna os levava. Aconteceo entaõ vir huma pancada de agoa, & ficarem as naos em calmaria. Assim das vozes dos navegantes, como do vulto das naos, que mal se divisava, entendendo o Irmaõ Diogo Fernandes nam estarem as naos longe, foise chegando, pode

subir,

ſubir, & entrar ſem o ſentirem; miſturouſe com os paſſageiros, & eſcapou; oq̃ elle naõ conſiguiria, ſe naõ tiveſſe pouco antes tomado com o ſuſtento algum alento, com o qual pode forcejar, & tomar a nao.

5 Os quatro, que ſobre as ondas nadavam, ouvindoſe gritar huns aos outros ſe ajuntaram pera hum lugar. Eſtava o mar mui ſoſſegado, por eſſa rezam ſe ouviaõ, & concorreraõ pera a meſma parte. Neſta forma andaraõ algum tempo animandoſe, & pedindo hũs aos outros perdaõ. O Irmaõ Affõſo Fernãdes entoou o Pſalmo: *Miſerere*: os outros jũtos lhe reſpondiaõ: foram continuando athe o verſo: *Tibi ſoli peccavi*: neſte paſſo começou o Irmaõ Affonſo a desfallecer; os mais o animaram com o *Credo*, & outras palavras de Deos. Logo, que eſpirou, ſe foi ao fundo.

6 Dali a pouco o Irmaõ Andre Paes deixou de fallar, & do meſmo modo ſe foi abaixo. Os dous Irmaõs Fernando Alvres, & Sebaſtiaõ continuaram a nadar couſa de huma hora, repitindo verſos dos Pſalmos, & palavras ſantas, athe que o Irmaõ Fernando deixou de fallar. Chegandoſe a elle o Irmaõ Sebaſtiam Lopes o apalpou; ſentindolhe os braços cahidos, & a cabeça jâ debaixo da agoa, achou eſtar morto, & aſſim elle meſmo o meteo pera baixo, como dandolhe ſepultura.

7 Depois andou o Irmaõ Lopes ſo nadãdo athe depois da meya noite eſperando por ſua hora. Eſtando a nao em calmaria, chegando pera ella, bradou: era o galeam de Cadavilho, donde lhe gritaram, que o aviaõ de alancear, ſe ſe chegava. O meſmo diſſeraõ alguns, que eſtavam na lancha. Neſta forma andou entre as naos, athe que hum herege, que eſtava no batel de huã dellas, o chamou em Heſpanhol, & meteo dentro. Pera vomitar a agoa, que bebera, o eſtendeo ſobre huns remos, & cobrio com huma capa.

8 Em o Irmaõ entrando no batel, como ſe o vento naõ eſperaſſe outra couſa, começou a aſſoprar, & as naos a fazer viagem; conſervandolhe Deos a vida, pera nos ficar huma taõ abonada teſtimunha das mortes de ſeus ſervos. E ſe ve, que ſe naõ ſe tivera fortalecido com o ſuſtento, que diſſe lhe deram os hereges, nam poderia aturar tantas horas ſobre as ondas. No dia ſeguinte foi levado à nao Portugueza, tudo com diſſimulaçam, & ſe meteo entre os mais cativos. Pondo nelle os olhos hum dos hereges, perguntou, quem foſſe? Reſpondeo huma das orfans Portuguezas, que era ſeu Irmam. Aſſim ficou livre daquella ves. Porem depois conhecendoo os hereges, andavaõ pera o lançar no mar, dizendo ſer Prete, & confeſſor. Neſta occaſiaõ ſe vio ali bẽ enfadado hum Portuguez por cauſa de certo veſtido pardo, que tirava alguma couſa no modo pera as roupetas dos Noviços; apenas pode eſcapar das ondas, cuidando os hereges ſer Jeſuita, & elle ſe enfadava contra o Irmaõ Sebaſtiaõ Lopes, porque com ſua vinda fora cauſa, de ſe lhe levantar aquella perſeguiçaõ. Neſta nao ſoube o Irmaõ, em como os hereges na meſma noite tinham tambem lançado vivos ao mar os dous Irmaõs Pedro Dias, & Diogo de Carvalho, que ali ficaram. Foi eſte ſegundo triumpho aos quatorze de Settembro em dia da Exaltaçaõ da Santa Crus.

9 As naos de Cadavilho tendo tomado huma caravela Portugueza nas coſtas do Algarve, ſe fizeram na volta da Rochela. Junto a Bayona de Galiza deitaram os prizioneiros em terra. Dali paſſaram os dous Noviços Diogo Fernandes, & Sebaſtiaõ Lopes à noſſa Reſidencia de Sam-Fins, onde os proveram. Foram pera Coimbra, & o Irmaõ Sebaſtiam Lopes foi chamado ao Collegio de Santo Antam, onde contou o ſucceſſo

ſo de toda eſta tragedia. O Irmaõ Diogo Fernandes veyo a ſer deſpedido da Companhia, que em verdade he ainda exemplo mais temerozo, que o do Irmão Joaõ Sanches, que aſſima contei na vida do Padre Ignacio de Azevedo, por quanto eſte Irmão batalhou com as ondas lançado ao mar em o dio da Fè, & tinha athe ali ſoffrido grandes trabalhos: com tudo naõ mereceo acabar na Companhia. Naõ pude do Irmão Sebaſtiaõ Lopes averiguar, ſe morrera, ou naõ entre nos.

10 Joaõ Cadavilho acabou, como merecia, porque eſtando em Salies patria ſua, como tiveſſe naõ ſei que payxam com outro homem, eſte lhe abrio a cabeça, & cahio morto. Outro herege mui gordo, que puzera ſeu brio em ſer cruel com os Irmãos, & diſſo ſe vangloriava, eſtando no bordo do galeão de Cadavilho, lhe eſcapou o pè, & cahio no mar; como era tam groſſo, ſe foi logo ao fundo ſem mais ſer viſto.

11 Agora darei huma qualquer noticia deſtes ſervos de Deos, em eſpecial apontarei os que foraõ Noviços neſta ſanta Caza, & dos mais direi, o que pude aver, que a muitos deſtes ſervos do Senhor deſcobri ſuas patrias, pois de mui poucos deſtes doze as trazem, os que delles eſcreveraõ; que na verdade foi muito grãde deſcuido naõ aver logo entaõ exacçam grande em as ſaber, pois naõ ſeria mui difficultozo. Daqui ſe ſeguio ficarem ſuas patrias deſpojadas deſta gloria, & ſerâ mais pera ſentir iſto, quando, como ſe eſpera, ſahirẽ canonizados, pois fas niſſo hâ muitos annos grande esforço a noſſa Companhia.

12 Seguindo a ordem do Alphabeto ſeja o primeiro o Irmaõ *Affonſo Fernandes* natural de Viana de Alẽtejo. Foi Noviço em Evora, delle fallo na obra daquella caza. Morreo aos 14 de Settembro.

Affonſo Fernandes aos 14

O Segundo o Irmaõ André Paes eſtudante natural da Cidade do Porto. Chamouo Deos a ſi com naõ ſei que diſgoſto, que teve com hum ſeu amigo eſtando fora dos muros da cidade. Dali conheceo o pouco, em que devia ſer tido eſte mundo; voltando pera a cidade em ſinal do deſprezo, que deſte mundo fazia, tirou o forro do chapeo, & o lançou fora. Foiſe confeſſar ao noſſo Collegio. Recebeo niſto eſpecial conſolaçaõ. Sahindo huma ves de fazer oraçaõ, diſſe a hum ſeu amigo, lhe dera Deos ali huma grande conſolaçaõ; qual foſſe, naõ a declarou.

Andre Paes aos 14

13 Logo ſem dar parte a hum ſeu Irmaõ, ſe partio pera Braga, a pertẽder a Companhia com o Padre Ignacio de Azevedo. Ao almocreve, que o levava, perguntou no caminho, ſe o queria tornar a trazer pera o Porto? Reſpondeo o almocreve, que a elle tanto lhe hia em tornar pera câ, como em tornar pera lâ. Deſtas palavras tomou occaſiaõ, pera ſe dizer a ſi meſmo: que lhe montava mais ir pera lâ, que pera câ. Por tanto, que pera ſervir a Deos ſe lhe naõ avia de dar de nada. Antes de entrar no Collegio, vendo huma Imagem da Senhora, que tinha nas mãos ao Minino JESU, & eſte na maõ huma Cruz, & com o dedo da outra maõ a eſtava moſtrando, diſſe, que o Minino Deos lhe moſtrava a elle aquella Cruz.

14 Foi recebido em Braga pello Padre Ignacio de Azevedo. Depois da morte do Padre eſcreveo ao Reyno moſtrando grande ſentimento, por ſe naõ achar com elle, pera tambem dar a vida por Chriſto. Deos lhe veyo a cumprir eſte dezejo, ſendo lançado vivo ao mar. Quando entrou na Companhia ainda naõ tinha vinte annos; era bem apeſſoado, mui vivo, & graciozo.

Terceiro o Irmaõ Diogo Carvalho natural de Tondela no Biſpado de

Diogo Carvalho aos 14

Viseu Coadjutor temporal foi ao mar vivo como o Irmaõ Pedro Dias.

Fernãdo Alvres aos 14

15 *Quarto o Irmaõ Fernando Alvres* Coadjutor temporal natural da Cidade de Viseu, filho de Joaõ Fernandes, & de Catherina Annes: entrou na Companhia em Coimbra aos vinte, & oyto de Mayo de mil quinhentos, & sessenta, tendo vinte, & seis annos de idade. A este Irmaõ succedeo, o que disse na vida do Padre Ignacio de Azevedo. Quando assistiaõ na caza de Saõ Roque, pera se embarcar, o tentou o demonio. Sahiose de caza com intento de naõ voltar a ella. Indo junto ao Curral, se soltou hum touro, foise ao fugitivo, lançouo por terra, enxovalhouo. Entaõ o triste cahio em seu erro, voltou a caza, onde se naõ tinha achado a sua falta. Deu conta ao Superior, chorou seu peccado, & mereceo morrer Martyr.

16 Depois da morte do Padre Pedro Dias, se chegou aos Irmãos, & lhe disse estas palavras: *Charissimos, lembremonos, que somos da Companhia, & que Deos nos vem receber ao caminho, como a Santa Ursula, & a suas companheiras. Oh que baixos espiritos teriamos, os que agora dezejassemos estar no Collegio de Coimbra, Evora, ou Saõ Roque. Nam desmayemos com o terror do mar, porque bem manso, & tinto está com o sangue do nosso Padre Ignacio de Azevedo, & seus companheiros, que nesta paragem os vieraõ tambem receber, como a nos. Lembremonos da fidelidade, que devemos à Companhia, que este he o encontro, onde se vemos filhos della.* Todas estas palavras lhe ouvio, & deixou escrittas o nosso Irmaõ Gregorio de Oliveira, que se achou prezente à morte do Padre Pedro Dias, naõ sendo ainda da Companhia. Foi lançado vivo ao mar.

Padre Francisco de Castro aos 13

17 *Quinto o Padre Francisco de Castro* natural de Montemolim Priorado de Saõ Marcos de Leaõ Comarca de Chari, filho de Francisco de Castro, & de Thereza Rodrigues: entrou na Companhia em Coimbra aos 29 de Agosto de 1560, tendo vinte seis annos de idade. Sendo, como fica ditto, morto às estocadas, foi lançado no mar.

Sexto o Irmaõ Francisco Paulo Noviço, foi vivo ao mar, era Portugues; de que patria, naõ se sabe. *Francisco Paulo aos 13*

Settimo o Irmaõ Gaspar de Goes natural de Portel no Arcebispado de Evora: ali entrou na Companhia, & delle faço mençam. Era ja Theologo. Morto às estocadas foi lançado no mar. *Gaspar de Goes aos 13*

18 *Oitavo o Irmaõ Joaõ Alvres* estudante dos cazos, foi vivo ao mar. Era natural de Estreito aldea no termo de Oleiros Priorado do Crato na Provincia da Beira. Seus pays se chamaram Joaõ Alvres, & Messia Luis. Entrou na Companhia em Coimbra no primeiro de Novembro de 1564, tendo dezanove annos de idade. Era jâ antes de entrar mui virtuozo. Quando no jogo da bola ganhava, tinha escrupulo, & o tornava a restituir. Sendo estudante da Primeira, como nas composiçoẽs dos estudantes levasse hum premio de Grego, costumava dizer, que poderozo era Deos pera de hum cavaco fazer grandes cousas. *Joaõ Alvres aos 14*

19 Andando em dezejos de ser Religiozo, disse por vezes a hum seu companheiro, que sentia em si dezejos de ser Martyr. Este dezejo lhe causou o que tinha de ser da Companhia, em ordem a ir prègar aos infieis, & por este meyo alcançar a coroa do martyrio. Hum seu amigo o desviou da Companhia, persuadindoo a entrar nos Capuchos de Saõ Francisco, dizendo, que tambem lâ podia ser Martyr, como os de Marrocos; porem Deos, que o queria entre nos, o tirou daquella pertençaõ, & trouxe à Companhia. Estas cousas dei-

xou delle escrittas o nosso Irmaõ Joaõ Rodrigues, que foi seu companheiro, quando estudava em Coimbra, & dis ser natural de Estreito termo de Oleiros, o que advirto, porque os nossos catalogos tem, ser de Oleiros.

Miguel Aragonez aos 13

20 *Nono o Irmaõ Miguel Aragonez* estudante Theologo, passado cõ estocadas foi ao mar vivo. Era natural de Guissona lugar de Catalunha na dieceſi de Urgel. Estudando em Barcellona, disputando com outro estudante, como se visse o contrario apertado, lhe deu huma bofetada; querendo os circunstantes vingalo, elle os impedio, & pondose de joelhos lhe offereceo a outra face. Frequentava muito os Sacramentos em o nosso Collegio. Entrou na Companhia em Valença em Outubro de 1567. Era estudante Theologo, quãdo se deliberou em acompanhar o Padre Ignacio de Azevedo.

Pedro Fernandes aos 14

21 *Decimo o Irmaõ Pedro Fernandes* Coadjutor, & de officio carpinteiro. Naõ sabemos, senaõ que era Portuguez; da patria naõ consta. Foi vivo ao mar.

Pedro Dias aos 14

Undecimo o Irmam Pedro Dias estudante ao mar vivo. Era natural de Souto no Bispado de Viseu: entrou na Companhia em Evora, & delle fallo em seu lugar.

Padre Pedro Dias aos 13

Duodecimo, & Capitam desta gloriosa esquadra o Padre Pedro Dias Coadjutor espiritual, homem no seu grao mui cheyo de todas as boas partes, & sobre tudo de raras virtudes, com as quais se fes digno de tanto bem.

22 Destes doze servos de Deos escrevem muitos Authores. O Padre Eusebio nos Varoẽs Illustres da nossa Companhia. O Padre Philippe Alegambe nas Mortes Illustres dos nossos. Padre Guerreiro nos seus Elogios. O Padre Pedro Possino na Vida do Padre Ignacio de Azevedo; & outros muitos, que deixo por brevidade. Naõ poucas cousas, que aqui se dizem, assim do Padre Pedro Dias, como de seus companheiros, que naõ trazem os Authores, que delles escreveraõ, saõ recolhidas dos documentos do nosso Cartorio de Coimbra. De muitos destes santos Irmãos naõ trazem os Authores as patrias, por lhe naõ chegarem à noticia: o que sobre esta materia pude com muita diligencia, que nisto fis, alcançar, assim dos livros das entradas dos Noviciados, como de outros papeis antigos, & de muita fê, he o que fica referido. Assim a relaçaõ do Padre Ignacio de Azevedo, & seus companheiros, como do Padre Pedro Dias, & dos seus, vai neste meu trabalho, quanto às cousas, & noticias mais cheya, que em nenhum dos muitos, que athe agora delles escreveraõ, & imprimiraõ. Na obra do Noviciado de Evora vaõ destes dous triumphos as narraçoẽs mais apanhadas, porque ali só fiz mençaõ do que hia encadeado com os muitos Irmãos destes, que santificaraõ aquelle santo, & amavel retiro.

CAPITULO XLIV.

Vida do Padre Mattheus de Couros, & santa morte: dos trabalhos, da perseguiçaõ pella Fè.

Em Fuximi aos 29 de Outubro de 1633.

1 NAceo este ditozo Padre em Lisboa. Seus pays se chamaraõ Ruy de Couros, & Luiza da Costa. Entrou na Companhia aos 22 de Dezembro de 1583, tendo 16 annos de idade. Teve por Mestre em o Noviciado de Coimbra ao santo varam Vasco Pires; o qual lhe era tam affeiçoado, que nos annos adiante dizia, o encõmendassem muito a Deos, pello incansavel zelo, com que trabalhava na vinha de Jappaõ. E fazia, que os Noviços lhe escrevessem; com as quais cartas, dis o Padre Couros

em huma sua, que muito se consolava. Pedio com muita instancia, & fervor a Missaõ de Jappam, aqual veyo a alcançar no anno de 1586, em que passavaõ à India vinte, & nove da Companhia, sendo Superior de todos o Padre Nuno Rodrigues, que viera, & voltava com os Embaixadores de Jappam, que tinhaõ vindo a Roma.

2 Em Macao se deteve, athe acabar os seus estudos. Neste mesmo tempo aprendeo mui bem a lingua de Jappam. No anno de 1602 fez profissaõ do quarto voto. Passando a Jappam, alem de outros governos, duas vezes foi Vice-Provincial por nove annos. Tambem foi Governador do Bispado.

3 No tempo, que ali foi perseguida a Christandade, teve muito, q̃ padecer. No anno de 1614, quando todos os da Companhia foraõ desterrados de Jappaõ, o foi elle pera Macao; porem passado pouco tempo, mudando o trajo voltou a Jappam, onde viveo em continuos perigos. Sendo Superior dos nossos, & Governador do Bispado em tempo, que Gẽroco Governador de Nangazaqui fazia diligencias exquisitas, por aver às mãos os prègadores do Evangelho, o Padre lhe escapou com hum modo bem engraçado.

4 Estava o Padre tomando as vestimentas sagradas pera dizer Missa; quando a toda a pressa lhe daõ recado, que sahira de caza huma moça, que avia sospeita o hia entregar; por tanto se puzesse em cobro. Dito isto, se fez logo avizo a hum Christaõ, pera que o recolhesse em sua caza, em quanto se evitava o perigo prezente, & logo passaria a outro lugar. O trabalho era sahir da caza, & poder ir, sem ser descuberto. O aperto descobrio o modo de escapar. Hâ no Jappaõ costume de serem levadas as mulheres em cadeiras de maõ com cortinas corridas, porque se naõ veja quem vai dentro; he este modo taõ só das mulheres, que he aos homens afrontosissimo, & assim se naõ presume, haja homem, que delle use; segundo em Jappaõ nenhuma cousa mais estimaõ, que a honra.

5 Em huma destas cadeiras o meteraõ; chamaraõse homens, que levassem a dona a tal parte, nomeandolhe a caza do Christaõ, a quem se tinha feito aviso; hia de tras da cadeira huma criada, como ali he costume, todos elles sem saberem, o que dentro hia. A cada passo avia no Padre muitos sustos; porque os homens varias vezes paravam perguntando a caza. Dos que passavaõ muitos se chegavaõ à cadeira, pera dar fè de quẽ nella hia. Pararaõ às portas de huma velha, cuidando ser ali a caza. Sahio ella de dentro mui enfadada, que naõ morava ali o homem, a cuja caza diziaõ ir, que se fossem embora. Nisto chegou a criada, começou a reprehẽder os homens, & lhe disse, que a seguissem. Nesta forma chegaraõ à caza do Christaõ. Naõ tardou sobre este outro perigo, porque logo naquella noite deraõ os gentios na caza, & prenderaõ o hospede. Como este nenhuma noticia desse do Padre, por cujo rasto andavaõ, puzeraõ guardas nas entradas, & sahidas das ruas. Depois de sette dias, que naquelle escondrijo esteve, sahio livre de tamanho perigo.

6 No anno de 1625, depois, que prenderaõ ao santo Padre Francisco Pacheco, que era successor no governo do Padre Couros, foi este grandemente buscado. O que nisto passou, tem elle na seguinte carta: *No dia, em que foi prezo o Padre Joaõ Bautista Zola, de repente me deraõ por novas, que os soldados com seus arcabuzes cercavaõ a caza, onde eu estava. Dahi a pouco me dizem, que alguma gente de cavallo vinha pera a mesma caza. Tomei o meu vestido, puz o rozario ao pescoço, & fui sahindo*

hindo pera hum lugarete, por naõ fazer mal ao meu hoſpede, procurando, ſe naõ ſoubeſſe, onde me recolhera. Neſte paſſo pegou de mim o hoſpede dizendo, que naõ conſtava pera onde foſſe a gente de cavallo, mas que conſtava, que naõ vinham em buſca do Padre. Naõ direi facilmente, quanto me deſcontentou eſta nova, por quanto eu cheyo de huma incrivel alegria, poſto de joelhos me tinha offerecido a Deos, tendo por certo ſeria entaõ contado em o numero dos prezos. Logo, que paſſaram os cavalleiros, me levaraõ os Chriſtaõs a hum matto. Comecei a rezar Matinas, imaginando ſeriam as ultimas.

7 *Avia ali hum curral cuberto com alguma palha; porque chovia, me recolhi nelle, & me encoſtei ſobre hum pouco de feno. Neſta occaſiam, por ſer veſpera de Natal, muito me conſolei com a lembrança de que em tal tempo em ſemelhante lugar nacera meu Deos. Neſte hoſpicio aſſiſto ainda hoje, que ſam dez de Fevereiro, cercado de tantas miſerias, que naõ duvido hajam de cauſar alguma grave doença a eſte corpo cançado com achaques, & annos. Huma ſo eſperança me conſola, & vẽ a ſer, que Deos me ha de fazer graça, de que por elle morra abrazado em huma fogueira, que he o que ſó dezejo.* Eſta a ſua carta.

8 No anno de 1626 tornou a tomar ſobre ſi o governo dos noſſos, & do Biſpado. Padeceo notaveis trabalhos, & perigos. Delles eſtâ cheya a ſeguinte carta: *Neſte tempo,* dis o Padre, *os governadores mandaram huma eſquadra de ſoldados divididos, fazer exquiſita diligencia: naõ ficou caza, cova, curral, choupana, que naõ buſcaſſem: athe levantavam as eſteiras das cazas, por ver ſe debaixo avia alguma couſa. Aconteceo, que os que foram confiſcar algum fato do Padre Balthezar de Torres, que fora queimado por Chriſto, acharaõ na caza hum eſcondrijo. Daqui cuidaram, que em todas as cazas avia ſemelhantes: por iſſo naõ avia canto, que nam apalpaſſem. Deſanimados os que me tinhaõ a ſeu cargo, me faziaõ força, que logo me embarcaſſe, & a toda a preſſa me puzeſſe em ſeguro.*

9 *Eu, pellos abrandar, lhes prometti, que naquella noite me iria. O meu hoſpede, ſem outrem o ſaber, tinha preparado huma cova, ou gruta debayxo da terra, que tinha de comprido doze palmos, & quatro de largo; nam entrava ſol nella, nem outra luz. Vindo a noite me meti nella eu, o Dogico, & hum moço, ſem diſto ſaber alguma peſſoa mais, que o hoſpede. As noites, & dias ſe paſſavaõ ali às eſcuras. Somente pera comer, rezar o Officio Divino, & eſcrever algumas cartas tocantes a meu officio, ſe accendia huma luz eſcaça.*

10 *O ſuſtento ſe nos metia por hum buraco occulto, que era quanto cabia huma tigela, o qual ſe abria tirando alguma palha de huma choupana vizinha, onde hum velho trabalhava; eſtava aberto ſomente, em quanto o ſuſtento ſe metia por elle. De tres em tres dias ſe abria a porta da cova, pera alimpar os deſpejos. O ſuſtento era mui ordinario, & de pobres, porque o hoſpede, por naõ fazer ſuſpeita, nenhuma couſa ſe atrevia a comprar. Trinta, & ſinco dias eſtive naquella eſcuridaõ; ſòmente ſahi fora no ſabbado de Alleluia, dia de Paſchoa, & Oytavas a dizer Miſſa.*

11 *Depois deſtes dias paſſei pera outra cova igual a eſta na grandeza, que me tinha feito a charidade do meu hoſpede. Nella eſtou athe agora, que he no fim de Settembro. Tenho comigo o neceſſario pera dizer Miſſa. Sobre a cova eſtá huma cazinha, onde o meu hoſpede tem os in-*

instrumentos da sua arte. Nella esta huma portinha, sobre a qual assim a palha, como esteiras lançadas a monte tiraõ a suspeita do que ali hâ. Sayo de noite: feito meu altar, digo Missa à pressa, & antes, que amanheça, me torno à cova com os ornamentos, & mais alfayas da Missa.

12 *Aqui passo o dia com huma luz mui escaça, que pera ler, & escrever me entra por huma pequena fresta. Succedeo hum dia, que o Dogico, & moço assentandose na cozinha do hospede, vindo huma espia, a penas puderam fugir pera hum matto. Eu escaçamente me pude meter na minha cova, sobre aqual muitas vezes andaraõ as espias. As deste destritto estaõ em certos lugares repartidas; toda sua ansia he colherme. Porque os Governadores sabem a distancia do lugar, em que estou, mandaram derrubar as paredes do meyo de todas as cazas em todos os lugares, que hâ nestas duas legoas, de tal sorte, que quem entrar, veja logo, quanto hâ na caza. O moço, que todas as semanas me leva as cartas a Nangazaqui, porque naõ dem fè delle os vizinhos, se parte alta noite. O que de lâ se manda, poem as cartas em caza de hum homem de cõfiança; este as tras a certo lugar, que o meu hospede lhe tem destinado. Nẽ hâ outro modo de nos communicarmos com segurança. Depois da morte do Padre Gaspar de Castro, & outros muitos contrastes, eu sò estou nestas terras, que com minhas cartas fomento, & animo aos Christãos, os quais imaginam, que estou escondido em alguma Ilha vizinha, & nas repostas, que me escrevem, mostrão ter grande fortaleza: queira o Senhor a descubram na occasiaõ.*

13 Desta carta se ve bem, como avia oyto mezes vivia metido naquella cova; naõ sabemos, quanto tempo mais ali esteve. No anno de 1629 foraõ mui exactas as diligencias, que pello aver se fizeraõ. Em huma occasiaõ escapou das mãos dos que o buscavam metido em hum escondrijo cuberto com teas de aranha, como se conta de Saõ Felis Nolano. Porem, como as espias fossem àquella caza muitas vezes, tomaram por melhor os Christãos andar com elle de humas em outras partes; por esta causa ouve de estar metido em huma cova medonha, onde sò tinha alguma luz de candea. Ali teve hũa cruel enfermidade padecendo grandissima falta de tudo, o que lhe podia ser de alivio.

14 No anno de 1630 ouve novo estrago nos Christãos, naõ perdoando os tyraños a sexo, nem a idade. Acodio o Padre a esta calamidade animando a todos, & com animo de se apprezentar aos tyrannos, se o pedisse a necessidade. Isto lhe impediraõ os Christãos, porque ficando sem elle, naõ tinhaõ outra consolaçaõ. Por tanto foi obrigado a se embarcar de noite. Apenas tinhaõ despedido a barquinha da praya, quando chegam dous criados do Governador, dando sinal com a maõ, que voltassem atras; vendo que naõ faziaõ cazo disso, hum delles se lançou a nado, pera chegar à barquinha, o que naõ pode fazer, & apertando o remo no escuro da noite escaparam.

15 Dali chegou a hum povo de Christãos, onde confessada a familia do hospede, se partio pera hum lugar chamado Oyen, que distava huma legoa. Sabendo de toda esta jornada o Governador de Arima por dous moços, que della tinhaõ certeza, mandou logo alguns criados seus, que com os dous moços fossem ao Governador da terra, onde o Padre estava, & em seu nome o trouxessem, cõ intento de lhe fazer mal, se acazo o naõ entregasse. Entendendo isto alguns nobres criados do Tono, lhe disseraõ, que se podiaõ voltar, que ninguem andava com mais cuidado

de

de prender o Padre, que seu amo. Bẽ se vio, quis Deos livrar a seu servo, porque se fossem onde os moços queriaõ, sem duvida o Padre fora prezo.

16 Dous dias avia se tinha partido de Oyen, quando vieraõ a caza do seu hospede os ministros do Senhor da terra. Vendo os Christãos, quam accezos andavaõ os gentios à caça do Padre, o tomaraõ em hum cesto de canas, & quatro delles caminharaõ com o Padre metido neste cesto pera o matto. Tendo andado como huma carreira de cavallo, o puzeraõ no chaõ sobre hũa esteira grossa, & lhe puzeraõ outra emsima, pera o amparar da chuva, & aos seus dous companheiros. Passadas duas horas, o tornaraõ a tomar, & naquelle dia fizeraõ com elle tres, ou quatro pouzos em diversos lugares, porquãto temiaõ, que naõ dando os gentios com elle no lugar, suspeitassem, que estava nos mattos vizinhos; & assim lhes era preciso naõ parar de todo em alguma estancia. Nestas andanças ora de baixo das esteiras, ora às costas dos Christãos, sem nunca cessar a chuva, passou athe a meya noite, comendo somente algum arroz.

17 Pella meya noite vieraõ doze moços Christãos homens robustos, os quais determinaraõ passar o Padre a outro destritto, levandoo por hum monte mui trabalhozo, & difficultozo de se vencer. Sem demora tomaram a seus hombros o cesto de canas com o Padre, & rompẽdo quasi por precipicios, passado o monte, puzeraõ o Padre em hum matto junto à praya do mar. Ali esteve sette dias, continuando sempre a chuva, sustentandose com hum pouco de arroz. Andava o Padre neste tempo jâ enfermo. Parecia milagre naõ espirar no meyo destes rigores.

18 Depois em hum barco de hũ Christaõ de Nangazaqui foi levado a outro Reyno. Vendo o Padre a suma diligencia, que por elle se fazia, & como naõ era possivel escapar, determinou entregarse aos tyranos, pois jâ nem avia quem se atrevesse ao recolher, nem a andar com elle de huma em outra parte pello medo da prizam. Neste aperto hum leprozo, a quem por sua doença obrigavaõ a morar em deserto longe da Cidade de Fuximi, o convidou com a sua cabana: ali se retirou o Padre, & ali consumido de immensos trabalhos veyo a acabar esta breve vida, & se foi gozar da eterna aos 29 de Outubro de 1633, tendo em seus trabalhos passado por hum comprido martyrio.

19 Bem se ve desta limitada narraçaõ a infinidade de trabalhos, por onde Deos levou a este grande servo seu, o qual nada mais dezejava, que dar a vida por seu Deos. Foi homem, que sempre tratou muito da perfeiçaõ: huma carta da sua letra tenho em meu poder escritta a seu amado Mestre o Padre Vasco Pires, na qual todo se chora do pouco, que de sua doutrina se aproveitara. A brevidade, com que aprẽdeo a lingua de Jappaõ, attribue às oraçoẽs do mesmo Padre com estas palavras: *Quanto à lingua de Jappam, fezme Deos tanta merce, que em mui pouco tempo de estudo comecei a prègar, & daqui por diante o começo a fazer pellas povoaçoẽs; de que todos se espantaram pella muita difficuldade da lingua Jappoa: mas eu tive de certo, que Vossa Reverencia mo pedia ao Senhor, & o disse em segredo a huma pessoa. E assim torno outra ves a pedir, que pellas sinco chagas de Christo cada dia na Missa, & oraçaõ mui particularmente me peça ao Senhor, alem do que no cabo desta direi, que me faça insigne nesta lingua, & costumes, porque este he o mais efficaz caminho, que humanamente se pode dar, pera converter esta naçaõ.*

20 Do grande amor, que tinha ao Santo Padre Vasco Pires, sam bem si-

ſignificadoras muitas clauſulas deſta ſua carta. O ſeu principio he: *Todas as vezes, que tomo a peña na maõ, pera eſcrever a Voſſa Reverencia, parece, que ſinto hum novo jubilo na alma, o que nace do grandiſſimo amor, que Noſſo Senhor em meu coraçam tem accendido pera com Voſſa Reverencia, de quem tenho recebido tanto, quanto ſou na Companhia. E eſtou jâ neſta parte tam firme, que teria por couſa infallivel, averme Noſſo Senhor de caſtigar mui rigoroſamente, ſe alguma hora me eſqueceſſe de tamanha obrigaçam. Daqui nace, que nunca me farto de cuidar em Voſſa Reverencia, vendome a ſeus pes, dandolhe conta de minhas miſerias, deſcobrindolhe minhas chagas, pera que como piedozo pay, que em Chriſto JESV me gerou, me alcance do Senhor a cura, & remedio dellas. E eſte he hum refrigerio, & grande conſolaçam, parecendome, & tendo por certo, que cada dia ſe lembrarâ Voſſa Reverencia deſte ſeu deſterrado filho, o qual carece tanto de toda a humana conſolaçam neſtas Ilhas, onde o Senhor naõ deixa muitas vezes de apaſcentar eſta ſua pobre ovelhinha com tam ſuave paſto, qual nunca me lembra ter achado nos ſantos cubiculos, & recolhimento deſſe ſanto Collegio. Porque naõ ſei, que ſente huma alma, quando indo homem sò por hum caminho muitas vezes deſcalço com os pes empolados disfarçado em trajos de Jappaõ, por meyo de ſerras, & mattos, & lembrãdolhe, que vai à viſta de ſeu bom Senhor, que aſſentado à dextra do Padre Eterno o eſtâ vendo.*

21 *Olhando pera o Ceo, cahem muitas vezes humas lagrimas tam ſuaves, que ſe a alma ſobre tudo naõ appetecera puramente a ſeu Senhor, pudera fazer pauſa neſta quietaçaõ. Oh quantos ays dou, pay de minha alma, & quantas lagrimas choro do pouco, que me aproveitei de Voſſa Reverencia; porque ſei de certo, que fora hum grande ſanto, ſe no tempo, que vivi à ſombra de Voſſa Reverencia, ſoubera, & conhecera o thezouro, que Deos nas mãos me meteo: agora poſto câ tam longe naõ ſei mais, que rogar muitas vezes ao Senhor, que pellos merecimentos de ſeu Vnigenito filho, & juntamente de Voſſa Reverencia, me naõ dezempare, porque ainda, que ſou mao, athe a morte nunca deixarei de me manifeſtar por filho em JESV Chriſto de Voſſa Reverencia, ainda, que ſei, que com iſto incito a ira de todos contra mim, os quais com rezaõ me lançaraõ em roſto o mal, que de tal pay me aproveitei.* Fallando do goſto, com que lia as cartas do ſeu Padre Meſtre, dis: *Mais, que todas as cartas me conſolou a de Voſſa Reverencia eſcritta por ſua maõ, a qual eu leyo, & releyo, & nunca me farto de a beijar, & ter por penhor de hum tal pay.*

22 Os grandiſſimos dezejos, q̃ tinha eſte ditozo Padre de padecer martyrio, explica na meſma carta por occaſiaõ de contar de certas cruzes, que tinhaõ apparecido: ſuas palavras ſam eſtas: *Agora novamente appareceraõ outras duas cruzes milagrozas, que parece quer o Senhor, que morramos morte de cruz, genero de morte mui quotidiano entre os Jappoẽs. Certo, que eſcrevendo iſto, me vem as lagrimas aos olhos, lembrandome, que mal cuidava eu, quãdo eſtava neſſe ſanto Noviciado, que tam ſedo me viſſe com tal thezouro nas mãos. Bemditta ſeja a hora, em que eu conheci a Voſſa Reverencia, por cujas oraçoẽs o Senhor me faz tantas merces.*

23 *Quando cheguei a Jappam, logo o primeiro dia mudei o trajo, & me offereci a meu Senhor, pera ſoffrer a morte de mui boa vontade por ſeu amor. E depois, que de Portugal me parti, ſempre ſenti ir em mim cre-*

crecendo hum fervente dezejo de dar a vida por meu Deos; & assim naõ fazia oraçam, nem rezava coroa, que naõ fosse por esta intençaõ, pedindo ao Senhor me levasse a terra, aonde cumprisse meus dezejos. Vendo, que me trouxera o Senhor a Jappam em tempo tam ditozo, me alegrava em extremo de tal sorte. E assim o anno passado tendo o Padre Vizitador determinado mandar oito, ou dez Irmãos Jappoẽs a Roma, me avizou quatro, ou sinco mezes antes, que me apparelhasse, porque avia de ir com elles, pera ficar lâ por espaço de quatro annos. Eu logo me fui por diante do Senhor, pedindolhe, que se em Jappam ouvesse de aver martyrios, ficasse eu, & ordenasse sua Divina Magestade de maneira, que se impedisse a ida. Quis o Senhor, que fora do que ninguem cuidou, invernasse a nao. E assim neste segundo anno succederaõ tais variedades, que foi necessario naõ se mandarem Irmãos a Roma. Parece, que he chegada a ditoza hora, na qual glorifiquemos a Nosso Creador no meyo desta cega gente dando testimunho da verdade. Oh quanta doçura sinto neste suavissimo calis, no qual sò cuidar he pera mim hum grande refrigerio!

24 *Venha jâ aquelle claro dia, no qual offereça a meu Creador o sangue, & vida, que elle me deu. Nem creyo, que naquella hora me dezempararâ, quem me fez filho de Vossa Reverencia, ao qual este Senhor tanto ama. E assim lhe peço muitas vezes, que por amor de Vossa Reverẽcia me ajude, & que naõ ponha os olhos em meus peccados, senaõ em Vossa Reverencia, cujo filho em Christo eu sou. Padre da minha alma, quem me dera poderme Vossa Reverencia ouvir, quantas horas gastara em dizer, o que minha alma sente; mas jâ, que nem a distancia dos lugares, nem a brevidade da carta o consente, contentarmehei em saber, que cedo nos veremos naquella Bemaventurada patria, aonde sem fim nos cõmunicaremos.* Assim acaba esta sua carta, toda cheya do fervor do Espirito Santo.

CAPITULO XLV.

Vida, & santa morte de trabalhos pella Fè do Padre Gaspar de Castro.

1 O Padre Gaspar de Castro foi na vida, & morte mui semelhante ao Padre Mattheus de Couros, & operario da mesma seara de Jappam: naceo na Cidade de Braga. Seus pays se chamaram Paschoal de Castro, & Francisca de Bouro. Pertendeo em Lisboa ser da Companhia pera Irmaõ Coadjutor temporal; & sendo acceito, o mandaraõ ter seu Noviciado em Coimbra, onde entrou aos 25 de Mayo de 1578, tendo 17 annos de idade. Sempre procedeo como santo: era mui amigo de trabalhar; o tempo, que lhe sobejava de suas occupaçoẽs, o gastava em oraçaõ diante do Santissimo Sacramento. Era Irmaõ no seu estado de grandes partes, às quais ajuntava sua qualquer intelligencia de cousas de medicina. *Em Arima aos 7 de Mayo de 1626*

2 Avendo o Padre Sebastiaõ de Morais primeiro Bispo do Jappam de passar à India no anno de 1588, escolheo ao Irmaõ Castro pera companheiro, & alivio da sua navegaçam, & trabalhos. Teve o Irmam bem que merecer, porque assim o Bispo, como outros nossos, que hiam naquella nao, morreram na viagem, & acabaram nella suas vidas, cabindo todo o trabalho de tratar delles sobre o Irmaõ Castro.

3 Fallando em huma carta, em que dâ conta dos companheiros, & de suas mortes santas, refere o mais, que

que lhe ſuccedeo com as palavras ſeguintes. *E aſſim digo, que sò eu darei eſtreitiſſima conta no dia do juizo do que vi, & ouvi no glorioſo trãſito deſtes ſantos, ſe naõ me aproveitar de tais exemplos. Finalmente fiquei arvore ſecca em dezerto. Porem he tam perfeita a criaçaõ, que a Companhia tem com ſeus filhos, que athe os imperfeitos, como eu, ſe ſo querem aproveitar della, em todos os eſtados lhe ſerve.*

4 *Aſſim todos os dias depois de cumprir com minhas obrigaçoẽs ordinarias, viſitava todos os doentes, que na nao avia, & com andar mais ſobre elles, que ninguem, tomandolhe o pulſo, dandolhe as mèſinhas, & alimpandoos, nunca adoeci, nem me doeo cabeça, antes me achei ſempre muito bem; tanto, que os da nao ſe eſpantavam, & diziam, que parecia, que nacera no mar. Depois, que fiquei sò, dizia as ladainhas cada dia aos da nao, & ao domingo lhes dizia, ſe avia algum dia ſanto, ou de jejum aquella ſemana. Ao ſabbado cantava a Salve em lugar do capellaõ. Aos domingos, & dias ſantos enſinava a doutrina a todos, & cada dia aos negros.*

5 *Na nao bautizei huma eſcrava minina de oito annos, a qual por eſtar muito doente, & ſeu ſenhor ſe enfadar de a curar, a deitou de tras de huma carreta de hum tiro meya morta. Depois de eſtar ahi hum dia, acazo foraõ dar com ella eſtando eſpirando; & parece, que nam eſperava por mais, que pera ſer Chriſtaã. Tanto, que a viram, me chamaram pera a bautizar; o que eu fis de boa vontade: & tanto, que a bautizei, logo eſpirou dahi a obra de hum quarto: & ainda, que naõ viera à India por outra couza, tivera todo o trabalho por bem empregado.* Athe aqui a clauſula da carta do Padre Caſtro.

6 Na India ſe deteve athe a ida do Padre Doutor Pedro Martins ſucceſſor no Biſpado do Padre Sebaſtiaõ de Morais. Eſte o levou comſigo a Macao. Vendo os Superiores os bõs preſtimos do Padre Caſtro, & que nelle ſe podia fazer hum grande obreiro da vinha do Senhor, ſe foſſe Sacerdote, mandaraõno eſtudar Latim, & a Theologia Moral, que baſtaſſe pera poder ſatisfazer às obrigaçoẽs do confeſſionario. Depois foi ordenado de Sacerdote, & paſſou a Jappaõ no anno de 1596. Logo foi dando tais moſtras de ſi, que avendo na Miſſaõ homens de grandiſſimo ſer pera os miniſterios Apoſtolicos, davaõ ao Padre Caſtro muitas ventagens.

7 Era elle robuſto no corpo; por iſſo naõ avia trabalho, a que ſe acanhaſſe. Naõ deſcorçoava com os caminhos de noite, & dia, nem com a falta de ſono, & de comer. Nam fazia cazo do frio, nem da calma. A' ſua continua lida correſpondia frutto mui copiozo. No anno de 1614, ſendo todos os noſſos obrigados por Daifuzâma a ſahir de Jappam, o Padre Caſtro ſe meteo às eſcondidas em hum navio, que no porto eſtava anchorado, & dalli ſahia a remediar os Chriſtãos. Paſſados tres mezes, ſe fez a nao à vela, & o Padre Caſtro foi obrigado a deixar a ſeara, que cultivara por tempo de dezoito annos. Naõ pode ſeu eſpirito aquietar muito fora de Jappam; voltou a elle diſfarçado em trajo de paſſageiro, ſabẽdo ſó diſſo o Capitaõ da nao.

8 Em Nangazaqui ſahio em terra, ſem que as vigias deſſem fe delle. Logo, que deſembarcou, proſtrado no cham o beijou, dandoſe os parabens de tornar a pizar aquella terra, & offerecendoſe de novo todo a Deos. Fez ſeu aſſento nas terras de Arima, donde ſahia a diverſas partes, em eſpecial ao Reyno de Fingo, andando entre continuos ſuſtos, & perigos. Tinha a ſeu cuidado oito mil al-

almas de confissaõ; & como se este trabalho fosse pouco, procurava ajudar nos seus destrittos aos outros Missionarios. Estes trabalhos nam o faziam affroxar nos exercicios da oraçaõ, & meditaçaõ: frequentemente macerava seu corpo com a fome, com o cilicio, & disciplina. Ainda nas doenças era comsigo mui austero.

9 Prezo que foi o Santo Padre Francisco Pacheco Provincial, se retirou o Padre Castro a huma Ilha habitada de Christãos: porem em breve tornou à sua primeira estancia. Ali se meteo em hum tam apertado escondrijo, que elle pera encarecer, & mostrar a grande estreiteza, dizia, parecerlhe, que na sepultura estaria mais à vontade, & com maior largueza, do que naquelle buraco. Era isto no tempo de inverno, & foi tanto o discõmodo, que lhe sobreveyo huma gravissima doença, da qual apenas escapou com vida.

10 Estava ainda mal convalescido, quanto se começou a fazer exactissima pesquiza sobre os prègadores do Evangelho. Retirouse a hum lugar distante legoa, & meya; porem como fosse prezo o Padre Balthezar de Torres, o Padre Castro por escapar, foi levado em hum andor a modo de tumba pellos Christãos a hum matto, onde esteve escondido todo hum dia, & huma noite, em quanto as espias davaõ busca em todas as cazas. Naquelle lugar se lhe ouve de fazer huma choupana de ramos exposta a mil rigores do tempo. Estando neste desemparo mui enfermo, o veyo ali consolar hum Padre: disselhe Missa, deulhe o Santo Viatico. Depois mui consolado neste desemparo, deu a Deos seu ditozo espirito aos sette de Mayo de 1626. Pedio, que naquelle matto enterrassem seu corpo. O Padre Francisco Pacheco do carcere, em que estava, deu ordem, que o guardassem, como a corpo de homem santo, & varaõ de singular obediencia, & raras virtudes. Delle faz mençaõ o Padre Alegambe nas mortes illustres dos nossos Religiozos, o Agiologio no segundo tomo, & outros.

CAPITULO XLVI.

Do Martyrio de sinco da nossa Companhia em Salsete.

Em Cuculim aos 15. de Julho de 1583.

1 NAm he meu intento neste capitulo dizer as virtudes de todos os sinco Martyres de Salsete, pois só escrevo de dous, que nesta caza foraõ Noviços, & no que as suas cousas saõ commuas com as dos outros, necessariamente hei de fallar delles. A regiam de Salsete junto a Goa, porque ha outra deste nome junto a Baçaim, he huma como peninsula sogeita aos Portuguezes, na qual averá sessenta, & seis povoaçoẽs, habitadas por oitenta mil moradores, nos quais avia muitos Bramanes, que sam os seus sacerdotes, & grandes honradores dos idolos.

2 Começou a Companhia a fazer ali Christandade pello anno de 1560, ainda que tinha muitas contradiçoẽs do gentio, & lhe custava defender o novo rebanho de Christo dos innumeraveis lobos, que o queriam engolir. Por causa destas insolencias o Vizo-Rey Antaõ de Noronha no anno de 1567. assolou alguns duzentos templos dos idolos, & alguns delles de obra mui sumptuoza. Todo este estrago se fes por agencia dos nossos Religiozos; daqui naceo teremlhe os gentios hum odio entranhavel.

3 Por vezes tomando as armas juntos com os Mouros vizinhos fizeraõ grande estrago nas Igrejas dos Christaõs. Ainda, que as cousas se compuzeram com a paz, com tudo huns sinco lugares procuraraõ levan-

rar seus templos, & negociaraõ na India diante do Vizo-Rey, & em portugal diante Del-Rey, se lhes permitisse o uso das suas ceremonias gentilicas. A esta negociaçaõ obstaram os nossos Padres. Em Portugal o Padre Affonso Pacheco, que entaõ ali se achava por Procurador da India, desviou diante Del-Rey estas pertençoẽs dos gentios, o que elles mui bem sabiam, & por isso lhe tinhaõ mà vontade.

4 Nam era menor o odio pera com o Padre Pedro Berna, o qual tinha feito, que a gente de guerra, que o Vizo-Rey mandara pera os refrear, lhes destruisse as cazas dos Deoses. Tambem fez matar huma vaca, que elles veneravam, & com os intestinos della esfregar hum tanque, em que elles pera os seus sacrificios se purificavam. Esta injuria foi a mayor, & o odio, com que ficaram contra o Padre, inextinguivel. Vendose porem opprimidos da gente de guerra, ouveram de pedir paz ao Vizo-Rey, & sogeitarse, ficandolhe no animo sua dor, & reservando a vingança pera tempo mais opportuno.

5 Em breve se lhe offereceo occasiaõ de fartar seu odio. Voltara do Mogor o Santo Varam Rodolpho Aquaviva. Pareceo ao Padre Ruy Vicente Provincial, fazello Reytor do Collegio, que a Companhia tem em Salsete. Em effeito se partio pera lâ o mesmo Provincial com o novo Reytor, porem dandolhe na Ilha de Choram huma dor grande de olhos, nam pode proseguir, & deu ao Padre Rodolpho por companheiro o Padre Affonso Pacheco, que era pratico na terra, & versado nos modos daquella gente. Foi recebido dos nossos Religiozos com estranho alvoroço, por ser notoria sua rara virtude.

6 Querendo o novo Reytor tomar noticia da terra, determinou ir vizitar os lugares, onde os da Companhia tinham Igrejas, & tambem os dos gentios, por ver como nelles se poderia introduzir nossa Santa Fè. E athe quis ir àquelles lugares, que com a destruiçaõ dos idolos estavam assanhados, & tomar em Cuculim, que era hum delles, sitio, em que levantar huma nova Igreja. Ao prezente naõ parecia aver perigo, assim por elles de pouco se terem posto nas maõs do Vizo-Rey, como por nestas agencias ter sido seu intercessor o Padre Affonso Pacheco.

7 Em quatorze de Junho, que entam cahio em Domingo, se foram os Padres pera Orlim. Dali o Padre Antonio Frãcisco escreveo aos principais de Cuculim, que no seguinte dia o Padre Reytor, & mais Padres aviam de ir lâ, que lhe pedia se ajuntassem todos, porque avia negocios, que lhe estavam bem. A esta carta respondeo hum dos principais, que por causa da morte de hum homem dos principais, a terra estava mui inquieta, & que nam seria possivel por entam ajuntaremse; mas que se os Padres quizessem ir a Cuculim, nam tinha isso impedimento, & livremente o podiam fazer.

8 Com esta noticia da ida dos Padres, resuscitou o odio, que estava como brazas debaixo da cinza; logo assentaram comsigo, ser chegado o tempo de fartar seu odio nos Padres, que lhe tinhaõ destruido os seus Deozes. No dia seguinte quinze de Junho disseram os Padres Missa, & sendo jâ bem entrado o dia, caminharam a Cuculim. Eram sinco da Companhia: os Padres Rodolpho Aquaviva, Affonso Pacheco, Antonio Francisco, Pedro Berna, todos sacerdotes, & o Irmaõ Francisco Aranha Coadjutor temporal, que tinha cuidado de reparar as nossas cazas, & Igrejas de Salsete, & agora queria ver, em que sitio ficaria melhor a nova Igreja.

9 Hiaõ com elles athe sincoenta Christaõs; entre estes dous Portuguezes. Chegando a Cuculim, como nin-

ninguem os sahisse a receber, mandaram chamar o principal, aquem os mais do povo respeitavam. Vindo este, deu suas escusas de ninguem sahir a receber os Padres, & fez logo por se tornar a ir; & como lhe rogassem, se detivesse, lâ fingio suas rezoẽs, & importancias, aque naõ ouve que dizer. E assim se foi logo, deixando nos prezentes qualquer sospeita, de que pudesse aver alguma novidade. Tanto, que se despedio, ouviram huma gritaria; & virã estar a hũ seu feiticeiro, o qual a modo de Prègador no meyo de muita gente esbravejava, gritando, & lançando terra pera o ar. Por estar longe se naõ entendiam as vozes; depois se soube, que persuadia a todos, ser chegado o tempo de vingarem as injurias dos seus Deozes.

10 Os Padres no entretanto se recolheram a huma caza pera isso determinada; levantaram sobre ella huma Crus, & se assentaram a descançar, sem athe entam vir ali algum homem da terra. Logo começaraõ a vir huns a modo de espias; espreitando oque os Padres diziaõ, indo huns, & vindo outros. Como vissem a Crus, & ouvissem aos Padres tratar de Igreja, se voltaram àpressa a dar conta aos mais. Nam deixavam os hospedes de fazer reparo em todas estas circunstancias. Mandaram chamar dous principais, que moravam mais perto; delles so veyo hum por nome Calugo. Perguntado, por que nam vinham os principais, & que cousa era aquelle murmurinho, & gritador no meyo do povo? Respondeo friamente, que o povo estava entre si discorde. Que aquelle feiticeiro amotinara a gente contra os Padres, mas que tudo estava composto.

11 Ouvindo isto o Padre Affonso Pacheco, o foi dizer ao Padre Rodolpho, que se tinha apartado algum tanto dos mais a rezar o Officio Divino. Abraçou elle com grande charidade ao gentio, offerecendose pera apaziguar os discordes. Fingio o barbaro, que lhe parecia bem se metessẽ nisso os Padres; porem que era conveniente se fizesse a saber aos seus. Com esta palavra na bocca se despedio. Em todo este tempo nam cessava o feiticeiro de prègar. Jâ os Padres sabiam era contra elles a prègaçaõ, & sentiam em si horror, que costuma ser annuncio de cousas crueis. Logo se partiriam, se a cazo naõ sobreviesse chuva, & chegasse de Orlim oque aviam de jantar. Recolheraõse a tomar algum sustento, em quanto a chuva passava.

12 Como pera os muitos, que eram, naõ bastasse o provimento, sahiram alguns ao lugar a comprar o que faltava. Neste tempo se ouvio hum grande alarido da parte, onde estavam as ruinas do seu templo principal, & juntamente se vio, que fugiam pera os Padres, os que tinham ido comprar o sustento. Atras delles vinhaõ correndo grande multidaõ de gentios com as armas nas maõs gritando a grandes vozes: Mata, mata a estes feiticeiros, perturbadores da nossa patria. Logo deixando os que fogiam, se encaminharam pera a caza dos Padres.

13 Os Christaõs de Orlim desarmados, como estavam, lhe sahiram ao encontro, rogandolhe, naõ fizessem mal aos Padres, pois nam avia nelles culpa. Nam fazendo cazo de palavras, hum escrivam Del-Rey se foi pera elles com o arcabuz feito a disparar. Aqui o reprehendeo o Padre Pacheco, dizendo: que se deixasse daquillo, que elles nam vieram ali a fazer guerra. E indo pera os gentios com os braços abertos, lhes dizia, que se socegassẽ. Entre esta perturbaçaõ rompeo como de silada outra multidaõ de gentios daquella parte, por onde os Padres em cazo, que quizessem fugir, se aviam de retirar, & vindo dous diante como capitaneando aos mais,

che-

chegando onde os Padres estavam, perguntaram com vos arrogante: quem era o Superior dos mais?

14 Nesta perturbaçaõ hum Christam offereceo ao Padre Rodolpho hum cavallo, peraque montasse, & fugisse. Elle o rejeitou, dizendo aos companheiros, que se aproveitasse delle quem quizesse. Logo começou a exhortar a todos, que se aproveitassem da felicidade, que Deos lhes metia em caza; pois tinhaõ nas maõs, oque com tantas ansias dezejavam.

15 Entre estas palavras lhe deraõ huã grande cutilada nas pernas, cõ a qual caindo de joelhos, desabrochou o vestido, & offereceo o pescoço. Logo lhe deram no pescoço, que descubrira, duas cutiladas. Apos estas veyo huma, que quasi lhe apartou hum hombro do mais corpo. Finalmente atravessandoo com huma lança entregou seu ditozo espirito ao Senhor.

CAPITULO XLVII.

Continuase o mesmo Martyrio, & se dis os que nesta caza foraõ Noviços.

1 QUasi no mesmo tempo feriram na garganta ao Irmaõ Aranha, & lhe meteraõ huma lança pellas costas. Assim ficou tido por morto junto de huma seve. Em terceiro lugar ao Padre Berna deraõ tal cutilada na cabeça, que lha cortaram pella coroa, ficando esta pendente de huma tenue pelle. Outro lhe meteo por hum dos olhos o ferro da lança. Outro lhe cortou a orelha direita. Alem destas crueldades lhe cortaraõ as partes occultas, metendolhas na bocca. Tal era o odio destas feras. Lembravaõse da vaca, que lhes matara; do tanque, que tinha profanado com os intestinos da mesma res. Que derrubara certo ninho de formigas, que tinham por divindade, & que nelle lançara sal. Que elle fora o principal na destruiçam dos seus templos. Por isso fizeram em seu corpo estranhas crueldades. O mesmo Padre Berna tinha ditto, que em quanto em Cuculim se naõ derramasse sangue, nam averia conversaõ de gentios, & que o coraçaõ lhe dizia, que elle avia de morrer naquellas terras.

2 O quarto foi o Padre Pacheco, oqual offerecendose a grandes vozes, recebendo huma lançada nos peitos, & depois huma cutilada no pescoço, rogando pellos matadores, & pedindo a Deos viesse quem prègasse a Fè àquelles gentios, entregou a Deos seu espirito. O ultimo foi o Padre Antonio Francisco, aquem partiraõ a cabeça, & deraõ no corpo outras muitas feridas. Este Padre todos os dias na Missa pedia a Deos, lhe fizesse merce, de que morresse por seu amor. No mesmo dia de sua morte, lhe ferveo o calis na Missa athe quasi tresbordar, como em final de que era despachada sua petiçaõ.

3 Depois de terem os gentios fartado seu odio, começaraõ a contar os mortos, achando so os quatro, foram buscar o quinto, o qual acharam junto da seve ainda vivo, & que fazia por se levantar. Vaõse todos a elle: arrastaõno duas vezes à roda do seu idolo; fazemno depois estar em pe, tendo hum no cham, outro no ar. Mandaõlhe, que adore o idolo; respondeo: Nam sou eu tam sem juizo, que adore paos, & pedras. Cheyos de novo furor, o puzeram em certo lugar feito alvo de suas settas, sobre o qual despediram hum chuveiro dellas, dizendo a grandes vozes: Aqui fareis o vosso templo, & levantareis as vossas cruzes. Nam ouve homem, nem mulher, grande, nem pequeno, que nelle nam descarregasse seu odio. Pera fazer aos idolos maior obsequio,

quio, os untaram com o ſangue dos meſmos Martyres.

4 Depois mataram muitos outros dos que hiam com os Padres, porque naõ ficaſſe hum ſó, que pudeſſe levar a nova. Chegou a tanto a raiva, que nem perdoaram às beſtas, em que tinhaõ ido muitos dos mortos. No dia ſeguinte levando a raſto os ſinco corpos dos noſſos, os lançaram em hum poço, & ſobre elles muito matto, porque naõ vieſſe à noticia dos Chriſtaõs o lugar, em que eſtavam.

5 Neſte dia chegou nova a Goa do que acontecera em Salſete. Ouve em toda a Cidade grande alvoroço, em eſpecial em o noſſo Collegio. Por huma parte ſe entriſteceram pella falta, que lhes faziam tais obreiros; por outra ſe alegraram por extremo com a boa fortuna de ſeus Irmaõs.

6 Logo o Padre Provincial ſe fes preſtes, pera ir recolher tam ſantos corpos: aqui ouve em todos exceſſivo dezejo de o acõpanharẽ. A trinta ſe concedeo. Chegando todos a Margam diſtante quatro legoas de Goa, conſultaram com o Governador de Salſete, que modo ſe teria, pera aver os corpos? Pareceo, que elle lhos mandaſſe pedir. Reſponderam, dando palavras frias, que o Pagode prohibia os entregaſſem, que naõ ſabiaõ onde foſſem lançados, que ſe os quizeſſem, os foſſem buſcar. Naõ tinha o Governador por entam gente baſtante; por tanto ouve de deſiſtir da pertençaõ.

7 Com iſto mui triſte o Padre Provincial tratava de ſe voltar, quando os de Cuculim tomando melhor conſelho, mandaraõ recado, que elles entregavam os corpos, & os traziam. De Cuculim os trouxeraõ athe Margam os Chriſtaõs ſobre grades de pao. Ali os compuzeram, & o Governador com outros Portuguezes os levaraõ em ſeus hombros athe Racol, que diſta de Margam como meya legoa. Ali os ſahiram os noſſos a receber, & toda a gente da terra com grande apparato, & feſta. Foram poſtos em a ermida de Santo Antonio junto à fortaleza. Moſtraraõnos ao povo, que niſſo teve particular devaçaõ. Avendo tres dias, que eram mortos, & tendo eſtado metidos no lodo do poço, naõ tinham cheiro roim. Pareciam eſtar mui freſcos.

8 Notouſe, que do corpo do Padre Rodolpho ſahia hum cheiro mui ſuave, & que o ſangue, que corria das feridas, fervia como ſe eſtiveſſe ao fogo. Daqui naceo hum ſanto impeto, com que todos procuravam aver delle alguma reliquia: nem ſe pode impedir, que naõ tiraſſem todas as unhas dos pes, & maõs, todos os cabellos da cabeça, & ſe molhaſſem no ſangue muitos lenços. Dali foraõ levados com ſolemniſſima prociſſam pera a Igreja Matriz de Racol. Foraõ depoſitados em hũa caixa grande com ſuas diſtinçoẽs, & nomes. No dia ſeguinte diſſe o Padre Provincial Miſſa ſolemne em acçaõ de graças pella merce, que Deos fizera à ſua Igreja, & à noſſa Cõpanhia, & àquellas terras.

9 No lugar, onde foraõ mortos, ſe edificou no anno de 1588. huã capella dedicada a noſſa Senhora dos Martyres. E no anno de 1597. foraõ eſtes ſantos corpos tresladados pera o noſſo Collegio de S. Paulo de Goa. Hoje eſtaõ ſuas Reliquias metidas com decencia em hum caixaõ na caza dos Irmaõs Noviços de Goa. Os matadores fugiram pera o Idalcam. Os ſinco lugares, que concorreram pera eſta conjuraçam, foram mui bem caſtigados. Tirouſelhes toda a juriſdiçaõ, & governo. Tres delles ſe deraõ a Dõ Pedro de Caſtro, & os dous a Dom Joaõ da Sylva. Paſſados tres annos, vindoſe Dom Pedro de Caſtro pera Portugal, deu com licença Del-Rey os ſeus tres lugares à noſſa caza dos Noviços de Goa.

10 Depois deſte Martyrio créceo

cco ali grandemente a Christandade. Dos que na morte tiveraõ boa parte, dous pella misericordia de Deos, & merecimento dos seus Martyres, deixado o gentilismo, abraçaraõ nossa Santa Fè. Agora direi de cada hum em particular. O Padre Rodolpho Aquaviva foi homem de grande nobreza no Reyno de Napoles, filho do Duque de Atri, & sobrinho do nosso Padre Geral Claudio Aquaviva. Delle escrevem os Authores grandissimas virtudes, que nelles se podem ver; eu as deixo, por nam fazerem ao meu intento.

11 O Padre Affonso Pacheco foi Castelhano natural de Minaya, homem tambem de nobreza mui illustre, & de virtudes aventajadas: escrevemnas Alegambe nas Mortes Illustres dos da Companhia, & o Padre Alonso de Andrade no sexto tomo dos Varoẽs Illustres.

O Irmaõ Francisco Aranha era natural de Braga, parente mui chegado de Dom Gaspar primeiro Arcebispo de Goa; entrou na Companhia na India. Este Irmam se costumava em Racol deitar sobre huã arca grande, & dizia, que depois de morto pella Fè o aviam de meter naquella arca, & assim aconteceo. Sobre o Irmaõ Aranha moveo demanda a Cidade de Guadiz em Andaluzia, porque imaginavaõ os naturais ser elle seu, & estando o Padre Joaõ Alvres em Roma fizeraõ petiçaõ a nosso Reverendo Padre Geral, que assim o declarasse. A esta petiçaõ se oppos o Padre Joaõ Alvres; & revolvendose os catalogos das provincias, se achou hum Francisco Aranha natural de Guadiz, que morrera em as Indias de Castella, & nam fora Martyr, por tanto se desenganaram da sua pertençaõ, & se passou disto certidaõ autentica, que temos em o nosso Cartorio de Coimbra. Os dous seguintes saõ os que pertencem a esta santa caza.

12 *O Padre Pedro Berna* foi natural de Ascona Villa no Bispado de Como em Lombardia, filho de Joam Berna, & de Anastazia de Xiconide. De pequeno foi criado em muita virtude. Estudou Philosophia no Collegio Germanico. Tendo ja idade pera se ordenar de sacerdote, instando os seus, que tomasse Ordens, & se fosse pera sua patria; elle tocado por Deos deixou o mundo, & entrou na Companhia em Roma aos dous de Julho de 1577. Poucos mezes depois de ser Noviço, avendo o Padre Geral Everardo Mercuriano de mandar à India oito nossos, tendo jà partido quatro pera Portugal, estando tres pera se por ao caminho, faltando o quarto, deu o Padre Geral licença ao Padre Nicolao Espinola Superior dos mais, que fosse ao Noviciado de Santo Andre, & escolhesse o Noviço, que lhe parecesse melhor.

13 Indo o Padre ao Noviciado, mandou o Mestre vir a todos: disse, que quem quizesse ir pera a India, tinha boa occasiaõ: logo todos com grande fervor se lhe lançaraõ aos pes, pedindo cada hum, que o mandassem. Entam o Padre Espinola fes eleiçam do Irmam Pedro Berna, alem de sua virtude, por ser mais entrado na idade. Logo o Padre Geral approvando a eleiçam, o mandou com os mais pera Portugal com condiçaõ, que nam se embarcaria pera a India, se naõ depois de acabar o Noviciado.

14 Sabendo isto hum seu Irmaõ, que assistia em Roma, teve notavel sentimento. Pedio licença pera lhe fallar com intento de o tirar daquella resoluçaõ. Logo, que se viram, se abraçaram com aquelle impeto, que nesta occasiaõ costuma ter o amor dos Irmaõs. Assim estiveram, sem nenhum delles dizer palavra, athe que o secular se apartou entre as lagrimas, & o silencio. Parece, que Deos lhe atou a lingua, pera nam fallar palavra, & o contava depois com grande admiraçaõ. O mesmo lhe aconte-

conteceo com hum seu sobrinho passando por Viterbo.

15 Em Portugal continuou seu noviciado em Coimbra. No anno de 1579. passou à India com outros onze da Companhia, chegou a Goa no mes de Outubro. Ordenado de sacerdote, logo no seguinte anno foi mandado ter a seu cargo alguãs Igrejas de Salsete. Avendo no meyo do seu destritto hum rio, muitas vezes no inverno o passava a nado levando os vestidos sobre a cabeça. Ali trabalhou com grande zelo, fes destruir os idolos, & aquelle monte de terra cheyo de formigas, que os gentios veneravam por divindade, & fes o mais, que assima fica referido. Daqui se originou nos gentios hum odio entranhavel contra o Padre, por isso nelle fizeram as extraordinarias, & enormes crueldades, que ficam contadas.

16 *O Padre Antonio Francisco* naceo em Coimbra: seus pays se chamaram Francisco Affonso, & Anna Alvres. Em sua mesma patria entrou na Companhia aos sette de Settẽbro de 1571. Moveose a ser da Companhia com a nova do Martyrio do Padre Ignacio de Azevedo. No anno de 1581. passou à India, onde se ordenou de sacerdote. Sendo destinado pera Missionario das Ilhas Molucas, partio pera ellas. Porem como huma grande tempestade o obrigasse a tornar atras, o mandaram ter cuidado da Igreja de Orlim em Salsete; onde no lugar de Cuculim padeceo Martyrio com os mais aos 15. de Julho de 1583. Deste gloriozo Martyrio escrevem muitos, em especial o Padre Alegambe nas Mortes Illustres dos nossos Religiozos. E novamente o nosso Padre Francisco de Sousa na segunda parte da Historia da Provincia de Goa, que intitula *Oriente Conquistado*, que neste anno de 1710. sahio a lus; queira o Senhor se continue, que he obra mui curiosa, & de grande honra de toda a nossa Companhia, pois a cousa mais gloriosa, que nella hâ, foraõ as Missoẽs Orientais, nas quais a Companhia tanto accrescentou a gloria de Deos, & o Imperio da Igreja Militante.

CAPITULO XLVIII.

Das mortes em odio da Fe dos Padres Manoel Borges, Jorge Carvalhal, Gomes de Amaral, Jorge Fernandes, Nuno Ribeyro, & Antonio de Sousa.

Em Nãgazaqui aos 16 de Agosto de 1633.

1 POuco he, oque nos ficou em memoria destes ditozos Padres; mas os fins, que tiveram, foram tam gloriozos, que esses os illustram muito mais, do que o fizera huma lõga vida cheya de cousas estranhas, & que costumam fazer admiraçam em quem as le. O Padre Manoel Borges naceo na Cidade de Evora: seus pays se chamavaõ Domingos Deça, & Maria Lopes: entrou na Companhia em Coimbra aos 10. de Janeiro de 1601, tendo dezaseis annos de idade, & sendo estudante da Primeira classe. Foi pera a India no anno de 1608, em que hiaõ mais sette da Companhia, todos Portuguezes.

2 Da India passou a Jappam no anno de 1612. Depois de estar dous annos naquelle Imperio, foram lançados fora por decreto de Daifuzama todos os prègadores do Evangelho, dos quais foraõ huns pera Manila, outros pera Macao. O Padre Borges passou a Macao. Ali se deteve athe o anno de 1621, no qual mudando o habito voltou disfarçado a Jappam. Lâ no anno de 1622. fes a profissam do quarto voto.

3 O seu officio, alem de acodir aos Christaõs, era ser Procurador dos mais Padres, & Irmaõs, que estavam escondidos em Jappam, provendoos

V do

do necessario. O muito, que este bemditto Padre padeceo, se deixa em parte ver da clausula de huma carta sua, que he a seguinte: *Depois, que em Abril partiraõ as naos, governou Feizô sò tres mezes: mas com tal pertinacia perseguio os Christaõs, em especial os Religiozos, q̃ em hum dia tres vezes deu busca à caza, onde me hospedava: nem ouve caza de Christaõ, que pello menos nam fosse buscada tres vezes na semana. A primeira ves, que me buscaram, foi mui sedo, antes de me levantar da cama; eram sette homens armados. A outra ves, quando me revestia pera dizer Missa, vieram dezasette. A terceira ves foi junto do tempo de jantar; eram vinte; accommeteram com tanta matinada, que parecia virse tudo abaixo. Porem sempre lhe escapei, valendome de hum escondrijo, em que ja outras vezes me tinha livrado delles.* Athe aqui suas palavras.

4 Finalmente tendo o Padre Borges escapado de semelhantes sustos repetidas vezes, em Bungo veyo a cahir nas maõs dos que com tanta ansia o buscavam. Foi levado a Nangazaqui. Ali em treze de Agosto o puzeram no horrivel tormento das covas, o qual se dava, atando o Martyr com cordas fortemẽte, & cingindoo mui bem o penduravam de huma forca com a cabeça pera baixo, & parte do corpo metido em huma cova; ali com o excessivo tormento, revolvendoselhe as entranhas, o deixavam acabar. Nesta affliçam viveo tres dias o Padre Borges, & nella morreo em odio da Fè aos 16 de Agosto de mil seiscentos, trinta, & tres. Com elle no mesmo dia acabaraõ pella mesma causa, & no mesmo tormento dous Irmaõs da nossa Companhia ambos Jappoẽs, chamados Jozeph Reomuy, & Ignacio Quindo.

5 No mesmo Imperio de Jappaõ, ainda que com diverso genero de morte, em odio da Fè acabou seus ditozos dias o Padre Jorge Carvalhal. Era natural da Cidade de Vizeu. Seus pays se chamavam Simaõ Carvalhal, & Izabel Alvres. Entrou na Companhia em Coimbra aos 14 de Mayo de 1567, tendo dezoito annos de idade. Com dezejo de empregar sua vida na salvaçaõ das almas, pedio ir pera a India. Partio pera ella no anno de 1578. Por todos hiam da Companhia nesta missam quatorze; entre elles o Padre Rodolpho Aquaviva, & o Padre Jorge Fernandes, que tambem deram suas vidas por Christo. *Em Iquizuco aos 5 de Mayo de 1592.*

6 Em Goa fez o Padre Jorge Carvalhal algum tempo officio de Mestre dos Noviços. Depois navegou a Jappam. Ali trabalhou muito no Ximo, & no Reyno de Bungo. Como quer que em Firando os gẽtios em odio da Fe tirassem a vida com veneno aos nossos Padres Francisco Carriam, & Theodoro Mantel, foi supprir aquella falta o Padre Jorge Carvalhal com o Padre Jozeph Fornaleto. Apenas havia hum anno, que naquellas terras estava, quando tambem lhe deraõ veneno, o qual com grandes ansias lhe tirou a vida dentro de oito dias. Falleceo em sinco de Mayo de 1592, em hum lugar chamado Iquizuco.

7 *O Padre Gomes de Amaral* naceo na Cidade de Vizeu; foi filho do Doutor Francisco Paes de Amaral, & de Angela Guedes; entrou na Companhia em Coimbra aos vinte de Junho de mil quinhentos, & sessenta, tendo dezasette annos de idade. Fez grandes diligencias pera ir à India. Ouve nisto resistencia da parte dos Superiores, os quais lhe negavam a ditta licença. Entaõ tomou por intercessora à Virgem Mãy; fez huma peregrinaçaõ a Nossa Senhora de Penha de França nas arrayas de Castella, & por meyo da Senhora ouve bom despacho da sua petiçaõ. *Na Java maior aos 24 de Settẽbro de 1580.*

8 No

8 No anno de 1594 partio pera a India em Companhia do grande Padre Alexandre Valignano. Trinta, & nove por todos erão os da Companhia, que hiaõ nesta viagem. Na India trabalhou algum tempo no Cabo de Comorim. No anno de 1580 foi mandado pera a Ilha de Amboino com o Padre Jorge Fernandes. Hiam em o navio de hum Agostinho Nunes, o qual ou sendo tomado pellos naturais da Java maior, ou entrando naquelle porto debaixo de palavra, estando os dous Padres confessando em terra aos Portuguezes, deraõ sobre elles os Mouros inimigos capitais do nome Christaõ, & naquelle santo ministerio em odio da naçam, & da Fè os mataram aos 24 de Settembro de 1580.

9 *O Padre Jorge Fernandes* era natural de Lagos no Algarve; entrou na Companhia na caza de Saõ Roque aos 6 de Dezembro de 1561, & foi continuar em Coimbra. Ensinou Rhetorica em Coimbra, & Evora. Passou à India no anno de 1578, & teve a morte, q̃ fica ditta. Seus pays se chamaraõ Diogo Lopes, & Izabel Ribeira. Delle naõ acho outras noticias, sendo assim, que teria mui grandes virtudes, pois se consagrou a tam penozo trabalho sò com os olhos no bem das almas. Alguns o fazem de Lisboa, mas sem fundamento: equivocaraõse com outro do mesmo nome natural de Lisboa, que morreo em Coimbra.

Amboino aos 22 de Agosto de 1549.

10 *Do Padre Nuno Ribeiro* nem patria, nem pays sabemos; foi nosso Portuguez, entrou na Companhia em Coimbra ao primeiro de Agosto de 1543. No anno de 1546 foi pera a India com outros oito da Companhia em diversas naos. O Padre Nuno Ribeiro hia com o Padre Henrique Henriques segundo Apostolo da Costa da Pescaria, & por elle ir enfermo, o Padre Nuno o servio com grande charidade. Por ser nella conhecido, fora antes enfermeiro em o Collegio de Coimbra. Junto a Moçambique esteve a nao quasi perdida em huns baixos, porem sahindo deste perigo chegaraõ a Goa aos 17 de Settembro do mesmo anno de 1546, a tempo, que Saõ Francisco Xavier estava em Amboino.

11 Voltando o Santo Padre das Malucas, jà o Padre Nuno Ribeiro estava na Cidade de Malaca, onde sua virtude, & boas partes contentaraõ muito ao Santo. Tendoo ali em sua companhia dous mezes, o mandou a Amboino no anno de 1547; onde começou a trabalhar com grande espirito, & fervor. Em quatro mezes, que ali se deteve a armada dos Portuguezes, fez o Padre alguns seiscentos Christãos.

12 Em anno, & meyo, que lhe durou a vida, bautizou mais de duas mil almas. Fazia vida mui aspera: o seu sustento eram raizes de hervas, & algum arroz. Foi homem de grandissima compaixaõ pera com os pobres Christãos, aos quais por vezes deu do seu proprio vestido pera os cubrir, ficando elle desabrigado. Succedialhe, por ter dado suas roupas, andar embrulhado em hum pobre cobertor. Os Mouros lhe tinhaõ estranho odio. Huma ves o pertenderaõ queimar com a caza, em que estava. Sahindo deste perigo, passou a outra Ilha: fazendo o navio naufragio, o Padre foi pera terra nadando; porem dando o impeto das ondas com elle nas pedras da praya, sahio taõ moido, que naõ se podia mover, se naõ a rasto. Apenas depois de tres dias se pode ter em pè. Neste grande desemparo o remediou o Senhor por meyo de hum homem do campo, que o levou a hum lugar de Christãos, onde foi curado.

13 Procuraraõ os Mouros darlhe veneno pella grande guerra, que elle fazia a seus erros. Huma ves peitaraõ pera isso certo homem, o qual

V 2 naõ

naõ quis cõmetter esta maldade; & porventura por esta causa o Senhor lhe fez merce, de lhe dar conhecimento de si, & assim veyo a ser bautizado. No tempo, que o Padre estava enfermo, se fazia levar em hum lançol pellos lugares dos Christãos, pera os animar, & consolar. No dia de Nossa Senhora da Assumpçaõ dizendo Missa em particular, & voz baixa, quando foi ao dizer o *Gloria in excelsis Deo*, entoou este cantico, como se a Missa fora solemne, mostrando notavel alegria; o que muito notaram os prezentes, & foi hum como pronostico do eterno bem, a q̃ estava tam vizinho. Depois lhe deram peçonha no comer. Fezlhe grandes dores de estamago, levantoulhe huma terrivel febre, a qual dentro em sette dias lhe tirou a vida. Acabou tendo nas mãos hum Crucifixo, & abraçado com elle entre amorosos colloquios espirou aos vinte, & dous de Agosto de 1549.

Nangazaqui 26. de Outubro de 1633

14 *O Padre Antonio de Souza* foi natural da Villa de Covilhaã no Bispado da Guarda. Seus pays se chamaraõ Paulo Figueiredo de Almeyda, & Dona Ignes de Souza. Entrou na Companhia em Coimbra aos 19 de Janeiro de 1604. tendo quinze annos de idade. & sendo estudande do primeiro Curso. Levado do dezejo de salvar almas passou à India no anno de 1609, em que hiaõ vinte, & quatro da Companhia. Acabou seus estudos em Macao, donde foi tomar ordens a Malaca. No anno de 1616 ou o levasse ali tempestade, ou fosse de proposito, entrou em Jappaõ. Avendo sospeita, de que era da Companhia, foi desterrado. Fez alguns annos officio de Procurador da Provincia de Jappaõ: depois, tendo occasiaõ, em trajo disfarçado voltou àquellas Ilhas; onde com raro exemplo de charidade vestido de marinheiro andou sinco annos em huma barca; padeceo incõmodos gravissimos. Dali sahia em diversas paragẽs a confortar os Christãos. Andando nestes santos disvelos, foi prezo junto a Ozaca. Deraõlhe tratos de agoa, fazendolhe beber muita, & depois lançala com violencia pella bocca. Carregado de ferros foi levado a Nãgazaqui, & posto no tormento das covas, no qual perseverou vivo sem comer cousa alguma nove dias. Pasmavam disto os guardas, que o vigiavaõ, compadecendose do seu trabalho; mas o Padre se compadecia delles pella molestia, que por causa de seu officio tinham. Acabou aos 26 de Outubro de 1633. Naõ sei, q̃ occasiaõ teve o nosso Padre Guerreiro, pera cahir em huma inadvertencia tamanha, como he dizer, que este Padre fora secular a Jappaõ, & que o desterraraõ, cuidando ser da Companhia, & que daqui tomara occasiaõ pera entrar nella. Jâ o Padre Antonio Cardim nos Elogios dos Martyres do Jappaõ advertio o erro, que tivera o Padre Guerreiro. De todos estes bemdittos Martyres do Senhor escreve o Padre Philippe Alegambe nas Mortes Illustres dos da Companhia, onde cita os Authores, que delles trataõ.

IMA-

IMAGEM DA VIRTUDE EM O NOVICIADO DA COMPAnhia de JESU de Coimbra.

LIVRO SEGUNDO,

NO QUAL SE REFEREM AS MARAVIlhosas vidas, & virtudes de muitos Religiozos, que aqui foraõ Noviços, & fundaraõ a Santa Provincia do Brasil.

CAPITULO I.

Vida do Padre Manoel de Nobrega fundador da Provincia do Brasil.

Entra na Companhia: seu grande fervor em tratar do bem das almas.

No Rio de Janeiro aos 18. de Outubro de 1570

1 NAõ posso deixar de dar principio à vida do Padre Manoel de Nobrega com hũa justa queixa cõtra os nossos antepassados: vem a ser, que sendo este Padre hum tal homem, & taõ grãde, como se verâ da narraçaõ de sua vida, & virtudes, fundador da nossa Provincia do Brasil, nos naõ ficou em memoria, qual fosse do nosso Portugal o lugar, villa, cidade, ou provincia, em que naceo. He descuido mais de notar, ficandonos em lembrança muitos indicios de sua nobreza, porque seu pay foi Dezembargador, & hum seu tio Chanceller môr deste Reyno. Saõ honra dos povos os Varoẽs Santos, & tambem em suas vidas a circunstancia da patria he das que se tem conta, pello gosto, que com isso costumam ter, os que tem por nacimento o mesmo torraõ de terra, & mais se saõ parentes de semelhantes heroes. A maior clareza, que pude descobrir, foi em os livros da matricola da Universidade de Coimbra folha 135, onde se dis, ser filho do Dezembargador Balthezar de Nobrega, ja defunto. Tambem se

dis nos mesmos livros, em como tomara o grao de Bacharel em Canones aos quatorze de Junho de 1541, que lho dera o Doutor Martim de Espilcoeta, que provara ter finco annos de Canones em Salamanca. No arquivo de Roma se fez tambem diligencia por sua patria, & nada se achou.

2 Seu pay foi mui estimado Del-Rey Dom Joaõ o Terceiro: por ser homem de muita inteireza, El-Rey lhe encõmendava cousas de grande pezo. Por seus merecimentos tinha jâ dado a seu filho Manoel de Nobrega moradia, & favor pera seus estudos. Depois de aprender Latim em Portugal, foi estudar Canones a Salamanca, nos quais fez grandes progressos. Veyo continuar este seu estudo a Coimbra, onde teve por Mestre ao insigne Doutor Navarro, que dizia, ser elle o melhor de seus discipulos.

3 Em Coimbra se graduou de Bacharel. No tempo, que nella se davam lugares, como elle era muito gago, naõ fazia conta de se oppor a elles; mas o Doutor Navarro o naõ consentio. Como sabia o que nelle tinha, lhe aconselhou, que se oppuzesse. Accommodandose ao seu parecer, fez sua liçaõ de ponto com tanta satisfaçam, que a juizo de todos se lhe devia o primeiro lugar. Mas como o Reytor da Universidade tinha outros empenhos, fez o possivel, porque se lhe naõ desse. Estava tam seu adverso, que publicamente, depois de acabar a hora da sua liçaõ, disse, que fosse por diante, & lesse mais, que por ser gago naõ tinha lido hora inteira. Virou elle entam o relogio, & leo com a mesma satisfaçaõ tanto tẽpo, que foi necessario fazeremlhe sinal algumas vezes, que acabasse, & assim acabou. E porque o Reytor estava jâ inclinado à outra parte, naõ se lhe deu se naõ o segundo lugar, posto que levou a honra do primeiro a juizo de todos os Doutores.

4 Continuou seu estudo em Coimbra algum tempo, & tomou Ordens de Missa. Neste tempo avia no Mosteiro de Santa Cruz algumas Collegiaturas, q̃ se davaõ por opposiçaõ. Fez sua opposiçaõ a huma dellas com outro Canonista. Ainda que a juizo de todos fazia elle conhecida ventagem ao competidor, com tudo como os juizes do cazo eraõ os mesmos Religiozos, tiveraõ mais conta com a boa pratica do outro, que com o saber do Padre Nobrega, por ser gago, & deraõ sentença contra elle. Este meyo tomou a Divina providẽcia, pera o tirar do mundo, & o fazer hum de seus grandes servos. Considerou comsigo, como o mundo o tinha abatido, quando esperava delle honras: determinou de se vingar, & desprezalo, & metelo debaixo dos pes. Pedio ser da Companhia. Nella entrou aos vinte, & hum de Novembro de mil quinhentos quarenta, & quatro.

5 Como entaõ se lançavaõ os alicesses da Companhia em Coimbra, avia grandes fervores de espirito em todos os nossos assim em procurar a perfeiçaõ propria, como a salvaçaõ das almas; em huma, & outra cousa se assinalou muito o Padre Nobrega. Exercitavase assim em caza, como fora della em muitos exercicios de humildade, & mortificaçaõ, que naquelles primitivos, & dourados tempos eraõ mui ordinarios em todos. Vindo a Coimbra o Padre Mestre Simaõ, por saber o que tinha em seus subditos, ordenou, que cada hum lhe desse por escritto o seu sentimento à cerca do grao, a que na Companhia se sentia inclinado: o escrittinho do Padre Nobrega continha estas formais palavras: *Quizera naõ saber o que quero, mas em todo o cazo somente querer a JESU Crucificado.* No qual significou bem sua grande indifferença.

6 Em especial lhe foi encõmendado pella obediencia o officio de tratar com o proximo em prègaçoẽs, confissoẽs, vizitar carceres, & hospitais, & acodir a outras necessidades espirituais, & corporais de pessoas particulares, no qual se ouve com tãto espirito, & fervor de charidade, que depois, que foi pera o Brasil, no tempo, que ainda estava fresca a memoria delle, naõ se fallava em Coimbra, se naõ no Gago: assim o nomeavam, contando os que o conheceraõ seus fervores, & virtudes.

7 Na converſaçam, que tinha com os peccadores, pera os trazer ao caminho da salvaçaõ, parecia, que lançava a alma pella bocca com o grande fervor naõ somente no prègar, confessar, & praticar familiarmente, mas tambem tomando sobre si os peccados alheyos, pera dar por elles conta a Deos, pera com isto livrar de desesperaçaõ alguns desesperados, como entre outros fez a dous em Coimbra, posto que hum delles se naõ quis aproveitar de tanta charidade.

8 Esta foi huma mulher, que vivia mal com hum Ecclesiastico, a qual chegando à morte foi vizitada, & soccorrida do Padre Nobrega. Com ajuda de Nosso Senhor por meyo da confissaõ a tirou do mao estado, em que vivia, & sarando, viveo cousa de hum anno bem em muito recolhimẽto, sendo ajudada do Padre. Depois vencida da tentaçaõ tornou ao mesmo peccado. Nelle viveo, & chegou ao fim da vida, sem tratar da salvaçaõ. Hum dia estando acompanhada de algumas vizinhas, começou a dizer comsigo em voz, que todas ouviam. *He verdade, que por estar eu amancebada vinte annos com hum Clerigo, me hei de condenar?* A esta pergunta respondia ella mesma: *Sim, heime de condenar.* Repetindo isto tres vezes concluio dizendo: *Pois eu creio, que Belzebu criou os Ceos, terra, mar, & as areas, & a elle me entrego.* As mulheres, que estavam prezentes, lhe acodiram fallandolhe de Deos. Mas ella a nada respondia, antes se lhe punhaõ o Crucifixo diante dos olhos, virava o rosto pera outra parte. Mandaraõ ellas muito à pressa chamar o Padre Nobrega. Acodio elle, & cõ seu costumado fervor lidou muito com a infeliz, athe lhe dizer, que elle tomava sobre si seus peccados, pera fazer penitencia por ella, que confiasse em Deos, & se confessasse. Nada aproveitou, & naquella obstinaçaõ acabou sua triste vida.

9 O outro cazo foi com hum mulato, que avia na comarca de Coimbra, o qual era mui valente, & salteador de caminhos: tremia delle toda a terra, em especial os meirinhos, porque os tinha ameaçado. Depois de crueis roubos foi prezo, metido no castello, & sentenciado à morte. Acodiolhe o Padre Nobrega alguns dias antes da sentença, achouo desesperado, com odio mortal contra as justiças, sem querer lhe fallassem em confissaõ. Disse o Padre Missas, teve oraçaõ, pedindo a Deos o naõ deixasse de todo. Entre outras palavras lhe disse o Padre, que elle tomava seus peccados sobre si, pera fazer delles penitencia. Foi esta palavra como hũ relãpago de luz do Ceo, com que se desfez o nevoeiro, em que aquella alma estava metida. Disse, que se queria confessar, & assim o fez. Querendolhe o Padre dar a cõmunham no dia da sentença, por ordem dos Padres tomou conselho com o Doutor Navarro: este lhe aconselhou, que lha desse, que elle acodiria, se quizessem executar a sentença. Com isto se foi o Padre Nobrega, & ao ler da sentença, estando elle prezente, respondeo o mulato com grande ira: *Oh que injusta sentença!* E tornou a renovar os odios passados, & dezejo de matar os meirinhos; com as exhortaçoẽs do Pa-

Padre tornou em si. O Padre o confessou, & dizendo Missa no Castello lhe deu a cõmunhaõ, por causa daqual naõ padeceo aquelle dia. No dia seguinte o acompanhou athe a forca, & morreo com mostras de salvaçaõ.

10 Do grande zelo, que tinha do bem das almas, nascia reprehender asperamente os peccados, & dezejar ser por isso injuriado. Fez huma peregrinaçaõ a Salamanca em tẽpo, que ainda os nossos naõ eraõ bem conhecidos. Nesta viagem achando hum dia Santo os homens de hum lugar jugando a bola, chegouse a elles, começou a lhes fallar de Deos, & movelos à penitencia. Como de cousa nova, se perturbaram, & o começaraõ a injuriar, dizendo: *Este he aquelle estudante, que os dias passados furtou a mulher cazada? Prendaõno, & levemno ao Corregedor Ledesma.* Como o Padre mais se afervorasse, tendo grande dezejo de o maltratarem, & prenderem, & allegasse alguma authoridade em Latim, diziam elles: *Oh como falla Latim, prendaõno, que este he.* Assim o injuriaraõ algum tempo, athe que desenfadados o deixaraõ.

11 Na mesma occasiaõ chegando a huns casais encontrou com hũ Conde, que andava à montaria com sua gente. Acertou de estar jantando, tendo comsigo à meza hum chacorreiro, & rodeado de criados, servia huma moça à meza, com a qual elle fallava graças, & palavras pouco honestas. O Padre Nobrega o conhecia do tempo dos estudos de Salamãca, & sabia ser notado de pouco honesto. Parou o Padre diante da meza, entrou em zelo, começou ao reprehender, fallandolhe por vos com tanto espirito, que elle, & os seus ficaram pasmados. O Conde, por se ver livre delle, lhe dizia: *Irmam, sois dos alumbrados? Quereis esmola?* A isto respondeo o Padre: *Pecunia tua tecum sit in perditionem.* Sois hum perdido, que taõ sem temor estais offendendo a Deos. Olhai naõ se cumpra em vos o *Vidi impium superexaltatum*, que daqui a poucos dias naõ heis de ser nada.

12 O Conde estava pasmado sem comer, nem fallar. Foi isto de maneira, que o chacorreiro acodio por elle, dizendo: *Se quereis esmola, tomaya, & deixai comer sua senhoria.* Aqui se voltou pera elle o Padre, & pera o differençar do Conde, fallou-lhe por tu, dizendo: *E tu, inimigo de Deos, naõ tens temor, nem vergonha de estar incitando o Conde a peccados?* Desta maneira esteve hum bom pedaço de tempo reprehendendoos, esperando por huma boa esmola de pancadas, que sempre cuidou lhe mãdasse dar pellos criados. Mas elles, & elle ficaraõ attonitos sem dizer nada, athe que o Padre se sahio fora, & apartado hum pouco de caza, se assentou à sombra de huma arvore esperando ainda pella esmola das pancadas, que dezejava.

13 Acabado o jantar, o chacorreiro, q̃ parecia homen grave, foi ter cõ elle, & lhe disse: *O Irmaõ, que mao jantar destes ao Conde, porque fizestes aquillo daquella maneira?* Respondeo o Padre jâ mais brando fallandolhe por vos, dizendo: *Ainda vos ca tornais, que estais ali offendendo a Deos com truhanarias?* Praticando com elle mais de espaço o moveo tanto, q̃ começou a chorar, dizendo: *Irmaõ, que quereis, que faça, que tenho mulher, & filhos, & naõ tenho outro modo, com que os sustentar?* A isto respondeo o Padre: *Naõ aveis de sustentar vossa caza com offensas de Deos, buscai outro modo de vida, que elle vos ajudarâ.* Finalmente o truhaõ ficou com proposito de mudar a vida, & deu hum real de prata de esmola ao Padre, o qual o acceitou, porque sahia jâ de hum coraçaõ contritto. Ao Conde fez Nosso

Senhor merce de o fazer depois tam devoto da Companhia, que lhe fundou hum Collegio no seu Condado. Vendoo depois o Padre Nobrega no Brasil no rol dos fundadores, se alegrou muito, & dando graças a Deos disse: *Este he o meu Conde, heilhe de dizer as suas Missas com muita devaçaõ.* Quem puzer os olhos nestes fervores, & os julgar à primeira face, os terá por tontisses; mas quem sabe os modos, que Deos tem em chamar a si os que tem no livro da vida, & considera os effeitos destas extravagancias, vê claramente, que saõ daquellas, que em Saõ Pedro, & mais Apostolos eraõ avaliadas por fumos do mosto, sendo Espirito Santo.

CAPITULO II.

De huma peregrinaçaõ, que o Padre Nobrega fez a Santiago, & da Missaõ pello Bispado da Guarda. Cousas, que nestas occasioẽs lhe aconteceraõ.

1 ERaõ aquelles nossos primeiros Padres mui dados a peregrinaçoẽs a diversos lugares de devaçaõ. Estas faziaõ a pè vivendo de esmolas, que pediaõ pellas portas, ensinando a doutrina a toda a sorte de gente, recolhendose de ordinario nos hospitais. Huma destas peregrinaçoẽs fez o Padre a Santiago de Galiza, em que padeceo muita fome, & outros trabalhos, & teve naõ poucas occasioẽs de se humilhar.

2 Estando hum Domingo em Compostella, depois de ter prègado, foi pedir esmola pellas portas, elle por huma parte, por outra o companheiro. Aconteceo, que o Irmaõ foi ter a huma rua, aonde estava huma roda de mulheres Galegas rindo, & folgando: huma estava no meyo das mais arremedando o sermaõ, & gagueiras do Padre Nobrega, que prègara sobre aquelle passo: *Qui viderit mulierẽ.* Vendo as mais ao Irmaõ, disseraõ à prègadora: *Calate, que vem ali seu companheiro.* O Irmaõ com o pejo, que teve, naõ se atrevendo a lhe pedir esmola, se foi desviando por outras ruas, & ajuntandose com o Padre naõ se acharam senaõ com alguns ceitìz, & com elles passaram o dia.

3 Chegando a noite, se recolheram em hum hospital. Deram nelle com muitos pobres pedintes peregrinos comendo, & bebendo com muitas cabaças de vinho, & muitas altercaçoẽs entre si, como quem estava contente da vida. Vendo elles o Padre Nobrega, pareceolhes ser dos seus, chamaraõno dizẽdolhe: *Irmaõ, assentaivos, & comei, que estamos agora em grande disputa, qual de nos sabe melhor pedir, pera ganhar mais dinheiro, & queremos, que vos sejais o juiz.* O Padre como estava morto de fome, aceitou de boa vontade a esmola. Começou a comer, elle, & seu companheiro. Entre tanto dizia cada hum a maneira, que tinha de pedir, & traça pera enganar a piedade dos fieis. Sahiram ali varias impressoẽs mui sutìz, & delgadezas dos que sò cuidaõ nesta calaçaria, & por se livrar do trabalho, della vivem.

4 Hum, que os tinha ouvido a todos, disse no fim: *Irmaõs, vejo, que nenhum de vos sabe pedir: eu tenho este modo. Nunca peço esmola, mas em chegando a huma porta dou hum grãde suspiro, dizendo: Oh bemditta seja a Madre de Deos. Os de caza, como me ouvem, acodem logo: Oh Senhores, digo, quam grandes merces me tem feito Deos? eu estava em tal parte da Turquia cativo, & o perro do Turco meu amo davame muito mà vida, & muitos açoutes, porque eu nam queria arrenegar da Fè, dizendome, que a suas mãos avia de morrer mà morte. Oh perro, dizia eu, nam hei de arrenegar de meu Senhor*

JESV Christo, & a Virgem Nossa Senhora me hâ de livrar de tuas mãos (& se vou a Monserrate, digo, q̃ ella me livrou; se a Santiago, que Sãtiago.) Se naõ quando huma noite estando eu em grande tribulaçaõ, carregado de ferros em hũa masmorra escura encõmendandome à Madre de Deos (oh bẽditta seja ella!) acheime no outro dia pella menhaã em tal parte, em terra de Christãos, & por lhe dar graças por tam grande merce, vou agora em romaria à sua caza.

5 Concluio a pratica dizendo: *Com isto todos me daõ mais grossas esmolas: que vos parece, Irmaõ*, disse pera o Padre Nobrega, *naõ tenho ganhado a aposta?* O Padre Nobrega, que em quanto elle dizia a sua lenda, calara, & comera com o companheiro, tendo acodido à sua necessidade, deu a sentença com grande zelo, & gravidade dizendo: *Oh d'uns ladroẽs, inimigos de Deos, que andais roubando as esmolas dos pobres; todos vòs mereceis ser enforcados.* A este tom lhe descantou em forma, que hũ apos outro se foraõ sahindo todos, cuidando vinha jâ sobre elles, quanto o Padre dizia. Depois se algum destes se encontrava na rua com o Padre, se desviava a modo de quem fogia, temendo naõ os denunciasse à justiça.

6 Fez o Padre Nobrega huma Missaõ discorrendo a pè pella Provincia da Beyra, na qual frutificou muito, & lhe aconteceram cousas mui notaveis. Na cidade da Guarda achou huma mulher, na qual hum demonio incubo tinha grãde senhorio, & por meyo do Padre foi livre. Esta triste era mulher simples: veyolhe hũ dia ao pensamento buscar algum escolar, que a gente ignorante daquella terra cuidava, andavam pellas nuvens nas trevoadas, pes de vento, & chuveiros. O intento era aver delle boa ventura. Com este pensamento tomou sua roca na cinta, & sahio fora do lugar por entre huns paẽs. Nesta paragem se lhe fez encontradisso hũ demonio em habitos longos, como de escolar estudante. Perguntoulhe, onde hia? Naõ quis ella descobrir seus intentos. Aqui o estudantaõ lhos declarou, dizendo: *Tu vas cõ tal pẽsamento. Eu sou o escolar, que buscas: que queres, que te faça?* Confessou ella a verdade; & o demonio lhe disse, que pera fazer o que ella queria, avia de consentir com elle em cousas torpes. Ao principio lhe pareceo isto difficultozo. Por fim veyo a fazer o que o demonio queria. E logo elle de improviso desappareceo.

7 Vendose enganada, se espantou muito, & nada se arrependeo. Chegando a sua caza, o demonio lhe tornou a apparecer. Dali por diante naõ sòmente continuou em suas roindades, mas teve nella tanto dominio, que com pancadas a obrigava a cõmetter muitos, & enormes peccados. Assim a trouxe por diversas partes de Portugal, por mar, & por terra, fazendoa cahir em grandes maldades, & tendo nella hum precipicio, com que arruinou a muitos. Depois de alguns annos tornou pera sua terra, onde a obrigava naõ sò a ser laço infernal aos deshonestos, mas incitar aos virtuozos, que no lugar avia, & se ella naõ queria, a obrigava com pancadas.

8 Prègando pois ali o Padre Nobrega da penitencia, tocou Deos a esta peccadora. Chegouse ao Padre; contoulhe a novella de sua vida, pedindolhe remedio pera sua salvaçaõ. Animoua, & a ensinou a se confessar. Tratando ella em sua caza de se apparelhar, lhe appareceo o demonio, sem ouzar chegarse a ella, de longe a ameaçava, se acazo se fosse a confessar com o Padre. Cortando por todos estes temores, se chegou à confissaõ. Posta aos pes do Padre, se começou a affli-

affligir, dizendo: *Padre, eylo aqui esta junto de mim, ameaçãdome, que me naõ confesse.* Animoua o Padre, confessoua, & deulhe a cõmunhaõ.

9 Contando o Padre Nobrega em huã carta sua este cazo, tem estas palavras: *Depois, que confessou o que lhe lembrou, dilateilhe a absolviçaõ, pera mais examinar sua consciencia, & rezandolhe o Evangelho de Sam Marcos, lhe disse o demonio, que eu era a causa de elle se ir della; porem como deixaria pouzada tam antiga? Mandeilhe, que o vituperasse, & naõ o ouvisse mais, & que me fallasse a mim, se alguma cousa pertendia. Foi de maneira, que estando eu de noite só na caza da Mizericordia, que he hospital tudo junto, onde avia muitas tunicas, & tumbas, imaginavaseme, q̃ o via, & quis nosso Senhor mais prover a minha pouquidade, que olhar a minha temeridade, comque o eu pedi. De maneira, que tornandose a confessar a mim, a absolvi, & com muitas lagrimas tomou o Senhor das minhas maõs. Disseme, que ainda lhe fallara com muitas saudades, que tinha, porem que athe a morte ou de huma maneira, ou de outra a avia de perseguir.* Athe aqui as palavras da carta do Padre Nobrega.

10 Outra vivia por aquelles lugares, na qual o demonio entrava cada ves, & quando. Fallavalhe à orelha, dizendolhe cousas admiraveis, de que todos pasmavam. Buscou esta triste ao Padre Nobrega, pedio remedio, pera affugentar de si tam importuno hospede. Entrando elle em santo zelo lhe disse: *Irmaã, dizei a esse malditto, quando se vier a vos, que se tem alguma cousa, venha ter comigo; eu câ me averei com elle.* Foram estas palavras de tanto effeito, que nunca mais o demonio a tornou a molestar, nem lhe appareceo.

11 Outra vittoria alcançou tambem muito assinalada do inimigo commum acast ellado em hum Ecclesiastico nobre, que avia muitos annos vivia com huma occasiaõ de portas a dentro. Tinhaõlhe tentado sem effeito todos os remedios, & athe o das censuras, por ser o escandalo mui notorio. Sabendo de tudo o Padre Nobrega, se fes muito seu amigo. Depois de o grangear, procurou desvialo do peccado, propondolhe huma, & outra ves seu perigo. Ao principio levado do respeito, o ouvio, sem dar por seus avizos: como Padre instasse, lhe disse com resoluçam, que se em tal cousa lhe tornava a fallar, lhe avia de tirar a vida.

12 Nam desistio o Padre da empreza, & nella dezejava dar a vida. Posto o homem nestes apertos, fez comsigo este discurso: *Terrivel cousa, que ou hei de matar a este homem, porque me deixe, ou hei de cortar pello gosto, & appetite. Se o nam mato, nam me ha de deixar viver, como quero; & se o mato, fico perdido; hei de largar caza, fazenda, & athe a mesma occasiaõ, porque o mato. Pois huma hâ de ser, morra antes o meu appetite com vida de minha alma.* Penetrado deste discurso, & da Divina inspiraçaõ, poz fora de caza o seu precipicio, chorou seu peccado, & dali por diante fez vida mui honesta, & virtuosa, ficando sempre agradecido ao Padre Nobrega, como a seu libertador.

13 Indo nesta sua missam chegou ao Sabugal, onde entaõ estava Dom Duarte de Castelbranco, Meirinho mor, & Alcayde mor daquella villa, que sabia mui bem, que homem fosse o Padre Nobrega, & tinha noticia do seu modo de viver, & de se hospedar nos hospitais; procurou, que se agazalhasse em sua caza, & comesse à sua meza. Resistio o Padre a esta benevolencia, porem elle mandou por seus criados à porta da Igreja, peraque em prègando o levassem a jantar com elle. Presentindo isto o Padre, lâ teve

modo, comque se escoar, & se foi meter em hum mato, porem fazendose toda a boa diligencia, o acharam entre humas silvas. Querendo entam satisfazer à cortezia de senhor taõ illustre, foi athe sua caza, & com muita instancia lhe rogou, naõ continuasse naquella sua benevolencia, pois em ordem à sua missam lhe servia muito fazer vida pobre. Por fim vieram a concerto, que o Padre ficasse embora no hospital, mas que de sua caza lhe iria por esmola o sustento. Nesta forma se compoz a contenda, noque o Padre ouve de consentir; ainda que dezejava mais pedir o sustento pellas portas, como mendigo, oque athe ali fizera.

14 Em hum destes lugares lhe aconteceo entrando em huma Igreja ver ali huma follia com bailes, & musicas malsoantes comque o sagrado se profanava. Cheyo de zelo reprehendeo tamanho desacato. Sentiraõse de lhe interromper o festejo, perderam o respeito ao Padre, & hum delles foi tam atrevido, que athe contra Deos soltou palavras blasfemas. Pasmando o Padre de tal desaforo, se poz de joelhos pedindo a Deos nam ouvisse tais desatinos. Acabada a folia, pondose a cavallo o blasfemo pera ir jantar, todo o ar se cobrio de nuvens, desfezse em trovoẽs, despedio hum rayo, oqual reduzio em cinza ao blasfemo, & todos conheceraõ ser evidente castigo de Deos. Este castigo fez ao Padre mui celebre naquellas terras, & o respeitavam como a homem do ceo, donde se seguio abraçarem seus avizos, & doutrina, como a de hum Anjo.

15 Por todos os modos, que podia, trabalhava por tirar as almas dos peccados. Em huma carta, em que falla desta missam, dis o seguinte: *Vizitei alguns lugares, onde se fes algum fruto, amoestando os peccadores publicos, & pondoos a rol pera os fazer por justiça apartar, porque segundo os peccados sam velhos, ha muito trabalho em apartalos por amor, & mais quem tem tam pouca charidade, como eu. Alguns o fazem, & isto pella bondade do Senhor, promettendome de se emendarem. Fazẽse muitas amizades. Aconteceo vir prègar a huma aldea grande hum Domingo à tarde, aqual toda estava revolta com bandos, & odios; acabado o sermaõ, onde me nosso Senhor ajudou, estando todos na Igreja juntos, me assentei em joelhos, & pedi perdaõ pera todos: perdoaraõse, & pediraõse perdaõ com muitas lagrimas de todas as partes.*

16 *Vespera de Sam Joaõ parti pera Covilhaã Villa de muita gente, & porque me furtaram, ou eu perdi o sombreiro no caminho, fui ao sol tres legoas, acheime lâ meyo doente, prèguei ao dia a muito descontentamento meu, & do povo, porque eu sou, quem sou: foi de maneira, que quando veyo ao Domingo seguinte, que eu avia de prègar outra ves, disse hum Cura, que avia prègaçaõ em tal Igreja, porem pera que era ouvirme, que eu nam dizia nada, & outras palavras semelhantes. Aquelle Domingo prèguei melhor, & publiquei, que à tarde em todos os Domingos, & dias Santos ensinaria os Mandamentos a toda a gente, & pella semana todos os dias aos mininos. Dia de nossa Senhora da Vizitaçaõ prèguei a muito concurso de gente, & a contentamento meu, & do povo: ao Domingo tambem, & melhor, que nunca; foi de maneira, que era honrado já, & me lançavam bençoẽs, por onde hia.* Athe aqui suas palavras em huma carta pera os Irmaõs do Collegio de Coimbra; de muitas clausulas della se ve bem a grande bondade, & singeleza santa do Padre Nobrega, porque nelle foi columbina, & a prudencia de serpente, qual o Senhor a quer em seus discipulos.

17 Neste lugar meterei hum grãde

de exemplo de charidade, antes que com elle sayamos de Portugal. Indo de Coimbra pera o Porto, por ir mal disposto, lhe deram huã cavalgadura. Em huma villa, doze legoas do Porto encontrou em hum hospital huã negra enferma, que ali padecia muito, por nam ter, quem a levasse athe o Porto. O Padre a fes sobir na cavalgadura, em que hia, & elle assim indisposto andou a pè aquellas doze legoas.

CAPITULO III.

He o Padre Nobrega mandado ao Brasil: do que ali obrou este primeiro anno de sua chegada.

1 NEste tempo, que o Padre Nobrega discorria em missam na provincia da Beyra, determinou El-Rey Dom Joaõ o Terceiro cõ os Superiores da Cõpanhia mãdar Padres ao Brasil, assim pera ajudarẽ aos Portuguezes, como pera converter à nossa Fè os Brasiz. No anno de 1549 avendo de ir por primeiro Governador daquelle novo estado Thome de Sousa, pedio El-Rey lhe dessem pera ir com elle ao Padre Manoel de Nobrega, por aver de sua virtude, & letras cabal satisfaçaõ pera tudo, o que era do serviço de Deos, & do Del-Rey. Foi isto a tempo, que a frota estava a ponto de partir, & nam era possivel estar o Padre em Lisboa, pera nella se meter. Sendo tanto o aperto, nunca El-Rey quis aceitar outro em lugar do Padre Nobrega.

2 Por tanto se lhe fes avizo da vontade Del-Rey, & foi mandado vir a Lisboa. Partio o Governador de Lisboa ao primeiro de Fevereiro de 1549, levando comsigo alguns Padres, & Irmaõs, que hiam à obediencia do Padre Nobrega, pello qual ficara esperando a nao do Provedor mor Antonio Cardozo de Barros: nesta se embarcou o Padre, & foi alcançar a frota do Governador, do qual foi bem recebido.

3 No tempo, que durou a navegaçaõ, fez grande fruto em toda a nao Capitania, à qual se passou desterrando jogos, & juramentos, & fazendo muitos exercicios de devaçaõ, com os quais foi de muito proveito a todos os da nao. Nesta jornada tras a historia da nossa provincia, & della a do Brasil o cazo da cabeça de hum peixe, que dizia succedera com o Governador Thome de Souza, porem aconteceo noutra occasiam, & com outro. Fundouse o Padre Alvaro Lobo no q̃ lhe disseram, contara o nosso Padre Francisco de Araujo, o qual consultado, lhe respondeo em carta, que tenho na minha mam, feita em Fevereiro de 1606, que, como avia trinta annos, tinha fallado com Thome de Sousa em Alenquer, naõ estava tam firme no particular da cabeça do peyxe, mas que se elle o contara, ou fora por elle lho contar, ou algum Padre do Brasil.

4 No cartorio de Coimbra o achei escritto em hum papel, que denota boa antiguidade, pellas palavras seguintes: *O Padre Manoel de Nobrega, que morreo sendo Provincial no Brasil, foi homem de mui rara virtude, & santidade: contou delle hum cavalheiro chamado Pero de Goes, o qual sendo Capitam, ou Governador em aquellas partes, se confessava com o mesmo Padre, & era mui devoto seu. Tinha este senhor superstiçaõ de naõ comer cabeça de cousa viva à honra de Sam Joaõ Bautista, porque neste dia lhe tinhaõ acõtecido alguns desastres. Andando elle de armada, & indo o Padre ao vizitar ao mar, sẽdo horas de jãtar, lhe fez o Capitaõ força, q̃ comesse com elle, como fez; & trazendolhe hũa cabeça de hũ peixe estimado do Capitaõ, a pos elle, & deu*

ao mesmo Padre, nam a querendo comer; & fazendo o Padre força, que a comesse elle, lhe fes a saber o voto, que tinha feito; & logo porfiou, que a comesse, & nam curasse disso; o que nam querendo fazer, lhe prometteo, que dali por diante o faria. Chegandose o dia de Saõ Joaõ Bautista, que parece estava perto, ou era isto em sua vespora, lançou o Governador hum anzol ao mar, atando a linha no braço; & ferrando logo hum peixe do anzol, o levava com grande furia ao mar; tanto, que acodindolhe outra gente, se embrulhou o cordel no pescoço de hum marinheiro, & o apertou de tal maneira, que o ouvera de affogar, metendoselhe muito pella carne dentro. Emfim que tirando suavemente o cordel, veyo no anzol a cabeça de hum peixe, cortada como mo com huma faca. E daqui entendeo ser vontade de Deos, o que o Padre lhe tinha mandado, & ser superstiçaõ, o que fazia: & me contou isto por cousa milagroza, & que naõ podia acontecer acazo: & porque me contou isto, & outras muitas cousas de virtude do mesmo Padre, & eu assim lho ouvi, ponho aqui meu sinal. Diogo Guerreiro.

5 Estas as formais palavras do papel. Bem sei, que pera a substancia do cazo vai pouco, ser nesta, ou naquella occasiaõ, com este, ou com aquelle homem; mas quando se encontram as cousas com a certeza individual, que em si tem, naõ hâ porque a deixar. Este papel naõ veyo à maõ dos dittos escrittores; & fique logo aqui este cazo, posto que naõ seja deste lugar, mas porque nelle o trazem succedido com Thome de Souza nesta viagem do Reyno pera o Brasil.

6 De sua chegada ao Brasil, dis assim em huma sua carta pera o Padre Mestre Simaõ o Padre Nobrega. *Chegamos a esta Bahia a vinte, & nove dias do mes de Março de mil quinhentos quarenta, & nove. Andamos na viagem oito semanas. Achamos a terra de paz, & quarenta, ou sincoenta moradores na povoaçam, que antes era. Receberaõnos com alegria. Achamos huma maneira de Igreja, junto da qual logo nos apozẽtamos os Padres, & Irmãos em hũas cazas apar della, que nam foi pouca consolaçam pera nos, pera dizermos Missas, & confessarmos. E nisso nos occupamos agora. Confessase toda a gente da armada, digo, a que vinha nos outros navios; porque os nossos determinamos de os confessar na nao. O primeiro Domingo, que dissemos Missa, foi a quarta Dominga da quadragesima. Disse eu Missa sedo, & todos os Padres, & Irmãos confirmamos os votos, que tinhamos feitos, & outros de novo com muita devaçaõ, & conhecimento de Nosso Senhor, segundo pello exterior he licito conhecer. Eu prègo ao Governador, & à sua gente na nova cidade, q̃ se começa, & o Padre Navarra à gente da terra. Espero em Nosso Senhor fazerse fruto, posto que a gente da terra vive toda em peccado mortal. E nam hâ nenhum, que deixe de ter muitas negras, das quais estam cheyos de filhos, & he grande mal: nenhũ delles se vem confessar ainda; queira Nosso Senhor, que o façam depois.* Estas suas palavras, & vai dando conta dos Indios, & do que em seu bem se podia obrar.

7 Entrou o Padre Nobrega neste novo mundo com os Padres Leonardo Nunes, Joaõ de Alpiscueta Navarro, Antonio Pires, & com os Irmãos Vicente Rodrigues, & Diogo Jacome, todos elles homens de singular virtude, & dignos fundadores de huma taõ santa, & dilatada provincia. No que toca ao sitio da terra do Brasil, costumes dos naturais, ainda que aqui pareciam pedir alguma noticia, por serem cousas, que andaõ escrittas de muitos, naõ hâ, porq̃ deter

ter nisto. Só quero dizer de Santo Thome a noticia, que tẽ o Padre Nobrega; saõ suas palavras: *Dizem elles, que Santo Thome, aquem elles chamam Zome, passou por aqui. E isto lhes ficou por ditto de seus passados, & que suas pizadas estam sinaladas junto de hum rio, as quais eu fui ver por mais certeza da verdade, & vi com os proprios olhos quatro pizadas mui sinaladas com seus dedos, as quais algumas vezes cobre o rio, quando enche. Dizem tambem, que quando deixou estas pizadas, hia fogindo dos Indios, que o queriaõ frechar, & chegando ali se lhe abrira o rio, & passara pello meyo à outra parte sem se molhar, & dali foi pera a India. Assim mesmo contam, que quando o queriam frechar os Indios, as frechas se tornavam pera elles, & os matos lhe faziaõ caminho por onde passasse. Dizem tambem, que lhes prometteo, que avia de tornar outra ves a velos.* Noutra carta dis: *Tambem me contou pessoa fidedigna, que as raizes, de que cá se faz o paõ, que Santo Thome as deu, porque cá naõ tinham paõ nenhum, & isto se sabe da fama, que anda entre elles.* Athe aqui o Padre Nobrega. Desta materia tras cousas mui curiozas o Padre Vasconcellos na Historia do Brasil. Ouve nestes principios grande trabalho. Mudandose a outro lugar fizeram os Padres com suas proprias mãos humas pobres cazas de barro. Passaraõ muitas necessidades do temporal. Acodiaõ ao bem espiritual dos Portuguezes, em especial o Padre Nobrega os começou a ajudar com suas prègaçoẽs, & conselhos. Tratava mui familiarmente ao Governador, & a outros capitaẽs, & pessoas principais: todos pello muito respeito, que lhe tinham, se aproveitavam de sua conversaçaõ, tendo alguma maneira de oraçaõ mental, fazendo exame de consciencia pella ordem, que lhes dava. Todas as cousas de importancia tratavam com elle.

7 Tomou logo particular assumpto dos escravos naturais, que tinhaõ os Portuguezes moradores antigos da Bahia, fazendolhes ensinar a doutrina Christaã, & dizer huma Missa particular pera elles todos os Domingos, & dias Santos, o qual se introduzio por toda a Costa, por quanto nem antes, nem depois os Curas tratavaõ delles. Com isto se fez muito fruto em todo o Brasil. Por estes se começou a promulgaçaõ do Evangelho, porque em tanta cegueira estavam estes, como os Indios, que naõ eraõ cativos. A servidaõ os fazia estar mais à maõ aos Padres. Seus senhores se edificavaõ muito, & ajudavam obra tam santa.

9 Porem como o seu principal intento era a conversaõ dos Indios, de que avia infinitos no contorno da Bahia, & tinhaõ pazes com os Portuguezes, começou a tratalos, & denunciarlhes a fè. Vendo, que os pays como troncos velhos estavaõ mui indomitos em suas barbarias, lançou maõ dos filhos; foi ensinandolhes a doutrina: pouco a pouco se affeiçoaraõ, & bautizaraõ alguns, & depois delles tambem naquelle principio se bautizaraõ alguns dos pays, principalmente dos que moravam junto da cidade, onde chamaõ Monte Calvario, que foi nome posto pellos nossos, onde fizeraõ huma caza, & Igreja pequena, pera os tratar mais familiarmente, & lhes ganhar as vontades. Aqui se bautizaram muitos iñocentes, que logo depois do bautismo morreram.

10 Era mui introduzido naquelles barbaros comer carne humana, & assim aos inimigos tomados na guerra cevavam, & engordavam, & depois com grandes algazaras, & festas a seu modo os matavam, & comiaõ. Ouveraõ delles licença os Padres, pera instruirem na fè a estas

victimas da ſua gula, & aſſim antes de os matarem, bautizaram a muitos. Naõ ſe podia por entaõ evitar eſta carniçaria, por iſſo ſe contentavam com lhes acodir às almas. Naõ tardou muito o demonio em impedir eſte bem. Meteo na cabeça aos Indios, que o bautiſmo tirava o goſto às carnes. Levados deſta imaginaçaõ, revogaram a ſua licença, impedindo bautizar aos ſeus prezos. Entaõ os Padres buſcaram outra traça. Tinhaõ vigias, de quando ſe aviam de celebrar as ſuas ſolẽnidades; & como acazo procuravaõ acharſe no tal lugar, convidavaõſe, pera aſſiſtir a eſtas ſuas feſtas, couſa de que os Indios tinham grande vaidade. Com eſte pretexto, quando elles andavaõ embebidos nos ſeus feſtejos, & como deſcuidados de attentar ao prezo, ſe chegava algum Padre, davalhe huma noticia da fè, o que ſofria o aperto, & era o precizo, & fazendo, que pediſſe o bautiſmo, levando preparado o lenço, lho eſprimia na cabeça, & bautizava.

11 Hum grande impedimento pera a converſaõ dos Indios era certo feiticeiro, porque deſta caſta de homens vive aquella triſte gente mui dependente. Faziaſe o feiticeiro filho de Deos, ſenhor das tempeſtades, & trovoẽs, das doenças, & ſaude. Davaõlhe grandiſſimo credito, & nenhum cazo faziaõ do que era contra o ſeu ditto: o medo, que lhe tinhaõ, era eſtranho. Deſafiouo o Padre Nobrega, pera o convencer em publico terreiro, onde ſe ajuntaram infinitos barbaros a ver o eſpectaculo. Sahio elle mui arrogante, em companhia de muitos, batendo o pè, & fazendo outros menẽos a ſeu modo. Sahio pello contrario o Padre Nobrega, & perguntoulhe com imperio: quem lhe dera o poder, que fingia, ſendo elle hum homem como os mais? Reſpondeo com ſoberba, que elle tinha o poder de ſi meſmo, por ſer filho de Deos, que morava lâ ſobre os ares, entre os trovoẽs, onde ſeu pay lhe dizia o que avia de fazer. Entrou em fervor o Padre Nobrega, deulhe hum brado grande, & lhe eſtranhou a blasfemia com tanta authoridade, que o Indio lhe cahio aos pès, confeſſando ſer tudo mentira, & rogandolhe o fizeſſe ſeu diſcipulo.

12 Abraçouo o Padre Nobrega, fez huma pratica aos circunſtantes do ſeu erro. Doque reſultou converteremſe oitocentos dos que o ſeguiaõ. Depois de inſtruidos ſe bautizaram com grande ſolemnidade cem delles. Invejozo o demonio meteo em os bautizados tais enfermidades, que pareciam peſte. Logo os outros começaraõ a dizer, que aquillo lhe viera de ſe deixarem molhar do Padre, & que avia de durar muitos annos, & que todos aviaõ de morrer; que o remedio eſtava em fugirem dos Padres. Acodio a iſto o Padre Nobrega, empenhando ſua palavra, de que a doença em breve paſſaria: & aſſim foi, porque acodindoſe com o remedio da ſangria, couſa nova entre os barbaros, ceſſou a doença, & ficou mui acreditado o Padre.

13 Trabalhando o Padre Nobrega com ſeus companheiros no deſtrito da Bahia, teve novas, de que na Capitania de Saõ Vicente diſtante duzentas, & quarenta legoas, avia muita falta de doutrina, porque os Portuguezes viviaõ quaſi como gentios, cativavaõ por eſcravos os Indios, fazendo neſta materia grandes inſolencias, & infidelidades, pois indo muitas vezes contratar com os Indios, vindo elles a ſuas embarcaçoẽs como amigos, tanto que os tinhaõ dentro, davaõ à vela, & neſta forma os tomavam por eſcravos, & diſto avia muito.

14 Naõ obſtante ſerem os noſſos tam poucos, como era mui grande o coraçaõ do Padre Nobrega, mandou àquella miſſaõ dous de ſeus com-

companheiros, a ſaber o Padre Leonardo Nunes natural da villa de Saõ Vicente no Biſpado da Guarda, & ao Irmaõ Diogo Jacome. Partiram da Bahia dia de todos os Santos de 1549. Ali foraõ recebidos, & obrou o Padre Leonardo couſas mui glorioſas, como ſe dirâ em ſua vida.

CAPITULO IV.

De muitas obras do Padre Manoel de Nobrega, & como foi a diverſas regioẽs do Braſil, & do que nellas effeituou.

1 NO ſeguinte anno de 1550 lhe chegou do Reyno novo ſoccorro de operarios mandados por ordem de Noſſo Santo Patriarcha, que fazia ao Padre Nobrega Vice-Provincial do Braſil. Neſta occaſiaõ fez o Padre Nobrega algumas experiencias mui notaveis dos ſeus ſubditos: a mais admiravel foi no Padre Manoel de Paiva, aquem mandou vender em publico, ſendo pregoeiro o Padre Vicente Rodrigues, tomando por pretexto da venda a pobreza, em que ſe achavam os noſſos. Chegou iſto a tal extremo, que o povo ſe perſuadio era de veras, & ouve lançadores; athe que no dia, em que ſe avia de arrematar, o Padre Nobrega o deixou ficar em caza, & declarou aos amigos o eſpirito daquella fingida venda. Foi eſte Padre Paiva homem de rara virtude, como em ſua vida ſe dirà.

2 Huma das obras, que o Padre Nobrega fez neſte tempo, foi hum Seminario, em que ſe criaſſem mininos filhos dos Indios. Os Padres cõ ſuas mãos fizeraõ de barro as cazas, em que os agazalhar. Ali eraõ enſinados a ler, eſcrever, & contar, ajudar à Miſſa, & a doutrina Chriſtaã. Neſte tempo ſendo muita a ſeara, & os obreiros tam poucos, entre elles o Padre Vicente Rodrigues hia continuando com doença de hum anno. Vendo iſto o Padre Nobrega lhe diſſe hum dia com grande eſpirito: *Padre Vicente, o bem das almas tem neceſſidade de vos; por tanto vos ordeno em virtude de ſanta obediencia, lanceis fora eſſa doença, & vades acodir a noſſos miniſterios.* Foi couſa eſtupenda, que no meſmo ponto ficou o Padre ſaõ, & com ſuas forças, & começou a trabalhar, como ſe pot elle naõ tiveſſe paſſado taõ prolongada enfermidade.

3 No anno de 1551. tendo mandado dous obreiros à Capitania do Eſpirito Santo, ſe determinou elle em peſſoa ir a Pernambuco, que he huma das principais regioẽs do Braſil; levou por companheiro ao Padre Antonio Pires. A terra eſtava mui eſtragada de vicios: pera iſto ſe entender melhor, baſtaõ as palavras ſeguintes de huma carta do Padre Nobrega: *Os Clerigos deſta terra tem mais officio de demonios, que de Clerigos; porque alem de ſeu mao exemplo, & coſtumes, querem contrariar a doutrina de Chriſto, & dizem publicamente aos homens, que lhes he licito eſtar em peccado com ſuas negras, pois que ſam ſuas eſcravas, & que podem ter os ſalteados, pois que ſam caẽs, & outras couſas ſemelhantes, por eſcuſar ſeus peccados, & abominaçoẽs. De maneira, que nenhum demonio temos agora, que nos perſiga, ſenam eſtes. Querẽnos mal, porque lhes ſomos contrarios a ſeus maos coſtumes, & nam podem ſofrer, que digamos as Miſſas de graça em detrimento do ſeu intereſſe. Creyo, que ſenaõ fora pello favor, que temos do Governador, & principais da terra, & porque Deos naõ o quer permittir, que nos tiveram jâ tiradas as vidas.*

4 Bem ſe ve deſtas palavras, quais eram os Curas das almas, & quais ſeriam as almas curadas; pois a todos ſegundo a opiniaõ dos ſeus Curas era

licito usar mal de suas escravas, & cativar os Indios. Estes dous pontos deraõ muito que fazer ao santo varam. Os que estavam enredados com peccados tam horrendos se defendiam com a doutrina dos seus Clerigos, a qual julgavaõ elles lhes estava mais a conto, dizendo, que sem Indios, & Indias ficavam perdidos, & sem remedio.

5 Começou logo o Padre a batalhar contra estas enormidades, em que ouve muita emenda. Dos Clerigos teve o Padre tamanha perseguiçaõ, & dos q̃ se acostavam a elles, que se naõ foram reprimidos dos homens principais, que o abrigavam, ou seria morto, ou lançado fora da terra. Os Indios das aldeas o convidaraõ, pera que os fosse fazer Christãos. Instruio bem, & bautizou a cem delles, que pudessem ser como Mestres dos mais, por assim poder com melhor cõmodo acodir aos muitos, que se queriam converter. Depois de assentar o melhor, que pode, as cousas em Pernambuco, deixando ali o Padre seu companheiro, pera conservar, & levar adiante o que estava feito, se voltou à Bahia, aonde chegou em Março de mil quinhentos sincoenta, & dous.

6 Vendo elle, que os Brasiz se levavam muito do canto, fez ordenar em solfa as oraçoẽs, & mysterios da Fè, cousa de que muito os Indios gostavam, & teve este santo artificio effeitos mui notaveis; & aos mininos do Seminario, que as cantavam, tinham os Indios tanto respeito, que punham nelles os olhos, como em cousa sagrada.

7 No anno de 1553 indo o Governador Thome de Souza vizitar a Costa do Sul, foi com elle o Padre Nobrega, assim pera ajudar aos das naos, como pera vizitar os nossos Religiozos, que pera ali estavam em diversas partes. Indo pera Saõ Vicente, naõ longe do porto ouve hũa cruel tempestade, na qual se foi ao fundo o navio, em que hia o Padre Nobrega. Bem se ve o sentimento, q̃ averia em todos, sendo tam amado, & venerado por suas excellentes virtudes. Porem naõ quis o Senhor, que o tinha pera cousas grandes, que ali acabasse; com espanto de todos, & do mesmo Padre, por andar elle mui fraco, & naõ saber nadar, foi visto sobre as ondas com grande sossego, athe que huns Indios nadadores cortando as ondas o tomaram em braços, & puzeraõ em salvo em huma ilhota; onde o vieraõ buscar, & foi levado a Saõ Vicente com alegria taõ geral em todos, como se a cada hum lhe resuscitara seu pay.

8 Sahindo o Padre Nobrega desta tormenta no mar, teve outra na terra pera elle muito mais brava, & cruel. Foi o cazo, que os Padres, que ali assistiaõ, tinhaõ recolhido em caza alguns mistiços pera os ir provando, & se fossem capazes, metelos na Companhia; ou quando naõ, servirse delles pera interpretes. Estes, como naõ eraõ da Companhia, sahiam às vezes fora de caza, & a partes de roim sospeita. Certo Joaõ Ramalho homem rico, & perdido, grande inimigo dos Padres, & seus filhos tais como o pay, impuzeraõ sem alma, nem consciencia aos nossos o crime dos mistiços. Divulgaram no povo grandes roindades dos nossos. Foraõ accuzalos ao Padre Nobrega. Ouvio o Padre cuberto de pejo cousas tam fora de caminho; & respondeo aos accusadores, que faria justiça.

9 Naõ cria elle tais cousas de homens taõ santos, & sabia mui bem, quam malvados eram os accusadores. Querendo pois, que o mundo visse a innocencia de huns, & a malicia dos outros, mandou em primeiro lugar sahir de caza os Religiozos. Eraõ estes os Padres Manoel de Paiva, Francisco Pires, Manoel de Chaves, & alguns Irmãos. Poz o cazo diante do Vigario Geral, que em todo o ri-

rigor, tiraſſe devaça, & ſentenceaſſe: que ſe os da Companhia eraõ, quais os accuzadores diziaõ, nada eraõ de lucro à Cõpanhia, & por tanto ſe desfaria logo delles; & ſe eſtavaõ innocentes, viſſe o mundo a maldade dos accuſadores, & naõ tiveſſem outros afouteza pera infamar os ſervos de Deos, & impedir o fruto dos ſeus trabalhos. Feita exacta, & juridica inquiriçam, ſe achou eſtarem os noſſos innocentes, & ſe publicou a malicia daquelles homens.

10 Fez tambem o Padre Nobrega ſua inquiriçaõ, & achou, q̃ em verdade ouvera culpa em hum miſtiço, ao qual deu hum notavel caſtigo. Cõvencido elle, lhe encareceo o ſeu crime, & aggravo, que fizera à pureza da Companhia, em cuja caza eſtava, & lhe diſſe: *Irmaõ, hum tal peccado ſò ſe pode ſatisfazer ſendo enterrado vivo: confeſſaivos, cõmungai, & tende ſanta paciencia, que àmenhaã a tais horas vos hei de mandar abrir a ſepultura; haſe vos de cantar officio dos finados, dizer Miſſa dos defuntos, & heis de ſer enterrado vivo.* Como o Padre era tam efficas, & inteiro no que dizia, o moço ſe deu por concluido. Confeſſouſe, & cõmungou pera morrer. Fezſe ſinal com os ſinos, celebrouſe o officio, & a Miſſa de defuntos, eſtando amortalhado, & prezente o miſtiço. Paſmavam os Portuguezes, & Indios de couſa tam nova.

11 Acabado o officio, & ditto o ultimo reſponſorio, foi o triſte eſtendido na cova, & ſe lhe foi lançando alguma terra. Neſte paſſo o Irmaõ Pedro Correa, que ſó em ſegredo ſabia a intençaõ do Padre Nobrega, pedio com muitas lagrimas ao Padre tiveſſe compaixaõ daquelle miſeravel: ao Irmaõ ſeguiraõ todos os prezentes, a cujos rogos o Padre, que ſó queria meter horror no culpado, & avizo nos mais, ſe dobrou moſtrando niſſo grandes difficuldades. E logo dali o deu por deſpedido de caza, ordenando, que de tal caſta de gente nem pera o ſerviço domeſtico ſe admittiſſe algum em noſſas cazas.

12 Compoſtas aſſim as couſas neſta Capitania, determinou fazer hũa entrada ao interior do ſertam, pera fundar ali Chriſtandade, que ſe criaſſe ſem ter diante dos olhos os maos exẽplos dos Portuguezes. Soube deſtes intentos o Governador, & lhos impedio com boas rezoẽs. Com tudo avendo huma boa lingoa no Irmaõ Antonio Rodrigues, que entrara na Companhia, & antes eſtivera entre os Carijôz, entrou pella terra dentro couſa de quarenta legoas athe huma aldea por nome Maniçoba; onde fez Igreja, & Reſidencia, que cõtinuou alguns annos, & nella ouve muito ſerviço de Deos, concorrendo ali os Indios ao bom nome do Padre, que ſe divulgou pellas naçoẽs do ſertam, ſendo chamado entre os barbaros com o nome de Homem Santo.

13 Vendo o Padre quam grande porta ſe lhe abria neſta terra de Saõ Vicente, determinou deterſe nella mais tempo, & fazer vir mais obreiros da Bahia. Acodio o Senhor a eſtes ſeus deſignios, porque em Julho de 1553 com a frota, & novo Governador Dom Duarte da Coſta lhe vieram de Portugal ſette ſogeitos, dos quais era Superior o Padre Luis da Grã, Reytor que fora do Collegio de Coimbra, homem em tudo cabal. Nelles chegou o incõparavel varaõ, & Taumaturgo do novo mundo Jozeph de Anchieta, que ainda naõ era Sacerdote. Mandara o Padre Nobrega à Bahia, pera conduzir os novos obreiros ao Padre Leonardo Nunes. Eſte trouxe comſigo alguns, dos quais era hum o Irmaõ Jozeph de Anchieta. Neſta occaſiaõ veyo ao Padre Nobrega patente de Santo Ignacio, em que o fazia Provincial do Braſil, porque athe entaõ ſó governara com titulo de Vice-Provincial dependente

do de Portugal. Tambem lhe chegou licença, pera que elle, & o Padre Luis da Grã fizessem a profissam de quatro votos.

14 Achandose o Padre com este novo soccorro, por boas rezoẽs, & muitas conveniencias do bem das almas, que nisso avia, em Janeiro de 1554 mandou Padres, & Irmãos, q̃ dessem principio a hum Collegio nos campos de Piratininga distantes de Saõ Vicente doze, ou treze legoas, mui abastados de viveres pera o sustẽto humano, ainda que o caminho, por onde a elles se vai, he fragosissimo. Padeceraõ ali muito os nossos Religiozos em fundar esta nova Colonia, donde ao depois se recolheraõ frutos copiozos. Correo o Padre Nobrega grandes perigos em querer tirar daquelles barbaros o insaciavel appetite de comer carne humana; no que teve mui gloriozas vitorias. Nas partes de Saõ Vicente se deteve o Padre Nobrega athe os principios do anno de 1556, & deixando ali em seu lugar ao Padre Luis da Grã, que lhe era collateral no governo com iguais poderes, elle se voltou a ter cuidado das cousas na Bahia.

CAPITULO V.

De como foi causa de grandes augmẽtos da Christandade: como por suas oraçoẽs ouve o Governador grãdes vitorias. Cazo de hũa fõte milagroza. E outras cousas de grande serviço de Deos por meyo deste seu servo.

1 CHegou o Padre Manoel de Nobrega a tempo, que o Governador Dom Duarte tinha aquietado huma grande guerra, que os Indios lhe tinhaõ feito. Pediolhe, que reduzisse a aldeas os Indios novamente sogeitos, & aos que jâ eram Christãos em lugares accommodados, onde os Padres pudessem levantar Igrejas, & assistir com elles, pera nesta forma ir adiante a Christandade, sendo melhor, & mais à maõ o commodo de a cultivar. Fez o Governador quanto se lhe pedio. Formaraõse diversas aldeas. Poz nellas Padres, & Irmãos, & meteo escolas, em que se ensinassem os mininos. Creceo com isto notavelmente o ensino, porque os filhos bem industriados ensinavaõ a seus pays. O culto divino se adiantou muito, porque aprẽdiam solfa, & todos os instrumentos, com que se formavaõ coros de musica mui suaves, & concertados, com os quais os officios divinos se faziaõ com devaçaõ, & asseyo. Extinguiose o uso de comerem carne humana.

2 No anno de 1558 indo por Governador do estado Mem de Sâ, teve com elle o Padre Nobrega estreita amizade. Fez leis mui proveitozas ao bem dos Indios, como foraõ prohibirlhe aos confederados com nosco comerem carne humana; que naõ fizessem guerra, sem que elle, & seu conselho a approvasse; que vivessem em aldeas grandes, fizessem Igrejas, & cazas aos Padres, que os cultivassem. Estas leys attribuiraõ todos a influxo do Padre Nobrega. Fizeraõ a ellas muita resistencia os Portuguezes, dando muitas rezoẽs em bem do estado, chamandoas violentas, & occasiaõ de se porem em guerra os Indios, pois lhe queriaõ tirar seus innatos appetites. Resistio o Padre Nobrega, & desprezadas todas as dificuldades, se viraõ os dezejados effeitos. Formaraõse grandes aldeas, entrando os Padres a amansar estes tigres.

3 Tambem promulgou outra ley em favor dos Indios, que fossem postos em liberdade os que estavaõ em cativeiro injusto feitos escravos dos Portuguezes. Esta ley executada mui-

muito à risca causou nos Indios hum retiro das cousas prohibidas nas outras leys, vendo como o Governador attentava por sua liberdade. Succedeo neste tempo, que alguns Indios de outra naçam mui poderoza mataram, & comeram a tres dos nossos Indios das aldeas. Deraõ conta ao Governador, que ou os vingasse, ou que os deixasse ir vingar tamanha afronta. Mandou logo Mem de Sâ pedir os criminozos; respondeoselhe, que os fosse elle buscar. Aqui creceram as queixas do povo contra o Padre Nobrega; porem elle animou ao Governador com esperança certa da vitoria. Foi em pessoa a esta guerra, em que hia tambem o nosso Padre Antonio Rodrigues. Estavam innumeraveis inimigos entrincheirados em huma grande eminencia; ali os avançou Mem de Sâ, & desapossou do sitio com morte de muitos.

4 No dia seguinte foraõ os nossos rompendo caminho em demanda do restante do inimigo, abrindo caminho por densissimos arvoredos. Chegaram a certo posto, em que o principal de duzentas aldeas se tinha guarecido. Era o sitio formidavel assim pellas agoas, que o cingiaõ, como pella eminencia dos montes, quasi talhados a pique. Todas estas difficuldades se venceram. Foram entrados os inimigos, em que se fez brava matança. Estas vitorias fizeraõ mui respeitado a Mem de Sâ de todo o sertam do Brasil, & causaram veneraçaõ à pessoa do Padre Nobrega; pois viam com seus olhos, naõ ser vam a confiança, com que aos nossos promettera sahiriaõ vencedores nesta guerra, em que a honra, & serviço de Deos eraõ tam interessados. Foi o gosto, & a vitoria completa; quando tres dias depois de recolhido Mem de Sâ chegou à Bahia huma embarcaçaõ daquella gente, que vinha entregar os matadores, que foram a causa da guerra, & a pedir pazes, & que se reduziriaõ a aldeas, onde seriam ensinados dos Padres: cousa pera o Padre Nobrega de gosto inexplicavel.

5 Por este tempo padecia o Santo Varaõ muitos achaques, mas cõ nenhũs se rendia. Davalhe alento ver, que a gloria de Deos hia crecendo. Corria a pè com hum bordaõ na maõ estas aldeas de Indios. Em todos metia fervor. Pellos fins do anno de 1559 chegou patente de nosso Padre Geral Diogo Laynes, em que fazia Provincial dos nossos ao Padre Luis da Grã. Achavase mui enfermo o Padre Nobrega, & lançava sangue pella bocca. Ficou mui alegre, por se ver livre do pezo do governo, mas nem por isso se desobrigou de trabalhar, como se de todo estivera com suas forças.

6 Antes que passe adiante, quero dizer aqui huma grande merce de Deos, que na Residencia de Porto Seguro se alcançou do Ceo, em que teve boa parte a Fè do Padre Nobrega. Assistindo o nosso Padre Francisco Pires com outros nossos em Porto Seguro, fabricavam em hum monte huma Capella de Nossa Senhora da Ajuda. Ficavalhe mui longe a agoa assim pera a obra, como pera beber. Era precizo irem por ella ao baixo do valle pellas terras de hum morador, que nisso tinha payxam, dizendo, lhe devastavaõ suas fazendas. Formava por esta causa queixas contra a obra, & contra os nossos.

7 Affligiaõse os servos de Deos com o seu trabalho, & com o desassego do homem. Rogaram à Senhora lhes acodisse. Achavase ali o Padre Nobrega. Animouos, dizendolhe tivessem Fè, & se foi dizer Missa na Capella, que ainda estava por acabar. Cousa mui rara! no meyo do Sacrificio ouvem soar hum borbolham de agoa debaixo do altar, & dali por baixo da terra foi sahir junto a huma arvore perto da ermida. Ficaram consolados,

ſolados, & admirados com eſta eſtranheza. Eſta fonte, & ermida he no Braſil hum perẽne rio de favores do Ceo. & o Santuario de maior veneraçaõ naquellas terras athe o tempo prezente.

8 Corria o anno de 1560, & davam aos Portuguezes muito cuidado as couſas do Rio de Janeiro, porque tendo ali os annos antes entrado os Francezes, ſe hiam fortificando, & ſe naõ ſe acodiſſe a eſte mal, ſeguirſehia grande detrimento aos Portuguezes. Neſte anno chegou ordem da Rainha Dona Catherina, que governava na menor idade de ſeu neto Dom Sebaſtiaõ, a Mem de Sâ, puzeſſe todo o esforço, em lançar fora do Braſil aos Francezes. Tinha a empreza muitas difficuldades, parecendo termos pera ella pouco poder. Alem de outras conſultas, a de que Mem de Sâ fez mais cazo, foi o conſelho do Padre Nobrega, que lhe perſuadio a empreza, & quaſi ſegurou a vitoria

9 Apreſtou logo Mem de Sâ hũa armada de onze velas maiores, fora muitos barcos, & ſe fez na volta do Rio de Janeiro levando comſigo ao Padre Nobrega, cujo conſelho era pera elle como oraculo. Fora tambem parecer dos medicos, que o Padre mudaſſe de clima, & entendiaõ lhe ſeria mais favoravel o da Capitania de Saõ Vicente. Chegou ao Rio a armada, & logo Mem de Sâ fez ir ao Padre Nobrega pera Saõ Vicente, por vir fraco, & ter neceſſidade de remedios. O Padre ali fez artelhar hũ bergantim, & preparar algumas canoas cheyas de boa gente, que mandou ao Governador comboyadas por dous Irmãos da noſſa Companhia.

10 Foi aſſaltada com muito valor huma fortaleza, que tinhaõ os Francezes chamada Villagailhon; obra por natureza, & arte ao parecer inexpugnavel. Mas o valor de Mem de Sâ foi tanto, & taõ poderozas as oraçoẽs de ſeu amigo o Padre Nobrega, que a entrou com morte de muitos inimigos, & com a fugida de outros, que nos bateis ſe paſſaram a terra firme. Arrazouſe o que era obra da arte. Por entaõ com iſto ſe contentaraõ, porque o preſidiar tinha grandes inconvenientes.

11 Na volta deſcahio o Governador com a armada em Santos, diſtante duas legoas de Saõ Vicente, onde ſe vio com o Padre Nobrega, & lhe agradeceo o ſoccorro, & abaixo de Deos a vitoria. O Padre com eſtranha charidade agenceou provimento de mantimentos pera a armada. Acodio aos ſoldados enfermos. Tratou com Mem da Sâ ſobre couſas dos ſoldados, como litigios, & prizoẽs. Fez niſto tais obras de charidade com todos, que lhe naõ ſabiaõ outro nome, ſenam o de pay dos neceſſitados. Tambem conſeguio em bem dos naturais, da Companhia, & Del-Rey, que o Governador mandaſſe mudar a villa de Santo Andre pera Piratininga, & que o Collegio da Cõpanhia ſe paſſaſſe de Piratininga pera Saõ Vicente; onde ſe abriram os eſtudos, que depois ſe paſſaram, & hoje perſeveram no Rio de Janeiro.

12 Neſta occaſiaõ com o favor de Mem de Sâ fez o Padre abrir novo caminho de Saõ Vicente pera Piratininga em huma eſpaçoza montanha, porque no ordinario eram os paſſageiros aſſaltados, & comidos dos Tamoyos inimigos crueis do nome Portuguez. Por agencia de dous Irmãos noſſos engenhozos ſe abrio com grande trabalho eſte caminho, de que todos receberam grande ſegurança, & proveito.

13 Ainda que o Padre Nobrega eſtava jâ neſte tempo mui cortado dos trabalhos, & achaques, nem por iſſo ſe deſobrigava de trabalhar: diſcorria a pè encoſtado no ſeu bordaõ pellas aldeas, acodindo a todos com zelo incanſavel. Andava a terra mui de-

desenquieta com os continuos assaltos dos Tamoyos amigos dos Francezes do Rio de Janeiro, & inimigos capitais do nome Portuguez. Servia este continuo açoute de Deos como de avizo aos Christãos, que andassem sempre preparados pera a morte: a isso os exhortava o Padre, & naõ sem fruto.

14 Estando elle em Piratininga, deraõ os nossos hum assalto nos Tamoyos. Cativaram hum dos seus Capitaẽs grande salteador, & comedor dos nossos. Tendo receio alguns Portuguezes naõ escapasse, consentiram, que os Indios o matassem, & comessem; pera este fim lhe deram huma caza dentro na villa. Soube o Padre Nobrega em Piratininga esta desordem, & a sentio tanto, que escreveo aos Padres da villa de Saõ Vicente, sahissem disciplinandose pellas ruas publicas, em ordem a aplacar a ira de Deos. E que bradassem alto pedindo ao mesmo Senhor, tivesse misericordia daquelle povo, porque naõ viesse sobre elle seu açoute.

15 Naõ eram estas cousas somẽte pera terror, mas, como mostraram os effeitos, devia ter o servo de Deos algum avizo do Ceo, de quam indignado estava Deos contra os Portuguezes, & Christãos Brasiz daquella villa. Sobre ella veio doença como peste, que fez cruel estrago, & maior o fizera, se lhe nam acodissem os nossos ainda com os remedios corporais da sangria; exercicio, que naquellas terras lhes ensinou a charidade; & perguntado sobre elle Santo Ignacio, respondeo, que a tudo se estendia a charidade.

16 Alem da sobreditta disciplina, ordenou, que ouvesse oraçaõ nocturna continuada em caza, a qual era nesta forma. Tinha hum por relogio de area sua hora; acabada ella tomava hũa disciplina, & logo entregava o relogio a outro; nesta forma se hiam succedendo em toda a noite. Durou a oraçaõ em todo o tempo da quaresma. Sobre tudo ouve procissoẽs publicas pellas ruas. Com todas estas preces se entendeo, que Deos aplacara muito sua ira.

CAPITULO VI.

Da jornada, que o Padre Nobrega fez aos Tamoyos: do que ali passou, athe fazer paz entre elles, & os Portuguezes.

1 Continuava o Padre Nobrega na Capitania de Sam Vicente, na qual avia muito desasossego por causa das invasoẽs dos Tamoyos. Andavam estes em canoas muĩ esquipadas de remeiros, faziam crueis assaltos, & cativeiros. Entendia o Padre, que tudo era castigo de Deos por muitos desmanchos dos Portuguezes: gritava em pulpitos, & praças, ouvesse penitencia, porque Deos temperasse sua ira; pois os inimigos com os continuos assaltos tudo traziam assombrado, & entravam em consideraçam de se fazer por huma vez senhores de todo o paiz.

2 O cuidado do Padre era ver como se podia divertir tanto mal. Instava com Deos, & em suas oraçoẽs sentia dentro de si grandes impulsos de se meter entre aquelles barbaros ou pera fazer pazes entre elles, & os nossos; ou pera ali acabar nesta demanda seus cançados dias. Tratou este seu sentimento com os do governo: a todos pareceo bem, porque sem perigo seu poderiam conseguir, o que unicamente dezejavam; & quãdo nam ouvesse effeito, ficariam como estavam.

3 Nam era isto tanto prudencia humana, quanto disposiçam divina. O Santo Padre Jozeph de Anchieta disse, que dous annos inteiros tratara o Padre Nobrega com Deos este re-

requerimento. Correndo pois o anno de 1563, depois de renovados os votos na oitava da Paſchoa, ſe deſpedio dos mais Padres, & Irmãos, & tomãdo por cõpanheiro ao Padre Jozeph de Anchieta, que ainda era Irmaõ, ſe poz em caminho pera os Tamoyos. Levouos em huma ſua embarcaçam Franciſco Adorno Genovez homem rico da terra, & grande amigo da Companhia. Tendo partido a vinte, & hum de Abril, a quatro de Mayo do ditto anno chegaram às prayas do principal lugar dos Tamoyos.

4 Ao principio ſe aſſuſtaram, cuidando ſerem inimigos. Porem vẽdo os Padres, dos quais entre elles era couſa ſabida ſerem amigos dos Indios, fallandolhes o Padre Anchieta na ſua lingoa, tomaram confiança, & entraram na barca ſem algum çoçobro. No dia ſeguinte acodiraõ os principais, entendendo vinham a tratar de pazes. Deram por refens doze mancebos, que foram na barca pera Saõ Vicente, & elles levaram pera ſuas terras os Padres. Foram hoſpedados na caza de hum principal chamado Caoquira.

5 Primeiro que tudo armaram entre hum arvoredo huma Igreja cuberta de palmas: neſta ſe diſſe aos nove de Mayo a primeira Miſſa, que viram aquellas terras. Foi em acçaõ de graças pellos beneficios recebidos, & pera pedir a Deos o bom ſucceſſo de couſa tanto do ſeu ſerviço. Aſſim foram continuando com grande eſpanto dos Tamoyos: porque naõ avia ſino, a vozes chamavam os mininos, & mais gente, pera ouvir a Santa Doutrina, que o Padre Jozeph lhes explicava com frazes, & demonſtraçoẽs da ſua lingua, de que elles goſtavam tanto, que ſe a terra foſſe outra, ſegundo tomavam bem o que ſe lhes dizia, poderiam ſer bautizados muitos delles. Fazia nelles grande impreſſam o terror dos caſtigos, que diziam eſtar apparelhados aos maos, que comiam carne humana, & faziam outras maldades.

6 A meſma doutrina prègavaõ nas aldeas circumvizinhas. Tinhaõ os Tamoyos reſpeito aos Padres, & como os reconheciam por pays dos Indios, lhes deſcobriram ſeus ſegredos, dizendo o modo, com que tinhaõ diſpoſto a guerra, pera acabar com os Portuguezes; era eſte pôr duzentas canoas por mar; & por terra no meſmo tempo muitos mil arcos dos que habitavam as margens do rio Paraiba. Aqui viram os Padres o perigo da Capitania de Saõ Vicente, pois naõ avia nella poder, que pudeſſe reſiſtir a tanto apparato de guerra.

7 Logo ſe divulgou pellos Indios da Coſta a chegada dos Padres, & a cauſa de ſua vinda. Com eſta nova ſe alteraram os Indios do Rio de Janeiro, a quem a guerra ſervia mais, que a paz. De diverſas partes acodiram em ſuas canoas com intento de matar os Padres, & impedir as pazes. Chegou em primeiro lugar Ambirè amigo dos Francezes, & aparentado com elles, inimigo cruel do nome Portuguez. Trazia eſte bravo Tamoyo dez canoas todas a ponto de guerra. Em chegando tomou por melhor aſſaltar de noite os Padres, matalos, & tomar o barco, que os trouxera, o qual ainda naõ era partido.

8 Eſtando o barbaro neſte penſamento, ſe ajuntaraõ os principais da terra a tratar das pazes. Pareceo bem entrar no conſelho Ambirè. Aſſiſtio à junta com muitos Indios armados. Bem viram os Padres ſeu perigo, porem eſtavam mui confiados em Deos. Indo correndo os votos, o de Ambirè foi em primeiro lugar, que lhe aviaõ os noſſos de entregar tres Indios ſeus, pera os matar, & comer, porque lhe tinhaõ feito guerra com os Chriſtãos.

9 Depois de varios dares, & tomares,

mares, se acabou com Ambirè, que este ponto dos tres, que queria fossem entregues, se propuzesse aos principais da Capitania de Saõ Vicẽte. Vindo elle neste partido, quis ser o embaixador da proposta. Tomaraõ os Padres este conselho, pera meter tempo, o qual costuma em negocios intricados desfazer grandes embaraços, & descobrir novos caminhos. Os Padres escreveram aos principais de Saõ Vicente, que por nenhum cazo fizessem o que Ambirè requeria, ainda que elles ouvessem por isso de ser comidos dos Tamoyos, em cujo poder estavam. Fizeraõse em Saõ Vicente tam boas passagens a Ambirè, que depoz sua fereza, & se contentou com as rezoẽs, que lâ se lhe deram.

10 Apos este perigo veyo outro mais apertado. Andando ambos na praya viram, que vinha voando cõ trinta remeiros huma canoa, & nella certo Indio filho do principal da aldea, em que estavam os Padres; ficavam atras outras oito canoas desta sua esquadra. Os intentos eram matar os Padres, por serem, como dizia, perniciozos ao bem cõmum com as pazes, que intentavam. Dera ordẽ aos seus, que em chegando lançassem maõ dos Padres, que elle os mataria.

11 Vendo os Padres o fio, que trazia a canoa, sospeitaram o que poderia ser. A toda a pressa se foraõ recolhendo pera a aldea. Apressouse o Padre Nobrega, quanto pode, & mais do que pode athe passar a praya; no fim da qual avia hum ribeiro, que dava pella cinta. Nam tendo o Padre Nobrega tempo pera descalçar as botas, que trazia, por causa de muitas chagas, o Irmaõ Jozeph de Anchieta o tomou às costas, mas como ellas eram fracas, nam o podendo acabar de passar, deu o Padre comsigo no meyo do ribeiro, & passou todo ensopado em agoa. Apenas ouve tempo de se encobrirem no mato.

12 Como a aldea estava em hum outeiro alto, & o Padre nam podia ir por diante, tirou todo o fato, descalçouse, athe ficar em camiza. O Irmam, que todo estava molhado, tomou às costas o fato do Padre Nobrega, & começaram a andar: mas nem com isso o Padre podia ir, senaõ de vagar, & lançando a alma pella bocca. Vendo o Irmaõ seu trabalho, & que era impossivel daquella maneira chegar à aldea, lhe disse, que se escondessem no mato, athe passarem os Tamoyos, cujas vozes jâ se ouviam na praya. Neste aperto acodio Nosso Senhor, porque vindo da aldea hum Indio a poder de promessas acabou o Irmaõ com elle, que lhe ajudasse a levar o Padre. Assim meyo às costas, meyo puxando por hum bordam entrou na aldea mui pouco antes, que chegassem os da canoa.

13 Era isto em conjunçaõ, que ahi naõ estava o principal, que os abrigava, por se ver mais o evidente favor de Deos. Entrou o da canoa em caza de seu pay, que estava auzente; hum seu tio lhe deu conta das pazes. Naõ se deteve mais, que em quanto o Padre rezou Vesporas de Corpus Christi, que era no dia seguinte. Dissimulou o barbaro seus intentos, fallou com os Padres sobre as pazes, & se tornou quieto; confessou depois todo o proposito, com que viera do Rio de Janeiro, mas que em vendo aquelle velho, & ouvindo suas palavras, ficara fraco, & sem forças, & de todo mudado, dizendo, que semelhantes pessoas naõ vinhaõ com traiçaõ, & bem se podiam fiar dellas.

14 Os Indios destas aldeas principalmente o maioral desta chamado Pindobuçu, trataram largamente cõ o Padre & Irmaõ assim das pazes, como do seu modo de viver. Por tudo lhe perguntavam mui particularmente. Offereciaõlhes suas filhas, & Irmãs por mulheres, como costumavaõ

aos mais Christãos, quando tratavaõ com elles de pazes, porque tinham este uso por mais firmeza das mesmas pazes. Porem entendendo o modo de vida continente, que os Padres guardavaõ, ficavaõ espantados. Quasi incredulos nisto, lhe chegavam a perguntar pellos pensamentos, & dezejos, dizendo: *Nem quando vedes mulheres fermozas, naõ as dezejais?* A isto respondeo o Padre Nobrega mostrandolhes humas disciplinas, & dizendo: *Quando vem semelhantes pensamentos, & tentaçoẽs, acodimoslhe com este remedio.*

15 Ficaraõ com esta reposta mui espantados, & tinhaõ pera si, que os Padres fallavam com Deos, & que elle lhes descobria tudo, quanto passava. Este principal prègava assim aos da sua aldea, como aos do Rio de Janeiro, q̃ cõ seu filho hiam pera matar os Padres, que os Padres eraõ muito amados de Deos; q̃ se algũ aggravo se lhes fizesse, logo avia de vir mortãdade sobre elles. Cõ isto os maos se intimidavam, & o bom Indio lhes rogava pedissem a Deos por elle, jâ que os defendia, & fallava em seu favor.

16 Tratando das pazes dizia o bom velho aos Padres: *Antigamente fomos vossos amigos, & compadres; mas os vossos tiveram toda a culpa das nossas guerras, porque nos começaram a saltear, & tratar mal. Quando nos começamos a ter guerra com os Temiminos gente do Gato Grande, os vossos confiados na multidam de nossos inimigos, que eraõ muitos mais, que nos, & juntamente inimigos vossos, que tinham mortos muitos de vos outros, se meteram cõ elles contra nos; mas Deos ajudounos, & pudemos mais.*

17 Como o Padre Nobrega sabia ser tudo verdade, cada ves folgava mais de ter tomado entre mãos esta empreza, dezejando aplacar a ira de Deos contra os Portuguezes. Por isso quando tratava com elles nesta materia lhes dizia: *Porque sei, que Deos està irado contra os meus, pellos males, que vos tem feito, sendo vos seus amigos, vim cà a fazer pazes com vos outros, pera aplacar a Deos, & fazer, que perdoe aos meus, os quais da sua parte naõ ham de quebrar estas pazes: por isso trago eu câ minha cabeça, & de meu Irmaõ sem medo nenhum, porque trato verdade; mas se vos outros as quebrais, entẽdei, que a ira de Deos se hâ de virar contra vos outros, & aveis de ser destruidos de todo.*

18 Dizia estas cousas naõ como ameaças, & medo, que lhes quizesse meter, se naõ com tanta certeza, & firmeza, que parecia terlho Deos revelado. Elles assim o criaõ. Por tanto estes fronteiros nunca tornaraõ atras, antes quebrando as pazes os do Rio de Janeiro, & Cabo Frio, que era toda a multidam dos Tamoyos, estes se foraõ pera o sertam, pellos naõ ajudar contra os Portuguezes. A profecia do Padre Nobrega ficou tam cũprida nos demais, que toda aquella naçaõ por tempos foi destruida, excepto alguns, que no Rio de Janeiro se tornaram Christãos, & os descendentes dos Indios destas aldeas.

19 Esteve o Padre Nobrega com os Tamoyos quasi dous mezes. Nelles dizia Missa todos os dias. Ainda que o fazia muito antemenhaã, sempre madrugavaõ muitos Indios, & o hiam ver. A estes se dava conta do que era, conforme sua capacidade, & se lhes explicava a doutrina. Neste tẽpo jâ muitos do Rio de Janeiro caminhavaõ seguros pera Saõ Vicente, & estavaõ lâ alguns dias: por tanto parecendo jâ ao Capitaõ, que estavam as pazes fixas, mandou hum bergantim ao Padre Nobrega, em que se pudesse retirar.

20 Os Indios, como estavaõ ainda tenros, naõ consentiam em sua par-

partida, nem o Padre lhes fez instancia. Com tudo encõmendou a Deos o negocio, & pareceo ser mais necessaria sua prezença em Saõ Vicente ainda pera as mesmas pazes, em ordẽ a agazalhar os Tamoyos, que lâ fossem, & lhes tirar de todo algum resabio de medo. Portanto consentiraõ os Indios, que fosse só o Padre Nobrega, & ficasse o Irmaõ Anchieta, sabendo, que em quanto comsigo o tivessem, nam receberiam dano algum dos Portuguezes.

21 Naõ avia acabar com o Padre Nobrega irse, & deixar ali o Irmaõ só; mas em fim à instancia do mesmo Irmaõ se embarcou, & partio. No caminho padeceo huma noite tal tempestade, que jâ todos se davam por perdidos, & dous valentes mistiços tratavam entre si de levar o Padre à praya sobre huma escotilha; porem abrandando a tormenta, no fim de Junho chegou a Saõ Vicente. Cõ sua chegada se dava tal tratamento aos Tamoyos, que se deixavam estar lâ muitos dias, como em suas cazas. O Padre Nobrega os levou às aldeas dos Indios nossos discipulos, onde se abraçavam huns aos outros sem lembrança das guerras passadas. O mesmo se fazia em Piratininga, indo os Tamoyos do sertam muito seguros, tratando com muita paz com os Portuguezes, & com os nossos Indios.

22 O Irmaõ Anchieta ficou entre os Tamoyos, dizendolhe o Padre Nobrega, que quantos meyos se lhe offerecessem pera se poder ir, todos lhos deixava mandados. Detevese ali o Irmaõ quasi tres mezes, nos quais lhe succederam cousas mui notaveis, que se contam em sua prodigioza vida, & naõ sam deste lugar. Depois os mesmos Tamoyos o levaram a Saõ Vicente, onde chegou dia de Saõ Mattheus. Estas tam proveitozas pazes quebraram depois os Tamoyos do Rio de Janeiro, do qual se lhes originou sua destruiçam, & o principio da cidade, que ali tem hoje os Portuguezes, & o do nosso Collegio, que nella hâ. Aquelle bom Indio, que foi o amparo dos Padres entre os Tamoyos, em premio desta boa obra o fez Deos filho seu pello bautismo, & veyo a morrer como bom Christaõ.

CAPITULO VII.

Do grande zelo, que o Padre Nobrega teve na conquista do Rio de Janeiro, & do q̃ nisso passou, & como ali falleceo santamente.

1 AVendo em Portugal noticia do estado das cousas do Rio de Janeiro, entendendo os do governo, quanto convinha fazer ali cidade, & fortificaçam, mandou a Rainha Dona Catherina alguns galeoẽs, & por capitaõ delles a Estacio de Sâ sobrinho de Mem de Sâ, o qual sogeito em tudo às ordens do tio fosse povoar o Rio de Janeiro, & lançar de todo fora os Francezes. Nada mais dezejava Mem de Sâ. Aviou com presteza o sobrinho, & o despedio pera o Rio nos principios do anno de 1564, com regimento, que em tudo se regesse pello conselho do Padre Nobrega, & lhe obedecesse como a elle em pessoa, tendo pera si, que pello grande ser, que reconhecia no Padre Nobrega, teriam as cousas o dezejado acerto, como em verdade o tiveram.

2 Em chegando Estacio de Sâ ao Rio, despedio hum barco a Saõ Vicente a chamar o Padre Nobrega. Logo se embarcou com dous companheiros, & chegou ao Rio em Abril sesta feira da semana santa à meya noite com grande tempestade; onde correo evidente perigo de ser tomado dos Tamoyos, que tinhaõ jâ quebrado as pazes. Acodio Deos

neste aperto, porque amanhecendo vio entrar no porto a armada de Estacio de Sâ, que o Padre Nobrega imaginara estar dentro. Fora o cazo, que Estacio de Sâ cuidando pello que lhe dissera hum Tamoyo, que a Capitania de Saõ Vicente estava em guerra, & que esta era a causa da tardança do Padre Nobrega, se resolvera o dia antes a partir pera ella, & quis Deos, que o mesmo vento tempestuozo, que meteo ao Padre Nobrega dentro no rio, obrigou os galeoẽs a nelle se recolherem. Em que bem se vio o favor, que Deos fizera a todos, pois o Padre, por naõ poder sahir pera fora, seria tomado dos Tamoyos, & Estacio de Sâ faria a jornada de balde, porque nem Saõ Vicente estava em guerra, nem lâ acharia ao Padre Nobrega.

3 Em dia de Paschoa se disse Missa na Ilha dos Francezes, onde o Padre Nobrega fez huma pratica a todos, em que procurou tirarlhes o grande medo, que tinham dos Tamoyos, pello que delles tinhaõ experimentado. Exhortouos a confiar em Deos, cuja vontade era, que se povoasse o Rio. Ficaram todos mui animados. Ouve com tudo muitas difficuldades em continuar a empreza, assim por falta de canoas, sem as quais nada se podia obrar, como de mantimentos; & de tudo estava o inimigo mui pujante, como em paiz proprio. Por tanto assentaram irse refazer a Saõ Vicente, pera onde se partiram com boa viagem.

4 Estava a Capitania por causa das guerras passadas falta de mantimentos, por isso foi necessario mais tempo do que se cuidava, pera refazer a armada. Como os mais della tinhaõ pouca vontade de tornar ao Rio, & muita de ir pera suas cazas, naõ cessavam requerimentos, & inquietaçoẽs dissuadindo ao Capitaõ môr a empreza. O Padre Nobrega, como tinha por mui certo ser vontade de Deos esta empreza, & grandissima confiança, por naõ dizer certeza, que se avia de povoar o Rio, se poz contra todos com invencivel constancia, assim nas prègaçoẽs, como em praticas particulares. Hia muitas vezes de Sam Vicente a outra villa, que distava dahi duas legoas, onde estava o Capitam môr, a esforçalo, & animalo, ajudandoo em tudo. Por esta causa era murmurado de todos. Tanto, que chegava, logo começavam quasi em sua prezença a dizer: *Câ vem o tyranno, demonio, Pharaò, que nos tem quasi cativos.*

5 Estas cousas, & dittos fazia o Padre que naõ ouvia, continuando sem afroxar em nada; antes levou o Capitaõ môr com alguns dos mais honrados à nossa caza de Saõ Vicente, onde os agazalhou com todo o necessario alguns dias, instruindo o Capitaõ môr no que avia de fazer, dandolhe animo, tanto assim, que dizendo huma ves o Capitaõ: *Que cõta darei a Deos, & a El-Rey, se deitar a perder esta armada?* Lhe respondeo o Padre: *Eu darei conta a Deos de tudo, & se for necessario, irei diante Del-Rey a responder por vos.*

6 Naõ contente com isto, levouo com muitos dos seus a Piratininga, onde avia mais abundancia de mantimentos: ali os proveo muitos dias como de caza, & mandou mensageiros aos principais do sertaõ, que ainda estavam de guerra, dandolhes seguro da parte do Capitam môr, que viessem a fazer pazes. Elles vieraõ & as fizeram, & tornou a ficar o sertam quieto, como antes: donde se seguio tambem virem muitos a receber o santo bautismo.

7 A todos os moradores, que via com alento, incitava pera esta empreza. A outros, que podiam, por terem gente, & familia, emprestava dinheiros da esmola, que dava El-Rey

Rey à caza. A alguns grandes de outras Capitanias, que poderiam obrar muito na empreza, porque pretendiam escrupulos de consciencia com restituiçoẽs, que deviam antepor a outros gastos, levavaos a caza; ali os tinha com muito bom tratamẽto, confessavaos, davalhes remedio. Desta maneira andou o Santo Varam tendo maõ em todos. Mandaraõse juntamente alguns barcos à Bahia, & à Capitania do Espiriro Santo por mantimentos, fazendose outros na terra, & tambem canoas. Esforçou os mancebos mistiços, que eram valentes, & aos Indios. Todos lhe obedeciam. Nesta formà se moveram muitos, huns pera irem conquistar, outros pera ficar logo povoando.

8 Neste tempo naõ deixava de ajudar a todos, os que tinhaõ negocios, & culpas diante do Ouvidor geral, que tambem acompanhava o Capitam môr, fazendo dar remedio a todos, & promettendo perdoẽs da parte do Governador Mem de Sâ: tudo ao depois cumpria. Com ajuda de Deos, & zelo incansavel acabou de vencer todos os impedimentos, que difficultavaõ a jornada: ella se veyo a por em effeito no Janeiro seguinte de 1565 dia de Saõ Sebastiaõ, a quem logo tomaram por Padroeiro da empreza. Nesta armada mandou o Padre Nobrega a dous nossos o Padre Gonçalo de Oliveira, & Irmaõ Jozeph de Anchieta. Nos principios de Março lançou anchora junto às Ilhas vizinhas à barra do Rio de Janeiro, esperando athe chegar a Capitania, que vinha mais de vagar.

9 Ouve nesta guerra cousas mui notaveis, & toda ella foi cheya de prodigios, & favores do Ceo; em que bem se via pelejava ali Deos pellos Portuguezes, pera desempenhar a seu servo. Podem velas os curiozos no livro terceiro da primeira parte da Historia da nossa Provincia do Brasil. Durante esta conquista, mandou o Padre Nobrega ao Irmaõ Jozeph de Anchieta, que fosse tomar ordens à Bahia, & elle em pessoa acodio ao Rio de Janeiro; aonde de Saõ Vicente de continuo fazia acodir com bastimentos, & canoas, que de novo por sua agencia se armavam, em forma, que se pode bem dizer, que o muito, que ali tem o Reyno, se deve ao zelo deste Santo Padre.

10 Avendo na Bahia muito miudas noticias de todas estas cousas por relaçaõ do Padre Jozeph de Anchieta, & que ainda que os successos eram prosperos da nossa parte, por ser muito o inimigo ajudado dos Francezes, a guerra se dilataria mais, do que era conveniente, tomou resoluçaõ Mem de Sâ de passar com novo poder em pessoa, & acabar de huma ves com o inimigo. Em dezoito de Janeiro de 1567 entrou com huma boa armada pello rio. Logo no dia de Saõ Sebastiaõ deu com tal furia nos inimigos, que estavam bem fortificados, que os entrou, & desbaratou, & poz fim a tam porfiada guerra. Como naõ hâ gosto perfeito, ouve geral sentimento na perda de Estacio de Sâ, o qual no conflicto foi no rosto ferido com huma frecha, & desta ferida veyo a morrer dahi a hum mes. Era homem de tanta Christandade, que quando se tresladaraõ seus ossos, despediam de si hum cheiro suavissimo.

11 Achouse nesta conquista o Santo Varaõ Ignacio de Azevedo, que viera de Portugal por Vizitador do Brasil, & passara a estas partes com Mem de Sâ, & com grandes ansias de tratar ao Padre Nobrega. Por tanto acabada a conquista, partio pera Saõ Vicente em companhia do Bispo Dõ Pedro Leytam, & dos Padres Luis da Grã Provincial, & do Padre Jozeph de Anchieta. Naõ he explicavel o gosto, que ouve entre estes santos homens. Andava o Padre Nobrega mui gastado de trabalhos, annos,

annos, & enfermidades. Ali aſſentaram entre ſi a fundaçaõ de hum Collegio no Rio de Janeiro, conforme a vontade, & dote, que pera iſſo dava El-Rey Dom Sebaſtiaõ.

12 De Saõ Vicente voltou o Padre Vizitador ao Rio levando comſigo ao Padre Nobrega, que pois era pay daquella Provincia, o foſſe do novo Collegio, & ali como em doce remanſe grangeado com ſuas fadigas, & oraçoẽs paſſaſſe o reſtante de ſua canſada velhice. Neſta viagem ſuccedeo junto a huma paragem chamada Britioga, que ſahindo os quatro Padres a terra em hum batel pera dizerem Miſſa, ſe chegou ao batel huma balea aſſanhada, & eſteve a ponto de o meter no fundo; mas por oraçoẽs de tais ſervos de Deos, a tempo, que tinha a cauda levantada, pera deſcarregar no batel, ſe foi ſahindo ſem lhe fazer mal.

13 Chegando ao Rio acharam a Mem de Sâ dando ordem à nova cidade. Deu ſitio aos Padres pera o Collegio no lugar, que eſcolheram, & em nome Del-Rey, cuja era a fundaçaõ, lhes aſſinou dote pera ſincoenta Religiozos. Ficou o Padre Nobrega por Superior deſte novo Collegio, & das outras cazas, que avia pera aquellas partes. Mem de Sâ deixando por Capitaõ mor a ſeu ſobrinho Salvador Correa de Sâ, lhe ordenou ſe governaſſe pello conſelho do Padre Nobrega.

14 Andando o Padre diſpondo as couſas do Collegio, & ajudando a fundaçaõ da nova cidade, ſentio virſe chegando ſua ultima hora: padecia muitas enfermidades, com todas ellas naõ afroxava em ſeu zelo. Acodia aos Portuguezes com prègaçoẽs, dirigia ao Governador Salvador Correa de Sâ. Junto com iſto teve cuidado de doutrinar os Indios, que da Capitania do Eſpirito Santo tinhaõ vinà conquiſta. Fez, que ſe ajuntaſſem em huma grande aldea nas terras do Collegio, pellos ter mais quietos. Eſta aldea foi ſempre em grande augmento, & veyo a ſer huma valente defenſam da Cidade contra Tamoyos, Francezes, & Inglezes.

15 Paſſou no Rio o Padre Nobrega o reſtante de ſua vida, que foram tres annos, ſempre com muito trabalho; porque como era muito doente, & a terra nova, na qual ſe naõ ouzavam os moradores ainda eſtender com medo dos inimigos, avia muita falta do neceſſario pera o ſuſtẽto corporal. Os maiores mimos, que tinha, eraõ alguma eſmola, que lhe mandava o Superior de Saõ Vicente. E aſſim quis Noſſo Senhor, que o que toda a vida andou com tanto zelo, & cuidado ajuntando ſuſtentaçaõ pera todos os Irmãos do Braſil, no fim della carèceſſe de tudo abraçado com a Cruz da obediencia, que ali o deixou falto do corporal, mas mui cheyo de conſolaçoẽs eſpirituais.

16 Sentindo elle muito antes, que ſe lhe acabava a vida, aſſim o eſcreveo a Saõ Vicente. Quanto mais ſe lhe chegava o tempo, tanto mais ſe chegava a Deos, recolhendoſe com as meditaçoẽs de Santo Agoſtinho, & gaſtando muita parte do dia em colloquios, & ſuſpiros, porque era mui terno, devoto, & facil nas lagrimas. Dous dias, ou tres antes de ſeu fallecimento ſe andou pella cidade deſpedindo dos amigos, & devotos da Companhia: perguntandolhe elles, onde queria ir, pois naõ avia no porto embarcaçaõ? Reſpondia: *A' noſſa patria celeſtial.*

17 Sobrevieraõlhe humas grandes dores cauſadas do ſangue, que avia muito tempo ſe lhe naõ ſangrava. Cahio em cama, onde eſteve ſó hum, ou dous dias. Logo ſe preparou com os Sacramentos, que no tal aperto ſe coſtumam receber. Chamou hum Padre dandolhe muita preſſa, pera que logo o ungiſſe. Recebida a extrema unçaõ, diſſe a hum dos Padres, que diſ-

dissesse logo Missa, antes que elle espirasse, & o outro ficasse pera depois. Dahi a pouco espaço de tempo lançando hum pouco de sangue corrupto pella bocca deu seu espirito ao Senhor em dezoito de Outubro do anno de 1570, dia de Saõ Lucas, no qual dia elle nasceo. O Santo Padre Anchieta tem, que nelle entrara tambem na Companhia; mas o que disse no principio desta vida, he o que cōsta dos livros das entradas dos Noviços do Collegio de Coimbra.

18 Foi sua morte mui sentida, porque era como pay de toda aquella nova cidade do Rio de Janeiro, em cujo Collegio falleceo, & na sua Igreja foi sepultado entre as lagrimas de seus filhos, & dos seus Indios, & Portuguezes, que muito o amavam. Era este grande homem como pay universal das Christandades do Brasil, que vio copiozamente fundadas, & feitas numerozas aldeas de gente bruta trazida dos matos, onde vivia a modo de feras, & a vio cultivada com costumes Christãos. Agora direi com mais especialidade os exemplos de suas virtudes.

CAPITULO VIII.

Do amor, & charidade, que tinha a seus proximos, & aos inimigos.

1 ATHe agora fui seguindo hū como discurso da vida do Padre Nobrega, contando seus santos, & virtuozos empregos; agora referirei os exemplos das virtudes Christans, & Religiozas, que delle nos ficaram em memoria. Escreveoas o admiravel Padre Jozeph de Anchieta. Eu as quero contar em diversos capitulos com as palavras do mesmo Padre, que por serem suas, tem outro espirito mui diverso das minhas; & como sam cerceadas, naõ faram a liçaõ molesta. Escreve pois as virtudes do Padre Nobrega na forma seguinte.

2 A vida do Padre Manoel de Nobrega foi insigne, & tanto mais, quanto menos conhecida dos homens, os quais elle amava intimamēta, dezejando, & procurando a salvaçaõ de todos pera gloria de Deos, que elle cheyo de seu amor sobre tudo tinha diante dos olhos; pera dilataçaõ do qual, & conhecimento de seu nome, todo o Brasil lhe parecia pouco; o qual como dava pouco de si ao principio, pretendia, que fosse sua fè pregoada por outras regioẽs, que pareciaõ dar mais de si. Fazendo porem grande cazo do que tinha entre mãos, nisso se empregava todo, & alem do principal, que era a conversam dos Brasiz, em particular acodia a todas as necessidades espirituais, & temporais dos proximos com quanto podia, como se vio claramente em dar sua vida pella de muitos, pondoa na maõ dos Tamoyos, confiando muito, que a divina providencia tiraria disso pera os Portuguezes, & Brasiz muito fruto, que depois se seguio.

3 Era pay de dezamparados, fazendo cazar muitas orfans com esmolas, que lhes avia; & tirando dentre os Indios alguns filhos, & filhas dos Portuguezes, que lâ andavam perdidos do tempo antigo, & dandolhe vida. Alem dos pequenos, que tirava com tempo, & os fazia criar por pessoas virtuozas. Tinha mui especial charidade com os enfermos, acodindolhe com a pobreza, que avia em caza, & quando os vizitava, parecia, que se derretia com piedade, principalmente com os pobres Brasiz. Huma noite vindo chamar hum Padre pera hum homem, que estava quasi morto às estocadas, & sem falla, elle mesmo lhe foi acodir, & fazendolhe cozer as tripas, que tinha rotas, começando o ferido a fallar, tomou o Padre juramento de segredo ao

ao Surgiaõ, & a outro, que lho ajudava a curar; & logo diante delles o confessou, curandolhe a alma, em quanto elles curavaõ o corpo, o qual depois viveo.

4 Disselhe huma ves hum moço de caza, que na villa de Santos duas legoas de Saõ Vicente avia pranto: cuidou o Padre Nobrega, q̃ seria fallecido hum homem honrado, & rico, que de ordinario andava mal disposto, o qual posto que nos fazia algumas charidades, com tudo no tocante à sua consciencia era pouco nosso devoto, & mui afastado da confissaõ. Logo no outro dia lhe fez hum officio de defuntos de nove liçoẽs com muita solemnidade. Indo lâ hũ homem da ditta villa, perguntava, quem morrera, por quem faziam aquelle officio? E ouvindo, que por aquelle homem, disse elle: *Agora o deixo eu vivo, & saõ em sua caza.* Foilhe dizer o que o Padre Nobrega fizera. Ao que elle respondeo: *Quem isso me faz cuidando ser eu morto, sendo eu vivo, naõ quer herdar minha fazenda, mas dezeja a salvaçaõ de minha alma.*

5 Dali por diante deu tal volta à vida, que foi hum exemplo pera todos: tomou particular cuidado de prover os Padres, quando hiaõ prègar, & confessar àquella villa; ainda que se detivessem la muitos dias, cõtinuamente lhes mandava o jantar, & a cea de sua caza mui bem concertada, & às vezes por sua propria maõ, porque era solteiro. Quando lhe parecia, que eraõ horas, mandava logo hum escravo, que espreitasse os Padres, quando vinhaõ da Igreja de cõfessar, pera logo vir a provisaõ. Outras muitas obras de charidade, & virtude conta deste homem o Padre Anchieta, & naõ hâ porque aqui deter nellas; todas mostraõ bem a rara mudança, que fez em sua vida: por morte deixou parte de sua fazenda pera a nossa Igreja, que ali entam se edificava; parte à Mizericordia, & a outra parte aos pobres. Ouve neste homẽ, em quanto se naõ deu a Deos, soltura no vicio da luxuria; mas por respeito de Nossa Senhora nunca quis peccar com mulher, que tivesse o nome de Maria.

6 Com esta charidade, & benignidade, com que abraçava a todos, era muito amado dos bons, & mui severo, & rigorozo contra os vicios, & peccados. Os publicos publicamente os reprehendia assim nas prègaçoẽs, como em particular. Achouse huma vez em huma grave tormenta no mar, & hum marinheiro tomando a vela, começou: *A pezar de Saõ Lourenço.* Ouvio-o o Padre, & sahindo do camarote o reprehẽdeo asperamente fallandolhe por tu; & virandose ao Santo, posto de joelhos lhe disse: *Bemditto sejais vos, Senhor Saõ Lourenço, rogai a Deos, que naõ nos castigue pellas blasfemias, que disse contra vos este malditto.* Com o que o homem ficou castigado, & os mais, que o ouviram, amedrontados, & acodio Saõ Lourenço à pressa, em que estavam, com bonança.

7 Tendo avizado por vezes a hũ Clerigo escandalozo, como se naõ emendasse, sabendo o Padre estar com a occasiaõ do seu peccado, se foi à porta da caza, gritando a grandes vozes, que acodisse gente, que estavaõ ali crucificando a Christo. Acodio gente, & ficaram tam espantados os dous peccadores, que se apartaraõ, & cessou o escandalo.

8 Era acerrimo defensor da liberdade dos Brasiz, sem querer admittir à confissaõ algum, que nisso fosse culpado. Sentia sũmamente os roubos, & assaltos, que se faziaõ nelles: choravaos, bradava sobre isso publicamente, & pera remediar o que podia da sua parte, se meteo com os Tamoyos, como ditto he, pera fazer pazes com elles, & aplacar a justa ira de Deos contra os Portu-

guezes,

guezes, pellos muitos roubos, & mortes, que tinhaõ feito nelles. Com este zelo prègando diante do Capitaõ môr Estacio de Sâ, & de toda sua armada, que elle exhortava a povoarem o Rio de Janeiro, & aplacarem com penitencia a ira de Deos pellos roubos feitos aos Indios da Bahia, que foraõ gravissimos, cativandoos, & vendendoos, trouxe a historia dos Gabaonitas, que pediaõ sette da geraçaõ de Saul, pera enforcarem, & com isso se aplacar a ira de Deos; concluio com grande vehemencia: *Se agora tomassem sette destes ladroẽs salteadores, que tem destruido os pobres Indios da Bahia, & de toda a Costa, Nosso Senhor se aplacaria, & seria favoravel pera esta empreza, que queremos fazer.*

9 Estas, & outras semelhantes reprehensoẽs, & dezenganos sabiaõ mal aos culpados, & cubiçozos, principalmente porque em nenhuma maneira queria consentir em nenhum modo de cativeiro dos Brasiz, salvo nos que fossem tomados com guerra justa. E assim dizia muitas vezes: *Naõ posso acabar com minha sciencia, & consciencia approvar os remedios, que se buscam, pera cativar os Brasiz, ainda que venha da Meza da Consciencia, porque lâ naõ sam informados na verdade. Porque nunca se achou, que pay no Brasil vendesse filho verdadeiro, porque os amam grandissimamente. Os que dizem, que se vendem a si mesmos, fazemno ou porque naõ entendem, que cousa he vender a liberdade, ou induzidos com mentiras, & enganos, & às vezes com muitos açoutes (como confessam os mesmos lingoas do Brasil) & assim os pobres achandose alcançados, fogem, & antes querem ir a morrer por esses matos, & a maõs de inimigos, que sofrer o grave cativeiro, que tem.*

10 *Pois obrigalos a servir toda a vida com titulo de livres, he verdadeiro cativeiro, porque naõ tem mais, que o nome de liberdade, pois os deixam em testamento aos filhos, que os sirvam toda a sua vida, & assim os avaliam, & vendem como escravos, com titulo de lhes venderem somente o serviço. E quidquid sit de jure*, dizia elle, que *de facto* constava o contrario: pois os homens pervertiam os remedios, que se lhe buscavam, usando delles pera sua perdiçam; & se dous timoratos cumpriaõ as condiçoẽs, que se lhe punhaõ, a maior parte as naõ guardava; & finalmente os Padres letrados nisso se vem a resolver, ensinados pella experiencia.

11 Com tudo isto naõ deixava o Padre de buscar todo o remedio possivel a algumas pessoas, que lhe pediaõ pera restituiçaõ, & satisfaçaõ do passado. Porem pera o futuro nunca da sua parte quis abrir porta, pera se uzar de semelhantes remedios, que se buscavam pera os homens poderem ter serviços com boa consciencia, cõprando, & vendẽdo Indios livres, dos quais remedios dizia muitas vezes: *Praza a Deos, que por remediar os homens, nam nos vamos nos com elles ao Inferno.*

12 Era tam inteiro, que como se fundava diante de Deos em hũa verdade, bem se podia pòr todo o mundo contra elle, como foi nisto da liberdade dos Brasiz: em defender as fazendas dos Collegios, por serem bẽs da Igreja: sobre o qual era muitas vezes afrontado por palavras, & escrittos em repostas de feitos muito feios, que elle deixava passar sem nenhum sentimento, proseguindo com muita paz a justiça dos Collegios, & orando pellos injuriadores, & tratãdoos com muito maior amor. Em fazer com o Governador Mem de Sâ, que uzasse de força com os Indios da Bahia, pera se ajuntarem em aldeas grandes, & Igrejas, pera ouvirem a

palavra de Deos, contra o parecer, & vontade de todos os moradores; o qual depois ſe eſtẽdeo por toda a Coſta, que foi meyo unico da ſalvaçaõ de tantas almas, & propagaçaõ da Fè. E na conſtancia da povoaçam do Rio de Janeiro, que a experiencia tem moſtrado ſer elle movido com o eſpirito de Deos, & puro zelo do ſeu ſerviço, & ſalvaçaõ das almas.

13 Pera eſtas couſas procurava o remedio com Deos por continua oraçaõ, & dos Reys, principalmente Del-Rey Dom Joaõ o Terceiro, & de ſua mulher Dona Catherina por cartas; & El-Rey lhe eſcrevia mui familiarmente, encõmendandolhe a converſam dos gentios, & o mais tocante ao bom governo do Braſil, & que o avizaſſe de tudo, & aſſim mais faziam por huma carta do Padre Nobrega, que por muitas outras informaçoẽs, & inſtrumentos.

14 Por eſte ſeu grande zelo, & conſtancia era dos que mal viviam murmurado, perſeguido, & tido por tyranno, & algumas vezes afrontado com palavras, em auzencia, & prezença de peſſoas ainda baixas, & vis. Em hum certo tempo, porque o Padre eſtranhava muito em particular, & em publico hum cazo feio de hum poderozo, & entam Ouvidor da Capitania, que tinha tomado a mulher a hum pobre, comparandoo com o cazo de Herodes, ouve muito provavel ſoſpeita, & indicios, que ſe lhe maquinava a morte, & aſſim dizia elle aos Irmaõs: *Eu ſe ouver de ſer Martyr, hâ de ſer à mam dos noſſos Portuguezes Chriſtaõs, & nam dos Braſiz.*

16 Com tudo iſſo a todos acodia em ſuas neceſſidades, quando aviam miſter ſua ajuda. Entre eſtes foi o ſobreditto poderozo, que eſtando prezo, & indoſe jâ o Padre de Santos pera Sam Vicence deſpedido do Governador Mem de Sâ, que ſe embarcava, & o deixava por alguns cazos em poder do Capitam da terra, de que elle com rezam muito ſe temia, movido de compaixaõ tornou do caminho, & acabou com o Governador, que lhe deſſe remedio, porque depois de ſua partida nenhum lhe ficava, ſenaõ ſer muito vexado do Capitaõ.

CAPITULO IX.

Da charidade, que o Padre Nobrega tinha com os da Companhia, culto das couſas ſantas, devaçam, & lagrimas.

1 AO grande zelo da converſaõ dos Braſiz ajũtava outro, que lhe era conſequente, convẽ a ſaber, grandiſſimo cuidado, & diligencia de criar Irmãos da Companhia, que pudeſſem ſer inſtrumento deſta converſaõ. Por eſta cauſa ajuntava em caza moços pequenos miſtiços, & outros de todo Portuguezes naſcidos na terra, por ſerem lingoas. E trabalhava pellos fazer chegar athe onde alcançaſſe ſua habilidade, aſſim no eſpirito, como no eſtudo; & por nam deixar couſa por intentar pera eſte fim, determinava mandar a Portugal alguns de melhor indole, & habilidade, pera que de là vieſſem feitos bons obreiros, como em effeito mandou dous, que morreram na Companhia no Collegio de Coimbra.

2 Era pera com os Irmaõs muito benigno, & piedozo, & pellas entranhas de amor, comque os amava, ſempre conſervou a ſanta ſinceridade antiga de Coimbra, fallando a todos por vos: & alem de lhe ſer muito trabalhozo de pronunciar eſte nome *Padre*, pelo impedimento da lingua, parece, que o nome de *Irmaõ* lhe excitava mais amor, & aſſim aos meſmos Padres fallava por eſtes termos, dizendo: *Irmaõ, vos tal, & tal.* E poſto

posto que os homens de fora cuidavam, que tratava os Irmaõs asperamente pello zelo, que nelle conheciam, com tudo a benignidade passava sempre pella severidade pera com elles, assim nas reprehensoẽs, & penitencias, como nas praticas espirituais, que fazia a miude com muita suavidade, & lagrimas.

3 Com as mesmas entranhas de charidade procurava todo o possivel de conservar hum na Companhia depois de admittido, ainda que nam tivesse tãtas partes, & outros tivessem diverso parecer, confiando sempre em que naõ estava abbreviada a mam de Deos. Hum moço de boa habilidade tinha elle admittido, quando chegou a Sam Vicente o Padre Vizitador Ignacio de Azevedo, o qual querendoo despedir com parecer do Padre Provincial, & de outros, com tudo o Padre Nobrega com sua charidade intercedeo por elle, resignado porem na vontade, & parecer do Padre Vizitador, & tratou com elle, que o levasse pera a Bahia, porque lhe dava nosso Senhor particularmente boas esperanças delle. E assim foi, que procedeo sempre muito bem em tudo assim na virtude, como nas letras, chegando a ouvir o Curso, & alguma Theologia, & neste tempo lhe deu nosso Senhor bom fim na Companhia com edificaçaõ, consolaçaõ, & sentimento de todos.

4 Procurava, que ouvesse muito exercicio de oraçaõ mental, & vocal, & mortificaçaõ. Aos estudantes fazia rezar o officio Divino. Aos pequenos nam faltavaõ disciplinas, quando era necessario, que lhes mãdava dar, as quais acceitavam com muita humildade, & com ser a pobreza muita, & o comer muito fraco, faziaos jejuar os dias, que a Igreja manda; & ainda toda a quaresma, & pera tudo lhes dava forças nosso Senhor. Com o grande dezejo, que tinha de accrescentar a Companhia no Brasil, deitando os olhos ao longe com grande espirito de providencia, logo em chegando à Bahia houve terras, & algumas vacas pera fundaçaõ de Collegios, & o mesmo fez em Saõ Vicente, & depois no Rio de Janeyro; & ainda que a alguns dos nossos parecia sobeja solicitud, por serem poucos os Irmaõs daquelle tempo, dizia elle: *Nam sabeis, Irmaõs, o que dizeis; eu faço isto pera os que ham de vir, porque ainda ha de aver grande multidam de Padres, & Irmaõs no Brasil, que ajudem as almas.*

5 E bem se pode cuidar, que alẽ do espirito de providencia, foi isto mais particular lume de Deos, com quem elle conversava muito na oraçaõ, como tambem se vio em outras cousas, principalmente no cumprimẽto do que disse aos Tamoyos, que se quebravam as pazes, aviam de ser de todo destruidos. Tendo o Padre Vicente Rodrigues grandissimas, & quasi continuas dores de cabeça muitos annos sem remedio algum, lhe disse o Padre Nobrega: *Vos, Irmaõ, naõ aveis de sarar, senaõ quando vos faltar todo o necessario, & entaõ vos cairam os dentes.* E assim se cumprio, porque na missam, em que veyo acodir ao Rio de Janeiro no principio, onde se padeceo grandissima fome, & falta de tudo, sarou da cabeça, & começou a perder os dentes, sem lhe ficar senaõ dous, ou tres.

6 De maneira, que com a certeza, que tinha da multiplicaçaõ dos Irmaõs no Brasil, no principio em Piratininga, ainda que se padecia muita fome, mui raramente mandava matar alguma rez, em quanto eram poucas as vacas, peraque multiplicassem pera os vindouros. Bem mostra a experiencia o espirito de Deos, que o movia, porque ainda que os Collegios da Bahia, & Rio tem fundaçaõ Del-Rey, com tudo era impossivel sustentaremse com ella, se naõ foram as ter-

ras, & vacas, que o Padre Nobrega com tanta charidade foi grangeando, que he a melhor sustentaçaõ, que agora tem; comque se criam tantos Irmaõs, que fazem tantos serviços a Deos no Brasil.

7 No culto divino, aindaque faltavam ornamentos ricos, procurava ouvesse toda a perfeiçam. Dizia as Missas cantadas com toda a solemnidade com canto de orgam, & frautas por amor dos Indios, cujos filhos as ajudavam a officiar. Nunca deixava de lavar os pes aos Irmaõs à quinta feira santa publicamente na Igreja. Era tam zelozo de se prègar sempre a palavra de Deos, que athè aos Irmaõs, q̃ lhe pareciam pera isso, fazia prègar em Portuguez, & Brasil, ainda que nam fossem sacerdotes. Por este fim, & por impedir alguns abusos, que se faziaõ em autos nas Igrejas, fez hum anno com os principais da terra, que deixassem de reprezentar hum, que tinham, & mandoulhes fazer outro por hum Irmaõ, aque elle chamava prègaçaõ universal, porque alem de se reprezẽtar em muitas partes da Costa com muito fruto dos ouvintes, que com esta occasiaõ se confessavam, & cõmungavam, em particular em Sam Vicente; à fama delle, por ser parte na lingua do Brasil, se ajuntou quasi toda a Capitamia vespera da Circuncizam, & estandose reprezentando à noite no adro da Igreja, sobreveyo huma grande tempestade, pondose huma nuvem muito negra, & temerosa sobre o theatro, & começou a lãçar huãs gottas de agoa muito grossas, mas logo cessou a chuva, perseverando sempre a nuvem, athe que acabou a obra com muito silencio; & todos se recolheram quietamente a suas cazas, & entam descarregou com grandissima tormenta de vento, & chuva, & a gente movida com muita devaçam ganhou o jubileo, que era o principal intento da obra.

8 Dizia sempre Missa, & como era muito gago, gastava de ordinario nella huma hora, & ali se lhe cõmunicava muito nosso Senhor. Era mui solicito no rezar do officio Divino, no qual uzava sempre de companheiro pello mesmo impedimento da lingua; mas nam bastava isso pera deixar o officio da prègaçaõ, o qual exercitava vizitando as povoaçoẽs dos Portuguezes a miudo, ouvindo juntamente suas confissoẽs, & remediando a todos; & as de suas mulheres, filhos, escravos, & Indios livres ouvia por interprete, em quanto os Irmaõs linguas nam eram sacerdotes.

9 Era na prègaçaõ muito fervente, & suave, & por huma parte movia muito a compaixam os ouvintes pello trabalho, que nella tinha, por outra a devaçaõ. E nam era muito abranger aos outros, pois nelle era tanta, que bem se lhe sentia nas palavras affectuosas, nos suspiros, & colloquios com nosso Senhor, & lagrimas, as quais assim quando tratava com elle, como compadecendose dos proximos em suas afflições, facilmente derramava.

10 Algumas vezes estando em Piratininga com poucos Irmaõs mais afastado de negocios, se metia na sacristia com hum devoto amigo, que lhe tangia huã viola às portas fechadas; & elle entre tanto se estava desfazendo em lagrimas com muita serenidade. Quando deixou o Irmaõ companheiro entre os Tamoyos, indose pera S. Vicente, os Tamoyos, que lâ estavam muito quietos, huma noite, por lhes meter hum escravo em cabeça, que os queriam matar os Portuguezes, fugiram todos pera suas terras. Sabendo-o o Padre Nobrega, temendose, que lhe matariam lâ o Irmam, teve tanto sentimento, & lagrimas, que fes hum grande pranto cheyo de devaçaõ diante de nosso Senhor, & dos Irmaõs arremessado

sobre

sobre hum leito, dizendo entre outras cousas: *Ah meu Irmaõ, que vos deixei só entre inimigos, & naõ fui eu merecedor de morrer com vosco por amor de Christo.*

11 Isto era com tanta desconsolaçam, que nam bastara ao consolar senam o mesmo Deos, que ordenou, que daquella fugida se tornassem alguns principais pera Sam Vicente; com o qual se assegurou da vida do Irmaõ, & com tudo lhe escreveo huma carta sobre isso, cujo principio era: *Irmaõ, se ainda estais vivo.* Nos derradeiros annos, que andava ja muito fraco em Sam Vicente com as muitas doenças, que levou da Bahia, dormia hum pouco à noite, & o mais della gastava em oraçam, rezar o officio Divino, em cuidar, & traçar as cousas do governo, nam somente do tocante à Companhia, mas de tudo, o que entendia pertencer ao bem cõmum, pertendendo em tudo augmento da Christandade, & salvaçam das almas: & assim diziam delle pessoas graves, que era pera governar todo o mundo.

CAPITULO X.

Da exacçam, com que se ouve na guarda dos votos Religiozos.

1 NO tocante ao voto da castidade tinha especialissima vigilancia, engrandecendo muito a integridade, & pureza da Companhia tam conhecida, & louvada de todos nesta parte, & assim dizia muitas vezes com grande sentimento: *Mal-aventurado será aquelle, por quem se quebrar o sello virginal da castidade da Companhia.* Achandose huma ves no mar em huma grave tormenta, dizia, que huã das cousas, que mais o consolavam naquelle perigo, era a guarda do voto da castidade. Nisso todo o resguardo lhe parecia pouco, procurando, que toda a especie de mal ainda em cousas minimas se evitasse. E com isto fez, & faz nosso Senhor mui especiais merces aos verdadeiros filhos da Companhia nesta parte com nam pequena admiraçaõ, & louvor dos seculares.

2 O Padre Ignacio de Azevedo vendo as muitas, & mui propinquas occasiões, pellas quais, quasi por fogo, & agoa, passam os nossos por amor das almas com vitoria pella graça divina, dizia, que era milagre a castidade dos da Companhia no Brasil. Neste lugar tras o Padre Anchieta o castigo, que assima dissemos fizera no mistiço, que fingira quizera enterrar vivo. E logo dando graças a nosso Senhor, dizia: *Irmaõs, muito devemos a Deos, que nos nam tocou senaõ na roupa, sem chegar ao corpo, que saõ os Irmaõs, membros da Companhia.*

3 Como os Padres sacerdotes nam sabiam a lingua da terra, serviaõ os Irmaõs de interpretes pera as doutrinas, & prègaçoẽs, & confissoẽs ainda dos mistiços, mulheres, & filhos dos Portuguezes principalmente nas confissoẽs gerais, pera melhor se darem a entender, & ficarem satisfeitos. Aconteceo, que huma mulher cazada das mais graves da Villa, que fazia huma confissam geral com hum Irmaõ, que só entam ali avia, & tinha cargo da doutrina, veyo hum domingo à tarde a perguntar algumas duvidas nos confessionario, & estandoas tratando com elle, passou o marido pella Igreja acompanhado de muitos da Villa a tratar alguns negocios da Republica com o Padre Nobrega, & indose pera fora, lhe disse o que o acompanhava: *Senhor, como consentis, que vossa mulher esteja fallando com hum mancebo no confessionario?* Como o credito do Irmaõ era mui grande pera com todos, naõ fez elle cazo disso. Com tudo deu disso con-

tã

ta a sua mulher ficando muito satisfeito com sua reposta. Ella contou oque passara ao mesmo Irmaõ, & o Irmaõ sem mais detença ao Padre Nobrega.

4 Posto que elle tinha tanta satisfaçaõ do Irmaõ nisto, & em tudo o mais, como de sua propria pessoa, cõ tudo pello grande zelo, que tinha da limpeza da Cõpanhia nesta parte, alegrouse muito, & disselhe: *Oh Irmaõ, veionos Deos à ver com este avizo, naõ falleis mais com ella, nem com outras no confessionario, se naõ prezente o sacerdote, ou em publico na Igreja, como costumais a fallar, & ensinar à todos.* Finalmente naõ sofria nesta parte cousa, por pequena que fosse, procurando conforme a perfeiçaõ, que elle nisto tinha, que vivessem os Irmaõs com tanto resguardo, quanto demanda a castidade Angelica, que nosso Padre S. Ignacio de Loyola pede nas Constituiçoẽs.

5 Nam tinha menos zelo, & cuidado, que a obediencia dos subditos pera com os superiores fosse exacta em tudo, & da sua parte a ensinava com o exemplo. Em cousas graves esperava, quanto era possivel, reposta de Roma, ou Portugal, ainda que lhe parecesse, que as podia determinar per si. Quando, depois de muito tempo encõmendar o negocio a Deos, se resolveo de ir ao Rio da prata por terra, estava tam dependurado de querer saber a vontade de nosso Padre S. Ignacio de Loyola, que esperava lhe seria clara como o parecer do Padre Luis da Grã seu collateral, que estava auzente, que tinha prometido vinte Missas de alviçaras a quem lhe desse novas de sua chegada a Sam Vicente, & posto que estava jà pera se partir, por nam perder a occasiaõ boa, que entam tinha daquella gente Castelhana, principalmente peraque com sua prezença, & authoridade, que tinha com os Indios, os ajudar à passar pera suas terras a salvamento, com tudo deixava ordenado, que se chegasse o Padre Luis da Grã, o fossem chamar à muita pressa, ainda que fosse muitas legoas pello sertaõ dentro.

6 Como nosso Senhor ordenou, que no mesmo dia, que estava pera partir, lhe chegasse a nova, logo desistio de tudo athe se ver com elle. E chegandolhe o recado a Piratininga às nove, ou dez horas antes do meyo dia, logo no mesmo dia se partio pera o mar, sem querer deixar descansar o Irmaõ, que lho levava, & chegando a huma villa dahi a tres legoas a pouzar, lhe mandou fazer a doutrina aos Indios da terra. Ao seguinte dia andou mui grande, & aspero caminho a pè, & mais doque pareciam sofrer suas forças, & chegando quasi noite ao mar, se embarcou em huã pequena canoa de casca, pera passar huãs tres legoas, que avia athè a villa. Sobreveyo a noite com grande escuridade, tormentas, & chuva, & foi forçado recolherse a terra.

7 Estava ali hum homem poderozo pouco bem affecto ao Padre Nobrega, & que entaõ de fresco estava mui indignado contra elle; à caza deste se recolheo atinando com a porta às apalpadellas, confiando em Deos de o ganhar com isto, & tornalo a reconciliar, & disse ao Irmaõ seu companheiro: *Ide vos diante, & dizeilhe, que estou aqui, & faça elle o que quizer.* O homem ouvindo o recado, esquecido de seus aggravos, sahio logo fora acompanhado de seus escravos com muito lume, & levou o Padre nos braços, & o vestio com seus proprios vestidos, & o mesmo fes ao Irmam, agazalhandoos com muita charidade, & queixandose, por querer passar o Padre com tal tempo, estando ali sua caza, & dali por diante ficou grande amigo do Padre, & da Companhia, na qual depois o mesmo Padre lhe recebeo hum filho. Finalmente nam descansou athè o outro

dia,

dia se ver com o Padre Grã, & tratando com elle o negocio desfez logo toda a traça de sua ida ao Rio da prata, deixando seu proprio parecer, & seguindo o do Padre, que logo se persuadio, seria mais conforme à vontade de nosso Padre Santo Ignacio.

8 Ao Padre Luis da Grã seu collateral tratava com tanto respeito, & reverencia, como se fora seu Superior, naõ fazendo cousa de importancia sem seu parecer, & conselho, o qual facilmente tomava, & seguia. Depois que o Padre foi Provincial, a todos dava exemplo de obediencia. Pera elle bastava a minima significaçaõ da vontade do Padre Luis da Grã Provincial. Dezejou muito, & procurou, que hum Irmaõ prègasse em Portuguez: o Irmaõ escuzavase; finalmente vendose apertado, lhe respondeo: *O Padre Luis da Grã me disse à sua partida, que naõ era nada dos Irmaõs prègarem sem ordens por falta de authoridade.* Com isto se calou o Padre Nobrega, sem insistir mais, como que fora obediencia expressa, posto que tinha pera si, que nada faltava ao Irmaõ pera isso. Dahi a algum tempo foi necessario acodir o mesmo Irmaõ a prègar huma Payxaõ: ao qual, depois de a prègar, disse o Padre: *Vos aveis de dar conta a Deos, porque nam quizestes prègar athe agora.* E com tudo nunca mais o convidou pera isso, pello que tinha ditto do Padre Luis da Grã.

9 Nam era muito ter elle esta obediencia aos Superiores, porque era tam humilde, que aos mesmos subditos se sogeitava facilmente, seguindo o parecer delles, quando lhe davam boa rezaõ, & deixando o proprio. Estava elle muito determinado, quando se começou a povoaçaõ do Rio de Janeiro, de mandar hum Padre, & com elle hum Irmaõ por Superior; dissimulou o Irmam com isso por alguns dias, & depois de encõmendar a cousa a Deos, disse ao Padre Nobrega, que naõ devia mandalo por Superior, por algumas rezoẽs, que lhe deu. Ouvio-o o Padre, & cuidando nisso mudou logo o parecer, & despachandoos pera aquella missam, juntos os mais de caza, disse: *O Padre por ser Sacerdote, será Superior; mas lembrarsehà, pois o Irmam foi seu Mestre, do respeito, & reverencia, que se lhe deve ter, & de tomar seus conselhos.*

10 Tomava muito bem, & folgava, que os Irmãos fossem avizados de outros Padres, & Irmaõs, que lhe parecia o podiam fazer, ainda que fosse diante delle mesmo. Huma vez queixandose o Irmaõ Mestre da Grãmatica de si mesmo, porque diante delle os reprehendia algumas vezes: respondeolhe o Padre: *Fazeio assim. Irmaõ, fazei; folgo muito, que nisso me ajudais.* Quando se achava alguns tempos só sem Sacerdote, confessavase com algum Irmaõ, dezejando descobrir suas faltas, & ser reprehendido, & recebia delle a absolviçaõ geral da Missa. Huma vez com este espirito de humildade praticando com os Padres, & Irmaõs em hum repouzo, disse: *Daqui por diante quero ter dous confessores, hum Padre, que me absolva, & hum Irmaõ, que me reprehenda.*

11 No tratamento pessoal era necessario terem cuidado delle, porque elle o naõ tinha de si. Seguia sempre a cõmunidade sem singularidade alguma, salvo pera mais estreiteza. Era de pouco comer; & ainda que de compleiçaõ delicada, nenhũ trabalho receava, como andar sempre a pè por caminhos muito asperos de mattos, & serras com grandes frios, chuvas, & alagadiços. E às vezes por naõ poder com o pezo da roupeta, caminhava sem ella, por escuzar ser levado às costas alheas. Seu vestido era o peor, & naõ podia trazer roupa nova, senaõ velha, & remendada, & sem uso de manteo, porque

que entaõ pella muita pobreza o naõ avia.

12 Quando andava fora de caza, de toda a pessoa, que lhe offerecia a pouzada, a aceitava de boa vontade, & jãtava, & dormia ahi todo o tempo, que era necessario, assim por ser esmola, como porque com isso ganhava as vontades a todos; a huns pera se tirarẽ do mao estado, & a outros pera no seu viverem conforme a Ley de Deos, & serẽ mais promptos pera boas obras. Em especial usava disto com hum Vigario muito velho, & honrado, que conformava pouco com o proceder da Companhia no governo de suas ovelhas, que achavam nelle refugio pera suas consciencias com pouco escrupulo da verdade, que dos Padres ouviam, & criaõ. Com este pouzava muitas vezes, & recebia suas esmolas, advertindoo do que tocava à sua consciencia, & de suas o velhas. E tendo elle alguns tempos impedimentos de enfermidade, & outros suppria o Padre Nobrega por si, & pellos Padres nas Missas, & em tudo o mais por elle, & depois pondolhe embargo em sua paga pellos officiais Del-Rey, lhe fez pagar tudo.

13 Com estas boas obras o Vigario se chegava cada ves mais aos Padres, athe que ja no cabo da vida fez huma confissaõ geral com hum delles, & por seu conselho deixou muitos mezes de dizer Missa, por ser tremulo pella muita velhice, & fazer o mais do seu officio, deixãdo tudo aos Padres, & com isto acabou em paz com muita edificaçam de todas suas o velhas, que com esta occaziaõ se deixavam tambem reger pellos da Companhia. Era o Padre Nobrega em suas enfermidades muito paciente, dando pouca occupaçam, & trabalho aos Irmãos, & como sua ultima idade foi huma continua doença, esta passou alguns annos com muita falta de remedios temporais. E abraçado com esta pobreza deu cõ muita paz seu espirito ao Senhor. Athe aqui a narraçam das virtudes do Padre Nobrega com as mesmas palavras do Santo Padre Anchieta, dignissimo discipulo de tal Mestre.

14 Na materia de sua pobreza tras o nosso Padre Simaõ de Vasconcellos, que na Bahia nam tendo muitas vezes camiza, que vestir, & succedendo nesse tempo vir a nossa caza o Governador Mem de Sâ, o Padre Nobrega punha no pescoço hum lenço, com que dissimulava a falta da camiza, & costumava chamar por graça a este lẽço a sua hypocresia. As alfayas do seu uso todas eraõ a mesma pobreza. Em tudo foi este Santo Padre homem grande. Sua vida escrevem muitos Authores, em especial o nosso Padre Simaõ de Vasconcellos na primeira parte da Historia da nossa Provincia do Brasil, & o Santo Varaõ Jozeph de Anchieta na Relaçam dos principios daquella Provincia, cujo treslado trazido a este Reyno pello Padre Fernaõ Cardim temos em o nosso cartorio de Coimbra, onde tambem ha muitas cartas do Padre Nobrega, que escrevia a esta Provincia das cousas do Brasil. De todos estes documentos me aproveitei pera esta narraçaõ, a qual he sô hum como indice de quam grande foi o Padre Manoel de Nobrega.

15 Quero acabar com hum paragrapho de huma carta do Irmaõ Ambrosio Pires sobre o que lhe dissera certo homem, que lhe trouxera carta do Padre Nobrega, quando assistia em Saõ Vicente, que certo me fez devaçam a primeira ves, que o li: he o seguinte: *Quẽ me estes dias passados deu a carta do Padre, em que me manda ir à Bahia, he huma pessoa devota, & conversava com os Padres mysticamente. Quisme informar delle da vida dos Irmãos, & Padres. E contouma elle de maneira, com vam ser mui rhetorico, que eu*

eu dezejei mais, que o ouvirão a elle contar, que escrever o que elle me disse. Eu lhe perguntava por sua maneira de vida, & elle me contou sua maneira de morte; disseme, que os Irmãos erão humas mortes vivas, ou humas vidas mortas. Disseme: Oh Padre, se visseis os Padres, que andaõ em São Vicente por esses matos, & campos. Se visseis o Nobrega, que he o seu Superior, verieis hum homem, que o naõ parece, & hum homem de engonços, & de pelle, & ossos. Hum rosto de cera amarella, ainda que muito alegre sempre, & cheyo de rizo; huns olhos sumidos, com hum vestido, que naõ sabeis se o foi alguma hora, os pes descalços, esfolados do Sol. Seu comer sam suspiros, seu beber lagrimas pella conversam dos infieis, & pella mâ vida dos Christaõs, mais infieis nas obras, que elles. Pera sustentar o corpo, seu manjar he aboboras de Guinê cozidas em agoa, & quando lhe fazem alguma festa, deitaõ lhe sumo de laranja: a farinha vemlhe de longe, primeiro he podre, que comida. Se com isto visseis sua affabilidade, alegria espiritual, & charidade dentro, & fora de caza. Se visseis seus compridos caminhos com poucos alforges, & borsoletes, porque a sua mula naõ pode com elles, ainda que vazios: o passar dos rios, alagoas, lamas, matos sẽ caminho, fomes, sedes nos despovoados, os perigos das onças, & bichos; & bichos, q̃ suspiraõ mais por carne humana, q̃ lobos por cordeiros. O cuidado de vizitar agora a hũs, & agora a outros Irmaõs, que tẽ postos entre os Indios tam longe huns dos outros, & que elle tanto ama, & com que tanto se consola. Oh Padre, vos verieis, quam boa vida câ levais ao longo do mar, & rogarieis a Deos, que vos fizesse companheiro dos trabalhos, pois he certo, que o quereis ser das consolaçoẽs, & da gloria.

CAPITULO XI.

Vida do Padre Leonardo Nunes Missionario do Brasil.

No mar aos 30 de Junho de 1554.

1 O Padre Leonardo Nunes nasceo na villa de Saõ Vicente no Bispado da Guarda. Seus pays se chamaram Simaõ Alvres, & Izabel Fernandes. Entrou na Companhia em Coimbra aos seis de Fevereiro de 1548. Indo por companheiro do Padre Belchior Carneiro, que depois foi Bispo, prègar a Santo Antam de Benespera, Igreja do Collegio de Coimbra no Bispado da Guarda, em quanto ali estiveram, hiam ao matto cortar lenha pera o seu uso, & a traziam às costas. Passando o Padre Leonardo por sua patria, andou pedindo esmola pellas portas tam roto, que seus parentes se envergonhavam, & fugiam de se encontrar com elle. Logo no Fevereiro do anno seguinte à sua entrada passou ao Brasil em companhia do Padre Manoel de Nobrega, aonde chegou aos vinte, & nove de Março do mesmo anno. Estavam as cousas do Brasil mui estragadas no que toca aos bons costumes, porque os Christãos viviam quasi como gentios. Neste mesmo anno vindo novas à Bahia, quanta falta de doutrina avia na Capitania de Sam Vicente distante ao sul da Bahia como duzentas, & quarenta legoas, tratou o Padre Nobrega de lhe acodir, nam obstante serem mui poucos os obreiros, com que viera, pois naõ foram mais, que sinco, & com elle por todos eraõ só seis; & a Bahia, & seu destrito estava tal, que muitas duzias teriaõ bem que desbastar em tanto mato, & tam bravio.

2 Com tudo, como era homem de grande coraçam, & ainda com muito naõ abafava, enviou àquella Capitania ao Padre Leonardo Nunes, & ao

Irmam Diogo Jacome, que comsigo trouxera de Portugal. Partiraõ da Bahia em dia de todos os Santos do mesmo anno. De caminho na Capitania do Espirito Santo se recebeo por Irmam Mattheus Nogueira de officio ferreiro, & o levaram comsigo. Em São Vicente foram recebidos com grande devaçam dos moradores da terra. Huns lhe beijavam o bordam, outros a roupa pella grande fama, que jâ entre elles avia dos da Companhia.

3 Esta Capitania (assim chamaõ no Brasil a certo destrito de terras, que por distribuiçam deram os Reys a diversos Capitaẽs, pera as povoarẽ) foi das mais antigas, que se povoaraõ no Brasil; tinha alguns sinco lugares de Portuguezes, os quais viviam taõ mal, como os mesmos Brasiz; assim cazados, como solteiros tinhaõ muitas Indias por concubinas, como se fossem Mouros, ou Gentios. Nam faziam cazo de quaresma, nem de outros dias, em que he prohibido comer carne; esta comiam ainda em dia de Cinza. Como alguns Sacerdotes, que avia, viviam da mesma maneira, nam avia ali quem ensinasse a verdade.

4 Neste mato tam inculto, & serrado entrou o Padre Leonardo cõ grande confiança em Deos. Com suas prègaçoẽs, & vida exemplar os começou a mover, & trazer a tal cõfusaõ de seus peccados, que os mais trabalhavam por se apartar delles, huns cazandose com as Indias, que tinham por mancebas, outros apartandose dellas, & buscandolhes maridos, outros vivendo bem no seu estado matrimonial, todos com grãde espanto de si mesmos, vendo a cegueira, em que viviam; porque avia pessoas, que em trinta, & quarenta annos se naõ tinham confessado, estando publicamente em peccado mortal. Todos diziam, que se naõ fora lâ a Companhia, a terra se ouvera de soverter. Ainda que em todos aquelles lugares ouve grande mudança de costumes, especialmente mostraram sua devaçam os moradores da Villa de Saõ Vicente, que era a cabeça da quella Capitania. Agazalharam o Padre dandolhe caza, & fazendo Igreja. Era tanto o fervor, que os principais da terra traziam às costas a madeira, que na Igreja avia de servir; ajudavaõnos com suas esmolas, das quais o Padre, & Irmãos viviam. Cõfessavaõse cada oito, & quinze dias os que antes naõ sabiaõ, que cousa fosse confissaõ.

6 Avia naquelle tempo por toda a costa do Brasil alguns Indios, que chamam Carijôz, que foram salteados dos Portuguezes, & postos em cativeiro. O Padre Leonardo Nunes foi o primeiro, que os começou a pôr em liberdade com poder do Governador Thome de Souza, & por mandado do Padre Manoel de Nobrega, que sempre foi mui zelozo da liberdade dos Indios Brasiz, pera tambem com isso remediar as consciencias dos Portuguezes. Pertendia elle, que estes Carijôz fossem levados pello Padre à sua terra, pera com elles começar a prègar a Fè aos da sua naçaõ, que tinham fama de muita bondade, & docilidade pera a receber, mais que os outros da Costa do Brasil.

7 Nam ouve por entaõ modo pera effeituar esta missaõ, & assim ficaram os Carijóz vivendo na terra em sua liberdadede debaixo da doutrina dos Padres, & pello tempo adiante foram de grande proveito pera a conversam dos Gentios. Tendo o Padre Leonardo Nunes tirado a muitos Indios da escravidam, lhe ordenou o Padre Nobrega, que elle em pessoa os levasse a suas terras. Fez esta jornada por mar com muito trabalho, & perigos, & nella muito fruto: tudo dis em huma carta sua, da qual quero aqui meter hum pedaço, porque se veja melhor o incansàvel zelo deste

deste grande Missionario.

8 *Avia*, dis a carta, *entre outros males hum em os Christãos mui arraigado, & mao de arrancar por suas cobiças, & interesses, o qual era ter muitos Indios injustamente cativos, porque os hiam saltear a outras terras, & com manhas, & enganos os cativavam. Trabalhando eu muito por isto, pera os tirar da maõ dos Christãos, pois sem peccado os nam podiam ter, alguns por descargo de suas consciencias os deixavaõ livres, & mos entregavam. Ordenou o Padre Nobrega, que eu os levasse a suas terras, & assim me embarquei com elles. Na primeira jornada desembarcamos na Capitania de Porto Seguro, onde achei o povo mui revolto. Estava tudo certo em ponto de se perder, se Nosso Senhor por sua misericordia nos nam soccorrera, trazendoos a paz, & concordia. Pera o qual quis Nosso Senhor movelos de tal maneira, que os mais delles se perdoaram publicamente, & ficaraõ mui amigos.*

9 *Tornando a embarcar, fomos dar em o porto do Espirito Santo. Desembarcando, nos veyo a receber alguma gente da terra, com a qual vinha o Vigario desta Capitania. Por morogar muito, & tambem por nam aver hospital na terra, fui pouzar com elle. Ao domingo seguinte preguei, de que foram todos mui consolados, porque nunca tal cousa ali tiveram. Nesta Capitania a maior parte da gente estava em peccado. Quis Nosso Senhor, que com minha chegada se começassem a mover de maneira, que em pouco tempo obrou o Senhor muito em muitas almas. Andavam mui consolados, & me queriam por força deter, que nam passasse adiante.*

10 *Vendo eu a necessidade, que tinham, & por alguns embaraços, que succederam aos do navio, me detive com elles hum mes. Fis nove, ou des sermoẽs, & ouvi quarenta confissoẽs, & se apartaram muitos de peccado mortal. Continuavam com grãdes dezejos a doutrina, trabalhavaõ muito pella aprender, & diziam hũs aos outros: Este he o verdadeiro, que Deos manda, pois que nam busca interesse, senam ensinar a todos de graça as cousas de Deos. Diziam outras muitas cousas, que ouvindoas me confundia, pois naõ era capas dellas. Quando veyo a derradeira noite, em que me avia de despedir delles, encõmendeilhes, que sempre perseverassem, como athe ali aviam feito, que o Padre Vigario os ensinaria, como eu, porque mo tinha assim promettido.*

11 *Com tudo isto ficaram mui desconsolados os escravos pello amor, que jà me tinham. O dia seguinte lhes fis o derradeiro sermam. No cabo despedindome da gente, foraõ tantas as lagrimas assim nos homens, como nas mulheres, que nam me pude sofrer, que nam os ajudasse, & tivesse compaixam de sua desconsolaçam, consolandome em o Senhor, & em os dezejos, & boa vontade, donde sua desconsolaçam procedia.*

12 *Tornando a embarcar dez, ou doze legoas do porto de Saõ Vicente, hum sabbado em amanhecendo viemos à vista de humas canoas de Indios, que sam huma certa maneira de barcos, em que se navega. Temendo, que fossem contrarios dos Christãos, tornamos atras, pera nos metermos mais ao mar. Elles vendo, q̃ lhe fogiamos, vinham a grande pressa apos nos. Em breve tẽpo nòs alcançaram. Chegando perguntaram, quem eramos. Porque naõ levavamos lingoa, que soubesse bem responder, disseram, & tiveram pera si, que eramos Francezes, aos quais tem grande odio. Hum delles disse, q̃ ali levava elle hũa cabeça de hũ nosso Irmaõ, por onde bebia; o que elles usam em sinal de grande vingança.*

13 Dizendo isto, nos começarão a cercar ao redor, porque eram sette, & cada huma tinha trinta, ou quarenta remeiros, as quais correm tã-to, que nam ha navio, por ligeiro que seja, que se tenha com ellas. Foram tantas as frechadas sobre nos, que parece choviam. O nosso navio vinha tam bẽ apercebido, q̃ bernios, & roupoẽs punhamos por pavezes, cõ que nos amparavamos. Traziamos dous tiros de ferro, mas eram tais, que ao primeiro tiro logo a camara de hum delles saltou ao mar. Eu me pus a hũ cabo do navio de joelhos, pedindo ajuda ao Senhor, pois que de nossa parte tam pouca tinhamos. Comecei a animalos, & exhortalos, que se encõmendassem de verdadeiro coraçaõ ao Senhor, arrependendose, & pedindo perdam de seus peccados. Pareceme, que todos determinaram comsigo, que se desta escapassem, melhorariaõ suas vidas.

14 Neste tempo os Indios nenhũ espaço nos davam, seguindo, & acomettendonos por todas as partes. Certo, que pareciam diabos; todos andavam nus, como elles todos costumam. Delles tintos de negro, outros de vermelho, outros cheyos de pennas. Nam cessavam de tirar frechadas com grãde grita. Outros tangiam huns buzios, com que fazem alarde em suas guerras, que parece o mesmo inferno. Assim nos perseguiram passante de tres horas. De maneira, que se foram contrarios, & nos seguiram hum pouco mais, nenhum de nos escapara de que nos fizeram seu manjar. Frecharaõnos duas pessoas; huma dellas morreo em sahindo em terra, porque as frechadas eram tais, que passavam as taboas do navio de hũa parte a outra. Quis Nosso Senhor, que vieraõ a conhecernos por Portuguezes. Assim nos deixaram, & fomos desembarcar ao porto de Saõ Vicente. Athe aqui parte da sua carta.

15 Em Saõ Vicente acceitou na Companhia alguns Irmãos, que foram nella de muito exemplo, & de grande bem das almas. Com elles vivia em muita penitencia de disciplinas, jejuns, mortificaçoẽs, & pobreza, pedindo esmola pellas portas, cõ que se sustentar. Avendo nisso muita edificaçaõ dos moradores, a cujos escravos, que eram gentios da terra, procuravam ensinar. Pera isto se começou a fazer a doutrina Christaã na lingua Brasilica pello Irmaõ Pedro Correa, a qual elle, & os mais lingoas ensinavam aos escravos, & mistiços da terra, mulheres, & filhos dos Portuguezes.

16 O Padre Leonardo Nunes em especial era incansavel assim em prègaçoẽs publicas, como em praticas particulares. Como avia falta de Sacerdotes, & Curas, às vezes dizia Missa, & prègava em huma villa, & hia dizer Missa, & prègar a outra dali duas legoas a pè por caminhos bem asperos, com tanta ligeireza, que a penas se achava quem o aturasse no andar: por isso lhe costumavam os Indios chamar o *Padre, que voa.*

17 Como o principal intento da vinda dos da Companhia ao Brasil era buscar as almas dos gentios, porque junto do mar naõ avia povoaçoẽs delles, foise o Padre Leonardo Nunes ao campo dez, ou doze legoas do mar por serras asperas, & aldeas em lugares fragozos. Nellas ajuntou muitos dos filhos pequenos dos Indios, os quais os pays davam de boa vontade, pera serem ensinados, & bautizados. O Padre os trouxe pera a caza de Saõ Vicente, onde com os mistiços da terra, & outros moços orfaõs, que eram vindos de Portugal, foram ensinados na doutrina, & costumes Christãos, ler, escrever, & fallar Portuguez. Alguns começaram a aprender Latim. Nesta forma eram criados fora de todos os costumes gentilicos, pera depois com elles se atra-

atrahirem os payS. Com esta esperãça, que nam foi vam, se sustentavaõ com grandissimo trabalho, por ser a terra pobre, & naõ bastarem as esmolas pera todos. Os Irmãos padeciaõ muitas necessidades por lhes acodir, athe que depois se mudaram pera o campo de Piratininga, onde foi o principio da conversam dos Brasiz. Dali depois se espalhou por toda a Costa com grande lucro das almas.

18 Naõ se esquecia com isto o Padre dos moradores Portuguezes, antes em huma povoaçam delles, que estava no campo junto dos Indios, lhes dizia Missa, & prègava, & procurava tirar de mao estado alguns envelhecidos em suas malicias; pellos quais fazia a Deos muita oraçaõ, em especial apertando com hum, elle o quis espancar. Entaõ o Padre se poz de joelhos esperando as pancadas. Acodio hum seu filho, que lhe tirou o pao das mãos. Naõ deixou esta humildade, & paciencia do Padre de fazer alguma moça naquelle empedernido coraçaõ, porque dali por diante começou a fazer esmolas aos nossos, & tratalos bem. Passados alguns annos, deixou o seu peccado, viveo muitos annos bem, confessavase a miude com os Padres, & veyo a fallecer de cento, & tantos annos com muitos sinais de sua salvaçam. A cera, que por duas horas ardera em seus funerais, quando se pezou pera se pagar a diminuiçam, se achou ter o mesmo pezo.

19 Tambem Deos deu mui bom fim à India, que fora o tropeço deste homem, a qual ainda que delle tinha muitos filhos, logo aos primeiros avizos do Padre se apartou do peccado, sem mais tornar a elle, posto que governava toda a familia, que era grande. Fazia continuas esmolas aos nossos, frequentemente se confessava. Chegandose sua hora, muitos dias antes mandou fazer hũa caza junto à nossa de Piratininga, pera ali ser ajudada em seu espirito dos nossos Padres, como foi, athe que cheya de boas obras acabou seus dias.

20 Neste tempo o Padre Leonardo Nunes fez duas viagens por mar, huma aos Indios Tamoyos grãdissimos inimigos dos Portuguezes, levando comsigo ao Irmaõ Pedro Correa. Com a graça de Deos por meyo da lingua do Irmam resgatou algumas mistiças mulheres dos Portuguezes, que tinham tomado em assaltos, & estavam nam só em claro perigo das vidas, mas tambem das almas, porque depois de usarem mal dellas alguns tempos com qualquer occasiam as matavam, & comiam.

21 Outra foi ao Rio, ou Alagoa dos Patos algumas cem legoas de Saõ Vicente terra dos Carijôz, onde estavam muitos Castelhanos honrados, & fidalgos com suas mulheres, que indo ao rio da prata, vieram ali apportar, & o Padre passando muitos perigos do mar, & doenças, os trouxe pera Saõ Vicente, onde estiveram mui bem tratados dos Portuguezes, athe que tiveram opportunidade de navegar ao Rio da prata. Pera defensaõ destes, porque nam fossem mortos dos Indios nossos amigos, & inimigos dos Castelhanos, mandou o Padre Manoel de Nobrega ao Irmaõ Pedro Correa, donde se seguio ser morto às frechadas dos Carijôz com seu companheiro o Irmaõ Joam de Souza em odio da virtude, como dizem os que contam as illustres mortes destes dous servos de Deos.

22 Foi mui notavel a charidade dos nossos Irmãos debaixo do magisterio do Padre Leonardo, os quais pera sustentarem os mininos Indios se davam a varios officios, que a engenhosa charidade lhes ensinou. O Irmaõ Diogo Jacome se fez torneiro. Nos tempos mortos fazia contas, que repartia aos devotos. Outros faziaõ alpargatas de certos cardos bravos, que davam à gente ordinaria pera os

caminhos: outro se fez carpinteiro, & per si aprendeo o officio com perfeiçam. O Irmaõ Mattheus Nogueira, que antes era ferreiro, se occupava em fazer anzois, facas, cunhas, & outra ferramenta, com que se acodia por todos estes modos à sustentaçam dos mininos. Tal era a charidade daquelles Santos Missionarios, pella qual os Indios os amavam como a seus pays, pois com o suor do seu rosto lhe agenceavaõ o boccado, que aviaõ de meter na bocca.

23 Foi cousa mui notavel, o que experimentou hum homem desalmado, querendo matar ao Padre Leonardo. Passou o cazo deste modo. Avia em Saõ Vicente hum Joaõ Ramalho homem de costumes escandalozos, o qual andava escõmungado. A tempo, que o Padre estava pera dizer Missa, & elle na Igreja, lhe mandou dizer com cortezia, que se servisse de se ir da Igreja, pois nam podia dizer Missa estando elle prezente. Assim o fez, & o Padre celebrou a Missa. Tomaram isto tam mal dous mistiços filhos de Joam Ramalho, que determinaraõ matar o Padre. Em effeito o esperaram ao sahir da Igreja. Ao sahir o Padre hum delles levou da espada nua, pera lhe fender a cabeça. Ao descarregar o golpe lhe ficou o braço suspenso no ar. Por este modo livrou Deos a seu servo, de quem tinha muito, que se servir.

24 Naõ era o Padre Leonardo Nunes homem, que em cousa, que fosse bem das almas, se poupasse a trabalho: por ganhar huma, ou duas ovelhas desgarradas andaria montes, & valles. Em huma sua carta tem estas palavras fallando sobre Portuguezes, que andavam a monte perdidos entre os Indios tam brutos como elles: *Sam muitos*, dis o Padre, *os que andam pella terra dentro assim homens, como mulheres, q̃ se perdẽ por falta de soccorro, cousa pera todos chorarmos continuamente. Dous homens estam daqui obra de oitenta legoas em huma terra de huns Indios, que està de paz com os Christaõs: por nam ter hum Padre, que ficasse com os Irmãos, naõ os fui buscar, porque he caminho de dous, ou tres mezes, por causa dos tempos, & tambem pera trazer tres mulheres, que lâ se acharam entre huns Indios, que sam nossos contrarios.* Estas as suas palavras bem significadoras de sua charidade. Sabendo, que hum Portuguez cazado no Reyno, avia muitos annos que vivia perdido humas trinta legoas de Saõ Vicente junto ao mar, foi lâ o Padre com sinco Irmãos. Neste caminho passaram muitos rios a nado, em que se enregelavam com o frio: padeceram muita fome, nam tendo outro sustento mais, que palmitos do mato, & frutas do mesmo. Com todo este trabalho trouxe comsigo a ovelha desgarrada, & a pos em melhor estado.

25 Finalmente o Padre Leonardo nesses poucos annos, que viveo no Brasil, fez estranho fruto em todo o destrito de Saõ Vicente, desterrãdo peccados tam inveterados, como os matos do Brasil. Na mesma explica isto com as seguintes palavras: *Algum fruto se fez, louvado seja Nosso Senhor. Apartaraõse muitos homens de peccados publicos, em que estavam, posto que ha muitos endurecidos. Alguns dos que estavam amancebados com Indias, se cazam com ellas. Outros, que eram cazados no Reyno, se apartaram das mancebas. Quanto aos saltos, que os Christãos faziam em os gentios da terra, jâ cessaram, louvores a Nosso Senhor de tudo. Tambem o darlhes armas, que era mui geral fazelo sem nenhũ escrupulo. & jugar, que era muito acostumado, onde offendiam muito a Nosso Senhor com blasfemias, de todo jâ se naõ joga cousa, que faça perjuizo. O comer carne, que nunca em quaresma, nem outro tempo comiam*

outra cousa, jâ he emendado, que tudo deixam de fazer ao menos nesta Villa. Muitas pessoas ha, que de vinte, & trinta annos a esta parte nunca deixaram de a comer na quaresma, & mais dias prohibidos, tendo pescado, & estando mui saõs, sem jejuar nenhum dia: estas duas quaresmas passadas nam a comeram, & jejuaram cada hum segundo sua possibilidade. Os juramentos sam mui emendados, & reprehendem huns aos outros, quando juram. Tambem de murmurar se apartam muito, & de outros muitos peccados. Mas he tanta a perdiçam das almas, que ainda ha muito, que fazer. Athè aqui suas palavras.

26 Avia jâ seis annos, que a Companhia estava no Brasil. Por tanto segundo nosso modo de proceder, era necessario ir algum Padre a Roma dar conta a Santo Ignacio das cousas do Brasil. Nam avia depois do Padre Nobrega outro mais pratico do paiz, & condiçam dos naturais, que o Padre Leonardo Nunes. Foi eleito pera esta viagem, & a começou a fazer em Junho de 1554. Succedeo porem, que o navio fes naufragio, do qual mui poucos escaparam. Estes referiram em como o Padre com hum Crucifixo nas maõs athè o ultimo alento procurara animar a todos, & os exhortar ao bem de suas almas. Foi este naufragio em trinta de Junho do ditto anno. Deste servo do Senhor escreve o nosso Padre Balthezar Telles na primeira parte da Historia desta Provincia. O Padre Simam de Vasconcellos na sua Historia da nossa Companhia do Brasil. E o Agiologio Lusitano.

CAPITULO XII.

Vida do Padre Joam de Aspilcueta.

Na Bahia 17 de Janeiro de 1555.

1 Grandes louvores se dizem deste bemaventurado Padre: he huma das grandes glorias do Reyno de Navarra, que pareceo boa fortuna daquelle Reyno no mesmo tempo, emque com o seu, & nosso S. Francisco Xavier fazia tantas maravilhas no Oriente, as fazer mui notaveis em o mundo novo com este seu ditozo filho. Nasceo pois o Padre Joaõ de Aspilcueta no Reyno, & Cidade de Navarra. Seus pays se chamarão Joam Aspilcueta, & Maria Irriberri. Era de familia illustre daquelle Reyno, aparentado com a caza dos Xavieres, & Loyolas, sobrinho do celebre Doutor Martim Aspilcueta Navarro Lente mui afamado de Canones na Universidade de Coimbra, o qual tinha em sua caza a este seu sobrinho. Elle se affeiçoou a ser da Companhia, onde entrou no Collegio de Coimbra aos vinte, & dous de Dezembro de mil quinhentos quarenta, & sinco.

2 No anno de 1549. sendo jâ sacerdote, passou com o Padre Manoel de Nobrega ao Brasil. Logo se applicaram com cuidado a saber a lingua da terra, sẽ a qual nada podiaõ obrar nos Indios. O que nella fes mais progressos, foi o Padre Aspilcueta. Em breve tempo soube, quanto bastava pera confessar, & prègar nella. Foi o primeiro, que poz naquella lingua as oraçoẽs, & ordenou alguns dialogos da doutrina a fim de instruir com elles a gente da terra.

3 Logo foi tratando mais familiarmente com os Indios fazendolhes muitas charidades, vizitandoos em suas doenças, & curandoos, como todos os mais dos nossos faziam. Estas boas

boas obras foram com os Indios mui efficaz prègaçaõ. Daqui se seguia irlhe pouco a pouco cerceando suas demasias, & vicios. O que mais trabalho dava aos servos de Deos, & lhes cortava o coraçaõ, era ouvirem a vozeria, & festejo barbaro, comque nos terreiros à roda da Bahia matavam a os inimigos, que tinham cativado na guerra, & depois os comiaõ: barbaria, que parecia inextinguivel naquelle gentilismo. Hum dia levados todos os nossos de hum santo zelo da honra de Deos arremetteraõ a hum destes terreiros.

4 A grandes vozes reprehenderam aquella deshumanidade. Ficaram os Indios pasmados, como de couza taõ nova. No entretanto alguns dos Padres tiraraõ o corpo jà morto, & o foraõ sepultar em hum lugar escondido. Naõ se atreveram os Indios a impedir nada disto, quando se fazia. Idos porem os Padres, as Indias velhas, cujo era o cuidado de cozinhar, & repartir as carnes dos mortos, mui sentidas de se lhe tirar das unhas a preza, tais couzas disseram aos Indios, chamandoos de covardes, que se amotinaram, & com grande furor foram demandar a caza dos Padres, pera vingar a injuria. Nam escaparião da morte os servos de Deos, se o Governador Thome de Souza tendo noticia do que os Indios intentavam, nam mandasse logo recolher os Padres pera dentro da Cidade.

5 Vieram logo sobre os apozentos dos Padres innumeraveis barbaros mui assanhados, & furiozos. Como os naõ achassem, faltou mui pouco, q̃ naõ dessẽ sobre a nova Cidade; que senaõ fora o bom cuidado, q̃ nisso poz o Governador, ouvera grande perigo. Os Portuguezes sentiraõ mui mal daquelle santo impeto, nam considerando, que Deos, que o dera, tinha disposto o como delle se avia de seguir proveito. Passada a colera, os barbaros cahiram em si; vieram pedir perdam aos Padres, rogando ao Governador, lhos fizesse amigos, & lhos mandasse, porque eraõ seus pays. Fizeraõse as pazes, & tiraraõ dellas por contrato os Padres pello menos poderem instruir na Fè, & bautizar aos que elles aviam de matar em publico terreiro, & depois comer.

6 Nam era sò o trabalho com os Indios, avia muito com os Portuguezes, porque como grande parte destes era gente, com quem o Reyno, por serem estragados, nam podia, no Brasil eram a mesma soltura. Contase huma estranha conversaõ, que o Padre Aspilcueta fez em hum destes chamado o Barboza: era homem de bons parentes, mas de costumes preversos. Em Lisboa tivera nome, & obras de valentam. Delle se dis, que vendose carregar das justiças, se acolhera à Sè de Lisboa, & como lhe naõ valesse sagrado, se fez forte na torre dos sinos; & vendo, que lhe naõ era possivel escapar, com huma furiosa, & bem succedida afouteza se lançou da torre abaixo, & vindo rodando chegou à terra sem lesam, que fosse, nem que viesse.

7 Este homem depois de bem carregado de ferros no Limoeiro foi desterrado pera o Brasil, onde era o que em Lisboa fora. Tomou o Padre Aspilcueta a seu cargo o bem desta alma perdida, meteose com elle, fezlhe alguns obsequios, que elle como soberbo avaliava por dividas, como às vezes cuidam os soberbos, que naõ ha cousa, que se lhe nam deva, & tem por graça, que fazem, o admittir estes, ou aquelles serviços.

8 Querendo porem Deos amançar este bravo touro, lhe deu huma doença. Nella se achou em huma choupana fora da Cidade, sem aver quẽ por elle olhasse. Acodiolhe o Padre Aspilcueta. Fezlhe a cama, abrigouo, dizendolhe, que tivesse bom animo, que lhe naõ avia de faltar no

seu

ſeu trabalho, no qual, como homem fora de ſua patria, eſtava tanto ao deſamparo. Acceitou o offerecimento, ſem dizer huma boa palavra, em que moſtraſſe recebia charidade. Continuou a doença tempo largo. Buſcavalhe o Padre o ſuſtento, & as mezinhas; porem a fera nam deixava de o ſer. Por vezes dizia ao Padre enfadado de que nam foſſe tudo a ſeu ſabor, que moſtrava fora mal criado, & ſem enſino, pois a hum homem do ſeu ſangue fazia iſto, & aquillo, como ſe elle fora algum vil Indio.

9 Hum dia de menhaã, como o Padre foſſe à ſua choupana algum tãto mais tarde do coſtumado, moſtrandoſe diſſo mui enfadado, lhe diſſe mil injurias; que era hum vil, baixo, & deſcuidado, que nam ſabia, como ſe deviaõ ſervir os homẽs de bem. Neſta forma deſcantou, como lhe occorreo, & ſempre lhe occorriam mui mâs palavras. A nada o Padre diſſe palavra: pondoſe de joelhos, pedelhe perdam, tira humas diſciplinas, deixa cahir o veſtido das coſtas, & voltandoſe pera hum crucifixo ſe começou a diſciplinar cruelmente, athe correr ſangue. Entam deſpertando a voz, diſſe: *Eſtes açoutes tomo diante deſte Senhor juiz do bem, & do mal, em caſtigo das faltas, que dizeis tenho feito em voſſo ſerviço.*

10 A' viſta de couſa tam eſtranha, & charidade tam ſubida, tocado o homem por Deos, da cama ſe lança aos pès do Padre com os olhos arrazados em lagrimas, pedelhe muitos perdoẽs, dis muitas couzas contra ſua dureza, & ingratidaõ, como quem de tudo eſtava arrependido. Vendo o Padre, que a graça Divina começava a obrar, lhe lançou os braços. Aſſentouo na cama, & depois de o ter bem diſpoſto, o confeſſou geralmente por muitos dias, como demandava vida tam perdida. Dali por diante viveo eſte homem como bom Chriſtam, & como tal acabou. Foi ſua converſaõ mui notada, & admirada de todos, por ſerem grandes os eſcandalos deſte peccador, aquem o Padre Aſpilcueta reduzio com o ſeu ſofrimento, & paciencia.

11 Correndo o anno de 1552, por ordem, que tinha Del-Rey o Governador, mandou fazer certo deſcobrimento de minas, duzentas legoas pello ſertam dentro. Vendo o Padre Aſpilcueta tam boa occaſiaõ de meter a Fé de Chriſto dentro nos incultos ſertoẽs de Braſil, pedio ao Padre Nobrega, o deixaſſe ir por capellaõ dos ſoldados, que hiaõ ao deſcobrimento. Depois de muito o pretender, ſe lhe concedeo. Foi a miſſam laborioſiſſima, pois o caminho ſe avia de romper em partes à força do braço. Eraõ muitos os rios, & alagoas. O andar era a pè. Foi de grande proveito aos ſoldados. Prègou a Fè em muitas naçoẽs, que atraveſſaram. Chegados ao fim da viagem, nam acharam as minas, ſó as deſcobrio o Padre Aſpilcueta em grande multidaõ de Indios, que em ſua companhia o vieram ſeguindo athe Porto Seguro, onde os poz em aldea, & começou a inſtruir na Fè. Eſtas coſtumam ſer as traças, & modos, com que Deos tras a ſi, & tira dos ermos, & brenhas aos que tem predeſtinados. Os homens diſpoem as couſas a hum fim, & elle as encaminha a outro, como neſta occaſiam.

12 Chegou o Padre a Porto Seguro mui enfraquecido dos trabalhos, porem eſta fraqueza nam era baſtante pera elle afroxar em ſuas emprezas. Avendo em hum lugar deſta Capitania de Porto Seguro grandes contendas entre os moradores, ſe meteo a concordalos o Padre Aſpilcueta. Nam deram elles por ſeus ſantos avizos. Ameaçouos com o caſtigo do Ceo, & deixouos. Foi couſa notavel, que de repente ſe vio levantar hum formidavel incendio, que dentro de pouco tempo conſumio a maior parte do lugar, ſem ja mais ſe ſaber,

donde tal incendio nascera.

13 Em outro lugar deste destrito prègava o Padre contra os vicios, que ali eram muitos, dizendo se emendassem, antes que sobre elles viesse a ira de Deos. A estes brados se faziaõ surdos, porem em breve desempenhou Deos a palavra do seu servo; de improviso se ateou tamanho incendio, que reduzio a cinza quasi todo o lugar. Aconteceo huma couza, que fez mais espantozo este estrago. Ficaram livres do fogo as cazas de hum usurario, & sensual. Este com o successo ficou mui jactancioso, dizendo, que bem testemunhava o Ceo sua innocencia, pois lhe naõ abrangera o castigo, & dali se via nam ter elle os crimes, de que o prègador o reprehendera. Naõ permittio Deos sem castigo tam manifesto desaforo; no dia seguinte veyo tal fogo sobre as cazas deste homem, que assim as cazas, como os seus averes ficaram cinza. Com estes tam evidentes castigos entrou naquellas gentes o temor de Deos, de que mui esquecidas andavam.

14 Alem de outras foi notavel huma conversam, que na Bahia fez em hum peccador tal como o que assima dissemos. Este era hum degradado nobre, mui infame por seus vicios: tomou o Padre Aspilcueta à sua conta fazelo entrar em si. Todas as menhans hia à sua porta, & o avizava de seu mao estado, & obrigaçaõ de se melhorar. Fazia por elle muitas penitencias, & continuava nos avizos, sofrendo suas repostadas. Hum dia de menhaã chegandolhe à porta com seu costumado requerimento, cheyo o homem de enfadamento lhe disse: *Melhor farieis em ir despejar aquelle vazo immundo*, & apontouo com o dedo, *& encherme aquelle pote de agoa, q̃ virme todos os dias queimar o sangue*. Aqui o Padre com grande paz. & sossego tomou o vazo, & o foi despejar; depois com a mesma mansidaõ lhe foi encher o pote. Esta humildade assim rendeo aquelle coraçaõ endurecido, q̃ penetrado da inspiraçaõ de Deos se lançou aos pes do Padre, & lhe prometteo emendarse. Foi tal a volta, que deu a seus costumes, que athè a morte fez vida exemplar, com a qual resarcio bem os escandalos, que dera. Deos, que quer salvar as almas, costuma ser o inventor destes modos, comque por meyo de seus servos as tras a si; & aindaque aos olhss do mundo parecem doudices, os effeitos mostram serem sabedoria de Deos.

15 A obediencia deste raro varam se deixou bem ver, quando seu Superior o Padre Manoel de Nobrega querendo experimentar com varias mortificaçoẽs a seus subditos, mandou ao Padre Aspilcueta, q̃ tomando huma veste de penitencia se fosse disciplinando pellas ruas da Bahia, athe chegar à praça, onde o Governador, que era seu confessado, morava. Assim o executou pontualmente, mostrando bem, quam posto estava nas maõs da obediencia.

16 Mais rigorosa foi outra disciplina, comque procurou desarraigar dos Neophytos o vicio de comer carne humana. Vizitãdo o Padre Manoel de Nobrega os Indios jà em aldeas à roda da Bahia, achou, que no vicio de comer carne humana de seus inimigos avia alguns desmanchos. Ficando magoado consultou com os Padres, porque meyo se podia atalhar este peccado? Tomou à sua cõta o Padre Aspilcueta procurarlhe a emenda pello modo seguinte. Vestindose de penitente, se foi às aldeas; entrava em huma disciplinandose, concorriaõ os Indios pasmados de cousa taõ nova. Dahi passava a outra. Os que tinham mais entendimento, se doiam, rogandolhe, nam se tratasse daquella sorte, & perguntandolhe, porque o fazia. A reposta, que dava, era, que elle se castigava pera aplacar a Deos, que estava indignado contra os que

sendo

ſendo jà ſeus filhos pello bautiſmo, continuavam no infame vicio de comer carne humana.

17 Os que ſe achavam culpados entendendo ſer deſcuberto o ſeu crime, & que eraõ cauſa de o Padre aſſim ſe affligir, ſe manifeſtaram, pediram perdam, & de commum conſentimẽto aſſentaram entre ſi de mais naõ cahir em tal deſatino, & que ſe algum tornaſſe a elle, ſeria por iſſo mui bem caſtigado. Ficou a cuidado dos mininos do Seminario correr as cazas dos Indios, por ver ſe achavam dali por diante algum culpado, & geralmente ouve emenda comprada com o ſangue do Padre Aſpilcueta.

18 Em todas as muitas obras do ſerviço de Deos, que na Bahia, & Indios, que nos contornos della viviam, ſe fizeram, teve ſempre boa parte eſte fervorozo Padre. Tinha grandes traças, & ſingulares modos pera a converſam dos Indios, & melhoramento dos Portuguezes; por iſſo perdeo nelle aquella nova vinha hum incanſavel, & eſtremado obreiro. Vindo elle mui comido dos trabalhos, que teve na miſſam, que fes em companhia dos que foraõ ao deſcobrimento das minas, & tendoſe recolhido ao Collegio da Bahia, nelle morreo ſantamente aos dezaſette de Janeiro de 1555. Foi parente mui chegado de Sam Franciſco de Xavier, & grande imitador de ſeu zelo. Delle eſcrevem o Padre Euſebio nos Varoẽs Illuſtres; o Padre Balthezar Telles na primeira parte, & o Padre Simaõ de Vaſconcellos na Hiſtoria da provincia do Braſil; & outros.

CAPITULO XIII.

Vida do Padre Diogo Jacome.

1 ESte Padre paſſou tambem ao Braſil em companhia do Padre Manoel de Nobrega, nam ſendo ainda ſacerdote. Entrou na Companhia em Coimbra aos doze de Novembro de 1548: logo no ſeguinte partio pera o Braſil, & no meſmo anno foi mandado em companhia do Padre Leonardo Nunes à Capitania de S. Vicente, onde fez a Deos muitos ſerviços. Delle dis o Padre Jozeph de Anchieta grandes bens. *Viveo*, dis o Padre, *ſempre em toda a ſujeiçam, & obediencia exercitando os officios baixos da Companhia, & entre elles foi fazer hum torno de pè por mandado da ſanta obediencia, ſem nunca ter aprendido aquelle officio; & fazia nelle muitos Rozarios de contas, que ſe repartiam pellos Chriſtaõs, pera ſe encõmendarem a Deos, & à Virgem noſſa Senhora.* *No Eſpirito Santo em Abril de 1565.*

2 *Era iſto muito commum naquelles tempos trabalharem os Irmaõs de ſaberem alguns officios provéitozos pera a communidade. E aſſim o ditto Padre, & outros Irmaõs aprenderam fazer alpargatas, porque entaõ naõ avia çapato, nem meya. Faziaõ muitos nos tempos, que furtavam ao eſtudo da Grammatica, & outras mais graves occupaçoẽs, de que uſavam nos caminhos, que ſam muito aſperos de montes, & ſerras, & grandes alagadiços. A materia deſtes alpargates he como linho mui rijo tirado de huns cardos, que os meſmos Irmaõs tiravaõ do matto, & deitavam na agoa, athe que a cabo de quinze, ou vinte dias apodreciam, & lhe tiravam o linho.*

3 *Com o meſmo dezejo de ſervir aos Irmaõs, hum Padre de miſſa começou a fazer hum banco ſem nunca*

aprender officio de carpinteiro, & pouco a pouco se fes official, de maneira, que por suas maõs fes as cazas, & Igrejas de Piratininga, S. Vicente, & parte das do Rio de Janeiro, sem deixar por isso de accodir continuamente a missoẽs, & confissoẽs, athe que pella muita velhice nam pode trabalhar.

4 *Viose sempre no Padre Diogo Jacome hum grande zelo da salvaçaõ dos Brasiz; & por esta causa ordenandolho a obediencia, estudou alguns annos Grammatica com muita diligencia, & trabalho, posto que pouco ajudado do engenho, & memoria, pera poder ser sacerdote, & ajudar os Indios. Posto que neste estudo trabalhou muito, comtudo muito mais trabalhava por saber a lingua da terra; & assim soube della oque bastava, pera ensinar os Indios, & apparelhalos pera o bautismo, & ouvir suas confissoẽs.*

5 *Depois de ordenado sacerdote, foi posto pella obediencia na Capitania do Espirito Santo, onde avia duas aldeas de Indios com suas Igrejas, huma das quais teve a seu cargo muito tempo, exercitando com elles sua charidade, curandoos corporal, & espiritualmente athè a morte. Esta se lhe gerou de huma grave doença de febres, em que padeceo muito por falta do necessario. Foi recolhido à caza da Companhia, que està na Villa, com os Portuguezes, & parecendo, que jà convalescia, o tornou a mandar o Superior à sua Igreja. E posto que elle sentia em si muita fraqueza, & receava, que na aldea tornaria a recahir de maneira, que se lhe seguisse a morte, & assim o significou, & propoz, com tudo obedecendo com toda a promptidaõ, & alegria, se foi là, & logo recahio de tal maneira, que dahi a sinco, ou seis dias tornandoo a trazer pera caza, acabou como obediente, & verdadeiro filho da Companhia em Abril de 1565, & està enterrado na nossa Igreja de Santiago daquella Residencia do Espirito Santo.* Athe aqui o Padre Jozeph de Anchieta nos seus apontamentos àcerca das primeiras cousas, & primeiros Padres da provincia do Brasil.

6 Estando este servo de Deos na Residencia do Espirito Santo, ouve ali huma terrivel peste de bexigas, que comia os Indios a montes. Na mesma caza estavam os mortos com os vivos. A todos o Padre com seu companheiro o Irmaõ Pedro Gonçalves accodia. Elles enterravaõ a huns, a outros sangravaõ fazendo officio de Medicos, & Surgioẽs. Naõ avia quem lhes ajudasse a enterrar hum morto, porque huns fugiam dos outros. Succedeolhes, que levando à sepultura hum defunto, quem os ajudava fugio, & elles como andavaõ mui fracos, cahiram em terra com o defunto. Do grandissimo trabalho, que teve nesta cruel peste, lhe veyo aquella febre, que o rendeo ao trabalho, & do qual mal convalescido tornou a recahir, & foi a receber na gloria o premio, de que seus empregos o tinham feito merecedor.

CAPITULO XIV.

Vida do Padre Vicente Rodrigues.

No Rio de Janeiro 9. de Junho de 1598.

1 Direi tambem oque acho escritto dos outros dous Padres, que foram companheiros do Padre Nobrega. Todos elles foraõ homens de assinalada virtude. Outro, que tambem se ordenou no Brasil, se chamava *Vicente Rodrigues*. Era natural de Sam Joaõ da Talha junto a Sacavem no Arcebispado de Lisboa. Seus pays se chamaram Antam Rijo, & Izabel Jorge; entrou na Companhia em Coimbra aos 16 de Novembro de 1545. Foi Irmaõ inteiro do

Vene-

Veneravel Padre Jorge Rijo, & mui ſemelhante a elle na virtude.

2 Sendo mancebo padecia crueis dores de cabeça; fizeraõſelhe em Coimbra todos os remedios, que de ſi dava a medicina: por ultimo diſſeram os Medicos, foſſe pera Lisboa, que como eram ares patrios, poderia com elles melhorar. Em Lisboa taõ fora eſteve de cobrar ſaude, que antes empeyorou, tendo evidentes ſinais de que ſua vida eſtava nos ultimos alentos. Neſte tempo chegou à noſſa Caza de Santo Antaõ o Velho, onde pouzava o enfermo, o Padre Meſtre Simaõ, que ſegundo ſeu ſanto coſtume depois de vizitar o Santiſſimo, indo vizitar os enfermos, entrando no cubiculo do Irmaõ Vicente, lhe diſſe eſtas palavras: *Confiay, Irmaõ, que naõ aveis de morrer deſta.* Eſtas palavras foraõ de tal virtude, que de repente ſe achou ſaõ. O cazo ſe teve logo por milagroſo, & como tal ſe eſcreveo a Roma.

3 Paſſou ao Braſil, onde foraõ muitas as couſas de exemplo, que por elle paſſaram. Quando o Padre Manoel de Nobrega exercitou em algumas mortificaçoẽs mui notaveis a ſeus ſubditos, ordenou ao Padre Vicente Rodrigues, que ſe puzeſſe à ſoldada com hum teſſelam, de quem aprendeſſe o officio, & eſtiveſſe às ſuas ordens como aprendiz. Aſſim o fez o obediente ſervo de Deos, & continuou, em quanto o nam tirou do officio o meſmo, que o mandara.

4 Mais notavel foi outra obediencia. Avia muito que fazer, & eraõ mui poucos os obreiros. Deſtes o Padre Vicente Rodrigues andava com doença de hum anno, & dava moſtras de continuar. Entaõ o Padre Nobrega levado de eſpirito ſuperior diſſe ao enfermo: *Padre Vicente, o bem das almas tem neceſſidade de vos; por tanto em virtude da ſanta obediencia vos ordeno, que lanceis fora a doença, & vades acodir ao proximo.* Foi couſa muito pera admirar, como no meſmo ponto cobrou perfeita ſaude, & ſe foi a meter no trabalho como os mais.

5 Em todos aquelles trabalhos, comque os mais ſe occuparam nos principios em amanſar a braveza dos Indios da Bahia, teve o Padre Vicente boa parte. Indo huma ves com hum Padre pera bautizarem hum Indio, que eſtava pera ſer morto em terreiro, tiveram grande trabalho, porque ſoſpeitando os Indios oque elles intentavam, puzeram toda a vigilancia em o eſtorvar; porque o demonio lhes tinha metido na cabeça, que o bautiſmo tirava o goſto às carnes. Eſtava o padecente ja ſufficientemẽte inſtruido, ſo faltava o bautiſmo. Porem o principal ordenara, que aos Padres ſe naõ deſſe gotta de agoa. Entaõ os Padres diſſimulando ſe puzeraõ a comer, pediraõ alguma agoa pera ſatisfazer à ſede; mas elles, que eſtavam muito àlerta, fizeram, que tal agoa ſe naõ deſſe, nem ainda pera beberem, quando comiaõ. Acontecendo paſſar por ali huma India com hum cabaço de agoa, os Padres lha pediraõ, & ella nam ſabendo das cautelas dos Indios a deu, comque ouve occaſiaõ de molhar nella o lẽço, o qual eſpremeo hum dos dous ſobre a cabeça do Indio, & o bautizou. *Orland. l. 13. n. 70.*

6 Tendo o Padre Vicente à ſua conta os Chriſtaõs de huã aldea, lhes encõmendava muito, que naõ foſſem à guerra ao menos tantas vezes, porque ſe comiam com notavel ſofreguidam. Dizialhes o Padre, que niſto hiaõ contra os Mandamentos de Deos, & faziaõ oque o demonio queria, & ſempre dava ma paga aos que o ſerviaõ. Quando elles ſahiaõ à guerra o coſtumavam dizer ao Padre, peraque os encõmendaſſe a Deos; huma ves o naõ diſſeram, & ſe foram à guerra por mar. Indo navegando ſe voltou a canoa, onde alem dos homens hiaõ

muitas

muitas mulheres com mininos de mamma. Foi cousa mui estranha, que indose todos abaixo, todos os Christaõs athe os mininos de mãma se salvaraõ, & todos os gentios, que hiaõ na canoa, se perderaõ sem escapar hũ só. Ficaram deste cazo mui espantados, & com grande respeito ao Padre.

7 O mesmo Padre conta em huma carta, que algumas vezes indo elles nos dias de guarda a trabalhar nas suas roças, os mordiam bichos a modo de viboras, de que morriam; querendo o Senhor com estes castigos ensinalos a ter respeito à guarda dos Mandamẽtos, que o Padre tanto lhes encõmendava, ameaçandoos com o castigo do Ceo.

8 Avia hum Indio principal, que se chamava Porra Grande: nam era Christam; com este teve o Padre Vicente Rodrigues grandes altercaçoẽs. Dizia o Indio com grande soberba, que os seus costumes eram os verdadeiros, & que seus Paguês, que saõ os seus feiticeiros, lhes davam as cousas boas, como os mantimentos. Indo o Padre pella aldea deste lhe fallou muitas cousas de Deos, & da morte. Respondeo, que elle nam avia de morrer, que os ruins morriam, mas naõ elle, que era bom. Foi assim andando com huma lança às costas fallando nestas cousas, como quem naõ fazia cazo da morte. Porem dahi a tres, ou quatro dias, dis o Padre, que este Indio morrera com morte terrivel, de que os mais ficaram mui assombrados.

9 Em huma entre outras occasioẽs correo o Padre Vicente grande perigo. Vindo os Indios da guerra traziaõ pera comer hum homẽ morto: logo que saltaram em terra, o tiraraõ da canoa com grande festa, chamaraõ a seus parentes, que se viessem vingar, por ser esta a maior honra, que avia naquelles barbaros, nem tinhaõ outra maior, que comer das carnes de seus inimigos, tendo grande consolaçaõ, quando morriam, se se achavam com algum pedaço della na mam, & tambem se honravam muito de ter à cabeceira da rede, onde dormiaõ, parte da mesma carne ennovelada.

10 Tanto que chegaram com o cadaver, teve noticia o Padre Vicente, & seu companheiro o Padre Manoel de Payva: acodiram logo dizendo a grandes vozes, que Deos os avia de castigar, & com hum santo impeto lhe arrebataram o corpo, que já tinhaõ chamuscado, & cõcertado pera o abrirem, & fazerẽ repartiçam. Vendo os Indios esta afouteza; *tremiaõ*, dis o Padre, *como varas verdes, quando nolo queriam tomar, porque era a mayor deshonra, que lhes podiam fazer. E antes morreram, que deixar passar por si tal fraqueza; porem aquelle, que he toda a fortaleza, nola deu, & o tomamos, & enterramos dentro de huma cerca, que eu tinha feito pegado à ermida. De noite sabendo os parentes destes, que em outra aldea estavam, a fraqueza, & deshonra, que passaram, vieram de noite com muitos arcos, & frechas, pera o desenterrar, & levar. Nos vigiamos toda a noite, & quando me nam precatei, o tinham meyo fora da cova.*

11 *Acodimos, & foi muito nam nos frecharem; mas fugiram. Vendonos mui perseguidos aquella noite, mandamos chamar o principal, que os fez desistir; porem recolhendose tornaram a perseguirnos. Sendo já duas horas ante menhaã, determinamos de desenterrar o morto, por nos aquietar, como fizemos mui secretamente de noite, & o levamos a enterrar junto da cidade, sem ninguem o saber; o que foi muito, porque toda a noite beberam seus vinhos, cantando, & baylando. Naquelle passo adormeceram, que nem cachorro bradou. Onde me lembraram as mor-*

mortificações dos noßos primeiros Padres, porque o corpo era morto, cheirava mui mal, & estava inchado. Quando veyo a menhaã, tinhaõ todo o quintal já cercado, & cavado ao redor da caza, por ver se o achavam. Ficaram mui espantados, dizendo, que nunca tal lhe fora feito. Daqui ficaram com as forças de sua soberba quebradas, & nunca mais viram o corpo morto.

12 Vesse bem deste successo o grande trabalho, que aquelles, & os mais varoẽs de Deos passaram em tirar dos Indios Christãos este tam barbaro costume; & como Deos assaimava aquellas bravas feras, & lhes entorpecia as mãos, & os arcos, em ordem a nam fazerem mal a seus servos. Nesta carta, que era pera os Irmãos de Coimbra, acaba o Padre com estas palavras: *Finalmente, amados em Christo, vindenos ajudar, que somos poucos, & a terra grande, os demonios muitos, a charidade mui pouca. Vinde mui cheyos della, & nella trareis toda a livraria do Collegio; mais acaba esta, que todos os meyos humanos. Praza a Deos, que nella ardamos de maneira, que mereçamos derramar quanto sangue temos em retorno de quãto Noßo Senhor JESV Christo derramou por nos, & cumpridos aßim noßos dezejos nos ajuntemos com elle na gloria.*

13 Dous naufragios acho escrittos pello mesmo Padre, que elle fizera: deixo hum, porque vai escritto na vida do Padre Luis da Grã; do outro direi aqui, ao qual, & outros trabalhos se expoz por salvar dous Christãos hum mistiço, outro Portuguez, que com suas mulheres se tinham ido a viver com os gentios, & na sua fereza, & bruteza. Estes homens, que eram por affinidade aparentados com alguns Indios gentios principais, se meteram pella terra dentro nove jornadas da villa de Saõ Paulo em Piratininga, onde o Padre estava. Lâ fizeram suas cazas mui fortes no meyo de seus parentes. O seu intento era descerem dali com os Indios a roubar as fazendas, & villas dos Portuguezes.

14 Teve o Padre Vicente noticia de suas disposiçoẽs: vendo o grandissimo dano, que dellas se seguiria, avizou de tudo ao Santo Padre Jozeph de Anchieta, que era o Superior. Consultaram com os principais da terra o modo, com que este mal se poderia remediar. Assentaram, que por força era a empreza impossivel. Vista a difficuldade, o Padre Vicente, & Anchieta se determinaram, depois de encõmendar o negocio a Deos, ir ambos com hum homem honrado com dous, ou tres escravos, que lhes levassem as redes, & alguma cousa pera comer.

15 Primeiro que fizessem a jornada, lhes escreveram cartas, em que os asseguravam de lançar maõ delles a justiça, posto que seus grandes crimes o mereciam; porem elles receandose, nam fizeram cazo das cartas. Puzeraõse a caminho, no qual passaram grandes rios, lameiros, chuvas, ladeiras mui altas tudo por matos, em que escaçamente se viam caminhos. Os frios eram grandes, muitos os perigos de gente do mato, que chamaõ os Papanazes comedores de carne humana quasi crua. Tanto que anoitecia, dormiam no mato em humas choupanas, que faziam.

16 Chegaram a huma aldea de Indios junto de hum grande rio, que hia dar na aldea, onde estavam os que elles hiam buscar jornada de hũ dia. Eram os homens idos à guerra; as mulheres, & mais gente ficou assustada, cuidando serem inimigos. O Padre Jozeph de Anchieta os tirou do susto, & lhes prègou a Ley de Deos. Logo se meteram em huma canoa de casca de pao. Chovia muito, & deraõ em passos mui perigozos, em que era precizo tirarem a canoa

por

por terra. Junto da noite indo rezãdo as horas de Noſſa Senhora da Cõceyçaõ, ſorveoſe a canoa no meyo do rio em huma concavidade no meyo de pedras, por onde hia o rio com muita furia. Averia como ſette, ou oito braças de altura.

17 O Padre Anchieta ſe foi ao fundo. Os negros, & o branco nadaram. O Padre Vicente, ainda que ſabia nadar, tal couſa lhe naõ occorreo, & ſe embaraçou com a roupa, athe que hum moço nadando lhe deu a maõ, & ſahio a terra. Logo dous foraõ debaixo da agoa buſcar ao Padre Anchieta: vindo hum com elle às coſtas, nam podendo, o deixou ir outra vez: indo outro, o trouxe, athe elle ſahir com a cabeça fora da agoa, ſem lhe poderem acodir, athe que o Padre Vicente mandou hum negro por hum ramo, que de huma arvore cahia ſobre o rio, o qual lhe lançou hum ſipô, que he como vime, & bradaram ao Padre, que ſe pegaſſe a elle. Neſta forma ſahio a terra.

18 Perguntoulhe o Padre Vicente, como ſe ouvera tanto tempo debaixo da agoa? Reſpondeo, que *em tres couſas andara occupado; a primeira na Virgem Noſſa Senhora; a ſegunda a naõ pegar do Indio, ſe naõ quanto elle pudeſſe tiralo da agoa; & a terceira a naõ beber agoa.* Com a alegria de ſe verem fora do perigo, lhes eſqueceo todo o trabalho, que nelle tiveram. Sendo jâ mui tarde, aſſim molhados, & ſem ſaber caminho, ſahiram daquellas barrocas alandoſe aſſima por humas arvores, em ordem a deſcobrir terra, & caminho por aquellas mattas tam altas, que eſcaçamente viam o Ceo.

19 Como hiam com os pès deſcalços; os encheram de feridas dos eſpinhos, & os veſtidos ſe lhes fizeraõ em pedaços. Aſſim foram andando athe que anoiteceo. Apenas podiaõ com as roupetas, & mais veſtido, por irem enſopados em agoa. Foram eſtes Santos Varoẽs tam modeſtos, que diz o Padre Vicente eſtas palavras: *Nam podendo com a roupa, os moços tendo piedade de nos, nola pediam; mas por honeſtidade nam ouzavamos ficar em calçoẽs, & camiza, & ſem barrete. E ſempre a chover deſde pella menhaã, & toda a noite. De canſados o Padre, & eu com o companheiro colhiamos ramos das arvores, pera nos agazalhar. Aos moços mandamos, que foſſem buſcar o caminho. E achandoo, era jâ noite tam eſcura, que por o arvoredo ſer mui alto, & nam ſe ver Ceo, os pès ſerviam de olhos, com os quais apalpando, onde nam achavamos matto, cuidavamos, que ſeria caminho. Todo eſte caminho ſeria como do Collegio de Coimbra athe alem de Santo Antonio. Quando demos com os que hiamos buſcar, & nos viram tais, paſmaram.*

20 *Chegaraõſe a nos com lagrimas, & diſſeram: Ainda noſſos peccados alcançaram a Voſſas Reverẽcias? Agazalharaõnos, & veſtiraõnos do fato, que tinham, com grande charidade. Deraõnos de comer. Bemditto ſeja o Senhor pera ſempre; entam conhecemos, que ainda aquelle trabalho, & naufragio foi neceſſario pera aquelles coraçoẽs duros ſe amollecerem. Tudo Deos faz por melhor. Em amanhecendo lhe propuzemos a pratica, & que perdeſſem o medo; que bem ſe podiam fiar de nos. Muito trabalhou o diabo por eſtorvar eſta obra: bem nos quizera affogar antes: mas graças a Deos todo poderozo, que de feros, & bravos, que eſtavam, os fez brandos.*

21 *Fizeraõſe preſtes em nove dias com mulheres, filhos, fato, eſcravos, mininos, & mininas. Deixaram ſuas cazas grandes, & fortes, ſeus mantimentos, & parentes, que por amor delles eſtavam ali. Muitas tentaçoẽs ouve no caminho. Saltava o demonio com elles; ao branco punhaſe*

nhaſe

nhase na garganta, amuavao, nam queria ir por diante, de proposito queria ficar. E destas cousas ouve muitas, como foi perderse huma embarcaçaõ, em que se perdeo de hum delles fazenda, & outras cousas de caza. Finalmente andamos aquelles nove, ou dez dias, athe chegarmos a nossas cazas. Alegrouse grandemẽte toda a gente branca, & da terra. Demos graças a Deos na Igreja de São Paulo. Confessaraõse, chegaraõse a Deos. Neste comenos vieraõ pedir soccorro do Rio de Janeiro, por serem entrados Francezes. Como estes eraõ homens de guerra, foraõ ao soccorro, tomaraõ huma nao Franceza, & ficaram ricos.

22 Estas sam as cousas, que pude aver deste grande servo de Deos, que depois se chamou Vicente Rijo, quãto entendo por respeito do veneravel Padre Jorge Rijo seu Irmaõ. Do Padre Vicente se conta, que pedira a Deos o deixasse viver na Companhia outro tanto tempo, quanto no mundo vivera, & que se alegrava muito, porque Deos lho dobrara. Contandose isto a seu Irmaõ o Padre Jorge Rijo, disse, que a mesma petiçaõ fizera a Deos, & que naõ só lho dobrara, mas tresdobrara. Falleceo este Padre cheyo de annos, & virtudes no Rio de Janeiro aos nove de Junho de 1598. O Santo Padre Jozeph de Anchieta lhe tinha ditto, que sedo o viria buscar pera a gloria, & assim o fez no dia do seu anniversario.

CAPITULO XV.

No Brasil.

Do Padre Antonio Pires.

1 O Sexto dos primeiros, que foram ser fundadores da Provincia do Brasil, se chamava Antonio Pires: já era Sacerdote. Nasceo em Castellobranco no Bispado da Guarda. Seus pays se chamaram Pedro Fernandes, & Catherina Fernandes. Entrou na Companhia em Coimbra aos seis de Março de mil quinhentos quarenta, & oito. No tempo do seu Noviciado padeceo huma grande tentaçaõ de se ir da Companhia, da qual elle falla em huma carta sua com estas palavras: *Ao Padre Luis da Grã devo tanto, que se elle nam fora, nam estivera na Companhia; porque sendo eu porteiro, & querendome hum dia ir, elle por sua muita virtude me teve. Por isso quãdo a algum de vos, charissimos Irmãos, vos vier tentaçam de vos sahirdes, dai primeiro conta a vosso Superior, & idevos logo pòr diante do Sãto Sacramento, & pedi ao Senhor, que por sua bondade vos dè a sentir o melhor pera vossa salvaçam. Desta maneira creyo, que ninguem vos poderá apartar da charidade de Christo, que nessa caza mora. Isto digo pera os tentados, & aos outros peço me encommendem a Nosso Senhor, & me mandem muitos avizos de cousas, pera que me espertem do sono, que me vai vencendo do grande esquecimento, que tenho da obrigaçam de ser virtuozo.*

2 Sendo ainda Noviço passou ao Brasil com o Padre Manoel de Nobrega. Era este Padre muito humilde, segundo o mostram muitas clausulas de suas cartas. Contando em como os mais andavam todos no emprego das almas acodindo a diversos postos, dis de si: *Eu tinha cargo da caza, & nisto me occupei athe agora, por nam ser pera mais.* No anno de 1551, indo o Padre Manoel de Nobrega à Capitania de Pernambuco, o levou comsigo. Ali chegaraõ no mes de Julho, & começaraõ a tratar de melhorar a gente da terra, na qual estavam os costumes mui estragados.

3 Logo que os Padres chegaraõ, muitos se começaram a apartar das occasioẽs, com que estavam perdidos,

dos, imaginando, que os Padres levavam poder pera os caſtigar: por eſta cauſa os negros, & eſcravos os nomeavam Vigarios temerozos, pello medo, que delles ſe tinha. Os mais dos homens nam commungavam, por eſtarem em mao eſtado com ſuas negras; com tudo a eſtes os confeſſavam, & abſolviam os Clerigos, que eram tais como elles, com tanto, que nam commungaſſem: o de mais tudo eſtava ſanto, & por tudo ſe paſſava. O maior trabalho era aver na terra ſincoenta, ou mais negras, afora as que eſtavam pellas fazendas, que os brancos tinham trazido das aldeas, pera uſar mal dellas; & porque o peccado nam foſſe tam grande, as faziam primeiro Chriſtans. Nam ſabiam dar os Padres a iſto talho, porque tirandolhas, ellas ſe voltavam às aldeas a viver em ſeu gentiliſmo, ſendo, como eram, bautizadas; & ſe os nam apartavam, huns, & outros eſtavam em peccado.

4 E dis o Padre, que andavam tam devotas, em eſpecial as forras, que ſe lhe pudeſſem ordenar alguma maneira de vida, facilmente as apartariam do peccado. Avia entre ellas huma mui antiga entre os brancos, à qual todas as outras obedeciam. Eſta andava com huma vara na maõ, & tinha cuidado de as ajuntar à doutrina. Hum dia ſe levantou eſta duas, ou tres horas antemenhaã, & com grãdes vozes pregoava a vinda dos Padres, animando as outras, & dizendo, que jà o dia era chegado, que athe ali ſempre tiveram noite, que ſahiſſem de ſeus males, & peccados, & foſſem boas Chriſtans. Muitas deſtas ſe vinhaõ à caza dos Padres, & pondoſe de joelhos diziam com muita laſtima, que athe ali aſſim ellas, como ſeus filhos todos foram ſalvagens; que por amor de Deos as enſinaſſem, & doutrinaſſem.

5 Começou a terra a tomar com o cuidado dos Padres outro andar em ſeus coſtumes, & dis o Padre, que à gente della tornara a renaſcer em cõparaçam dos males, que antes avia. Sendo neceſſario ao Padre Nobrega voltar à Bahia, deixou ali ao Padre Antonio Pires pera levar adiante o frutto, que ſe tinha começado. Fallando niſto aos Irmãos de Coimbra, lhes dis: *Chegado o tempo, em que era neceſſario irſe o Padre Nobrega a vizitar outras cazas, deixoume sò por falta dos que pera câ nam vindes, que eu nella nam preſto pera mais, que pera em me vendo ſe lembrarem do Padre Nobrega, a quem elles tanto temem, & reverenceam, & por elle me tem acatamento, & reverencia, & tanta obediencia, & credito, como à ſua propria peſſoa. Que cuidais, Irmãos, que ſe faria pello ſomenos de caza, quando por mim tam falto de virtudes Noſſo Senhor tanto faz neſta terra?*

6 *Eſtavam eſperando com a eſperança, que o Padre lhes deu, por hum Padre, que foſſe letrado, & prègador, porque eſta fama de letrado faz muito ao propoſito. Agora quãdo ouviram novas do Biſpo, & que nam vinham Padres da Companhia, ficaram mui deſconſolados, como eu tambem fiquei, por ſer sò, & pera pouco.*

7 Cobroulhe toda a gente notavel amor; tanto, que nam parece ſe ſatisfaziam, ſe o nam viam cada dia. Se lhe acõtecia eſtar oito dias fora da terra, quando voltava todos o hiam vizitar, como ſe entam chegaſſe de Portugal, queixandoſe de que os deixava ſós. Ordenoulhe o Padre Nobrega, que prègaſſe; iſto dis elle fizera, fazendoſe força a ſi meſmo, por ſer ordem do Superior. Naõ era o Padre dos que entre nos profeſſaõ a faculdade; mas a obediencia fazia vencer o mais difficultoſo.

8 Contando o fruto, que ſe ſeguia de ſeus trabalhos, dis: *Eſta Capitania he terra de muito trafego, & on-*

onzenas, & outros peccados, que à força de virtudes se ham de tirar, & nam com meu exemplo. Jà agora dizem, que se vam tirando, & eu tenho ouvido dizer a homens, que tem os olhos algum tanto abertos, que depois que a ella viemos, das dez partes dos peccados, que nella avia, as oito sam fora. E assim avia quatro, ou sinco annos, que nam chovia nella. E este anno choveo tanto, & recolheram tanto mantimento, que he pasmo, & jà os da terra se vam persuadindo, que por causa dos peccados naõ chovia.

9 *Muitas cousas tem Deos obrado nesta terra mediante vossas oraçoẽs, & pello principio, que o Padre Nobrega nella deu, & por mim depois da ida do Padre Nobrega pello muito, que presumem da Companhia. Algumas vezes tenho ido a algumas aldeas, que estaõ duas, & tres legoas desta povoaçam, onde me tem muito credito, & o que lhes mando fazer, fazem em quanto estou com elles. Huma ves me offereceraõ grāde soma de milho, porque convenci hum Indio, que se poz em argumentos comigo sobre suas feitiçarias, & ficou disto mui corrido.*

10 *O que vendo hum velho começou a prègar por toda a aldea, que me trouxessem milho, & me puzeraõ diante com que me eu pudera manter hum anno. Declareilhes, que os nam hia ensinar, porque me dessem cousa alguma; porem porque a Deos o offereciaõ, que mo trouxessem a caza, que o daria aos pobres. Quando vim pera caza, jà me estava aguardando hum principal de outra aldea, que vinha carregado com sette, ou oito negros de milho.*

11 Nos domingos, & festas dizia Missa aos escravos, & nestes fez muito fruto. Todos os domingos da quaresma sahia com elles, que seriam perto de mil, em procissam cantando a ladainha. De tarde lhes ensinava a doutrina. O interprete era huma mulher das mais graves, & mais ricas da terra. Fallando della dis assim: *E nam vos espanteis, Irmaõs, em vos dizer as condiçoẽs, porque com ser tal, parece andar embriagada daquelle mosto, de que os Apostolos se embriagavam: pois faz o que muitos homens linguas se naõ atreveraõ a fazer pella mortificaçam, que nisso sentiam. Com esta mulher confesso algumas Indias Christans, & creyo, que he melhor confessora, que eu, porque he mui virtuoza. Encõmendaya muito a Nosso Senhor.*

12 Neste tempo, que o Padre estava em Pernambuco, chegou do Reyno por Bispo do Brasil Dom Pedro Fernandes Sardinha, o qual logo despachou provisam ao Padre Antonio Pires, pera que em seu nome visitasse aquella Capitania, o que elle fez por obediencia de seu Superior, & depois voltou à Bahia a dar conta do estado das cousas ao Bispo, & a seu Superior. Deixou com seu exemplo, & doutrina mui edificada toda a terra, & com ansia de terem ali de assistẽcia em caza propria aos da Companhia. Este Padre pellos annos adiante trabalhou muito em bem dos Indios. No anno de 1560 acompanhou ao Padre Provincial Luis da Grã em huma mui frutuosa, & fervorosa vizita, que fez nas aldeas dos Indios.

13 Assistio na Ilha Japarica, onde huma noite esteve a ponto de ser queimado, como foi a Igreja, & caza, em que pegado a ella morava; porque huma feiticeira enfadada, de que os Indios, por serem Christãos, a naõ cressem, & porque seu marido fazendose Christaõ, se apartara della, de noite poz fogo à Igreja, o qual se ateou com tal pressa, que apenas ouve espaço pera o Padre, & seus companheiros sahirem a hum quintal, & livrarem do fogo huma caixa, em que estava o calis, & vestimenta. Outras

muitas cousas de grande serviço de Deos obrou, de que naõ tive noticia, como nem do tempo, & lugar, em que falleceo. Nam quis passar em silencio estas poucas cousas, & de outros seus companheiros, pera que delles nesta obra ouvesse alguma lẽbrança, porque todos foram homens dignos de que Deos os escolhesse pera fundar tam gloriosa Provincia, & tam numerosas Christandades. E tãbem, porque quando a Historia do Brasil chegar a seus fallecimentos, se ajude destas poucas noticias, em que por ventura acharâ algũas miudezas, de que lâ nam haja memoria. Da primeira parte da Historia do Brasil, que estâ impressa, vejo, que muitas cousas temos câ nos nossos Cartorios dignas de Historia, de que aquelle Historiador naõ teve as miudezas; por isso se foi ajustando com as generalidades, que desta sua Provincia tem a Historia geral da Companhia.

14 Naquelles primeiros tempos escreviaõ se muitas cartas pellos Padres, & Irmãos, dos serviços, que a Deos ali se faziam, & estas em Portugal se hiam lançando em livros, onde hoje as temos; & lâ nam ficavam originais, nem copias; pois era tanto o que avia, que fazer, que o tempo pera escritturas era mui pouco.

CAPITULO XVI.

Vida do Padre Manoel de Paiva.

No Brasil aos 21 de Dezemb. de 1584.

1 FOi este Padre homem de huma singeleza columbina, na qual assentou bem huma virtude mui elevada, & cheya de prudencia do Ceo. Nasceo em Agueda no Bispado de Coimbra: seus pays se chamaraõ Pedro Anes, & Messia Fernardes; sendo jâ Sacerdote, entrou na Companhia em Coimbra em dezoito de Julho de 1548. No anno de mil quinhentos, & sincoenta foi mandado com outros tres ao Brasil, & foi a segunda Missaõ da Companhia, que lâ passou.

2 Sua vida escreve o Santo Padre Jozeph de Anchieta na forma seguinte. *O Padre Manoel de Paiva entrou jâ Sacerdote de boa idade em Coimbra. Foi homem muito cham, & candido em sua conversaçam, guardando sempre huma perpetua paz. Estando nos Exercicios logo em entrando (como entam era costume) o Irmam, que o servia nelles, esqueceose dous, ou tres dias de o prover, & o Padre nam curou de lho lembrar, cuidando, que ou assim era regra da Companhia, ou que o naõ avia no Collegio, por ser pobre. Finalmente cõ este ultimo pensamento o lembrou ao Irmaõ, dandolhe humas luvas, que comprasse alguma cousa de comer, jâ que o Collegio o nam tinha. O Irmaõ dissimulou, & teve melhor cuidado dali por diante.*

3 *Em chegando à Bahia, como a pobreza era muita, o Padre Nobrega com esse pretexto, como era muito fervente no espirito da mortificaçaõ tam exercitado dos Irmãos em Portugal, mandou vender o Padre Paiva, entregandoo a hum porteiro, que o pregoasse pella cidade, se avia quem o quizesse comprar; & foi a cousa tam de sizo, que se persuadiam todos ser verdade, & que por falta do necessario o vendiam; & naõ faltava quem desse cem, & mais cruzados por elle, pera o ter por seu capellam, espantados da obediencia, & humildade do Padre Paiva, o qual tambem se persuadia, que de verdade o mandavam vender, & dizia aos homens, que o comprassem, que os serviria muito bem. Athe que dahi a alguns dias, que o porteiro andou nisto, dando recado ao Padre Nobrega do que passava, & quãto sobia o preço, que davam por elle, entenderam o negocio, ficando todos mui*

mui edificados da maneira da Companhia.

4 *Foi Cura de almas, antes que entrasse na Companhia; nam sabia muito Latim, cousa, de que naquelle tempo se fazia pouco cazo, & exame com os Clerigos; mas depois, que veyo ao Brasil, trabalhou muito nisso, especialmente ao principio, que se começou o estudo de Piratininga, onde elle era Superior dos Irmaõs; & com acodir a todas as necessidades dos proximos, & às mais obrigaçoẽs de seu officio, estudava com elles, deixando de dormir muita parte da noite, depois de todos dormirem; & às vezes alta noite acordava o Mestre, pera lhe declarar o que naõ entendia; & assim sahio com seu intento de tal maneira, que depois estando na Residencia do Espirito Santo ensinou muitos moços com grandissimo zelo, & diligencia, alguns dos quais continuaram depois os estudos no Collegio da Bahia, athe ouvirem o Curso, & Theologia. Com a muita charidade, que tinha, era nisto incansavel, por dar algum lume aos moços nascidos no Brasil, de que elles pouco curaram, & com isso desaffeiçoalos dos costumes dos Brasiz, a que sam tam affeiçoados.*

5 *Posto que naõ era letrado, com tudo estava muito bem nos cazos de consciencia, que com a mesma diligencia estudava per si, & perguntando. Tinha grande pulpito, naõ tanto de letras, como de fervor, & dezejo de aproveitar as almas: & assim a gente cõmum do povo lhe era muito affeiçoada, & se aproveitava muito de suas prègaçoẽs; as quais elle fazia acodindo a pè a humas, & ortras povoaçoẽs oito, & dez legoas. Era tal sua devaçam, que huma ves prègou a Payxam naõ sei quantas horas de joelhos. Trabalhou por saber a lingoa dos Indios, mas naõ chegou a mais, que a saber ensinar a doutrina por escritto, ajudando os naturais por interprete com praticas, & confissoẽs com muito zelo.*

6 *Com este zelo das almas trabalhava muito de as ajudar, & tirar de peccado, ainda que alguns Portuguezes, que viviam mal, se offendessem disso, por ser elle causa de se lhe tirarem os complices do peccado, naõ faltando ameaças, & injurias, nas quais elle guardava sua costumada paz, & quietaçam, como que se lhe naõ fizesse nada. Hum homem cazado, a quem elle com suas amoestaçoẽs tinha tirado huma manceba, por respeito da qual dava mà vida a sua mulher, & posta em bom estado de matrimonio, & por esta causa andava inchado contra elle, o encontrou sò em hum caminho, & o começou a afrontar, & a empunhar da espada todo enfiado; mas o Padre sem se mover lhe disse com muita paz:* A mim, fulano? A mim? *Isto bastou, pera o outro ficar atado, & deixalo ir em paz seu caminho. Depois entrou em si, & folgou de lhe ser tirada a occasiam do mal, & peccado, em que estava.*

7 *Outro, que tinha cargo de justiça principal na Capitania, injuriou hum dia ao Padre no meyo da rua diante de pessoas com palavras feias, & mui irado, ao qual elle nada respondeo, antes se foi muito quietamente passeando, & ouvindo o que o vinha injuriando, athe se recolher na Igreja. Chegou a desordem do outro a tanto, que fez hum auto do Padre com testimunhas, dizendo, que lhe queria mal; mas com a paciencia do Padre se curou tudo. Da mesma maneira curou outra pessoa principal, que o maltratava de palavra publicamente diante de muitos, dizendolhe, que se naõ fora Padre, lhe ouvera de fazer, & acontecer. A que o Padre respondeo:* Dai graças a Deos, porque o sou. *Com o qual o outro ficou naõ sòmente confuso, mas tambem cheyo de temor, & nam sem*

cau-

causa, porque o Padre [posto que disso nenhum cazo fazia] era homẽ de grande esforço de animo, & forças, & conhecido de todos por tal, mas sua paciencia, & paz interior, com que isto curava, era maior.

8 *Era intrepido pera todo o perigo corporal, especialmente se intervinha obediencia, na qual era promptissimo; tanto, que hum dia indo por hum monte abayxo muito ingreme com o Padre Nobrega, lhe mandou o Padre, que se deitasse por elle a rodar; o qual elle fez logo sem nenhuma dilaçam, indo a tombos pello monte abaixo, athe que lhe disseram, que bastava.*

9 *Ordenaram os Capitaẽs de S. Vicente duas guerras contra os Tamoyos; foi necessario mandar o Padre Nobrega em sua companhia ao Padre Paiva, o qual todo o caminho, que foi largo, lhes disse Missa, & prègou sempre, esforçando os Portuguezes, & confessandoos, & acodindo juntamente aos Indios Christaõs com o Irmam Gregorio Serram, que era o lingua, que levava. Em huma guerra, & em outra foi sẽpre o Padre Paiva sem medo com Cruz na maõ diante athe a cerca das aldeas, huma das quais foi rendida de todo, & com o esforço do Padre se salvaram muitos dos nossos, que estavam a ponto de fugir com perigo certo das vidas: os quais o Padre fez esperar, athe que de todo se renderam os inimigos, de que avia ainda boa copia recolhidos em huma caza forte; & se sentiram covardia nos nossos, ouveram de sahir, & matar muitos nas canoas, em que se queriam ir com pouca ordem, & com muitos jà frechados.*

10 *Pello grande perigo, em que estavam, se pos o Padre Paiva sem medo algum defronte daquella caza, donde se tiravam muitas frechadas, athe que se tomaraõ os inimigos às mãos, & os nossos ficaram salvos. A outra aldea nam foi rendida, antes muitos dos nossos feridos, os quais o Padre Paiva ajudava a tirar do perigo prezente de os acabarem de matar, & recolhendose todos pera as canoas, elle foi o ultimo, que ficou no mato; porque alem de elle ser homem velho, & pezado, quis, que todos fossem diante, & achandoo menos no porto, hum Indio Christamo veyo buscar, & encontrãdoo no mato jà perto, o acompanhou athe o embarcar com toda a gente.*

11 *Neste combate nunca o Padre Paiva se apartou da cerca com a Cruz em a maõ animando a todos, & depois os Tamoyos nos perguntavaõ, quem era aquelle de huma roupa longa, que estava com huma Cruz junto da cerca, porque lhe tiravamos muitas frechadas, & nunca o pudemos acertar? Desta maneira guardou Nosso Senhor por sua misericordia por meyo do Padre Paiva os nossos; & naõ quis, que se destruisse aquella aldea, porque depois esteve nella o Padre Nobrega fazendo pazes com os Tamoyos, muitos dos quais sam agora Christaõs.*

12 *Finalmente o Padre Paiva, que era na idade o mais velho dos da Companhia do Brasil, depois de muitos annos de serviço de Nosso Senhor, estando na Capitania do Espirito Santo enfermou de huma doença prolongada, sem dar com ella trabalho a ninguem, & mandandoo a obediencia, que se fosse a caza de hũ homem muito nosso devoto a outra villa, pera ver se se achava melhor, elle com a saudade da conversaçam dos Irmaõs, & dezejo de outro recolhimento maior, & mais necessario pera tal tempo, naõ pode là aturar, se naõ dous dias, & se veyo pera caza, & carregandoo a enfermidade, em que teve grandissimo trabalho, & paciencia, se foi pera o Senhor dia de Santo Thome Apostolo no anno de 1584, & jaz sepultado na nossa Igreja.* Deste Padre falla o nosso Historiador

riador da Provincia na primeira parte, & o Padre Simaõ de Vasconcellos na do Brasil, & mais que elles o Padre Jozeph de Anchieta, de cujo manuscritto he à letra esta vida.

CAPITULO XVII.

Dos Padres Salvador Rodrigues, Francisco Pires, & Gregorio Serram.

Bahia 15. de Agosto de 1553.

1 COm o Padre Manoel de Payva foraõ pera o Brasil no anno de 1550 outros tres Padres, dos quais ainda que naõ he muito, o que pude aver delles, com tudo esse pouco he sinal da muita virtude, que nelles ouve. Foi hum o Padre Salvador Rodrigues, que se chamou algum tempo Joaõ Rodrigues, natural de Lisboa: entrou na Companhia em Coimbra aos quatro de Janeiro de 1549. tendo trinta, & quatro annos de idade. O mais, que delle hâ, cõ as palavras do Padre Jozeph de Anchieta he o seguinte.

2 *No anno de 1550 vieram de Portugal quatro Padres, tres dos quais saõ ja fallecidos. O primeiro, que foi o Padre Salvador Rodrigues, foi homem de muita simplicidade, & obediencia. Partindo o Padre Manoel de Nobrega da Bahia pera Sam Vicente, o deixou enfermo, & lhe disse, que naõ morresse athe sua tornada. Recebeo elle isto como mandado da obediencia, & estando depois à morte parecialhe, que naõ podia morrer contra aquelle mandado; athe que o Padre Luis da Grã lhe tirou o escrupulo, & lhe disse, que bem podia, porque elle o desobrigava daquella obediencia, & com isto se determinou de morrer com muita alegria.*

3 *Elle só era Sacerdote, & com tudo ficou debaixo da obediencia do Irmaõ Vicente Rodrigues, & dilatoulhe nosso Senhor a vida, athe que chegou o Padre Luis da Grã com seus companheiros, que supprissẽ por elle. Era em particular devotissimo da Assumpçam da Senhora; tanto, que Ascensam, & Assumpçaõ tudo na sua bocca era Assumpçam; & ainda que muitas vezes avizado, com tudo pella muita devaçam, que lhe tinha, confundia os vocabulos, & assim quis nossa Senhora levalo no mesmo dia, porq̃ depois de estar em cama vinte, & tantos dias com muita paciencia, recebidos todos os Sacramentos, espirou em dando meya noite principio do dia da Assumpçam de 1553. Foi o primeiro, que morreo da Companhia no Brasil.* Athe aqui o Padre Anchieta.

4 Outro destes Padres se chamou *Francisco Pires*: era natural de Sirolico no Bispado da Guarda: entrou na Companhia em Coimbra aos 24 de Fevereiro de 1548. Delle tem o Santo Padre Anchieta o seguinte. *O Padre Francisco Pires sempre viveo na Companhia com todo o exemplo de virtude, occupado com o proximo em confissoẽs, prègaçoẽs, ensinar mininos, & outros ministerios da Companhia com muito fruto. Nam soube a lingua da terra, posto que lhe naõ faltou diligencia pera aprendela; com tudo por interpretes ajudou muito os naturais em doutrinas, & principalmente em ouvir confissoẽs, em que era mui continuo.*

Bahia 12. de Janeiro de 1586.

5 *Foi Superior em muitas Residencias da Costa, & residindo em Porto Seguro logo no principio de sua vinda na ermida de nossa Senhora, que he da Companhia, que por sua ordem, & de seus companheiros se fez, lhes fez nossa Senhora a merce de abrir milagrozamente aquella fonte tam afamada por toda a Costa do Brasil, em que se fizeram, & fazem muitos milagres, sarando muitos de diversas enfermidades, onde vam de algumas partes da Costa em romaria a*

buscar

buscar saude, & a acham, & outros pera o mesmo effeito mandam buscar agoa della.

6 *Alguns annos nos principios do Collegio da Bahia foi Reytor delle, & depois de andar por todas as Residencias da Costa exercitando os ministerios da Companhia com muita satisfaçam, foi chamado de huma pera o ditto Collegio, & enfermou no caminho lançando sangue pella bocca, por ser ja velho, fraco, & consumido de trabalhos. Depois de muitos dias, que esteve com esta enfermidade no Collegio com muita paciencia, & alegria, & com muitos colloquios com nossa Senhora, de que era devotissimo, morreo deixando muito edificados, & consolados os Irmaõs no anno de 1586 em Janeiro.* Athe aqui o Santo Padre Anchieta.

7 O dia da morte foi o duodecimo do ditto mez. Deste Padre faz memoria o Agiologio Lusitano. Tambem delle, & do Padre Salvador falla a Historia da nossa Provincia na primeira parte. Algumas cartas acho suas: direi alguns trabalhos, que em huma conta, & a mais de sua vida foi passada de semelhante modo. Sahio huma ves de Porto Seguro a visitar algumas aldeas. Ao passar de hum rio esteve quasi affogado. *Livre deste perigo*, dis o Padre, *hiamos eu, & Vicente Rodrigues, & levavamos em nossa companhia hum lingoa; fomos a humas aldeas alongadas, que ainda nam tinha vizitado. No caminho passamos assas trabalho, & perigo, por nos ser necessario andar de noite algumas vezes, & por mattos, porque câ naõ hâ os caminhos de Portugal, & ha nelles muitas onças, & outras feras.*

8 *Assim chegamos a huma aldea, onde achamos os gentios todos bebados, porque tem elles huma maneira de vinho de raizes, que embebeda muito. Quando elles estam assim, estam tam brutos, & feros, que nam perdoam a pessoa viva: quando mais nam podẽ, poem fogo à caza, onde hâ estrangeiros. Com tudo isto, porque chovia muito, & hiamos muito molhados, nos recolhemos a outra caza a enxugar.*

9 *Dahi a pouco vieraõ com grãde furia com espadas, & outras armas contra nos; mas valeonos a lingua ser boa, que com boas razoẽs os amançou, & porque Deos ainda naõ era servido. Em amanhecendo, vendo, que aquella gente nam tinha descripçam pera vir tam azinha ao conhecimento da Fè; partimos pera outra, onde estava hum principal della determinado com toda a gente a comer quantos brancos ali viessem ter. Com tudo pella misericordia de Deos nos recebeo bem, & nos ouvia pella lingua a doutrina Christaã, & mostrava elle, & todos os mais folgar muito de ouvir, mas nam ouzavam de a dizer por hum feiticeiro lhes persuadir, que com aquellas palavras lhes davamos a morte, & que se as dissessem por sua bocca, que logo morreriam. Daquelles ministros costuma usar o demonio, temendo ser daqui desterrado, como cuido, que o vai adevinhando.*

10 *Assim andamos por outras aldeas nam com pouco trabalho, & desconsolaçaõ, por ver tam pouco conhecimento de Deos, & gente tam indisposta, & incapaz pera receber a Fè, aindaque com sua rudesa mostram folgar de a ouvir, & dezejos de a receber. Tambem passamos muitos perigos por outras partes, de feras, por caminharmos algumas vezes de noite, o que de dia por alguns lugares he assas perigo. Acertouse, que ficasse eu atras huma noite, & a maior parte andei so. Ja o lingua, & Vicente Rodrigues me davam por morto, & senaõ tornara o lingua atras, em grande pressa me vira.*

11 *Com tudo trouxenos o Senhor salvos deste caminho, aindaque cansados,*

sados, & fracos, mui consolados em os trabalhos recebidos por o Senhor. Dali tambẽ hiamos às aldeas a bautizar alguns, que estavam pera matar, & comer, trazendoos primeiro, segundo podia entender sua capacidade, ao conhecimento de nossa santa Fè. Este mal de se comerem huns aos outros anda mui danado entre elles. He tanto, que os dias passados fallaram a hum, ou dous, que tinham a engordar pera isto, se queriam, que os resgatassem? Hum respondeo, que o nam vendessem, porque cumpria à sua honra passar por tal morte como valente Capitaõ.

12 *Introduzidos os de huma aldea algum tanto na Fè, passei adiante a outra. Em chegando me disseraõ, que entam acabavam de matar huma moça; mostraraõme a caza. Entrando dentro achei, que a estavaõ cozendo pera a comer, & a cabeça estava pendurada em hum pao. Comeceilhes a estranhar, & afear o cazo tam abominavel, & contra a natureza. Respondeonos hum delles, que se mais fallasse, que outro tanto nos faria. Eu nam o entendi, senaõ a lingua, que comigo levava, à qual insisti, que fallasse, o que eu lhe dissesse, mas nunca ouzou de fallar palavra. Entam quando isto vi comeceilhes a fallar do que sabia, & no cabo ficaram nossos amigos, & nos deram de comer. Depois fui a outras cazas, em as quais achei pès, mãos, & cabeças de homens, aos donos das quais afeei muito aquillo, & persuadi, que aborrecessem tam grande mal. Depois nos disseram, que todos enterraram as carnes athe da moça, que estava a cozer.*

13 *Nisto, & em outras cousas semelhantes do serviço de Deos, & proveito das almas me occupava, em quanto o Padre Nobrega aqui esteve; depois que daqui se partio pera Pernambuco, o mesmo me ficou por officio, & delle encommendado de maneira, que quando aqui estou nesta Cidade do Salvador, acudo às necessidades espirituais dos Christaõs, que nunca faltam, & daqui vou correr as aldeas dos gentios, que ha ao redor, & ensinar a doutrina Christaã, & fazer Christaõs os que estiverem aptos pera receber o Sacramento do bautismo. Os dias passados me aconteceo resgatar hum moço, & tiralo das maõs dos gentios, que estavam jâ pera o dividir, & tragar. He mui bonito; puzlhe o nome do nosso Irmaõ Antonio Criminal, que em serviço do Senhor mataram na India. Elle na gloria queira ser intercessor com Deos, pera que esta alma se salve, & de nos tenha especial memoria.* Athe aqui parte da carta do Padre Francisco Pires; & huma vida larga em obras de charidade nesta forma, & em trabalhos continuos com tanto serviço de Deos, bem se ve, que avia de ser cheya de grandes virtudes, & perfeiçaõ. E certo as ouve admiraveis em todos aquelles primeiros Padres fundadores daquellas Christandades, cuja paciencia pode amolgar gente tam bruta, & tosca, que apenas averà no mundo outra, que mais o seja, que os Brasiz. Fizeram aquelles santos homens em verdade, o que os antigos fingiraõ nos seus Amphioẽs, & Orpheos, servindolhe de cithara a sua charidade, & paciencia, & de pena do instrumento os seus trabalhos.

14 Do *Padre Gregorio Serram* tem o Padre Jozeph de Anchieta o seguinte: *Hum dos companheiros do Padre Manoel de Nobrega, que ajudaram a edificar em seus principios a caza de Piratininga, foi o Padre Gregorio Serram; o qual entrou na Companhia em Coimbra o anno de 1550. Foi enfermeiro muito tempo com grande satisfaçaõ de todos, de muita diligencia, charidade, & alegria pera com os enfermos, & por serem conhecidas estas partes, & outras virtudes nelle, o escolheo o Padre*

Capitania do Espirito S. 25. de Nov. de 1586.

dre Miram pera enfermeiro do Santo Padre Meſtre Gonçalo (aindaque bem o ſentiraõ os enfermos do Collegio) & companheiro de huma ultima peregrinaçaõ, que fez a Sam Gonçalo de Amarante, donde tornou a Lisboa. Foi curado delle com ſingular diligencia, & charidade, athe que eſpirou.

15 Teve depois diſto Gregorio Serram muitas enfermidades, & como lhe aproveitaſſem pouco os muitos remedios, que ſe lhe faziam, por parecer dos Medicos foi mãdado quaſi por incuravel ao Braſil em companhia do Padre Luis da Grã o anno de ſincoenta, & tres. Quaſi toda a viagem foi enfermo, mas com tudo muita parte della teve cuidado de ſervir, & miniſtrar aos Padres. Da Bahia foi logo mandado a Porto Seguro, onde eſteve alguns ſinco mezes mui enfermo na caza de noſſa Senhora da Ajuda, & no cabo delles ainda muito fraco foi paſſado pera Sam Vicente, onde continuou com ſuas enfermidades algum tempo. Dandolhe noſſo Senhor alguma melhoria, começou a ſer participante dos trabalhos de Piratininga, nos quais era dos dianteiros: teve quaſi ſempre o cuidado de Soutominiſtro, cozinheiro, diſpenſeiro, & finalmente de toda a caza. E com iſto eſtudava Latim com toda a diligencia, ſem faltar em nada, & a lingua do Braſil aqual ſoube de maneira, que podia enſinar a doutrina, inſtruir pera bautizar, confeßar, & ainda prègar.

16 Reſidio em huma aldèa muito tempo, que ſe ajuntou duas legoas de Piratininga, com o Irmaõ Manoel de Chaves, aprendendo ali a lingua, & enſinando os mininos da eſcola, paßando muito frio, & fome. Pella muita pobreza, que entam avia de mantimento, & veſtido, nunca trouxe mais naquelle tempo, que a roupeta velha ſobre a camiza, & ſiroulas; dormindo em huma rede, tendo o fogo por cobertor. Aos Domingos, & dias Santos lhes acodia hum Padre de Piratininga a os confeſſar, & dizer Mißa, & algumas vezes vinhaõ elles entre ſemana a ver os Indios. Neſtas idas, & vindas aprẽdia as regras da arte da lingua com grande cuidado, & goſto, pera poder com ella ajudar as almas, como ſempre ajudou, vizitando os Indios por ſuas aldeas, & as villas dos Portuguezes com ſeus eſcravos, prègando em Portuguez, que tinha pera iſſo grande talento, & ſendo interprete nas confiſſoẽs dos eſcravos, & das miſtiças ſuas ſenhoras, & enſinando a doutrina.

17 Paſſados alguns annos neſtes exercicios, foi mandado à Bahia, onde tomou ordens ſacerdotais, & empregou ſeu talento com grande fruto das almas. Prègava de continuo com grande ſatisfaçam. Foi Reytor do Collegio muitos annos, oqual accreſcentou muito no temporal cõ ſua grande induſtria, & modo de tratar com os ſeculares, cujos animos atrahia com ſua charitativa converſaçam, & affabilidade, de maneira, que lhe davaõ muitas, & groſſas eſmolas, comque ſuſtentava o Collegio. Era muito inteiro no ſeu officio fazendo guardar as regras, & conſtituiçoẽs com ſuavidade, nam ſe eſquecendo a ſeus tempos da ſeveridade. Era verdadeiramente eſcravo, & miniſtro com todos. Nam ſe ſatisfazia, quando alguns aviam de ir fora, com os mãdar aviar, mas elle por ſua maõ lhes aviava todo o neceſſario, nem ſe eſquecia de ſua amada cozinha, antes muitas vezes a viſitava, & tẽperava o comer por ſua maõ, & particularmente o fazia pera os enfermos. Tinha particular cuidado de prover os Irmaõs, que tratavam na converſam: vizitavaos a elles, & aos Indios, ajudandoos tambem a cathequizar, & apparelhar pera o bautiſmo. E aſſim de huns, & outros, dos noſſos,

&

& dos de fora era amado como verdadeiro pay.

18 *Foi eleito por Procurador pera Roma no tempo de noßo Padre Everardo, o qual officio fez com muita prudencia, diligencia, & edificaçaõ. Por ver nosso Padre tantas partes nelle, o tornou a mandar ao Brasil com cargo de Reytor do Collegio da Bahia, no qual perseverou muitos annos cada ves com mais exacçaõ de diligencia, & charidade assim pera os nossos, como pera os de fora, aos quais acodia com muita benignidade em seus negocios, & necessidades, buscando remedio pera os pobres, & principalmente pera cazar orfans, pera o qual ajudavam os ricos devotos com muita liberalidade.*

19 *Tinha muita authoridade pera com os Governadores, & assim por seu respeito tinham muita conta com favorecer o Collegio, & o negocio da conversam, & liberdade dos Indios. Finalmente em tudo os achava benevolos, cuja amizade, & authoridade, & dos Bispos, & mais Justiças elle por todas as vias trabalhava de conservar.*

20 *Andando assim occupado nestes officios, & indo huma noite em hũ barco a fazer huma obra de serviço de Deos, & mizericordia, como costumava, lhe deu o ar na cabeça, de q̃ começou a enfermar, & pouco a pouco se foi alienando; mas nunca deixou de fazer seu officio, athe q̃ pareceo bẽ ao Padre Christovam de Gouvea, que entam era Vizitador, que tinha necessidade de ajuda, a qual lhe deu sustituindolhe hum Padre, ficando elle ainda com titulo de Reytor, mas como a enfermidade nam tinha melhoria, antes cada dia se aggravava mais, o alivion de todo.*

21 *Era elle muito escrupuloso pera comsigo (ainda q̃ pera os outros escrupuloso largo) & nestes tempos, q̃ nam governava, tudo era entender comsigo, & expedirse de cousas paßadas no mundo muito miudas, confessandose muitas vezes; & porque jâ nam podia dizer Missa commungando, athe que lhe deu noßo Senhor muita pas interior, & ficou muito sossegado em seu espirito, & de todo alienado, junto com outras enfermidades velhas, que se lhe renovaraõ; mas sempre andou em pè conversando com os Irmaõs.*

22 *Parecendo aos Superiores, que se acharia melhor na banda do sul, por ser aquella terra melhor, determinaram de o mandar ao Rio de Janeiro com esperanças de convalescer, porque ainda tinha boas forças. Dandolhe o Provincial a nova, respondeo elle:* Sabe Vossa Reverencia, como eu estou? *E dizendolhe,* Sim: *aceitou a ida de muito boa vontade, como que estivera em todo seu sizo, despedindose dos Padres, & Irmaõs com lagrimas, & embarcado em companhia de outros Padres, & Irmaõs, foi ter à Capitania do Espirito Santo, & esperando ali por tempo, pera cumprir sua viagem, quis noßo Senhor, que cumprisse primeiro a de sua peregrinaçaõ. Dandolhe huma febre, a concluio brevemente em hum dia, ou dous acabando com muita pas a 25 de Novembro de 1586, tendo trinta, & seis annos de Companhia, & trinta, & tres do Brasil. Jas sepultado na nossa Igreja de Santiago da mesma Capitania.* Esta a vida, que deste servo de Deos escreveo o Santo Padre Anchieta, & por ser tal o elogiador, a quis referir com suas palavras, que estam tam cheyas de espirito, quanto seu Author o estava, & por ellas se fas mais conceito, de quam virtuoso foi este Padre, do que se faria pellas minhas.

CAPITULO XVIII.

Vida do Padre Luis da Grã.

Como entrou na Companhia: de sua mortificaçaõ. Passa ao Brasil, onde he Provincial, & do muito, que ali trabalhou.

Em Pernambuco 5 de Mayo de 1613.

1 O Padre Luis da Grã nasceo em Lisboa de pays nobres, que o mandaram estudar Direito Civil em Coimbra. Naquella Universidade era dos bons estudantes na sua faculdade de Leys. Quando ali começou a nossa Companhia, trouxe Deos a ella o melhor da Universidade em nobreza, & engenho: dos muitos, que Deos nos deu pera nos honrar, foi hum Luis da Grã: entrou ali em Coimbra na Companhia aos vinte de Junho de mil quinhentos, & quarenta, & tres. Naquelles primeiros Padres foi notavel o espirito de mortificaçaõ, que ouve no santo Collegio de Coimbra. Parece naõ avia outro maior cuidado, que buscar modos pera cada hum se avilitar, mortificar, & humilhar. Sahio este fervor em cousas mui raras, das quais se dizem nam poucas em nossas historias; outras andam em manuscrittos antigos. Todos aquelles bemdittos homens pareciam Noviços. De nada, que os pudesse humilhar, se desdenhavam, antes só disso tinham fome insaciavel.

2 Algumas acho nomeadamente do Padre Luis da Grã, como era ir em corpo com outros buscar agoa à fonte, que em Coimbra chamam do Bispo, & ao Rio Mondego. Inventaram os Irmaõs, que assim se chamavam todos, & o Padre Mestre Simaõ o consentio, que às semanas huns fossem superiores dos outros, & os pudessem mortificar. Succedeo pois cõforme este costume, que o Irmam Dom Rodrigo de Menezes teve por subdito ao Padre Luis da Grã: entre as mortificaçoẽs, que lhe fez, hum Domingo lhe mandou, que tomasse os seus lançois, que eram lavados, & os trocasse com os lançois de hum negro, que andava na cozinha, que lhe parecia, que era doente. Sentio nisso o Padre Grã escrupulo, mas cortando por todo o horror natural, tirou aquelles grosseiros, & pouco limpos do negro, & lhe deu os seus.

3 Parecendo ao Padre Grã, que o Irmaõ Dom Rodrigo se avia com elle brandamente, disse ao Padre Mestre Simaõ, que Dom Rodrigo o naõ castigava rijo, antes parecia, que zombava, & lhe tirava manso pellas orelhas; respondeo o Padre Mestre Simaõ, que se Dom Rodrigo fizesse mais aquillo, lhe desse huma bofetada. Indo elle a tirarlhe pellas orelhas, o Irmaõ Grã levantou a mam, & deulhe huma fermosa bofetada, a qual o virtuoso Irmaõ soffreo com muita paciencia, sem dar mostras de sentimento. Em outra occasiaõ Dom Rodrigo pegando de huma tizoura cortou hum pouco da barba ao Irmaõ Luis da Grã, & nesta forma o deixou andar. Estas, & outras cousas deste jaez se faziam naquelles dourados tempos, todas sem aver dobrez em quem as fazia, mas antes huma singeleza santa, que por faltar jâ, & aver muito de prudencia humana, que mede estas acçoẽs por outras medidas mui diversas do que entam, hoje andam em outra esteira, tidas, & avidas por sinceridades santas dos antepassados, & Santo Ignacio as mandou cercear.

4 No anno de mil quinhentos quarenta, & oito succedeo ao Padre Luis Gonçalves da Camara no governo do Collegio de Coimbra, & foi o seu quarto Reytor, fazendo esta occupaçaõ, como de sua prudencia, & virtude se esperava. Dezejou muito,

to, & pertendeo gaſtar ſua vida na converſam dos Braſiz. No anno de 1553 foi mandado àquelle novo mũdo com outros ſeis da Companhia, dos quais era hum o incomparavel varam Jozeph de Anchieta. Partio de Lisboa em 8 de Mayo de 1553: chegou à Bahia em 13 de Julho do meſmo anno em companhia de Dom Duarte da Coſta, que hia por Governador do Eſtado. Os noſſos da Bahia, que eram ſó tres, hum Sacerdote, & dous Irmaõs, os receberam como a homẽs, que vinham do Ceo, pera os ajudarem no muito, que avia que fazer.

5 Trazia o Padre Grã patente de Santo Ignacio, peraque o Padre Manoel de Nobrega foſſe Provincial do Braſil, & mandava o Santo foſſe ſeu collateral com iguais poderes o Padre Luis da Grã, porque aſſim o pedia a diſtancia dos lugares. Tambem vinha ordem pera os dous fazerem a profiſſam do quarto voto. Na Bahia ſe empregou todo em ajudar os Portuguezes, & levar adiante quãto ali tinha principiado o Padre Nobrega. No anno de 1555 partio pera a Capitania de S. Vicente, pera ſe aviſtar com o Padre Manoel de Nobrega; couſa, que muito dezejava. Chegou a S. Vicente em quinze de Mayo, a tempo, que o Padre Nobrega eſtava a ponto de fazer huma comprida jornada ao Paraguâi, aqual deixou por parecer do Padre Luis da Grã.

6 Depois de ſe conſolarem eſtes dous grandes ſervos de Deos, fez o Padre Grã ſuas entradas pello ſertam levando por lingua ao Irmaõ Manoel de Chaves. Eſtes caminhos fazia a pè, ſem outra prevençaõ pera ſe ſuſtentar, mais que o que lhe davaõ os mattos, & rios, por orde paſſava. Naõ teve eſta primeira jornada ſucceſſo, por andarẽ os Indios daquella aldea metidos em guerra. Dali foi deſcahir em outra paragem, onde avia paz. Foi bem recebido dos Indios, & fundou ali huma mui boa Chriſtandade. Duas vezes no dia enſinava a doutrina, & à noite ſahia pella aldea com hum minino da doutrina tocando huma campainha. Neſta forma corria as cazas enſinando em alta vos as oraçoẽs em cada huma dellas tres vezes. Foraõ os Indios mui bem doutrinados, & tam bons Chriſtaõs dali em diante, que nam ſahiam à guerra ſem primeiro ſe confeſſarem, & commungarem. Deos os favoreceo de modo, que nunca foram vencidos de ſeus inimigos.

7 Vendo o Padre Nobrega o grande eſpirito do Padre Grã, o deixou ficar naquellas partes de Saõ Vicente, & elle ſe paſſou às da Bahia ſobre diverſas importancias conducẽcentes ao bem da Chriſtandade. Neſtas partes de Sam Vicente eſtava no anno de 1559, em que veyo de Roma patente de noſſo Reverendo Padre Geral Diogo Laynes ao Padre Grã pera ſer Provincial. Andava aquella Capitania mui deſaſſoſſegada com a peſtilente vizinhança dos hereges de França, que ſe hiam engroſſando muito na enſeada do Rio de Janeiro.

8 Succedeo aqui, que querendo Villagailhon Capitam dos Francezes caſtigar as inſolencias de alguns dos ſeus, quatro delles ſe acolheraõ pera a Capitania de Saõ Vicente, onde foram bem recebidos, porque ſe fingiram Catholicos: porem logo foram vomitando ſua peçonha, em eſpecial hum por nome Joam Bolèz homem verſado nas linguas Latina, Grega, & Hebrea, & na Sagrada Eſcritura. Eſte maldito começou a fallar mal das imagens, indulgencias, & outras verdades da Fè, ao principio em ſegredo diante da gente ſimplez. Era homem deſtro na lingua Caſtelhana, graciozo no fallar; entre eſtes donaires metia o ſeu veneno.

9 Chegando tudo à noticia do Padre Grã, que eſtava em Piratininga:

ga: ſem demora partio pera Saõ Vicente, por atalhar eſte mal, em quanto era faiſca. Sabendo o herege de ſua vinda, & temendoſe delle, fez huma invectiva contra o Padre em Latim. a qual começava neſta forma: *Adeſte mihi, Cælites; afferte gladios ancipites ad faciendam vindictam in Ludovicum Dei oſorem.* Aſſiſtime, moradores do Ceo, daime voſſas eſpadas cortadoras, pera tomar vingança de Luis inimigo de Deos. Neſta o culpava por deixar de dar o paõ da palavra de Deos aos Portuguezes, pello dar aos gentios contra a doutrina do Apoſtolo Sam Paulo.

10 Logo em chegando o Padre aſſim nas praticas, como nos pulpitos começou a perſeguir as doudices daquelle herege, dizendo a todos ſe guardaſſem delle, como de ſerpente venenoza. Eſtando o Padre em outra villa, o herege o foi vizitar, intentando com eſta manha abrandalo. Foi elle em occaſiaõ, que o Padre eſtava pera prègar. Vendo o Padre tam boa occaſiaõ, mudou a prègaçaõ de repente accommodandoa ao ouvinte; como ſe de muito tempo a tivera compoſto, & eſtudado a eſte fim. Como de couſa inopinada, ſe aſſuſtou o herege; mas como era manhozo, acabada a prègaçam, foi praticar com o Padre, fingindoſe mui bom Catholico. Bem entendeo o Padre ſuas malicias, & vendo, que jâ nos ignorantes avia delle opiniam, & diziam, que o Padre Grã temia de vir com elle a diſputa, apertou com a juſtiça Eccleſiaſtica, & depois de muitos proteſtos, que ſobre iſto fez, o herege foi prezo, & remettido ao Biſpo â Bahia com outros dous ſeus companheiros. O quarto ſe reduzio, & ficou na Capitania de Saõ Vicente. Deſte modo ſe apagou aquelle fogo, que jâ começava a ir lavrando.

11 Quando lhe foi lida a patente de Provincial, ſe ouve com muita humildade; beijou a todos os pès, & lhes rogou o ajudaſſem a levar aquella, que elle tinha por Cruz pezada, & na verdade pera ſua humildade o era muito grande. Muitas obras de grãde ſerviço de Deos ſe fizeram na Capitania de Saõ Vicente por induſtria dos dous ſervos de Deos Manoel de Nobrega, & Luis da Grã, como foram mudarſe a villa de S. Andre, abrirſe novo caminho livre de aſſaltos dos Indios desde Saõ Vicente athe Piratininga.

12 Succedendo aver ali ao pôr do Sol huma tormenta junta com tremor de terra, couſa tam horroroſa, que parecia quererſe acabar o mundo; neſta medonha confuſam o Padre Provincial mandou aos noſſos Religiozos por diverſas partes pera animarem, & confeſſarem a gente: elle fez o meſmo, andando em todo o tempo, que durou a tormenta, metido naquella confuſam, confeſſando, & animando a todos.

13 Paſſada eſta tribulaçam, ſuccedendo irem à guerra os Indios de huma aldea, tomaram nella a hum minino de ſeus inimigos; & ſegundo ſeus barbaros coſtumes o preparavaõ pera o matarem com ſuas coſtumadas feſtas, & algazaras em terreiro publico: ſabendo diſto o Padre Grã, ſe foi àquella aldea a toda a preſſa, caminhando a pè: chegou no melhor da feſta, & com ſerem neſtas occaſioẽs os barbaros indomaveis pello exceſſivo goſto, que tem de matarem, & comerem ſeus inimigos, em vendo o Padre, & ouvindoo, lhe conſentiram, que bautizaſſe ao minino, porque iſto ſómente lhe pedio por primeira inſtancia; & nam fizeram pouco em o conceder, porque o demonio mais tragador de almas, do que elles o ſam dos corpos, lhes meteo na cabeça, que com a agoa do bautiſmo as carnes perdem o goſto.

14 Bautizado pois o minino, entrou

trou o Padre em outro requerimento de o naõ matarem. Levaõse estes barbaros muito da valentia, & della fazem o seu maior garbo: por aqui os assaltou o Padre Grã, propondolhe muitas rezoẽs, como naõ era de animos valentes, quais eram os seus, gloriarse de matar hum minino, que nem fallar sabia; antes era fraqueza fazer disso alarde. A aste tom lhe foi dando outras rezoẽs todas com bom modo, afeando tambem o cazo aos que daquelles Indios eram Christaõs. Penetraraõse do arrezoado do Padre, & poucos a poucos foram deixando o terreiro, & o minino. Naõ faltou com tudo hum, que levado da payxam às escondidas o matou; com tudo evitouse, que o nam comessem. Nesta forma aquelle ditoso se foi ao Ceo com incrivel gosto do servo de Deos, que ainda que se doeo da morte, que deram ao seu bautizado, o julgou por mais bem affortunado cõ ella, do que o fora com a vida, se lha dessem.

15 Nam passou muito tempo, q̃ os mesmos Indios na mesma guerra nam cativassem a hum mancebo valente. Acodio logo o Padre Grã. Nam tinham aqui lugar as rezoẽs, que no cazo passado; porem conseguio duas cousas de maior importancia; que o bautizasse, & depois de morto em terreiro lhe fosse entregue, & o naõ comessem; dizendo os barbaros, que nisto de o deixar bautizar, & o naõ comer, podiam ceder os particulares; mas que naõ podiaõ ceder em que naõ fosse morto em terreiro com as costumadas ceremonias, per ser razaõ de estado entre elles. Era o moço de bom entendimento, & fez conceito das verdades da Fè; tanto assim, que naõ dezejava a vida; bautizouo. No dia da morte, quando sahio ao terreiro, & lhe ouveram de dar na cabeça, se poz de joelhos, & com o Santo Nome de JESU na bocca recebeo a morte. Depois de cahir em terra, o principal mandou entregar o corpo ao Padre Grã, que como a Christaõ lhe deu sepultura.

16 De Saõ Vicente se partio o Padre Grã na armada, com que Mem de Sà tinha destruido a fortaleza dos Francezes no Rio de Janeiro; chegou à Bahia no principio de Agosto. Logo no Outubro seguinte foi a pè vizitar as aldeas, em que achou mui promovida a Christandade com o zelo dos nossos Religiozos, que lhe assistiam. Formou de novo huma boa aldea de Indios trazidos de outra parte, a que deu nome de aldea de Santo Antonio.

17 No anno de 1562 em Janeiro começando o Padre a correr as aldeas, & fazer nellas numerosos bautismos; depois de ter bautizado em diversas aldeas athe mil, duzentos, & noventa Indios, querendo continuar adiante, & tendo mandado ao Padre Antonio Rodriguez, que lhe tivesse dispostos os Indios de duas aldeas chamadas S. Andre, & Saõ Pedro, lhe escreveo o Padre, em como eraõ todos fugidos ao sertam, porque os feiticeiros das brenhas, vendo que se lhes diminuia o lucro, tinham persuadido com suas diabolicas invençoẽs aos moradores destas duas aldeas, que eram ainda frescos neste modo de viver, & nas cousas da Fè, que se tornassem ao matto.

18 Effeituaram seus intentos; porem o Padre Antonio Rodriguez confiando em Deos os foi buscar, & os achou em numero de tres mil almas entre aquelles mattos, carregados de suas vitualhas, mortos de fome, mui affligidos contra o que cuidaram; por isso foi mais facil ao Padre fazelos tornar a suas aldeas. Servio o trabalho de os confirmar mais no que o Padre queria. Fez avizo ao Padre Grã, que indo bautizou ali athe mil, cento, & sincoenta. Por estar proxima a quaresma, acodio a ca-

caza pera assistir ao confessionario, & ao pulpito.

19 Depois emprendeo huma nova missam ao Rio de Saõ Francisco; porem tendo padecido muito na jornada, foi obrigado a tornarse do caminho, assim por causa dos continuos assaltos do gentio, como principalmente pella fome, que a elle, & companheiros os chegou à morte. Voltando continuou nas vizitas, & bautismos de outras aldeas, em que padecia grandes incõmodos de chuvas, fomes, & cansaços. Fallando desta occasiaõ o Padre Leonardo em huma carta sua, tem estas palavras: *Os descansos do Padre Grã por esses despovoados nam os conto, porque saõ os costumados de fomes, & chuvas, sem aver venda, nem choupana, em que se meter, & agora à vinda lhe aconteceo, depois de andar longo caminho, chegar a hum rio mui largo, ou braço de mar, que se avia de passar em barco, pera ir à Ilha Japarica, & tardoulhe tãto o barco, que depois de passar toda a noite no campo à chuva, & quasi todo o dia sem comer, lhe foi forçado meterse em huma jangada; & acertou de correr entam tanto o mar, que o levava pella barra fora, & foi dar a jangada no rolo do mar, onde correo tando perigo, que foi necessario ao Padre Gaspar Lourenço lançarse no mar com os Indios, que levavam, & assim quis Nosso Senhor, que sustentaram a jãgada, & escaparam do perigo, & com quanto chegaram assim elle, como o Padre Gaspar Lourenço, que com elle fora, cansados com os muitos trabalhos, que passava de sinco semanas sofriam, assim em caminhar, como em aperceber os que se bautizam, que sem duvida parece quasi insofrivel a forças humanas.* Athe aqui o Padre Leonardo.

20 Nesta continuaçaõ de trabalhos foi lidando o Padre Luis da Grã, athe que por morte do Santo Padre Ignacio de Azevedo, Saõ Francisco de Borja mandou patente ao Padre Manoel de Nobrega, que fosse Provincial em lugar do Padre Grã, de quem era successor o Padre Azevedo. Logo que teve na Bahia esta noticia, tendo pera si, que jâ no Rio de Janeiro o Padre Nobrega estava com a patente de Roma, depoz o governo. Succedeo porem chegar pouco depois nova do Rio, em como era fallecido o Padre Nobrega. Nesta occurrencia de successos quizeram os Padres, que tomasse o Padre Grã o governo; porem elle, que dezejava mais obedecer, que mandar, resistio a isto, valendose de huma disposiçaõ, que deixara o Padre Vizitador Ignacio de Azevedo, que acontecẽdo faltar o Provincial, tivesse cuidado da Provincia o Reytor do Collegio da Bahia, & assim se fez.

CAPITULO XIX.

De hum naufragio, & outros trabalhos do Padre Luis da Grã. Hũ cazo da efficacia de suas oraçoẽs, & dos Religiozos da Companhia.

1 FOi mui notavel o naufragio, que padeceo no anno de 1574 com outros Padres, mas no Padre Grã ouve huma notavel particularidade. Este acontecimento refere em huma carta sua o Padre Vicente Rijo, que era hum dos companheiros, cujas palavras, & narraçaõ he a seguinte: *Vindo o Padre Provincial de visitar as casas de Saõ Vicente, & de Saõ Paulo, & o Collegio de Saõ Sebastiam, & a caza do Espirito Santo com o Padre Luis da Grã, Antonio da Rocha, Fernam Luis, o Irmaõ Joam de Sousa, & outro Irmaõ, & eu com algumas pessoas de nossa Companhia, embarcando na villa do Espirito Santo pera vizitar*

tar

tar de caminho as duas cazas de Porto Seguro, & Ilheos, nos deu hum tempo tam forte, que deu com o navio à costa, & se fez pedaços às onze horas da noite, sem escapar cousa alguma, sò as pessoas milagrosamente; alguns meyo affogados, como foi o Padre Luis da Grã.

2 *Foi a tormenta tamanha, que deu o navio em secco: accudiram algumas pessoas a confessarse, com que me occupei, & os Padres huns com os outros. Os mares eram tam fortes, que quebravam dentro em o navio. Acabando a confissam, por depressa, que sahi fora da camara, nam achei viva pessoa no navio jâ quebrado. Naõ sabia, se estavamos em terra, se era coroa de area. Como o navio estava de ilharga com a quilha pera terra, deitei maõ de huma corda, pera me pòr em sima do extibordo, & por duas vezes me quebrou a corda. As cubertas eram jâ desfeitas de grandes golpes em baixo do navio. Os mares, que me cobriam tantos covados emsima com muita madeira juntamente, que bastava pera acabar.*

3 *Da terceira ves, que me peguei, pusme emsima do navio, & escaçamente vi alguma gente, pello grãde escuro. Bràdaraõme, que me deitasse, como fis, & apanharaõme nos braços em caindo, antes que viesse à resaca. Achei a todos fora, tirando o Padre Luis da Grã, & o Padre Fernaõ Luis, os quais se naõ podiaõ despedir; mas saindo logo o Padre Fernaõ Luis, ficava o Padre Luis da Grã metido na meya cuberta por grande espaço debaixo da agoa, & cõ hum escotilham sobre o pescoço, que o matava. Em terra o Padre Provincial naõ durava com as lembranças do Padre Luis da Grã, posto que estava mais morto, que vivo, & todos molhados com grande chuva, & vento sem fogo.*

4 *Os homens naõ ouzavam chegar ao navio quebrado com as grandes resacas; & o Padre Luis da Grã a padecer, sem lhe podermos valer. Jâ o naõ buscavamos vivo pella praya: mas as cousas, que elle teve com Deos, & a Virgem Nossa Senhora, foram grandes; mas huma direi, & foi, que estando com o escotilham sobre o pescoço, alargouo, & achouse com os pès na area, & disse: Senhora, se estou jâ em terra, douvos muitas graças; daime huma taboa, em que saya. Veyolhe a taboa, & veyo hum mar, levouo a terra. Viraõno huns homens, & accudiram. Assim despido com calçoẽs, & camiza quasi affogado tornou, depois de o aquentarmos huns com outros, que fogo naõ o avia. E assim nos ajuntamos todos em huma mò. Queriamos meternos no mato. Era o espinho tanto, que os que foram diante, bem se escalavraram. Assim estivemos toda a noite. Hum dos Padres ouvera de morrer de frio. Fizeraõlhe huma cova na area, chegouse a gente ao redor delle, & assim escapou.*

5 *Vindo a menhaã, conhecemos, que se naõ cairamos neste lugar, nam tinhamos remedio de vida, se fora mais avante, ou atras: achamonos em terra de onças, & de gente do mato, que comem gente branca, longe do Espirito Santo, donde partimos sem alguma cousa de comer; nem agoa tinhamos. O Padre Provincial, & eu andavamos buscando agoa pellos cardos, os quais a recebiam, quando chovia. Era tal, & vermelha, que ainda, que a sede era muita, duvidavamos bebela. Algumas frutas bravas andavamos apanhando, pera nos poder de alguma maneira sustentar.*

6 *As prayas eram molles; nam podiamos andar, nem podiamos fazer fogo. Passamos rios com grande perigo, & por duas vezes nam avẽdo remedio, Deos nolo deu, como dâ a todas as cousas. E segundo o tempo, & a grande necessidade, nos o te-*

mos por mysterio, porque de outra maneira nam se podia passar, nem esperar, porque hiamos buscando algumas aldeas, onde achassemos que comer. O Padre Rocha foi diante a fazer prestes alguma cousa. Nisto vimos vir alguns Indios com suas mulheres, & huma dellas trazia huma pouca de farinha, como dous punhos, com huma duzia de favas bem duras, & huma pequena de carne de porco do mato, tamanha como dous dedos, dura como ossos.

7 *Com tudo demos graças a Deos, principalmente o Padre Provincial repartio com todos; mas como podia ser entre trinta, ou sessenta pessoas, que jâ nam podiam andar com fome? Neste trabalho andamos nove, ou dez dias, huns mancos, outros empollados, & outros às costas, athe chegarmos à villa. Os moradores sabendo nossa vinda, mandaram ao caminho de comer, & os nossos Padres, & cavalgaduras com muita charidade. Assim nos vizitaram cõ suas pessoas, & fazendas, comer, beber, vestidos, pano de linho, & de algodam, & tudo, quanto aviamos mister. Depois destes trabalhos adoecemos quasi todos de febres, & outras doenças, que elles causavam.* Athe aqui a narraçaõ do Padre Vicente Rijo, da qual se ve bem, quanto padeceria o Padre Grã, sendo jâ neste tempo mui cortado com achaques, & trabalhos.

8 Mas este varam do Ceo sempre foi maior, que os trabalhos: fallando delle o Irmaõ Ambrosio Pires em hũa sua, logo nos principios, quãdo foi a Porto Seguro, tem estas palavras: *Chegou tam mal disposto o Padre Luis da Grã, que era pera vos doer muito, se o vireis perdido de enjoado, sem cabeça, nem estamago, com huma postema em hũa ilharga, de que lhe corria muita peçonha. Aqui o curamos, como pudemos, naõ que fosse muito melhorado, porque a terra nam tem outros remedios, se naõ os que Deos quer dar. Vinha feito à pobreza; era o desprezo pintado, vestido em huma roupeta parda, que delâ trazia com quasi tanto pano alheyo, como proprio. Muito occupado sem se poder occupar, nem ter pera isso disposiçaõ corporal, em aprender astrolabio, & cartear, por lho assim mandar o Padre Nobrega, & dizer, que parece determina, que hum delles entre pella terra dentro a fazer muitos povos Christaõs, que dis que o estam esperando.* Athe aqui as palavras do Irmaõ Ambrosio Pires.

9 Avia no Brasil grande opiniaõ da virtude do Padre Grã, & mais da Companhia: acho sobre isto hum cazo mui notavel, que succedeo com o mesmo Padre, & he digno de eterna memoria, porque se veja quanto podẽ as oraçoẽs dos servos de Deos. No Brasil era morador hum homem por nome Joaõ Alpoem, cazado, & com filhos, mui devoto da Companhia. Tinha do Padre Geral carta de participaçaõ de suffragios, & sepultura. Chegou a ser mui enfermo de sorte, que os Medicos diziam nam teria saude, se naõ indose aos ares patrios; era elle natural de Viana do Minho. Tomada resoluçam de se voltar ao Reyno, vendeo sua fazenda, & a passou por letra a Portugal. Estando pera se partir, o foram vizitar o Padre Provincial Marçal Biliarte, & o Padre Luis da Grã.

10 O enfermo lhe disse: *Padres, eu acho quem me segure minha fazenda no Reyno: mas nam hâ quem me segure minha pessoa, mulher, & filhos: Vossas Reverencias, como pessoas principais desta Provincia, me ham de segurar isto, que o mundo me naõ pode segurar; & me haõ de dar letra disto.* Fallava com palavras taõ affectuosas, & mostrava tal fè nas oraçoẽs dos da Companhia, que os Padres lhe offereceram huma esmola de

de oraçoẽs. Indofe pera caza, lhe mandaram tirar a tal efmola; conftava ella de feffenta Miffas, grande numero de coroas da Senhora, oraçoẽs, cilicios, & difciplinas, & de como em cada certo dia lhe aviam de dizer as Miffas. Mãdoufe ao enfermo a lifta defta foma de oraçoẽs, & efmola efpiritual.

11 Vindo pello mar com parte da fua fazenda, & familia, fe abrio o navio. Fazia tanta agoa, que nam avia poderfe efgotar; por tanto o piloto avizou a todos trataffem de fuas almas, porque o mais tardar dentro de hum quarto de hora o navio eftava no fundo. Nefte paffo tira Joam de Alpoem a lifta, que trazia, & começa a fallar com Deos, dizendo cõ grande fê, & devaçaõ: *Senhor Deos todo poderofo, os homens guardam fua palavra, & nam quebram fuas letras. Vos me deftes por voffos fervos da Companhia letra, & feguro, de eu com minha familia chegarmos ao Reyno; nam quebreis voffa palavra, & ouvi os rogos de voffos fervos.* Diffe eftas palavras com tal fê, & devaçaõ, que naquelle quarto affim fe vedou o navio, & enxugou, como fe nunca nelle entrara agoa.

12 Chegaram a Viana: defembarcoufe o enfermo, & toda a familia, & fazenda, que comfigo trazia. Pofto tudo em terra, & feguro, entram os Inglezes no porto, & levam o navio com toda a mais fazenda, que nelle vinha. Entaõ acabou de entender a mifericordia, que Deos com elle ufara pellas oraçoẽs de feus fervos. E affim contando efte cazo o Guardiam de Saõ Francifco em hũ fermam diffe, que aquelle navio naõ viera mais, que a trazer aquelle homem com fua familia por meyo das oraçoẽs dos Padres da Companhia de JESU. Dali por diante guardou a lifta, & a eftimava como coufa mui precioza.

CAPITULO XX.

Algumas virtudes do Padre Luis da Grã, & fua fanta morte.

1 O Mais, que pude encontrar das virtudes do Padre Luis da Grã, he o que contem hũa carta do noffo Padre Henrique Gomes, dada em vinte fette de Settembro de 1604 em Pernambuco, aonde vivia ainda o Padre Luis da Grã: a carta he pera o noffo Padre Alvaro Lobo, que entaõ compunha a Hiftoria defta Provincia, & ajuntava noticias pera ella; contem huma fumma dos trabalhos defte fervo de Deos, & muitas coufas particulares como della fe verâ, que he a feguinte.

2 *Mandoume Voßa Reverencia foubeffe do Padre Luis da Grã tudo, o que foffe de edificaçam, & notaffe o que me pareceffe digno de memoria. Deilhe o recado de Voffa Reverencia. Refpondeome com huma carta, em que Voßa Reverencia lhe encõmendava o mefmo, & logo fe offereceo a me dar miuda conta de toda a fua vida, como fez por muitos dias com huma humildade, & fingeleza muito grande, & com a prõptidam, que fempre teve nas coufas de obediencia. Mas como eftà tam gaftado de oitenta, & tantos annos, & com a memoria jà tam debilitada, eftà de prezente tam pouco pera informar de fuas grandezas, como foi muito animozo pera as fazer. Por onde pello que aqui apontar, nam he jufto, que fe regulem as obras defte Santo Varam: porque fe o outro diffe dos Portuguezes, que eram tam curtos em efcrever, como largos em obrar; podemos com mais rezam dizer do Padre Luis da Grã, que he tam curto, & por fua modeftia tam parco no informar, como foi largo no obrar.*

3 Entrou na Companhia no anno de 1542, dous annos depois de confirmada, & passando pello Reyno de Portugal, onde fez peregrinaçoẽs, & varias missoẽs com geral edificaçam, & proveito das almas. Foi no Collegio de Coimbra Reytor alguns annos, & sempre no officio, & fora delle muito amado de todos, & já entam no conceito de todos era de tanta reputaçam, que causou espanto tiralo o Padre Miguel de Torres, sendo Vizitador daquella Provincia, pera esta do Brasil, aonde chegou o anno de sincoenta, & tres, & começou com o fervor, & zelo, que trazia, da conversam do gentio a vizitar dez, ou doze aldeas, que entam avia na Bahia. E fazia estas visitas a pè, descalço, & mal vestido; porque athe os vestidos, que trouxera do Reyno, mandou a Saõ Vicente, onde os nossos estavam em grande pobreza. E posto que nam veyo por superior, trazia patente do nosso Beato Padre Ignacio de Collateral, que era certo officio, que ficava izento, & como tal podia fazer o que lhe parecesse. Pello discurso do tempo foi Provincial doze annos, Reytor deste Collegio de Pernambuco onze, Superior em Saõ Vicente sette.

4 Fez muitas missoẽs a pè, & descalço: sofreo muitos trabalhos por mar, & por terra. Sendo Provincial vizitava a Costa com pouca, ou nenhuma matalotagem; & como nam avia navio de caza, sempre mal accõmodado. Posto que pello grande respeito, que todos lhe tinham, lhe offereciam o melhor lugar, elle de ordinario escolhia banco no convez. Fez por vezes naufragio, especialmente na Costa do Rio Doce junto da Capitania do Espirito Santo, aonde escapou milagrosamente, depois de algumas horas estar nas ondas lidando com a morte, mas como elle dis, muito consolado, & satisfeito em sua alma: & aqui propos, ou votou de naõ fazer nada por vingança; & cumprio tam exactamente este proposito, que a todos escusa, & a ninguem condena; he tam pontual em aliviar, & escusar faltas alheas, que ganhou nome de pay dos unguentos.

5 Foi sempre bemquisto, & muito estimado dos grandes, & pequenos, & todos o reconheciam por pay. Os Bispos, & Governadores faziaõ muita conta do seu conselho, & parecer. No pulpito teve muita facilidade junta com grande authoridade, & zelo; & com suas prègaçoẽs, praticas, & colloquios particulares cultivava os brancos, & na doutrina dos Indios deu muita luz, pondo em ordem de dialogo por modo de perguñtas, & repostas os mysterios de nossa Santa Fè, os quais postos na lingua da terra era facil aos naturais aprẽder, & saber as cousas necessarias. Começou esta doutrina em Saõ Vicente com tam grande fervor, & applauso, que nam somente os Indios, mas tambem homens, & mulheres brancas, se aproveitaram notavelmente; porque naquelle tempo tam novos estavam os brancos, como os Indios nos mysterios de nossa santa Religiam.

6 Sempre foi muito amado, & respeitado dos Irmãos, por ser em seu trato facil, & suave, na conversaçam brando, singelo, desassombrado, nam faltando ponto às obrigaçoẽs da inteireza, & prudencia Religioza. Os olhos sempre cheyos de alegria, a bocca de rizo, & modestia, & o semblante de toda a boa graça; emfim no exemplo raro. Por este era bẽ conhecido no Collegio de Coimbra, aonde antes de ser Reytor, lhe encõmendava o Padre Mestre Simaõ, & os Superiores o trato familiar com os que entam tinham necessidade de maior exemplo, & elle sem offender a ninguem com palavras, com sua boa graça, & modestia ajudava muito a muitos, emendando a huns, & me-

melhorando a outros.

7 *Na obediencia se esmerou tã-to, que alem de ser pontualissimo nel-la, tal respeito teve sempre aos Superiores, que hâ muitos annos tenho notado, que se pode dizer delle o que se escreve da boa memoria de nosso Padre Francisco de Borja, ao qual naõ somente durava o respeito a seus Superiores no tempo, que o eram, mas tambem depois, que o deixavam de ser, sòmente porque o foram.*

8 *Na pobreza foi espanto, amicissimo sempre desta virtude. No trato de sua pessoa pobrissimo. Nos principios andava sempre descalço, athe que o Governador Dom Duarte lhe deu huns çapatos de esmola, compadecendose de o ver andar sem elles. No comer pareissimo. Nunca bebeo vinho; & adquirio tal abstinencia, que ainda agora, sendo tam mal disposto, corre com a communidade. No refeitorio toma o que lhe dam, sem por nenhum cazo pedir outra cousa, nem mostrar, que se descõtenta do que lhe poem diante.*

9 *Nunca teve uso de caixa, ou escritorio, tirando huma caixinha, que hoje tem, digna de se engastar em materia, que a faça eterna. Sera de palmo, & meyo, athe dous palmos de comprimento, sem chave, nem fechadura, com cobertura como de boceta de marmelada. Esta teve sempre sendo Provincial, esta sendo Reytor, esta sendo particular, esta tem hoje bem cheya de ar; & com estar tanto no fim da jornada, tomouo a velhice tam desapegado de todas as cousas câ debaixo, que nem pera occupar a sua boceta, soube, nem quis ajuntar. Cõservouse sempre tanto no rigor da santa pobreza, que athe das cousas, que ordinariamente temos, como alfayas dos nossos ministerios, convem a saber, livros, papeis, cartapacios, de tudo isto careceo. E assim no naufragio do Rio Doce, perdendo os companheiros escrittos, & cartapacios, o bom Padre naõ teve que perder, & nada lhe faltou.*

10 *Finalmente se as cousas do Padre Luis da Grã continuadas cõ tanta bondade por sessenta, & dous annos de Religiam tam bem gastados, cairem em mãos, de quem as saiba escrever, & ponderar as particularidades de seus continuos trabalhos, comendo mal, dormindo peyor, muitas vezes sobre huma taboa, outras ao sereno, sem outra cubertura, que a do Ceo, andando descalço de aldea em aldea buscando os doentes, pera lhes applicar o remedio da alma, & quantas vezes chegava cançado, & bem molhado, sem ter outro agazalhado mais, que huma choupana cheya de fumo; quem pezar bem seus exercicios, & continuas occupaçoẽs, & puzer suas cousas em ordem, & estilo, que ellas merecem, farà sem duvida huma leuda grande.* Athe aqui a carta do Padre Henrique Gomes. Quanto ao que dis do anno, em que entrou na Companhia, eu segui os Catalogos; facil cousa era ao bom velho cuidar entrara o anno antes.

11 No ultimo quartel da vida, porque o passasse com mais algum alivio de seus trabalhos, o mandavaõ voltar a Portugal, onde assim pellos ares, como alimentos poderia viver com mais algum alivio; porem elle quis antes acabar entre os seus Brasiz. Acabou em santa velhice no Collegio de Pernambuco aos sinco de Mayo de mil seiscentos, & treze tendo alguns settenta annos de Companhia. Sua morte foi mui sentida, por ser elle tido, & avido por pay de todos. O Santo Padre Pedro da Costa estando em oraçam vio subir sua alma ao Ceo. Delle escrevem muitos Authores, & as Historias da Cõpanhia, a Geral, a desta Provincia, & a do Brasil; & o Agiologio Lusitano. A maior parte das cousas, que ficaõ aqui

aqui eſcrittas, recolhi de varios documentos do noſſo cartorio de Coimbra.

CAPITULO XXI.

Vida do admiravel Padre Jozeph de Anchieta Taumaturgo do novo mundo.

Em Beritigba aos 9. de Junho de 1597.

Seu nacimento, & entrada na Companhia, ida ao Braſil, & jornada athe a Capitania de Sam Vicente.

1 POr andar a vida do admiravel Padre Jozeph de Anchieta eſcritta diffuſamente em tomo eſpecial, & de juſta grandeza pello noſſo Padre Simaõ de Vaſconcellos, eſtive quaſi determinado de me remetter a ella, dizendo ſômente, que tambem pertencia a eſta ſanta caza; porem ao depois julguei por mais acertado fazer aqui della hum compẽdio, por nam hir eſta obra ſem hum homem, de que tanto ſe pode honrar o ſanto Noviciado de Coimbra, & que ſei hâ de illuſtrar muito eſte meu trabalho; por ſer eſta vida cheya de tantas couſas aſſombroſas, que com rezam he o Padre Jozeph de Anchieta intitulado *Taumaturgo do novo mundo*.

2 Naceo eſte ſanto homem na Ilha Tanarife, que he huma das Canarias, aque os antigos chamaram Fortunadas; & hoje pertencem ao dominio de Caſtella. Seus pays, cujos nomes nos naõ ficaram em memoria, eram nobres; o pay de familia nobre dos Anchietas em Biſcaya; a mãy era natural da Grã Canaria cabeça daquellas doze Ilhas. Criaraõno ſeus pays com ſantos coſtumes, quais diziam com ſua nobreza. Depois que ſoube ler, & teve alguns principios de Grammatica, ſeus pays o mandaram com outro ſeu Irmaõ eſtudar a Coimbra.

3 Frequentou noſſas eſcolas, & nellas ſe deixou ver quam ſuperior era aos mais no ſaber, & no talẽto de reprezentar aſſim as oraçoẽs em verſo, como em proza. No qual tinha tal ar, & alma, tãto eſpirito, meneyo, & ſuavidade, que por antonomaſia lhe chamavam o Canario por alluſam a eſta ave, aquem as Ilhas Canarias deram o nome, ou ella às Ilhas, & a melodia do canto, & a eſtimaçam, em que he tida. Depois eſtudou Philoſophia conſervando ſempre o bom nome, que ſeu raro engenho lhe merecia.

4 Procurou com grande cuidado entre o viço, & verdura, que coſtuma aver nas Univerſidades, conſervarſe em bons coſtumes: em eſpecial poz todo o recato na guarda da pureza virginal, como joya de mais perigo na gente moça. Hum dia entrando em huma Igreja, que dizem ſer a Sè, & poſto de joelhos diante da Imagem da Senhora, ſẽtio novo fervor em ſeu animo, & fez voto à Virgem Senhora de conſervar illeſa a pureza virginal.

5 Depois de ſe ter aſſim conſagrado a Deos, determinou deixar o mundo. Eſcolheo das Religioẽs a noſſa Companhia, cujos exemplos eram mui heroicos naquelles primitivos tempos em Coimbra. Tendo dezaſette annos de idade nella entrou ao primeiro de Mayo de mil quinhẽtos ſincoenta, & hum. Ainda hoje ſe ve em o Collegio de Coimbra o apoſentinho, que foi morada deſte ſanto homem, conſervandoſe nelle bons veſtigios da primeira pobreza, em que ali viveram noſſos primeiros Padres. Por honra deſte ſervo do Senhor, ordenou noſſo Reverẽdo Padre Geral, que o tal apozentinho ſe fizeſſe Capella, & ſe naõ desfizeſſe, ainda que as mais velhices, aque eſta anexo, ſe ouveſſem de desbaratar.

6 Vendoſe o Padre Jozeph de Anchieta

chieta fora do mundo, se entregou de todo a Deos. Hum dos santos exercicios, aque mais se deu, foi o de ajudar às Missas, em que sentia especial fervor, & devaçam. Succedialhe às vezes ajudar a oito Missas no dia. Desta continuaçaõ em hum moço de corpo tenro lhe sobreveyo certo desmancho nos ossos, que governam a direitura do corpo: outros tẽ, que lhe nacera esta lesam de lhe cahir huma escada sobre as costas. Como quer que fosse, elle com menos advertencia, do que devera, foi sofrendo a sua dor, apertandose, & vendo, se por si podia compor este desmancho, sem elle o descobrir. Porem a lesam foi crecendo, & fazendo cama.

7 O que mais nesta ansia o affligia, era considerar, que poderia succeder o despedissem por isto da Companhia. Andando assim attribulado, o encontrou o veneravel Padre Mestre Simaõ Rodrigues, & pondo nelle os olhos lhe disse: *Filho Jozeph, deixai esse cuidado, comque andais, porque Deos vos nam quer com mais saude.* Vendo elle, que Deos manifestara seu interior ao Padre Mestre Simaõ ficou mui animado, & cõsolado, entendendo, que assim se queria Deos servir delle.

8 Resultou desta lesam ficar corcovado; & como continuasse em suas molestias, julgaram os Medicos, que os ares do Brasil lhe seriam mais favoraveis, & meigos, que os de Portugal. Dispondo Deos as cousas nesta forma em ordem aos altos fins, a que dirigia a vida deste seu servo.

9 Era o Brasil naquelle tempo ainda cousa mui nova. No anno de mil quinhentos quarenta, & nove tinham a elle passado os primeiros da Companhia com o Padre Manoel de Nobrega. Logo no anno seguinte foi outro novo soccorro de Missionarios. E no Mayo de 1553 foi a terceira Missam; hia della por Superior o Padre Luis da Grã, que fora Reytor do Collegio de Coimbra. Os mais eram o Padre Bras Lourenço, Padre Ambrosio Pires, & os Irmaõs Jozeph de Anchieta, Joaõ Gonçalves, Antonio Blasques, & Gregorio Serram, em companhia de Dom Duarte da Costa segundo Governador do Brasil. Tinha o Padre Jozeph a este tempo sómente vinte annos de idade; por isso nam foi já Sacerdote. Succedeo a jornada mui conforme a seu espirito, que era de salvar almas. Em a nao se empregou todo neste disvelo assim nas praticas particulares, como no ensino da santa doutrina, ajuntando a estas outras obras de charidade, comque muito edificou a todos. Aos treze do mez de Julho chegaram à Cidade da Bahia, que he a cabeça do Estado.

10 Jà ali tinhamos nossa caza tam limitada, & pobre, que nella avia hum só sacerdote, que se chamava o Padre Salvador Rodrigues, & dous Irmaõs Vicente Rodrigues, & Domingos Pecerela, assim chamado por sua muita, & santa singeleza. Os demais da Companhia frutificavam em outros diversos postos distantes muitas legoas da Bahia.

11 Era Superior de todos o Santo Padre Manoel de Nobrega, que ao tempo, que do Reyno chegou este novo soccoro, se achava na Capitania de Sam Vicente. De lâ mandou ao Padre Leonardo Nunes, o qual segundo as ordens, que trazia de seu Superior, logo no Outubro do mesmo anno de 1553 voltou pera Sam Vicente, levando comsigo alem de outros Religiozos ao nosso Irmaõ Jozeph de Anchieta: hiam repartidos em duas embarcaçoẽs.

12 Indo navegando, na paragẽ, aque chamaõ os baixos dos abrolhos, veyo sobre as pequenas embarcaçoẽs huma taõ desmedida tormenta, que a huma fez dar à costa, em que a reduzio a pedaços; a outra, em que hia o Irmaõ Jozeph, foi dar a travêz

em

em os arrecifes, aonde se virou, & quebrou. Valeose nestes apertos, que eram em vespera da Apprezentaçam da Senhora, da Imagem da mesma Virgem, & por sua intercessam toda a gente sahio a terra com vida. Aqui entraram em novos sustos, porque se viam sem cousa que comer, nem que beber. Afastar da praya a buscar no matto algum mantimẽto agreste, era cousa cheya de çoçobro, temendo cahir nas maõs dos barbaros, & ser delles comidos.

13 Nestas angustias tomaraõ por melhor resoluçaõ forcejar por tirar dentre os baixos a embarcaçaõ, em que o Irmaõ Jozeph viera. Em effeito se tirou, & com os pedaços da outra se reparou em hum rio chamado agora das Caravelas, onde avia huma aldea de Indios amigos, de que foram bem recebidos. O desastre se teve por grande providencia divina, que por meyo delle quis recolher a si huma alma, que naquelles gentios tinha predestinado. Foi o cazo, que no dia seguinte, que era de Santa Cecilia, correndo os Padres as cazas dos Indios, acharam huma minina innocente, que estava nos ultimos trances da vida: alcançando o beneplacito dos pays, & trazendo a mãy ali pera isso hum alguidar novo com agoa, foi bautizada; & como se só isto esperasse, se foi a gozar de seu Creador, avendo em todos singular gosto: & dis o Padre Anchieta fallando desta occasiaõ, que tiveram por ditozo aquelle naufragio, pois foi meyo pera a salvaçam da innocente Cecilia, que estava predestinada.

14 Em Porto Seguro, onde estavam alguns nossos, se acabaraõ de refazer; & tomando comsigo ao Padre Affonso Bras Superior ali dos nossos, & deixando em seu lugar ao Padre Bras Lourenço, continuaram a viagem, & aos vinte, & quatro de Settembro lançaram ferro no Porto de Sam Vicente.

CAPITULO XXII.

He mandado a Piratininga, & parte do muito, que ali obrou, & modos, comque encaminhava aos Indios pera Deos.

1 VEndose o Padre Nobrega com este novo soccorro, & com patente de Santo Ignacio, em que o fazia Provincial do Brasil independente do de Portugal, começou a dispor as cousas em ordem à conservaçaõ, & augmento da nova Provincia. Era pera isto necessario armar escolas, onde os nossos se formassem nos estudos precisos pera os nossos ministerios. Por rezoẽs mui cabais, que avia, determinou levantar esta nova caza em hum sitio pella terra dentro, aque chamam Piratininga, oqual de si he mui fertil, & tem outras muitas opportunidades pera a conversam do gentio.

2 Passada a Epiphania do anno de 1554, mandou o Padre Nobrega a treze dos nossos dar principio à caza, & estudos de Piratininga, que dista como dez legoas do mar, cujas circumferencias sam habitadas de diversas naçoẽs daquella gente. O aperto, comque aqui começaram a viver, dis o Padre Anchieta com as palavras seguintes: *Aqui se fes huma cazinha pequena de palha com huma esteira de canas por porta, em que moraraõ algum tempo bem apertados os Irmãos: mas este aperto era ajuda contra o frio, que naquella terra he grande com muitas geadas.*

3 *As camas eram redes, que os Indios costumam; os cobertores o fogo, pera o qual os Irmaõs commummente acabada a liçam à tarde hiam por lenha ao matto, & a trasiam às costas, pera passarem a noite. O vestido era muito pouco, & pobre, sem*

calça,

calça, nem çapato & o ordinario de pano de algodam. Pera a meza uzaram algum tempo de folhas largas das arvores em lugar de guardanapos; mas bem se escusavam toalhas, onde faltava o comer, o qual naõ tinham donde lhe viesse, senaõ dos Indios, que lhe davaõ alguma esmola de farinha, & algumas vezes (mas raramente) alguns peixinhos do rio, & mais raramente alguã caça do matto: & assim muito tempo passaram grande fome, & frio; & com tudo proseguiam seu estudo com muito fervor, lendo às vezes a liçam fora ao frio, com o qual se aviam melhor, que com o fumo dentro de caza. A primeira Missa se celebrou dia da Conversam de saõ Paulo em hum altarzinho, que pera isso se apparelhou, porque naõ avia ainda Igreja, & por esta causa se dedicou aquella caza a Sam Paulo, & tem seu nome. Athe aqui as palavras do Santo Padre Anchieta.

4 Neste tempo escrevẽdo a Santo Ignacio, & dando conta desta nova caza dis assim, tresladado de Latim em Portuguez: *De Janeiro athe a feitura desta, nossa morada foi huma pobre caza tessida com paos, & terra, cuberta de palha longa quatorze pes, & dez em largo. Ella serve de escola, de enfermaria, de dormitorio, de refeitorio, de cozinha, de dispensa. E nem por isso temos saudades das habitaçoẽs liberais, em que moram outros nossos Irmaõs; porque Christo nosso Deos quis nascendo ser posto em hum estreito presepe, entre dous brutos animais, & morrendo se dignou por nosso amor de escolher lugar ainda mais estreito, qual foi sua Cruz.* Assim escreveo dando cõta desta habitaçaõ a Santo Ignacio.

5 A vida, que aqui faziam, era de gente santa. A pobreza os ensinou a fazer alpargatas de cardos bravos, com que suppriam a falta de çapatos. Aprendiam a ser sangradores, barbeiros, & outros officios, com que podiam ser de proveito aos proximos.

6 Nesta estreiteza se abrio a segũda classe de Grammatica, que ouve no Brasil; porque a primeira foi na Bahia. Doze eram os nossos, que a estudavam: de todos era Mestre o Santo Irmaõ Anchieta. Avia tambem bom numero de estudantes brancos, & outros filhos de Portuguezes, & Indios, aque no Brasil chamam Mamalûcos, que ali acodiam das Villas, que à roda se hiaõ ordenando. O trabalho do Mestre era excessivo. Naõ avia copia de livros, por onde estudar. Esta falta suppria o Mestre escrevendo por sua maõ tantos quadernos de preceitos, quantos eram os discipulos. Acontecialhe passar a noite inteira nestas escritturas, porque tivessem os discipulos por onde aprender suas liçoẽs.

7 No mesmo tempo era discipulo de seus discipulos, aprendendo delles a lingua da terra. Esta soube em pouco tempo com tal excellencia, que della fez Arte mui acertada pera se aprender, aqual se imprimio. Fes tambem Vocabulario da mesma lingua. Traduzio a doutrina Christaã, & mysterios da Fè dispostos em Dialogo. Fez tratado, & interrogatorios, & avizos necessarios pera os que ouvessem de confessar, & pera os penitentes, & pera instruir no tempo da morte aos ja bautizados; ajudando com estas obras à conversam, & ensino dos Indios, nam só nos tempos prezentes, mas nos vindouros.

8 Como era mui destro nas quatro linguas Portugueza, Castelhana, Latina, & Brasilica, traduzio em todas ellas em romances pios, & mui engraçados as cantigas profanas, que andavam em uso. Donde se seguio fazer esquecidas as profanas, ouvindose cantar pellos caminhos, as que elle tinha posto em suave, & santo metro. Nam só aqui em Piratininga, mas em

outras partes do Brasil compoz diversas obras em verso, no qual tinha grandissima promptidam, & felicidade, tudo em ordem a tirar abusos, & descobrir divertimentos honestos.

9 Nestas obras as de mais vulto foraõ as façanhas heroicas de Mem de Sâ terceiro Governador do Brasil em verso heroico Latino. Varias comedias, eclogas, & descriçoẽs devotissimas. Sobre todas em verso elegiaco a vida da Virgem Senhora, que anda impressa. Mostrou o Ceo com hum notavel prodigio, quanto se agradava das suas comedias santas.

10 Em Sam Vicente se faziaõ na Igreja reprezentaçoẽs pouco decentes: querendo elle por conselho do Padre Manoel de Nobrega, & com agrado dos naturais da terra desterrar estas profanidades, ordenou hum acto mui devoto, a que chamava prègaçam universal, porque servia pera Indios, & Portuguezes, por constar de huma, & outra lingua. A elle concorria infinita gente. Reprezentava-se nas vesperas do dia de JESU, seguindose daqui alem da honesta recreaçam, o ganharse o Jubileu desta festa avendo muitas confissoẽs, & communhoẽs.

11 Fazendose pois esta comedia huma tarde em lugar descuberto junto ao adro da Igreja; quando começaram as figuras sua reprezentaçam, se foi o Ceo toldando medonhamente de nuvens. Sobre o auditorio se pos huma tam negra, & assanhada, que parecia querer deixar cahir sobre os ouvintes hum diluvio. Todos se começaram a desenquietar, querendo cada hum porse em salvo antes da tormenta. Vendo o Irmaõ Jozeph a perturbaçaõ, levantou a voz dizendo, que se naõ perturbassem, que lhes dava sua palavra, que nam choveria antes de se acabar a reprezentaçaõ.

12 Foi o successo maravilhozo, & que teve tantas testimunhas, quantos eram os ouvintes: durou a reprezentaçaõ tres horas com socego athe o fim. Acabada ella, se recolheo a gente a suas cazas: posta jâ em salvo, como se a nuvem nam esperasse outra cousa, rompeo em huma tempestade de chuva, vento, & trovoẽs, tam espantoza, que a gente se naõ lẽbrava de outra tal naquellas terras. Este portento attribue o Padre Jozeph de Anchieta à virtude, & zelo do Padre Nobrega; mas todos o tiveraõ por merce alcançada de Deos pellas oraçoẽs deste seu servo, que com tanta confiança empenhara sua palavra, & Deos com tanta evidencia o tinha desempenhado.

13 Deste magisterio do Padre Anchieta sahiram ministros Evangelicos de grande ser. Dahi eram mandados a diversas partes, & faziaõ decer de seus montes, & matos infinitas gentes a viver em aldeas, & modo politico, porque o que tinhaõ antes os Brasiz era como de feras, & manadas de gado. Era pera ver o zelo, comque todos os nossos huns feitos carpinteiros, outros pedreiros se occupavam em ajudar, & ensinar esta gente a fabricar suas cazas ao modo das nossas. Elles com os Indios acarretavam às costas os materiais, pera assim os affeiçoarem mais, vendo, que naõ perdoavaõ a trabalho pellos accommodar.

14 Logo se fabricou huma Igreja de taipa cuberta de palha, onde se prègava aos Indios; & se via luzir o trabalho; porque como esta gente naõ tinha idolos, naõ era difficultosa em se abraçar com a rezam, que ha nas verdades de nossa Fè. Creceo mais a conversam com esta nova traça. Avia em Sam Vicente hum Seminario de muitos filhos de Indios do sertam de Piratininga, que os Padres tinham pedido a seus pays, pera os ensinarem, & criarem na lei de Deos.

Esta-

Estavaõ jâ mui bem instruidos na Fè; & ensinados em ler, escrever, & contar.

15 Fes o Padre Anchieta, que estes fossem pera os campos de Piratininga; ali continuavam sua escola, ajudando a officiar às Missas com muita destreza em canto de orgam,& com instrumentos musicos. De noite se espalhavam pellas cazas de seus parentes a cantar as cantigas, & romances santos do Padre Anchieta contrapostos às cantigas profanas, que elles cantavam em seus vinhos, vicio mui commum nesta triste gente.

16 Tambem estes mininos com os Padres ajudavam a catequizar. Na escola ensinavaõ a doutrina aos seus iguais. Todos os dias de menhaã no fim da escola cantavam na Igreja as ladainhas dos Santos,& à tarde a Salve de nossa Senhora com outras oraçoẽs em canto de orgam. Nas sestas feiras se açoutavam com disciplinas, que faziam do linho dos cardos bravos. Duas vezes no dia davam liçaõ da doutrina Christaã. Nesta forma em breve tempo se fes hum bautismo de passante de trinta destes moços, esperando os pays semelhante dita.

17 Sentiam, & tomavam alguns em cazo de honra, que seus filhos lhe fossem nisto diante. Mas com estes adultos se hia mais de vagar, por estarem arraigados em seus vicios. Tres eram nelles os capitais, a saber o de muitas mulheres, o de comer carne humana, & o de se embebedar. Nestes seus desmanchos eram os filhos os primeiros, que os vinhaõ accusar aos Padres. Elles tambem ajudavam a lhes quebrar as talhas de vinho em suas bebedices.

CAPITULO XXIII.

Como o demonio procurou impedir o fruto, que se fazia nas almas; & outras cousas notaveis, que aconteceraõ.

1 INdo as cousas com tanta bonança, nam podia o demonio tardar muito com suas perturbaçoẽs. Aproveitouse de huma cruel doença de priorizes, aqual em tres, ou quatro dias arrezoava a final. O que nisto passou, conta o mesmo Padre Anchieta com estas palavras: *Quis logo nosso Senhor colher desta lavoura algum fruto pera si, & levar à gloria alguns predestinados: & assim começaram a enfermar muitos de grandes priorizes, que em quatro, ou sinco dias morriam bautizados, de que alguns começaram a murmurar, dizendo, que os Padres lhe lançavaõ a morte, & que antes de estar ali Igreja, nam morriam tantos, com outras cousas, que o diabo lhes metia em cabeça, pera que nam fosse por diante a Christandade.*

2 *Com esta tribulaçam, que era grande, recorreram os Padres a Deos, pedindolhe misericordia: ordenaram nove procissoẽs à honra dos nove coros dos Anjos, emque hiam todos os homens, & mulheres com candeas accesas nas mãos, & entres elles os moços da escola seus filhos disciplinandose athe derramar sangue, com o qual, & com lhes dizer a miude a verdade, se satisfaziam, & começaram a sarar muitos com os curarem com charidade, & diligencia, tirando o Padre Nobrega os escrupulos, que os Padres tinham de os sangrar; porque sendo disso avizado, lhes estranhou muito nam os sangrarem, & mandou logo a alguns Irmaõs, que o fizessem, aindaque nun-*

ca o tinham aprendido.

3 *Assim os começaram a sangrar com hum canivete, comque os mais delles escapavam. Neste officio com lhes applicar as mezinhas pera outras doenças, continuaraõ, & continuam os Padres em toda a Costa com os Indios, comque se fazẽ mais aptos pera receber a Fè, vendo a charidade, comque os curam, sem esperarem delles premio algum, somente a salvaçaõ de suas almas. E pera mais se assegurar o Padre Nobrega nisto das sangrias, o mandou perguntar a Roma, & nosso Padre Ignacio de Loyola de boa memoria o approvou, respondendo estas palavras:* Quanto às sangrias, a tudo se estende a charidade; *& assim o Padre Nobrega o fazia por sua maõ em alguma necessidade.* Athe aqui as palavras do Santo Padre Anchieta.

4 Desassustados os Padres deste embaraço, com que o demonio hia enredando os pobres Indios, se viraõ logo em outros ordidos pello mesmo inimigo do bem cõmum. Avia ali certos mistiços, ou Mamalucos, a quem o demonio meteo em cabeça ser licito, & cousa de honra saltear os Indios, & fazelos escravos seus, ou do seu povo, & aldea. Como os Padres, em especial o Padre Anchieta, se oppusessem a esta loucura, os Mamalucos amotinaram os Indios, dizendo se acolhiam à Igreja, por serem covardes; que se tinham honra, se sogeitassem antes a elles, que eraõ homens de arco, & valentes, & nam aos Padres, que eram estrangeiros, & covardes. Naõ hâ cousa, que mais custe a estes barbaros, que pòr nelles nota de fracos. Com as palavras dos Mamalucos se tornaram tam ferozes, que os Padres os ouveram de deixar esfriar, pera depois os aver de pòr em rezam.

5 De hum grande perigo livrou Deos aos Padres Nobrega, & Anchieta aqui em Piratininga; porque indo os Indios à guerra, cativaram hũ dos Goyanâs. Por julgarem ser cousa de sua honra, determinaram comelo, dandolhe a morte em publico terreiro com muitas ceremonias, que eram costume seu, antes de serem Christaõs. O mesmo principal mandou alimpar o terreiro defronte da caza dos Padres, avendo grandes alaridos em sinal da alegria de seus animos. Vinha ja em cordas o Goyanâ, seguiaõno as velhas, que depois de morto aviaõ de repartir as carnes cozidas; jà se enfeitava mui arrogante o matador.

6 Neste fervor, em que estavaõ, sahiram os Padres Nobrega, & Anchieta, quebraram as cordas, soltaram o prezo, fizeram fugir as velhas, quebraram as panelas de vinho, & desbarataram os mais petrechos da festa. Tiraram da maõ a propria massa, com que o matador se armava; & este he pera os Indios o auge dos aggravos. Neste passo o principal chamado Martim Affonso accezo em colera, gritou, assobiou, bateo o arco, & o pè, sinais todos de appellidar os seus contra os Padres; arremeçouse a huma fouce, a qual os Padres lhe tiraram da maõ. Estando assim o negocio em termos de aver algum desatino, pode tanto a eloquencia do Sãto Padre Anchieta, & o zelo do Padre Nobrega, que o principal, & os mais se foram corridos, & envergonhados do seu furor, ficando os servos de Deos livres deste evidente perigo.

7 Entre estes, & outros sobresaltos, que aqui teve no tempo, que durou o seu magisterio em Piratininga, lhe quis o Senhor dar huma grande consolaçaõ, em dar ao Ceo hum de seus discipulos feito Martyr do Senhor, & o primeiro da Companhia, que ouve no Brasil. Este foi o ditozo Irmaõ Pedro Correa estudãte, que com notavel resoluçam entrara na Companhia em o Brasil, o qual sen-

ſendo mandado com o Irmaõ Joaõ de Souſa Coadjutor temporal fazer pazes com os Carijòz, hum preverſo homem de naçam Caſtelhano, a quẽ os noſſos tinham tirado huma amiga, por eſte odio contra os da Companhia amotinou os barbaros, & rõperam neſte furor tam proveitozo aos dous ſervos de Deos, pois os fez Martyres do Senhor. Que o Irmaõ Pedro Correa foſſe eſtudante, he couſa, que deixou eſcritta o Santo Padre Anchieta. Faço eſta advertencia, porque o Hiſtoriador da noſſa Provincia na primeira parte tem, que era Coadjutor temporal. Todos os doze diſcipulos, que aqui teve o Padre Anchieta, foram grandes imitadores dos doze Apoſtolos do Senhor, & homens de ſingulares virtudes, como ſe pode ver no Padre Simam de Vaſconcellos no capitulo oitavo do livro primeiro da vida deſte Santo Heroe.

8 Muitas couſas notaveis lhe aconteceram por eſte tempo, das quais irei a qui apontando algumas. Na aldea chamada Ibiràpuera ſe avia de publicar, & ganhar hum Jubileu no dia do Orago daquella Igreja. Concorreo das povoaçoẽs vizinhas muita gente. Eſtavam às veſperas, & naõ apparecia a bulla do Jubileu, que ſe eſperava de Saõ Vicente, & ſeria a falta de grandiſſimo deſar. Neſte aperto ſe offereceo o Padre Anchieta, a ir buſcar eſta bulla. A diſtancia do caminho era de quinze legoas por ſerranias mui aſperas. O dia eſtava no fim: parecia o offerecimento couſa de rizo. Com tudo pondoſe a caminho, no dia ſeguinte a horas da publicaçam eſtava na aldea com a bulla; o que a juizo de todos nam podia ſer, ſem niſto aver algum modo ſuperior, com que em tam pouco tempo, & o mais delle de noite ſe andaram tais trinta legoas, que a fragozidade das ſerranias as fazia dobradas no trabalho de ſe andarem.

9 Por vezes o acharam transportado na oraçam. Huma ves, quãdo aſſiſtia ao abrir do caminho neſtas ſerranias de Saõ Paulo pera a villa de Santos, retirandoſe ao mato a ter oraçam debaixo de huma arvore, ſobreveyo huma groſſa chuva. Dahi a algum tempo entrou a gente ao buſcar, & o achou todo enlevado em Deos, ſem dar fe de chuva, nem da gente, que o buſcava, & lhe dava vozes.

10 Apagouſe huma noite a candea ao Padre Amaro Gonçalves; ſahio a accendela, quando advertio, que da camara do Padre Anchieta ſahiam alguns reflexos de luz. Abrio a porta, & vio ao Padre no meyo de muitos reſplandores enlevado todo em Deos. Aſſombrandoſe com a eſtranheza, chamou a outros dous Padres, que foram teſtimunhas de viſta, & todos louvaram muito ao Senhor, que aſſim ſe cõmunicava a ſeu ſervo. Outra vez foi achado como meyo covado levantado da terra.

11 Na oraçam lhe deſcobrio Deos muitas couſas, com a qual noticia ſe divertiram cazos laſtimozos. Hum Pedro Colaço conhecido do Padre Anchieta vivia muito mal. Sahindo elle pella meya noite a cõmetter certa maldade, ſe lhe fez encontradiço hum minino, que lhe diſſe, que o Padre Anchieta o chamava. Admirandoſe de tal recado a tal hora, & ſabendo, quam affeiçoado lhe era o ſervo de Deos, & que o naõ chamaria a cazo; cortou por ſi, & ſeguio o minino. Entrando em caza, achou ao Padre em oraçam no coro; o qual vendoo lhe diſſe eſtas palavras: *Recolheivos, recolheivos, recolheivos, Colaço.* Aſſim o fez, & no dia ſeguinte ſoube, que dous homens o eſperavam pera lhe tirar a vida.

12 Indo de Saõ Vicente pera Saõ Paulo lhe anoiteceo no caminho, & ſe recolheo na caza de certo homem, a quem naõ tinha viſto,

de-

determinãdo passar ali a noite. Praticando com elle, lhe perguntou, como lhe hia? Respondeo elle, que tudo lhe hia a seu sabor, & que abundava em bens. Ouvindo isto o Padre, se despedio dizendo ao companheiro: *Naõ dormirei eu em caza, onde naõ hâ ramas de Cruz.* Propondolhe o companheiro naõ aver outra pousada, insistio no seu proposito, & caminhando alguma distancia da caza, voltaram a pòr nella os olhos, & a viraõ arder, & converterse toda em cinzas.

CAPITULO XXIV.

De huma carta, que escreveo aos Irmaõs enfermos de Portugal.

1 POr este tempo entre outras escreveo huma carta aos enfermos de Portugal, a qual quero, que faça este capitulo, por estar cheya de espirito, & santidade: dis assim: Pax Christi. *A graça de Nosso Senhor vos console, charissimos Irmãos enfermos, & vos dè obras conforme ao nome, que tendes. Amen. Jâ escrevi outras, principalmente pello Padre Leonardo Nunes, depois de cuja partida chegaram as vossas, & nos deram grande consolaçam. As novas, que por câ hà, nas quadrimestres se veram largamente. Nesta quero sòmente darvos huma nova, & he, que:* Virtus in infirmitate perficitur; *a qual foi pera mim assas nova todo o tempo, que ahi estive. Muito tendes, charissimos Irmaõs, que dar graças ao Senhor, porque vos faz participantes de seus trabalhos, & enfermidades, em as quais mostrou o amor, que nos tinha: rezam serà, que o sirvamos algum pouco, tendo grande paciencia nas enfermidades, & nestas aperfeiçoar a virtude.*

2 *A larga conversaçaõ, que tive nessas enfermarias, me faz nam me poder esquecer de meus charissimos coenfermos, dezejando velos curar com outras mais fortes mezinhas, que as que la se usam, porque sem duvida pello que em mim experimentei vos posso dizer, que estas mezinhas materiais pouco fazem, & aproveitam. Por outras cartas vos tenho jà escritto de minha disposiçaõ, a qual cada dia se renova de maneira, que nenhuma differença hà de mim a hum saõ, ainda que algumas vezes naõ deixo de ter algumas reliquias das enfermidades passadas, porem naõ faço mais conta dellas, que se naõ fossem.*

3 *Athe agora sempre tenho estado em Piratininga, que he a primeira aldea de Indios, que està dez legoas do mar, como em outras cartas tenho escritto, em a qual estarei por agora, porque he terra mui boa: & porque nam tinha purgas, nem regalo de enfermarias, muitas vezes era necessario comer folhas de mostarda cozidas com outros legumes da terra, & manjares, que lâ podeis imaginar, junto com entender em ensinar Grammatica em tres classes differentes: & às vezes estando dormindo me vem a despertar, pera fazerme perguntas: & em tudo isto parece, que saro; & assim he, porque em fazendo conta, que naõ estava enfermo, comecei a estar saõ; & podeis ver minha disposiçam pellas cartas, que escrevo, as quais parecia impossivel poder escrever estando là.*

4 *Toda a quaresma comia carne, como sabeis, & agora jejuo toda. O mesmo digo do Irmaõ Gregorio, o qual ainda que està tam saõ, como eu, por ser de mais fraca compreiçam, toda via naõ quer elle darme a ventagem: ao menos vos sei dizer, que pera hum negocio de importancia ir daqui a Piratininga mui depressa, que he caminho mui aspero, & segundo creyo, o peyor, que hà no mundo de atol-*

atolladeiros, ſubidas, & montes, o eſcolheram a elle, como mais rijo, avendo outros mais ſaõs em caza, & aſſim foi, dormindo com a camiſa enſopada em agoa, ſem fogo entre montes; & vivit, & vivimus.

5 *Neſte tempo, que eſtive em Piratininga, ſervi de Medico, & barbeiro, curando, & ſangrando a muitos daquelles Indios, dos quais viveram alguns, de quem ſe naõ eſperava vida, por ſerem mortos muitos daquellas enfermidades. Agora eſtou aqui em Saõ Vicente, que vim com o noſſo Padre Nobrega pera deſpachar eſtas cartas. De mais diſto tenho aprendido hum officio, que me enſinou a neceſſidade, que he fazer alpargatas, & ſou jà bom meſtre, & tenho feitas muitas aos Irmaõs; porque ſe naõ pode andar por cà com çapatos de couro pellos montes.*

6 *Iſto tudo he pouco, pera o que Noſſo Senhor vos moſtrarà, quando cà vierdes. Quanto à lingoa, eu eſtou adiantado, ainda que he mui pouco, pera o que ſoubera, ſe me naõ occupara em ler Grammatica; toda via tenho colligido toda a maneira della por arte, & pera mim tenho entendido quaſi todo o ſeu modo; nam o ponho em arte, porque naõ hà cà a quem aproveite; sò eu me aproveito della, & aproveitarſehão os que de lá vierem, & ſouberem Grammatica. Finalmente, chariſſimos Irmaõs, ſei dizer, que ſe o Padre Miram quizer mandarvos a todos, os que andais opilados, & meyo doentes, a terra he mui boa, & ficareis mui ſaõs. As medicinas ſam trabalhos, & tanto melhores, quanto mais conformes a Chriſto.*

7 *Tambem vos digo, que naõ baſta com qualquer fervor ſahir de Coimbra, ſenaõ que he neceſſario trazer alforge cheyo de virtudes adquiridas, porque de verdade os trabalhos, que a Companhia tem neſta terra, ſam grandes, & acontece andar hum Irmaõ entre Indios ſeis, & ſette mezes no meyo da maldade, & ſeus miniſtros, & ſem ter outro, com quẽ converſar, ſenaõ com elles; donde convem ſer ſanto, pera ſer Irmaõ da Companhia. Naõ vos digo mais, ſe naõ que apparelheis grande fortaleza interior, & grandes dezejos de padecer, de maneira, que ainda que os trabalhos ſejam muitos, vos pareçam poucos.*

8 *Fazei hum grande coraçam, porque naõ tereis lugar pera eſtar meditando em voſſos recolhimentos, ſe naõ* in medio iniquitatis, & ſuper flumina Babylonis; *& ſem duvida, porque em Babilonia:* rogo vos omnes, ut ſemper oretis pro paupere fratre Joſeph. *Ameus chariſſimos Padres, & Irmaõs em ſuas oraçoẽs, & particularmente a meu chariſſimo Padre Antonio Correa, & aos Padres, que foram, & ſam meus pays, rogo, & peço ſe lembrem deſte pobre, que engendraram em Chriſto,* & nutrierunt: opto vos omnes bene valere. Pauper, & inutilis Joſeph.

CAPITULO XXV.

Daſſe noticia da guerra, que ouve com os Frãcezes no Rio de Janeiro, & guerra com os gentios. O que neſtas occaſiões obrou o Padre Anchieta, & como tratou das pazes com os Tamoyos.

1 CORria o anno de 1556, quãdo começou hum novo trabalho ao Eſtado do Braſil, & nelle avia de ter boa parte o Santo Padre Anchieta. Huma das boas enſeadas, que tem o Braſil, he a que os Indios chamavam Niterò, & os noſſos Rio de Janeiro. Toda ella eſtà rodeada de medonha ſerrania. Tem como oito legoas de diametro, & vinte, & qua-

quatro de circumferencia. Hâ nella muitas ilhas, boqueiroẽs, & esteiros. Desemboccam nella muitos rios. He o sitio por natureza mui reparado, & forte. Athe estes tempos nam habitavam ali os Portuguezes, nem tinham fortificado a bocca da enseada.

2 Sabendo hum Nicolao Villagailhon homem nobre Francez, Cavalleiro de Saõ Joaõ, que os Tamoyos gentios daquella enseada, & Costa, aggravados dos Portuguezes tinham com elles guerra, fabricou huma armada, & com ella entrou na enseada, querendo ali fazer nova colonia, & estado de Francezes, porque ha capacidade no sitio, & os interesses eram muitos. Pera que ninguem resistisse a seus intentos, assentou pazes com os Tamoyos, & com dadivas os obrigou a se unirem com elle contra os Portuguezes. Logo com ajuda dos Indios fortificaram huma Ilha, que hâ na Bahia, & hoje he seu nome Villagailhon, tomado do General Francez, que a fortaleceo.

3 Naõ trataram os Francezes mais, que de seus commodos, carregando ali as fazendas da terra, indo, & vindo naos de França, sem fazerẽ guerra offensiva aos Portuguezes. Nam eram assim os Tamoyos; por mar, & terra faziam crueis hostilidades, a que os afoutava muito a liga com os Francezes. Andavam os Missionarios em continuos sobresaltos.

4 De todas estas cousas se fez avizo a El-Rey de Portugal, & quanto convinha cortar em seus principios este dano, de que se viriam a seguir grandes ruinas, se ouvesse vagares no remedio, por se ir muito engrossando, & fortificando o inimigo. Pera esta empreza foi eleito por Governador do Brasil Mem de Sâ, homem verdadeiramente nacido pera cousas grandes, & altas emprezas, grande Christam, & grande soldado. Chegou à Bahia no anno de mil quinhentos sincoenta, & oito. Promulgou leys mui proveitozas à liberdade dos Indios, & ao bom governo politico, & Christam.

5 Governando ja a Rainha Dona Catherina na menor idade Del-Rey Dom Sebastiam, mandou novo soccorro a Mem de Sâ, & que fizesse o maior poder, que pudesse ajuntar, & procurasse desapossar os Francezes do Rio de Janeiro. No anno de mil quinhentos, & sessenta preparou huma armada de dez navios, & muitos barcos cheyos de Portuguezes, & Indios. Chegou com vento prospero à enseada do Rio levando comsigo ao Padre Manoel de Nobrega, como digo em sua vida. Vendo porem, que tinha necessidade de algumas embarcaçoẽs pequenas, & de homens praticos no paiz, despedio mensageiros a Saõ Vicente a procurar esta prevençam, a qual os Padres Nobrega, & Anchieta puzeram brevemente corrente, & enviaram capitaneada por dous Religiozos da Companhia.

6 Assaltou o Governador a fortaleza, & a rendeo. Por entam se cõtentou com recolher o despojo, desbaratar o que avia de arte na fortaleza, & retirarse pera a Bahia, por lhe parecer enfraquecia muito as forças, se por entam as dividia em presidiar o Rio. De tudo fez avizo à Rainha, a qual ordenou, que em todo o cazo se fizesse no Rio colonia, & fortaleza, pois era hum dos lugares mais importantes, que avia em todo o Brasil, & era cousa precisa disporẽse as cousas de sorte, que tirassem os Francezes dali o sentido.

7 Desasustados os Tamoyos do Rio da armada Portugueza cobraraõ nova coragem. Desenquietavam sobre maneira a Capitania de Saõ Vicente, dando nella muitos assaltos ja por mar nas suas canoas, jâ por terra com seus arcos. Ninguem se dava del-

delles por ſeguro. Nam contentes com os aſſaltos, animados pellos Francezes, que ſe tinham recolhido a ſuas naos, entraram em penſamentos de ſogeitar com armas toda a Capitania de Saõ Vicente. Em todas eſtas perturbaçoẽs o animo dos Portuguezes, & dos noſſos Indios eram os Padres Nobrega, & Anchieta, que os esforçavam. A todos perſuadiam o arrependimento de ſeus peccados, pois eſtes eram a cauſa de tam cruel caſtigo.

8 A eſte aſſombro, que cauzavam os Tamoyos, ſe accreſcentou outro de novo. Os Tupis naçam dos ſertoẽs de Piratininga, com eſta occaſiam ſe rebellaram, ſendo antes amigos noſſos. Determinaram com todo o poder, & ſegredo aſſaltar de improviſo a povoaçam principal de Piratininga, & de huma ves acabar ali com os Indios, Padres, & Portuguezes, & fazerſe ſenhores daquelles abundantes campos; couſa, que grandemente dezejavam. Porem Deos, que nam queria acabar de todo os ſeus, moveo a hum Indio, que fora diſcipulo dos Padres, que lhes vieſſe contar o que eſtava diſpoſto.

9 Neſte repente ſe prepararam todos os Portuguezes, & Indios, nos quais ſe vio grãde fidelidade em querer antes morrer com os ſeus Padres, que deſamparar o poſto. Em eſpecial ſe vio hum grande valor, & Chriſtandade em hum Martim Affonſo principal Indio de Piratininga; pois requerido de hum ſeu Irmaõ, & ſobrinho, que ſe lançaram com os inimigos, que tomaſſe melhor conſelho, elle deſprezou eſtes avizos, & a todos os outros Indios encheo do ſeu animo, & ſanto furor.

10 Andando aſſim as couſas, no dia oitavo da Vizitaçaõ da Senhora ao romper da alva dam os inimigos de improviſo ſobre a villa aſſombrando montes, & valles com a multidaõ, com os gritos, com os aſſobios, com o bater do arco, & pè, ſegundo neſtas occaſioẽs he ſeu coſtume. Sahiram os Chriſtaõs aos receber. Travouſe huma brava peleja, na qual os Tupis com morte de muitos foram poſtos em fugida, ſem dos Chriſtaõs ficar hũ ſó morto no campo.

11 Eſte ſucceſſo fez reſpirar em parte aos de Piratininga, mas nam deſaſſombrou de todo aos de Saõ Vicente, aos quais por ali ficava aberta eſta nova guerra, & pellos outros lados continuava a dos Tamoyos. Os Santos Varoẽs Nobrega, & Anchieta punham o ſeu empenho em mover à penitencia os Portuguezes, pois o terem elles cativado Tamoyos, & quebrado as pazes, era todo o principio deſtas perturbaçoẽs. Athe os Indios, que viviam comnoſco, eſtavam perſuadidos, que os Tamoyos tinham por ſi a rezam, & a juſtiça, & que Deos pelejava por elles.

12 Eſtas couſas traziam aos ſervos de Deos mui ſuſpenſos. Sentiaõ em ſeu coraçam no tempo, que tratavam com Deos, grandes impulſos de ſe ir meter entre os Tamoyos, ou pera de huma ves acabar huma vida canſada, ou effeituar huma dezejada paz. Communicaram eſta determinaçam com os do governo, os quais, como hiam nella tam intereſſados, & por eſte caminho ſe poderia tentar o vao ſem perigo ſeu, todos a louvaram. Os dous ſervos do Senhor ſe puzeram logo por mar ao caminho pera os lugares fronteiros dos Tamoyos, que diſtavam como vinte, & ſeis legoas ao norte de Saõ Vicente. Ali chegaram aos quatro de Mayo de mil quinhentos ſeſſenta, & tres, pello modo, que fica referido na vida do Padre Manoel de Nobrega.

CAPITULO XXVI.

Como foi em companhia do Padre Manoel de Nobrega fazer as pazes com os Tamoyos. Apontaõse tres profecias suas.

1 DEsta jornada deixo jà escritto assima na vida do Padre Manoel de Nobrega, & assim por naõ repetir, tocarei sómente em grosso aquellas cousas, pera dellas descahir nas que pertencem só ao Padre Anchieta; o qual, tornandose o Padre Nobrega, ficou mais algum tempo entre aquellas gentes, onde lhe aconteceram cousas mui notaveis. Ouve nos Tamoyos grande alvoroço com a chegada dos Padres, quando viram serem Padres, de quẽ era fama serem amigos dos Indios: & ouvindo fallar ao Padre Anchieta, cuja eloquencia enlevava, depuzeraõ sua fereza, & deram refens, que foram pera Saõ Vicente.

2 Os Padres sahiraõ em terra, & se hospedaram na caza de Caoquira Indio principal. Armaram sua Igrejinha, onde aos nove de Mayo ouve a primeira Missa, que se disse naquella terra. O Padre Jozeph, que era o lingua, tomou a seu cargo explicar os mysterios da Fè. Os Indios se lhe affeiçoaram tanto, que lhe descobriraõ o modo todo da guerra, que entre si estava disposta contra os Portuguezes.

3 Divulgada pella Costa a vinda dos Padres a tratar pazes, concorreram Indios do Rio de Janeiro pera as impedirem, & matarem os Padres. Quando se ajuntaram os principais a tratar das pazes, hum, que tinha vindo do Rio com dez Canoas de guerra, disse com resoluçam, que se queriam pazes, se lhe aviam de entregar tres Indios seus inimigos, que estavaõ em Saõ Vicente. A isto depois de outras rezoẽs disseraõ os Padres, que o negocio se propuzesse aos do governo de Saõ Vicente. Vindo nisto o Indio, quis elle mesmo ir em suas Canoas. Lâ deram tamboas rezoẽs, & sobre tudo lhe fizeram tam bom tratamento, que o barbaro se amançou, & voltou mui outro.

4 Livres deste perigo, estiveraõ a ponto de serem mortos junto da praya pellos Indios, que vieram em huma Canoa com intentos de perturbarem o negocio das pazes. Delles era Capitaõ hum filho do principal da aldea, em que estavam. Vendo os Padres a Canoa, & sospeitando o que seria, se retiraram, & tiveram nisso assas de enfado, porque ao passar de hum rio, tomando o Padre Jozeph às costas ao santo velho Nobrega, naõ podendo com a carga, o deixou cahir no meyo da agoa: sahiram ambos ensopados em agoa, & com grandissimo trabalho se puderam recolher na aldea em caza do Capitam della, que entam estava auzente.

5 Logo se puzeram de joelhos a rezar; apoz elles entrou o Indio da Canoa com intento de matar os Padres; mas tanto que deu com os olhos nelles, Deos lhe infundio hum tal respeito, que ficou suspenso. Entaõ fallandolhe o Padre Anchieta, ficou tam mudado, que confessando seus maos intentos, disse, que tais pessoas naõ podiam vir com engano. Depois vindo o pay contou ao filho a bondade dos Padres, com que se confirmou no conceito, que delles fizera.

6 Huma cousa entre outras os tinha assombrado, & era a continencia, que guardavam, pois tendolhe os principais offerecido suas Irmãs, & filhas, por ser este hum dos seus barbaros costumes pera com os hospedes, sempre os Padres se retiraraõ. Disto pasmavam, dizendo, como era possivel, que homens regeitassem o que os outros tanto appeteciam; & como

como lhe perguntassem, que modo tinham pera se conter? O Padre Nobrega tirando humas disciplinas lhe disse, que magoando com ellas o corpo, o tinham sogeito.

7 Como a cousa era tam nova, entraram em maior admiraçam; & se persuadiam, ser homens, que fallavam com o Creador de todas as cousas; & aos do Rio diziam, que se lhes fizessem mal, viria sobre elles peste do Ceo. Vivia Pindoboçu, que era o Indio principal, tam certo deste castigo, que sempre defendeo aos Padres com os do Rio, que hiam, & vinham pera os matar, & perturbar as pazes. Quis Deos appremiar a lealdade deste Indio com lhe abrir os olhos, & se fazer Christaõ, & como tal viveo, & morreo.

8 Entraram outra ves em conselho, pera se tomar a ultima resoluçaõ das pazes. A's queixas dos Indios de terem os Portuguezes quebrado as pazes, respondeo o Padre Nobrega, que por isso Deos os castigava, & dava vitoria aos Tamoyos; mas que se os Tamoyos faltassem a estas pazes, que agora se faziam, aviam de ser destruidos. O que tudo se veyo a cumprir, & os Indios ficaram por entam mui certos, que assim seria. Os desta aldea nunca nisto faltaram; mas os do Rio quebrandoas vieram a ser desbaratados, como se dirâ mais abaixo.

9 Dous mezes avia, que os Padres estavam nos Tamoyos, sem acabarem as pazes de se concluir. Pera o ultimo effeito julgavam os Padres ser sua prezença necessaria em Saõ Vicente; assim lho tinham escritto os do governo de Saõ Vicente. O cazo era difficultozo; porque indose os Padres antes de se tomar a ultima resoluçam, desconfiariam os barbaros. Encõmendando a Deos o negocio, resolveo o Padre Anchieta, que fosse a Saõ Vicente o Padre Nobrega, & que elle só ficaria nos Tamoyos. Este conselho, como vindo do Ceo, foi o que se tomou por mais conveniente ao estado das cousas prezentes.

10 Avendo o Padre Nobrega de se embarcar no dia seguinte pella menhaã, o Padre Anchieta lhe descobrio tres segredos, que Deos na oraçam lhe manifestara. O primeiro, que aquella noite tinham os inimigos entrado a fortaleza de Saõ Vicẽte, morto o Capitam della, & a sua mulher, & levado cativa sua familia. O segundo, que certo homem amigo do Padre Nobrega era fallecido de hum desastre, por ter passado hum carro por sima delle. Terceiro, que dentro de poucos dias chegaria a Saõ Vicente hum galeaõ de Portugal carregado de fazendas.

11 Chegando o Padre a Saõ Vicente, achou serem certas as duas primeiras cousas, & dentro de poucos dias se vio tambem a terceira, entrando no porto o galeaõ. Logo o Padre Nobrega se applicou a compor com os do governo o tratado das pazes, em que gastou algum tempo, & tudo se concluio a dezejo de todos. Fez grandes mimos aos Tamoyos, levouos a nossas aldeas; de tudo ficaram mui contentes, & satisfeitos. Agora direi o que passou o Padre Anchieta só entre os Tamoyos no tempo, que gastou o Padre Nobrega em Saõ Vicente pondo em feiçaõ estas pazes.

CAPITULO XXVII.

Fica o Padre Anchieta sò com os Tamoyos. Cousas notaveis, que neste tempo lhe aconteceraõ, athe de todo se effeituarem as pazes.

1 AInda neste tempo naõ era o Padre Jozeph Sacerdote, por isso lhe era este sacrificio mais

pezado, alem dos grandes perigos, em que ficava com a converſaçaõ de gente tam barbara: os menores eraõ os da vida; os outros eram viver hum moço na flor dos annos entre a meſma impureza, onde as peſſoas de diverſo ſexo eraõ neſte vicio taõ faceis, ſem a honeſtidade dos corpos ter entre aquella gente algum reſguardo, que a defendeſſe da viſta; pois neſta materia delles às feras, & brutos animais hia pouca, ou nenhuma differença. Com tudo poſto nas maõs de Deos ficou ſó como outro Daniel no covil dos leoẽs, cheyo de confiança no meſmo Senhor, & de deſcõfiança de ſi, que ſam os melhores defenſivos neſta peſte.

2 A primeira couſa, que fez eſte ſanto homem, foi caſtigar ſeveriſſimamente ſeu corpo com cilicios, diſciplinas, & jejuns, gaſtando a maior parte da noite em oraçam, pera que Deos o naõ deſamparaſſe. Tomou por protectora de ſua pureza à Mãy de Deos. Aqui fez voto de lhe compor ſua vida em verſo. Avia niſto huma nam pequena difficuldade, porque naõ tinha papel, nem pena, nem tinta. Deſcobrio ſua devaçam hum novo invento. Hiaſe junto das ondas do mar; ali paſſeando ao ſom do brando ſuſurro das ondas, que lhe ſerviam de plectro, compunha os ſeus verſos, & por lhe naõ eſquecerem, fazendo da praya papel, os eſcrevia na branca area.

3 Huma couſa ſe vio neſtas occaſioẽs em ſi rara, & maravilhoza, & vinha a ſer; que huma avezinha mui linda, & de cores mui engraçadas era viſta dos Indios ora nos hombros, ora na cabeça, ja nas maõs do Santo Varam, ſaltando de humas, em outras partes do corpo com hũ recreativo galanteo; couſa, que fazia admiraçam nos que a viam. E ſe deixa bem ver, quam agradaveis eram à Virgem Mãy os ſeus verſos, pois com huma ſignificaçam tam eſtranha os approvava o Ceo.

4 Teve a Senhora tanto cuidado do ſeu devoto, que no meyo de tanto fogo nem levemente ſe tiſnou ſua pureza. Aſſim o confeſſou nos ſeus verſos, & aſſim o diſſe a hum Padre amigo dali a muitos annos: queixouſelhe eſte das tentaçoẽs deshoneſtas, que o affligiam. Aconſelhoulhe o Santo Varam, que nam pediſſe a Deos lhas tiraſſe, mas que lhe deſſe vencimento nellas. E accreſcentou: *Porque eu ſei outro* (he certo fallava de ſi) *que o pedio deſta maneira, & foi ouvido; porque combatido largo tempo de ſemelhantes tentaçoẽs, favorecido de Deos, & de ſua Mãy Santiſſima, naõ sò naõ cahio, mas recebeo promeſſa ſegura de naõ cahir jà mais.* Fez aquelle Padre o que o Sãto Anchieta lhe aconſelhou, & dentro de tres dias o aſſegurou, que ceſſariam dali por diante aquellas tentaçoẽs, & aſſim o experimentou.

5 Tambem lhe revelou a Senhora, que entre aquelles barbaros paſſaria grandes aſſombros da morte, mas que o naõ matariam, porque ella queria, que acabaſſe de compor ſua vida. Aconteceo, que os Tamoyos enfadados da tardança, que avia na repoſta, que à cerca das pazes ſe eſperava de Saõ Vicente, lhe diſſeram hum dia: *Jozeph, apparelhate, & fartate de ver o Sol, porque em tal dia te hemos de comer, ſe naõ vier repoſta dos teus.* Elle lhes reſpõdeo com a bocca cheya de rizo: *Naõ vos canſeis; eu ſei mui bem, que vos naõ me aveis de matar.* Perguntado depois, porque fallava com tanta cõfiança, reſpondeo, porque a Virgem lhe dera palavra, que naõ conſentiria o mataſſe alguem, antes de acabar a vida, que della compunha.

6 Neſte meyo tempo impacientes os Tamoyos de tardar tanto a concluſam da paz, deram aſſalto em huma parte da Capitania de Saõ Vicente, & trouxeram ali alguns Portu-

guezes

guezes cativos. Tratou o Padre do ſeu reſgate, & como eſte tardaſſe muito, reſolveram os Tamoyos de matar, & comer os cativos: quando aſſim o queriam fazer, elle os deteve, dizendo: *O dia, que vem, quando o ſol chegar àquelle lugar* (moſtrouo com o dedo) *ham de vir ſem duvida alguma, os que trazem o preço do reſgate; ſo athe entam peço, que eſpereis.* Diſſelhes os nomes dos homens, que o traziam; as peças de pano, & ferramenta; & concluio dizendo, que ſe aſſim nam foſſe, lhe quebraſſem a cabeça. Com eſta promeſſa, cujo cũprimento, ou falta naõ era de muito tempo, detiveram os barbaros ſeu impeto, & no dia ſeguinte ſe vio tudo cumprido à riſca, & elles recebendo o reſgate, entregaram os cativos.

7 Por certa occaſiaõ chegara àquella terra hum Portuguez amigo do Padre Anchieta. Trataram os Indios em ſegredo de o cativar, & fazer delle hum banquete. Sendo o pobre homem avizado do ſeu perigo, dezejava fugir, mas nam via quando, nem como. Deu conta ao Padre Anchieta, o qual lhe reſpondeo: *Nam tendes, que temer, porque em tal parte na praya aveis de achar à menham huma embarcaçam, & nella vos podereis retirar muito a voſſo ſalvo.* Como o diſſe antes, lhe ſuccedeo no ſeguinte dia.

8 Nam ſe deſcuidava o Padre de aproveitar os provimos. Todo o tempo, que lhe ſobejava do trato com Deos, & com a Virgem, gaſtava em explicar aos Tamoyos as verdades da Fè: que avia outra vida, premio pera os bons, caſtigo pera os maos, eſpecialmente pera os homicidas, & comedores de carne humana, vicio mui familiar a eſta gente. Muitos com eſte medo ſe abſtiveram por tempo deſtes peccados. Pudera bautizar todas aquellas aldeas, ſe nam fora o perigo, que corriam ficando ſòs. Bautizava ſòmente no artigo da morte.

9 Parira huma India, & como a creatura naceſſe quaſi eſpirando, a queriaõ ſepultar. A eſte tẽpo chegou ali o Padre: pedio lha entregaſſem, bautizoua, cobrou logo vida, entregoua a ſeu pay, que era hum filho do famozo Indio Pindoboçu, que tanto amparava o Padre. Deſte cazo, & com rezam ficaram os Indios mui admirados. Mais o foram do ſeguinte. Certa velha enterrou hum minino filho de huma ſua nora no meſmo ponto, que o parira, por ſer filho, aque chamam Marabà (que quer dizer miſtura abominavel entre eſta gente) & era ſer geraçam do primeiro marido, mas nacido em poder jâ do marido ſegundo. Foi o Padre avizado; acodio a tempo, que avia jâ meya hora, que eſtava a criãcinha debaixo da terra. Deſẽterroua, & bautizoua viva, & ſam; entregoua à mulher, peraque a criaſſe, deixando o ſeu abuzo. Ajuntarei aqui outro ſemelhante, aindaq̃ ſuccedido em diverſo lugar. Em Saõ Vicente pario huã India; & vẽdo ſer o filhinho couſa monſtruoſa em alguãs deformidades, que tinha, envergonhada do ſeu parto o eſcondeo, & enterrou vivo. Acodio o Padre Anchieta ſabendo do maleficio; deſenterrouo, deulhe o ſanto bautiſmo, o qual recebido eſpirou.

10 Grande era o odio, que os Tamoyos do Rio de Janeiro tinham a eſtas pazes; pòr iſſo puzeram ſeu empenho em as impedir. Vieram oito Canoas cheyas de Indios, pera o matar: ſaltando em terra cheyos de ira, com os arcos feitos o buſcaram; chegando à ſua prezença, o Padre lhes fallou. Tiveram tal força ſuas palavras, que os Indios ſe amançaraõ, & admirados o deixaram, dizendo, que com rezam ſe dizia delle, que atava as maõs aos homens, pois nam eſtivera na ſua fazerlhe algum mal.

11 Outro

11 Outro perigo maior veyo apoz este. Chegaram de Sam Vicente as Canoas, que tinham ido com o Padre Nobrega. Diziam vir fugindo, por lhes ter ditto hum escravo, que os Portuguezes os queriam matar, & que com effeito hum Domingos de Braga matara hum Indio da companhia de Ambirè, que era aquelle Indio principal, que atras disse fora em pessoa a Sam Vicente.

12 Estas mentiras fizeram grande impressam nos do Rio, que tinhaõ vindo matar ao Padre Anchieta; quizeram fugir de noite, & levar comsigo o Padre; mas Pindoboçu o defendeo, & os reprehendeo. Hum delles cahio no erro, dizendo ser couza vergonhoza dar credito a hum escravo em cousa de tanto pezo; & assim naõ quis ir com os mais. Com tudo os mais fugiram, & hum principal entrando de passagem onde estava o Padre, a modo de quem ameaçava, lhe disse: *Eis aqui imos fugindo, porque os teus nos queriam matar, & a isto nos mandaste a Sam Vicente.*

13 Apenas se tinham ido estes, quando chegaraõ dez Canoas do Rio. Logo toda esta gente foi buscar o Padre, fazendo grandes medos: chegando à sua prezença, se naõ atreveram a pôr nelle as maõs; fizeram só aquillo, aque se estendia a licença, que tinham da Virgem Mãy; por sinco dias inteiros o assombraram, maltrataram, & lhe roubaram a sua pobreza, querendo levalo a suas terras, ou pello menos a hum Portuguez chamado Antonio Dias, que estava à sombra do Padre.

14 A todos estes intentos resistiram os da aldea, & o principal Pindoboçu, que enfadado jâ da paciencia, comque os sofria, por nam perturbar as pazes, pegando da sua espada de pao se foi a elles, dizendo a grandes vozes, que eram huns vadios, que naõ queriam, senaõ quebrar as pazes com os brancos; que soubessem, que o Padre era conselheiro de Deos, que se alguem o offendesse, teria sobre si, & sobre os seus a morte; & que o Portuguez Antonio Dias fazia as cazas do Deos dos Christãos (isto dizia, por ser pedreiro) & que se algum lhe fizesse mal, Deos se avia de voltar contra elles. Fallou o Indio com tamanha braveza, que todos os seus se puzeram em armas a seu favor, & os do Rio ouveram de calar. Depois indo ter com o Padre lhe disse: *Filho Jozeph, nam tenhas medo, roga ao teu Deos, que me de larga vida: nam te ham de matar, ainda que seja verdade, que os teus tenham morto aos nossos em Sam Vicente.*

15 Agradeceolhe o Padre Jozeph este bom animo, & lhe disse, que sedo veria ser mentira, quanto se dizia dos de Sam Vicente. Nam tardou o Senhor em cumprir a palavra de seu servo, porque dentro de poucos dias chegou o Indio companheiro de Ambirè, que com sua prezença mostrou a mentira, que se divulgara, de ser elle morto. Pouco depois vieram outros, & disseraõ quam bem os tratara o Padre Nobrega, como os levara pellas aldeas dos nossos Indios, como nas Igrejas os fizera abraçar, pera maior firmeza das pazes, que ficavam assẽtadas a contento de todos. Com o que ouve huma geral alegria, & ficaram os do Rio mui confusos de taõ facilmente terem dado credito a mentiras.

CAPITULO XXVIII.

Retirase o Padre Anchieta dos Tamoyos: o mais, que nisso ouve. Como foi à conquista do Rio de Janeiro, & cousas maravilhosas, que nella aconteceram.

1 Concluidas assim as pazes, tratou o Padre de se partir pera

pera Sam Vicente, tendo aſſiſtido alguns ſinco mezes entre aquelles barbaros. Tinhaõlhe elles cobrado tanto amor, & elle aos Indios, que ouve muitas lagrimas de parte a parte: choravam por ſe aver de apartar delles o ſeu pay mayor, que lhes adivinhava os ſucceſſos futuros, que lhes enſinava couſas ſantas, que os curava, & conſolava em ſuas doenças. Chorava o Santo varam, por ver ficar ao deſamparo tantas almas tam bem diſpoſtas pera o ſanto bautiſmo. Tambem lhe fazia ſaudade o lugar, em que Deos tanto o conſolara; de que tem eſtas palavras fallando em terceira peſſoa: *Aſſim esteve o Irmaõ athe meado Settembro entre os Tamoyos, entregue à providencia divina, & muito conſolado, paſſando muitos tragos da morte, que cauſavam os que vinhaõ do Rio, & outros combates eſpirituais, de que noſſo Senhor o livrou. Nunca fes inſtancia alguma aos Indios, que o levaſsem, athe que elles eſtando de caminho pera Saõ Vicente ordenaram-de o levar, porque nam ficava ſeguro dos que vinham de fora, ficando ſó. As mais das Indias requeriam, que o nam levaſſem, porque lhes nam ficava troca das cabeças de ſeus maridos, que eſtavam em Sam Vicente. Outras, que ſentiam o perigo, emque o deixavam ficando ſó, inſiſtiam, que o levaſſem, & eſtas venceram: aſſim o embarcaram comſigo em huma Canoa de caſca a quatro de Settembro.* Athe aqui ſuas palavras.

2 Hia por Capitam da jornada hum Indio principal por nome Cunhambeba, grande amigo do Padre, & que trouxera de Sam Vicente as ultimas novas das pazes. Chegando a deſcançar na Ilha dos Porcos, acharam ali huã Canoa de Indios do Rio, que fizeraõ novo esforço por perturbar as couſas. Diſſeram ao Indio, que em boa ſe hia meter; que os de Piratininga tinham quebrado as pazes, que elles vinham fugindo dos Portuguezes, que os queriam matar. A iſto reſpondeo o Indio: *Se iſſo aſſim he, vos lhe darieis a cauſa; que os Chriſtaõs eu ſei, que ſam bons*; & fez logo dar ao remo.

3 Continuando a viagem, ſobreveyo tamanha tempeſtade, que dis o Padre ſe naõ vira athe aquelle tempo tam perto da morte. Animou os Indios, aſſegurandoos de que aviam de ir a ſalvamento. Brevemente chegaram ao porto, & ſahiram em terra dia de Saõ Mattheus do anno de mil quinhentos ſeſſenta, & tres. Ouve nos Portuguezes, & naturais da terra muita alegria; & o Indio achou ſer mentira, quanto os do Rio lhe tinhaõ ditto na Ilha dos Porcos. Logo o Santo varam tratou, pera cumprimẽto do ſeu voto, de aperfeiçoar a vida da Senhora, aqual toda tinha na memoria, pois naõ tivera outro papel, em que a eſcrever: conſta ella de quatro mil, cento, & ſettenta, & dous verſos elegiacos, & todos os reſtituio à memoria, que era feliciſſima, como nella os tinha depoſitado na praya dos Tamoyos. Eſta obra, que he mui culta, anda impreſſa aſſim na Hiſtoria da Provincia do Braſil, como na vida, que deſte ſervo de Deos fez o noſſo Padre Simaõ de Vaſconcellos, onde a podem ver os curioſos: della ſe ve, quam excellente era o Padre Jozeph neſta faculdade.

4 Sabidas em Portugal as pazes com os Tamoyos, vendo a Rainha ſer boa a occaſiaõ, pera de todo lançar fora do Rio aos Francezes, mandou armar dous galeoẽs, & por Capitam delles a Eſtacio de Sâ, ſobrinho do Governador Mem de Sâ, com ordem ſerrada, que foſſe à Bahia, & ali eſtiveſſe às ordens de ſeu tio; a eſte ordenava, que ajuntando o poder, que pudeſſe, mandaſſe com elle a ſeu ſobrinho lançar fora do Rio os Francezes, & povoar o Rio.

5 Da Bahia partio pera o Rio

Eſtacio

Estacio de Sâ, & ali achou terem os Tamoyos alterado as pazes, & que tudo estava em guerra: tomadas as alturas das cousas, achou aver na empreza grandissimas difficuldades, & ser mais detençoza doque se imaginava. Temia a falta de mantimentos, & de Canoas; pera se refazer de huã, & outra cousa, tomou por conselho retirarse à Capitania de Saõ Vicente. Assim o fez; & achou, que os Tamoyos das terras, onde assistira o Padre Anchieta, estavam firmes nas pazes. Aqui recresceraõ as difficuldades, reprezentandose a empreza de cada ves mais ardua. Todas se venceram com o favor de Deos, & boas agencias dos Padres Nobrega, & Anchieta, em quem tinham todos grande fè, & elles, como quem tinha noticia superior do bom fim desta demanda, animaraõ ao Capitam com a esperança certa do bom successo.

6 Provida pois a armada assim de mãtimẽtos, como de Canoas cheyas de Indios guerreiros, mãdou o Padre Nobrega, que fossem em sua companhia, pera animar os soldados, os Padres Gonçalo de Oliveyra, & Jozeph de Anchieta. No principio de Março chegaram a occupar a barra. Lançaram ferro junto das Ilhas, que estam proximas a ella, esperando pella Capitania, que vinha mais de vagar.

7 Aqui impacientes os Indios do Espirito Santo com a detença da Capitania, & falta dos mantimentos, estavam amotinados, pera se fazer na volta de suas terras. Estando neste pensamento, teve o Padre Anchieta impulso de os vir visitar. Chegando à falla, sem delles ouvir nada, lhes estranhou a resoluçam. Vendose descubertos, disseram, que por causa da fome nam podiam esperar mais. Respondeolhes o Padre, que estivessem de bom animo, que antes que o sol chegasse a tal parte do Ceo [mostroulha com o dedo] chegariam os mantimentos, & depois a Capitania. Dittas estas palavras, viram chegarse os barcos, que trasiam os mantimentos, & indo o sol no lugar, que apontara, entraram no porto. Ficaram com isto mui attonitos, & animados os Indios; & mais, quando na menhaã seguinte chegou a nao Capitania.

8 Junto que foi o poder, entraram pella barra; saltando em terra, se fortificaram junto a hum penedo altissimo, que pella feiçaõ, que tem, se chamava o Pam de assucar, lugar mui a proposito pera a segurança dos nossos. Os Tamoyos, & Francezes estavam mui fortes em suas trincheiras. Ouve diversos accommetimentos, nos quais sempre os nossos sahiram cõ a melhor. Viose em muitas cousas raras, q̃ o Ceo tomara esta guerra à sua cõta, porque dando as balas a muitos dos nossos nos peitos, lhes cahiam amassadas aos pes.

9 Alguns recebiam feridas mortais, & eram curados com tanta facilidade, que se via obrar ali a virtude de Deos, & nam remedios humanos. Direi com as palavras do Santo Padre Anchieta, que dam mais pezo a esta narraçam, parte do muito, que aqui passou, pois em tudo se reconheceo terem boa parte suas oraçoẽs. *Nesta conquista* (dis o Padre Anchieta) *& povoaçam, que durou alguns annos com guerra continua, & muita fome, andavam os homens como Religiozos, confessandose, & commungando muitas vezes, mui animosos, & confiados em Deos com a prezença dos Padres, & do Capitam môr Estacio de Sâ, o qual alem de seu grãde esforço, & prudencia era a todos exemplo de virtude, & religiaõ Christaã.*

10 *Bem mostrou nosso Senhor, q̃ o Padre Nobrega foi regido em tudo isto por seu divino espirito nas muitas, & insignes vitorias, q̃ por sua misericordia taõ poucos Christãos Portuguezes, & Brasiz ouveraõ de tãta multi-*

multidam de Tamoyos ferocissimos, & acostumados de tantos annos a ser sempre vencedores, & de alguns Francezes Lutheranos, que comsigo tinham; nas quais concorria Deos com muitos milagres. sârando muitos de frechadas mortais com muito pouca cura. A outros davam pelouros nos peitos desarmados, & cahiaõlhe amassados aos pès. Quatro accommettiam vinte, & vinte a duzentos, & os faziam fugir.

11 *Algumas vezes deram assalto na Cidade, que era entam humas choupanas de palha com huma fraca cerca de pao, especialmente hum dia, em que se ajuntou pera isso grande multidam. O Padre estava na Igreja diante do altar em oraçam; as frechadas, que vinhaõ do alto, furavaõ a palma do tecto, & pregavaõse ao redor delle; os soldados defendiam a cerca, & de quando em quãdo acodiaõ alguns à Igreja, & vẽdo o Padre cercado de frechas, tomavam grande esforço, & tornavam ao combate, athe que os fizeram fugir a todos.*

12 *Hum Indio Christam, por nome Marcos, valentissimo homem, pelejava nesta conquista em sua Canoa, & depois da terra ficar quasi segura, se tornou pera Piratininga, onde tinha sua aldea. Dahi a alguns annos foi necessario soccorro pera o Cabo Frio, & andando alguns Padres com o Capitam de Saõ Vicente ajuntando Indios, deram com este, que estava muito doente, o qual sem ser chamado, se convidou, & querendoo escusar, por estar enfermo, respondeo elle:* Eu ganhei o Rio de Janeiro, & Deos nelle me livrou de muitos perigos. Huma ves me deu hum pelouro de arcabus nos peitos, como que dera numa rodela, & cahio amassado a meus pès; & por isso hei de tornar lâ assim doente como estou, & acabar la a vida, peraque os meus com meu exemplo se movam a soccorrer os Portuguezes.

13 *Assim o fez fazendose levar de Piratininga a Sam Vicente aos hombros dos seus, & dali se foi com a mais gente ao Rio de Janeiro, & por estar muito fraco, nam pode passar ao Cabo Frio, qorque no mesmo Rio o queria Deos salvar. E foi o cazo, que vinha elle em mao estado com huma India, & ali por exhortaçaõ dos Padres se cazou com ella, & se confessou inteiramente, & acabou, acabandose de conquistar o Rio de Janeiro, porque daquella ves se deu fim à conquista, com se sogeitar o Cabo Frio.*

14 *Das misericordias, & maravilhas, que Deos fes nesta povoaçaõ, que foraõ muitas, so direi huma; & foi, que os Tamoyos vendo, que levavam a peyor em tudo, determinaram de huma ves dar fim ao negocio, & assim se appellidaram, & ajuntaram de vagar algumas cento, & oitenta Canoas, pera todas juntas dar nos nossos, & destruilos de todo; & pera mais se ver a mam de Deos, permittio elle, que alguns mistiços dos mais valentes se enfadassem; & ainda que estavam esperando por este ultimo combate, se foram escondidos em suas Canoas a Sam Vicente, deixando o Capitam mòr com sinco Canoas somente.*

15 *Chegou pois o corpo das cento, & oitenta dos Tamoyos, & nam quizeram dar na Cidade, senam tomar os nossos fora della em silada, o qual pera elles era mais seguro, & nosso Senhor mostrou mais sua particular misericordia, & providencia. Feita logo a silada como huma legoa da Cidade, appareceram algumas Canoas dos Tamoyos; sahiram as nossas sinco, & o Capitam mòr nellas perseguindoos com o animo, que sempre costumavam; começaram a entrar na silada, em que estavam jâ quasi sem remedio, & indo a pôr fogo a hum tiro, que levava a Capitania, pozse logo a polvora de tal maneira, que le-*

vou ao mar alguns meyos queimados, os quais logo tornaraõ a meter na canoa.

16 *Vendo os Tamoyos o fogo na canoa, deram a fugir, porque huma mulher do principal Capitaõ da guerra, que elles costumam levar comsigo, começou a bradar, que hia grande fogo sobre elles aos queimar, & virando elles as costas appareceo toda a multidam das canoas, que estavam escondidas, & todas fugiam. De maneira que foi medo, que nosso Senhor lhes pos com a vista daquelle fogo, & juntamente particular favor do gloriozo Martyr Saõ Sebastiaõ, que ali foi visto dos Tamoyos, alguns dos quais perguntavaõ depois: quem era hum soldado, que andava armado muito gentil-homem, saltando de canoa em canoa, que os espantara, & fizera fugir? Os nossos os seguiram hum pouco, vendo a maravilha do Senhor, mas logo com muita prudencia se recolheram à Cidade, & dali por diante cessaram os Tamoyos, athe que foi soccorro da Bahia, com o qual se começaram a sogeitar, & pedir pazes.* Athe aqui a narraçam com as palavras do Padre Anchieta, da qual se ve, que toda esta conquista foi mais obra de Deos, que do poder humano. Este cazo das canoas aconteceo em Julho de 1566, a tempo, que o Padre Anchieta estava nas partes da Bahia.

CAPITULO XXIX.

Ordenase de Sacerdote; assiste na conquista do Rio. Do que lhe succedeo em Sam Vicente: como voltou a dar principio ao Collegio do Rio, & cousas, que ali lhe succederam.

1 ERam os fins do anno de mil quinhentos sessenta, & sinco, no qual continuava a guerra com os Tamoyos, & Francezes no Rio, quando o Padre Manoel de Nobrega ordenou ao nosso servo de Deos, que athe este tempo nam era Sacerdote, que fosse à Bahia assim pera tomar ordens sacras, como pera informar ao Governador Mem de Sâ do estado das cousas do Rio, como quem tanto as sabia, & nellas tinha tam boa parte. De caminho lhe mandou, vizitasse a nossa caza do Espirito Santo, & as aldeas a ella annexas, aos quais muito consolou nos seus trabalhos de huma peste de bexigas, que vexara os moradores daquelle paiz.

2 Chegando à Bahia, em que foi recebido como homem, de quem jâ avia opiniaõ de mui santo, contou tudo ao Governador, & apontou os meyos necessarios, pera se concluir de todo a guerra, obrigando os Tamoyos a largar os portos do mar, & a recolherse ao sertam, & se poder fũdar Cidade, como El-Rey queria, & era precizo pera a conservaçaõ do Brasil. Estes seus arbitrios foram os que seguio o Governador, começando logo a se aprestar, pera ir elle em pessoa dar fim a esta empreza.

3 Ordenouse logo de Sacerdote com o Bispo Dom Pedro Leytaõ seu conhecido jâ de Coimbra. Neste tempo aos 24 de Agosto de 1566 chegou à Bahia por Visitador dos nossos o Santo Martyr Ignacio de Azevedo, aquem Deos trasia, pera ser tambem companheiro na conquista do Rio. Tendo o Governador Mem de Sâ disposto a armada, se fez à vela, indo em sua companhia o Padre Azevedo a visitar as cazas da Companhia, & o Padre Jozeph de Anchieta. Chegou esta armada ao Rio aos 18 de Janeiro de 1567, tendo partido da Bahia o Novembro antecedente.

4 Resolveose o Governador de logo no dia do Martyr Saõ Sebastiaõ, que era o padroeiro desta empreza, & que parecia telos trazido ali junto do seu dia pera isto mesmo, dar

dar nas principais forças do inimigo, que eraõ duas aldeas mui fortalecidas com artelharia, fossos, & outros defensivos assistidos de muita gente. O Bispo, o Padre Ignacio de Azevedo, o Padre Anchieta, & outros tomaraõ à sua conta encommendar o negocio, & successo a Deos, como a Senhor das vitorias.

5 Amanhecendo o dia do Santo, Estacio de Sâ com boa soldadesca deu na principal aldea, & ainda que a resistencia foi brava, a escalou, & a todos passou aos fios da sua espada, & dos seus alguns Francezes, que ouve vivos, os mandou enforcar. Dos nossos morreraõ athe onze, ou doze, & sahio ferido mortalmente o Capitam Estacio de Sâ, porque naõ ouvesse boa fortuna sem seu dezar. Logo deram na segunda aldea, & a entraram com cativeiro, & estrago. Vencidas as principais forças, ficaram os inimigos mui atemorizados. Passado hum mes, falleceo santamente Estacio de Sâ com geral sentimento de todos, por ser grande Christaõ, & Capitam mui valente. Com estas vitorias ficaram os Portuguezes senhores daquella fermosa Bahia, aqual tem feito inexpugnavel em tal forma, que em guerras, que andando annos veyo a ter o Brasil com gentes Europeas, nunca lhe veyo tentaçam entender com esta praça, posto que em nossos dias a ganharam os Francezes, & saqueada a deixaram.

6 Ficou por Capitaõ em lugar do defunto, Salvador Correa de Sâ sobrinho assim mesmo do Governador. O Padre Anchieta com o Padre Visitador Ignacio de Azevedo, & Luis da Grã Provincial, mais companheiros, & o Bispo foram pera Sam Vicente, onde todos se consolaram com o santo velho Manoel de Nobrega. Resolveram entre si passar o Collegio de Saõ Vicente pera o Rio de Janeiro; assim por dar a prezença dos nossos mais calor à nova Cidade, como por outras rezoẽs de grande importancia pera o serviço de Deos.

7 Nesta occasiaõ succederam aqui ao Padre Anchieta algumas cousas estranhas. Huma India cazada fazia com outra sua Irmaã algumas velas de cera; entre outras fez da mesma cera duas pera si. Perguntoulhe a Irmaã, peraque as fazia? Respondeo: *Façoas, peraque o Padre Anchieta diga Missa por mim, quando eu for santa* (queria dizer Martyr.) Deuas ao Padre, & lhe communicou o intento. Succedeo pois, que os Tamoyos de Cabo Frio, que toda via estavam rebeldes, dando assalto em a Capitania de Saõ Vicente, cativaraõ esta India; quis o Capitam fazerlhe força; aque respondeo, que ella era Christaã, & cazada; que antes perderia a vida, que commetter tal offensa de Deos. Enfurecido por isso o barbaro, lhe cortou a cabeça.

8 Passava este Martyrio trinta legoas de Sam Vicente, onde entam estava o Padre Anchieta; oqual tendo revelaçaõ do Ceo, accendendo as duas velas, disse Missa de huma Santa Martyr, metendo na oraçam o nome da India Martyr. Perguntoulhe o Padre Nobrega: que Santa era aquella? Respondeo, que era a India fulana, que entam acabava de ser martyrizada, & fora logo ao Ceo. Depois veyo noticia ser tudo assim, como o Padre Anchieta o tinha antes contado.

9 Outro dia, que era de Saõ Joaõ Evangelista, disse Missa de hum defunto. Perguntoulhe o Padre Nobrega a causa disto: respondeulhe; que a dissera por hum Padre nosso, que naquella noite fallecera no Collegio de Loreto em Italia, & fora seu discipulo em Coimbra, & muito seu amigo. Perguntoulhe mais, em que estado se achava aquella alma? Respondeo: que depois do offertorio, quando chegou às palavras: *Omnis honor, & gloria*, entrara no Ceo.

10 Querendo o Padre Vizitador dar principio ao Collegio do Rio, partio pera lâ em Julho de 1567, levãdo comsigo ao Padre Provincial Luis da Grã, & aos Padres Nobrega, & Anchieta. Nesta viagem aconteceo a estes santos homens o cazo da balea, que conto nas vidas dos Padres Azevedo, & Nobrega; porque estãdo ancorados defronte do porto chamado Biritioga, querendo sahir a terra todos quatro com outros passageiros pera dizerem Missa, os seguio huma balea mui assanhada; chegando ao batel meteo a cabeça debayxo da agoa, & levantou a cauda pera descarregar o golpe. Todos se davam por perdidos: puzeraõse de joelhos; & o mõstro suspendendo o golpe, como detido com mam invisivel, se foi escoando pella proa, & os deixou livres da morte. Os quatro eram de tanta virtude, que às oraçoẽs de todos se pode attribuir a mercè, ainda que o santo varam em suas narraçoẽs a attribuio sómente à santidade do seu Vizitador Ignacio de Azevedo.

11 Chegando à nova cidade, escolheram sitio pera o Collegio, cujo fundador era o Senhor Rey Dom Sebastiam. Ficou com este cuidado o Padre Nobrega, & por seu companheiro o Santo Padre Anchieta. Por ser jâ o Padre Nobrega velho, cortado de annos, & muito mais de trabalhos, cahia o principal trabalho sobre o Padre Anchieta. Ditozo Collegio, que se fundou com as industrias, & virtudes de varoẽs tam assinalados!

12 Acodia o Padre Anchieta a todos, & mais à instruçaõ dos Indios, que tinham vindo em ajuda da guerra; delles formou huma aldea em terras do Collegio, & foi esta huma das principais forças daquella nova colonia contra seus inimigos.

13 Hum dos seus principais trabalhos foi aqui a conversam de Joaõ Boles herege Francez: deste homem fallei jâ na vida do Padre Luis da Grã, como por naõ ser castigado do Capitaõ Villagailhon no anno de 1559 fugira com outros fingindose Catholico pera a Capitania de Saõ Vicente; como ali o fizera prender o Padre Grã, & fora remettido à Bahia, donde fora trazido prezo, pera ser ajustiçado no Rio de Janeiro; devia ter crimes, que pediam o castigo naquelle lugar.

14 Passava isto no anno de 1567: vendo o Padre a pertinacia deste herege, pedio, lhe dilatassem a morte, porque se naõ perdesse esta alma; lidou, batalhou, finalmente o converteo. Quando foi ao supplicio, que era de forca, por ser o official pouco destro, detinha o padecente na agonia com perigo de tornar atras, por ser este homem naturalmente impaciente. Entrando o Padre em zelo, reprehendendo ao algoz, o instruio no seu officio, pera que a morte se apressasse. Naõ ignorava o Padre o que em tais acceleraçoẽs de morte dispoem as leys Ecclesiasticas. Perguntado, porque se atrevera a tal cousa? Respondeo: que a sua suspensaõ naõ era peccado, & se podia remediar com a absolviçam da Igreja; porem que a perda da alma do padecente era cousa sem remedio, & que a charidade nesta occasiam estava em primeiro lugar, que o outro inconveniente, que podia ser remediado.

15 Por este tempo mandou o Capitaõ Salvador Correa de Sâ doze mancebos esforçados a certa facçaõ contra alguns Francezes, que no Cabo Frio contratavam com os Indios. Confessaraõse com o Padre pedindolhe suas oraçoẽs. Animouos, dizendo, que fossem, & que aviam de obrar hum feito honrado. Chegando ao Cabo Frio, sinco delles foram à Bahia Fermosa distante duas legoas; quando o naõ cuidavaõ, lhes sahiram de emboscada sette Francezes armados. Ouveraõse os nossos tam bem,

que

que mortos seis Francezes, cativaraõ hum, sendo morto sómente delles hum por nome Eleodoro Ebanos.

16 Voltaram contentissimos: chegando à aldea de Saõ Lourenço perto da cidade, os recebeo com festa o Padre Gonçalo de Oliveira da nossa Companhia, dandolhes o parabem, & mostrandolhes escritto do Padre Anchieta, em que lhe dizia, os agazalhasse bem, & lhe referia o successo, que dali vinte, & duas legoas tinha acontecido. Ficaram assombrados, & muito mais quando chegando à cidade souberam, que prègando o Padre em dia de Santo Antonio, em que a facçam se obrara, dissera: *Hoje passaram desta vida sette homens; hum se salvou, os seis se condenaram.* Tinham sido os seis Francezes, & o settimo Eliodoro Ebanos, a quem o Padre confessara.

17 Hum Joam de Souza Pereyra andava, dous annos avia, trezentas legoas pello sertam dentro. Vindo novas a Sam Paulo de que era morto, se lhe fizeram suffragios, & o pay da mulher a mandou a Saõ Vicente; porque queria, que se cazasse. Indo ella despedirse do Padre Jozeph, lhe disse, se naõ fosse, porque seu marido era vivo, & que antes de muitos dias chegaria sam, & salvo, & com cabedal. Tudo se vio ser assim dentro de poucos dias. A certo homem, que cazara com impedimento dirimente, lho descobrio o Padre, & o remediou. Assim mesmo indo a caza de outro lhe disse: *A mulher, com que estais cazado, nam he vossa*: & como respondesse, que elle a recebera na Ilha terceira, sendo o marido della dado juridicamente por defunto. Replicou o Padre: *Que faremos? Elle he vivo, & chegou da India a Portugal; mandailhe sua mulher.* Eraõ estas pessoas virtuozas, creram o Padre, & tendose tomado navio, chegou de Portugal precatorio, em que o homem pedia lhe mandassem entregar sua mulher.

CAPITULO XXX.

Como foi Reytor do Collegio de Saõ Vicente. Algũas das cousas muito notaveis, que neste tempo lhe succederam, & da noticia de cousas occultas.

1 Corria pouco mais, ou menos o anno de 1569, quando o Padre Anchieta foi mandado ser Reytor do Collegio de Saõ Vicẽte, ao qual governou athe o anno de 1576; & depois viveo subdito naquella Capitania cousa dos dous annos seguintes. As cousas, que ali lhe aconteceram, foram muitas, & mui raras. A primeira cousa, que nelle resplandecia alem de sua rara virtude, era sua sabedoria. Naõ tinha elle em sua vida cursado outras escolas mais que as de Rhetorica, & parte da Philosophia em Coimbra; com tudo na Theologia moral, & especulativa era tam versado, & certo, como se toda a vida versara as Universidades. Nas Santas Escritturas sua sabedoria mais parecia divina, que humana.

2 Ainda que seu engenho era mui subido, & de grandissima percepçam, & que per si se podia fazer senhor das sciencias, com tudo muitos tiveram pera si, que Deos lhas infundira; nem isto era muito, considerado quanto Deos se communicou a este seu servo, & que cousas tam occultas lhe descobrio, & as maravilhas, com que o illustrou. Era ditto commum, que Deos lhe punha na bocca o que avia de prègar. O Padre Gaspar de Samperes da nossa Cõpanhia, homem de virtude, affirmou cõ juramento, que prègando o Padre Anchieta, se lhe pos no hombro esquerdo huma avesinha como canario, todo com meneyos festivais, &

por

por mais que o Padre com o meneyo das acçoẽs o despedia do hombro, elle tornava a seu posto. Isto affirmou o Padre Samperes como testimunha de vista. No pulpito tinha muito espirito, & costumava dizer o Bispo Dom Pedro Leytaõ, que mais gostava de ouvir este só Canario cantar em seus sermoẽs, que todo o bando de prègadores.

3 Em muitas occasioẽs se vio o dominio, que Deos lhe deu sobre as aves. Entrando no refeitorio algumas rolas a se aproveitar das migalhas, o refeitoreiro as enxotou por enfadonhas; porem chamandoas o Padre Anchieta, como se tiveraõ entendimento, acodiram logo. Como corresse voz, de que as aves lhe obedeciam, o Padre Samperes lhe perguntou o fundamento disto? Respondeo: *Sabeis o que hà? Navegava eu huma ves, & hum passaro marinho andava voando de hum em outro bordo; eu entam estendi o braço, pera que nelle descansasse; assim o fez, imaginai, que naõ ouve outro mysterio, que se parara em huma das vergas do navio.*

4 Em diversas occasioẽs remediou Deos as faltas da caza. Huma ves lhe disse o refeitoreiro, que naõ avia pera a communidade jantar, senaõ laranjas, & farinha, que chamaõ de guerra, que he aspera, & dura. Mandoulhe, que tocasse ao exame da consciencia, que fazemos antes do jantar; elle se pos em oraçaõ: acabado o exame, voltou o refeitoreiro, perguntando, o que avia de fazer? Respondeo, que tangesse à meza. Assentaraõse os Religiozos; apenas hiam comendo a laranja, quando tangeram à portaria; & acodindo o Irmaõ, se achou com hum cesto de mãtimento cozinhado, & preparado, que mandava hum Jozeph Adorno Genovez mui devoto da Companhia.

5 Na caza de Santos acabara o Padre Anchieta de dizer as Missas da noite do Natal, & querendo dizelas outro Padre, acodio o Sancristaõ dizendo, naõ aver vinho. Ouvindo isto o Padre Anchieta, disse: *Ide, Irmaõ, trazei vinho, que està na botija.* Respondeo, que tinha ja feito a diligencia, & estava certo, o naõ avia. Tornou o Padre: *Ide, que o heis de achar.* Obedeceo, & a botija estava cheya.

6 Faltava azeite na Capitania de Saõ Vicente, & se acabara no Collegio. Avizouo desta falta o Irmaõ dispenseiro, dizendo, ser acabado hũ barril, de que se acodia ao Collegio, & às cazas a elle sogeitas, & aos pobres. Respondeo o Padre: *Irmam, nas necessidades nam deixeis de acodir ao vosso barril, que Deos he pay, & farà, que nam falte azeite.* Respondeo, que jâ o tinha erguido sobre o torno, que estava secco, & bem podia servir em outra cousa. Tornou o Padre: *Fazei o que vos digo* Obedeceo, & em avendo falta, acodia ao barril: era cousa muito pera louvar a Deos, que distillava de si quanto bastava pera remediar a necessidade prezente. Nesta forma durou dous annos; athe que chegou hum navio, no qual se mandava ao Collegio de esmola huma pipa de azeite. Entam cessou o barril de gotejar. Foi este prodigio cousa mui notoria, & nomeada.

7 Estando o Padre na Igreja da Virgem da Conceyçam de Itanhaè, disseraõlhe os Mordomos, que nam avia azeite, com que allumiar à Senhora, de quem o Padre era mui devoto. Respondeolhes, fizessem diligencia: disseram, que tinhaõ voltado, & escorrido bem a botija. Tornou o Padre, que ainda assim a fossem ver. Foram, & acharam estar cheya: proveram as alampadas, divulgaram a maravilha, a cuja fama concorreo muita gente do paiz vizinho trazendo suas botijas de azeite, pera lhe darem

rem por elle do milagroſo, com que curaſſe ſuas enfermidades.

8 Em huma caza ſogeita ao Collegio prendera o Superior em hum cubiculo a hum Irmam. Parece, naõ era a cauſa mui provada. Teve o Padre Anchieta revelaçaõ da moleſtia do ſubdito. Acodio logo andando a pè deſcalço quinze legoas de caminhos aſperrimos; tantas avia de diſtancia. Antes de meyo dia chegou, & mandou ſahir ao Irmaõ do carcere, & que preparaſſe o jantar. Depois de meza os reconciliou, & voltou pera o ſeu Collegio, ſem que em caza ſe ſentiſſe ſua auzencia.

9 Outro Irmam aſſiſtia em hũa Ilha a huma roſſa; como naõ tiveſſe com quem deſabafar, ſe lhe começou a cobrir o coraçaõ. Andando neſta triſteza, ve vir andando pella praya ao Padre Anchieta encoſtado no ſeu bordam. Ficou o Irmaõ como ſe lhe naceſſe huma alma nova: chegandoſe o Padre a elle lhe diſſe mui alegre: *Por vos, por vos ſómẽte venho.* Ouvidas eſtas palavras, reſpirou, & abriolhe ſeu coraçaõ. O Padre o conſolou, & aquella negra nuvem deſappareceo, como ſe nunca a ouvera. O Padre ſe retirou, & o meſmo poder, que ali o levara ſem embarcaçam, o reſtituio ao Collegio. Muitos outros cazos pudera contar, em que Deos lhe deſcobrio neſtes governos os interiores de ſeus ſubditos: podemſe ver no Padre Simaõ de Vaſconcellos no capitulo ſegundo do livro terceiro de ſua vida.

10 Hum anno antes de ſer Provincial eſtando ao fogo na villa de Sam Paulo diſſe como por graça aos prezentes: *Ora olhai vos outros, que dizem as velhas, que hei de ſer Provincial: vede, que coſtas eſtas minhas pera tal pezo. Dizem mais, que hei de ſer Reytor da Bahia. Vira patente, porem eu o naõ hei de ſer.* Tudo aconteceo, porque vindolhe patente pera Reytor, nam ſervio o officio, & depois foi Provincial.

CAPITULO XXXI.

De outras couſas mui raras, & noticias, que Deos communicou ao Padre Anchieta.

1 A Noticia de couſas occultas foi neſte Santo Padre tam frequente, que por mais que conte, ſempre me parece dizer pouco. Deſpediaſe na villa de Santos pera outra parte de huma matrona devota da Cõpanhia: rogoulhe, quizeſſe levar na embarcaçam certos mimos pera hum filho ſeu, que lâ eſtudava. Reſpondeo o Padre: *Nam ſe canſe, que à menhaã o terâ comſigo.* Tomando o ditto em graça, imaginando ſer eſcuſa, inſtou. Entam lhe diſſe o Padre: *Em fim, Oliveira* (eſte era o ſeu ſobrenome,) *ha de accreſcentar noſſa matalotagem.* Tudo ſe vio no dia ſeguinte; o filho chegou, & ella deu as conſervas ao Padre pera a viagem.

2 Queixavaſe Ayres Fernandes de hum pelouro, que trazia em huma perna deſde a guerra dos Tamoyos. Entam lhe diſſe o Padre: *Eſte pelouro lhe hà de cahir a voſſa merce, quando alguma hora eſtiver na lagẽ do Rio de Janeiro.* Dali a muitos annos indo eſte homem paſſando aquella praya com ondas mui rijas em huma Canoa, as ondas a fizeram dar ſobre a lagem profetizada: com a pãcada ficando a perna apertada deſpedio de ſi o pelouro. Entam cahio na profecia do Padre Anchieta.

3 Indo os noſſos fazer huma guerra aos Tamoyos, avia dous mezes, que andavam na empreza ſem ſe ſaber delles; o que fazia no povo grãdes temores. Prègando o Padre Anchieta na villa de Santos, parou na prègaçam por eſpaço de tempo, cobrindo o roſto com a mam; & tornã-

do

do em si disse: *Rezemos hum Padre Nosso, & huma Ave Maria pella vitoria, que agora alcançaram os nossos dos Tamoyos.* Depois vindo os soldados, se achou fora a vitoria naquelle mesmo tempo.

4 Na villa de Santos estando Philippa da Motta pera cazar com Jozeph Adorno, se desfez o cazamento com muito sentimento de seus pays. Ouve o Padre de os ir consolàr, & lhes disse: *Naõ se desconsolem por sua filha nam cazar com fulano, porque nam era sua; seu marido hà de vir de Lisboa, & a capa, que trouxer sobre os hombros, hà de ser sua* (significando cõ isto estar o outro individado) & accrescentou: *Hà de ter tantos filhos, que nam saberà, quais sam as camizas de huns, & outros.* Tudo como o disse, se vio cũprido.

5 Vindo hum dia do campo, passou por caza de hum Bras Gonçalves, cujos escravos sabia terem fugido; de que andava o homem muito triste pella grande falta, que lhe faziam; disselhe o Padre: *Andai comigo, que assim vos importa.* Naõ sabendo o pera que, duvidou. Tornoulhe a dizer o Padre, q̃ assim lhe importava, q̃ se naõ avia de arrepender. Embarcaraõse em huma Canoa rio abaixo, & remando athe o por do sol, queria Bras Gonçalves parar em certo posto. Disselhe o Padre: *A'vante, àvante, naõ he este o posto, que convem.* Como replicasse, que o sol se hia pondo, disse o Padre: *Remai, remai, que eu vos darei sol, & mais vos importa a vos, que a mim.* Continuou o homem athe o segundo posto, cuja distancia era tanta, que por via natural naõ podia aver sol athe chegar a elle, & com tudo nam faltou sol. Tomando terra lhe disse o Padre: *Ide àquella choupana, que vedes; dizei à vossa escrava, que vos prepare fogo.* Era esta hum dos escravos fugidos. Entam acabou o homem de entender, aonde atiravam as palavras do Santo Padre, & que toda a viagem fora ordenada em bem seu.

6 Prègando na villa de Santos, disse do pulpito aos do governo: *Eu sou caõ da caza do Senhor; naõ hei de deixar de ladrar: digovos da parte de Deos, que nam deixeis sahir deste porto huns dous navios, que estam de verga dalto, pera fazer viagem aos Patos, Indios, que estam de paz comnosco, & sam amigos nossos, a cativalos com suas costumadas, & injustas traças: de outra sorte ham de ver os que forem a ira do Ceo sobre si, & haõ de morrer miseravelmente.* Levados de sua cobiça de ter escravos naõ deram pello avizo do Padre; & de ambos os navios sò dous homens escaparam, que trouxeram a nova de todos os mais serem mortos.

7 Avizou elle a hum Balthezar Fernandes, que andava mal com certa mulher cazada, & dizendolhe, que o aviam de matar: respondeo elle desaforadamẽte estas palavras: *Morra gato, morra farto. Pois assim he,* disse o Padre, *apparelhaivos, que daqui a sinco dias heis de morrer.* Como lho disse, se vio cumprido aos sinco dias.

8 Prègando a festa de Nossa Senhora da Conceyçaõ na sua Igreja de Itanhaè em hum grande concurso, de repente se encostou no pulpito como desmaiado com accidente. Perturbandose o auditorio, continuou dizendo: *Quereis saber as merces da Virgem? Pois ainda agora veyo de fora de acodir a huma devota sua, que tinha chamado por ella; por sinal, que tras os vestidos molhados do orvalho.* Acodio o povo a ver, & acharam, que assim era.

9 Em Itanhaè avia tres dias estava em passamento hum Castelhano sem poder espirar. Chegou esta nova ao Padre, que estava em Santos. Entendeo o Padre serem peccados encubertos, porque tendo mulher

em Castella, avia trinta, & finco annos estava ali cazado cõ filhos, & netos Andou o Padre estas dez legoas; chegãdo ao enfermo lhe disse, q̃ Deos omandava ali, peraque reconhecesse seu mal, & o chorasse: tornando em si o miseravel, confessou o peccado encuberto, & o chorou muito: absoluto de suas culpas espirou logo.

10 Hum Manoel Vellozo andava com pensamento de ir cativar Indios aos Patos, que estavam de pas com os Portuguezes. Por esta rezaõ nam ouzava despedirse do Padre, de quem era mui amigo. Estando nestes pensamentos lhe disse o Padre: *Senhor amigo, nam vos convem a viagem, que traçais, que nam hà de ter bom successo.* Sentio o homem verse descuberto, mas cego com o interesse se embarcou âs escondidas. A poucas legoas na metade do dia lhe sobreveyo hum grave sono, & nelle se vio cercado de demonios, que o queriam levar ao Inferno. Acordou cheyo de horror dando gritos, que o lançassem em terra, que hia ao Inferno, & que o Padre Jozeph o livrara. Era isto mui difficultozo aos mais. Instou dizendo, o lançassem em terra, que elle lhes dava sua fazenda. Movidos do interesse, assim o fizeram. O navio foi, & nunca mais se soube delle. Deixo outros muitos cazos, por nam fazer escrittura immensa, & andarem impressos no Padre Simam de Vasconcellos, que os recolheo dos processos, que se tiraram pera sua canonizaçaõ.

CAPITULO XXXII.

Referese o cazo notavel de hum Indio resuscitado, que bautizou. E como livrou a dous Indios da morte.

1 VEnce todas as admiraçoẽs o cazo do Indio por nome Diogo, que resuscitou; teve por testimunha de vista a muitos, que o juraram, & se ve delle a providencia especialissima, que Deos tem dos seus. Na Villa de Santos hum Indio por nome Diogo tido, & avido por Christam, enfermou, & morreo em caza de Domingos Dias homem nobre naquella Villa. Foi amortalhado: estando o corpo cozido na mortalha, & jâ pera ser levado à sepultura, de repente foi visto moverse, & dar finais, que queria fallar. Chegouse a elle a senhora da caza por nome Gracia Rodrigues, & ouvio, que dizia, o dezatassem da mortalha. Feito isto, disse em vos clara: *Vaõme chamar o Padre Anchieta, pera me bautizar.*

2 Pareceo sonho: respondeoselhe, que o Padre estava em Sam Vicẽte distante duas legoas. Replicou, que o fossem chamar, que tinha jâ chegado a Santos, porque elle viera em sua companhia a tal ribeiro, que corre junto à Villa, & que dali o mandara, que viesse diante a entrar em seu corpo, pera o bautizar. Foise buscar o Padre, & achandoo se lhe deu o recado da parte de Diogo com os finais, doque passaram no caminho. Vindo o Padre, lhe disse Diogo, se trazia comsigo o relicario, que lhe mostrara no caminho? Respondendo o Padre, que sim, o tirou do peito, & ficou o Indio com a vista mui alegre.

3 Entam lhe disse o Padre, que pera gloria de Deos contasse em prezença de todos o mysterio de sua resurreiçaõ. Respondeo dizendo: *Eu parti desta vida, & à primeira entrada da outra ouvi huma voz, que me dizia, que nam caminhava ao Ceo pello caminho real, & direito, porque nam avia sido bautizado. O que em verdade assim era, porque quando vieram os Portuguezes à minha terra, me ensinaram a Fè, & deram por nome Diogo, mas nam o bautismo, que eu por erro nam cuidei*

dei ser necessario. Só tratava de guardar os Mandamentos, como os mais Christaõs. Esta foi a causa, que tive pera tornar ao corpo. Foi tambem ordenado do Senhor, que encontrasse ao Padre Jozeph no caminho, pera me bautizar; aquem peço, que pello bautismo me receba na Igreja de Deos, pera entrar no Ceo.

4 Ditto isto, o servo de Deos o catequizou, & feito o conceito necessario naquella hora, lhe administrou o santo bautismo, avendo nelle, & nos prezentes muitas lagrimas de consolaçaõ. E affirmou o Padre, que só por este bautismo dava por bem empregada sua vinda ao Brasil, & os mais trabalhos de sua vida. Bautizado Diogo, pedio licença pera partir pera a outra vida, & juntamente pedio à senhora da caza, desse seus pobres vestidos a hum necessitado, & lhe fizesse dizer duas Missas em honra, & culto de Deos, & lhe metesse na maõ huma candea de cera benta; & voltandose ao Padre Anchieta lhe pedio, assistisse ali athe dar a alma a seu Creador. Dittas estas palavras, pōdose os circunstantes em oraçaõ, aquella ditosa alma se foi a gozar da vista de Deos, peraque fora criada. Este cazo estupendo se autenticou nos processos pera a canonizaçaõ do Padre Anchieta.

5 Tambem ha muita estranheza nos dous cazos seguintes, em que livrou da morte a dous Indios, que estavam pera ser comidos de seus inimigos. No Collegio de Sam Vicente chegou o Padre à janella do seu cubiculo, & disse a hum mancebo, que ali se criava, & costumava ser nas viagēs seu companheiro: *Paschoal, atreveisvos a me fazer companhia esta noite athe nossa Senhora da Conceyçaõ a salvar huma alma?* Respondēdo, que sim: partiram à noite, & caminharam nella a pè oito, ou nove legoas athe hum rio, que divide a aldea: neste acharam como de proposito Canoa, & aprestos pera poder passar.

6 Chegados à aldea, viram estar os Indios em grandes festas, metendo no terreiro a hum seu inimigo, pera o matar, & comer segundo seu barbaro costume. Todas as cousas estavam a ponto. O estylo he ir o Indio atado com cordas, seguirēno sette velhas com panelas, emque ham de cozer as carnes, & ellas as ham de repartir; sahir hum valente Indio todo empenado, & galante com huma massa de pao na maõ, & no meyo do apparato lhe dâ com ella na cabeça, & lha quebra. Nestas occasioēs o concurso he immenso, os gritos enchem os ares, a expectaçam he summa: por isso o tirarlhe entam a preza das unhas, he facçaõ assombroza. Entrou o Padre no terreiro cheyo de confiança em Deos; fallou a huns, & a outros, & como senhor do campo tira o seu Indio das cordas, & se retira com elle, sem aver quem ouzasse ao impedir. Impedindo Deos com poder occulto, ao que parece, a furia dos Indios, que em tais occasioēs costuma ser indomavel.

7 Em outra occasiaõ indo a huma aldea achou estar hum Indio em prizoēs a engordar, pera ser comido com semelhante solennidade. Como o visse o prezo, lhe disse: *Oh pay, se eu soubera agora a lingua dos Christaõs, ouvera de pedir ao vosso Deos me livrasse do estado, em que me vejo.* Respondeo o Padre: *Filho, pedi a Deos na vossa lingua, porque elle sabe todas; eu vos ajudarei, & rogarei por vos.* Disse tambem a Belchior seu cōpanheiro: *Vos fazei tambem oraçam, & me ajudai a livrar este pobre homem.* Foi cousa notavel, que entrada a noite, as cordas per si se quebraram, & pode fugir o Indio, que depois buscou ao Padre, & lhe pedio o santo bautismo.

CAPI-

CAPITULO XXXIII.

De como fazendo certa jornada, esteve no fundo de hum rio, sem lhe fazer mal. E do bautismo, que fes de hum Indio, que guardara a ley natural.

1 O Cuidado, que o Padre Anchieta teve do bem do proximo, com nenhumas palavras se pode explicar, nem os perigos, aque por esta causa se expoz, que a nenhũ costumou perdoar, por acodir às almas alheas. No anno de 1570 na Villa de Saõ Paulo dous homens ambos com familia, depois de matarem hum seu contrario, & fazerem outros insultos, temendo o castigo da justiça, se foram com suas familias pera o sertam meter com os barbaros, que estavam em guerra com os Portuguezes, estimulandoos aos assaltos; com oque toda a Capitania estava cheya de assombro.

2 Vendo o Padre este perigo, fez com os do governo, que dessem aos culpados o perdam, que elle com todo o risco os iria buscar. Alcançada esta segurança, se pos a caminho com o Padre Vicente Rodrigues, & hum Manoel Vellozo secular, & alguns poucos Indios, pondo toda sua confiança em Deos, pois a olhos humanos a empreza era hum monte de difficuldades, & hum mar de perigos. Metemse todos em huma Canoa de casca de arvore. Vam rio abaixo. Indo nam longe do lugar destinado, & os Padres rezando pellos Breviarios, sem que se advertisse antes, cahe a Canoa de huma cachoeira, fazse em pedaços, todos se vam com o impeto ao fundo.

3 Os mais sahiram a nado, sem apparecer o Padre Jozeph, que nam sabia daquella arte. Aqui hum dos Indios por nome Araguaçu, se lançou de mergulho em sua busca; nam o achãdo, depois de largo espaço voltou assima a tomar respiraçam. Tornou outra ves a mergulhar, & foi dar com o Padre, que estava assentado no fundo do rio: pegandolhe da roupa, o trouxe assima, bom, & com o seu Breviario enxuto, depois de aver mais de meya hora, que estava no fundo, sem perder o sentido, oqual tinha em tres cousas, em JESUS, em Maria, & em nam beber agoa. Perguntado dahi a tempos pello Padre Pedro Leytaõ acerca deste successo, respondeo: *Eu nam adverti, quando a Canoa se virou, porque estava rezando as horas de nossa Senhora da Conceyçaõ, & assim assentado, como estava, me fui ao fundo, & continuei com a mesma reza, sem que a agoa me fizesse mal.*

4 Passado este trabalho, com as roupas molhadas como sahio do rio, foi proseguindo o caminho com seus companheiros. Logo os tomou huma noite escura, & chuvoza por matas fechadas, sem saberem por onde hiam, guiados porem da providencia divina, porque alta noite deram com humas choupanas, & nellas estavam os homens, que vinham buscar. Aqui ouve outro susto, porque os Indios sentindo no lugar gente estranha, tocaram arma; porem ouvindose naquella confusam ser o Padre Jozeph, de quem avia fama, que era santo, se aquietaram. Os culpados ficaram pasmados de tal charidade, & sabendo do perdam, se voltaram em sua companhia. Com sua vinda ouve geral alegria, por se verem fora do susto, que a todos causavam aquelles homens entre os Indios inimigos.

5 Semelhante em parte foi a este outro naufragio no rio Beritioga jũto a Santos, no qual virandose a Canoa, & saindo os mais do rio molhados, só o Padre sahio enxuto, & com o seu Breviario na mam, tambem livre de

lhe fazer mal a agoa.

6 Itanhaè, que por causa de hum templo da Senhora se chamava tambem a Conceyçaõ, he huma das principais Villas da Capitania de Sam Vicente; este nome tem todas aquellas oito legoas de Costa. He a praya desta Costa tam dura, que as rodas de hum carro carregado naõ fazem nella impressam. Este caminho andou muitas vezes a pè descalço, que era o seu ordinario modo de andar nas missoẽs. A esta terra hia muitas vezes, assim por doutrinar aos Indios, como aos Portuguezes.

7 Por estas prayas caminhava hum dia, quando, sem saber aque fim, entrou pello matto: indo assim caminhando, achou hum Indio muito velho assentado ao pè de huma arvore, oqual vendo ao Padre começou a dizer: *Chega, chega com pressa, que muito hâ, que aqui te espero.* Perguntoulhe, quem era, de que terra, & donde viera ter ali? Respondeo, que sua patria estava sobre o mar, & disse tais cousas della, que o Padre entendeo nam ser de Itanhaè, nem de Sam Vicente, nem ainda de todo o Brasil; & que por virtude divina fora ali trazido, & nam por forças humanas, pois em tanta idade as nam avia.

8 Tornou a perguntarlhe, q̃ fim o movera nesta sua vinda? Que era oq̃ vinha buscar? Respondeo, que vinha embusca do caminho direito da vida boa. Aqui entendeo o Padre, que a força da predestinaçam o trasia. Examinando sua vida, achou, que nunca tivera mais, que huma só mulher; que nunca fizera guerra, senam em justa defensa, & outras cousas tam conformes à ley natural, que achou a naõ quebrara em sua vida. Achou mais nelle, que por rezam, ainda que confusamente, alcançava aver hum Author da natureza, que criou as cousas viziveis, & julgava do bem, & do mal; penetrava alguns principios morais da distinçaõ entre vicio, & virtude.

9 Explicandolhe o Padre alguns mysterios de nossa santa ley, respondeo, que assim o sentia em sua alma, mas que o nam sabia explicar. Feito este exame, o instruio, quanto bastava. Logo recolhendo agoa da chuva, que estava nas folhas de huns cardos sylvestres, por nam aver ali outra, o bautizou, pondolhe por nome Adam. Sendo bautizado, levantou as maõs, & olhos ao Ceo, deu as graças a Deos, & ao Padre do bem, que alcançara; & logo, como quem só isto esperava, entregou sua bemditta alma a seu Creador. Ficando o Padre summamente consolado, & admirando os altos juizos de Deos, & modos, comque a si recolhe os que tem escrittos no livro da vida. Com singular devaçam lhe deu sepultura naquelle mesmo lugar, aonde espera o dia gloriozo de sua resurreiçam.

CAPITULO XXXIV.

De muitas cousas notaveis, que aconteceraõ ao Padre Anchieta nas terras de Itanhaè, & caminhos a Piratininga.

1 EM toda a terra, & Costa chamada Itanhaè parece nam hâ palmo de terra, que naõ fosse muitas vezes santificado com seus pès, & que nam visse alguma cousa rara obrada por este servo de Deos. Indo por esta praya acompanhado de hum moço por nome Estevaõ Ribeyro, lhe perguntou, se tinha alguma cousa de comer em hum cestinho, que levava? Respondendo, que nada; lhe disse: *Tende confiança em Deos, que elle sustenta a seus servos. Tende tento, sedo vereis na praya hum peyxe, mas este nam sera de comer; depois achareis outro, metelobeis na cesti-*

cestinha; nella o cozereis, pera comermos.

2 Ficou o moço enleado; o que mais o embaraçava, era, como avia de cozer o peyxe na cestinha. Tudo foi logo vendo. Dahi a algum espaço encontrou na praya hum balcoto, vomitado ali pellas ondas; bem entendeo, ser peyxe, que se naõ comia. Indo adiante, achou na mesma praya huma tainha; recolheoa na sua cesta. Só lhe dava cuidado cozela na cesta; quando mais adiante ve huã India, q̃ fervia huã grande caldeira de agoa do mar pera tirar sal. Aqui acabou de entender o enigma; meteo a cestinha na caldeira de agoa fervendo, cozeo o peyxe, & comeram ambos delle, dando graças a Deos por assim lhes acodir com tudo.

3 Nestas mesmas prayas levava comsigo hum moço com hum cesto de peyxe, que lhe deram de esmola. Ficouse atras em companhia de huns Indios, que lho comeram. Chegou confuso ao Padre contando a traiçaõ dos companheiros, & mostrando o cesto vazio. Respondeo o Padre: *Andai, nam vos enfadeis; Deos, que deu esse, dara outro.* O cazo foi, que indo assim andando algum pouco, se achou com o cesto cheyo de peyxe. Foi correndo ao Padre com a nova, & mui admirado; elle lhe disse: *Irmam, algum devoto vos meteo ahi esse peyxe;* nam se dando por entendido do modo extraordinario da provizam.

4 Partira o Padre de Saõ Vicente com hum Irmam nosso, & hũ moço secular. Andadas cousa de oito legoas, pedio o Padre ao Irmaõ o Breviario pera rezar. Respondeo, que por descuido lhe ficara em caza; quis o moço secular desandar o caminho em busca do Breviario. Nam o consentio o Padre no fim da jornada: entrou na Igreja a fazer oraçam; depois, sem saber como, foi visto com o seu Breviario; rezou, & entregandoo ao Irmaõ lhe disse: *Nam se descuide outra ves.*

5 Em outra occasiam indo pella mesma praya a dizer Missa em certa festa na Igreja da Conceyçaõ, se adiantou com outro sacerdote nosso, & alguns seculares, ficando atras outros, que em hum carro vinham à mesma festa. Junto da Igreja se advertio, que as hostias vinham no carro, o qual por seus vagares nam podia chegar a horas. Vendose o companheiro confuso pello seu descuido, lhe disse o Padre: *Ide athe a villa, que eu voltarei a buscar as hostias.* Foi a ida, & volta com tal pressa, que olhando pera tras o viraõ jâ comsigo, & com as hostias, sendo que o carro ficava cousa de duas legos, que de ida, & vinda faziam quatro. O que mais he, nam o viram os do carro, nem abrir o baul. Fallandose nisto, lhes disse o Padre: *Naõ me vistes? Pois eu bem vos vi, que estaveis bem de vagar matando gallinhas pera comer.* E individuou outras acçoẽs, que todas eram assim.

6 Na mesma praya disse a hum Luis Malio: *Haveis de encontrar huma cobra; vede naõ vos morda, que he peçonhenta.* A poucos passos deu com ella. Tratava de a matar, receozo nam o mordesse. Entam lhe disse o Padre: *Deixaime com ella:* chegando, lhe tocou somente com o bordaõ, & logo ficou morta.

7 Armandose a Igreja da Conceyçaõ pera certa festa, se achava o Padre prezente. Succedeo pois vir cahindo hũa escada com o armador. Entaõ fallando o Padre com a escada, lhe disse: *Tente, tente* algumas vezes; assim como lho dizia, hia parando, & deceo pauzadamente athe pòr o homem no cham, com tanta suavidade, como se por ella descera muito de seu vagar.

8 Voltando de Itanhaè por hum rio abaixo rezando seu officio, veyo huma pomba, & à vista de todos se lhe

lhe pos ſobre o Breviario. Tomoua na maõ, affagoua; & mandoua ir ſeu caminho. Em outra occaſiaõ, fazendo caminho por terra no termo da meſma villa, voando hum bando de paſſaros bravos, hum delles, apartandoſe dos mais, veyo pouſar no ſeu bordaõ; affagouo, & o mandou ir.

9 Indo de Saõ Vicente pera Itanhaê em tempo de grande calma, os companheiros com ella ſe aſſavam: pediram ao Padre algum remedio. Reſpondeolhes: *Tende animo, que aveis de ter ſombra.* Apenas diſſe iſto, quando vem vir huma nuvem de aves, que fizeram pauſa ſobre elles. Detiveraõſe a eſta ſombra meya hora: deſencalmados continuaraõ o caminho, ſem mais ſentirem calma alguma, ſendo que hiam ao ſol deſcuberto.

10 Indo o Padre de noite por eſta praya em companhia de alguns, que hiam viſitar a Senhora da Conceyçaõ, viram diante de ſi hum homem monſtruoſo armado entre fogo, mettido em cadeas, & grilhoẽs tãbem de fogo. Cheyos os companheiros de horror, ſe pegaram ao Padre, que lhes acodiſſe. Entam elle dizendo certos exorciſmos, deſappareceo o monſtro mettendoſe no mar.

11 Aſſim como as prayas de Itanhaê viram muitas couſas admiraveis neſte Santo Varam, aſſim tambem viram outras os aſperrimos caminhos de Saõ Vicente pera Sam Paulo em Piratininga. Indo de Saõ Vicente pera Saõ Paulo com o Padre Vicente Rodrigues, cuja vida fica aſſima eſcritta, lhe revelou o Senhor a vinda de certos homens de Saõ Paulo pera Sam Vicente, & como determinavaõ paſſar a noite debaixo de certas arvores; mandou logo hum Indio, dizendo, que em tal parte acharia huns brancos, que da ſua parte lhes diſſeſſe, que, ſe nam queriam morrer debaixo daquellas arvores, ſe vieſſem logo pera onde elle eſtava.

12 Conſiderando elles, que quẽ ao Padre diſſera ſua eſtada naquelle ſitio, lhe diria o ſeu perigo, ſe vieram pera o Padre. Recebeo-os com cortezia, mas com condiçam, que ſe aviam de confeſſar logo com o Padre Vicente Rodrigues. Aſſim o fizeraõ; ſó hum, ſem diſſo fazer cazo, entrou pera onde o Padre eſtava, o qual lhe diſſe, que ſe ſahiſſe dali, ſe nam queria, que por culpa de hum morreſſem todos.

13 Eſtando ali, alta noite ſe levantou tal tormenta de vento, & rayos, que parecia deſencaixaremſe todas aquellas penedias, & voarem ellas, & as arvores pellos ares. Paſſada aſſim a noite no meyo de muitos aſſombros, os hoſpedes continuaraõ ſeu caminho pera Saõ Vicente, & o Padre o ſeu pera Saõ Paulo: chegando ao lugar, onde os homens a noite antes tinham armado ſua choupana, ſe viraõ arvores grandiſſimas poſtas por terra, & a choupana desbaratada debaixo dellas.

14 Neſte meſmo caminho em outra occaſiaõ indo com o Padre Vicẽte, & outros, andadas ſette legoas, chegaram a huma ermida, onde, por ſer dia de feſta, queriam dizer Miſſa. Tendo o mais, acharam o eſquecimento de nam trazer Miſſal; o que muito os entriſteceo. Offereceoſe o Padre a ir buſcar o Miſſal: partio, & dentro de meya hora voltou com elle; ſem ſer viſto em Saõ Vicente, nem ali ſe achar na ſancriſtia a falta do Miſſal.

15 Eſtando em Saõ Vicente teve impulſo interior de ir a Saõ Paulo; tomou por companheiro hum Indio pequeno. Como no caminho certos homens o viſſem ir tanto à preſſa, lhe perguntaram, onde, & a que hia? Reſpondeo: *Vou a Saõ Paulo, que anda lâ o diabo ſolto, & abraza em odio dous homens principais.* Chegou duas horas antes do ſol poſto, cõpoz entre ſi os inimigos; & no meſmo

mo dia tornou ao seu Collegio. Tãbem se conta, que muitas vezes no mesmo dia fora visto juntamente na villa de Sam Paulo, & na de Saõ Vicente. Assim, alem de outros, o affirmou o Padre Vicente Rodrigues.

16 Em outra occasiaõ hia pera Sam Paulo com sinco homens seculares, & caminhava pellas serranias chamadas Paranampiacabâ, que sam mui fragozas: tres dias puzeram no caminho. Levavam comsigo pera matalotagem hum cabaço de vinho, que lhes avia dado de esmola hum Nicolao Grillo. Deste beberam todos os tres dias ao jantar, & cea. Acabado de beber, o mandava o Padre encher de agoa, & sempre se achava melhor vinho, que antes. Foi este cazo mui notorio, & ainda festejado dos que o souberam, & cuido que mais dos que o gostaram.

17 Vindo por estas mesmas serranias acompanhado de muita gente, foram milagrosamente por suas oraçoẽs livres de hum cruel perigo. He este caminho de muitos precipicios; he necessario grandissimo tento, por nam resvalar. No meyo delle se fechou tudo com nevoa tam espessa, que se naõ viam huns a outros. Logo se levantou huma medonhissima tẽpestade, que ainda em plano nam cõsentiria andar em pè, quanto mais em caminho, onde a gente anda como pendurada no ar. Todos se davam por perdidos. Accodio o Padre por remedio à Virgem Senhora. De improviso, suspensa a tempestade, viram, que no ar se hia abrindo huma como via de lus, que lhes mostrava o caminho; seguindoa, chegaram saõs, & salvos ao fim da serra.

18 Encontrando os Indios com huma cobra mui peçonhenta, como andam sem vestido, deram em fugir, porque os nam mordesse. Entam o Padre Jozeph a chamou pera si; veyo ella, affagoua, fazendo aos Indios huma pratica do poder do Creador. Depois lhe lançou a bençam, & a deixou ir. Em outra occasiam vendo seu companheiro outra tal cobra, deu em fugir; o Padre o deteve, chegou a ella, & lhe poso pè emsima, dizẽdo, que mordesse. Trociase ella de huma em outra parte, sem o morder. Logo dizendo à cobra, que a nenhuma creatura racional empecesse, levantou o pè, & a deixou ir em paz.

19 Indo de Saõ Vicente em huma Canoa, & desembarcando, continuou por terra algumas legoas em companhia de hum Antonio de Sousa; hia sempre o Padre diante, como nas jornadas tinha de costume por sua ligeireza. Chegado a certo posto, o esperou. Aqui vio o homem, que lhe faltava huma faca, de que fazia estimaçam; disse ao Padre a sua perda, & que podia continuar seu caminho, porque elle avia de tornar atras. Respondeo o Padre: *Porque vos nam canseis muito, ide, & em tal parte a achareis, que eu vos fico esperando.* Tornou atras, & a achou naquelle lugar, que lhe dissera.

20 Estes caminhos todos eram em bem dos proximos. Nelles se tratava com aspereza, porque nam andava a cavallo, nem em rede, modo mui usado no Brasil, mas sempre a pè com seu bordam na maõ: posto que começava os caminhos calçado, em passando lugares publicos de gente, tirava os çapatos, & caminhava a pè descalço. Ou por prayas, ou dezertos, ou lugares fragozos andava com tal pressa, que os Indios velozes em andar se admiravam dizendo, que voava.

21 Era fama publica, que ficando muitas vezes atras rezando, ou orando, dizia aos companheiros, que fossem andando; & quando elles cuidavam ir muito adiante, & o queriaõ esperar, o viam diante de si. Por causa destes grandes caminhos, que fazia a pè, trazia os pes cheyos de callos asperos, & duros. Quando os ou-

outros descansavam, gastava elle a maior parte da noite em oraçam. Sua charidade com os companheiros era grande: nos tempos frios, que nas partes da Capitania de Saõ Vicente sam rigorozos, andava pella noite fazendo fogo, & mettendo as brazas debaixo das redes dos Indios, pera que com o calor tivessem a noite mais aliviada.

CAPITULO XXXV.

Da conversam dos Miramomiz, & de cousas raras, que acontecerão ao Padre Anchieta.

1 NO Brasil alem dos Indios, que tem lingoa cõmua, & habitam junto do mar, ha muitas naçoẽs, que vivem pello sertam dentro, a que chamam com o nome de Tapuyas, que he o mesmo, que salvagens, por viverem mais a modo de feras, que de homens. Entre estas hâ huma, que chamam Miramomiz na Capitania de Sam Vicente, & se estẽdem por huma parte duzentas legoas pella terra dentro. Prezaõse de nam comer carne humana; tem huma só mulher. Sempre foram amigos dos Portuguezes, & se chamam seus parentes. No seu arco tem a sua vida, que toda he andar à caça; por isso he mais difficultozo unilos em aldeas.

2 Esta naçam começou a entrar na Igreja por meyo do Padre Anchieta. Quando era ainda Irmam em Piratininga, os Indios tomaram hum destes Miramomiz em guerra, & estavam pera o comer em terreiro. Acodio o Padre Anchieta, & fez com o principal, que o vendesse a hum Portuguez, que o tratou bem. Com tudo tendo occasiam fugio pera os seus, entre os quais esteve vinte annos. Depois inspirado por Deos se partio cõ outros mancebos a ter trato com os Portuguezes.

3 Apparecendo na praya quatro legoas da villa de Santos, foram levados ao Capitaõ, & ao Collegio. Conheceo logo o Padre Anchieta ao Indio, que livrara da morte. Foram bem tratados: voltando aos seus, tornaram trazendo muitos outros com suas mulheres, & filhos. O Padre Anchieta com o Capitam, & o Padre Manoel Viegas lhe repartiram terras, em que vivessem. Entre elles assistio o Padre Anchieta quinze dias, dispondo suas cousas, edificandolhes Igreja. Por meyo de hum interprete fez boa parte de hum vocabulario, & arte da lingua desta naçam. Por nam o deixarem suas occupaçoẽs ali continuar, ficou com o cuidado delles o Padre Viegas.

4 Aqui aconteceo ao Padre Anchieta huma cousa mui notavel. Foi huma entre outras vezes avizitar a primeira aldea destes Indios situada junto a Beritioga. Avia defronte hũa ermida da Senhora; pedio ao hospede, que queria ali passar a noite; vindo nisso, elle, & hum seu genro o acõpanharam, & deixaram na ermida só às escuras. Lâ alta noite, dormindo os mais, a mulher do hospede vio estar a ermida cheya de luz, que sahia por porta, & janellas. Alem disto ouvio huma suavissima musica de Anjos.

5 Despertou o marido, que vio, & ouvio o mesmo. Quizeram ir ver o que era, mas foram impedidos de hum pasmo, & tremor de membros, que os retardou enlevados na suavidade da harmonia. No dia seguinte vendose o Padre descuberto, lhes mandou por obediencia, por serem seus filhos de confissam, que tal cousa nam dissessem, em quanto elle vivesse. Assim o fizeram; mas depois de morto a juraram. Por diversas vezes foi este bemditto Padre visto estar arrebatado entre luzes do Ceo, ja achado do Irmaõ porteiro, jâ de outros Padres, que de repente entravam em o seu cubiculo.

6 Naõ

6 Naõ pararam só nas cousas ditas as que lhe aconteceram nesta Capitania de Saõ Vicente os annos, que ali foi Reytor, & subdito: outras muitas tenho, que dizer, & dellas vou deixando nam poucas, por abbreviar o mais que me for possivel.

7 Indo hum dia pera Sam Vicẽte, encontrou no caminho huma Catherina Gonçalves, que levava ao peito huma minina, que o Padre tinha bautizado. Disselhe ella: *Padre, naõ me lançara a bençam a esta sua afilhada?* Respondeo: *Nam; antes espero, que ella ma lance a mim daqui a poucos dias, porque jâ nam he vossa, mas de Deos.* Ficou perplexa; mas dahi a poucos dias morreo a criança, & o Padre consolou a mãy dizendolhe, que sua filha estava no Ceo em companhia de Nossa Senhora.

8 Huma Catherina Monteira chorava a seu marido, cuidando, ser morto no sertam, onde fora. Disselhe o Padre: *Naõ choreis, que vosso marido nam he morto; eu tive hum sonho, que elle fora frechado em hum braço, mas nam he ferida de perigo.* Veyo o marido, & se achou fora frechado no braço.

9 Foram muitos aquelles, aquẽ descobrio peccados, que encobriam, & a que disse antes as mortes, que teriam. A outros livrou de evidentes perigos de vida. De muitos auzentes disse o dia, & tempo, em que chegariam, & como eraõ vivos os que eraõ chorados por mortos. A outros como teriam filhos. De todas estas cousas hâ cazos, que vou deixando. Athe os gentios o tiveram por grande profeta de Deos. Estando entre elles, meteoselhes em cabeça, que mandara aos laços, que elles armaram às feras, que nam tomassem nada. Entrados desta opiniam, vendose morrer de fome, & que nada cahia nos laços, o buscaram a fim de o matar. Tendo o Padre noticia dos seus intentos, se foi a elles, & lhes disse: *Ide vos outros correr vossos laços, & achareis a caça, que dezejais.* Foram elles, & vieram carregados das especies de animais, que dezejavam. Pasmaraõ, & disseraõ, que o Padre era profeta do bem, & nam do mal.

10 Descendo hum dia as serras de Saõ Paulo achou hum Indio, gentio ainda, ao parecer valente, & bem disposto. Tanto que o vio, disse ao companheiro: *Irmam, este Indio hà de morrer sedo; he necessario bautizalo.* Assentouse com elle, cathequizouo, & bautizouo. Depois de receber o santo bautismo, em breve deu a alma nas maõs de seu Creador. Ditozo Indio, & feliz encontro!

11 Sette annos avia, que os moradores de Saõ Paulo andavam em guerra pello sertam. Jâ os davam por mortos. As mulheres choravam seus maridos, & outras tratavam de se cazar. Faziaõse inventarios dos que se cuidavam ser mortos. Tudo era confusam. Vendo isto o Padre, subio ao pulpito: disse, que parassem cõ as lagrimas, & outros cuidados, porque os conquistadores eram vivos, que dahi a pouco chegariam, mas que os encommendassem a Deos, porque lhes faltava ainda hum perigo. Tudo se vio com geral alegria. O perigo fora huma silada, que os Indios lhe armaram no caminho. Antes desta succeder, vendo o Padre a duas mulheres vestidas de dò por seus maridos, lhes disse: *Esse dò he sedo*; porquanto ainda eram vivos seus maridos, que foram mortos depois na silada.

12 Nam faltou hum, que por curiosidade quis examinar este seu espirito de profecia, indose confessar com elle com intençam de encobrir hum peccado, por ver se lho descobria. Chegando a seus pès, o Padre o reprehendeo severamente, por ir ali com tal curiosidade, nomeandolhe o peccado, que determinara

encobrir. A reprehensam foi de tanto effeito, que foi Deos servido abrirlhe os olhos, & sahio da confissam arrependido.

13 A varios disse, que desistissem dos maos intentos, em que andavam, que só a elles, & a Deos eram conhecidos: a outros, que se confessassem de peccados, em que estavaõ, cuja noticia só Deos a podia ter dado ao Padre Anchieta.

14 Indo de Saõ Vicente pera Santos, passou pellos engenhos de Saõ Jorge: aqui foi importunado, que rogasse a Deos, que a terra dos canaveais daquelle engenho nam corresse mais, como fazia todos os annos em occasioẽs de chuvas, & ficasse firme, sem desamparar as plantas. Pondose o Padre em oraçam, deu a entender, que tinha satisfeito ao que se lhe pedira. O cazo foi, que a terra dali por diante nam correo mais.

15 Navegando em huma Canoa de Beritioga à villa de Santos com alguns Indios, & outro da Companhia, queixaraõse da calma, que os molestava. Compadecido o Padre, chamou hum bando de passaros por nome Goarazes, & fallando com o Capitam delles, que vinha diante, lhe disse na lingua Brasilica: *Faze parar teus companheiros aqui sobre nos.* Assim o fez, & foram todos em ordem andando hum bom espaço sobre a Canoa; athe que encobrindo huma nuvem ao Sol, o Padre os despedio.

16 Fallando elle de Deos a certas mulheres devotas, se enlevaram tanto na pratica, que deixaram queimar o paõ, que no forno tinham. Accodindo, & vendoo perdido, o disseram ao Padre. Cõpadecido, chegando à bocca do forno lhe lançou a bẽçaõ, & de queimado se tornou molle, & como as mulheres o dezejavam.

17 Nos processos pera sua canonizaçam depoz hum Mattheus Luis Grou, que sendo elle moço, & indo o Padre vizitar a caza de Saõ Paulo, & chegando a hum lugar chamado Ibirâpuera, vira elle, & outros muitos florecer a hortelaã, que estava no sitio, onde o Padre foi recebido, & elle pizara com seus pes. Isto aconteceo de repente à vista de todos.

18 Hum minino brincando com outros, que lhe queriam tomar hum anzol, o meteo na bocca, & incautamente engolindoo se lhe ferrou na garganta. Levouo sua mãy ao Padre Anchieta; mandoulhe, que o aprezentasse diante do Senhor na Igreja: ali lhe disse o Padre algumas oraçoẽs, & sem outro remedio ficou livre.

19 Nisto de livrar da morte a pessoas desconfiadas da vida, foi raro, como nas mais cousas. A huma mulher entrevada de tres annos, com lhe lançar a bençam com o seu Crucifixo, a sarou. A outra, que tinha o marido de cama mui enfermo, disse, que no mesmo dia avia de cear levantado, & saõ com ella à meza; mandou a seu companheiro, que lhe rezasse o Evangelho, & logo ficou saõ em tal forma, que levantandose ceou com sua mulher, & com os Padres à meza; & o Padre Anchieta attribuia esta saude à obediencia do companheiro.

20 A diversas pessoas, quando jâ as choravam por mortas, deu vida, como tambem a muitas mulheres, que tinham os partos atravessados. Vendo em Beritioga cahir hum minino de huma alta torre, disse: *Doute a Deos, creatura.* Desceram os pays cuidando estava em pedaços, & o acharam brincando com as ondas, que chegavam à torre.

21 Tendose fabricado huma nao mui grande, querendoa lançar ao mar, naõ dava pellos instrumentos, que a puxavam. Entam accodiram os donos ao Padre; o qual chegou à nao, & tocandoa com o bordam,

co-

começou a correr, & entrou no mar. Suas cartas, & as cousas, que lhe serviam, eram de remedio a muitos, sendo elle ainda vivo. Na noite de Natal à mesma hora foi visto dizendo Missa em Saõ Vicente, & na villa de Santos. Foi voz commua daquelles povos, que diversas vezes estivera no mesmo tempo em Saõ Vicente, & Saõ Paulo, que distam entre si quinze legoas.

CAPITULO XXXVI.

Passa pera o Collegio da Bahia: cousas, que ali lhe succederam. De como foi eleito Provincial, & modo de seu governo.

1 NAõ eram as maravilhas do Padre Anchieta só pera a Capitania de Sam Vicente, onde obrou as que nestes capitulos ficaram referidas, & outras muitas, que fui deixando, & só tocando por clausulas gerais: queria o Senhor fosse tambem maravilhozo nas partes da Bahia, cabeça do Estado do Brasil. Irei referindo o que delle sabemos desde o anno de mil quinhentos settenta, & oito, athe o de mil quinhentos oitenta, & sinco, pois esta he a ordem, que tem em contar suas cousas o Padre, que lhe escreveo a vida.

2 Pello fim do anno de 1578, acabando o Padre Ignacio Toloza Provincial de visitar as terras de Sam Vicente, levou comsigo pera a Bahia ao Santo Padre Anchieta. Entrando no Collegio da Bahia, entre os mais, que concorreram ao abraçar, segundo he charidade entre nos pera com os que vem de novo, veyo hum Irmaõ, que o nam conhecia, o qual vẽdoo corcovado, roto, humilde, & de semblante, & feiçoẽs menos airozas, começou a dizer entre si: *Que vem agora cà fazer isto?* Tendoo dentro de si por homem inutil, & de pouca serventia. Chegando o Padre Anchieta ao abraçar, lhe disse com rosto benevolo: *Assim he, assim he, meu Irmaõ, que entre tantos sò vos me conhecestes: a que venho eu aqui homẽ inutil, & de nenhum proveito?* Ficou o Irmaõ mui admirado, de lhe ser taõ evidentemente descuberto seu interior, & o venerou como a homem de Deos.

3 Quando ouve de partir, tomou algumas medidas, pera mandar na Bahia fazer ornamentos pera a caza de Sam Paulo. Estas medidas, que tomou por sua mam, entregou ao Irmaõ Antonio Leam, pera lhas entregar, quando se embarcasse. Succedeo esquecerse o Irmaõ, & tambem o Padre: depois de partir, cahio o Irmam no seu descuido, & o manifestou ao Superior, doendose da falta dos ornamentos, que eram precisos, & sem as medidas se nam fariam. A mesma pena teve o Padre Anchieta; recorreo a Deos, & achouse com as medidas. Mandou cortar a obra, & a seu tempo a enviou.

4 Achandose na cozinha, succedeo, que tirando o Irmam huma panela do fogo, a fervura lhe escaldou a mam esquerda com grandes dores. Entam o Padre tomandolhe a mam magoada com a sua esquerda, & fazendolhe com a direita o sinal da Cruz, lhe disse: *Ora basta, nam vos doa mais.* Assim foi, que logo sam, & sem dor continuou seu officio.

5 Tinha elle muita charidade cõ os enfermos, & como este mesmo Irmaõ cozinheiro estivesse doente, & com fastio, lhe perguntou o Padre: *Que comerieis vos agora?* Respondeo, que hum pequeno de lacam. Mandou por elle à dispensa: nam se achou. Entam o Padre foi em pessoa, tirou hum pedaço de peixe assado, o qual em suas mãos se converteo em perfeito lacam. Comeo delle o enfermo muito a seu sabor, & guardou

ainda parte, que lhe creſceo. Dahi a pedaço vindo o diſpenſeiro ao cubiculo do enfermo, lhe perguntou eſte, que cauſa tivera pera lhe nam mandar o lacam, & obrigar ir lâ ao Padre buſcalo? Reſpondeo, que o Padre trouxera hum pedaço de peyxe: entaõ vendoſe oque ſe guardara, & creſcera, ſe achou ſer tambem peyxe; porque tornou ao que antes era.

6 Ao meſmo enfermo trocou em ſuave hum vinho aſpero, que nam podia beber, ſó com o tocar com a bocca. Eſtando o Padre Anchieta enfermo, trazendolhe hum frangam concertado, diſſe: *Levemno a tal doente, que tem faſtio; & digamlhe, que digo eu, que o coma, & naõ tenha mais faſtio.* Comeo o enfermo, foiſelhe o faſtio, & achouſe logo bem.

7 Fora o Padre confeſſar hum negro de Angola a hum lugar diſtante huma legoa da Cidade; voltando alta noite, chegando a hum pequeno lago na paragem, onde chamavam o lugar da Mineira, ſoaram grandes prantos, como de almas metidas em penas. Arrepiaraõſe de medo os cabellos ao Irmaõ Pedro Leytaõ ſeu companheiro. Entaõ lhe diſſe, que nam tiveſſe medo, & parando hum pouco diſſe eſtas palavras: *Oh eterno Deos, quã grande he voſſo poder?* Chegando ao lago diſſe pera o Irmaõ: *Rezemos de joelhos cinco Padre noſſos, & Ave Marias pellas almas do Purgatorio, & nam ouvireis mais eſtas vozes, aindaque por aqui paſſeis muitas vezes.* Rezaram, & nunca mais ali ſe ouviram tais prantos.

8 Indo confeſſar huma mulher fora da Cidade, lhe ſahio o marido ao encontro, dizendo, que chegaſſe pera a ajudar a bem morrer, que eſtava eſpirando. O Padre vendoo magoado lhe diſſe: *Conſolaivos, que tendes mulher pera toda a voſſa vida, & ella vos ha de prantear a vos.* Entrando em caza tomou hum pucaro de agoa, benzeo-o, & com elle ficou a mulher ſaã; viveo depois quarenta annos, fallecendo primeiro o marido.

9 Andreza Dias dando huma queda, com a violencia deſpedio de ſi huma filhinha, que avia ſette mezes era concebida; ficou mui mal a mãy, & ſe perſuadiam morreria a criancinha. Indo vizitala o Padre Anchieta, lhe rogaram a bautizaſſe logo. Reſpondeo, que melhor ſeria bautizala na Igreja principal com o devido apparato, & accreſcentou: *Digo iſto, porque ella nam ha de morrer; ponhaõlhe por nome Maria, viſto naſcer em dia da Senhora; criemna, que ſera alegria deſta caza; chegarà a idade de onze annos. Morrerà no meſmo dia da Senhora, em que naceo, poſto que nam na meſma Cidade.* Tudo ſe foi cumprindo à riſca. E mudãdoſe os pays pera a Ilha de Sam Sebaſtiaõ, lâ morreo de onze annos, dia da Senhora.

10 Por eſte tempo ſe começou a dar cumprimento a duas profecias, que atras ficam dittas àcerca de ſer Reytor do Collegio da Bahia, de que diſſe teria patente, mas que o nam governaria; & que de Provincial viria patente, & faria o officio. Succedeo pois, que noſſo Padre Everardo lhe mandou patente de Reytor do Collegio da Bahia. Foi a couſa ineſperada, como moſtraõ as contradiçoẽs, que iſſo teve. Alguns Padres, ou porque ſabiam pouco o muito ſer de virtude, que no Padre avia; ou porque ſe moveram dos exteriores do Padre, que nam eram, quais requeria o principal Reytorado da Provincia, replicaram a Roma, dizendo, naõ ter o Padre prezença, que encheſſe a occupaçam, porque era corcovado, & de prezença deſprezivel, & que ſeria ludibrio da occupaçam.

11 Eſtas, & outras ſemelhantes rezoẽs tam fora eſtiveram de mudar o parecer do Padre Geral, que logo deſpachou patente, pella qual o man-

dava

dava ser Provincial. Andava elle em missam na Ilha Taparica tres legoas da Bahia: estando ouvindo de confissam huma India enferma lançada em huma rede, que tinha junto ao fogo, pera melhor a ouvir, se assentou em hum madeiro, que servia de tiçaõ. Quis o dono melhoralo de assento; nam o consentio o Padre, dizendo: *Outro assento me esta esperando, pera que serei chamado, antes que daqui me levante, o qual sera de menos gosto pera mim.* Assim foi; porque antes de acabar a confissam, lhe meteram na mam carta do Provincial, em que lhe ordenava, que recebendo aquella se recolhesse logo à Bahia, que assim importava. Em chegando, fez o Padre Provincial ajuntar a communidade, & leo a patente, em que nosso Reverendo Padre o constituia Provincial do Brasil. A primeira cousa, que fez, foi lançarse por terra, & beijar a todos os pès com muitas lagrimas, por se ver em tam honrada occupaçam. No dia seguinte fes o mesmo, pedindo a todos o ajudassem com suas oraçoẽs, pera levar o pezo, com que a santa obediencia o carregava.

13 Succedeo ao Padre Ignacio Toloza, & foi o quinto Provincial do Brasil. O seu governo foi de santo; elle em sua pessoa era regra viva dos subditos. O seu exemplo era tam admiravel, como o foraõ sempre suas obras. Estando doente lhe levou o enfermeiro huma dieta de abobora; sentio ser amargoza como fel; entaõ pos os olhos no enfermeiro, & continuou. Imaginou o Irmaõ era fastio; & o cazo fora, que em lugar de abobora comestivel, preparou outra de certa casta, que se nam come, por ser tam amargoza como fel. Depois de comer perguntou ao Irmaõ, se tinha outro enfermo, aquem ouvesse de dar tambẽ dieta? Respondendo, *que sim*; lhe disse: *Pois nam lhe deis desta abobora, sem primeiro a provar.* Entrando o Irmaõ em sospeita, a provou, & achando o erro, deu hum grito, dizendo: *Ay, Padre, que matei a Vossa Reverencia.* Acodio o Padre: *Naõ matastes, Irmaõ, antes he o Senhor servido de me querer dar saude, por tomar esta semelhança de fel, que elle por mim, & por vos gostou na Cruz.* Nam foi o ditto acazo, porque pouco depois se levantou sam.

14 O seu governo era todo huma violencia amavel, com a qual a todos cativava. O modo de mandar nam era: *Fazei isto, ou aquillo*; mas: *Podeis fazer isto? Sera bom que façais isto.* Fugia de accrescentar rigores a rigores. Ouvio hum dizer a hum Padre, que quem governa a outros, nam deve dissimular falta alguma, que nam castigue, reprehenda, ou avize. A isto accrescentou o Padre Anchieta: *E tambem nenhuã falta hâ de saber o Superior de seus subditos, que primeiro que os chegue a avizar huma ves, nam tenha chorado duas, & tres vezes diante da divina misericordia.*

15 Vio hum dia, que o Padre Ministro tratava com aspereza hum subdito: perguntoulhe a causa: respondeo: *O Superior, que me encarregou o officio, me disse, que nam deixasse passar occasiaõ de exercitar a paciencia dos subditos.* A isto disse o Padre Anchieta: *Pois eu em nome de Deos lhe ordeno, Padre meu, que se dispa desse affetto, & se vista do da mansidaõ, em quanto puder, & procure nam dar occasiaõ de disgosto a subdito algum.* Nam se esqueceo o Ministro do avizo, & assim o fez dali por diante.

16 Disse hum Padre, que quem quizesse na Religiaõ ser bom subdito, & ter paz, se avia de descuidar de si, & porse todo nas mãos do Superior. A isto acodio o Padre Anchieta: *Eu de mim digo, que jâ mais tive cuidado de occupaçam alguma, que o Superior me ouvesse de dar; quando Irmaõ, nunca imaginei, que podia ser Sacerdote,*

dote, nem quando Sacerdote, que podia ser professo, nem quando professo, que podia ser Superior, porque nunca senti em mim as partes necessarias pera o ser.

17 Dizia, que o Superior nam he seu, senaõ dos subditos. Por isso a qualquer hora estava prompto pera ouvir suas necessidades, & os cõsolar. Succedeolhe, estando jâ revestido pera a Missa, ser chamado pera consolar algum subdito; largou as vestiduras sacerdotais, & foi cumprir com esta charidade, dizendo, que era à Deos mais acceita a misericordia, q̃ o sacrificio. Costumava dizer, que nehuma cousa ha de trazer o Superior mais em seu coraçaõ, que o alivio, & amor dos subditos.

18 Por fim deste capitulo direi, oque lhe succedeo dizendo Missa na Capella interior do Collegio. Chegãdo ao primeiro *Memento*, ficou em extasi, & o corpo se levantou no ar; durou isto tanto tẽpo, que o ajudante o foi dizer ao Padre Ignacio Tolosa. Sabendo, serem aquellas as delicias do Padre, se deixou ficar. Com tudo cõtinuando, foi o Padre Tolosa à Capella, pegou nelle, & o fez tornar em si dizendo, que era tempo de continuar a Missa, porque avia muito tempo, que se detinha. Assim o fez. Estes arrebatamentos na Missa, & oraçaõ eram jâ nelle tam ordinarios, que naõ faziaõ espanto.

CAPITULO XXXVII.

Cousas raras, que na Bahia succederam ao Padre Anchieta, em que se vio seu espirito de profecia.

1 HE cousa mui notavel considerar como todas suas disposiçoẽs eram misturadas com noticias superiores: assim se foi vendo no seu governo. Viera ordem do Padre Geral, pera fazer profissam solenne o Padre Gregorio Serram entam Reytor do Collegio da Bahia. Assentouse em consulta, que o Padre fizesse sua profissam em dia de Paschoa, por ser dia mais festivo, que os dias quaresmais. Estando nesta determinaçaõ, o Padre Anchieta, amanhecẽdo o primeiro Domingo da quaresma, de repente sem consulta no fim da oraçam de menhaã, quando o Padre Serram hia dizer a Missa, em que commungam os Irmaõs, lhe mandou recado, que a nam disesse, porque Sua Reverencia avia de fazer profissam, & commungar na Missa do dia.

2 Ficou o Padre suspenso, & disse aquem dera o recado, que lembrasse ao Padre, que o dia de Paschoa estava determinado. Respondeo: *Dizei ao Padre Reytor, que leve bem oque digo, porque se hoje naõ fizer profissaõ, nam a hâ de fazer depois.* Nam quis o Padre declarar mais, & logo no mesmo dia acclarou tudo, chegando hum navio, em que vinham cartas de como era morto o Padre Geral, com cuja noticia devia cessar o mandado da profissam, oque entam era estylo, ainda que depois a Congregaçam quarta decreto terceiro dispoz outra cousa. E isto he o que o Santo Padre previra, & todos ficaram entendendo a causa desta mudança, & devia ter a revelaçam na oraçam de menhaã.

3 Estando enfermo o Padre Pedro Andre, & indo vizitalo de menhaã o enfermeiro, o achou quasi pera espirar: correo ao Padre Provincial, a dizer oque passava, & peraque mandasse confessar o doente. Abrindo a porta antes de pronunciar palavra, lhe disse o Padre Anchieta: *Ide, ide depressa ao Padre Ignacio Tolosa, q̃ deixe a confissaõ, q̃ està fazẽdo na portaria, & q̃ em meu lugar va cõfessar ao Padre Pedro Andre, q̃ eu naõ posso ir.* Acodio logo o Padre Tolosa, & pouco mais que se detivera, o doente

doente morreria, antes de se cõfessar.

4 Por este tempo lhe chegou huma carta das Canarias: entregoulha o Irmam Pedro Leytam; tomandoa o Padre, & vendo ser de huma sua Irmaã, a deu assim fechada ao Irmam, dizendo: *Contem, que està doente de huma grave enfermidade, mas mui conforme com a vontade divina: muito me alegro com isso, eu a encõmendarei a Deos.* Aberta depois a carta, se achou nam aver nella, se nam o que o Padre dissera.

5 Hum dia estava o Irmaõ Pedro Leytam escrevendo pera Lisboa: entrando o Padre no seu cubiculo lhe disse: *Irmaõ, que estais agora fazẽdo, gastando o tempo, & papel?* Respondeo: *Escrevo a minha Irmaã, que tenho em Lisboa.* Replicou o Padre: *Fazei o que aveis de fazer, & a vossa Irmaã mandailhe recados ao Ceo.* Nam teve o Irmam o ditto por acazo; com tudo escreveo, & notou o tempo deste ditto. Depois lhe veyo nova ser morta, o que acõtecera tres dias antes do ditto do Padre: logo se foi ter com o Padre, & lhe pedio Missas pella alma da defunta. Respondeo: *Jà lhe disse tres, quando vos disse, que lhe mandasseis recados ao Ceo; nam hà mister mais.* Alegrouse muito o Irmam, tendo por certo, estar sua Irmaã na gloria.

6 A' vista das muitas cousas, que succediam, já os Padres, & Irmaõs costumavam observar suas palavras, como se fossem de oraculo. Despedindose dos Noviços, disse a hum: *Fagundes* (este era o seu sobrenome) *Multi sunt vocati, pauci vero electi.* A outro disse: *Qui perseveraverit usque in finem.* Logo fizeram muitos conceito, que nam aviam de perseverar na Companhia. E assim foi, que hum atras do outro foi despedido.

7 Como os Padres, & Irmaõs se preparassem pera ir celebrar a Apprezentaçam da Senhora na Igreja de Tapagipe, foi o Padre visitar ao Irmam Francisco Fernandes, que estava em cama doente de febres. Disselhe: *Porque nam ides vos tambem a celebrar a festa da Senhora?* Respondeo: *Vossa Reverencia bem ve, que estou doente, & este he o dia da cezaõ.* Entam replicou o Padre: *Ide festejar a Virgem, & deixai là a febre de tal maneira, que nam torne mais.* Cumprio o Irmam com a obediencia; estãdo lâ, o assaltou a mais forte cezam, que tivera; com ella entrou na Igreja, & postrado diante da Senhora lhe disse, em como viera mandado da obediencia, que lhe ordenara nam tornasse mais com a febre pera caza. Tudo ouve por bem a Senhora, & o Irmaõ ficou de todo livre.

8 O Padre Gregorio Serraõ, por se achar muito mal de desmayos na Bahia, foi mandado ir pera o Rio de Janeiro; ao despedirse do Padre lhe disse: *He possivel, que Vossa Reverencia me aparta de si?* Respondeo elle: *Isso nam: vade modo, Pater, quia postea locus nos conjunget.* Que quer dizer: *Ide meu Padre, que depois hum mesmo lugar nos hà de ajũtar.* Imaginou o Padre, que o lugar seria o Rio; mas succedeo, que o navio tomou o porto do Espirito Santo; & foi o Padre obrigado ficar ali por causa da doença, & ali morreo; & depois junto à mesma cova foi enterrado o Santo Padre Anchieta.

9 Manoel Francisco, & Antonio Nunes se foram despedir delle, pedindolhe suas oraçoẽs, porque partiam pera o Reyno, & por aver muitos Cossarios, era a viagem perigoza. Perguntoulhes, em que nao das duas hiam? Respondendo, que na mais pequena, chegando a huma janella, donde se viam, lançou huma bençam à pequena, & disse: *Ide, que heis de chegar a salvamento.* Da grande naõ disse nada, o que fez logo sospeita. Partiram; em altura dos Ilheos os accommetteram tres naos de Cossarios: a tempo, que jâ se davam por rendidos,

didos: invocaram o nome do Padre Anchieta, & ſem ſaber como, ſe eſcapou a nao pequena, & a grande ficou preza.

10 Chegando às Ilhas de Bayona, foram ali quatro vezes accommettidos de Coſſarios, & outras tantas acalmou o vento, quando os inimigos jâ eſtavam junto; o que acontecia invocando os da nao o nome do Padre Anchieta. Entraram finalmẽte no porto de Viana, o que ſe teve por milagre, porque em quatro mezes tinham os Coſſarios tomado naõ menos, que quarenta navios.

11 Eſtava o Collegio falto de peixe: eſperando pellas redes, que mandara lançar, voltaram ſem nada. Accodiram ao Padre dizendolhe a falta. *Nam vos moleſteis*, reſpondeo o Padre; & mandou, lhe chamaſſem o peſcador, o qual dava muitas eſcuſas, de nam ſer opportunidade. Levouo o Padre a huma janella, & lhe moſtrou com o dedo hum lugar, dizendolhe: *Ide, lançai ali as redes; naõ ſeja mais, que hum lanço; encheio o barco, & vinde, que hâ em caza neceſſidade.* Obedeceo o peſcador, fez o ſeu lanço, & com elle encheo o barco; & cheyo de mais alegria, que o barco de peyxe, ſe veyo pera o Collegio.

12 Ajuntarei aqui outra peſcaria, ainda que em outra parte. Achãdoſe o Padre na aldea do Eſpirito Sãto diſtante ſeis legoas da Bahia, advertio, que os Indios eſtavam ocioſos, & triſtes. Perguntada a cauſa, reſponderam, que nam tinham que comer; que foram ao mar, & nada tomaram, nem o tempo eſtava de ves. Diſſelhes o Padre, que preparaſſem as Canoas, & redes, & ſahiſſem com elle ao mar. Tomaram o ditto em graça. Porem o Padre os aſſegurou, que todos aviaõ de voltar contentes. Sahiram por demais. Eſtando no mar, elle ſe começou a embravecer. Entam os Indios enfadados lhe diſſeram: *Naõ ves agora, Padre, com teus olhos, como he impoſſivel, o que nos dizes?* Aqui replicou o Padre: *Que peyxe quereis vos outros?* Reſponderam por zombaria, que queriam Xareos (he peyxe exquiſito, & naquelle tempo nam coſtumava apparecer) entam moſtrandolhes certo poſto, diſſe, que lançaſſem ali ſuas redes pequenas. Aſſim o fizeram, & foi tanta a multidam, que naõ ſó com redes, mas athe com as mãos o tomavam; de que ficaram mais contentes do que antes eſtavam triſtes, & reconheceram, quanto podia com Deos eſte ſeu ſervo.

CAPITULO XXXVIII.

De algumas profecias do Padre Anchieta, com ſucceſſos notaveis de dous officiais, que entraram na Companhia. E da ſaude do Padre Franciſco Pinto, que morreo Martyr.

1 ENtre as couſas mui engraçadas, que ouve nas profecias deſte Santo Padre, foram os ſucceſſos, de que hà de tratar eſte prezente capitulo. A cazo paſſava o Padre Anchieta por huma varanda do Collegio, & vio, que Joam Fernandes official de pedreiro, que trabalhava nas obras do Collegio, eſtava pendurando hum ſino no campanario. Pondo nelle os olhos, lhe diſſe com voz, que todos ouviram: *Joam Fernandes, ſeguraio bem, ſeguraio bem, que vòs heis de ſer o primeiro da Companhia, em cujo enterro ſe hà de dobrar eſſe ſino.*

2 Parecia couſa humanamente fallando impoſſivel; porque o homem era cazado em Portugal, onde tinha ſua mulher. E avendo iſto de ſer por ſua morte, parecia muito naõ aver athe entam fallecido outro no Col-

Collegio, por quem o sino se dobrasse.

3 Com esta profecia se encadeou outra. Instava o tempo de ir visitar o Collegio de Pernambuco, & apertavam os Padres, que partisse. Ouve de dispor à jornada, por se accõmodar ao parecer dos Padres, naõ por voto seu, antes sahio nestas palavras: *Os Padres me dam pressa, que parta a Pernambuco; porem nam sabem, que he vontade de Deos, que eu me ache na Bahia dia de Nossa Senhora da Conceyçam.* Embarcouse; ao despedirse do Padre Luis da Fonseca, lhe disse: *Fiquese embora, meu Padre companheiro, espereme aqui em quanto volto, que Vossa Reverēcia hà de ir comigo a Pernambuco, eu o hei de tornar a buscar, & levar comigo.*

4 Estas cousas, que todas pareciam entam sonho, se foram cumprindo à risca. Navegando o Padre pera Pernambuco, foi obrigado a arribar por causa dos tempos contrarios. Entrou no Collegio, foi visitar o Santissimo, & quando o queriam encaminhar pera o seu cubiculo, se foi ter cõ o pedreiro Joam Fernandes, que neste tempo estava de cama mui enfermo, & avizado juntamente da morte de sua mulher: tudo o Padre sabia por revelaçam. Consolouo assim da doença, como da morte da mulher, & lhe disse assim: *Joam Fernandes, a Virgem Mãy nossa me manda cà, pera que vos admitta na Cõpanhia, & pera que comnosco estejais entre os mais Irmãos athe o fim de vossa vida. O agradecimento, que eu vos peço deste beneficio, que por amor da Senhora vos faço, he, que tenhais lembrança de mim, quando daqui a sette dias vos vejais assistir na prezença da mesma Virgem.*

5 Entam pasmando todos foraõ entendendo o que na Bahia tinha que fazer dia da Conceyçam. Mandou logo, que o enfermo fosse levado como Irmaõ nosso à enfermaria do Collegio, & quē se tratasse de sua cura. Dahi a tres dias o tornou a visitar, & lhe disse: *Irmam Joam, huma nova vos trago mui alegre: vossa boa mulher vos espera diante da prezença de Deos.* E voltandose pera os outros disse: *Mulher de tam bom homē nam se podia perder.* Aos sette dias assistindolhe o Padre, & os mais Religiozos se despedio aquella bemditta alma do corpo.

6 Logo que acabou de espirar, se levantou em pè o Santo Padre Anchieta, & com sentimento, & modo ponderozo disse aos prezentes: *Meus Padres, & meus Irmãos, este homem, que a vossos olhos acaba de dar a alma a Deos, official toda a sua vida, & grande parte della cazado; dentro em sette dias tem alcançado o premio de Religiozo, porque fez entrega de si ao Senhor de todo o coraçam; pera que no ultimo dia do juizo universal justifique a causa do mesmo Deos, & juntamente a condenaçam de muitos Religiozos descuidados em sua profissam, & alguns destes estam aqui, que tendo muitos annos gastados nella, jà mais chegaram a entregarse a Deos de todo; estes justissimamente ham de perder o premio da Religiam.*

7 Ditto isto, sahio da enfermaria, deixando a todos assaz temerozos cõ tal arrezoado, & a tal vista. O que o tempo veyo a mostrar, foi, que dous dos prezentes nam perseveraram na Companhia. Logo se dobrou o sino por Joam Fernandes em cumprimento de que elle avia de ser o primeiro, por quem se ouvesse de dobrar.

8 Quanto ao que dissera, que o Padre Luis da Fonseca avia de ser o seu companheiro, se cumprio, achando, quando arribou, cartas do Padre Geral, que declarava ao ditto Padre por companheiro do Padre Provincial.

9 Tambem foi admiravel o

chamamento de Luis Fernandes discipulo do Irmam Joam Fernandes. Logo que o Padre Anchieta mandou passar pera a nossa enfermaria ao ditozo Irmaõ Joam Fernandes, se lhe lançou a roupeta, & raparam a barba em final de que era jâ da Companhia. Neste tempo, em que assim estava rapado, prezente o Padre Anchieta, chegou o porteiro, & disse ao Padre, em como ali estava Luis Fernandes particular amigo, & discipulo do enfermo, que se queria despedir delle.

10 Entrando Luis Fernandes, vendo ao amigo sem os seus bigodes, de que muito os homens se honravaõ naquelle tempo, lho estranhou. Aqui o Padre Anchieta voltandose pera elle lhe disse: *E vos, Luis Fernandes, estranhais? Pois deitai as vossas barbas de remolho, que pello mesmo escamel ham de passar.* Pareceo graça; & entendendo Luis Fernandes onde o remoque hia dar, respondeo: *Tem isso, meu Padre Provincial, dous grandes impedimentos.* Entendendo o da mulher, porque era cazado, & o de huma filha por nome Maria.

11 Tornoulhe o Padre: *Olhai, Luis Fernandes, esses dous impedimentos se ham de tirar, quando Maria for pera a praya, & o diabo vos quizer levar.* Nam soube o homem, que responder, porque nam entendia o enigma; que o tempo veyo a declarar; porque Maria cazando foi morar à praya, onde o marido tinha sua caza. O segundo impedimento se tirou, reprezentando Luis Fernandes em huma tragedia figura de homem escandalozo, a quem arremetteo o diabo no theatro pera o levar; porque neste tempo ouvio dobrar os sinos por sua mulher, que deixara enferma, & de repente entrara no ultimo artigo.

12 Recolhendose a caza vendo tirado hum, & outro impedimento, bem como o Padre lho profetizara, entendeo, que Deos o queria tambẽ como a seu Mestre; foise ao Padre Anchieta, lançouselhe aos pès dizendo: *Vossa Reverencia tem trespassado meu coraçaõ com as palavras, q̃ me disse; està descuberto o sentido dellas: Maria he ida pera a praya, o diabo me quis levar por zombaria; nam quero, que o faça de veras; recebame na Companhia, acompanharei na vida, & na morte a meu bom Mestre.* O Padre o recebeo, viveo na Companhia com grande exemplo, & nella morreo santamente.

13 Foi tambem pasmosa a saude, que alcançou ao Santo Martyr Frãcisco Pinto, & a profecia, com que predisse seus muitos trabalhos. Este Padre estava tanto nas ultimas, que tinha o enfermeiro preparado o necessario pera ser ungido. Entrando o Padre Provincial ao visitar, lhe deu hum abraço, & disse: *Vossa Reverencia queriase ir ao Ceo a maõs lavadas? Pois nam ha de ser assim:* Longa tibi restat via; *tem muito, que passar primeiro, nam hà de morrer morte folgada, antes della hà de padecer muitos trabalhos, fazer a Deos muitos serviços, salvar muitas almas: levantese Vossa Reverencia, va ao coro dar as graças ao Santissimo Sacramento, que elle he servido concederlhe saude;* & ao enfermeiro disse: *Irmam, dailhe seu vestido, & nam torne este Padre mais à enfermaria.*

14 Dittas estas palavras, o Padre se achou de repente saõ; foi dar graças ao coro, nem mais voltou à enfermaria, com assombro de todo o Collegio, que olhava pera elle, como pera homem resuscitado. Este Padre entrando no sertam a converter os gentios, elles em odio das verdades, que lhes ensinava, o mataram com morte cruel no anno de 1608. Sua vida, & morte tras o Padre Simam de Vasconcellos no capitulo quinto do livro quarto da vida do Padre An-

Anchieta, & o Padre Alegambe nas Mortes Illustres dos da Companhia. Foi natural da cidade de Angra na Ilha terceira.

CAPITULO XXXIX.

Vai o Padre Anchieta visitar o Rio de Janeiro: maravilhas, que no caminho, & lá obrou.

1 DA Bahia passou a visitar Pernambuco. Só do que obrou nesta Capitania nam temos memoria. Depois foi ao Rio de Janeiro, & mais partes do Sul; por ellas o irâ seguindo a narraçam nos oito annos, que foi Provincial. Nestas suas viagens era o seu cuidado, que nada faltasse aos companheiros. De si era descuidado, fiado só na providencia Divina. O seu camarote era aquelle, onde avia necessidade de sua assistencia. De ordinario assistia no cõvez, ou fosse tempo chuvozo, ou de Sol, abrigado com hum roupam velho. Vigiava, & acodia às obras do navio, como qualquer marinheiro, em que era tam destro, como se em sua vida nam tivera outro exercicio.

2 O sono tomava ou encostado no bordo do navio, ou sobre a cayxa de algum passageiro. O comer era grosseiro. Acodia aos doentes. Todos os dias fazia praticas, & doutrinas. O navio, em que hia, parecia caza de Religiam. Chegando a visitar a caza de Porto Seguro, sahio doente em terra o nosso Irmam Francisco Dias piloto do navio, de hum cobrelo, por outro nome fogo de Santo Antam. Sentindose o Irmam affligido, pedio ao Padre fosse com elle na menhaã seguinte dizer huma Missa a Nossa Senhora da Ajuda, que ali he de muitos milagres, & tem huma fonte milagroza.

3 Deulhe o Padre palavra de ir, mas accrescentou: *Pera remedio desta noite untai a inflammaçam com azeite da alampada do Santissimo, que naõ deve sentirse a mãy, que recorrais primeiro ao filho.* Assim o fez, & cessou a dor, porem parou o cobrelo. Na menhaã seguinte depois de dizer a Missa, mandou ao Irmaõ, que fosse lavar com a agoa da fonte milagroza a parte lesa. Foi cousa, que todos viram, & admiraram, que assim como a lavou, totalmente se extinguio aquelle fogo, sem delle ficar, nem ainda o minimo sinal.

4 Nesta mesma Igreja, ou nesta occasiam, ou em outra, dizendo Missa foi visto de todo o povo levantado em extasi no ar, como se dis nos processos pera sua canonizaçam. Chegando huma ves a este Porto Seguro, soube, que dahi a quatro legoas estava em perigo de vida hum Irmam de prestimo; sem demora o Padre andou logo a pè descalço aquellas quatro legoas, & só com sua vista o subdito ficou bom, & como homem, que tornara da morte à vida.

5 Continuando sua viagem, chegou à barra da Villa do Espirito Santo: fazendose todos ja como em seguro, largaram a mam à pipa de agoa, bebendo sem regra, como se acabada a viagem, nam fosse ja necessaria. Vendo o Padre esta pouca cautela, disse em voz alta: *Nam desemparem a chave da agoa, que hâ de ser necessaria.* Nam fez disto muito cazo a gente, por estarem junto de terra, & o tempo sereno. Indo assim com bonança, de repente se mudou o vento, & andaram no mar o que bastou pera ver, que a agoa lhes era ainda necessaria.

6 Vindo outra ves em demanda da barra, se tornou a pòr vento contrario, que os lançava ao mar. Aqui pondose o Padre no convez, & chamando a todos disse: *Neste navio vem hum homem excõmungado, por*

cuja causa nem entra, nem entrarâ na barra: quẽ he, venhase a mim, que eu tenho poder pera o absolver. A esta voz sahio mui magoado hum homem dizendo em publico; que na Bahia tomara hum livro da caza de nossa Senhora de Monserrate, & tirandose carta de excommunham, elle o nam restituira, & o trasia comsigo. Entregando o livro, & sendo absolto, parou a tormenta, & entraraõ na barra.

7 Daqui passou ao Rio de Janeiro, onde foi recebido, como hum Anjo. Entre as pessoas, que de fora o vieram visitar, foi hum Francisco Domingues, que por andar aleijado vinha em moletas. Vendo o Padre o seu trabalho lhe disse: *Francisco Domingues, nam andeis mais nessas moletas.* Respondeo: *Isso he impossivel, porque sem ellas nam dou passo. Ora troquemos*, replicou o Padre; *dai câ as moletas, & tomai lâ o meu bordam.* Fizeram a troca, & logo o homem começou a andar expeditamente com o bordam, & em breve se vio sam de todo, & sem necessidade de arrimo.

8 Huma ves decia do coro da Igreja deste Collegio, onde tivera oraçaõ; encontrando o enfermeiro lhe disse: *Tomai a capa, vamos a caza de Izabel Affonso, que estâ ungida; applicandolhe lâ algum remedio, sararâ.* Perguntou o Irmam, que mèsinha queria, lhe applicassem? Respõdeo: *Qual vos quizerdes, porque ella ha de sarar.* Entrando em caza, achou tudo em forma de pranto; depois de saudar a todos, voltandose pera o marido, que jâ estava com carapuça de dô, lhe disse: *Tirai isso dahi, que agora nam tem lugar.*

9 Chegandose ao leyto, tocou com a maõ a cabeça da enferma, rezando sobre ella o Evangelho; logo disse ao Irmaõ: *Dai a mèsinha, que vos disse.* Entam lhe deu hum pucaro de agoa com assucar. Bebido elle, disse o Padre à enferma: *Bebestes jâ?* Respondeo, que sim: *Pois levantai-vos*, acodio o Padre, *que jà estais saã*; & disse às filhas, que dessem de vestir a sua mãy, pera se levantar. Assim o fizeram, & a enferma se levantou saã de todo.

10 Visitando a outra, que estava sem falla, em sua prezença logo fallou, & deitandolhe a bençam ficou saã. Como hum asmento lhe manifestasse o seu achaque, lhe disse: *Bebei em tal fonte* (que lhe mostrou) *& rezai sinco Padre Nossos, & Ave Marias à honra do Senhor, & ficareis livre de todo.* Tudo fes, & com o successo dezejado. Na fazenda de Magè avia hum boy bravissimo: querendo-o meter na moenda do engenho de assucar, o nam puderam fazer muitos homens juntos, por ser ferocissimo. Sabendo isto o Padre Anchieta, lhe lançou a bençam, & ficou tam manso, que hum só negrinho o amarrou ao engenho.

11 Vindo de Saõ Lourenço pera a Cidade, acharam aquella travessa do mar cheya de cardumes de baleas, que ali vam em certo tempo parir. O perigo era evidente de encontrar alguã, que os mergulhasse. Neste aperto, & temor o Padre lhe lançou a bẽçam, & logo todas mergulharam, & se foram ao fundo do mar.

12 Hum Religiozo nosso por nome Estevam da Grã assistia na aldea de Sam Bernabè distante sette legoas da Cidade do Rio; ali teve huma importuna, & forte tentaçaõ cõtra a pureza: naõ se sabia dar a conselho. Eis que, quando menos o cuida, vê diante de si ao Padre Anchieta: falloulhe, mostrando, que sabia do seu trabalho; cõsolouo, & deixando-o fora da tentaçaõ, se despedio. Pasmou o Padre com vinda, & ida tam de repente, & mais, quando soube, naõ viera ali Canoa alguma. Depois escrevendo ao Collegio soube, que no mesmo tempo, em que lhe apparecera, estava o Pa-

Padre Anchieta no Collegio da Cidade.

CAPITULO XL.

De outras muitas maravilhas deste admiravel Padre assim em Sam Vicente, como no Rio.

1 DO Rio de Janeyro foi o Padre visitar a Capitania de Sam Vicente theatro antigo de seus prodigios passados, & que ainda o avia de ser de outros muitos. Quando estava jà embarcado pera fazer viagem, chegou a bordo huã Canoa, & deu por novas, que na Ilha de Sam Lourenço distante huma legoa estava morrendo hum Indio. Logo parando com a viagem, mandou lançar fora o batel; foi consolar, & confessar o Indio; & se recolheo ao navio. Quando estava pera partir, offereceo ao Governador do Bispado, que tambẽ hia pera Sam Vicente, o seu navio, dizendo, ser capaz pera todos, & bom de vela. Nam se aproveitou do offerecimento, dando por rezam, que a sua embarcaçaõ tinha vela, & remos. Foi porem o successo, que partindo ambos do Rio, o Padre Jozeph chegou em vinte, & quatro horas ao porto, & o Governador depois de sinco dias bem enfadado da jornada: & ficou entendendo, que naõ fora sem mysterio o offerecimento do Padre Anchieta.

2 Dezembarcou em Beritioga, visitou aos seus Miramomiz, que ali tinham sua aldea. Em dous dias, que aqui esteve, foi visto, & observado do Capitam, & soldados da fortaleza andar mui triste; pergũtãdolhe a causa, respondeo sò estas palavras: *Neste dia se apparelhaõ trabalhos grandes ao mundo.* Notouse o ditto, & o dia. Passado tempo, chegou navio com a triste nova da ruina Del-Rey Dom Sebastiaõ em Africa, a qual fora naquelle dia.

3 Esta mesma disgraça contou depois, quando jà estava morador no Espirito Santo, a seu amigo o Capitaõ Miguel de Azevedo, relatando o successo della bem como lhe fora revelado. Perguntoulhe o Capitam, se El-Rey morrera na batalha? Respondeo o Padre, que nam. Instando, se era vivo? Deu por reposta, que isso eram segredos, que Deos guardava pera si.

4 Em Beritioga quizeram dous mancebos, em cuja caza se hospedara, experimentar, se era o Padre tam sãto, como diziaõ; pera isso a horas de comer fingiraõ deixar recado às Indias, que dessẽ de jantar ao Padre, que elles hiaõ a negocios de importancia. Logo se esconderaõ em lugar secreto, donde sem ser vistos o pudessem observar; pera mais o meter em tẽtaçaõ, mandaram servir à meza Indias moças, & descompostas. Assentouse o Padre à meza, & vindo ellas com os pratos, antes de tocar boccado, lhes perguntou por seus senhores; responderam segundo a instruçam, que tinham, ser idos fora a negocios, que pediam pressa. Respondeo o Padre: *Nam he assim: ide àquella camara* (& apontoua com o dedo) *& chamai cà Paschoal Barrufo* [este era o nome do principal no enredo.] Deulhe a India o recado, sahio elle mui corrido do seu escondrijo, lançouse aos pès do Padre, pediolhe perdam; elle com boas palavras lhe estranhou aquella temeridade, mostroulhe a sua pouca consideraçam em commetter tal culpa.

5 Estando na Villa de Santos, & na portaria do Collegio, chegou a ella homiziado hum Jeronymo Ortega, pera se por em salvo. Antes de dizer cousa alguã do seu cazo, o Padre lho contou todo, & com suas circunstancias, dizendo, que podia andar seguro na terra, & fazer seu negocio; assim o fez,

fez, & sendo o morto mui aparentado, ninguem se atreveo a lhe fazer mal.

6 Huma India se fingio mui devota, & assim enganava aos Padres, que a tinham pello que parecia. Como, vindo confessarse, naõ achasse a seus confessores em caza, mandou chamar ao Padre Anchieta; oqual se escusou, mandandolhe dizer, deixasse por entam aquelle intento. Foise cõfusa. Fingiose doente: como era tida por santa, os Padres lhe assistiram cõ alguns prezentes, oque sabendo o Padre Anchieta, disse: *Debalde se cansam os Padres, debalde se cansam.* Ficaram suspensos com o ditto, porque tinham os seus por mysteriosos. O cazo foi, que em breve tempo a santa fingida entrou em dores terriveis, & arrebẽtando pellas ilhargas despedio de si huma criança morta, & acabou sua miseravel vida com esta infeliz morte.

7 Hum fulano de Pancas se foi huma noite com gente de armas a caza do Capitam môr de Sam Vicente, pera o matar a punhaladas. Acodio gente, & o aggressor, sem fazer oque intentava, foi prezo. Sabendo este desaforo o Alcayde da fortaleza da barra, veyo logo â Villa com intento de enforcar o delinquente, peraque pella menhaã, quando se soubesse o seu crime, constasse o seu castigo. Teve o Padre Anchieta revelaçaõ dos intentos do Alcayde; & sendo depois da meya noite, foi a caza do offendido, pedio perdam pera o aggressor, descobrindolhe os intentos do Alcayde. Era o Capitam de animo Christam, & generozo; & perdoou logo: ambos foraõ ter com o Alcayde, dizendo o offendido, que lhe perdoava; por tanto que desistisse dos intentos, que ali o trouxeram. Com a proposta ficou pasmado o Alcayde, pois nam tinha descuberto seus intentos a creatura viva, & logo desistio delles.

8 Visitando a caza de Piratininga, mandou a hum minino da escola colher seis limas à horta pera apremiar a outros mininos da escola. Elle, alem das seis, colheo pera si outras seis, & as escondeo em certo lugar, athe sahir da escola. Tanto que entregou as seis, disse o Padre Anchieta a outro minino: *Ide a tal parte, & trazei as seis limas, que este minino lâ deixou escondidas.* Vieram logo; deuas ao ladramsinho, dizendolhe: *Tomayas, & aprendei a nam furtar.*

9 Voltando desta visita pera o Rio, chegaram à barra junto da noite, avendo grandissima serraçam, & tempestade desfeita. Fazerse ao mar era notavel perigo; maior o era accommetter a entrada da barra. Nestes apertos fez o Padre huma breve oraçaõ junto ao mastro grande, & logo animãdo os marinheiros disse, que accommettessem a barra. Assim o fizeram, & entraram sem perigo; oque elles, consideradas as circunstancias, tiveraõ por cousa milagroza. Era noite, chovia com excesso; mandou, que todos se recolhessem; sô elle se deixou ficar em oraçam junto ao mastro, dando graças a Deos pella merce recebida; & succedeo outra maravilha, que pella menhaã estava tam enxuto, como se estivera toda a noite debaixo da cuberta.

10 Na aldea de Saõ Lourenço huma legoa da outra parte da Cidade tinha hum nosso Irmaõ preparado huma reprezentaçam santa; concorreo muita gente, porem era a chuva muita, & nam cessava. Disse o Irmaõ queixozo ao Padre Anchieta, que lhe parecia, nam averia reprezentaçam por causa da chuva. Riose o Padre, & disselhe: *Antes, Irmaõ, mandai buscar muitas palmeiras, que façaõ sombra aos ouvintes, que nam hâ de faltar calma.* Assim o fez, porque jâ sabia a certeza, que o Padre tinha em seus dittos. E foi a calma tal, que os muitos ramos nam bastaram a defen-

der

der della, em quanto durou a reprezentaçaõ.

11 Nam só parou a chuva dentro no tempo, que se fes a reprezẽtaçaõ, mas acabada ella, tornou a continuar, & durou todo aquelle dia, & o seguinte. O que mais he, que no tempo do acto se via chover nas partes à roda, estando livre o lugar da reprezentaçam.

12 Avia na Cidade do Rio hum homem perdido. O Padre se lhe fes amigo, & o meteo por Mordomo na Confraria das Onze mil Virgens. Os mais o sentiram, dizendo: *Padre, como admitte Vossa Reverencia na Cõfraria a hum desalmado?* Respondeo: *Façoo, peraque tenha alma.* Assim foi, que o homem se mudou tãto nos costumes, que lhe chamavam o convertido do Padre Anchieta.

13 Fabricandose sobre viva rocha a fortaleza da Cidade do Rio, que depois se chamou Santa Cruz, disse o Padre, que o trabalho era debalde: pareceo cousa de sonho; porem depois de feita, o mar a levou com artelharia, & cazas, que nella avia. Seria nunca acabar, se ouvera de referir por miudo os mais prodigios; mas alguns por serem cheyos de circunstancias, que contem especialidade, nam os posso deixar em silencio, porque os leam neste compendio aquelles, aquẽ nam chegar à mam o grande livro, que de suas cousas anda impresso.

CAPITULO XLI.

Do que obrou o Padre Anchieta com huma armada, que chegou ao Rio. E dos prodigios na pesca feita na alagoa Mariacaà.

1 NO anno de 1581 appareceo sobre o Rio de Janeiro huma armada de dezaseis velas, que poz a Cidade em grandissimo cuidado, por ser cousa, que se naõ esperava. Todos tratavam de pôr em seguro o precioso, & cousas sagradas. Nesta perturbaçaõ chegou o Padre a huma janella do Collegio, & disse: *Ninguem se desenquiete, que a armada nam he inimiga, antes vem nella hum homem grande carpinteiro, que ha de entrar em nossa Companhia; nella servirà muito, & serà de grande virtude.*

2 Brevemente se desenganaram, porque era de Castelhanos; o Capitaõ della era Diogo Flores Baldes, aquem El-Rey mandava com tres mil homens, pera assegurar o Estreito de Magalhaens. Entrou de paz, & teve nella hum bom theatro de sua charidade o Padre Anchieta, por aver nella muitos doentes. Fes com que se determinasse caza de hospital, que athe entam nam avia naquella Cidade, & que fossem ali trazidos os enfermos, aque assistio o Collegio com Medico, Surgiaõ, & mèsinhas, tendo nisto grãde despeza. Pera os pobres saõs, & necessitados mandava dar todos os dias na portaria huma arroba de carne, ou peyxe, com a farinha necessaria pera quantos viessem. O mesmo Padre hia pellas cazas dos que nam podiam vir à portaria, & lhes levava esmolas consolando a todos.

3 O carpinteiro, que disse, se chamava Joam Escalante; este sahindo em terra foi buscar logo a nossa portaria, pedindo, lhe chamassem ao Padre Provincial. Dandolhe recado o porteiro, o Padre deu a entender sabia quem era o que o chamava, & pera que vinha. Vendoo o Padre, lhe disse: *Vos jâ estais recebido na Companhia, & nella aveis de morrer.* Entrou, & foi nella Irmam de rara virtude.

4 Entre as desaseis naos vinham quatro carregadas de mantimentos. Succedeo recolheremse em huma estancia pouco segura, & a Cidade as

vio

vio a ponto de se perderem com geral sentimento de todos. Vendo o Padre Anchieta tamanho perigo, recorreo à oraçaõ; & o mesmo foi começar elle, que começarem tambem as naos a sahir do perigo, & todos da tristeza, em que estavam. Correo logo ao cubiculo do Padre Anchieta, pera lhe dar a nova o Padre Estevam da Grã; entrou, & achouo arrebatado em oraçam: despertouo, & antes que abrisse a bocca, lhe disse o Padre: *Estevam, nam ha mal algum; sómente se perdeo hum batel, mas nam a gente delle.*

5 De todas estas cousas teve noticia o General da armada; começou ao tratar, & lhe cobrou estranho amor, & respeito. Tinha elle prezo hũ Inglez, que achara no Rio de Janeiro, por dizerem, que avia passado o Estreito de Magalhaens, pera onde hia o General, & parece o queria por guia; pediolhe hum nosso Padre, que o soltasse sobre fiança, pera arrecadar dividas, em que lhe estavam na Cidade. Sentio o General pedirselhe isto, & se começou a mostrar agastado. Desculpouse o Padre com dizer, que o seu Padre Provincial lhe mandara fazer aquella petiçaõ.

6 Tanto que o General ouvio o nome do Padre Anchieta, de repente se mudou, & respondeo dizendo: *Se o Padre Jozeph o mãda, façasse; naõ queira Deos, que eu obre contra o que elle sente: porque a primeira ves, que o vi, nunca cousa mais desprezivel se me reprezentou, mas ouvindoo, & tornando a olhar pera elle, nunca em prezença de alguã magestade me senti mais apoucado, & reverente.* Assim fallou este fidalgo, & este era o conceito, que formou deste admiravel heroe.

7 No anno de 1584 foi mui espãtoza, & celebrada a pescaria da alagoa chamada Mariacaà. Dista sette legoas do Rio; a tempos se abre, & entra nella o mar, & se toma dentro infinito peyxe. Mandou ali o Collegio alguns Indios com o Irmaõ Pedro Leytaõ, pera fazer seu provimento. Quis ir tambem o Padre Anchieta, pera lhes dizer missa, & os confessar: este era o pretexto, mas o intento primeiro era entregarse mais a Deos naquella solidam

8 Foi caminhando por terra com os companheiros, & fizeram noite junto a hum grande penedo, que chamam Itaipuig, em huma choupana de palha. He o lugar infestado de onças, & tigres. Sendo alta noite, sentio o Irmaõ, que o Padre sahira fora, quanto conjecturou, a ter oraçam. Dahi a largo espaço voltou, & tomando hum cacho de bananas, as lançava poucas a poucas pera fora dizendo: *Tomai, tomai vos outras vossa porçam*; sem verem, com quem fallava. Perguntoulhe o Irmaõ: *E Vossa Reverencia a quem lança essas bananas?* Respondeulhe: *A estas minhas companheiras.* Entendeo o Irmaõ, serem onças, que o acompanharam, & de menhaã se vio o rasto, & as pègadas, & na arèa viram os Indios as pègadas do Padre, & as das onças, que lhe fizeram companhia.

9 A pescaria foi, qual nunca ali se vio, & de peyxes, que nam se viram em outras occasioẽs naquella alagoa. O Padre lhes mostrava os postos, onde aviam de lançar. Encheraõse as prayas; apenas podiam abranger ao salgar. Ao cheiro do peyxe concorreram nuvens de aves de rapina; nam se sabiaõ, os que salgavaõ, dar a conselho; o tempo se lhes hia em as enxotar: queixaraõse ao Padre, o qual as reprehendeo, & as mandou em lingua Brasilica, que sem demora se fossem, que nam impedissem os trabalhadores, que acabada a pescaria voltassem, que achariaõ o seu quinham. Todas logo desappareceram, buscãdo humas o mar, outras o seu matto. Acabada a pescaria, tornaram, & se aproveitaram da sua porçam.

10 Andan-

10 Andando a gente no seu trabalho, appareceram duas onças algũ tanto desviadas; disse o Irmam ao Padre, que gostaria de as ver mais de perto sem perigo. Respondeo o Padre: *Assim será.* Fallou às onças, & lhes disse, que tornassem pouco depois, que alguns as queriam ver de perto. Acabado o trabalho do dia, se meteo o Padre com os mais em huma Canoa, & foram andando junto da praya. Entam sahiram as onças do mato, & se chegaram á praya com meneyos apraziveis, & se deixaram ver muito à vontade dos que estavaõ na Canoa. O Padre lhes lançou da Canoa sua porçam de peyxe, & foraõ continuando adiante.

11 Nam he menor o prodigio, que se segue, antes mais estupendo. Hum destes dias, em quanto os Indios se occupavam na pesca, o Padre se retirou a ter oraçam em hum retiro da praya. Como se fizessem horas de tomar alguma refeiçam, & nam apparecesse, o foi buscar o Irmam seguindo as pizadas da area. Cazo portentoso! Eis q̃ o ve estar assentado là pello mar dentro, avendo huma estrada secca athe o lugar, onde estava: fora o cazo, que vindo enchendo a marè, foi formando humas como paredes de agoa à roda do Padre, & dali athe o secco da praya hia formando huma estrada entre duas paredes de agoa.

12 Ficou assombrado o Irmam: nam se atrevendo a meter em tal estrada, começou a dar vozes; mas o Padre estava tam absorto em Deos, que as nam ouvio. Aqui o Irmam confiando em os merecimentos do Padre entrou, chegou a elle, despertouo, dizendo, ser tempo de se recolher. Acordou daquelle suavissimo sono, & começou a ir pera terra. O Irmam usando do respeito, que devia, deixou ir diante o Padre: assim como abalou, tambem as ondas se moveraõ a occupar o lugar, que o Padre deixava; porem nam guardavam o mesmo respeito ao Irmam, & assim cheyo de medo se passou adiante do Padre; o qual vendo sua desconfiança lhe disse: *Irmam, nam sabeis, que os mares, & ventos obedecẽ a Deos?* Chegando fora, se acabaram de unir as ondas entre si, & continuaram seu modo, & curso natural.

13 Estando aqui mesmo nesta pescaria ceando huma noite, disse ao Irmam, que guardasse huma posta de peyxe. Perguntandolhe o Irmam, pera que? Respondeo, que avia de servir a huma pessoa necessitada. E logo indose pòr em oraçam disse: *Encõmendemos a Deos huma pessoa, que està em perigo.* Dahi a cousa de duas horas chegou da cidade hum moço muito cançado, que trazia cartas pera o Padre, o qual disse ao Irmam: *Ora dai a esse moço o peyxe, que vos mandei guardar.* Antes de abrir as cartas, disse, em como continham a petiçam de hum homem nobre, que lhe rogava fosse acodir a Ayres Fernandes amigo seu, que estava no ulmo perigo da vida. E accrescentou: *Isto he, o que pede; mas eu de mais proveito lhe hei de ser cà.* No dia seguinte teve oraçam, & disse por elle Missa. O Irmam lhe perguntou, se morreria, ou nam? Respondeo, que passaria mal; mas que escaparia. Tudo assim aconteceo.

14 Nam pararam ainda os prodigios desta pescaria, em que elles foram a montes, como os peyxes. Concluida a pescaria, se ouve o peyxe, que era muito, de levar à aldea de Saõ Barnabè, que distava tres legoas, pera dali o ajudarem a levar os Indios. Avia de ser a partida na menhaã seguinte, & como fosse muita a chuva, disse o Irmam ao Padre: *Bom tempo escolhe Vossa Reverencia pera partirmos! Como hà de ir esta gente por agoas, & lamaçais?* Respondeo o Padre: *Ah Irmam, assim nòs nos lembraramos de Deos, como elle se lembra*

de nossas cousas: nam nos hâ de chover à menhaã, & ja desde agora Deos nos prepara o caminho, porque em tam grande tempestade de chuva nem gotta cahio em toda a estrada, por onde avemos de passar. Assim o viram todos, porque o caminho, por onde hiam, trinta pès de largura estava enxuto, sendo que nos lados deste espaço avia muitas poças de agoa, & o mais molhado da chuva, que cahira.

15 Alem deste alivio teve o caminho outro mui engraçado. Appareceo hum mono grande barbado, gritando a outros, & fazendo gestos ridiculos do braço de huma arvore, onde estava assentado. Depondo sua carga hum dos pescadores, frechou o mono, o qual veyo abaixo enchendo os ares de seus gemidos; a estes acodio infinidade de bogios, como sentidos do desastre deste, a quem por suas barbas, & annos deviam ter por senador seu, & pay da sua republica. Aqui os Indios vendo tanta caça junta, & a quem o sentimento fazia descuidada, frecharam grande numero, pera os comer.

16 Tendo bastante caça, mandou o Padre, que nam matassem mais; & fallando com os bogios, lhe disse em lingua Brasilica: *Fazei, fazei vos outros as exequias, que eu vos dou por seguros.* Foi muito pera ver como levantando hũ a voz mui sentida, como antifona, os mais o hiam seguindo em tom triste, & magoado. Depois de todos com esta vista terem grande contentamento, disse aos bogios, que se podiam ir a seu salvo. Assim o fizeram.

17 Chegando a Sam Barnabè, trabalhavam os Indios por lançar huma grande Canoa ao mar; era o sitio pouco ageitado, & por isso suavam de balde: pediram ao Padre lhe lançasse a bençam; respondeo: *Nam sò a bençam, mas ajudarei com estas maõs.* Lançou a bençam, & tocou a Canoa com a mam, & logo foi ao mar, com assombro dos Indios, que se tem elles por mui forçozos, & o sam.

18 Partindo dali pera o Collegio, vinha hum homem com suas redes a pescar na mesma alagoa; rogoulhe, que lhe lançasse a bençam às suas redes; assim o fez, & a pesca foi copiosissima. Destes effeitos nascia chamaremlhe os Indios senhor das pescas; & quando as aviam de fazer, o consultavam, tomando o que dizia, como palavras de hum oraculo.

19 Continuando o caminho por agoa, chegou a certa paragem do rio da Aldea, que desembocca em hum braço do mar. He o sitio de si alegre, povoado de arvores, que chamam manguês, & de aves, que chamam Goarazes; estas nascem brancas, depois se fazem pretas; despida esta cor, tomam a de hum carmesim mui vistozo; saõ do tamanho de huma gallinha. Neste lugar era a calma excessiva; os Indios se abrazavam: disseram ao Padre o seu trabalho, ao qual acodio na forma seguinte. Vio tres, ou quatro Goarazes sobre hum manguè; disselhes em lingoa Brasilica: *Ide vos outras, chamai vossas companheiras, & vinde aqui fazer sombra a estes encalmados servos do Senhor.*

20 A esta voz estenderam o pescoço como em sinal de que obedeciam; foram, & voltaram brevemente com huma nuvem de Goarazes, a qual se pos sobre a Canoa, & por espaço de huma legoa fizeram sombra; athe que entrando viraçam fresca, nam sendo jâ necessarias, o Padre as mandou ir; & ellas fazendo applauso com a tosquidam de suas vozes, se tornaram aos seus bosques, donde tinham vindo. Cousas saõ estas, tantas, & tam juntas, que mais parecem sonho, que verdade; mas quem sabe, que Deos tem em suas obras fins mui profundos, nem as tem pro ociosas, nem hâ porque se cuidem ser fingimentos; pois foram à vista de tantas te-

teſtimunhas, & as eſcrevem homens de grande virtude, & verdade, & conſtam de proceſſos autenticos, que ſe fizeram em ordem à canonizaçaõ deſte Santo Padre; ao qual parecia ter Deos avinculado ſua Omnipotencia, pera com eſtes prodigios confirmar na Fè aquella primitiva Igreja do Braſil.

CAPITULO XLII.

Como voltou à Bahia: da efficacia de ſuas orações em dous perigos, & outras diverſas couſas raras, que obrou Deos por elle na Bahia.

1 Corria o anno de 1585, quãdo ſe embarcou do Rio pera a Bahia em companhia do Padre Viſitador Chriſtovam de Gouvea, & outros Religioſos noſſos. Sendo os tempos adverſos, paſſado com trabalho o Cabo Frio, foram obrigados a lançar ferro junto da Ilha Ancora, nam mui diſtante do Cabo. Eſtando aqui em ſoſſego, ſahio do ſeu camarote o Padre Anchieta, & diſſe ao Piloto, que a toda a preſſa levantaſſe ancora, & deſſe à vela. Naõ vendo o Piloto ſinais de mudança, diſſimulou. Inſtou o Padre, que ſe o naõ fazia logo, depois, quando quizeſſe, nam poderia.

2 Palavras nam eram dittas, quando entrou vento ſul tam furioſo, que o Piloto ſe vio em aperto, nam ſabendo ſe acodiria à vela, ou à ancora. Valeoſe da vela, por nam ir naufragar nos arrecifes, & foi arraſtando a ancora. Com trabalho ſahio do perigo, ficando certo, que ſem revelaçam nam podia o Padre conhecer eſta mudança de tempo.

3 Na meſma paragem cahio enfermo com doença perigoza o Padre Ignacio Toloſa da noſſa Companhia. Conſultaram os Padres, ſe aviam por eſta cauſa de tornar ao Rio, pera aſi ſer curado; ou ſe morreſſe, foſſe enterrado em noſſa caza. Encommendou o Padre Anchieta eſte ponto a Deos; & diſſe ao Irmam, que tratava do enfermo, que lhe deſſe alguma mèſinha, que ſararia, & continuariam a viagem. Perguntoulhe o Irmaõ; ſe era certo, que nam avia de morrer? Reſpondeo, que ſim; mas que lhe deſſe a meſinha. A meſinha nam foi outra mais, que hum caldo de gallinha, com o qual ficou de repente ſaõ, com aſſombro de todos; & alegres continuaram ſeu caminho.

4 Por força dos ventos foram deſcaindo athe a enſeada chamada Vaſabarriz, deixando por poppa a Bahia. Eſta enſeada he mui occaſionada a naufragios, & por ſer entam habitada de Indios comedores de gente, era mais formidavel. Aqui lhes deu tal tormenta, que nem ſe podiam fazer à capa, nem ir ao mar: dar na terra, & ſer comido era o meſmo. Tres dias durou; jâ Piloto, & marinheiros, & os mais tratavam ſó de confiſſam, que o mais julgavam por acabado. Todos eſtes tres dias o Padre Anchieta paſſou no conves amarrado com os braços às cordas do maſtro grande em oraçam.

5 Sahindo hum Irmam debaixo da tolda, ſe lhe abraçou com os pès, pedindo confiſſam. Olhando pera elle o Padre lhe diſſe: *Nam he neceſſario.* Inſtou o Irmaõ: *Pois naõ he verdade, que morremos aqui?* Reſpondeo: *Ninguem hà de morrer.* Tornou o Irmam: *Vou dar eſſa nova aos Padres, que ſe tem por acabados?* Reſpondeo: *Deixai, que nada perdem em encommendarſe a Deos, & vòs ide deſcanſar.* Jurou eſte Irmam, que lhe deram eſtas palavras tal confiança, que ſem cuidado algum ſe fora encoſtar a dormir. Dahi a pouco abonançaram ventos, & mares, & entraram no

porto da Bahia.

6 No Rio lhe tinha pedido a Companhia hum Vicente Gomes. Respondeo o Padre, que o receberia na Bahia, depois de concluir os seus negocios. Com isto ficou satisfeito. Vindo à Bahia, & correntes seus negocios, se esqueceo do seu proposito. Passado tempo, o encontrou o Padre Anchieta, & lhe perguntou, se estava desembaraçado do mundo? Respondeo: *Sim estou*; *mas mudei de conselho*; *quero ir a Portugal*; *lâ serei da Companhia*, *& morrerei*. A isto batendolhe o Padre com a mam no hombro, lhe disse com rosto severo: *Vicente Gomes, a Portugal ireis vos, mas a morrer, nam serà là, nem na Companhia, mas cà no Brasil, & da maneira, que merece quem vira as costas a Deos.* O cazo foi, que este homem ouve em Portugal provisam de levantar povoaçam no Cabo Frio, em que avia de ter mando. Estando ali em Cabo Frio, se entrou nos matos, que eram serrados, & perdendose dos companheiros, sem atinar com caminho, dahi a hum anno o foram achar morto, & mirrado na lapa de hum penedo.

7 Indo da Bahia pera Jacareacanga se agazalhou em caza de hum homem nobre. Fizeraõlhe cama apparatoza. Vendoa o Padre, disse, que se nam cansassem, pois nam avia de dormir nella, senam em huma rede de Indios. Responderam, que naõ avia ali escapolas, em que a armar. Pondo o Padre os olhos na parede vio huma argola, & disse: jà aqui temos huma escapola; em lugar da outra busquẽme hum prego, & deixẽme com isto. Achouse o prego, mas nam avia martelo. *Nada importa*, respondeo o Padre: tomouo com os dous dedos pollegar, & indice; meteo na parede, como se ella fosse de manteiga. Atoulhe a rede, & dormio nella. No dia seguinte, querendo arrancar o prego com huma torquez, o nam puderam fazer: & ficou por memoria naquelle lugar, onde o hiam ver, como a huma das maravilhas do Santo Padre Anchieta.

8 Mais avultada foi a seguinte maravilha. Fora o Governador Lourenço da Veiga com outros Ministros Del-Rey fazer certa diligencia no destrito de huma aldea nossa chamada do Espirito Santo. Ouveram de ir com elles o Padre Provincial Jozeph de Anchieta, & os Padres Vicente Rodrigues, & Gaspar Lourenço. Chegando ao Rio, que chamam Joanne, o acharam mui crescido com as agoas do sertam.

9 Em quanto passavam por huma ponte de varas, os Indios a nado levavam os cavallos pellas redeas. O do Governador, que era briozo, fez no rio tais bravezas, que ouve o Indio de o largar; foise elle embaraçar com a redea em a rama de humas arvores, & morria à vista de todos, naõ avendo quem ouzasse a lhe acodir. Hia o Padre Anchieta entam na ponte, & o Governador, & atras o Padre Gaspar Lourenço; vendo o perigo do cavallo, disse ao Padre Gaspar: *Padre, lancese ao rio, va livrar o cavallo.* O obediente Padre, sem ver o seu perigo, obedeceo sem demora; assim vestido se botou da ponte abaixo, & indose ao fundo, em breve foi surgir onde estava o cavallo, desembaraçoulhe a redea & sahio com elle pera fora do rio. Estando todos entre admiraçoẽs do succedido, disse o Governador a seus criados, que dessem ao Padre outros vestidos. A isto acodio o Padre Anchieta dizendo: *Nam he necessario, que o Padre naõ vem molhado.* E assim era, sendo que vestido andara em o rio à vista de todos. Tanto pode neste servo do Senhor a obediencia cega, com que sem tratar do seu perigo, só poz os olhos em obedecer, & nos deixou hum dos portentosos exemplos, que hà nesta materia, em que Deos concorreo cõ mi-

milagre, como em Santo Amaro, quando entrou na alagoa por mandado de Sam Bento.

10 Deixo outras muitas cousas raras, como ser visto levantado no ar em Nossa Senhora da Escada no Pirajá; & tambem com azas de Seraphim tendo oraçam no coro diante do Senhor. Assim mesmo passo em silencio, quando acompanhando ao Bispo Dom Antonio Barreiros, ficando muito atras, chegou primeiro a outra aldea, & o sahio a receber, o que segundo as circunstancias nam podia estar com modo natural de fazer o caminho. Naõ digo, como pera consolar hum doente fez aver doces, donde avia certeza nam estavaõ. Nam fallo, em como da Bahia mandou dizer ao Padre Jozeph Morinello, que estava no Rio de Janeiro entrèvado, que sarasse, porque tinha huma viagem comprida, que fazer; & dado o recado, sarou logo sem outra mèsinha, & depois foi do Brasil a Italia. Deixo, digo, estas cousas, por ter referido jâ muitas a ellas semelhantes.

CAPITULO XLIII.

Acaba de ser Provincial: he mandado pera o Rio de Janeiro, & dali pera o Espirito Santo; & algumas das cousas, que obrou naquella Capitania.

1 OIto annos avia, que era Provincial; achavase mui cansado; rogou instantemente ao Padre Vizitador Christovam de Gouvea, que o aliviasse desta carga, pois suas enfermidades nam eram jâ pera tam grande pezo. Ouvidas suas rezoẽs, que eram efficazes, foi posto em seu lugar o Padre Marçal Beliarte. E o Santo Padre Anchieta no anno de 1586 passou a viver no Collegio do Rio de Janeiro. Era ali Reytor o Padre Fernam Cardim; os Sacerdotes poucos, & muito, que fazer, assim na cidade, como nas aldeas; por isso o lugar nam foi de descanso pera os seus achaques. *A saude do corpo* (dis elle em huma carta pera o Padre Tolosa) *he fraca; mas tal, que ajudada das forças da graça, dura: que Deos nam falta, se primeiro eu me nam deixo a mim.*

2 Por este tempo padeceo huma tam grave doença, que todos se persuadiam ser a ultima; era em todos muita a descõsolaçam, & mais no enfermo, pella que via terem seus Irmaõs. Querendoos tirar do susto, em que estavam, chamou a alguns dos mais sentidos, & disselhes: *Ninguem se desgoste no Collegio, porque eu nam hei de morrer desta, nem nesta cidade: no Espirito Santo me esperam meus ultimos dias.* Este seu ditto os aliviou, porque viram pouco depois sua melhoria; & a seu tempo falleceo onde tinha ditto.

3 Do Rio de Janeiro foi mandado pera a Capitania do Espirito Santo, a qual fica no meyo da de Saõ Vicente, & da Bahia em igual distancia de hũa, & outra. Fez residencia na aldea chamada Reritigba. Daqui escreveo a seguinte carta ao Padre Ignacio Tolosa, que por ser breve, & cõter grandes exemplos, nam he rezam a passe em silencio.

4 *O Padre Provincial* (dis a carta) *me mandava licença, pera que estivesse em qualquer parte da Provincia, que quizesse: nam quis tanta liberdade, porque soe ser causa de ceguira, & errar o caminho; nam sabendo o homem escolher o que lhe convem. E fora grande desatino, avendo eu quarenta, & dous annos, que deixei em tudo a livre disposiçaõ de mim na mam dos Superiores, querer agora no cabo de minha velhice dispor de mim.*

5 *Pusme nas maõs do Padre Fer-*

Fernam Cardim Reytor do Collegio do Rio de Janeiro, & ordenou Nosso Senhor, que acompanhasse ao Padre Diogo Fernandes nesta aldea de Reritigba, pera o ajudar na doutrina dos Indios, com os quais me dou melhor, que com os Portuguezes, porque àquelles vim buscar ao Brasil, & nam a estes; & jâ poderâ ser, que ordene a Divina sapiencia, que acõpanhe ao mesmo Padre em alguma entrada ao sertam, a trazer alguns delles ao gremio da Igreja; & pois nam mereço por outra via ser Martyr, ao menos me ache a morte desemparado em alguma destas montanhas, Ubi ponam animam meam pro fratribus meis. *A disposiçam corporal he fraca, mas essa basta com a força da graça, que da parte do Senhor nam faltara; & porque eu da minha nam falte,* Porrige tu dextrã, & benedic mihi filiolo tuo in Christo JESU Domino nostro. *Jozeph.*

6 Esta sua carta, sua indifferença, seu zelo das almas. Caminhava hum dia a pè descalço desta pera outra aldea com o Padre Jeronymo Soares, ao qual disse estas palavras: *Padre Soares, alguns dezejam, que os colha a morte em algum Collegio, ou Residencia, pera passar aquelle tranze com maior animo, ajudados de seus Irmaõs; porem eu vos digo, que naõ ha genero de morte melhor, que deixar a vida por estes montes, & por estas alagoas por obediencia a soccorrer os proximos.*

7 Aqui nesta aldea fazia o Padre Anchieta mais vida de Anjo, que de homem. Quatro eram os Sacerdotes; dizia elle a sua Missa, & ouvia as outras tres de joelhos. De noite era ouvido em suas oraçoẽs dar muitos suspiros, como se naõ lhe coubesse no peito o seu fervor. Em si andava sempre alegre, & infundia em todos esta mesma alegria.

8 Muitos cazos maravilhozos de profecias, & revelaçoẽs teve nesta aldea, das quais foi huma, a com que livrou de affliçam a certo Padre, que com elle rezava. Vierase com este Padre confessar huma India, & se accusou ter cõmettido peccado carnal com hum Religiozo dos que alì viviam. Ficou o Padre mui sentido da disgraça de seu Irmam, de quem tal nam podia sonhar. Penetrado desta magoa, a revolvia dentro de si, pois a nam podia communicar a outrem, nem desabafar. Andando assim, foi rezar com o Padre Anchieta; o qual pondo nelle os olhos, como quem conhecia sua tristeza, lhe disse: *Padre meu, naõ se desconsole, porque o mesmo, que agora lhe aconteceo, passou por mim em Piratininga; que confessando huma India, se accusou seriamente, de que tivera peccado semelhante com outro Religiozo: examinando eu bem o cazo, achei, que fora entre sonhos: torne a examinar a cousa, & acharà, que foi o mesmo, & sahirâ desse cuidado.* Com isto se aliviou o Padre, & achou ser assim. Tam rude he aquella gente, que nam distingue o sonho da realidade. E se este, & semelhantes cazos nam tivessem jâ de aviso os confessores, a cada passo se veriam em descõsolaçoẽs, os que andam entre aquelles Indios.

9 Deste seu retiro foi o Padre Jozeph de Anchieta obrigado a ir à Bahia, como foi pera assistir à Congregaçam Provincial, em que sahio eleito por Procurador a Roma o Padre Luis da Fonseca, que fora seu cõpanheiro. Era de poucas forças, & achacado. Teve sentimento da eleiçam hum Padre seu amigo, que estava em Pernambuco, por lhe parecer, que morreria na jornada. Escreveo ao Padre Anchieta notandoo, que consentisse nesta eleiçam; mas jâ que era feita, lhe rogou, lhe dissesse, se avia de tornar, ou nam, com vida. Respondeo estas palavras: *O Padre Fonseca vai aonde Deos o manda; &*

sup-

ſuppoſto, que athe a Congregaçam andava com pouca ſaude, com tudo na meſma viagem, quando aviſtou Pernambuco, eſtava jà melhor, & ainda que cõ grandes incõmodos chegarà a ſalvamento a Roma, concluirà os negocios a ſeu goſto, & com approvaçam de todos, & tornarà onde Deos lhe tem aſſinalado o fim ultimo de ſuas jornadas: aſſim que pois o Senhor o tem ordenado, he neceſſario, que nos ajuſtemos com ſua ſantiſſima vontade. Eſtas ſuas palavras; tudo ſe vio cumprido. O Padre foi a Roma, fez ſeus negocios; voltando, falleceo em Madrid.

10 Tornouſe o Padre Anchieta a recolher à ſua aldea de Reritigba, & a continuar em ajudar aos proximos, ora diſcorrendo pellas fazendas dos Portuguezes, ora pellas aldeas dos Indios. Trazendo o Padre Diogo Fernandes, que era ſeu companheiro, grande numero de Indios do ſertam, entre elles veyo hum, que ſó podia andar ſobre pès, & maõs, como bruto: os ſeus lhe chamavam por iſto o veado; & neſta forma andara muitas legoas. Sahio o Padre aos receber, deu a boa vinda, & parabens da colheita ao Padre, & logo aos Indios, dizendolhes o grande bem, a que eram chamados. Como todos o ouviſſem de pè, & ſó aquelle eſtiveſſe aſſentado, querendolhe o Padre eſtranhar o modo, os mais ſe riram, dizendo, ſer aleijado. Aqui o Padre compadecido, & ſabendo, como aſſim andara tantos caminhos, o chamou a ſi; deulhe ſeu bordam, dizendo, que pois naſcera pera o Ceo, andaſſe em pè, & direito. Em pondo a mam no bordam o ditoſo Indio, começou a andar em pè, & ficou de todo livre do ſeu aleijam.

11 Na aldea de Noſſa Senhora da Conceyçam alcançou vida com ſuas oraçoẽs a hum Indio jà pranteado por morto. Em Reritigba nam podendo os Indios lançar ao mar hũa Canoa, tanto que o Padre a tocou com a maõ, deſpedio da terra, & entrou na agoa.

CAPITULO XLIV.

He feito Superior da caza do Eſpirito Santo, & couſas, que ali obrou.

1 Hia o Padre Jozeph de Anchieta, ſendo ſubdito, paſſando ſeus canſados annos na Capitania do Eſpirito Santo, quando lhe chegou carta do Padre Provincial, em que lhe ordenava, que por ſerviço de Deos tomaſſe à ſua cõta o governo da caza do Eſpirito Santo, & ſuas Reſidencias. Andava entam em miſſoẽs com o Padre Joam Fernandes: mandoulhe o Superior ſómente hum recado, dizendo, era neceſſario acharſe Sua Reverencia em caza, ſem lhe declarar mais couſa alguma. Ouvindoo, diſſe pera o companheiro: *Padre Joam, ſabe oque he? Chamaõme pera Superior: veja em que eſtado?* Entregouſelhe a carta; com toda a ſubmiſſam ſe ſogeitou ao trabalho.

2 Quatro aldeas de muitos Indios eſtavam ao cuidado dos noſſos. O Padre ſe achava muito debilitado de forças corporais, velho, enfermo, & quebrado. Entam por aſſim poder conſolar a todos, permittio ſer levado pellas aldeas em huma rede ao modo, que ſe uza no Braſil; couſa, que athe eſte tempo nunca quizera uſar, fazendo ſempre a pè ſeus caminhos.

3 Foi continuando em o ſeu trato com Deos, & com o proximo. Ouvioſelhe dizer, que nenhum penſamento o divertia da meditaçaõ. A's vezes eſtando à meza, rompia fallando com Deos, como ſe eſtivera em algum retiro, nam podendo conter dẽtro o ſanto calor, em que ardia. O rigor,

gor, que ainda neſtes annos, & achaques uſava comſigo, era [mais que muito. Viaõſe as abſtinencias; ouviaõſe as diſciplinas. Sabiaſe da aſpereza dos cilicios. Sempre tomava o ſono veſtido. Em velar ſobre os enfermos de caza, ſe os avia, nenhum era mais cuidadozo.

4 No cubiculo naõ permittia roupa, ſenaõ a preciza, & eſſa remendada, & a peyor de caza. Nam ſe via ali eſcrivaninha, nem penas pera eſcrever; folgava de as pedir empreſtadas. As peças do ſeu theſouro eram cilicios, diſciplinas, & ſemelhantes inſtrumentos de rigor. Fazendo tantos caminhos, nunca jâ mais andou a cavallo. Perguntandoſelhe a cauſa, reſpondeo com donaire, que lhe fazia mal ao deſconcerto das coſtas. A outro fallandolhe niſto diſſe: *Que vos parece, como iriam ayrozas as minhas coſtas?*

5 No trato com os ſubditos, & proximos ſempre guardava a meſma igualdade, ſem os aggravos o fazerem ſahir de ſi hum ſó ponto. Em certa controverſia com hum vizinho, que com o ſeu edificio nos queria tirar a viſta das janellas, fallou o Padre Anchieta com mais efficacia. Depois julgando ter excedido os limites, diſſe a hum Religioſo noſſo como ſentido daquelle, que tinha por exceſſo: *Pezame, de ter dado àquelle homem cauſa de ſe enojar; mas eu lhe darei ſatisfaçaõ.* Elle a deu tal, que o homem de noſſo deſaffeiçoado ſe tornou grande amigo da Companhia, & ſe confeſſou geralmente com o Padre, ſendo aſſim, que antes ſe naõ confeſſara em noſſa caza.

6 Neſte povo aconteceo, que huma mulher fingindoſe enferma, mandou chamar nomeadamente a hum noſſo Padre, pera ſe confeſſar. Tendoo no ſeu apoſẽto, lhe deſcobrio ſua infernal payxam. Aſſuſtouſe o caſtiſſimo Religiozo; & com arte, & manha ſe livrou daquelle perigo, dizendolhe, que mandaſſe trazer hum pucaro de agoa: vindo a criada, fes o Padre reverencia à enferma, & ſe deſpedio; ficando ella mais tola do que era. Voltouſe o Padre a caza aſſombrado com o ſuſto. Ao recolherſe paſſou pella ſancriſtia, onde ſe eſtava reveſtindo o Padre Anchieta pera dizer Miſſa; o qual pondo os olhos no Padre lhe diſſe eſtas palavras: *Petre* [eſte era o ſeu nome] *ego rogavi pro te, ut non deficeret fides tua. Eu roguei por Voſſa Reverencia, pera que naõ faltaſſe na fe, que devia à Religiaõ.*

7 Ficou certificado o Padre de que Deos revelara a ſeu Superior o ſeu perigo. Depreſſa o ſoube mais claramente. Veyo a meſma mulher à Igreja; pedio hum Padre pera ſe confeſſar, a tempo, que eſte Padre rezava o officio Divino com o Padre Anchieta. Deu recado ao Sancriſtaõ. *Em acabando a reza* [dis o Padre Anchieta] *irâ Voſſa Reverencia fazer aquella confiſſam.* Ficou aſſuſtado, & reſpondeo: *Voſſa Reverencia ſabe onde me manda? Sim ſei,* diſſe elle: *va remediar eſta alma; da parte de Voſſa Reverencia nam hâ inconveniente, & ella a nenhum outro hâ de deſcobrir o ſeu peccado.* Foi o Padre, & achou vir a mulher contrita, & aſſim a remediou.

8 Certa Dona naõ achava hum eſcritto de divida, pera em juizo convencer o acrêdor. Recorreo ao Padre, o qual lhe mandou dizer, que buſcaſſe nas dobras do ſeu manto, & o acharia. Tinha ella jâ depois de o buſcar ſahido com o manto fora de caza, & lhe pareceo couſa, que naõ podia ſer. Com tudo foi, & ali eſtava.

9 Oito dias avia, que huma mulher eſtava à morte, padecendo grandes dores; diziam ſer eſpaſmo, que lhe tomava a falla. Recorreoſe ao Padre Anchieta, que ſabendo por revelaçaõ o que era, diſſe a hum Padre:

Va

Va Vossa Reverencia; diga àquella coitada em segredo, que o Padre Jozeph nam pode ir là, & lhe manda, confesse tal peccado, que fes sendo moça hà trinta annos, & o encobrio por vergonha, & logo sararà. Dandolhe o Padre o recado, deu hũ ay dizendo: esse he todo o meu mal. Confessouse, & de repente ficou saã.

10 A hum nosso Religioso, que vinha das Aldeas, ao primeiro abraço disse: *Ah Manoel Quintal, quantos trabalhos vos esperam em toda a vossa vida?* Ficou elle perturbado; temeo, & tremeo; foi despedido da Companhia, & padeceo grandes, & continuos trabalhos.

11 Neste seu governo teve por subdito, & discipulo ao Santo Padre Joaõ de Almeyda, homem em virtudes, & prodigios admiravel, como testimunha sua vida, que anda impressa. Aqui o fundou o Padre Anchieta em rara humildade, & nas outras virtudes, comque foi o segundo assombro da America; digno discipulo de tal Mestre, & o Eliseu deste Elias. Reconhecia elle ter neste magisterio aprendido, quanto era. Em todas as occasioẽs, que lhe fallavam em moderar rigores, logo se valia do exemplo de seu santo Mestre, dizendo, que assim o fazia. Em fim o Padre Joaõ de Almeyda he hum valente elogio do Santo Padre Anchieta.

12 De muitos perigos livrou aquella Villa do Espirito Santo. Passeando em huma varanda, donde se descobre o quintal da caza, a deshoras chamando hum moço de caza, lhe disse: *Ide a toda a pressa ao Capitaõ, que digo eu, mande tocar caixa, & prepare as cousas em ordem à defensa, porque ham de vir cossarios Frãcezes.* Preparouse; vieram os cossarios, & achando a terra com prevençaõ, se foram sem poder fazer mal.

13 Em outra occasiaõ, estando tudo em bella pas, o Padre mandou ao porteiro, que subindo à torre do sino, desse rebate. Perturbouse a terra; vieram saber, q̃ fosse. Respondeo o Padre, q̃ estivessẽ de avizo em arma, porque na menhaã seguinte viriam inimigos. Logo se prepararam. No dia seguinte entraraõ no porto inimigos, saltaram em terra, mas achando as cousas como nam cuidavam, se ouveram de retirar.

14 Naõ tendo chovido de Março athe Agosto, recorrendo ao Padre, mandou fazer procissam, & tanto que ella começou, se desfes o Ceo em chuva. Naõ avia aperto, nem doença, em que nam tivessem nelle soccorro os affligidos. Sam muitas as pessoas, aquem tirou das maõs da morte, alcançandolhe de Deos saude repentina. Seria cousa importuna, se ouvera de individuar todos estes cazos.

CAPITULO XLV.

De algumas cousas, que obrou neste tempo. Como foi pera Reritigba, & tornou a ser Superior; & o mais, que lhe succedeo.

1 TEndo os moradores da Capitania do Espirito Santo guerra com os Goaytacazes, naçam por extremo feroz, & barbara, q̃ vivia entre alagoas, & charcos, lugares inaccessiveis, o Padre Anchieta a muitas pessoas, que planteavam por mortos aos seus, assegurou, que eram vivos, & as tirou dos seus prantos. Huma ves no pulpito em o meyo do sermaõ parou, & pedio hum Padre Nosso, & huma Ave Maria, pellos da guerra, dizendo, estarem naquelle ponto em hum grande perigo; depois se soube, que assim fora.

2 Aqui tambem se vio muitas vezes obedeceremlhe as aves, & animais. Huma mona brava chamada por

elle lhe acodio, & ficou mansa. Dous passaros chamados Canindès, quãdo avia de prègar em outras Igrejas, o acompanhavam a pè, & voando; quando subia ao pulpito, pouzavam no campanario; sendo lõgo na prègaçaõ, grasnavam, como fazendo sinal, que acabasse. O Padre lhe respondia do pulpito: *Logo acabaremos*. Outra ves disse pera os ouvintes: *He bem que acabemos, porque tem rezam*; alludindo ao grasnar dos passaros.

3 Dezejava Miguel de Azevedo certa lagem grande pera mesa do seu engenho de assucar; porem toda a sua gente a nam podia abalar. Achandose o Padre junto a ella com o ditto homem, & contandolhe o seu dezejo, & impossibilidade, lhe disse o Padre, que mandasse vir a gente, que elle ajudaria, & esperava em Deos teria effeito. Vieram homens, & tocandoa o Padre, a foram logo movendo. Porque se visse mais, que era força sobrenatural, chegando à porta do engenho ficou immovel, sem a poderem mais abalar: tornou o Padre a tocala, & logo a puderaõ mover, & assentar no lugar, onde queriam: por memoria do milagre se chama ainda hoje a lagem do Padre Jozeph de Anchieta.

4 Fizeraõse festas de cavallo na aldea de Sam Joam; assistia o Padre Anchieta: ouve controversia, sobre aquem dos cavalleiros pertencia hum pato: tomaram por juis ao Padre. Porque se visse seu desinteresse, chamou pera si hum minino de sinco annos mudo de seu nascimento, dizendo: *Este darâ a sentença*. Estando todos à roda, por ser o minino mui bem conhecido, & notoria sua mudez, elle fallando mui expedito disse: *O pato he meu, & a mim se me ha de dar, peraque o leve a minha mãy*. Ouve entre as admiraçoẽs do prodigio grande applauso com a sentença, & o minino se foi pera caza com a falla, & com o pato.

5 Como o Padre andava taõ cortado, se procurou aliviar do governo, & se tornou a Reritigba. Sahio na rede a hombros de Indios, como ja entaõ por sua muita debilidade tinha em costume; mas logo que se vio fora do lugar, como envergonhandose do regalo, & descanso da rede, se poz a pè, & Deos lhe deu tal alento, que os mais valentes andadores o nam podiam alcançar.

6 Nesta aldea se foi vendo, que andava jâ proximo à jornada da immortalidade, como quem sabia o dia, em que avia de ser. Aos achaques, que padecia, costumava chamar mensageiros da morte. Aqui se deu a escrever vidas dos Religiozos da Companhia, que no Brasil eram mortos. Os achaques o apertaram em forma, que cahio em a cama. Cuidouse ser esta a ultima doença: mas logo com o sucesso seguinte imaginaram os Padres, que desta nam acabaria. Foi o cazo, que o Padre Jeronymo Rodrigues muito seu amigo lhe entrou no cubiculo a tempo, que o enfermo tinha na maõ hum pedaço de espelho, que o mesmo Padre Jeronymo pera outra cousa ali tinha deixado. Em se chegando a elle o Padre Jeronymo, disse assim o enfermo, fallando em verso Portuguez: *Padre Jeronymo,*

Vime agora neste espelho,
E comecei a dizer:
Corcóz, toma bom conselho,
E faze bom apparelho,
Porque sedo has de morrer.
Mas com juntamente ver
O beiço hum pouco vermelho,
Disse: fraco estàs, & velho,
Mas pode ser, que Deos quer,
Que vivas pera conselho.

Por

Por estas palavras entenderam os Padres, nam morreria da prezente doença, & que viver pera conselho denotava algum segredo, que entam lhes nam occorria. Brevemente se vio o mysterio, porque lhe vieram cartas do Superior, que fosse Admonitor, & que quem governava a caza nada fizesse sem seu conselho.

7 Recebida esta carta, lhe escreveo o Superior da caza, que vista sua doença, & o dezejo grande, que tinha de o ter comsigo, pera se valer do seu conselho, lhe pedia, quizesse ir pera a Villa, onde teria mais remedio, & todos mostrariam o dezejo, que tinham de o servir. Quando chegou esta carta, estava taõ fraco, que julgaram os Padres, correria sua vida perigo, se bolisse comsigo. Com ser isto assim, entrou em escrupulo, se faltava à obediencia, porque ainda que o Superior o nam mandava, nam se podia negar o sinal de sua vontade. Levado do escrupulo mandou chamar assim os Padres de caza, como de outra aldea vizinha; proposlhe o seu escrupulo. Resolveram, que avia perigo. Ficou quieto aquelle dia, & noite; mas como o escrupulo lhe picasse, disse ao Padre, que delle tinha cuidado: *Padre Jeronymo, eu estou determinado de ir pera a villa, porque nam quero deixar aos moços exemplo de pouca obediencia, & que se diga, que sendo eu desta idade, deixei exemplo menos bom. Busquemme alguns mancebos, que me possam levar.* Tal exemplo em tais circunstancias se pode bem contar entre os admiraveis prodigios deste grande servo de Deos.

8 Foi com elle o Padre Jeronymo Rodrigues com os Indios de Reritigba athe a aldea chamada Goaraparim. Ali se despediram delle com muitas lagrimas, imaginando, que o nam veriam mais. Porem o Padre pera os consolar lhes disse: *Fiquemse embora; estejam de bom animo, que ainda nos hemos de tornar a ver nesta vida; desta nam hei de morrer.*

9 De Goaraparim por diante começou a ter alguma melhoria, & em caza entrou mais em si. Neste tempo se deu cumprimento a huma profecia sua. No tempo da doença em Reritigba lhe disse o Padre Bras Lourenço, que alguns choravam, porque Sua Reverencia nam avia de tornar a ser Superior. A isto respondeo: *Nam? Pois veja Vossa Reverencia o como; & sabia, que eu hei de ser ainda Superior, antes que morra.*

10 Succedeo pois, que estando aqui lhe vieram cartas do Padre Provincial, que fosse Superior da caza, & Residencias, em quanto nam chegava o Padre Pedro Soares, que estava destinado pera este governo. Tardou em vir sinco, ou seis mezes, & outros tantos governou o Padre Anchieta. Neste tempo obrou algumas cousas notaveis, como alcançar saude a hum Joam Soares grande seu amigo. Dizer a huma Dona devota da Companhia o dia, emque seu marido, que oito annos andava auzente, lhe avia de entrar pellas portas de caza. Faltando farinha, & vinho pera o santo sacrificio da Missa, assinou o dia, em que entraria navio do Reyno, & se acodiria a esta falta. Mandando hum Padre de Pernambuco certa esmola, que dava hum rico, pera ali se repartir a pobres, sem dizer o nome do homem, o Padre Anchieta na reposta ao Padre dizia, que da sua parte desse as graças a Christovam Paes (este era o nome do homem;) o qual sabendo isto, tomou a carta, & a trazia por reliquia.

CAPITULO XLVI.

De sua ultima doença, & santa morte. Sentimento, que nella ouve, & como Deos a illustrou.

1 TEndo o Padre reparado algũ tanto a saude, & entregue o governo da caza ao novo Superior, se quis recolher outra ves a Reritigba, onde Deos tinha determinado, que fosse o occaso deste sol. Quando se ouve de embarcar, o foi acompanhando athe o porto entre outra gente Joaõ Soares, a quem dissemos alcançara saude: no ultimo abraço lhe disse estas palavras: *Filho meu, ficaivos embora; jâ mais nos nam communicaremos nesta vida, & ainda que vos me aveis de tornar a ver neste mesmo lugar, serà em tempo, que vos nam poderei fallar.* O que se cumprio, quando seu cadaver ali foi trazido.

2 Chegando à aldea, em final da sua alegria o sahiraõ a receber muitos Indios de pouco vindos do sertaõ. Os vivas eram muitos prantos, & choros tristes; costuma esta ser a maior significaçaõ de alegria entre aquellas gentes pera cõ os q̃ de novo saõ seus hospedes. Taõ varias saõ as naçoẽs do mundo em seus estylos. Reparou o P. no tal recebimento, como que era o mais proprio aquem estava tam perto da morte, como elle, pois lhe constava jà de muito tempo, quando avia de ser, & tambem o lugar.

3 Depois que entrou em Reritigba, tudo foram dezejos de acabar esta vida mortal. Vieraõlhe accidentes, & enfermidade, que o obrigou a lançarse em a cama. A paciencia foi rara; nunca se lhe ouvio queixa, nem ay. Todo se poz na disposiçaõ dos que o curavam; obedecia promptamente a quanto lhe ordenavam, applicando sem replica as mèsinhas, ainda que bem via, nam teriam effeito.

4 Correndo sua enfermidade, foi necessario fazerse hum xarope pera outro enfermo; nam avia a destreza necessaria em quem o compunha; levantouse o Padre, aindaque mal se podia ter, mas sua charidade lhe dava alento; foi à cozinha, deu ordem ao medicamento. Como estava ja tam debilitado, teve hum desmayo, comque cahio em terra como morto. Assim frio, em braços o meteram na cama. Descahio tanto, que se perderaõ as esperanças de sua vida.

5 Tornando em si, quanto mais se avizinhava à morte, mais suspirava por ella. Abraçavase com as imagens de Christo, & da Senhora; dizialhes palavras mui devotas. Sinco Sacerdotes nossos, que entaõ ali assistiam, de ordinario estavam à sua cabeceira. Pedialhes, que athe o ultimo arranco lhe fallassẽ sempre de Deos, & dissessem palavras santas. Sentindose mui desfallecido, pedio àpressa o Santo Viatico, & Unçaõ. Pouco depois de os receber, começou de entrar em agonia, & com os Santissimos nomes de JESUS, & Maria na bocca deu seu espirito ao Senhor hum Domingo nove de Junho de 1597, quarenta, & quatro depois que entrou no Brasil, quarenta, & sette de Religiaõ, & sessenta, & quatro de idade, em a aldea Reritigba na Capitania do Espirito Santo.

6 Ficou seu corpo bem assombrado, como aquelle, que fora morada de huma tam santa alma. Foi o Padre Anchieta de estatura mediocre, diminuto em carnes, no vigor do espirito robusto. Em cor trigueiro, os olhos parte azulados, testa larga, nariz comprido, barba rara, mas no semblante inteiro, alegre, & amavel. Seu coraçaõ era magnanimo, feito pera altas emprezas, & maior que todas ellas; nas difficuldades generoso, & pare-

parecia crelcer com eſtas.

7 Entre as lagrimas de ſeus Irmaõs foi o corpo compoſto, amortalhado, & metido em hum caixam de madeira. Divulgada a morte, ſe deſpovoaram as aldeas dos Indios: homens, mulheres, mininos, todos cõcorreram, desfazendoſe em gemidos, como ſe cada hum perdeſſe o que maisamava. Elegeram a ſeu modo prègadores, que pellas ruas, & praças pregoavam ſeus feitos grandioſos, o muito amor, q̃ lhes tivera, & quanto por elles padecera: queixavaõſe ao Ceo de lho tirar.

8 Reſolvendo os Padres, de q̃ foſſe a enterrar à villa do Eſpirito Santo, os Indios determinaram de o acompanhar athe là, & o fizeram, ſe os Padres o nam impediram. Quando partiram, ſe formou prociſſam com pompa funeral. Hia diante Cruz alçada; ſeguiaõna o Padre Joam Fernandes com alva, & eſtola, & grande multidaõ de Indios diſpoſtos em ordem, & em canto funebre.

9 Sendo o caminho de quatorze, ou quinze legoas, nenhum dos que levavam o corpo teve algum cãſaço, antes conſolaçam, & alivio: admirados diſto os Indios diziam hũs pera os outros: *Eſte corpo nam peza.* De ſi confeſſou o Padre Joaõ Fernandes, que indo a pé de dia, & de noite tam grande caminho, nem canſaço, nem ſono ſentira, antes hũ cheiro ſuaviſſimo, & conſolaçaõ como do Ceo. O meſmo confeſſou o Padre Pedro Soares.

10 Avendo de paſſar hum rio antes de chegar à villa, entrava nelle com furia o mar, & nam era poſſivel, que a Canoa o pudeſſe contraſtar; porem tanto que ſe meteo o corpo na Canoa, foi couſa eſtranha, que os vẽtos, & a braveza das agoas ſe amanſou, & ficou mar leite.

11 Chegou ao porto da villa, que toda eſtava poſta de luto. Sahiram ao receber o Capitam da terra Miguel de Azevedo, o Prelado Adminiſtrador Bartholomeu Simoẽs, os Padres de Saõ Franciſco, os Irmaõs da Miſericordia com eſquife rico, & todas as Confrarias. Chegou tambem Joaõ Soares, aquem o Padre tinha ditto, que o veria ainda naquelle porto, como aſſima referi.

12 Entam diſſe ao Adminiſtrador, que em quanto ſe diſpunha a pompa, lhe mandaſſe abrir a caixa, & dar viſta de ſeu amigo em cumprimẽto da ſua profecia. Naõ ſe pode negar tam juſta petiçam; abrioſe a caixa à viſta de Joaõ Soares, & de muitos outros, em quem com a viſta ſe acenderam as ſaudades; & eſtas deſpertaram em todos lagrimas. Aqui ſe vio, como avendo quatro dias, que era fallecido, andando ao ſol, & ſereno dous dias, eſtava incorrupto, & ſem algum roim cheiro, ſendo aſſim, que nenhuns defenſivos ſe tinham cõ elle uſado.

13 Ordenouſe a prociſſam com toda a ſolemnidade, que de ſi dava a terra; athe a porta da noſſa Igreja foi trazido em hombros dos Irmaõs da Miſericordia; dali pera dentro o recolheram os noſſos Padres. Fizeraõlhe officio de tres nocturnos com muſica ſolemne; cantaraõno o Clero, & Religioſos de Saõ Franciſco. No dia ſeguinte cantaram a Miſſa: nella prègou o Adminiſtrador, dizendo muitos louvores do defunto; chamouo Apoſtolo do Braſil, Miſſionario Santo, & contou algumas de ſuas maravilhas.

14 Deuſelhe ſepultura na capella de Santiago junto à ſepultura de ſeu amigo o Padre Gregorio Serram, & ſe cumprio a profecia, que aſſima contei, quando deſpedindoſe deſte Padre, que ſe queixava, que o apartava de ſi, lhe diſſe, que o meſmo lugar os avia de ajuntar. As Reliquias deſte Santo Padre foram em parte treſladadas pera o Collegio da Bahia no anno de 1611 por mandado do

Pa-

Padre Geral Claudio Aquaviva, & collocadas decentemente no lado do altar maior da nossa Igreja.

15 Ali eram visitadas, & veneradas de toda a cidade, athe que promulgado o decreto de Urbano Oitavo, que chamam de *Non cultu*, foram tiradas daquelle lugar, & postas em outro. Dellas foi huma pera Roma, onde se guarda. Suas cousas sam tidas em grande estimaçam, como as dos Santos mais abalizados. Em o nosso Collegio de Evora ha hum copo de ponta de unicornio, ou de outro animal, que foi do uso deste glorioso Padre, & se estima como cousa de homem de Deos. Este he o discurso da vida do Padre Anchieta, toda ella acompanhada de estupendas maravilhas, com as quais o Senhor quis ser illustrado entre as naçoẽs do Brasil.

CAPITULO XLVII.

Tocaõse alguns exemplos das virtudes do Padre Jozeph de Anchieta.

1 AInda que em tudo, o que se tem escritto, ha heroicos actos de virtude do Padre Anchieta, & cousas, em que ella se costuma fundar, direi alguma cousa mais em particular. Tevese por certo, que nunca em sua vida perdera a graça bautismal. Os Indios lhe chamavam o homem innocente. Da obediencia, que he as mininas dos olhos da nossa Companhia, teve altissimo conceito. Escrevendo ao Santo Irmaõ Francisco Escalante, tem assim em huma carta traduzida do Castelhano em Portuguez: *Irmaõ em Christo charissimo. Quasi me avia esquecido de lhe escrever em Castelhano, porem nam importa muito a linguage. Todo o ponto esta nam em fallar, mas em obrar, & em dezejar a virtude, & nam saber outra pratica, que a que sabe à obediencia.*

2 *Esta he, a que Deos com mais gosto entende, & esta he sua propria pratica. Onde naõ hà obediencia, debalde se tem com elle longos colloquios, pois nam ouve palavras dittas por homem desobediente. Daqui entenderà bastantemente, que quando a obediencia o occupar em suas obras de modo, que nam lhe fique tempo pera orar, que entam a obediencia ora em seu lugar, & orarà pello que obedeceo athe a morte. Confio da merce, que Deos lhe faz, que sabe isto bem, & que converte em oraçam o trabalho de suas maõs. Quando começa, & quando continua sua obra, levante a alma a Deos, & offereçalhe em sacrificio seu trabalho; & acabada a obra, delhe graças, porque o teve por digno de o occupar em seu serviço, & em cousa, que sabe certo he sua vontade. E logo tome pera si Domingos, & festas, pera recuperar o tempo passado; ouça muitas Missas, & entaõ alargue a oraçam, que neste tempo satisfaz Deos com consolaçoẽs Divinas os trabalhos levados por obediencia.* Athe aqui suas palavras.

3 A'cerca da pobreza dizia, que o uso das cousas em hum Religiozo hâ de ser ao modo de huma estatua insensivel, que nem appetece o com que a cobrem, nem resiste, quando he despojada. Isto, que dizia, era o que fazia, tendose nesta materia por huma estatua.

4 Na oraçam foi hum Seraphim: os seus arrebatamentos, & suspensoẽs no ar foram muitas em numero, & mui illustres, & notorias: dellas ficaõ referidas algumas; outras muitas passei em silencio. Fazendo romaria às santas pizadas do Apostolo Santo Thome junto à villa de Sam Vicente, das quais fallei na vida do Padre Nobrega, com a vista de memoria taõ santa foi tal sua devaçam, que se suspendeo

pendeo no ar entre resplandor de luzes. Andava taõ actuado em Deos, que no meyo de suas lidas assim o achava, & se unia com elle, como os maiores contemplativos nos retiros das suas covas, & desertos.

5 O zelo, que teve da salvaçaõ das almas, he maior, que os encarecimentos. Com rezam o comparam nesta virtude ao Apostolo das Indias Saõ Francisco Xavier. Os Indios, que trouxe dos sertoẽs, & bautizou, nam tem conto. Os seus caminhos a pè descalço sam sem numero, ora em humas, ora em outras partes, só a fim de trazer os homens a Deos.

6 O tratamento de seu corpo nam o ouve mais aspero. Nas jornadas por lugares asperrimos, por lodaçais, por mattos, & espinhos os çapatos hiaõ pendurados do cinto, & os pès sempre descalços. Costumava dizer, que o dia, que nam mortificasse seu corpo, nam se teria por Missionario. Com os rigores, que lhe vio usar, defendia os seus o Santo Padre Joaõ de Almeyda, dizendo, que assim o fazia o Santo Padre Anchieta. No sofrimento das injurias foi raro. Dizendolhe, que certo homem nobre da villa de Santos dizia delle, & da Companhia mil injurias: respondeo sossegado: *Deixaime, que eu o amãçarei.* Esperandose o que faria, se foi à sua porta, & com muita humildade lhe pedio huma esmola por amor de Deos. Vendo o homem esta humildade tam fora de payxam, ficou mui outro, & lhe deu huma boa esmola, que repartio aos pobres.

7 Como ouvisse, que outro o injuriava, respondeo: *Deixayo, que mais aggravo faz a Deos, que a mim; pois elle o sofre, que faço eu em o sofrer?* Folgava de tratar muitas vezes com os que o naõ conheciam, pera que o desprezassem, vendo sua corcova, & figura de corpo menos airosa.

8 Sua humildade foi profundissima, chamandose homem vil, corcoz, peccador, ignorante. Quando lhe davam os parabens dos successos grandes, que prognosticava, respondia: *Boas costas saõ estas pera lançardes sobre ellas cousas tam grandes: andai, andai, que nam sabeis, quem sou.* Dizendolhe alguns: *Padre, dizem, que lhe obedecem os passaros, que pousam no seu bordam, no seu braço, & no seu Breviario.* Respondia: *Bom ditto, grande milagre! E naõ se poem elles nos monturos, & nas forcas?*

9 Sendo mui nobre por geraçaõ, jâ mais disse palavra nesta materia. De ordinario escrevia em hum quartinho de papel, quando naõ era precisa lenda comprida. A's vezes se assinava: *Pobre, & inutil Jozeph.* Sò punha no fim das cartas o nome Jozeph, por evitar o sobrenome de Anchieta, a titulo de ser appellido de familia nobre. Depois de ter sido Provincial, como se fora Noviço, pedia de joelhos aos Superiores, lhe dissessem as faltas, & dessem penitencia por ellas. Quando passava por outro Sacerdote, todo se encolhia, & cozia com as paredes. Por esta rara humildade disse delle o Bispo Dom Pedro Leytam, que sendo a Companhia hum anel de ouro, a pedra preciosa delle era o Padre Jozeph. O Santo Martyr Ignacio de Azevedo o chamava: *Zelozo salvador das almas.* Os Governadores o nomeavam: *Homem prodigioso, Santo, escolhido de Deos.* Porem destas honras nam fazia cazo algum, tendose pella cousa mais vil da terra. Outros actos de suas heroicas virtudes ficam contados em diversos passos de sua vida; por isso naõ hâ, porque os repetir.

10 Nelle se viram todas as prerogativas, com que saõ esclarecidos os varoẽs Apostolicos, as quais o fizeram mui semelhante aos Santos Apostolos, que no mundo dilataram, & fun-

& fundaram a Igreja Santa, que este Santo Varam fundou, & propagou no Brasil, & por isso pode ser chamado o seu Apostolo, como das Indias o foi Saõ Francisco Xavier.

CAPITULO XLVIII.

Alguns favores, que depois de sua morte alcançou a diversas pessoas.

1 NAõ acabaram com sua vida as maravilhas deste admiravel homem. Se foram muitas, as que obrou sendo vivo, saõ innumeraveis, as que tem obrado, & obra cada dia depois de morto. Naõ posso deixar de dizer algumas. O Padre Pedro Leytam Religioso nosso, de quem o Padre Anchieta foi mui amigo, padecia dores cruelissimas. Nesta afliçam fez ao Padre huma amorosa queixa, dizendo, que tendolhe elle assistido tanto em suas enfermidades, agora lhe nam acodia. Dizendo estas, & semelhantes cousas, adormeceo, & entre sonhos vio junto de si ao Padre Anchieta, o qual lhe disse: *Oh fraco, jâ vos agastais, & pelejais comigo? Ora aqui me tendes.* Poslhe a maõ sobre a parte das dores, & disse: *Jâ estais saõ, ficaivos embora.* Despertou, & se achou saõ de todo. Ouvindo o cazo hum Belchior de Soutomaior, que padecia semelhantes dores, disse: *Santo Padre Jozeph, livraime deste tormento, em que vivo, assim como livrastes ao Padre Pedro Leytam.* Dittas estas palavras, de repente cessou a dor, nem mais lhe tornou, sendo que a tempos lhe repetia.

2 Diversas pessoas bebendo agoa, em que estivera Reliquia do Padre: outros tocando a parte affligida com algum seu osso, de repente ficaram saõs. Destes favores do Santo Padre Anchieta em materia de dores de toda a sorte tras muitos no primeiro capitulo do livro sexto o Padre Simaõ de Vasconcellos; eu os nam refiro, por fugir identidade.

3 Assim mesmo nam tem conto, os que bebendo agoa, em que estivera Reliquia do Padre, ou tocados cõ algum seu osso, de repente se acharaõ sem as febres, em que ardiam. O Padre Diogo Calvo da nossa Companhia estando enfermo de febres na quinta do nosso Collegio da Bahia, em tempo da restauraçam da cidade, anno 1625, foram levadas ali por alguns Religiozos as Reliquias do Padre Anchieta, retiradas da capella mòr da Igreja, onde tinham estado, por respeito da perturbaçam dos soldados. Duvidouse, se hum osso era de outro cadaver. Convieram entresi o applicassem ao enfermo, & se parasse a febre, se teria por osso do Padre. Tocaram com elle o doente, & no mesmo ponto a febre, que estava em seu auge, parou de todo; & se ficou entendendo nam ser o osso estranho.

4 O Padre Francisco Pires da nossa Cõpanhia jâ deixado por ethico, benzendo com hum osso do Padre a agoa, a bebeo, & logo ficou saõ, & se levantou da cama. Hum moço por nome Manoel Tavares, tendo bexigas, lhe sobrevieram huns inchaços com pintas negras debaixo dos braços, & em outras partes. Recebeo desta agoa, & de repente se lhe sumiram os inchaços, & pintas negras, ficando saõ de todo.

5 O nosso Padre Joaõ Fernandes Gato avia quatorze annos, que o molestavam cezoẽs, & se tinha nisto esgotado a medicina; juntamente tinha no cotovello do braço esquerdo hum lobinho, que de cada ves crescia mais. Tomou por intercessor pera com a Virgem da Conceyçam ao Padre; invocou seu nome, & logo parou a cezam, & se abaixou o lobinho.

6 OLi-

6 O Licenciado Lourenço da Cunha, Vigario Geral em Pernambuco, jurou em seu testamento, em como huma sua Reliquia do Padre Anchieta, que diversas mulheres perigozas em partos puzeram ao pescoço, as livrara dos apertos, em que estavam. Dis mais, que com agoa benta com ella cobraram saude mais de duzentas pessoas. O mesmo Licenciado assistio a hum moço doente de tabardilho cuberto de pintas, & desconfiado da vida; deulhe a agoa, no mesmo ponto dormio, & despertãdo vio diante de si ao Santo Padre Anchieta com barrete, & roupeta da Companhia, & bordam na maõ, & tocando com elle o enfermo lhe disse: *Nam temas filho, Deos te faz merce da vida, estàs perfeitamente saõ.* Dittas estas palavras, desappareceo. Levantouse, pedio de comer, & cuidãdose ser delirio, contou o que passara: & todos os prezentes louvaraõ ao Senhor, que tais maravilhas obrava por seu servo.

7 Deixo outros muitos cazos, em que livrou de partos perigozos, de postemas pestilentes, de esquinencias apertadas, de outros perigos mui grandes, que nisto estam escrittos tãtos cazos, processados em ordem à sua canonizaçam, que seria enfadonho, se os referisse hum por hum; basta dizer, que sam suas Reliquias, & agoa benta com ellas hum remedio cõmum pera todos os achaques. Por vezes seu nome amansou a braveza dos mares. Quando suas Reliquias foram trazidas do Espirito Santo pera a Bahia, como estivesse o tempo contrario, & a detença do navio fosse de muito gasto, se ouvio huma voz, que disse, metessem seu corpo em o navio, & que o tempo melhoraria: assim se fez, & assim se experimentou.

8 O poder, que tem seu nome sobre os demonios, declara bem hum successo espantozo, & que pode servir de avizo aos Religiosos froyxos, & mais aos nossos Irmaõs Noviços, em cuja caza, & em cujo estado se vio. Em o nosso Noviciado da Bahia vivia hum Noviço mui tentado na vocaçam. Estando hum dia em oraçam na capella com os mais, vio entrar pella porta o demonio em figura de cabrito negro. Passeando de huma em outra parte, hia cheirando os Noviços hum por hum.

9 Chegando a certo Noviço, lhe deu duas cornadas com a cabeça. Finalmente chegando ao Noviço, que principalmente tentava, lhe deu de cornadas com a cabeça em tal forma, que o Noviço ficou desmayado, & se assentou no cham. Acabada a oraçam, o foi acompanhando, & à porta do cubiculo lhe entrou no corpo, & logo cahio desmayado. Correo outro Noviço a chamar hum Padre, que acodisse: chegando, o achou fazendo visagens, & lançando escumas pella bocca, & foi ouvido: *Calate, calate, nam digas, nam digas.*

10 Concorreo o Mestre dos Noviços, o Reytor do Collegio, & outros Padres. Entẽderam ser o demonio. Logo fizeram trazer do Santuario huma firma de Santo Ignacio, a cuja prezença fez novas visagens, mas naõ se quis ir. Fazendose os exorcismos, se revolvia a huma, & outra parte com furia, dizendo, que se hia, mas nam cumpria o ditto. Applicandoselhe Reliquias de Santos, fazia gestos irreverentes. Nomeandolhe Santo Ignacio, respondeo: *Nam tem aqui que fazer o calvo:* ao do Santo Xavier disse: *Và lâ à sua India.*

11 Chegando ali hum Irmam virtuoso, pello tentar de vangloria, começou a contar alguns actos de virtude, que fazia no seu cubiculo. Como começasse com voz tremenda a dizer as causas, porque entrara naquelle Noviço, lhe mandou o Padre Reytor, que calasse, & obedeceo.

Perguntado, que nome tinha, disse: *Que Roa te que Roa:* ninguem entẽdeo oque nisto queria dizer. Quanto ao sahir, disse, que ninguem o avia de lançar, senaõ o corcovadinho da Capella.

12 Cuidouse, fallava de huma Imagem de Santo Ignacio, que costuma ser levado aos enfermos com successos milagrozos, & na feitura de algum modo reprezentava aquelle defeito. Applicouselhe sem effeito, dizendo o demonio, que nam era aquelle, senaõ o corcovadinho da Capella, senhor, & dono daquella caza, oque o avia de fazer despejar.

13 Indo hum Religiozo neste tẽpo buscar ao Collegio novas Reliquias de outros Santos, lhe disse hũ, que levasse a jaqueta do Padre Anchieta, com que ali obra cousas maravilhosas; tomoua, & foi andando com ella pera o Noviciado. Chegando à porta, muitos passos distante donde o demonio estava começou a dar grandes ays, & dizer: *Jà vem, quem me hà de lançar fora.* Por nam verem cousa de novo, cuidavam todos, que mentia.

14 Entam chegando à porta o que trazia a jaqueta, antes della por alguem ser vista, deu hum ay medonho, dizendo: *He chegado, quem me hà de lançar.* Com isto se entendeo a causa de seus temores. Começando a vestirlhe a jaqueta, fez tal resistencia, que seis, ou sette o nam podiam sojugar, athe q̃ por força foi vestida. Entam disse: *Jà me vou, jà me vou*: assim o fez, deixando o corpo do Noviço mui debilitado, moido, & suado.

15 Nunca mais nelle tornou a entrar, ainda que por vezes lhe apparecia, & o ameaçava. Ficaram todos entendendo, que o corcovadinho da Capella era o Padre Anchieta, que na Capella do Noviciado tinha imagem. Este Noviço dahi a seis, ou sette mezes foi despedido. Perguntado, que rezam achara ter o demonio, pera assim entender cõ elle? Respondia, ser isto pello pouco cazo, que fazia das cousas da obediencia.

16 Duas cousas mais disse o demonio; huma foi, que comsigo tinha outro demonio, que avia de entrar em outro Noviço, & o avia de lançar fora da Companhia. Foi assim, porque dahi a tres dias despediram hum Noviço, em quem foi tal a tentaçam, que nam ouve modos, nem rezoẽs, que o pudessem dobrar nesta sua teima. A outra foi, que logo lhe aviam de tirar a jaqueta. Tambem esta assim passou, porque a pediram pera huma mulher, que de parto estava à morte. O mesmo foi tocala, que despedir de si a criança, que a matava.

17 Nam se limitaõ as maravilhas do Padre Anchieta ao novo mũdo: contarei por remate hum, que hâ poucos annos cà succedeo em Portugal, & ma escreveo o nosso Padre Francisco Caeiro, Lente de Moral em Coimbra, oqual dis assim em huma carta sua: *No anno de* 1707 *no mez de Settembro, estando eu em caza de meu Irmaõ o Padre Joaõ Caeiro de Oliveira Cura da Charidade no termo de Monsaràz, & estando este doente, vieraõ com grande pressa no tempo da calma buscarme, pera ir confessar hum homem, que estava muito mal. Fui logo à aldea dos Reguengos debaixo, & achei a Manoel Lourenço Pertira, homem principal daquella terra, oqual alem de huns grandes crescimentos, que padecia avia muitos dias, lhe tinha dado hum grande accidente naquella occasiaõ, & estava assas ansiado.*

18 *Confesseio, & consoleio com algumas palavras de Deos, & vendoo tam afflicto lhe disse: Vossa mercenaõ se pegarâ com Deos por intercessam de hum Padre da Companhia chamado Jozeph de Anchieta, que he advogado das cesoens, & Deos fas*

muitas

muitas merces aquem por intercessam deste Santo Padre o invoca? E referilhe algumas maravilhas do Veneravel Padre. Pediome o doente, que lhe escrevesse em hum papel o nome daquelle Padre: assim o fis. Passada a calma, me retirei pera a caza de meu Irmaõ.

19 *Dahi a tres dias, indo à mesma aldea, o fui visitar, & chegando à porta de sua caza, o vi na caza dianteira sam, rijo, valente, côrado, & com a capa nos hombros, como quẽ estava pera sahir pera fora. Cheyo de admiraçaõ rompi nestas palavras: Que he isto, Senhor Manoel Lourenço? Respondeo elle: Vossa Paternidade naõ sabe? He huma maravilha. E perguntandolhe com alvoroço, & dezejo de saber a causa doque via, cõtinuou dizendo: Aquella noite, depois que Vossa Paternidade me veyo confessar, toda estive a lidar, & dizer: Santo Padre Jozeph de Anchieta, Santo Padre Jozeph de Anchieta: quando ao luzir do buraco senti, me corria pellas costas o humor, que costumava, quando me queria vir o crescimento; neste tempo senti detras de mim hum homẽ, que me dizia: Quem he aqui o homem, que tem cesões? Respondi: Sou eu, Senhor. Tocoume em as costas, dizendo: Ora jà nam tem cesões. Naõ me veyo crescimento, & fiquei como Vossa Paternidade ve. Este o successo, que o ditto publicou por todo o povo a quem o queria ouvir.* Athe aqui a carta do sobreditto Padre.

20 Os ossos deste Veneravel Padre estiveram em a sancristia do Collegio da Bahia, athe o anno de 1704 pouco mais, ou menos, em que sendo Provincial do Brasil o Padre Joaõ Pereyra, que depois foi Reytor do Collegio de Coimbra, Vice-Provincial, & Visitador da Provincia de Portugal, & morreo Preposito da caza de Saõ Roque, os mandou recolher em hum bâul forrado de seda, & conservar no cubiculo dos Provinciais, por alguns incõmodos, que avia em estarem na sancristia. Delles trouxe hum osso, que metido em hum braço deixou no cubiculo dos Reytores do Collegio de Coimbra, assim pera consolaçam daquelle Real Collegio, como pera Reliquia dos seus santuarios, quando a Santa Madre Igreja lhe der culto publico, como se espera, por se tratar de sua canonizaçaõ.

21 A vida deste portentoso heroe escreveraõ diversos Authores, q̃ cita o Padre Simaõ de Vascõcellos em sua vida no paragrafo ultimo do capitulo decimo quinto do livro 5. Entre elles o Padre Mestre Balthezar Tellez na segunda parte da sua Historia desta nossa Provincia. A vida, que aqui fica escritta, tirando algumas poucas cousas, copiei do volume, que fez della o nosso Padre Simaõ de Vasconcellos Historiador da nossa Provincia do Brasil; & ainda que he compendio, por ser de tal homem nam pode deixar de ser grande. Tambem delle fas honorifica mençaõ no seu Agiologio Jorge Cardozo, homẽ benemerito da nossa naçam, à qual tanto illustrou cõ a sua obra do Agiologio Lusitano.

IMAGEM DA VIRTUDE
EM O NOVICIADO DA COMPANHIA de JESU de Coimbra.

LIVRO TERCEIRO,
NO QUAL SE REFEREM VIDAS, E VIRTUDES de muitos Religiosos, que nesta santa caza foram Noviços.

CAPITULO I.

Vida do Veneravel Irmaõ Henrique Nunes de Gouvea.

No Porto aos 21 de Março de 1570.

De sua nobreza, & nascimento, & como se converteo a Deos.

1 AINDA que este grãde servo do Senhor nam foi Noviço nesta caza, com tudo della teve origem a grande virtude, a que Deos o chamou; daqui foram aquelles santos homens, q̃ o adiantaram; aqui veyo elle tomar os Exercicios de Santo Ignacio; aqui nos veyo entregar seus filhos; por tanto lhe quis dar lugar entre os mais, que neste santo Collegio nasceram a Deos. Foi Henrique Nunes de Gouvea hum dos maravilhosos exemplos de virtude, que em homens cazados vio o nosso Portugal. Depois que se deu a Deos, sempre no dezejo foi nosso, ainda que o seu estado nam o deixou chegar ao effeito, o qual conseguio nos ultimos dias de sua vida, fazendo os votos da Companhia com licença especial de S. Francisco de Borja, & fallecendo Religioso della.

2 Henrique Nunes de Gouvea, sendo nascido de pays nobres por geraçaõ, na flor de seus annos cazou na Cidade do Porto com Beatriz de Madureyra, da geraçaõ mais antiga, & nobre, que avia naquella Cidade. Posto que elle nam era natural da terra, era aparentado com os mais graves, & nobres della, os quais tambem perteneiam à geraçaõ de sua mulher.

3 Foram seus pays Sebastiaõ Nunes de Gouvea, & Barbara Dutra filha de Cornelio Dutra Capitam da Ilha do Fayal, & da Cidade de Angra, & Ilha do Pico, nobilissimo por geraçaõ

çaõ, natural de Flandres, o qual foi deſcobridor das dittas Ilhas no tempo Del-Rey Dom Manoel. Por eſſa cauſa lhe deu a Capitania daquellas terras pera elle, & ſeus deſcendentes. Cazando Sebaſtiaõ Nunes com a filha deſte Capitam, ouve della eſte ſó filho macho, a quem poz o nome de Henrique: ouve mais huma, ou duas filhas femeas.

4 Por morte de ſeu pay ficou Henrique de quinze pera dezaſeis annos. Ainda que moço, foi ſempre criado com ſogeiçaõ em bons, & graves coſtumes dignos de ſua nobreza. Em breve aprendeo a lingua Latina, & ſoube mui bem Philoſophia. Sẽdo de deſaſette pera dezoito annos o cazou ſua mãy na Cidade do Porto cõ Beatriz de Madureyra, & o dotou conforme ſua qualidade. Deſte matrimonio teve alguns filhos, dos quais tres foram da Companhia, a ſaber o Padre Chriſtovam de Gouvea, cuja vida eſcrevo em a obra do Noviciado de Evora; o Padre Joaõ de Madureyra, cuja vida fica eſcritta em o primeiro volume do Noviciado de Coimbra; do terceiro naõ pude alcançar o nome, porque naõ falleceo na Companhia, nem acho a cauſa diſto expreſſamente; mas quanto collijo de algumas couſas, foi mandado por reſpeito de ſeus achaques, com os quais nam podia viver muito em Religiam. Teve mais outro filho por nome Frey Paulo do Porto da Religiaõ de Sam Franciſco da Provincia da Piedade, que lhe eſcreveo a vida. Mais alguãs filhas, que entraram Religioſas.

5 Correndo o tempo da mocidade, era Henrique Nunes dado a paſſatempos, vaidades, & converſaçoẽs de ſeus iguais. Tratavaſe com o fauſto, que convinha à ſua riqueza, & nobreza. Os ſeus cavallos eram dos mais bem ajaezados da Cidade; os ſeus negros, & criados todos andavam bem trajados, quando acompanhavam a ſeu ſenhor. Em fim tudo nelle era luzimento, & deſſe fazia Henrique Nunes o ſeu principal eſtudo, como he ordinario em gente deſte ſer.

6 Succedeo pois, que vivendo Henrique Nunes neſtas vaidades, chegou à cidade do Porto o noſſo Padre Franciſco Eſtrada, homem, por cuja bocca fallava o Eſpirito Santo. Em todas as partes de Europa, onde prègou, fez grandes converſoẽs. Começou elle a prègar na Cidade do Porto no anno de 1546. Eram as cõmoçoẽs no povo, & em toda a ſorte de gente mui eſtranhas. Os auditorios immenſos. Todos ſe hiam atras deſte novo Apoſtolo. Entre os muitos, que deram volta à vida, foi hum Henrique Nunes de Gouvea.

7 A eſte tempo tinha de idade pouco mais de trinta annos; continuou em ouvir as prègaçoẽs do Padre Eſtrada, & obrou tanto nelle a graça do Divino Eſpirito, que deixando ſuas vaidades, ſe entregou a Deos pella frequencia dos Sacramentos, uſo da oraçam, & exercicios ſantos. Eſta ſua mudança, como era peſſoa tam principal, foi tida por couſa maravilhoza. Recolhiaſe o Padre Eſtrada no hoſpital; ali o foi buſcar Henrique Nunes, & o quis ter alguns dias em ſua caza, pera mais à ſua vontade lhe abrir todo ſeu coraçaõ, & tomar delle as direcçoẽs neceſſarias, pera diſpor ſua caza, & vida, & encaminhar ſua familia pera Deos.

8 Conheceo o deſvario dos que ſe daõ a vaidades tranſitorias, & elle as foi deixando. Deu de mam a todas as amizades, & converſaçoẽs de homens amigos, & parentes. Retiravaſe de governos da Republica. Todo o ſeu cuidado poz em ſervir à ſanta caza da Miſericordia, viſitar os hoſpitais, curar os enfermos, remediar os pobres, & neceſſitados. Era tanto o cuidado, que niſto tinha, que eſquecido de quem antes era, começou a criar ſeus filhos, que entam eraõ moços de pouca idade, no deſprezo do

do mundo, & das cousas da terra. Cõsigo os levava aos hospitais; fechando a porta por dentro, se punha com elles a fazer as camas aos enfermos, alimpalos, & curalos com tal espirito, & fervor, que fazia admiraçam aos que antes o conheciam.

9 Quando lhe cabia o dia de pedir a esmola pella cidade com outros Irmaõs da Misericordia, mostrava particular gosto, & alegria, por mostrar nisto mais o desprezo, que tinha do mundo. As alcofas do pam, que tirava de esmola pera os prezos, as punha à cabeça de seus filhos, & mãdava hum negro, que os levasse pella mam, por serem mininos, com ordem, que ainda que chorassem, & se queixassem, lhas nam tirasse, athe chegarem à cadea, onde se aviam de distribuir.

10 Deste modo os começou a doutrinar, & ensinar, como quem só os queria, & criava pera o serviço de Deos. Com tanta clausura, recolhimento, & mortificaçam os criou, que nunca souberam, que cousa eram jogos, nem passatempos, em que se criavam os outros mininos seus iguais. Nos dias feriados os levava comsigo às Igrejas, às vesperas solemnes, Missa, & prègaçoẽs; nunca de si os apartava. Quando hia fazer alguma obra de misericordia, humildade, ou piedade, aviam de ir os filhos com elle, porque à vista do bom exemplo os affeiçoasse à virtude.

11 Neste tempo, que o Padre Estrada assistio na cidade do Porto, poz a muita gente no caminho da virtude. Dos que mais aproveitaraõ foi Henrique Nunes, aquem Deos queria pera levar adiante o que por seu servo o Padre Francisco Estrada tinha começado. Vendo todos, quã industriado ficara Henrique Nunes; indose o Padre Estrada, o tiveram por seu mestre de espirito. De dia, & de noite o buscavam em sua caza. Ali gastavam muitas horas em praticas santas, & deliberavam as obras de charidade, que aviam de fazer.

12 Na quaresma tinham por devaçam ajuntaremse à noite na Misericordia sestas, & quartas, & disciplinarse, em quanto se cantava o Psalmo *Miserere*, sendo Henrique Nunes o author de tam santo exercicio. Em sua caza se vivia, como em Religiaõ. Procurou de imitar assim no interior, como no exterior, o que observara no Padre Francisco Estrada, pois naõ tinha outro algum Mestre, que o governasse. Tinha em sua caza hũ Oratorio, em que se lhe dizia Missa. Levantavase de madrugada, & ali tinha sua oraçam, tendo ordenado aos de sua familia, que no tal tempo nenhũ lhe fosse bater à porta.

13 Alem disto se disciplinava, rezava o officio Divino, exercitavase em jejuns, & abstinencias por todo o anno. Jejuava sestas, & sabbados, & o Advento. Todos os dias ouvia Missa. Cõmungava aos domingos, & todas as festas principais do Senhor, da Senhora, & dos Apostolos. Aos domingos, & dias de festa jà mais o viam fallar com algum na Igreja, nem assentado, senam à prègaçaõ. Em sua caza fazia praticas espirituais a seus filhos, & mais familia, & lhes ensinava a doutrina, gastãdo nisso os seroẽs da noite, quando os tinha desoccupados da outra gente, que o vinha buscar pera o mesmo fim. Foi tanto o fruto, que com estas praticas espirituais fez em algumas pessoas, que se moveram huns a deixar suas vaidades, outros a ser Religiosos assim na Companhia, como em outros santos institutos. Entre os que nos trouxe, foi hum o admiravel Padre, & Santo Martyr do Senhor Ignacio de Azevedo, como o digo em sua vida.

14 Assim como nos bons crescia o amor da virtude com os exemplos de Henrique Nunes, assim nos mundanos causava grande confusam: tal me-

medo lhe cobraram os que nam ſeguiam eſte caminho, que quando paſſava por onde eſtavam, todos ſe eſcondiam, & fugiam delle.

CAPITULO II.

Da criaçam, que deu a ſeus filhos. Sua notavel charidade; & como deu principio ao Collegio do Porto.

1 COmo era tam ſanta a criaçam, que dava aos filhos, todos ſe affeiçoaram à Religiam. Duas filhas mais velhas ſe meteraõ Freyras no Moſteiro de Santa Clara do Porto. A Chriſtovam filho ſeu mais velho, indo nos quatorze annos, elle em peſſoa o levou a Coimbra, & deixou em o Noviciado da Companhia. Depois de os ter na Religiam, nam os chamava por outro nome, ſe nam: *Meus filhos de boa ventura*; & com iſto incitava aos de menos annos, que tinha em ſeu poder, pera imitar aos outros, como fizeram.

2 Nam he explicavel o contentamento, que tinha em ver a ſeus filhos Religioſos. Pera os affeiçoar à Igreja, a todos enſinou logo a ler por letra redonda, & a ler o Pſalterio. Foi tam ciozo de ſeus filhos tomarem algum mao coſtume dos outros moços do ſeu tempo, que em nenhum modo os deixava andar ſós, mas quãdo os mandava à eſcola, ſempre hiaõ com algum negro, ou criado de caza, que os tornava a ir buſcar, por nam terem trato com os outros, & ſe lhes pegar alguma roindade.

3 Huma occaſiam ſe offereceo, em que muito realçou a virtude deſte ſanto homem. Succedeo hum anno mui trabalhozo, em que ouve grandiſſima fome, & morreo infinita gente na Provincia de Entre-Douro, & Minho. Chegou a valer o alqueire de pam a quinhentos, & a ſeiſcentos reis, & nam ſe achava. Eſte preço, que quando iſto eſcrevo ſe teria neſta cidade de Lisboa por moderado, era naquella occaſiam, & tempo preço eſpantozo.

4 Parece, que Henrique Nunes alcançou por ſeu bom juizo, ou por Deos lho communicar, a neceſſidade, que avia de vir. Mandou recolher todo o ſeu pam, que tinha de renda, & avizou a ſua mulher, que delle ſe nam vendeſſe hum ſó alqueire, porque ao diante avia de ſer neceſſario. Vindo Abril, & Mayo, foi tanta a fome, que os homens, & mulheres vinham de fora da cidade do Porto, como gente deſenterrada, deixando alguns de ſeus filhos mortos, & outros vizinhos à morte, por nam ter que lhe meter na bocca. Vendo o Varaõ de Deos tamanhos apertos, & como nelles ſe lhe abria huma eſtrada real pera caminhar ao Ceo, fallou com os principais da cidade, amigos, & parentes, que tinham bem de ſeu, & os exhortou a nam perder a occaſiam, que Deos lhes offerecia de ganharem o Ceo em aquella obra de charidade.

5 Concertouſe com elles, que por ſua conta correria o cuidado de ajuntar os pobres pella cidade, & aquelles, que ſoubeſſe eſtarem em maior neceſſidade, os mandaria a ſuas cazas com algum de ſeus filhos, & que lhes fizeſſem alguma eſmola de graõ, que levaſſem pera ſuas cazas, pera ſe remediarem a ſi, & a ſuas familias, que eſtavam perecendo. Neſte tempo poz neſta obra tal vigilancia, que outra couſa lhe nam lembrava. Em amanhecendo fazia levantar ſeus filhos, negros, & criados, & a todos occupava neſte ſanto exercicio de acodir aos pobres. Os filhos, que eraõ ainda pequenos, mandava cada hum com ſeu negro pella maõ, que foſſem às portas da cidade, & que a todos os pobres, que entraſſem por ellas, lhos levaſſem a caza.

6 Elle

6 Elle os ficava esperando, & se alegrava muito, quando via vir a cada hum dos filhos com huma taõ grãde multidam de pobres, que quasi naõ cabiam pella rua, onde morava. Mãdava, que se recolhessem dentro de hum pateo de suas cazas: ali inquiria, & examinava, donde eram; os filhos, que tinham; & necessidades, que padeciam. Sabidas ellas, apartava os mais necessitados, pera os mandar prover conforme ao que aviam mister. Fazendose horas de jantar, procurava dar a todos de comer por sua maõ, mandandolhe fazer a todos panelas de carne, & de ervas da horta, que em caza tinha, & lhes mandava amassar muitos alqueires de paõ cada dia, de maneira, que naõ podiam as negras, & moças de caza fazer outro serviço, senaõ este.

7 Procurava de se achar em tudo prezente, pera que as cousas se fizessem a tempo, sem aver criado, nem criada, que se queixasse de tanto trabalho, porque sua prezença a todos esforçava, & dava alento. Depois que todos comiam, tomava os mais necessitados, & que deixavam mulheres, & filhos em suas cazas perecendo à fome, & os mandava com algum de seus filhos pellas cazas das pessoas, com quem tinha contratado, & todos davam a cada hum sua tigela de graõ, & elle fazia o mesmo. Nesta forma os mandava pera suas cazas contentes, & remediados cada hum com tres, & quatro alqueires de pam pera si, & pera seus filhos.

8 Os mais, que ficavam, agazalhava em sua caza todos os dias, que eram passante de duzentos, & a todos dava de comer por sua mam ao jantar, & à cea. Os enfermos mandava aos hospitais, & por sua lista se recolhiam, & curavam. Finalmente todos estes dous mezes, que durou este trabalho, & necessidade, o servo de Deos nem de dia, nem de noite afroyxou deste sãto exercicio, & nelle meteo todos os que pode, pera serem participantes de tam grande bem.

9 Neste meyo tempo foram outros Padres da Companhia à Cidade do Porto; o mais principal foi o Santo Martyr Gonçalo da Silveyra, que naquella cidade fez grande fruto, como em sua vida se dis. Tambem ali deu muito que venerar o glorioso Padre Ignacio de Azevedo, aquem Henrique Nunes trouxera à Companhia. Depois destes foi àquella cidade Saõ Francisco de Borja com algũs outros companheiros. Indose o Sãto Padre apozentar ao hospital, este Santo Varam o foi buscar pera sua caza: ali o teve comsigo, aproveitandose de seus religiozissimos exemplos. Pediolhe, quizesse dar ordem, a que se recolhessem mais dous filhos, que tinha, na Companhia, ante que soubessem do mundo, & ambos foram entrar a Coimbra em o Noviciado.

10 Vendo o Padre Saõ Francisco de Borja, que aquella cidade, por ser mui nobre, era capaz de ter Collegio da Companhia, no qual se fariam muitos serviços a Deos Nosso Senhor, communicou este seu pensamẽto com Henrique Nunes. Como seus dezejos nam eram outros, approvou muito os intentos do Santo, & os ajudou, quanto pode, ajudando a vencer todas as difficuldades, que nisto ouve, como direi, quando, dandome Deos vida, escrever a fundaçam deste Collegio do Porto.

11 Logo se poz toda a diligencia em buscar dentro, & fora da cidade, nos altos, & baixos della algum sitio, onde se pudesse ordenar caza da Cõpanhia. Como se naõ achasse, offereceo Henrique Nunes suas cazas, nas quais por entam era seu hospede o Padre Saõ Francisco: ainda que eram pouco accommodadas, lhe fez doaçaõ dellas com consentimento de sua mulher, pera que ali se recolhessem os Padres entre tanto, que naõ se acha-

achava outro sitio.

12 Acceitouas o Santo, & nellas determinou fazer Collegio, & collocar o Santissimo, como em effeito o poz por obra. Despejaramse os baixos, & nestas logeas bem armadas, que tinham junto de si hum pateo, se armou hum altar, em que o Santo disse Missa, & collocou o Santissimo Sacramento; prègou ao povo, avendo grande concurso de gente, como a cousa, que se naõ esperava. Do novo Collegio se começaram logo a recolher copiozos frutos.

13 Desta obra, de que tanto bẽ se seguio, foi Henrique Nunes muito murmurado, porque admittira os Padres. Chamavaõlhe muitos nomes, & alcunhas. Muitas vezes, passando elle, lhe diziam nas costas: *Lâ vai o papa Santos: vedes? Lâ vai o Apostolo.* De tudo o servo de Deos fazia mui pouco cazo, sem por isso afroyxar cousa alguma em seus fervores, mostrando em tudo, quam pouco cazo se devia fazer de dittos dos homens.

14 Com as contrariedades, que o inimigo das almas andava ordindo contra o novo Collegio, se affervorava mais Henrique Nunes. Meteo à sua custa na obra carpinteiros, & pedreiros, & ordenou as cazas em feiçam de Collegio, com Igreja, apozentos, & portaria, confessionarios, grades da cappella, seu sino, calices, ornamentos, & outras alfayas necessarias, parte, que elle deu, parte, que ouve dos amigos espirituais. Tãbem lhe comprou huns pedaços de quintais, que ajuntou ao seu, os quais todos lhe dotou, pera que lhe pudessem servir de cerca, & se poderẽ estender, & alargar.

15 Vendo os calumniadores de tam santa obra o pouco cazo, que Henrique Nunes fazia de seus dittos, sendolhe licito fazer do seu o que quizesse, dissimularam sua magoa, & os tempos mostraram, que as contradiçoẽs eram mais inveja do demonio, que outra cousa, o qual dezejava divertir em seus principios obra tam santa, & de que se avia de seguir tanto bem das almas. E assim este Santo homem com Saõ Francisco de Borja deu principio na forma ditta àquelle santo Collegio, a quem depois accresceram muitos adiantamentos.

CAPITULO III.

Outras acçoẽs de virtude de Henrique Nunes. Sua ultima doença. Como fez os votos de Irmaõ estudante da Cõpanhia. Sua morte santissima, & circũstãcias, q̃ a illustraraõ.

1 NEste meyo tempo morrendo El-Rey Dom Joaõ o Terceiro de Portugal, ficou governando por seu neto Dom Sebastiam a Rainha Dona Catherina, a qual tendo noticia da muita virtude, & outros grandes talentos de Henrique Nunes, por carta sua o mandou ir a Lisboa, com intento de o enviar por Embaixador a El-Rey Angola, que procurava ter commercio com os Portuguezes, & receber nossa Santa Fè. Manifestandolhe a Rainha seus intentos, o servo de Deos se escusou, dizendo, que tinha mulher, & filhos, & outras obras da gloria de Deos entre maõs na Cidade do Porto, como era a Igreja da Misericordia, & o Collegio dos Padres da Companhia; portanto ouvesse Sua Alteza por bem de o aliviar de tal jornada.

2 Respondeo a Rainha, que ella tomava sua mulher, & filhos à sua conta, & os levaria pera o Paço, ou lhes daria tenças, athe acabarem o estudo, & depois os despacharia mui bem. A isto respondeo: *Eu, Senhora, tenho criado a meus filhos pera*

outro Paço maior, & melhor: dando a entender, que era pera o Ceo por meyo da Religiam. Finalmente a Rainha o nam quis escusar, athe que elle buscou outro parente seu, que naõ tinha obrigaçoẽs, o qual foi mãdado àquella jornada. Este era Paulo Dias de Novais, aquem as Historias das cousas de Angola chamam o Governador Santo, porque foi homẽ de muita Christandade, & que muito concordava com a virtude de Henrique Nunes. Delle faço mençam nas vidas dos Padres Francisco de Gouvea, Garcia Simoẽs, & Balthezar Barreira.

3 Vendose o servo de Deos livre deste aperto, tornando a sua caza, continuou as obras, que tinha começado assim na Mizericordia, como no Collegio. Foi muitas vezes Provedor daquella santa caza. Elle deu traça, com que se fizesse a capella, que està na cadea, & he da invocaçaõ da Santissima Trindade, pera nella os prezos ouvirem Missa. Tambem fez deputar o rendimento necessario pera cousa tam santa. Elle todos os annos com muita solemnidade fazia celebrar ali a festa da Santissima Trindade.

4 Ordenou tambem, que em hum hospital junto a Santo Eloy, chamado de Roque Amador, ouvesse quatro mulheres virtuosas, que tivessem cuidado dos enfermos, & peregrinos, & fossem enfermeiras às semanas, com mais duas ajudadoras, por cujas maõs corresse todo o gasto do hospital. Fez deputar a cada huma de ordenado em cada hum anno quinze mil reis, & aposentos, em que moravam com vestido pardo de çaragoça, & tinham recolhimento, como de mosteiro. Alem disto proveo de botica este hospital, de medico, & de hum capellaõ, que todos os Domingos, & dias Sãtos lhes dizia Missa, administrava os Sacramentos, & confessava os enfermos. Outras muitas obras fez assim do serviço de Deos, como do bem do proximo, pellas quais obras o Senhor lhe deu huma suavissima morte.

5 Sendo elle de quarenta, & finco annos pouco mais, ou menos, & dezejando recolherse na Companhia com todos seus filhos, tratou com sua mulher, que a este tempo passava de sincoenta annos, que se ella quizesse meterse Freyra com suas filhas no mosteiro de Santa Clara, elle dezejava ser da Companhia com seus filhos, que nesta forma ambos se apparelhariam pera acabar a vida fora de trafegos do mundo. Respondeo ella, que era disso mui contente. Tomada esta resoluçam, procurou Henrique Nunes aver licença de Roma, vivendo dali por diante separados como Irmaõ, & Irmaã, & fazendo vida mais de Anjos, que de homens.

6 Neste tempo jà tinha tres filhos na Companhia, & duas filhas em Santa Clara. Hum filho mais pequeno, que tinha de onze pera doze annos, determinava, que estivesse no Collegio de Coimbra, athe ter idade pera ser Noviço. Estando as cousas nestes termos, quis o Senhor apremiar as obras deste seu servo. Indo hum dia o Bispo do Porto Dom Rodrigo Pinheiro crismar ao mosteiro do Pedrozo, quis Henrique Nunes ir festejalo, & darlhe de jantar, por ser aquelle mosteiro do nosso Collegio de Coimbra, & tratar elle jà as cousas da Companhia como suas. Tudo se fez como convinha à honra de Henrique Nunes, & à gravidade do hospede, & da sua comitiva.

7 Naquelle dia pella tarde se sentio mal disposto, & lhe veyo huma febre lenta, com a qual se recolheo pera sua caza. Mandou chamar o medico, o qual, como o enfermo nũca em sua vida fora doente, imaginou ser effeito do abalo do caminho, & assim dissimulou com elle dous, ou tres

tres dias. Quando lhe chegou a conhecer a doença, estava em tais alturas, que era já mui pouco o remedio.

8 Tivera o Santo Varam noticia do Ceo, de que era chegado o fim de seus dias, por isso se começou a preparar em tal forma, que facilmente se entendia o que passava. Todos os dias mandava dizer Missa em hum altar portatil, que tinha na caza, onde estava. Esta lhe dizia hum Padre da Companhia, & commungava tres, & quatro vezes na semana. Todos quãtos papeis tinha, mandou rever; & os que nam serviam, mandou queimar. Ordenou seu testamento com grande acerto. Sua terça deixou à Companhia, pois nella escolhia sepultura, & nella tinha seus filhos.

9 A hum só filho pequeno deixou, que o sustentassem com os frutos da sua terça os annos, que lhe faltavam, pera poder entrar na Companhia, & no entretanto fosse estudar a Coimbra, sentindo muito partirse desta vida, sem o deixar em Religiaõ, como deixava os mais. Indo por diante sua enfermidade, que duraria cousa de hum mes, & sendo tempo da quaresma, chegou o dia do Patriarcha S. Bento, de quem era devotissimo. Logo pella menhaã chamou a seu filho Paulo, que era o mais moço de todos os Irmaõs, & lhe disse: *Nam vos sayais fora de caza, que assim importa.*

10 Vieram os Padres da Companhia, reconciliouse, ouvio Missa, cõmungou, estando em todas suas forças, juizo, & entendimento. Parecia ao Medico, & aos mais, estava melhorado da febre. Fizeraõse horas de jantar, comeo, & recolheose hum pouco. Logo chamou outra ves o filho, & lhe disse: *Tanto que vossa mãy comer, chamaya cà, & nam venha mais ninguem com ella.* Chamou elle sua mãy, & mandoulhe fechar a porta por dentro. Esteve com ella mais de duas horas.

11 Nesta pratica lhe descobrio, em como Deos lhe tinha feito merce de o querer levar pera si naquelle dia, & que ella tambem morreria no mesmo dia, mas seria dahi a dez annos; por tanto se apparelhasse. Disselhe mais, que pera consolaçaõ sua lhe descobria outra merce, que Deos lhe tinha feito, pella qual lhe dava infinitas graças, & era, que o tinha livre do Inferno, mas que do Purgatorio nam sabia. Pedio mais a sua mulher, que pois seu filho Paulo nam era de idade pera ser Religiozo, & ficar na Companhia com seus Irmaõs, que se elle no tempo adiante quizesse entrar na Companhia, ou em outra Religiaõ, o naõ impedisse.

12 Ditto isto, a confortou, & animou, relatandolhe todas as cousas, que deixava ordenado, & que lhe nam ficavam trabalhos, nem demandas, senaõ o tempo livre, pera se encõmendar a Deos nosso Senhor, & que se lembrasse de sua alma. Logo se despedio della, & lhe disse, que naõ tornasse la mais, nem menos descobrisse cousa alguma daquellas, em quanto elle vivesse. Sahiose ella mui choroza pera fora, & se foi recolher em huma caza, donde naõ sahio mais.

13 Dado meyo dia, chamou o filho, & lhe disse, que chamasse seu tio Gaspar Nunes Barreto (que eram parentes, & cunhados:) vindo elle, lhe deu conta, em como tinha ordenado suas cousas, & o deixava por seu testamenteiro; & assim que lhe encõmendava tivesse lembrança de sua alma, mulher, & filho, que elle estava no fim da vida, que lhe mandasse trazer logo o Sacramento da Santa Unçaõ. Vindo o Sacramento, o pedio com muita humildade, & devaçaõ, & o recebeo com singular piedade, estando em seu perfeito juizo.

14 Depois de o receber, perguntou ao filho, que horas eraõ? Respondendo, que era vespera, o mandou,

que lhe fosse chamar certos homens nobres, parentes, & amigos, com quẽ elle corria muito, por serem virtuozos, & amigos de Deos. Juntamente lhe disse, que chamasse as Irmans do hospital. Vindo huns, & outros, se despedio delles, de cada hum per si, pedindolhe o encõmendassem muito a nosso Senhor. O mesmo fez com as Irmans do hospital, aquem mostrava singular benevolencia, por serem mui virtuozas, & charitativas, & por esta rezam deixou a cada huma esmola no seu testamento.

15 Despedindose de todos, os mandou pera suas cazas, por ser jà tarde. Acabado isto, tornou a chamar o filho, & lhe perguntou, que horas eram? Respondendo, que eram das sinco pera as seis, lhe disse: *Ide chamar o Padre Reytor do Collegio, & que venha elle com todos os mais, que estiverem em caza, & nam fique là mais que o porteiro.* Logo vieram todos por huma porta, que avia dentro das mesmas cazas pera o Collegio. Pondose à roda da cama, lhes fez huma pratica com muito espirito, dizendo: *Padres, & Irmaõs meus em Christo, bem sabem, quais foraõ sempre meus dezejos pera com a Companhia; & a Deos tomo por testimunha, de quantas vezes lhe tenho pedido, que me chegasse a tempo de poder entrar nella com todos meus filhos: nam foi sua Divina vontade fazerme taõ grande merce; mas agora, Padres, & Irmaõs meus, que me vejo nesta hora, peço, me queiraõ acceitar por Irmaõ seu, & pera isso quero fazer profissam; & a Vossa Reverencia, Padre Reytor, peço, me ajude na pronunciaçam dos votos.*

16 Logo usando da licença, que tinha de Sam Francisco de Borja, fez os votos de Irmaõ estudante, & ficou Religiozo da Companhia. Feitos seus votos, deu muitas graças a nosso Senhor, por conseguir este favor. Passada cousa de huma hora, que se esteve consolando com os Padres, & Irmaõs, ouvindo fallar de Deos, tornou a perguntar, que horas eram? Dizendolhe, que eram oito, mandou accender humas velas, que estavam no altar, & que lhe trouxessem hum Crucifixo, que lhe dera o Santo Martyr Ignacio de Azevedo, aque tinha muita devaçaõ; & disse ao Padre Reytor, que começasse o officio da agonia. Começandoo o Padre Reytor, poz elle os olhos no Crucifixo cõ muita devaçaõ, sem nunca os tirar delle. Acabou o Padre o officio, & foram a bolir com elle, & acharam estar morto; oque assim passou, sem nenhũ dos que estavam prezentes entender, que acabava, nem elle fazer movimẽto, ou sinal disso, mas ficando como se estivera vivo. O dia da morte foi 21 de Março do anno de 1570.

17 Esta foi a morte de Henrique Nunes de Gouvea, que em verdade he huma das mais saudozas, que se encontraram nas historias. Digno fim de huma tal vida. Sam Francisco de Borja o tinha mandado ir a Roma, pera la entrar na Companhia; oque nam pode fazer, por lhe sobrevir a ultima doença. Passados alguns dias depois de seu fallecimento, descobrio Beatriz de Madureira sua mulher oq̃ elle lhe dissera no dia do seu fallecimento, quando se despedira della, tirando o que lhe disse, de que ella morreria no mesmo dia, porque nisso teve segredo, athe o fim dos dez annos; & tres dias antes de sua morte o descobrio.

18 Todos estes dez annos, que Deos lhe dera, se foi dispondo com muitas obras de virtude, confessandose, & commungando a miude, fazendo esmolas, & ouvindo todos os dias Missa. Estando ella hum dia na Igreja do nosso Collegio, acertou de fallecer hum Padre da mesma caza, & foram pera abrir a cova na Capella junto à cova, donde estava enterrado Henrique Nunes: levantouse ella do

seu lugar, & se foi à grade, & disse, nam abrissem cova junto àquella, onde estava seu marido, porque cedo se avia de aver mister, & nam disse mais.

19 Indo pera sua caza, lhe deu frio, & febre, & morreo dahi a nove dias. Tres dias antes que fallecesse, perguntou, quando era dia de Sam Bento? Respondendolhe, que dahi a tres dias: *Graças sejam dadas à Deos*, disse ella, *que dez annos hà, que sei, que nesse dia hei de morrer, que assim mo disse meu marido no dia do seu fallecimento.* Chegando dia do gloriozo Sam Bento, morreo com a santidade, comque vivera.

20 Levada a enterrar ao nosso Collegio, abriram a cova, onde fora enterrado seu marido, & o acharam inteiro sem lesam, nem corrupçam alguma, & a cova dava de si hum cheiro mui suave, que poz a todos em grãde admiraçam. Tanto que se divulgou a nova, ouve infinito concurso; naõ cabendo na Igreja, abalroaram as grades da Capella; por onde foi necessario aos Padres recolherem o corpo dentro da sancristia, & cobriremno com hum pano athe se fazer o officio, & enterrar a mulher. Ella enterrada, puzeram o corpo assim inteiro á face da terra. Depois se lhe fes hum caixam de pao, em que foi metido, conforme elle ordenou em seu testamento, peraque mudando os Padres a Igreja daquelle lugar, o mudassem tambem. Quando nos tempos adiante mudaram a Igreja pera o lugar, onde agora està, os levaram a ambos, & os sepultaram entre os tocheiros dos degraos do altar môr.

21 Algumas pessoas devotas procuraram aver Reliquias deste bemditto homem. Sua vida escreveo seu filho Frey Paulo do Porto, o qual a conclue cõ estas palavras em Latim: *Ego Frater Paulus ejus filius minimus natu, Ordinis Minorum Seraphici Patris nostri Francisci Provinciæ Pietatis, hæc omnia scripsi, auribusque meis audivi à matre, antequam moreretur, & oculis meis vidi in vita ipsiusmet patris, & testis est mihi Deus, quia non mentior. Laus, & gloria Omnipotenti Deo.* Quer dizer: *Eu Frey Paulo seu filho menor, da Ordem dos Menores do Serafico Padre Sam Francisco da Provincia da Piedade, escrevi todas estas cousas, & com meus ouvidos as ouvi a minha mãy, & com meus olhos as vi em vida de meu mesmo pay, & Deos me he testimunha, que nam minto. O louvor, & gloria seja dado a Deos Omnipotente.*

22 Este mesmo Religiozo depois passou huma certidam jurada, em que affirma ser verdade, quanto escreveo de seu pay. Assim a certidam, como o manuscritto estaõ em o nosso cartorio de Coimbra, & delle copiei a vida, que aqui escrevo. Foi o Reverendo Padre Frey Paulo do Porto homem de muito exemplo, & authoridade na sua Ordem; passou à India por Confessor do Conde Almirante Vizo-Rey; voltando a Portugal, querendo seus Prelados mandalo outra ves à India por Commissario, & Visitador, se escusou deste cargo.

23 De Henrique Nunes de Gouvea se fas mençam na primeira, & segunda parte da Historia desta Provincia, & assim mesmo na primeira, & segunda da Historia geral da Companhia. O nosso Padre Alvaro Lobo na sua Historia manuscritta tem sua vida recolhida do mesmo manuscritto, de que eu me aproveitei. Delle falla o Agiologio Lusitano aos vinte, & hum de Março. A morte, que alguns lhe dam, de servir em doenças de contagio, foi alguma equivocaçaõ; pois seu filho, que assistio a ella, a escreveo como fica referida. Seus ossos, & os de sua consorte se depositaram andando annos em a Igreja nova do Collegio do Porto na Capella de Sam Cosme, & Saõ Damiaõ.

CAPI-

CAPITULO IV.

Em Pariz aos 28 de Outubro de 1566.

Vida do Padre Pedro Joaõ de Perpinham.

1 HUma das grandes glorias do seu seculo foi o Padre Pedro Joaõ de Perpinham: todos o acclamam por hum caudaloso rio de eloquencia Latina, & digno de ser comparado com os que antigamente foram Principes nesta faculdade. Foi Hespanhol; nasceo na freguesia de Santa Maria em Elche no Bispado de Carthagena. Seus pays se chamaram Belchior Perpinham, & Leonor Escapeza. Entrou na Companhia em Coimbra no ultimo de Settembro de mil quinhentos sincoenta, & hum. No mesmo dia com elle entrou outro seu Irmaõ chamado Luis Perpinham, que viveo nesta Provincia com muito exemplo. Em Outubro de 1555 lhe deu todas as Ordens sacras em o nosso Collegio de Coimbra o Patriarcha Joam Nunes Barreto. O livro das entradas dos Noviços de Coimbra só o nomea Pedro de Perpinham; porem a Bibliotheca o nomea Pedro Joam Perpinham; nome, que depois accrescentou ao seu por devaçam do Santo.

2 Apenas ouve theatro grande de sabios em Europa, que nam illustrasse com sua rara eloquencia. No anno de 1553, abrindo a Companhia estudos em Evora, foi pera Mestre de Rhetorica o Padre Perpinham, & como no anno de 1555 El-Rey Dom Joaõ o Terceiro nos entregasse o Collegio das Artes da Universidade de Coimbra, indo o Padre Cypriano por Mestre da Primeira Classe de Rhetorica, foi o Padre Perpinham de Evora pera Mestre da Segũda. Logo neste primeiro anno literario teve tres oraçoẽs diante de toda a Universidade, & do Bispo Conde Dom Joaõ Soares. A primeira, quando tomamos posse das escolas: a segunda nas exequias do Infante Dom Luis; & a terceira aos quatro de Julho na festa da Rainha Santa Izabel.

3 Os applausos eraõ iguais ao Orador. Teve o Padre Perpinham com excellencia todas as boas partes, com que a natureza, & arte costumam formar hum Orador eminente, quando sahem ao mundo com algum, que nesta faculdade he primeiro. A voz, a acçaõ, o meneyo, o pezo, correnteza, & abundancia de palavras, & rezoẽs tudo neste Padre foi huma suspensam. Tudo, sendo muito, era cousa mui pouca em comparaçam de sua virtude. Em Coimbra como ouvesse annos, q̃ lia a Primeira Classe, & outro Mestre a Segunda, pedio elle ao Padre Provincial, que o passasse atras pera a Segunda, pera que o outro Mestre da Segunda subisse a ensinar a Primeira. Edificado o Padre Provincial de tam bom exemplo, lho concedeo; subindo entam mais o Padre Perpinham, quando de si fez degrao, pera que subisse o outro Mestre.

4 Sendo grande a fama deste insigne Mestre de Rhetorica, & admiravel Orador, foi chamado a Roma, onde por vezes orou diante do Summo Pontifice Pio IV. & de toda a Corte Romana, que nelle viram resuscitados os Hortensios, & Ciceros. No anno de 1565 o Santo Padre Edmundo Augerio Provincial de França, tendo assistido à Congregaçam geral, em que foi eleito Saõ Francisco de Borja pera governar a Cõpanhia, ouve delle, & levou comsigo pera França ao Padre Perpinham, por ser ali mui necessario, pera com sua rara eloquencia fazer guerra aos hereges de França.

5 Em Leam com auditorio, aindaque grande, menor que sua fama, começou a explicar tres dias cada semana o capitulo sexto do Evangelho de Sam Joam. A esta liçam deu principio

cipio com a oraçaõ, que anda impressa, & trata, de que se ha de conservar a antiga Religiam, desprezando as novas invençoẽs dos hereges. Assistio o Bispo, toda a Cleresia, o Governador, & todo o bom, que avia na Cidade, & as admiraçoẽs foram como nas outras partes.

6 Era por este tempo a Companhia perseguida em Pariz, porque os hereges, que nella viam huma fortaleza inexpugnavel de nossa Santa Fè, a nam deixavam viver quieta. Pera dar animo aos Catholicos, & confundir os hereges, foi o Padre Perpinham mandado a Pariz. Ali, como em theatro digno de sua rara eloquẽcia, a começou a exercitar com oraçoẽs, que tratam da conservaçam da Fè Catholica: com ellas deu notavel esforço aos Catholicos, & meteo terror aos hereges.

7 Como sua fama, ainda antes de o ouvirem, era jâ em Pariz mui avultada, a primeira ves, que avia de orar, foi grandissimo o concurso. Vieram a ouvir os Hugonotes com intento de fazer perturbaçam, porque naõ se lhe dessem as devidas attençoẽs. Quando no fervor da oraçam o ouviram dizer, que a sua seita era escola da impiedade, se enfureceram estranhamente, & fizeram pello perturbar com pateadas, & outras significaçoẽs de sua raiva; tanto assim, que foi necessario aos Catholicos empunhar as espadas, que os fariam em postas, se sahissem em algum atrevimento.

8 Nestes applausos realçava grãdemente sua modestia. Estando em idade florente, a natureza o vestio de huma gravidade de velho. Sendo sómente de trinta, & sinco annos, ja tinha toda a barba, & cabello branco. Foi homem, que em suas acçoẽs só buscava a gloria de Deos. Daqui nascia, o que por vezes se lhe ouvio dizer, que tinha por hum singular beneficio de Deos sentir em si tam boa vontade de ensinar, quando poucos o ouviam, como quando o ouviam muitos; accrescentando, que elle só punha os olhos no que delle pedia sua obrigaçam, & em nada mais. Quanta uniam signifique isto com a vontade de Deos, he cousa, que bem se deixa ver.

9 Tinha tanto zelo do bem das almas, que dizia, teria por bem empregado todo o seu suor, & viagem a França, se por seu meyo se ouvesse de reduzir hum só herege. Acabando hum dia de orar, se achou penetrado de huma cruel pontada, que em breve tempo o acabou. Junto da morte, estando juntos ali os nossos Religiozos, pedio com grande humildade perdam em primeiro lugar aos Superiores, & logo aos mais, se acazo tivesse offendido, ou desedificado a alguem. Tambem disse palavras, cõ que os exhortava a servir de veras a Deos, & fallando suavemente com Deos lhe entregou seu espirito aos vinte, & oito de Outubro de 1566, tendo quinze annos de Companhia, & de idade trinta, & seis.

10 Ouve em os nossos Religiosos notavel sentimento, vendo a falta, que lhes fazia hum tal homem na flor de seus annor, & metido nos gloriozos empregos de perseguir a herezia. Os Catholicos de Pariz significaram sua dor cõ muitos versos Gregos, & Latinos, que divulgaram em honra do defunto. Os hereges invejozos de que pellos perseguir ouvesse tanta fama do defunto, compuzeram muitos versos significadores de sua alegria, & oppostos aos louvores, que os Catholicos davam ao Padre Perpinham.

11 Ha deste Padre grandes elogios: nam fallando dos da Companhia, que o louvam, os mais eloquentes Oradores daquelle tempo se naõ fartam de o engrandecer, & por serem testimunhos de homens na republica literaria excellentes em suas fa-

faculdades, direi aqui os de alguns. Paulo Manucio escrevendo a hum seu amigo da morte do Padre Perpinham dis assim: *Decessit alienissimo tempore, cum ad eum salutaris doctrinæ dogmata de loco superiore ostendentem, omnis omnium concursus fieret, cum hæreticæ factionis insidias patefaceret, impetum frangeret, tela retunderet; decessit, inquam, florenti adhuc ætate, nimis immatura morte, summo ingenio vir, incredibili scientiæ copia, maxima jam apud omnes bene sentientes existimatione, & authoritate Perpinianus noster.* Quer dizer: *Morreo mui fora de tempo, quando a elle, que ensinava as verdades da fé, avia grande concurso de todos, quando descobria as ciladas dos hereges, quebrava seu impeto, rebatia suas lanças; morreo, digo, na flor da idade, com morte mui antes de tempo, o homem de summo engenho, de huma incrivel abundancia de sabedoria, de grandissima estimaçam entre os bons, o nosso Perpinham.*

12 Marco Mureto tem: *Nullo nostro tempore fuisse, in quem illud de Nestore elogium melius conveniat: Cujus ex ore melle dulcior fluebat oratio.* Quer dizer: *Que no seu tempo nenhum ouvera, aquem melhor se accommodasse aquelle elogio, que se dis de Nestor: De cuja bocca sahia a oraçaõ mais doce, que o mel.* Deixo os elogios, com que outros muitos engrandecem ao Padre Perpinham. Das suas obras farei mençam no fim deste volume no catalogo dos Escrittores, que aqui foram Noviços. Deste insigne Orador escreve o Padre Telles em diversos lugares da segunda parte da Historia desta Provincia. O Padre Saquino na terceira parte da Historia Geral da Cōpanhia. Alegambe na Bibliotheca dos nossos Escrittores. Posto que o Padre Telles dis, fora hum dos primeiros Mestres das Escolas de Lisboa, o contrario nos consta de documentos indubitaveis, que refiro em outra obra escrevendo dos primeiros Mestres daquellas Escolas.

CAPITULO V.

Vida do Apostolico Irmaõ Joaõ Fernandes Coadjutor temporal, companheiro de São Frācisco Xavier.

Entra na Companhia com huma notavel experiencia: he mandado à India. Passa com o Sāto Xavier a Jappam. *Em Firando aos 26 de Junho de 1567.*

1 DOs mais insignes Irmaōs Coadjutores temporais, q̃ com suas virtudes nos honraram, foi hum Joam Fernandes de Oviedo, que assim se chamava antes de ser da Companhia. Nasceo na mui celebrada cidade de Cordova na Andaluzia. Morava em Lisboa, onde era mercador rico, & tratava em seda. Por suas boas prendas era bem quisto, & amado de todos. Estava na flor dos annos. Era liberal, & nos contratos sincero, & verdadeiro. Deos nosso Senhor o trouxe a si com huma occasiaõ ao parecer de pouco momento. Hum seu amigo lhe gabou muito a musica, que avia em certo dia em a nossa caza de Santo Antaõ, & o convidou, pera ambos a irē ouvir. Naõ se negou Joam Fernandes: indo com este santo engano, achou ser a musica huma pratica da Payxam, depois mostrarse a imagem do *Ecce homo*, & apoz isto tomarse huma disciplina. Estas cousas, que hoje saõ usuais, naquelles tempos eram mui novas.

2 Ficou Joaõ Fernandes grandemente pago do engano, & affeiçoado à musica. Dali sahio com proposito de fazer huma confissaõ geral, & de se dar de veras a Deos. Acodindo à mesma Igreja, ouvio nella prègar

gar ao Santo Padre Francisco Estrada, o qual com suas prègaçoẽs ateava fogo nos ouvintes, & em Joam Fernandes o ateou tal, que se resolveo a deixar seus tratos, & averes, & a ser Religiozo da Companhia. Em effeito a pedio ao Padre Mestre Simaõ Rodrigues. Quando elle vio diante de si hum mancebo tam bem disposto, & trajado, arrastando sedas, & pedindo ser Irmaõ Coadjutor temporal, se lhe reprezentou, que tanta bizarria se naõ poderia accõmodar com as panelas, & fregoẽs da cozinha, & outros ministerios humildes, que saõ as occupaçoẽs dos daquelle estado.

3 Ou pello experimentar, ou pera com esta occasiam lhe dar repulsa, perguntoulhe, se acabaria comsigo, pera desprezar o mundo, ir pella rua nova de Lisboa em hum jumento em osso, a tempo, que nella ouvesse o concurso de gente, que ali he de ordinario o maior da cidade? A huma proposta tam extravagante respondeo Joaõ Fernandes, que assim o faria. Voltando a caza, se vestio dos vestidos mais ricos, & ayrosos, com que passeava as ruas. Assim trajado cavalgou no jumentinho em osso, & pera fazer o espectaculo mais attractivo das advertencias de todos, se poz com as costas pera a cabeça do animal. Naõ hà porque encarecer a festa, que cauzou tal novidade, o rizo da gente, o seguimento, & gritaria dos mininos. Ninguem o vio, que o nam avaliasse por doudo, & bem doudo. Como era na rua tam conhecido, fez o espectaculo compayxaõ em muitos. Sò o generozo mancebo sem desdizer hum ponto de sua rezoluçam, no meyo desta festa se encaminhou à nossa caza de Santo Antaõ, levando apoz si quanto minino se encontrava com esta boa occasiaõ de se alegrar.

4 Chegou finalmente à nossa caza, appresentouse ao Padre Mestre Simam, o qual vendo fervor tam apostado a servir a Deos, & abraçar a Cruz de Christo, sem outras experiencias o recebeo na Companhia. Este he aquelle Santo Irmaõ, por cujo soffrimento, como adiante se contarà, principiou a conversam dos Jappoẽs em Amanguchi. Foi mandado fazer seu Noviciado em Coimbra: onde entrou na Companhia aos dezanove de Mayo de mil quinhentos quarenta, & sette. No anno de 1548 foi mandado à India; fez a viagem na mesma nao, em que hia o Santo Padre Gaspar Barceo, como digo em sua vida. Nella ajudou muito aos proximos, & acodio aos enfermos.

5 Chegando à India, logo no anno seguinte de 1549 dispoz Saõ Francisco Xavier a empreza de Jappam, pera a qual escolheo por seus companheiros ao Padre Cosme de Torres, & ao Irmaõ Joaõ Fernandes. Nem he pequeno sinal de ser elle pera muito, o ser escolhido pello Santo. Em Abril partiram pera Cóchim, & dahi pera Malaca, onde chegaram o ultimo de Mayo. Em vinte, & quatro de Junho sobre a tarde partiram de Malaca em huma embarcaçam de Chinas, & chegaram a Cangòxima terra de Jappam aos quinze de Agosto do mesmo anno, dia da Assumpçam da Senhora, a quem o Santo Padre escolheo por padroeira desta gloriosa empreza.

6 Nesta jornada tiveram muito que soffrer: o que passou, escreve o Santo Padre em huma carta sua com as palavras seguintes: *Dia de Saõ Joam à tarde do anno de 1549 nos embarcamos em Malaca, pera virmos a estas partes, em hum navio de hum mercador gentio China, o qual se offereceo ao Capitam de Malaca de nos trazer a Jappam. E partindo nos, fazendonos Deos muita mercè, & dandonos muito bom tempo, & vento, como em gentios reine muito a inconstancia, começou o Capitam de*

mudar seu parecer em nam querer vir a Jappam, detendose sem necessidade nas Ilhas, que achavamos; & o que mais sentiamos em nossa viagẽ, eram duas cousas; a primeira ver, que nos nam ajudavamos do bom tempo, & vento, que nosso Senhor nos dava, porque se nos acabava a monçam pera vir a Jappam, & assim nos era forçado esperar hum anno, invernando na China, esperando pera outra monçam.

7 A segunda eram as continuas, & muitas idolatrias, & sacrificios, que faziam o Capitam, & outros gẽtios ao idolo, que levavam no navio, sem os poder impedir, lançando muitas vezes sortes, fazendo perguntas, se podiamos ir Jappam, ou nam, & se nos durariam os ventos necessarios pera nossa navegaçam? A's vezes sahiam as sortes boas, às vezes más, segundo o que elles nos diziam, & criam. Cem legoas de Malaca caminho da China tomamos huma Ilha, em a qual nos apercebemos de lemes, & outra madeira necessaria pera as grãdes tẽpestades, & mares da China. Depois disto feito, deitarão sortes, fazendo muitos sacrificios, & festas ao idolo, adorandoo muitas vezes, & perguntandolhe, se teriam bom vento, ou mao? E sahio a sorte, que aviamos de ter bom tempo, & que nam aguardassemos mais. Assim levamos as ancoras, & demos à vela todos com muita alegria; os gentios confiando no seu idolo, que levavam com muita veneraçam em a poppa do navio, & candeas accezas perfumandoo com cheiros de pao de aquila; nòs confiando em Deos Creador do Ceo, & da terra, & em JESU Christo seu filho, por cujo amor, & serviço vinhamos a estas partes.

8 Vindo nosso caminho, começaram os gentios a deitar sortes, fazendo perguntas ao idolo, se o navio, em que hiamos, avia de tornar de Jappam a Malaca? Sahio a sorte, que iriam a Jappaõ, mas que nam tornariam a Malaca; & aqui acabou de entrar a desconfiança nelles, pera nam irem a Jappam, senam de invernar na China, & aguardar outro anno. Vede o trabalho, que podiamos levar nesta navegaçam, estãdo ao parecer do demonio, & de seus servos, se aviamos de ir a Jappam, ou nam, pois os que regiam, & mandavam o navio, nam faziam mais do que o demonio por suas sortes lhes dizia.

9 Vindo de vagar nosso caminho, antes de chegar à China, estando jũtos com huma terra, que se chama Cochinchina, a qual he junto da China, nos aconteceram dous desastres em hum dia, vespera da Magdalena. Sendo os mares grandes, & de muita tormenta, estando surtos, aconteceo por descuido a bomba do navio estar aberta, & Manoel China nosso companheiro passar por ella. Ao balanço grande, que deu o navio por causa dos grandes mares, nam se podendo ter, cahio pella bomba abaixo. Todos cuidamos, que era morto pella queda grande, que deu, & tambem pella muita agoa, que avia na bomba. Quis Deos nosso Senhor, que nam morreo. Teve grande espaço a cabeça, & ametade do corpo debaixo da agoa. Esteve muitos dias doente da cabeça de huma ferida grande, que fez: de maneira, que o tiramos com muito trabalho da bomba, sem dar acordo de si hum bom espaço. Quis Deos nosso Senhor darlhe saude.

10 Acabando de o curar, continuando a tormenta grande, que fazia, meneandose muito o navio, acõteceo, que a filha do Capitam cahio no mar, & por serem os mares tam bravos, nam lhe pudemos valer: & assim em prezença de seu pay, & de todos se affogou junto do navio. Foram tantos os choros, & vozes aquelle dia, & noite, que era huma piedade mui grande ver tanta miseria

ria em as almas dos gentios, & perigos em as vidas de todos, os que em aquelle estavamos. Passando isto tudo aquelle dia, & noite sem repousar, fizeram os gentios grandes sacrificios, & festas ao idolo, matando muitas aves, dandolhe de comer, & de beber; & em as sortes, que deitarão, perguntaram a causa, porque sua filha morreo? Sahio a sorte, que nam morrera, nem cahira ao mar, se o nosso Manoel, que cahio na bomba, morrera. Vede, em que estavam nossas vidas em sortes de demonios, & em poder de seus servos, & ministros. Que fora de nos outros, se Deos permittira ao demonio fazernos todo o mal, que nos dezejava?

11 *Vendo tam manifestas offensas, que a Deos nosso Senhor se faziam, por respeito das muitas idolatrias, não tendo possibilidade pera as impedir, muitas vezes pedi a Deos nosso Senhor, antes que naquella tormenta nos vissemos, que nos fizesse tam assinalada merce, que nam permittisse tantos erros nas creaturas, que à sua imagem, & semelhança criou, ou que se os permittia, que ao inimigo causador destas feitiçarias, & gentilidades, lhe accrescentasse grandes penas, & tormentos maiores dos que tinha, todas as vezes, que movia, & persuadia o Capitam a deitar sortes, crendo nellas, fazendose adorar como Deos.*

12 *Amançandose os mares, levamos as ancoras, & demos à vela; todos com muita tristeza começamos assim nosso caminho, & em poucos dias chegamos à China ao porto de Cãtam. Todos foram de parecer de invernar no ditto porto assim os marineiros, como o Capitam. Nos outros sómente lhe contradiziamos com rogos, & com alguns temores, & medos, que lhes punhamos diante, dizendo, que escreveriamos ao Capitam de Malaca, & que diriamos aos Portuguezes, como nos traziam enganados, & que nam cumpriram comnosco o que prometteram.*

13 *Quis Deos nosso Senhor porlhes em vontade nam ficarmos em as Ilhas de Cantam. E assim levamos as ancoras, & fomos caminho de Chincheo, & em poucos dias com bom vento, que Deos nosso Senhor nos dava, chegamos a Chincheo, que he outro porto da China. Estando jà pera entrar com tençam de invernar nelle, por quanto jâ se hia acabando a monçaõ pera ir a Jappam, veio huma vela a nos, a qual nos deu novas, como avia muitos ladroẽs em aquelle porto, & que eramos perdidos, se entravamos nelle. Com estas novas, que nos deram, & com vermos nos outros os navios Chincheos estarem huma legoa de nos, vendose o Capitam em muito perigo de perderse, determinou naõ entrar em Chincheo, & o vẽto era pella proa, pera tornar outra ves a Cantaõ, & servianos a poppa pera ir a Jappam. Assim contra võtade do Capitaõ do navio, & dos marinheiros lhes foi forçado ir a Jappam.*

14 *De maneira, que nem o demonio, nem seus ministros puderam impedir nossa vinda; & assim nos trouxe Deos a estas terras, a que tãto dezejavamos chegar, dia de nossa Senhora de Agosto de 1549: sem poder tomar outro porto de Jappam, viemos a Cangoxima, que he a terra de Paulo de Santa Fè, donde todos nos receberam com muito amor, assim seus parentes, como os que o nam eram.* Athe aqui parte da carta de Sam Francisco Xavier, a qual quis referir, porque em todos estes trabalhos, & sustos teve sua parte o Irmaõ Joam Fernandes.

CAPITULO VI.

Dos trabalhos, que padeceo em Jappam, em quanto lâ esteve Sam Francisco Xavier, aquẽ acompanhou a diversas partes.

1 EM Cangoxima se fizeram alguns Christaõs, & se detiveram ali os servos de Deos por espaço de hum anno. Esperavam monçam pera passar a Meaco Corte daquelle grande Imperio; porem o senhor da terra os aconselhou, que por Meaco estar de guerra, era melhor esperar, que esta se acabasse. Vendo o Padre Sam Francisco, que se naõ fazia ali muito fruto, passou a Firando distante como cem legoas, onde foram bem recebidos dos Portuguezes, que ali estavam fazendo a carga de huma nao. A causa, porque El-Rey de Saxuma, em cujo dominio està Cangoxima, fez boas entradas aos Padres, foi por cuidar, que elles fariam ali negociar a nao dos Portuguezes; por isso lhes deu licença, pera fazerem Christaõs, & os amparou das molestias, que lhes davam os Bonzos. Porem tanto que vio, que seus intentos eraõ sem proveito, & que os Padres nada podiam nesta materia com os Portuguezes, desabrio maõ dos favores, que lhes fazia.

2 Entam o Santo Padre, encõmendando aquelles poucos Christaõs a Paulo de Santa Fè, se partio com os companheiros pera Firando em Settembro de 1550. Jâ neste tempo o Irmam Joaõ Fernandes tinha aprendido a lingua de Jappam, & foi dos tres o que primeiro a soube; o que se teve por graça singular de Deos, & tambem foi sinal da viveza da habilidade deste servo do Senhor, aquem elle escolhera pera hum dos primeiros Apostolos daquelle grande Imperio.

3 Em Firando dentro dos primeiros vinte dias se fizeram como cem Christaõs. Levantaram Igreja os Portuguezes, pera elles, & os novos Christaõs ouvirem Missa. Encommendando o Padre Saõ Francisco esta nova Christandade ao Padre Cosme de Torres, tomando comsigo ao Irmaõ Joam Fernandes sahio de Firando no fim do mes de Outubro de 1550, a saber a disposiçam da terra, & pera dar a todos noticia de seu Creador. Passou a Facata, & dali foi á cidade de Amanguchi, que era mui populoza. Ali sem licença Del-Rey começou a prègar, lendo hum catecismo, que tinha ordenado em lingua Jappoa. Eram chamados a caza de muitos fidalgos pera os ouvir sómente por novidade. Guardava o Santo Padre com a gente illustre muita authoridade, sem fazer cazo algum de sua muita arrogancia. Mandava tambem ao Irmaõ, que quando elle prègando o desprezassem fallandolhe por tu, lhes respondesse elle tambem por tu. Contava depois o Irmaõ Joaõ Fernandes, que todas as vezes, que por obedecer ao Padre fallava assim aos Senhores Jappoẽs, o fazia tremendo, & esperando por reposta hum golpe da catana, que lhe levasse a cabeça dos hombros. E que nenhuma cousa lhe encõmendava mais o Santo Padre, que a mortificaçaõ do temor natural da morte, dizendo, que nam podiam ficar superiores àquella gente soberba, senaõ com se mostrarem sem medo algum da morte; & que nam temendo a morte, os gentios os temeriam a elles, & estimariam mais a sua pobreza, que toda a riqueza, & apparato dos seus Bonzos.

4 Tambem prègou o Santo Padre a El-Rey de Amanguchi, & de caminho lhe estranhou com grande liberdade o peccado nefando, em que elle dava grande escandalo. Todos cuidavam, que sem demora fossem mor-

mortos; porem o barbaro os despedio de si, sem lhes fazer mal algum. Em dous mezes, que aqui se detiveram, soffreram muitas zombarias, & escarneos da gente do povo, entre a qual tudo o que diziam se tinha por doudice. Nem hum só se converteo.

5 No principio do anno de 1551 o Santo Padre com o Irmam Joam Fernandes, & Bernardo Jappam, que fora o primeiro, que se convertera em Cangoxima, & depois veyo a Europa, & falleceo santamente no Collegio de Coimbra, se poz em caminho pera a cidade de Meaco, q̃ he a Corte de todas aquellas Ilhas. Neste caminho os trabalhos, que soffreram, foram incriveis. Delles falla por cõpendio o Santo Padre Cosme de Torres com estas palavras.

6 *Partiraõ de Firando, donde eu ficava, no fim de Outubro, quando na terra começam grandes frios, & neves: mas o Padre Mestre Francisco pello grande fogo de amor, que tẽ em o serviço de Deos, & em manifestar sua Santa Fè Catholica, nem os frios, nem as neves, nem o temor da gente naõ conhecida, puderam tanto, que lhe impedissem tomar hum caminho tam perigozo, & o mar, por muitos ladroẽs, que hà em certos passos, & muitas vezes passaram debaixo da cuberta dos barcos, por nam serem conhecidos.*

7 *Outras muitas vezes indo por moços de esporas de alguns fidalgos correndo ao galope por nam errar o caminho, chegando muitas noites às pouzadas mortos de frio, & de fome, molhados, sem achar nellas consolaçam alguma. Muitas vezes pellas grandes neves, & frios se lhes inchavam os pès, resvalando pella asppereza do caminho, & levando o fato às costas cahiam pello caminho. Em lugares, & cidades, onde chegavam, muitas vezes eraõ apedrejados dos moços pellas ruas, & praças. Aver de contar miudamente os vituperios, & afrontas, as fomes, & frios, que passaram, seria nunca acabar. Finalmente em espaço de quatro mezes, depois de terem andado muitas partes da terra, sempre apè, & muitas vezes descalços, pellos muitos, & grandes rios, que hâ, porque quasi sempre chove nesta terra, tornou o Padre Mestre Francisco ao lugar, onde eu estava.* Athe aqui o Padre Cosme de Torres.

8 Tendo pois o Santo Padre por estes trabalhos, & perigos chegado a Meaco pello meyo de Fevereyro, como a terra estivesse mui indisposta por causa das guerras, & nada pudesse fazer, voltou a Firando, onde ficara o Padre Cosme de Torres. Determinou voltar a Amanguchi, & offerecer ao Rey os prezentes, que da India trouxera, & as cartas do Vizo-Rey, & do Bispo. Levando comsigo ao Irmaõ Joaõ Fernandes tornou àquella Cidade. O prezente, por ser de cousas novas, foi mui estimado; ouve licença pera prègar a Fè. Deuselhe pera sua pouzada hum mosteiro de Bonzos, que estava despejado.

9 Logo começaram outra ves a dar bataria ao gentilismo de Amanguchi. Eram os concursos grandes a ouvir as prègaçoẽs; enchiase a caza de gente, que fazia muitas perguntas sobre as cousas, que tinham ouvido. Sendo porem muito o trabalho, nam avia hum só, que depois de muitos dias abraçasse a verdade. Athe que Deos quis mostrar, quanto mais efficaz he o exemplo, & quanto mais convence, prèga, & converte, que a palavra. Estava o Irmaõ Joaõ Fernandes prègando em huma praça a hum grande concurso, quando passou hum gentio, & por escarneo lhe escarrou no rosto, & se foi adiante seu caminho. Aqui o prègador a modo de quem alimpa o suor na prègaçam, cõ toda a paz, & sossego tirou o lenço, alimpou a face, & o recolheo,

sem

sem fazer em si mudança.

10 Tomaram os ouvintes pezadamente este atrevimento; só o Irmaõ o tomou com bom rosto. Entre os mais assistia hum Jappam, grande perseguidor do Santo Xavier, que o costumava ouvir só pera reprehender, & contradizer oque prègava. Este homem se assombrou muito de hum tal soffrimento, & se persuadio, que cousa tam estranha nam estava sem ley mui santa. Fes esta novidade nelle mais impressam, por serem os Jappoẽs a gente, que mais mostras dâ do seu sentimento em pontos de honra, & soffrer hum desprezo he cousa mui fora da sua paciencia.

11 Acabada pois a prègaçaõ, illustrado este homem por Deos, seguio ao Irmaõ, & veyo a declarar a cegueira, em que andava. Bautizouse, depois de bem instruido. Apoz este foi Deos tocando os coraçoẽs de outros muitos. Dentro de dous mezes se contaram duzentos Christaõs; muitos delles eram fidalgos; querendo Deos por meyo deste Santo Irmaõ dar principio a huma Christandade tam florente, como foi aque ali se formou. Em sinco de Settembro deste anno de 1551 sahio o Santo pera Bungo, que dista de Amanguchi como sessenta legoas, que andou a pè, levãdo a seus hombros o ornamento da Missa. As grandes cousas, que ali lhe aconteceram, nam fazem ao meu intento, que só refiro as suas, em que teve parte o nosso Irmaõ Joaõ Fernandes. Com a Christandade de Amanguchi deixou o Santo Padre ficar a seus dous companheiros o Padre Cosme de Torres, & Irmaõ Joaõ Fernandes.

12 Como os Bonzos viram, que o Padre, cuja sabedoria elles temiam, se ausentara, imaginaram estar senhores do campo. Oque nisto passou, cõta o Padre Cosme em huma carta pera o Santo Xavier. *O dia*, dis o Padre, *que Vossa Reverencia de câ partio, bem mostraram os Bonzos da terra o grande medo, que tinham de parecer diante de Vossa Reverencia: começaraõ a entrar pella porta, onde estavamos, com grande furia, & impeto. Naquelle dia nam ouve muitas perguntas difficultozas, porque passou o tempo em fazerem zombaria de nos, & do que diziamos, sem quererem ouvir nada: tirando hum Bonzo dos de Xaca, ao qual perguntamos: Xaca porque causa nasceo oito mil vezes? & o mais, que se lhe sohia perguntar aos que adoravam Xaca, & tambem sua maneira de viver. Donde se achou elle muito confuso, & todos ficaraõ envergonhados: mas vieram entre elles alguns fidalgos rapados, os quais sem especial graça de nosso Senhor nam se podiam confundir; porque como sam homens de grandes meditaçoẽs, fazem perguntas, às quais Santo Thomas, nem Scoto, a homens sem Fé puderaõ responder, ficando elles satisfeitos. Pello qual bem pareceo nam sermos nos os que fallamos: & neste meyo tempo, que durou oyto, ou dez dias, vieram muitos nobres, & letrados, & de todos com a graça de Deos alcançamos vitoria. Fizeraõse neste breve tempo mais de sincoenta Christaõs.* Athe aqui o Padre Cosme de Torres, aquẽ servia de interprete o Irmaõ Joaõ Fernandes.

13 Estes Bonzos de Amanguchi, vendo, que hiaõ perdendo reputaçaõ, & que por disputas nam tinham que fazer com os dous servos do verdadeiro Deos, buscaram outros modos, com que os acabar. Primeiro que arrebentasse a mina, que elles dispunham, lançaraõ fama, que o demonio fallava por hum idolo, dizendo, que os dous prègadores da ley estrangeira eram seus discipulos; ajuntou, que por isso convinha desterralos, ou matalos como a inimigos dos Deoses, senaõ que a terra seria destruida, & El-Rey por lhes dar caza, & licença pe-

ra prègar ley tam diabolica. Em prova doque diziam, & affirmavam, que elles viram descer do Ceo hum rayo de fogo sobre os paços do Rey, com que os Deozes por aquelle peccado o ameaçavam.

14 Nam eram bem passados vinte dias depois de se divulgar a profecia, quando de improviso se rebellou hum dos maiores do Reyno, & com grande exercito deu sobre a Cidade. Sahiose o Rey fugindo, & desesperando de poder escapar, fez matar hũ só filho, que tinha, & depois a si mesmo se rompeo as entranhas, por naõ vir às maõs de seu inimigo. Nas grandes mortandades, & destruiçoẽs se vangloriavam muito os Bonzos da sua profecia, que tanto à risca se via cumprida.

15 Os sustos, que passaram os dous servos de Deos, & como o Senhor lhes acodio, tem o Padre Torres com as palavras seguintes. *Aos vinte, & oito dias de Settembro, depois de aver posto em recado nosso fato, mandei a Antonio a caza de Catondono, hum destes nossos amigos, que nos avizasse do que fariamos; donde tornou Antonio correndo, que nos chamavam com muita pressa. Indo pello caminho, topamos muitos esquadroens de gente armada de ponto em branco, apparelhados pera pelejar com seus arcos, & frechas, & lanças, que nos disseram: Chensicus, porque disseram mal dos Pagodes, se levanta esta guerra; matalos, & deitalos desta terra: & nos outros com mais medo, que vergonha, passamos por entre elles.*

16 *Chegando à caza daquelle nosso amigo, nos mãdou dar hum Bonzo, que nos levasse a hum mosteiro, que elle sustentava com sua renda. Os Bonzos delle em nenhuma maneira nos queriam receber, dizendo, que eramos demonios, & que por nossa causa viera tanto mal àquella terra. Em fim ou por medo do senhor, ou por rogos do Bonzo, que nos levava, nos deraõ hum lugarsinho a hum canto da Igreja, onde estivemos dous dias, & duas noites, com mais medo, que abundancia doque aviamos mister pera passar a vida.*

17 *Nestes dous dias, & duas noites se queimaram muitas cazas de fidalgos, & muitos mosteiros. Depois que fugio o Duque do mosteiro, emque estava, tornamos com a mulher daquelle nosso amigo a sua caza, & mandounos dar huma cazinha, que tem tres passadas em largo, & quatro em comprido: ahi estamos hà ja sinco dias. Toda a gente a huma voz nos busca pera nos matar, porque he tanto o mal, que veyo a estes Bonzos, & mosteiros, que nam ficou Bonzo, nem mosteiro, que naõ fosse queimado, ou roubado; & dizem, que tudo veyo por nossa causa. As cousas estaõ mui suspensas; & toda via matam, & roubam. Dizem, que os Christaõs desta Cidade, sendo os mais criados Del-Rey, dos quais mataraõ grãde numero, naõ morreo nenhum, q̃ he muito pera louvar a Deos.* Athe aqui oque dis em sua carta o Padre Cosme de Torres escrevendo a Sam Francisco Xavier, que entam estava em Bungo. No fim de Novembro do anno de 1551 se partio S. Francisco Xavier pera a India, deixando a seus dous companheiros em Jappaõ, & as cousas de Amanguchi quietas, porque succedeo naquelle Reyno hum Irmaõ Del-Rey de Bungo; este por rogos do Santo persuadio a seu Irmaõ, que abrigasse aos dous da Companhia, como fez; confirmandolhes a licença, que antes tinhaõ, pera prègar a ley de Deos, & defendendoos de seus inimigos.

CAPITULO VII.

De muitos trabalhos, em que se vio o Irmam Joam Fernandes, & do muito, que trabalhava no bem das almas.

1 DEpois de se partir pera a India o Santo Apostolo, o Irmaõ Joaõ Fernandes ficou ajudando em Amanguchi ao Padre Cosme de Torres, athe que chegou a Jappam novo soccorro mandado por S. Francisco Xavier. Este constava do Padre Balthezar Gago, & dous Irmaõs Coadjutores Pedro de Alcaceva, & Duarte da Sylva. Tendo o Padre Cosme noticia, como eram chegados a Bungo, mandou logo ao Irmaõ Joaõ Fernandes pera os visitar, & ajudar, como quem era tam pratico na lingua, & cousas de Jappam. Depois com licença Del-Rey de Bungo grande favorecedor de nossas cousas se foram todos a Amanguchi; onde os novos Missionarios se consolaram grandemente com o Santo Padre Cosme de Torres.

2 Ali huns com outros dispuzeraõ as cousas nesta forma. Que o Irmaõ Pedro de Alcaceva voltasse à India, a dar conta da disposiçaõ, que em Jappam avia pera a propagaçam da Fè. Que o Padre Cosme de Torres, & Irmaõ Duarte da Sylva ficassẽ em Amanguchi; & que o Padre Balthezar Gago com o Irmaõ Joaõ Fernandes fossem a Bungo. Em effeito se partiram pera Bungo em Fevereiro de 1553, levando comsigo ao Irmam Alcaceva, pera de la se embarcar pera a India. Em dez do ditto mes chegaram a Bungo. Andava a terra mui perturbada, porque tres Senhores grandes queriam matar a El-Rey.

3 Vendo isto os Christaõs, fizeram avizo aos servos de Deos, que puzessem em cobro o seu fato, porque a Cidade seria roubada, & queimada. Considerando o Padre a grande afflicçaõ Del-Rey, que era todo o seu amparo abaixo de Deos, mandou ao Irmaõ Joaõ Fernãdes, q̃ lhe fosse fallar, & o esforçasse dizendolhe, q̃ cõfiasse em Deos, q̃ elles o encõmendariaõ ao mesmo Senhor, peraq̃ o livrasse. Quãdo o Irmaõ entrou no Paço, todo estava cheyo de fidalgos, & tudo revolto, & pareceo ao Irmaõ, naõ aver modo de fallar a El-Rey. Neste tẽpo acertou de abrir El-Rey huma porta junto aonde o Irmaõ estava, o qual lhe disse palavras de conforto, de que elle muito folgou, pedindolhe, rogassem a Deos por elle.

4 Neste tempo estava o Padre, & Irmaõ em grande perigo, por quanto a ninguem tinham em seu favor, pois o Rey, que era o seu abrigo, corria o ultimo perigo de sua pessoa, & suas cousas, & assaz tinha em que cuidar no seu remedio. As ruas andavam cheyas de gente armada. Tudo era espanto, & horror, esperando todos o rayo deste trovam. Neste aperto determinaram os dous deixarse totalmente nas maõs de Deos, sem bolir comsigo, nem sahir de caza, vendo, que nenhuma das cousas em tal conjunçaõ era sem risco. Deos em breve os tirou deste susto, porque El-Rey poz tam bom cuidado em o negocio, que tirou a vida a tres principais, que ordiam a maldade; às mulheres, filhos, parentes, & a outra gẽte, que se encostou a elles.

5 Nesta confusam, em que tudo era sangue, se fecharam em caza, encommendandose muito a Deos. Aqui succedeo huma cousa bem notavel, porque põdose fogo na Cidade, queimou obra de trezentas cazas de mercadores, & fidalgos, & avizinhandose à caza, onde os Padres tinham o seu fato, o davaõ jà por consumido. Porem quis o Senhor, que com se queimarem todas as cazas, ficasse illesa

leſa eſta, em que o fato eſtava, ſem o fogo ſe atrever a lhe tocar; & aſſim nem recebeo prejuizo, nem faltou couſa alguma do fato.

6 Logo naquella noite lhes mandou El-Rey dizer do trabalho, que naquelle dia paſſariam, & que a guerra eſtava acabada com bom ſucceſſo: que nam tiveſſem ſuſto; que bem ſentia a perda, que no fato padeceriam, mas que elle lhes refaria tudo. Dahi a quatro, ou ſinco dias o foram viſitar, & dar os parabens do bom ſucceſſo, comque tinha ſahido de perigo taõ evidente.

7 Livres deſte grande trabalho, entraram em outros com os Bonzos, que ſaõ os ſeus Eccleſiaſticos. Vinhaõ ter com elles continuas diſputas, em que eram convencidos; porem nam o queriam confeſſar, antes gritando a grandes vozes, & ſahindo pella porta fora, diziam, que aquillo mais eraõ diabos, que homens. Como ſempre uſaſſem deſte nome *Deos* nas diſputas, por nam aver em Jappam nome ſignificador de Deos, & aſſim o ter aſſentado o Santo Xavier, que pois o nam avia, ſe uſaſſe deſte nome *Deos*, & ſe explicaſſe o que elle ſignificava, chamavam aos ſervos de Deos por zombaria Deoſes. Tambem lhe chamavam os Padres de Chincico, a qual palavra na lingua de Jappam ſignifica Ceo.

8 Vingavaõſe os Bonzos apedrejandolhe muitas vezes de noite a caza: outras vezes, ſe os encontravam fora de povoado, tambem os apedrejavam; mas ao deſcuberto ſe naõ atreviam por medo Del-Rey, o qual tendo noticia deſtes atrevimentos, ordenou aos fidalgos, que junto moravaõ, mandaſſem vigiar de noite ſobre a caza dos Padres, & ſe apanhaſſem alguẽ tirandolhe às pedradas, lho levaſſem, quem quer que foſſe, atado de pès, & maõs, pera lhe mandar fazer o que eſtas afoutezas mereciam. Com ſe ſaber eſta diſpoſiçaõ Del-Rey, ſe enfrearam os Bonzos em ſuas demaſias.

9 Neſte tempo eſtava tam longe de ſe esfriar o fervor dos Chriſtaõs, que antes creſcia nelles; bem como o fogo ſe coſtuma mais accender com o vento, que o açouta. A magoa dos Bonzos era diminuiremſelhe as eſmolas, & offertas; por iſſo eſta caſta de gẽte ſempre do modo, que pode, procurou de os moleſtar. Muitas couſas de grande honra, & ſerviço de noſſo Senhor obrou o Irmaõ Joaõ Fernandes em companhia do Padre Balthezar Gago, que pellas ter contado em ſua vida, as deixo aqui, por nam fazer repetiçoẽs do que jà deixo eſcritto.

10 Depois foi o Irmaõ Joaõ Fernandes aſſiſtir em Amanguchi com o Padre Coſme de Torres. Eſtando ali no año de 1556 debaixo da protecçaõ do Irmaõ Del-Rey de Bungo, ſuccedeo a total deſtruiçam daquella grande Cidade, que ſe diz era da grandeza de Lisboa. Como o Rey nam o era a contento de todos, os que eram de diverſo parecer ſe puzeraõ em armas: lançaram fogo à Cidade, que como toda era de madeira, como ſam todas as cazas em Jappaõ, em poucas horas com hum braviſſimo fogo toda ſe reduzio a cinzas. Eſte grãdiſſimo aperto poz aos Padres em notavel anguſtia, por verem aſſim desbaratada huma Igreja, que tanto ſuor lhes tinha cuſtado.

11 Eſtava chegando à Cidade hũ poderozo exercito, em que eraõ muitos os Bonzos, cujo principal odio ardia contra os prègadores do ſanto Evangelho. Entre elles ſe tinha por couſa ſem duvida, que a nova ley, & miniſtros della eram a cauſa de todas eſtas ruinas; porque avendo muitos annos, que Amanguchi tinha paz, depois que ali entrara eſta ley, as guerras tinham ſido continuas, athe chegar huma tam illuſtre Cidade à ſua total ruina. Por eſta cauſa foraõ

os Christaõs de parecer, que logo os Padres se auzentassem pera Bungo, antes que sobre elles viesse a furia dos Bonzos. Assim o ouveram de fazer. Chegaram a Bungo no mes de Mayo do sobreditto anno.

12 Naõ passou muito tempo, q̃ se naõ começasse a revolver com levantamentos o Reyno de Bungo; parece, que o demonio magoado de q̃ a Ley de Deos fosse tomando posse das terras, de que elle estava senhor antigo, a cada passo levantava estas desinquietaçoẽs. El-Rey foi obrigado a se guarecer em hum lugar mui forte. Em quanto as cousas nam tomaram assento, viviam os servos de Deos em perpetuo sobresalto. Com tudo nam deixavam de proseguir na conversam dos gentios.

13 Neste tempo fez o Irmaõ Joam Fernandes huma peregrinaçam com o Padre Gaspar Villela em algũs lugares à roda de Bungo, em que o Irmaõ prègava, & servia de interprete. Padeceram neste caminho muitas fomes, & desabrigos, que refiro na vida do Padre Gaspar Villela; mas recolheram do seu trabalho copiozo frutto. Em todo o inverno, & tempo da quaresma de 1557 passaraõ em summo perigo. El-Rey lhes mãdou dizer, que se defendessem, que elle lhes naõ podia ser bom. Por esta causa os Christaõs se revezavam em vigiar a caza dos Padres. Andava mais solto o odio dos Bonzos, & povo atiçado pellos mesmos Bonzos. Tinham espalhado, que os Padres comiam carne humana: pera fazerem criveis estes dittos, lhes lançavam de noite à porta panos ensangoentados. Diziam, serem demonios em figura de homens. Em apparecendo pellas ruas, os moços os apedrejavam, chamandoos perros, & outros nomes injuriozos. Tinhaõnos pella cousa mais vil, que ha, nem pode aver no mundo.

14 No mes de Settembro começaraõ a sahir desta oppressam, porque lhes vieram novas, que El-Rey por hum seu capitam tinha desbaratado o inimigo. Os Padres o mandaram vizitar. Vindo elle pera a cidade, huma noite ceou em nossa caza, querendo o Senhor com esta tam grande honra ainda cà entre os homens pagar os vituperios, que por seu amor tinhaõ padecido. Deulhes tambem El-Rey hum campo em Facata, cidade rica, & populosa, pera fazerem nella Igreja, & caza.

15 Era este campo hum lugar jũto ao mar, onde averia como sessenta lavradores. Foi lâ o Padre Balthezar Gago, & Irmam Joaõ Fernandes, pera os fazerem Christaõs. Converteraõse seis, que eram os principais. Concorreraõ a fazer ali assento Christaõs de Amanguchi. Hiase formando Christandade, quando depois da Paschoa de 1559 vieram sobre a terra dous mil homens inimigos Del-Rey de Bungo. Neste aperto fez o Padre embarcar em hum barco de Firando ao Irmaõ Joaõ Fernandes com as cousas da Igreja, & alguns mininos Christaõs. O Padre ficou em poder de inimigos, em que padeceo crueis trabalhos, como se dis em sua vida. A terra foi entrada, & causou isto grande aborrecimento contra os Padres, confirmandose todos na sua opiniam, que o mesmo era fazerem assento em alguma cidade, que vir sobre ella destruiçaõ; porque Facatà quasi de tempo immemoravel se conservava em paz. Como era cidade de mercadores, elles com o dinheiro sabiam desviar o perigo, mas agora o tiveram de portas a dentro sem o sonharem.

16 O trabalho ordinario do Irmaõ Joaõ Fernandes era prègar aos Christaõs ora em humas, ora em outras terras, cõforme a obediencia lhe ordenava. Soube com muita elegancia a lingua de Jappam, com a qual fazia muito frutto. No anno de 1563 en-

entrando em Jappam o Padre Luis Froes, fallando deste santo Irmaõ, dis assim: *Achamos o Irmaõ Joaõ Fernandes tam consumido, & gastado de trabalhos, que parecia, como muitas vezes se me figurava, quando o via, que acabava de arrancar a alma.* Fallando o mesmo Padre do trabalho continuo, que tinha, dis: *O Irmaõ Joam Fernandes acabado de ouvir Missa, & ensinar a doutrina, estava athe as onze horas com gente na Igreja, instruindoos nas cousas da Fé muito por extenso, & catequizãdoos pera o bautismo. Depois de jãtar ensinava a doutrina aos mininos. Dali athe à noite tornava a continuar as cousas de Deos aos Catecumenos, & à noite depois das ladainhas, que todos os dias cá se dizem, estava com elles athe perto da meya noite, & às vezes mais, quando vinham fidalgos, nobres, & Bonzos, pera se bautizarem.* Bem se deixa ver destas poucas regras da carta do Padre Froes, que trabalho este Santo Irmaõ tomava sobre si.

17 *Por em Jappam* (dis o mesmo Padre em outra carta) *nam aver arte conforme a ordem, que tem a Latina, por onde se padecia detrimento no aprender da lingua, determinou o Irmaõ Joaõ Fernandes (por entam ter algum vagar, & disposiçam pera se occupar nisso) de a fazer com suas Conjugaçoẽs, Preteritos, Syntaxe, & mais regras necessarias com dous Vocabularios por ordem do alfabeto; hum, que começa em Portuguez, & outro na mesma lingua. Gastou em compor isto seis, ou sette mezes, athe que pella bondade de Deos lhe deu fim, nam perdendo nada das suas prègaçoẽs, & exercicios costumados, que foi huma das mais necessarias cousas, que cà se aviam mister, pera com a lingua se poder fazer fruto nas almas.* Athe aqui as palavras do Padre Froes, com quem neste tempo assistia o Irmam Joam Fernandes na Ilha Tacuxima, que era toda de Christaõs.

CAPITULO VIII.

Do zelo, com que trabalhava; conversoẽs, que fazia. Levanta Igreja em Firando, onde padece muito, & de sua santa morte.

1 ERa o anno de 1564, quando na Ilha sobreditta se achava o Irmam Joaõ Fernandes com o Padre Luis Froes, que ainda nam sabia a lingua, por isso só consolava aos Christaos dizendo Missa, & bautizando. Era a Ilha de hum fidalgo Christam chamado Dom Antonio; este pedio ao Irmaõ, fosse consolar os Christaõs de outras Ilhas vizinhas. Assim o fez por duas vezes. Por extremo se consolaram os Christaõs, porque lhe tinham singular amor, & grande credito a suas palavras. Fez nelles muito fruto, prègandolhes cada dia. Bautizou muitos mininos, & hum bom numero de gentios.

2 Nestas conversoẽs foi muito pera dar graças a Deos a de huma velha de oitenta, ou noventa annos mui aparentada na terra. Pera se poder salvar, tinha ella corrido em romaria grande parte dos pagodes de Jappam. Tinhamlhe dado os Bonzos hum habito de papel, & nelle escritta a vida do seu Deos Amida, pera quando morresse ir direita ao seu paraizo. Com este vestido tinha outras muitas bullas, com as quais a velha se dava por mui segura, & as estimava muito, por lhe terem custado bom dinheiro,

3 Indo o Irmam a caza de hum Christam enfermo a vizitalo, onde a velha estava, por ser seu parente, a mandou o enfermo chamar, perguntandolhe, se queria hum pouco ouvir fallar das cousas da outra vida, & do

Redemptor do mundo? Reſpondeo ella, que ouviria; mas que ſegura eſtava de ſe fazer Chriſtaã. Como o Irmaõ lhe fez claramente manifeſta a malicia do demonio,& os enganos de Amida, em que tanto confiava, & a verdade do Evangelho;como os Jappoẽs ſam naturalmente ſogeitos à rezam, pareceolhe tudo tam bem, que logo pedio a bautizaſſem. Aprendeo as oraçoẽs, & trouxe ao Irmaõ o habito com todos os mais papeis, pera que os queimaſſe, dizendo, que naõ queria jà outras reliquias, ſenam a JESU.

4 Fezſe Chriſtaã com tanto fervor, & zelo, que a todos dava materia de grande conſolaçam, eſpecialmente aos Chriſtaõs, que de a verem primeiro tam gentia, a temiam, & aviam dor della; mas depois lhe tinhaõ ſingular amor, pella ver tam firme, & boa Chriſtaã. Deulhe o ſanto bautiſmo novos alentos no corpo, porque naõ podendo antes terſe em pè, dali por diante hia todos os dias à Igreja, onde rezava trezentas Ave Marias cada dia. Cada noite duas, & tres vezes ſe levantava a ter oraçam. Depois em huma embarcaçaõ dos Chriſtaõs foi a Tacuxima ſó por ouvir Miſſa, & ver ao Irmam Joaõ Fernandes, por quem Deos lhe fizera tanto bem.

5 Daqui paſſou o Irmaõ a Firando, onde por occaſiam dos Portuguezes, que ali vieram negociar, ſe ouve licença do Rey, pera de novo ſer feita Igreja, a qual em Portuguez ſe nomeou da Conceyçaõ,& pera noticia dos Jappoẽs gentios lhe chamaram Timongi, que quer dizer *Porto do Ceo*. Na caza, que ali ſe edificou, reſidiam alguns da Companhia aprendendo a lingua de Jappam, que o Irmam lhes enſinava.

6 Muito o conſolou o Senhor entre outras couſas com as converſoẽs ſeguintes, em que o Irmaõ era o principal inſtrumento. Huma ſenhora gentia tinha cazado huma filha cõ hum fidalgo Chriſtaõ por nome Dom Joaõ. Succedeo adoecer eſta filha, a quem amava por extremo ſua mãy. Eſta era mui devota dos idolos, por iſſo tinha o genro com ella muito trabalho. Fez a mulher grandiſſimas deprecaçoẽs aos idolos, porque lhe deſſem ſaude a ſua filha. Foram muitas as romarias, ſem conto as eſmolas, por ſer mui rica. Reparou alguns templos, outros edificou nas ſuas terras, mandando aos Bonzos, fizeſſem continuas oraçoẽs aos Pagodes. Depois de tais diligencias morreo a filha; de que a velha ficou mui aſſanhada contra os Pagodes: dizia ella, que cuidava lhes merecia alguma couſa; & pois aſſim uſavam com ella, final era, que nada podiam. Logo com eſte meſmo enfadamento queimou todos os mamboriz, que ſam humas nominas dos Pagodes, & ſe foi apartando da converſaçam dos Bonzos.

7 Ficoulhe deſta filha huma neta de quatro annos: fez logo avizo ao Irmaõ Joaõ Fernandes, que lhe foſſe bautizar ſua neta; foi lâ com hum Padre, deulhe o bautiſmo, & a alguns mininos, que a ſerviam; & lhe diſſe, que ella ouviria mais de vagar as couſas de Deos, & que fazendo dellas entendimento, receberia o ſanto bautiſmo. Tambem quis, que todos ſeus vaſſalos ſe fizeſſem Chriſtaõs. Em effeito ſe bautizaram dous lugares, que teriam athe quinhentas, & ſincoenta peſſoas. Entre elles dous Bonzos, que neſtas terras eſtavam em ſuas Igrejas. O Irmam os convenceo, & elles ſe converteram.

8 Do moſteiro, em que hum delles reſidia, fez huma Igreja conſagrada à Santa Cruz. Ao levantar da Cruz ouve em os Neophytos tanto goſto, & alegria, como ſe foſſem Chriſtaõs de muitos annos. Prègoulhes o Irmaõ do myſterio da Cruz, avendo em todos muita devaçaõ. Logo os mininos aſſaltaram com grande ale-

alegria o ſemiterio de ſeus antepaſſados, & naõ ficou couſa, que naõ deſtruiſſem, como ſe o fizeram a couſa, a que tinham muito odio. Em ſeis dias, que ali eſteve, ſouberam todas as oraçoẽs. Em outro lugar tambem os mininos as ſouberam depreſſa, & quando o Padre, & Irmaõ ſe deſpediram, as foram cantando diante delles athe a praya.

9 Em hum deſtes lugares avia hum moſteiro bem acabado, onde eſtava enterrada a filha da ſenhora gentia: naõ obſtante iſto, ella o mãdou queimar com os idolos, que nelle avia, & a outros idolos, que nas terras do ſeu deſtrito eram adorados. Tal foi o odio, que lhes cobrou ſendo gentia. Se ella, ou alguem de ſua caza eſtava doente, mandava pedir aos Padres, a encommendaſſem a Deos.

10 Neſte tempo ſe vio o ſervo de Deos, & ſeus companheiros em grande ſuſto. Veyo a Firando hum Portuguez de Vomura em huma embarcaçam, na qual vinham alguns Chriſtaõs, que traziam carta de Dom Bartholomeu ſenhor de Vomura pera Dom Antonio fidalgo mui Chriſtam, & principal em Firando, a qual era de amizade, por ſerem Chriſtaõs. Sabendo iſto o Rey, mandou eſquartejar aos Chriſtaõs, por trazerem aquella carta de hum ſeu inimigo, imaginando ſer em ordem a lhe desinquietarem a hum dos ſeus maiores validos, qual o era Dom Antonio. Cuidaram todos, que as couſas ſe revolveſſem contra os Chriſtaõs de Firando; mas foi Deos ſervido, que o Rey ſe contentaſſe com o caſtigo, que mandara fazer naquelles quatro Chriſtaõs.

11 Logo que ſahiram deſte ſobreſalto, entraram em outro. Tinhaõ levantado huma fermoſa Cruz em o patio da Igreja, a qual parecia eſtar dominando tudo. Vendo os Bonzos lá dos ſeus moſteiros a Cruz, & como todos os dias era adorada dos Chriſtaõs, que ſahiam, & entravam na Igreja, nam o podiam ſoffrer. Hum, que entre elles era principal, tendo conſelho com os outros diſſe, que alem de muitos trabalhos, que em ſua velhice tinha, huma couſa, que de poucos dias avia lhe dava grande pena, era cada menhaã em ſe levantando ver do ſeu apoſento, como os Chriſtaõs aſſim velhos, como mininos, adoravam a Cruz, que elle tanto aborrecia. Entrando nos mais a meſma magoa, fizeram juramento de a ir cortar; hum ſó delles nam quis entrar neſta conjuraçaõ. Tiveram diſto aviſo os Chriſtaõs, & ſe apoſtaram a deſviar eſte atrevimento com as armas. Quis o Senhor, que os Bõzos nam ſahiſſem no ſeu furor.

12 Paſſados eſtes perigos, entraraõ em outros maiores. De Facundâ ſe mandava o provimento ao Padre, & Irmaõs de Firando a tempo, que no mar andava a corſo huma eſquadra de embarcaçoẽs Del-Rey de Firando; a qual ſó fazia preza em inimigos, mas deixava paſſar em ſalvo todas as embarcaçoẽs de mercadores de Firando, como de amigos; ſabendo porem, que em huma vinha o ditto provimento, a tomaram, & tiraram ſeus traçados aos que nella hiam, que entre os Jappoẽs he grande injuria. Ouveram tambem huma imagem da Aſſumpçaõ da Senhora; eſta tomou pera ſi Catondono principal inimigo da Ley de Deos. Por deſprezo a pendurou em huma ſala de ſua caza, & lhe cegou os olhos com tinta. Ali a moſtrava, como tropheo da ſua victoria. Hum dia a moſtrou a hum Chriſtam.

13 Sentio, como era bem, eſte deſacato. Contouo aos noſſos; os quais penetrados de dor o diſſeram a Dom Antonio fidalgo Chriſtam, & mui poderoſo. Quis elle vingar as afrontas da Mãy de Deos. Porem ouve de ſe aquietar, dizendoſelhe, que convinha diſſimular, por ſe naõ ſeguir algum dano grande; pois ſe entendeo

tendeo

tendeo, que nisto intervinha hum filho Del-Rey.

14 Deste desassossego se originou outro: hum Christaõ criado de Dom Antonio, encontrandose na rua com hum gentio, que na embarcaçam ditta lhe tinha tomado o seu traçado, arremetteo a elle, & lhe tomou o traçado, com que vinha cingido. Era o gentio criado de Catondono, o qual sentio muito este aggravo do Christaõ, & mais por ser cousa de Dom Antonio seu grande inimigo. Tomando conselho com o filho do Rey, & outros amigos, resolveram desbaratar em vingança da injuria a Igreja dos Christaõs, julgando naõ poderem fazer cousa, que mais custasse a Dom Antonio. Dizendo certo gentio a hum Christam seu parente o que se tramava, & como os inimigos ajuntavam gente de armas, pera dar de subito na Igreja, este o disse aos Padres. De tudo deram conta a Dom Antonio, & a Dom Joaõ, os quais mandaram meter na caza dos Padres gente de armas mui escolhida, & resoluta. E Dom Antonio recolheo outra muita em sua caza, pera della sahir a dar nos inimigos de Deos.

15 Avia com isto grande alvoroço na terra: huns davam vozes, que ninguem se descuidasse: outros despejavam suas cazas, & metiam os seus fatos em gudoẽs, que sam huns sotaõs debaixo da terra; porque como as cazas sam de madeira, só escapa o que se mete na terra. Neste tempo os nossos, tendo animado os Christaõs a defender a caza de Deos, se puzeram em oraçam esperando o successo. Sabendo os gentios, que a facçam lhes avia de custar sangue, tomando melhor conselho, despediram sua gente de armas pera suas cazas; & El-Rey se meteo de permeyo, & tudo ficou quieto.

16 Tendo o Irmam Joam Fernandes gastado seus annos em continuos trabalhos soffridos pello amor de Deos, & vendoos tam bem aproveitados em numerosa Christandade, que florecia em Jappam, o quis o Senhor levar pera si. Sua morte refere o Irmaõ Jacome Gonçalves, que se achou prezente, cujas palavras sam as seguintes: *Os dias passados foi nosso Senhor servido de levar pera si o nosso Irmam Joaõ Fernandes, começandolhe ao principio a vir humas febres brandas, que por algum tempo o tiveram em cama, das quais começou a convalescer, & avendo tres, ou quatro dias, que andava já bem, se confessou, & tomou o Santissimo Sacramento dia de Sam Joam Bautista: & andando todo o dia seguinte em pè, à noite depois de deitado, estando todos praticando com elle, nos começou a persuadir, que aquella era a derradeira. Passada boa parte da noite em praticas da morte, & Payxam de Christo, & da gloria, deixandoo quieto, nos recolhemos.*

17 *Ao outro dia antemenhaã o fui vizitar, & o acheì jà tanto no cabo, que escaçamente me podia respõder: acompanhamolo o Padre, & eu por toda esta menhaã, no qual tempo fallando de Deos, & cousas, que elle costumava prègar em lingua de Jappam, com o nome de JESV na bocca deu a alma a seu Creador. Todo o tẽpo, que esteve em passamento, estiveram aqui Dom Antonio, Dom Joaõ, & Dona Izabel com todos os de mais Christaõs, derramando muitas lagrimas: & quando espirou, foi tam grande o pranto, que nam se ouviam huns aos outros, porque o tinham todos naõ somente em conta de pay, mas de hum grande servo de Deos, & como a tal naõ se fartavam de lhe beijar os pès com muitas lagrimas.*

18 *Esperamos em nosso Senhor, que terá ja recebido a coroa, & premio de seus trabalhos, porque avia perto de vinte annos, que com grande zelo, & charidade prègava o nome*

me de Christo nestas partes, onde nunca fora conhecido, sendo elle o primeiro companheiro do Padre Mestre Francisco Xavier, que trouxe este santo nome a Jappam, no qual officio perseverou sempre athe morrer, deixando feito muito frutto com grande exemplo de vida. Estas as palavras do Irmaõ Jacome. Sua ditosa morte aconteceo em Firando aos 26 de Junho de 1567. Delle escrevem muitos Authores; em especial se faz delle memoria no primeiro tomo, que anda impresso das cartas do Jappam, nas quais andam algumas suas. Muitos notaram, que sendo elle o que obrava as principais cousas, que nellas conta, sempre as referia a seus cõpanheiros; o que fazia por sua grande humildade. Delle faz illustre elogio o Agiologio Lusitano, & a Bibliotheca da Companhia.

19 Foi eminente na lingua de Jappam. O Padre Luis de Almeyda, missionario mui insigne, tem estas palavras em huma carta sua: *Entre os Irmaõs, que vieram a Jappam, da lingua nenhum chegou ao Irmam Joaõ Fernandes, nem me parece, que o averà, por muitos, que venhaõ.* O Padre Belchior Nunes Barreto tẽ assim em huma de suas cartas: *O Rey de Firando tinha promettido de se fazer Christam, pello qual espero em nosso Senhor, que se farà muito frutto. Lâ he o Padre Cosme de Torres, & o Irmam Joaõ Fernandes, que he maravilhozo topaz (isto he interprete) & tem mui especial graça de prègar aos Jappoẽs.*

20 O Padre Antonio de Quadros tem delle em huma carta o seguinte: *Em Jappaõ temos o Irmam Joaõ Fernandes, cuja perfeiçam he tam grande, & tem recebido, & recebe cada dia tantos trabalhos por amor de Deos, que o Santo Padre Francisco dizia ao Santo Padre Mestre Gaspar, sendo Varam tam Santo, & perfeito: Que dizeis do Irmaõ Joaõ Fernandes? he tam virtuozo, & trabalha tanto, que pera virdes a igualalo, vos he necessario trabalhar muito.* Deste testimunho do Veneravel Padre Quadros se ve o alto conceito, que delle teve Sam Francisco Xavier.

CAPITULO IX.

Vida do Apostolico Padre Gaspar Barceo.

Do principio de sua vida; modo, com que se ouve na Companhia, athe ir pera a India. *Em Goa 18 de Outubro de 1553*

1 GRandes foram as virtudes deste Apostolico heroe, & vivendo poucos annos na Companhia, deixou nella nome tam avultado, que com razaõ o contam entre os astros, que neste Ceo tem esfera de grandes, & maiores luzimentos. Nasceo o Padre Mestre Gaspar Barceo em Goeza lugar da Ilha de Zelandia nos Estados de Flandes. Seu pay se chamou Francisco, & sua mãy Ignes; nos quais só ouve a nobreza, que lhes deu hum tal filho. Estudou Philosophia, & Theologia em Lovayna, onde tambem se graduou de Mestre em Artes. Por varios successos veyo ter a Portugal. A necessidade o obrigou a se accommodar em caza do Thezoureiro Del-Rey, a quem servio com muita fidelidade, & naõ menor paciencia. Eralhe esta bem necessaria, por ser o amo de natural precipitado.

2 Huma vez levado de sua colera deu muita soma de pancadas no pobre Flamengo, o qual as soffreo sem dizer palavra. Julgando porem, que seria bem advertir nisto a seu amo, pera que se naõ deixasse arrebatar destes impetos; tanto que amaynou o furor, tomou nas maõs o pao, com que o senhor o molestara, & che-

& chegandose a elle lhe disse com humildade: *Se achais, senhor, que vos offendi; agora, que estais sem ira, tomai este pao, & castigaime. Eu nam sou tal, que queira, fazendo por onde, ficar sem castigo. O que vos rogo, he, que quando outra vez castigardes vossos criados, nam vos aconselheis com vossa ira, mas com a rezaõ.* Ficou o amo por huma parte sentido do que tinha feito, & por outra mui pago da modestia de seu criado.

3 Por este tempo começavam neste Reyno a florecer em virtude os nossos Religiozos. Em especial ouve mui notoria edificaçam em o nosso Padre Mestre Simaõ Rodrigues rejeitar o Bispado de Coimbra, que El-Rey Dom Joam o Terceiro lhe offerecia. Hum tamanho exemplo, & o mais, que dos nossos se contava, accendeo em Gaspar Barceo grandes dezejos de ser da Companhia: em effeito a pertendeo, & nella entrou em Coimbra no anno de mil quinhentos quarenta, & seis.

4 Seu grande fervor, & resoluçam de servir a Deos, se vio bem, quãdo o Padre Mestre Simam ordenou, que seus subditos lhe dessem por escritto o seu sentimento àcerca do grao, a que na Companhia sentiam inclinaçam. O escritto do Padre Barceo continha o seguinte: *Eu nam vim à Religiam a ser servido, mas a servir; nem me vim buscar a mim, mas a JESU Christo crucificado, pera o seguir em perpetua pobreza, castidade, & obediencia, como lhe tenho promettido. Pello que digo, & prometto, & estou prestes, & me entrego nas maõs de Vossa Reverencia por Coadjutor perpetuo dos Professos da Companhia de JESU, ou por cozinheiro, varredor, comprador, moço de esporas, pera levar os recados por mar, & por terra a qualquer parte, que elles por serviço de Deos me mandarem, ou seja em terra de Christaõs, ou de Mouros, Turcos, gẽtios, & hereges. Assim mais me entrego nas maõs de Vossa Reverencia em nome de JESU Christo, pera servir em quaisquer officios baixos em caza, ou fora, & assim a quaisquer proximos por serviço de Christo sem nenhuma excepçam, a leprozos, a doentes de peste, & de quaisquer outras enfermidades, por mais contagiozas, que sejam; a servir sempre em hospitais, & andar peregrinando por terras estranhas, na India, no Preste, em Guinè, em vestidos pobres, & rotos por fomes, & sedes, por frios, & calmas, por chuvas, & por neves, por quaisquer penurias temporais, segundo a forma, que por Vossa Reverencia, ou da sua parte me for dada:* Sequar Agnum quocũque ierit, ipso passu, & eadem cogitatione armatus. *Nam quero ser Professo, nem tenho vontade propria pera isso, salvo a de Christo, & a de Vossa Reverencia, & o que me mandarem. Tudo isto prometto, & professo a nosso Senhor, & à gloriosa Virgem sua Madre de o cumprir perpetuamente com toda a perfeiçam, que puder: o que hei por tam valiozo, como se fora voto solemne. Por tanto rogo a todos os Santos da Corte celestial, me queiram alcançar graça, pera o poder inteiramente cumprir, como o dezejo athe a morte, & morte de cruz. E com isto me entrego nas mãos de Vossa Reverencia da parte de Christo, pera que de mim ordene, & faça, o que mais entender ser serviço seu,* in perpetua servitute. Athe aqui as formais palavras do offerecimento, que de sua pessoa fez nesta occaziam o Padre Barceo nas maõs da santa obediencia: como a tudo satisfez cabalmente, mostrarâ o discurso de sua vida.

5 Poz o seu cuidado pello modo, que se conta de Santo Antonio de Padua, em encobrir suas grandes partes, & sabedoria. Donde nasceo ser tido, & avido por rude, & tosco.

De

De ordinario se occupava em servir na cozinha, & por muito tempo fez officio de Roupeiro, sem dar a entender o que sabia, & tinha estudado. Huma ves estando os Religiozos dizendo suas faltas diante do Padre Provincial Simaõ Rodrigues, o Padre Barceo se poz de joelhos, dizendo, que tinha huma tentaçam muito importuna, com a qual o demonio o incitava a que dezejasse ser prègador. Fez o ditto rizo em todos os prezentes, por ser tido por tosquissimo, & alem disto mastigar mui mal o Portuguez.

6 Entam o Padre pera o mortificar mais com a mesma confusam, que de si confessava, o mandou subir em hum banco, & prègar. Obedeceo à risca, & o fez tam grosseiramente, que fez muito rizo, & ainda nojo de tal prègador, & prègaçam nos que o ouviam. Mandandoo parar o Padre Mestre Simaõ, lhe perguntou, que lhe parecia do seu sermaõ? Respondeo com grande sinceridade, que ainda que o fizera mal, & o fizesse outras muitas vezes, nam perderia por isso a esperança, que tinha de ser prègador. Tinha o Padre Mestre Simaõ, como homem Santo, & mui avizado, grande dom de conhecer espiritos, & entendeo, que naquella aos olhos dos homens bruteza estava escondido hum diamante.

7 Logo mandou ao Padre Barceo, que deixasse os officios de Irmaõ Coadjutor temporal, & se refrescasse nas cousas, que estudara, pera se ordenar de Sacerdote. Assim o poz por obra. Parece, que com o novo estado se lhe infundio o dom de prègar, com o qual começou a fazer grande frutto nos lugares vizinhos a Coimbra. Huma ves acabando de prègar, o rodeou infinita gente pera se confessar. Assentouse logo no confessionario: nelle continuou todo aquelle dia, & noite seguinte em pezo, athe as des horas do outro dia. O que se teve por cousa maravilhoza, como na verdade o he, poder estar depois de ter vindo ali a pè, & prègado com fervor, quasi vinte, & quatro horas continuadas confessando, sem a natureza se refazer nem com sono, nem com sustento.

8 No anno de 1548 foi mandado pello Padre Mestre Simaõ à India em companhia de outros nove Religiozos nossos. Foi a quarta missaõ dos nossos, que passou às Indias Orientais. Nesta jornada, & os mais annos, que viveo, obrou cousas mui avultadas. Temos em os nossos cartorios os treslados das suas cartas, em que refere o que Deos por elle obrava, sem algum espirito de altivez, antes com muita humildade, & tudo escrevia, por assim lho ordenar a santa obediencia. Naquelles principios avia ordem de Santo Ignacio câ em Europa, & o mesmo ordenara Sam Francisco Xavier no Oriente, que os Padres escrevessem cartas aos Padres, & Irmaõs auzentes do que em suas emprezas por elles obrava o Senhor, & o que em seu serviço faziam; pera que louvassem a Deos pello muito, que se servia dos da Companhia; & pello que huns faziam, vissem os outros o que deviam fazer, & o modo, que aviam de guardar em semelhantes emprezas, pera maior gloria de Deos, que era o que unicamẽte nestas cousas se buscava.

9 Por isso irei mais nesta vida seguindo as cartas do mesmo Padre Gaspar Barceo, que outras narraçoẽs, que dellas sahiram. Estam escrittas em hum Castelhano tosco, & de huma casca desabrida, mas de bom âmago, & succo. Foi esta lingua em semelhantes cartas entam mui usada, por serem nossos Santos Pays Ignacio, & Xavier Hespanhois, & usarem desta lingua, & os filhos athe nisto tinham sabor em se conformar com elles. A versam sera minha, cortando algumas cousas, que se possam

escular, por diminuir o trabalho a quem ler.

CAPITULO X.

Parte o Padre Gaspar Barceo pera a India. Do muito, que trabalhou athe chegar a Goa.

1 A Narraçaõ da sua viagem da India foi cheya de espantozos exemplos. Tudo se ve da carta do Padre, que he a seguinte: *A causa principal, que me moveo a escrever esta carta, foi a gloria do nome de JESV nosso Salvador, porque sendo por ella certificados das misericordias, que por sua bondade usou com nos outros seus baixos instrumentos, lhe daram muitas graças, & louvores. Bem creyo, Irmaõs charissimos, que nam me faltavam vossas oraçoẽs, & que dellas procedeo muita parte doque aqui vereis; pois està claro nam aver em mim cousa, porque o Senhor dador de todo o bem as quizesse obrar. A elle seja a honra, & gloria.*

2 *Apartandonos em Belem de nossos Irmaõs, nos repartimos em duas naos. O Padre Belchior Gonçalves, Balthezar Gago, Joaõ Fernandes, Barreto, & eu em a nao Sam Pedro. O Doutor Antonio Gomes, Paulo do Valle, Francisco Gonçalves, Manoel Vaz, & Luis Froez em a nao Galega. Dos que hiamos em a nao S. Pedro foi constituido Superior o Padre Belchior Gonçalves; por cujo governo nos fes o Senhor muitas merces por suas virtudes; & amim, que era o minimo de todos, mas fes grandissimas. Hia por Capitam desta nao Dom Joam de Mendonça, ao qual por descuido nam tinhamos fallado estando em terra, peraque tivesse alguma noticia de nos. He homem mui virtuozo, & que muito nos ama. Ao entrar da nao vimos muita gente, & mui luzida, cavalheiros, & pagens da Camara Del-Rey. A meu parecer seriam quatrocentos homens. Logo me veyo huma desconfiança, parecendome, que entre elles nam poderia fazer frutto, mas o Senhor sabe o que faz.*

3 *Andando jà pello mar, nos ouveramos de perder nos cachopos. No dia seguinte fazendo alarde o Capitam, lhe fomos fallar, peraque se ordenasse, que todas as noites se cantassem as ladainhas, ouvesse sermoens, & se ensinasse a doutrina Christaã a toda a gente da nao. Todos com isto se alegraraõ muito. Neste dia todos os Irmaõs enjoaram. Assim foraõ enjoados alguns, & sem poder comer: nem tinhamos quem nos fizesse de comer no fogam. Por tanto me foi necessario tomar esta cruz às costas. Logo tratei de lhes preparar o comer no fogam; onde nenhuma cortezia se tinha às minhas Ordens. E nam foi pouco escapar daquelle fumo sem bofetadas, comque os grumetes me queriam servir.*

4 *Neste officio continuei alguns dias com tam pouco proveito, que os Irmaõs nam podiam gostar do comer; porque humas vezes me furtavam a panela, outras ma quebravam, outras ma entornavam; nam me podia dar com elles a conselho. Vendo isto Henrique de Macedo cavalheiro mui honrado, tendo compayxam de nos, mandou a hum seu escravo, que nos fizesse de comer, peraque mais facilmente nos pudessemos occupar no espiritual. Daqui por diante comecei a prègar todas as festas das obras de misericordia: muitos dias da semana fazia doutrina sobre o Padre Nosso. Alem disto nos occupavamos em ouvir confissoẽs, & fazer exhortaçoẽs, de que avia grande necessidade, por causa das muitas mulheres, que vinham em a nao. Tinhamos determinado de pedir ao Capitam as* lan-

lançasse em terra, se ancorassemos em alguma parte.

5 *Repartimos com os pobres tudo oque levavamos; acodionos o Senhor de maneira, que parecia crescer tudo; do que se espantava hum homem, que se meteo a servir os doentes, movido a ser da Companhia. Foi recebido do Padre Mestre Francisco; chamavase Mendes. Assim fomos com mui prospero vento athe a Costa de Guiné, & mui poucas calmarias. No qual tempo chegou a tanta edificaçam a gente desta nao, que de indomaveis, que eram em jogos, & vicios, se fizeram tam mansos, que quanto tinham offereciam assim pera os pobres, como tambem pera nos. Foi tanto o credito, que nos davaõ assim grandes, como pequenos, que nam se fartavam de tratar com nosco cazos de consciencia. Todas suas duvidas, & cazos difficultozos a nos os remettiam, como a juizes.*

6 *Os sermoẽs fazia eu do alto da nao, por ser a gente muita. Acabado o sermaõ, logo mui depressa me hia servir os doẽtes; pello qual o Capitaõ me mandou chamar à sua camara, rogandome muito da parte de Deos, que communicasse com elle, que grandemente o dezejava. Por tanto ouve de tratar com elle declarandolhe alguns Psalmos, & cousas espirituais. Gostava de se confessar muitas vezes. Dava sempre largas esmolas aos pobres, & a nos quãto queriamos. Dizia, que tudo oque trasia de conservas, & mantimento, do qual nós nam vinhamos providos, estava à minha disposiçam. Mas eu sempre me escusei, dizendo, que nos bastava a porçaõ, & regra da nao, & esse pouco, que trasiamos.*

7 *Com estas, & outras cousas, que via nos Irmaõs, se confundia muito, espantandose dos nossos grandes trabalhos, dos maos cheiros, que soffriamos de despejar os vasos dos enfermos. Foi isto tanto, que me chegou a dizer, como se podia elle salvar com tantos criados, commodos, & comeres tam delicados sem penitẽcia, quando nós com tantos trabalhos grangeavamos o Ceo? Finalmente offereceome toda a nao, pondo nas minhas maõs todo o governo della, dizendo, que soltasse, & prendesse, & em tudo lhe dissesse o meu parecer, pera por elle se governar. Pareceme, que nasceo isto de algumas vezes, que nesta particular communicaçaõ o avizamos brandamente da suavidade, comque avia de castigar os erros da nao, & avia de tratar os prezos da bõba. Tomou os Exercicios da primeira semana. Logo começou a mostrar quãto o Senhor nelles se lhe cõmunicara, naõ cessando de fallar de cousas de Deos, & sustentãdo athe a India os pobres enfermos, alem da meza, que dava aos criados Del-Rey.*

8 *No Cabo de Boa Esperança passamos por duas grandes tormentas. Na primeira, que durou pouco, nam se moveo muito a gente. Entaõ lhes préguei algumas vezes sobre aquillo de Jonas:* Propter me exorta est hæc tempestas, projicite me in mare. *Ensineilhes, como se aviam de aver na tormenta com Deos, & comsigo. Animeyos ao trabalho do meneyo da nao, que era grande, peraque nos nam perdessemos por falta delle. Que nam gritassem,* Misericordia, *como faziam muitos, por nam desmayar aos mais; porem que em seu coraçam pedissem soccorro a Deos, sem mostrar temor.*

9 *A segunda tormenta foi maior, porque andando pera dobrar o Cabo de Boa Esperança quasi vinte dias, fomos dar huma tarde em outro Cabo, donde milagrozamente nos livrou Deos. Durou a tormenta quasi tres dias. Foi tam grande, que dizia o piloto, nunca outra tal vira. Coçobrou totalmente a nao, & tomou tanta agoa, que todos se tinham por perdidos. Pasmados os homens, naõ*

ſabiam de que lançar maõ, ſenam eſperar a morte. Neſte tempo ſe veyo hum muito depreſſa a me pedir confiſſam. Ouvi-o encoſtado à noſſa varanda, & brevemente o abſolvi pello perigo, emque eſtavamos: nunca me vi tam perto da morte.

10 *Foi eſta confiſſaõ grande ſerviço de noſſo Senhor. Eſte homem me diſſe, que todos eramos mortos, ſe Deos nos nam acodia. Quando iſto ouvi, ſem dizer nada aos Irmaõs, pellos nam deſinquietar, me fui depreſſa arriba, onde achei toda a gente paſmada, & apparelhada pera morrer. Começandoos a animar, que naõ temeſſem, ſe chegaram a mim, como ſe em mim eſtivera ſua ſalvaçaõ. Benzemos o mar, cantamos as ladainhas, & ſette Pſalmos. Ficou a gente tam esforçada, que dizia ſer eſta outra tal como a do Cuſtodio de Dio do Crucifixo.*

11 *Entam me pedio o Capitam, que aſſiſtiſſe junto da agulha, pera juntamente com elle esforçar aos que eſtavam no leme, dandolhe de comer. Neſte trabalho ferio o leme a alguns. Tudo iſto foi de dia. Na noite tivemos taõ eſpantoſa tormenta, que creyo, que nunca os homens tal tiveraõ, excepto os que eſtam no Inferno. Toda ella eſtiveram os Irmaõs em oraçam, & a mim me fez o Capitam, que eſconjuraſſe o mar: & de ſima, donde eſtava o Meſtre, & Piloto governando, benzia as ondas aſſim como vinham de travez. A cada huma lançava tres Cruzes, dizendo:* Chriſtus vincit, Chriſtus regnat, Chriſtus imperat, Chriſtus ab omni malo nos defendat. *Conſolavaſe muito com iſto a gente.*

12 *Neſta noite vi muitos myſterios do Senhor. Nunca queria mais ſentimento nas meditaçoẽs aſſim da morte, como do Inferno, & Juizo, pera mim, & pera os Irmaõs. Neſte trabalho amoeſtava o Piloto, que naõ moſtraſſe fraqueza, porque quaſi o vi render a huma onda, que vinha de travês, a qual meteo tanta agoa dentro da nao, que cegou aos que eſtavaõ ao leme, & entam nos tinhamos por perdidos: mas o Senhor, que naõ queria mais, que provarnos, como ouro no fogo, nos ſalvou neſta tormenta. Fis confeſſar as mulheres; entre as quais avia huma, aquem de primeiro por muito tempo nam pude perſuadir, que ſe confeſſaſſe, & apartaſſe de ſeus maos coſtumes. Hum dia me pos as maõs de maneira, que faltou pouco, que nam me eſpancaſſe; à qual neſta tormenta diſſe, que pois levavamos caminho de nos perder, ſe confeſſaſſe, antes que ſe achaſſe no Inferno. Ella de medo ſe confeſſou.*

13 *Eſtando defronte das Ilhas de S. Lourenço, navegando vento em poppa, de noite vimos huma fogueira grande. O Piloto dizia ſer eſtrella; mas o Meſtre, aquem o Senhor inſpirou, mandou lançar plumo, & achou, que eſtavamos ſobre huma reſtinga. Se tardaramos a quarta parte de meya hora, nos aviamos de fazer em pedaços. Navegando adiante, em outras ilhas, onde eſtava huma nao perdida, nos ouveramos de perder, porque hiamos direitos a ellas, & nam as viamos, porque no las impedia huma nuvem: porem o Senhor, que nos guiava, nos moſtrou o quebrar das ondas nas penhas*

14 *Deſta maneira mui proſperos chegamos a Moçambique, ſem que nos morreſſe huma ſó peſſoa. Ouve ſempre muita diligencia na cura dos enfermos. Foram vizitados em todo o caminho com muita charidade. Na Coſta de Guinê tiveram todos os dias pella menhaã aſſucar rozado cõ agoa de lingua de vacas. Quando chegamos a Moçãbique, exhortei na ultima prègaçaõ da nao, q̃ ſoccorreſſem aos pobres do hoſpital, que eram quaſi cento, & vinte, com algumas eſmolas, que nos as pediriamos. Deraõnos conſervas, marmeladas, farinha,* legu-

legumes, & outras cousas, que nam avia na terra.

15 *Com isto nos fomos ao hospital, aonde nos levaram mais esmolas assim de dinheiro, como de conservas. Se os enfermos nam tiveram este soccorro, padeceriam muito, porque na terra nada disto avia, nem dinheiro Del-Rey, senaõ se vendera hum palmar, que Fernam de Sousa tinha pera isso. Da nao nos quis elle levar pera sua caza, & nos, agradecẽdolho muito, respondemos, que a nossa caza era a caza de Deos, como o hospital; adõde logo nos levou, fazẽdonos mui bõ tratamento, & mandounos em muita abundancia, quanto nos era necessario. Feznos entregar o hospital com tudo, quanto nelle avia, como a Mordomos.*

16 *Tambem o Vigario nos recebeo com muita charidade, avizandonos, que nos guardassemos do halito dos doentes, porque avia ali todas as enfermidades contagiozas, allegandonos com o Padre Mestre Francisco, que disto estivera à morte no mesmo hospital, mas o Senhor nos livrou. O Padre Belchior Gonçalves tinha cuidado de confessar, & visitar os enfermos. O Padre Gago com Joaõ Fernandes tinhaõ cargo de repartir o comer, conforme o que o Medico mãdava. O meu officio foi mais universal, entendendo em todas as cousas, que podia assim de confissoẽs, como de estar de noite com os enfermos, & acõpanhalos no passo da morte, porque eram tantos os que morriam, que à minha parte cabiam tres, & quatro no mesmo artigo da morte.*

17 *Hialhes a buscar algumas esmolas pellas portas, & agoa por amor de Deos, que a nam tinha o Capitam, por ser a gente muita. Era cozinheiro, boticario, & prègador. Os sermoẽs estudava andando fazendo de comer, & de noite estando com os doentes, fallando aos que morriaõ, & amortalhandoos. Repartiamos tambẽ as roupas, que ficavam dos mortos aos pobres. Tinhamos tantas confissoẽs continuamente, que era pera dar muitas graças a Deos nosso Senhor, & nunca podiamos satisfazer a todas. Dormiamos entre os doentes sobre algumas esteiras.*

18 *Assim gastamos ali alguns quinze dias. Donde (bemditto seja o Senhor pera sempre) elle, como quẽ he, com estas suas mercês nos esforçou muito, & favoreceo. Do qual a gente se espantava muito, dizendo:* Estes homens saõ contra todo o natural: em lugar de descançar, elles tomam maiores trabalhos; em lugar de se cansar, cobram maiores forças. *Nam sabiaõ, que o Senhor he a nossa fortaleza.*

19 *Querendonos jâ embarcar, os enfermos nos importunaraõ muito, que os nam desemparassemos, fazẽdonos muitos requerimentos da parte de Deos, que os levassemos com nosco. Tendo piedade delles, pedi aos Capitaẽs, que me quizessem ajudar. Elles como grandes servos de Deos me disseram, fariam tudo, o que eu ordenasse, & receberiam os que estivessem mais enfermos, & os curariaõ mui bẽ. Assim que aquella noite tomei huma barca cheya de enfermos, repartios pellas naos; no dia seguinte trouxe os mais, que ficavam, nam deixando senaõ aquelles, com quem em nenhuma maneira se podia bolir. Dos que mais doentes estavaõ, quis tomar Manoel de Macedo obra de vinte na sua nao. Todos foraõ curados athe a India com muita diligencia, & providos de tudo o necessario, posto que em terra me deram pera elles mui poucas cousas, porque as nam avia. Quis o Senhor, que poucos morreraõ, & esses bem. Chegamos à India a quatro de Settembro, partindo de Lisboa a dezoito de Março: de modo, que foi a navegaçaõ de sinco mezes, tirando os dias, que estivemos em Moçambique.*

CAPI-

CAPITULO XI.

De como o Padre Mestre Gaspar se ouve em Goa, athe partir pera Ormuz.

1 O *Padre Mestre Francisco* (continua o Padre Barceo) *estando em Goa de caminho pera o Cabo de Comorim, ouvindo novas de nos por huns navios de Moçambique, que quando la estavamos, partiram; quisnos esperar, por nos ver, & saber novas da Companhia, antes que se fosse. Tanto que as naos ancoraram, mandounos vizitar com muito refresco; & que logo nos fossemos, que tinha muito dezejo de nos ver. Assim o fizemos. Certo, Irmãos meus charissimos, que se nam pode dizer a alegria, que ali sentimos em nossos espiritos, nem comprehender a charidade, que vi no Padre Mestre Francisco; & como glorificava a Deos ouvindo, & fallando no frutto, q̃ o Senhor por meyo desta Cõpanhia fazia nesse Reyno, & em todas as outras partes pellos mais Padres, & Irmaõs; namo sei dizer, senam que sam escolhidos do Senhor, & que cada hora me confundem.*

2 *Mandoume o Padre Mestre Francisco apparelhar, pera prègar em Saõ Paulo dia de nossa Senhora de Settembro, & encommendoume muito, que fallasse alto, sendo a gente muita pellas novas, que do mar lhe aviam dado de nos. A cousa se fez de maneira, que disse hum homem a certo dos nossos Padres:* De que serve câ esta peçonha? *Tambem o Padre Mestre Francisco ficou descontente, porque muitos naõ me entenderam, por me nam ouvir bem. Entam se partio pera Comorim, & me deixou ordenado, que de noite na Igreja exercitasse a voz, pera fallar mais alto. Assim o fis de modo, que jâ os nossos se davam por satisfeitos.*

3 *Dahi adiante comecei a prègar, & a gente a gostar dos sermoẽs. Vizitava tambem os prezos, entendia em outras obras do serviço de Deos, que me mandavam. Em caza lia huma liçam de Grammatica, outra dos Proverbios, & comecei a ler Artes. Sendo ja a devaçam mais na gente, se nos augmentou o trabalho assim nas confissoẽs, que eram mui cõtinuas, como nas resoluçoẽs de cazos de consciencia, & prègaçoẽs, que nos pediam; & o menos, que eu agora prègo, sam tres, & quatro vezes cada semana.*

4 *Vemos, bemditto seja o Senhor, muito frutto em poucos dias, de grandes, & muitas restituiçoẽs, penitencias, devaçoẽs, mudanças de vida. De caza de hum enfermo, que estava em passamento, ao qual fui assistir o tempo, que me pareceo necessario, sahindo, se sahio tambem hum homem honrado, & mui rico, tam movido, que se veyo a mim, que dispuzesse de toda sua fazenda, como julgasse ser serviço de Deos, porque naõ tinha filho, nem filha, & que sò queria tratar de sua salvaçaõ. Elle, & sua mulher se confessou; tomou logo a seu cargo prover os pobres.*

5 *De huma prègaçam se me veyo outro com grande contriçam a pedir o remediasse, porque muito tempo estivera lançado com os Mouros, & que faria toda a penitencia, que lhe desse. Hum cavalheiro me edificou hum dia grandemente. Perguntoume, quanto de seu amor o Senhor communicava a hum homem perfeito? Expliqueilho com alguns exemplos da Sagrada Escritura, dos effeitos, que obrava o amor de Deos. Foi tanto seu movimento, que me fas admiraçam. Sendo cazado, nam o podia tirar de mortificaçoẽs publicas, que queria fazer, dizendo, que por amor de seu Deos nam era muito fazerse hum homem louco. Pozse em*

se querer confessar todos os dias. Fez confessar toda sua caza. Tem tanto cuidado em dispor sua alma, pera nella infundir amor de Deos, que espero será hum grande servo seu.

6 *Outro, que seria de trinta, & seis annos, sahio de huma prègaçam tam contrito, que me maravilhou. Dißeme, que em sua vida nunca crera em JESU Christo, & o Senhor lhe dera conhecimento de seus erros. Que se queria confeßar, mas que primeiro determinava fazer alguma penitencia. Pediome humas disciplinas; deilhas. Castigouse com ellas tanto, tantas vezes, & de tais modos, que me fazia ter medo nam tiveße algum perigo de vida; & estive pera lhe ir à maõ. Outros movimentos ouve mui notaveis de peßoas, que avia muitos annos estavam em peccado mortal, & hũ por dez annos avia estado entre Mouros: nam os particularizo, porque he cousa mui larga. Sabei, que o Senhor obra estas cousas por nos, pera que nos confundamos, & conhecendo quanto cresce͂ noßas obrigaçoẽs, trabalhemos em seu serviço, continuando estes, & outros exercicios conformes a nosso instituto.*

7 *Soube, que na cadea me ouvia o principal dos Bramanes desta terra. Quanto dizem, & parece, he huma das principais cabeças da gentilidade. Encontreio hum dia acompanhado de muitos Bramanes. Deume nosso Senhor animo pera os accommetter; disputamos largamente da sua ley; provcilhe algumas cousas da nossa, que elle dezejava, que lhe provasse. Deilhe algumas rezoẽs naturais, & comparaçoẽs a seu modo. Finalmente depois de os aver muitas vezes convencido, lhes disse algumas cousas, & lhes pedi as considerassem, & rogassem a Deos, lhes deße a conhecer a verdade. Dali a dous dias este principal mandou dizer ao Padre Reytor, que queria ser Christaõ. Depois de instruido, se fes o bautismo com grande apparato. O Governador foi o padrinho. Chamavase Locù, & se chamou no bautismo Lucas de Sâ. Fezlhe o Governador muitas honras, deulhe grandes privilegios, & izençoẽs. Elle dis, que hâ de converter mais gentios do que tem de cabellos na cabeça. Depois de sua conversam, cada dia temos catecumenos pera bautizar.*

8 Athe aqui parte da carta do Padre Barceo, que foi dada em Deze͂bro do mesmo anno, em que chegou à India, & se ve deste pouco a grande cõmoçam, que fez em Goa, & quam braceiro era seu espirito, pois acodia hum só a tantas cousas, como se fosse elle só hum Collegio inteiro. O Padre Belchior Gonçalves, fallando em huma carta sua, tem estas palavras: *O Mestre Gaspar he cousa estranha; acontece fazer no dia tres, & quatro sermoẽs. Naõ fica carcere, nem meza do Governador, nem hospital, em que nam prègue. He de muita edificaçam, & faz muito frutto.*

9 Porque se veja mais a humildade do Padre Gaspar em escrever suas cousas, contando em como Sam Francisco Xavier assim lho mandava, tem estas palavras no principio da carta, que escreveo do succedido, & obrado por elle em Ormuz: *Se a obediencia*, dis elle, *me nam obrigara a fazer isto, o anno paßado de mil quinhentos quarenta, & oito tivera muito pejo de escrever o que escrevi, & muito mais agora este anno, em que me mandaram, que referisse mais em particular as cousas, que nosso Senhor obra pella nossa Companhia: ainda que com tudo isto nam deixò de me gozar muito no que tenho, que escrever, por parecerme, que daqui nascerá a todos grande fervor.*

10 Estando o Padre Mestre Gaspar em Goa foi mandado pello Padre Reytor Antonio Gomes a Chale a fazer huma caza, onde se instruissem

os

os Noviços, que em Goa foram acceitos. Depois de ver ali o sitio pera a nova caza, passou a Cóchim a dar de tudo conta a Sam Francisco Xavier, que estava naquella cidade. Chegando àquella cidade, se deteve ali huma só noite, sendo hospede dos Padres de Saõ Francisco, onde o Sãto Padre se agazalhava. Logo no dia seguinte o mandou voltar a Goa, onde sem o Santo lhe ter antes ditto nada, estava ordem sua, pera ser Reytor do nosso Collegio, por estar o Sãto Padre pouco satisfeito dos assumptos do novo Reytor Antonio Gomes, o qual por fim de tudo foi pello Santo despedido da Companhia. Assombrouse a humildade do Padre Barceo com esta honra, do qual dis assim o Padre: *Tornamos a Goa, onde sem eu ter sabido alguma cousa, me dava o Padre huma grande carga, que era ser Reytor do Collegio, & por eu a rejeitar, declarando minhas imperfeiçoẽs, me mandou a Ormuz, onde athe entam naõ avia entrado a nossa Companhia.*

CAPITULO XII.

He mandado em missam a Ormuz; & das grandes cousas, que ali obrou.

1 DEzejara muito Sam Francisco Xavier passar à cidade de Ormuz no Estreito da Persia; por saber a muita necessidade, que ali avia dos bons costumes; porem nam lhe sendo possivel por causa de outras muitas emprezas, que tinha entre maõs, escolheo pera esta missaõ ao Padre Mestre Gaspar. Deulhe hum directorio, de como nella se avia de aver, o qual tras o nosso Padre Joaõ de Lucena no livro sexto capitulo undecimo da Vida do Santo, onde os curiozos o podem ver; elle naõ he outra cousa, senaõ o que o Padre Mestre Gaspar poz por obra, como aqui se verâ.

2 Ordenoulhe mais, que se detivesse ali só tres annos, athe elle lhe mandar avizo de Jappam pera ir à China, ou aonde elle o mandasse; & por lhe parecer, que se podia desmandar na Persia, ou Turquia, aonde avia pouco tinham sido martyrizados alguns Religiozos, lhe ordenou, que nam sahisse de Ormuz, & seu destrito. Tomando por companheiro a Reimam Pereira, homem grave, que em Goa entrara na Companhia, se partio de Goa pera Ormuz no anno de 1549, antes que o Santo Xavier se fizesse à vela pera Jappam. Nesta navegaçam procurou grangear a todos pera Deos.

3 Todos os domingos prègava. Cada dia ensinava a doutrina aos escravos, escravas, & mininos. A' noite fazia cantar as ladainhas, & no sabbado a Salve. Em sesta feira santa ordenou huma procissam de mininos disciplinantes. Ouve outras muitas disciplinas, & confissoẽs. Deste fervor se admiravam muito os Mouros, & gentios, que hiam naquella nao, dos quais alguns se fizeram Christaõs. Dous mezes gastou na viagem, em que dis padecera muita fome, & sede. Nestes apertos lhes acodio o Ceo cõ huma copioza chuva. Chegaraõ a Calayate na Costa de Arabia Feliz. Foram dali a duas legoas tomar terra em hum rio povoado de muitos Arabios, onde o companheiro se queria ficar, pera os converter: *Porem eu,* dis o Padre, *naõ lho quis consentir, por me parecerem fervores de Noviço.*

4 Daquelle rio passou a Mascate; fez ali muito serviço a Deos nos Portuguezes, dos quais naõ poucos andavam perdidos entre os Mouros. Queriam, que se detivesse mais tempo, porem ouve de se partir, & com bom vento chegou a Ormuz. Està esta cidade em huma pequena Ilha no estreito da Persia; a Ilha se chama. Ge-

Gerum. He a terra mais esteril, que ser pode: nam cria erva, nem animais. Toda ella he hum mineral de sal, & enxofre. Tam quente, que os moradores passam as noites metidos em tanques de agoa sobre as cazas em lugares feitos, & dispostos pera isto mesmo. Ali sam as noites mais quentes, que os dias em Guinè, & outras partes, em que o sol arde. Hũ so bem hâ entre esta excessiva inclemencia, & he ser a terra sadia, nem pode consentir enfermidade, que a nam bote logo fora. Isto he pello muito, que ali se sua.

5 Os mantimentos, & agoa, pois nem esta tem, lhe vem da terra firme: he habitada, & mui rica só por rezam de dous portos, que tem mui seguros, & sam escala pera muitas partes, das quais Ormuz he huma como feira geral; & avia ali toda a variedade de naçoẽs, vivendo todos com extraordinaria soltura de costumes: de Christaõs a Mouros, & Gentios hia mui pouca differença, porque nos costumes eram todos huns.

6 Neste lago de leoẽs, ou mata de feras bravas, & indomitas, entrou o Padre Barceo, pera as amansar, & domesticar. Antes de sahir em terra, vieram ao receber duas barcas; em huma lhe vinha refresco do Guarda mór Del-Rey de Ormuz; na outra vinha toda a Clerezia com o seu Vigario. Foraõnos acompanhando athe a fortaleza, onde o Capitam dos Portuguezes, & da praça entaõ nossa, o recebeo com agrado. Querendo elle, que o Padre ficasse na fortaleza hospedado, lhe respondeo, que a sua pouzada era o hospital. Disto se espantaram todos muito, como de cousa mui nova; mas o Vigario por força o levou a sua caza, & lhe fez bom tratamento. O Capitam ordenou, se lhe preparasse huma caza no hospital cõ os commodos, que pedia o temperamento da terra.

7 Avia jà naquella cidade grande fama dos da Companhia, & o Padre Barceo a fez ainda maior. Logo começaram a concorrer muitos, huns por confissam, outros por conselho, outros pera aprender o que lhe convinha pera sua salvaçam. No domingo seguinte prègou, & ouve muitas lagrimas nos ouvintes. Com os sermoẽs começou a gente como a sahir do profundo lethargo, em que vivia. Dis o Padre, que se nam podia valer com confissoẽs assim de dia, como de noite. Quando entrou na Ilha, ouve nella por espaço de trinta dias grandes tremores da terra; ouve dia de quatro vezes, como se o Inferno temesse a guerra, que o Padre lhe avia de fazer: & nam serviram pouco estes terremotos, pera o povo se ir despertando do sono, em que estava.

8 *Começando*, dis o Padre em huma carta, *a tomar informaçam da terra, pasmei, parecendome, que nam avia de fazer mais, que chorar os estragos, & grande perdiçam desta gente. Mas por meyo dos sermoẽs se vieram muito a emendar, porque peccavam por nunca ter avido aqui prègador. Tambem porque vivem os Christaõs misturados com os Mouros, Gentios, Turcos, & Judeos, conversando, & comendo de humas portas adentro. O que mais he de chorar, fazeremse muitos filhos dos Christaõs Mouros, por suas mãys serem Mouras. Por tanto reprehendendo eu seus maos costumes nos sermoẽs, nasceo tanto temor a todos assim infieis, como Christaõs, que o que antes nam viam, agora lhes fas espanto.*

9 *Os Mouros, & Gentios o nam ouzam fazer publicamente, como antes. Ouve muitas confissoẽs com muitas lagrimas, & penitencias publicas, disciplinandose à porta da Igreja domingos, & festas à Missa do dia. Causou isto grande temor no povo, & deu animo a outros muitos,*

pera fazerem penitencias publicas, & secretas. Ouve tanto fervor, que hum me disse, que o deixasse ao domingo entrar publicamente na Igreja, estando ahi todo o povo, & disciplinarse pedindo perdam a todos, & que rogassem por elle, pera que se naõ perdesse.

10 *Avia nesta terra muitas usuras com tantas sutilezas de cambios, tratos, & enganos, que por mais que trabalho, nam os posso bem acabar de conhecer. Porque entre os Mouros nam hâ outro trato, senam de usura, nem avia outro modo de viver nesta terra: porque com dez cruzados emprestados comiam todo o anno, ficando sempre os des cruzados inteiros. Por esta causa ordenei de fazer todos os sabbados hum sermam a modo de doutrina sobre os peccados da avareza. O frutto, que daqui se tirou, foi mui de notar, porque nesta terra era costume, logo que os homens se levantavam de menhaã, irem direitos à praça, que aqui chamaõ Basar, aonde se usava todo o genero de usura; porem agora vam à Igreja, & depois ao Basar, onde praticam sobre cazos de usura; de sorte, que parecem estudantes, que decoraõ sua liçam, pello qual hâ chegado a tanto aborrecimento o trato illicito, que se vam à mam huns aos outros. Finalmente tudo se mudou, & os homens estam pasmados da vida, que antes viviam. Fazemse grandes restituições do mal levado assim a Mouros, & Gentios, como a Christaõs, o que he aos infieis de grande espanto.*

11 *Isto tambem moveo muito aos mercadores, dos quais hum mui rico se fes doente, pera eu o ir confessar. O mesmo fes outro, q̃ se me lançou aos pés dizendo:* Padre, aqui ponho a vossos pès tantos mil cruzados, tanta fazenda, cazas, naos, escravos, escravas, meu corpo, & minha alma, a qual vos peço me salveis: eu me desencarrego sobre vos. Da fazenda paguese o que se dever, & senam bastar, pague o corpo com penitencias; antes pobre, que perdido. *Desta mesma maneira se confessaram muitos, & se deviam dez, queriam pagar vinte, dizendo, que nunca se aviaõ confessado.*

12 *Foraõ tais as esmolas, & restituições, que soccorri muito aos pobres, cazei muitas orfans, acodi aos gentios convertidos. Outro homem muito poderozo me requereo da parte de Deos, que me encarregasse delle, & de sua fazenda, & lhe desse modo de vida. Nada quer fazer sem mim. Bom trabalho levo com elle, por ser aqui principal, & ter muita fazenda. Tem grande dezejo elle, & sua mulher de irem morrer comigo na China. Outro velho honrado de athe settenta annos, depois que o cõfessei, nunca mais se quis apartar de mim, nem de dia, nem de noite. Quãdo entro em alguma caza a negociar, por mais que porfie com elle, nam se quer ir da porta, senaõ esperar por mim. Finalmente nam se lembra de mulher, nem de filhas, todo està embebido no martyrio, que dezeja soffrer comigo na China. Temo muito, que quando me for, o nam possa fazer ficar com sua mulher, & filhas. Desta maneira andam alguns outros, que me naõ deixaõ: parece, que este he outro tempo da primitiva Igreja.*

13 *Os Mouros, & Gentios estaõ mui espantados: chamaõme o grande Caciz dos Franguês, filho de Zacharias, Sam Joaõ, & que destes hâ tres no mundo. Muitos estam movidos a se converter. Os infieis aggravados vemme a pedir justiça das usuras. Temnos grãdissimo respeito, reverencia, & fè. Louvores a JESU Christo nosso Senhor. Os Judeos me confessam, que a sua ley prohibe a usura. Os infieis dizem, que nam vim sò a esta terra por amor dos Christaõs, mas pera ensinar a todos ca-*

cada hum na ley natural. Porque viram hum dia, que me queria ir, se entristeceram muito, dizendo, que se perderia a terra.

14 *Estou agora pera dar os Exercicios espirituais, que fazem em nossa Cõpanhia, a muitos homens honrados, & a alguns Clerigos. O demonio trazia aqui os homens atados, pera que senaõ confessassem, senam quando me partisse da terra. Conhecendo eu isto em alguns, trabalhei cõ elles, que o fizessem. Confessandose comigo hum delles, fazendo à meya noite huma penitencia, que lhe impuz, estãdo nella, vio entrar em caza muitos gatos, & arganazes, & cousas negras, tanto, que se encheo quasi toda a caza. Deraõlhe tam grande tribulaçam, que imaginou, o queriam levar em corpo, & alma. No meyo desta tribulaçam arremetteo a huma imagem de nosso Senhor, dando vozes, que lhe valesse. Logo fugiram todos, fazendo tanto estrondo, que parecia virse a caza abaixo. Assim ficou livre, & he agora hum santo.*

15 *Outro andava fugindo de se encontrar comigo, pello grande medo, que me tinha, avendo muitos annos, que se naõ confessava. Disseme, que tomaria por partido antes enrestar com hum exercito de inimigos, & morrer, que fallar comigo. Embarcandose pera a India, cahio subitamente em huma doença, que lhe impedio a jornada. Tornando a sua caza, lhe parecia, que Deos o andava ameaçãdo pera o matar. Quando via peças de artelharia, parecialhe, que lhe aviam de tirar a vida. Finalmente se veyo a mim, pediome cõfissaõ, & se apartou de huma occasiam, que era todo o seu principal enredo. Destes foram muitos.*

16 *Hum Sacerdote, aquem nũca pode o Bispo apartar de duas concubinas, das quais tinha filhos, & filhas, se escandalizou muito de eu prègar de huma cousa, de que elle era publicamente infamado, nam aproveitando as minhas reprehensoẽs em particular, antes trabalhava de cõversar muito comigo; quanto parecia, porque o naõ reprehendesse. Logo que senti isto pellos muitos prezentes, que me mandava, & pella tapeçaria, & ramos, que punha em sua caza, quando comia com elle, escondendo as concubinas, naõ pude deixar de reprehẽder a Clerezia em geral, porem elle o tomou só por si.*

17 *Acabado o sermaõ, depois de se ir a gente, me esperou com alguns Clerigos, que tambem eraõ infamados neste mesmo cazo. Falloume como homem soldado cheyo de enfadamento. Finalmente pera o aquietar, me pus de joelhos, pedindolhe perdam da culpa, que em mim nam avia. Com isto ficaram algum tanto sossegados. No dia seguinte estando eu prègando, o tocou de maneira com sua graça Deos nosso Senhor, que nam pode refrear as lagrimas. No fim do sermam se veyo a mim, lançouse a meus pès com muitas lagrimas, & me pedio perdam da offensa, que me tinha feito. Prometteome de se emendar, & casar as concubinas, porque he mui rico. Grande foi o abalo dos que viviam com semelhantes occasioẽs, porque huns se cazavam com ellas, outros as cazavaõ, outros forravam as escravas, com que andavam em roim trato; outros se apartavam dellas.*

CAPITULO XIII.

Dos muitos peccados, que remediou: o castigo, que Deos deu aos que o nam creram, & frutto, que dahi se seguio.

1 OUtros grandissimos males desviou este servo de Deos, porque naõ avia abominaçaõ, que

ſe nam achaſſe em Ormuz, como em caza propria, & de morada. *Eſtava,* continua o meſmo Padre Barceo, *mui embaraçada eſta terra com excommunhoẽs da Bulla da Cea, em que cahiam levando aos Mouros ferro, aço, & enxofre. Niſto avia muitos peccados por ignorancia. Valeome o poder, que tinha do Biſpo em todos os cazos da Bulla da Cea. Achei neſta terra muitos atraveſſadores de fazenda, muitos enganos pera opprimir o povo, muitos odios, dezafios, arrenegadores, blasfemos, & diſſoluçoẽs publicas, principalmente entre os ſoldados, os quais me deram grande trabalho. Quanto eu fazia em hũ dia, tanto elles desfaziam em huma hora, acotilando, ferindo, matando, injuriando aos pacificos.*

2 *Agora, louvores a Deos, muito ſe emendam, porque muitas peſſoas honradas ſe fizeram amigas à porta da Igreja, pedindoſe perdam. Com muitos nam podia acabar o que dezejava, reſpondendome, que Chriſto fora Deos, & que elles eram homens, por iſſo nam podiam ſoffrer injurias. Que eſtimavam tanto ſua honra, como a Deos: que antes queriam ir ao Inferno com vingança, que ſem ella ao Ceo. Na verdade parecia gente ſem ley, Rey, nem Capitaõ, toda barbara, huns arrenegadores de Deos, dos Santos, & de carros carregados de Santos.*

3 *Outros amancebados com duas, & tres mulheres, outros com Mouras, que de continuo traſiam comſigo, outros com Indias, & gentias. Outros ladroẽs ſalteadores matando por dinheiro. Requeri ao Capitam, que os lançaſſe fora da terra: nam pode ſer, por ſerem muitos. Eram tantos os trabalhos, que tinha neſta terra, que nam ſabia que fizeſſe; ſe acodiria primeiro às confiſſoẽs, ou prezos, ou pleitos, ou amancebados, ou conſelhos, ou odios, ou ſermoẽs.*

4 *As mulheres, donde entrava, ſe punhaõ de joelhos a beijarme a maõ & o veſtido, parecendolhe, que os da noſſa Companhia ſomos ſantos. Paſſando pellas ruas, era neceſſario andar com o barrete na mam, por cauſa da gente, que me fallava. Eſpantarvosheis, Irmaõs, como me naõ perdi de vaidade, conforme as faltas, que em mim conheceis. As mulheres aſſim Mouras, como Chriſtans, corriaõ às janellas, quando me viam andar com a campainha pellas ruas, eſpantadas de noſſa pobreza, de que algumas choravam dizendo muitas laſtimas.*

5 *Era o concurſo da gente aos ſermoẽs tanto, que parecia Seſta feira Santa. Andava cà hum proverbio commum no povo, que a noſſa Cõpanhia he mandada por Deos; que nunca tal couſa ouve no mundo, ſenaõ na primeira Igreja; que vem a renovar a Fè; que a noſſa doutrina he como a dos Apoſtolos; que ſomos alumiados pello Eſpirito Santo: temnos em reputaçaõ de homẽs ſantos. Queira o Senhor, ſejamos como a opiniaõ, que ſe tem de nos, que he tam grande, que nem o Capitaõ, Ouvidor, nem officiais, nem povo fazem outra couſa, ſenaõ o que lhe dizemos.*

6 *Os Mouros vam tomando dos noſſos coſtumes; dam agora grandes gritos no Alcoram pellos defuntos, aſſim como eu faço de noite com a cãpainha pellos fieis Chriſtaõs. Tomaõ agoa benta como nos outros, o que antes nam faziam. Peraque a gente diſſoluta, que por bem ſe nam emendava, naõ me lançaſſe os outros a perder, me pareceo buſcar outro caminho de mais rigor. Tomei por meyo em hum ſermaõ meterlhes grandes medos, rogando a Deos noſſo Senhor, que os tocaſſe naquellas couſas, que mais ſentiſſem, ou foſſem bens corporais, ou temporais, ou fama pera bem de ſuas almas: conforme o da Eſcritura:* Imple facies eorum ignominia, & quærent nomen tuum, Domine.

Diſto

Disto ficaram mui confusos, & atemorizados, aggravandose de mim; porem dandolhes a rezam, porque avia feito isto, conheceram ser bem feito.

7 *Neste tempo se levantou huma guerra na terra firme de Persia, onde se tomou por traiçam huma fortaleza deste Reyno. Foram mandados duzentos soldados Portuguezes dos que atras fallei; & depois outros duzentos com hum Capitam mòr, & sinco mil Mouros, pera combater a fortaleza. Partiraõse sem nunca poder acabar com os Christaõs, que se confessaßem, mais que athe vinte. Vindo o Capitaõ delles Pantaleaõ de Sà, sobrinho do Governador da India pedirme a bençaõ, lhe dei a entender o mal, que temia. Foi assim, que estãdo no cerco, deu nelles huma modorra como peste, de que morreram quarenta, & sinco, como brutos, sem aver quem os enterrasse. Foram feridos athe cem, gritando todos por mim geralmente pera confissam. Converteraõse todos, vieram doentes quasi à morte. Delles morreram depois em Ormuz perto de cem.*

8 *Conhecendo bem seu erro, chegando a Ormuz se lançaram a meus pès pedindome confissaõ, dizendo naõ queriam mais, que confessar, & morrer. Vede, que tristeza seria a minha, vendo tantos Christaõs a meus pès, huns espirando, outros chorando, sem saber o que lhes fizesse. Abraçava a todos, consolãdoos muito, rogando, que se quizessem confessar com os Padres da terra, que eram sinco, porque eu só nam podia acodir a tantos homens. Como em nenhuma maneira se quizessem confeßar, senaõ comigo, comecei primeiro a ouvir os que estavam à morte. Por mais recados, que me mandava o Capitaõ mòr, & outros fidalgos, nam quis deixar a ordem, que levava em os confeßar, conforme a necessidade, que via. De sorte, que confeßava hum, & consolava outro, que estava espirando; no espaço de hũ mes acabei de os confessar.*

9 *Nam lhes aviam faltado oraçoẽs assim no tempo, que partiaõ pera a guerra, como no que lâ estiveram, porque logo aquella noite às dez horas ordenei huma procissam mui solenne com os meus discipulos, que saõ os mininos, escravos, & escravas Christans da terra com sincoenta disciplinantes, levando todos os Clerigos suas sobrepelizes com cirios nas maõs a huma ermida de noßa Senhora, que està como meya legoa da Cidade, onde foi infinita gente descalça. Prèguei: ouve muitas lagrimas. Esta procissaõ se fez muitas vezes.*

10 *A fortaleza, que por sua soberba nam puderam tomar os soldados, depois a entregou nosso Senhor sẽ gente. Aos doentes, & feridos vizitava com conservas, & outras cousas, que alguns devotos me mandavam. Soccorrios; fizlhe pagar o seu salario. Pella grande contriçaõ, que trouxeram da guerra, se pegavam a mim, sem me querer deixar, gritando a altas vozes, que me nam fosse. Hum delles estando à morte, se levantou pella meya noite, tomou a espada, pera se matar: foi impedido; depois com a força da morte se levantou, & arremetteo a mim, & me ouvera de affogar pella grãde força, que tinha. Os doentes gritavam, que acodissem ao Padre, porque elles me nam podiam valer, por se nam poderem levantar. Valeome Christo, & elle dahi a pouco morreo. Pareceme, que o demonio me dezejou acabar, mas eu pude mais que elle.*

11 *Como o inimigo da virtude nam dorme, semeando sempre sizanha, quando os Clerigos viram tam grande concurso de gente à confissaõ, & às obras de misericordia, começaram a se queixar muito de mim, porque confessava os seus filhos espirituais, & porque me naõ ajudava delles, pois tanto o dezejavaõ. Naõ me atrevi*

atrevi a lhes declarar a rezam, porque os penitentes se nam queriam a elles confessar, & antes queriaõ morrer sem confissaõ, por serem elles mui infamados. Christo supprio por mim, porque consultando entre si, que seria isto, acharam, que nam podia ser outra cousa, senam a graça do Espirito Santo, que Deos nosso Senhor dâ à Companhia, de concorrerem a ella os penitentes. Com isto se consolaram muito, tendome dahi por diante mais respeito, segundo me contou o Vigario.

12 *Neste cerco, de que fallei, se achou hum Capitam, que trazia comsigo tres Mouras. Blasfemava muito de dia, & de noite. Morreo subitamente. Em espirando, se levantou huma tormenta mui grande de pedra, pó, & vento por espaço de meya hora, sem se conhecerem huns a outros. Temeram todos grandemente, & conheceram ser maldiçaõ daquelle homem. Destas cousas acontecem câ muitas, que nam escrevo, por naõ ter tempo.*

13 *Ganhou grande credito o Sacramento da Penitencia. Muitos estando à morte, em acabando de se confessar, se levantaram saõs. Outros se livraram de diversas enfermidades. Bem parece, que carecia esta terra de conhecimento deste Sacramento, pello costume, que avia de se nam confessarem por muitos annos. Faziaõ escarneo de quem se confessava, & commungava; mas louvores ao Senhor, com muitas prègaçoẽs os induzi a confessarse cada semana, & commungar Domingos, & Festas. De modo, que me parece, que estou no Collegio de Coimbra, onde tanto fervor avia no sabbado à confissam, & no Domingo à communhaõ. Nam pudera ir a parte, onde se fizera mais fruto. Os homens antes tinham aqui pejo de chorar nos sermoẽs, & de fallar aos Mouros na Payxam de Christo. Os Capitaens governavam a Igreja, injuriando os Sacerdotes, & tendo pouco respeito aos Prelados. Desprezavam excommunhoens, & ao Bispo; porem agora tudo està melhorado.*

CAPITULO XIV.

Como em sua conversam procurava ser util a toda a casta de gente, que avia em Ormuz.

1 M*Inha occupaçam nesta terra,* continua o Padre, *he prègar ao povo nos Domingos pella menham. Depois de comer, ando pella Cidade ajuntando os escravos, escravas, & mininos, & os que de pouco se fizeram Christaõs. Façolhes doutrina sobre os Artigos da Fè. Aqui ha grande concurso de outra muita gente; às vezes nam cabe na Igreja. Ensino as oraçoẽs, as quais sabem jâ mui bem. Cantaõnas pellas ruas de dia, & de noite. Nam ha entre elles quem jure, peleje, ou furte; porque tenho posto accusadores, que me avizem. Andam os mininos disputando com os Mouros, dizendo, que se nam podem salvar, sem ser bautizados. Ensinam a seus pays, & os escravos aos senhores.*

2 *Os Mouros andam cantando pellas ruas a doutrina dos mininos, como se fossem Christaõs. Delles se converteo hum. Os Armenios me buscam pera se confessar comigo. Entre os grandes assim homens, como mulheres faço amizades publicamente na Igreja, onde se abraçam, & pedem perdam de joelhos.*

3 *Na segunda feira, que he festa dos gentios, vou conversar com elles. Entre os quais hâ huns, que chamaõ Jogues, que quer dizer hermitaens santos. Estes vivem em covas mui escuras. Alguns achei nesta Ilha fora da Cidade. Obedecem a hum só superior;*

perior; andam sempre cubertos de cinza. Amaõ muito a abstinencia, pobreza, & castidade. Dizem, que estas tres cousas fazem o homem capas de ver a Deos. Sam grandes Philosophos. Tem alguns vestigios da Santissima Trindade, do poder do Pay, do saber do Filho, da bondade do Espirito Santo. Poem a Deos certos nomes, que encerram tudo isto.

4 Estremadamente sam humildes. Se algum quer matar diante delles algum animal, ou passaro, nam o consentem, antes dam dinheiro, porque o nam matem, ainda que seja huma pulga, & tem isto por ley. Destas superstituições tem muitas. Todos estam quasi convertidos. Louvaõse no seu Mayoral, que está na Arabia Feliz visitando os seus hermitaẽs. Todos dizem, seguiram seu parecer. Folgaõ muito com minha cõversaçaõ. Temperasi, que a minha vida he como de Jogue. De noite tangem à oraçam, como nos outros às Ave Marias. Esta he huma gente, com quem eu dezejaria andar por toda a gentilidade em traje de Jogue, depois della ser convertida. Isto he, se meu superior me desse licença, & lhe parecesse bẽ, consideradas todas as circunstancias, porque parece, que nam avendo outro inconveniente, se poderia fazer com elles muito frutto. Ouvera jâ ido a pouzar com elles, pera os conversar, se me deram lugar as muitas occupaçoẽs. Terça, quarta, & quinta confesso, vizito as cadeas, trato de acodir a outras muitas necessidades.

5 Sesta, que he a festa dos Mouros, fallo com elles. Temme grande amor, & reverencia, porque lhes parece, que Deos favorece muito a nossa Companhia. Espantaraõse das restituiçoẽs, que lhes mandei fazer. Eu me maravilho, como estam tam bem comigo; porque andando de noite, & de dia entre tanta multidam de infieis, encontrando com elles, se desviam do caminho, pera me dar lugar. Elles andam mui confusos, porque o tempo, em que lhes affirmavam, que Mafoma lhes avia de dar outra ley, jâ he passado. Os mais principais dezejam fallar comigo sobre a pobreza, da qual por extremo se edificam. Obedecem muito aos meus escrittos, quãdo lhes rogo, que naõ aggravem alguma pessoa.

6 Nam acho modo algum, pera que queiram disputar comigo, porque me dizem, que nam sam entendidos, como os da nossa Companhia. Huma ves me levaram à meya noite ao pinaculo do seu Alcoram com muitas luminarias, beijandome o vestido, & as maõs; fazendome maior honra, que nunca, dizendo que a ley avia de vir a ser toda huma. Temia, naõ me deitassem do templo abaixo, pellos ter metido em grande confusam, depois que aqui vim. Porem o amor, que elles me tem, vem de Deos.

7 Sómente com hum mui sabio tive huma disputa, sendo nosso interprete hum homem honrado, que fallava bem Persiano: na qual me veyo a confessar a Santissima Trindade, nam podendo fazer outra cousa por huma proposiçaõ, que antes me tinha concedido, donde lhe provei, ser Deos necessariamente trino, & uno. Dizendolhe eu, que lhe faltava pera ser Christam? Me disse, que queria ir buscar huns seus livros, pera responder ao mais da Incarnaçam de Christo nosso Senhor Deos, & homem. O qual elle negava, concedendo sómente, ser homem concebido com o folgo, ou espirito de Deos. Concedia a Virgindade de nossa Senhora. Honram muitos Santos nossos, porem nam as Imagens; nem crem, que Christo padeceo.

8 Este Philosopho foi tomar cõselho com hum grande senhor da Persia, o qual vendoo tam attribulado, o mandou em camelos à Persia, pera que nam tornasse mais a disputar. A causa deste Mouro disputar comigo, foi esta.

esta. Eu tive modo, como sua mulher, que era mui discreta, se fizesse Christaã com huma sua filha, as quais fis recolher em caza de hum meu filho espiritual, & que fosse mui bem tratadas, pera com isto trazer tambem o Mouro à Fè. O Mouro se veyo ter comigo. Eu lhe disse, que faria com elle hum partido, que nos ajuntassemos, pera lhe mostrar o erro, em que andava; & se lhe nam mostrasse ser sua ley falsa, & a nossa verdadeira, lhe tornaria sua mulher, & filha; & se lho mostrasse, que se fizesse Christaõ. Vindo ao concerto, & achandose concluido na primeira disputa, fugio deixando mulher, & filha. Bautizeias com a maior festa, que nunca se fez nesta terra. Saõ mui nobres, & sua descendencia he das principais do Soldam de Babylonia, & da casta de Mafoma. Logo as cazei, dandolhes settecentos cruzados, que pera isto ajuntei de esmolas, & restituiçoẽs. Eu estou determinado com o favor de Deos escrever ao Gram Soldam àcerca dos erros da sua ley, & verdade da nossa, pedindolhe, que mande câ alguma pessoa, pera que vejamos isto, ou me dê licença, pera eu ir lâ.

9 Nos sabbados faço doutrina sobre os peccados da avareza, & tenho disputa com os Judeos na sua sinagoga, por elles entam celebrarem sua festa. Delles andaõ muitos pera se converter, em especial dous principais Rabbi Salamaõ, & Rabbi Jozepho. Estes me convidaram huma ves a comer em sua caza, onde se ajũtaram outros Rabbinos; deraõme hũ banquete com grande festa. Fui a elle sômente porque me respondessem mais livremente. Acheime entre Judeos, & Turcos, o qual temeo o Capitam Dom Manoel de Lima, avizandome, que me poderiam dar peçonha, que nam comesse com elles; mas Deos he o meu protector.

10 Tivemos larga disputa, athe que anoiteceo. Nam souberam responder a proposito. Rabbi Salamaõ me disse, que pedia a Deos, o quizesse allumiar, porque dezejava muito ser Christam, & darme seu filho, pera que me seguisse. Acabada a disputa, ficaram os Judeos mui confusos, & os Christaõs mui alegres. Tomaram por conselho naõ me responder mais, escusandose com sua ignorancia. Antes Rabbi Jozepho se veyo a mim, pedindome por amor de Deos, o naõ metesse em confusam, porque ainda que era douto na Biblia, nam entendia quanto era necessario pera me responder. Certificoume, que elle, & os outros Judeos antes queriam morrer em sua cegueira, que fazerse Christaõs, por nam ser obrigados a restituir as usuras; & que sendo Judeos lhes faziam muita honra por causa do seu dinheiro. Que estivesse certo, que se se pudesse conservar em seu estado, & honra, que jà fora Christam, ainda que ficasse pobre.

11 Outros Judeos me pediram, fosse comer com elles a suas cazas. Respondi, que nam acceitaria, senaõ fossem os manjares cõmuns. Disseraõme, que comeriam de tudo, o que eu comesse, com tanto, que fosse seu convidado. Edificaõse muito da pobreza. Ao principio vinham com algumas duvidas, pera me provar; mas às primeiras repostas naõ se atreveram a ir por diante, porque pera lhes dar a entender a authoridade, que me perguntavaõ, lhes declarava todo o capitulo.

12 Rabbi Salamaõ, que he o seu maior letrado, lè em outra sinagoga. Jà teve com o Padre Mestre Francisco algumas disputas em Malaca. Este me moveo muitas questoẽs, sem me querer responder a cousa alguma, que lhe perguntasse, antes me confessava tudo quanto lhe dizia. Com os Christaõs me aconteceram tantos trabalhos, que naõ me deixavaõ dormir, nem comer. Esta foi a causa, porque

que

que nam pode conversar mais com os Judeos, senaõ com hum, que achei doente em huma rua, o qual trouxe à minha pouzada, dizendome, que queria ser Christam.

13 *He geralmente taõ grande o amor, que me tem os Judeos, & o credito, que dam à nossa Companhia, que me parece, que hei de ir a lhes ler a Biblia em suas sinagogas, declarandolhe seus erros, porque os vejo mui dispostos pera sahir de sua cegueira. Huma filha de hum Judeo se tornou Christaã. Nam querendo o pay darlhe sua fazenda, logo que fallei com elle, ma entregou toda.*

14 *Outro Judeo me contou, que perguntando seus discipulos a Rabbi Salamaõ, como se ouvera comigo? Respondera, que nunca se avia encontrado com homens de tam sutil entendimento: que avia fallado com muitos sabios, mas que naõ tinham comparaçam alguma com nos outros: que eramos tam vivos nas praticas, que naõ podia ser senam graça de Deos, com a qual venciamos. Fazẽme grandes salemas, quando me encontram; valemse de mim nos aggravos, que lhes fazem os Christaõs. Quando me vem andar com a campainha, estam pasmados: assim o estam tambem os Mouros, & gentios, dizẽdo, que como pode ser, que hum homẽ de huma Companhia, que tem tam grande credito nesta terra, ande assim, & se trate com tanta baixeza?*

15 Athe aqui por suas palavras a narraçam do Padre Barceo. Padeceo em Ormuz valentes batarias sua pureza; o qual o Padre dis com estas palavras escrevendo aos Irmaõs de Coimbra: *Encommendaime sempre em vossas oraçoẽs, porque se naõ fora isto, que fora de mim em terras taõ apartadas, & entre naçoẽs taõ barbaras com tantos trabalhos, que por ventura chegaram a tantos, que as mulheres nos accõmettem por diversas partes, por lhes parecer, que o filho será virtuozo. Laços sam do demonio. Eu estou aqui sò com hum mãcebo virtuozo, que anda comigo ajudandome, porque o Irmaõ Reimaõ Pereyra, que veyo comigo, o fis tornar pera a India, por ser mui fraco, & a terra quentissima, & trabalhoza de soffrer. Esteve muitas vezes à morte. Esta terra he feita pera a minha natureza, por ser eu de natural frio, & humido, & a terra ser quente, & secca. Assim que me acho mui bem disposto. O Padre Mestre Francisco me mandou, que estivesse aqui tres annos, athe vir ordem sua de Jappaõ: que naõ fizesse nada de mim entre tanto, ainda que da India me mandassem o contrario. Dezeja muito mandarme à China, se elle abrir caminho.*

16 Fez tambem o Padre grande frutto, reduzindo aos que tinham deixado a Fè: *Ha aqui*, dis elle, *muitos cativos arrenegados, os quais trabalho de reduzir ao gremio da Santa Igreja, fazendoos logo forrar. Destes mandarei alguns ao Collegio de Saõ Paulo, & alguns Janizaros, & Abexins da terra do Preste arrenegados, & outros cativos Italianos, & Gregos tambem arrenegados. Em tudo quanto posso os favoreço, pera que depois de reconciliados nam tornem a cahir. Aqui veyo a dar comigo hum Italiano arrenegado de vinte, & quatro annos, o qual me trouxe de Baçorà hum Judeo grande meu amigo, porque avia fugido de Babylonia; homem principal, & de que o Turco fazia muita conta. Mandeio à India, pera que da hi se và a Portugal. Chorou muitas lagrimas, porque o nam queria recolher, temendo nam fosse espia dos Turcos.*

CAPITULO XV.

De muitos cazos notaveis, que aconteceraõ ao Padre Gaspar Barceo, & do grãde amor, que tinha à Companhia, & a seus Irmaõs em Christo.

1 MUitas cousas prodigiozas lhe aconteceram, as quais o Padre Barceo na sua carta refere, como de terceira pessoa, sendo que com elle passaram; mas sua humildade o fazia mudar nestas cousas de estilo. A sua narraçam he na forma seguinte: *Porque ham chegado à minha noticia algumas cousas, que nosso Senhor por sua benignidade obra em algumas partes por meyo dos da Cõpanhia, de que eu lhe dou muitas graças, vos quero contar o que o mesmo Senhor fez por meyo de outro da mesma Companhia, porque tambem sei, que o escrevo a meus Irmaõs charissimos, que por isto ham de glorificar a Deos nosso Senhor.*

2 *Hum dos nossos Padres andou mui attribulado, pera fazer chegar à confissaõ a hum homem mui poderozo, & rico, mas mui pobre em sua cõsciencia, o qual se pos a ferro, & a sangue contra este Padre, porque reprehendia seus peccados. Vendo isto o Padre, determinou encõmendalo a Deos nosso Senhor, pedindolhe, quizesse allumiar aquella alma. No fim de oito dias, estando huma noite este homem na cama, à huma hora vio diante de si ao Padre, cujo rosto, & maõs mostrando em si grande fermosura despediam hum cheiro tam suave, que toda a camara recendia. Junto do Padre estava hum homem, que lhe dizia: Peccador, porque te nam confessas com o Padre fulano? (nomeandolho:) nam ves, quam fermozo he? Quando quis lançar mam do Padre, desappareceo, & lhe disse o homem: O Padre està no hospital pera dizer Missa aos doentes.*

3 *Levantandose pois de menhaã este fidalgo, foi tanto seu choro, & lagrimas, & contriçam, que nam podia aquietar. Mandou chamar ao Padre, ao qual pedio o confessasse, pondose em suas maõs, offerecendose a toda a penitencia, & satisfaçam, que lhe ordenasse. Fez huma confissaõ geral, recolhendose alguns dias, que pera isso tomou. Agora faz vida mui santa; terà dado de esmola como quatro mil, & quinhentos cruzados.*

4 *Este mesmo Padre foi requerido pera dizer huma Missa pello filho de hum homem principal, que estava morrendo de febres, com hum olho podre, & quebrado. No mesmo dia, em que disse a Missa, ficou o doente saõ das febres, & do olho, do qual lhe cahiraõ grandes escamas, de que seu pay ficou mui espantado: Mãdou chamar ao Padre, & lhe mostrou a seu filho: tudo foi attribuido a nossa Senhora, de quem era a Missa. Foi tambem requerido pera outra Missa por hum seu devoto, que estava à morte, & ditta a Missa, logo ficou sam.*

5 *Tendo este Padre hum dia muitas occupaçoẽs, lhe foi pedir hũ homem, que fosse rezar alguma cousa a sua mulher, que estava quasi endemoninhada, & via muitas cousas de espanto, de que estava meyo morta. Naõ podendo ir, escreveo em hũ papel o Evangelho de Saõ Joaõ, & mais outras palavras santas, & disse, que naõ podia là ir, que bastavaõ aquellas palavras pondoas ao pescoço. Levando o marido a sedula, com esta fè a pos ao pescoço da mulher; & logo ficou livre, & se levantou saã. Assim que Christo suppre em tudo, o que nos outros nam podemos.*

6 *Hum homem, que tinha grandes*

despontàdas, foi livre por intercessão deste Padre. Indo este Padre a confessar hum homem, & livralo de muitos males, em que andava, entrãdo pella porta começa o homem a arrenegar, jurando, que nam avia de morrer sem se vingar; que de outra sorte naõ queria morrer Christam. Disselhe o Padre: Vede bem o que dizeis, porque antes do meyo dia de à menhaã aveis de pedir mais de sinco vezes confissam, & naõ aveis de ser ouvido. E assim foi, porque ouvera de morrer de hum accidente, sem achar quem o confessasse.

7 *Tambem aconteceo a este Padre, que tornando de fora sam hum homem, porquem elle avia trabalhado muito pera o pór em concordia, sem aproveitar, disse o Padre: Oh quanto me peza da saude de fulano! Hei de pedir a nosso Senhor, que lhe de huma febre, pera que se confesse. Acabando de pedir isto, veyo aquelle homem mui doente de febre pedindo confissaõ. O Padre o confessou, & levou depois por toda a cidade a pedir perdaõ a huns, & a outros, porque em huma parte o estavam esperãdo com arcabuzes cevados, pera o matar; em outra com pedras. Finalmente tinha contra si toda a cidade. Deste modo, o que antes com armas se naõ podia defender, agora como hum cordeiro se defendeo sem ellas, pedindo perdam a todos. Era este homem hum Capitam cavalheiro principal.*

8 *Escrevo tudo isto, pera que Deos nosso Senhor seja mais louvado, & glorificado pella Companhia, & pera que saibais, quanta mercê faz a quem otras a ella. Oh quanto deve este peccador Gaspar ao Padre Mestre Simam, por me aver recebido nella, & a Misser Joaõ, por me aver movido com seus conselhos? As cousas da India me parecem com as da primitiva Igreja. Oh quem pudesse escrever as cousas, que vejo, & ouço? Quanto fervor poriaõ aos meus charissimos Irmaõs? Quem pudera declarar o dezejo, q̃ tive de padecer por meu Esposo JESU Christo, quando ouvi novas do Martyrio de nosso Irmaõ o Padre Antonio Criminal, pella esperança, que tenho, seja cada dia minha hora? Gloria seja ao Senhor, que começou a dezimar os da Companhia, que isto tanto dezejaõ.*

9 *Oh Irmaõs, querovos muito com hum amor igual no Espirito Sãto, tanto a hum, como a outro, porque por aquelle, que he tido em menos, obra às vezes mais nosso Senhor. Naõ digo mais, senaõ que vos rogo, naõ vos lembreis de minhas ignorancias. O amor, que vos tenho, este me tenhais todos, como creyo me tendes. A obediencia me obriga a escrever; o que faço sem poder cumprir tanto, quanto me obriga. A gloria seja a Deos, que nos ajuntou nesta Companhia* per tot discrimina rerum, *& nos apartou por tam diversas partidas, aonde nesta vida porventura nunca mais nos poderemos ver com olhos corporais: elle tenha por bem de nos ajuntar membro a membro à nossa cabeça Christo JESU, onde veremos quantos bens fes a nossas almas.*

10 *Padres, que estais na India, & todos os Irmaõs. Padres, que estais em Coromandel. Padres, que estais em Portugal: Mestre Simaõ, Misser Joaõ, Mestre Gonçalo, & os mais com todos os de Castella, Salamanca, Çaragoça, Valença, Gandia. Padres de Italia: Mestre Ignacio, Bobadilha, Santa Cruz, com todos os Irmaõs de Italia. Padres de Colonia, & Alemanha. Padres do Congo. Padres do Jappam: Mestre Francisco, Cosme de Torres, & os outros Irmaõs; todos vos, meus Padres, & Irmaõs charissimos, rogai por este miseravel, & fugitivo peccador.* Nesta forma acaba esta carta, cheya de palavras significadoras humas de humildade,

mildade, outras do singular amor, que tinha a todos os da Companhia. Foi dada em Dezembro do mesmo anno, em que chegou a Ormuz, tendo em tam poucos mezes obrado ali huma tam estranha mudança, como todas estas cousas referidas declaram.

CAPITULO XVI.

Guerra, que fes à ley dos Mouros; conversam notavel de hum gentio. De como ajuntou discipulos, & fes tapar o templo de Mafoma; & outras cousas de grande serviço de Deos, & virtude do Padre.

1 GRandes foram as vitorias, que este servo de Deos alcançou de Mouros, Gentios, & maos Christaõs naquella grande fortaleza do demonio. Tudo irei dizendo com as palavras da carta, que no seguinte anno de 1550 escreveo aos Irmaõs de Coimbra. Tornandolhe a contar a vitoria, que assima disse tivera do Mouro, cuja mulher, & filha se converteraõ, continua nesta forma: *Pella grande confusaõ, que tinhaõ os Mouros, por ver fugido o seu doutor, que elles tanto estimavaõ, se começaraõ cada dia a converter muitos. Outros se guardavam muito de encontrarse comigo; tapavam as orelhas, quando passava com a campainha pellas ruas chamando pera a doutrina Christaã, por se naõ converter ouvindo tanger. Diziam, que nam só trazia feitiços nos vestidos, & falla, mas tambem na campainha.*

2 *O fervor da charidade começava a arder mais cada dia. Os Mouros andavam cantando jâ a doutrina Christaã pellas ruas, cousa muito pera ver. O fervor dos Christaõs era tanto, que se andavam disciplinando pellas ruas dos Mouros de dez em dez. Avia muitas procissoẽs, & ladainhas pella cidade, cantando os mininos a doutrina. Vendo tudo isto os Mouros, temendo converteremse muitos, pera authorizar mais sua seita, ordenaram tambem muitas procissoẽs, & ladainhas, nas quais cantavam: Deos he hum só, hum só he Deos. Era pera folgar ver tanto fervor; athe que hum dia nos apedrejaram.*

3 *Continuando com este fervor, naõ cessavam as disputas assim com os Mouros, como com os Gentios, & Judeos. Converteo nosso Senhor a hum Jogue hermitaõ gentio de grandes abstinencias, & discreto, que vivia em castidade, & pobreza. Nam prègava, senaõ da morte. Tinha edificado hum mosteiro em hum monte junto da cidade, onde morava com outros Jogues. Hum seu companheiro se foi pellas terras de Arabia, & se meteo em huma cova a fazer penitencia, & naõ appareceo mais.*

4 *Estes andam sempre untados de cinza. Acabando com elle a ultima disputa sobre a castidade, me disse, que o tinha rendido com o meu amor, & que o seu coraçaõ era jâ meu. Pediome trinta dias de espaço, pera tomar seu conselho. Eu lhe disse, que se desse sinco açoutes com huma vara por amor de Christo, pedindolhe, que o allumiasse, que ley seguiria. Fazendoo assim, & estando contemplando nas perfeiçoẽs de Deos, como alguns destes Jogues tem por costume, & outros na morte, ouvio huma voz, que lhe dizia: Que fazes? Toma o caminho, que te ensinam, que esta ley dos Christãos he a verdadeira. Vio depois muitos ornamentos da Igreja, como em dia solemne, & Pontifical. Logo no dia seguinte vindo o Rey de Ormuz em busca sua, se escondeo, naõ querendo apparecer.*

5 *Ido El-Rey, se veyo correndo a pedir o bautismo: contoume o que vira. Foi feito Christam com muita* so-

solemnidade, de que ouve grande confusaõ nos Gentios, porque bebiaõ como cousa santa a agoa, em que se lavava, & lhe beijavam os pès. Logo nos voltamos pello meyo da cidade cõ huma grande Cruz levantada, pera a pór no seu mosteiro. Ficaram mui admirados os Mouros, porque o tinham em grande estimaçam. Derrubando seus idolos, fis huma Igreja, & me hospedei no mesmo mosteiro, do qual a requerimento do povo determinei fazer Collegio da nossa Companhia, por me parecer mais necessario, que em toda a India. Està no melhor sitio, que hâ na Ilha.

6 *Sobre isto escrevi à India. Respondeome o Padre Antonio Gomes, & o Bispo de Goa, a quem ficou encommendada nossa Companhia pello Padre Mestre Francisco, que sostivesse na obra athe virem Padres de Portugal, por quanto eu estava de caminho pera a China, & naõ avia outros Padres antigos, pera supprir em meu lugar. Louvado seja Christo, os que tem Portugal de mais, temos câ de menos. Oh Irmaõs, acudinos: o mel da consolaçaõ Divina, que lâ pellos cubiculos serrados naõ podeis achar, corre câ pellos campos. Se naõ tendes letras, câ vos ajudarâ o grãde Doutor o Espirito Santo, cuja doutrina se imprime mais, & em menos tempo, que lâ a dos Mestres, & Lentes de Coimbra.*

7 *Tomei aqui seis pessoas, pera que me ajudassem. Hum delles, acabando eu hum sermam na praça, tirou seu vestido, & o deu a hum pobre. Veyose a mim, rogandome, que o mandasse à Persia, que queria logo morrer pella Fé de Christo à minha obediencia. Diante do mundo foi tido por louco; eu o recolhi por homem sapientissimo, & de muita perfeiçaõ. Outro sahindo de hum sermam, que fiz da Cruz, se lançou a meus pès chorando. A outro achei na praça jurãdo, & blasfemando, quanto outro naõ tinha visto, & era sobre jogo: reprehendi-o; pediome, que o nam dezemparasse, por quanto protestava de morrer comigo. Os outros foram recebidos da mesma maneira. Outro me escreveo de Mascate na Costa de Arabia, que queria morrer comigo assado em humas parrilhas, & que todo o seu dinheiro, & fazenda renunciava em minhas maõs. Destes sam mais de doze homens de muita feiçam, & outros muitos. Vendome delles apertado, propuz nam acceitar mais, athe se nam determinar o Collegio.*

8 *Nossa vida he, huma hora antes que amanheça, tanger hum delles a meditar, despertandonos com candea. Acabada a hora, nos apparelhamos pera a Missa, que digo cada dia: logo tangem à liçam; onde estam athe as onze. Depois a comer; em acabando, recolhendose fazem os exames. Depois se apparelham pera a escola, onde estam athe as quatro. Tangem à meza, depois às ladainhas, que dizemos cada noite. Logo tangem a recolher à meditaçam por espaço de hũa hora. Fazẽ exame; depois preparaõse pera repouzar. Tomamos disciplina pella Igreja, porque as ladainhas saõ pella Companhia, & seus bemfeitores. Cada domingo, & dias de festa à noite temos huma hora, pera praticar cousas espirituais, recreandonos todos juntos. Grande fervor sinto em todos elles; saõ mui amigos da Cruz, & mortificaçaõ; nem acho cousa, que mais nos sustente, que o dezejo de padecer por Christo, & a muita consolaçaõ, que sentimos em ter cada dia a morte diante dos olhos.*

9 *Andando neste fervor do Collegio, os Mouros se moveram muito. Estando prègando na Igreja, me mãdou chamar El-Rey de Ormuz, o qual me contou seu santo dezejo de ser Christaõ, & que o naõ fazia, por temer, que os grandes do seu Reyno se po-*

podiaõ escandalizar. Por esta causa ordenei huma disputa diante delle: disselhe, que os mandasse chamar dissimuladamente; que esperava, que Deos o faria de maneira, que naõ tomaßem a mal escolher sua santa Fè. Nisto se moveram perto de dous mil Mouros, pera se bautizar no dia, que El-Rey se bautizasse. Muitos dos grandes senhores tinham jâ tomado nomes, & padrinhos.

10 Porem o inimigo cõmum, que naõ dorme, deitou fama, que o Rey era jâ Christam, pello qual nam veyo a effeito o que o Rey determinava. Como nam pudessem mudar ao Rey do seu proposito com regalos, nem outros carinhos, ordenaram, que certos Cacizes letrados lhe viessem prègar de Mafoma, pera que desta maneira desistisse. Logo El-Rey os mãdou apedrejar, & desterrar pera sempre do seu Reyno. Nam foram certo tam constantes em padecer por Mafoma, como nossos Santos por Christo.

11 Finalmente sinco sómente dos grandes tiveram poder por meus peccados com muitas ameaças, que lhe fizeram, que perderia o Reyno, pera o tirar deste proposito. Os mais dos que estavam movidos, tambem ficaraõ em seu erro. Logo mandaram, que se tivesse grande vigia, em que naõ entrasse eu a fallar ao Rey, dizẽdo, ser eu grande feiticeiro. Assim mesmo escreveram grandes queixas a El-Rey de Persia, dizendo, viesse sobre nôs pera vingar isto.

12 Logo ordenei muitas procissões pello meyo dos Mouros, & disciplinantes sincoenta, & sessenta juntos, pedindo a nosso Senhor o conselho, que tomaria, pera que nossa Fè naõ tiveße detrimento. Determinavam os Mouros por sua muita soberba nam consentir, que algum Mouro se fizesse Christam. Faziaõnos grandes escarneos; davam vozes de huma sua mesquita, que estava na terra sobre o Collegio, que eu fiz, & chamei do Bom JESV.

13 Senti em nosso Senhor, que convinha quebrarlhe esta sua soberba, como David a de Golias. Por tanto acabando de prègar de noite a Payxam, tomamos huma Cruz grande, quanto podiaõ levar dous homens, em procissam por meyo da cidade, & nos fomos à serra, desde a qual injuriavam a Cruz de Christo, & a levantamos com pedra, & cal no mais alto. Foi tanto o medo da Cruz nos Mouros, quando viram a mesquita tomada, que pella menhaã se ajuntaram milhoẽs delles; davam grandes gritos por Mafoma, porque naõ vingava a injuria dos Frãguẽs, que assim nos chamam. Logo despovoaram todas as mesquitas, que tinhaõ no campo, principalmente huma grande, que se chamava Gilabata, onde faziam grãdes superstiçoẽs cada anno, cortandose com navalhas por amor de Mafoma.

14 Desta mesquita se fes huma ermida devotissima da invocaçam de nossa Senhora da Penha. Tenho nella hum homem de boa vida, que fas penitencia. Os Mouros, pera mostrar que a sua ley era melhor, faziam grãdes sermoẽs na cidade; gritavaõ mui alto, & muitas vezes no Alcoram. Requereome o povo, que buscaße meyo pera isto, lembrandome daquella palavra de Christo: Compelle eos intrare. Mandei logo dizer ao Rey, pois que naõ avia cumprido seu santo proposito, mandasse, que nam gritassem mais no Alcoram, athe que fizessemos avizo a El-Rey nosso Senhor, & que entam se faria o que elle ordenasse. Naõ pertendia eu mais, que animar os que cada dia se convertiaõ, & fazer esquecer a ley de Mafoma, pera que mais depressa se convertessem.

15 Deste recado souberam elles, & dißo nenhum cazo fizeraõ. Mandeilhes dizer, que se naõ deixassem

sem de gritar, que os mininos da doutrina, & eu tomariamos a mesquita, & poriamos nella huma Cruz. Logo fis fazer sinco Cruzes. No dia seguinte ordenamos, que viessem todas levantadas em procissam, pera que os Mouros tivessem medo, cantando as ladainhas, & dizendo a altas vozes: Senhor Deos, misericordia, à porta Del-Rey. Foi tanto o mysterio em ver estas Cruzes, que logo fugiraõ todos com medo, & logo me vieram chamar mui depressa da parte Del-Rey; o qual, indo eu, me veyo esperar à escada, & levandome pera dentro com o interprete Gracia de Sâ, me fes por força assentar na sua cadeira real, & elle se pos de joelhos pera me beijar a mam, pedindome perdam, dizendome, como em algum tempo cumpriria sua palavra.

16 *Mandou logo, que se naõ gritasse mais no Alcoram, nem em toda a Ilha por Mafoma; & tambem, que o Alcoram se tapasse cõ pedra, & cal. Deume algumas cousas pera o Collegio. Quando isto viram os grandes, moveraõ se a grande ira, dizendo, que se despovoava a terra, a qual està agora a mais nobre, que nunca esteve. Assim tambem a alfandega, donde, como me dizem, costumava render quarenta mil, agora rendeo cem mil, & as naos, que hiam pera Meca, chegaraõ aqui a pagar direitos.*

17 *O Xatamâs, que he como quem dis o Emperador Tamâs de Persia, que queria mover guerra, folgou muito com isto, por ser estes Mouros Sunisgueês, que he huma seita de Mouros, que seguem os Turcos, àqual os da Persia sam contrarios. Dizem tambem, que este he adorado por Deos, & que todos tomam por reliquias a agoa, com que lava os pès, pera curar todas as enfermidades: chamase Senhor, que sustenta o Ceo, & terra. Finalmente* perierunt jumenta in stercore suo.

18 *Nesta forma estando tudo pacifico, o que os Mouros nam podiam vingar por via de Reys Mouros, determinaraõ de fazer accommettendo a alguns maos Christaõs nesta terra, pera que com seu favor pudessem sahir da grande injuria, que se fizera ao seu Mafoma, como era tirarlhes o Alcoram, & gritar nelle, porque muito da sua seita nisto he, & consiste; & por ser este o mais fermoso, & grande templo, que hâ em toda a Mourama, foi esta a maior injuria, que nunca se fes a Mafoma, como elles dizem, sendo elle aqui mais venerado, que em nenhuma outra parte.*

19 *Pera este effeito foi commettido hum certo Christaõ poderozo cõ vinte mil coroas de dadiva pera que fizesse abrir o Alcoram. Ajuntouse com os mais Christaõs, que nisto andavam, parecendolhes ser virtude procurar, que se abrisse. Mas Christo, por quem se fes o que estava feito, soccorreo aos seus, pondo medo a esta pessoa, que nam entendesse nisto, sem primeiro me dar conta. Temia elle, que o povo se amotinasse, pello grande amor, que me tem. Convidandome a comer, como me começasse a declarar sua intençam, deulhe logo subitamẽtè hum accidente mortal. Dahi por diante naõ quis mais entender no Alcoram: & os maos Christaõs, que atiçavam isto por parte dos Mouros, morreram logo, & outros ficaram perdidos. Deos lhes perdoe, porque quizeram antes servir à creatura, que ao Creador.*

20 *Vivemos agora em grande sossego. Vai em muito augmento a Igreja de Christo. O povo tem grande fervor, & fas muitas penitencias. Todas as sestas feiras hâ procissam, & ladainhas; no fim lhes prego no campo a Payxam do Senhor, cada ves hum mysterio. Hâ grande concurso a ellas. Faço doutrina todos os dias aos mininos. Festas, & domingos prègo tres vezes. Na Igreja maior pella menhaã ao povo: à tarde aos*

es-

escravos, & escravas; o povo vem tambem ouvir. No hospital aos pobres doentes. Os Clerigos tem grande fervor. Pareceme agora aquelle tempo da primitiva Igreja.

21 *Fizeraõse aqui muitos Christaõs, & se fazem cada dia. Bautizei huma sobrinha do Xarife de Meca Rey de Arabia parente de Mafoma, que era cazada com hum grande senhor da Persia Embaixador do Xatamâs; o qual pedio justiça ao seu Emperador, dizendo, que por força lhe aviamos tomado sua mulher, pera a fazer Christaã. Vista esta queixa do marido, tomou grande payxaõ; deteve a Henrique de Macedo nosso Embaixador. Mandoulhe, que escrevesse ao Capitam Dom Alvaro, que lhe mandasse esta mulher, que jâ era Christaã, pera que se tornasse Moura, senaõ que logo nos fazia guerra por seus Capitaẽs. Todos nos ajuntamos em consesso, & se determinou, que em nenhuma maneira se devia dar. O que governa tudo mitigou o assanhamento daquella fera, & voltou Henrique de Macedo deixando tudo em paz. A' mulher cazei com hum homem honrado, & he a melhor Christaã, que nunca vi. Os mais destes bautismos foram por milagres, & revelaçoẽs. Huns viam a nossa Senhora, outros a Christo, outros a outras visoẽs, outros ouviam de noite vozes. Parece, que Deos nosso Senhor andava escolhendo os seus entre a manada de Mafoma.*

22 *Estando tambem cuidando, quanto frutto se poderia fazer em Aman na Arabia Feliz, que sam quatro Cidades mui populosas, & mui antigas das primeiras, que enganou Mafoma com sua falsa doutrina, a qual he gente simples bem inclinada, & dominada por hum senhor virtuoso. Estando nisto, me mandou huma carta o feitor de Mascate; & vieram aqui dous de Aman com dous mezes de caminho por terra, pedindome bautismo, os quais tenho catecumenos neste Collegio. Daõme muita informaçam do movimento, que lâ vai. Esperam por mim. Bem me peza de naõ acodir a taõ santa petiçaõ, por quanto o Padre Mestre Francisco me mandou em virtude da santa obediencia, que no espaço de tres annos sem avizo seu se nam sahisse de Ormuz. Portanto nam posso fazer mudança, sem seu recado. Se vier agora, irei a Aman; nam vindo, mandarei lâ destes meus Irmaõs, que aqui tenho recolhidos, os quais andam com dezejos mui accezos destas Cruzes, nam se lembrando do trabalho, que la ham de levar, por ser a terra muito quente, & o comer sómente tamaras, & pescado sem pam.*

23 *Nam me estendo mais, pello tempo me nam dar lugar, porque ordenou o Senhor de visitar a este povo com muitas, & grandes enfermidades este anno, as quais sam como modorra pellos grandes calores da terra. Todos os Clerigos desta Igreja estam doentes, dos quais morreo hum; & outros estam à morte com o seu Vigario; por isto todas as confissoẽs carregam sobre mim, & os enterramentos dos mortos. Pella Igreja nam ficar desemparada, sirvo de Vigario os Domingos, & Festas. Digo Missa cantada ao povo, & prègo. Louvores a Christo, pois o cantar, que aprendi na Igreja, agora me aproveita pera servir a Christo. Naõ sómente o bem, mas tambẽ o mal, acho, que me aproveita, porque lembrandome, quantos trabalhos passei pello mundo, tenho vergonha de cansar nos de Christo; & lembrandome, quantos peccados fis, tenho occasiam de me naõ fartar de servir a Christo, pera mitigar sua ira, que mereci, parecendome sempre, que nam faço nada pera o que devo.* Esta a sua carta dada em 24 de Novembro de 1550.

CAPITULO XVII.

Volta o Padre Barceo a Goa; fas no caminho muitos serviços a Deos. He declarado Provincial: & do que obrou na Cidade de Goa.

1 COm estas, & outras obras fez Deos mui celebre nam sò em Persia, Babylonia, Carmanea, mas athe Constantinopla chegou seu nome, donde lhe escreveram os Christaõs, que avia naquella Corte. Mandaram hum Christam, que visse a hum homem, de quem tantas cousas se diziam, & voltando lhas contasse. Este Christam em Baçorâ foi prezo pellos Turcos. Dali escreveo ao Padre, que nam viera a outra cousa mais que a velo. Apanhando os Turcos a reposta, o mataram, & o Capitaõ mandou a cabeça daquelle bemditto homem pendurada em huma lança ao Padre Mestre Gaspar, peraque visse aquelle, que tanto fizera pello ver. Fas admiraçam, & a fazia a todos a tezidam, que o Padre tinha em seus trabalhos. *O meu refugio*, dis o Padre, *nos grandes calores he prègar, & confessar. Por mais amoestaçoẽs, que me fazem os moradores desta terra, dizendome, que naõ posso durar nestes trabalhos, sem morrer finalmente. Quando aqui acho tres horas pera repouzar, he muito: assim que me he aqui necessario ser pobre em tudo, assim no exterior, como no interior. Là tendes horas de rezar, dormir, estudar, & contemplar; cà tudo isto falta. Nem vos espantem estes trabalhos, porque lâ os trabalhos distrahem, mas cà recolhem o espirito, por nos nam ficar outro esforço, senaõ sò Deos, nas persegui çoẽs do mundo, nas honras, deshonras, tristezas, contentamentos.*

2 Andando o Padre Barceo nestes santos empregos, recebeo de S. Francisco Xavier a seguinte carta, que por ser breve, & significar o conceito, que delle tinha o Santo, nam he bem deixe de ir neste lugar. *A graça, & amor de JESV Christo nosso Senhor, seja sempre em nossa ajuda, & favor, Amen. Pella muita disposiçam, que ha neste Reyno de Jappam, pera accrescentar nossa Santa Fè, confiando muito de vossos santos dezejos, & zelo, que tendes de accrescentar as almas de nossos proximos, espero em Deos nosso Senhor, pello que de vos por outros tenho conhecido, que tendes virtude, & humildade interior, que vos ajudem pera pôr por obra o que dezejais; vos mando em virtude de santa obediencia, pera vosso maior merecimento, que estando em disposiçam corporal pera a poder cumprir, vòs, Mestre Gaspar, Balthezar Gago, & Diogo de Carvalho venhais a Jappam, donde eu estiver, que serà, prazẽdo a Deos, em Meaco. E vos, Balthezar Gago, & Diogo de Carvalho, na viagem tereis obediencia ao Mestre Gaspar, de cuja prudencia, & humildade espero, que tera mui bom cuidado de cumprir o tal cargo; & porque nam ponho duvida em vossa vinda, por conhecer em vos a isto tanta vontade, & promptidam de animo, pera obedecer, & fazer sacrificio de vossas vidas por amor daquelle, que primeiro por nos outros poz a sua, nam digo mais, de quanto aguardo por vos outros com muita esperança, que nos ajuntaremos mediante Deos em estas partes. Firmada por mam deste vosso em Christo charissimo Irmam. De Cangoxima a sinco de Novembro de mil quinhentos quarenta, & nove. Francisco.*

3 Tanto que em Ormuz se soube, que o Padre se hia, ouve notavel sentimento. *Estando* (dis em huma carta) *pera me partir de Ormuz, andaram buscando meyos pera me*

prender, & impedir o caminho; mas o Senhor me livrou destes embaraços: embarqueime no galeam, onde hiam perto de seiscentas almas, afora outras muitas naos, & navios, que hiaõ todos com nos outros de armada, & vinham de tomar huma fortaleza aos Rumes; onde o Senhor obrou tanto, quanto eu nunca hei visto em armada; continuas confissões; desistiram de juramentos, & jogos, & maos costumes, os quais os soldados sempre tem.

4 *Estivemos perdidos; no qual perigo levei grande consolaçam, por ver a causa, porque Deos o fazia; & a viagem, que se faz em quinze dias, fizemos nos outros em dous mezes. Chegando a Mascate, armaram hum pulpito no campo, onde prèguei duas vezes. No derradeiro dia, àlem de muitos amancebados cazarem suas mancebas pera se tirarem do peccado, ajuntei todos os que andavam em odios, & os fis amigos, soltando todos os prezos; entre os quais dous cavalheiros estando mui inimigos, pera aver entre elles, & os seus grandes mortes, & males, os fis amigos, jurando em hum Missal publicamente diante de todos, de nunca mais tornarem a ser inimigos.*

5 *Dali levando a vela fomos a esperar os Rumes em o Cabo, os quais nos diziam, que vinham com muitas gales. Prèguei outra vez em huma caza grande de Mouros aos soldados, & Capitaẽs. Todos os Domingos, & dias Santos prègava a todos: ajuntavaõse dos navios em o galeam, pera ouvir a prègaçaõ. Pera isto se tocavam as trombetas. Depois de comer avia doutrina; às noites ladainhas. Aos sabbados a Salve, & huma proza ao bom JESV. Chegamos a Dio, onde prèguei duas vezes, fazendo muitas amizades, impedindo muitos males.*

6 Parecia o Padre Barceo homẽ de bronze. Em huma occasiaõ em dous dias inteiros sem meter bocado na bocca confessou a dous mil soldados de Dom Antam de Noronha, em cujo galeam vinha de Ormuz. Em todo este tempo apenas teve duas horas de descanso. Nesta viagem em huma das terras, onde aportou, certo homem, depois de ouvir ao Padre, resistio à inspiraçam divina, naõ se querendo confessar. Estando de noite acordado, lhe apertaram a garganta de modo, que o affogavam: invocou a protecçaõ da Senhora, & logo ficou livre, & se diminuio o aperto, ficandolhe com tudo alguã dor, de modo, que pode adormecer; entaõ vio entre sonhos ao Padre Barceo, que lhe perguntou, qual fora a causa daquella dor? Dandolhe a entender, que era o nam se ter confessado. Fezlhe o Padre o sinal da Cruz, & cessou a dor. Despertando, & achandose de todo sam, foi buscar o Padre pera se confessar, & como jà se tivesse partido, confessouse com outro.

7 Prègou tambem em Baçaim. Chegando a Chaul a tẽpo, q̃ queriaõ correr touros, os deixaram pello ouvir prègar, o que fes em hum campo, por ser a gente muita. Ouve muitas lagrimas, & contriçam dos peccados. Pediram se fundasse alli Collegio; ao que respondeo com humildade, que elle nam era Superior, mas hum vilissimo escravo da Companhia; portanto, que nam tinha poder pera acceitar a tal fundaçaõ.

8 Chegou a Goa, & logo no porto prègou, antes de ir ao Collegio. Depois de tantos trabalhos o seu descanso foi continuar em nossos ministerios. Todas as semanas prègava treze, & quatorze vezes. Fez tal mudança no povo, que todos diziam, nunca ali se tinha visto outra tal.

9 Neste tempo chegou a Goa de Jappam S. Francisco Xavier, pera dispor as cousas da India em forma, que aliviado do cuidado dellas, pudesse empren-

emprender a viagem da China. Julgou, que nam tinha a quem melhor encarregar o cuidado de toda a Companhia da India, que ao Padre Mestre Gaspar, homem em tudo mui consũmado. A noite antes de se embarcar, chamando a todos os de caza, lhes fes huma pratica, em que os exhortou à perfeita obediencia. Despedindose declarou por Provincial ao Padre Mestre Gaspar, pellos poderes, que pera isso tinha de Santo Ignacio, & pondose de joelhos lhe rẽdeo tambem obediencia, como a seu Superior. Todos fizeram o mesmo com muita alegria espiritual; só o Padre Barceo, como quem nada menos que isto dezejava, se entristeceo.

10 Disse, que por nam saber obedecer, lhe dera Deos por castigo o mandar a outros. Logo entrou em os Exercicios espirituais de Santo Ignacio, pera se dispor a cumprir com as obrigaçoẽs de seu officio. O que elle fazia tam bem, que todos o admiravam como ao Santo Xavier. Sendo assim, que andava carregado de achaques, trabalhava como se estivesse rijo, & valente, sem querer, que o officio lhe servisse de o livrar do trabalho de nossos ministerios. Prègava todas as semanas quatro vezes, & todos os Domingos, & dias Santos tres vezes cada dia.

11 Ouvia confissoẽs sem conto. Nestas lidas era tam descuidado de sua saude, que nam queria se fizessem com elle gastos: isto dizia, mandando o Medico, que lhe lançassem hum pouco de assucar nos ovos. Teve grande cuidado de aproveitar os subditos. Seis mezes deteve em Exercicios espirituais aos do Collegio de Goa, sentindo nisso todos muito gosto, & proveito de suas almas. Alem do Seminario, que jâ avia, fez outro de novo, dos quais se seguio muito exemplo, & proveito na Cidade. Por occasiam de huma cabeça das Onze mil Virgens, que avia em Goa, instituio huma Confraria das Santas; na qual em pouco tempo se alistaraõ mais de duas mil pessoas, & eram tantas as esmolas, que ouve o Padre de lhes ir à mam. Deulhes santas instrucçoẽs, em ordem a zelarem o bem espiritual de seus proximos.

12 Traziam grandes rois ao Padre das pessoas, que andavaõ em peccados sabidos, pera que os remediasse. Foi tal o proveito, que em espaço de seis mezes se pacificaraõ cousa de dois mil odios, & muitas demandas. Huma ves disse o Ouvidor Geral ao Padre Barceo, que jâ os escrivaẽs nam tinham que fazer, & que sendo antes ricos, por causa de Sua Reverencia morriam de fome; & accrescentou por graça, que alguns se tinham querido enforcar, que outros deixavam os officios, & outros os quizeraõ vender, mas q̃ nam acharam quẽ lhos quizesse comprar; que brevemente seria necessario pera aver hum escrivam, que El-Rey o pagasse. A isto respondeo o Padre Barceo, que nam lhe pezava estivessem tam desoccupados, que tambem folgara nam ouvera necessidade do officio de sua merce, senam que todos os tribunais estivessem cheyos de teas de aranha. Vendo elle, que os Irmaõs da Misericordia temiaõ naõ se applicassem todas as restituiçoẽs pera as obras desta Confraria em diminuiçam da sua Irmandade, ordenou aos Confessores, as applicassem todas à Mizericordia, & elle se fes tambem Irmam da Misericordia.

13 Este seu fervor infundio em todos os subditos, & ainda nos Irmaõs Coadjutores. O porteiro, que repartia esmola aos pobres, lhes ensinava a doutrina com proveito mui conhecido. Outro chamado Antonio Fernandes, encontrandose com huã multidam de escravos Mouros, & gentios, lhes disse com grande espirito: *Eia, Irmaõs, quem de vos quer ser Christam?* Dizendo isto, lhes co-

meçou a praticar dos myſterios da Fè, & poz Deos tanta virtude em ſuas palavras, que delles ſe converteram quarenta. Vendo o Padre a graça, que Deos dava a eſte Irmaõ, o mandava todos os dias prégar aos infieis, & ſempre trazia algum convertido.

14 Avia em Goa grande multidam de mulheres perdidas: tomou o Padre Barceo à ſua conta o bem deſtas almas, & dentro de pouco tempo tirou de roim eſtado a cem dellas. Nam avia modo, que deixaſſe pera aproveitar as almas: a hum peccador deſviou do ſeu peccado, dãdolhe a eſſe fim vinte pardaos, que he moeda da India.

15 Por ſerem ſeus ſermoẽs tam continuos, entrou em duvida, ſe ſeria melhor nam moleſtar ao povo com tantã continuaçam, & fazer menos doque coſtumava. Aſſim o propoz em huma prègaçaõ, dizendo, que ſeria bem deixar algũs ſermoẽs, eſpecialmente aquelle inverno, por ſer chuvozo. Logo ſe levantou no auditorio hum murmurinho, queixandoſe deſta reſoluçam. Os mais graves levantaram a voz dizendo, que naquillo os deſconſolava a todos. O Provedor da Miſericordia lhe rogou, que nam tiveſſe cuidado com as chuvas, que elles vinhaõ por debaixo da agoa a o ouvir cõ muito goſto; antes ſe lhe nam foſſe moleſto, accreſcentaſſe os ſermoẽs. Dali por diante quando mais chovia, era mayor o concurſo, querendo entam moſtrar, que o ſermaõ ſe naõ avia de deixar por cauſa delles. O frutto dos ſermoens era o meſmo, que nas outras occaſioens, de que neſta vida por vezes tenho fallado.

CAPITULO XVIII.

Do mais, que obrou em Goa: ſua ſanta morte, & virtudes.

1 HUma das couſas, em que mais reforma ſe vio, foi na profanidade dos veſtidos das mulheres de Goa. Reprehendeoas do demaſiado concerto, comque vinham aos templos. Entrou nellas tal temor, & compunçam, que muitas ſenhoras nobres vinham à Igreja com os pês deſcalços, & hum manto mui honeſto. Outras deram ſeus veſtidos ricos de eſmola. Outra ſe moveo tanto, què acabada a prègaçaõ, ſe foi a caza, tomou ſuas joyas, & aneis, & os pizou em hum almofariz: deſprezou todos ſeus veſtidos ricos, & tomou outros mais honeſtos. Huma deu todas as ſuas joyas, cadeas de ouro, fios de perolas, & os veſtidos, pera ſe fundar hum moſteiro. Todas emendaram ſeus trajes, & coſtumes; frequentavam com muita devaçaõ os Sacramentos. Deraõſe â penitencia; tudo em toda a Cidade era compunçam.

2 Neſte tempo veyo a Goa hum Embayxador Del-Rey de Ceilam, que ſabia bem a lingua Portugueza. Como era tanta, & tam grande a fama do Padre Barceo, o dezejou ouvir. Por ſer gentio, nam entrou na Igreja antes de começar o Padre a prègaçaõ. Ao tempo, que entrou, dizia o Padre aquellas palavras do Exodo: *Tira os çapatos dos pês, porque o lugar, onde eſtas, he terra ſanta.* Diſſe eſtas palavras com tanta mageſtade, & eſpirito, que o gentio ſe começou a deſcalçar, & o fizera, ſe o nam impediram os Portuguezes. Ouvio a demais prègaçam, de que ficou tam movido, que dentro de poucos dias ſe converteo, & bautizou, tomando por nome Antonio, que

o ſeu

o seu antes era Pandita.

3 Nos sermoẽs das sestas feiras era maior o abalo. Corria a elles naõ só a gente de Goa, mas dos contornos da Cidade, & vinham na quinta feira, pera com tempo tomar lugar, sendo assim, que o sermam era na sesta de tarde. Prègava sempre sobre hum passo da Payxam, sẽdo o thema aquellas palavras: *Multa flagella peccatoris.* As lagrimas eram tantas, que muitas vezes era necessario ao prègador parar no sermam, pondose de joelhos, sem poder conter as lagrimas, nas quais acompanhava ao seu auditorio. Logo se mostrava hum devoto Crucifixo, & sahia da sancristia grande numero de homens açoutandose nas costas, entoando neste tempo os mininos: *Mortem autem Crucis*; & pedindo o povo a Deos misericordia com vozes mui sentidas. Isto se fazia em todas as sestas feiras do anno.

4 Estando huma ves prègando, vio hum peccador, aquem avia muitos dias, que procurava trazer a Deos. Entendendo com luz superior, que aquelle homem morreria sedo, no fim do sermaõ lhe mandou dizer por seu companheiro, que fosse servido de esperar hum pouco, & darlhe huma palavra. Detevese athe se ir a gente toda; entam disse ao peccador, que o que queria, era, que se confessasse logo, porque sabia serlhe mui necessario nam ter nisto detença. Nam queria o homem tal cousa: instava o Padre dizendo, que o naõ deixaria ir, sem se confessar. Logo mandou fechar as portas da Igreja, peraque se naõ fosse. Aqui deu por escusa, nam estar preparado. Respondeo o Padre: *Naõ obsta; eu vos perguntarei, & ajudarei.* Nam dizia isto o Padre, porque logo o quizesse absolver, senam pera o empenhar a se confessar bem, depois de lhe ter ditto alguns peccados.

5 Vendose o homem nestes apertos, se pos de joelhos, & começou dizendo alguns peccados mais graves. Depois de o ter ouvido hum pedaço, lhe disse, que por entam bastava; que considerasse mais, & voltasse no dia seguinte, que entam o absolveria. Tendo o homem por este modo vencido o pejo, que tinha de se confessar, se foi desabafado; examinouse, veyo no outro dia. Nam satisfeito ainda o Padre, o dilatou pera o terceiro dia. Voltou, & se acabou de confessar com grande dor de suas culpas. Dentro de poucos dias veyo a morrer, & dizia, que o Padre Barceo à força o tinha metido pellas portas do Ceo.

6 Depois deste varam Apostolico ter trabalhado o muito, que este pouco dà a entender, o quis o Senhor apremiar no mesmo campo da batalha, em que pelejava contra os vicios, que foi o pulpito. Hum dia estando prègando a hum numeroso auditorio, como eram todos os seus, sentio em si grande fraqueza. Logo vio, que o mal era mui forte, pois o rendia. Despediose do auditorio, & ali no pulpito lhe deu hum accidente, ficando sẽ sentido. Ouve em todos geral sentimento à medida do respeito, & amor, que lhe tinham. Entrando em si, foi crescendo o mal, & a dor no Padre, por ver, que morria em cama branda, sendo o seu dezejo acabar feito pedaços por seu Deos.

7 Nam consentio o visitassem, por se occupar todo com Deos; só o Governador, & alguns fidalgos chegavam à porta do cubiculo, no que sentiam muita consolaçaõ, derramãdo copiosas lagrimas. Falleceo com morte de Santo aos dezoito de Outubro de mil quinhentos sincoenta, & tres, em huma sesta feira naquella hora, em que costumava prègar. Tanto que sua morte se divulgou, concorreo innumeravel gente ao nosso Collegio, onde nam avia quem se pudesse revolver. Hum Padre de Sam Domingos, que queria prègar suas virtudes,

des, naõ pode com as lagrimas dizer palavra. O enterro se fes entre lagrimas, & gemidos.

8 Foi homem de hum coraçaõ maior que muitos mundos. Todo Jappam, Persia, Arabia, Ethiopia, & China eram pera elle hum quasi nada. Escreveo ao Emperador de Ethiopia, convidandose pera ir prègar a Fè a seus Reynos; nesta carta dis: *Se Deos nosso Senhor for servido de me dar vida, daqui a dous annos espero com ajuda de Deos de ser nesse Reyno com Vossa Alteza, como pera isso agora tenho mandado pedir licença.*

9 Na carta geral do anno de sincoenta, & dous da Provincia de Goa tem o escrittor estas palavras, depoĩs de referir algumas cousas do Padre Barceo: *A virtude principal, pella qual Deos fazia tantas cousas por elle, parece, que era huma mui viva fè, com a qual todas as cousas por arduas, & difficeis que fossem, lhe pareciam faceis: algumas vezes lhe ouvi dizer, que invocando o nome de Deos, nunca começara cousa, por difficil que fosse, que naõ se acabasse, por grandes que fossem os trabalhos, que nisso ouvesse.* Mais abaixo na mesma carta tem delle: *Escrevervos de sua oraçam, vigilias, mansidaõ, & humildade pera com os Irmaõs, & proximos, & rigor pera si mesmo, naõ he necessario, pois là o conhecestes, ainda que tem crescido muito nas virtudes. He mui fora de conversar com ricos, & poderozos. Quando por necessidade he constrangido a fallar com o Governador, Capitaẽs, & outros officiais por alguns pobres, naõ trata com elles outras cousas, senaõ as que pertencem ao serviço de Deos. E assim tem mais liberdade pera amoestar, & encommendar a todos sua salvaçam, de ninguem dependendo.*

10 Jorge Cabral Governador da India respondendo a huma carta, que de Ormuz lhe escreveo, começa cõ estas palavras: *Muito virtuoso Padre, cà me deram duas cartas vossas, as quais eu li com tanta veneraçaõ, como se foraõ de Saõ Paulo.* Com tal respeito o tratava. Sua humildade foi rara. Firmavase nas cartas: *Servo indigno de todos.* Chamavase escravo da Companhia, bichinho de huma vil, & asqueroza materia, peccador hediondo, & demonio. As cousas, que obrava, attribuia todas à Companhia, tendose a si em tudo por inutil.

11 Em Ormuz, onde o sol abraza, faziaõ-lhe tanta cortezia, que pera corresponder, lhe era necessario andar continuamente descuberto, o que lhe fazia muito mal. Assim por isto, como porque sua humildade se naõ accõmodava com tanta honra, determinou pedir a todos no pulpito, nam lhe fizessem cortezia, porque lhe era nocivo andar com a cabeça descuberta. Porem deixouse disto, temendo, nam se misturasse aqui algum amor proprio; & tambem porque sempre costumava fazer o mais trabalhozo. Deste Santo Varam escreveraõ muitos, & graves Authores, por ser elle hum dos homens de grande, & ventajozo espirito, q̃ ouve em a nossa Companhia. O Padre Eusebio tras sua vida no tomo, que intitula *Ideas de Virtud*; & ali tem muitos Authores, que delle escrevem. Aqui me quis antes ajustar a suas cartas, & às de outros, por aver nellas cousas de muito pezo, que dittas com outras palavras, naõ teriam o valor, que na minha opiniaõ tem contadas com as palavras de quem as obrou, & por cumprir com a obediencia as escreveo.

CAPI-

CAPITULO XIX.

Vida do Padre Manoel Alvres Missionario da India.

Na India.

Entra na Companhia; he experimẽtado com huma especial mortificaçaõ. He mandado à India; arriba ao Brasil. Do que padeceo nesta primeira viagem.

1 DEste Padre sabemos ser Portuguez. Entrou na Cõpanhia em Coimbra aos 2 de Outubro de 1549. Delle referem nossas Historias huma notavel experiencia, com que sendo Noviço o provou o Padre Mestre Simaõ Rodrigues. Sahira elle em peregrinaçaõ por companheiro do Padre Luis Gonçalves da Camara; o qual em Vizeu querendo fazer prova de sua mortificaçam, lhe disse, que fosse a huma venda comprar dous reis de azeite, pera comerem algum peixe, que se lhes dera de esmola. Ja mais o Irmaõ Manoel Alvres pode acabar comsigo fazer a tal mortificaçam.

2 Voltando ao Collegio, deu disto conta ao Padre Mestre Simaõ o Padre Luis Gonçalves. Queria o Padre, & procurava, que os da Companhia se soubessem vencer, & mortificar a honra; portanto pera ensinar o Noviço, & com o seu exemplo aos mais, o mandou chamar; deulhe huma moeda de cobre, & que tomando huma almotolia de barro, fosse logo a Vizeu, & na mesma venda comprasse os dous reis de azeite, & voltasse com testimunho de que assim o fizera.

3 Obedeceo sem demora: bem verdade he, que ao principio cuidou nam ser isto de veras. Começou a caminhar, & sempre com o sentido, de que a cada passo vinha recado, que se voltasse. De quando em quando olhava pera traz, a ver se apparecia quem o chamasse. Nesta forma foi caminhando cousa de duas legoas. Entaõ se desenganou, que a cousa hia de veras. Dista Vizeu treze legoas de Coimbra; tantas andou, & desandou a pè vivendo de esmola. Chegou à venda, comprou os dous reis de azeite, ouve certidam de hum Sacerdote grave. Tornouse ao Collegio, & se apprezentou mui alegre ao Padre Mestre Simaõ, depois de sinco dias, que na jornada gastou; deixandonos hum tam singular exemplo, assim de sua obediencia, como do desprezo de si.

4 Este Padre sabia da arte da pintura, & no Collegio de Coimbra pintou huma imagem de nossa Senhora da Palma, que acho escritto se puzera, andando annos, na capella dos Irmaõs do Recolhimento, & que lhe tinha o Collegio particular devaçam, & que por ella obrara o Senhor alguns milagres.

5 No anno de 1560 foi mandado à India, aonde o levava seu espirito. Quatro eram os da nossa Companhia, que foram nesta occasiam, repartidos em duas naos. Em huma o Padre Antonio de Arboleda Castelhano com o Irmam Francisco Vieira Portuguez, que na India se chamou depois de ordenado o Padre Francisco Rodrigues. Em outra, que se chamava Saõ Paulo, de quem era Capitam Ruy de Mello da Camara, parẽte do Padre Luis Gonçalves da Camara, se embarcou o Padre Manoel Alvres com o Irmam Joam Roxo de naçaõ Castelhano.

6 Desta trabalhoza viagem, que foi huma das fatais, que ouve na carreira da India, tenho em minha mam duas compridas, & miudas narraçoẽs feitas pello Padre Manoel Alvres. Huma da arribaçam ao Brasil; outra da Iliada de trabalhos, & naufragio do Brasil athe a cidade de Malaca, na qual

qual o Padre, como quem o sabia fazer, athe debuxou os baixos, em que se perdeo a nao, & outras Ilhas, & paragens, em que tiveram os naufragantes repetidos infortunios.

7 De necessidade as hei de copiar, que lançalas aqui por extenso seria cousa a quem le enfadonha. Nam hia naquella nao, que era de quinhẽtas pessoas, outro algum Sacerdote, por isso o trabalho deste Padre foi inexplicavel, & grandissimos os serviços, que fes a Deos, de que ouve innumeraveis occasioẽs. Eram as naos por todas seis; o Capitam mòr de todas Dom Jorge de Souza. Destas huma arribou outra vez a Lisboa; as quatro chegaram à India, & a outra se perdeo.

8 Embarcouse o Padre a sette de Abril, por naõ aver athe ali tempo, com que pudessem sahir do rio. Mas logo se tornou a pòr mui contrario. Achou elle, que junto do seu apozento certo homem de ma vida tinha em hum camarote com nome de mulher, & filhas muitas mulheres ao parecer solteiras, & hum negro fugido. Rogaram alguns ao Padre, & lho pedio o mesmo Capitam da nao, que por serviço de Deos desse ordem a que tam roim fazenda, & o homem, q̃ as metera ali, fossem lançados fora da nao, que com tantas occasioẽs de offender a Deos nam poderia ter a viagem bom successo.

9 Constandolhe o que era, escreveo a Dom Gilianes, & ao Armador mòr, que por serviço de Deos atalhassem este mal. Logo lhe mandaram ordem, que o camarote se deputasse pera enfermaria; que a chave delle se entregasse ao Padre, & aquella gente fosse toda lançada fora da nao. Assim o fez logo executar o Capitam, dizendo ao Padre, que nam só aquelle camarote, mas todas suas estancias largaria pera enfermarias dos doentes, sendo assim necessario.

10 Grangeou tambem a amizade do Piloto, que se chamava Antonio Dias, o qual era homem na sua arte destrissimo, & em seus costumes grande Christam, como quem os aprendera do trato familiar com nossos primeiros Padres; porque elle de Flandes trouxera a Portugal ao Santo Padre Pedro Fabro companheiro de Santo Ignacio, & a outros. Elle trouxe pellas partes da India muitas vezes de Maluco pera Malaca, & pera Jappaõ, & pera a China a São Frãcisco Xavier, de quem fora grande amigo; & assim mesmo a outros Padres de grande santidade.

11 Em Domingo de Paschoela sahiram as naos pella barra fora. Dous dias continuou vento prospero, com o qual se puzeram junto à Ilha da Madeira; onde por algum tempo bordejaram de huma em outra volta; athe que tornando vento favoravel, se puzeram com elle nas alturas de Guinè. Ja neste tempo hia o Padre mais desembaraçado do enjoo; por isso tratou de ser util ao bem das almas. Grangeou em primeiro lugar a amizade de todos os officiais da nao, & dos fidalgos, que nella hiam; porque avida esta, lhe ficava tudo mais expedito pera entender com a melhora dos costumes.

12 Vendo elle, que ouvera, & avia muitos furtos em a nao, & outros muitos desmanchos, por ser a maior parte da gente, que nellas costuma ir, gente desconcertada em seu viver, determinou começar suas prègaçoẽs com rigor. Fez a primeira cheya de terrores, & espantos da materia, que andava nos olhos de todos, do lugar, em que se achavam, da ira de Deos, & cousas, que fizessem temor: com elle alguma cousa se cõpuzeram, & começaram a ter respeito ao Padre.

13 Trabalhou logo, porque se evitassem os jogos, pello menos de muito dinheiro, & peças ricas, & que dei-

deixassem de ler livros profanos, de que hiam bem providos. Rasgou muitas comedias, & autos, especialmente quando achava aos moços lẽdo por elles. Alegravase muito a gente honrada de levar comsigo tam bom companheiro. Nesta paragem de Guinè começaram a entrar as doenças em a nao. Nellas usou o Padre, & seu companheiro notaveis charidades. Era de grande exemplo a charidade do Capitam Ruy de Mello: a todos acodia, & provia.

14 Por ir a nao mui empachada, & estarem os doentes em diversas partes, deu o Padre ordem a que se buscasse hum homem charitativo, que os visitasse, & o viesse informar de suas enfermidades, pera se lhes acodir. Assim se fez, & o descobriram, como o queriam; porem este afrontado com o trabalho em poucos dias tambem enfermou. Com elle adoeceo tambem o Padre Manoel Alvres de febres, de que muito padeceo. Tomou entam o Capitam Ruy de Mello o cuidado de visitar os enfermos com o Irmam Roxo. A este Irmaõ conservou Deos a saude pera bem, & remedio de todos. Acodia com incansavel charidade a todos; elle applicava as mèsinhas mais occultas.

15 Nestas calmarias de Guinè costuma aver crueis trovoadas, que poem a gente em notavel assombro. Huma os poz em evidente perigo: com elle, dis o Padre, andava a gente amarela, & tam desfigurada, que fazia medo pòr nella os olhos. O trabalho do Padre eram as confissoẽs. Fazia trazer os enfermos à porta do seu camarote, & assim doente, como estava, os hia confessando. Consolavase com ver a contriçaõ, que tinhaõ de seus peccados; porem cortavalhe o coraçaõ ver como muitos lhe vinham à porta da camara, pera os soccorrer com alguma cousa de sustento, & naõ era possivel acodir a todos.

16 Tanto que esta gente entrou em a nao, dis o Padre, que deram em comer, & jogar o que levavam, sem fazer contas com o mais da navegaçaõ. Gritava o servo de Deos, que fossem attento; mas era bradar em dezerdo; & agora sem remedio viaõ o seu erro. De quinhentas pessoas sò treze, ou quatorze ficariaõ por adoecer; donde se deixa bem considerar o desemparo, & miseria, a que se chegou. Foi tal a charidade deste Padre, que na sua camara teve por muito tẽpo hum mancebo doente, que diz elle avia mister tres pessoas pera o servir. Elle, & seu companheiro o alimpavam, & acodiam a outros despejos de vasos immundos.

17 O convez estava alastrado de enfermos, nem podiam os grumetes passar, sem pòr os pès sobre elles. Assim expostos ao sol, à chuva, à noite, & dia, tudo eram ays, & gemidos. Os que pareciam estar melhor, eram os que estavam debaixo da primeira cuberta; mas ali com o fumo do fogam, & com a muita quentura se cõsumiam, como se estiveram em hum forno. O comer era biscouto negro com agoa mal cheirosa. Naõ avia Medico, nem boticario; as mèsinhas eram mui raras.

18 Melhorando alguma cousa, o Padre se occupava em confessar, & fazer praticas, com as quais despertava a gente à penitencia. Começouse a amotinar a gente, dizendo, voltassem ao Reyno, pois hia passando o tempo de continuar a viagem adiante, & tambem de voltar atraz. Como os ventos eram por proa, a nao afucinhava tanto, que era a todos cousa horrorosa. Estando o Padre, & o Capitam na poppa da nao, attonito este com o desacostumado movimento, que a nao fazia, lhe disse, que deviaõ deitar ao mar hum pouco de Agnus Dei, & rogar a Deos, se aplacasse aquelle trabalho. Lançou o Agnus Dei, & huma reliquia das Onze mil

Virgens; & foi o Senhor servido, que dahi a pouco se aquietasse a nao,

19 Andando nestes bordos na Costa de Guinè humas vezes ao mar, outras à terra, chegaram mui perto dos baixos, que chamaõ de Santa Anna: tambem avistaram a terra de Guinè; huma, & outra vista causou a todos grande medo de se perderem. De todos estes sustos tomava o Padre occasiam pera os mover a se confessarem; porem alguns eram tam duros, que nada os amolgava. Muitas vezes cuidando se despediam da Costa de Guinè, se tornavam a achar nella. Os que ali hiam, & tinham por vezes passado a carreira da India, confessavam, que nunca outra tal acontecera; & assim andavam todos como gente pasmada, que naõ sabia que dizer, nem que fazer.

20 Neste espanto se ajuntavam ao Padre, o qual lhes dizia, parecerlhe, que Deos os queria ali castigar por algũ tempo pellos peccados dos que hiam naquella nao; permittindo, que todos adoecessem, pera se confessarem, jâ que saõs o naõ queriam fazer; que o Senhor via aquella miseria, & se compadecia della: que dava este castigo, por nam dar outro maior.

21 Em o Padre apparecendo no convez, todos chamavam por elle, como se nelle estivesse o seu remedio; huns pediam confissam, outros algum sustento. Como o servo de Deos lhes naõ pudesse acodir com algum mimo, pello naõ ter, naõ ousava apparecer diante delles, & nisto recebia grandissima desconsolaçam.

22 *Nunca vi*, diz elle, *cousa, que tanto me puzesse diante dos olhos a vaidade, & pouquidade do mundo, como esta nao, porque ver mancebos muito galantes, que em Lisboa, & em outras partes, & ainda em a nao naõ avia quem pudesse com elles, & velos lançados por esse convez com o rosto, & olhos cheyos de terra, descobrindose todos, era cousa mui lastimosa.*

23 Viose alem de outros o castigo, & a misericordia de Deos em hum peccador. Adoeceo este, & por mais que o exhortaram, se naõ quis cõfessar. Convalesceo; mas tornando a recahir, se tornou a apertar com elle, que se confessasse. Entam mandou ao Padre dous recados, que na menhaã do dia seguinte o fosse ouvir; respondeo, que elle estava prompto pera qualquer hora. No dia seguinte reparou o Padre, que o nam chamassem; & lhe disseram, que o homem se achava bem, & que jâ naõ queria cõfissam. Dahi a poucos dias cahio da gavea huma bola de pao, & deu a este homem na cabeça, que quasi o deitou ao mar, & o ferio mui mal, de que esteve doente muito tempo. Finalmente Deos o tocou, porque estando o Padre fazendo huma confissam, lhe bradaram a grãdes vozes, que aquelle homem morria. Acodio, & o achou taõ afflligido, que quasi nam podia fallar. Exhortouo; confessouse com muita dor de seus peccados; rogoulhe, fizesse vir ali hum homem, a quem tinha deshonrado em a nao: veyo, & lhe pedio perdam. Com isto ficou elle consolado, & nam menos o ficou o Padre. Mandoulhe à noite algum assucar rozado, & na menhaã seguinte huma amendoada, que lhe mandara preparar. Dahi a poucos dias veyo este homem à camara do Padre são, a lhe pedir fosse consolar a hum seu Irmam enfermo. Admirouse muito o Padre desta saude, & dis, que nesta forma muitos estando mui no fim de sua vida, em se confessando melhoravam; que bem se via, nam queria Deos sua morte, mas sua conversam.

24 Hum mancebo gentil-homẽ de vida perdida, que estava excommungado, & avia dous annos se naõ confessava, & tinha vergonha de se confessar com o Padre, cahio enfermo,

mo, & naõ venceo este seu pejo ainda que o Padre o exhortou a se cõfessar. Deulhe Deos saude; mas brevemente tornou a recahir. Entam mãdou chamar o Padre: perguntoulhe, porque athe ali se naõ confessara? Respondeo, porque tinha medo, que em descobrindo sua consciencia, o aviam de lançar no mar: dizendo isto, começou a chorar muito seus peccados. O Padre o consolou, & animou com a misericordia de Deos. Logo o ouvio, & absolveo: entregoulhe humas contas, & huma gadelha, que huma moça fidalga lhe dera no Reyno, pera que se lembrasse della. Lançou o Padre no mar tam profanas prendas, & ficou o mancebo como se lhe tiraram huma grande carga dos hombros.

25 Outro mancebo mui discreto segundo a discriçam deste mundo, murmurava muito dos da Cõpanhia; dizia, que a confissam se avia de fazer poucas vezes; que quanto elle se naõ confessaria com os da Companhia. Em particular se enfadava muito cõtra o Padre, porque prohibia lerem livros profanos. Finalmente este murmurador veyo a cahir, como os mais, nas maõs do Padre, mas por diverso caminho. Tendo o Padre noticia de sua grande liberdade, hum dia de repente sem estar preparado determinou prègar contra os vicios deste homem, fallando como em cõmum, porque elle o naõ tomasse por si em particular. Poz Deos tais palavras na sua bocca, que o mancebo entrou em si; arrependeose, confessouse, & emendouse. Deixo outras cõversoẽs mui semelhantes às referidas. De todas ellas se via, que o trabalho, em que a nao andava, era açoute de Deos, pera que os peccadores tornassem em si.

26 Continuando os ventos contrarios, & calmas excessivas de Guinè, adoeceo o Padre muito mais gravemente, que antes. Por duas vezes chegou ao ultimo perigo da vida. As febres o gastaram em forma, que naõ parecia ter mais que a pelle sobre os ossos. Em dezasette de Julho sobre a tarde avistaraõ hũa nao por proa, a qual ao principio imaginaram ser de inimigos; finalmente achando ser Portugueza, se consolaraõ muito huns com os outros.

27 Depois de terem batalhado com esta brava lida de ventos contrarios, calmas, & doenças, passaram a Linha aos vinte, & seis de Julho dia de Santa Anna à noite, avendo tres mezes, & sette dias, que tinham sahido de Lisboa. Passada a Linha, tomaram por resoluçaõ buscar a Bahia, pois era grande temeridade continuar a viagem, sem primeiro se refazer. Com este conselho buscaram a Bahia, & nella entraram. Desembarcou o Padre tam fraco, que se naõ podia ter em pè. Encostado a dous soldados, assentandose a cada passo, chegou ao nosso Collegio, onde com a vista dos nossos Padres, & Irmãos se consolou, & com suas charidades pouco a pouco foi tomando alento. Esta foi sua arribada ao Brasil, a qual com ser hum mar immenso de trabalhos, he hum como nada a respeito do que passou athe chegar a Malaca.

CAPITULO XX.

Parte pera a India o Padre Manoel Alvres: fas naufragio a nao; & do que passou nos primeiros dias depois do naufragio.

1 TEndo entrado na Bahia a dezasette de Agosto, nella se detiveram quarenta, & sette dias, em quanto tomavam algum alento. Em dous de Outubro do mesmo anno de 1560 se tornaram a fazer à vela com vento favoravel. Aos quinze de Novembro avistaraõ o Cabo de

Boa Esperança. Depois se foram engolfando, athe que em vinte de Janeiro, indo correndo com grande temporal sem velas, avistaram a Ilha do Ouro, que esta na Linha trinta legoas distante da grande Ilha de Samatra. Aqui viraraõ na volta do sul. O vento era mui rijo, a chuva immensa, os mares tam espantosos, que parecia quererem sorver a nao, a qual hia desinquietissima. Foi a tormenta de maneira, que a gente toda hia assombrada; os que mais tinham navegado, diziam, naõ ter passado por cousa tam estranha.

2 Começaraõse a quebrar os apparelhos, & costeiras, & amatilhos do mastro grande, & os braços grandes. Rompeose a moneta grande, & o papafigo da proa d'alto abaixo. Levou o vento a cevadeira, sem ficar pano na verga. Meteram entaõ outro traquete, & com os papafigos foraõ trincando toda a noite com vẽtos, & mares grossissimos. Dous dias, & duas noites andaram com esta tormenta; parecendo estas cousas juntas huma imagem da perturbaçaõ do Inferno. Foram muitas as confissoẽs, que fes neste tempo. Algumas mulheres, que confessou, hiaõ como defuntas com o susto, & medo. Indo assim esta segunda noite, pella madrugada se acharam entre humas restingas, aonde arrebentava o mar muito perto da nao. Esta novidade poz a todos em extraordinaria perturbaçaõ. A nao arfava muito, & tomava ja muita agoa. De huma, & outra parte se viam terras. Ninguem se sabia nestas angustias dar a conselho.

3 Lançaram huma, ou duas ancoras; porem com a força dos ventos, & dos mares, logo quebrou huma amarra. E assim indo caçando com a outra, a ouveraõ de cortar, pella copia de agoa, que a nao fazia pello esconvez. Começando a amanhecer, se acharam mui junto a terra, & a tormenta naõ cessava. Vendo todos o naufragio, & a morte diante dos olhos tudo era pasmo, como se diz ha de ser no dia do Juizo. Em vinte, & hum de Janeiro em huma terça feira pella menhaã os mares, & os ventos deram com a nao à costa em huma Ilha pequena, que està alem de Samatra.

4 Os marinheiros, & outros, que sabiam nadar, se lançaraõ às ondas pera tomar terra; huns chegaraõ a ella, outros se affogaram; & mais de alguns, que nam sabendo nadar, quizeram seguir os outros; se ficaraõ em a nao, se livrariam da morte; porque pondo a nao a quilha na vasa, & sendo mui forte, esteve ali muitos dias, sem de todo se desfazer. Com difficuldade lançaraõ fora o batel da nao, em que sahio alguma gente. O Padre tomando huma taboa esteve em duvida, se se lançaria a nado, como faziam outros; mas tendo por melhor conselho esperar voltasse o batel, se deixou ficar. Vindo o batel, o tomou, & a algumas mulheres fidalgas.

5 Sahindo em terra, foi seu cuidado unir entre si os animos de todos. O Capitam procurou tirar mantimentos da nao em quanto o mar a nam desfazia. Aqui se começou mais a ver, que casta de gente era esta: porque os que ficaraõ em a nao, arremettiam a furtar o que avia nella: os que estavaõ em terra tudo era roubar o que sahia da nao, assim de mantimentos, como de fazendas. Arrombavam caixoẽs, & barriz; hiam escõder nos matos estes seus furtos, & os enterravam. Tudo era ao Padre de summo disgosto, por ver quanto se esqueciam dos castigos passados, & quam pouco temiaõ os futuros.

6 Postos em terra, os exhortou o Padre à confissam, pera que o Senhor por sua misericordia os livrasse do trabalho, em que estavam. Confessaraõse dous, ou tres; mas como o sen-

sentido todo estava em furtar, deyxaraõse das confissoēs, que na tormenta pediam com grandes instancias. Começaram logo historias, & discordias, & principios de motim, dizendo muitos, que já naõ avia Capitam. Andava o Mestre da nao cõ hum montante na maõ, & com elle muitos marinheiros; outros tomavaõ as espadas contra elles. Meteose de permeyo o Padre, pera os compor. Temiase, que se acolhessem alguns, em especial o Mestre chamado Joam Luis, o qual já fora Mestre em a nao, que se perdeo no anno de 1555 com o nosso Padre Paschoal, & outros; & assim como ali fizera, o faria na occasiam prezente.

7 Fallou o Capitaõ Ruy de Mello, & outros com o Padre, & se ajustaram, que elle acodisse a este inconveniente, tirando a Joam Luis daquelle pensamento, & que o mandassem a Sunda, distante como duzentas legoas, onde avia Portuguezes, pera que acodissem aos naufragantes, & que por esta via se livravam de elle lhes faltar. E que tambem o Padre o compuzesse com o Capitam, em ordem ao reconhecer com os do seu bãdo. Veyo nisto Joaõ Luis, & quanto no ir a Sunda, respondeo, que tal naõ faria, porque naõ confirmassem o que se dizia, porque elle avia de ser o ultimo, que se avia de partir daquella Ilha.

8 Ficou o Padre, & todos mui contentes cõ taõ honrados termos. Assentaram, que no dia seguinte, rezada huma ladainha, faria o Padre huma pratica ao povo sobre quanto convinha terem hum Capitaõ, & que este avia de ser Ruy de Mello, como athe ali o fora. Fez o Padre a pratica; foi bem ouvido; & dizendo, em como Ruy de Mello avia de ser o Capitaõ, & que elle dali o reconhecia por tal; responderam todos em voz alta, que eram contentes.

9 Rogou todo o povo ao Padre, quizesse tomar a seu cargo o guardar, & distribuir os mantimentos. Respondeo, que era negocio pera elle de muita desenquietaçam, que melhor lhes estava acodir elle às cõfissoēs, & darem a outro este cuidado. Aqui lhe rogaram todos muito, pello amor de Deos, tomasse este trabalho, pois nam avia de quem se poder fiar. Ouve o servo de Deos de fazer o que se lhe pedia, por entender aver disso necessidade. Encommendou esta obrigaçaõ a seu companheiro, & a dous moços, que comsigo trazia, tidos, & avidos por mui fieis.

10 Postos ja todos em terra, assentaram o seu arrayal na praya defronte do lugar, onde a nao se perdeo. Logo começou a gente a ir pella Ilha buscar algum mantimento. O que acharam, foram algumas palmeiras com cocos, & alguns caranguejos do mato. Trouxeram por nova, que viram huma almadia de negros (almadia he certo genero de embarcaçam:) por esta causa ordenaram vigias de noite, determinando fazer embarcaçoēs, em que se pudessem salvar, se foram pera outro lugar da Ilha, onde o mar a dividia com hum braço estreito, & alto; ali assentaraõ o arrayal. A Ilha era despovoada. Toda athe a praya estava cheya de grãdissimas arvores, que davam alguns frutosinhos, de que comiaõ os bogios, que ali nam faltavam.

11 Dispostas as estancias da gẽte, se ordenou Igreja, em que ouvissem Missa, & a palavra de Deos, & se confessassem, & fizessem preces. Neste tempo sentiram sinais de negros, que os andavam espreitando; por mais segurança fizeraõ huma forte trincheira, em que puzeram algumas peças tiradas da nao. A gente honrada dava calor às embarcaçoēs; a outra com a fome se alongava pella praya a buscar algum marisco. Vieram alguns negros, aos quais trataraõ com

com mimo, dandolhes barretes vermelhos, & cousas, de que se agradavam; prometteram de dar ordem a algum mantimento. Depois tornando em huma almadia dous nossos se lançaram a nado; entraram dentro como a tratar com amigos; mas os negros arremettendo a elles os mataram, & fugiraõ.

12 Esta traiçam os entristeceo muito. Dahi por diante, quando os nossos se desmandavam, sahiam do mato os negros, & os matavam, ou feriam. Por vezes lhes quizeram dar caça, mas sem frutto, porque elles como senhores do paiz se punham em salvo, antes de lhe poderem chegar. Ja na Ilha naõ avia descobrir marisco; sahiam com seus machados, & tambem cõ o seu o Padre a cortar certas arvores chamadas sagueiros, & dos seus palmitos se sustentavam.

CAPITULO XXI.

Do mais, que succedeo athe partirem deste lugar huns por mar, outros por terra; & como se tornaraõ a ajuntar providos de embarcaçoẽs.

1 TEndo antes determinado, que algum fosse por remedio a Sunda, se desbaratou este conselho por algumas murmuraçoẽs, que nisso avia. O Padre lhes praticava, & como via a cegueira da gente em amontoar fazendas, como se tivessem nao igual à que se perdera, avizou aos principais, que se naõ avia prevençaõ em desenganar a gente, que feitas as embarcaçoẽs, ao meter nellas averia revolta, querendo cada hum embarcar o seu, & o furtado. Que se lhes parecesse, os desenganaria, que so se tratava de salvar a gente, & meter com ella o preciso, que o mais se avia de queimar. Servia tambem este aviso pera descargo das consciencias, porque tinha avido, & avia, como disse, muitos furtos. A todos pareceo bem; & assim o declarou em huma pratica, accrescentando, que o primeiro, a que o fogo se avia de pôr, seria o seu, ainda que fossem livros, se fizessem algum impedimento.

2 De pouco, ou nada aproveitaram estes desenganos, porque era maior que elles a cobiça. Pera os mover à penitencia, ordenou algumas procissoẽs com ladainhas, & disciplinantes: era tanta a charidade deste Padre, que pera com seu exemplo os animar, se disciplanava com elles algumas vezes nestas procissoẽs: indo diante hum Crucifixo, davam assim volta ao terreiro, onde estava a capella. Com estas acçoẽs de piedade muitos se moviam à confissaõ, & a deixar o alheyo. Com ser immenso o trabalho, que tomava, estar quasi debaixo da Linha Equinocial, sustentarse com caranguejos do mato, caramujos, & alguns palmitos, & isto sem abundancia, mas só a remediar, o Senhor lhe dava força, pera acodir a tanto trabalho sem desfallecer.

3 Gritou tanto o Padre estranhando o cuidado de amontoar, porque via os incommodos, que daqui se seguiriaõ, que athe o Capitam se indignou contra elle: naõ obstante por elle o fogo a muitas cousas suas, nam ouve quem nisso o imitasse; antes os principais, de quem esperava ajuda, eram os que mais o contradiziam. Vendo, que suas palavras nam eram de effeito, quebrou com o Capitam; & ainda que elle procurava meterse com o Padre, elle o nam admittia, por ver se esta demonstraçaõ fazia nelle algum frutto em ordem ao bem commum.

4 Chegado o tempo da partida, tinham apparelhado tres embarcaçoẽs; huã à maneira de navio, que se armou sobre os pedaços do batel da nao; & dous esquifes; hum, que fo-

ra

ra da nao, algum tanto accrescentado; outro, que fes o Sotopiloto. Naquelle como navio se fizeram repartimentos pera agazalhar mulheres, que seriam como trinta, & outros pera payoẽs, & pera meter fazendas. Apparelhados, & lançados ao mar, vieram logo concorrendo as trouxas de fato tantas em numero, que faziam medo, & se hia vendo, quanta rezam tivera o Padre. O mesmo Capitam hum dia antes de partir, vendo o muito fato, que tinha o navio, o mandou afastar mais da terra, porque naõ o carregassẽ mais, & do que tinha lançar algum fora.

5 Mandando o Capitaõ, que fossem pera as primeiras estancias, onde se aviam de embarcar, se poz o fogo ao arrayal, porque de nada se aproveitassem os negros. Começando a gente a embarcar cada hum com o seu fatinho, estava o Padre na praya vendo como se hia com o pezo metẽdo na agoa, que foi tanto, que temeo nam se fosse ali ao fundo. Chamando muitas vezes ao Padre, que se embarcasse, elle o nam quis fazer, vendo, que a cousa hia fora de geito. Sendo quasi noite, como visse o Capitam a turbaçam da gente, & que nam cabia, se meteo em hum batel, & indo pera onde estava o Padre, ainda que avia dias lhe nam fallava, lhe disse, voltasse às estancias velhas, que tinha ali que fallar à parte com elle. Sahindo em terra, tomou ao Padre pella maõ, rogandoo lhe dissesse seu parecer no prezente aperto, pois elle tanto antes o tinha previsto. O Padre lhe respondeo, que a bom tempo lhe vinha pedir conselho.

6 Em fim tratouse deste; mandou o Capitaõ chegar o navio pera aquellas antigas estancias, & sahir a gente pera a praya. O Padre cõ seu companheiro se pos em lugar afastado, por nam querer entrar em tais conselhos. Mandoulhe o Capitaõ recado, se chegasse pera tomarem conselho: respõdeo, que pois todos os desastres succedidos tinham sido por nam querer accommodarse a seu parecer, como bem se via, que o ouvesse por desobrigado.

7 No dia seguinte de menhaã se lhe fes nova instancia, aque se naõ pode escusar. O Capitam primeiro, que todos, deu seu parecer, que pois nam podiam por falta de mantimentos persistir naquelle lugar, fossem dali quatro legoas, onde avia hum rio, que tinha muita palmeira, & o lugar mantimentos, & que ahi determinariam oque se havia de fazer. Do mesmo parecer foram os mais. A isto respondeo o Padre, que lhe parecia mui bem; mas que o fato do navio se tirasse, & queimasse, & o seu fosse o primeiro, peraque a gente pudesse ir nelle. Respondeose, que o fato era necessario pera lastro. Assim capearaõ a sua cobiça.

8 Logo resolveo, que os mais bem dispostos iriam por terra athe aquelle rio. Aqui foi pera ver, como ninguem queria fazer o tal caminho, & jà queriam antes deixar suas trouxas; & assim pello meyo da agoa procuravam de se meter nos navios. Vẽdo o Capitam, que a gente se naõ accommodava, começou a defender a entrada dos navios. Obrigados da necessidade pediraõ por guia a hum Antonio Dias, o qual de boa vontade se accommodou. Pediram mais a hum dos dous da Companhia. A isto respondeo o Padre, que pedissem determinadamente, estando resoluto de ir, se o pedissem; mas o Irmaõ Roxo tinha jà feito com elles, que o nomeassem a elle, & nam ao Padre: logo se lhes deu o Irmaõ.

9 Depois de estarem ali sessenta, & seis dias, abalaram cento, & oitenta pessoas por terra ao lõgo da praya, em o navio com o Capitam cento, & vinte; em hum barco trinta, & no esquife dezasette. As embarcaçoens pouco a pouco se foram afastando, athe

the que os do mar, & da terra se perderam de vista. Aos do mar lhes anoiteceo hum pouco passada a enseada, onde se aviam de ajuntar. No dia seguinte se quizeram chegar a terra, pera tomar agoa, & alguns palmitos; viram gente na praya; avizinhandose mais, acharam ser dous mancebos valentes, que se tinham adiantado; tomaraõnos em o esquife, & se partiram. Vendo o Padre, que se naõ cumpria com os da terra oque se tinha assentado, fes requerimento ao Capitam, que nam faltasse à sua palavra. Ao que elle respondeo palavras desgostozas, & seccas, que se faria oque se pudesse fazer.

10 Navegando todo aquelle dia, junto da noite viram huma Ilha na ponta desta, & lhes pareceo sahir hum rio, onde segundo diziam, determinaram ancorar. No ultimo de Março foram surgir entre humas Ilhas, que ficavam a Lessueste. Acharam huma bahia quieta. Sahiram em terra a fazer aguada, & a buscar algum mantimento. Estando ali ancorados junto da noite viraõ perto de outra Ilha hũ vulto, que parecia embarcaçam.

11 Pareceo bem, que fossem a ella: puzeram os esquifes a ponto de guerra com gente, algumas panelas de polvora, & em cada esquife hum berço por proa. Acharaõse com hum junco de Mouros. Chegaraõse como amigos a pedir mantimento, & se queriam vender o junco? Responderam, que eram Achens, & que nam queriam senam pelejar. Logo despediram sobre os nossos muitas frechas, & pedras; respondeoselhe com as bõbas, & com panelas de polvora. Como os que ficaram na bahia, vissem, que avia demora em se render, & que podia ali aver poder, levantaraõ ancora, pera ir tambem sobre elle; mas veyo ao caminho hum esquife dar nova ser hum junco, & que estava rẽdido. Mataraõ alguns negros, cativaram os mais, que seriam athe quatorze, & trazendoos ao navio, os degollaram, guardando só hum, pera se informarem.

12 Estando jà com esta preza, no dia seguinte vem junto a si duas lanchas; arremetteram a ellas, & os negros as largaram, & a nado fugiram pera terra. Acharaõnas cheyas de mantimentos, como farinha de sagueiro, inhames, figos da terra, & outras cousas. Vindo depois outra lancha, dando sobre ella, os negros baldearam ao mar oque nella hia, & se lançaram a nado; porem huns foram mortos na agoa, outros tomados.

13 Conhecendo nisto todos o singular cuidado, que Deos tinha delles por alguns justos, que ali viriam, & como os provera à custa de seus inimigos, quando menos o imaginavam; começaram a discorrer no que padeceriam os seus companheiros, que deixaram na primeira Ilha, & a tratar do seu remedio. Ja lhes parecia terem huma frota, pois eram sette as embarcaçoẽs, nam fallando nos bateis, comque as inimigas se serviaõ. Logo despediram hum esquife aos que vinham por terra, dandolhes a boa nova. Em pouco tempo deram com elles, que vinham costeando. O prazer, que em todos ouve, foi extraordinario. Deixada a ordem, caminharam a quem mais podia, por chegar à bahia. O esquife voltou cõ a nova de que vinham. O Capitam os sahio a receber, dando suas tais, ou quais desculpas, que todas se acceitaram, supposta a boa fortuna.

14 Foi este hum espectaculo muito maviozo; porque chegaram todos desbaratados: traziam os pès embrulhados em pedaços do vestido em lugar de calçado, por ser tam asperos os caminhos, que cortavam os pês. A fome fora tanta, que chegaram a comer lagartos, & semelhantes sevandijas. Parecia gente resuscitada. Contavam por grande mercê de Deos, & o Padre o teve por milagre, que aven-

do hum rio, ou braço de mar quatro legoas do lugar, onde se perderam, ao qual costumavam antes vir tomar marisco, & em nenhuma Lua, nem marê alguma vasia se podia passar, senaõ em jangadas, agora assim saõs, como doentes o passaram a pè. Choravam huns com os outros de consolaçam; nam se fartavam de agradecer a Deos a lembrança, que tinha de suas miserias.

CAPITULO XXII.

Chegam os naufragantes a huma Ilha, onde aleivosamente foraõ mortos muitos; & o Padre Manoel Alvres esteve pera se affogar.

1 NEste dia, que era sabbado de Alleluia, se consolaraõ, & no seguinte, que era de Paschoa, partiram desta enseada como em demanda de novos trabalhos. Repartiraõse pellas embarcaçoẽs; partiram atravessando hum golfam de huma grande enseada, que ali fasia a Ilha de Samatra. Ordenando seu caminho ao Leste, viram como des legoas da bahia, donde partiram, huma Ilha, que diziam ser a terra, donde vinham as embarcaçoẽs, que tomaram. Estando jà duas legoas ao mar, puzeram a proa no Sul caminhando pera Sunda. Esta noite tiveram huma trevoada, que os poz em grande susto. As embarcaçoẽs, que tomaram, faziam muita agoa, por serem fracas, sem pregos, nem breu.

2 Achandose algum tanto desbaratados, determinaram refazerse em alguma bahia. Indo correndo ao longo da Costa, viram terras semeadas de arroz, sinal de que avia gente; depois viram algumas almadias, & lhes parecia huma enseada como de rio. Chegando mais perto, assenaraõ à gente; mas ninguem quis vir a elles. Finalmente por hum lingua se explicaram; entam dando hum branco por refens, entrou no esquife hum negro, aquem trataram bem. Este os informou, que dahi a pouca distancia avia hum Rey filho do Rey de Monancabo, que era hum dos que os naufragantes buscavam, por ser amigo dos Portuguezes, & sua gente ir contratar a Malaca.

3 Com esta confiança começaram pouco a pouco a entrar no rio. Era a entrada difficultoza por causa de alguns baixos. Sendo ali o mar bravo, se travou o junco em tal forma com huma lancha, que sem aproveitarem diligẽcias algumas deu à costa; apenas puderam salvar a gente, & poucas mais cousas. O junco em breve foi desfeito pellas ondas. Entrando finalmente no rio, avendo na Costa desemparado outra embarcaçaõ, lançaram ancora.

4 O Capitam mandou vizitar a El-Rey com hum prezente; veyo logo ao navio hum Xavandar, ou guarda daquelle rio, offerecendose a lhes assistir com mantimentos, & o necessario pera concertar as embarcaçoẽs, dizendo, serem amigos dos Portuguezes, & que contratavam em Malaca. No dia seguinte mandou El-Rey seu prezente, que bem mostrava ser de negros: constava de algumas canas de assucar, huma, ou duas gallinhas, & humas panelas de orraca, que he o seu vinho. Pellos mensageiros mandou dizer a El-Rey, que lhe avia de mandar outro prezente, porque aquelle só fora peraque entendesse, que eram Portuguezes.

5 Em treze de Abril veyo o Rey pello rio abaixo com muitos tangeres de atabales, campainhas, & buzinas, com settẽta, ou oitenta almadias cheyas de negros armados com seus crises, que sam como adagas, azagayas, & rodelas. Fes seu assento junto ao rio. Mandoulhe o Capitam dar a

boa vinda com hum prezente de varias cousas de estimaçam, & na terra novas. Elle lhe mandou dizer, que pera que era aquillo, que de homens perdidos nam se esperava nada.

6 Dahi a pouco o foi visitar o Capitam; fes sua proposta, aque respondeo, que elle era filho Del-Rey de Monancabo amigo dos Portuguezes, que ordenaria ao Xavandar, lhes assistisse com o necessario pello seu dinheiro, ou a troco doque traziam. Feito este modo de concerto, começou a gente Del-Rey a espalharse entre os nossos com mantimentos, que jà traziam, como gallinhas, arroz, canas de assucar, inhames, & outras fruttas da terra.

7 O Capitam querendo se ouvessem os nossos com cautela, mandou nam passassem de certo lugar, porque emfim estavam entre infieis; que naõ comprassem nada, que elle os proveria a todos comprando com a prata Del-Rey. Vinha a gente tam faminta, que nada bastou pera ter maõ nella; davam quanto tinham por cousas de comer. Temendo o Padre os desconcertos das almas, rogou muito se ajuntassem, ouvesse hum modo de conselho, por onde se governassem, & tudo andasse em seu lugar: porem dos seus dittos nenhum cazo se fes; antes por serem verdades, costumavam saber mal, & sò os respeitavam depois das disgraças, como os Troyanos aos vaticinios de Cassandra.

8 Andavam os Portuguezes taõ confiados, como se estiveram em Lisboa. O Capitam os deixava ir pera onde queriam. Tinha dado alguma prata ao Xavandar, peraque fizesse vir mantimentos pera a viagem. Na entrada do rio a gente de duas embarcaçoẽs se poz em terra, em quanto ellas se concertavam. O Capitam subio com o seu navio mais alguma cousa pello rio assima. Como a gente, feitas em terra suas choupanas, nellas dormisse, sahio tambem o Padre Manoel Alvres, aindaque com algum receyo, a dormir em terra.

9 Sette, ou oito dias avia jà, que estavam nesta paragem, que pera os intentos de refazer as embarcaçoẽs, & de se defenderem assim de mar, como de terra, era quanto podiam dezejar. Adoecendo a mulher de hum fidalgo por nome Diogo Pereyra, sahio com ella pera terra em ordem a lhe fazer algum remedio: mandou chamar o Padre, que a confessasse; & foi cousa notavel, que acabando de a confessar, ficou sem dor alguma. Rogaraõ ao Padre, ficasse ali a segunda noite; oque elle nam quis fazer, & dormio sobre huma caixa, que tinha junto do rio em huma choupana. Succedeo ser a noite mui escura, de grossa chuva, & vento rijo, & a passou o Padre quasi toda sem poder dormir.

10 Vindo a madrugada, em que a gente quasi toda repouzava, ouvio o Padre de repente hum alarido, & grita de gente, & campainhas; logo lhe deu no coraçam ser alguma traiçam dos negros. Sahio, & vio, que muita gente corria pera o rio, & se metia por elle, pera chegar ao navio, que se tinha afastado da terra, porque os negros matavam, & feriam aos nossos. Neste repente o Padre largou hum cobertor, em que estava embrulhado; calçado, & vestido com a roupeta, & mais vestido interior cõ os oculos no ourelo, se lançou a nado, seguindo os outros, que buscavam o navio.

11 Quando se lançou, sentio, que lhe puxavam pella ponta da roupeta, & o levaram ao fundo; imaginou seria algum dos que entraram no rio; desembaraçouse, & vindo assima começou a nadar rijo, athe chegar a hum cabo, que estava lançado da proa do navio; pegando delle, pera se hir alando, subitamente lho corta-

cortaram, & ficando em vaõ se foi outra vez ao fundo; porem tornando assima caminhou ao navio, que se hia afastando. Querendo chegar, carregavalhe jà tanto o vestido, que outra ves se foi ao fundo, & bebeo alguma agoa. Voltando assima jà mui cãçado, & attribulado, forcejou pera o navio, onde chegou lançando a alma pella bocca; & pegandose à perna de hum, que subia, foi conhecido; deraõlhe a maõ, & o recolheram dentro.

12 Aqui vio entaõ o Padre a lastima, que hia na praya; corriam à ella os nossos como touros alanceados; huns eram mortos, outros cruelmente feridos. Acabaram ali muitos homens honrados. Os do navio estavam taõ desapercebidos, q̃ nem fogo tinham pera o pòr a huma bombarda. Naõ avia quem com o Capitaõ quizesse entrar no batel, & chegar à praya, pera tomar alguma gẽte; finalmente foraõ. Tirouse aos negros com huma bombarda, mas andavam taõ encarniçados em matar, & roubar, que nam fizeram cazo dos tiros.

13 Tomada alguma gente, foram com o navio pera baixo, aonde se concertavam as embarcaçoẽs. Jà os negros lá andavam embrulhados com a gente, daqual huma fugia, outra pelejava. Viose aqui o grande valor de Antonio Dias, de quem assima fallei: com huma espada, & rodela de cortiça pelejou estranhamente. Fes rosto a todos os negros, & pellas suas costas se hia a gente embarcando nos bateis. Humas vezes arremettia, & lhe fugiam; outras se hia retirando, & sempre com os pès deitava aos tombos pera o mar hum cayxaõsinho, em que tinha a sua pobreza. Ao redor delle estavam a montes as azagayas, que lhe tiravam; sendo tantas, foi Deos servido, que nenhuma o ferisse. Nesta forma se poz a si, o seu cayxamsinho, & muita gente em salvo, sendo elle o ultimo, que foi tomado no batel. Acharam, que seriam mortas athe sincoenta pessoas; outras receberam feridas mui crueis. Nisto parou a muita confiança, & a pouca cautela; sendo assim, que entre gente suspeitosa todas as cautelas se devem ter por mui poucas, pera que haja alguma segurança.

CAPITULO XXIII.

De como finalmente chegaram os naufragantes a Malaca.

1 Livres jà dos negros, se achavam com poucos mantimentos, & agoa, & ali nam avia porque esperar, pois assim viam desbaratadas suas disposiçoẽs, & esperãças. As embarcaçoẽs eram quatro, as tres primeiras, & huma das rendidas. Começaram a navegar ao longo da Costa. Passaram esta primeira noite junto de huns baixos com grãde temor de se perder. Hiaõ diante os esquifes sondando o caminho pera o navio. Das embarcaçoẽs duas, por desgostos, que tiveram os que as governavam com Ruy de Mello, se apartaram, & desappareceram caminho de Sunda. Indo alguns dias ao longo da Costa, se acharam sem agoa, & muita quentura, por ser debaixo da Linha: foi Deos servido darem com hum rio, onde se proveram.

2 Continuaram suspirando por acabar a Ilha, imaginando, que no fim della encontrariam com o boqueiram, que chamam Entrada de Sunda. No fim de tres, ou quatro dias foram ter a huma ponta, onde lhes parecia acabar a Ilha; mas chegando a ella, se acharam com huma grande enseada cercada de terras. Aqui foi a desconsolaçam, & suspensam, sem saberem pera onde aviam de navegar.

3 Junto da noite divisaraõ huma vela; indireitaram pera lâ, navegãdo pello meyo de muitas Ilhas. Conheceram, ser huma das que se tinhaõ apartado: mandando a ella o esquife, hia a gente perdida sem agoa, nem mãtimentos. Soccorreraõnos, & cõtinuaram: sahindo por estas Ilhas, vio o piloto hũa aberta, & a teve pello boqueiram de Sunda. Entraram por elle com trabalho, athe verem Ilhas, & muito numero de barcas: mandaram o esquife, que tomasse falla, em que paragem estavam; porem nenhũma queria esperar.

4 Andando assim, acertou passar huma barquinha pequena, em que hia hum mancebo Portuguez, que vinha do Reyno de Calapa. Chegando à falla com o esquife, entendendo serem Portuguezes perdidos, se foi com elles ao navio: com sua vista tiveram tal alvoroço, que naõ avia quem de alegre pudesse conter as lagrimas. Entam lhes disse, que Sunda era aquella terra, que estava defronte delles, & que ali estava huma boa armada de Portuguezes, & por Capitam hum fidalgo chamado Pedro Barreto, parente de Ruy de Mello Capitam dos naufragantes.

5 Ao mancebo se deu de alviçaras huma cabaya de grã. Logo se foi a dar a nova aos Portuguezes, & apoz elle partio o navio. De tarde chegaram à vista das naos; corria o dia vinte, & nove de Abril de 1561. Os Portuguezes das naos à porfia sahiram aos tomar em embarcaçoẽs esquipadas, convidandose pera os agazalhar ou em as naos, ou em terra.

6 Em todos se vio inexplicavel charidade, & mais especial em hum Gonçalo Vaz de Carvalho Capitam de huma nao, & senhor della, homẽ na India mui afamado por seu valor, & Christandade, & boas entranhas pera com todos. Elle instou, que todos fossem pera a sua nao; pedio em particular os doentes, & feridos. E como achasse ao Padre Manoel Alvres visitando ao Capitaõ mòr, lhe pegou pella mam, & pedindo licença ao Capitaõ, o levou comsigo à sua nao. Hia entam o Padre mui mal tratado de huma nascida, que muito o affligia. A charidade, que este virtuoso homem usou com elle, foi a que em tal cazo podia ter a mãy mais amoroza. Fez, que mudasse de vestido; lavouo com tanto gosto, como se fora hum Santo, & isto por ser da Companhia, aquem tinha grande devaçam, & fora mui amigo de Sam Francisco Xavier.

7 Dis delle o Padre, que era taõ liberal, & bemfazejo, que nam avia outro como elle; que todos delle diziam mil bens, & louvores. Depois de cear o Padre, o fez recolher em seu proprio leito, sem aver remedio pera admittir escusas, por mais que o Padre as dava. Ali o mandou curar com tanto mimo, & amor, como se o Padre estivesse entre seus Irmaõs no Collegio de Coimbra. Teve comsigo outros muitos homens assim doentes, como saõs, & por respeito do Padre lhes fes particular gazalhado, vestindoos a todos, dandolhes de comer como a Principes muitas, & bem guizadas iguarias.

8 Alem desta charidade em a nao, deu ordem, que em terra ouvesse à sua custa duas mezas francas a todos, os que ali quizessem ir comer. Ficando muita gente com o Capitaõ Ruy de Mello em o navio, em que viera, Gonçalo Vaz alta noite se foi lâ, mãdãdo levar comida em abundãcia pera todos assim homens, como mulheres, que estas ficaram ali. No tempo, que aqui se detiveram, prègou o Padre duas vezes, & confessou muitos Portuguezes da armada, em que fez grande serviço a Deos.

9 Depois Gonçalo Vaz se offereceo aos levar a Malaca; em effeito se partio com elles, & passando algumas tormentas, deraõ fundo em Malaca

laca cidade entaõ dos Portuguezes. Achou nella o Padre a dous da Companhia o Padre Jeronymo Fernandes, & o Irmaõ Francisco Jorge; dos quais foi elle, & seu companheiro agazalhado com a charidade, que os da Companhia usamos huns com os outros, que he a de Irmaõs, que muito se amam.

10 O Padre Jeronymo, que era homem de grande virtude, sabida antes de chegarem a nova, pedio muitas esmolas; mandou fazer vestidos a modo da India; tudo isto repartio pellos naufragantes. Tambem Joaõ de Mendonça Capitam da praça mãdara preparar grande numero de vestidos; assim que todos foram bem abrigados. Admiravaõse todos da estranheza da viagem por mares nunca dantes cortados por nao Portugueza, tantas tormentas, & variedade de acontecimentos, que parecia fingimento o que em realidade passaram.

11 Em toda esta diversidade de cousas era o Padre Manoel Alvres hum como adubo das azedias, que a cada passo se armavam. Elle esforçava nos assombramentos, elle compunha nas discordias, elle consolava nas affliçoẽs. Que de repostadas naõ soffreo? Que de màs palavras naõ ouvio? Tudo levava com hum animo cheyo de Deos, como quem nada obrava senam por Deos. Porque os da nao lançaram fama de que o Padre era prègador, o fizeraõ em Malaca prégar, athe a chegada dos Padres, que se esperavam da India. Todos os sabbados prêgava com muito proveito dos ouvintes, o que bem se via nas muitas confissoẽs, & communhoẽs.

12 Algumas febres o molestaraõ em Malaca: tendo-lhe pedido os Padres de Saõ Domingos, que lhe prègasse dia do seu Sãto, aconteceo estar no tal dia com febre, & assim com ella fes o sermaõ, sem por isso empeyorar. Depois trabalhou este Padre na India com o espirito, com que se ouvera nesta trabalhosa jornada; aqual he assas prova de sua singular virtude. Ainda que as molestias della foram commuas a muitos, com tudo o Padre Manoel Alvres se meteo nellas pella conversam das almas, & só com os olhos em Deos, indo os outros só por seus particulares interesses; & nisso se distinguem os trabalhos dos que servem a Deos, dos daquelles, que sam escravos do mũdo, & dos seus grangeyos. Deste Padre naõ pude aver mais noticias; só humas gerais, de que foi Missionario de grãde virtude; o que bem se ve do que deixo aqui escritto em grosso, que se descera a mais miudezas, seria demasiadamente diffuso. Como era pintor insigne, fez em o nosso Collegio obras mui excellentes, que aponta o nosso Padre Sebastiaõ Gõçalves na sua Historia manuscritta livro nono capitulo dezanove, onde faz memoria deste naufragio, deque tambem escrevem outros. Advirto, que o catalogo dos Noviços de Coimbra, tendo riscado o sobre nome Alvres, accrescenta *Nunc Lucas*, dandolhe por sobrenome o de Lucas, que ou câ teve algum tempo, ou tomou andando annos na India.

CAPITULO XXIV.

Do Padre Pedro da Sylva; & do Padre Vasco Baptista.

Na viagem da India aos 8 de Julho de 1583.

1 HA muitas vezes hum só acto heroico, que bem suppre, & ainda pode succeder, que vença huma larga vida cheya de grãdes exemplos. Tal considero eu aquelle, com que o Padre Pedro da Sylva se consagrou a Deos pera passar à India a converter gentios, pois em hum homem jâ dos seus cargos, & annos, nam costuma aver esta resoluçaõ,

soluçaõ, sem hum avultado sacrificio. Nasceo em Lisboa de pays nobres: chamavaõse Vicente Pegado, & Dona Catherina. Entrou na Companhia em Coimbra ao primeiro de Agosto de 1556.

2 Delle dis assim o Padre Amador Rebello, que foi Mestre de ler, & escrever Del-Rey Dom Sebastiaõ: *Era o Padre Pedro da Sylva homẽ de muita prudencia, grande espirito, recolhimento, humildade, paz, & sossego: todas suas obras eram reguladas, & perfeitas; parece, que naõ dizia palavra, sem primeiro cuidar nella. Tinha huma grande mansidaõ, & charidade. No tempo da peste, em que era Reytor no Collegio de Evora, & onde ficou, sem querer dali sahir, se deixou bem ver no modo, com que a todos acodia, & os fazia prover do necessario.*

3 *Ouvi dizer a hum Padre de caza, que guardou a pureza virginal, & que se entendera isto de seu Confessor. Era homem mortificado, & morto ao mundo; aspero, & cruel contra si, brando, & benigno pera os outros. Foi hum retrato de hum verdadeiro, & perfeito Religioso, & aquẽ com rezam podemos trazer diante dos olhos, pera o imitar.* Athe aqui as palavras do Padre Amador Rebello.

4 Deuse este Padre muito à meditaçam da vida de Christo. Era tam recolhido, que rara ves o veriam fora do cubiculo; nem sahia ordinariamente, senam a dizer Missa, visitar enfermos, & quando o chamavam à portaria. Favorecia muito os homens, que via podiam servir mais à Companhia. Tinha grande paciencia, & estimava muito aquellas palavras da Igreja em hum dos Hymnos: *Non murmur resonat, non querimonia; sed corde tacito mens bene conscia conservat patientiam.* Nam hâ murmuraçam, nem queixa, mas a alma com hum grande silencio conserva a paciencia.

5 A hum Padre por sobrenome Proença, quando estudava Philosophia, lhe disse, que avia de ensinar oito annos Latim, & quatro Philosophia; & assim se cumprio. Mais notavel foi o que predisse aos seus cõpanheiros na viagem da India. Estãdo vizinho à morte, mandouos chamar, & dissélhes: *Eu acabo esta vida, a nao irâ a Moçambique, achareis lâ tal nao chegada de tres dias, nella achareis o Padre Jeronymo Cota; entendei, que esta he a vontade de nosso Padre Geral, que elle fique por Superior da Missaõ;* reconheceyo por tal.

6 Este Padre, depois de ter sido Reytor dos Collegios de Lisboa, Coimbra, & Evora, no anno de 1583 se embarcou pera a India, com dezejo de gastar o restante da vida na salvaçam das almas. Hia por Superior da Missam, em que os da Companhia eram por todos quinze. Em a nao procurou guardar em sua pessoa a edificaçaõ, que dava em terra. Huma só ves no dia sahia fora do seu camarote; o que na verdade foi demasiado rigor, pois esta navegaçam requero desabafar a natureza, peraque a vida se conserve; mas aquelle summo recolhimento, que sempre guardara, nam lhe permittia acabar comsigo o contrario.

7 Esta sahida era à bocca da noite, & alguns dias nem esta fazia. No camarote ou rezava, ou cuidava em alguma cousa. Muitas vezes estava tres, & quatro dias sem fallar. As cõfissoẽs ouvia na camara junto ao leme. Queria, que os nossos fossem com grande silencio, & recolhimento, como se estiveram nos Collegios. Pello grande respeito, que lhe tinhaõ, todos cortavam muito por si. Porem esta nimia estreiteza pera cõsigo se entendeo lhe causara a morte; & foi muito, que a naõ causasse aos mais.

8 Adoeceo o Padre ao primeiro de

de Julho, indo a nao correndo pella altura do Cabo de Boa Esperança. Pareceo a doença cousa leve. Sangraraõno duas vezes; o sangue naõ era roim. Com tudo huma cousa muito o molestava, que era o nam poder dormir: passava as noites em gemidos; o que nascia de ir o mal lavrando lâ por dentro, sem câ por fora dar mostras do que era.

9 Passados quatro dias, lhe vieram de repente huns frenesiz, nos quais suas imaginaçoẽs eram todas sobre a eternidade, & cousas do outro mundo. Com sangrias, & sarjadas quebrou aquella furia dos frenesiz, & começou a fallar cousas com acerto. Porque o seu gazalhado naõ era tam accommodado, como o do Capitam, instou elle muito (tanta era a charidade deste fidalgo) & ainda fes disso consciencia, & escrupulo aos nossos, que mudassem o enfermo pera a sua camara. Entaõ aproveitandose de tam estremada charidade, tiraraõ algumas taboas entre a dos nossos, & a camara do Capitam.

10 Armado hum catre do Capitam, feita nelle cama, puzeram ali o enfermo. Vigiavaõ sobre elle de dia, & de noite, dandolhe muitas vezes algum alimento. Com este cuidado foi tornãdo mais em si, & se persuadiram nam morreria tam depressa. A noite do dia oitavo de Julho ficou com elle hum Irmaõ, pera lhe dar de comer pellas onze da noite; entre tãto o foi deixando dormir, porque o Padre tinha dezejos disso. Chegada aquella hora, chamou por elle, & como lhe naõ respondesse, tomou a cãdea, & indoo ver, o achou morto. Foi seu fallecimento tam sossegado, que vigiando o Irmaõ aos pès do catre, o naõ sentio espirar.

11 Deu avizo logo aos mais, que ficaram mui sentidos. No dia seguinte o vestiraõ com vestidos sacerdotais, & o Capitam com outras pessoas principais o levaram a bordo, & com hum pezo atado nos pès o lançaram no mar alem do Cabo de Boa Esperãça cousa de trinta legoas. Na mesma noite, em que morreo, tinham passado o Cabo. Sua morte de todos foi sentida, porque o tinham por homem Santo. Acabou aos 8 de Julho de 1583.

1 *O Padre Vasco Baptista* era natural de Moimenta da Beira no Bispado de Lamego. Seus pays se chamaram Vasco Mergulham, & Leonor de Lucena: entrou na Companhia em Coimbra aos 28 de Abril de 1563. Por toda a vida foi espelho de Religiosos perfeitos, & em suas acçoẽs modestissimo. Nunca o viram em conversaçaõ abrir os olhos de todo. Pessoa ouve, que disse, que bastava pera conhecer a virtude da Cõpanhia, ver a composiçam exterior do Padre Vasco Baptista. Nas praticas de caza com os Padres, & Irmaõs, nunca se lhe ouvio murmuraçaõ, nem ociosidade. Fallando sempre de Deos, tinha em sua pratica tam bom modo, que a ninguem era enfadonho.

Coimbra 21 de Settẽbro de 1596.

2 As suas occupaçoẽs foram ensinar alguns annos Theologia, & os mais prègar. Era mui amigo de louvar a todos. Com os Irmãos tinha grãde charidade, em especial com os de menos tempo de Religiaõ, visitandoos nos seus cubiculos, pera mais os animar à perfeiçaõ, & fallando com elles no tempo da recreaçam. Do Santissimo foi devotissimo: as visitas, que lhe fazia, eram o seu divertimento; quando cansava no seu estudo, logo sahia a visitar o Senhor. Acabada sua oraçam, voltava ao estudo: dahi a outro pedaço fazia outra visita, tomando por recreaçam do trabalho do estudo andar nestas visitas.

3 Tinha licença pera se recolher a dormir mais tarde que a cõmunidade; & este tempo gastava no coro em oraçam. Muitas vezes fallava do

do Santissimo, cuja devaçam se lhe via nas obras, & nas palavras. Nas prègaçoẽs por vezes tirando o barrete se voltava pera o altar do Santissimo, & lhe agradecia a mercê, que nos fes, em querer ficar comnosco na terra. Hia compondo hum mui devoto tratado deste mysterio, no qual todos os dias avia de accrescentar alguma cousa. Achava grande consolaçam em considerar, que em todos os Reynos da Christandade Deos o provara com algum milagre: como em Portugal com o de Santarem, em Castella com os corporais de Tarouca, & por este modo repetia outros. Dizia, que Deos queria ouvesse estas memorias milagrozas, pera se augmentar com ellas a devaçam de tam ineffavel mysterio.

4 Nam era menos fervorosa a devaçam, que teve à Senhora. Muitas vezes indo à Igreja, estando a porta fechada, posto de joelhos diante do seu altar lhe rezava o seu Rozario em voz, que se ouvia no coro, & tam devotamente, que fazia devaçam, & ternura aos que davaõ fê disto. Todos os sabbados jejuava em honra da Senhora, aindaque nisto sentia grande mortificaçaõ, quando avia de prègar aos Domingos. Nas prègaçoẽs fora da Cidade ensinava ao povo devaçoẽs faceis desta Senhora; como esta, que huma ves ensinou, & repetio, pera ficar melhor na memoria: *Oh Virgem antes do parto, ajudaime*; & fazer huma cruz no peito. *Oh Virgem no parto, ajudaime*; & fazer no peito outra cruz. *Oh Virgem depois do parto, ajudaime*; & fazer terceira cruz, dizendo depois de pronunciar cada particula destas huma Ave Maria.

5 Encõmendou-a com tanto fervor, que a gente o ouvio com grande gosto, & depois diziam ao companheiro, lhes tornasse a repetir o modo de fazer aquella devaçam. Jantando com alguns Clerigos, meteram pratica desta devaçam, & a tornaram a repetir. E quando no fim da meza deu graças a Deos, & acabou com o versiculo: *Beata viscera Mariæ Virginis*, disse hum Clerigo: *Tam devoto he o Padre da Senhora, que athe nas graças pello comer se lembra della.*

6 Muitas sestas feiras jejuava a pam, & agoa, oque fazia com dissimulaçam, puxando a si o peyxe, & mais cousas, detendose nellas sem as tocar. Quando comia com seculares, tambem era mui parco, tendo sempre diante dos olhos o bom exemplo, comque nestas occasioẽs se devem aver os Religiozos da Companhia. Foi homem de singular charidade pera com os proximos; esta lhe tirou a vida. Tinha pedido ao Padre Reytor, q̃ se viessem chamar pera a cadea, que o mandasse ir lâ. Vindose pedir huma confissam, foi à cadea, confessou hum escravo doente de tabardilho, que estava mui affligido. Depois disse lâ missa, pera lhe dar a communham; & por estar o escravo pouco decente por falta de vestido, pera chegar ao Senhor, tomou a sua capa, & o cobrio com ella. Depois da communham a tirou o companheiro, & a achou toda cheya dos animalejos mais proprios da pobreza: fes, que se alimpasse; tomoua o Padre, & recolhendose pera o Collegio se lhe descobrio a doença do escravo, que se lhe pegara, & della falleceo em Coimbra tam santamente, como vivera, aos 21 de Settembro de 1596.

CAPITULO XXV.

Vida do Irmaõ Lourenço da Costa Estudante. *Coimbra 26 de Agosto de 1605.*

1 O Irmaõ Lourenço da Costa foi natural de Ramela no Bispado da Guarda: seus pays se chamaram Antonio Dias, & Izabel da Costa;

Costa; entrou na Companhia em Coimbra aos 21 de Março de 1595, tendo dezasette annos de idade, & sendo estudante da Primeira Classe. Ainda antes de entrar na Companhia foi virtuoso, notavelmente recolhido, modesto, & dado às cousas espirituais: confessavase, & commungava ao menos cada oito dias. Jejuava todas as quaresmas, & as sestas feiras dellas a pam, & agoa. Todos os dias hia à Igreja de nossa Senhora do Salvador, & diante da Virgem lhe rezava a sua coroa, peraque lhe alcançasse de seu bento filho o estado de vida, que era mais conforme à sua divina vontade. A esta devaçam attribuia elle o ser chamado à Companhia.

2 Antes de entrar, tratava com hum nosso Padre, que o hia dispondo pera fazer huã confissaõ geral. Estando já apparelhado, mas com grande repugnancia a fazela, veyo hum dia ouvir a prègaçaõ à nossa Igreja. No caminho se resolveo, que se naõ avia de confessar, se Deos naquella prègaçaõ lhe naõ movia o coraçaõ. O successo foi, que do sermaõ sahio mais cõpūgido, do que sahiria ainda de huã oraçaõ mui fervorosa: logo se foi cõfessar com maior facilidade, do que fora a repugnancia, que antes tivera.

3 Tam virtuoso como isto era este Irmaõ, quando entrou em o Noviciado. Dahi por diante sempre foi crescendo a olhos vistos, sendo hum exemplo, em que todos tinham que imitar. Em especial era notavel sua modestia, & composiçaõ exterior. Nas cousas espirituais, devaçaõ, mortificaçam, & no trabalho, o seu fervor era cousa, em que todos os Noviços punham os olhos. Indo depois dos dous annos pera o Collegio, porque ainda entam nam avia os annos de Recolhimẽto, que começaraõ na Cõpanhia no anno de mil, & seiscẽtos, sendo Geral o Padre Claudio Aquaviva; continuou o Irmaõ Lourenço sempre em hum modo de proceder tam edificativo, que nam avia cousa, em que o notar, & reprehender. Todos o viam mui pontual naõ só nas observancias, que saõ de regra, mas ainda nas que elle tinha especiais por sua devaçam.

4 Assim se habituou nas cousas santas, que no espaço de sinco annos, em que muitas vezes andou doente por lançar sangue pella bocca, nunca deixava sua oraçam, exames, coroa, & officio da Senhora com outras devaçoẽs, que costumava fazer. Ainda na ultima doença, alem de estar sempre actuado em Deos, tinha huma hora antes da cea destinada à oraçaõ, & se naquelle tempo o visitava pessoa familiar, de que tinha confiança, lhe agradecia a charidade, pedindolhe licença pera dar a Deos a sua hora. Dizia ao Irmaõ, que na doença lhe assistia, que gostava muito de saber de cór as Ladainhas da Senhora, por nam faltar a esta devaçam.

5 Suas praticas eram sempre espirituais, sem murmuraçaõ, nem porfias. Guardava com todos huma indifferença de affecto, amãdoos igualmente em o Senhor. O que o fez mui amavel, foi o singular agradecimẽto, que mostrava aquem lhe fazia algum bem, buscando occasioẽs de o trazer à pratica, & dar a entender a obrigaçaõ, em que estava. Nos ultimos annos, em que sempre viveo meyo saõ, meyo enfermo, se vio mais sua virtude, porque ainda que esta tenha seu descahimento com as longas enfermidades, nelle nam foi assim, antes com ellas a sua virtude se encorpou mais.

6 A ultima doença toda foi cheya de santidade. Na Dominga da Payxam lançou sangue pella bocca, & dali athe Agosto, em que morreo, teve quasi sempre febre: com tudo levantavase muitas vezes, tirando o mez ultimo, em que a fraqueza o naõ consentia. Aceitou a doença com ani-

mo mui conforme à vontade divina. Parecendolhe no principio, que escaparia, fazia conta de se contentar cõ quatro cazos, & nam se matar mais por estudos.

7 Continuando a doença, & persuadido, que daquella morria, fes por vezes este discurso comsigo: *Se eu escapo desta, como tenho jà deitado sangue muitas vezes; pera tornar em mim, tenho necessidade de estar pello menos hum anno no Canal, & depois sempre hei de ficar fraco, & beibado; pouco hei de poder servir à Cõpanhia: antes terei necessidade de que me sirvam, de me recolher mais sedo, de me levantar mais tarde, & assim andarei por enfermarias: tal vida, que mais ha de servir ao corpo, que a Deos, eu a nam quero.* Deste discurso tirou principalmente ter por tentaçam pedir a Deos lhe desse vida. A este proposito contava, em como hum nosso Irmaõ depois de ungido pedira a Deos lhe desse hum anno de vida; & que concedendolha o Senhor, depois naõ perseverou na Companhia. Contando isto accrescentou: *Guardeme Deos de lhe pedir nem hũ instante de vida.* Nam sentia pena alguma em morrer, antes dizia, que se sentisse alguma pena, por pequena que fosse, esta o mataria logo.

8 Perguntandoselhe hum dia, se pello menos sentia algum horror, que muitos sentiam, considerando em como seu corpo avia de ser metido na sepultura, pizado, & cuberto de terra? Acodio mui alegre: *Jà me quizera ver là dentro.* Dia de nosso Padre S. Ignacio, meditando em seu transito, lhe communicou Deos hum ardentissimo dezejo de se ver no Ceo: nestas santas ancias foi sempre crescendo athe o dia da sua morte, & dellas deu muitas mostras. Mandandolhe o Medico tomar huns banhos, vendo elle, que de pouco proveito lhe seriam, como foram, disse, que gostava muito de os tomar, porque o enfraqueceriam, & assim iria mais sedo ver a Deos. E accrescentou, que pella mesma causa dezejava, que o Medico lhe mandasse abrir outras tres fontes, alem das que ja tinha.

9 Dizia por muita vezes, que nam lhe podiam dar mais roim nova, que aver de escapar daquella doença. As suas queixas eram dilatarse muito a ultima hora. Fallandolhe hum dia hum Irmaõ da gloria, disse: *Esta bem ditto isso; mas o mal he, que estou ainda mui longe della:* & repetia a miude o verso de David: *Heu mihi, quia incolatus meus prolongatus est!* Perguntandolhe, se o dizia com affecto? Respondeo; que com muito affecto, & sentimento de nam chegar aquella hora; & que se entam morresse, encõmendaria a Deos mui em particular ao Irmam, que isto lhe perguntava.

10 Os seus colloquios ordinarios eram: *Cupio dissolvi, & esse cum Christo. Mihi vivere Christus est, & mori lucrum. Oh Senhor, quem vos vira jà! Oh Beatissima Virgem, quem se deitara jà a vossos pès. Oh Christo JESU de minha alma, quẽ beijàra jà essas chagas sagradas!* Com ter estes taõ abrazados dezejos, por se ajustar com a obediencia, fazia com tal promptidam o que se lhe ordenava pera sua saude, como se della tivera grande dezejo. Tendo grandissimo fastio, se fazia força pera o vencer, quando lhe diziam, que comesse. Tambem estava mui apparelhado da sua parte pera estar naquella cama muitos annos, & com muitas dores, se assim fosse vontade de Deos nosso Senhor. Esta resoluçaõ lhe offerecia por vezes, porque sabia lhe era mui agradavel.

11 Nunca repugnou a cousa, que se lhe ordenasse; nem queria cousa de quem o servia, se nam vinha por ordem do enfermeiro; & assim tinha por costume examinar, se o mandava o enfermeiro, em especial nas cousas, que

que eram commodo da natureza. A paciencia foi tanta, que o Irmaõ Joseph Vaz, que hia em vinte annos de enfermeiro, disse, que athe aquelle tempo nunca curara tifico, que tanto padecesse. O mesmo enfermo disse a hum Irmam estas palavras: *Dizem, que a morte dos tificos he mui suave, & pera dezejar*; mas se os outros tinham com ella tanto trabalho, que era muito pello contrario do que se dizia. Padecia muitas dores em diversas partes do corpo. Todas as noites passava quasi sem dormir nada, pellas grandes cezoẽs, em que ardia, as quais o consumiram de modo, que nam tinha mais que os ossos.

12 Neste mar de afflicçoẽs nunca ninguem o ouvio queixar, antes mostrava hum semblante taõ quieto, que parecia nam padecer pena alguma. Nos ultimos dias teve dores tam terriveis, que nellas dizia sómente, que nam podia mais: porem acabados estes accidentes, ficava tam quieto, como se por elle nam tivesse passado tamanha tormenta. Dizendolhe hum Irmaõ, que naquelle tempo, em que estava livre, cobrasse esforço pera soffrer as agonias, que lhe podiam sobrevir, elle por vezes lhe respondeo, que nam estava livre, mas antes opprimido de grandes penas, & afflicçoẽs. Vendo, que padecer aquellas penas com alegria nam era de forças humanas, quatro cousas pedia a Deos com grande affecto; vinham a ser, conformidade nas penas com sua võtade, paciencia, fortaleza, & alegria.

13 Deos lhas concedeo taõ liberalmente, que quasi nunca teve dor no corpo, que nam tivesse consolaçaõ, & alegria na alma, a qual lhe nascia de duas consideraçoẽs; a primeira de Christo crucificado, no qual em pondo os olhos, parecia, que todas as dores se desfaziam. A segunda persuadirse, que soffrer aquelle trabalho era vontade de Deos, pay tam amoroso, que em sua comparaçam os pays da terra nam mereciam o nome de pay. Este pensamento lhe bastava, pera abraçar com riso, & alegria as afflicçoẽs, que lhe vinham. Era às vezes a satisfaçam da alma tam grande, que com o impeto do riso, & alegria, parece, que arrebentava. Era naquella cama como hum Sam Lourencinho na sua grelha.

14 A's vezes lhe tirava nosso Senhor esta consolaçam sensivel pera o provar; mas recorrendo a elle por ajuda, logo sentia notavel conforto. Dizendolhe hum Irmaõ, que nam faltava quem nam tomasse bem a pratica, que tivera com os Irmaõs antes da extrema unçam, porque parecia, que prègava; acodio com a bocca cheya de riso: *Oh como folgo! oh como folgo, que fosse tido oque disse por impertinencia, & semsaboria!* Tanto se alegrava com oque parecia succeder em seu desdouro. O seu cuidado era nam dar molestia aos que o serviam. Dezejando receber com tempo a extrema unçaõ, só lhe dava cuidado imaginar, que depois della mandariam ficar com elle todas as noites alguns Irmaõs; oque elle nam queria, pellos livrar deste trabalho. Outra boa prova do que digo foi, que estando mui suado de noite, pedio a hum Irmaõ lhe mudasse a camiza: cuidava elle, que avia outra no cubiculo, mas como a nam ouvesse, nam consentio na tal mudança, só por naõ irem a tais horas despertar o enfermeiro. O mesmo enfermeiro disse, que nunca vira doente, que mais fugisse de ser molesto, que este beendito Irmaõ.

15 Procurava das suas dores fazer a Deos offerta de diversos modos; humas vezes as tocava nas chagas de Christo, & assim tocadas as offerecia ao Padre Eterno: outras vezes formava dellas hum ramalhete, & o metia nas maõs de Christo; & por este

modo fazia dellas outras offertas a Deos, como quem da mesma cousa obra varios guizados,& os apprezenta na meza do Rey. Alem dos Domingos communungava huma ves na semana;o apparelho,comque o fazia, se deixa bem ver do muito, que andava actuado em Deos.

16 Antes de receber a santa unçam, estando o cubiculo cheyo, depois de fazer a protestaçaõ da Fè, disse, que duas cousas lhe davam grande pena naquella hora; a primeira, nam ter feito os exercicios espirituais da Cōpanhia como cousa substancial,senaõ como accidētal,sēdo elles o mais substancial da Companhia. A segūda, o nam ter tratado aos Irmaõs cōmo respeito, & charidade, que elles mereciam, do que pedia perdaõ a todos. Alem disto accrescentou, que por outra parte sentia a maior consolaçaõ, que athe entaõ tivera em sua vida; & que duas cousas lhe davam certas esperanças, de que Deos nosso Senhor lhe avia de dar a gloria.

17 A primeira era, segurar com a morte a sua vocaçaõ; porque a perseverança nella dava grandes esperanças da salvaçaõ. A segunda, & principal, os merecimentos da Payxam de Christo. Neste tempo choravam alguns Irmaõs; entam o servo de Deos cheyo de hum santo riso olhando pera elles lhes enxugou as lagrimas. Quando lhe deram a unçaõ,esteve mui attento respondendo a tudo, & a cada sentido, que lhe ungiam, fazia interiormente hum colloquio a Christo crucificado, pedindolhe, que pellas dores, que naquelle sentido padecera, lhe perdoasse os peccados, que com elle tinha cōmettido.

18 Ficou com este sacramento tam consolado, que nam cabia em si de prazer. Tudo era dizer: *Jà estamos seguros, jà estamos da parte dalem.* Significando com estas,& semelhantes palavras a satisfaçaõ, que tinha de sua consciencia. No tempo desta doença poz grande diligencia em que os que o visitavam lhe fallassem de cousas santas. Dizia ao Irmaõ, que tinha cuidado de lhe mandar lâ gente, que senaõ ouvessem de lhe fallar de Deos, que antes queria estar só. Ao Padre Reytor pedio, lhe mandasse quem o consolasse espiritualmēte; & que ordenasse nam fosse lâ outra gente. Sendo mui encolhido, pedia aos que sabia fallarē de Deos, que o consolassē com suas visitas muitas vezes. Nam he explicavel, quam agradecido se mostrava aos que com estas praticas espirituais o consolavam. Nestas praticas os olhos se lhe arrasavam com mui suaves lagrimas; outras vezes era tal a alegria de seu coraçam, que era necessario divertir a pratica, porque os impetos, que com o peito fazia, lhe eram nocivos.

19 Em todo o tempo da doença mostrou grande paz de consciencia. Tinha feito jâ tres confissoēs gerais de toda a vida; por isso na doença só fes huma geral do tempo, que estivera na Companhia. Era tanta sua humildade, que disse, dezejava pedir licença pera confessar em publico seus peccados, peraque se soubesse quam mao homem fora. Sempre teve muito tento com a charidade fraterna, peraque o seu achaque a ninguem fizesse mal. Depois que soube estar tisico confirmado, nam queria, que se chegassem a elle os que o visitavam, & dormiam com elle de noite, dizendolhes, que se afastassem do seu bafo.

20 Indo abraçalo hum Irmaõ, que se hia do Collegio, elle o nam cōsentio, dizendo, que estava tisico confirmado. Tinha notavel providencia sobre o Noviço, que lhe assistia, mandandoo descansar a seus tempos, tomar o seu almoço,& merenda, & o mais, que era de seu alivio. Dizia por vezes, que avia de pedir a Deos abundancia de espirito pera esta

nossa Companhia. Estando tambem preparado, lhe chegou a hora por elle tam suspirada aos 26 de Agosto das onze pera as doze horas da noite, tendo em huma maõ a candea, & na outra hum crucifixo: entendendose, que interiormente repetia as palavras santas, que lhe diziam, espirou com tanta paz, que apenas se conheceo ter acabado. Falleceo no Collegio de Coimbra no dia referido anno de 1605. Suas virtudes nos deixou escrittas o Santo Padre Paulo de Carvalho, cuja vida escrevo na Imagem da Virtude em o Noviciado de Evora.

CAPITULO XXVI.

Vida do Padre Joam da Beira.

Em Goa aos 12 de Mayo de 1564.

Sua conversam a Deos. Vai às Ilhas Molucas: do muito, que nellas padeceo. E se aponta o castigo, q̃ Deos deu aos seus Christaõs, q̃ deixaraõ a Fè.

1 NAsceo o Padre Joam da Beira em Ponte-Vedra no Reyno de Galiza. Era Conego na Cidade da Corunha a tempo, que no anno de 1544 desembarcaraõ naquelle porto alguns da Companhia, que com o Padre Francisco Estrada vinham por mandado de Santo Ignacio pera o Collegio de Coimbra. Tanto que sahiram em terra, os agazalhou em sua caza hum homem nobre, movido sómente da modestia, que nelles vira. Concorreram muitos da Cidade a sua caza com o dezejo de ver os novos hospedes; entre estes foi hum o Conego Joaõ da Beira. O Padre Estrada, que naõ perdia occasiaõ de encaminhar a Deos as almas, começou a fallar de Deos com aquelle seu espirito, & energia, comque dominava os coraçoẽs.

2 Tocou Deos tam fortemente o coraçaõ de Joaõ da Beira, que como outro Saõ Mattheos, deixados logo todos os seus averes, no dia seguinte se poz com os nossos a pè caminho de Coimbra; & porque hum delles vinha enfermo, lhe deu elle a sua mula, em que fosse. Hum tal fervor em hum homem tam homem, rico, & dignidade de huma Sè, respeitado de todos, bem mostrou o que ao diante avia de ser.

3 Chegando a Coimbra, foi recebido na Companhia pello Padre Mestre Simaõ aos dezaseis de Fevereiro, como tem os catalogos do Noviciado de Coimbra, & naõ aos dezanove de Abril, como tem a Historia desta Provincia: o anno era o assima ditto. Logo no anno seguinte foi mandado à India com o Santo Martyr Antonio Criminal, & o Padre Nicolao Lanciloto Italianos, em companhia do celebrado Dom Joaõ de Castro, que hia pera governar a India. Foraõ estes os primeiros da Companhia, que depois de Saõ Francisco Xavier passaram à India.

4 A jornada foi boa: em Agosto estavam em Moçambique, & a dez de Settembro chegaram a Goa, tendo partido de Lisboa aos vinte, & oito de Março. Bem sei, que naõ falta quem ponha em diverso anno esta viagem do Padre Beira pera a India; porem eu nisto sigo huma carta sua, & tudo o mais em comparaçaõ della nada vale nesta materia. Em Goa foi algum tempo porteiro em a nossa caza, ajudando aos mais em nossos ministerios: & lhe costumava chamar o Mestre Diogo de Borba, o Querubim do Paraizo. Dali foi mandado ao Cabo de Comorim. Ali o achou huma ordem do Padre Paulo Camerte, q̃ em nome do Sãto Xavier mandava tres às Molucas; estes eraõ o Padre Antonio Criminal, q̃ depois foi Martyr, & o Padre Francisco Mansilhas Portuguez. Dos tres só navegou às Mo-

Molucas o Padre Joaõ da Beira. O Padre Manfilhas, por naõ querer fazer esta jornada, foi despedido da Companhia. Fora elle, como tem o Padre Sebastiaõ Gonçalves na Historia manuscritta da India, o primeiro, que em Portugal fora recebido na Companhia, & passara ao Oriente com Saõ Francisco Xavier, & foi o primeiro, que na India foi despedido, sendo assim, que tinha servido athe entam com zelo na conversam das almas; mas com esta desobediencia desdourou quanto tinha feito.

5 Sendo assinados ao Padre Beira por companheiros o Padre Nuno Ribeiro, & o Irmam Nicolao Nunes, que depois foi Sacerdote, partiram todos em Abril de 1547 pera Malaca. Avendo mez, & meyo, que ali esperavam a monçam pera as Molucas, chegou dellas a Malaca Sam Francisco Xavier. E foi este o primeiro encontro, que o Santo Padre teve com os da Companhia, depois que viera de Portugal. O gosto, que ouve em todos estes Santos homens, naõ cabe em palavras. Ali os teve comsigo, instruindoos no que aviam de fazer, athe que chegada a monçam, ficando o Santo em Malaca, os tres companheiros navegaram a Moluco.

6 A nao era de Dom Jorge Deça, que hia por Capitam de Ternate: indo ella pella via de Borneo, deu em secco, sem poder nadar, estando mais de seis horas sobre os baixos com muito perigo de abrir. Neste aperto disse o Padre Beira ao Capitam, que fizesse voto de cazar huma orfaã, & que a nao sahiria daquelle trabalho. Prometteo Dom Jorge quinhentos cruzados; entaõ benzendo o Padre huma pouca de agoa, & lançandoa no mar, começou a nadar a nao, & a fazer sua viagem. Tornou depois em outra paragem a se meter entre duas pedras, sem poder ir adiante; tãbem sahio deste perigo, mostrando o Padre Beira o canal, por onde se fosse desencalhando.

7 Chegando às Ilhas de Moluco, nellas trabalhou incansavelmente athe o anno de 1557, em que voltou a Goa a buscar companheiros, que o ajudassem. Deu naquellas Ilhas principio à caza da Companhia; occupouse todo assim em conservar os Christaõs, que ali converteo o Sãto Apostolo, como em converter gentios, & Mouros.

8 He hum como indice de suas cousas huma carta, que em Fevereiro de 1553 escreveo aos Padres, & Irmaõs do Collegio de Coimbra, conforme entam era ordem dos Superiores, pera com os trabalhos, & bons serviços de huns se affervorarem os outros. Nesta carta dis assim: *Eu me exercito muitas vezes em visitar os Christãos das Ilhas do Mouro, ensinandolhes a doutrina, trabalhando com elles, que deixem seus maos costumes, como o Padre Mestre Francisco mo tinha mandado. Custa isto muito trabalho, & he hum martyrio perpetuo. El-Rey de Moluco, o de Geilolo, & o de Ternate trabalham quanto podem por perturbar aquelles Christaõs, & tiralos da Fè. Especialmente o de Moluco, & Geilolo tãto trabalharam com suas amoestaçoẽs, que fizeram apostatar da Fè a muitos, que o Padre Mestre Francisco avia ensinado.*

9 *Depois eu, & meus companheiros, especialmente Nicolao Nunes, que comigo se achou em alguns trabalhos, levamos grande trabalho em os ensinar, & reduzir de seus maos costumes. Passamos grandes quenturas, naõ ouzando sahir fora de noite, porque andavam alguns, que viviam nas montanhas, pera nos matar. Por outra parte os Mouros naõ cessavam de destruir toda a doutrina, que lhes ensinavamos.*

10 *Andandoos vizitando, me perdi tres vezes no mar, andando por elle sem saber nadar; & de huma ves andei dous dias sobre huma taboa,*

hoa ſem comer: mas noſſo Senhor me quis livrar. Em terra de inimigos andei noites, & dias eſcondido pellas ribeiras, fugindo dos Mouros, q̃ traziam guerra com os Portuguezes. Com iſto cahi em huma enfermidade de frios, & febres mui rijas: ſangraraõme nas maõs, pès, & braços, & nas coſtas.

11 *De huns apoſtatas fomos vendidos, & entregados em poder dos Mouros. Queriamos muitas vezes comer meu companheiro, & eu, & naõ tinhamos couſa alguma; & paſſavamos dias, & noites ſem comer; mas noſſo Senhor nos livrou deſtas traiçoes, & trabalhos, ou por melhor dizer, beneficios, & merces da ſua mam. Aos Chriſtaõs, que apoſtataram, caſtigou maravilhoſamente, primeiramente com fome; porque sẽdo antes aquellas Ilhas das mais fertis, que hâ naquellas partes, logo como apoſtataram da Fè, ouve grande fome. Depois que eu me vim de lâ, por eſtar mui enfermo, nem figos tinham pera comer.*

12 *O arroz, que tinham guardado em canas, quando o tiravam, achavaõno comido, & o que ſemeavaõ lho comiam os ratos; o que lhe nam comiam, nenhuma couſa produzia; couſa, que em nenhum outro tempo hâ acontecido. As agoas ſe fizeram mui ſalobras. O vinho, que antes ſoiam ter, noſſo Senhor lho tirou: de maneira, que morriam com iſto muitos de fome, & outros de peſte: mas nem com tudo iſto deixavam os Mouros de lhes perſuadir, que nam foſſem Chriſtaõs.*

13 *Foi de maneira, que ſe cercaram de amparos, que ſaõ os muros de lâ, pera ſe defender contra os noſſos. Nos caminhos faziam amparos pera ſe defender, tendo armas mui perigozas, de modo, que os naõ podiaõ entrar os noſſos ſem grande perigo. Perſuadindoſe elles, que eſtavam muito ſeguros com iſto, & com ajuda de outros das montanhas, que ſe lhes ajuntaram, mandou lâ o Capitam de Moluco couſa de trinta Portuguezes: hia tambem El-Rey de Moluco com muita gente ſua. Como os Portuguezes chegaram ao lugar daquelles apoſtatas, que ſe tinham fortalecido, rogaramlhes, que ſe tornaſſem à Fè de Chriſto noſſo Senhor. Mas elles reſpondiaõ, que naõ queriam, & que tinham armas, & forças pera lhes reſiſtir.*

14 *Os Chriſtaõs reſponderam, porque na verdade em comparaçam dos apoſtatas tinham poucas forças, que elles nam tinham armas maiores, que a Fè, & verdade, que era Deos, o qual os avia de ajudar. Ao que toda via replicaram, que nam queriam ſer Chriſtaõs.*

15 *Logo neſte ponto começou a terra a tremer, & ſe abriram humas montanhas, deitando de ſi muitas pedras de fogo, & tanta cinza, que parecia o dia do juizo. Ouve tam grãdes trevas, que nam ſe viam huns aos outros, nem ſe conheciam. O Sol parecia, que tinha perdido ſua claridade, acontecendo iſto no meyo dia pouco mais, ou menos. Foi tam grãde a chuva de fogo, pedras, & cinza, que cahio ſobre ſuas cazas, & idolos, que todas as poz por terra. Juntamente com o grande tremor da terra as arvores quebravam, & ſe deſarraigavam, por grandes que foſſem.*

16 *Elles tremiam de maneira, que naõ podiam ter as armas nas maõs, & de tal maneira ſe lhes adormeciam, que as nam podiam levantar pera pelejar. Com o grande eſtrondo dos trovoẽs, & com o fogo, que eſte monte de ſi deitava, cahia a gente por terra de modo, que dahi a grande pedaço ſe naõ podia levantar. Todos ſe ajuntavam, & ſe amontoavam, ſem ſe poderem valer, nem fugir a taõ grande caſtigo de Deos; o qual naõ ſomente foi pera elles, mas ainda ſe*

eſten-

estendeo às creaturas irracionais.

17 *Muita casta de serpentes, & cobras morriam; as aves cahiam do ar, de maneira, que às maõs se podiam tomar. Nos montes da mesma maneira se puderam tomar os porcos, & bestas feras. Os Portuguezes, que estavam no mar com a armada, se recolheram a huma Ilha com medo de se alagar com a cinza, que cahia nas embarcaçoẽs. Cousa foi mui digna de admiraçam, que cahindo as cazas todas, & arvores com este terremoto, & tempestade, somente ficou em pè huma pobre cazinha, em que os Padres, & Irmaõs da nossa Companhia soiam pousar, aqual estava em hum lugar alto junto da Igreja, que elles antes tinham derrubado, cortando as imagens della. Nem ficaram os que isto fizeram sem castigo de Deos, como abaixo direi.*

CAPITULO XXVII.

Cõtinuase a mesma carta, & de como se reduziram. Dizemse outras cousas, que obrou. De suas virtudes, & santa morte.

1 *Depois que cessou a tempestade, que tinha destruido as muniçoẽs destes maos Christaõs, & abertos os caminhos, vieram os Portuguezes, que facilmente os vẽceram, matando muitos delles, sem que pudessem matar, nem ferir algũ dos Portuguezes. Desta maneira castigou Deos aquelles, que delle se aviam apartado, & com justo juizo mandou esta pena sobre aquelle lugar chamado Tolo mais especialmente, que sobre nenhum dos outros, por ser o mais principal, donde os outros tomaram exemplo, pera apostatar; & assim donde primeiro começou o mal, veyo o mais forte castigo, o qual foi principio da salvaçaõ desta gente; porque ficaram com isto tam obedientes ao Senhor, & sua Fè, que tornando nòs outros depois de Moluco pera este lugar, nos receberam com muita alegria, & consolaçam, como gente tocada da maõ de Deos.*

2 *Fizeram logo huma Igreja de novo mui grande, & aos domingos vẽ a ella com muito fervor, & devaçaõ. Agora nos occupamos em os cazar, & pòr nos costumes de nossa Santa Ley, com o que elles muito folgam. Deulhes nosso Senhor logo mantimentos em muita fartura, & abastança. Depois de limpa a terra dos maos humores, sendo antes doentia, agora he mui saã: bemditto seja o Senhor, que assim mostra sua benignidade, & misericordia com suas creaturas, & o cuidado, que tem de ajuntar suas ovelhas em sua Igreja.*

3 *Depois se vieram a nòs outros apostatas mostrando grãde arrependimento do seu erro, & muita vontade de perseverar em nossa santissima Fè. Alem destes vieram outros, que ainda nam aviam sido Christaõs, dizendo, que o queriam ser. Ha dia de sinco mil, & semana de vinte mil: Deos nosso Senhor seja louvado por tam grande misericordia, como tem com esta gente.*

4 *Temos bautizado muito numero delles. Em huma parte deixo quatro companheiros; em outra tres, que os ensinem, & doutrinem nas cousas da Fè, aqual receberam com grandes dezejos. A hum lugar fui chamado dos Regedores, que antes aviam apostatado, & estavam jà reduzidos, onde bautizei a muitos. Era tanto o prazer, & contentamento da gente, que naõ me queriam deixar vir, mostrandose mui dezejozos de saber as cousas de Deos, & como se aviam de salvar. Diziaõme, que pois me queria tornar, lhes mandasse em toda a maneira alguem, que os ensinasse. He cousa maravilhosa ver gente tam brutal, & simples com tãta fo-*

fome, & sede das cousas de Deos, elle seja louvado.

5 *Em outro lugar de apostatas (como dizem os que o viram) neste mesmo dia, que ouve a tempestade, que vos tenho escritto, cresceo tanto huma alagoa, que estava perto, que affogou muitos dos que arrenegaraõ, & cahio nella huma pedra de fogo, de que muito atemorizados desempararam o lugar.*

6 *O castigo, que prometti arriba de vos escrever, he, que indo hum dos apostatas mui atrevido, & sem temor de Deos, pera lhe fazer alguma deshonra, entrou na Igreja, & deu huma cutilada na Imagem de nossa Senhora, & logo a espada se lhe pegou na maõ, & sempre depois lhe ficou alleijada. Outro, que tambem o ajudou neste mal, indo ao mar com outros preversos a buscar naõ sei que, hum peixe lhe atravessou huma perna com huma ponta, que tinha na cabeça.* Athe aqui a maior parte da carta do Padre Joam da Beira.

7 Vendo o Rey de Geiloſo as muitas converſoẽs, que fazia o Padre, mandou homens, que o mataſſem. Meteraõſe de Companhia com o Padre, querendo commetter o crime a ſeu ſalvo. Succedeo encoſtarſe o Padre a deſcanſar: conſiderando elles ſer boa a occaſiam, imaginando, que o Padre dormia, diſſeram, ſer o tempo mui a propoſito. Ouvioos, & levãtãdoſe lhes perguntou com grãde animo, que cauſa tinham pera fazer o que diziam? Ficaram mui perturbados, nam ſabendo que reſponder. Depois confeſſaram aos Portuguezes, ſer mandados por El-Rey matar o Padre. Como voltaſſem, El-Rey os mandou matar, ou por nam effeituarem o que lhes ordenara, ou porque nam foſſem teſtimunhas dos ſeus maos intentos.

8 Indo em hum parao de Ternate pera a Ilha de Moro, o parao ſe alagou, & o Padre deſappareceo. Nam ſe indo ao fundo, o deſalagaram os Indios, tendo grande triſteza, por imaginarem tinha o mar levado ao Padre Beira. Neſte tempo vendo fumo, ſe chegaram, & viram ao Padre, que fazia fogo pera os agazalhar, reparãdo, que eſtava enxuto, & aſſim meſmo o eſtava o Breviario: perguntaraõ, como ſahira? A iſto ſómente reſpondeo, que Deos o trouxera ali.

9 Em diverſos apertos acodiram os Chriſtaõs ao Padre Beira, & viraõ a efficacia de ſuas oraçoẽs. Como huma infinidade de ratos deſtruiſſe as ſearas dos Chriſtaõs, nem baſtaſſe peçonha alguma aos extinguir, acodiram ao Padre por remedio: compadeceoſe; & benzendo os campos cõ agoa benta, affugentou toda aquella praga pera as ſearas dos gẽtios. Queixaraõſe diſto os gentios, & os Chriſtaõs lhe lançavam em roſto a fraqueza dos ſeus deozes, que nam podiam fazer o que o ſeu fizera. Sobre iſto ſe hia armando pendencia entre huns, & outros; mas o Padre com boas rezoẽs os accommodou a todos. Outra ves ſendo as ſearas deſtruidas de gafanhotos, os excommungou, & levantandoſe todos ſe precipitaram no mar.

10 Alem dos muitos ſerviços, que neſtes annos fez a Deos, foi de grande bem à coroa de Portugal. Em huma carta ſua conta as muitas vezes, que deu noticia aos Portuguezes das conjuraçoẽs, que contra elles faziam os Reys daquellas Ilhas, em que tudo o eſpiritual, & temporal ſe perdera, ſenam fora o zelo do Padre Beira.

11 Ouve no Padre Joaõ da Beira muitas, & grandes virtudes, pellas quais fez delle muito cazo Saõ Franciſco Xavier. Era devotiſſimo do Sãtiſſimo Sacramento; por iſſo quando tinha oraçam, ſempre ſe voltava pera algũa parte, onde eſtiveſſe o Sãtiſſimo, como tem a Eſcrittura do Santo Profeta Daniel, que quando em

Babylonia orava, ſe voltava com o roſto pera parte, onde ficava a ſanta cidade de Jeruſalem. Tambem foi devotiſſimo da Virgem Senhora.

12 Vindo a Goa buſcar ſogeitos, ficou nella por cauſa de ſeus achaques: ali deu muitos exemplos de ſanto. Veyolhe licença pera fazer profiſſam de quatro votos a tempo, que jâ eſtava com a candea na maõ, & de caminho pera a eternidade. Sẽpre nelle ſe vio muita humildade: eſtando junto da morte, os Irmaõs, que o ſerviam, fallando entre ſi diſſeram, que morria hum ſanto. Ouvio com grande deſconſolaçam, & querendo emendar os Irmaõs, lhes diſſe: *Naõ falleis deſſa maneira, principalmente no paſſo, em que me vejo, porque eu me conheço por hum grande peccador, & como tal tenho neceſſidade de me ajudardes a pedir a Deos perdam de meus peccados.* Dizendolhe hum Padre pello contentar; *He verdade, que Voſſa Reverencia tem muita neceſſidade de pedir a Deos perdam*: Reſpondeo mui contente: *Iſſo ſim, Padre, digamo muitas vezes.* Falleceo no Collegio de Goa aos doze de Mayo de 1564.

13 Deſte Padre eſcrevem entre outros o noſſo Padre Balthezar Telles na primeira parte da Hiſtoria deſta Provincia. O Padre Joaõ de Lucena na vida de Saõ Franciſco Xavier, & a Hiſtoria Geral da Companhia. O que alguns tem, que morrera Martyr, foi engano, o qual teve origem em huma fama, que diſſo ouve em Goa, & ſe eſcreveo a Europa, mas depois conſtou naõ ſer aſſim.

CAPITULO XXVIII.

Vida do Irmaõ Antonio Luiz.

Na viagem da India aos 4 de Settembro de 1588.

1 O Irmaõ Antonio Luis naſceo em Lisboa. Seus pays ſe chamaram Luis Pires, & Maria Fernandes. Antes de ſer da Companhia, & eſtudando no pateo de Santo Antaõ, era taõ modeſto, & compoſto, que mais parecia Religioſo, que ſecular. Entrou na Companhia em Coimbra aos nove de Fevereiro de 1576, tendo vinte annos, & meyo de idade, & ſendo eſtudante da Quarta Claſſe. Sempre viveo como homem amigo de Deos. Fazendo officio de Sindico, teve muitas occaſioẽs de ſoffrimento, de que elle bem ſe aproveitava: dandolhe os de menos perfeiçaõ alguns remoques por rezam do ſeu officio, elle ſe avia com ſingular modeſtia, & paciencia.

2 Nam ſendo inferior no ſaber a ſeus condiſcipulos, dandolhe o lugar mais honrado nos exames elle ſe eſcuſou por ſua modeſtia. De todos era tido, & avido por bom Religioſo. Eſte ſanto exemplo deu os annos, que eſteve em Roma, & por iſſo era amado dos Italianos. Os Superiores lhe queriam muito, em eſpecial o Biſpo de Jappam o Padre Sebaſtiam de Morais, o qual o levou comſigo pera a India. Era Meſtre em Braga, quando o avizaram pera eſta empreza.

3 No anno de 1588 ſe embarcou em a meſma nao, em que hia o Biſpo com o Padre Antonio Rodrigues, & Irmaõ Gaſpar de Caſtro. Nella continuando a jornada ouve crueis enfermidades, das quais falleceo junto a Moçambique o Biſpo; & pouco depois de partir a nao de Moçambique, morreo o Padre Antonio Rodrigues, & logo depois delle o Irmam Antonio Luiz. O que niſto paſſou, & a ſuaviſſima morte, que teve eſte ſervo de Deos, conta como teſtimunha de viſta o Padre Gaſpar de Caſtro com as palavras ſeguintes.

4 *Jà naõ tinhamos o Padre Biſpo, nem o Padre Antonio Rodrigues, & ficavamos os dous orfaõs, & tam deſconſolados, como bem ſe deixa ver. Noſſa conſolaçam era paſſarmos pella memoria o ditozo tranſito de tais ſantos. Quando hum gemia,* ti-

tinha outro, que lhe perguntava, como estava; & desta maneira soffriamos nosso dezemparo. Porem estava ainda huma cadeira por poßuir, & como meus peccados eram muitos, em fim cahio a sorte sobre Matthias.

5 *Tanto que o Padre Antonio Rodrigues falleceo, logo o Irmaõ Antonio Luiz determinou paßarse pera o mesmo camarote, onde fallecera o Padre Bispo, & o mesmo Padre Antonio Rodrigues. E a huma sesta feira à tarde, oito dias depois da morte do Padre Bispo, & sinco do Padre Antonio Rodrigues, estando nos duzentas, & quarenta legoas alem de Moçambique, aqui adoeceo o Irmaõ Antonio Luiz de febre com dor de garganta, & fraqueza de estamago, a que elle era avia annos sogeito. Logo lhe acodi com todas as mèsinhas neceßarias; mas a doença se aggravava de cada ves mais, & ao quinto dia se achou mal, & dali por diante eram taõ grandes os agastamentos de coraçam, que o forçavam a dar grãdes gemidos. Assim continuou athe o cabo.*

6 *Conhecendo elle, que se chegava sua hora, ao oitavo dia da sua doença me disse:* Jâ agora, chariſſimo, me pode alegremente fallar da morte, & bom serâ gastar hum pouco de tempo com os Confessores, outro com os Doutores, outro cõ os Martyres, outro com as Virgens. *E eu digo minha culpa, que o diverti desta santa imaginaçam, por me parecer, que nam estava ainda tam depreßa. Ao outro dia de madrugada vendo eu, que da vida nam avia que tratar, lhe disse, que seria bem resignarse nas maõs de Deos nosso Senhor, pera que elle fizesse o que fosse mais seu santo serviço. Rindose, & olhando elle pera mim, muito seguro me disse, que avia dias, que sabia, que Deos se tinha lembrado delle.*

7 *E depois de elle fallecer, me diße hum soldado, comquem tratava algumas vezes, sem eu lhe dizer nada doque o Irmam me dissera; que tres, ou quatro dias antes de elle adoecer, o Irmaõ Antonio Luis lhe dissera, que tinha por cousa certa, que antes de chegarmos a Goa, ambos, ou pello menos hum de nos avia de morrer. Porem trocou Jacob por entaõ as maõs, & eu fiquei menos ditozo. Entam me pedio, que o deixasse só por hum pouco, que elle me dava sua palavra, que nam morreria, sem primeiro me avizar; & isto dizia com tanta segurança, como se Deos lhe entregara a morte em suas maõs, peraque quando elle quizesse, ella o levaße.*

8 *Deixeio entaõ por espaço de huma hora, & em todo este tempo, por mais que chamassem por elle, nam respondia; & acabada ella, olhando elle pera mim, & como que quebrava por hum grande gosto, me pedio huma pouca de agoa, pera enxagoar a bocca, pera poder fallar. Entaõ me disse, que avia dias, que sabia, que nosso Senhor lhe avia de fazer aquella merce, & que elle mais folgara, que aquelle apartamento fora em Goa entre os Irmaõs, ou pello menos que tivera hum Padre, ao qual deitado a seus pès se confessara geralmente, como jâ tinha feito seis, ou sette vezes; & isto nam por escrupulo, que tiveße, mas pera mais sua consolaçam: & jâ que Deos assim o ordenava, que se fizesse o que foße mais seu serviço; que tinha pera si, que nam era mais doce o martyrio, do que era a vontade prõpta, & resignada pera fazer a vontade de Deos; & que eu da minha parte nam faltara nada em sua cura, & elle que da sua faltara muitas vezes; que lhe perdoasse; que se isto naõ bastava, que lhe punha diante os merecimentos de toda a Companhia; & que encommendas pera o Ceo, por lhas eu pedir, as naõ podia levar hum tam grande peccador, como elle; mas*

que nam se esqueceria de mim diante da Divina Magestade, & que com elle nam avia mais que fazer, senam de quando em quando darlhe huma pouca de agoa pera enxagoar a bocca.

9 *Entam lhe disse eu, se seria bom tomar alguma cousa de comer, pera ter mais força? Respondeome, que os Padres, que morriam, quãdo estavaõ perto da morte nam comiam, & que por isso naõ lhe desse mais pena, & que o seu comer avia de vir do Ceo, & que lhe parecia, que athe a noite, ou por ventura antes, nosso Senhor o levaria pera si; & que quando elle me fizesse huma crus com a sua mam, que lhe acudisse com o nome de JESUS, & cõ as ladainhas, porque era sinal, que se via em algum trabalhozinho; quanto mais, que lhe parecia, que nam seria assim. Depois de me ter ditto isto, me disse, que o deixasse, & que lhe fechasse a porta do camarote, pois lhe parecia, que estava jâ na caza do Ceo. Vendoo eu tam cheyo de alegria, lhe disse :* Tam grande peccador sou eu, que nam poderei aqui estar?

10 *Respondeome :* Elle, charissimo, he o Anjo, que vai, & vem. *Disseme, que à ladainha nam poderia responder, porem quando lha dizia, respondia mui distintamente, & me emendava onde eu errava, & queria, que lhe repetisse tres vezes os Santos, a que tinha mais devaçam. Depois de me dizer o assima ditto, se tornou outra ves a transportar, & por mais que chamasse por elle, nam acodia. Dali a huma hora me acenou com a mam feita em crus, que era o sinal, que me elle tinha ditto; & nomeandolhe o nome de JESUS tres, ou quatro vezes, me disse, que bastava.*

11 *A's tres horas depois do meyo dia me disse, que se pello seu fora, jâ se partira; mas que se Deos o quizesse dilatar mais, aindaque fosse athe o dia do Juizo, que apparelhado estava, pera lhe fazer a vontade; & que lhe rezasse outra ves a ladainha, & que lhe metesse a candea na mam, a qual elle sô teve, & acabada a ladainha lhe nomeei o nome de JESUS por algũas vezes; & disseme, que por entam bastava, & me deu a candea, & se tornou a recolher à sua paz como antes.*

12 *Sendo huma hora de noite me pedio a candea, que era o tempo, que pella menham me tinha ditto, em que avia de espirar, dizendome, que era chegada a hora de seu apartamento, & assim foi. Tomou a candea, & tevea na maõ como antes. E eu lhe rezei a ladainha, & elle respondia, & nomeando o nome de JESUS, & Maria, com elle se foi pera o Ceo em hum Domingo à noite aos quatro de Settembro, & aos nove de sua doença. No mesmo tempo, em que estava espirando, se pos o Capitaõ môr com seus criados no camarote a rezar as ladainhas. Tanto era o amor, que nos mostrava; & alem de vir visitar os doentes muitas vezes, nos fazia outros muitos favores, como ao Padre Bispo, & assim sentio estas mortes, como se foram seus Irmaõs.*

13 *Depois que o Irmaõ espirou, o vesti na roupeta ao nosso modo. E assim ficou tam bem assombrado, que dava mostras da gloria, que a alma estava possuindo no Ceo. Depois de o encommendar, o metemos em hum caixam da mesma maneira, que o Padre Antonio Rodrigues. Foi sua morte igualmente sentida.* Athe aqui a narraçaõ do Padre Castro: nem eu tenho mais, que dizer.

CAPITULO XXIX.

Vida do Padre Manoel de Sâ. *Arona 30. de Dezembro de 1596.*

1 O Padre Manoel de Sâ foi homem tam grande em virtude, & letras, que sinto muito aver

ver de escrever nam mais, que hum como indice de suas cousas. Como viveo quasi todo o tempo, que teve de Companhia, fora de Portugal, naõ hâ delle câ cousas especiais, & assim he preciso mendigar de Authores de outras provincias este pequeno elogio. O Padre Manoel de Sâ nasceo em Villa de Conde no Arcebispado de Braga. Quando sua mãy o mandou estudar a Coimbra, lhe disse, que puzesse tanto cuidado no estudo das letras, que ella tivesse o gosto de ouvir delle cousas grandes; em especial, que dezejava fosse Apostolo, nome, que em Portugal se dâ aos da Companhia.

2 Vindo a Coimbra, estudou encostado ao Padre Luiz Gonçalves da Camara, de quem era pagem, & ajudante nos estudos, como tem o Padre Pedro de Ribadaneira na sua Historia manuscritta livro primeiro capitulo quinto. Entrando Luiz Gonçalves na Companhia aos dous de Abril em Coimbra, logo aos sette do mesmo mes do anno de 1545 entrou Manoel de Sà, que era estudante de rara habilidade, & passou com Luiz Gonçalves a continuar seu Noviciado em Valença. O Padre Ribadaneira tem, que foram entrar a Gandia; porem o q̃ fica ditto he o que nos consta dos nossos catalogos, & documentos, que carecem de duvida.

3 A Bibliotheca da Companhia tem, que ensinara Philosophia em Portugal de tam pouca idade, que entrando alguns na aula antes de vir o Mestre com a curiosidade de ver, & ouvir, como o Mestre viesse o ultimo, lhe faziam lugar, imaginando ser algum estudantinho dos ouvintes; & depois que o viam subir à cadeira, se admiravam muito. Isto, quanto entendo, devia ser antes de entrar na Companhia, porque entam os seculares eram os que liam Philosophia em Coimbra; & nam acho, que este Padre depois que em Noviço sahio de Portugal, tornasse mais a elle. Porem considerado o que se dis de sua pouca idade, parece aver alguma equivocaçam àcerca deste magisterio.

4 Foi o Padre Sâ homem de grãdissimo engenho; & metido nos estudos se duvidava aquem desse mais tempo, se à oraçaõ, se às letras. Jà nestes seus primeiros annos de Religiam se via nelle huma tal madureza, qual se dezeja em hum anciaõ de grãde virtude, & entendimento. Desde seu Noviciado por sincoenta annos continuados fes admiraveis progressos nas letras, & virtude. Avia nelle hum natural bonissimo, & hum engenho nascido pera todas as sciencias.

5 Tendo desasette annos de idade, ensinou publicamente Philosophia em a nossa Universidade de Gandia no Reyno de Valença. Neste tempo a ensinava tambem em particular a Sam Francisco de Borja entam Duque de Gandia, & fundador da nova Universidade, & depois hum dos maiores astros da nossa Companhia. Tambem ensinou em Roma a mesma sciencia. No anno de 1557 começou assim mesmo em Roma a explicar publicamente o Propheta Oseas, & a primeira da segunda de S. Thomas.

6 No anno seguinte, pera maior celebridade da eleiçaõ de nosso Padre Geral Diogo Laynes, por oito dias continuados presidio às Conclusoens de Theologia, avendo a ellas notaveis concursos da Corte Romana, & de muitos Cardeais, nas quais resplandeceo muito a doutrina deste grande Mestre, & muito mais sua rara modestia. No anno de 1559, por andar com as forças debilitadas, pera com o divertimento ter algum alivio, foi mandado visitar as cazas da Companhia na Toscana, & Campo Piceno. Voltando desta peregrinaçaõ, fez profissaõ solenne de quatro votos aos dous de Novembro do mesmo anno. Dali por diante foi continuando

em explicar a Santa Escrittura como nome, que merecia tam excellente Mestre.

7 Fes tambem por muitos annos officio de prègador com grandes cõcursos de toda Roma, & singular opiniam de suas virtudes. As prègaçoẽs eram mais tiradas da oraçam, que dos livros. Tudo nellas era succozo, muito pezo de sentenças, no fallar succinto, & sem ornato affectado enlevava os ouvintes. Viase, que tudo nelle era mui natural, & tinha sua eloquencia huma certa força pera mover os animos, que a sentiam os ouvintes, & a nam explicaõ palavras. O meneyo da acçam nam se regulava por preceitos da arte, & isto era nelle mais fermoso, & plausivel. Contra todos os preceitos, & regras da eloquencia era eloquentissimo. Assim temperava tudo, que ferindo com a espada da palavra de Deos aos ouvintes, juntamente os recreava.

8 Neste tempo, por ser homem doutissimo, foi determinado pello Santo Papa Pio Quinto com outro Padre da nossa Companhia pera a correcçaõ da Santa Escrittura, que por ordem do mesmo Santo Padre se avia de imprimir. De Roma foi mandado a Milam, pera dar ali principio ao Collegio da Companhia. Fez naquella Cidade muito frutto com suas prègaçoẽs. Por certa controversia entre o Governador de Milaõ, & Saõ Carlos Borromeu, como hum da Cõpanhia dissesse prègando palavras em favor da parte do Governador, por ser o Padre Sâ muito acceito a todos, temendo o Santo, que no pulpito, ou na cadeira lhe cahisse alguma palavra, que desse alento aos ministros Del-Rey, o fez sahir de Milam. Dez annos andou fora de Roma em diversos ministerios, em que delle se servio a Companhia com muito credito seu, & bem do proximo. Depois voltou a Roma, onde esteve alguns annos. Depois assistio em Loreto. Dali foi pera Genova: nesta Cidade carregou sobre elle grandissimo trabalho, porque todos a elle concorriam por conselho.

9 Achandose mui opprimido de trabalhos, & achaques, & prevendo, que nam podia tardar muito tempo sua morte, se retirou pera Arona; ali gastou o restante de sua vida andando de huns em outros lugares ensinando a doutrina Christaã aos rudes, & ouvindo suas confissoẽs. Sendo tal o seu trabalho, & tantos seus achaques, nam consentio, que alguem o servisse nos ministerios do seu cubiculo. Se algum o queria por sua charidade aliviar nisto, respondia, que elle tinha pês pera andar, & maõs pera se servir, que nam queria outros, que o servissem.

10 Tinha entre maõs certa obra disposta pella ordem do alphabeto, quando lhe deram terçans, as quais brevemente degeneraram em quartans, que lhe duraram por sinco mezes, & no fim delles lhe tiraram a vida. No tempo, que esta enfermidade o foi consumindo, nem deixou de dizer Missa, nem de rezar o Officio Divino, athe q̃ os Superiores, vendo quam gastado estava, lhe mandaram o contrario. Como nam pudesse dizer Missa, fazia muito pella ouvir; athe isto lhe prohibiram. Suppria muito sua devaçaõ com frequentemente receber o Divinissimo Sacramento. Pera o receber sahia sempre fora da cama. Huma unica ves, por estar mui debilitado, se acabou com elle, que se deixasse estar no leito, quando commungou.

11 Fallava mui a miude da sua morte, & sentia nisso recreaçam, dizendo, que tinha gosto de morrer. Tendo recebido os Sacramentos, morreo santamente em o Noviciado de Arona na Diecesi de Milam aos 30 de Dezembro de 1596. Ouve a seus funerais grande concurso, por ser de todos avido por homem santo. He fama,

ſama, que Deos lhe revelara o dia de ſua morte, & que lhe apparecera antes della a Virgem Senhora, & noſſo Padre Santo Ignacio. Tambem ſe dis, que em ſeus primeiros annos lhe apparecera a Virgem Senhora com o Minino JESU. Daqui lhe naſceo huma ſingular devaçaõ a eſta Senhora. Nam avia pera elle couſa como tratar de Deos, & fallar delle. Foi homem, em quem ouve, & ſe vio o eſpirito primitivo da Companhia, & que o bebera em ſua fonte, como quem tratou tanto com Santo Ignacio.

13 Das obras, que eſcreveo o Padre Sâ, ſe dirà abaixo em ſeu lugar. Todas foram mui eſtimadas, como de homem, em quem reſplandeceo huma profunda ſabedoria, & que muito honrou a Companhia. Delle faz hum valente elogio o noſſo Padre Alvaro de Cienſuegos na vida de Saõ Franciſco de Borja.

CAPITULO XXX.

Na China aos 17 de Outubro de 1591

Vida do Padre Antonio de Almeyda.

1 NAſceo o Padre Antonio de Almeyda em Trancozo villa do Biſpado de Viſeu. Seus pays ſe chamaram Fernam de Sequeira, & Anna de Andrade: entrou na Cõpanhia em Coimbra aos 4 de Janeiro de 1576, tendo dezoito annos, & dous mezes de idade. Des de o Noviciado deu moſtras de ſingular virtude, & ouve opiniam de ſua ſantidade. Pertẽdeo com fervor ir ſervir a Deos nas Indias Orientais, pera onde navegou no anno de mil quinhentos oitenta, & quatro com outros oito da Companhia.

2 Vendo o Padre Alexandre Valignano o grande fervor, que eſte Padre tinha de emprezas trabalhozas, o eſcolheo, & determinou, pera com o Padre Duarte de Sande promulgarem na China o ſanto Evangelho. Partio pera Macao. Neſta cidade conſiderando o modo, com que poderia entrar na China, que naquelles tempos era mui difficultozo, deſcobrio hum caminho, que bem deſcobre o fino de ſua charidade; & foi, que o poderiam a elle dar por eſcravo a algum Governador da China, & que aſſim teria occaſiaõ de prègar naquelle Imperio, que tam fechado eſtava aos eſtrangeiros.

3 Servioſe Deos ſomente do ſeu dezejo, & em premio delle lhe abrio o caminho, que elle tanto dezejava. Neſte tempo o Padre Miguel Rogerio da noſſa Companhia, que vivia dentro da China, tendo licença pera fundar caza em huma das metropoles, veyo à cidade de Cantam, pera ſe refazer de algumas couſas neceſſarias; no meſmo tempo o Padre Almeyda com os mercadores Portuguezes tinha ido à cidade de Cantaõ.

4 Encontrandoſe aqui os dous varoẽs Apoſtolicos, o Padre Rogerio tomou comſigo ao Padre Almeyda, & foram pera a Metropoli de Sequiam, da qual eſcrevendo o Padre Almeyda em 10 de Fevereyro de 1586 ao Superior da noſſa caza de Macao tem eſtas palavras bem ſignificadoras do ſeu fervor: *Feito jâ China, por amor daquelle, que por mim ſe fes homem, ſendo Deos, lhe dou muitas graças, porque em tam breve tempo me concedeo, o que outros em muito nam puderam conſeguir; iſto he huma paz, & quietaçaõ de meu coraçam, de modo, que jà naõ tenho neſte mundo, que dezejar outra couſa mais, que a minha ſalvaçam, & a dos Chinas, & morrer neſta empreza.*

5 *Confeſſo a Voſſa Reverencia, que começando a eſcrever eſta carta, nam pude reprimir as lagrimas, cõſiderandome eſtar no meyo dos Chinas. Iſto, que paſſa em verdade, me parece imaginaçam, & ſonho; do*

qual

qual sonho quero, que Vossa Reverencia me desperte, & me faça sabedor, de que estou naquelle mundo, porquem tanto suspirou o Santo Padre Francisco Xavier; no qual possa soffrer trabalhos, & padecer a morte, que he o que só dezejo. Estimo tanto a conversaõ deste grande Reyno, que huma vida, que tenho, me parece nada, & des mil, que tivera, as dera por ella. Athe aqui parte da sua carta.

6 Mais de quatro mezes gastaraõ nesta jornada, a qual naõ tendo effeito, & sendo os Padres obrigados a desandar seu caminho, a penas podia o Padre Almeyda acabar comsigo o voltarse. Por tanto instou muito por ficar só naquella Provincia, dizendo, que elle teria modo, pera ficar occulto. Era tanto seu fervor, que foi necessario, que o mandassem por obediencia desistir da sua pertençam.

7 Naõ muito depois vindo o Padre Rogerio a Europa, o Padre Almeyda foi pera outra cidade no meyo do Imperio, pera ser companheiro do Padre Mattheus Ricio: com elle foi pera Xauceo no mes de Agosto de 1589; Compadecendo huma, & outra doença foi obrigado, pera cobrar saude, voltar a Macao. A penas convalesceo, quando fez por tornar pera a China, como em effeito o poz por obra; porem foi Deos servido de o tornar a provar com enfermidades, & recahio com tal doença, que naõ pode voltar a Macao. Falleceo santamente em Xauceo aos dezasette de Outubro de 1591. Seu corpo foi metido em hum cayxam ao modo da China; & dahi a alguns annos foi trazido a Macao.

8 Quando chegou à praya de Macao, ouve grande concurso da gẽte, que o acompanhou athe a nossa Igreja. Delle fez huma prègaçam o Padre Duarte de Sande Reytor do Collegio, & avia no Padre Almeyda materia copiosa pera este, & outros muitos elogios. Na oraçaõ, & castigo de seu corpo foi tam continuo, & fervoroso, que era necessario moderaremno os Superiores. Alem do Officio Divino, rezava tanta multidam de preces do Breviario, que ouveram os Superiores de lhas prohibir, por ter falta de tempo pera o estudo. Porem instou muito, nam se lhe prohibissem as devaçoẽs, & officio da Senhora, com que de minino se criara, & assim o alcançou.

9 De Deos fallava com tal fervor, que a todos inflammava no amor das cousas santas. Teve conhecida devaçam ao Santissimo Sacramento: antes de ser Sacerdote commungava muitas vezes alem das ordinarias, que entre nos he costume. Parecia, naõ se poder apartar da prezença deste Senhor. Nas capellas, onde estava o Santissimo, era visto mui frequentemente. O seu maior gosto era ajudar às Missas. Todas as vezes, que dizendo Missa, andava com alguma molestia na saude, costumava cõmungar, como se fosse a ultima ves, que o avia de fazer. Na ultima doença nam teve tempo pera isto, opprimido de repente com a força do mal, que o sopeou. Porem teve grãdissimos dezejos deste divino soccorro, sem o qual falleceo, antes de poder o Sacerdote seu companheiro dizer Missa. Pello menos pera consolaçam sua, pedio que seu corpo fosse lançado sobre a terra fria, & ali abraçado com hum Santo Crucifixo espirou. Depois de morto se lhe achou hum quaderninho, em que tinha apontado as acçoẽs santas, que avia de fazer entre dia, & os defeitos, de que se avia de acautelar; & mostrava o grande cuidado, que nelle avia de sua perfeiçam. O Padre Juvenci tem, que morrera aos 16 de Settembro.

CAPITULO XXXI.

Dos Padres Joaõ de Saõ Miguel, & Rodrigo Soares, & do Irmaõ Adaõ Francisco.

Lisboa 4 de Dezẽbro de 1552.

1 O Padre Joaõ de Saõ Miguel foi o quinto sogeito, que o Padre Mestre Simaõ recebeo no Collegio de Coimbra. Era natural da Cidade de Betancòr no Reyno de Galiza. Entrou na Companhia aos 8 de Novembro de 1542. Era mui bom letrado; alem disso tam eloquente na lingua Castelhana, em que prègava, que foi tido por hũ dos principais prègadores, que teve a Cõpanhia nestes Reynos. Seus conselhos, & avizos espirituais se advertiam, & tomavam como de homem santo. Fes muitas missoẽs: antes dellas sempre tinha os Exercicios de Sãto Ignacio, de que se seguia fazer notavel frutto nas almas. Lançando pella bocca muito sangue, sentio pena grande, por morrer tendo ao seu parecer obrado tam pouco no serviço de Deos. Vindolhe hum suave sono, lhe appareceo nelle a Senhora, & lhe disse, que nam morreria daquella. Ficou tam certo, que por mais que os Medicos diziam, morreria, nunca fez cazo dos seus dittos, & assim cobrou saude. Tambem se creo, que nos dias junto à morte lhe apparecera a mesma Senhora, de quem era devotissimo.

2 Muitas vezes lhe succedia, depois de larga meditaçam das cousas divinas, ficar todo o dia enlevado em Deos, sem se lembrar de outra cousa. De sua morte, que foi no Collegio de Santo Antaõ, dis o Padre Luis Gonçalves da Camara escrevendo huma carta ao Padre Miguel de Sousa estas palavras: *O Padre Joaõ de Saõ Miguel, tam especialmente pay vosso, & meu, deu agora a alma ao Senhor. De sua doença jà lâ sabereis. Estando jâ sem falla pella muita fraqueza, trazendolhe o Santissimo Sacramento, se levantou em joelhos na cama, & esteve tam direito nella todo o tempo, que o Sacerdote esteve no cubiculo, como se estivera sam.*

3 *Dandolhe a nova, que morria, Misser Joaõ com muitas lagrimas, elle a recebeo rindo, dizendo, que naõ era aquillo nova pera chorar, mas muito pera se alegrar. Logo rogou a todos os Padres, que o deixassem estar sò, porque quando fosse tempo, elle os chamaria; & assim esteve dias conversando sempre com Deos. Hum dia me chamou, & me disse estas palavras: Padre meu Luis Gonçalves, queria saber das cousas da Companhia como estam, porque hâ muito tempo nam sei nada dellas: pello amor de Deos, que me conteis tudo. Dizia isto com tanto affecto, & entranhas de amor, que me espantou muito, & disse entre mim: quam differente he este amor da Companhia do meu!*

4 *Deilhe novas de tudo, de quã bem El-Rey recebera o Padre Doutor Torres, & como se mostrava afeiçoado a nosso Padre Ignacio. Mostrou huma excessiva alegria a tudo isto. Todo o tempo de sua enfermidade tinha tanto tento, que os Irmaõs, que o curavam, nam tomassem demasiado trabalho, que naõ consentia, que por hum quarto estivessem ambos juntos, mas em quanto hum trabalhava, o outro descansasse. Sabbado aos nove deste prezente nos chamou a todos, como tinha promettido, dizendo, que se queria despedir de nos. Feznos huma falla de poucas palavras, mas cheyas de muito amor, na qual pedio perdam a todos, por naõ ter dado aquelle exemplo em suas palavras, & obras, que hum servo de JESU devia nesta sua santa Companhia. E tomando huma vela benta accezã na maõ, fez huma pro-*

testaçaõ da Fè, requerendo, que fossemos nos testimunhas, como morria nella.

5 *Pediolhe o Padre Doutor, que diante da divina Magestade se lembrasse desta pobre Companhia. Entaõ disse elle: Sabe Deos, que nenhum contentamento levo desta vida, como morrer nesta santa Companhia, & que se meus olhos chegam onde tanto dezejam; & estas ultimas palavras dissse, levantando as maõs, & os olhos, & alongando muito a syllaba,* tanto, *com tàm grande affecto, que as quatro, ou sinco, que mais disse, nam pudemos entender, mas bem entendiamos, que dizia, nam se aver de esquecer da Companhia.*

6 *Jâ hoje naõ pode tomar o Sacramento com hũ soluço, mas adorouo com muita devaçam. Este soluço lhe deu em toda a doença muita pena. Dizia, que por sua fraqueza lhe dava nosso Senhor morte tam branda. A's duas depois do meyo dia estando com huma vela acceza na maõ, & hũ Crucifixo, estando nos todos juntos com elle, começou a arrancar a bemditta alma, & chegando àquelle passo:* Per crucem, & Passionem tuam, *enxergouselhe, quererse ajudar muito daquella petiçam. Entre estas cousas nos moveo muito huma palavra, que disse: Oh Irmaõs meus! Com a qual espirou hoje dia de Santa Barbara aos quatro de Dezembro de mil, & quinhentos sincoenta, & dous.* Athe aqui o Padre Luis Gonçalves. Deste Padre se faz alguma mençaõ na primeira parte da Historia desta Provincia.

7 *O Padre Rodrigo Soares* natural de Arouca no Bispado de Lamego entrou na Companhia em Coimbra aos 8 de Abril de mil quinhentos sessenta, & hum. Foi pera a India, & falleceo na viagem no anno de 1576. Sua morte se pode collegir de hum capitulo de huma carta, que escreveo Ayres de Saldanha, que foi Capitaõ de Tangere, pera o Padre Mauricio da Companhia, que he o seguinte.

Na viagem da India an. 1576.

8 *O Padre Rodrigo Soares acabou em seu officio na entrada de Mayo, gastando todo o tempo em obras de charidade; de feiçam, que ellas o acabaram de consumir, porque de dia, & de noite se occupava em confissoẽs debaixo do seu manteo, sendo a doença contagioza, andando pello fogam fazendo por suas maõs algumas consolaçoẽs pera os doentes, & outras cousas, que nos movia a todos a lhe lembrarmos a fraqueza de sua compreiçam, com a qual teve tanta conta, que andando jâ mal disposto, nunca se quis ter por este, athe as forças o porem em estado, de lhe nam poderẽ fazer os beneficios, que tal doença requeria. Foilhe revelada a morte; & outros sinais, que nella mostrou, de quam perfeitamente fazia o que tinha professado.*

9 *Nesta materia ouzarei a affirmar, que dentro em Jappam recebendo martyrio se naõ podia mais merecer, do que elle alcançou. O Vizo-Rey, que Deos haja, vinha tam affeiçoado a elle, que o tinha tomado por seu confessor, & encobrimos-lhe sua morte mais de vinte dias, por me dizer muitas vezes, que sò este esteyo esperava bastarlhe pera o Deos favorecer, & ajudar no governo da India. Depois que o soube, fez tanto sentimento, que chegou a se queixar de mim, de tolher naõ lho dissessem; & indolhe à maõ, de naõ ter rezam, me disse, que pois com a sua vida o Padre o naõ pudera ajudar, que lhe quizera pedir, que à hora de sua morte lhe alcançasse de Deos levalo pera si antes de chegar à India, se nella nam avia de servir a Deos, & a Sua Alteza, como dezejava: & isto pedio dali por diante com muitas lagrimas abraçado com hum retabolo de nossa Senhora.* Athe aqui Ayres de Saldanha, & he o que sò acho deste bemditto Padre, cuja morte

te em exercicios de charidade he manifesto indicio de quam santa foi sua vida.

Em Comorim 2 de Janeiro de 1549.

10 *O Irmaõ Adaõ Francisco* entrou na Companhia em Coimbra aos oito de Novembro de 1542. Foi mandado à India no anno de 1546. Foraõ por todos nove os da Companhia, que entaõ hiam. O Irmaõ Adam, em quanto se naõ ordenava de Sacerdote, foi mandado trabalhar no Cabo de Comorim, onde seu zelo foi mui notorio. O que delle sabemos, he hũ admiravel elogio de Saõ Francisco Xavier em huma carta, que escreveo no anno de 1549, na qual tem estas formais palavras: *Pareceo a Deos nosso Senhor levar pera si da prezente vida ao nosso dulcissimo Irmam Adam Francisco, pera lhe dar o premio, que por seus muitos trabalhos por seu amor padeceo. Sua morte respondeo à santa vida, que fes; a qual, como outros me disseram, & eu tambem vi, floreceo em santidade. Foi verdadeiramente varaõ pio, & de grande fervor em trazer os gentios à Fè de nosso Senhor JESU Christo; & pera dizer o que sinto, mais me encõmendo eu a elle, do que o encõmendo a Deos; porque tenho pera mim, que goza de bemaventurança, pera a qual foi criado.* Athe aqui as palavras do Santo Apostolo, & ellas bastam por indice de huma gloriosa vida. O Manilogio da Companhia tem, que era Irmam Coadjutor temporal. O Padre Nadasi tem, ser estudante. A Historia Geral da Companhia, depois de referir os que eram Sacerdotes, quando elle foi pera a India, apontãdo outros, que a seu tempo se aviam de ordenar, conta nelles ao Irmam Adam Francisco. Sua morte foi aos dous de Janeiro de 1549. & nam em onze de Outubro, como tem o Manilogio da Companhia, porque a carta do Santo, que falla de sua morte, tẽ a data em Fevereiro do ditto anno. Era de naçaõ Portuguez.

CAPITULO XXXII.

Vida do Padre Francisco Peres.

Em Nagapatam aos 23 de Fevereiro de 1583.

De sua patria, & entrada na Companhia: passa à India; he mandado por Saõ Francisco Xavier a Malaca, & frutto, que nella fez.

1 O Padre Francisco Peres, hũ dos grandes imitadores, que teve na India Sam Francisco Xavier, & aquem o Santo muito louvou, diz o Padre Eusebio nos seus Varoẽs Illustres, que foi Portuguez: o mesmo tem o Padre Nadasi no seu Annus Dierum; o mesmo dis o catalogo mui antigo dos Missionarios da India, que esta em hum volume grande de cartas dos nossos da India, que ha na livravia da Caza de Saõ Roque, que pera mim he de muita authoridade, por ser antiquissimo. Com tudo a Historia desta nossa Provincia tem, ser Castelhamo, sem lhe determinar patria. Algumas cartas suas tenho em meu poder, huãs escrittas em Portuguez, outras em lingua Castelhana; mas isto nam he conjectura bastante, por quanto naquelles primeiros Padres era costume mui ordinario dos Missionarios da India ainda Portuguezes escreverem em Castelhano, por ser esta a lingua de nosso Padre Santo Ignacio, & Sam Francisco Xavier, & deviam aquelles santos homens athe nisto querer imitar a pays tam santos.

2 Seja porem deque naçaõ for, pois isto nam tem mais clareza, que a ditta, elle estudava em Coimbra a tempo, que o Padre Francisco Estrada da nossa Companhia fazia com seus Apostolicos sermoẽs grande abalo naquella florente Universidade. Muitos moços illustres, & de raros enge-

nhos pediram ser da Companhia. Entre os que Deos tocou por meyo deste Padre, foi hum o Padre Francisco Peres. Entrou ali na Companhia aos quinze de Janeiro de 1544. Huma de suas grandes virtudes, foi a grande devaçam, que teve à santa Paixam de nosso Senhor JESU Christo. Em fallando nella se lhe roubavam os sentidos, ficando enlevado em hum como extasi de amor.

3 Passou à India no anno de 1546, sendo por todos nove os da Companhia, que no ditto anno tomaram esta empreza. Nelles hiam homens de grandes virtudes, emque tinha lugar avultado o Padre Francisco Peres, oqual encheo tanto as medidas a Sam Francisco Xavier, que lhe chamava varam de insigne santidade: dizia o Santo Padre, que tinha inveja à humildade do Padre Francisco Peres.

4 Vendo seu aventajado espirito, lhe assinalou pera theatro a populosa Cidade de Malaca, que era em seus costumes huma sentina de vicios, por concorrerem ali a seus contratos todas as naçoẽs Orientais, Mouros, gentios, Judeos, & Christaõs: estes em tal Babylonia viviam mui esquecidos de suas almas, por isso teve ali muito que fazer este grande Missionario, o qual escreve esta sua entrada em Malaca, & como ali se occupava, em huã carta na forma seguinte.

5 *De Goa nos enviou o Padre Mestre Francisco a mim, & ao Irmaõ Roque de Oliveira pera Malaca, & assim tomada sua bençam, & despedindonos dos Padres, & Irmaõs, nos embarcamos a oito de Abril de 1548, & chegamos a ella a vinte, & oito de Mayo do ditto anno. Antes de sahir em terra, os devotos do Padre como souberam de nos, logo com hum batel nos vieram buscar. Levaraõnos a humas cazas, que já estavam feitas junto à Misericordia, onde o Provedor, & Irmaõs della, Vigario, & Clerigos nos vieram ver com muita alegria.*

6 *Logo no dia seguinte o Irmaõ Roque de Oliveira começou a ensinar a ler, & escrever, & a rezar pellas Horas de nossa Senhora, & alguns principios da Grammatica aos filhos dos Portuguezes. Em poucos dias se ajuntaram mais de cem moços. Agora sam cento, & oitenta: aos quais nam consentimos ler por feitos, nem outros livros vaõs, mas por alguns treslados de vidas de Santos, donde se pode tomar doutrina pera a vida, & por huma declaraçam dos Artigos da Fé, que o Padre Mestre Francisco ordenou, & fes mui propria pera a gente desta terra.*

7 *Disto se espantam os infieis Mouros, & gentios, & recebem edificaçam, vendo, que de tam longe vem os homens, nam por dinheiro, nem por pedras preciosas, mas puramente por amor de seu Senhor JESUS a ensinar com tanto trabalho a todos os que querem receber doutrina. Eu comecei a prègar aos Domingos, & festas pella menham aos Portuguezes, & de tarde a seus filhos, escravos, & Christaõs da terra, & aos filhos, filhas, escravos, & escravas dos Portuguezes, & a estes mesmos todos os dias na Misericordia ensino a doutrina Christaã por espaço de hora, & meya, & às vezes duas.*

8 *A doutrina, que lhes ensino, & modo, que nella tenho, he o que o Padre Mestre Francisco instituio. Nas quintas feiras digo Missa em huma Igreja de nossa Senhora do Monte, & depois por meya hora faço huma pratica; isto especialmente às mulheres dos Portuguezes, as quais sam mulheres da terra. Os filhos dos Portuguezes, & muitas filhas, & escravos sabem já toda a doutrina, & tem por costume dizela cantando em suas cazas. Indo depois de Ave Marias pella Cidade, folgavam de ouvir em huma,*

huma, & outra caza cantar a doutrina, & a declaraçaõ dos Artigos da Fè, oqual costume deixou o nosso Padre Mestre Francisco, & andam nisto taõ fervorosos, que por donde vaõ, sempre vam cantando, & louvando a Deos nosso Senhor com estas oraçoẽs; oque fas muita devaçam, por ser entre gente, que nam conhece a Deos.

9 *Roguem a Deos, que nos dê graça, & esforço, peraque nam afroixemos. Porque esta caza da Misericordia he pobre, me mandou o Padre Mestre Francisco, que a servisse, dizendo nella Missa todas as quartas feiras; & tambem que tivesse cargo de confessar, & administrar o Santissimo Sacramento no hospital a os doentes dizendolhes todas as semanas huma Missa. Assim o faço com o favor divino. Com estas cousas, que tenho ditto, & outras occupaçoẽs, que nam escrevo, que do instituto da Cõpanhia sam manifestas; sou tam occupado, que às vezes nam me sei dar a conselho. Com tudo recebe minha alma tanta consolaçam, que bem parece, que quer o Senhor ajudar minha fraqueza com recrear meu espirito. Elle seja bemditto pera sempre.*

10 *Muitas pessoas se confessam, & tomam o Santissimo Sacramento todos os Domidgos, & muitos mais o fariam, se eu tivesse quem me ajudasse; mas porque eu somente sou Sacerdote, nam posso satisfazer a suas devaçoẽs. E peraque melhor suppra, lhes reparti os dias. Aos Domingos, & festas digolhes Missa aonde hei de prègar; logo lhes dou o Santissimo; depois se segue a prègaçam. Eram aqui mui necessarios mais Sacerdotes, porque esta terra he grande escala pera diversas partes, & assim a ella concorre muita gente, aqual Deos sabe quanto ha mister lhes encaminhem suas intençoẽs, & ajudem suas almas.*

11 *Ha nestas partes Judeos; hũs sam brancos, que vieram de Turquia, & vem pello estreito de Meca; os outros sam Malavares gente negra desta terra. De modo, que tambem o diabo tras por câ seus capitaẽs, & conquistadores. Estes convertem alguns gentios, & os fazem da ley velha. Tambem daquella parte passam câ alguns Mouros Arabigos, & da Persia, & ainda de Turquia a prègar a malditta ley de Masoma, & por isso nam temem fome, nem sede, nem mares, nem inimigos, nem outros quaisquer perigos, os quais tem feito, & fazem muitos danos nas manadas do gentilismo. Saõ mui prejudiciais, & grandes nossos inimigos.*

12 *Porque dizem aos gentios, que somos gente sem ley, & ladroens. Pois que fazemos? Porque dormimos, & somos maos servos? Porque encobrimos os talentos, que nosso pay, & gram Senhor nos deu, peraque buscassemos as ovelhas perdidas? Se os Apostolos naõ sahiram de Judea, naõ se convertera a Grecia, Italia, & Hespanha. Destes Judeos, que vem pello estreito de Meca, ham estado alguns aqui nesta Cidade. Depois que eu vim, hum, que aqui estava, & se dis ser natural de Roma, sempre ouvia meus sermoẽs, & algumas vezes vinha elle, & outro, que depois veyo a esta Cidade, & à nossa caza perguntar cousas da Biblia. Huma cousa se lhes nam podia encaixar, & he, como Deos avia de querer ser homem, ser açoutado, & crucificado.*

13 *Eu com minha pouquidade davalhe algumas rezoẽs, & assim passamos algum espaço de tempo, avendome eu com elle com toda a mansidam, & cortesia, que podia. Finalmente nosso Senhor o quis allumiar. Hum dia pella menhaã, que foi quarta feira sette de Novembro de 1548, estando eu na Igreja da Misericordia, entrou, & tomou agoa benta. Chamaraõme certas pessoas: como me vio, veyose a mim com os braços abertos,*

dizen-

dizendo, que queria ser Christaõ, que jâ gloria a Deos conhecia a verdade, & o erro, emque andava. Em quatro, ou sinco dias soube o Credo com huma protestaçaõ, que câ ensinamos, o Padre nosso, & Ave Maria, de que he mui devoto, a Salve Rainha, Confissam geral, & Mandamentos.

14 *Com elle se converteram seis, ou sette pessoas de sua caza, & assim os bautizamos, achandose a seu bautismo o Capitam Dom Pedro da Sylva com outros fidalgos, & muitos cavalheiros, & todos os principais da Cidade. Agora se parte pera Cóchim a bautizar hum filho pequenino, que là tem. Espero na divina bondade, que elle seja occasiaõ, peraque muitos se convertam. Fica aqui hum, que assim mesmo continua minhas prègaçoẽs: nosso Senhor, que allumiou o cego, que nunca vio, allumie seu entendimento.*

15 *Algumas pessoas desde que aqui estamos me ham pedido muito, que os receba, pera servir a Deos na Companhia; eu por nam ter licença, ainda que elles tem pera isso partes, os nam recebo: toda via ham mudado vida com esperança, que o Padre Mestre Francisco os receberâ, & assim andam em habitos humildes, servindo no hospital aos pobres, exercitandose em outras obras de misericordia com muita edificaçam. Roguẽ por mim ao Senhor, peraque me faça verdadeiro obediente, & humilde em seu serviço. O consolador, que dà alegria aos Anjos, & a todos os Santos, queira consolar a todos nossos Padres, & Irmaõs, & assim àquelles, que nos quiseram consolar com suas cartas este anno.* Athe aqui a carta deste bemditto Padre escritta em Dezembro do mesmo anno de 1548, em que chegara a Malaca.

CAPITULO XXXIII.

Continua em Malaca: ajuda aos Portuguezes em hum cerco, que teve a Cidade. He mandado ser Reytor do Collegio de Còchim: algumas cousas, que obrou na Costa da Pescaria.

1 INdo o Padre Francisco Peres continuando em seus gloriosos empregos, dis assim em outra carta: *Como esta Cidade tem necessidade de quem lhe reparta o pam, assim em confissoẽs, como em exhortaçoẽs, & outras cousas semelhantes, porque eu sou sô pera estas cousas, tenho muito trabalho, & se fas muito frutto, o nome de Deos seja louvado, em doutrinar os mininos, em exhortar os grandes, em confessar, & administrar o Santissimo Sacramento, em ter algumas praticas com os gentios, Judeos, & Mouros, dos quais vem muitos em conhecimento de nossa Santa Fè. Entre os quais veyo hum, que era sacerdote dos idolos, aque cà chamam Jogues, homem de cento, & sette annos, segundo elle disse, & assim parece ser. Este se fes Christam de boa vontade com dous filhos, & mulher com muita festa, que lhe fizeram o Vigario, & o Capitam Dom Pedro da Sylva, por ser homem entre elles principal; o qual viveo depois seis mezes, & morreo crendo na Fé de nosso Senhor JESV Christo, ainda que foi trabalhoso de se converter, porque todo hum anno andei com elle em pratica.*

2 O que mais magoava a este Padre, era ver as muitas almas, que se perdiam por nam poder elle abranger a todos, & assim tem na mesma carta estas palavras: *Por certo, que ha muita necessidade no tempo, em que estamos, mais de Apostolos, que de hermitaẽs;*

mitaens; mais de homens, que dezejam andar peregrinando pello mundo, prègando a palavra de Deos, ensinando, & padecendo muitos trabalhos por seu santo nome, levandoo diante dos Reys, & Principes, que de anacoretas, que estejaõ quedos no ermo, ainda que nam condeno aos Santos contemplativos, & quietos, que nam sam pera mais.

3 Andando o Padre em seus Apostolicos empregos, veyo à Cidade hum trabalho, que o foi tambem mui grande do Padre Peres: cento, & tres dias a tiveram cercada os inimigos, vindo sobre ella a sinco de Junho de 1551, & deixandoa a dezaseis de Settembro do mesmo anno. Este castigo attribuio o Padre aos muitos peccados dos Christaõs, que na Cidade estavam, porque os Domingos, & dias Santos se lhes hiam em banquetes, & em seus contratos sem respeito a tais dias.

4 Deraõ à Cidade varios assaltos, nos quais o Padre se achava com hum Crucifixo animando aos Christaõs; os quais procurava ter bem preparados pera a morte. Ouve neste cerco muitas cousas de valor, que naõ sam do meu intento; porem nam poderei deixar de dizer alguma cousa de Gil Fernandes de Carvalho, o qual sabendo o aperto da Cidade, como Portuguez mui honrado, & valente, se veyo com ventos contrarios meter na Cidade com cem arcabuzeiros, & logo tratou de dar nos inimigos. Delle dis assim o Padre: *Determinou o Capitam Dom Pedro da Sylva, que Gil Fernandes de Carvalho sahisse com sessenta homens; & assim sahio hum sabbado pella menhaã, avendose confessado, & tomado o Santissimo Sacramento, vestido no habito de Christo, de quem elle era Commendador, porque assim costumava muitas vezes a se confessar, & commungar, dizendo, que nam achava outras armas mais fortes, nem que mais o animassem pera pelejar com os inimigos da Cruz de Christo.*

5 *Assim que armado em huma coura de laminas, & huma selada na cabeça, que lhe cobria o pescoço, & a barba, em pernas, com huns çapatos baixos nos pés, & hum montante na mam, depois de aver tomado a bençam do Sacerdote, sahiraõ pella porta tomando o caminho pera a tranqueira dos inimigos com muita determinaçam, os quais se começaram a defender com espingardas, & paos tostados, & lanças, das quais elles se sabem bem aproveitar, mas os nossos com o nome de JESUS, & da Senhora combatiam a trincheira com espingardas, & bombas de fogo sem descansar.*

6 *O que levava a bandeira, que era hum soldado de Gil Fernandes, a quis pôr dentro, como poz, entrando por huma porta estreita, que tinha outra contraporta, que aguardava, onde estavam muitos barbaros com lanças defendendo a porta. Junto com a sua bandeira entrou Gil Fernandes, pera a defender: como entrasse, deram huma lançada pella barriga ao que a levava, de que cahio morto.*

7 *Gil Fernandes vendo, que a bandeira estava no cham, & que dahi podia vir algum desmayo à gente, se abaixou pera a levantar, como levantou; & ao abaixar, hum velho Jao, que diziam ser o Capitaõ, parẽte do Capitam Geral, lhe deu huma lançada pellos peitos, que lhe rompeo a coura de laminas, & lhe passou pella carne huma grande ferida, que lhe sahia ao sovaco direito; mas Gil Fernandes dando a bandeira a outro, naõ perdendo o animo, mas accrescentandose mais a ira, deu hum golpe ao mesmo, que o ferio, que o partio d'alto abaixo, & logo a outro, & a outro, que cahiram logo mortos com cotiladas mui feras, de que se espantaram*

ram os Jaos, & sahiram fugindo, & Gil Fernandes ferindo nelles, athe que os meteram por huma terra alagadiça esses poucos, que escaparam.

8 *Entaõ fizeram os nossos a Gil Fernandes tornar, dizendolhe, que estava ferido, & que se lhe hia muito sangue; ainda que elle dizia, que naõ, & que naõ era nada, pera animar a gente; & assim se recolheram os nossos com vitoria, que nosso Senhor JESV Christo lhe deu aquelle dia por rogos da Virgem Senhora, tomãdolhes toda a artelharia, & muniçaõ de guerra, que tinham na tranqueira. Morreo aquelle soldado, se morte se pode dizer: como bom Christaõ, antes que sahisse se reconciliou, & poucos dias avia, que tomara o Santissimo Sacramento. A outro feriraõ em hum pè no artelho, que morreo dahi a poucos dias de pasmo, como bõ Christaõ. A Gil Fernandes deulhe Deos saude, a qual todos pediam ao Senhor, por ser elle bemquisto, affavel, franco, esmoler, & casto, com ser mancebo de athe vinte seis, ou vinte, & sette annos.* Athe aqui as palavras do Padre Peres.

9 Deste successo por diante foram descahindo os inimigos, athe que descorçoados levantaram o cerco, no qual defenderam muito a cidade as oraçoẽs deste virtuozo Padre. Notou elle muito as grandes merces, que o Senhor fez aos cercados em dias de sesta feira: elle as attribuia a sua sacrosanta Payxaõ, da qual era devotissimo, como dissemos; & athe depois de idos os inimigos, como a cidade estivesse em summa falta de mantimentos, em especial pera os enfermos, em huma sesta feira apparaceram algumas naos carregadas de mãtimentos, com que a cidade respirou.

10 Foi o Padre Peres continuando em Malaca, & no anno seguinte de 1552, estando Saõ Francisco Xavier na Ilha de Sancham, em Outubro lhe escreveo huma carta, na qual em virtude de santa obediencia lhe mandou, que navegasse a Còchim, a tomar o governo daquelle Collegio; & dis o Santo Padre, que o manda em virtude de santa obediencia, nam porque duvide da sua promptidam em obedecer, mas pera com o preceito lhe accrescentar o merecimento.

11 Tendo opportunidade, navegou a Cóchim, onde se ouve com o mesmo fervor no serviço de Deos, que em Malaca. Huma das cousas, que sua virtude, & prudencia effeituou, foi compor entre si os Christaõs da Costa da Pescaria. Nesta Pescaria do aljofar se levantaram entre os Christaõs grandes arroidos, & bandos, em que ouve alguns mortos, outros feridos, & espancados; por esta causa se naõ fazia nelles frutto.

12 Buscaraõ se muitos remedios; todos foram de nenhum proveito: mandouse lâ hum Ouvidor Del-Rey; com isto se assanharam mais. Vendo o Santo Padre Henrique Henriques pay daquella Christandade, que tudo hia de mal em peyor, escreveo ao Sãto Padre Dom Gõçalo nosso Provincial, q̃ estava em Cóchim, fosse Sua Reverencia compor aquellas discordias. Neste tempo o Padre Dom Gõçalo estava mui occupado com outras cousas, que naõ podia por entaõ largar. Mandou em seu nome ao Padre Francisco Peres, o qual fez o caminho por terra, que sam como settenta legoas.

13 Chegando a Punicale, achou ao Padre Henrique Henriques doente, & desgostoso por causa destes bandos, que elle podendo tanto com os Indios, nam pudera compor. Tudo estava a ponto de grande rompimento, & o naõ tinham feito, por nam terem eleito cabeça, no que muito andavam. Pareceo ao Padre Henriques, fosse lâ o Padre Peres: escreveolhe algumas regras; responderam

os do maior bando, que fosse; & pera ir lhe mandaram hum cavallo, o qual elle naõ quis acceitar, porque os do outro bando nam imaginassem, que era da sua parte. Indo o Padre, o sahiram a receber. Assentouse cõ elles debaixo de huma arvore, & com boas rezoẽs os moveo, a que deixado o motim, se recolhessem a suas cazas; & elles lhe obedeceram: o que se teve por especial favor de Deos, & cousa mui grande, por estarem estas payxoẽs mui entradas, & athe ali se embraveciam mais com os remedios. Avendo estado naquellas terras cousa de dous mezes, se voltou a Còchim.

14 Dahi a algum tempo tornou a Punicale, & se acabaram os Indios de concordar com escrittura publica. Ouve por este tempo cruel fome; naõ avia chuva: com que as searas pereciam. Os Sacerdotes dos idolos a promettiam; mas sempre suas profecias sahiram mentirozas. Finalmente deram em espalhar, que os deozes estavam irados, & negavam chuva, porque os Christaõs lhe naõ davam aljofar, como quando eram gentios. Naõ soffreram tal cousa os dous Padres Francisco Peres, & Henrique Henriques; ordenaram huma procissam, & logo choveo copiosamente, de que os Christaõs se alegraram por extremo, & confirmaram na Fè: encheram seus tanques, & lagos, com que regaraõ os campos. Os Sacerdotes dos idolos ficaram mui confusos, vendo suas profecias ser tidas, & avidas por mentirosas.

CAPITULO XXXIV.

Vai em companhia do Embayxador Portuguez ao Imperio da China; & do mais, que passou nesta embayxada.

1 PEllo anno de 1563 se ouve de mandar Embayxador a El-Rey da China, por dezejar muito El-Rey Dom Sebastiaõ ter com elle amizade, & commercio. Foi destinado por Embayxador Gil de Goes; em sua companhia foi mandado o Padre Francisco Peres, & dous mais da Cõpanhia, pera tomar o vao, em ordem a se poder introduzir a Fè naquelle populosissimo Imperio. Foram em a nao de Diogo Pereyra, aquelle grande amigo de Saõ Francisco Xavier. Chegaram a Malaca, & depois a Macao, que he em huma Ilha da China, distante quinze legoas da famosa cidade de Cantaõ. Nella viviam muitas familias de mercadores Portuguezes, & andando annos vieram a fazer a mui nobre cidade de Macao, que he hoje das melhores cousas, que os Portuguezes tem no Oriente.

2 Chegando o Padre a esta terra, em quanto as cousas da embayxada corriam seu curso, se occupou no bem espiritual dos Christaõs. Diogo Pereyra tinha o governo da Colonia; elle, & o Embayxador fizeram saber ao Magistrado de Cantaõ a embayxada, que El-Rey de Portugal mandava ao seu Emperador, pedindo licença, pera irem a Cantam. Outras vezes se tinha tentado semelhante embayxada, mas a imprudencia de alguns homens, nam só nada fez, mas foi causa de ser o Embayxador avido por espia, & como tal o trataram. E ficou entre os Chinas tam mao nome dos Portuguezes, que diziam, que nam só tomavam gente pera escravos, mas que a comiam. Alem disso vendo suas naos possantes, cheyas de grossa artelharia, & sabendo, como tinham sogeitado a India, & Malaca, segundo sam muito medrosos, temiam nam lhes acontecesse o mesmo.

3 Por tanto os Mandarîns quizeram examinar mui bem a tal embayxada, antes que a admittissem, suspeitando tambem naõ fosse isto alguma traça dos mercadores Portuguezes, que por esta invençam se

quizessem livrar dos direitos, que pagavam aos Chinas. Portanto mandaram a Macao hum dos principais Mandarins, o qual mui de vagar apalpasse esta embayxada. Vendo elle os costumes dos Portuguezes, a assistẽcia nas Igrejas, a reverencia, que tinham aos Sacerdotes, disse, nam ser possivel, que gente, que assim se avia com Deos, deixasse de ser verdadeira, & justa.

4 Em a Igreja se lhe mostraram os prezentes, que se aviam de levar ao seu Emperador: tudo vio, & poz em rol. Ficou entendendo, visto quam ricos eram, nam ser aquillo traça dos mercadores pera se livrar dos direitos; pois a riqueza do prezente era tanta, que quasi igualava os cabedais dos mercadores, que ali entam avia. Fez tambem muito ao cazo serem prezos alguns ladroens Chinas, os quais fingindose Portuguezes furtavam gente, & a vendiam aos estrangeiros, vendose nam serem os Portuguezes, os que commettiaõ esta maldade.

5 A vista destas cousas, & o bom tratamẽto, que Diogo Pereyra fes ao Mandarim, foi causa de que se voltasse mui affeiçoado a nossas cousas. Cõ elle foi hum Manoel Penedo, pera dar calor ao negocio. Sendo admittido ao conselho dos Mandarins, lhe perguntaram, se trazia o testimunho publico, que deram a outro Embayxador? Como respondesse, que nam, porque sendo queimada Malaca, se abrazara, deram a embayxada por fingida.

6 Neste meyo tempo chegoude Sunda a Macao Luis de Mello, & de Malaca Joaõ Pereyra, ambos mercadores ricos, ambos traziaõ licença Del-Rey, pera navegar a Jappam, & ambos provisãm, pera que no tempo, que em Macao esperassem monçam, tivessem o mando sobre os de Macao. Em quanto cada hum procura pera si o governo, esteve tudo a ponto de aver alguma ensagoentada discordia. Metendose nisto o Padre Francisco Peres, & o Vigario de Macao, se compos este negocio, dandose o governo a Joaõ Pereyra, & logo sem nisso por duvida, lho entregou Diogo Pereyra, como homem, que sempre tratou mais do bem cõmum, que do particular. Logo se escreveo ao Viso-Rey da India, mandasse mais algumas cousas, em especial dous elephantes, pera poder inclinar os Chinas a admittirem a embayxada.

7 Naõ vindo da India cousa de novo, se tinha o negocio da embayxada por totalmente perdido, quando Deos abrio hum caminho nam esperado, do qual a vigilancia de Diogo Pereyra se soube aproveitar. Pouco antes tiveram os Chinas guerra cõ os Jappoẽs, que com seus navios de Cossarios faziam muitas prezas nos mares de Cantam. Acabada a guerra, como os magistrados nam pagassem estipendio a dous mil soldados, que a fizeram, saltaram em terra nos suburbios de Cantam, & os saquearam à vista dos Mandarins, que nam tendo gente prestes, o nam puderam remediar.

8 Depois disto tomando, & fortificando hum porto distante huma jornada de Cantam, armaram nove juncos (assim chamam os Chinas a certa casta de embarcaçoẽs,) & se fizeram piratas. Puzeram em grandissimos apertos a Cantam, porque hum só navio se naõ atrevia a ir ali. Tambem destruiam os lugares maritimos, & a gente era obrigada a se meter pella terra dentro. Em fim o famoso emporio de Cantam estava quasi ermo, sem aver nos Mandarins valor, que pudesse enfrear os piratas.

9 Entendendo Diogo Pereyra, que facilmente podiam os piratas ser destruidos, se nisto metessem a maõ os Portuguezes, mandou a Cantam hum seu criado, o qual da sua parte pro-

prometteſſe ajuda dos Portuguezes contra os piratas ao General das armas de Cantam. Reſpondeo elle, que eſtimava muito a offerta, & que a acceitava. Tornando o criado a Macao, intempeſtivamente rompeo eſte ſegredo; ſabendoo o Capitam Joam Pereyra, tomou muito a mal, q̃ Diogo Pereyra ſó por ſeu cõſelho fizeſſe offerta das forças commuas. Com tudo ninguem ſe perſuadia, que a ſoberba dos Chinas ſe abateria a confeſſar ſua fraqueza, pedindo ſoccorro a eſtrangeiros.

10 O effeito moſtrou o contrario; porque pouco depois entrou em Macao hum Mandarim principal, pedindo o ſoccorro em nome do General das armas. Todos os Portuguezes foram de voto, que ſe lhe nam avia de faltar, aſſim porque tambem os piratas lhes eram daninhos, como porque os Chinas tinham os Portuguezes em ſuas terras; & que eſte ſerviço era de grande momento pera effeituar muitas outras pertençoẽs, como eram a da embayxada, & a de entrar a Fè Catholica, que eſte foi ſempre hum dos primeiros alvos, a que no Oriente ſe encaminharam as importancias dos Portuguezes.

11 Logo ſe armaram trezentos Portuguezes, homens todos valentes, & denodados; paſſaram ſua artelharia pera os juncos dos Chinas, pera aſſim enganarem melhor os piratas. Dividiraõſe em duas eſquadras; de hũa era Capitam Luis de Mello, & da outra Diogo Pereyra: toda a empreza era feita à cuſta deſtes dous hõrados homens. Pareceo ao General de Cantaõ, que huma eſquadra ſe puzeſſe na entrada do eſtreito, porque nam pudeſſem fugir os piratas; & que a outra os inveſtiſſe. Cuidava o General de Cantaõ, que a guerra teria muitas difficuldades, & que duraria tempo, porque media os Portuguezes pellos ſeus Chinas.

12 Vendo os piratas ao longo embarcaçoẽs Chinas, imaginaram naõ vir outra gente nellas, & ſe prepararam mais pera a preza, que pera a peleja. Ficou na bocca do eſtreito Diogo Pereyra; Luis de Mello os foi buſcar: chegandoſe de perto, & jugando da artelharia, conheceram os piratas ſeu engano, & que a couſa era com Portuguezes. Entroulhes tal medo, que das embarcaçoẽs ſe lançavam a nadar, & cada hum ſó tratava de fugir; tal foi o medo, que lhes entrou. Em eſpaço de meya hora ſem perda alguma dos noſſos quaſi todos foram cativos.

13 Sabendo o General de Cantaõ vitoria taõ facilmente conſeguida, diſſe, que certamente era ditoſo o Rey, que tinha tais vaſſalos, & q̃ era digno de ſer Senhor de todo o mundo. Eſta boa fortuna eſteve a perigo de ſe perder, porque pedindo o General de Cantam os juncos cativos, alguns noſſos tiveram niſſo difficuldade: acodio Luis de Mello, & Diogo Pereyra, dizendo, que nam eſtranhaſſe, porquanto os Portuguezes tinham tal obediencia a ſeus Capitaẽs, que ſem vontade delles ſe naõ atreviam a fazer couſa alguma. Eſtimando o General a diſculpa, diſſe: *Pois eu por iſſo os pedi, porque entẽdia, que vos me avieis logo de rogar, que os acceitaſſe.* Com a meſma agudeza, que a tem grande os Chinas, accreſcentou, que mandara dividir em duas eſquadras os Portuguezes, alem de aſſim o pedir a guerra, pera experimentar, ſe eram flexiveis, & homens ſem dobrez, de quem os Chinas ſe pudeſſem fiar.

14 Ficou o General notavelmẽte affeiçoado a Diogo Pereyra, o qual naõ perdendo ponto, nem occaſiaõ de promover tudo, o que convinha à gloria de Deos; lhe pedio, patrocinaſſe o negocio da embayxada. Prometteo de aſſim o fazer, & deu licença foſſem Portuguezes a Cantam ſobre eſte negocio. Com elles foi o Pa-

dre Peres. Depois dos Portuguezes proporem diante do Magiſtrado o q̃ levavam encommendado àcerca de ſeus contratos, tomou a mam o Padre Franciſco Peres.

15 Vendo os Mandarins ſua authoridade, moſtrandolhe benevolẽcia o mandaram ir pera junto de ſi, & que diſseſſe o que tinha. Logo tirou hum memorial, que apprezentou, no qual dizia: *Eu ſou Meſtre letrado; ando pello mundo enſinando a Ley de Deos; & porque ſoube ſer mui grande, & mui florente o Reyno dos Chinas, & que nelle há muitos Meſtres, & ſabios, peço, me dem licença pera fallar com elles, & lhes communicar o que enſino: que ſe me conceda por algum tempo morar em terra em alguma caza, aſſim pera iſto, como porque minha idade, & achaques nam ſaõ pera eſtar em a nao: tambem pera offerecer a Deos Omnipotente ſacrificios pello Rey, Reyno, & Mandarins da China, o que naõ temos por coſtume fazer no mar.*

16 Lendo elles o memorial, lhe perguntaram, de que ley era Meſtre, & que couſas enſinava? Reſpondeo pello interprete: *Que elle era Meſtre da Ley Celeſtial, & Divina, que enſinava como os homens por toda a eternidade podiam ſer bemaventurados.* Replicaram elles, que lhes parecía bem o Magiſterio; mas que diſſeſſe, de que modo enſinava a conſeguir aquelle bem? Reſpondeo: *Enſinando a adorar hum ſó Deos, Creador do Ceo, & terra, & de todas as couſas, & guardar ſua Ley.* Logo lhes foi repetindo os Mandamentos da Ley de Deos.

17 Ouvidos elles, começaram os Mandarins como admirados da grandeza, & ſantidade das couſas, que nelles ſe continham, a olhar huns pera os outros: mandaram trazer huma cabaya de damaſco, & que a veſtiſſe em ſinal da eſtimaçam, que elles faziam do ſeu Magiſterio. Porem naõ teve deſpacho o que pedia, reſpondendo, naõ ſer coſtume dos Chinas, que os eſtrangeiros moraſſem em ſeu Reyno. Finalmente toda a embayxada ſe rejeitou. O Emperador com huma carta de cumprimentos reſpõdeo a El-Rey de Portugal, dando as cauſas, porque nam admittira eſta embayxada, que todas paravam em temores dos Chinas, por algumas deſordens, que nos annos paſſados tinham achado nos Portuguezes; & eſtes deſmanchos de alguns particulares foram os que por entam fizeraõ mal ao bem commum. Neſtas andãças ſe deteve o Padre Peres na China athe o anno de 1565.

CAPITULO XXXV.

Volta da China, & trabalha na Coſta da Peſcaria. Sua ſanta morte, & raiz prodigioſa, com q̃ ſeus oſſos ſe acharam unidos.

1 Voltando o Padre Franciſco Peres da jornada da China, foi paſſando ſua vida na converſam das almas em diverſos poſtos, em eſpecial nas Chriſtandades do Malabar, Coſta da Peſcaria, & Santo Thome, & obrou nellas, & padeceo muito. Sahindo huma ves de huma aldea pera Santo Thome, cahio nas maõs de huns ladroẽs gentios, os quais lhe roubaram ſeus pobres veſtidos; deraõlhe de paos, & o deixaram meyo morto. Idos elles, aſſim por cauſa do pejo de ſe ver ſem veſtido algum ſobre ſi, como por evitar algum novo perigo, ſe arraſtou pera huma mata, & nella eſteve athe o ſeguinte dia, em que foi achado por hum mancebo Chriſtaõ, o qual o cubrio com parte do ſeu veſtido, & o recolheo à cidade de Santo Thomè.

2 Era o Padre Franciſco Peres por ſua muita virtude nam ſó reſpeitado

tado dos Christaõs, mas venerado dos gentios. Como El-Rey de Bisnaga com hum formidavel exercito viesse sobre hum Rey Malabar, que se naõ achava mais que com mil homens de peleja, vendose elle perdido, ainda que gentio, mandou rogar ao Padre Peres, que estava em Coulam, que pois era tam amigo de Deos, o encommendasse a elle, pera que o favorecesse nos apertos, em que estava. Assim o fez o Padre, & lhe mandou huma bandeira, na qual estava escritto o santo nome de JESUS, dizendo, que levasse aquella bandeira diante da sua gente, & que todos na peleja invocassem aquelle santo nome, & esperassem vencer.

3 Recebeo a bandeira, & com ella hum animo maior que muitos exercitos. Ainda que os mais tinham por cousa temeraria apparecer diante dos inimigos com taõ limitado poder, elle fiado na palavra do Padre sahio com os seus mil homens, & aprezentou batalha a seis mil, indo diante a bandeira. Foi tal o impeto dos seus, que o inimigo o nam pode soffrer, & se poz em fugida. Ficou a bãdeira mui estimada entre os barbaros, mais por memoria do successo, que por outro fim; pois nam bastou huma tal maravilha, pera lhes abrir os olhos, & sahirem do seu gentilismo.

4 Tendo este Padre feito a Deos muitos serviços, lhos apremiou o Senhor, levandoo pera si. O que passou em sua morte, tem o Padre Frey Luis da Cõcey çaõ da Ordem do glorioso Padre Saõ Francisco, que lhe assistio: sua carta he a seguinte: *Ontem vespera de Cinza passou desta vida pera a gloria a bemditta alma do Padre Francisco Peres, a cujo corpo este povo tem tanta devaçaõ, & reverencia, como às mais insignes reliquias de Santos de Roma. E tem ja pera si, lembrarse Deos delle, & nam o aver de castigar, como athe aquises, pois se ouve por servido de lhe dar este santo penhor.*

5 *Estando o santo velho no seu palanquim de caminho pera Madurè, & pera a Costa, indo nos o Padre Frey Francisco do Oriente, & Ascenso de Barros, & eu acompanhandoo athe o Papagayo, pera ahi avermos de estar alguns dias, athe passarem as primeiras trevoadas de chuva; succedeo penetraremno os frios de maneira, que enfermou, & tornãdo esteve em cama tres mezes. Com sua tornada, posto que vinha enfermo, se alegrou tanto este povo, quanto tivera de pezar, por o Padre naõ querer senaõ irse. Mandouse sepultar na caza da santa Misericordia, & pedio com muita instancia ao Provedor o mandasse enterrar com os pobres; mas elle com todos os nobres da terra o sepultaram no meyo da capella mòr com tanta devaçaõ, & pompa, qual a terra deu desi.*

6 *E crea Vossa Reverencia, que muitos gentios acompanhandoo choravam tanto, & mais, que muitos Christaõs seus mui grandes devotos, affirmandome, que se algum dos seus nobres passasse desta vida como o Padre Francisco Peres, ou se o mesmo Padre entre elles morrera, que logo pello povo lhe ouvera de ser feita caza de oraçam, & o ouveram de ter por seu Pagode, porque assim o merecia a vida, & exemplo, que tem deixado. Eu lhe affirmo, que nunca cuidei aver tanta fè, & devaçam em homens, posto que o Padre tudo merecia. Porque tanto que o povo ouvio dobrar o sino deste mosteiro, sobreveyo com tanta pressa a tomar reliquias delle, que nam avia defendelo.*

7 *Heytor da Cella, Ruy da Cella, & Damiam Paes contentaraõse com a camiza, em que elle morreo, senam que Ruy da Cella lhe levou hũ lançol. Foi o santo velho à cova sem cabello nenhum na cabeça, nem na barba; com tizouras lhe cortaram as unhas.*

unhas. Seguro, que se assentaram naquella hora sobre o Padre de trinta tizouras pera sima. Antonio Caldeira lhe tomou o Rosario; logo lhe davam por elle hum retabolo de muito preço, & cem pardaos. Em fim, que fica esta terra taõ edificada deste Santo Padre, & tam contente de o terem sepultado aqui, quanto eu naõ sei, nem posso encarecer; & quanto eu tenho de pezar de me fallecer entre mãos, & nam ter posse, pera em que pez ao povo o sepultar neste mosteiro; porque pedindoo eu com muita instancia, o povo se levantou contra mim; & dizendo eu, que o ouveramos de dar aos seus Padres, se nolo pediram, dißeram, que nem ao Papa o dariam, senam forçados.

8 *O Vigario da terra estando encommendandoo, trocou o seu barrete novo com o velho do Santo Padre. Fato seu, nem livros vi, mais que huns como contrapeçonhas atados em huns paninhos, os quais nam estimo eu em pouco. Os moços, que o serviram, tenho eu em caza; iram sedo: fezlhe o Padre pouco, porque nam pode; elles o serviram mui bem.* Athe aqui a carta deste Religiosissimo Padre. Falleceo o bemditto Padre Frãcisco Peres em Nagapatam aos vinte, & tres de Fevereiro de 1583.

9 Observaram os naturais da terra, que depois que nella tinham este santo deposito, eram livres de muitas calamidades, porque antes cada dia eram opprimidos de soldados gentios, mas depois nam ouve quem os inquietasse. Dahi a cousa de vinte annos, tendo ahi os da Companhia Residencia, feita sua Igreja, quizeraõ passar a ella os ossos do Padre Peres. Ao principio ouve repugnancia no povo, imaginando, que o levariamos fora do seu lugar, mas certificados do contrario se aquietaram.

10 Quando abriram a sepultura, se vio huma cousa maravilhoza, porque acharam, que da cabeça lhe nascia huma raiz da grossura de hum fio de brabante, a qual enlaçandoselhe por dentro de todos os ossos, athe acabar nos dedos dos pès, os conservava unidos, & enleados, como se estivera vivo. Admiraraõse todos, & o povo se começou a alterar, dizendo, se naõ avia de tirar dali o corpo, pois essa parecia ser a vontade de Deos, que ali o tinha prezo com aquella tam milagrosa raiz. Porem os Padres os tornaram a assegurar, que nam sahiria o corpo daquelle lugar. Entam o meteram em hum caixam de madeira incorruptivel, & o passaram à nossa Igreja.

11 Com ser esta vida mui breve em comparaçam deste grande servo de Deos, he a maior, que delle athe o prezente sahio a luz. E pera se saber, que homem fosse, basta o que temo Manilogio da Companhia, & he: *Que a juizo de Saõ Francisco Xavier era o Padre Francisco Peres hum dos maiores Santos, que em seu tempo tinha a Igreja Militante.* Isto dizia o Santo, sendo assim, que só o conheceo por espaço de seis annos, que sam os que vam do anno, em que o Padre Peres foi pera a India, athe o anno de 1552, em que o Santo morreo, & depois da morte do Santo viveo o Padre Peres trabalhando sempre com o mesmo fervor athe o anno de 1583.

12 Delle escrevem todas as sinco partes da Historia Geral da Companhia. O Padre Eusebio no tomo dos Varoẽs Illustres, que intitula: *Firmamento Religiozo de luzidos astros.* O Agiologio Lusitano, Nadasi, o Padre Mestre Balthezar Telles na primeira parte da Historia desta Provincia, & outros.

CAPITULO XXXVI.

Vida do Veneravel Padre Joam Cardim.

Braga 18 de Fevereiro de 1615.

Sua patria, pays, nascimento, & criaçam athe os quinze annos de sua idade.

1 FOi em tudo pasmosa a vida, & virtudes do Santo Padre Joam Cardim, tam cheya de exemplos, que he dar graças ao Senhor o muito, que nelle obrou sua divina mam, pera com este seu servo nos honrar, & affervorar. A sua patria segundo a natureza foi a Villa da Torre do Moncorvo no Arcebispado de Braga, & provincia de Tralosmontes: segundo as leys civîs era natural de Viana no Alentejo; porque os filhos dos ministros, em quanto seus pays nam tem domicilio fixo, & estavel em alguma parte, se reputam ser naturais da terra do pay.

2 Toda a caza, donde nasceo, era familia de Sãtos; os pays Sãtos, Sãtos os tios, Santos os filhos. Seu pay foi o Doutor Jorge Cardim Froes de familia mui antiga, & nobre em Viana: este teve tres Irmaõs da nossa Companhia, o Padre Fernam Cardim, que falleceo no Brasil, onde foi Provincial. O Padre Lourenço Cardim, que indo pera o Brasil, sendo a nao entrada dos Hereges, andando com hum Crucifixo animando aos que peleiavam, foi morto. O Padre Diogo Froes, que morreo em Lisboa servindo os empestados. Bem verdade he, que deste Padre Diogo Froes tem a margem do antigo livro das entradas dos Noviços de Coimbra, que fora despedido sendo Padre Theologo; & sua morte em taõ santo ministerio, como a tem o Padre Abreu na vida do Padre Joam Cardim, seria sendo secular, nem acho seu nome entre os nossos, que no tal ministerio falleceram. O que me pareceo advertir, porque delle nam faço mençam, quando escrevo dos nossos, que morreram servindo em contagios. Teve Jorge Cardim diversas judicaturas, nas quais se ouve com grande inteireza. Falleceo finalmente em Viana, aonde, sendo Dezembargador em Lisboa, se tinha retirado, pera se dispor pera a morte, dizendo, que nam queria morrer com feitos à cabeceira.

3 Sua mulher, que era natural de Campo Maior, Senhora de igual nobreza, & virtude, se chamava Dona Catherina de Andrada. Tiveram estes dous cazados dez filhos: seis femeas; destas cazou huma na Cidade de Coimbra com Diogo Marmeleiro de Noronha, fidalgo da caza de Sua Magestade. Das outras sinco tres foram Religiozas no Convento de Santa Clara de Portalegre; as outras duas tambem foram Religiozas no Convento da Ordem de Sam Jeronymo em Viana patria sua.

4 Dos quatro filhos varoẽs, foi na idade o primeiro o nosso bemditto Padre Joam Cardim; o segundo Frey Placido, que falleceo Religiozo da Ordem de Christo no Convento da Senhora da Luz junto a Lisboa. O terceiro Antonio Cardim da nossa Companhia, cuja vida escrevo em seu lugar, & este foi dos tres o primeiro, que entrou. O quarto por nome Diogo Cardim, assim mesmo veyo a ser da Companhia. Duas vezes se embarcou pera a India, & como de huma arribassem as naos, & da outra nam fossem por falta de ventos, intentando embarcarse a terceira ves, o nam consentiram os Superiores, & veyo a fallecer no Collegio de Evora. Estes foram os pays, estes os tios, estes os Irmaõs do Padre Joam Cardim, o qual quando reprehendia a seus Irmãos mais moços, lhes costumava dizer: *Lembraivos, que somos filhos de Santos.*

5 No anno de 1585 estava o Doutor Jorge Cardim com sua caza em Torre de Moncorvo, por ser Provedor daquella Comarca. Athe este tempo tinham só quatro filhas, & grande desconsolaçaõ, por naõ terem hum filho, em que fundassem as esperanças de sua casa. Pediram muito a Deos, lhes desse hum filho: tomaram por intercessor a Sam Joam Bautista com hum voto de lhe fazerem huma capella na Villa de Campo Maior patria de Dona Catherina de Andrada; aonde se tem grandissima devaçaõ ao Santo. Ouvio Deos a petiçam, & elles cumpriram o seu voto.

6 Quando chegava o tempo do parto, mandou Dona Catherina, que em hum sabbado primeiro de Junho se accendesse a alampada da Virgem Senhora na Igreja Matriz se lhe dissesse huma Missa. No tempo, que esta se celebrava, & a ella assistia Jorge Cardim, se achou Dona Catherina com hum filho. Deuse logo avizo ao pay, & todos os prezentes lhe davam o parabem. Quis Deos, que todo o povo se alegrasse, pois a dita em terem hum tal servo de Deos por natural, era de todos. No fervor dos parabens o Reytor da Igreja mandou repicar os sinos, com os quais em occasiam, que se nam esperavam, todo o povo se alvoroçou, & concorreo à Igreja, & foi muita em todos a alegria.

7 Dia do Espirito Santo foi bautizado, & lhe foi posto o nome de Joam em obsequio do Santo Precursor, aquem se reconheciam obrigados. Em todo o tempo, que viveo, foi mostrando, que era filho de bençaõ, & filho de oraçoẽs, que de ordinario sam Santos. Esta grande alegria dos pays aos tres mezes do filho se converteo em cuidado, & tristeza. Veyo doença ao minino: chegou a tal extremo, que as pessoas, que o criavam, o tinham no leito jâ cuberto, como se fosse morto. Neste aperto Dona Catherina com outras nove mulheres virtuozas foi em romaria à huma Igreja de nossa Senhora distante meya legoa da Villa, onde fez dizer Missa. Logo que levantou o Sacerdote a hostia, & o calis, a mãy com novo affecto pedio a Deos por intercessam da Senhora, lhe desse vida a seu filho, & logo com hum novo impulso, comque se sentia mover, o offereceo a Deos, & à Senhora, dandolho por seu servo. Feito este acto, lhe nasceo na alma huma segura confiança, de que seu filho nam avia de morrer.

8 Acabada a Missa, despedindose da Senhora, & voltando pera caza, lhe sahio ao encontro Jorge Cardim, dandolhe a nova, de que vivia seu filho, & ja sem perigo. Tomou a devota matrona a seu filho nos braços, & em reconhecimento da mercê recebida o levou à mesma Igreja da Senhora, & ali sobre o altar o dedicou a seu serviço, & tomou sobre si só a obrigaçam de o criar, como cousa de Deos, & da Virgem Senhora, que lho dava segunda ves.

9 Tendo o minino tres pera quatro annos, seu pay passou com sua caza pera a Cidade de Evora, a ser Provedor naquella Comarca. Nesta Cidade começou a sua primeira criaçaõ. Fazia sua mãy, que aprendesse a fallar nas oraçoẽs da doutrina, que lhe ensinava, & nos nomes da Senhora, & Sam Joam Bautista, que lhe fazia pronunciar. As primeiras devaçoẽs foram rezar à Senhora, & ao Santo Precursor. Tanto que o uso da rezaõ se começou a descobrir, foram sahindo as boas inclinaçoẽs da natureza. O seu gosto era, que o levassem às Igrejas: pedia, que o levassem a ver nossa Senhora, & a Sam Joam Bautista, & à Igreja da Companhia.

10 Quãdo os pobres pediaõ esmola, elle a hia negociar, & tinha muito gosto em lha dar cõ sua propria mam. Se lhe vinha às maõs alguã cousa, a dava

dava aos pobres, moſtrando niſſo cõtentamento. A's vezes a mãy lhe dava dinheiro; eſte era do primeiro pobre, que batia à porta. Dizendolhe os criados, que nam deſſe tudo de huma ves, que era grande eſmola; reſpondia, que o queria dar, pois o tinha; que quando o nam tiveſſe, nam o daria. Toda a ſua lida era pedir a eſmola ao criado, que a levava ao pobre, dizendo, que lha entregaſſe, pera elle a dar.

11 De Evora paſſou ſeu pay pera a Cidade do Porto deſpachado por Dezembargador daquella Relaçam, ſendo jâ ſeu filho Joam de oito annos. Sentindo a mãy o grande goſto, que o filho tinha em levar aos pobres as eſmolas, lhas entregava ſempre, pera lhe dar a elle eſte contentamento, de que ella o nam tinha pequeno. Já neſte tempo goſtava de ſe retirar a algũ lugar ſecreto; ali rezava ſuas devaçoẽs â Senhora, & ao Santo Bautiſta, & outros Santos. Delles lia alguns exẽplos, depois ajuntava a gente de caza, & fazendo pulpito de huma cadeira virada, em voz de prègador contava a todos oque tinha lido.

12 Pera elle nam aviam recreaçoẽs de mininos: ſuas idas mais frequentes eram a ouvir Miſſa na Igreja do noſſo Collegio, aprender algumas devaçoẽs, que os noſſos Padres lhe enſinavam, & ſentia repugnancia em lhe ſahir de caza. Ali começou em o noſſo eſtudo os principios da Grãmatica. Sua condiçam affavel, ſua modeſtia, & compoſtura, & a madureza de juizo, que moſtrava, o faziaõ a todos amabiliſſimo. Confeſſavaſe com o noſſo Padre Marco Antonio. Vendo o Padre a grande ſantidade de conſciencia do ſeu confeſſado, & muito juizo em idade de nove annos, lhe deu licẽça pera cõmungar. Preparouſe com eſpecial cuidado, & dali por diante fazia admiraçaõ a diligencia, que punha antes de receber o Senhor, & o cuidado, & devaçaõ, com que lhe dava as graças depois de o ter recebido. Era mais amigo de ſe retirar, & ler exemplos de Santos, & contalos à gente de caza, perſuadindo a todos, que abraçaſſem as virtudes.

13 Neſtes exercicios ſe occupou athe idade de doze annos, que eſteve na Cidade do Porto. Veyolhe neſte tempo huma perigoza doença; logo tratou de ſe confeſſar: pera iſſo pedio lhe chamaſſem ao Padre Antonio de Vaſconcellos, oque compoz os Elogios dos Reys de Portugal, que entam era Reytor do noſſo Collegio, & alem de ſer parente, tinha grande amizade com os pays de Joam. A iſto diſſe ſua mãy, que lhe mandaria antes chamar ao Padre Marco Antonio ſeu Confeſſor. Reſpondeo o enfermo, que tinha hum grande thezouro naquella conjunçam, oqual naõ avia de entregar, ſenaõ ao Padre Antonio de Vaſconcellos.

14 Indo o Padre, ſe confeſſou cõ elle. O thezouro, q̃ tinha pera lhe entregar, era deſcobrirlhe em como tinha feito voto de entrar na Cõpanhia a ſeu tempo. O effeito veyo a moſtrar, que niſto interviera eſpecial moçam de Deos, porque andando annos com o Padre Vaſconcellos he que cõmunicou ſua entrada, & com ſeu conſelho venceo as muitas difficuldades, que niſto intervinham.

15 Da Cidade do Porto paſſou Jorge Cardim com ſua caza pera Lisboa provido em Dezembargador da Supplicaçam. Ali em os noſſos eſtudos continuou Joam Cardim o eſtudo das letras humanas, & Rhetorica por eſpaço de tres annos. Fazia nas letras conhecida ventagem a ſeus condiſcipulos, por ſer elle de engenho feliz, aque ajuntava eſtranha applicaçam. Porem oque mais nelle ſe admirava, era o exemplo de ſeus procedimentos. Andava nos olhos de todos: os Meſtres o punham por exemplo de eſtudantes a ſeus diſcipulos.

16 Em Lisboa nam sabia outro caminho, senaõ oque levava ao estudo, & delle a caza de seus pays, & às Igrejas à Missa, continuando na frequencia dos Sacramentos. A seus Mestres teve sempre, & mostrou singular respeito. Jâ neste tempo rezava todos os dias o Officio da Senhora, & o Rozario pellos mysterios delle, & tudo com singular devaçam. Tinha alem destas outras devaçoẽs, & grande cuidado em andar dizendo assim aos criados de caza, como a seus Irmaõs, que se guardassem de offensas de Deos, que fossem devotos do Santissimo, & da Senhora.

17 De cada ves era mais retirado ainda do trato da gente de caza. Nam queria ouvir historias, nem praticas, que nam fossẽ de cousas santas. Ensinava a doutrina aos escravos, & criados de caza. Todos os dias dizia as ladainhas, & fazia assistir a ellas a seus Irmaõs, & Irmans, criados, & criadas. Fechavase no seu aposento, & ali diante de huma Imagem da Conceyçaõ da Senhora tinha muitas horas de oraçaõ, & era visto dos q̃ o espreitavaõ cõ o rosto abrazado, como se fora algum Anjo. Uzava frequẽtemente de cilicio, & tomava rigorozas disciplinas. Achandolhe hum dia mui acazo as disciplinas ensangoentadas, lhe disse huma dona de caza, & outras pessoas, que grandes peccados deviaõ ser os seus, pois tomava taõ crueis disciplinas. Vendose assim descuberto, se cobrio de purpura, como se o apanharam com algum furto nas maõs. Todos os de caza o tinhaõ por Santo, & diante delle se fallava com muito tento. Quando depois andando nos estudos em Coimbra vinha ter as ferias a sua caza, costumavam dizer, que era chegado o Santo, & assim que cada hum visse como fallava. Este era Joam Cardim, quando só contava de idade quinze annos. Bem se via ser como o Bautista, mais obra da graça, que da natureza; pois esta sempre leva ao mal, & a sua só ao bem o levava.

CAPITULO XXXVII.

Vai estudar a Coimbra: vida exemplar, comque procedeo, em quanto estudou naquella Cidade.

1 TEndo quinze annos de idade, seus pays o mandaram a Coimbra, pera continuar os estudos, subindo aos maiores. Pareceolhe mais util dar aquelle primeiro anno ao estudo da Rhetorica, & aperfeiçoarse mais na lingua Latina. Assim o fes, applicandose no mesmo tempo às linguas Franceza, & Italiana, que alcançou em sua propriedade, & fallava com destreza. Neste tempo com o trato dos nossos Religiozos, & bons exemplos, que nelles via, cresceo o seu dezejo de dar de mam às cousas do mundo, & cumprimento ao seu voto. Quando passou pera os gerais da Universidade, hia mui penetrado deste seu dezejo; oqual communicou a alguns Padres, com quem tratava mais familiarmente.

2 Os Padres, considerada a pouquidade de suas forças, & o disgosto, que nisso teria seu pay, aquem, por ser muito nosso, queriam, & deviam dar contentamento, o dissuadiram desta pertençam; & a fizeraõ a saber a sua Irmaã Dona Maria Cardim de Andrada, & a Diogo Marmeleiro de Noronha seu cunhado, moradores em Coimbra. Todos o persuadiram a que desistisse doque entaõ nam poderia conseguir, & que dilatasse o seu bõ dezejo pera tempo mais opportuno. Sogeitouse ao parecer dos Padres, & se foi occupando no estudo dos Sagrados Canones.

3 Como elle tinha em seu animo ser Religioso, foi logo dispondo a isso sua vida, sem faltar no que devia aos estu-

estudos. Por lhe parecer, que a caza do cunhado, onde estivera o primeiro anno, era de muito trafego, & que nella nam podia ter a quietaçaõ, que dezejava, tomou cazas sobre si vizinhas à Universidade defronte do Collegio de Sam Paulo, no qual era Collegial, & Lente da Universidade seu tio o Doutor Balthezar Fialho da Gama, que depois foi Chanceler da Caza da Supplicaçam, & Dezembargador do Paço, tendo servido seis annos o cargo de Regedor da Justiça na Cidade de Lisboa; & queria Joaõ Cardim ajudarse de suas direcçoẽs; era tambem esta outra causa de deixar a caza da Irmaã. Assim ella, como seu cunhado o sentiram, pellos bons exẽplos, que nelle viam, & o proveito, que delles lhes vinha, & a seus filhos, & criados. Ainda que se apartou, os visitava muitas vezes, & as praticas, que tinha com elles, só eram de cousas santas. Dizia a seus parentes, que pois eram honrados, tinham mais obrigaçam de ser virtuozos, & que nisto se aviam de adiantar mais que os outros aquelles, a quem a natureza dera melhores pays.

4 Achandose mais desembaraçado assim pera cumprir com as direcçoẽs, que lhe davam seus Padres espirituais, como pera se accommodar ao magisterio de Deos, que como fas aos muitos seus, o hia ensinando, se deu mais à oraçaõ, & liçam de livros santos, em que sentia gosto especial. Os passatempos, comque outros estudantes procuravam aliviar o trabalho dos estudos, nam tinham nelle algum lugar. As suas ordinarias sahidas eraõ ao nosso Collegio a tratar as cousas de seu espirito com alguns Padres; com a doutrina dos quais se sentia mui aproveitado.

5 Dez annos continuou na faculdade dos Canones, na qual se graduou de Doutor com nome de grande letrado; mas sobre tudo oq̃ mais nelle venerava toda a Universidade, era huma rara innocencia de costumes. Vivia elle com grande esplendor de caza, & criados, & poucos eram na Universidade, que nisto, & no saber o vencessem. Porem entre estas estimaçoẽs, & applauso dos annos, a sua vida, & o concerto da sua caza podia ser exemplo a qualquer familia de Religiozos, que vivem ajustados com suas obrigaçoẽs. Nam consentia em caza criado, que fosse de roins costumes. Retiravase de tratar com aquelles, cujas vidas eram desconcertadas. Soffrendo isto mal alguns, que o queriam ver semelhante a si nas dissoluçoẽs, huma noite lhe apedrejaraõ as janelas, & romperam os encerados, comque pera mais resguardo as tinha defendido. Naõ se deu nisto por achado; mandou refazer os encerados, & continuou no seu teor de vida.

6 Todos os dias ouvia Missa com singular compostura. As confissoẽs, & communhoẽs eram amiudadas; nunca faltava à prègaçam na Igreja do nosso Collegio, aquem chamava a sua freguezia, nem tambem às que se faziam na Capella da Universidade. No tempo da Quaresma toda a sua liçam era de livros santos. Indo vizitalo hum estudante seu natural, o achou lendo por hum livro santo. Pediolhe o estudante, lhe emprestasse certo livro de Direito. Respondeo, que elle pella Quaresma nem lia esses livros, nem os emprestava; que se queria algum devoto, que de mui boa võtade lho daria: & assim lhe emprestou huma vida de Sam Jozeph.

7 No comer era muito moderado, & mais parecia jejum perpetuo, que outra cousa. Em quanto comia, lhe lia hum seu pagem à meza liçam espiritual. O vestir era com grande honestidade, & limpeza. Com gostar de cheiros, os naõ trasia comsigo. Em sua caza ou estudava, ou lia livros espirituais, ou orava humas vezes mental, outras vocalmente. Todos os

dias à noite antes de se recolher fazia exame de sua consciencia. Fora de caza andava de ordinario só. Nas vizitas, & occasioẽs de conversar sempre teve grande tento em nam dizer palavra de menos resguardo, nem de murmuraçam, ou que tachasse algum defeito alheyo.

8 As portas de sua caza se fechavaõ antes das Ave Marias, & se abriam depois de ser menhaã clara. Fugia de todo o encontro de mulheres, nem as vizitava, nem as via, nem lhes fallava. Se por algum cazo era precizo fallar com alguma, o fazia com grandissimo resguardo, sem nunca pôr os olhos em seu rosto. Nunca soube, que sahisse fora o Santissimo, que elle o nam fosse acompanhar. Aos amigos, com quem tinha confiança, estranhava ficaremse em caza a tempo, que sahia o Senhor aos enfermos. Desta devaçam lhe nascia gastar em a nossa Igreja muitas tardes de Domingos, & dias Santos em oraçam, com huma reverencia tal, que fazia devaçam a quem o via.

9 Era o seu bom exemplo estimulo a muitos de bem viver. Levava pera Deos com suas praticas a quantos podia. Aos Doutores, com quem tinha familiaridade, convidava com cortesia a se confessarem, & cõmungarem, & a irem às cazas dos Religiosos a tomar disciplina no coro, em quanto o povo a tomava na Igreja. Elle todos os dias do anno em sua caza se disciplinava, buscando tempos, & lugares escusos, por nam ser sentido; mas nam se podia encobrir. E quando lhe diziam, que nam usasse de tam crueis disciplinas, todo o rosto se lhe cobria de pejo, entendendo saberse do seu rigor.

10 Daqui nascia o muito, que Deos se lhe communicava, manifestandolhe algumas cousas secretas. Tal foi a que contava seu tio o Doutor Balthezar Fialho; o qual sendo Reytor do Collegio de Sam Paulo, & nelle porcionista Dom Rodrigo da Cunha, que depois foi Bispo de Portalegre, do Porto, Primâz de Braga, & Arcebispo de Lisboa, & sempre homem de bom exemplo; enganado este por hum Collegial seu amigo de vida pouco ajustada, ficou de o acompanhar em certa cousa de desagrado de Deos, sem ao certo saber o intento do Collegial, mas tendo delle suspeita. Tomou Dom Rodrigo à sua conta pedir a licença.

11 Estando nesta resoluçaõ, revelou Deos a Joam Cardim o que passava: sahio logo de caza, foise fallar com o tio, dizendolhe em como Dom Rodrigo lhe avia de pedir tal licença bem contra sua vontade, & só por cõtemporizar com o amigo; que lha negasse, que essa era a vontade de Deos. Apenas tinha dado este avizo, quando em breve tempo entra Dom Rodrigo a pedir a licença. Mostrouselhe Balthezar Fialho carregado; negoulhe a licença, & lhe estranhou muito o pedila. Gostou muito com isso Dom Rodrigo, por entender, que Deos nosso Senhor por este meyo o desviava de algum desacerto. Admirado de que o seu Reytor soubesse o que só elle, & o amigo sabia, lhe disse: *Senhor, algum diabo, ou Anjo declarou a vossa mercê o que passava; & eu suspeitando algum mal pedi a Deos o desviasse, se a cazo este meu amigo o intentava; & agora entendo o favor de Deos, em lhe inspirar, me negasse esta licença.* Deste successo ficou admirado o Reytor, & dali por diante cobrou maior respeito, & veneraçaõ à virtude de seu sobrinho.

12 Succedendo a morte de seu pay em Viana aos vinte, & sinco de Fevereiro de 1605, se partio de Coimbra pera consolar a sua mãy. Ali vinha todos os annos passar o tempo das ferias, no qual nada afroyxava dos seus exercicios santos. Sua modestia era tal, que juraram nos processos, que se tiraraõ pera sua Canonizaçam, duas

duas mulheres criadas de sua mãy, que moravam de portas a dentro, que nunca lhe viram levantar os olhos, nem sabiam de que cor elles eram. Vindo huma noite de caza de hum parente vizinho a tempo, que já sua mãy por causa de suas indispoſiçoẽs estava recolhida, pedio às criadas lhe dessem hum pucaro de agoa, que ardia com sede. Responderaõlhe, que esperasse, que estavam ja recolhidas, em quanto se compunham. Ouvindo elle isto, disse: *Pois assim he, nam abram a porta.* Recolheose no seu aposento. Pela menhaã contando as criadas à mãy o que passara, confessou elle, que toda a noite padecera cruel sede, & que a quizera soffrer, antes que dar incommodo às criadas.

13 Em todos estes mezes feriados os seus exercicios eram todos de virtude, ou fosse com a gente de caza, ou com a de fora. As sahidas eram de menhaã a ouvir Missa ao Convento das Religiozas, & a ter oraçam diante do Senhor. De tarde huma ves hia praticar com os Religiozos, que ali há de Sam Francisco, outras com as Religiosas Irmaã, & parentas; às quais ensinava a ter oraçam, conforme o methodo do Padre Luis da Ponte, & Frey Luis de Granada, dos quais livros muito usava. De conversas de seculares se retirava, principalmẽte daquelles, cujos costumes nam diziaõ com as obrigaçoẽs de Christam.

14 Retiravase elle de hum estudante, que tambem andava em Coimbra, o qual tendo disto seu sentimento, fes por se encontrar com Joaõ Cardim; deulhe suas queixas, que sendo ambos condiscipulos em Coimbra, & naturais daquella terra, & avendo entre as familias de ambos boa correspondencia, nam sabia porque desmerecesse seu trato, & conversaçaõ, pois o naõ tinha aggravado. A isto respondeo sem rodeo, mas com a modestia, & gravidade, que lhe era tam natural: *Retirome de vossa mercè, porque a sua vida nam concorda com a ley de Christo: esta he só a causa do meu desvio; naõ tenho outra.* Ficou o estudante com esta reposta mui confuso, nem teve a ella que dizer. Tendo lido na vida de Saõ Francisco de Borja, de que muito gostava, que o Santo antes de romper de todo com o mundo se divertia com a caça, assim por evitar o trato dos homens, como porque no campo lhe ficava mais à maõ recorrer a Deos, elle à imitaçam do Santo, & pellos mesmos motivos nos ultimos annos se occupava algumas vezes neste honesto divertimento.

CAPITULO XXXVIII.

Occasiaõ, que teve Joaõ Cardim pera deixar o mundo. O mais, que lhe succedeo, athe de todo se resolver a entrar na Companhia.

1 CHegou o tempo, em que Deos queria, que Joaõ Cardim tomasse o ultimo desengano do pouco, que se devia fiar nas cousas do mundo, & quam mentirozas eraõ as esperanças, que davam. Vagando hum lugar no Collegio de Sam Paulo no anno de mil seiscentos, & nove, em que seu tio era Collegial; assim o tio, como os que o seguiam, que eraõ muitos, fizeram instancia a Joaõ Cardim, que fizesse oppoziçam àquella Collegiatura de Canones, fiados em que alcançaria sua pertençaõ, pois em nenhum outro concorriam iguais prendas de procedimentos, nobreza, & saber. Tinha a este tempo vinte, & tres annos de idade.

2 Repugnou elle aos amigos, dizendo ser pouca sua idade, & aver outros oppositores mais antigos, dos quais hum já outra ves tinha feito

op-

oppoſiçam. Naõ obſtantes eſtas rezoẽs, o tio perſuadido em que tinha ſeguros os votos, lhe ordenou ſe oppuzeſſe. Ainda que elle via, que por eſte caminho ſe retardavam os ſeus dezejos de deixar o mundo, teve por bem ajuſtarſe com a vontade do tio: mas antes de ſe render de todo lhe diſſe eſtas palavras, & rezoẽs: *Eu, Senhor, naõ hei de levar eſta beca; porq̃ a peſſoa, em q̃ voſſa mercê eſtâ mais confiado, & que mais obrigada eſtâ a voſſa mercè, eſſa meſma me hâ de negar o voto, & por elle sò a hey de perder. E dahi ſomente ſe ham de ſeguir entre voſſa merce, & a ditta peſſoa graviſſimos diſgoſtos, & ſentimentos, que eu dezejava atalhar, fugindo eſta oppoſiçaõ. Mas pois voſſa mercè reſolutamente me manda, & eu o tenho em lugar de pay, obedecerei, eſperando, que daqui meſmo tome Deos occaſiam, pera mais ſedo me tirar do mundo, & pera o ſervir na Religiam, conforme a meus dezejos.*

3 Eſtas rezoẽs, que deu Joaõ Cardim, parece foraõ dittadas por Deos, & como profecia do que veyo a ſucceder. Fez a ſua oppoſiçam com o ſucceſſo, que elle, & ſeus affeiçoados podiam dezejar; mas por lhe faltar o voto daquella peſſoa, em que o tio mais ſe fiava, & tinha rezam pera ſe fiar, nam ficou provido Joaõ Cardim. Seguiraõſe deſta deslealdade grandes diſſabores entre o tio, & aquella peſſoa, a qual com todas as veras lhe tinha antes promettido o ſeu voto. Vendoſe Joaõ Cardim vendido de quem menos o eſperava, tam longe eſteve de malquerenças, que daqui ſe confirmou mais nos ſantos intentos, em que tanto dentro de ſi cuidava. Sentindo, como honrado, & briozo, a diminuiçam do credito, que lhe parecia ſer grande, determinou ſahir de Coimbra com penſamentos de naõ tornar mais a ella.

4 Antes de ſe partir, eſcreveo ao maior amigo, que tinha, que entam ſe achava fora da Univerſidade: Davalhe conta do ſucceſſo, & lhe dizia, que Deos por aquelle caminho o avia chamado à Religiam, em que determinava entrar, & que era diſgraçado, pois pera abrir os olhos, & ver o que lhe cumpria, fora neceſſario porlhe primeiro cinza nelles, pera ver ſuas fraquezas; alludindo niſto ao cego, a quem o Senhor fez ver, pondolhe lodo nos olhos.

5 De Coimbra ſe recolheo a Viana cheyo da ſua deſconſolaçam. A mãy o animava, dizendo, que Deos tinha muitos modos de fazer merces, & que ſe aquella porta ſe lhe fechara, elle abriria outras. A iſto reſpondia, que ſó o habito de huma Religiam o podia conſolar; & ſenam temera o diſgoſto, que ella teria, logo em Coimbra ſe avia de fechar em hum Convento.

6 Com eſte deſengano ſe começou a entregar mais à oraçaõ, & liçam de livros eſpirituais. Procurou aver à maõ as vidas de Santo Ignacio, & Saõ Franciſco Xavier, as quais muito dezejava ler. Eſta liçam notavelmente o recreava, & o affeiçoava ao inſtituto da Companhia. Pella muita devaçaõ, que tinha à Senhora, dezejou neſte tempo vizitar a ſua caza de Guadalupe em Caſtella; querendo aſſim imitar a Santo Ignacio, que pella Virgem de Monſerrate deu principio à mudança de ſua vida. A mãy o divertio deſta jornada, dizendolhe, chegaſſe ſobre certo negocio a Campo Maior, & que podia vizitar a Senhora de Carriam, que fica no termo de Albuquerque. Aſſim o fez cõ muita devaçam, & conſolaçam de ſua alma. Na volta pera Viana, por ſer grande a invernada, ſe vio em certa paragem metido em perigo de vida; mas fazendo voto à Virgem de vizitar a ſua caza de Ayres junto a Viana, ſahio do ſuſto, & do perigo. Chegando a Viana, paſſando junto da caza da

mãy, sem nella entrar, se foi à Igreja da Senhora a cumprir seu voto, querendo primeiro satisfazer à sua obrigaçaõ, que ao affecto, & amor natural.

7 A' desconsolaçam passada do animo sobreveyo no mesmo anno huma grave doença do corpo. Tudo eram meyos, com que Deos mais o hia chegando pera si. Ao nono dia da doença lhe deu hum accidente cruel. Ouve desconfiança de sua vida, porque esteve sem falla vinte, & quatro horas, & nove dellas de todo sem pulso. No fim sahio desta oppressam invocando os Santissimos nomes de JESUS, & Maria, & dizendo estas palavras: *Senhor, graças vos dou infinitas, por me averdes resuscitado da morte à vida; & quantos estam no Inferno, que tem menos peccados, que eu?* Depois contou, que no tempo do accidente fora levado a juizo, & o que nelle se lhe oppuzera, & como ali se resolvera a cortar todas as difficuldades, & entrar em Religiam, sem nisso aver detenças.

8 Ou isto assim passasse, ou fosse imaginaçaõ, o certo he, que com ser a sua vida athe entaõ mui apurada, dali por diante foi muito mais perfeita, como se pera elle naõ ouvera jâ cousa alguma deste mundo. De novo se confessou, & commungou com extraordinaria ternura. Dous mezes lhe foi durando a doença, achando sempre algum alivio, & sinais de melhoria nos dias do sabbado, & dizia confiadamente, que daquella nam avia de morrer. Estas merces attribuia todas à intercessam da Virgem Senhora.

9 Esta doença se lhe veyo a converter em cezoẽs de cada dia. Em dia de Reys lhe trouxe a mãy o Minino JESUS, que as Religiozas tinham no seu prezepe; meteolho nas maõs, pera se consolar. Depois de lhe dizer o enfermo palavras mui amorozas, o deitou comsigo na cama a tempo, que estava com o frio, & foi cousa notavel, que nunca mais a cezam lhe veyo. A esta melhoria se seguio o convalescer mais depressa, do que se podia esperar. Tinha elle em Ferreira a seu primo o Doutor Antonio Cardim Froes Prior de Villasboas; em sua caza foi acabar de convalescer. Pasmava o Prior da vida de Joam Cardim: as suas recreaçoẽs eram ter oraçam, & ler livros santos, & com outros divertimentos se nam cançava.

10 Entrada a Quaresma de 1610, voltou a Viana, onde tinha vindo em missam o Padre Leam Henriques da nossa Companhia, filho do Senhor das Alcacevas, & homem de grandes virtudes. Com elle tratava à miudo Joaõ Cardim assim àcerca de suas cousas, como do instituto da Companhia, de cuja perfeiçam fez elle conceito mui claro. Jâ neste tempo estava resoluto de ser Religiozo, ainda que sendo de doze annos, como fica ditto, fizera voto de entrar na Companhia; com tudo porque entam a idade naõ discernia o que mais convinha, agora lançava o discurso por todas as Religioẽs, & ponderava o modo de viver, & perfeiçam de cada huma. Porem sobre todas lhe contẽtava a Companhia, o zelo nas missoẽs da India, & os meyos tam proporcionados pera ajudar a seus filhos.

11 Tudo lhe praticava o Padre Leaõ Henriques, & tambem as difficuldades, que nestas cousas intervẽ. De tudo fez bom juizo, & resolveose a ser da Companhia, tomando por exemplar de seus costumes a vida do Padre Leaõ Henriques, que tinha diante de seus olhos. Era ella tam santa, que sendo o discipulo de tanta virtude, descobria nella muito, que imitar. Com o Padre se confessou muitas vezes, o qual depois da morte do Padre Joaõ Cardim testimunhou, que naõ sò nunca lhe achara culpa mortal, mas de ordinario nem materia de

absol-

absolviçaõ; & que elle se confundia, & admirava muito de ver hum mancebo na flor da idade, galhardo, gẽtil-homem, & senhor de si, & com toda a liberdade, viver com tal santidade de costumes, que nem huma palavra ocioza, ou menos composta, & advertida lhe notara em toda aquella Quaresma.

12 Com a resoluçaõ, que temos ditto, de entrar na Companhia, sem dar parte nem ainda a sua mãy, partio pera Lisboa em ordem a tratar de sua entrada com o Padre Antonio de Vasconcellos. Chegando a Lisboa, lhe repetiram as cezoẽs. O remedio foi mandar trazer o manto de nossa Senhora da Luz. Com esta mèzinha do Ceo se foram as cezoẽs, & elle foi a pè dar as graças à Senhora, & cumprir certo voto, que lhe fizera. Confessandose naquelle Convento, & recebendo o Senhor, sentio dentro de sua alma grande affecto à Companhia de JESU, & ouvio interiormente, que lhe diziam, que fosse della. Levado deste fervor, ali em prezença da Senhora da Luz fez a Deos voto de castidade.

13 Logo foi buscar na caza de Saõ Roque ao Padre Antonio de Vasconcellos. Descobriolhe toda a sua vida, & rezoẽs, que o moviam a entrar na Companhia. Naõ achou elle no Padre o favor, que imaginava; antes lhe disse, que sua mãy estava muito entrada na velhice, viuva, com huma filha, & dous filhos moços em caza, & que naõ avia quem delles tivesse cuidado, se acazo os deixava: que se Deos levasse a mãy, tudo seria hum desemparo, & o que tinham, se perderia; dizendo, que tẽdo elle tais obrigaçoẽs, seria mui estranhado fazer esta mudança. Alem de que suas forças naõ eram pera o rigor da observancia. Ouvidas as rezoẽs do Padre, respondeo, q̃ quanto às forças, elle tinha experimentado poderem com o rigor. Que sua Irmaã podia logo entrar no Convento, onde jâ tinha outra Irmaã. Que seus Irmaõs estudavam jâ em Evora, & em breve tempo entrariam Religiozos, como pertendiam. Que sua mãy tinha em Viana aos parentes de seu marido, que todos a tratavam com amor, & respeito.

14 Por resoluçam lhe disse o Padre, q̃ sem o beneplacito de sua mãy nunca consentiria, que entrasse na Companhia, persuadindose, que a mãy em tal cousa nam viria. Logo voltou Joam Cardim a Viana: manifestou seus intentos a sua mãy, & lhe pedio consentimento. Sentio ella esta resoluçam, pello muito, que o amava, & por ser elle o encosto, & arrimo da sua velhice, de seus Irmaõs, & de sua caza: com tudo, como era mulher santa, se lembrou, que de Deos o recebera nam só huma, mas tantas vezes, quantas foram as occasioẽs, que esteve em perigo de morrer, & que ella em seus principios o tinha todo offerecido ao serviço de Deos, & da Senhora. Por tanto cortando por todas as suas conveniencias, & de seus filhos, lhe disse, cumprisse com a inspiraçam de Deos, & lhe deu carta sua pera o Padre Antonio de Vasconcellos, em que dizia, que como ella criara seus filhos pera Deos, lhos entregava em suas maõs; que estimara tivessem maiores talentos pera o servir na Companhia de JESUS: Que esperava em o Senhor, que por lhe dar este filho, poria elle os olhos em sua caza, & nos outros seus filhos.

15 A alegria, que disto teve Joaõ Cardim, naõ he explicavel com palavras. Deu graças ao Senhor, por assim se vencer a difficuldade, que se reprezentava insuperavel. Sem pessoa alguma saber de seus intentos, nẽ os entender, tomou a bençam a sua mãy, como quem a nam avia mais de ver nesta vida, & se poz em caminho pera Lisboa. O seu pensamento era entrar pera Irmaõ Coadjutor temporal,

ral, dezejando muito gastar sua vida em officios humildes. Isto naõ quis consentir o Padre Antonio de Vasconcellos; antes lhe disse, que assim a elle, como à Companhia era conveniente se ordenasse. Por tanto dilatasse a entrada por alguns mezes, em quanto fazia vir breve de Roma, pera em tres dias Santos poder tomar todas as Ordens. Entretanto fosse a Coimbra com pretexto de continuar os estudos, athe que o breve chegasse.

16 Pareceo isto difficultozo a Joaõ Cardim, dizendo, que nam parecia bem começar elle pello estado sacerdotal, ao qual sobem os mais depois de tantos annos de Religiam. Que o ser Sacerdote lhe impediria exercitarse nos officios humildes de caza. Que era muita dilaçam, quando lhe parecia cada hora hum seculo. De tudo se deu conta ao Padre Joaõ Alvres Vizitador da Provincia, o qual com seus Consultores julgou, que o parecer do Padre Antonio de Vasconcellos era o que nesta materia se avia de seguir: & assim se poz em execuçam, indo Joaõ Cardim pera Coimbra a esperar a chegada do breve.

CAPITULO XXXIX.

Vence Joaõ Cardim outras difficuldades, athe finalmente se ordenar de Sacerdote.

1 EM Coimbra neste tempo a sua vida era jâ de Noviço da Companhia. Levantavase ao mesmo tempo. Tinha muita oraçaõ, & liçaõ espiritual. Accrescentou o mao tratamento de sua pessoa. Confessavase, & communga va todos os Domingos, & dias Santos. Todos os dias hia ao nosso Collegio fallar das cousas de Deos com alguns Religiozos nossos, amigos seus. Daqui fez novas instancias pera entrar, naõ podendo soffrer tanta detença; porem nunca se lhe deferio, athe que no mez de Mayo lhe chegou de Roma o breve, que esperava. Este gosto, que foi grande, se lhe aguou com algumas duvidas, que no breve avia, as quais parecia naõ terem remedio, senaõ voltando a Roma. Daqui tomou occasiaõ pera repetir a sua santa importunidade, de que logo o recebessem, pois Deos com estes embaraços declarava ser essa a sua vontade.

2 Era neste tempo Lente de Theologia em o nosso Collegio o Padre Francisco da Costa, que depois ensinou Theologia em Evora, & no Collegio Romano, donde veyo pera Reytor do Collegio de Evora, por suas letras, virtude, & illustre sangue mui conhecido, com quem particularmente tratava Joaõ Cardim. Pedio o breve, estudou as duvidas, & as cõmunicou com o Padre Francisco Suares Granatense, & pareceo a ambos, que o breve se podia acceitar. Propoz as rezoẽs ao Bispo Dom Affonso de Castello-branco, o qual logo passou dimissorias, pera poder tomar as Ordens com qualquer Bispo.

3 Neste meyo tempo se offereceo a Joaõ Cardim hum cazamento mui aventajado em nobreza, riqueza, & no mais, que podia convidar aquem estivesse mais com os olhos no mundo do que em Deos. Fizeraõlhe muitas instancias, porque sabiam suas grandes prendas, esperanças de bons despachos, serviços de seu pay, tença, que jâ tinha, & huma grossa herança, que lhe vinha de certa parenta proxima, que naõ tinha filhos. De tudo se escusou com modestia, dizendo, que os seus intentos eram outros.

4 Tanto que se expediram as dimissorias, foi a Leyria pera se ordenar. Ali chegou vespera de Santo Antonio aos doze de Junho. Era Bispo

po Dom Martim Affonſo Mexia, que depois o foi de Lamego, & Coimbra, & Governador deſte Reyno. Alegrouſe com a viſta de Joaõ Cardim, porque fora mui amigo de ſeu pay, & tinha parenteſco por affinidade com ſua mãy. Eſte Prelado foi hum dos que ſentiram terſe negado a beca a Joaõ Cardim; & por cartas o convidou, quizeſſe ir a Salamanca, onde elle tinha ſido Collegial, & de lâ lhe offereciam huma beca pera hum de ſeus ſobrinhos, & que neſta entraria elle. Cuidou o Biſpo, vinha Joaõ Cardim ſobre eſta dependencia.

5 Porem deſcobrindolhe, em como ſe vinha ordenar, o Biſpo lhe offereceo o Deado da ſua Sê, que avia pouco eſtava vago, dizendo, que ainda que ſó rendia trezentos mil reis, era o que baſtava pera dar principio a couſas maiores. Agradeceolhe a mercè, & em ſegredo lhe deſcobrio ſeus intentos. Admirouſe muito o Biſpo, & louvou tam ſanto propoſito. No ſeguinte dia do gloriozo Santo Antonio, que entaõ cahio em hum ſabbado, lhe deu as Ordens de Epiſtola, & logo no Domingo as de Evangelho. Vendo elle, que avia de eſperar toda a ſemana; por fugir dos mimos do Biſpo, lhe ſignificou tinha goſto de ver o Real Moſteiro da Battalha, & a Virgem de Nazareth. Mandou o Biſpo a ſeu ſobrinho Martim Affonſo, depois Arcediago de Riba-Coa, que o acompanhaſſe, & lhe aſſiſtiſſe em todo o caminho.

6 Aſſim na Battalha, como em Nazareth o ſeu cuidado era ter oraçaõ, & mais oraçaõ, sẽ fazer cazo das curioſidades da Battalha, cõ ſer das couſas mais viſtozas, q̃ tẽ o Reyno. Cõtava depois o Arcediago, que nam avia apartalo dos altares; que no caminho naõ diſſera palavra, que naõ foſſe de Deos, & da outra vida. Nem vira nelle acçam, ſenaõ regulada pellas leys da modeſtia. Finalmente, que tendo ouvido muito de ſua virtude, era menos do que elle via com ſeus olhos.

7 Voltando deſta peregrinaçaõ, no Domingo, que ſuccedeo ſer dia do noſſo Beato Luiz Gonzaga, ſe ordenou de Miſſa, tendo particular goſto de ſer ordenado em dia de tal Santo, aquem era mui affeiçoado, ſendo a vida do Padre Joaõ Cardim copia muito ao natural da do Beato Luiz, como facilmente terâ pera ſi, quem por huma, & outra paſſar os olhos. No meſmo dia, que tomou as Ordens, ſe partio pera Coimbra, porque determinava entrar em o Noviciado veſpera do ſeu grande padroeiro Saõ Joaõ Bautiſta, & depois no fim dos dous annos fazer os votos no dia do Santo.

8 Antes de entrar, ſe deſpedio por carta de ſua mãy, & de huma ſua Irmaã Freyra em Viana, aquem elle com eſpecialidade amava, porque de veras ſe dava ao eſtudo da perfeiçaõ; ſe bem, que da ſua entrada athe eſte tempo nada lhe tinha cõmunicado. A carta toda ſe cifra em jubilos da ſua felicidade, & boa dita. Entre outras couſas fallando do accidente, de que aſſima ſe fez mençam, tem eſta palavras: *Com aquelle accidente grande, que tive, em que me vi morto, & que naõ tinha, que pòr diante da Divina Mageſtade, & sò via peccados grandiſſimos, & abominaçoẽs em mim, & que naõ sòmente merecia o Inferno, mas o peyor lugar delle, & outro, ſe o ouvera ainda abaixo, me acabei de reſolver, querendo o Divino Senhor das mizericordias eſperarme, athe que eu abriſſe os olhos de minha alma, pera ver o que tem feito por mim, & o que eu tenho feito contra elle. E pois elle, quando eu merecia por tantas vias o Inferno, me quer fazer mercê de me naõ lançar nelle, ſenaõ de me chamar pera o ſervir, grandiſſimas ſam as rezoẽs, q̃ eu tenho de procurar de o fazer aſſim, & vòs de vos alegrar com meus bens. As cauſas, porque naõ entrei logo, &*

as

as rezoẽs, porque sendo Sacerdote, & tam tarde, & aqui mais, que em Evora, dou na de minha māy, & nella as podeis ver. Athe aqui as suas palavras.

9 Hum dia indo fallar com o Padre Francisco da Costa, se mostrou mui consolado com hum pensamento, que tivera em sua oraçam, o qual fora, que este mundo era huma sala de doudos, que assim viviam nelle os homens descuidados do eterno, & metidos no temporal; & por tanto, que jâ naõ via a hora, em que avia de sahir desta sala, ou enfermaria de doudos, na qual dizia ter elle sido o maior de todos. Isto dizia de si hum mãcebo taõ Sãto, q̃ o nosso Padre Sebastiaõ Borges, q̃ o cõfessou geralmẽte de toda a vida antes de entrar na Cõpanhia, depoz com juramento, lhe naõ achara culpa mortal. Tal era sua virtude: nem semelhante vida, qual elle sempre fez, costuma andar, senaõ acompanhada de singularissima assistencia da maõ de Deos. De tudo o que fica ditto se ve, que o Padre Joaõ Cardim veyo jâ Santo à Companhia, & câ naõ fez senaõ ser mais Sãto. Todos os que o trataram sendo secular, o tiveram por homem justo, & avia na Universidade de Coimbra geral opiniam de sua muita virtude, de que pudera repetir dittos mui ponderozos, & graves testimunhos, que della deram os mais doutos, & authorizados Lentes da Universidade. Podeos ver o curiozo Leytor no capitulo decimo settimo do primeiro livro na Vida, que deste servo de Deos imprimio o Padre Doutor Sebastiam de Abreu, da qual vou recolhendo este compendio.

CAPITULO XL.

Entra o Padre Joaõ Cardim na Cõpanhia, & santidade, com que procedeo em o Noviciado.

1 CHegou finalmente o dia vigesimo terceiro de Junho do anno de mil seiscentos, & onze, em que jâ o Padre Joaõ Cardim contava vinte, & seis annos de idade; na tarde deste dia, sem se despedir de seu cunhado Diogo Marmeleiro de Noronha, nem de seus sobrinhos, nẽ de algum Lente, ou Doutor da Universidade, acompanhado de hum só amigo, que era sabedor do seu proposito, se foi à portaria do nosso Collegio. Era neste tempo Reytor delle o Padre Nuno Mascarenhas, que falleceo em Roma, tendo sido passante de vinte annos Assistente. Mestre de Noviços era o Santo Padre Diogo Monteiro, varam de virtudes excellentes, como em sua vida escrevo. Sahiram elles, & outros Padres a recolher o novo hospede.

2 Recebia elle os abraços de joelhos, & fazia ajoelhar tambem os Padres Chorava de consolaçaõ, & enternecia tanto aos prezentes, que muitos delles choravam. Despedindose daquelle seu amigo, quando o queriam levar ao Noviciado significou, que teria consolaçaõ de passar pello coro, & dar as graças ao Senhor pella mercè recebida, & a sua Māy Santissima. Aqui se dedicou com tãto affecto a esta Senhora, que dali por diante por palavra, & escritto sò pello nome de māy a nomeava.

3 Do coro da Igreja velha passou ao Noviciado: tanto que nelle poz os pès, se lançou de joelhos, & beijou o pavimento, dizendo as palavras do Psalmo cento, & hum: *Hæc requies mea, hîc habitabo in seculum seculi, quoniam elegi eam.* Este he o

meu descanso, aqui morarei sempre, porque eu o escolhi. Vieram os Noviços, que passavam de quarenta; abraçaraõse, chorando sempre o Padre de devaçam de se ver jâ entre tantos, & tam bons Irmaõs, que Deos lhe dava pellos que deixara por seu amor.

4 Sabendose na Universidade a entrada do Padre Joaõ Cardim, a qual nenhum dos Academicos imaginara, foi geral a admiraçam, que ouve em todos, por verem a hum mancebo dotado de tantas prendas, & cheyo de taõ bem fundadas esperanças desfazerse de tudo, por se abraçar com a humildade de Christo. Os prudentes louvavam, os mundanos estranhavam, & tachavam: outros, aquem Deos abrio os olhos, movidos com este exemplo entraraõ em diversas Religioēs. Entre os parentes, excepto sua māy, raro foi o que naõ tivesse nisto dissabor. Alguns parentes sabendo, que a licença da māy fora causa desta entrada, nunca mais lhe quizeram fallar, em especial huma prima Irmaã do Padre Joaõ Cardim, & seu marido, que eram ricos, & queriam deixarlhe os seus bens, por naõ terem herdeiro forçado.

5 Logo que o servo de Deos se vio no que tanto dezejara, naõ acabava de darse o parabem. Escrevendo a sua māy, tem estas palavras: *Fasme Deos muitas mercès, dandome grandissima consolaçam de minha vocaçam, & alegria em o servir, & naõ posso encarecer a vossa mercè, o quanto sinto naõ vir sedo: he perda esta irremediavel, que se naõ pode satisfazer com nenhum genero de lagrimas. Cada dia vou entendendo mais a notavel mercè, que sua Divina Magestade me fez, de me tirar da vaidade do mundo, & de me trazer a tal Religiaõ como a Cõpanhia, aonde hâ tanta santidade, & tudo o mais, que he agradavel a seus Divinos olhos, & quanto mais vejo a grãdeza desta mercè, fico mais pasmado de a querer communicar a tam vil creatura, como eu.* Athe aqui esta clausula da sua carta.

6 Sentia tanta satisfaçam em sua alma, que com as lagrimas nos olhos repetia muitas vezes o de Santo Agostinho: *Sero te cognovi, pulchritudo tam antiqua.* Tarde vos conheci, formosura tam antiga. Os dias, que chamamos primeira provaçam, em que o intrante està vestido de secular, & se dam pera ler as regras, ver se lhe contenta o modo de vida, & pera se preparar em ordem a fazer confissam geral, gastou o Padre mui applicado, por ir descobrindo na liçaõ das regras novos motivos de sua consolaçam. Em especial sentio notavel agrado na undecima, & duodecima regra do Summario; nas quais se trata da propria abnegaçam, & estimaçam das injurias à imitaçam de Christo, & da mortificaçam em todas as cousas possiveis. Logo assentou, que aquellas duas regras em especial foram feitas pera elle.

7 Foi hum continuo espanto de quãtos o conheceram o muito, que se perseguio. Quero em cõfirmaçaõ disto referir logo aqui os testimunhos de dous Padres, que foram em Braga seus Reytores; o primeiro foi o Padre Antonio de Morais, que foi Mestre de Noviços muitos annos em Coimbra, & Lisboa, & teve outros cargos de grande supposiçam; este dis assim: *Procurou o Padre Joam Cardim de guardar à risca aquella regra de tanta perfeiçam, que manda, andemos ao revez do mundo, buscando em tudo nossa maior abnegaçam, & continua mortificaçaõ em todas as cousas delle, como de cousa mui preciosa.* O segundo foi o Padre Andre Palmeiro, que depois de ser Lente de Theologia, & Reytor em Braga, passou à India, & lâ governou muitos annos as tres Provincias da Companhia; dis assim:

ſim: *Lembrame ter ditto por vezes a varias peſſoas, que eu me perſuadia, pello que alcançava do Padre Joam Cardim, & pello que lia de outros Santos, que no eſpirito de oração, & tratar familiarmente com Deos, & no zelo, & aſpereza, comque procurava de em tudo ſe mortificar, & por varios modos ſe deſprezar, & com exceſſo abater, igualava aos Sãtos, q̃ neſtas virtudes na Igreja de Deos ſe eſmeraram.* Iſto he, oque eſtes dous Religioſiſſimos Padres depuzeram do Padre Joam Cardim.

8 Fez ſua confiſſam geral com o Veneravel Padre Diogo Monteiro, que era o Meſtre, oqual muito ſe admirou das graças, que Deos tinha poſto naquella ſua creatura, & da pureza de alma, comque no mundo vivera. Quando lhe trouxeram a roupeta parda, & uſada, o barrete tambem velho, & neſta forma as mais peças, ſe poz de joelhos, & as abraçou, & beijou. Affirmou depois, que nunca em ſua vida veſtira couſas aceadas com tanto goſto, como aquelles veſtidos pobres, & remendados.

9 A eſte tempo ainda nam tinha ditto a primeira Miſſa; commungou na Capella cõ muitas lagrimas. Deulhe o Padre Meſtre por inſtructor, pera lhe enſinar as ordens domeſticas, ao Padre Nuno da Cunha, que foi neſta Provincia homem de grande Religiam, & authoridade, & aſſiſtente da Companhia em Roma pellas Provincias deſta Coroa de Portugal. Eſte affirmou, que todo o ſeu trabalho era moderalo nos rigores. Eſte meſmo era o cuidado do Padre Meſtre, o qual coſtumava dizer, que o Padre Joam Cardim no caminho da perfeiçam neceſſitava mais de freyo, que de eſpora.

10 Pedio logo ao Padre Meſtre, que o deixaſſe ter hum mez inteiro de Exercicios eſpirituais de Santo Ignacio, pera com elles ſe preparar em ordem à ſua Miſſa nova. Julgou porem o Padre ſer mais conveniente tratar com os Noviços, & inſtruirſe no modo de viver da Religiam. Pera a Miſſa nova o foi preparando com outras regras a iſſo accommodadas. Chegando dia de Santo Ignacio, diſſe a ſua Miſſa nova, tendo por padrinho ao Padre ſeu Meſtre. Aſſiſtiram os Noviços, & os mais do Collegio. A devaçam foi tanta, tal a abundancia de lagrimas, que os prezentes ſe conſolaram todos muito em o Senhor. Eſta meſma devaçaõ, & lagrimas teve na Miſſa em quanto viveo. No dia ſeguinte, que foi o primeiro de Agoſto, entrou a ter por dez dias os Exercicios de Santo Ignacio; nos quais ſe lhe communicou tanto o Senhor, que o Padre Diogo Monteiro diſſe, que nunca encontrara alma, aquem o Eſpirito Santo tam em breve tanto ſe communicaſſe.

11 A ſua diſciplina todos os dias era larga, & de eſtranho rigor. Avizado o Padre Meſtre, lha moderou quanto ao numero dos açoutes, mas a força, comque apertava a maõ, ſuppria bem o numero. O cilicio era cõtinuo, athe que ſe lhe ordenou o puzeſſe ſómente quatro horas cada dia. Depois que ſe lhe prohibio o tiveſſe todo o dia, & toda a noite, o coſtumava meter na cama, & deitarſe ſobre elle. Muitas vezes dormia veſtido; tambem iſto lhe foi prohibido. Em lendo, ou ouvindo ler alguma aſpereza de algum Santo, logo pedia licença pera fazer ſemelhante rigor. Neſta materia teſtimunharam todos os que de ſuas couſas tiveram noticia, que naõ era poſſivel ouveſſe homem, que com tamanha ancia buſcaſſe as conveniencias do ſeu corpo, como o Padre Joam Cardim lhe agenceava mortificaçoẽs.

12 Na meza era o meſmo darſelhe couſa boa, & goſtoza, que aſſentar comſigo de a nam tocar. O ſeu regalo era ir comer com os pobres à portaria. Chegava pera ſi o mais nojento;

jento; com elle comia, & bebia da mesma tigella, & ainda pella mesma parte, por onde o pobre bebera. Depois hia à fonte da Feira, lavava a sua tigella, & bebia da fonte ao modo, que o fazem os mendigos. Viase nelle grande amor à humildade: seu gosto era exercitarse em todo o desprezo de sua pessoa. Sendo Sacerdote, entre os mais Noviços naõ avia acabar com elle tomar o lugar, que a rezam, & a regra lhe dava. Pera mais o occuparem nas cousas baixas, dava por rezam, que os outros entraram mininos, & innocentes na Companhia, & elle crescido, & cheyo de peccados.

13 Quando o mandavam à cozinha, fazia as cousas, de que athe fogẽ os escravos, como era alimpar os canos, & outras cousas, que fazem asco. Se lhe diziam, que era Sacerdote, & por isso nam devia andar com tais, & tais cousas nas mãos: respondia, que a Deos só desagradava o lodo das culpas, pois o Senhor com suas maõs lavara os pes dos Apostolos, sendo ellas tam santas, como eram. Fazia praça de se lhe ter negado a beca no Collegio de Sam Paulo, dizendo, que se tinha feito mui bem em se lhe negar, o que se devia a homens de outras partes, que elle nam tinha.

14 Seus intentos ja do Noviciado eram, se o nam mandassem à India, como elle procurava, alcançar dos Superiores ensinar toda a vida a doutrina aos pobres, & ler por alguns annos a mais baixa cadeira do Collegio de Coimbra, peraque visse a Universidade o pouco, que prestava, pois na Cõpanhia, que sabe occupar os homens conforme os talentos, o nam achavam capaz de outro magisterio mais authorizado. Sua perfeiçam era tal, que nelle se nam notou defeito, que fosse culpa venial, nem ainda descuido contra a minima de nossas regras. Era huma admiraçam ver, como se ajustava com todas as miudezas das regras da modestia; parecia ser feito por ellas. Mandando o Padre Diogo Monteiro por vezes aos Noviços, cõforme he costume entre elles, pera se melhorarẽ, q̃ lhe notassem as faltas, nũca jà mais se lhe notou cousa alguma. Quem sabe, quam miudos elles costumam ser nestas occasioẽs, entende bem, quanta era sua perfeiçam em todas suas acçoẽs. Por isso foi consenso unanime de todos os que o conheceram, que nam só era Noviço perfeito, mas varam consummado em todas as virtudes.

CAPITULO XLI.

Como viveo, & em que se occupou o mais tempo do Noviciado em Coimbra, athe ser mandado pera o Collegio de Braga.

1 EM Outubro do mesmo anno de 1611 foi mandado em peregrinaçam com outros dous Noviços, dos quais hum era o Padre Nuño da Cunha, a Santa Catherina de Ribamar junto a Buarcos. Aindaque nestas occasioẽs os Noviços costumam ter a sua oraçam andando de vagar, nam se pode acabar com o Padre tivesse esta hora pellos caminhos, mas sempre a tinha de joelhos, como em caza. Da mesma maneira rezou sempre o Officio Divino parado, & a seus tempos, sem tratar das incõmodidades, que da detença se lhe podiaõ seguir. Dizia, que aquella hora de oraçam era de regra, & o Officio Divino de preceito, & que se aviam de fazer com toda a exacçam possivel; que as mais devaçoẽs, por serem de vontade, se podiaõ fazer pellos caminhos andando. A'noite, quando se recolhiam, tambem tinha de joelhos a meya hora de oraçaõ, que de tarde tem os Noviços.

2 Se chegavam a povoado a horas,

ras, que pudesse ir à Igreja, o seu gosto era deterse nella diante do Santissimo. Todos os dias dizia Missa com a pauza, lagrimas, & devaçaõ costumada, por mais que fosse obrigado a caminhar pello sol, dizendo, que este nam fas mal aquem, por se chegar a Deos, era obrigado a caminhar por elle. Em chegando a povoado, hia logo visitar a Igreja. Elle era de ordinario o que tomava a campainha, & ajuntava os mininos, & gente pera ouvirem a santa doutrina. Pedia com os companheiros esmola pellas portas, & se sustentava dos pedaços de pam, que se lhe davam.

3 Os gazalhados eram os hospitais, ou Cazas da Misericordia: nunca quis acceitar outros. Onde as nam avia, buscava algum palheiro, ou semelhante abrigo. Treze dias gastou nesta peregrinaçam, em que muito o consolaram os incommodos, que de ordinario costuma nellas aver. Recolhido a caza continuou em seus fervores. Tinha muita oraçam, & toda de joelhos, acompanhada de suaves lagrimas. Todos os dias por espaço de meya hora visitava a Senhora na sua Capella, & por outra meya hora o Santissimo. Nos sabbados, & quintas feiras, era cada huma destas visitas de hora inteira. Alem das dittas vizitas, oraçaõ dos Noviços, & exames de consciencia, gastava todos os dias tres horas em oraçaõ.

4 Teve dom taõ singular no fallar de Deos, que a todos abrazava. Nas vesperas de communham todos procuravam de se chegar a elle, por mais se afferyorarem com suas palavras. Com os que sentia tristes, ou tentados na vocaçaõ, fazia por fallar. Suas palavras os alegravam: algum destes confessou, que andando por vezes pera se ir da Companhia, ou vendo ao Padre Joaõ Cardim, ou fallando com elle, se lhe despedia toda a tentaçam, & assim veyo a perseverar na Companhia. Neste tempo eram tais as consolaçoẽs, que o Senhor lhe dava, que elle mesmo confessou serẽ tais, que palmava, & se admirava, & que lhe faziam parecer delicias todos os rigores, comque se tratava.

5 Aindaque o Padre Joam Cardim só contava oito mezes, & meyo de Religiam, era tal seu exemplo, que na Quaresma de mil seiscentos, & doze, avendo o Padre Manoel Secco de prègar, & assistir o tempo da Quaresma em Vizeu, lho deram por companheiro, peraque ali o ajudasse em os ministerios da nossa Companhia. O exemplo, comque ali se ouve, foi taõ admiravel, que nos annos adiante, quando ali hiam nossos, nam avia entre os naturais da terra, senaõ fallar da virtude do Padre Joaõ Cardim. Naõ se soube em Viseu, de que cor fossem os seus olhos. Nunca alguem o vio encostarse no confessionario; nelle estava as menhans, & as mais das tardes com o corpo immovel, sem bolir, nem se menear pera huma, ou outra parte, oque muito se observou, & admirou.

6 Por espaço de sinco dias ouvio huma confissaõ geral de certa mulher nobre, aqual em todos elles fez muito por ver os olhos do Padre Joam Cardim, & jà mais pode saber, de que cor fossem: depois o contava como cousa rara, & lhe ficou com rara devaçaõ. Como dali a sinco annos fosse àquella Cidade o Padre Diogo Mõteiro, levando em sua companhia ao Padre Diogo Cardim, & vizitasse esta mulher, por ser devota da Companhia, lhe disse pera a consolar: *Que me darà vossa mercê, se eu lhe mostrar huma cousa do Padre Joam Cardim?* Respondeo: *Que nam darei eu, por ver cousa desse Serafim?* Entam lhe disse, em como seu companheiro era Irmaõ do Padre Joaõ Cardim. Ouvindo isto, se levantou do estrado, & fez tais excessos, que o

menos

menos foi quererlhe beijar os pès.

7 Voltando de Viseu, lhe pergũtou hum Padre, se lhe contentara o primor, & liberalidade da hospeda, que os agazalhara? A isto respondeo, que bem experimentara a charidade, & grandeza da hospedagem, mas que nem vira, nem sabia o author della. Como neste tempo, por estar fora de caza, nam teve Mestre, que lhe fosse à maõ, todo o seu cuidado foi vingarse de si. Parecia querer acabar seu corpo a puros açoutes. Dizia depois o Padre Secco, que naõ podia Neraõ ser mais cruel com os outros, do que o Padre Cardim nesta Quaresma o fora comsigo. Dizendolhe huma ves com bom termo o Padre Secco, que nam fosse homicida de si mesmo, respondeo com o do Apostolo: *Nemo unquam carnem suam odio habuit.* Que algum excessosinho era necessario assim por ser Quaresma, como por compensar a liberdade, que tinha fora do seu Noviciado. Tevese por certo, que em toda aquella Quaresma se nam deitou em cama, por se lhe acharem sempre os lançoes lavados, & dobrados, & que nunca despio os cilicios, de que andava cuberto.

8 Tirando duas, ou tres horas da noite, em que tomava algum descanso, o demais tempo della gastava em oraçam. Dizendolhe o Padre Secco, que com tam pouco sono nam poderia aturar o trabalho da Quaresma, respondeo, que elle dormia oque bastava, & que pois os ministerios lhe levavam a maior parte do dia, era precizo supprir de noite suas costumadas devaçoẽs; & que a Companhia o naõ mandara à missam pera afroyxar em seus santos exercicios; que o Padre o advertira, que nunca faltasse à oraçam, & que moderasse antes as penitencias, que faltar a ella, & que elle assim o fazia. De sorte, que na sua opiniam era moderado nas penitencias, quando seu companheiro o tinha nam menos que por Neram de si mesmo.

9 De menhaã depois da oraçaõ ordinaria se confessava, & dizia o Padre Secco pera explicar o conceito, que delle fazia, que lhe parecia hum Sam Miguel Archanjo. Logo dizia Missa, a qual fazia tanta devaçam, que os da Cidade se convidavaõ huns aos outros pera a ouvir, dizendo: *Vamos ouvir a Missa do Santo.* Acabada a Missa, & acçaõ de graças, se punha todos os dias no confessionario athe horas de meyo dia. Sempre tinha muito que fazer, pella consolaçam, que todos achavam em se confessar com elle. Muitas vezes tomava sobre si parte da penitencia, que avia de dar aos confessados. Nas tardes desempedidas tambem assistia no confessionario athe à noite. Ainda em caza de noite ouvia a muitos penitentes.

10 Todas as semanas fazia quatro vezes a doutrina aos mininos, & rudes: fallava aos homens principais, peraque mandassem a ella seus escravos. Porque as mulheres o nam podiam ir a ouvir nas praças, deraõ ordem, comque algumas vezes fosse a doutrina nas Igrejas, peraque ellas a pudessem tambem ouvir. Nas sestas feiras fazia praticas na Misericordia antes de se tomar disciplina, aque eram notaveis os concursos. Consolava muitas vezes aos prezos da cadea com praticas, & esmolas, livrando da prizaõ a alguns delles. Hia fazer as camas aos pobres do hospital, & varrerlhes tambem a caza. No fim da Quaresma fez seu Doutor na santa doutrina a hum dos mininos com grande solennidade, & applauso de todos. Na volta pera Coimbra vizitou a nossa Senhora da Lapa, Caza de tanta devaçam, como sabe todo Portugal, onde muito se consolou, nam se podendo apartar de estaçam tam devota.

11 Recolhendose outra ves ao

seu

seu Noviciado continuou no seu fervor athe o principio de Agosto daquelle anno, sentindo especial gosto nos officios humildes. Em huma carta, que entam escreveo a sua mãy, tem estas palavras: *Sobre tudo affirmo a vossa mercê, que com oque me sinto mais consolado, he com servir na cozinha, como fis athe agora: naquella caza me alegro mais, que com todos os mimos; porque ali se me alegra a alma, & he oque me hà de importar pera o Reyno do Ceo, que he eterno.* Estas suas palavras, bem significadoras doque sentia dentro de si.

12 Tambem pedio encarecidamente licença pera fazer a doutrina por muito tempo aos pobres da portaria; porem succedia nam ser o auditorio só de pobres; vinha muita gente nobre da Cidade, & da Universidade a ouvir a sua doutrina, & a tomavam como de hum Santo. Teve ella effeitos maravilhosos, dando muitos dos ouvintes volta à vida, & naõ poucos, deixando suas esperanças, & averes, entraram em Religioẽs. Os mais dos Domingos sahia com outro Noviço pellos lugares athe huma legoa fora da Cidade. Tocando tambem neste santo emprego na carta pera sua mãy, dis assim: *Vou aos Domingos a pè aos lugares, que estam por aqui ao redor athe huma legoa, fazer doutrinas: & assim nisto, como na oraçaõ, & exercicios de humildade me faz o Senhor tanta mercê, & dà tantas consolaçoẽs, que ando disto tam admirado, vendome tam indigno dellas.* Nestes dias vivia de esmolas, & nunca queria acceitar o gazalhado, q̃ muitos Curas lhe offereciam, contentandose com os pedaços de broa de milho, que se lhe davam.

13 Tendo jà treze mezes de Noviciado, pareceo aos Superiores, que fosse estudar Philosophia no Collegio de Braga. Foi esta huma das obediencias pera elle mais penosas, pello dezejo, que tinha de servir em os officios humildes parecendolhe, que os estudos o esfriariam muito no seu fervor da oraçam. Tambem lhe custava muito deixar a companhia do Padre Mestre Diogo Monteiro, & dos Irmaõs Noviços. Todas estas repugnancias sogeitou, por entender era vontade de Deos oque ordenavam seus Superiores. O Padre Monteiro escreveo logo ao Padre Antonio de Morais Reytor do Collegio de Braga, em como o devia governar no seu espirito, dizendo estas palavras: *O Padre Joam Cardim tem mais necessidade de freyo, que de espora pera as cousas da virtude; pello que Vossa Reverencia trabalhe em lhe ir à maõ, & moderar seu muito fervor, porque isto he o de que mais necessita.*

CAPITULO XLII.

Vai pera o Collegio de Braga a estudar Philosophia. De como ali se ouve, athe fazer os votos acabado o Noviciado.

1 QUando se despedio assim do seu Padre Mestre, como dos Irmaõs Noviços, ouve muita ternura de lagrimas, sentindo todos igualmente o apartamẽto. Em toda esta jornada de Coimbra athe Braga disseram os companheiros, que andaria a pê as duas partes do caminho. Apertando com elle os companheiros, dizendo ser necessaria pressa, por tanto, que nam fosse a pè; respondia, que se o alcançassem, iria a cavallo. Pera isso nam chegar a ser, se adiantava sempre à sua vista, sem lhe poderem dar alcance, salvo quando encontrava algum pastorzinho. Entam parava a lhe ensinar a doutrina; mas tanto que vinham chegando os companheiros, se despedia.

Tinha este cuidado, assim por nam ir conversando, como por ir mais tratando com Deos, & fazendo suas devaçoẽs.

2 Chegando ao Collegio do Porto, depois dos abraços de hospede, fez por se retirar, & foi ter oraçaõ diante do Santissimo. Como assim desapparecesse, & se pergũtasse por elle aos companheiros, responderam, que nam sabiam delle, mas que o buscassem diante do Santissimo, ou da Virgem Senhora, que lâ o achariam, por que só nelles tinha o seu alivio, & descanço. Foram dous, & o viram em tam devota postura, que se naõ atreveram ao desenquietar. Vieram dizer aos mais oque passava. Sendo jâ horas de cea, o foram interromper, & levar ao refeitorio. Nada comeo fora do ordinario, costume, que guardou sempre inviolavelmente. Este ordinario foi como a consoada de hũ dia de jejum, dizendo lhe fazia mal, se à noite sahia daquella regra.

3 Depois da collaçam se recolheo a fazer exame de consciencia, & avendo de ser conforme a regra só hũ quarto, observouse, que passou de hora, & meya, & sempre de joelhos com huma postura, que fazia respeito aquem nelle punha os olhos. No fim do exame tomou huma boa disciplina. Dahi dormindo como athe duas horas, se levantou a ter oraçam. Todas estas cousas foram observadas, & este foi o alivio, que teve no Collegio do Porto o seu caminho feito a pè.

4 Chegou a Braga em quatorze de Agosto; onde logo começou a ser respeitado por Santo, por aver jâ delle grande fama entre os nossos. Pera dar principio à vida, que avia de fazer em Braga, começou tendo oito dias de Exercicios espirituais de Santo Ignacio. Sendo a oraçaõ destes dias, alem dos exames de consciencia, & vizitas do Senhor, & da Senhora, quatro horas, elle costumava ter nove, & dez. Dia ouve, em que teve treze horas continuadas sem interrupçam alguma, pera recompensar (como elle disse a seu Superior) hum excesso, que no mundo tivera, gastando outro tanto tempo com hũ amigo em boa conversaçam, como eram todas as suas.

5 Depois dos Exercicios foi em peregrinaçam ao Santo Christo de Barcellos, romagem naquella provincia de muita devaçam. Ainda que Barcellos dista poucas legoas de Braga, a jornada durou doze dias, pello rodeyo, comque a fes, indo sempre a pè, vivendo de esmolas, fazendo doutrinas, sem querer acceitar outra hospedagem, que a dos hospitais: onde os naõ avia, acceitava em alguma Caza de Religiozos; & quando estas faltavam, passava as noites no campo, como o fazem no tempo do veram os pobres. Nos caminhos ensinava a doutrina aos que encontrava, dandolhes avizos de como aviam de viver bem. Exhortava à confissam, & se algum se queria confessar, ali no caminho o fazia mui de espaço. Em Barcellos na Caza do Senhor passou a noite toda em oraçam; pella menhaã disse Missa no seu altar. Ensinou a doutrina a muita gente, por ser occasiaõ de grande concurso. Pedio esmola pellas portas, sem querer acceitar pouzada de pessoas principais, & conhecidas, que lha offereciam.

6 No primeiro de Outubro de 1612 começou a estudar Philosophia, tendo por Mestre ao Padre Manoel de Gouvea, que depois leo a mesma faculdade em Coimbra, & Theologia Moral na Universidade de Evora. Teve por condiscipulos a tres da nossa Companhia, & a muitos moços nobres assim da cidade de Braga, como de toda aquella provincia. Era tal seu exemplo, que os condiscipulos divulgaram delle, que era hum Santo. Por este foi tido naõ só

de todos os estudantes, mas de toda a gente de Braga.

7 Como era habil, & de primeiro engenho, era muito o que aproveitava, cumprindo exactamente cõ as Regras dos Estudantes da Companhia. Punha o seu principal cuidado, como querem as mesmas Regras, no estudo das solidas virtudes. Nunca mais se deu à oraçaõ, que neste tempo, gastando nella todos os dias sete horas. O como isto podia ser, se dirá mais abaixo; pois nam faltando ao estudo, que dispoem a Companhia, parece cousa difficultoza de se crer. O motivo do seu estudo era só a maior gloria de Deos, & bem das almas. Jà mais foi à classe, que nam fosse primeiro ao Santissimo Sacramento offerecerlhe o seu estudo, & a sua obediencia, pedindolhe o acceitasse em satisfaçaõ de suas culpas, & ordenasse a maior gloria sua.

8 Em vindo das escolas, logo indireitava ao mesmo Senhor, onde tinha todas as suas delicias. Sempre que começava a estudar, fazia oraçaõ a Deos, pedindo luz pera aproveitar, em ordem a mais o servir. No meyo do estudo tinha suas paragens, nas quais recorria a Deos com alguma jaculatoria, como quando chegava a paragrapho, ou titulo, ou voltava a folha. Isto era taõ conhecido, que o Mestre, que o entendia, nestas occasioẽs repetia com mais vagar, pera dar tempo ao seu discipulo. Se na explicaçaõ succedia tocar o Mestre em algum attributo divino, viase no Padre Cardim especial gosto, & attençaõ.

9 Na classe nunca levantou olhos, senaõ foi algumas vezes pera huma Cruz, por occasiaõ de alguma jaculatoria: porem isto era com muita brevidade, tornando-os logo a pòr no chaõ. Daqui nascia perguntarem os condiscipulos huns aos outros, se o Padre Joaõ Cardim tinha olhos. Nunca fallou com estudante na classe, tendo pera isso licença, que nam fosse ou das letras, ou de materias da salvaçaõ. Outras cousas ninguem tinha que delle as esperar. Concorriam a elle muitas pessoas pias, & de authoridade, pera se consolarem com as suas praticas de Deos, & de cousas da outra vida.

10 Naõ consentia, que se uzasse com elle alguma izençam, nem ainda por rezam de ser Sacerdote, como era estar em cubiculo sem companheiro, naõ ler à meza, nem se occupar em certos ministerios mais humildes. Sabendo, que o izentavam destas cousas, se foi ao Padre Reytor, & posto de joelhos lhe pedio, que o naõ desconsolasse em o izentar das pensoẽs, que tinham os outros seus condiscipulos; que pois viera grande à Religiaõ, tendo andado à larga mais annos no mundo, o deixasse com aquellas cousas poucas ir satisfazendo por seus peccados. Estas, & outras rezoẽs disse taõ de coraçam, & com tais lagrimas, que o Padre Reytor lhe ouve de dar companheiro, & licença pera fazer o mais, que fizessem os outros condiscipulos. Com esta concessam ficou alegre estranhamente, & naõ cabia em si de prazer.

11 Chegando o fim do seu Noviciado, se recolheo a ter os Exercicios de Santo Ignacio. Na noite antes do dia de Saõ Joaõ Bautista, em que avia de fazer os seus votos, esteve sinco horas juntas sem interrupçam no coro da Igreja de Braga diante do Santissimo sempre de joelhos na forma, & postura, que costumava, tendo o barrete diante de si em hum banco. Neste dia antes escreveo em hum papel a forma dos votos com seu proprio sangue, & dahi por diante a trouxe ao pescoço em huma bolsinha de couro, pera de continuo se lembrar de suas obrigaçoẽs. Fez os seus votos, dizendo Missa o Padre Reytor Antonio de Morais. A todos enterneceo a devaçam,

çam, com que leo a forma dos votos; & elle ficou tam penetrado de Deos, que a maior parte daquelle dia gastou em oraçaõ no coro da Igreja diante do Santissimo, dandolhe graças pella mercè recebida.

12 Escrevendo a sua mãy sobre esta materia, tem estas formais palavras: *Tarao já em dar a vossa mercè novas do ditozo successo de meus votos, que fis dia do gloriozo Bautista com tam grande consolaçam de minha alma, que o nam sei explicar, nem poderei dizer a minima parte do gosto, com que passo a vida, vendome agora mais atado com meu Deos, & prezo com estes amorozos laços de pobreza, que estimo mais, que todas as Coroas, & Imperios do mundo, & confesso a vossa mercê, que naõ hâ nenhum rico do mundo, que se goze tanto dos seus thezouros, & folgue tanto de ver os seus dobroẽs, & Portuguezes de ouro, como eu os meus companheiros, a que o grande, & humilde Saõ Francisco chamava Irmaõs, & os criava: porque por estes me hà o Senhor Deos de dar coroas de gloria immortal, & os seus nam ham de aproveitar na morte, & muitas vezes nem em vida. Nesta materia naõ digo mais, senaõ que pasmo muitas vezes, como naõ morro com alegria, & gosto; nem hà cousa, que me aparte de meu Deos, porque sò em fazer sua divina vontade, & servir a tam grande Senhor, se acham os gostos, & regalos, que o mundo naõ pode dar, por serem estoutros mui differentes, como de tal dador.* Assim explicou o seu gosto.

CAPITULO XLIII.

Dos santos exercicios, & modo, com que passou o seu primeiro anno depois do Noviciado.

1 DEpois de fazer os seus votos, era o seu trato mais com Deos, que com os homens. Guardava exactamente a regra do silencio, sem dizer palavra fora de seu tempo. Muitas vezes no tempo de fallar depois da cea succedia dizer, que aquella era a primeira palavra, que naquelle dia lhe sahira da bocca. Raramente hia à recreaçam, que se tem depois de jantar; porque como de ordinario ou servia no refeitorio, ou na cozinha, ou lia à meza, & acabada a segunda fazia doutrina aos pobres antes da esmola, nam sobejava tempo pera ir fallar. Se o avia, o gastava no coro diante do Santissimo.

2 As vezes, que vinha, era de ordinario na ultima meya hora depois da cea, porque em quanto avia, que fazer no refeitorio, ou cozinha, naõ deixava de ajudar os Irmaõs. Nestas vezes, que vinha à recreaçam, as mais dellas fallava com hum Irmaõ velho, que era porteiro do carro, algum tanto injucundo aos mais de caza, por ser de condiçam hum pouco aveça, & incruada. Cuidando certo Padre, que o fazia por se mortificar, lhe disse, que se espantava da paciencia, com que praticava com aquelle Irmam tam pouco engraçado. A isto respondeo o Padre Cardim: *Saiba Vossa Reverencia, que tenho particular gosto, & consolaçam em ouvir fallar a este Irmaõ, por me fallar sempre de Deos; & mais trato com elle por amor proprio, que por me mortificar. Mortificarame a mim grandissimamente ouvir fallar, & tratar de outras cousas, a que nosso Senhor me fez mercê perder todo o gosto.*

3 Nisto dizia o Padre Cardim o que nelle todos viam: alegravase ouvindo fallar de Deos, nem queria praticas de novas, nem de parentes. Porque todos o amavam muito, o levava às vezes o Padre Reytor, ou o Padre Confessor ao lugar da recreaçaõ. Era tal o respeito, que lhe tinham, que em quanto estava prezente,

te, nam avia quem ſe atreveſſe a dizer palavra, que naõ foſſe mui eſpiritual, & circunſpecta. Duas couſas tem os teſtimunhos, que delle ſe deram, ambas mui notaveis; ſam as palavras formais: *Que quando o Padre Joaõ Cardim vinha, cada hum olhava por ſi, & por mais compoſto, que eſtiveſſe, procurava de ſe compor mais, do mais moço athe o mais velho, & authorizado, porque ſua prezença compunha, & compungia a todos. Eſta a primeira couſa. A ſegũda era, que em quanto ali eſtava, & os Padres lhe fallavam em materia de eſpirito, como ſempre faziam, ainda que nam foſſe mais, que pello naõ diſgoſtar, ſe lhe via tal alegria no roſto, que parecia lhe pullava a alma de prazer: no que bem moſtrava, que sò em Deos tinha todos ſeus prazeres.* Athe aqui as palavras formais dos teſtimunhos.

4 Ao Superior tratava com ſingular reſpeito, & humildade. Nunca diante delle ſe cobria; eſtava em pè com os olhos no cham, & as maõs juntas no barrete. Dizendo-lhe huma ves o Padre Reytor, que moderaſſe as penitencias, porque moderandoas podia fazer a Deos, & à Cõpanhia muitos ſerviços: que continuando no modo, que tinha, lhe acõteceria o que ao Beato Luiz Gonzaga, que pello rigor, com que ſe tratou, privou à Companhia das eſperãças, que nelle tinha de ter hum Prepoſito Geral, que a honraſſe, & promoveſſe com ſeu bom governo. A iſto reſpondeo o Padre Cardim com os olhos no cham: *Padre, que perdeo a Cõpanhia com a morte do Beato Luiz? Que mais a pudera honrar, ſe fora Geral muitos annos, doque a honrou, ſendo Santo em taõ poucos?* Com eſta repoſta tam madura, & prudente ſatisfez ao que nelle notava o Padre Reytor.

5 A todos os Padres, & Irmãos tratava como ſe lhe foſſem Superiores. A nenhum deu leviſſima moleſtia. A alguns Padres de authoridade, que lhe diziam, que por ſer de poucas forças, era rezaõ pòr modo nas penitencias, reſpondia com muita humildade, que aquelles conſelhos eram bons pera os que entraraõ na Religiam mininos com a primeira innocencia, naõ pera elle, que entrara homem cheyo de vicios, & peccados; que tudo fazia por ordem de ſeus Superiores, por iſſo eſtava certo ir bem por onde hia.

6 Eſte era o modo, & modeſtia, com que ſe avia com os de caza: o modo de tratar com os de fora, todo tambem era ſanto, & eſpiritual. Em mais de dous annos, & meyo, que morou no Collegio de Braga, nunca delle ſahio, mais que pera favorecer ao proximo, excepto alguma ves, que o Padre Reytor o levava por cõpanheiro. Suas ſahidas eram aos prezos do Caſtello, a lhes fazer exhortaçoẽs eſpirituais, & diſpolos pera a confiſſaõ, & elle os hia muitas vezes confeſſar. Procurava eſmolas, & lhas levava; ſolicitava ſuas cauſas com as juſtiças, ou indo em peſſoa, ou eſcrevendo-lhes. Por eſta charidade, que nelle viam, o tinham todos por alivio em ſuas miſerias.

7 Com o meſmo fervor acodia aos enfermos do hoſpital, varria as enfermarias, fazia as camas, curava-lhes, & alimpava-lhes as chagas. Sempre ſe pegava com os mais perigozos, & nojentos. Parecia nam ſe poder apartar delles. De ordinario nas tardes dos dias Santos, & ſuetos eſtas eram as ſuas recreaçoẽs. Aos pobres fazia todos os dias a doutrina na portaria do Collegio, antes de ſe lhe repartir a eſmola. Como iſto era ſabido na cidade, & avia opiniaõ de ſua virtude, vinham a ouvilo peſſoas graves, & Eccleſiaſticos de authoridade. Athe mulheres graves, pondoſe em lugar, que nam foſſem viſtas, o vinham algumas vezes ouvir.

vir.

vir. Ali comia tambem muitas vezes com os pobres: como eram tam continuadas estas obras, cobraraõlhe grande amor os pobres, & o chamavam Santo.

8 Daqui nascia, que indo fora, logo os pobres hiam apoz elle, beijavaõlhe a capa, de que o servo de Deos muito se envergonhava. Logo que sahia, corria a voz pella cidade: *Sahio o Santo fora, vamonos encontrar com elle*. Muitas vezes sahindo fora, alem da exhortaçaõ aos prezos, fazia duas doutrinas, pera consolar a gente, que a elle se chegava. Suas palavras abrazavam a todos no amor de Deos. Nestas occazioẽs com o fervor o rosto todo se lhe inflammava, como se fosse huma braza viva.

9 Ainda que tinha as occupaçoẽs de estudante, nos Domingos, & dias Santos acodia a confessar na Igreja com grande pontualidade. Quando de noite se tangia a campa da portaria, se naõ estava levantado, o fazia logo, pera dizer ao porteiro, que se fosse confissam, dissesse ao Padre Reytor, que elle estava levantado, que podia ser pressa, & assim naõ avia que esperar por outro. Foi cousa certa, que nunca de noite se tangeo a campa, que o porteiro naõ encontrasse levantado ao Padre Joaõ Cardim, ou porque vigiava a maior parte da noite no coro diante do Santissimo, ou porque essas poucas horas, que descansava, o fazia vestido, sem se deitar em cama. Isto se observou nelle muitas vezes.

10 Muitas pessoas assim da Cidade, como de fora, movidas com a fama, que delle corria, o vinham buscar, pera se confessar com elle; no que sentiam especial consolaçam. Aos criados de caza fazia duas, & tres vezes a doutrina na semana. Em todos estes exercicios, & santos ministerios tinha sua modestia tal graça, que todos o amavam, & se perdiam por elle.

11 Nas ferias do seu primeiro anno de estudo foi em peregrinaçaõ a Saõ Gonçalo de Amarante. O modo, que nella teve, foi o mesmo, que fica ditto na que fez ao Senhor de Barcellos. Sòmente lhe succedeo em Guimaraẽs hum encontro, em que bem se vio seu grande espirito. Nesta Villa era Mestre Escola da Collegiada de nossa Senhora da Oliveira o Doutor Ruy Gomes Golias seu parente, que com elle se criara em Coimbra, com quem o Padre Cardim tivera estreita amizade, & antes de ser da Companhia todos os correyos se escreviam. Sabendo pois, que tinha ao Padre Cardim em Guimaraẽs, logo o foi buscar pera sua caza. Por mais instãcias, que fez, o nam pode tirar da caza da Mizericordia.

12 Muito teve o Doutor, que admirar nelle. Via, que sendo o cõpanheiro Irmaõ, elle o tratava com notavel respeito, como se lhe fosse Superior. No dia seguinte ao que chegou, o levou a huma Igreja sua de Villanova de Sande, que dista de Guimaraẽs huma legoa. Nunca pode acabar com elle, que fossem a cavallo, & assim ouve tambem o Doutor de ir a pè. Pello caminho lhe nam fallou senam de Deos, & da gloria dos Bemaventurados. Passando pellos soutos, & devezas de Saõ Joaõ da Ponte, disse com grande fervor, que dava a Deos tantas graças pellas mercès, que lhe tinha feito, & lhe offerecia tantos actos de amor de Deos, quantas eram as folhas das arvores, & as ervinhas, que hiam vendo.

13 Sendo assim, que avia perto de quatro annos, que se naõ tinham visto, & tendo sido tal sua amizade, nunca lhe fallou senaõ de Deos, como se com o Doutor naõ tivera tido conhecimento algum; de que elle grandemente se admirou, & com rezam; & assim fez delle conceito, que era mais Anjo, & Serafim, que homẽ feito deste nosso lodo. Chegados à Igre-

Igrèja, depois de fazer oraçam por mais de huma hora, celebrou a sua Missa com tal devaçam, & copia de lagrimas, que disse o Mestre Escola, que se algum Anjo a celebrara, o naõ faria de outra sorte. De tarde fez doutrina a muita gente, & no fim fallou sobre a festa. Tudo com tanto concerto, devaçam, certeza, & zelo do bem das almas, que mostrou bem o muito amor, que tinha à Virgem Senhora. Fazendose horas de ir pera Braga, que dista duas legoas, nam só naõ quis admittir duas mulas, que lhe offereceo Ruy Gomes, mas nem cõsentio, que hum criado, que lhe foi ensinando o caminho, lhe levasse a capa.

14 No Collegio continuou nos seus ordinarios exercicios, em que gastou o segundo anno do seu estudo. Das suas mortificaçoẽs mui ordinarias era huma quasi todas as semanas comer na portaria com os pobres. Jà dissemos assima o modo, que tinha nesta mortificaçam. Nesse dia nam comia outro jantar, senaõ esse pouco, ou quasi nada, que tomava da tigela do pobre. Succedialhe chupar o osso, depois que o pobre o teve na bocca. Nestas cousas de si taõ repugnantes lhe dava Deos hum grande sabor. O Padre Antonio de Morais, neste tempo Reytor do Collegio de Braga, no seu testimunho tem estas palavras: *Huma entre outras muitas vezes indo comer com os pobres à portaria, a qual licença eu lhe dera com difficuldade, me disse o Padre Joaõ Cardim estas formais palavras: Pera que Vossa Reverencia saiba tudo, o que passa por minha alma, & que outro dia naõ seja tam difficultozo em me dar licença, saiba Vossa Reverencia, que hoje quando puz aquella tigela de caldo dos pobres à bocca, senti corporalmente tanta suavidade, & gosto, que nunca nesta vida comi boccado, que melhor me soubesse.* Athe aqui as palavras do Padre seu Reytor.

15 Quando no refeitorio comia de esmolas, que era muitas vezes, como entre nòs se uza, elle pedia na cozinha lhe dessem da panela dos pobres: quando se lhe dava, entaõ era o jantar mais do seu gosto. Porem muitas vezes o Padre Ministro, que assistia a esse tempo na cozinha, vendo sua santa importunaçaõ em requerer o dos pobres, quando lhe davam o da communidade, lhe dizia, que dos pobres era contentarse com o que lhe davam. Entam abaixando a cabeça, tomada a esmola, desistia do seu requerimento.

CAPITULO XLIV.

Como sarou milagrozamente. Refere-se hum exemplo de sua mortificaçam, & das peregrinaçoẽs, & proveito, que fazia nas almas.

1 POr este tempo lhe succedeo amanhecer hum dia todo inchado athe a cintura, em tal forma, que se lhe passara mais assima, era mui provavel o perigo de vida. Querendose levantar, o naõ pode fazer. Foi o Irmaõ seu companheiro dar conta ao Padre Reytor do estado do Padre. Mandou vir Medico, & Surgiam, os quais o quizeram ir dispondo pera o purgar. Por naõ serem entam horas, o deixaram sem remedio. Porem em breve se lhe desfez a inchaçam de sorte, que ficou com perfeita saude, como dantes tinha. O Medico, & Surgiam affirmaram ser aquella saude milagroza, & dali por diante lhe ficaram com notavel respeito. Naquelle mesmo dia disse Missa, ainda que com algum trabalho.

2 Quis à noite o companheiro fazerlhe a cama; respondeo nam ser necessario, porquanto estava bom, & seria melhor naõ bolir comsigo.

Po-

Porem dizendolhe ser assim ordem do Padre Reytor, obedeceo, pedindo ao Irmam a fizesse depressa, significando ser assim conveniente pera o seu achaque. Depois se entendeo era o seu intento nam dar o companheiro fè do que na sua cama passava. Quando a descobrio, a vio tam cheya dos animalejos, que os corpos criam, & aquem Sam Francisco chamava os seus companheiros, que passmou, affirmando serem tantos, que se podiam tomar às mancheas: admirouse grandemente, como era possivel, que hum corpo humano pudesse parar, & estar quieto entre tam molesta praga, como entre ella costumava estar o Padre Joaõ Cardim, bem como os que se encostam em cama de flores.

3 De tal cama como esta dis em huma carta sua: *Que a sua pobre cama lhe parecia a mais regalada do mundo.* Vendo o Irmam cousa tam desuzada, lhe quis mudar toda a roupa, pera tomar algum descanso; porem elle o nam consentio. Rogoulhe, que tal cousa naõ dissesse ao enfermeiro, & menos ao Superior, porque com pretexto de charidade lhe poderiam fazer muito mal. O Irmaõ se deixou levar das rezoẽs, que o Padre lhe deu, aindaque depois veyo a cahir no seu erro.

4 Vindas as ferias de mil seiscẽtos, & quatorze, em que acabava o segundo anno de Philosophia, teve dez dias de Exercicios espirituais, pello modo, que dos outros fica ditto. O mais do tempo assistia em hum canto do coro diante do Santissimo, como tinha de costume. Depois dos Exercicios, avida licença do Padre Reytor Andre Palmeiro, foi em peregrinaçam ao Santo Christo de Bouças. Discorreo pello destritto de Viana, Villa de Conde, Fam, & Esposende, avendose do mesmo modo, que nas outras occasioẽs. Em alguns lugares se detinha tres, & quatro dias pellas muitas confissoẽs, que lhe acodiam.

5 Em Esposende certo homem principal lhe preparou hospedagem com muitos mimos, porem elle fugindo destes commodos se foi dormir em o campo debaixo de hum carro; de que ouve em toda a Villa grãde admiraçam, quando se divulgou o que passara. Dizendose-lhe ao depois, por modo de quem estranhava, que nas tais occasioẽs nam se aviam de deixar as charidades dos fieis; respondeo com o rosto todo abrazado, que nunca Deos lhe fizera maiores regalos, que naquella, & semelhantes noites. Nestas peregrinaçoẽs todos os dias se disciplinava com o rigor costumado. Dizendolhe os Padres, & o Superior, que disciplinarse na forma, que se lhe tinha contado, vindo cansado de andar a pè, & comendo de esmolas, sobre isso ter doutrinado, & feito confissoẽs, era querer em breve acabar a vida: respondia com duas rezoẽs: primeira, pera que o corpo pagasse o alivio, que tinha em estar fora de caza, & da sogeiçam da obediencia. Segunda, pera que os seculares, que o nam conheciam mais que por Religiozo da Cõpanhia, se edificassem, & tivessem boa opiniam da Religiam, vendo, que os seus Religiozos entre os mais cansaços se naõ esqueciam do rigor, que em caza usavam com seus corpos.

6 As mesmas rezoẽs o deviam de mover a rezar todos os dias o Officio Divino de joelhos, & desbarretado, ter a oraçam na postura, que em caza costumava, & dizer a sua Missa com tanta devaçam, & pauza, como se naõ tivera caminhos, que andar. Passante de vinte dias gastou nesta peregrinaçam. Ficou seu nome mui vivo, & por muitos annos em todas as Villas, & lugares, por onde discorreo.

7 Assim como dissemos, que em Coimbra hia fazer doutrinas nos lugares

gares à roda da Cidade: do mesmo modo se avia em Braga. Quando pera ella foi, soube, que muitos lugares por pobres, & limitados careciam de doutrina. Por tanto pedio licença pera nos Domingos do Advẽto, & Quaresma discorrer por elles. Assim o fazia, fazendo doutrinas em tres, & quatro. Eram notaveis os concursos. O que mais he, que athe da Cidade de Braga deixando os prègadores de fama, o hiam ouvir naquelles pobres lugares, onde se achava com auditorios de gente escolhida. A voz commua era: *Vem câ o Santo Domingo: em tal dia vai o Sãto a tal parte.* Naõ lhe sabiam outro nome. Esmeravase muito em encommendar a devaçam da Senhora; parecia metela a todos dentro no coraçam.

8 Naõ se estreitavam os seus fervores à Provincia de Entre-Douro, & Minho; o que naõ fazia em Viana patria sua com a prezença, suppria com as cartas. Com ellas foi de muito proveito espiritual a sua mãy, irmaã Religioza, & às mais daquelle Convento de Viana, que com esta liçam se affervoraram a viver em muita perfeiçam. As cartas se liam naquella Santa Caza em communidade, & depois em particular. Estam ellas cheyas de tanto espirito, que bem mostram o de seu author. Andam muitas no livro, que se imprimio de sua Vida, & sam dignas de se ler com o espirito, comque se fizeram.

9 Athe agora fomos seguindo cõ a narraçam o discurso da vida do Padre Joaõ Cardim, metendo de caminho grandes actos de suas virtudes, que assim era necessario pera a boa intelligencia das cousas, deixando outros, que por entaõ se podiam escusar, pera os referir por seus titulos especiais. Antes de entrarmos a contar a revelaçaõ, que teve de sua morte, a ultima doença, & seu santo fim, daremos aqui noticia das muitas virtudes, comque mereceo a Deos morte de justo, & que em tam poucos annos de Companhia o chamasse pera si.

CAPITULO XLV.

Da humildade, & pobreza do Padre Joam Cardim.

1 HE a humildade fundamento das virtudes: todas as que ouve neste Santo homem, nella, como em solido fundamento, se encostaram. Delle disseram muitos, que se a humildade se ouvesse de pintar, como ella em si he, se nam podia retratar mais ao vivo, que pintando o Padre Joam Çardim, como elle foi em todas suas acçoẽs. Dezejava grandemente ser desconhecido; por isso, como dissemos, fez tantas instancias, peraque o recebessẽ por Irmaõ Coadjutor temporal, dizendo, lhe faziam nisso muita graça.

2 Sendo tam letrado, & de tam sobido engenho, quando fallava com os Padres, se mostrava ignorante, tanto, que quem o nam conhecesse, teria pera si, que nunca versara as escolas. Daqui nascia o gosto, que tinha em tratar com os Irmaõs sem letras, dizendo, que os buscava como a gente mais proporcionada à sua pouca capacidade; que elles o ensinavam, & delles aprendia muito. Sendo tam prudente, quando escrevia cartas, as mostrava primeiro a hum Irmaõ porteiro do carro, pedindo, lhas emendasse, & notasse os erros, dizendo, que nas cousas proprias vem mais que os proprios, os olhos alheyos. Admiravase o Irmaõ da sinceridade, comque o Padre o fazia. Sem esta emenda nam levava as suas cartas ao Padre, que tem por officio o revelas.

3 O seu trato fora era só com os pobres, & mizeraveis. A estes chamava ao confessionario, a estes fazia doutrina todos os dias. Quando outro Irmaõ a fazia, elle se metia entre

os pobres, & respondia às perguntas do Irmaõ. Dizia, que das Cidades, onde tinha estado, de nenhuma gostara mais, que de Braga, por nella aver mais pobres, com quem podia tratar, como gente mais a proposito pera a sua capacidade. Que se lhe dessem officio de Confessor, por esta causa ali o faria com gosto particular.

4 Summamente se alegrava em servir nos ministerios mais baixos da cozinha. Huma ves, estando na cozinha cingido com hum avental mui roto, mostrou alegria no rosto; como lhe perguntassem a causa, respondeo: *Como nam hei de estar alegre, & pullar de prazer, pois vejo quanto melhor me está, & quanto mais ganhei na beca de Sam Paulo de Braga, do que me estivera, & ganhara com a de Sam Paulo de Coimbra, em cazo, que a levara.* He o nosso Collegio de Braga dedicado ao Apostolo Sam Paulo, por isso fes de hum Collegio comparaçam pera o outro tambem de Sam Paulo.

5 No tirar o barrete ainda aos que nam eram Sacerdotes, elle era sempre o primeiro; muito antes de chegar a elles, se desbarretava. Desviavase, & coziase com a parede, athe passarem. Fallava mui pouco com os Padres, por se julgar indigno disso; quando o fazia era levado por força, tinha os olhos no cham, & estava como se fora hum minino. Positivamẽte procurava ser tido por homem falto de engenho. Quando lia à meza, aque por sua humildade se sogeitou, ainda que era perito na lingua latina, de proposito dava erros, a fim de o emendarem, & ficar tido por ignorante, oque deixavam de fazer, porque o entendiam. No Curso perguntandolhe o Mestre alguma difficuldade, elle, aindaque era habil, pera ser tido dos condiscipulos por grosseiro, humas vezes respondia, que nam sabia, outras respondia erradamente. Porem nestas occasioẽs jà todos entendiam, nascer tudo de sua profunda humildade.

6 Tinha comsigo determinado, em cazo, que no anno de 1615 o nam mandassẽ à India, como pedia, fazer por ensinar alguns annos a undecima classe do pateo de Coimbra, peraque toda a Universidade visse o pouco cazo, que delle se fazia na Companhia. Nas sinco missoẽs, que fez, nunca prègou por modo de prègaçaõ, porque se cuidasse nam tinha talento pera isso; o seu cuidado era ensinar a santa doutrina. Athe nas materias de meditaçaõ, & oraçam, em que era tam eminente, se julgava tam atrazado, que todos os dias hia com os Irmaõs tomar a meditaçam ao cubiculo do Prefeito espiritual; onde se punha sempre a hum canto em pê, & desbarretado, & com os olhos no cham.

7 Porque a humildade se ajuda muito com as humilhaçoẽs exteriores, nestas foi tam continuo, que parecia andar sempre por debaixo dos pès de todos. Entre outros seus actos nesta materia, causou muita edificaçaõ, oque exercitava nos dias, que na Quaresma os estudantes tomavam cõ seus Mestres disciplina em o nosso Collegio: entravam pera o lugar por hum corredor escuro, & à entrada da porta se lançava em terra o Padre Joam Cardim, peraque todos passassẽ por sima de seu corpo, encobrindo esta sua humildade com a escuridam do lugar. Abaixo diremos a rara humildade, comque dezejou fosse tratado seu corpo depois de morto.

8 Na guarda dos votos, & virtudes, que constituem o estado Religiozo, foi perfeitissimo. Nunca estando na Companhia acabou comsigo vestir, ou calçar cousa nova, nem consentio, que lha dessem. Huma ves, que o Superior lhe mandou pedisse hum gibam novo pera se abrigar dos grandes frios, se assombrou, como se lhe mandasse vestir cousa empèstada. E soube seu amor à pobreza descobrir

traça,

traça, comque sem ir contra a obediencia, o nam vestisse. Quando na rouparia pedia alguma cousa, sempre lembrava ao Irmaõ, que fosse o peyor. Se lhe dava alguma peça menos pobre, com achaque, de que era ou grande, ou pequena, se escusava do uso della.

9 No cubiculo só tinha huã Cruz de pao, & huma imagem de papel. A meza era mui velha. A cadeira era hum banco estreito, nam admittindo a cadeira de pao, que se dá aos Irmaõs estudantes. A cama era pobrissima sobre quatro taboas bem velhas. Nesta pobreza da sua habitaçam estava tam contente, que em huma carta pera o Padre Antonio de Vasconcellos tem estas palavras: *A minha barra, & cama pobre me parece a mais regalada do mundo, & a pobreza da minha camara; & estoume tendo compaixam dos que buscam outras riquezas com tãtas ancias, mais que estas. E creame Vossa Reverencia, que se eu o pudera fazer sentir verdadeiramente nos interiores de muitos, como lho posso affirmar cõ verdade, que elles deixaram logo o mundo: porque estes sam os verdadeiros gostos, nam só no espiritual, mas ainda no temporal.*

10 Deste santo espirito lhe nascia ter huma santa inveja, quando via, que outro tinha alguma peça mais velha, & somenos, que a sua. Por isso pertendeo trocar a sua capa, com ser de bons annos, com a de outro Irmaõ, que a tinha mais velha. Depois de ter esta capa, dis delle o Padre Antonio de Morais seu Reytor estas palavras no seu testimunho: *Tinha o Padre Joaõ Cardim hum manteo mui velho, o qual estimava mais, que nenhum mundano o vestido mais rico; & temendose de mim, que lho tirasse, esperou conjunçaõ, em que eu estivesse mais liberal, como era na festa de Santo Antonio meu Santo, & entam me disse, que tinha huma petiçam, a qual lhe avia de conceder à honra de Santo Antonio; & era ella, que lhe nam tirasse o seu manteo. Deixeilho trazer, athe a gente de fora reparar nisso, dizendo, q̃ naõ era decẽte andar assim hum Sacerdote, & ainda entam o largou por este respeito com bem magoa sua, dizendome: Basta, que me tira Vossa Reverencia o meu manteo? E pera que elle sentisse menos a falta, lhe naõ quis dar outro novo, senaõ o meu, que era ja bem uzado, com o que elle se consolou, dizendo, que tinha o Superior em lugar de senhor, & que os senhores costumavam vestir os criados de seus vestidos já uzados.* Athe aqui as palavras do Padre Antonio de Morais.

11 Quando jantava à segunda meza, buscava os pedaços de paõ, que aos outros sobejavaõ, & destes comia, quando naõ tinha os pedacinhos, & boccados de broa, que sobejavaõ aos moços; por quanto indo à caza, onde comiaõ os criados do Collegio, recolhia em hum lenço os pedacinhos, que lhe ficavam, & as migalhas, que lhe cahiam no cham, & isto comia na meza com dissimulaçaõ, porque os visinhos o nam advertissem. De sorte, que nem no comer, nem no vestir queria, que ouvesse outro mais pobre, que elle. Costumava dizer, que a nossa natureza he melhor de sustentar, que de contentar. A sua pobreza naõ era sordida, antes naquella velhice de vestido tinha huma estremada limpeza. Escrevendo os outros no Curso as suas grozas em papel fino, elle as tomava em papel negro, & taõ grosseiro, que a pena naõ queria por elle correr, sem q̃ primeiro o burnisse. Cousas de devaçam, que entre nos se costumam dar, nem as procurou, nem as teve, nam querendo ter o seu affecto atado a outra cousa mais, que a Deos.

CAPITULO XLVI.

De sua obediencia, pureza, modestia, & penitencia.

1 NA obediencia, que he entre nos a pedra de toque das mais virtudes, se mostrou mui põtual em todas as occasioẽs. A seus Superiores tratava como senhores seus, & a si como a escravo. Naõ avia fazelo cobrir diante delles, nem assentarse, salvo alguma ves, que rezava com o Padre Reytor o Officio Divino, & entam estava como envergonhado, por assim estar diante de seus Superiores; por mais benevolencia, que com elle uzassem, nunca sahio daquelle seu respeito, & reverencia, que lhes tinha. Reprezentandoselhe huma ves, que excedera no pedir de certa licença, se lançou de joelhos aos pès do Padre Reytor, & lhe rogou com muitas lagrimas, que por amor de Deos lhe pordoasse o ter sido tam descomedido, & importuno. Tinha elle nesta occasiaõ, depois de negada huma penitencia, instado segunda ves, & a isto chamava sobegidam.

2 Quis provalo o Padre Mestre dos Noviços, & darlhe huma ves que merecer. Deulhe diante dos Irmaõs huma boa reprehensam em cousa, que elle nam fizera. Logo posto de joelhos cheyo de confusam, como se em verdade fora reo, pedio perdam do seu desacerto: de que o Mestre muito se edificou, sabendo, quam facilmente os imperfeitos dam modo, & geito, comque acudam por si, & sacudaõ a culpa, de que sam arguidos.

3 Quando era Noviço, & hia servir nas officinas, pedia ao Padre Mestre, lhe desse outro Noviço por Superior, que lâ o mandasse. Fazia esta prevençaõ, aindaque a regra dâ entaõ por Superior ao Irmaõ, que tẽ a seu cargo a officina, porque advertio, que como a Sacerdote os Irmaõs lhe mostravaõ respeito, & elle queria, quem o mandasse, & exercitasse com imperio. A regra de acodir à risca, quando se da sinal, a guardou ao pè da letra, succedendolhe muitas vezes deixar a letra começada, oque por curiosidade alguns observaram, indo ver o papel, que nesse tempo escrevia.

4 Nunca mostrou repugnancia, ao que lhe mandavam, nem ainda inclinaçaõ, ou juizo contrario, salvo era, onde intervinha commodo seu, porque entaõ reprezentava com grãde sogeiçam; mas tanto que o Superior, depois de o ouvir, dizia o seu parecer, se calava, & sem mais replicar, obedecia. A'carta de Santo Ignacio, que trata da Obediencia, escritta aos Padres, & Irmaõs desta nossa Provincia, costumava chamar, *Carta de ouro.* Dizia, que a obediencia dos da Companhia nam avia de dar fê de inconvenientes, principalmente depois de huma ves propor, oque se lhe offerecia. Tambem dizia, que a penitencia dos da Companhia avia de ser a exacta obediencia de vontade, & de entendimento, mas que a elle, por nam sentir difficuldade alguma em obedecer na ditta forma, lhe era necessario fazer outras penitencias. Esta era huma das repostas, que dava a quem o notava das muitas penitencias, comque se affligia.

5 O Padre Antonio de Morais delle deixou escritto o seguinte: *Sò o enfreava nas penitencias, & rigores a muita conformidade, que tinha com a vontade do Superior, aquem com huma cega obediencia se sogeitava, como se fora huma criança; propondo, se tinha alguma cousa em contrario, com muita humildade, & resignaçam, & sò mostrava alguma repugnãcia nas cousas favoraveis à natureza, como eram recreaçoẽs, & quintas, aindaque em tudo se rendia, & conformava com a santa obediencia.*

E hum

E hum dia me disse, lhe dera Deos a sentir (& dahi por diante fes assento firme em toda a materia de obediencia) que na obediencia lhe podia agradar muito, & que nella esperava especialmente o servisse; pois era a cousa, em que mais se esmerava a Cõpanhia, & que Deos o chamara, pera nella o contentar, & servir, & que esta era a maior penitencia, que dos da Companhia esperava. Athe aqui o Padre Morais. Na ultima doença, como diremos, todo se pos nas maõs da obediencia, & no artigo da morte pedio ao Padre Reytor, que o mandasse morrer por obediencia.

6 A sua pureza foi Angelical. Seus condiscipulos confessaram, que pera se livrar de pensamentos menos limpos, bastava porem os olhos no Padre Joam Cardim. Certo Padre, vendose algumas vezes desenquieto com tentaçoẽs importunas, o remedio, comque as affugentava, era o de olhar pera este servo de Deos, & logo lhe tornava a sua paz interior.

7 A pureza virginal guardou sẽpre illesa, como constou de seus Confessores, que testimunharam, que nunca perdera a graça bautismal. Pera conservar esta joya, usava de muitas prevençoẽs, ainda sendo secular, quais eram, nam por os olhos em mulheres. A sua Irmaã dis em huma carta: *Na virtude da castidade lhe encõmendo a Vossa Mercê, que naõ olhe pera pessoa nenhuma secular com os olhos fittos, nem ainda pera suas Superioras, & Madres graves, mostrãdo em tudo huma modestia mui rara, tratando de imitar nella à Virgem Santissima, & seja interior, & exterior.*

8 Tambem fugio sempre da ociosidade, & de conversas de estudantes pouco recatados no fallar. Quanto à sua modestia na Religiam, elle se fes hum retrato mui ao natural das Regras da modestia, que deixou escrittas Santo Ignacio. Ninguem lhe vio levantar os olhos do cham, salvo foi pera o Sacrario, pera o Ceo, ou pera alguma Cruz, & Imagem. Daqui vinha pasmarem os estudantes, & perguntarem, se tinha olhos o Padre Joam Cardim? O Arcebispo Dom Frey Aleyxo de Menezes, indo vizitar as Escolas, o em que fez mais reparo, foi na modestia do Padre Joaõ Cardim: quando entrou na aula da Philosophia, perguntando, quem era, o louvou muito. Outra vez sendo nosso hospede no refeitorio, nunca tirou os olhos do Padre, admirandose, de que nunca os levantara, nem com elles bolira.

9 Quando sahia fora de caza, nas ruas, & praças fazia admiraçaõ a todos sua rara compostura. Os discipulos vinham dizer aos Mestres, que se ao Padre Joaõ Cardim perguntassẽ, se as cazas de Braga eraõ altas, ou baixas, terreas, ou de sobrado, o nam sabia dizer. Por nam cahir em alguma inurbanidade, lhe acontecia por vezes tirar o seu chapeo a alguma sombra, ou ao estrondo dos pês, que ouvia, imaginando era de gente. O seu andar era a mesma composiçam, sem menear a cabeça, nem mover as maõs de huma pera outra parte.

10 Quando se assentava, estava immovel, sem bolir com o corpo, nẽ se menear pera huma, ou outra parte, & sem se encostar. Na classe era isto cousa mui assombroza; porque fora do tempo de escrever, o mais estava com os olhos no cham, com as maõs em cruz, sem nunca bolir, ou fizesse calma, ou frio, sem mudar os pês, ou fazer algum minimo movimento com seu corpo, nem acodir a desviar as importunidades das moscas, ou outras semelhantes comichoens.

11 O rigor, com que castigou seu corpo, foi extraordinario. Moderandolhe em Braga as disciplinas cõ ordem, que huma só ves no dia se disciplinasse, elle o fazia por tanto tempo,

po, & com tanto rigor por todas as partes do corpo, que fora menos crueldade tomar seis, & sette disciplinas no dia, se fossem com a conveniente moderaçam. Finalmente lhe vieram a ordenar, que naõ tomasse disciplina, tirando certos dias na semana; mas isto foi jâ tarde, quando tinha consumido seu corpo com a penitencia. Por isso quando o amortalharam, se lhe achou todo o corpo huma chaga viva. As pessoas de fora reparavam, que andava taõ magro, & desfeito, que parecia hum retrato da penitencia. Os ossos lhe appareciaõ por sima da roupeta, & lha furavam, & rompiam.

12 Tinha huma como samarra de cilicio, que lhe tomava athe a cintura. Nos ultimos tempos lhe mandaram, que naõ usasse deste cilicio, se naõ por espaço de tres pera quatro horas pella menhaã. Nos outros tempos, em quanto nam teve esta ordem, devia de a trazer de continuo. Mas sempre a metia na cama, & dormia sobre ella. Nam pedindo nada a sua Irmaã a Madre Izabel de Saõ Francisco, sempre a importunava por disciplinas, & cilicios, pello muito, que os gastava.

13 Pedio licença, pera só dormir na noite duas pera tres horas. Este pouco sono tomava de ordinario sobre as taboas da barra; quando o frio apertava, deitava debaixo hum cobertor. Se dormia na cama, era sem lançoes, & quando se entregou à doença, lhos acharam lavados, & dobrados debaixo da cabeceira sem terem servido. Naõ lhe soffria o coraçam passar alguma semana, sem fazer especiais penitencias. Tinha advertido nos dias, em que estando no mũdo tivera alguma recreaçam, ainda que honesta, como foram todas as suas, pera nesse dia fazer particular penitencia por aquelle, que contava por excesso.

14 Pera que o frio o cortasse, se deixava andar mal enroupado. Parecendolhe ao Padre Reytor, que o Padre no interior andava mal abrigado, chamouo, & nam lhe achando mais que hum gibam velho, lhe disse, que pedisse outro, que trouxesse cõ aquelle. Mas entendendo, que dissimulavam com elle, se fez esquecido. Como junto ao Natal crescessem os frios, tornou o Padre Reytor a fazer a diligencia, & o achou só com o gibam velho. Ordenoulhe entam, que fosse pedir hum novo, & o trouxesse com aquelle usado. Assustouse com tal ordem, & pondose de joelhos diante do Padre Reytor, lhe rogou, o deixasse sentir parte dos frios, que Deos nascido padecera por elle peccador.

CAPITULO XLVII.

Continua àcerca da mortificaçam do Padre Cardim, & desapego de parentes, & amigos.

1 A Moderaçaõ no comer taõ familiar aos homens mortificados foi neste Padre tam estreita, que bem se pode chamar jejum perpetuo, & jejum bem apertado. Dezejou muito nunca comer carne, nẽ peyxe; mas como esta licença se lhe negasse, o comer estas cousas era mais tocalas, que comelas. Molhava o paõ na mostarda, como se fora carne. Esta ficava toda, ou quasi toda desfeita no prato pera os pobres. Tudo notavam os vizinhos, ainda que elle imaginava, que ninguem lho advertia. Na Companhia nunca comeo cousa, a que no mundo fosse affeiçoado. Nunca provou, nem ainda tocou cousa alguma particular das que se mandavam ao Collegio, & se repartiam pella communidade; nem aquellas cousas, que de mais se punhaõ na meza em dias solennes. Contentavase com a porçam ordinaria. Quando

do o peixe era bom, pedia ovos, que em outras occasioẽs nem pedia, nem comia. Quando os Padres viam bom peixe, jâ ſabiam, que avia de pedir ovos, & naõ ſe enganavam.

2 A' noite fazia huma breve collaçam, nam tocando jâ mais nem carne, nem peixe, nem ovos. Ainda que a ſua vida ſe podia dizer jejum perpetuo, com tudo nas ſeſtas, & ſabbados guardava nelle a rigoroza forma da Igreja. Quando comia do pam, que os mais, comia as codeas, & o miolo cada hum de per ſi; porque neſta forma lhe achava menos goſto, & ſabor. Porque em nada tiveſſe goſto, deſtemperava o comer, ora com agoa fria, ora com muito ſal, jâ com outros modos, que lhe enſinava o ſanto odio de ſi meſmo.

3 Quando davam laranja no refeitorio, a eſprimia no pam, & comia ſempre as caſcas amargozas. Nũca comeo peixe com azeite; contentavaſe ſó com o vinagre. Fazia eſtas couſas com traça, porque os vizinhos naõ fizeſſem reparo, mas como era notorio, que em tudo ſe encontrava, jâ andavam de ſobre olho, & por mais, que o procurava, nam ſe podia encobrir, ainda que elle imaginava ſe encobria.

4 Sempre offerecia a Deos qualquer eſpecie de frutas a primeira ves, que ſe punha na meza, dizendo, ſerem as primicias, com que Deos queria, que o honraſſem os Religiozos. O meſmo fazia, quando ſe dava fruta boa, de que pudeſſe ter mais goſto: ſe o Superior lhe perguntava, porque a deixara, châmente dizia, que por achar goſto nella, ou porque a natureza lha pedia. Nunca apparou fruta alguma, que comeſſe, mas comia-a com a caſca, por lhe parecer, que aſſim ficaria menos goſtoza. Os cardos apparava, & comia os apparos. Neſte tempo da meza coſtumou eſtar ſempre com hum pè no ar, pera que eſſe pouco goſto, que o comer tinha, foſſe deſadubado com eſta penalidade.

5 Dizia, que ſe o naõ obrigara a neceſſidade, quanto por ſeu goſto nunca comera. Naõ fallo das muitas vezes, que hia comer com os pobres, & que comia de eſmolas da meſma panela, que pera elles eſtava preparada, no que era mui continuo. Vinho, nem ainda em ſecular o uſou. Da agoa era mui amigo; nella ſe mortificava, nam bebendo quanto a natureza lhe pedia. No veram, por lhe naõ tomar o goſto, a levava a tragos. No inverno, quando quebra os dentes, a levava de hum golpe.

6 Foi ſempre grande o ſeu cuidado em fugir de tudo o que lhe podia ſer de alivio, & recreaçam. Avendo no Collegio huma torre de aprazivel viſta, onde eſpairecem os Padres, & Irmãos, naõ ouve quem nella viſſe huma ſó ves ao Padre Joam Cardim. Pedio licença, pera naõ ir às quintas, onde os Meſtres, & eſtudantes coſtumam entre nos ir tomar algum alivio. Só hia, quando o Padre Reytor o levava, como por força. Lâ naõ era viſto no lugar da recreaçam; o dia gaſtava ou no oratorio da quinta, ou em algum retiro em continua oraçam.

7 Por maiores, que foſſem os frios, nem em Coimbra, nem em Braga ſe chegou ao ſol, ou ao fogo. Nunca ninguem o vio encoſtar em parte alguma. Nunca enxotou moſca do roſto, ou das maõs. Viaõ lhe os condiſcipulos o roſto cheyo de moſcas, quando eſtava na claſſe, & ſendo tal a moleſtia, que ellas coſtumam dar, o Padre parecia ſer de pedra, ou eſtar morto. Iſto meſmo lhe ſuccedia lendo à meza; todos viam, & todos admiravam, que naõ fizeſſe algum movimento.

8 Outra couſa, que tambem aſſombrou, foi o ſoffrer os bichos, que nos corpos ſe criam. Andando cozido neſta praga, tinha as muitas horas

ras de oraçaõ, que dissemos, immovel, & sem bolir comsigo, com huma postura, que fazia espanto. Bem sabido he, que o gloriozo Padre Saõ Francisco, pera ter a sua oraçam quieto, recolhia estes seus companheiros em hum canudo, & depois os restituia à sua liberdade. O Padre Joaõ Cardim sem este milagre tinha tanto socego, como se naõ tivera quem o pudesse desenquietar. Tanto obrava nelle a assistencia de seu Deos, que o nam deixava attender a tam desenquieta vizinhança.

9 Leo elle, que a Virgem apparecendo a hum Religiozo seu devoto lhe dissera, que se quizesse agradar muito a Deos, se mortificasse no comer, vestir, & fazer as occupaçoẽs, que os outros nam quizessem. Que no comer escolhesse sempre a peyor iguaria, & dessa a peyor parte. No vestir o mais velho. Nos officios espreitasse, o que os outros nam fizessem de boa vontade, & nesse se occupasse com particular gosto. Esta doutrina, como de tal mestra, observou à risca o Padre Joaõ Cardim. No comer, & vestir jâ se tem visto no que fica contado.

10 No que toca às occupaçoẽs andou espreitando o que os outros podiam fazer com pena, & isso procurava fazer com mais gosto. Por esta causa pertendeo ler à meza, & servir na cozinha, porque vio, que alguns nestas cousas tinham pena. Tinha pedido, que quando alguem faltasse no servir da meza, o chamassem a elle. Gostava muito de nos dias de festa dizer a ultima Missa, a qual por trazer algum incommodo, se costuma dar por turno. Offereciase aos Padres, que a tinham, pera em seu lugar a dizer. Porque ouvio, que alguns tinham molestia em dar a Cõmunhaõ nos dias de grandes concursos, por essa causa gostava elle de o fazer. Naõ vinha hospede ao Collegio, que elle naõ procurasse lavarlhe os pès, por entender, que nisso poderiam outros ter alguma molestia. Quando fazia roim tempo, ou chovia, elle se offerecia pera ir fora às confissoẽs. Voltou huma ves bem molhado, & viaselhe no rosto especial alegria. Pella mesma rezam tinha de noite em acodir a se offerecer às confissoẽs a diligencia, que dissemos. De sorte, que apenas avia cousa, em que elle presumisse nos outros repugnancia, que naõ procurasse de a fazer.

11 Desta sua mortificaçam nascia nelle grande desprezo do mundo, fugindo de suas honras. Quando em Braga sahia a gente às portas, pera o ver passar, & ouvia, que lhe chamavam Santo, se envergonhava muito. Nunca da sua bocca se ouvio cousa, donde lhe pudesse resultar louvor proprio. Dizendolhe hum dia certo Padre, que acabados seus estudos de Philosophia, & Theologia, ficaria com os dez annos de Canones hum dos maiores homens da Companhia: nam respondeo a isto palavra. Depois a hum Irmaõ, que o perguntou, disse, que em quanto ouvira aquillo, se estivera interiormente rindo de ver, como aquelle bom Padre mostrava estimar o de que elle nenhum cazo fazia.

12 Se lhe contavam novas, ou fallavam do accrescentamento de seus parentes, divertia a pratica, & fallava de cousas espirituais. Donde nasceo, que nenhum de caza lhe hia contar semelhantes cousas, nem ainda metia dellas pratica, quando o Padre Cardim estava prezente. Tinha grande desapego de parentes. Em suas cartas se ve isto mui bem, das quais em prova apontarei algumas clausulas.

13 Em huma pera sua mãy dis assim: *De negocios de parentes, & amigos me nam avize vossa mercè, se for servida, senaõ dos que forem pera a outra vida, pera os encommẽdar a Deos.* Porque a mãy nam este-

ve

ve por este avizo lhe dis em outra carta: *Jâ escrevi a vossa mercè, que me nam tratasse de meus parentes, & conhecidos, senam quando fallecessem, pera lhes encommendar as almas a Deos: agora o torno apedir encarecidamente por amor de Deos, segunda & terceira ves, que me fazem mal essas lembranças; basta, que os encommende a Deos todos os dias; baste tambem isto nesta materia pera sempre.*

14 Em outra carta lhe dis: *E sôbre tudo o tempo, que vossa mercè se lembra de mim, & me acompanha câ na minha Missa, oraçaõ, & mais cousas, acompanheo antes a elle em sua sacratissima Payxam, & experimẽtarâ vossa mercê, quanto melhor lhe he lembrarse de seu Deos, & Creador, que naõ de huma creatura tam vil, & baixa, como eu; & mortifiquese em tirar o pensamento de mim, & pollo nelle: porque assim o quer elle, & de mim lhe naõ ham de vir a vossa merce nenhuns proveitos, & de suas lembranças muitos.* Neste modo, & com este desapego falla em outras cartas.

15 A sua mãy, sendo tam grande serva de Deos, nam escrevia senaõ em reposta, & mandado pellos Superiores. Nunca nos sobrescrittos lhe chamou mãy, nem se firmava em baixo mais que: *Joaõ Cardim.* Ainda, que depois por lho advertirem os Superiores, em algumas se firmou: *Filho obedientissimo Joam Cardim.* Nestas suas cartas nunca se meteo em negocio algum; só tratava de documentos santos, & cousas, que ajudassem o espirito. Tendo quatro Irmans Religiozas, tres em Santa Clara de Portalegre, & huma no mosteiro de Viana, só a esta de Viana escrevia de ordinario; em huma carta dà a rezam por estas palavras: *Muita consolaçaõ recebo com as novas de vossa mercè, & de outrem as naõ procuro, nem quero; & disto acharâ V.m. algumas queixas, mas tambem V.m. as ouvera de ter, senam fora servida de tratarmos assim espiritualmente: porque isso me obriga a furtar algum tempo a minhas occupaçoẽs, pera o tomar pera esta consolaçam.* Athe dos nossos Religiozos, aquem mais obrigado podia estar, tinha o seu affecto mui desapegado. Fallando de hum dos maiores amigos a sua mãy em huma carta, tem estas palavras: *O Padre Fulano se foi daqui mudado pera o Collegio do Porto; & tanto se me dâ, que se vam huns, como que venham outros: porque sò dezejo de viver pera Deos, que me chamou pera o servir, & amar. Eu nam quis escrever ao Dezembargador: V.m. o faça, dizendolhe a obrigaçaõ, que lhe temos.* Nesta occasiam dezejando este Padre, que elle escrevesse a Balthezar Fialho seu tio Dezembargador do Porto, dandolho a conhecer, o naõ quis fazer, quando as leys da cortezia o nam obrigavam a escrever carta, como o obrigavam, quando se lhe escrevia.

CAPITULO XLVIII.

De sua devaçam nas cousas santas; & do trato com Deos pella oraçam, & prezença do mesmo Senhor.

1 TEnho ditto em summa das virtudes, que se occupam em refrear as paixoẽs; daqui por diante fallarei das que se chegam mais a Deos, porque todas neste celestial varam resplandeceram em grao subido. Na virtude da Religiam, & culto de Deos foi mui devoto ainda sendo secular, de que assima referimos muitos exemplos, & devaçoẽs. Depois da primeira Missa, todos os dias a celebrou, athe no dia, em que cahio enfermo da doença, de que morreo. Fez particular estudo das cere-

monias, em que era obſervantiſſimo. Duas vezes eſtando dizendo o Evangelho de Saõ Joaõ, antes de acabar lhe apagou o ajudante huma das velas. Logo parou, & nam continuou, athe ſenaõ tornar a accender, dando por rezam, que era da rubríca, que a Miſſa ſe avia de dizer com duas velas, ou como elle as nomeava, com duas candeas.

2 Tinha particular conſolaçam em dar a communham os dias de concurſo, & a gente a tinha muito grande de a receber da ſua mam, dizendo: *Hoje communguei da maõ do Santo.* Com dizer Miſſa de vagar, & com pauza, todos tinham goſto de lha ouvir. Quem a ouvia, perguntandoſelhe pella Miſſa, dava por repoſta, como metendo inveja, que naquelle dia ouvira a Miſſa do Santo. O Officio Divino rezava com profunda reverẽcia, ſempre desbarretado, ou de joelhos, ou em pè, com tal inclinaçam pera diante, que os que o viam, reparavam em como ſe podia ter. Pera cada hora tinha ſuas eſpeciaes cõſideraçoẽs, que lhe accreſcentavam a devaçam. Rezavao a ſuas horas, & de ordinario o acompanhava de muitas lagrimas naſcidas da ſua devaçam.

3 Na oraçaõ mental, em que gaſtava o mais do tempo, fazia eſpanto a todos a grande reverencia, que moſtrava em ſua poſtura. Aſſim os eſtudantes, como os Cidadaõs de Braga ſe convidavam ao ir ver, porque eſta viſta lhes cauſava devaçam. Parecialhes ver hum Serafim; por tal o nomeavam, dizendo: *Câ eſtà o Serafim. Hoje vi o Serafim diante de Deos.*

4 A oraçam mental foi o ſeu paõ quotidiano. Os Domingos, dias Santos, & os dias de ſueto gaſtava todos com Deos na oraçam, tirando aquelle tempo, em que por obediencia avia de aſſiſtir a outras occupaçoẽs. As lagrimas foram nelle dom eſpecialiſſimo de Deos. Depois de enſopar o lenço, molhava com ellas a dianteira da roupeta, & ainda o ſobrado do coro, onde orava.

5 A poſtura, que na oraçam tinha, parecia a meſma devaçam. A ordinaria era de joelhos com o corpo tam inclinado pera diante, que todos ſe eſpantavam, como ſe podia ter; a cabeça baixa, encolhida, & ſobre os hombros; as mãos levantadas diante do peito, ſem jà mais as encoſtar a elle; os braços, & o corpo tam immovel, que parecia huma eſtatua; o roſto tam abrazado, que parecia hum Serafim. Quando lhe parecia, que naõ podia ſer viſto, ſe debruçava cõ a bocca, & teſta no chaõ. Aſſim foi achado algumas vezes de varios, que por devaçam o eſpreitavam. Ouve quem notou ter jâ callos na teſta de a ter aſſim na terra.

6 O ſeu lugar mais ordinario da oraçam era o coro da Igreja do Collegio de Braga diante do Santiſſimo, ou foſſe de veram, ou de inverno, em hum canto delle afaſtado das grades, onde pella muita continuaçam eſtava impreſſo o ſinal de ſua poſtura. Ali eſtava tam abſorto, que nem o deſenquietava o eſtrondo dos que paſſavam, nem as vozes, & inſtrumentos dos muſicos nos dias das Quarenta horas, ou ſemelhantes ſolẽnidades. O Padre Andre Palmeiro ſeu Reytor o vio por vezes neſte lugar levantado da terra dous, & tres palmos. Era tam certo neſte lugar, que os eſtudãtes, & gente da Cidade pera o verem à ſua vontade, ſe hiam à capella mòr, & ſe ſubiam nos degraos della.

7 Avia neſte tempo em o Collegio hum Irmaõ de conhecida virtude, o qual hia tambem ao coro no tempo, que lhe ſobejava da ſua occupaçaõ, & ſe punha da outra parte em ſanta cõpetencia, com aqual muyto ſe alegrava o Padre Joaõ Cardim: & pello ter o Padre por mui douto em ſaber amar a Deos, & fallar de ſuas grandezas, era eſpecial amigo ſeu, & go-

gostava de fallar com elle.

8 Jâ dissemos como gastava os dias na quinta, quando o Padre Reytor ali o levava comsigo. Tinha certo lugar retirado, onde se recolhia a orar. Hum dia lhe pedio na quinta hum condiscipulo, o quizesse ajudar a concertar o refeitorio. Disse, que elle faria certo sinal com a campa. Feito o sinal, naõ acodio o Padre, como promettera. Deuse dahi a perto de duas horas outro sinal com a campa, pera se irem. Tam pouco acodio o Padre. Vendo isto o Padre Reytor, mandou os criados por diversas partes, que o fossem descobrir, & chamar. Foram dar com elle no seu escondrijo, posto de joelhos em oraçaõ, nem deu fè delles, senaõ depois de se chegarem, & lhe dizerem, que o Padre Reytor o chamava, porque os Padres se queriaõ ir pera caza. Perguntado, porque naõ acodira à campa? Nunca respondeo a este ponto; mas sendo elle tam obediente, bem se entendeo o que poderia ser.

9 As muitas mercès, & favores, que Deos na oraçam lhe fez, apontava elle em hum papel sómente em geral, notando o dia, pera se lembrar, & affervorar, passandoos pella memoria, deixando a particularidade delles só pera si. O conceito, & estimaçam, que da oraçam fazia, se deixa bem ver de suas cartas, nas quais cõ tantas veras, & tam repetidas vezes a encõmenda. Lendo, que Sam Bartholomeu se ajoelhava cem vezes no dia em reverencia de Deos, procurou de o imitar nisto, ajoelhandose outras tantas vezes entre dia, & noite.

10 Bem podemos dizer, que o Padre Joaõ Cardim andava em continua oraçam pella prezẽça de Deos, naqual foi mui exacto. Nos seus exercicios literarios tinha muitas jaculatorias santas, com que nelles buscava a seu Deos, & Senhor. Em se levantando das poucas horas, que dava ao sono, se deitava de bruços com a bocca no cham, & se offerecia todo a Deos, pedindolhe graça, pera o começar a servir com fervor. A' noite, quando se queria recolher, fazia o mesmo, confessandose por servo inutil, que nada tinha feito em seu serviço, dizendo, que se o deixasse chegar ao seguinte dia, emendaria o passado. Pedia aos Anjos do Ceo, intercedessem por elle ao Senhor, pera que perdoasse as negligencias passadas, que elle com a emenda mostraria, quanto dellas estava arrependido.

11 De todas as cousas exteriores, ainda mui pequenas, tomava occasiaõ de levantar o coraçam a Deos. De qualquer ervinha, folha, flor, ou fruta passava a contemplar as perfeiçoẽs de seu Creador. Dizia, que este modo era mui proveitozo pera se cõservarem em fervor os que se occupavam em cousas exteriores do serviço de Deos. Tinha pera as suas jaculatorias certos despertadores, como quando o relogio dava horas, ou quartos, ou quando sahia, ou entrava algum estudante no Curso, ou quando algum argumentava, ou o Mestre fazia alguma pergunta. Tudo lhe servia de despertar a memoria, pera se lembrar de Deos.

12 As mesmas consideraçoẽs tinha, quando entrava, ou sahia do cubiculo; quando andava por este, ou por aquelle corredor do Collegio: quando entrava em qualquer officina, ou lugar da caza. Quando sahia fora do Collegio, sempre pellas ruas hia sua alma occupada com Deos, & nas santas consideraçoẽs, que pera isso tinha. Nellas hia tam embebido, que nam dava fè de cousa alguma. No tempo, que estudava, os seus despertadores alem das horas, & quartos eram as secçoẽs, os paragraphos, & a volta da folha; nestas paragens recorria a Deos com suas jaculatorias breves, que abrazavam

a alma; & nam divertiam do estudo.

13 Esta habituaçam, com que andava todo o dia, o fazia de noite sonhar, & bradar ao Ceo com affe-ctuosas jaculatorias. Hum Irmaõ, que foi quatorze mezes seu companheiro do cubiculo, affirmou, que era rara a noite, em que o nam ouvisse fallar com Deos, & dizer: *Senhor, quem vos amara, como vos merece-is? Quem fora tam venturozo, que dera a vida por vosso amor? Quem me dera, Senhor, que todo o mundo vos conhecera, & fizera vossa santa vontade, como a fazem os Anjos do Ceo?* & cousas semelhantes.

14 Cada dia se comparava comsigo mesmo, & o aproveitamento prezente neste trato com o passado. Cada hora hia aproveitando mais, & cresciam nelle mais os dezejos de maior perfeiçam. Todas as vezes, que cuidava em sua morte, nam podia conter as lagrimas de alegria, cõsiderando, que por ella avia de ir a gozar do summo bem. Quando as lagrimas eram abundantes, se lhe ouviam as palavras de Santo Agostinho: *Ah Domine JESU, si tam dulce est flere de te, quid erit gaudere de te? Ah meu JESU, se he tam doce o chorar de vos, que serâ o gozar de vos?* Tambem repetia o de David: *Consolationes tuæ lætificaverunt animam meam. As vossas consolaçoẽs alegraraõ minha alma.*

15 Costumava elle dizer, que pera tratarmos sempre com Deos, aviamos de imaginar, que neste mundo naõ avia mais, que nòs, & Deos; & a isso accommodava as palavras dos Cantares: *Dilectus meus mihi, & ego illi. O meu amado he pera mim, & eu pera elle.* Encommendava muito em suas cartas o andar em prezença de Deos, que esta era huma fonte perẽne de perfeiçam das almas; porque assim como quem sempre trata, & toca cousas cheirozas, força he, que cheire às mesmas cousas, assim quem sempre tras em seu pensamento a Deos, que he a mesma perfeiçam, necessario he, que delle se lhe pegue toda, a de que as almas justas sam capazes.

CAPITULO XLIX.

Da grande devaçam, que teve ao Santissimo, à Virgem Senhora, & aos Santos; & de outras virtudes.

1 DE suas devaçoens teve o primeiro lugar a do Santissimo Sacramento; da qual temos jâ ditto muyto assim de quãdo era secular, como depois de ser da Cõpanhia. Pera elle era huã como bẽaventurãça o estar em prezença deste Senhor, da qual se naõ podia apartar. Deixava as honestas recreaçoẽs dos Padres, & Irmãos, pella sentir maior orando diante do Santissimo. Quando delle fallava, na inflammaçaõ do rosto se via, quanto se abrazava seu coraçam.

2 Nam sahio fora de caza, que naõ fosse antes de sahir ao Senhor tomarlhe a bençam, peraque naquella sahida, que era sò por obediencia, ou em bem do proximo, fizesse alguma cousa do seu agrado. Voltando pera caza, com a capa nos hombros hia ao Senhor render as graças pellas mercês, que naquella occasiaõ delle recebera. Deste amor lhe nascia ter huma santa inveja aosque tinham mais tempo pera estar diante do Senhor, como se oque elle costumava estar, fora mui pouco. Em huma carta a sua Irmaã Izabel de Sam Francisco tem estas palavras: *Invejo a vossa mercê muyto o muyto tempo, que pode estar diante do Santissimo Sacramento, por amor da reza, & mais tempos de oraçaõ, que todos podẽ ser diante delle.* Em outra lhe dis assim: *Creame, que*

que lhe invejo grandemente o poder todas as horas, que quizer, ir ao coro vizitar ao Santissimo Sacramento, & fallar ali com seu Rey, Senhor, & Espozo, quanto tempo quizer, de noite, & de dia, o que eu nam posso, que com os estudos nam tenho tempo.

3 Frequentemente em suas cartas encõmendava esta devaçam a sua mãy, & irmaã, & lhe dizia consideraçoẽs santas, comque aviam de receber, & assistir ao Senhor. Este amor, que em toda a vida nelle se vio, o mostrou mui especial junto da morte: tẽdo jâ recebido athe a Extrema Unçaõ, rogou ao Padre Reytor lhe desse o Santissimo Sacramento. Querendo elle satisfazer aos dezejos do enfermo, respondeo, que hia dizer Missa; a isto acodio o Padre Cardim, que a dissesse com toda a brevidade, porque nam viesse a morte, & elle ficasse sem aquella consolaçaõ de levar a Deos por seu companheiro.

4 Sempre dizia todos os dias Missa, ainda nas jornadas, quando foi, & veyo da Cidade de Viseu, & nas suas peregrinaçoẽs: athe no dia, emque se entregou à cama na ultima doença. Nunca a disse, sem ir vestido de cilicio, & sem ter primeiro larga oraçaõ, & rezado pello menos athe Prima no Officio Divino. Depois de tudo punhase de joelhos, & lançava huma corda ao pescoço, & com as maõs levantadas confessavase a Deos por quebrantador de seus Divinos preceitos, pedindolhe, que acceitasse aquella penitencia em satisfaçam de seus peccados. Assim preparado se chegava à confissam, a qual fazia com tal miudeza, que o Confessor se admirava, & mais da compunçaõ, & dor, como se fora algum penitente cuberto de peccados. O Padre Baptista Fragozo, bem conhecido por seus livros, que era o Confessor do Padre Cardim, disse nas conferencias, que de suas virtudes se fizeram, que quando o confessava, se sentia interiormente movido a se lançar a seus pès, & lhos beijar, como a pès de hum grande, & notavel Santo.

5 A sua compostura, & devaçam na Missa era tal, que certa pessoa de authoridade disse, que nunca em sua vida ouvira Missa tam composta, nem com tanta devaçam, & compunçam, como a do Padre Joam Cardim. As suas genuflexoẽs, & inclinaçoẽs eraõ tais, que parecia quererse meter debaixo da terra. Tinhalhe a gente tanta devaçam, que quando sahia da sancristia, deixava as outras Missas, cuja parte tinha ja ouvido, por se irem a ouvir a sua; sendo assim, que, como fica ditto, a celebrava com pauza, & de vagar.

6 Tinha alem das sobredittas preparaçoẽs muitas jaculatorias, com que se affervorava antes que celebrasse; como eram: *Quem me dera, Senhor, a pureza dos Anjos, & Santos da vossa Corte? Quem a comque vos hospedou em suas purissimas entranhas vossa Mãy Santissima? E se fora possivel a comque vós mesmo vos commungastès na ultima Cea, & ao menos a comque vos receberam os sagrados Apostolos, & aquelles grandes Santos Ignacio, & Sam Francisco Xavier, que vós me destes por Mestres.*

7 Nos Memẽtos imitava ao nosso Sam Francisco de Borja, fazendoos na forma seguinte. Imaginavase diante de Christo Crucificado, & com a reverencia, & affecto, que tal objecto lhe causava, na chaga da mam direita metia o Summo Pontifice, Cardeais, Patriarchas, Arcebispos, & Bispos da Igreja, & todo o Estado Ecclesiastico. Na da maõ esquerda os Reys, & Principes Christaõs com todos os senhores de seu Reyno, & pessoas de seus conselhos, & as mais, que ajudavam no governo tẽporal. Na do pè direito todas as Religioẽs, & em particular a da Companhia, seu Geral, & os mais Superiores, & todos os Missionarios, que

que se occupam na salvaçam dos proximos, & os mais Padres, & Irmaõs. Na do pê esquerdo todos seus parentes, & amigos, & bemfeitores, & todos os mais, que elle particularmente encommendava a Deos. Pera si proprio reservava a chaga do lado: ali se recolhia pedindo a Deos perdam de seus peccados, & remedio pera suas necessidades, & grande espirito pera o servir, como elle queria.

8 O mesmo fazia no segũdo Memẽto pellos defũtos, tẽdose jâ a si por hũ delles, pedindo ao Senhor por cada huã de suas chagas, lhe concedesse o q̃ fosse mais de seu serviço. A Missa sempre passava de tres quartos. A's vezes se enlevava tanto, que era necessario pera continuar, que os ajudantes lhe puxassem pella cazula. O rosto neste tempo se lhe abrazava, como se fosse alguma braza mui viva. Depois da Missa gastava tempo largo em dar a Deos as graças; pera isto tinha muitas consideraçoẽs, & dizia, que estas eraõ as occasioẽs, em que Deos mais se cõmunicava.

9 Na devaçaõ da Virgem Mãy desde seus primeiros annos se começou a esmerar. Jâ dissemos, como lhe rezava entam o seu Rozario pellos mysterios, o seu Officio das Horas, & as suas Ladainhas, a q̃ fazia assistir os criados, & gente de caza; & como em suas festas se confessava, & commungava, & diante della fizera voto de castidade.

10 Depois de ser da Companhia, fallava de suas excellencias com tal affecto, que a todos affervorava em sua devaçam. Naõ a nomeava, senaõ a Virgem Mãy. Por isso se imaginou nam nomeava nas cartas a Dona Catherina por mãy sua, como se este titulo se devesse todo à Senhora, aquẽ tinha em lugar de mãy. Nunca foi à classe, nem veyo della, que depois de visitar o Santissimo, nam visitasse tambem a Senhora na sua Capella. O mesmo fazia, quando sahia fora, & voltava pera caza. A ninguem negou cousa, que lhe pedisse por amor da Senhora. Assima dissemos, como todos os dias a visitava por espaço de meya hora, & nos sabbados por huma hora, & que em sua honra os jejuava. Tambem a diversos Sãtos fazia especiais devaçoẽs, & se valia muito de suas intercessoẽs.

11 Do grande amor, que tinha a Deos, nasceo aquelle dezejo, em que se abrazou de dar sua vida por elle. Por esta causa procurou muito ser mandado âs missoẽs da India. Quando fallava no quanto Deos devia ser amado, parecia saltarlhe a alma fora do corpo. Nenhuma outra cousa queria, senaõ conformarse em tudo assim no adverso, como no prospero com a vontade Divina, & com a de seus Superiores, porquem ella se explica.

12 Sendo que muito lhe custou o mandaremno estudar Philosophia, se accommodou a isso, como se nam tivesse outro gosto. Fallando nesta materia em huma carta ao Padre Antonio de Vasconcellos tem estas palavras: *He obra de obediencia, mas jâ que Deos assim he servido, & eu naõ acabo com esta minha rudeza, naõ me fica comque me consolar, senam com a resignaçaõ em sua Divina vontade, & com a mortificaçaõ, que nisso tenho.*

13 Desta resignaçaõ nascia alegrarse com os achaques, que sua mãy, & irmaã de Viana padeciaõ, & as exhortava, que se alegrassem com elles, por serem vontade de Deos. Elle os tinha por mimos, que o Senhor lhe fazia, como a pessoas escolhidas pera o Ceo, & tambem as persuadia, a que por tais os tivessem. Dos favores recebidos de Deos vivia mui lembrado, & lhos agradecia, quanto em si era. Particularmẽte o de o trazer à Companhia mais que a outras Religioẽs. Achava especial mysterio naquellas palavras dos nossos votos: *Prometto*

to de entrar na Companhia, pera nella perpetuamente viver: dizendo, que por isso se fazia ali mençaõ da vida eterna, porque eterna era necessaria, pera poder agradecer a Deos tam singular beneficio.

14 Costumava dizer, que se por seus peccados desmerecesse viver na Companhia, sendo despedido della, se avia de deixar ficar, onde o despedissem, & ali como qualquer pobre avia de viver das esmolas da portaria do carro, athe que outra ves o admittissem. Porque isto nam parecessem palavras, tomou huma ves por testimunhas a Sam Pedro, & a Sam Paulo, diante de cujas Imagens entaõ fallava. Nesta materia tem em suas cartas repetidas clausulas bem significadoras da estimaçaõ, que desta mercê fazia. Finalmente o Padre Joaõ Cardim em todas as virtudes foi hum homem tam acabado, que era commum conceito de todos, os que o conheciam, que os mais Santos da Igreja de Deos nam podiam dar maiores mostras de perfeiçaõ, & santidade, do que nelle viam.

CAPITULO L.

Dos grandes dezejos, que o Padre Joam Cardim teve de morrer. Noticia, que teve de seu fim; da ultima doença, & modo cõ que nella se ouve.

1 COm as admiraveis virtudes, que ficaõ dittas no discurso desta vida, tinha o bemaventurado Padre Joaõ Cardim ornado sua ditosa alma, quando contava tam poucos annos de Religiaõ. Mais parecia homem do Ceo, que da terra; por isso tendose por desterrado, ardeo em dezejos de se ver jâ com seu Deos. Nos ultimos mezes de sua vida se notou nelle maior fervor em seus exercicios Santos, & grandissimo dezejo de morrer. Em huma carta, que neste tempo escreveo a sua Irmaã Religioza em Viana, tem estas palavras: *Naquella ultima hora, em que nos avemos de ver tam sedo, que por tam boa, & dezejada tarda muito. Se vossa mercè me alcançara de Deos, que ma apressara, certo, que lho agradecera muito; & assim lho peço: porque lhe certifico, que nenhuma cousa mais dezejo, pois, só ella me pode dar o summo bem, que he a vista de meu Deos.*

2 A esta carta lhe replicou a Irmaã, que estava pouco resignado na vontade de Deos, pois dezejava tanto morrer, querendo o Senhor, que elle vivesse. Na reposta a esta carta tem as seguintes palavras: *Quanto ao que vossa mercê dis, que eu estou pouco resignado: assim o confesso, & que sou mui vil creatura, & naõ posso ter taõ grande bem, como esse he. Mas ainda torno a dizer com Sam Paulo, & com Sam Martinho, que dezejo morrer, & ser dezatado deste carcere, pera ir louvar a Deos, & fazer lá sua Santa vontade, como perfeitissimamente a fazem aquelles soberanos espiritos; mas com isto está, que pode aver toda a resignaçaõ. O que sei dizer só he, que ha poucos, que queiraõ morrer, pois a vida he o maior bem da terra, & que quem de verdadeiro coraçaõ se offerecer a Deos, faz muito, & que he mercê sua particular: mas o bom he inclinarse a nam se inclinar, senaõ estar dependente da Divina vontade. E isto era o que nosso Santo Padre Ignacio fazia, mas dezejava com tudo muito de morrer, por ir ver a Deos, & a Humanidade Santissima de Christo Senhor nosso. Praza à Divina Magestade, que nos dê semelhantes dezejos, & disposiçoẽs, & que se compraza nelles, & agrade de nossas obras.* Athe aqui as suas palavras.

3 En-

3 Entendese, que Deos, como a taõ grande amigo seu, lhe deu a sentir ser chegado seu ditozo fim. Poucos mezes antes de morrer escrevendo a sua irmaã, tem estas palavras: *Em quanto tenho esta boa occasiaõ, a nam quero perder, & por ella entenderà vossa mercè, oque faço por lhe dar consolaçaõ, & alivio; & que se alguma ves lhe vier a faltar com esta correspondencia naõ serà por culpa, ou negligencia minha, mas por a ordem das cousas nam dar mais de si. Nam quero eu agora pronosticar nenhum roim successo nesta materia: porq̃ o naõ averà, mas advertir do q̃ pode succeder, se a cazo assim for.* Estas, suas palavras, emq̃ significa duraria pouco.

4 Oito, ou des dias antes de sua morte, andando sam, & bem disposto, se veyo consolar com elle, como fazia outras vezes o Padre Frey Jorge de Covilhaã Religiozo da Provincia da Piedade, que era Mestre dos Noviços no convento de Sam Fructuozo junto a Braga. Pediolhe, quizesse ir huma tarde ao seu mosteiro. Respondeolhe, que elle pediria licença, mas que provavelmente se nam veriam mais nesta vida mortal. Quando em breve ouvio ser morto, lembrandolhe este ditto, o teve por profecia. Sinco dias antes de adoecer disse a certo Irmaõ, que vivia em o Collegio de Braga: *Irmaõ charissimo, tres vezes me tem Deos nosso Senhor dado estes dias na oraçam taõ grandes dezejos de me ver com sua Divina Magestade, que nam sei o que quer dispor de mim.* E dahi a tres dias, dous antes de adoecer, lhe tornou a dizer, que cada ves eram maiores os dezejos de morrer, & que esperava de muito em breve ver o fim delles.

5 A seu Confessor o Padre Baptista Fragozo disse pouco antes da doença: *Nam sei, Padre, oque Deos quer ordenar de mim: grandes sam os sentimentos, que neste tempo tenho em minha alma, & maiores os dezejos de me ver com elle.* A hum Padre, que fora Ministro do Collegio, & se partia pera Coimbra, indose despedir delle à enfermaria no primeiro dia da doença, & dizendolhe, que a doença, nam seria nada, respondeo o Padre Cardim estas palavas: *Vossa Reverencia se và com o Senhor, oqual lhe pague todas as charidades, que me tem feito, como eu espero de sua bondade. Eu nam me levantarei desta cama, senaõ pera a sepultura, voando daqui primeiro minha alma pera seu Creador, como de sua mizericordia espero.* Poucos dias depois de chegar o Padre a Coimbra, chegou a nova da morte do Padre Cardim. Por todas estas antecedencias se teve por certo, que lhe fora revelado seu fallecimento.

6 Aos doze de Fevereiro de 1615, andando sem queixa alguma, se disciplinou tam fortemente, que advertindo alguns Padres no rigor, & continuaçam, foraõ dizer ao Padre Reytor, fizesse pòr taxa naquelle excesso, porque o Padre Cardim parecia quererse matar com açoutes. No dia seguinte se levantou antes da communidade: feitos os seus exercicios espirituais, disse Missa com a pauza, lagrimas, & devaçaõ, que costumava; sò se advertio fora com mais vagar, que as outras vezes.

7 Dadas as graças, se entregou à doença. Metido na cama, se fez avizo ao Padre Ministro, que mandou chamar o Medico. Vindo ao cubiculo do enfermo o Padre Ministro, vio, oque se contem no seu testimunho, cujas formais palavras sam estas: *Indoo eu vizitar, adverti, que toda a cama estava cuberta das perolas dos pobres empastas, em tanto numero, que poderia duvidar de aver lugar desocupado, aonde assentaße a cabeça de hum alfinete grande; & porque neste tempo era Ministro do Collegio, dei ordem, que logo o mudassem pera outra cama, & fizessem tudo oque era necessa-*

necessario, nam lhe valendo os grandes requerimentos, que fazia, pera o deixarem estar assim, dizendo, que assim estava mais quieto, & era melhor pera a febre, nam o abalarem; que sobrestivessem ao menos athe o dia seguinte, metendo pera isso terceiros, em forma, que foi necessario mandalo como Superior: o que feito, obedeceo sem mais replicar; ficando todos mui admirados de tam grande mortificaçam, & exemplo, servindo esta de senam espantarem de outras muitas, que delle se referem. Athe aqui as palavras do Padre Ministro.

8 Julgaram os Medicos, que a doença nam tinha perigo; porem elle os dezenganou, dizendo, que morria, & que Deos o chamava pera si. Em breve se vio dizia, o que era; porque a doença descobrio, ser hum prioriz de tal casta, que nam obedeceo às mezinhas, nem a debilidade do enfermo dava lugar a curas rigorozas, porque estava consumido cõ as penitencias. Querendolhe lançar humas ventozas, nam puderam pegar, por tudo serem ossos, & estar em chaga viva dos açoutes.

9 Em desconfiando os Medicos, o Padre Reytor o avizou do perigo, mas nam claramente, senam como quem ainda esperava, que escaparia. Tomando o enfermo o avizo na forma, que se lhe dava, mostrou menos alegria, porque aborrecia o viver. Pera o consolarẽ disse o Padre Reytor ao Medico, que pois era seu amigo, o avizasse com clareza, & notasse, o que respondia. Entam lhe disse o Medico, que Sua Reverencia morria. E como pera mais experimentar a opiniam, que delle tinha, lhe perguntasse, se tinha alguma pena em morrer? O Santo Varaõ, postos os olhos no Ceo, respondeo: *Sò tenho pena*, Quia incolatus meus prolongatus est. Verum jam funes tandem ceciderunt mihi in præclaris, etenim hæreditas mea præclara est mihi. *A minha pena sò he, porque a morte se me dilata: mas jâ as prizoẽs deste corpo se rompem, como eu dezejava, & a herança de mim tam estimada, & dezejada està à porta esperando por mim.*

Psalm. 119.5.

10 Dizendolhe hum Padre, que facil lhe seria a conta, que avia de dar a Deos: respondeo com hum ay sahido do intimo da alma: *Dura cousa he dar conta a Deos; mas elle he mizericordiozo, & espero eu, que se lembre do muito, que por mim padeceo.* Confessouse com a costumada miudeza; pedio os mais Sacramentos; & os recebeo com insigne devaçam, & colloquios tam suaves, que todos choravam. Depois de ungido tornou a pedir com grande instancia o Santissimo Sacramento, que lhe tornaram a dar pera sua consolaçam. Elle o recebeo com tal affecto, que parecia arrancarlelhe a alma do corpo. Tendo tam assinalado dom de lagrimas, nesta occasiam nenhumas se lhe viram, antes huma tal alegria no rosto, que parecia estar jâ gozando da vista clara de Deos. Os circunstantes eram os que choravam, assim das saudades, que lhe fazia a falta de tam santo companheiro, como da consolaçam, que tinham, de verem huma tam santa alma, que parecia estar jâ na bemaventurança.

11 O ultimo dia gastou em ternissimos colloquios com Christo, & com a Senhora. Vendo chorar aos Padres, & Irmaõs, lhes disse, que naõ chorassem, & pois eram seus Irmaõs, que tanto em vida o amaram, quanto elle nam soubera merecer, se alegrassem naquella hora com seu bem, que elle os levava a todos no coraçam. Foise despedindo de cada hum per si, dizendo, que lâ no Ceo os encõmendaria a Deos. Quanto elle mais os procurava consolar, tanto eram mais copiozas as lagrimas, que derramavam.

12 Porque os colloquios eram

mui affectuosos, & muitos, lhe disse o Irmam enfermeiro: *Basta, Padre, nam se canse tanto com fallar.* O doente respondeo: *Basta, Irmam charissimo, basta: folgo muito de obedecer aquem Deos me deu nesta doença por Superior.* Dezejando por huma parte obedecer, & por outra parecendolhe duro deixar de fallar de todo com o Senhor, pedio com muita humildade licença ao enfermeiro, pera de quando em quando fallar com Deos. Deulha o enfermeiro com tanto, que fosse com tal moderaçam, que senam cansasse; ficou muito consolado. Assim o fez essas horas, que a vida lhe durou, uzando de muitas sentenças da Sagrada Escrittura, com que avivava os dezejos da eternidade.

13 Davalhe o Padre Reytor humas colheres de estillado de gallinha, & por julgar o enfermo, que jâ nam eram necessarias, por tudo estar acabado, se escuzou de as tomar: dizendolhe o Padre Reytor, que as tomasse, porque assim o tinham ordenado os Medicos, abrio a bocca, & se offereceo a tudo, o que delle quizessem, pera obedecer athe a morte. Parecendolhe, que esta tardava muito, pedio ao Padre Reytor o mandasse morrer por obediencia, pera morrer obedecendo, como vivera obedecendo.

CAPITULO LI.

Morte do Padre Joaõ Cardim; cazo raro do Santo Crucifixo. A estimaçaõ, que tiveraõ suas pobres alfayas, & como appareceo à sua mãy.

1 VEndose o Padre Joaõ Cardim jâ vizinho à morte, levantou as maõs, & com as lagrimas nos olhos, que em toda a doença só nesta occasiaõ se lhe viram, pedio ao Padre Reytor, lhe mandasse despir a camiza, & por o seu corpo na terra, pera nella morrer nù, como seu Senhor em o duro lenho da Cruz, pois naõ merecera dar a vida por seu amor. Cuidando, que o Padre Reytor lho concedia, pello q̃ vio em seu semblante, lhe deu as graças com grande affecto. Logo fez outra petiçam ao Padre Reytor, tomando por valia ao seu Confessor o Padre Baptista Fragozo, que era a pessoa mais authorizada do Collegio.

2 A petiçam foi, que mandasse deitar seu corpo depois de morto no mais immundo lugar, q̃ avia no Collegio, apontando qual avia de ser; dizendo, que pois seu Padre Santo Ignacio pedira, lhe mandassem deitar o seu em hum monturo, sendo quem era, que a elle lhe nam cabia outro, senam o que apontava. Isto pedio com grande affecto pellas chagas de Christo, por ser a ultima cousa, que lhe avia de pedir.

3 Duroulhe a falla athe muito pouco tempo antes de espirar, tendo sempre os olhos no Santo Crucifixo, que tinha diante de si, & fazendo doces colloquios às chagas do Senhor. Nesse pouco, que lhe faltou a voz, sempre se mostrou esperto, quando lhe nomeavam o Santissimo nome de JESUS, beijando ainda entam, com a devaçam costumada o Santo Crucifixo, com o qual junto à bocca espirou no Collegio de Braga aos dezoito de Fevereiro de mil seiscentos, & quinze, às sinco horas da tarde em ponto, sendo de idade de trinta pera trinta, & hum annos, tendo da Companhia tres annos, & oito mezes.

4 Foi cousa, que a todos admirou, & certificou do muito, que a Deos agradara, que no tempo, que ouve de dar o ultimo arranco, se despregou a Santa Imagem da Cruz, caindolhe sobre a bocca, ficando a Cruz na maõ de quem a tinha sem a Imagem

gem do Salvador. No que os prezẽtes, que era todo o Collegio, advertiram com espanto, persuadindose todos nam ser a cazo, nem os cravos estarem mal pregados, mas bem seguros, & rematados. Querendo o Senhor, que hum tal servo seu morresse no seu oscolo, assim como todo vivera com elle crucificado.

5 Accrescentou o espanto nam ser possivel tornar a Sagrada Imagem outra ves ao seu lugar antigo, por mais que se pertendeo, por estar o cravo dos pès muito torto, & nam faltou quem desse por rezam, que os braços se acharam maiores, do que pediam os buracos dos cravos. Este foi o successo desta Santa Imagem a qual mui bem guarnecida ficou em tanta veneraçaõ, que hoje se conserva por huma das grandes reliquias da quelle Collegio.

6 Ficou o Santo corpo tam fermozo, que bem mostrava ter sido morada de huma alma, que estava gozando de Deos. Sendo em vida mui bem assombrado, & gentil-homem, o ficou muito mais depois da morte, em forma, que naõ se fartavam os Padres, & Irmaõs de por nelle os olhos. Quando o amortalharam, se lhe achou o corpo todo huma chaga viva dos açoutes. Ao pescoço tinha huma bolsinha de couro, que elle cõ suas maõs cozera com linhas brancas. Este era o seu relicario. Nelle tinha huma reliquia de nosso Padre Santo Ignacio, outra do Padre Jozeph de Anchieta, dequem fora especial devoto, & hum papel, em que estava escritta com seu sangue a forma dos votos da Companhia. Tinha mais nesta bolsinha outro papel, em que estavam notadas as faltas, & defeitos que commettera no anno de 1614, & as de 1615, em que falleceo: dellas era a maior falta nam ter advertido na commemoraçam de hum Santo, que na reza passara, por lhe naõ lembrar. Trazia mais ao pesco-ço junto com a bolsinha o livrinho do exame particular, que se usa na Companhia. Todos estas cousas fizeram especial devaçam nos Padres, & Irmaõs, que as viram, & eram testimunhas das muitas virtudes do defunto.

7 Quanto à disposiçam, foi o Padre Joaõ Cardim alto do corpo, delicado, mas proporcionado: alvo, & corado: o rosto tirado, a testa liberal, o cabello, & barba sobre castanha, as sobrancelhas grossas: os olhos fermozos, verdes, & mui espertos: o nariz direito; a bocca em boa proporçam; os beiços mui corados; as mãos compridas, & muito alvas, & todo finalmente mui bem parecido. O entendimento mui agil, & de levantados pensamentos: habilidade grande, o juizo claro, a condiçam benigna, & compassiva, a memoria rara, mui applicada ao estudo, & linguas, em que foi destro, & elegante.

8 Logo que falleceo, os Padres, & Irmaõs lhe beijaram os pès, & mãos, como a homem Santo. Composto nas vestiduras sacerdotais, o levaram no esquife pera a capella interior do Collegio, onde foi posto em hum tablado algum tanto levantado, & bem alcatifado, differençandoo nisto dos outros defuntos, que sam postos no pavimento razo. Nam avia quem dali se pudesse apartar; alguns assistiram na capella toda a noite com particular alegria, & consolaçam.

9 Em se divulgando sua morte na Cidade, foi geral em todos o sentimento. Os mais nobres assim Ecclesiasticos, como seculares, em amanhecendo vieram dar os pezames ao Padre Reytor, & mais Padres. Hiam à capella, beijavaõlhe os pès, & tocavam nelle seus Rozarios. A gente ordinaria fazia força por entrar, o que se nam consentio: por tanto esperaram athe ser levado à Igre-

ja. Sò entraram alguns estudantes condiscipulos do Padre Joaõ Cardim, os quais vindo bem providos de flores, & ervas cheirozas, as lançaram sobre o corpo, & enramaram com ellas o esquife, & cobriram o pavimento.

10 Outros, que tambem se tinhaõ occupado em buscar flores, por serem difficultozas no inverno, vindo mais tarde, por acharem jâ o corpo, & esquife assim concertado, as espalharam pellos corredores, & mais lugares, por onde o Santo corpo avia de ser levado pera a Igreja. Os pobres da Cidade, como quem mais perdia, se desfaziam em lagrimas, & se encommendavam a elle. Nos prezos das cadeas, & enfermos do hospital era notavel o sentimento. Toda a Cidade estava tam affligida, como se a cada hum morresse seu pay, ou mãy.

11 Entre tanto os Padres, & Irmãos do Collegio se aproveitavam, cada hum quanto podia, das cousas, que foram do seu uso pera reliquias. Athe foram ao seu cubiculo, depois do Padre Reytor ter recolhido os seus papeis, a ver se achavam algum da sua letra. O Padre Andre Palmeiro, & o Padre Baptista Fragozo, Varoẽs bem conhecidos por suas letras, & virtude, fizeram dos escrittos, & pobres peças do seu uso prezentes pella Provincia, & por pessoas seculares, & athe o barrete se deu. Nam avia pessoa de consideraçam em Braga, que nam fizesse por aver alguma reliquia.

12 Tinha o Padre Manoel de Gouvea Mestre do Padre Cardim no principio da doença do Padre dado o caderno, em que elle escrevia a alguns discipulos do mesmo Curso, pera que ora huns, ora outros lhe fossem escrevendo as liçoẽs, pera que quando se levantasse da doença, naõ tivesse trabalho em tresladar. Todos de boa vontade lhe faziam este obsequio, pello muito, que o amavam. Logo que falleceo, lançaram mam do caderno, pera se ficarem cõ o que nelle estava escritto pella maõ do Santo, que com este nome o chamavam, nem em Braga lhe davam outro. A estes acodiram outros condiscipulos, procurando aver alguma cousa do caderno. Por fim de tudo se veyo a fazer em tirinhas, o que estava escritto, tendose por mui ditozo o que levava huma regra escritta da sua maõ.

13 Ouve entre os Padres duvida, se o enterrariam com modo diverso, que aos mais. Nisto instava mais o Padre Reytor Andre Palmeiro, dizendo o vira na oraçam levantado no ar, & convinha ficasse em forma seu corpo, que com o tempo se naõ viesse a confundir com outros. Resolveram, se lhe desse sepultura ordinaria, mas em hum lugar novo, em que ninguem tinha sido sepultado na capella das onze mil Virgens.

14 Era tanta a gente de toda a sorte, que concorrera, pera o ver, que quando o levavam pera a Igreja, a penas se podia abrir caminho. Posto o esquife no lugar ordinario, pera se lhe fazer o officio, carregou tanta força de gente a lhe beijar os pês, & maõs, & tocar seus Rozarios, & tomar dos vestidos, que nam era possivel fazerlhe o officio. Pera isso cõ grandissimo trabalho se fecharam as grades do cruzeiro, & proseguiram o officio, nam se ouvindo huns aos outros com o reboliço da gente. Athe o meterem na sepultura, nam cessaram, os que podiam, de lhe beijar os pès, & as maõs.

15 No mesmo ponto, que o bẽditto Padre falleceo em Braga, appareceo cercado de resplandores em Viana de Alentejo a sua mãy, & lhe disse, que soubesse, era ja com Deos no Ceo; por tanto que lhe desse o parabem, & se alegrasse muito, jâ que ne-

nesta vida tanto o amara, & fora em grande parte causa de gozar de tanto bem. Ficou a nobre Senhora cheya de inexplicavel gosto. Dahi a dias chegando a Evora a nova, os Superiores mandaram a certo Padre grave em Companhia do Irmam Antonio Cardim dar a nova, & consolar a Dona Catherina, cuja authoridade, & o ter dado à Companhia tres filhos, merecia todas estas attençoẽs. Quando a nobre Dona os vio entrar pella porta, antes de dizerem cousa alguma, lhes disse: *Jâ sei, a que vẽ; o meu Joam morreo tal dia; està no Ceo, & me consolou com sua vista.* Isto dizia com a bocca cheya de alegria, como quem tinha tantos motivos, pera a ter muito grande.

16 Logo no Collegio de Braga, onde entaõ avia quarenta Religiozos, se fizeram conferencias de suas insignes virtudes, & carta circular dellas, que fes em toda a Provincia de Portugal, & nas ultramarinas grande devaçam. Depois suas virtudes se fizeram notorias em toda Europa.

CAPITULO LII.

De como se abrio sua sepultura, & muitas cousas notaveis, que Deos obrou por seu meyo.

1 SEtte annos depois do fallecimento do Padre Joam Cardim, hum Padre, que era Prefeito da Igreja do Collegio de Braga, ainda que foi requerido de muitas pessoas, que o nam fizesse, mandou abrir a sepultura do Padre Cardim. Estava o corpo todo unido; dando o que cavava com a enxada, tirou a cabeça com quasi a metade do barrete pegado nella, debaixo do qual tinha carne, & cabello, & no corpo estava em partes carne com sangue. Viose, que no espinhaço tinha sangue verdadeiramente. Nem a cova, nem o corpo cheiravam mal, antes bem. Hum cidadam lhe tomou por reliquia huma costa, & outros começaram a tirar. Porem avendo disso queixas, tornaram logo a cobrir a sepultura. E enterraram na cova vizinha o corpo do Padre Lourenço de Payva, pera cuja sepultura se tinha aberto a cova do Padre Joaõ Cardim.

2 Alguns ossos, que nesta occasiam se tiraram, foram estimados como reliquias mui preciozas. Nam deixa de ser digna de censura a desattençam daquelle Padre, que sabendo mui bem, qual era a fama da virtude do Padre Joaõ Cardim, assim se afoutou a mandar abrir sua sepultura, como se fosse a de qualquer outro corpo. Avendo nas queixas dos seculares mais zelo da veneraçam do Padre Joaõ Cardim, do que ouve nesta occasiam, em quem fez abrir a cova.

3 Tem Deos obrado por este seu servo muitas, & raras maravilhas das quais consta todo o livro quarto, que de sua vida escreveo o Padre Sebastiam de Abreu. Dellas direi aqui algumas; as mais poderâ, quem quizer, ver no ditto Author. A forma dos seus votos, que escreveo com seu sangue, obrou cousas mui raras. Esta reliquia mandou o Padre Reytor Andre Palmeiro a Dona Catherina de Andrade mãy do Padre Joaõ Cardim, a qual, como a cousa de grande preço, por sua morte a deixou a sua filha a Madre Izabel de Saõ Francisco Religioza no convento de Saõ Jeronymo; esta a tinha em hum caixilho de prata, applicada com outras reliquias à capella da Conceyçaõ daquelle Convento, por ser o jazigo de seus pays.

4 Este papel applicado em diversas occasioẽs a Religiozas daquelle santo Convento em doenças, & achaques mui perigozos, obrou cousas estranhas, vendose de repente

re ſaõs, as que avia pouco lutavam com as moleſtias da morte. A Madre Gracia do Eſpirito Santo, eſtando quaſi deſconfiada dos Medicos, pedio os votos do Padre Joaõ Cardim, pondoos ſobre o peito, & encoſtandoſe, ſe lhe reprezentou na imaginaçam, que hum Padre da Companhia, cujo roſto ella nam tinha viſto, ſe chegava ali, & lhe dizia, que jâ naõ tinha cezoẽs, nem malignidade alguma, porque o Padre Joaõ Cardim lhas tirara. Tornando ſobreſi, ſe achou ſem cezam, na qual eſtava antes ardendo, & nunca mais lhe tornou, & em breve ficou ſaã de todo. De ſemelhantes favores, que Deos fez por meyo deſtes votos, tras outros muitos caſos o ditto livro da ſua vida no livro quarto capitulo terceiro.

5 Tambem por meyo das reliquias de ſeus oſſos tem Deos obrado ſingulares prodigios, tirando a muitos das enfermidades do corpo, que padeciam. Por couſa rara teve o Padre Diogo Cardim da noſſa Companhia o que lhe ſuccedeo vindo da Ilha terceira no anno de 1630: ſendo tomado dos hereges Olandezes, lhe roubaram tudo quanto trazia, fizeram muitos deſacatos às reliquias, que acharam, & as lançaram ao mar. Trazia o Padre hum oſſo de ſeu Irmaõ em hum papel com eſte letreiro: *Oſſo do Padre Joaõ Cardim.* Botãdo o mais, que era de devaçam ao mar, lhe tornaraõ a dar o oſſo. Depois tornandoo a buſcar, ſempre lhe deixaram o ditto oſſo, nam lhe deixando outra alguma couſa.

6 Tambem he couſa mui notavel a ſuavidade do cheiro, que tem ſeus oſſos; eſte ſe ſentio, quando abriram ſua ſepultura, & conſervaraõ os oſſos, que ſe tiraram, de ſorte, que deixavam o meſmo cheiro na parte, onde os punham.

7 Os ſeus retratos fizeram couſas prodigiozas. Por tal ſe teve, que mandandoſe à Torre do Moncorvo, onde naſcera, buſcar o termo do livro do bautiſmo, ſe fez exactiſſima diligencia no livro por dous Sacerdotes, ſem jâ mais com elle acertarem, athe que deſconfiados eſcreveram ao noſſo Padre Gaſpar de Gouvea, que procurava eſta diligencia, o que tinham revolvido ſem effeito. Tornouſe a inſtar, & mandaram aquem avia de fazer a diligencia algumas eſtampas do Padre Joaõ Cardim, dizendo, que porventura o ſanto faria milagre comſigo meſmo. Reſpondeo o Cura, que bem ſabia ſer a diligencia de balde, mas que a tornaria a fazer. Foi couſa notavel, que abrindo o livro, o primeiro aſſento, em que nelle deu com os olhos, foi o do Padre Joaõ Cardim. Suppoſta a muita diligencia, que antes ſe tinha feito, ſem apparecer, & a facilidade, com que agora o achara, o teve por couſa milagroza.

8 Huma Religioza do Convento de Viana criava huma minina de gente nobre, que de idade tinha dez annos: cahindo mal, & ſendo ſua vida mui util à caza, ella fez oraçam a huma imagem do Padre Joaõ Cardim, que eſtava na ſua cella; trazendolhe à memoria o muito, que elle amara aquella caza, aquem aquella vida era tam neceſſaria. Entre a ſua ancia pondo por vezes os olhos no retrato, via, que em varios dias ſe inflammava o roſto da Imagem, como huma eſcarlata, & ſe abrazava em fogo, moſtrando ſe affligia. Aſſombrouſe a Religioza com eſta eſtranheza, que lhe fazia pavor; ceſſando da petiçam tornou a Imagem à ſua cor natural. Do que ficou entendẽdo, que Deos noſſo Senhor queria levar pera ſi aquella innocentinha, como em effeito a levou dahi a quatro dias.

9 Suas cartas, & firmas nam foram obradoras de menores couſas, de que tras muitas o ditto Author, & tam-

tambem do seu barrete. Este dera o Padre Baptista Fragozo a huma mulher nobre da cidade de Braga, a qual muitas vezes foi livre de grandes dores, applicandoo sobre a parte magoada. Quando em Braga se fazia o processo pera a sua Canonizaçam, se achou esta Dona mui affligida com as dores de hum inchaço, que tinha. Tomando o barrete, disse: *Se vòs, bemditto Padre, me nam tirais agora esta cruel dor, nam hei de ser testimunha no vosso processo.* Dizendo isto, chegou o barrete à parte sentida; logo cessou totalmente a dor, & se levantou da cama.

10 Em Lisboa Dona Philippa de Mattos, & Noronha, & duas filhas suas, pella muita devaçam, que tinham ao Padre Cardim, ouveram huma Imagem sua, & a puzeram no seu oratorio. Entrando nelle certo Religiozo, lhe fes escrupulo, por nam ter o Padre ainda culto publico. Cõ muita magoa sua a tiraram, & puzeram em huma camara encostada a hum painel da Senhora. Ali esteve o quadro com muita veneraçaõ; athe que entrando a horas de Ave Marias na ditta camara Dona Catherina da Sylva, & sua filha Dona Philippa com huma vela acceza, advertiram no ditto retrato, & viram, que estava todo cuberto de gottinhas de agoa pella testa a modo de graõs de aljofar, & nos olhos tinha duas maiores à maneira de lagrimas, as quais lhe cahiam pello rosto abaixo, como se na realidade o foram, & chegavam athe o peito.

11 Tendo isto por cousa maralhoza, por nam aver ali donde cahir agoa, & o paynel, a que estava encostado, estar todo enxuto: mandaram no dia seguinte chamar a Sam Roque ao Padre Diogo Cardim. Veyo o Padre, & assim elle, como outras muitas pessoas, que assistiam, o tiveram por cousa rara. Tomando o Padre hum lenço, alimpou o paynel, mas nunca, por mais que fez, pode tirar o final das duas gottas, que dos olhos cahiam athe o peito. Vendo o Padre a imagem nesta forma, disse, que algum trabalho devia padecer entam seu Irmam o Padre Antonio Cardim, que no Abril proximo se tinha embarcado pera a India. E passoulhe pella memoria o suor do Santo Christo em Navarra, quando na India Saõ Francisco Xavier padecia algum trabalho.

12 O tempo veyo a mostrar, que assim passava; porquanto em dous de Settembro de 1649 fez o Padre Antonio Cardim naufragio no galeam Saõ Lourenço nos baixos de Mochingale; onde perdeo quanto de Roma levava pera a sua Provincia; invernou em Moçambique, & ali esteve às portas da morte. Depois de chegar à India, embarcandose de Goa pera Macao foi tomado dos Olandezes, & levado a Negumbo; onde esteve prizioneiro dous annos, & sette mezes, & destes quatorze com huma braga, & grandes trabalhos. Confrontadas depois humas com outras cousas, se achou, que o suor da Imagem fora significador dos trabalhos de seu Irmaõ, & que por aquelle tempo do suor, pouco mais, ou menos, começaram suas fatalidades. Muitas pessoas fazendo votos ao Padre Joaõ Cardim, foram livres das molestias, em que se viam; de que tambem tras diversos cazos especiais o Padre Sebastiam de Abreu. Nem ha porque os referir, visto andarem em livro impresso, & ter a narraçam delles qualquer identidade, que nam he agradavel aquem le. E na minha opiniam os milagres, que neste Santo Varam, & nos mais se devem estimar, sam suas virtudes, & exemplos dignos de que os imitemos, & estes milagres todos os podemos fazer; os outros Deos as obra pellos instrumentos, que he servido, & se deve fugir do appetite de os fazer,

zer, porque onde ha o tal appetite, como naõ haja obrar os verdadeiros, se da em os obrar fallos, como no mũdo se tem visto tantas vezes.

13 A fama, que ouve da virtude do Padre Joam Cardim, foi mui grande, & se veyo a estender em todos os Reynos da Christandade. No anno de 1643 se fizeram processos authenticos de suas cousas em ordem à sua canonizaçam nas principais cidades, & povos deste nosso Reyno. No anno de 1645 se imprimio em Roma hum compendio de sua vida escritto em mui elegante Latim pello nosso Padre Philippe Alegambe. Este compendio foi divulgado, & recebido com notavel fama do Padre Cardim em todas as nossas Provincias de Italia. Huns o comparavam com o B. Luiz Gonzaga, outros diziam, que naõ chegava ali o Beato Estanislao, & menos o Irmaõ Berchmans. Cobrouselhe estranha devaçam, foi o livrinho traduzido em Italiano.

14 Em Braga se poz seu retrato na portaria, onde a gente, que o conhecera, lhe vinha rezar como a Santo; & as mulheres rogavam, lhe tocassem nelle suas contas. Na Corte de Madrid foram mui estimadas suas estampas. Em Flandes, & França se imprimio sua vida, & foi de admiraçaõ a quantos a leram. Nam só deste Reyno, mas de Italia, & Alemanha, se mandaram cartas ao Summo Pontifice em ordem a se lhe dar culto publico. Escreveraõ os Cabidos de Braga, Evora, Porto, & Prelados nomeados por El-Rey Dom Joaõ o Quarto pera os Arcebispados, & Bispados deste Reyno. A Universidade de Coimbra, & Evora ambas em cõmunidade. As camaras de Lisboa, Braga, & Coimbra. Os mais dos Senhores titulares de Portugal, & outras pessoas de muita authoridade. O Rey das maldivas, quando esteve neste Reyno.

15 De Italia fez a mesma petiçaõ a oitava Congregaçam Geral da nossa Companhia. O Graõ Duque de Toscana. O Principe de Massa. O Duque Dom Carlos de Oria. O Principe de Oria. O Marques de Carrara. De Alemanha o Duque de Baviera, o Arcebispo de Moguncia Eleytores, & o Arcebispo de Augusta.

16 A vida que aqui fica escritta, tresladei, & copiei, daque imprimio deste excellente varam o nosso Padre Sebastiaõ de Abreu, Lente, que foi de Prima de Theologia, & Cancellario da Universidade de Evora, o qual dis a recolhera dos processos authẽticos feitos em ordem a se procurar o culto publico de tam grande servo do Senhor. Elle a compos em tomo especial, de que deixei assim o que era amplificaçam, & ponderaçam das cousas, como o mais, que se podia escusar aqui, sem ficar defeituosa a narraçaõ. Muitos sam, os que escrevem do Padre Joaõ Cardim. O Padre Alegambe, como fica ditto. O Padre Alonso de Andrade no sexto tomo dos Varoẽs Illustres; & o Agiologio Lusitano.

CAPITULO LIII.

Dos Padres Nicolao Nunes, & Frãcisco Henriques.

Goa Mayo de 1576.

1 DO Padre Nicolao Nunes só nos ficou em memoria ser de naçam Portuguez, sem aver noticia, de que patria fosse, nem se entrou na Companhia em Coimbra, ou na Caza de Santo Antam em Lisboa, que eram, as que naquelle tempo tinha em Portugal a nossa Companhia. nam sendo ainda Sacerdote foi mandado à India na terceira missam no Anno de mil quinhentos quarenta, & seis, em que por todos eram nove os da Companhia repartidos em Algumas naos, pera ajudarem os proximos. No anno seguinte em companhia

nhia dos Padres Joam da Beyra, & Nuno Ribeyro foi pera Malaca, aonde se encontrou com nosso Padre Sam Francisco Xavier, de cujo trato, & conversaçaõ muito se affervorou.

2 Foi, sendo ainda Irmaõ, com os dous Padres mandado às Ilhas Molucas, nas quais servio a Deos com zelo incansavel. Em huma jornada passando por hum lugar grande prègou com tanto espirito, que os converteo a todos. Depois de os instruir, bautizou, por sua maõ mil, & trezentos, dilatando o bautismo a alguns, que nam estavam de todo instruidos nos mysterios da Fè. Disto se sentiraõ grandemente os gentios, & pondose em silada, o ouveram às maõs, & metido em ferros o appresentaram ao Rey de Geilolo, grande inimigo dos Christaõs. Porem sobrevindo os Portuguezes, o deixaram ir livre.

3 Outra ves El-Rey de Ternate o mandou matar em odio da Fè, mas o Senhor o livrou, & ao Padre Beyra. Indo visitando os lugares, vieram a elle muitos Christaõs reprezentandolhe a falta de agoa, que era causa de se mirrarem as searas; mandou, que se ajuntassem todos em hum campo, & feita oraçam, as nuvens se desfizeram em chuva.

4 De huma de suas jornadas dis o seguinte em huma carta sua: *Fomos visitar o Padre Joam da Beyra, & eu as Ilhas do Moro, onde elle pellos muitos trabalhos de fome, calmas, & perseguiçoẽs cahio mal de huãs grandes quenturas, & com pouca esperança de vida se veyo a esta fortaleza a curar. Eu fiquei là sustentando os Christaõs, onde por duas vezes fui entregado à morte, & me vieram buscar os Mouros pera me matar. Milagrosamente me livrou o Senhor Depois me vim a fortaleza, por mo mandar assim o Padre pera me curar, aonde ao prezente estou ensinando a ler os mininos, athe que vamos outra ves visitar os Christaõs. Agora quãdo vinha a esta fortaleza, me perdi com o navio, & os livros, que trazia dos Padres, & milagrosamemte me salvei a nado com muito trabalho, padecendo muita fome, & sede com perigo de me matarem: athe a fortaleza vim nû, se bem, que me aproveitei pouco destas mercès de nosso Senhor. Certo, que podem dizer estes Padres:* Propter te mortificamur tota die: *Dormem humas vezes emsima das arvores, outras em dezertos, & serras mui frias sem comer, & o melhor pam desta terra he pam de pao, & comẽno por recreaçam. Algumas vezes sam vendidos, outras prezos, & cativos dos infieis, outras meyo affogados escapam.* Athe aqui suas palavras, & o que dis dos outros, isso mesmo passava por elle.

5 No anno de mil quinhentos, & sincoenta, & seis, foi com o Padre Joam da Beira a Goa, onde o ordenou de Sacerdote o nosso Padre Patriarcha de Ethiopia Joam Nunes Barretto. Voltou a sua Missaõ das Molucas, & a seus acostumados trabalhos, onde as conversoẽs de Mouros, & gentios foram sem numero. Avia mezes, que bautizava nove centos mininos de dous annos, pouco mais, ou menos, pera bayxo, dos quais innumeraveis, antes de chegar a uso de rezaõ se hiam gozar de Deos. Sendo os Christaõs de Moro mui perseguidos, passou daquella Ilha a Ternate, & della a Goa, a pedir ao Governador do Estado algum soccorro de gente de armas contra os inimigos de Christo. Como nam fosse despachado, intentou voltar a morrer entre os seus perseguidos Neophytos, nos quais nam podia fallar sem as lagrimas nos olhos.

6 Vinte, & seis annos tinha gastado naquella trabalhosissima missaõ. Estava mui consumido de forças, por isso nam consentiram os Superiores, que tornasse às Molucas, antes com

seu bom exemplo edificasse o Collegio de Goa. Nelle passou o restante de sua vida, suspirando sempre pellos seus amados Christaõs. Falleceo em Mayo de 1576. Soube a lingua Malaya, & Moluqueza com tanta perfeiçam, que levava nellas ventagem aos naturais. Foi dos primeiros fundadores da residencia de Ternate, & o primeiro, que fundou a de Amboyno, cujas Christandades pella entrada dos malditos hereges de Olanda na India se acabaram, como tambem outras muitas, que eram mui florentes.

India anno de 1556. 7 *O Padre Francisco Henriques* Portuguez entrou na Companhia em Coimbra aos 10 de Fevereiro de 1546. Logo no mesmo anno foi mandado à India, aonde tratou o nosso Padre Sam Francisco Xavier, que o mandou a ser Superior das Residencias, que tinhamos em Còchim, & em Tanâ. Enpregouse muito em trazer à Fè os gentios da Ilha de Sallete do Norte. Foi mandado a Travancôr, aonde levantou dezanove Igrejas. Bautizou muitas almas; por anno seriam trezentas, & quatrocentas. Em hum bautizou quinhentos mininos, dos quais a maior parte dentro de pouco tempo se foi gozar de Deos. Saõ estes bautismos dos mininos naquellas regioens huns dos maiores fruttos, que considerar se pode, por quanto ali por constituiçaõ do clima, das criancinhas, que nascem, a maior parte em poucos mezes acaba a vida.

8 Outros bautismos fes de velhos idozos de noventa athe cento, & vinte annos. Das conversoẽs celebres, que o Senhor fes por elle, foi a de hum Bramane Saneaxi, que se quis no bautismo por honra de nosso Santo Padre chamar Ignacio. Sempre viveo em nossa caza mui dado ao trato familiar com Deos, & morreo nella como Santo. Foi especial o fervor de hum seu minino: depois de bautizado seus pays o levaram pera sua caza, com intẽto de o tornarem ao culto dos idolos; mas o minino de noite fugio atravessando matos em busca do seu Padre. Ao romper da menhaã se achou com hum tigre diante de si, de cujas unhas naõ podia escapar. Valeose entam do sinal da cruz: foi maravilhosa a força deste sinal; a fera se amançou de sorte, que começou a festejar o minino, como o costuma fazer o caõ mais meigo, quando encontra com quem lhe dâ de comer; nesta forma o minino teve lugar de ir sem susto continuando athe a caza do Padre.

9 Duas vezes no dia ensinava a doutrina aos seus Neophytos, de menhaã às mulheres, de tarde aos homens. Tendo oito mezes de missam nesta Costa de Travancôr, lhe veyo pensamento, que em outra parte seria seu trabalho mais proveitoso; por tanto pedio mudança a Sam Francisco Xavier. O Santo lhe respondeo com as seguintes palavras: *Naõ vos desconsoleis em ver, que fazeis tanto frutto com estes Christaõs, como dezejais, por serem elles dados a idolatrias, & El-Rey ser contra os que se fazem christaõs; & olhai, que mais frutto fazeis doque cuidais, em dar a vida a tãtas crianças, que nascem, bautizandoas com muita diligencia, & cuidado como fazeis, porque se bẽ o considerais, achareis, que poucos vam da India ao Ceo assim brancos, como pretos, senaõ os que morrem em estado de innocencia, como sam os que morrem de quàtorze annos pera baixo.*

10 *Olhai, Irmaõ meu Francisco Henriques, que fazeis nesse Reyno de Travancôr mais frutto doque cuidais: & olhai, depois que vòs estais nesse Reyno, quantas crianças bautizadas saõ mortas. & estam seguras na gloria do Paraizo, as quais nam gozariam della, se vòs là naõ estivesseis; & o inimigo da humana nature-*

za

za vós tem muito aborrecimento, & vos dezeja ver fora dahi, peraque desse Reyno de Travancôr nam và ninguem ao Paraizo. Costume he do diabo reprezentar maiores serviços de Deos, aos que seguem a JESU Christo, & isto com intençam de inquietar, & desassocegar huma alma, que esta em parte, onde fas serviço a Deos, & pera a tirar, & lançar da terra, em que fas serviço a Deos: & temome, que o inimigo nesta parte vos combate, dandovos muitos trabalhos, & desconsolaçoẽs, pera vos botar fora dahi: & olhai; que depois, que estais nessa Costa, que podem ser oito meses salvastes mais almas bautizando as crianças, que depois de bautizadas sam mortas, doque salvastes em Portugal, antes de vir pera ella: & se em tam pouco tempo salvastes mais almas nessa Costa, do que salvastes antes que a ella viesseis, nam vos espanteis, de vos dar o inimigo muitas tentaçoẽs, pera vos lançar fora dessa terra a outra parte, onde naõ façais tanto serviço como ahi. Esta a reposta do Santo, com aqual seu espirito se aquietou. Continuando naquella vinha do Senhor, como Missionario Santo, veyo a fallecer no anno de 1556.

IMAGEM DA VIRTUDE
EM O NOVICIADO DA COMPANHIA de JESUS de Coimbra.

LIVRO QUARTO
NO QUAL SE CONTAM AS VIDAS, E virtudes de muitos Religiosos, que nesta Santa Caza foram Noviços, & os que della escreveram livros.

CAPITULO I.

Na Cabaça aos 19 de Junho de 1575

Vida do Padre Francisco de Gouvea, primeiro Missionario da Companhia em Angola.

1 O PADRE Francisco de Gouvea, o primeiro da Cõpanhia q̃ prègou a Fe de Christo no Reyno de Angola, nasceo no Castello de Penalva, na Diecesi de Viseu. Seus Pays se chamaram Gonçalo Cardozo, & Maria Affonso. Entrou na Companhia em Coimbra aos 15 de Novembro de 1554, tendo vinte, & tres annos de idade. A occasiaõ, que ouve pera ir a Angola, foi a seguinte. Tendo El-Rey Angola Inene, que este era o seu nome, & o deu ao Reyno, alguma noticia da Fè de Christo, & trato, que El-Rey do Congo tinha com os Portuguezes, levado mais do interesse do commercio, que de outra cousa, pedio Sacerdotes, os quais lhe foraõ da Ilha de Santo Thomè por duas vezes, mas finalmente se voltaram sem effeito algum.

2 Vendo o barbaro, que pera se conservar o commercio, lhe era meyo necessario ter em suas terras Sacerdotes, os mandou pedir a El-Rey Dom Joaõ o Terceiro. Quando chegou a Portugal o Embayxador, era jà fallecido El-Rey Dom Joam: Governava em lugar de Dom Sebastiaõ a Rainha Dona Catherina, a qual no anno de 1560 enviou a El-Rey de Angola por seu Embayxador a Paulos Dias de Novais, & com elle a quatro Religiosos nossos, a saber os Padres Francisco de Gouvea, Agostinho de Lacerda, & os Irmaõs Antonio Mendes, & Manoel Pinto Coadjutores.

3 Em huma sesta feira vinte, & dous

dous de Dezembro partiram de Lisboa; huma tarde se começou o ar a toldar no modo, que succede, quando ham de vir tempestades, & assim a começaram a esperar: o Padre Gouvea fez comque todos acodissem a Deos, rezando humas ladainhas, & suas oraçoẽs, & foi o Senhor servido, que se desfizessem aquelles medos das nuvens, & grossas sombras, comque os atemorizavam. Tudo ficou em boa paz, & vento favoravel, com oqual tomaram porto em Cabo Verde, onde se detiveram alguns dias. Daqui escrevendo aos Padres, & Irmaõs de Coimbra, lhes significa, a grande consolaçam, que sentia, entre alguns enfados, que sempre ha em navegaçoẽs com o enjoo, & outras indisposiçoẽs que ao Padre nam faltaram.

4 Suas palavras sam: *Isto, charissimos, lhes digo, peraque se alguma hora forem mandados a tais missoẽs pella obediencia, aindaque se achem frios, façam muito cazo dellas, porque lhes certifico, que por experiencia vou vendo, oque a fé da santa obediencia me obrigava a crer: porque quem pode imaginar, que onde naõ hâ senam enjoamento, & nampoder dormir, nem comer, & o que se pode comer, nam ser pam mole, nem carne fresca, nem agoa fria, nem saborosa, antes mal cheirosa; & o melhor de tudo, que estando pera comer, dà o navio cõ tudo no chaõ. Deixo fora os perigos, & trovoadas taõ certas; & cõ tudo isto, haja dobrados dezejos, & dobradas consolaçoẽs da alma, cousa he por certo pera se estimar: porq realmente, que oque por sima de tudo me consola, he lembrarme, que fui mandado por Deos nosso Senhor, porque daqui me resultam todas estas mercês suas.*

5 No principio de Mayo chegaram ao porto de Angola, onde ancoraram em dia da Cruz. Nem menos, que seis mezes se detiveram em o navio esperãdo recado Del-Rey em ordẽ ao fim da Christãdade, q̃ era o principal, q̃ os levava a Angola. Neste tẽpo o Padre Agostinho de Lacerda naõ podẽdo jâ cõ os trabalhos do mar, pedio licẽça ao Padre Superior Francisco de Gouvea pera sahir em terra. Em effeito sahio com o Irmaõ Antonio Mendes. Armaram huma caza de palha, & nella hum altar, em que todos os dias diziam Missa: athe que ao Padre deram huns frios, & febres, que em breve lhe tiraram a vida. Foi enterrado junto ao mar.

6 As necessidades, que aqui padeceram, foram muitas. O comer era alguma maça de farinha de milho. Assim estiveram, athe que El-Rey lhes mandou hum recado, que fossem, porque se queria fazer Christam. Veyo pera os conduzir hum fidalgo com muita gente de arcos, & frechas. Vinham os negros pintados de tintas amarelas, & muitas penas na cabeça segundo elles costumam. Foram caminhando pella terra a dentro como sessenta legoas, padeceram no caminho grandes fomes, & sedes, por ser a terra mui falta de agoa. Depois de hũ mes de caminho chegaram à Cidade de Dongo, onde El-Rey estava.

7 O seu feiticeiro mòr os mandou receber ao caminho com muita gente, & os hospedou em sua caza. Mandoulhes dar farinha, galinha, & cabras, sempre com os olhos em que lhe dessem das cousas de Portugal. Finalmente foram admittidos a fallar ao Rey: primeiro, que chegassem onde estava, passaram dez, ou doze portas: chegando à caza, onde dava audiẽcia, o acharaõ assentado em hũ assento de palmas; este era o seu throno; na maõ, que devia ser o cetro, tinha huã ponta de boy cheya de vinho, & ao pè de si huma fermosa cabaça cheya tambem de vinho, de que bebia, que ali he taõ usado o beber ainda nestas occasioẽs solennes, como entre nós o seria tirar a caixa, & tomar tabaco, quan-

quando alguem ſe acha entre gente honrada.

8 Falloulhe o Padre da ley de Deos, & da Chriſtandade, porem naõ reſpondendo a iſto, perguntou, que lhe levavam de Portugal, que eſte era todo o ſeu ſentido. Diſſe mais, que o noſſo Deos nam era bom, porque mandava, que nam tiveſſem muitas mulheres, que o nam queria em ſuas terras. Tambem os chamou feiticeiros, dizendolhe, que lhe hiam eſpiar à terra, pondo muitas mentiras, & que os avia de deſterrar pera outras partes mais diſtantes. Eſtas foram as boas vindas, que lhes deu eſte negro Rey, tendo ſeu pay feito, que vieſſem de Portugal.

9 Depois lhe roubou quanto conſigo levavam, & reteve toda a gente, athe que os navios nam podendo eſperar mais, ſe foram de Angola; entam deixando em ſeu poder ao Embayxador Paulos Dias, ao Padre Gouvea, & Irmaõ Antonio Mendez, deixou ir aos mais; chegando ao mar ſe foram em almadîas pera a Ilha de S. Thome. Muitos delles morreram no mar. O Irmaõ Antonio Pinto chegando a Santo Thome acabou ali ſeus dias.

10 Neſte tempo foi hum caravelam de S. Thome a ſaber dos que ficaram reprezados. Ancorando no porto, foi o piloto pela terra dentro, a ſaber oque avia. Succedeo adoecer de ſorte, que nem elle podia voltar, nem mandar quem fizeſſe avizo doque paſſava aos que eſtavaõ no caravelaõ. Entaõ mandou o Rey muita gente de arcos, & frechas com hum fidalgo, & com o Irmaõ Antonio Mẽdes ao caravelam. Entrando nelle o Irmaõ, o Capitaõ o naõ quis mais deixar ſahir. E deu alguma fazenda, pera que El-Rey naõ fizeſſe mal aos que tinha em ſeu poder. Neſta forma ſahio o Irmaõ do cativeiro, ficando nelle o Embayxador, & o Padre Gouvea.

11 Parece levou Deos ali a eſte virtuoſo Padre pera remedio das almas dos Portuguezes, que entre os negros andavam, nos quais dis elle, que fizera muito frutto. A conſolaçam particular, que tinha, era o Sãto Sacrificio da Miſſa: a farinha pera as hoſtias, dis elle, que milagroſamẽte ſe teve, ſem ſe corromper alguns annos. Aos comeres da terra o obrigou a neceſſidade, nam os podendo ao principio nem cheirar; depois q̃ a elles ſe fez, lhe ſabiam mui bem, a dubados ordinariamente de boa fome.

12 Athe Mayo de 1565 ſó quatro bautiſmos pode ali fazer, & eſſes de criancinhas. Duas eram filhas dos Portuguezes, que na terra andavaõ, das quais a hum minino ouve modo, pera o mandar em hum navio pera Santo Thome, & a huma minina tinha conſigo, pera em ſendo capaz lhe enſinar as oraçoẽs, & ver como a livraria dos gentios. As outras duas eram filhinhos de negros; hum em o bautizando, que foi no artigo da morte, ſe foi pera o Ceo; o outro era de huma eſcrava, que hum branco comprara com elle, mas a mãy tomou tanta payxam de lho bautizarem, que fugio com elle ao Senhor, & contaram ao Padre, que de impaciencia o matara; ſe aſſim foi, ditoſo por certo mais com a morte, do que o podia ſer com a vida. Nos mais avia tanta dureza, que querelos converter, era batalhar com pedras, que com nenhum golpe dam deſi.

13 Neſte cativeiro continuou, athe que no anno de 1565 El-Rey deſpachou a Paulos dias de Novais, pera que vieſſe a Portugal com hum ſeu como Embayxador, pello qual mandava a El-Rey de prezente quarenta argolas de cobre, trinta, & ſinco dentes de elephante, quarenta paos, que chamam quicongo, que naquellas terras he mui eſtimado: a iſto accreſcentou alguns eſcravos, pe-

pedindo a essa conta as cousas, que se lhe antojaram. Reteve porem ao Padre Gouvea, dizendo, que queria o ensinasse pera ser christaõ; & tambem porque lhe tinham ditto, que o Padre fora pera ficar no seu Reyno; por tanto, que se o mandasse, faria nisso desprazer a El-Rey de Portugal.

14 Em quanto Paulos Dias ali esteve, se consolavam hum com o outro, fazendo suas devaçoẽs, dizendo Missas seccas por se ter acabado o guizamento; mas agora com sua partida bem se ve como ficaria o Padre no meyo daquella negragem, sem esperança de fazer nelles frutto algum. Antes de Paulos Dias se partir, succederam ali algumas cousas, em que Deos mostrou o cuidado, que tinha dos seus.

15 Ouve hum fogo mui espantoso na Cidade, aqual teria, como dis o Padre, o circuito, que tem a de Evora, & nella avia sinco mil cazas de madeira. Succedeo este incendio com estranha braveza. Delle falla assim o Padre em huma carta sua: *Foi a cousa mais espantosa o fogo de Angoleime, que eu nunca vi, nem os negros se acordam de tal; porque huma cerca tamanha como os muros da Cidade de Evora, com sinco mil cazas de palha, & madeira muito grossa, & muros de paos altos, & grossos tecidos de palha, & canas, assim por fora da cerca, como por todas as ruas da Cidade, ateado tudo com hum estranho, & vivo fogo por todas as partes com mui tempestuoso vento, era o mais espantoso estrondo, que se podia imaginar.*

16 *Começou com huma hora da noite, & acabou huma hora, ou duas antemenhaã pouco mais, ou menos, deixando tudo arrazado, feito em cinza, & carvam. Quanto à gente, que acodio a este fogo, seriam perto de cem mil pessoas, que logo se ajuntaram ao tanger dos seus Chocalhos, pera arrecadar a fazenda Del-Rey. Queimouse infinidade assim da terra, como dos Portuguezes. Era tam bravo este fogo, que nas mui altas palmeiras, de que a cidade estava toda cheya, andavam tam fortes as linguas delle, que com serem verdes, arderam como secas. Como eram altas, & cheyas de ramas, tomavam maior vento, pello que faziam maior estrondo, & parecia, que o Ceo chovia fogo.*

17 *Toda a terra, que descobriamos com a vista, estava tam clara, como se fora ao meyo dia, sendo tam alta noite. Neste fogo morreo muita gente queimada, que se nam pode salvar; outra se mandou queimar, & lançar no fogo sacrificandoa ao mesmo fogo, pera o aplacarem. Fes como digo, muito espanto este novo fogo em toda a gente da terra; & o que mais espanto fes, foi estarem nossas cazas pegadas com os muros Del-Rey, nam lhe fazendo de nenhuma das vezes o fogo nada, antes vinha sempre morrer na nossa testada: Cousa milagrosa, & ninguem o vira, que o naõ attribuisse a grande milagre. Outra cousa, que tambem nam fez pouco espanto, foi verem nosso fato na rua sem guarda, & naõ se furtar cousa alguma, & outro com muitas guardas se roubou todo, cousa, q̃ nelles causou mui grande admiraçaõ. Toda a terra nisto fallava; nós o attribuimos à especial providencia, & misericordia de Deos, como tambem attribuimos outras muitas, que cada dia vemos, que o Senhor faz por sua honra.*

18 *Todos nos diziam, que a Igreja, & cousas de Deos, que nella tinhamos, nos guardavam; por isso folgavam muitos de nos ter por vizinhos.* Estas, & outras cousas tem o Padre Gouvea nesta sua carta, & quanto ao parar o fogo, quando se avizinhava à Igreja, nam foi só na occasiaõ deste formidavel incendio, mas em outras,

que

que tambem ſe ateou, mas nam com tam medonha furia.

19 Aſſim foi vivendo eſte Padre no ſeu cativeiro athe o anno de 1575, no qual chegou a Loanda aos onze de Fevereiro Paulos Dias de Novais com proviſoẽs de Governador do novo Eſtado, & com mui luzida gente de guerra, tendo partido de Lisboa aos 23 de Outubro de 1574. Levou conſigo a quatro da Companhia, a ſaber o Padre Gracia Simoẽs, que hia por Superior, o Padre Balthezar Affonſo, & os Irmaõs Coſme Gomes, & Conſtantino Rodrigues. No que padeceo

Telles P.2.l.6.c.28. ſeu deſcuido o Hiſtoriador deſta Provincia, que tem no lugar citado à margem, que com Paulos Dias fora o Padre Balthezar Barreira, ſendo aſſim que eſte foi pera Angola alguns

Sachin. 4.p. lib. 2.n.88. annos depois. Conſta ſer aſſim o que digo da Hiſtoria Geral da Companhia, & das cartas deſtes Padres, que tenho em meu poder.

20 Depois que chegou Paulos Dias, & os Padres procuraram de ſaber do Padre Gouvea, como ſe averiam: reſpondeo-lhes, que nam levaſſem a couſa por guerra. Nam ouve remedio, pera que El-Rey largaſſe ao Padre, o qual correo muito riſco com os mais Portuguezes, que eſtavam em Dongo, porque os Mocicongos diſſeram a El-Rey de Angola em publico terreiro da parte Del-Rey de Congo, como elle por ſer ſeu Irmaõ, o avizava, que olhaſſe por ſi, & ſoubeſſe, que a vinda do Governador, & mais Portuguezes àquella terra, era pera lhe tomar ſeu Reyno por força de armas.

21 Foi iſto couſa, que a todos os Portuguezes, que là ſe acharam, aſſombrou, & chegou a ponto de lhes mandarem cortar as cabeças, em eſpecial ao Padre, a quem como a principal ſe attribuia eſte conſelho. Eſtava neſte tempo enfermo, porem cõſiderando o ſeu perigo, & dos mais fallou a El-Rey, & o tirou do penſamento, em que eſtava. Indo por diante a enfermidade, como El-Rey tinha ao Padre muito reſpeito, & affeiçam, mandou aos ſeus feiticeiros, que o vigiaſſem, & lhe deſſem ſaude; & ainda, que o Padre nam queria tais medicos, elles por cumprir com a ordem do Rey, de dia, & de noite andavam à roda da caza do Padre fazendo grande matinada com cabaças, & outras invençoẽs, pera affugentar a morte, & a nam deixar chegar, porem ella como com nada ſe eſpante, fez ſeu dever. Eſtando o Padre mui bem preparado, falleceo ſantamente aos 19 de Junho de 1575, deixando a todos os Chriſtaõs mui ſaudozos, & edificados com ſua ſanta converſaçam.

22 Foi ſepultado pellos Portuguezes em hum lugar, que chamam Cabaça, onde o Padre tinha feito huma ermida. Sentio El-Rey muito ſua morte dizendo, que nunca avia de morrer o Padre em ſuas entranhas; que era modo, com que coſtumava ſignificar, que nunca ſe eſqueceria delle. Deu muito mantimento, & oito boys pera o chorarem, como elles coſtumam. Pera que ſe viſſe mais, quanto o amava, tomou os Embayxadores Mocicongos, dizendo, que pois lhe mataram o ſeu Padre, foſſem prezos, & cativos, & entregues ao Governador, pera delles fazer, o que quizeſſe, como em effeito foram, & os mandou pera Santo Thomè. Alguns quatorze annos paſſou o Padre neſte cativeiro, tendoo ali o Rey como por negaça, pera acodirem os Portuguezes a ſuas terras com as fazendas, & porque nam trataſſe mal ao Padre, tiveſſem com elle boa correſpondencia. Delle fas mençam no ſeu terceiro tomo o Author do Agiologio Luſitano.

CA-

CAPITULO II.

Vida do Padre Garcia Simoẽs.

Em Loanda aos 12 de Mayo de 1578.

1 O Padre Garcia Simoẽs foi natural de Alenquer no Arcebispado de Lisboa. Seus pays se chamaram Balthesar Pires, & Violante Lopes. Entrou na Companhia em Coimbra aos sinco de Março de 1556. Succedendo, como conto na vida do Padre Francisco de Gouvea, ser mandado a este Reyno Paulos Dias de Novais pello Rey Angola, que o tinha cativo, ficando em refens o Padre Gouvea, a Rainha Dona Catherina o despachou com o cargo de primeiro Governador de Angola, & lhe deu soldadesca pera ali fundar estado de Portuguezes. Ordenou assim mesmo Sua Magestade, fossem com elle Religiosos da Companhia, de cujo conselho se ajudasse, & pera acodirem ao bem das almas dos Portuguezes.

2 Foram nomeados quatro, a saber o Padre Garcia Simoẽs por Superior, o Padre Balthezar Affonso, & dous Irmaõs Coadjutores temporais. Assim estes, como outros, que os seguiram, obraram tanto em serviço de Deos, & Del-Rey, que Paulos dias de Novais no seu testamento, que fes em 24 de Outubro de 1582, tem esta verba: *Peço a Sua Magestade, nam consinta, que os Padres da Companhia de JESU dezẽparem esta conquista, pois foi ganhada, & adquirida desde o principio com seus conselhos, & ajudas espirituais. E aos mesmos Padres peço, & requeiro da parte de JESU Christo, por cujo amor cõmetteram esta empreza, que a levem por diante, & a cultivem com sua vida, exemplo, & doutrina, pera que nella se multipliquem os filhos de Deos, & a Fé Catholica, que começaram a plantar, se estenda por esta grande gentilidade.* Estas as palavras do testamento de Paulos Dias.

3 Tornando ao fio da narraçaõ, no anno de mil quinhentos settenta, & quatro, nos ultimos mezes delle partiram de Lisboa: chegando às Ilhas de Cabo Verde, nellas se detiveram vinte, & dous dias, & dali se fizeram à vela vespera da Expectaçaõ da Senhora em desoito de Dezembro do ditto anno. Em toda a navegaçam o seu cuidado foi mover à devaçam toda a gente da nao, em que hia. Em dia de Natal armaram hum prezepe tam lindo, & bem acabado, que dis o Padre, que nesta parte nam tinha inveja aos de Portugal. Nam podia a gente da nao apartarse de cousa tam bella. Diante delle se gastou a noite em oraçam, cantigas devotas, & praticas espirituais, sendo mais cõtinuos nestes santos exercicios os mais nobres, & criados Del-Rey. Quis Deos, que o galeam, indo com vento em poppa, pareceo em toda a noite nam bolir comsigo, & com este socego era a devaçam tal, que dizia a gente, que se tal noite durara por muito tempo, nam averia quem se lembrasse da terra.

4 Aconteceo em dia de Natal huma cousa, que por estranha a refere o Padre Simoẽs com estas palavras: *Huma cousa foi pera mim maravilhosa, & pera toda a mais gente, a qual athe este dia senam tinha visto, & foi, que o mar festejou este dia alegre do Natal, louvando ao Senhor com seu pescado, porque amanheceo o nosso galeam, & as mais velas cercadas ao redor com tanta sõma de peixes grossos sobre a agoa, que quasi huma legoa naõ se via outra cousa, & o que mais me espantava, era, que davam cambadelas como mininos com a cabeça na agoa, & todo o corpo em sima; outros dando grandes saltos pera sima faziam grande estrondo no mar. Este espe-*

ctaculo durou como duas horas : os marinheiros, como ſenaõ cõtentavaõ ſó com a viſta, lhe fizeram alguns tiros com fiſgas, & arpoẽs, mas elles ſe hiam embora quebrandolhe os apparelhos, porque os que vinham a louvar a Deos, nam era bem, que os mataſſem em tal officio, mas em outros tempos ſe tomavam outros muitos peixes maiores. Athe aqui as palavras do Padre Garcia Simoẽs: tanto ſe pagou Deos da devaçam, com que celebraram ſeu ſanto Naſcimento, que o quis dar a entender com hum tam fermozo, & novo eſpectaculo.

5 Em onze de Fevereiro de 1575 lançaram ferro no porto de Loanda, ſem lhe morrer peſſoa alguma. He eſta Ilha de Loanda de ſinco legoas em comprido, & de largo como hum tiro de eſpingarda, & a lugares mais eſtreita: nam tem fonte de agoa, nem ſe acha pella terra dentro, ſenam dahi a muitas legoas, mas em cada lugar, que querem, acham agoa doce muito boa, cavando huma braça, ou menos na area, & aſſim deſtas poças, que elles chamam Quicimâs, hâ grande copia, & algumas duram poucos dias, porque ſe fazem ſalobras. Eſtarâ eſta Ilha meya legoa da terra firme. Ella he a mina do Congo, porque ali ſe peſca o buzio, que he dinheiro, que corre em toda aquella terra; ſam em tres maneiras: o mais groſſo, & o mais miudo valem menos, o meàm he o que mais vale. Chamaõlhe zimbo.

6 A eſte tempo teria a Ilha mais de tres mil peſſoas, as mais dellas gentias. Os Chriſtaõs ſó differiam delles no nome, porque viviam ſem ley, nem Rey, nem temor de Deos. Naõ ſe tratava de Miſſa, nem ſe ſabia, que couſa foſſe confiſſam. Nam avia guardar domingos, nem dias ſantos. Tambem comiam carne em dias prohibidos, & na Quareſma: todos ſe tratavam como doentes, & permittia o Senhor, que quaſi todos foſſem enfermos, & miſeraveis. Neſta mata brava começou o Padre a frutificar com palavras, & obras. Vendo certo homem, que elle ſe punha em nam comer carne, & jejuar, ſe foi ter com elle, fazendolhe grandes medos, dizendo, ſe naõ comeſſem carne, & jejuaſſem, todos adoeceriam, & ſobre iſto fez grandes exageraçoẽs. Porem foi Deos ſervido, que nada diſto lhes ſuccedeſſe, antes com o jejum, & abſtinencia andavaõ mais fortes. O que vendo aquelles Chriſtaõs, ſe envergonharam do que faziam, & entenderam nam avia ali as rezoẽs de temor, que o ſeu vicio lhes fingia.

7 Logo ſe foi entendendo em inſtruir aos Chriſtaõs em ſuas obrigaçoẽs, que elles tanto ignoravam, & niſto viram os Padres mui bem logrado ſeu trabalho. Quando ſahiram os Padres em terra, os hoſpedou certo homem em huma caza de palha. Depois ſe deu ordem a fazerem ſua Igreja, & cazas de palha, & ali começaram todos quatro a viver com tal ordem de vida, como ſe eſtiveſſem em o Collegio de Coimbra. Com a doutrina dos Padres foi a gente ſahindo do abiſmo de deſcuido, & ignorancia, em que vivia.

8 A ſemana ſanta celebraram cõ grande devaçam, ajudados de alguns cantores. E dis o Padre, que no Officio das trevas, quando foi ao paſſo de bater, como de couſa inſolita entrou tal medo nos negros, que huns por huma parte, outros por outra deram em fugir, ſem aver quem os pudeſſe tirar do ſuſto. Fizeraõſe os officios da ſemana ſanta, prociſſam de Endoenças, & Paſchoa, tudo como ſe fora em Portugal.

9 Succederam grandes diſſenſoẽs entre o Governador, & o feitor Del-Rey, que teve ſeu deſcomedimento com Paulos Dias. Temeraõſe alguns deſaſtres, mas metendoſe ni-

nisto o Padre, tudo se compoz com geral edificaçam. Vendo o Padre Simoẽs, q̃ perecia muita gente por falta do necessario, deu ordem a que se fizesse Misericordia pera se acodir a estas necessidades dos dezemparados. Communicou o ponto com os principais, que como gente honrada, louvaram muito esta disposiçam. Elegeose Provedor, Escrivam, & Thezoureiro; & no primeiro dia, que pediram esmola, tiraram mais de trinta mil reis, com que começaraõ a remediar algumas necessidades, & a curar os enfermos. Deose ordem a hospital, em que se recolheram os enfermos, onde se lhes acodia com todo o cuidado. Todas estas obras nasceraõ do zelo deste virtuoso Padre.

10 Vendo o Padre Simoẽs, que nam avia que ir ao longe, quando tinha que fazer tanto na Ilha, & tambem, porque se julgou, que os negros sogeitos ao Rey Angola senam converteriam, antes que por força de armas os sogeitassem, poz todo o seu cuidado em converter todos os gentios da Ilha de Loanda, & queimar os seus idolos, & feitiços, a que chamam Moquizes. Prègoulhes o Padre da falsidade daquelles Deozes; & o primeiro, que lhos entregou foi o principal dos negros, que estava delles bem provido.

11 Dali a alguns dias enrestou com o feiticeiro mòr deste principal, & o mesmo principal lhe disse, que pois elle tinha entregado os seus Moquizes ao Padre, que tambem elle lhe avia de fazer entrega dos seus. Dizendo isto, se foram a sua caza, onde encontraram boa soma desta fazẽda. Dahi foram dando caça pellas cazas: era pera ver o que sahia de cousas, pedaços de ferro, chocalhos de cobre grandes, pandeiros de ferro, campainhas de pào, que eram instrumentos, com que chamavam o Demonio; tudo se lançou no fogo: assim mesmo cada hum tirou do pescoço, cinta, ou braços cousas de sua superstiçam, & como se o Espirito Santo tivesse entrado em todos, as lançavam no fogo. Entre estes veyo huma velha, a qual fazendose prègadora, fes grandes exclamaçoẽs, dizendo, que athe entam viveram todos enganados, que os vinha Deos a visitar, que todos dessem seus feitiços, que ella só queria ser filha de Deos. Logo se levantaram muitas cruzes, & os Padres começaram a catequizar toda a aldea, que constaria de trezentas almas.

12 Era cousa muito pera louvar a Deos, ver como aquelles, que antes fugiam dos Padres em os vendo, agora se vinham logo a elles, & se punham de joelhos a lhes beijar a mam, & fazer festa. Desta povoaçam foraõ os Padres a outras seis da Ilha, nas quais fizeram o mesmo estrago nos idolos, & feitiços.

13 Queimaraõse muitas cazas de idolos, & muitas cabeças de cobras, que lhe offereciam: destas cobras, que offertavam, quando queriam sahir à guerra, as costumavam ir mastigando misturadas com folhas de certa arvore chamada Lico, dizendo, que aquelle Moquize lhes dava forças, pera pelejar, & desviava delles as frechas, & as feridas. Queimadas estas, & outras diabruras, ficavam os negros contentes, & dezejozos de os ensinar o Padre, pera os instruir, punha naquelles lugares algũ, que lhes ensinasse as cousas necessarias pera o bautismo. Depois fez o Padre Garcia Simoẽs muitos bautismos solemnes, & apparatozos. Elle foi o que reduzio os gentios de Loanda, & que ali deu principio à caza da Companhia em hum sitio, que no principio se reprezentou a muitos ser mais accommodado pera povoaçaõ, & ficamos em hum monte, que entra com huma grande ponta pello mar; nesta ponta assentou o Padre a nossa caza terrea cuberta de palma,

que hum homem honrado por sua charidade lhes quis fazer.

14 Este homem, tendo obrigaçam de fazer huma Igreja de nossa Senhora, disse ao Padre Simoẽs sua determinaçam, & que pois os Padres nam escusavam Igreja, seria a que elle tinha obrigaçam de fazer. O Padre lhe aggradeceo a charidade, & elle a mandou fazer de taipa cuberta de palha, que era o que por entam dava de si a terra; & pera os tempos foi cousa, que se teve por boa, capaz, & airoza, com seu portal feito com mui boa arte, com suas colunas de ladrilho. Bem verdade he, que o Collegio, que hoje temos, nam ficou neste mesmo lugar, mas em outro mais a dentro defronte delle.

15 Tendo o Padre Garcia Simoẽs trabalhado com muito fervor, & zelo na converssam dos negros de Angola por alguns annos, o quis o Senhor apremiar. De sua morte dis assim em huma carta sua o Padre Balthezar Affonso, que era seu companheiro: *Aos doze dias de Mayo de settenta, & oito foi nosso Senhor servido de levar pera si ao nosso bemaventurado Padre Gracia Simoẽs: esteve doente onze dias; falleceo de febres, & frios, & melancolia, & fastio. Foi muito sentida sua morte, como de quem era pay de todos, assim dos Portuguezes, como dos pretos, & gente da terra, que athe os gentios o sentiram: foi enterrado, como se costuma na companhia, com officio de nove liçoẽs, Missa cantada, & responso por hum Padre de fora, & os cantores, porque eu ainda me nam podia levantar. Porque tenho escritto sua morte, vida, & virtudes por muitas vias, & carta particular, nam faço nesta mais, que tocar isto, pera que todos os da Companhia o encõmendem a Deos.* Athe aqui este Padre, cujo manuscritto, em que escrevia do Padre Simoẽs, me naõ chegou à maõ. Estas poucas cousas se recolheram de diversos documentos do cartorio de Coimbra.

CAPITULO III.

Do Padre Luis de Britto, & Irmaõ Antonio Cardozo.

Lisboa 9 de Janeiro de 1691.

1 O Padre Luis de Britto foi natural da Villa de Abrantes no bispado da Guarda. Entrou na Companhia em Coimbra aos 16 de Fevereiro de 1619, de quatorze annos de idade; viveo settenta, & dous annos na Companhia, os mais delles na caza de Sam Roque, sempre com vida mui exemplar, & penitente. Nũca se deitou em cama; sempre trazia cilicio. Alem dos jejuns do Advento, & Quaresma, jejuava quartas, sestas, & sabbados de todo o anno, comendo celadas de serralhas, & ervas amargozas, que elle hia apanhar na cerca.

2 Rara ves se achou senaõ em pè, ou de joelhos. Foi mui pobre. Cada dia tinha sinco horas de oraçam quasi sempre de joelhos. Era retirado; de ninguem dizia mal, nem murmurava. Para occupar algum tempo, que lhe crescia de suas oraçoẽs, & devaçoẽs, pedia ao Padre da doutrina, lhe desse a enfiar as contas, que avia de repartir aos mininos. Toda a fidalguia da Corte lhe tinha veneraçam. El-Rey Dom Pedro o Segundo pello conceito, que tinha de suas virtudes, quando falleceo, o mandou retratar. Em dous de Janeiro morrendo na caza de Sam Roque o Padre Manoel de Almeida homem de muita charidade, que era procurador dos prezos, disse ao Padre Britto, que elle se seguia, & assim foi. Aos sette dizendo Missa advertio depois della ao ajudante, que era a ultima. Depois chamando o enfermeiro, lhe disse tratasse de sua sepultura. Tam contado trazia o tẽpo de sua morte, do qual, como destas cousas

cousas se ve, tinha revelaçaõ. Falleceo na caza de Sam Roque aos nove de Janeiro de 1691. Se de suas virtudes se fizessem conferencias, quando morreo, sem duvida teria delle muito, que escrever, porque esta tesidaõ de vida continuada por tantos annos ordinariamente sahe em acçoẽs mui generosas nas materias da virtude. Na Religiam foi companheiro do Provincial, & Mestre dos Noviços da Caza de Lisboa.

Em Coimbra aos 15 de Abril de 1669.

3 *O Irmaõ Antonio Cardozo* Coadjutor temporal nasceo em Santa Maria de Puzelo no Bispado do Porto. Seus pays se chamaram Alvaro Cardozo, & Maria Antonia: entrou na Companhia em Coimbra aos treze de Junho de 1611, tendo vinte, & hum annos de idade. Foi Irmaõ em toda sua vida mui exemplar; de muita oraçam, charidade com os pobres, & humildade. Sendo cozinheiro no Collegio de Coimbra cahio hum rayo na fornalha, onde elle estava, & dando muitas voltas, lhe nam fes mal algum. Sendo jâ velho, & por seus achaques, & annos cançados livre de officios de caza, nam se izentava de se ajustar com o rigor da observancia.

4 Em a campa dando final a se levantar a communidade, se levantava. Ainda no inverno frio se estava toda a menham na Igreja ouvindo Missas ora em huns altares, ora em outros, buscando de ordinario algum lugar, do qual no mesmo tempo ouvisse muitas Missas. O dia se lhe passava em rezar muitos Rosarios, jâ por humas, jâ por outras tençoẽs. Sabendo, que algum nosso tinha algum acto literario, que fazer, o encõmendava mui de veras a Deos.

5 Era de mui pouco comer. Quando nos dias de festa se punha mais algum prato na meza, o nam tocava: perguntandolhe a causa, respõdia, que o muito pezo nam deixava ir pera sima; querendo significar, que assim andava mais expedito, pera ter oraçaõ. O tempo, que foi porteiro do Collegio de Coimbra, tinha comsigo hum *Contemptus mundi*, & quãdo algum secular esperava chegasse algum Padre, que buscava, lhe pedia, que pois nam sabia ler, lhe fizesse graça de ler hum daquelles capitulos, cõ aqual liçam se affervorava a si, & edificava ao secular.

6 Alcançou grandissima paz de sua consciencia. Depois que cahio na cama com a ultima enfermidade, só fallava do Ceo, & de Santo Ignacio nosso Padre, aquem muito dezejava ver. Por certo se teve, que Deos lhe revelara sua morte. Dous annos antes della, morrendo hum Irmaõ, disse elle: *Daqui a dous annos me siguo eu.* Assim se cumprio. Mais claramẽte o disse no dia de seu fallecimento: perguntando, que horas eram, lhe responderam, que oito da menhaã; entam disse: *Bem está; âs tres da tarde nos iremos.* Chegada esta hora, acabou santamente no Collegio de Coimbra aos quinze de Abril de 1669.

CAPITULO IV.

Vida do Padre Balthezar Barreira.

Nas Ilhas de CaboVerde aos 4 de Junho de 1612.

1 TEndo escritto a vida do Padre Balthezar Barreira na Obra, em que trato do Noviciado de Evora, por ter ali sido Mestre dos Noviços, me vieram depois disso às maõs muitas mais cousas deste excellente varam. Por onde me foi preciso fazer aqui delle huma segunda vida, ordenada das diversas cousas, que de novo descobri. Advirto, que naquella narraçaõ tenho bem de outro modo a causa, porque veyo de Angola, doque aqui a escrevo; a rezam desta diversidade foi a Historia desta nossa Provincia, que tem, fora mandado

vir

vir por ordem Del-Rey, pera se informar do estado de Angola, & por ver a hum homem, de quem se diziam tantos bens: porem de outros documentos mais solidos nos consta, como aqui direi, que a causa foi inveja de hũ Governador, que com lançar a culpa dos seus desacertos às costas do Padre Barreira, se quis santificar diante Del-Rey.

2 Estas cousas escreveo o nosso Padre Gregorio de Oliveyra, que tratou mui familiarmente ao veneravel Padre Barreira. Quanto à sua Patria, o fas vizinho de Lisboa; mas, como jà em outro lugar disse, dos catalogos antigos consta ser de Lisboa. Quero aqui tresladar por suas palavras a narraçaõ do Padre Gregorio de Oliveyra, que he a seguinte.

3 *Se lembrado estou o Padre Balthezar Barreira foi natural de Sacavẽ, ou visinho jũto a Lisboa; & foi do serviço da Princeza Dona Joanna, & della muito acceito, & assim à partida deste Reyno pera o de Castella, o levou comsigo, & o tinha no Paço de Valhadolid, donde a mesma senhora o despachou com honrozo cargo pera as Indias de Castella. Despedido da mesma senhora, & da Corte, onde estava mui quisto, se foi tomar embarcaçam a Sevilha, por ser em tempo de monçam, & armada.*

4 *Tendo tudo a ponto, & bem aparelhado pera sua viagem com gosto, & alvoroço seu, como Deos tinha delle determinado outra cousa, & por seu meyo salvar muitas almas, lhe mudou os intentos, mas nam as navegaçoẽs; & assim de subito se achou mudado, dandolhe Deos nosso Senhor dezejos de se recolher na Companhia. Achase o Santo mancebo novo nos dezejos, espantase, & estranha a nova lus, que sente em sua alma; obedece aos santos dezejos, rasga as provisoẽs, & papeis q̃ levava, & faziam a bẽ de seu negocio. Fazse na volta de Valhadolid, pede a Companhia, remettemno os Padres de Castella a Portugal, vemse a Lisboa, onde foi recebido na Companhia, na qual deu de si mui grande, & raro exemplo, como a toda esta Provincia he notorio.*

5 *Foi o Padre Balthezar Barreira dos primeiros fundadores, que foram na fundaçam do Collegio de Angra, & tal resplandor deu de si naquella Cidade, que o seu nome entre a gente nam era outro, senaõ o de Sãto, & deixando muitas particularidades, só duas apontarei. Estando huma mulher atormentada do diabo, foi chamado o Padre. A isto acodio o demonio, dizendo:* Chamai, chamai o Barreira; mas elle começa agora a Missa; entre tanto eu me vingarei. *E assim era, que o Padre estava dizendo Missa. Acabada ella, lhe foi dado o recado; sahindo do Collegio, disse o demonio:* Mui apressado vem o Barreira; eu me acolherei, antes que elle chegue. *Assim o fez, porque em chegando o Padre à porta da caza, o demonio deixou livre a mulher, que era atormentada.*

6 *Tornando outra ves a entrar dali a alguns dias, levaram recado ao Padre, que acodisse; entam disse o demonio rindose:* O Barreira naõ vos hà de vir agora cà, porque elle està bem occupado com a sua enxaqueca. *Naõ deixou com tudo isso de ir o Padre, & o demonio o nam quis esperar. Assim se mostrava Deos maravilhoso neste seu servo, a quem guardava pera cousas de grande gloria sua.*

7 *Sendo mandado a Angola, & por Superior daquella Residencia, o companheiro nam sabia do Cargo, que o Padre levava, & assim corria com elle, como se o nam fora; nem o Padre se declarou nunca com elle, antes em toda a navegaçam tratava ao cõpanheiro, & lhe obedecia em tudo, como se lhe fora Superior. Chegado a Angola, & declarado por Superior, o* com-

companheiro se achou tam alcançado, que foi necessario ao Padre facilitarlhe quanto tinha passado na viagem.

8 *Em Angola foi sempre Superior, fazendo sempre officio de fiel subdito. Em todo este tempo acompanhou sempre ao Governador Paulos Dias de Novais todas as vezes, que fazia guerra, padecendo muitos trabalhos, fomes, & sedes, & outras incõmodidades, q̃ tudo soffria cõ alegre semblante, & tudo tomava como da maõ de Deos. Tudo nascia de ter sua vontade taõ conforme com a de Deos, que se naõ parecera temeridade, pudera dizer, oque Santo Anselmo dis da vontade da Virgem com a do mesmo Deos.*

9 *Nenhuma cousa fazia, nem dava reposta em cousa de momento, que primeiro o nam consultasse com Deos, tomando pera isso dias, & dizendo Missas conforme os negocios pediam. E assim tomava os tempos, como irei declarando. E assim lhe deu Deos por toda a Costa de Guinè, & Brasil hum nome novo, & nomeàremno pello Patriarca de Guinè, & o Santo; & por tal o reconhecia o Rey de Congo, & ainda o de Angola, porque muitas vezes dizia, que o Ganga [isto he o Padre] de Loanda, nas guerras fazia mais com o Deos dos brancos, doque os brancos faziam. Por esta causa tinha posto grandes premios, porque lho tomaßem vivo, ou ao menos lhe levassẽ a cabeça. E q̃ desta maneira ficariam os Portuguezes sem Ganga, que rogaße por elles, & Angola teria vitoria dos brancos, & os lançaria fora.*

10 *Confuso o Rey Barbaro das vitorias, que os poucos Portuguezes alcançavaõ da multidaõ dos Pretos, & entendendo, que as oraçoẽs do Padre Barreira eram as mais forçosas armas, comque as vitorias se alcançavam, entrou em furor, & ira contra os seus sacerdotes, queixandose-lhes por entre elles naõ aver quem da parte dos Pretos com oraçoẽs pelejasse, & desse vitorias, como fazia o Padre de Loanda. Entre todos hum dos seus feiticeiros, que estava tido por mais Santo, ouzadamente se offereceo à batalha, promettendo dos brancos grandes vitorias. Logo diante do Barbaro Rey, & de toda a sua corte tomou o feiticeiro seus instrumentos em o terreiro do mesmo Paço, andando ao redor delle, dando grandes vozes como he costume seu, fazendo muitas ceremonias, lançando muitas sortes.*

11 *Todos estavam cheyos de esperanças, & de festa, como dandose jà os parabens das vitorias, que o feiticeiro lhes promettia, quando o Ceo lhes aguou o seu contentamento. Toldouse o Ceo, sendo que athe ali estava o dia mui claro; formouse huã tormẽta, cahio hũ rayo, oqual abrazou sómẽte, & fes em cinza ao feiticeiro. Os mais se assombraram, & o Rey descorsoou, tendo grande medo da guerra dos Brancos, pois Deos pellas oraçoẽs do Ganga assim acodia por elles.*

12 *Pedro Fragozo de Barcellos, & de muitos annos Sargento mòr naquella conquista, me disse, que no tempo do Governador Santo Paulos Dias de Novais ouve huma guerra, a que naquellas partes chamaõ a guerra grande, onde morreram muitos mil negros. Nesta guerra fez o Santo Padre o officio de Capitam, & Sacerdote. Elle pos em ordem, & fileira o nosso exercito, & cada hum em sua estancia, & o Governador andava a poz elle com tanto respeito, & reverencia, como em os tempos passados Reis, & Capitaẽs o faziam aos Sacerdotes, & Profetas de Deos.*

13 *Posto em ordẽ de peleja cõ os negros à vista o Santo velho os animou, & deu confiança de vitoria, & logo se retirou do nosso exercito, pondo as costas nelle, nam pera fugir às frechas, mas pera com Deos noßo Senhor*

nhor fazer o officio de Sacerdote. Arvorou hum Crucifixo, que comsigo sẽpre trazia, de grandeza de meyo covado, & muito devoto, & ajoelhado a seus pès com muitas lagrimas, rogava pellos Portuguezes; começando a guerra, & o governador fazendo seu officio nam se descuidava de olhar pera a parte, onde sabia, que o servo de Deos estava orando.

14 *Durou muito espaço a batalha, sem se determinar, onde pendia a vitoria. Levantase huma gritta de vozes nos Portuguezes dizendo:* Venha o nosso pay, o nosso Patriarcha, & o nosso Santo. *O Governador, que andava a cavallo, & o via estar, os consolou, que perto estava, & era vivo, & que tambem pelejava. O Santo velho banhado em lagrimas, & brados, que ao Ceo dava pellos seus Portuguezes, continuava em sua oraçam: eis que dà Deos mostras da vitoria, & dos brados de seu servo. Apressase hum molèque, vaise ao Padre, pedelhe alviçaras, dizendo:* Padre, Padre, a nossa gente vence, os Negros fogem. *Seguese a vitoria, naõ os portuguezes no alcance, & ao por do sol recolhemse os Capitaens, & soldados com festa, & contentamento. Apease o Governador, lançase aos pès do Padre, seguemno os Capitaẽs, & soldados, abraçaõno todos, daõlhe os parabens da vitoria.*

15 *Toma o Padre o Crucifixo: pera que a elle se dessem as graças, & os louvores, porque aquelle Senhor fora o que dèra a vitoria, porque segundo a multidam dos negros, & os poucos nossos, sem duvida, se Deos naõ acodira, os nossos acabavam, attribuindo todos esta vitoria às oraçoẽs do Padre Barreira, em quem tinham muita fè; & que sempre conservaraõ, & procuraram, q̃ de Deos lhe alcançasse os despachos, que do Ceo pertendiam.* Athe aqui Pedro Fragozo.

16 *Estando huma ves com seis soldados em hum morro, esperando a os demais, que eram em certa parte, os seis soldados estavam recolhidos em huma tenda, & o Padre andava rezando pello breviario; & passeando no alto do morro, donde descobria muita terra, eis que ve vir pera si huma manga de negros, que vinham buscar os nossos; avizouos o Padre, que nam apparecessem. Vemse os negros chegando, & o Padre nam deixa a reza, nem o passeo; fàs que os naõ ve: chegaõse mais perto, o Padre naõ fas delles cazo; entram os negros em desconfiança, maravilhados do Ganga os nam temer. Como corridos se foram, & o deixaram. Foi permissam divina, que se o nam fora, o levavam a El-Rey de Angola, que muito o estimàra; guardava Deos a seu servo.* Isto alcancei delle.

CAPITULO V.

De algumas cousas notaveis, que lhe succederam, & como o Governador o começou a perseguir.

1 A *Doeceo o Governador Santo da doença, de que Deos o levou; foi eleito em seu lugar Luis Serram natural de Santarem, o qual fes algumas sahidas de muito serviço de Deos nosso Senhor, & de sua Magestade. Residindo em Masangano sessenta legoas pello sertam dentro, pera onde os nossos navegam, pello rio Coança, & naõ tendo muitos soldados, determinou ir castigar certo Soba, por lho merecer; porem conforme ao Regimẽto dos Governadores, em que Sua Magestade mandava, que se aconselhaßem na paz, & governança com o Padre, elle o fes assim, dando conta do seu dezejo ao Padre, & do alvoroço dos soldados, pedindolhe o seu parecer.*

2 *Dilata o Padre a reposta por espaço de tres dias, em o qual mui fami-*

familiarmente tratou com nosso Senhor este negocio tendo muita oraçaõ, & dizendo Missas. No cabo dos tres dias despachou ao mensageiro com cartas pera o Governador, em que o dissuadia da sua determinaçaõ, dandolhe muitas rezoẽs, pera que naõ fizesse a tal jornada. Achouse o Governador descontente com a reposta; segundou, & tornou com a terceira: o que vendo o Padre, & parecendolhe, que nam tinha jâ remedio, se poem em huma canôa, & dâ comsigo em Masangano jâ de noite. Alvoroçaõse os soldados, & o Governador entralhe na tenda, ajuntaõse todos os Capitaẽs, que avia, & alguns soldados. Poemse todos contra o Padre, em nam ser no parecer do Governador, & mais soldados. Deu o santo velho suas rezoẽs com modestia, & brandura, como servo de Deos, que era. Nada lhe acceitam os animos dos que a morte chamava, & elles nam arreceavam.

3 *Em fim disse-lhe o Governador Luis Serram estas palavras:* Finalmente, Padre, Vossa Reverencia nam vem, no que tanto importa ao serviço de Sua Magestade, pois eu fico de avizar a El-Rey, que Vossa Reverencia he contra o seu serviço, *accrescentando a estas outras palavras tezas, que nenhuma mudança faziam no peito do servo de Deos; que tomando de parte ao Governador, & alguns principais, que com elle estavam lhes disse assim:* Senhor, minha vinda nam foi mais, que avizar a Vossa Senhoria, que Deos naõ he servido, que esta sahida se faça: & pois minhas rezoẽs nam valem, Vossa Senhoria saiba, que se a fás, que lâ lhe hâ de ficar o exercito, & Vossa Senhoria terà que contar; & desencarrego minha consciencia pera com o mesmo Deos, & pera com sua Magestade, & pera com os homens; naõ quer Deos, que Vossa Senhoria saya, mas que se alguem o accommeter, que Vossa Senhoria se defenda, & Deos o favorecerà.

4 *Com isto se despediram, & como era muito noite, tendo o Governador pera si, que o Padre se iria agazalhar com o Padre Jorge Pereira, & pella menhaã tornariam ao conselho, o Padre se tornou pera a canôa, & se fes na volta de Loanda. Sendo menhaã, foi o Governador buscar ao Padre, & sabendo de sua partida, mandou duas Canôas em seu alcãce, pera que o tomassem, & tornasse a Masangano, mas elle se recolheo, como o fez o Profeta, & deixou Achaz no campo.*

5 *Deuse o Governador Luis Serram por mui sentido da ida do Padre, & fes a sahida; foi buscar ao Soba, que nam devera, porque todos os nossos là ficaram huns mortos, outros cativos, & o Governador, por andar a cavallo, escapou; mas por poucos dias, porque foi seu nojo tal, que o matou, & entam conheceo a verdade, do que o servo de Deos lhe tinha ditto, & lhe escreveo huma carta, que li, & vi, em que lhe pedia perdam com palavras de muita humildade, entregandolhe juntamente o governo daquelle estado, athe sua Magestade o prover.*

6 *Defunto o Governador Luis Serram, as Camaras de Loanda, & Masangano vem dar obediencia ao Padre, o qual se escusou do tal governo. Fellos entrar em conselho; sahio por Governador Andrè Ferreira Pereira. Ainda que a conquista estava falta de gente, & mantimentos, por na feitoria os nam aver, com o favor de Deos, & de seu servo Balthezar Barreira, teve a conquista mam, & os negros nam ouzàram accommetter, porque alem de temerem o novo Governador, que entre elles era muito temido, o Padre o soccorreo com gente dos moradores de Loanda, & aos que nam podiam ir por alguns respeitos, dizia, dessem ar-*

mas, como fizeram, & da nossa pobreza, & mantimentos, que no Collegio avia, proveo os soldados, como algumas outras vezes tinha feito, porque de todo senaõ perdesse aquella conquista, & sua Magestade està em divida àquella pobre caza de muitos cruzados.

7 *Tudo isto me contaram em Angola alguns dos conquistadores, & dous homens dos que na guerra do Governador Luis Serram se acharam, & fugiram do cativeiro: & nos discursos de nossas viagens eu tocava ao Padre estas cousas, pera tirar delle; & quanto mais se escusava, tanto mais o perseguia, athe que por se fiar de mim, com muita humildade, olhos no cham, & rosto vermelho, como corrido, me respondeo:* Assim foi, nam sei pera que quer saber isto; peçolhe muito, que o nam diga a ninguem.

8 *Hum fidalgo Castelhano, acabado seu governo no Perù, sua Magestade lhe mandou fosse a Angola, & levasse dous mineiros, pera com elles ser informado do que daquella cõquista se dizia à cerca da prata; assim o fez o fidalgo com muita diligencia, como lhe era mandado. Feito seu negocio, sequis vir na volta deste Reyno, pera onde nam avia embarcaçam, & lhe convinha i-la tomar em S. Thomè: querendose meter em huma caravella do trato de Angola pera Pinda, onde avia de ir tomar a de Pinda pera S. Thomè, onde estavam os navios pera este Reyno, o Padre Barreira por muitas vezes lhe pedio, senaõ embarcasse na caravella, que de Angola se partia pera Pinda.*

9 *Escusouse o fidalgo, por nam vir com apparelho, pera por terra o poder fazer athè Pinda, & atravessar muita parte do Reyno de Cõgo. A tudo o Padre lhe satisfaz; & vendo, que nam aproveitava, lhe falla com resoluçam, dizendo:* Vossa mercè naõ hâ de passar naquella caravella, porque Deos nam he servido, & vossa mercè se aquiete, porque o quer Deos levar a Portugal, & deixe fazer a Deos, que só elle sabe o que nos convem. *Aquietouse o fidalgo. Disselhe isto o santo velho, como se Deos lhe mostrara jà os perigos, de que o queria livrar, & vira o naufragio da caravella, estando em terra. Estando o Padre Balthezar Barreira em o morro do nosso Collegio, dà a caravella à vella, saindo da barra. Confrangese o Castelhano, por nam ir nella. Aquietao o Padre, & lhe dis:* Deixe vossa mercè fazer a Deos, que só sabe o que nos convẽ; elle sabe o porque. *Estando nesta pratica, & a embarcaçam com a vella cheya de vento à vista de toda aquella villa, se foi a pique ao fundo, sem della escapar cousa alguma.*

10 *Pasma o fidalgo, o Padre se recolhe a oraçam, pellos que na caravella hiam. Tornase a continuar cõ o mesmo fidalgo, tratam do caminho por terra athê Pinda. Segura o Padre, que Deos o avia de trazer a este Reyno, porem que se o mesmo Deos no mar o vizitasse, lhe desse por isso graças, & que com tudo o Senhor o traria a este Reyno: & com isto se despediram hum do outro. O fidalgo se foi tomar navio a Santo Thomé. E vindo em direitura pera este Reyno, o visitou Deos, como o Padre lhe tinha ditto, & foi, que o tomaram os Inglezes, & por ser fidalgo, o levaram à Rainha. Depois veyo a este Reyno, & o mesmo me contou tudo, o que escrevo. E indo eu com o mesmo Padre à Ilha da Madeira, no mar lhe perguntei por isto; muitas vezes se escusou de responder em forma, afrontandose de se nisto fallar. Em fim confiado, que eu lhe guardaria segredo, me disse, que elle era peccador, & que Deos era o que fazia, & me pedia, que a ninguem o dißeße.*

11 *Governando o Estado de Angola*

gola Andre Ferreira em paz, & quietaçam chegou o Governador, que por hora nam nomeyo, que Sua Magestade mandava com o mais illustre soccorro, que pella barra de Lisboa pera aquellas partes se avia visto passar. Leva todos Deos a salvamento, & os soldados com dezejos de se verem ja com as armas na maõ entre os negros, & feitos senhores das terras conquistadas, como neste Reyno se praticava antes da partida.

12 Porem là se mudaram os intentos, & os animos se acharam alcãçados. Acodem todos ao santo velho, acham o remedio difficultozo, começam os soldados a desemparar a conquista, fogem huns pera Congo, outros pera o Brasil, outros se deixam na terra, vendem os vestidos, & as espadas pera sustentaçam da vida humana. Pede o Governador informaçam ao Padre, & nella lhe disse, que convinha fazerse logo a guerra, por ser o tempo della; & os negros estavam atemorizados do soccorro, que tinha chegado, que devia sua senhoria ajuntar conselho de guerra, & governarse por conselho, & fazendo isto, que elle Padre Barreira o proveria de gente preta, pera ajudarẽ; & proveria de mantimentos. E posto que era velho, & cansado dos trabalhos de Guinè, acompanharia a sua senhoria, & esperava cõ o favor Divino, que em breve o faria senhor de Angola.

13 Imagina o Governador, que o Padre queria pera si o louvor do successo, no que muito se enganou; porque o Padre nam pertendia mais, que a honra, & gloria de Deos. Por estas, & outras cousas, que por nam offender ouvidos, deixo de apontar, o Governador quebrou com o Padre, & com todos os da nossa Companhia. E chegou a por olheiros aos que à nossa Igreja hiam ouvir Missa; & nam bastando isto, dizia, que o Padre era contra o serviço del-Rey, & assim o escreveo ao mesmo Rey.

14 Sabendo o Rey de Angola, que o Governador nam corria com o Padre tomou animo, & o Rey de Congo o sentio muito. De sorte, que mãdando o Governador a Paulo da Costa de Lemos por Embayxador a El-Rey de Congo, em que lhe pedia alguma gente em soccorro, o Rey de Congo lha negou, & entre outras cousas, que lhe mandou estranhar, foi a quebra, & tratar mal ao Padre Barreira, & que se dezejava de acertar, que se aviesse com o Padre; & com tudo lhe deu passagem por seu Reyno, & fes, que os Manicongos lha nam impedissem, como estavam determinados ao fazer, por verem, que quebrara com o santo velho.

15 Assim elles, como os de Angola diziam, que o Governador, que viera, nam vinha por El-Rey de Portugal. O Rey de Congo pera que os seus vassallos lhe nam fizessem aggravo lhe mandou hum Capitam seu por nome Pedro de Cellas, homem branco, & natural de Cellas junto a Coimbra. E foi visitar o Padre com carta, que lhe trouxe del-Rey de Congo, em que lhe dava os pezames dos desabrimentos do Governador offerecendolhe sua pessoa, & estado. Partindo o Governador de Loanda pera o Bengo, que he hum rio, que pertence a Congo, & despedindose de hum homem principal de Loanda lhe disse: Senhor Diogo Dias Vellozo (*que assim se chamava*) affirmo a vossa mercê, que nunca cuidei, que o Padre Barreira tinha tanto animo; & nunca em minha vida me encontrei com homem de tam grande, & claro entendimento, & destes hei medo, & destes me livre Deos.

CAPITULO VI.

Como veyo de Angola, & sua paciencia nas calumnias: como Deos acodio por elle, & obrou algumas cousas notaveis.

1 FOraõ tais as falsidades, q̃ contra este santo homem escreveo o Governador, que o Principe Alberto Vizo-Rey de Portugal esteve pera o mandar vir emprazado; com tudo por authoridade da Cõpanhia se contentou com avizar ao Padre Joam Alvres, que entam era Provincial, o qual por carta sua o mandou vir. Chegando ao Reyno, achou os caminhos da rezam tomados pera comsigo com as falsidades, que o Governador tinha contra elle escritto a Sua Magestade, & ao Principe Alberto, & aos senhores do conselho; que todos se lhe mostravam mui pezados. Porem pello discurso do tempo, vista a pratica do Padre, sua modestia, & veneravel semblante, vieram a entrar em consideraçam do seu engano, & ter por suspeitosas as calumnias, que contra elle se tinhaõ escrittas. Tendo disso noticia o fidalgo Castelhano, de que tenho fallado, se foi ao Principe Alberto, & aos mais senhores, & lhes deu a conhecer o servo de Deos, affirmando, que tudo o que se lhe impunha, era falso; o que o Principe, & os mais senhores acharam ser assim, & lhe começaram a mostrar melhor semblante.

2 Nesta conformidade o avisou Diogo Velho, que entam era Secretario de Estado, que a sua chegada estava muito mal acceita de Sua Magestade, & de prezente hia Deos descobrindo novas cousas, avisandoo juntamente da parte do Principe Alberto, que lhe fizesse por escritto o estado, em que Angola estava ao tempo, que o soccorro chegàra, & o estado, em que o Governador a puzera, & porque causa, & que remedio avia, pera se restaurar.

3 Fez o Padre tres papeis distinctos; hum do estado, em que estava; outro do em que o Governador a puzera; o terceiro dando os remedios pera se tornar a restaurar, os quais vistos em conselho, se maravilharaõ todos aquelles senhores, & disseram, que sem duvida o Padre era santo, & nam podia ser menos; porque homem, que sabia, que o Governador o tinha tratado mal, & feito tam odiado cõ Sua Magestade, & nos arrezoados, que fes, de força avia de fallar nelle, o fazia com tanta modestia, & resguardo, honrando a pessoa do Governador, que o tinha calumniado; & isto bastou, pera o darem por suspeito nas cousas, que contra o Padre dizia, o qual Padre nenhuma cousa pertendia limarse das calumnias, mas sò tornar pella honra de Deos, & bem daquella conquista.

4 Lidos estes papeis, tornou Diogo Velho, & disse ao Padre, que se nam desconsolasse, porque Deos acodia por elle, & a verdade se mostrava. Ao que o santo velho respondeo, que a elle lhe nam dava pena mais, que as offensas, que se faziaõ a Deos; que elle nam culpava a ninguem, mais que a peccados seus; & aqui paràram todos os estrondos, que contra o Padre se tinham maquinado.

5 Foi depois o Padre mandado residir na Corte em Madrid, onde foi de todos os senhores do conselho muito acceito, & os da Companhia, & seculares o nomeavam por velho santo. Hum homem muito conhecido neste Reyno, & muito da caza de Pedro Alvres Pereira me disse, maravilhado da modestia, & virtude do Padre, que se em o Padre chegando de Angola, fora logo a Madrid, que

sem

sem duvida sua Mageſtade o mandava matar com hum pucaro de peçonha, pello muito mal, que com elle eſtava, mas que jà conhecia, que tudo fora falſidade. Pergunteilhe, porque rezam o nam mandava chamar, & fallava com elle, se ſabia, que elle na Corte eſtava? Reſpondeo, que ſua Mageſtade eſtava alcançado, & ſenam atrevia a lhe fallar.

6 *Bem ſe deixou ver ſer aſſim o que eſte homem diſſe em o que o Senhor Dom Chriſtovaõ em o Prado de Madrid diſſe ao Padre, & foi aſſim:* Voſſa Reverencia ſabe, o que paſſa? Dè muitas graças a Deos; muito mal eſtava ſua Mageſtade com Voſſa Reverencia, mas Deos tem acodido por Voſſa Reverencia: viſtas as couſas pertencentes a Angola, me diſſe ſua Mageſtade: muito bem o fez o Padre Barreira, mas hum pouco tarde. *A que o Padre reſpondeo:* Se tarde fiz o que fiz por ſerviço de Deos, & de ſua Mageſtade, que fora ſe mais cedo o fizera? Louvado ſeja noſſo Senhor; affirmo a voſſa ſenhoria, que de tudo o que de mim ſe eſcreveo, & contra mim ſe calumniou, nada me deu pena, porque eu eſtava certo, que como foſſe tempo, Deos, que por entam permittia, que ſe diſſeſſe o que cada hum queria, o meſmo Senhor tomaria outro tempo, pera que a verdade appareceſſe: *A iſto me achei prezente.*

7 *Como Deos em todas as couſas he maravilhozo, o foi tambem, & ſe moſtrou neſte ſeu ſervo, & aſſim na Corte era eſtimado, & buſcado como tal, moſtrando Deos noſſo Senhor nelle ao mundo ſuas maravilhas, como nos tempos paſſados o fes com o recolhimento de Saõ Franciſco, que indo pella cidade ſe recolhia a caza, & dizia, que tinha prégado, & deixava muita gente affeiçoada à virtude; & aſſim o Santo velho indo pellas ruas de Madrid lhe vinha muita gente beijar o mantèo, & os minimos lhe pediam a maõ.*

8 *Hum çapateiro lhe pedio, paſſando elle por ſua porta, lhe rezaſſe o Evangelho a hum filho, que tinha muito enfermo; aſſim o fes o ſanto velho. Pedelhe o homem, que o dia ſeguinte lhe và rezar outro. Foi o Padre, & chegando à porta lhe diſſe o çapateiro, que o filho eſtava ſam, dandolhe as graças pella boa obra. Foi huma vez chamado pera hum mancebo, que eſtava de hum prioriz mui affligido; eſcuſouſe, quanto pode: Em fim ouve de ir, ſendo forçado; acha o mancebo attribulado; praticou com elle hum pouco de noſſo Senhor. Rezalhe o ſanto Evangelho, deixalhe o relicario, que comſigo trazia, dis ao outro dia Miſſa por elle, ſenteſe o enfermo com ſaude, o que dos Medicos eſtava deſconfiado; dali a tres dias vem ao Collegio trazer o relicario, & dà ao Padre as graças da ſaude.*

9 *Nuno Alvres Pereira, filho de Pedro Alvres Pereira Secretario de Eſtado em Madrid, ſendo de pouca idade, eſtando no cabo da vida de ſarampaõ, & bexigas, & o pay em conſulta de Medicos, & Surgioẽs, no meſmo dia foi o Padre à meſma caza, pera tratar negocio. Chegaſe a elle hum homem dos principais de ſua caza, pede ao Padre pella fè, que nelle tinha, lhe fizeſſe charidade de ir rezar o ſanto Evangelho no minino enfermo. O Padre ſe eſcuſou, quãto pode, mas foram tantos os rogos, que nam pode al-fazer. Entra o Padre em caza, acha muitas donas ao redor do minino, & a ſenhora dona Meſſia ſua mãy a hum canto, & todas chorando. Saudouas o Padre cõ palavras de ſanto; deſcobrem o enfermo; que avia dias nam abria os olhos, nem bolia comſigo: dà viſta do roſto, que eſtava em huma boſtella laſtimoza: dà o Padre graças a noſſo Senhor, poem os olhos no Ceo, & conſola a mãy, dizendo, que ſenam agaſtaſſe,*

stasse, que Deos tinha muito, que dar.

10 *Logo lhe rezou o Evangelho de Saõ Marcos, & pondo a maõ sobre o rosto do minino com aquellas palavras:* Super ægros manus imponent. *Logo abrio os olhos rindose pera o Padre. Alvoroçaõse as donas, a mãy mais que todas, foge o Padre, como se lhe acontecera algum grande desastre de afronta. Chega o pay com os Medicos, & Surgioẽs, acha o minino alegre, & fóra de perigo. Passmam todos, julgam os Medicos ser cousa sobrenatural. Perguntam o que foi. Sabendo da verdade, louvaram todos a Deos, & o minino em poucos dias se levantou, & viveo, & hoje vive. A isto tudo me achei prezente.*

11 *Muito bem pudera apontar muitas cousas, que deixo, por atalhar a prolixidade. Com tudo affirmo, que por onde quer que hia andava em oraçam, & assim as cousas o nam achavam desapercebido, donde tambem lhe nasceo pera o ultimo quartel de sua idade, & descanso de sua velhice, escolher a Missam da serra Leoa, & Cabo-Verde onde cõvertendo, & bautizando muitas almas, acabou sua vida.* Athe aqui a narraçam do Padre Gregorio de Oliveira, que como della se ve, he huma abonada testimunha do que escreve.

CAPITULO VII.

De muitas outras cousas notaveis do Padre Barreira: de suas virtudes, & santa morte.

1 DIrei neste capitulo muitas cousas notaveis, que em diversas partes, & tempos lhe succederam, que bem significam a virtude deste servo de Deos. Quando estava na serra Leoa, como escrevo largamente na obra do Noviciado de Evora, & fez ao Reyno de Bena a trabalhoza viagem, que ali conto, levava huma imagem de vulto do Minino JESU; entre a gente, que hia com elle, eram alguns gentios; passadas algumas jornadas, ouviram estes claramente chorar o Minino: & porque elles tinham pouco, ou nenhum conhecimento das imagens, cuidavam, que o Minino chorava, porque o Padre o matava à fome, & lhe nam dava de comer. E assim lhe disseram, que desse alguma cousa de comer ao Minino, porque nam chorasse. Visto o successo da jornada, entendeo o Padre, que as lagrimas do Minino foram pello pouco, que aquelles barbaros de Bena se aviam de aproveitar da doutrina do Padre, como em verdade senam aproveitaram.

2 Tambem foi cousa mui rara o cazo das formigas, a que chamam Bagalaga, as quais entraram no Sacrario, onde o Padre tinha encerrado o Santissimo Sacramento, & ali as achou postas em circulo perfeito à roda do Senhor mui quietas, como fazendo corpo de guarda a seu Creador, supprindo aquelles brutos a hõra, que as creaturas racionais negavam a seu Deos.

3 Hum Clerigo por nome Manoel de Mendonça Vigario da Villa da Praya em Cabo-Verde estava com huma excessiva dor de cabeça; visitandoo o Padre Barreira, lhe pedio elle, lhe fizesse o final da Cruz na testa. Estendendo o Padre a mam, & fazendo a Cruz, disse, que se Deos fosse servido cessasse aquella dor; ditto isto, desappareceo a dor, de que o Clerigo ficou grandemente maravilhado, reconhecendo a muita virtude, que Deos tinha posto neste seu servo.

4 Muitas foram as cousas, que disse antes de acontecerem, das quais se vio, que o Senhor lhe comunicara

cara noticia de cousas occultas. Das Ilhas de Cabo-Verde levara o Padre comsigo pera Guinê a hum homem, que se chamava Mestre Pedro, o qual de Guinè queria passar às Indias; disselhe o Padre, que lhe pezava de elle intentar tal jornada, porque lhe naõ avia de succeder bem. Assim o veyo a experimentar, porque embarcandose pera Portugal, em ordem a fazer de Lisboa a sua jornada pera a India; a nao, em que hia, se perdeo, & morreo affogado com os mais cõpanheiros. Estando certo homem pera ir de Cabo-Verde pera outra parte, disse o Padre Barreira: *Nam sei, porque fulano se mata por ir naquelle navio, pois nam hâ de chegar pera onde vai.* Tudo se vio em pouco tempo, porque o navio arribou outra ves ao mesmo porto.

5 Depois de estar o Padre Barreira no Rio grãde nas partes de Guinè, determinou de ir pera a serra Leoa; por tanto fez com o Capitam do Rio grande, que lhe mandasse aprestar navio. O Capitaõ assim por dezejar ter comsigo o Padre, como por nam ser tempo commodo, preparou de mâ vontade a embarcaçam. Começaram os Portuguezes a fallar na ida do Padre, & a dizer, que lhe nam parecia bem. Deulhe disto noticia seu companheiro; respondeo, que pois assim o diziam, que elle se aquietava. Com tudo encõmendou o negocio a Deos, como tinha de costume. Passados quinze dias, foi dizer Missa por esta tençam. Depois da Missa disse com resoluçam ao companheiro, que o aviasse, que em todo cazo avia de ir à serra Leoa; que bem sabia, nam lhe faltaria trabalho na jornada, mas que chegaria a salvamento. Assim aconteceo, porque sendo a jornada de dez, ou doze dias, gastou nella tres mezes com infinitos perigos; mas com o favor de Deos chegou à serra, onde vio bem aproveitado seu trabalho.

6 Estando na serra, lhe mandou o Capitam do Rio grande huma lancha com provimento, por entender teria muita falta delle. Desgarrouse a lancha, & foi ter à vista do castello da Mina. Teve o Padre noticia por hum navio, em como o Capitam lhe mandara aquella lancha, de que nam avia noticia. Escreveo a seu companheiro a magoa, que tinha, pella em que estaria o Capitam por causa da perda da sua lancha, & pello muito trabalho, que teria a gente, que nella hia; mas que ella nam era perdida, & que ainda lhe avia de levar parte do provimento. Tudo se cumprio; porque ainda que com muito trabalho, chegou à serra Leoa, & entregou parte do provimento.

7 Dizendolhe hum certo nosso, que dava graças a Deos, porque ainda, que tinha parentes, com tudo estavam remediados, & que por elles naõ tinha occasiam de desinquietaçam, como alguns outros tinham; respondeo o Padre, que ainda por amor dos parentes o aviam de despedir da Companhia, & que no mundo teria muitos trabalhos, mas que depois tornaria a ter bonança. *A este* [dis o manuscrito, donde isto recolho,] *a conteceo jâ despediremno, & no mundo tem passado assaz trabalhos; agora espera pella bonança da qual tem jâ indicios de Deos lhe querer fazer esta merce.*

8 Partio de Cabo-Verde pera Guinê hum Sacerdote, o qual hia temerozo, por nam saber, o que lhe succederia; despedindose do Padre, lhe deu conta da sua jornada, & do seu temor. Respondeolhe o Padre Barreira, que fosse com bom animo, que lâ teria saude, & Deos repartiria com elle; palavra, com que lhe significou o interesse temporal, que avia de ter. Tudo assim lhe succedeo, porque lâ teve saude, & dentro de poucos dias se recolheo a sua caza, contente da jornada por vir della

com

com proveito temporal, como o Padre lhe tinha ditto antes.

9 Estas, & outras muitas cousas extraordinarias, como se ve assim desta narraçam, como da outra, que fica na Obra do Noviciado de Evora, fizeram mui celebre ao Padre Balthezar Barreira, mas sobretudo se venerou nelle o fermozo edificio de suas virtudes. No trato com Deos foi muito familiar; com elle gastava muitas horas de noite: & o seu fallar, & tratar com o proximo bem mostrava ser homem de Deos. Daqui lhe nascia huma singular devaçam, & fervor no Santo Sacrificio da Missa, a qual nunca dizia, sem primeiro se recolher, & ler hum capitulo de Gersam. Era cousa maravilhoza, que quem advertia, sempre o via ir, & tornar da Missa abrazado, como quem no coraçam ardia em fogo do amor Divino.

10 A virtude da mortificaçam nelle foi rara; parecia, que em tudo a buscava. Avia muitos annos, que nam sabia, que cousa era dormir em lançois: em lugar delles usava de huma esteira da terra. As suas disciplinas eram huns cordeis tecidos todos de fio de arame sem outra mistura. Dellas se nam soube, senam depois de sua morte. O cilicio andava jâ todo mui gastado.

11 A sua humildade era tanta, que ainda nas cousas do governo se queria reger mais pello parecer de seus companheiros, que nam pello seu, ainda em cousas, onde se via ser melhor o seu parecer. E se lhe perguntavam, porque naõ executava esta, ou aquella cousa, pois era do seu parecer? Respondia, o nam fizera, porque aos Padres parecera outra cousa.

12 A pratica com a gente de fora era tal, que todos confessavam, ir consolados todas as vezes, que com elle tratavam suas cousas, ainda que a reposta nam fosse qual dezejavam. Todos lhe tinham tal respeito, que tomavam suas palavras, como cousas vindas do Ceo. Quando era pergũtado, sempre se recolhia dentro de si a fazer huma breve oraçam, donde nascia ser mui ajustado, & acertado em suas repostas.

13 A pureza de sua alma foi tam Divina, que de suas confissoẽs ultimas se soube, que nunca fizera cousa, que lhe parecesse peccado mortal. A compostura, & modestia nam parecia cousa humana. Muitas pessoas confessavam, que senam fartavam de o ver; & assim, quando sahia fóra, se punham a olhar pera elle, alegrandose com sua vista, nem apartavam delle os olhos, athe desapparecer.

14 Eram grandes os dezejos, que tinha de consolar a todos, & os favorecer no que pudesse. Sentia notavel pena, quando nam podia remediar algum no que pertendia. Ainda que muitos diziam, ficar satisfeitos com suas palavras, só elle senaõ dava por satisfeito, senam com as obras. Por estas entranhas de charidade era tido geralmente por pay de todos; a elle acodiam em seus trabalhos como a refugio commum de affligidos, & miseraveis. O zelo da conversam dos gentios, foi quanto dizer se pòde, & se deixa ver assim dos muitos annos, que trabalhou em Angola, como na serra Leoa, & Costa de Guinè, a qual jornada fez no ultimo quartel da vida, deixandonos nesta materia aquelle raro exemplo, que em seu lugar se contou, & ponderou.

15 Tendose recolhido da Costa de Guinè às Ilhas de Cabo-Verde, & gastado ali algum tempo nos exercicios, que referi em outro lugar, teve em quatro de Junho de mil seiscentos, & doze morte de homem santo, & mui amigo de Deos. Depois, que tinha recebido a santa Unçaõ, chamou a hum de seus companheiros, pera tratar com elle de sua sepultura; querendolhe elle desviar a pratica, lhe

lhe disse, que era necessario, & de importancia; & lhe começou a perguntar o modo, com que entam se começava de novo a enterrar os sacerdotes da Companhia. Depois destas cousas tratou de sua sepultura, & do Officio, que lhe aviam de fazer. Era tanta sua humildade, que se contentava, & ordenava, que o enterrassem em huma Ermida pequena de Saõ Bras, que estava junto das nossas cazas, na qual os nossos diziam Missa, & que os dous Padres com algum amigo lhe rezassem hum Officio, que isto bastava.

16 Tinha disto pena o Padre; porque queria, que depois da morte fosse honrado como o merecia. Quãto ao enterro na Ermida se julgou naõ podia ter effeito, por estar ella em rocha viva. Deos acodio com sepultura, porque o Thesoureiro mòr, por nome Nicolao Borges, tinha em huma Igreja de nossa Senhora do Rozario huma capella mui bem ornada, na qual o Padre Barreira dissera a primeira Missa, que alli se celebrara; este mandou pedir, que o Padre nella se enterrasse, porque queria mandar buscar a Portugal huma fermosa pedra, pera campa da sepultura, & pòr alli hum alampadario de prata.

17 Entam o Padre declarou ao enfermo o dezejo do Thesoureiro mòr, calando sómente o da campa, & alampadario. Nisto ficou o Padre, & alli foi sepultado. O sentimento, que ouve por sua morte, foi igual à estimaçam, que avia de sua virtude, & ao amor, que todos lhe tinhaõ. Cada hum imaginava, que no Padre Barreira lhe morrera seu pay, & sua mãy. Muitos ouve, que se cortaraõ tanto da dor, que por causa della senam atreveram vir à nossa caza; os que vinhaõ, era com tais lagrimas, & lastimas, que enterneciam os Padres.

18. No terceiro dia depois de sua morte ouve outro Officio solenne, & o Conego Rodrigo Anes, sem pera isso ser convidado, subio ao pulpito, & fez huma oraçam, ou prègaçam funebre, em que disse muitas cousas cheyas de sentimento, como pedia a magoa, que a todos tinha penetrado, dizendo, que elle era com Deos o protector, em quanto vivera. E na verdade assim o foi. Contou hum Ministro de Justiça Del-Rey, que fora a Cabo-Verde tirar huma devaça a tempo, que alli estava o Padre Barreira, de quem avia grande fama de santidade, & que pouzando elle ditto Ministro defronte de huma Ermida, vira, & ouvira algumas vezes andar ao Padre de noite ao redor della batendo com huma pedra nos peitos, como outro Saõ Jeronymo, com os olhos no Ceo dizendo em voz alta: *Ah Senhor, naõ os castigueis, que ainda, que sam peccadores, tem fè, crem em vossa Igreja Romana, sabẽ, que hâ cabeça nella: os outros sam hereges, naõ merecem favor; elles se converteraõ, & arrependeraõ.*

19 Naõ sabendo o Ministro, o que isto significava, brevemente o veo a entender, porque dahi a alguns dias surgio no porto de Cabo-Verde huma armada de inimigos hereges Inglezes, ou Olandezes, & o povo rogou ao Padre Balthezar Barreira, que rogasse a Deos por elles: assim o fez o Padre, & dahi a poucos dias se foi a armada, sem fazer algum effeito: O que todos attribuiram às oraçoẽs do Padre.

20 Tambem se teve por cousa rara, o que succedeo a huma dona, por nome Maria Barrassa, mulher de hũ Simam Pegado, homem principal, na terra de Cabo-Verde; esta dona se achava com huma grave dor de enxaqueca; lembrouse do Padre Barreira, que avia pouco era fallecido; pedio, lhe quizesse alcançar saude de Deos nosso Senhor. Logo lhe sobreveyo hum suor, com o qual adormeceo, & acordou sem dor alguma, attribuindo

ſaude tam repentina a interceſſaõ do Padre Barreira.

21 Eſta ſegunda narraçam das obras, & virtudes do Padre Balthezar Barreira, ſe recolheo dos documentos, que hâ deſte ſanto homem em o noſſo Cartorio do Collegio de Coimbra, os quais me vieram à maõ, depois de ter eſcrito ſua vida na forma, que ſe contem em o volume, que trata do Noviciado do Collegio de Evora, & por nam ficarem couſas taõ illuſtres em eſquecimento, fiz delle aqui eſta ſegunda narraçam.

CAPITULO VIII.

Vida dos Padres Chriſtovam de Caſtro, Manoel Barradas, & Franciſco Noronha.

Em Goa 14 de Out. de 1609.

1 NAſceo o Padre Chriſtovam de Caſtro na Villa de Caſtello de vide no Biſpado de Portalegre. Seus pays ſe chamaram Alvaro Lopes de Caſtro, & Leonor Tinoca. Entrou na Companhia em Coimbra aos nove de Outubro de mil quinhentos, & ſeſſenta, tendo vinte hum annos de idade. Foi homem naturalmente mui compaſſivo dos pobres, de que deu grandes exemplos, ſendo ainda ſecular.

2 Em certa occaſiaõ, vindo de caçar jâ de noite, ouvio laſtimoſos gemidos fora da eſtrada; applicando os ouvidos, foi ſeguindo as vozes; & por fim dos ſeus paſſos ſe achou com hum pobre metido em hum attolladeiro, donde nam podia ſahir, & tendo forcejado muito ſem proveito, eſtava jâ com o folgo cançado. Tirouo, conſolouo, & porque eſtava tal, que ſe nam podia ter em pè, elle o tomou às coſtas, & o levou athe a caza de hum lavrador, aonde o mandou curar à ſua cuſta.

3 Eſta boa obra lhe pagou Deos na India, quaſi em ſemelhante cazo, porque andando em huma fuſta de Portuguezes; eſta pendenciou com outra de inimigos na Coſta de Calicut. Succedeo neſta refrega cahir o Padre Caſtro no mar, aonde perecera, ſe hum valente ſoldado naõ lançara maõ delle, & o tornara com ajuda de outros a recolher na embarcaçam.

4 No anno de 1577 partio pera a Indîa; depois de invernar em Moçambique, chegou a Goa. No anno de 1580 foi de Baçaim a Chaul dar principio ao Collegio, que alli tem a Companhia. Elle foi o primeiro, que no anno de 1585 tomou poſſe, & diſſe Miſſa na primeira cazinha, que tivemos em Goa no terreiro dos Gallos com nome de Caza Profeſſa. No anno de 1590 partio ſobre negocios a Europa, donde voltou pera a India no anno de 1592.

5 Foi Prepoſito da Caza Profeſſa de Goa. Depois de o ſer, pedia todos os dias a Deos em ſuas oraçoẽs, & ſacrificios quatro annos de vida, pera fazer penitencia de ſeus peccados. Deos lhe concedeo ſette, nos quais todos os dias ſe diſciplinava rijamente, ou eſtiveſſe em caza, ou fora della. Gaſtava muito tempo em oraçam, & era muy abſtinente. Foi homem no trabalhar incanſavel. Antes de termos caza em Chaûl, morava na Miſericordia. Prègava no Advento tres vezes cada ſemana, & na Quareſma outras tantas. Foi ſempre de conhecida humildade. Em Portugal antes de ſer Sacerdote, o mandaram acompanhar a pè a hum Padre grave, que por enfermo montava em hum cavallo; elle o acompanhou, & ſervio como ſe foſſe ſeu lacayo.

6 Era de natural colerico, mas elle o mortificava de ſorte, que nada menos parecia. Sendo Reytor do Collegio de Cochim, ſe mandada açoutar aſperamente por hum moço cativo. Entre dia viſitava muitas vezes o Santiſſimo Sacramento, & eſta-

estava em sua prezença com modo tam devoto, que fazia compunçam em quem punha nelle os olhos.

7 Tres cousas em especial pedia a Deos todos os dias; perdam dos peccados, humildade, & aquelle espirito principal, em que David dezejava ser confirmado. Repetia de noyte no seu cubiculo a mesma petiçam com tantos brados, suspiros, & lagrimas, que às vezes despertava aos vizinhos.

8 A sua charidade foi tambem singular. No Collegio de Evora fez officio de Enfermeiro, & de noyte se levantava a matar os mosquitos, por nam desenquietarem os enfermos. Na obediencia era todo, o que queriam os Superiores. A sua pobreza se acabou de ver bem depois de sua morte, pois o seu enxoval constava só do Breviario, Diurno, & alguns papeis de prègaçoẽs. Em Goa fez officio de pay dos Christaõs, cuja occupaçam na India he de muita importancia, por ser sua especial obrigaçam acodir as instrucçoẽs dos que se convertem a nossa Santa Fè. Tambem foi Deputado do Santo Officio. Cheyo finalmente de santas obras, falleceo em Goa aos quatorze de Outubro de 1609 de huma febre maligna, que lhe deu em Sallete, da qual se veyo curar à Cidade. Seu corpo foi sepultado na capella mòr da Caza Professa, junto à sepultura do Veneravel Padre Francisco Cabral, de quem fora muito amigo.

Coimbra 5 de Mayo de 1548. 9 *O Padre Manoel Barradas* veyo morrer à Companhia pello pouco tempo, que nella viveo. Era natural da Cidade de Beja no Arcebispado de Evora, & ja Sacerdote, quãdo entrou em o Noviciado de Coimbra em vinte, & quatro de Novembro de mil quinhentos quarenta, & sette. Sua entrada foi hum sabbado às nove horas da menhaã; sua morte em outro sabbado às mesmas nove horas, querendo, como parece, significar a Senhora, quanto era do seu aggrado a devaçam, que lhe tinha.

10 Estando em Exercicios, lhe deu Deos a sentir com grande clareza, que depressa avia de acabar esta miseravel vida. Por isso se applicou com singular fervor ao estudo da perfeiçam, em que fez grandes progressos. Sobreveyolhe huma grave doença. A ultima vez, que commungou, foi em dia da Invençam da Santa Cruz, no qual teve muitos dezejos de morrer em honra da Payxam do Senhor; mas o mesmo Senhor lhe revelou, que dalli a tres dias seria sua morte; & assim disse aos circunstantes, que elle naõ merecera acabar neste, mas que dalli a tres dias daria fim a esta vida.

11 Vieram os sinco de Mayo de mil quinhentos quarenta, & oito, que entam foi hum sabbado. Meya hora antes de espirar, pedio a vela, dizendo, que morria, & assim acabou com morte suave. Por naõ termos ainda Igreja, mas só huma capella na logem das cazas, onde moravamos, foi levado em habito sacerdotal pellos nossos à Igreja do Salvador, com offerta de pam, & vinho, & alli sepultado. Foi o primeiro da Companhia, que falleceo no Collegio de Coimbra.

12 *O Padre Francisco de Noronha* nasceo em Lisboa de pays illustrissimos; foram Dom Pedro de Noronha, & Dona Catherina de Atayde, senhores de Villa-Verde. Dona Paula de Vilhena sua Tia o criou pera a Companhia, de que era devotissima, no que ouve consentimento de seus parentes. Avendo Congregaçaõ em Lisboa, vindo a ella o Padre Vasco Pires, que em Coimbra era Mestre dos Noviços, o levou comsigo, dizendo, ser huma rica peça pera o seu Relicario, que assim chamava este Santo Varam ao Noviciado da Companhia, em que elle era Mestre. Entrou Francisco de Noronha aos 22 de *Lisboa 10 de Abril an. de 1605.*

de Abril de 1584, tendo dezasette pera dezoito annos de idade.

13 Na Cõpanhia procedeo sempre com muita edificaçaõ, com tanta chaneza, & humildade, como se no mundo nam fora de tam nobre sangue, & nascimento. Tratavase como servo de todos. Estudou na Companhia Latim, Artes, & Theologia, depois se empregou todo em confessar, & prègar. Era mui obediente, fazẽdo com promptidam, quanto se lhe ordenava. Sendo mudado pera a Caza de Saõ Roque, nella trabalhava com grande zelo, sem dar escusas, a quanto lhe mandavam os Superiores. Avendo alguns doentes de febres malignas na cadea publica, a que em Lisboa chamam Limoeiro, os foi elle confessar, & de lâ veyo pera caza entrado do mesmo mal, que se lhe pegou dos enfermos; & bem preparado, pera ir ver a Deos, falleceo santamente na Caza de Saõ Roque aos 10 de Abril de 1605, que naquelle anno foi dia da Resurreiçam do Senhor, o qual lhe daria premio de grande gloria, por assim acabar sua vida, feito victima da charidade.

CAPITULO IX.

Dos Padres Francisco Fernandes, & Antonio de Amaral.

Porto aos 10 de Janeiro de 1616.

1 O Padre Francisco Fernandes entrou na Companhia em Coimbra. Em o Noviciado teve grandes fervores de se dar a penitencias, & parecendolhe serem mui poucas, as que se faziam na Companhia, determinou sahirse della, pera satisfazer a seu dezejo. Em effeito se sahio sem licença pella cerca. Fez peregrinaçam a nossa Senhora da Lapa. Chegando à vista daquella santa caza, de repente assim se lhe trocou a vontade, que fez propositos firmes de se tornar à Companhia, & nella perseverar athe a morte. Entrou na Igreja; feita sua oraçam, & sahindo pera fora, encontrou hum homem de aspecto veneravel, que o acompanhou athe Coimbra, fazendolhe muitos mimos pello caminho. Entrando em Coimbra na rua de Santa Sofia, desappareceo o companheiro, sem lhe dizer nada, nem elle saber pera onde fora.

2 Assim favorecido da Virgem Senhora se foi ao Collegio, confessou o seu erro, & fervor sem consideraçam. O Padre Nadal, que se achava no Collegio, o tornou a receber. Por estes favores viveo sempre mui aggradecido a Deos, dandolhe continuas graças, pello trazer duas vezes à Cõpanhia. Assim mesmo ficou grandemente devoto da Virgem Mãy, por cuja benignidade o Senhor lhe dera tam forte inspiraçam, & taõ fiel companheiro.

3 Outro cazo nos annos adiante lhe aconteceo, em que reconhecia especial favor da Senhora. Indo huma ves de noite em hum macho, se desenfreou, & deu em correr desapoderadamente, caindo em diversas partes varias peças, das que levava. Em tamanho sobresalto o Padre chamou pella Virgem Senhora. De repente parou o macho, quebrando toda a furia, com que se despenhava; & ficou desassombrado. Pera ser a mercè mais cabal, ainda que a noite era mui escura, & as peças lhe tinham cahido em diversas partes, as achou todas.

4 Viveo muitos annos no Collegio do Porto, em que foi por vezes Vice-Reytor, Ministro muitos annos, & muitos mais Procurador; occupaçoẽs, que fez com muita edificaçam. O seu grao era de Coadjutor espiritual. Toda a gente folgava de se confessar com elle, por ser no seu trato mui suave. Em todas suas acçoẽs se via nelle huma grande paz, que bẽ mostrava a muita, que avia em sua santa

ſanta alma. Quem com elle ſe confeſſava huma ves, o buſcava muitas, pello proveito, que ſe experimentava com as ſuas direcçoẽs.

5 Sua exacçam nos exercicios eſpirituais era, a que coſtumam ter os homens, que entre nòs fazem ſingular eſtudo da perfeiçam. A miudeza, com que ſe avia na obſervancia das regras, ſe ve bem, de que ſendo Procurador nenhuma carta, que nam cumpriſſe a ſeu officio, eſcrevia ſem pedir licença ao Superior. Do Santiſſimo foi mui devoto. Em honra da Apprezentaçam da Senhora rezava huma Ave Maria todas as vezes, que ſubia por alguma eſcada; & quando deſcia tambem por alguma eſcada, rezava certa oraçam em honra da humildade da meſma Senhora.

6 Huma couſa notavel lhe acõteceo com hum Irmam Coadjutor, em que ſe vio muito a graça, que Deos lhe communicava. Andava eſte Irmaõ com hum dedo mui inchado, em que padecia grandiſſimas dores; eſte achaque lhe vinha algumas vezes pello anno. Hum dia, que ſentia notavel tribulaçam, o encontrou o Padre, & lhe perguntou, como paſſava do ſeu dedo, & lho tomou na maõ. O meſmo foi tocalo, que parar a dor, & deſinchar o dedo; & nunca mais lhe tornou a repetir aquella moleſtia.

7 Alguns quarenta, & ſinco annos viveo no Collegio do Porto, ſem aver peſſoa alguma, que delle tiveſſe a minima queixa. Nos ultimos dous annos de ſua vida foi exemplo raro de paciencia, porque lhe durou por eſſes dous annos a doença com grandes dores de huma perna affiſtulada. Enfermeiros, & Surgioẽs, & os mais, que o vizitavam, todos ſe edificavaõ muito do ſeu ſoffrimento. Avizandoo pera a morte, tomou o avizo cõ grande paz de alma, & com a meſma acabou ſeus dias no Collegio do Porto aos dez de Janeiro de 1616.

8 *O Padre Antonio de Amaral* homem de conhecida virtude naſceo na Curvaceira, povoaçaõ no Biſpado de Viſeu. Seus pays ſe nomearam Diogo Fernandes, & Domingas Frãciſca. Entrou na Companhia em Coimbra aos 23 de Janeiro de 1609, tendo quinze annos de idade, & ſendo eſtudante da Quinta Claſſe. Pareceo ter naſcido com eſte Padre a virtude. Quando era ſecular, nam conſenria, que em ſua prezença ſe diſleſſe palavra menos composta. Logo com bõ modo a eſtranhava, & às vezes com huma ſanta ira a reprehendia. Tanto, que ſe vio na Companhia, o ſeu maior, & quaſi unico cuidado, foi a perfeiçam Evangelica. *Coimbra aos 26. de Settembro de 1660*

9 Nos olhos, nas acçoẽs, no fallar era todo huma viva imagem da modeſtia. Sempre ſe deu mui de veras à oraçaõ. Em quanto as forças o permittiram, teve a hora de oraçam de menhaã na Igreja diante do Senhor, & toda a paſſava de joelhos, & muitas vezes entre ſuaviſſimas lagrimas. Outras vezes a tinha na capella interior do Collegio, onde coſtuma aver Sacrario com o Santiſſimo. Na meſma capella fazia os ſeus exames de conſciencia; depois dos quais ſe diſciplinava em caſtigo de ſeus defeitos. Logo que ſe levantava da cama, hia viſitar a Senhora.

10 Os jejuns nelle eram mui frequentes: todos os ſabbados, & as veſporas das feſtas mais ſolẽnes jejuava a pam, & agoa. Sempre ſe moſtrou filho mui querido da ſanta pobreza. Pera veſtir couſa nova, avia de ſer mandado dos Superiores. A ſua roupeta andava de ordinario mui ſafada, & desbotada na cor, & tal, que de ſi eſtava dizendo amor ao deſprezo. Huma jaqueta, de que uſava quando morreo, avia quatorze annos, que lhe ſervia, nella tudo eram remendos, & eſſes cozidos com guita por ſuas maõs, & tam mal ajuſtados, quanto denota a delicadeza do

fio,

fio, com que os cozia. Esta peça por muitos dias se pendurou na rouparia, onde todos pera commua edificaçam a vissem. A sua riqueza vinha a ser cilicio, disciplinas, & alguns quadernos de sermoẽs, & praticas. Huma imagem de Christo Crucificado, & outra, que tinha da Senhora, as estimava, nam tanto pello primor da arte, quanto por terem sido peças do Santo Padre Jeronymo Vogado. Isto era nelle mais de admirar, por quanto, por ter governado muito, pudera sem custo estar bem provido dos espolios dos subditos, que, governando elle, morreram.

11 Na obediencia foi promptissimo. Sempre defendia aos Superiores, & aos particulares persuadia, se naõ livrassem das obediencias, por difficultozas, que fossem. Nisto aconselhava, o que elle costumava fazer. Fez muitas missoẽs, naõ só quãdo era de idade mais vigoroza, mas tambem quando jâ contava sessenta annos, mostrando sempre, que o seu zelo nem com annos, nem com trabalhos se escusava de aproveitar os proximos. Estando na Residendia do Canal, ou prègava, ou ensinava aos ignorantes a santa doutrina.

12 No confessionario costumava assistir, athe nam aver penitentes. Por mais vezes, que o Sacristam o chamasse na mesma menhaã, nunca mostrava enfado. Huma menhaã o chamou o Sacristaõ sinco vezes, pera confessar de cada vez huma pessoa. Vindo depois outra pessoa, teve o Irmaõ pejo de o chamar; com tudo, como sempre o achava de boa graça, se affoutou, & lhe bateo à porta, dando hum geito do seu pejo. Como o entendesse o Padre, lhe disse: *Charissimo, mil vezes, que seja necessario, me chame; & sinto muito, que elle tenha pejo de vir ao meu cubiculo a me chamar pera as confissoẽs.* Dizendo isto, sahio logo do cubiculo, & acodio àquella obra de charidade.

13 Quando era Superior, naõ consentia, que algum pobre se fosse da nossa portaria sem esmola. Sendo Reytor no Collegio de Braga, visitava frequentemente hum Irmam enfermo entrevado com enfermidade asquerosa. Quando os mais estavaõ na meza, elle lhe varria o cubiculo, & fazia os ministerios mais abjectos pera limpeza do doente. Destas charidades usava muitas vezes com os seus Noviços enfermos; & aos saõs fazia outras com grande incommodo seu. A hum deu huma ves a jaqueta, com que se abrigava, & a outro acodio com outra peça do seu vestido interior, & elle se ficava exposto ao rigor do inverno. Se na meza se lhe dava algum prato com iguaria especial, sem o tocar, o punha a algum Noviço.

14 Governando o Collegio da Ilha Terceira, todos o tinham por homem santo, & assim o chamavaõ. Nam avia quem se naõ cativasse da sua benevolencia. O Governador do Castello, sendo tido por homem inflexivel, em lhe fallando o Padre Amaral, todo se lhe punha nas maõs. Algumas cousas lhe aconteceram nesta Ilha mui notaveis. Andando os officiais abrindo os alicerces pera à nossa Igreja, sahindo o Padre da oraçam, se foi aos trabalhadores, mandandolhes, que logo se tirassem daquellas covas. Como se detivessem, fes o Padre mais instancia. A penas tinham sahido, quando de huma, & outra parte se despegou a terra, & entupio a cova, onde sem duvida os homens acabariam, se Deos por meyo do Padre lhes nam acodisse.

15 Naõ fez menos admiraçam o seguinte successo. Na Bahia de Angra se levantou cruel tormenta, que levava as naos pera os rochedos. De terra se lhes acodio com hum barco de ancoras, & amarras; porem foi tal a força das ondas, que as nam poderam vencer, pera tornar atraz; &

assim

assim o pobre barco foi arrebatado pella bahia fora ao mar largo. Toda a gente o dava por perdido. Achavase o Padre Amaral entam no cais; vendo a lastima da gente, rezou pellos naufragantes as ladainhas da Senhora; & logo animando a gente lhe disse, tivessem animo, & rogassem a Deos, o qual dentro de tres dias lhe traria o barco a salvamento. Vindo o terceiro dia, veyo tambem o barco, ficando todos mui confirmados na opiniam, que do Padre avia.

16 Era mui soffredor de trabalhos, & de injurias. Recolhendose hum criminoso ao Collegio de Angra, veyo sobre elle hum ministro de justiça, o qual como viesse mui fogozo, com mao termo disse ao Reytor, que era hum valhacouto de gente perdida. A isto se sorrio o Padre, & como em todas as cousas tinha grande modo, com elle a poucas palavras poz em rezam o ministro. Finalmente sendo tido entre nòs por homem de singular espirito, & perfeiçam, falleceo santamente no Collegio de Coimbra no anno de 1660 aos 26 de Settembro.

CAPITULO X.

Em Coimbra 24 de Janeiro de 1582

Do Irmaõ Affonso Gil, Padre Gracia Gonçalves, Irmaõ Martim Affonso estudante, & Irmaõ Ignacio Vogado.

1 O Irmaõ Affonço Gil Coadjutor temporal foi natural de Cascónha no Bispado de Coimbra, onde entrou na Companhia aos 18 de Agosto de 1577. Sempre procedeo como Santo. Sendo dous, ou tres annos sancristam, nunca fallou à grade a mulher, aquẽ visse o rosto. Pera com os Padres mostrava grãde respeito; nunca disse a algum huma palavra mais alta, que outra. Estando este virtuoso Irmaõ pera morrer com huma Imagem da Senhóra à cabeceira, lhe appareceo o demonio; porem elle o mandou apartar dali, dizendo, que senaõ cansasse, que nam avia de enganar os servos de Deos. E como o demonio persistisse, lhe disse o enfermo: *A' sombra desta Senhora, naõ tenho medo algum de ti.* Lançandolhe o demonio em rosto algumas culpas, respondeo o Irmaõ: *Mentes, que nunca jurei.* Acabou em grande paz no collegio de Coimbra aos 24 de Janeiro de 1582. Tinhase de minino criado no Collegio debaixo do ensino do virtuoso Irmaõ Domingos Gonçalves sendo dispenseiro. Quando os outros moços nos dias de festa folgavam, o achavam a elle nos cantos do corredor rezando pellas contas, & às vezes chorando.

Bragança 12 de Março de 1599

2 *O Padre Garcia Gonçalves* foi natural de Mozaganum em Avisa homem todo feito de charidade. Sendo mancebo secular, como seu pay fosse cativo dos Mouros, elle de sua propria vontade passou Africa, & se offereceo, em lugar de seu pay. Ficou escravo, & o pay se voltou à sua terra. Como haja grandes prohibiçoẽs, de que os cativos senaõ escrevaõ cartas huns aos outros, foi elle com outros apanhado nesta culpa. Em castigo lançaraõ maõ delles, pera os açoutar; em quanto castigavam outros, Garcia Gonçalves se poz a rezar o officio da Senhora. Quis ella em paga deste obsequio, que quando elle se seguia, os Mouros o deixassem livre daquella molestia.

3 Voltando resgatado à sua patria, deixou o mundo, & entrou na Companhia, aos 3 de Janeiro de 1578 tendo 21 anno de idade, onde se deu de veras a Deos. Era devotissimo do Santissimo Sacramento, & mui affeiçoado à oraçaõ. Batendolhe huma, & duas vezes à porta do cubiculo, naõ ouvia; & acodindo finalmente parecia vir do outro mundo como homem, que andava em bebido em

Deos.

Deos. Pedio a nosso Senhor lhe cõcedesse sette annos de Bragança, assim como elle os estivera desterrado no Egypto, & que depois o levasse pera si. Como o pedio, lho concedeo o Senhor.

4 Aconteceo em Bragança huma cruelissima fome, em que teve bẽ sua charidade, em que se exercitar. Hum alqueire de farellos chegou a valer hum cruzado. Huma moça achando huma jumenta morta, lhe comeo os figados, & no dia seguinte a enterraram. De semelhantes lastimas avia muitas. O Padre Garcia encontrando os mininos cubertos de bichos, os assentava no collo, & lhos tirava, como o pudera fazer a mais amorosa mãy. Sahia a pedir esmola pellas portas pera os pobres, dizendo, lhe dessem hum pequenino de paõ do tamanho do bico de hum alfinete, pera acodir aos pobres; com as quais palavras a todos enternecia. Desta lida se creo, que se lhe originara a morte.

5 Cahio na cama com doença mortal: quando o Padre Reytor a medo, & pedindolhe perdam o avizou pera morrer, elle se sorrio dizendo, que nenhuma nova melhor lhe podia dar, & que lhe lançasse sua santa bençam. Recolhendose hum pouco, tornou em si com hum grande suspiro, dizendo: *A' menhaã tenho necessidade de me encommendarem a Deos, porque hei de dar huma grande batalha ao Ceo, & à terra.* Entendeose, ser sua morte, como em verdade o foi. Falleceo em huma sesta feira tres quarto, pera as tres horas da tarde em 12 de Março de 1599 no Collegio de Bragança. Deste Padre fas mençam o Agiologio Lusitano. Naõ encontrei sua patria, nem quando entrou na Companhia.

Em Coimbra 17 de Julho de 1562 6 O Irmaõ *Martim Affonso* estudante foi natural de Lisboa, & de pays illustres: chamavaõse Martim de Castro, & dona Leonor. Entrou na Companhia em Coimbra no ultimo de Novembro de 1555. Procurou com todo o cuidado ser Religioso perfeito. Tinha hum aranzel de avizos santos, com o qual se procurava a justar: delle se pode bem cõjecturar o cuidado, que em si tinha. Por naõ ser mui comprido, & poder ser de proveito aquem isto ler, o quero meter aqui; he o seguinte.

7 *Sobre tudo terei affeiçam à graça divina, & grande dezejo de perder antes tudo, do que a ella. Este dezejo hâ de ser sem interesse algum da salvaçam. Terei amor especial à pureza, & ao simples, & socegado recolhimento interior. Memoria viva dos beneficios divinos. Muitos actos affectuosos de desprezo, & aborrecimento proprio. Amor sincero, & opiniam alta dos Superiores. Fazer muito cazo da obediencia, ainda em cousas muito leves. Encommendar a Deos com dor de coraçam os trabalhos da Igreja. Naõ fazer cousa, q̃ vista nos outros me naõ pareceria bẽ; nem julgar mal do que vir, pois nam sei a intençam. Porcurar de me alegrar muito com o bem dos outros, & folgar de terem engenho. Notar em especial as virtudes em meus Irmaõs. Mortificarme quanto puder nos appetites. Terei na memoria o que dizem, ser juizo mui certo de Deos acontecer a cada hum aquillo, que cõ disgosto, & nojo julgou mal do outro.*

8 *Contra as palavras, que me mortificarem, nam serei apressado em responder. Ter raiva de mim, por nam pòr força nas cousas, que naõ sam da vontade de Deos. Procurarei, nam dizer palavra, nem fazer cousa, em que mostre louvor meu. Desterrar de minha alma todo o respeito humano. Nam cuidarei, que os outros tem em si o mesmo mal, que eu tenho, porque he escusa da natureza. Sofrerei com humildade os defeitos dos proximos; & me alegrarei quando*

do me fizerem alguma cousa contra minha vontade. Terei por suspeitas as devaçoẽs, & sentimentos, que me naõ trouxerem ao conhecimento de meus defeitos contra a complacencia de mim mesmo discorrer por muitos virtuosissimos, que senam estimam; & considerando minha natureza, nam acho, senam desaventura.

9 Com estes, & outros estimulos de obrar santamente, se ajustava este ditoso Irmaõ em tal forma, que era a todos exemplo de virtude. Era muito amado de todos, por ser na pratica suave, & agradavel. Foi na oraçam vigilantissimo; o que nelle era digno de grande louvor, por ser tam sogeito ao sono, que estando na meza com o boccado na bocca se deixava dormir; mas na oraçaõ nunca tal cousa nelle se vio. Por esta propensam ao sono o mandavam mais vezes recolher antes do tempo costumado. Primeiro que o fizesse, cumpria com o exame de consciencia, & se abraçava com huma Cruz; depois se despia com muita honestidade.

10 Entre suas virtudes se conta como especial a compaixam, pela qual huma ves fez parar a hum Irmaõ com o argumento, porque apertava muito a hum estudante, nam lhe soffrendo o coraçam velo affligir, & confundir. Com ser nobre, & delicado, era amigo da mortificaçaõ, desprezador do mundo, inimigo de si, de mimos, & de regalos. Os bons habitos de virtude, que tinha adquirido, se descobriram mais na ultima doença, em especial a obediencia, em que sempre muito se assinalara.

11 Com estar fora de si, nunca lhe nomeavam obediencia, que nam trabalhasse por fazer, o que lhe diziam: & assim repetia elle mesmo, dizẽdo: *Martim Affonso, obediencia.* Com ter grande fastio, o que queriaõ, que tomasse, comia, como se tivesse muita fome, tanto que lhe fallavam em que obedecesse. Da mesma maneira se avia nas mais cousas, que lhe ordenavam. Movia muito a sentimento, & devaçam aos Irmaõs com as cousas que dizia estando fora de seu juizo. Dizia, ser miseravel, repetindo com voz algum tanto entoada o Psalmo, *Miserere mei Deus*, & no fim accrescentou: *Miseremini mei, saltem vos amici mei.* Gastava o tempo em cantar Psalmos, & Hymnos, & repetir colloquios de Santo Agostinho. Dizia entoado, como quem sentia grande affliçaõ, estas palavras: *Deus meus, adjuva me*: outras vezes: *Sancti Dei, suscipite animam meam.* Sangrando-o na testa, & correndolhe o sangue athe a bocca, mostrou alguma desenquietaçaõ; mas fallandolhe na obediencia, offerecendo com presteza o pescoço, disse: *Etiamsi oportuerit, jugulate. se for necessario, cortese.* Fazia colloquios mui devotos em Latim, & se succedia dar algum erro, elle mesmo se emendava. Assim foi continuando athe que em 17 de Julho de 1562 acabou seus dias, havendo em todos muita edificaçam, & opiniam de sua virtude.

12 *O Irmam Ignacio Vogado* nasceo em Castellaõs no Bispado de Viseu. Desde minino foi Santo: todos os dias ouvia Missa; nam faltava nas prègaçoẽs. Tomou ordens menores, porem assim com a liçaõ do *Contemptus mundi*, como com os sermoẽs do nosso Padre Estrada se resolveo a ser Irmaõ da Companhia. Em Coimbra entrou na Companhia aos nove de Fevereiro de 1548. Foi em missaõ a Africa por companheiro dos Padres Luis Gonçalves, & Joaõ Nunes Barretto, & participou do muito, que ali se padeceo, por acodir aos miseraveis cativos, como refiro nas vidas dos dittos Padres. *Coimbra 16 de Dezembro de 1567.*

13 Voltando a Portugal o Padre Joaõ Nunes, tendo jà vindo antes o Padre Luis Gonçalves, ficou lâ em refens o Irmaõ Vogado. Neste tempo fo-

foram tantas as injurias, que padeceo dos Mouros, golpes, & pancadas, que os mesmos barbaros admiravam sua modestia, paciencia, & charidade. Diziam, que se na ley dos Christaõs podia aver Santo, o era aquelle homem. Depois tornando de Africa viveo no Collegio de Coimbra sempre com muita humildade. Sendo mui nobre, & tendo sciencia quasi pera ser sacerdote, posto que tornando de Africa o intentaram ordenar de Sacerdote, pera lhe apremiar com este grao seus trabalhos, naõ quis senam o humilde estado de Irmaõ Coadjutor temporal. Foi homem de rara mortificaçam, & oraçam.

14 Andava como embebido em Deos tanto, que na meza se esquecia de comer. Era necessario às vezes lẽbrarlho. Hum cativo por nome Joaõ Arrais natural de Tavira contou, que o vira em Tituam andar pellas ruas em negocio dos cativos, & que os rapazes Mouros lhe tiravam muitas pedradas; & que acodindo alguns Mouros ao defender, lhe diziam, porque nam fazia queixa daquellas insolencias ao Alcayde, pera as castigar? Ao que o santo Irmaõ respondia, que naõ era nada, que aquillo viera elle buscar a Africa. Falleceo no Collegio de Coimbra aos 16 de Dezembro de 1567. A Historia da Provincia tem, ser de Besteiros; mas os livros do Noviciado lhe dam a patria, que fica ditta. O Padre Saquino dis, ser da Villa del-Rey. Onze annos esteve em Africa, quatro em Ceuta, os mais em Tituam.

CAPITULO XI.

Do Padre Pedro Neto, & Irmaõ Francisco Gonçalves.

Em Cabo Verde aos 8 de Agosto de 1607

1 O Padre Pedro Neto nasceo na Povoa do Arcebispado de Lisboa. Seus pays se chamaram Pedro Fernandes, & Leonor Pires: estudava Canones em Coimbra, quãdo ali entrou na Companhia aos 29 de Mayo de 1604, tendo vinte, & sinco annos de idade. A muita virtude, que nelle houve, declara bem o nosso Padre Antonio Leyte, em huns apontamentos, que deixou de alguns homens de virtude, entre elles conta do Padre Neto, o que aqui direi. Foi da Virgem Senhora tam devoto, que alem das coroas, que lhe costumava rezar, a saudava todos os dias no seu cubiculo com sessenta, & oito Ave Marias.

2 No maior silencio da noite se offerecia com hum devoto colloquio à Payxaõ do Senhor, com a qual muito se enternecia. Quando hia à quinta, se retirava a orar mentalmente por certo espaço de tempo. Todas as peças do seu vestido eraõ pobrissimas, & no que tocava a suas commodidades, era necessario aver delle cuidado especial pelo muito descuido, que de si tinha. Nos officios de caza buscava sempre a cousa de si mais abatida; na cozinha arremettia logo à vassoura, & com as maõs tomava, & lançava fora as varreduras. Querendolhe hum Irmaõ Noviço ao passar de huma porta levantar o pano, que a tapava, o sentio muito, & com modestia o reprehendeo, dizendo: *Irmaõ, que faz? Eu sou huma cousa mui vil.*

3 Sempre se andava confundindo: por vezes lhe ouviram dizer, que seus parentes comiam hum pedaço de broa. Era muito escrupuloso, mas quando o mandavam, que se aquietasse, naõ fallava mais, dizendo, que parecia ser aquella a võtade de Deos. A oraçaõ tinha sempre de joelhos, ou em pè com as maõs levantadas. Nella se via muitas vezes derramar suaves lagrimas. Escusandose pera naõ tomar çapatos novos, dizia, que os rotos, que tinha, eram bons, porque lhe entrava a agoa por huma parte,

te, & sabia pela outra, & aos novos lhe ficava dentro.

4 As mais das vezes, que os Noviços comiam na meza das penitencias, fazia muito pelos acompanhar. Soffria mal fallaremlhe em virtudes suas. Todas as horas à imitaçam de nosso Santo Patriarcha costumava fazer exame de sua consciencia; o mesmo encommendava muito aos Irmaõs Noviços, quando com elles fallava. Era mui frequente em diversas mortificaçoẽs, como em comer no cham, fazer as camas aos enfermos, & lavar os pès aos hospedes. Quando comia no cham, muitas vezes o seu paõ era broa dos pobres. Vizitava por vezes as capellas, & ao Santissimo Sacramento. Quando se recolhia a descansar à noite, imaginava, que Saõ Pedro, & Saõ Paulo lhe traziam o Santissimo, & que o tinha cõsigo no cubiculo. Tomou com muita humildade avizarem-no pera deixar o Curso, sendo bom estudante; & depois pera ser Mestre, & outra vez pera o nam ser.

5 Costumava dizer, que o vestido interior, que os Superiores naõ viam, avia de durar a poder de remendos. Querendolhe o roupeiro tirar hum cubertor mui velho, pera o applicar ao uso dos moços, nunca o cõsentio. Antes das disputas tinha hũ quarto de oraçaõ diante do Santissimo. Huma das causas, porque deixou o Curso, foi a que algumas vezes dizia, nam estar na sua maõ forjar hũ argumento pera enganar a hum Irmaõ.

6 Pera ajudar a hum Irmaõ, que estava cardando, lhe pedio, que lhe desse a carda, porque elle o sabia mui bem fazer, por serem grande parte de seus parentes officiais daquelle officio. Sendo Sotoministro dos Irmaõs Noviços fazia os ministerios mais abjectos nos cubiculos, dos q̃ entravam de novo. Ardia em amor da salvaçam das almas. Seu maior gosto era considerarse bautizando Gentios. Dizia com muito fervor: *Quando me hei de ver entre Gentios, pera bautizar muitos milhares de negrinhos?* Nam se lhe ouvia palavra, que nam cheirasse a homem, que tinha muito de Deos. Essa opiniam tinha delle o Padre seu Mestre dos Noviços: como lhe dissesse hum Noviço, que o Irmaõ Pedro Neto avia de ser hum grande santo; respondeo o Mestre: *Pois que, nam o he já?* Nunca se lhe ouvio dizer graça, ou palavra, em que pudesse aver desedificaçam.

7 Quando via alguma Imagem da Senhora, dizia estas palavras: *Bene valeas, Domina mea, Regina mea, & mater mea.* Entre outras devaçoẽs tinha esta de dizer huma coroa dos tres suavissimos nomes, JESUS, Maria, Jozeph, pronunciando estes tres nomes a cada conta. Quando fallava das excellencias da Senhora, a todos deixava consolados, & inflammados na sua devaçam.

8 Foi este Padre mandado a Cabo-Verde, onde entam tinhamos Residencia: lá se mortificava, como se estivera no Reyno, sendo que a destemperança da terra pedia houvesse nisto alguma moderaçam. Em nove de Julho adoeceo com huma cesam. Sentio muito a gente sua doença, & lhe acodio com muitos mimos, & prezentes; com elles fazia prover os doentes da terra. O Governador Frãcisco Correa da Sylva quasi por força o levou pera sua caza, onde tratou delle, como de cousa muito sua. Nesta caza morreo com morte de justo aos oito de Agosto de 1607. Foi a enterrar na tumba da Misericordia aos hõbros dos mais nobres. O Cabido lhe deu sepultura na Capella mòr jũto ao altar, pela grande estimaçam, que de sua virtude faziam.

9 *O Irmaõ Francisco Gonçalves* Coadjutor temporal de naçam Castelhano nasceo em Berante no Bis- *Em Ovar 7 de Mayo de 1618.*

pado de Calahorra. Entrou na Companhia em Coimbra aos 6. de Janeiro de 1584. Antes de abraçar o estado Religiozo, seguio alguns annos as armas sem as solturas, que sam mui ordinarias em quem as professa. Seus bons costumes eram tam notorios, que o secular, que fora seu capitaõ, vendo-o porteiro, disse delle, que sempre antes de entrar fora tido, & havido por homem virtuoso.

10 Teve por Mestre ao Santo, & contemplativo Padre Vasco Pires. Quando entrou, lhe deu a guardar algumas moedas de ouro. Destas se aproveitou o demonio, pera o desenquietar em sua vocaçam. Vendo elle esta tentaçam, foi pedir ao Mestre, que as dispendesse pera tirar dali o sẽtido: ao que elle, como se adivinhara a tentaçam do Noviço, respondeo, que jà as tinha dispendido. Com esta reposta se aquietou.

11 Sentia de si mui baixamente, & costumava fallando na sua lingua dizer: *To soi una bestia.* Indo com hum Padre a A'veiro, em quanto o Padre fallava com a Duqueza, tirava elle hum livrinho das Meditaçoẽs de Santo Agostinho, & se punha a ler. Huma vez aquella Senhora reparando nesta applicaçam, lhe perguntou, que livro fosse? Foilho mostrar, accrescentando, que era em vulgar, *Porque yo soi idiota, y una bestia.* Em avendo occasiam, se offerecia a lavar os pês aos hospedes, & os beijava no refeitorio com muita devaçam.

12 Pedia sempre ao Irmaõ roupeiro o peyor de caza. Se na meza lhe faltava alguma cousa, dizia: *No importa, que yo soi una bestia.* Dando huma queda, se achou mal de hum braço; nem por isso tratou de remedios, dizendo ao enfermeiro, que tratasse dos outros. Metendoselhe nelle algum frio, nam pedio o mandassem às caldas. Sendo de natural colerico, andava muito sobre si, & se tratava, como senaõ fora homem, mas o que elle dizia, que era. Ainda que velho naõ soffreo, que no tempo do inverno se lhe tirasse o ser espertador.

13 Todas as festas se disciplinava no refeitorio, & se lho negavam pedia licença pera comer no cham, & beijar os pès. Indo a Paço de Sousa, lhe esqueceo levar o cilicio; mandouo pedir, & sentio naõ lho mandarem. Na Quaresma lhe deu hum desmayo, & se achou ser de ter o cilicio mui apertado. Andando indisposto, o mandou recolher mais sedo o Padre Ministro; posto que obedeceo, nam deixou de tomar antes sua disciplina.

14 O tempo, que lhe ficava de seus officios, gastava em oraçaõ. Sentindo muitas vezes repugnancia a estar de joelhos na oraçaõ, a procurava vencer. Com seculares fallara mui pouco; quando o fazia, era de Deos. Em Paço de Sousa gastava muitas horas com hum Religiozo de Saõ Bento, pelo achar virtuoso, & que fallava muito de Deos. O mesmo fazia em A'veiro com outro, que era Carmelita Descalço. Ajudava a muitas Missas; às vezes a sinco, & seis cada menhaã. Em Paço de Sousa hia ao Coro dos Bentos a ter oraçaõ, & a ouvir Missas.

15 Na Obediencia foi exactissimo. As idas fora, que a outros sam de alivio, lhe eram a elle de pena. Cõ os pobres se mostrava charitativo, procurando, nam fosse algum sem esmola, importunãdo pera isto os Procuradores, & Superiores. Quando levava esmola, hia contentissimo, dizendo: *Hi sunt filÿ tui, Israel.* Alegravase sobremaneira, quando acodiam à portaria muitos Confessores. Huma cousa lhe aconteceo neste officio, que se teve por mais, que natural; tinha elle sobre a cama algumas porçolanas de hum prezente, que viera de fora; entrando no cubiculo às escuras arremeçou as chaves da

portaria, que costumam ser de bom pezo, sobre a cama, & cahiram sobre a louça. Ao estrondo ficou assustado, & disse mui sentido, *Ay JESVS*, imaginando a fizera em pedaços, mas vindo luz, achou tudo sem lezam alguma.

16 Outra vez estando rezando encostado a humas cazinhas velhas, se vieram estas ao cham; quis o Senhor, que lhe nam fizessem mal, sahindo da ruina cheyo de caliça. Indo este Irmaõ com hum Padre a A'veiro, onde o respeitavam como a homem de Deos, aos sette de Mayo se partiram pera Ovar. Ali se apoderou delle o mal. Escaçamente podia ir pera a estalagem. Pedio confissaõ, sendo assim, que a semana antes tres vezes se confessara, & commungara. Nam se quis encostar na cama; assentouse em huma cadeira, & tendo na bocca os nomes de JESUS, & Maria espirou vespera da Appariçam de Saõ Miguel. Tinha pedido ao Padre, lhe lançasse as contas ao pescoço, & o deixasse morrer com hum cilicio de arame, que no corpo tinha a modo de tiracolo, em sinal da milicia do Ceo, que na Companhia professara.

17 Em Ovâr o depositaram na Ermida de Santa Catherina, que está junto ao esteiro. Por serem os dias calmozos, ali o enterraram. Notouse muito, que trazendoo vivo com trabalho seis homens, sómente dous o levaram depois de morto, como se a morte, que faz a outros corpos pezados, a este fizesse mui leve. Tambem se reparou, que o azeite ordinario, com que se alimentava a alampada sómente certas horas, pelas experiencias já sabidas, aquelle dia durou mais oito horas. Todos tiveram pera si, que com estas cousas quis o Senhor dar a entender a virtude deste seu servo. O anno de sua morte foi o de 1618.

CAPITULO XII.

Vida do Padre Manoel Rodrigues.

Coimbra aos 20 de Settembro de 1612.

De Como servio em varias pestes, em especial em huma, que houve em Coimbra.

1 ESte fervorozo Padre nem menos, que em tres diversas pestes servio com grande zelo aos feridos, metendose em innumeraveis perigos de vida, & de todos sahio com ella, faltandolhe a elle a morte, naõ elle à morte, que grandemente dezejou padecer por seus Irmaõs, & proximos em o Senhor. Nasceo na Villa de Covilhâm no Bispado da Guarda. Seus pays se nomearam Francisco Gonçalves, & Guiomar Rodrigues. Entrou na Companhia em Coimbra aos vinte, & sette de Dezembro de mil quinhentos sessenta, & hum, pera ser, como foi, Coadjutor espiritual.

2 Ainda nam era Sacerdote, quando houve em Lisboa no anno de 1569 a peste, que pello estrago, que fez, chamaram grande. Nesta peste mostraram grande fervor os nossos Religiozos assim da Caza de Saõ Roque, como do Collegio de Santo Antaõ. Entre elles trabalhou com igual perigo, & espirito o Irmaõ Manoel Rodrigues: foi Deos servido ficasse com vida, pera a empregar em outros semelhantes perigos, como o fez na Cidade de Braga, & ultimamente na cruel peste de Coimbra, onde obrou maravilhas; das quais ha relaçam especial, por isso dos seus fervores nesta peste escreverei com especialidade.

3 Foi esta occasiaõ hum dos grandes theatros, que teve neste Reyno a charidade da Companhia, como o tem sido as mais pestes, que so-

ſobrevieram nas Cidades, onde avia Religioſos noſſos. No Janeiro de mil quinhentos noventa, & nove, tendoſe em Coimbra declarado o terrivel açoute da peſte, ſe procurou acodirlhe. Determinouſe lugar pera os feridos no campo da ermida de Saõ Sebaſtiaõ naõ longe de Santo Antonio dos Olivais.

4 Acodio logo a Companhia cõ alguns Religiozos, que ſacramentaſſem os feridos, & trataſſem do ſeu bẽ eſpiritual, que do temporal ſe encarregaram outras peſſoas, acodindo o Collegio com groſſas eſmolas, como digo na vida do charitativo Padre Jeronymo Dias entam Reytor do Collegio. O modo, com que ſe acodio ao bem eſpiritual, & ainda temporal dos neceſſitados da Cidade, toquei na vida do ditto Padre, & direi na do Padre Antonio de Proença: o com que ſe remediaram os enfermos, que eſtavam fora da Cidade, foi o ſeguinte.

5 Entre outros Religiozos, que de boa vontade queriam perder ſuas vidas ardendo neſte incendio, foram os Padres Jorge de Tavora, cuja vida fica eſcritta no primeiro tomo, o Padre Manoel Rodrigues, de quem he a narraçam prezente, & o Irmaõ Luis Antunes, dequem jâ fis alguma mençam na Obra do Noviciado de Evora, onde foi Noviço. A eſtes eſcolheo a obediencia, como homens de virtude mui experimentada. Ordenou, que foſſem aſſiſtir em huma quinta do Collegio, que ſe nomea Cheira, diſtante como hum quarto de legoa da Cidade. Daquelle poſto aviam de acodir aſſim aos enfermos do campo de Saõ Sebaſtiaõ, como aos mais daquelles contornos.

6 Dando o Padre Manoel Rodrigues conta do ſeu modo, & trabalho ao Padre Provincial, dis aſſim: *Vim pera a Cheira com os Santos Companheiros no fim de Janeiro. Rezava o Officio Divino logo pela menham cedo todo athe Completas, pelo perigo das muitas occupaçoẽs, & canſaços da tarde, & tambem dos accidentes, que eram tam communs neſte tempo ſubitamente, ainda aos que naõ andavam tam metidos com os da peſte, como eu. A oraçam era por eſtas ſerras, & olivais daqui a Saõ Sebaſtiaõ, por onde muitas vezes em certos paſſos, & lugares mais eſcuſos me ajoelhava pedindo ſoccorro ao Ceo.*

7 Sempre diſſe Miſſa todos os dias tendo ſaude, & aviamento, que muito tempo faltou, & a dizia em Saõ Sebaſtiam, ou aqui, depois que tivemos capella. Cada dia andava o caminho ſempre a pè deſta Cheira pera Saõ Sebaſtiaõ, que he perto de meya legoa, & a metade de ſerra ingreme, duas, tres, quatro, & ſinco vezes, que ficavam quaſi dez meyas legoas, naõ podendo pouco antes em Coimbra vir de Santa Cruz, nem da Ponte, nem da praça huma ſô vez ſem muita canſeira, & tanta, que muitas vezes fiz aſſentar o companheiro nos degraos da Sè, por naõ poder ir por diante. Mas câ neſtes caminhos muitas vezes me deu Deos a ſentir parte dos goſtos de noſſo taõ Santo Padre Franciſco nas Ilhas do Mouro, & de todas aquellas partes.

8 Deos em ſeu ſerviço, & de tais neceſſidades de tam neceſſitados pobres, & tantos dâ ſua força Divina, ainda aquem lha nam merece, como a mim peccador, porque acode aos dezemparados. Lembrame, que indo de Santo Antaõ hâ perto de trinta annos por hum Jubileu à Enxàra do Biſpo a confeſſar todo o tempo, que durava, pera conſolar toda a freguezia dividida em ſinco, ou ſeis lugares diſtantes da Matriz, mas a ella ſogeitos, confeſſava as tardes na maior Enxàra, & noutros lugares; o meſmo fazia pela menhaã athe as on-

onze horas, a este tempo sem dizer Missa dava o Santissimo Sacramento do Sacrario a muitos, que tinha confessado. Depois me hia à Enxàra dos Cavalleiros; dizia logo Missa, & consagrava naõ sómente pera Commungarem os que ali me esperavam confessados, mas pera Commungarem os que depois da minha Missa me esperavam pera ganharem o Jubileu.

9 *Como isto era tarde em Agosto, muitos me queriam levar a suas cazas. A's vezes de cansado acceitava sua charidade, & muito grande gazalhado, especialmente se pera à tarde tinha ali confissoẽs, ou a Doutrina Christaã, que fazia todos os dias duas, & tres vezes por todos aquelles lugares, ou se tinha outros serviços de Deos, que fazer. Lembrame, que aquelles caminhos fazia mais leve, & alegre por aquelles montes, & valles solitarios de huns em outros lugares, que nunca dantes tinha feito.*

10 *Assim, Padre em Christo, me achava nestas legoas, que cada dia andava desta Cheira. Muitas vezes me chamavam em Saõ Sebastiaõ, depois de ter lâ cumprido com a obrigaçam, pera confessar muitos doentes de peste a Cozelhas. Cumprindo lâ o que achava, vinha pella Cidade à nossa cerca, & queria Deos, que nella achasse, nam sei se esperando por mim, vendome das janelas, & sahindome ao encontro nas calmas da canicula o Padre Reytor, como fez o bom pay ao filho prodigo. Isto fazia o Padre por sua charidade, sem eu o mandar chamar; & se a caso vinha pera alivio da cabeça, que com tantos trabalhos tem tam fraca, & enferma nisto me consolava Deos nosso Senhor mais; & ambos nos consolavamos com a providencia Divina sobre nòs com tais, & tam bons encontros, & acertos taõ dezejados em tẽpos tam tristes.*

11 *Depois vinha dali a esta Cheira tendo andado nesta quadra duas legoas, ou pouco menos nas calmas do estio: chegava à Cheira perto do meyo dia; & às vezes era necessario a estas horas, & por estes ardores ir a Saõ Sebastiaõ com hum cesto de unguentos, que a charidade do charissimo Irmaõ Sebastiaõ Fernandes por ordem do grande amor, & zelo destes pobres do Padre Reytor me tinha prestes; & se me sentia com pejo pello importunar tam forçado de tam grandes necessidades, elle mos offerecia muitas vezes, & mos fazia, & dava com mui Divina charidade.*

12 *Eram tais os ardores neste pino do meyo dia em Junho, Julho, & Agosto, em que o Irmaõ me fazia charidade destes unguentos, que eu nam podia andar sem me assentar ao pè de alguma Oliveira, tanto intervallo, & espaço de caminho de Coimbra pera Santo Antonio pela lomba mais calmoza, por ser mais descuberta, nam podia andar tanto espaço, como he só huma quadra dos nossos corredores de Coimbra; assentandome a fastava o vestido das costas, que me ardiam com calma. Com estes caminhos vim a receber tanto calor no corpo fraco, como me disse o Surgiaõ, que me sahiram em todo o peito, costas, & braços humas nodoas grandes, & alem disso huma como impingem, que me punha medo, & dava muito trabalho, mas nunca esfriava nada pera acodir aos pobres, que esperavam com olhos longos por mim com estas mèzinhas, que tam grande falta lhe faziam.*

13 *O que ainda muito mais me atormentou com estas calmas todo este tempo, foi, que em todo meyo corpo da cintura pera sima me picavaõ como agulhas tam bastas como os cabellos da cabeça; & quando me deitava na cama me pareciam os colchoẽs cheyos dellas. Estes finais grandes em todo meyo corpo, & estas picadas*

picadas tam agudas, & miudas me duraram dous mezes, athe que no meyo de Agosto me deram humas terçans grandes, que Deos nosso Senhor me quis tirar; creyo pellos merecimentos, orações, & sacrificios de todos, donde nos nasce todo o bem, & muito particularmente do Padre Antonio de Vasconcellos, que me veyo visitar à Cheira por mandado do tam solicito, como Vossa Reverencia, o pay Jeronymo Dias, que nam socega nestes cazos.

14 *O Padre me fallou do Olivàl estando eu com a febre quasi desacordado, & sahi à janela, pera o ouvir, & lhe fallar, porque pera ver jâ naõ tinha vista. Disseme o Padre, que o Padre Reytor me mandava visitar. Ouvindo eu ao Padre Antonio de Vasconcellos, & fallandolhe, como que elle desconjurara a terçaã, assim tremendo fugio, & nunca mais tornou. Eu jâ me tinha apparelhado pera morrer, mandando chamar o Padre Frey Joaõ a Saõ Sebastiaõ, que me veyo confessar, dizer Missa, & dar o Santo Viatico.* Athe aqui a conta, que deu de si ao Padre Provincial com aquella verdade, & candura, que de tal subdito se esperava.

CAPITULO XIII.

Continuaõse os trabalhos do Padre Manoel Rodrigues, & como assistio a tres nossos, cujas mortes se apontam.

1 O Principal trabalho cahio sobre o Padre Manoel Rodrigues, por quanto aos companheiros foi Deos servido darlhes o premio de seus trabalhos. O Padre Jorge de Tavora morreo em Abril tendo feito obras de excessiva charidade, como em sua vida se dis, & cõ elle enfermo, & saõ as exercitou grãdes o Padre Manoel Rodrigues. Ambos os Padres dormiam em huma caza tam pequena, que naõ havia pera onde escarrar sem perigo hum do outro. Era como milagre naõ morrerẽ ambos em breve tempo, pela muita peste, que hum bebia do outro, & a tinham recolhido do trato dos feridos. De noite se estavam os servos de Deos magoando quando ventava, chovia, ou fazia frio: *Ay pobres meus*, diziam, *que fareis agora tam cheyos de agoa, feridas, dores, & ventos, sem cazas, nem camas, tam mortos de frio, de fome, & sem mèzinhas?* Esta lembrança assim os magoava, que apenas podiam tomar descanso.

2 Lembravaõse das choupanas, em que os tinham, feitas pellas suas maõs, & cubertas com o feno, & sargaço, que elles tinham acarretado, pera os ter em algum abrigo; tudo era magoa, & sentimento. Como o Padre Manoel Rodrigues era homem de mais experiencia nestas occasiões de peste, por se ter achado em outras, procurava cercear os fervores do Padre Tavora, resistindolhe em algumas obras de charidade, das quais se podia seguir, ou temer algum desdouro.

3 Quando vinham de Saõ Sebastiaõ, achavam a porta cheya de pobres, particularmente mulheres. Enfadavase com ellas o Padre Manoel Rodrigues, & pelejava, dizendo, que traziam ali a peste, sendo huma estrada publica, por onde passavam os moradores dos lugares comarcaõs. Nam era escusado este temor do Padre, porque muitos dos lugares vizinhos, que por ali passavam, foram feridos, & morreram da peste. Alem disto dizia ao Padre Tavora, que nam podiam gastar com os pobres a sua necessaria sustentaçam, que do Collegio lhes vinha; porque enfraquecendo elles, naõ podiaõ por falta de forças acodir às necessidades espirituais do proximo mais necessarias,

rias, que as corporais em occasiam, que naõ havia outros, que as remediassem.

4 Quando ali estavaõ só mulheres, as lançava da porta, sem lhes dar nada, assim pera tirar o sobreditto perigo, & pelas naõ pòr naquelle foro, a fim de evitar o escandalo, que daqui se poderia originar. Porem o Padre Tavora chegando a caza tomava o paõ, que o Irmaõ tinha posto na meza, & empedaços lho lançava pela janela, & às vezes lhe era necessario comer da broa dos moços, por naõ ser jâ tempo de mandarem ao Collegio. Nestas occasioẽs dizialhe o Padre Manoel Rodriguez: *Nam dè Vossa Reverencia o que me mandam, pera poder andar a pè tantas vezes no dia, que Vossa Reverencia anda a cavallo, por ter necessidade.* Entaõ lhe respondia o Padre Tavora como espantado, que sua Reverencia jâ naõ tinha charidade. Contando isto o Padre Manoel Rodrigues tem estas palavras: *Mas nada disto chegava a nossos coraçoẽs, nem eu o conto senaõ arrependido de minha dureza tam acautelada, & pera mostrar o amor, que este Santo Padre tinha aos pobres todos, sem fazer distinçam, porque dis o refram*: Faze bẽ, naõ cates aquem. *Aquelle grande esmoler de Montemôr o novo andando em Castella, quando lhe vinha duvida da necessidade, ou engano do pobre, que lhe pedia, dizia dandolhe esmola*: Tu te enganas. *E eu agora, que o Padre goza no Ceo com Saõ Francisco da charidade, com que prometteo de dar quanto lhe pedissem por amor de Deos, eu pobre estou tremendo, se me pedirâ Christo em trajos de pobre, como a Saõ Martinho, & q̃ me dirâ no dia do Juizo*: Quod uni ex minimis meis non fecistis, nec mihi fecistis. *Destas cruezas me accuzava com elle mesmo na confissam, & accuso agora fora della, & peço a Vossa Reverencia, que me peça perdam do Ceo de tantas durezas, & recatos desnecessarios, que me faziam dar trabalho ao Padre, & irlhe à mam, ainda que leve, & brevemente, & eu ficar com esta consciencia assim carregada.*

5 *Nam sei se por esta causa, se por fazer abstinencia, o Padre muitas vezes nem ceava, nem tomava hum so boccado, & assim se recolhia toda a noite jejuando, & havendo de estar athe o meyo dia, & mais do outro dia em jejum, porque ambos hiamos da Cheira dizer Missa a Saõ Sebastiam, & sacramentar os doentes, que cada dia vinhaõ de novo, & muitos, que por sua devaçaõ queriam commungar.*

6 *De maneira, que o Padre, sem lhe podermos ir à mam, com tantos trabalhos passava o dia, & a noite natural de vinte, & quatro horas sem comer boccado. Por ventura, daqui nasceo, por estar tam fraco, acabalo a peste, que foi muito forte no peito perto do coraçam, que andava tam cansado. Desta mesma fogueira do amor Divino, em que ardia, lhe nasciam outras muitas obras, porque às vezes, posto que poucas, pelejavamos, & nunca de coraçam.*

7 *Como foi huma, que o Padre julgou por boa obra, que foi meter aqui comnosco nas pobres, poucas, & pequenas cazas da Cheira muito fato da mulher, que ficou do Provedor, que dizem, que metera a peste em Coimbra, aquem o Bispo, & a Cidade, & ainda a Mizericordia tinha tanta aversam, que nunca a quizeram deixar entrar na Cidade, quanto mais tam roim fato. O Padre o pos com sua charidade sem estes medos em huma destas cazas, & ficava ao pè da janela, onde dormiamos. Mas eu como elle entrou em perigo, fis logo tirar o fato da caza, ameaçando à viuva, que nam acabava de o querer tirar, q̃ lho faria queimar todo com o nosso, se o Padre morresse.*

8 *Aconteceo despois, que o Padre falleceo, adoecendo eu da peste gravemente, que o Irmam Luiz Antunes com a mesma charidade, sem me dar conta disso, meteo nesta caza do fato, que eu jà tinha fora, a dous moços Irmãos orfãos, que lhe pediram, que os agazalhasse; hum destes em poucas noites, que dormio no lugar impedido com o negro fato, adoeceo de peste de maneira, que correo grande perigo em Saõ Sebastiaõ, onde convalescendo eu, o ajudei, mas ao outro fis ir fora da Cheira.*

9 *Indo contando as charidades, & cautelas, que se devem ter em semelhantes tempos, seguese outro cazo, que acontecia, peyor, se eu nam puzera mais os hombros pera o estorvar, indo à maõ à charidade do Padre; & foi, que estava huma caza junto do nosso pinhal, onde se agazalhou depois hum homem com sua familia, & eram dez, ou doze pessoas. Aqui queria o Padre deixar agazalhar com sua charidade, & compaixam, antes que esta familia viesse, duas mulheres, & huma de muito roim fama, & muito perigoza pelas partes naturais, que tinha pera estar perto da estrada, & junto de nòs. Quando vi, que com o Padre nam tinha remedio, fis com o quinteiro, que a lançasse dali. como de si por parte do Collegio, & assim se fes. Deos nos dê de sua verdadeira paz, & a charidade, que pera ser boa, hâ de ser conforme as leys da prudencia.*

10 *Quero chegar ao ponto principal da morte do Padre Jorge de Tavora. Achandose ferido em Saõ Sebastiaõ, fes huma como desordem, que tomamos por achaque da sua morte da peste, que quer, que lhe acudam depressa. Elle pera cumprir com isto, se pudera logo sangrar, por lâ ter barbeiro, & a ferida ser no peito, que pede a sãgria no braço, que naõ estorva tãto o caminhar, como no pé; & se arreceava a fraqueza, houverase logo de vir à Cheira, & trazer comsigo o barbeiro.*

11 *Naõ sòmente senam sãgrou, nem recolheo depressa, mas foisse de là à porta da cerca do Collegio, onde naõ podia ser menos, que esperar muito tempo. Mas o mais certo he, que Deos que o chamava pera si, quis, que primeiro se fosse despedir de quem tanto amava. Quando aqui chegou era jà tarde: & primeiro, que fizessemos cà vir o barbeiro, era jà tarde pelo muito, que havia que fazer com a multidam dos doentes; anoiteceo, & aggravouse muito a doença; foi crescendo de maneira, que em poucos dias o levou.*

12 *O Irmaõ Luiz Antunes naõ sabia delle de dia; eu o acompanhava todas as noites com cãdea acceza. Pareceo necessario apartarse o Irmaõ de noite, & dormir no alpendre, assim pelo perigo, como pera lhe ficarem forças pera o curar de dia, quando era necessario acodir eu às confissoẽs, & communhoẽs dos doentes de Saõ Sebastiaõ, & das muitas familias, que aqui ao redor se agazalharaõ fugindo da Cidade. Indo eu a fazer humas confissoẽs, o Senhor o levou pera si.*

13 Ficou o Padre muito magoado com a falta de tam santo companheiro. Naõ foi menor a magoa, quando em Julho lhe levou Deos pera si ao Irmaõ Luiz Antunes. Este Santo Irmaõ tinha cuidado do Padre, & quãdo vinha, tudo estava preparado muito a tempo. Chamando-o pera a meza, & achando-o encostado de puro cansaço sobre a cama, como o Padre lhe dissesse, que naõ se atrevia a comer, elle o tomava nos braços como mãy, que tira o minino do berço, & nelles o levava, fazia assentar à meza. Dizialhe: *Padre meu, naõ haja medo, que nunca o hei de desemparar.*

14 A estas palavras, que dizia entre muitas lagrimas de consolaçaõ,

respondia o Padre: *Eu, meu charissimo, que hei de fazer, se Deos me quizer desconsolar, & cançar com sua doença, senam acompanhalo sempre?* Adoecendo o Irmaõ, o Padre senam tirava da sua cabeceira, tendo a sua cama junto do enfermo; por todos os dias, que o teve nestas ancias deixou as occupaçoẽs dos enfermos da Caza da saude.

15 Tendo o Padre jà licença pera ali na Cheira dizer Missa, estando o Irmaõ jà sangrado em dia do Corpo de Deos, pella menhaã, sem o Padre lhe poder resistir, se levantou, vestio huma sobrepelliz, ajudou à Missa, & commungou com grande devaçaõ, & alegria de muita gente, que do olival, donde ouvia Missa, o vio. Estas confissoẽs, & communhoẽs cõtinuou depois cada dia na cama, athe lhe virem os frenesiz. Nestes era a sua lida dizer: *Coitado de mim, que comi, nam posso commungar: moço, trazeme cà a quarta de agoa, pera aviar o comer pera o Padre, que vem de Saõ Sebastiaõ.*

16 Naõ se apartava o Padre delle pera outra cousa, senam pera ir à cozinha aquentar os apistos. Com a mesma maõ, com que metia o boccado na bocca ao enfermo, estava elle de pè metendo alguns boccados na sua bocca. Vindo por vezes o Padre da cozinha, o achava em camiza assentado na escada; & dizendo-lhe: *Irmaõ, que quer? Onde vai?* Respondia: *Vou aviar o comer pera o Padre, que vem cançado de Saõ Sebastiaõ.*

17 Dezejando o Padre hum dia dizer Missa, naõ tendo, quem lhe ajudasse, por estar o Irmaõ fora de si com o frenesi, mandou chamar hum moço, que morava ali perto, pera lhe responder do olival, que estava junto da janela, & altar. Começando o Padre a Missa com o sentido no ajudante, que estava fora, o Irmaõ começou, & foi respondendo a toda Missa com a voz tam limpa, & clara, que o Padre o teve por milagre, por estar jà mui fora de si com os frenesiz.

18 Foi singular a consolaçam, que o Padre recebeo com cousa tam pouco imaginada, & deu graças ao Senhor, por assim o consolar, com dar ao Irmaõ aquelle lucido intervallo. Quando espirou, foi com tanta paz, que o Padre nam conheceo, que morria. Ficou tam quieto na bocca, nos olhos, & no rosto tam fermozo, que dava huns sinais de sua eterna felicidade. Foi enterrado junto ao Padre Jorge de Tavora, ambos com os pès juntos ao mais baixo degrao do alpendre da Ermida de Saõ Sebastiaõ da parte do Evangelho. Morreo este bemditto Irmaõ aos 18 de Junho. Teve grandes virtudes. No fallar de Deos singular graça. Entrou na Cõpanhia em Evora. Delle faço mençam na Obra q̃ trata daquella Caza, ainda, que mui breve, por entaõ naõ ter delle noticia mais especial.

19 Tambem teve o Padre Manoel Rodrigues, que exercitar sua charidade com o Irmaõ Pedro Francisco. Era este Santo Irmaõ natural de Braga; entrou na Companhia em Coimbra aos 11 de Fevereiro de 1574. Em Companhia do Padre Antonio de Proença servia aos enfermos na Cidade. Sendo ferido da peste, foi levado pera fora da Cidade a tempo, que o Padre Manoel Rodrigues estava sangrado em hum pè, & ferido da peste; assim manco foi hum bom pedaço pella noite escura reconciliar ao Irmaõ Pedro Franscisco: estava o enfermo ao parecer sem sinais de morte, porem de pois de reconciliado, em menos de hum quarto falleceo. Sua morte foi em 23 de Mayo. Enterraraõ-no junto aos mesmos degraos da parte da Epistola; estam no meyo dous Religiozos de Santo Antonio, que morreram no mesmo exercicio de charidade. Os

dous Religiozos, que se enterraram entre os nossos, se chamavam Frey Francisco, & Frey Diogo; a ambos assistio o Padre Manoel Rodrigues; morreram mais como Anjos, que como homens. Os sitios destas sepulturas, como os digo, os tem o Padre Manoel Rodrigues em sua narraçam, posto que as campas, que ali se vem, tenham da parte da Epistola ao Padre Tavora, & ao Irmaõ Antunes, & do Evangelho ao Irmaõ Pedro Francisco: de quem seja a equivocaçam, eu o naõ sei dizer.

20 Ao Santo Padre Frey Diogo confessou o Padre geralmente; depois, por ser o tempo mui tempestuoso, & nem o Padre poder dizer Missa, nem outros Religiosos, houve difficuldade em dar o Santo Viatico ao enfermo. Os mais eram de parecer, que em tal tẽpo naõ havia commodo, porem a charidade do Padre Manoel Rodrigues, o descobrio. Foise à portaria do mosteiro de Santo Antonio com a devida distancia de impedido, bradou lhe trouxessem o Santissimo Sacramento do seu Sacrario fora da portaria àquelle olival, & lho puzessem afastados do Padre em hum lugar decente, pera isso limpo, onde elle teria posto huma pedra de ara, & calix, & o mais necessario, que possivel fosse conforme ao tempo. Duvidaram os Religiozos, por causa da peste, que escusava desta obrigaçaõ, em especial sendo o tempo tam invernozo de vento, & chuva, que naõ soffria tochas accezas. Respondeo o Padre, que a peste obrigava mais a consolar, & animar os doentes com Christo, & que se poria tal diligencia, que naõ houvesse perigo.

21 Porque o Padre os via mais duvidozos por causa do fogo da peste, lhes disse com muita brandura, que o verdadeiro fogo Christo consumia o outro fogo. E virandose pera a parte, onde o Santo enfermo jazia, dahi bem longe, mas à vista, disse: *E aquella alma santa tambem he fogo vivo, como Vossas Reverencias todos, & toda a sua Provincia bem conheceram em tantos annos na vida, & conversaçam de alma tam pura.*

22 Enterneceraõse os Padres; deraõlhe as graças por tam boa traça, pera consolar o seu enfermo. Trouxeram o Senhor ao lugar preparado, donde o Padre o tomou, & entre a gente daquelle, que chamavam arrayal, o levou, & deu ao enfermo, que dahi a pouco tempo entregou sua bemditta alma nas maõs de seu Creador. Estes dous santos homens o pouco tempo, que naquelle arrayal viveram, andavam pellas choupanas confessando, & consolando os pobres com as mangas cheyas de sustento, que do seu Mosteiro lhe vinha, & repartiam aos enfermos. Ambos juntos como diacono, & subdiacono ajudavam ao Padre Manoel Rodrigues à Missa com devaçam de Santos, nem em quanto viveram, consentiram, que outrem lhe ajudasse.

CAPITULO XIV.

De outras obras santas, que exercitou, & resguardo, com que se havia no repartir esmolas.

1 ENtre as innumeraveis cousas do serviço de Deos, que nesta occasiam obrou a Misericordia Divina, foi a conversam de hum letrado de Coimbra. Este homem avia jâ vinte annos, que estava publicamente amancebado, & da concubina tinha tres filhos. Ferido com a peste foi obrigado à ir da Cidade pera o arrayal de Saõ Sebastiaõ levando comsigo a manceba, que he quanto se pode dizer de miseria, & cegueira em tal perigo. Trataram os outros Religiosos, sem o Padre Rodrigues saber do cazo, de o tirarem daquelle lo-

lodo, & já que a nam queria receber, ainda que por isso ficasse desemparado, intentaram por força, que se apartasse della.

2 Porem estava taõ duro, que se quis antes com ella sahir do arrayal: em effeito se sahio, & foi pera huma quinta sua alem do Mondego junto a Saõ Jorge; mas a gente, que por ali morava, tomando as armas, o fes voltar ao arrayal. Entam sabendo o Padre o que passava lhe fallou de sua salvaçaõ. Poz Deos tal força em suas palavras, que o homem se deixou todo nas suas maõs. Por nam ser ainda o perigo tanto, que desse as plenarias licenças, as mandou o Padre haver do Bispo por via do nosso Padre Reytor. Depois os recebeo. Foi no arrayal incrivel o gosto de todos, nam se podia o Padre ver livre dos abraços, que lhe davam, por se effeituar cousa taõ insperada. Os Religiozos fizeram repicar o sino de Saõ Sebastiaõ.

3 Depois os confessou, & lhes deu a communham. Obrigou-o a fazer testamento; aqui entrou o Padre em novo trabalho pello novo esforço, que tornou o demonio a fazer. Nam queria em dous testamentos, que fez, nomeala por mulher, & herdeira; só dizia testamenteira de algumas obrigaçoẽs, que tinha. Ambos estes testamentos lhe fez romper o Padre, & fazer outro com as clausulas, que era obrigado, tudo com testimunhas bastantes. Parece, nam esperava Deos outra cousa, porque logo o levou pera si, tendo dado efficazes sinais de sua contriçam. Sabendo isto hum seu Irmaõ, cheyo de colera foi a Santo Antonio, & à vista do arrayal disse aos Religiozos, & ao Padre Manoel Rodrigues muitas afrontas, o que elles, como santos tomaram como especial beneficio de Deos, por cujo amor as padeciam.

4 Com estes, & outros fruttos consolava Deos a seu servo no meyo daquelle horrorozo incendio, no qual todos os dias se metia. Elle o pinta sem encarecimentos com as palavras seguintes. *Eu*, dis o Padre, *vinha cedo da Cheira, & achava tres, quatro, seis, dez, doze, quinze, & perto de vinte amortalhados às portas das choupanas: que vista pera pella menhaã ante Missa, que por força ha de ser em jejum? Corria duas ruas de choupanas, pera ver, quem se queria confessar, & commungar, pera antes de dizer Missa lhes acodir com tempo. Estas ruas eram tam compridas cada huma como he o corredor de Saõ Jeronymo athe as classes, que se faziam, do nosso Collegio.*

5 *Estavaõ cheyas de choupanas, & de feridos. Já esta vista pello costume naõ fazia tanto medo. Afora os mortos, que estavam fora amortalhados, alguns achava dentro nas choupanas, & as mulheres, & filhos com elles lamentando-os, & como gallinha, que chocava ovos gorados. Que faria hum corpo tam fraco, enfermo, & cansado, como o meu neste tempo, nam sómente com sobresaltos da peste, mas com se encher pellos olhos com tantas melancolias com a vista quotidiana de tantos mortos, orfaõs, orfans, viuvos, & viuvas ali de novo desemparados; pellos ouvidos, de prantos tam lastimozos nam sòmente destes, que choravam seus defuntos, mas de mais de trezentos feridos, que choravam as dores crueis de suas feridas, & chagas taõ endurecidas com os frios, que nam acodiam à virtude das mèsinhas, nem davam esperança de amadurecerem, pera poderem ser curadas, & sararem?*

6 *No tempo das curas, que duravam muito, por serem tantos, & tais os feridos, eram estes prantos, & gemidos muito mais lastimozos. Doutras partes se ouviam outros gritos naõ sòmente com queixumes, mas quasi com blasfemias, por verem tantas noites, & tantos dias taõ con-*

tinuados

tinuados em tantos mezes alagadas com agoas, que vinham do ar, & da terra as pobres choupanas, & os farrapos mais pobres, que tinham cheyos de agoa sem esperança de sol, pera se enxugar.

7 *Eram tais estes frios com chuvas, & ventos, & fomes, que esfriavam os estamagos vazios. O sangue se congelava nas veas de maneira, que por mais que as picassem, & abrissem, naõ sahia gotteira. Donde recresciam novas doenças das sangrias, que lhe inchavam os braços sem proveito. Faziam estas vistas, & tristes miserias parecer a hum pobre homem, que havia de passar por piques, de huma parte de medo proprio, & da outra de tanta compaixaõ alhea, quando lhe convinha correr estas ruas tam compridas de choupanas, que pareciam correntes das galès, & cadeas. Ninguem cuide, que encareço, que se isto vira, & ouvira, por ventura, que se lhe perturbaram os sentidos, & esmorecera. Isto baste em geral, porque as particularidades de mais de dous mil feridos, porque os mil mortos primeiro estiveraõ feridos; tantas, & tam graves miudezas, & tam lastimozas, quem as poderà contar, nem sentir, como as sentiram, quantos as passaram?* Athe aqui as suas palavras.

8 No meyo de tais horrores havia estremados actos de charidade de muitos, que vinhaõ da Cidade com os seus feridos pera os curar; a estes chamavam impedidos. Passaram estes de quatro centos, & quarenta, dos quais muitos acabaram, pegandoselhe o mal daquelles, que curavam. A estes em vindo confessava logo o Padre, servindolhe como elle dis, de confessionarios os pès das oliveiras.

9 Em certo lugar, por onde todos os dias passava, confessou a dois deste, & a ternura das suas confissoẽs fes no Padre tanta devaçam, que todos os dias, quando por ali passava pella menhaã, se lançava por terra com os braços em Cruz sobre a mesma terra, & pedia a Deos, lhe quizesse dar por sua infinita misericordia aquella penitencia, que naquelle lugar a seus pès dera àquelles dous bem afortunados homens.

10 Quando o Padre jà era só, sendo mortos os nossos, & os Padres de Santo Antonio, lhe vieram dous companheiros da Ordem de Saõ Frãcisco do Convento de Saõ Pedro por nome Frey Joaõ Cabreira, & Frey Aleyxo, homens de rara charidade: estes em especial tinham cuidado da sustentaçaõ corporal dos miseraveis, & de lhes curar as feridas. Amavaõse tanto estes tres bemdittos homens, que em se encontrando no arrayal, se abraçavam, cobrando huns com os outros grande alento espiritual. Eram como tres Anjos. Antes d'elles virem, padeceram muito os enfermos, por naõ haver, como dis o Padre, modo nenhum de cozinha, nem cozinheiros publicos, como em outras pestes, em que se achara, tinha havido.

11 *Houve*, saõ palavras suas, *grãde dezemparo: nunca cuidei velo taõ grande, nem me atreverei a meterme em outra tal, sem primeiro ver algum remedio; porque havia a boa provisam de outras pestes, em que ajudei os pobres com dinheiro, & Medico, que andava comigo com obrigaçaõ da justiça de visitar os doentes, que lhe apontasse; tambem me tinhaõ dado botica, que me dava tudo, & a outros Religiozos, mandandolhe as receitas dos Medicos com nossos sinais.*

12 Succedia ao Padre indo muitas vezes pelas choupanas, espremer com suas mãos as chagas podres, em que se tinha dado lancetada, mas o Surgiam, por ser hum unico, & roim, as tinha curado muito à pressa, deixando dentro o veneno. Elle dis, que virà doente, que com sua propria

maõ

maõ arrancava, sem o sentir, a carne podre de seu corpo. *Esta lazeira,* saõ palavras suas, *me obrigava, mas nam obrigasse, a vir pela calma, pelo estio, pela quentura dos olivais seccos com as mèzinhas, com a charidade, com o amor do Padre Reytor, & do charissimo Irmam Sebastiaõ Fernandes, que mas davam muitas vezes, & aliviavam os corpos destes miseraveis. Tinham grande alvoroço, quando me viam vir por tal tempo com o cesto cheyo de mezinhas. Muitas vezes dizia, & digo agora, que senam pode viver nesta vida, nem dezejala, senaõ pera isto.*

13 Ainda que a charidade do Padre era tam grande, sempre se retirou de tomar a seu cargo a sustentaçaõ dos corpos. Antes escreveo ao Padre Reytor, que dezejava houvesse hum decreto da Congregaçam Geral, que nestas occasioẽs os nossos à imitaçam dos Apostolos deixassem a outros este cuidado, & elles se empregassem na ajuda das almas; & se agẽceassem algumas esmolas, as dessem aquem as repartisse.

14 Por occasiam de fallar neste ponto, conta o que lhe aconteceo em Lisboa na peste grande por estas palavras: *Lembrame*, dis elle, *que na primeira peste hâ trinta annos andando repartindo muitas esmolas, encontrando em Alfama em huma rua huma viuva com crianças pequenas sem pay, lhe dei o que entam me pareceo, que convinha. Indo adiante poucos passos perguntando, como costumava, pelos doentes, & pobres, me mostraram huma, que tinha sua mãy viuva vendendo na Ribeira. Porque nam julguei a esta por tam necessitada como a primeira, que tinha visto, naõ lhe dei tanto, porque dezejava guardar a boa ordem da justiça distributiva.*

15 *Indo por diante continuando com minha obrigaçam, apartandome de todas pera outra rua perto, fora da sua vista, mas em espaço, que as podia ouvir, ficavam dizendo:* Estes andam dando esmola às mancebas. *Pela misericordia Divina, que nos guarda na Religiam, bem lhes pudera entam jurar, & agora, que disso naõ sei parte, ainda que, como ao nosso Mestre Gaspar em Ormuz, nam me faltaram diabos combatedores. E assim como elle da India nos escreveo esta sua cautela, & força Divina, & câ nola leram a todos publicamente, assim eu posso renovar esta minha a soldados, que se estam armando no Collegio, pera conquistar o mundo todo.*

16 *Mas eu digo isto, reconhecendo, que se Deos me naõ tivera, fora peior, que Lucifer, & Judas, & todos os outros maos, & tambem,* Si videor insanire, *como dis Saõ Paulo,* vos me coegistis. *Ouvindo esta infamia, que podia fazer mal a muitos Religiozos, que tambem visitavam estes doentes, & tambem a muitos sacerdotes seculares, que tambem nos ajudavam, visitando-os com suas esmolas; indo à Ribeira, aos fornos, às barcas, & soalheiros, tornei a traz, & pondome à vista destas parvoas, cheguei a ellas com semblante carregado, pera as fazer penitentes sem dezejo de outra pena, & disse agastado, porque me conhecessem:* A hum Religiozo, que offereceo sua vida a nosso Senhor pera vos ajudar, dizeis cegas, & mâs essas parvoices mẽtirozas? Quem vos acudirâ, morrei desemparadas, como merecem vossas lingoas tam peçonhentas. *Começaram logo a chorar, & a pedir perdaõ, & hum homem honrado, que tudo tinha visto, & ouvido sahio de huma caza a rogarme por ellas; mas eu, que nam queria mais, que o conhecimento, & emenda do seu peccado, pedindolhe, q̃ julgassẽ melhor, cõtinuei meu caminho em busca de outros pobres, & doentes, pera lhes acudir.*

17 *A muita experiencia me tem mostrado, que os que mais se queixaõ ainda da boa repartiçam, sam ordinariamente os que tem menos necessidade. Isto me tem ensinado a experiencia de quatro pestes, em que andei. Por esta causa trazendome à Cheira por quatro, ou sinco vezes grossas esmolas de pam, carne, & outras cousas de doentes, de nenhuma dellas quis repartir por minha maõ a ninguem, nem hum quarto de pam; senam sómente aos pobres, que fazia vir de Saõ Sebastiaõ com canastras, pera as levar, & entregar aos Padres de Saõ Francisco justos despenseiros de Christo, com que nam sòmẽte elles, mas ainda os pobres se edificavam muito; ainda que me importunavam, eu os remetia aos Padres, & com isso se aquietavam. Sòmente vizitava algumas vezes aos doentes de cama com algumas peras, & maçans; & ainda com tam pouca repartiçam me enfadava; & por isso entreguei tambem aos Padres pera todos estes pobres algumas canastras de fruta da Cheira, que por estar tam impedida comnosco, o Padre Reytor lha concedeo toda.*

CAPITULO XV.

Outras acçoẽs, & fruttos da piedade do Padre Manoel Rodrigues, & sua santa morte.

1 O Principal pezo das confissoẽs naõ só do arrayal, aonde os mortos passaram de mil, & os feridos de outros mil, afora impedidos, carregou sobre este servo de Deos, por ter a gente especial consolaçam de se confessar com elle. Entrava naquellas cabanas cheyas de podridam, offerecendose a cada passo a muitas mortes pello bem espiritual dos miseraveis. Passaram de tres mil as confissoẽs. Afora estas confessava nos contornos. Achavaõ-no hora ao pè de huma oliveira, hora ao pè de outra por montes, valles, & estradas confessando.

2 Tinha elle humas palavras mui nervosas, & cheyas de espirito pera mover à penitencia os coraçoẽs. Jà quando dava a communham aos enfermos, dizia palavras tam de vida, que a todos enternecia. Chamava elle com huma santa singeleza a estas praticas, fateixas espirituais, que tiravam as almas do profundo, & as traziam pera Deos.

3 Nas pestes em que andou, nunca usou de defensivos, & dis elle: *Nunca levei tocha acceza, senam pera acompanhar os defuntos. Nunca tive bolas, nem outros defensivos. Fazia sómente muitas vezes o sinal da Cruz, onde sentia dor, & nas feridas, quando vinham, & com isto me achava bem, & com outras cousas semelhantes, que agora deixo com as melhorias muito notaveis.* Nocte, & die in profundo maris fui; *porque em Braga tive outra como quarta peste nos tabardilhos grandes, de que morriaõ como de peste, andando eu só confessando a todos os doentes, & saõs pela Cidade; Deos seja muito louvado, & me guarde sòmente pera seu serviço.*

4 Destas suas praticas espirituais refere elle o seguinte frutto, que por ser tam notavel, nam he bem, o passe em silencio. *Ignez da Fonseca,* [dis o Padre] *mulher viuva, que ficou do Provedor, que dizem, que meteo a peste em Coimbra, matrona honrada, & virtuosa, vindo aqui desterrada sem peste, & cansada, por se ver viuva, se consolou tanto com estas palavras, que me pedio, a confessasse geralmente, que eram todos os meus dezejos pera com todos depois da communham, & pratica santa. Dia de nossa Senhora de Fevereiro, tratandolhe o cazo do mysterio, passavam do que ouviam de Christo; gro-*

grozeilhe isto dizendo, que mais nos deviamos espantar, do que Christo dizia dos pobres, que a elle se lhe fazia, o que se fazia aos pobres.

5 *Fes a devota matrona tanta intelligencia desta doutrina de Christo, que logo diante de mim se virou pera o altar, & com muitas lagrimas fes voto a nosso Senhor de estar em Saõ Sebastiaõ, em quanto houvesse peste, & curar os enfermos: tinha dom de curar, como o Padre Frey Aleyxo; & o fazia melhor, que o Surgiam, aquem muitas vezes instruia. Logo lhe mandaram dar hum sayo de bocaxim, & hum estojo, & a proviam do necessario pera si, & de mèsinhas pera os doentes. Se ella nam fora, antes que viesse o Padre, muitos mais houveram de morrer, & padecer. Depois pera se desimpedir, sem ella o querer, a obrigaram a se sahir do arrayal, & vindo pera aqui perto da Cheira, onde morreo, confessãdoa primeiro, & feito seu testamento; em quãto aqui esteve saã, curava os doentes de peste, que eu lhe encommendava neste contorno, pela força do voto, ainda que limitado em Saõ Sebastiaõ. Ella o fazia com muita charidade, por ser necessario ir comigo por calmas. Deos seja louvado, por dar por seu meyo vida a muitos, & tal força a suas Divinas palavras.* Este o cazo, que em tal pessoa, & em tal materia foi de raro fervor, & charidade.

6 Tambem se vio muito a devaçam deste servo do Senhor nas devotas procissoẽs, que os Padres ordenavam de Saõ Sebastiaõ athe Santo Antonio depois do jantar. Hia o Padre Manoel Rodrigues da Cheira a tempo, que ellas começavam; tomava huma Cruz de pao da sua altura, & hia diante com todos os mininos, apartados entre si pelo perigo. De tras delles hiam muitos homens tambem separados; logo se seguiam os Padres, que começavam com muita devaçam as ladainhas bem entoadas, a que todos respondiam. Quando os Padres começavam a dizer: *Sãcte Pater Frãcisce, ora pro nobis*, o Padre se virava com todos pera elles, & pondose de joelhos, todos com elle, & com os Padres se ajoelhavam naquella estrada, onde elle lançava a Cruz, que levava, & punhasse tambem em Cruz sobre ella com os braços estendidos, & assim estava chorando com aquella tam devota companhia ajoelhada, em quãto os Padres repetiam muito de vagar, & com muitas lagrimas athe sinco vezes: *Sãcte Pater Frãcisce, ora pro nobis.*

7 *E porque algum frio*, dis o Padre, *nam cuidasse de mim alguma liviandade, declarei huã ves, & bastou, que fazia isto, porque pedissemos a Saõ Frãcisco, que pedisse por nós no Ceo às chagas de Christo, offerecendolhas com as que lhe quis dar em seu corpo na terra, pela perfeita saude de Coimbra, & de tantos, & tam chagados pobres do nosso Saõ Sebastiaõ. Eu nam podia com as lagrimas acabar esta devaçã, quãdo me queria levãtar, porque toda via ficava cãsado, por ter os peitos na terra, & os braços estendidos nella; acodiaõme os devotos homens, pera me tomarem a Cruz; mas eu aproveitavame sò da ajuda, pera me levãtar, & continuava com ella nas mãos, athe chegarmos ao Crucifixo de Sãto Antonio, & tornarmos todos a Saõ Sebastiaõ com a mesma ordem, & devaçam.* Estas procissoẽs depois cessaram por avizo do Padre Manoel Rodrigues, que como experimentado, declarou, como em tempo de peste estes concursos ainda com as cautelas, com que se faziam, sam mui arriscados.

8 Mostravase aquella gente toda tam edificada, & consolada com a devaçam, que no Padre viam, que em tudo o queriam servir. Succedẽdo le-

levar elle de Saõ Sebastiaõ o ornamento todo, assim do altar, como do Sacerdote com a cayxa do calis, & com huma imagem de Christo pera dizer Missa na Cheira, & dar o Santo Viatico ao Padre Tavora; vendo a gente, que o Padre levava tudo à cabeça, porque nos hombros nam tinha força, muitos homens honrados o queriam descarregar, & acompanhar; mas sua humildade nam quis ceder, & assim com tudo sobre a cabeça assaz cansado chegou à quinta, & consolou o enfermo.

9 O que fica referido he hum como summario muito pelo grosso, do que este fervorozo Padre obrou nesta occasiaõ, em que fez a Deos innumeraveis serviços, assistindo aos feridos athè se acabar este cruel açoute da ira de Deos, sem perdoar a trabalho algum, nem a perigo, por acodir ao bem de tantos miseraveis. Huma cousa acho escritta mui notavel deste Santo Varaõ, & he, que sentindose ferido da peste, com huma santa simplicidade, & (quãto me persuado) com especial impulso de Deos, tocara suas feridas com o Santissimo Sacramento, & sarara. Por ventura, que isto queiram dizer humas palavras suas, quando, como assima disse, se curava com o sinal da Cruz.

10 Quando no principio deste incendio se foi offerecer ao Padre Reytor, o fez com estas palavras: *Que era chegado o tempo de ou acabar a vida com huma morte honrada, ou pelo menos de fartar as ancias, que sentia em si de padecer.* Quando servio na primeira peste de Lisboa, era seu fervor tam estremado, que lhe chamavam o *Padre Charidade*. Tãbem se dis, que na peste de Coimbra, assim como se curou a si com o sinal da Cruz, dera saude a muitos fazendolhes o sinal da Cruz sobre as feridas. Depois da peste viveo este Padre cõ raro exemplo de virtude no Collegio de Coimbra, & perdendo a vista do corpo ficou mais desembaraçado pera todo se empregar, como empregou, na contemplaçam de Deos, do qual foi gozar com morte de justo aos vinte de Settembro de mil seiscentos, & doze. Deste Padre se falla por occasiaõ da peste grande de Lisboa na segunda parte da Historia desta Provincia.

CAPITULO XVI.

Vida do Padre Antonio de Proença. *Na India.*

Do grãde fervor, com que se meteo a servir dentro em Coimbra no tempo da peste de 1599.

1 NA vida do Padre Manoel Rodrigues, & na do Padre Jorge de Tavora fica referido, & tambem na do Padre Jeronymo Dias, o muito zelo, com que o nosso Collegio de Coimbra acodio no tempo da peste de 1599 a todos os feridos, & impedidos, que estavam como em degredo fora da Cidade: agora direi o cuidado, que houve da gente da Cidade, em que se fez a Deos muito serviço, escolhendo Deos pera elle, como principal instrumento ao Padre Antonio de Proença, que depois morreo na India. Bem dezejara eu haver noticia do que lâ obrou, mas como esta me falta, contarei o que câ fez nesta peste; porque se a cazo esta obra chegar a se imprimir, possa quem continuar as cousas da Provincia, em que morreo, unir em hum corpo estas noticias com as mais, que delle houver.

2 Nasceo este fervorozo Padre no Fundam, que he no Bispado da Guarda. Seus pays se chamaram Sylvestre de Proença, & Jeronyma de Souza. Entrou na Companhia em Coimbra aos 17 de Outubro de 1574, tendo dezoito annos de idade. O ma-

mais direi com suas palavras, lançando aqui a Relaçam, que por assim o mandarem, escreveo; porque està ella com palavras tam contadas, que nada tem que cercear. Dis assim:

3 *Aos vinte, & seis de Abril estando na caza da Theologia, sentindo com muitas lagrimas os muitos, que começavão em Coimbra a morrer sem confissam, por nam ser possivel levaremse todos à Caza da saude, em que a Companhia tinha posto ao Padre Manoel Rodrigues; ponderãdo diante de nosso Senhor, quãto pertencia à honra, & gloria da Companhia no tempo, que tãto nos haviam mister os da Cidade, nam lhe faltar, quem lhe sahisse a cãpo a lhe grãgear a vida eterna, ainda com sua morte temporal; me chamaram da parte do Padre Reytor, que em me vendo, pela mesma causa me disse, estava determinado a mãdar hum Padre à Cidade; & que, porque sabia, que eu praticava assim nestas cousas, & dezejava fazer este offerecimento a Deos, & à Companhia, me dava a boa nova de ser eleito pera esta empreza.*

4 *Accrescentou, que visse quem queria por Companheiro: ao que respondi, que o charissimo Irmaõ Pedro Frãcisco, q̃ o anno passado me tinha quatro mezes acompanhado em huã missam; de veras dezejava esta empreza, a que com toda a singeleza, & verdade se tinha offerecido; & que se me desse sua Reverencia licença, logo o traria a agradecer a grãde charidade, que lhe faziam em lhe darem esta licença, como logo trouxe; porque achãdo-o no refeitorio trabalhãdo, & dizendolhe, que se queria ir à peste, fosse agradecer a charidade ao Padre Reytor, que lhe daria licença, deixou tudo, & com estranha alegria, & pressa se foi ao Padre Reytor, & se offereceo pera tudo, dizendo, que aquella era a melhor nova, que nesta vida se lhe podia dar.*

5 *Ao dia seguinte, vinte, & sette do mesmo, depois de preparadas huãs cazas na feira dos estudãtes, pera pouzarmos, & feita huã opa, & barrete de bocaxim, pera andar pela Cidade, vestido nella; com huã cana na maõ em corpo sahimos pela portaria do Collegio jâ sobre a tarde, & fomos pelos altos da Cidade avizãdo em voz alta a todos, os que tivessem doentes, que a qualquer hora de dia, ou de noite, que quizessem, nos chamassem, que pera isso estavamos prestes em tal parte, aonde nos podiam buscar.*

6 *Nam se pode contar o alvoroço, que esta sahida causou na Cidade, & os louvores, que por todas as partes soavam da Companhia, & os parabens, que todos davam a seus doentes da consolaçam, que Deos lhes mãdava pelas portas. Passãdo nós pela porta do Castello, hum medico honrado chegou a nôs, & nos disse:* Padres, cuidei, que Vossas Reverencias hiam pera o arrayal a se sacrificarem a Deos pelas almas; & logo me determinei a fazer tambem de mim sacrificio pelos corpos, como Vossas Reverencias o faziam pelas almas, deixando a mulher, & filha, que Deos me deu, por naõ me poder ter, que naõ seguisse tam grande exemplo; mas jâ que Vossas Reverencias ficam na Cidade, eu me offereço pera todos os pobres. *Foi este abalo tãto de coraçam, que em todo o discurso da peste nunca lhe mãdei recado, onde estava algum pobre, que o nam fosse logo vizitar, como pudera ir a qualquer pessoa grave, de que esperasse grãdes premios.*

7 *Ao dia seguinte sahimos pela menhaã aos baixos da Cidade, & foram tantos, os que logo se quizeram confessar, que com deixarmos quasi todos, os em que naõ havia perigo na tardãça, que nos naõ pudemos recolher a caza senam às quatro horas depois do meyo dia. A ordem, que* to-

tomamos, foi irmos logo pela menhaã à Igreja do Salvador a dizer Missa na Capella da Senhora, aquem toda esta Cidade, & Universidade tem entranhavel devaçam, tomãdo-a por nossa protectora, & defensora nesta empreza, pondolhe todas as nossas cousas, & da Cidade na maõ, confiando, que em tudo as ordenaria, & encaminharia pera maior honra, & gloria Divina, & bem das almas, que era, o que pertendiamos.

6 Com o animo, que sua vista nos dava, cada dia corriamos â Cidade duas vezes, guardãdo a ordem, que o Padre Reytor nos tinha dado, quãto era possivel, de fogo de tochas de quatro pavios, de fogareiros, &c. confessãdo a huns na rua, a outros nos quintais, a outros por escadas postas às janelas, & quando a fraqueza do doente nam soffria abalo, nem a caza, em que estava estes remedios, o remedio era, fazendo o sinal da Cruz, que por ser Divino, cae bem quando faltam os humanos, entrar com muita confiança, & tratar do que naquelle passo se requeria. Nam foi possivel contar os que estãdo espirãdo por assenos se confessaraõ; os que da profunda modorra se despertaram pera acodirem ao que lhes importava: os que tendo lucidos intervallos, se ageitaram pera darem materia de absolviçam.

7 O que se pode dizer, he, que foi tambem assombrado este trajo a esta Cidade, & tambem acceito a todos, que muitos doentes, que jâ nem a mãys, nem a maridos, nem a mulheres acodiam, em ouvindo a voz alta, com que lhes fallava, abriram os olhos, & com a vista mostravam tal alegria de me verem, & tal presteza pera se confessarem, que espãtavam a todos, os que athe ali os tinham tratado. Deixo muitos, que depois da confissam diziam, que ficavam saõs, & o faziam crer a todos os de sua caza, dos quais alguns pouco depois andaram por essas ruas dizendo, que a alegria da alma lhes sarara o corpo.

8 O Irmaõ Pedro Francisco, que està em gloria, neste tempo, conforme a seu talento, mostrou mui bem o grande dezejo, que tinha da salvaçam das almas, avizando a todos, os que primeiro a elle se chegavam, estãdo eu cõfessando, que se guardassem de andar em peccado, pois nam sabiam quando seriam chamados a dar conta; & correndo as ruas pera descobrir os doentes, que por certo respeito se encobriam, & chamãdome, que os fosse confessar, rogandome, que tomasse a peitos fazer confessar logo, os que dilatavam a confissam pera outro dia, havendo perigo de nam chegarem lâ. Do que eu posso dizer, pelo que vi, & entendi conforme aos principios de nossa Sãta Fè, que desta gente tem no Ceo por companheiros mais de huma duzia, cuja predestinaçam Deos ordenou por meyo do charissimo Irmam Pedro Francisco.

9 No lugar, que elle nam deixou, senam deixãdo primeiro a vida no cãpo por Christo, & pelas almas, succedendolhe, como a diante se dirà, o charissimo Irmam Thome Fernandes, pertendeo tambem succederlhe no dezejo de nam ficar nenhum doente sem confissam, & por essa via ajudou na salvaçam das almas. Hum cazo, que lhe aconteceo, contarei brevemente. Passava eu das tanoerias pera as olarias algum tanto depressa, por ter lâ que fazer, quando elle me avizou, que atraz me ficava hum mancebo criado do Escrivam da Camara desta Cidade, que naquelle ponto chegara de fora doente, ainda que nam se sabia, se era de peste, & me pedio, que o confessasse logo, & o nam deixasse pera pela menhaã, como o doente queria, pois nam sabiamos se chegaria lâ. Voltei logo, & travando com elle pratica, quando elle me-

menos o cuidou, se achou confessado, & consolado com a mercè, que Deos lhe fizera em apertarmos com a confissam, & foi a cousa de maneira, que acontecendo isto às dez horas do dia, o doente com algumas hora de sol foi enterrado.

10 *Com estas, & outras muitas semelhãtes mostras, que a Divina bondade nos hia dãdo de querer salvar muitas almas, tirando da fraqueza forças procuravamos correr cada dia duas vezes todos os cantos da Cidade, acodindo primeiro aonde eramos chamados, & depois aonde podia haver necessidade de nòs, gozãdonos de encontrarmos aqui nos terreiros da Cidade os que acabando a absolviçam se partiam pera a outra vida; ali pelos becos, & pardieiros a muitos dezemparados do temporal, & espiritual, por nam terem quem lho negociasse; dos quais alguns diziam, que os naõ conservara Deos athe ali mais, que pelos nam levar desconsolados antes de nos descobrirem seu peito, protestãdo, que confiados na bondade, que tal mercè lhes fizera, nam temiam sahir da vida, & dar a conta, como logo foram dar.*

11 *Deixarei outros cazos, & apontarei sò hum, que muito me consolou.* Estava no Salvador hum Domingo pera dizer Missa jâ tarde, porque antes della me sobrevieram aquelle dia muitas occupaçoẽs, com que a naõ pude logo dizer pela menhaã. Chamaraõme pera huma mulher, que estava espirãdo no Arnado, & instando eu no querer dizer Missa, por ser Domingo, & àquellas horas, foi Deos tam bom, que ordenou, que me faltassem os apparelhos, com o que enxergando a Divina providencia deixei tudo, & me fui a toda a pressa, & contra a vontade de todos os da caza da doente, por julgarem todos ser impossivel fazerse jâ a confissam. Entrei, & com hum brado espertou a doente de maneira, que pareceo tornar da morte à vida; & a confissam se fez com nam menos cõsolaçam da doente, que admiraçam dos de caza, & a doente, que parece recebeo vida só pera se confessar, acabada a confissam, a perdeo com grandes esperanças de sua salvaçam.

12 *Deixo os que de madrugada vindo feridos batiam às portas das cazas, em que pouzavamos, pedindo confissam, nam se querendo ir sem ella pera a Caza da saude, & isto com tanto affecto, que huma mulher, que foi de hum Medico honrado, à porta, com ser no meyo da praça dos estudantes, se punha em feiçam de querer començar huma confissam geral, nam dãdo fê nem do lugar tam publico, onde estava, nem da chuva, que lhe estava caindo sobre a cabeça; pelo que foi necessario levala a hum dos arcos alem do Castello, em que pudesse gozar da sua devaçam, como queria; & pagoulhe Deos tambem esta applicaçam, que apartãdo-se de nòs jâ confessada, disse a hum tio seu, que a acompanhava, que dava muitas graças a nosso Senhor de a ferir de peste, pois quis tomar esta occasiaõ pera lhe dar aos arcos a maior alegria, & satisfaçam da alma, que nunca sentira em sua vida.*

13 *Foi notavel o cazo de huma velha, que cheya de muitas pintas pretas, me veyo requerer a caza a confessasse, & confessada à sombra, que huã parede fazia, se partio pera Sãto Antonio, & chegãdo aos mesmos arcos espirou, ficãdo com o rosto tam alegre, & celestial, que quantos passavam, senam fartavam de o ver, confessando, que aquelle rosto era mais, que humano. Rematãdo o ponto das confissoẽs, em summa posso affirmar, metendo tambem as almas, que Deos me levou aos pès, o tempo, que estive no Collegio velho, que em trezentas, & sincoenta, & seis vi claros, & evidentes sinais da graça prezente, das quais parte de duzentas,*

tas, se me naõ engana o que aprendi nas escolas, com muita rezam posso confiar, que ou estam jâ vendo a face de Deos, ou de caminho pera a verem cedo; pois os levou Deos, antes de se esfriarem dos grãdes propositos, que lhe fez fazer; & de perderem a grande dor, que de seus peccados lhes deu.

14 *A este numero puderamos accrescentar o outro grãde daquelles, que em dãdo materia de absolviçaõ, logo espiraram; porque naõ contei mais, que os que estando em seu perfeito juizo fizeram as confissoẽs com tal abalo, qual nunca sentiram em todos os dias de sua vida, como cada hum delles expressamente confessou. Ainda que estas occupaçoẽs espirituais, a que principalmente attendiamos, nos levavam o dia em pezo, & muita parte da noite, com tudo nam deixavamos de sentir as cousas, que viamos, com que a peste se hia cada vez mais embravecendo, por andarmos todos na Cidade entre os que curavam os doentes, enterravam os mortos, roubavam as cazas impedidas, & com huns, & com outros tratavam, sem nenhuma maneira de resguardo; pelo que fomos forçados muitas vezes a bradar, que houvesse diligencia dos que governavam, assim pera que na Caza da saude houvesse provimento de mésinhas, & mantimentos tal, que se apagasse na Cidade a linguagem, que corria, que ir a Saõ Sebastiaõ, era ir ao degolladouro; como na mesma Cidade, em fazer sahir todo o doente, tomandolhe os barbeiros, & surgioẽs, que às escondidas curavam os doentes: & que pera isto se fazer efficazmente, convinha repartir a Cidade em bairros; pera que havendo emulaçam entre os que tivessem este cuidado, arreceandose huns dos outros, como de emulos, & espertandose cada hum com a honra, que via ganhar ao outro, nenhum se atrevesse a dissimular com alguem ou por amizade, ou por parentesco, ou por interesse.*

15 *Que convinha altear os muros, por onde entrava, & sahia fato impedido, & pôr homens de confiança às portas da Cidade, & sobre elles vigia rigorosa, pera que naõ entrasse, nem sahisse, senaõ o que fosse pera maior bem, & ordem da Cidade. Que nos que vinham de Saõ Sebastiam, convinha haver distinçoẽs, pera que se soubesse o tempo, que cada hum tinha tratado com gente, entre a qual nam houvesse nenhuma doença de novo, pera que nenhum tornasse à Cidade, sem se ter tomado experiencia por trinta dias de sua pessoa, de seu fato, de seus companheiros, com que tratava; nem fosse restituido a suas antigas cazas, sem dellas se tirar todo o fato perigozo, pera se queimar, ou desimpedir, & sem as cazas serem muito bem afogueadas.*

16 *Os quais apontamentos, que eu tinha feito em hum papel pera o Doutor Francisco da Costa, em seu nome os propor na Camara; o mesmo Doutor, sem disto me dar conta, os leo em alta voz na Camara, & muitas palavras, que hiam em Latim, declarou aos que as naõ entendiaõ; & hoje em dia dis publicamente por Coimbra, que na algibeira tras os apõtamentos do Padre Proença, & que tudo o que pera bem da Cidade se tem ordenado athe agora, foi executar o que elle apontou.*

17 *Mas a verdade he, que vindo neste tempo o Juis de fora Francisco Fernandes Fialho, & ouvindo estas rezoẽs, & outras, que se lhe apontavaõ com muito zelo, prudencia, & efficacia, poz tudo isto, & outras muitas cousas em effeito, rompendo por gravissimas difficudades, que por huma, & outra parte se oppunhaõ com tam grande bem da Cidade, que do Saõ Joaõ por diante por estas vias humanas, depois da graça Divina, q̃*

em

em ellas se acharem, & executarem, se enxergou, a peste foi amaynando.

CAPITULO XVII.

Como foi ferido da peste, & sarou o Padre Proença; & della morreo santamente seu Companheiro o Irmaõ Pedro Francisco.

1 A*Ntes deste mal acabar, foi nosso Senhor servido de nos entrar tambem em caza, & q̃ arremettesse primeiramente comigo com grandes ardores de cabeça, agonias de coraçaõ, redundancia de humores no estamago, com huma febre algum tanto aspera, que me deu à segunda feira antes da Ascensam; mas quis o mesmo Senhor, pera me dar mais tempo pera chorar meus peccados, que tudo se acabasse athè a quarta feira com huns remedios, que do Collegio me mandaram, com que tudo em breve desappareceo; & que à quinta feira da Ascensam fosse dizer Missa com as forças taõ inteiras, como senaõ tivera nenhum accommettimento.*

2 *Porem estando dizendo Missa, subitamente me cahio com hum vagado o charissimo Irmaõ Pedro Frãcisco sobre hum escabello, que lhe ficava à ilharga dentro das grades da Senhora; o qual passado o melhor que pode, pouco depois de se ter confessado, & commungado; por se ver accõmettido, como quem via, que podia ser aquella a ultima communham, per modum Viatici tomou, o Santissimo Sacramento, & notavelmente sopeado da doença tornou pera caza. Entrando nella, me disse:* Padre, eu cada dia, & cada hora vejo as grandes consolaçoẽs, que sentem, os que se confessam com Vossa Reverencia geralmente: dias hâ, que dezejava tambem gozar dellas; porem agora nam tem Vossa Reverencia jâ, que dilatar, pois eu estou tocado da maõ de Deos.

3 *Dizendo isto, com estranha humildade, & perpetuos soluços fez huma confissam geral de toda a sua vida, assim dos annos, que viveo no mundo, como dos vinte, & seis, que viveo na Religiaõ, como quem entendia, que aquella havia de ser a derradeira, & queria, que Deos estivesse por ella, fazendo da sua parte, quanto lhe era possivel pera em tudo satisfazer do intimo do seu coraçam aquem dezejava amar, & ver pera todo sempre. Nesta santa occupaçaõ se gastaram naõ sei quantas horas, em as quais foi ao Padre Reytor por escritto o avizo, do que passava, & se cõsultava, o que se devia fazer nesta doença.*

4 *Vindo recado, que o começasse a curar athè se ella descobrir melhor, por extremo folguei com a occasiaõ de servir entam aquem athè alli me servio com muita charidade: & assim lhe fis a cama, & o deitei nella, & aquentei agoa pera o sangrarem no pè, & lhe tive a candea, & fis as de mais cousas, que o Medico, & Surgiaõ ordenaraõ, como quem dezejava de responder à obrigaçaõ, que tinha a tal Irmaõ, & companheiro tam fiel de tal empreza.*

5 *Ao dia seguinte, ordenando o Padre Reytor, que o fizesse levar a huma caza, que lhe tinha preparado junto da Cheira, em que o charissimo Irmaõ Luiz Antunes, que jâ com elle està na gloria, com sua costumada charidade o estava esperando pera o servir, & curar. O charissimo Irmaõ Pedro Francisco, como verdadeiro pobre, me disse, que queria ir no carro, em que hiam os pobres dezamparados da Cidade; mas o coraçaõ me naõ soffreo dar eu a meu Irmaõ, o que dava cada dia a semelhante gente; & assim lhe busquei huma cadeira, em que dous homens o levaraõ*

varaõ com o tento, acatamento, & reverencia, com que puderam levar qualquer imagem de algum Santo em hum andòr; porem pera o consolar, fis ir diante o carro com huma cama feita, pera no caminho, se poder encostar nella, se por ventura naõ pudesse ir assentado na cadeira.

6 Nem a graça, diligencia, & charidade do charissimo Irmaõ Luiz Antunes, com que de dia, & de noite o servio, nem a vigilancia do Padre Manoel Rodrigues, com que lhe fes vir todos os soccorros, assim de Surgiaõ, & barbeiro da Caza da saude, como das mézinhas, & cousas de doentes do Collegio, nos puderam conservar o charissimo Irmaõ Pedro Frãcisco, pera termos entre nòs tam vivo exemplo de quem taõ heroicamente desprezou sua vida temporal, pera ajudar a ganhar a eterna de seus proximos. Ao Domingo à tarde entendendo, que morria, informou de vagar a hum homem secular grãde enfermeiro, que lhe dei pera tambem là o servir, de como o havia de ajudar na hora da morte, que estava perto, nomeãdolhe muitas vezes os Sãtissimos nomes de JESUS, & MARIA; & de como o havia de amortalhar ao modo da Companhia; & à bocca da noite o mãdou com grãde pressa à Cheira, a dizer ao Padre Manoel Rodrigues, que se fosse possivel, lhe fizesse charidade de o ir reconciliar, porque sabia de certo, que nam chegaria athe pela menhaã, em que esperava pelo Padre Antonio de Trocença.

7 Foi tal a charidade do Padre Manoel Rodrigues, que estãdo gravissimamente ferido de peste, & fraquissimo, encostado no mesmo homem o veyo recõciliar. Quãdo este homem, depois de tornar a levar à Cheira o Padre, veyo ter com o Irmaõ, o achou com huã imagem da Senhora nas mãos, & com os olhos no Ceo, & com o Sãtissimo nome de JESUS na bocca, cõ que o foi consolãdo, conforme o que lhe tinha ensinado, athe dar a alma nas mãos de seu Creador, como se deve piamente crer, de quem o chamou à Companhia, & agora lhe deu tam gloriosa morte. A' segunda feira veyo do arrayal da Caza da saude huã devotissima procissaõ de todos, os que podiam estar em pè, ordenada pelos dous Reverendos Padres da Terceira Ordem de Saõ Frãcisco, que na Caza da saude estam des de vespera de Paschoa, & athe hoje perseveraõ com raro exemplo de Religiaõ, & admiravel charidade, com que no corporal, & no espiritual servem àquella gente.

8 Nesta procissam foi levado em huã tumba, indo cãtãdo os dous Religiozos com alguns outros Sacerdotes, que no arrayal se acharam, athe a Igreja de Saõ Sebastiaõ, onde lhe fizeram os responsorios mais solennes, que foi possivel, & dahi o levaram a depositar no lugar sagrado, em que com o charissimo Padre Antonio Mendes, & com o amantissimo Padre Jorge de Tavora, & agora ultimamente com o charissimo Irmaõ Luiz Antunes, companheiros de tam gloriosa morte estâ esperãdo sua gloriosa resurreiçam. Ditosos elles, que tam ditosamente consummaram o curso de sua vida! Ditosa a Companhia, q̃ tais filhos sabe criar a Deos! Ditozos nòs todos os que câ ficamos, pois delles nos fica tam vivo exemplo, que tanto nos obriga a corrermos sempre à maior gloria Divina, & bẽ das almas, como somos obrigados debaixo da bandeira de quem por elles morreo.

9 Sentindose no Collegio, como convinha, ficar eu sò, sem tal companheiro, foram tantos, os que se offereceram, pera me virem a companhar, que conforme ao avizo, que de lâ tive, se a todos, os que pediram, se dera licença, fora maior o numero dos que sahiram a me a companhar,

que o dos que ficaram dentro do Collegio. Cahio a sorte sobre o charissimo Thome Fernandes, assim pelo pedir com grande instãcia, como por ter forças pera o encontro de tam grande mal, & ter já passado o perigo de huma doença, que se naõ foi peste, o parecia, procedendo em tudo com muito animo, & modestia Religioza, cousas, que pera esta empreza servi- am muito.

CAPITULO XVIII.

Como o Padre Proença acodio a remediar a fome na Cidade.

1 A Companheira da peste, a fome attribulou tambem muito esta Cidade, porque sahindose os estudantes, & Cidadaõs della, & todas as demais pessoas de callidade, que por qualquer outra via aqui estavam, naõ ficou dentro mais gente, que a que com estes ganhava sua vida: pelo que valendo o trigo a cruzado, & o milho a quatorze vintens; & naõ havendo, em que esta pobre gẽte ganhasse hum real, toda perecia à fome. Era cousa lastimoza ver os rostinhos consumidos, as cores mudadas, os gemidos perpetuos, os rogos tam importunos, que por muitas horas se nam queriam sahir das portas, antes de tirarem por força hum pequenino de pam tamanho como huma noz, como elles requeriam.

2 Junto do Caes encontrei huã mulher, que andava pedindo pera hum filho, que ainda olhava pera ella; & lhe roguei, que me levasse a sua Caza, pera entender esta lingoagem. Chegando à porta, vi a mesma fome pintada em hum minino de quatorze annos. Os olhos todos encovados, as faces consummidas, as cores mais de ervas, que de homem, sem outro movimento mais, que pôr os olhos em sua mãy, & em mim, quando entrei. Deste movimento me aproveitei pera acodir à alma, confessandoo antes que me espirasse; & com a maior pressa, que pude, corri duas, ou tres ruas bradando por alguma cousa, que lhe pudesse meter na bocca; & vendo, que me naõ davam nada, porque todos, os que encontrava assim nas ruas, como nas janelas o haviam mister, entrei em huma taverna, & tomei a medida, & o vinho, dizendo a seu dono, que acodia a hum homem, que estava espirando, que eu lhe satisfaria tudo depois de acodir à necessidade.

3 Tive grande trabalho em lhe abrir os dentes, pera lhe deitar hum pouco de vinho, & huma pequena de marmelada, que entam me sobreveyo, & nem com isto, nem com outras cousas, que lhe fui buscar, lhe pude conservar a vida, mas com ellas a cõservaram a mãy, & Irmans, de que depois tive especial cuidado, pera nam virem a outro tanto.

4 A' Ponte achei hum velho carpinteiro cheyo de filhas, mulheres sem nenhum remedio, que por fome me disseram se fizera tizico, & nam tinha já remedio; mas foi Deos servido com a diligencia, que se poz, que o tivesse elle, & suas filhas, como o tem hoje vivas, & sans, & tiveraõ nas doenças, que passaram. Hiá Deos alternando estas consolaçoẽs, & estas magoas, porque depois fui encontrar com huma pobre mulher de hum oleiro, que estando ferida de peste, em sinco dias nam teve mais que huma pouca de agoa pera beber: confessando esta, pera assegurar o de maior importancia, por me dizer, que lhe parecia, que se comesse hum frangam, viviria, me parti em busca delle por huma parte, & mandei por outra huma mulher de bem, que ali encontrei, & havia poucos dias, que tinha confessado. Vim eu com o meu fiado, & ella com o seu, deixando as suas contas em penhor; & trocando

duas broas por hum pam alvo muito fermozo, que hum pobre trazia de esmola, apparelhei o comer a esta doente; mas foi Deos servido, que estãdo pera começar a comer, antes de tocar nada, espirasse alegre, & contẽte assim pela confissam, como pelas mostras de charidade.

5 Achamos neste tempo hum cidadam bem honrado, & quasi em extrema necessidade, porque tinha muitos filhos morrendo de fome; a mulher ferida gravemente de peste, & elle com cezoẽs de cada dia, havia muito tempo; & em caza nem hum boccado de paõ, nem com que o comprasse. Vista a necessidade, & posta a diligencia, toda a familia inteira està viva, & sam. Quatorze, ou quinze cazas de quasi tamanha necessidade, em que viuvas estavam com suas filhas mulheres em grande desamparo, com as esmolas, que se lhe buscaram, passaram a salvamento a tormenta da peste, & da fome.

6 A Cidade o primeiro acordo, que tomou à cerca dos pobres, foi lãçar os forasteiros todos fora da Cidade, & metelos em huma cerca, que està alem dos arcos, com que hâ muitos annos se deu principio a hum Mosteiro de Santa Anna, & procurarlhe ahi sua sustentaçam, assim pera nam verem as lastimas perpetuas, & continuos gemidos, que ouviam pelas ruas, como pera que os pobres naõ recolhessem em huãs portas os ares maos da peste, & os levassem às outras, sendo, como eram, meyo evidente pera este fogo se accender de cada vez mais.

7 Ficaram estes naquelle lugar assaz bem remediados com algumas esmolas, que da Camara, & do Hospital lhe grãgearam, & principalmente com o que o Collegio offereceo aos da Camara, quando lhe vieram pedir ajuda pera remediar esta necessidade, q̃ foram oitenta paẽs cada dia de arratel cada hum, cõ os miudos da carne, que se mata no Collegio cada semana, com que os pobres tinhaõ carne todos os dias da semana, que a podiam comer accrescentãdo-lhe pera os dias de peixe os chicharos, & azeite, que pera elles fosse necessario; de maneira, que cada dia de peixe pudessem ter hum azado, que bastasse pera todos: com o que elles andavam taõ contentes, que muitos da Cidade lhe invejavam sua sorte.

8 Em quãto estes lâ estiveram, foram os da Cidade passãdo trabalho com a fome, porque com serem saõs, & naturais naõ achavam cousa, com que melhor pudessem passar, que com cardos bravos, & outras ervas semelhantes cozidas sem azeite, & sem sal, mãjares, com que se criavam os humores, em que melhor se ateava a peste. Em apontãdo a fruta, as cevadas, & os centeyos deste anno, despedio a Cidade todos os forasteiros, por jâ poderem ter algum remedio em suas terras. Pelo que o Padre Reytor me meteo nas mãos tudo, o que lhes dava antes, pera acodir aos da Cidade, accrescentãdo mais quarenta paẽs do mesmo pezo, que por todos eram cento, & vinte cada dia, que com os sessenta alvos, que cada dia dava pera São Sebastiaõ, & com os vinte, que o Padre Marcos Vicente repartia no Collegio velho, sahiam cada dia do Collegio duzentos paẽs com espãto de toda a Cidade, & notavel agradecimento, & publica confissam, que se o Collegio nam acudira este anno a Coimbra, como acodio, Coimbra de todo perecera.

9 Sabiase muito bem, que alem destas esmolas ordinarias, se faziaõ outras extraordinarias muito grãdes, como era, vizitarem-se os prezos algumas vezes, & os Mosteiros de Religiozos pobres, & os Religiozos, q̃ estaõ na Caza da saude, & outras cazas de pessoas pobres honradas, de cuja necessidade havia noticia. Com este soccorro tam grande, que o Collegio

gio me deu, nam sómente tomei animo pera buscar modos, com que acodisse a toda Coimbra, mas tambem os poucos, que em tãto dezemparo pediam acodir em alguma cousa, tomaraõ exemplo pera o fazerem melhor, & eu melhor rosto, pera o poder requerer.

10 Favoreceo a Divina bondade este negocio de maneira, que em certas cazas vizinhas das em que pouzava, por pessoas de confiãça, & piedade à nossa vista se repartiam cada dia esmolas a seis centas pera settecentas pessoas, convem a saber, a duzentos mininos, & mininas em huã caza; a trezentos homens, & mulheres, em que entravam os pobres da porta; a gente, que vivia de buscar agoa, de lavar roupa, de servir a os amos, de trabalhar nas obras da Cidade em outra; & noutra a cento sincoenta officiais, & mulheres, que foram de officiais, & sustentavam no tempo da saude caza, & familia.

11 Era materia de grãde gloria de Deos, & da nossa Companhia, ver todas as menhaãs das quatro horas athe as oito correr toda esta gente à feira dos estudantes, & encaminhar cada hum pera a caza do seu esmoler, & achalo com o pam na maõ em chegãdo. O que se ordenou assim por esta esmola nam impedir alguma outra das da Cidade, que se faziam junto ao meyo dia em caza do Thezoureiro da Sê, no Mosteiro do Carmo por via do Bispo velho de Portalegre, em o Mosteiro de Sãta Cruz aos da sua freguezia, como pera naõ haver nenhum ajuntamento, em que alguns dos a que queriamos fazer bem, recebesse mal algum da contagiam.

12 Alem destas esmolas de pam tinham ao jãtar as primeiras cem pessoas cem escudelas de caldo muito bom com sua carne a seus dias, porque nos dias de peixe nam havia, que accrescentar aos chicharos, ainda que houvesse com que se comprar, tirãdo sardinhas de quãdo em quãdo. Alem destas esmolas ordinarias destas settecentas pera oitocentas pessoas, todas as semanas vizitamos os prezos pelo menos huã vez, dãdo a cada hum seu pam, & sua boa porçam de carne; & da mesma maneira vizitamos huma vez duzentos, & vinte, & tantos já desimpedidos, que se entretiveram à porta de Santa Sophia, athe lhe affoguearem suas cazas; quando estas, & outras ordens se começaram a executar de novo, como o que se lhe temperou bem, o serem elles os primeiros, em quem se executava este rigor.

13 Vendo pois, que todos os mais impedidos assim dos sinceirais, como os de Saõ Sebastiaõ, com rezaõ tinham os olhos em semelhantes subsidios, porque com o provimento ordinario às vezes passavam os pobres dos impedidos, que naõ tinham doutra parte alguma consolaçaõ, só com hum quarto de pam todo o dia; & vẽdo mais, que os Religiozos pobres de Coimbra, que vivem de esmolas, as nam tinham, assim por naõ haver a quem as pedissem, como por senam achar quem lhas mandasse tantas vezes, como elles haviam mister; cõfiados na Divina bondade, que tudo isto hia favorecendo, determinàmos em hum dia visitar todos estes necessitados.

14 E assim hum Domingo pela menhaã com mil, & duzentos paẽs, & quatro carneiros, & tres postas de vaca, cada huma de dez arrateis, em huma fermosa procissam, em que hiam vinte, & oito cargas de paõ, & os carneiros em quatro taboleiros, afora tres cheyos de doces pera os doentes, em que hiam algumas caixas de marmelada, & muita soma de maçapaẽs, que a Abbadessa de Santa Clara me mandou, & dous cestos, hum de passa de ameixas, outro de passa de

 uvas,

uvas, sahimos da feira dos estudantes, & correndo a rua de São Christovaõ, a das Fangas, a Calçada, chegãdo à Portagem demos a cada prezo seu paõ, & continuãdo athe Saõ Frãcisco lhe deixamos huma das postas de vaca, & hum carneiro, & de paõ a rezaõ de cada Religiozo meya duzia, que huns Priores com outros Sacerdotes graves levavam em doze alcofas; & voltãdo pela praça, & rua dos çapateiros a Sãta Cruz, corremos a rua de Santa Sofia, em que entregamos aos Padres de Sam Pedro, que saõ da terceira Ordem de Saõ Francisco outra esmola em tudo semelhãte; & continuamos athe os sinceirais, onde dividimos a trezentos, & quinze impedidos em varias insuas do Mondego outros tantos paẽs.

15 *Dahi por Cozelhas subimos athe Sãto Antonio, aonde aos Religiozos entregamos outra esmola, como a outros muitos tinhamos feito; & passando a São Sebastiam, depois de entregarmos aos dous Religiozos, que delle tem cuidado, a cada hum doze paẽs, & a ambos hum carneiro, repartimos a duzentos, & doze impedidos, que ali estavam, quatro centos, & vinte, & quatro paẽs a rezam de dous paẽs a cada hum, dobrãdolhe a esmola, por ser dobrada a necessidade, & dãdolhos todos alvos, por serem ainda convalescentes, porque o pam segundo, que do trigo, que mãdamos amaçar, se tirou, se misturou com o de mais pam alvo na cadea, & nos sinceirais.*

16 *Vltimamente entregamos do Reverendo Padre Frey Aleyxo, que he o que cura aos doentes com estranha charidade, as passas, & todos os doces, pera consolar os seus doentes. Hum certo homem graduado nesta Universidade vendo pelas ruas, pelas praças, pelas janellas os applausos, que a esta esmola se faziam, os louvores, que se entoavaõ da Companhia, os bens, que se rogavaõ, a quem a levava, se chegou a mim, & me disse:* Sem grande auxilio Divino com tam novas, & taõ extraordinarias acclamaçoẽs, naõ pode deixar hum homem, que naõ he mais que homem, de arriscar sua humildade: *Ao que respondemos:* Senhor foam, corre esse risco quem nam sabe de si as offensas, que tem feito a Deos, que tudo isso temperam. *O Inquizidor Bartholomeu da Fonseca em voz alta da janella da caza de Sãta Cruz, em que vive, disse, que aquella procissam deitava fora a peste de Coimbra. O Senhor Bispo Dom Affonsò de Castello-brãco approvou tãto a traça, que logo mãdou repartir muitos cruzados por todas estas estãcias, em que esta esmola se repartio.*

CAPITULO XIX.

Do mais que obrou nesta occasiam, athe se acabar a peste.

1 ESTando livre a Cidade de peste desde dia de Sãta Maria Magdalena, que he aos 22 de Julho, tratãdose de nos desimpedirem, por nossa assistencia naõ ser jâ necessaria; a Virgem Sacratissima do Salvador, que como no principio disse, tomamos por nossa protectora, & defensora, & em cujas mãos tinhamos postas todas nossas cousas, & da Cidade, & debaixo de cujo amparo fomos sempre continuãdo, ordenou pera o dia de sua gloriosa Assumpçam outra procissaõ muito mais fermoza, que a passada. E assim como câ fôra nos moveo os coraçoẽs dos que nos ajudavam, assim tãbem moveo o do Padre Reytor a nos dar com notavel ventagem o subsidio costumado pera a festa deste dia.*

2 *E porque elle sahio primeiro a cãpo, he bem, que o apontemos no primeiro lugar. Entregaraõme do Collegio*

legio na porta do carro, cujas trãcas pera este effeito a primeira vez se despregaram, o mais fermozo boy, que o Collegio tinha, & havia tres, ou quatro mezes, que andava criãdo carnes solto do jugo, que continuara alguns annos; em elle sahindo, a gente da Cidade, que já à fama concorrera, em hum momento o cobrio de ramos, & flores, com que elle foi passeando athè os açougues da Universidade, que estam na feira dos estudantes, & nelles à sesta feira antes do Domingo dia da festa da Senhora se fes em postas tam fermozas, que em dezanove, ou vinte taboleiros, em que estavam postas, se repartio ao dia seguinte com hum pam alvo do Collegio a cada pessoa da Cidade, porque ao sabbado pela menhaã me entregarão à mesma portaria trinta cestos grãdes cheyos de paẽs alvos, os quais por todos eram mil, & quatro centos, que se fizeram de hum moyo de trigo, que o Padre Reytor dedicou a esta festa. E porque os amaçadores nã puderam acodir logo pela menhaã, vendo eu a feira cheya de gente, que esperava pela esmola, me fui ao Salvador a dizer Missa, aonde concorrerão todos os pobres, & fizeram hum fermozo ajuntamento, de que tomei occasiam, assim pera que houvesse quietaçam entre tãta, & tão varia gente, como pera mostrar o agradecimento devido ao Inquizidor Bartholomeu da Fonseca, que principalmente nestas obras câ de fóra me ajudou; pedi, que estivessem de joelhos com as mãos levãtadas com a mayor quietação, & socego, que fosse possivel, & que os que tinham contas, me rezassem cada hum hum terço do Rozario, & os outros de menor idade rezassem os mais Padre nossos, & Ave Marias, que pudessem, & q̃ todos offerecessem suas oraçoẽs, como eu offerecia a Missa, que dizia, pela saude delle Inquizidor, que estava gravissimamente doente, de quem todos, como elles bem sabiam, tinham recebido grãdissimas charidades.

3 O que eu posso affirmar de mim, he, que da devação desta gente se me ateou a mim a maior, que nunca tive em minha vida dizendo Missa. O que dis Bartholomeu da Fonseca, & me disse da janella em vos alta a segunda feira à tarde, indome eu despedir delle de caminho pera Villa Frãca, a me desimpedir, he que a cezam de Domingo lhe faltou logo, & que as oraçoẽs, que se fizeram à Virgem do Salvador, o sararam.

4 Já que nomeei, quem notavelmente me ajudou nestas esmolas, não será rezã deixar de apontar as pessoas, cujos coraçoẽs a Virgem moveo pera estas obras. Huã moça de soldada, sem lhe fallarem nisso mãdou dar os dous mil reis, que tinha vencido. Hum pescador me meteo na mão outros dous, sem ser requerido. Huã mulher, que ganhava sua vida a lavar roupa, indose ferida pera Sãto Antonio, de sinco mil, & seis centos reis, que tinha, dispoz desta maneira. Mãdou logo dous mil reis pera os pobres, & a hum homem de confiãça outros dous, pera que lhos guardasse, pera remedio de grãgear sua vida, se vivesse, & se morresse, os entregasse pera os pobres, & os mil, & seis centos levou comsigo, pera se remediar no tempo do seu degredo.

5 Hum Lente da Universidade me mãdou da sua quinta tres mil reis. Hũ Cidadão de outra quinta tres mil, & duzentos. Hum carpinteiro me meteo quatro mil todos juntos na mão. E outras pessoas semelhantes com semelhãtes charidades nos acodirão, das quais em geral isto posso diser, que todos os que notavelmente acodiram, notavelmente sentirão o favor Divino em todos seus trabalhos, & todos desta tempestade escaparão com vida, ainda que passarão por grãdes perigos, tirãdo hum só,

que

que falleceo; mas a morte foi tal, que se pode bem invejar, por passar desta vida com grandes mostras de sua predestinaçam.

6 *Porem antes, que tratemos da procissam de Domingo, parece bẽ apontar algumas rezoẽs, que nos moveram a fazer estas esmolas tam publicas, & nesta forma, pera que senaõ reprezente a alguem, que està contra nos o ditto do Senhor:* Cum facies eleemosynam, noli tuba canere. *A primeira foi a honra minha, & da minha Religiam, pera que os que soubeßem, que acceitava esmolas, vissem evidentemente, como viam, que quãto me vinha às mãos, tudo corria aos pobres, & que esta fonte naõ nascia em terra fofa, que quãta agoa tinha, toda consumia em si, & naõ fazia regatos, que corressem ao longe; & que mais se espãtassem os desta Cidade, como se espãtavão, de tudo nos crescer nas mãos, do que se verem em necessidade de buscar rezoẽs, pera se persuadirem, que tudo se gastava com os pobres, sem pessoas, que comigo se confessam, me enganarem ou com boas palavras, ou com fingidas necessidades, ou com demasiadas importunaçoẽs, como alguns no principio por ventura imaginaram, que seria.*

7 *A segunda, porque queria, que com o applauso, que se fazia às esmolas de huns, os outros se provocassem a outro tãto, & assim ou de huã maneira, ou de outra Christo pobre fosse soccorrido. A terceira, porque jâ que na Cidade, & tãtos trabalhos seus nam havia nenhumas outras festas, que temperassem as continuas melãcolias da gente, que andava como pasmada, quizemos com estas festas tã pias procurar lhe sua honesta recreaçaõ, que mais os provocasse à devaçam, & piedade, que aos outros effeitos, a que outras festas os inclinam; por isso todos os carros, que se levavam, hiam juncados de todas as flores, & boninas, que se puderam achar; de que sò contarei hum cazo graciozo de hum doente de peste, que estava fora da Cidade, o qual contãdolhe, como a esmola hia toda cuberta de fermozos cravos, tomou continua lida, & naõ deixou a todos os seus, athe que lhe naõ levassem hũ cravo daquelles; dizendo, que com elle havia de sarar.*

8 *Depois da gente da Cidade satisfeita abundãtissimamente com o boy do Collegio, & com os mil, & quatrocentos paẽs alvos, a que toda acodio athe alta noite do sabbado: ao Domingo pela menhaã em começãdo a dar ordem â nossa procissam, sem disso sabermos nada, subitamente soaram todas as charamellas de Coimbra na praça dos estudãtes, com que todos os que nella estavam em grãde numero ficaram sobresaltados pela novidade, porque esta foi a primeira vez, que depois da peste entrada na Cidade soaram; & notavelmente alvoraçados; porque a musica, que se cãtou, assim pelo artificio dos officiais, como pelo da musica, estranhamẽte alvoraçava os coraçoẽs.*

9 *Sahio logo no principio de caza hum grãde cesto de cem paẽs alvos, que logo se depositou em caza de hum dos esmoleres, pera depois de virmos cõvidar as pessoas, que haviam de levar os càrros. Sahiraõ logo dous com cento, & vinte paẽs fermosissimos pera os dez Frades de Saõ Frãcisco; & apoz elles seis carneiros, cada hum em seu taboleiro pera os mesmos Religiozos. Logo se seguiam dous cestos grãdes com duzentos, & quarenta, & sinco paẽs pera os prezos, & apoz elles sinco carneiros em sinco taboleiros pera os mesmos. A poz estes outros cento, & vinte paẽs em dous cestos, & outros seis carneiros em seis taboleiros pera os dez Padres de Saõ Pedro juntos a estes sahiram vinte, & tres cestos com mil, & duzentos, & oitenta, & hum*

paẽs

paẽs pera os cento, & oitenta, & tres impedidos, que estavam em os sinceirais, & pera os mesmos se seguiam logo oito carneiros cada hum em seu taboleiro.

10 Logo sahiram quatro cestos de paõ algum tanto mais pequenos, pelo caminho ser comprido, com cento, & sessenta, & oito paẽs fermosissimos pera quatorze Frades de Santo Antonio, & outros seis carneiros pera os mesmos. Seguia-se outro cesto com vinte, & quatro paẽs da mesma sorte pera os dous Religiozos, que estam em Saõ Sebastiaõ, & pera cada hum seu carneiro. No couce da procissam sahiram treze cestos com sete centos paẽs pera cem impedidos, que ainda estavaõ na Caza da saude, & oito carneiros pera os mesmos.

11 A traça foi dar a cada Religiozo pobre, que por todos eram trinta, & oito, huma duzia dos mais fermozos paẽs, que fosse possivel, pera o que a metade desta farinha se mãdou fazer daqui huã legoa, aonde estava a melhor pâdeira desta Cidade. E cada hum dos prezos, ou impedidos sete paẽs pera os sete dias da semana, & repartir por todos quarẽta, & hum carneiros: convem a saber, dezoito aos tres Mosteiros, a cada qual seis, & dous à quelles dous Religiozos; & dezaseis, oito a cada hum dos arrayais dos impedidos, & os sinco, que restavam, aos prezos.

12 Sahindo pois estes oitenta, & oito carregos, a cazo sobejou hũ grãde feixe de canas verdes, depois de enramados bem os carneiros; de que lãcou maõ muita gente, & em particular muitos mininos, & com o ardor daquella idade, & alvoroço causado das charamellas, se foram diante da procissam saltãdo de prazer, & a cazo naõ lhe faltou quem lhe tangesse, & festejasse seu baile, o que fes muita devaçam à gente com a reprezentaçam dos mininos de Jerusalem, que diante de Christo com ramos hiaõ mostrãdo semelhãte alegria. Corremos as mesmas ruas, que se tinham corrido com a passada; & por a maquina ser taõ grãde, me quis ajudar de certos homens honrados, & pios, fazendo a cada hum delles prefeito de huã das esmolas, pera que cortãdo-se em sua paragẽ algum garfo desta arvore tam fermosa, indo nós cõtinuãdo por diante, ficasse cada hum entregãdo a sua esmola, a quem ella se havia de dar; encõmendãdo a cada hum dos que levavam a esmola aos Religiozos, que me pedissem a todos huã bençam, & me despedissem delles, pois eu o naõ podia fazer por mim, & ao dia seguinte me havia de ir desimpedir.

13 O homem, que levou a de Saõ Frãcisco, veyo attonito do muito, que todos aquelles Religiosos disseram em louvor da Companhia, o que tudo, dis, arrematarão, que confessavam merecerlhes a Companhia, de quem todos estes bens a elles, & ao mundo manavam, que todos elles folgassem de beijar o chaõ, aonde os da Companhia puzessem os pès. O que eu vi nos Padres de Saõ Pedro, foi virem elles todos com tais mostras de amor, & tam grãde inclinaçam, que se queriam botar todos aos pès, & meter debaixo delles, acompanhãdo o seu Padre Reytor todas estas mostras, & agradecimentos com muitas lagrimas, que eu nam pude notar, por ir depressa, mas notaram muito bem os circunstãtes, que disso se edificaram. Os Padres de Sãto Antonio, que nam me haviam de lãçar sua bençam, mas que haviaõ de esperar pela minha, athe que voltasse de Saõ Sebastiaõ, como esperaram; & vindo com aquella santa sinceridade, & singeleza, que tem, disseram, que sempre foraõ da Companhia, mas que agora ficavam seus escravos muito gostozos do ferrete, que lhes tinha posto.

14 Isto aponto, Padres, & Irmãos Charissimos, pera que saibam, quam

quam grãdes cousas Deos quer obrar por cada hum delles, como por instrumentos aptos, que quãdo os chamou à Companhia, os tomou em sua maõ pera por elle fazer grandissimas maravilhas no mundo em a salvaçam das almas, que nos encommẽdou, porque efficaz argumento he fazer isto porquem o fes, de ser certo aver de fazer muito maiores cousas por melhores, & mais unicos instrumentos, se às partes naturais, & sobrenaturais nam faltar o animo de sahir a cãpo, quãdo as almas o ham mister, como eu cuido, que nunca faltarà a meus Charissimos Padres, & Irmãos, aquem espero hà de meter nas mãos maiores emprezas, que esta.

15 *De mim o que posso dizer, me tinha em pè no meyo de tantas, tam varias, & tam continuas occupaçoẽs, que parece requeriam muitos homens, foi alem do particular auxilio Divino, que sempre por via da Virgem experimentei, andar topãdo cada hora as mercès, que Deos fazia perpetuamente à gente de Coimbra, a quem tinha consagrado minha vida; como porque passando pela sobolariba, & perguntãdo por huma mulher, aquem duas horas antes tinha confessado em hum gravissimo accidente de peste, ouvir com grande alegria à toda a vizinhança, que era ida ao rio com hum carrego de roupa. Encontrar hoje na praça ainda com os olhos arrazados em lagrimas o homem, que hontem confessara na Pedreira lidãdo com a morte. Ver na rua das Fãgas subir a escada de sua caza saã depois de confessada ao pè della, a mulher, que tremeo a balarse pera este lugar, por estar muito doente, mas com tudo veyo confiada em Deos, quãdo ouvio dizer, que descesse, & naõ ouvesse medo de nada.*

16 *Achar em muitos bairos da Cidade por muitas vezes pessoas contentes com o rosto gastado, que se satisfaziam com hum pequeno de pam de cevada de Christo, sem arrecadarem a tença, que athe ali tiveram do diabo. Achar duas pessoas, cada huma das quais ao importuno tentador de sua castidade deu huma fermoza bofetada, tãto com maior força, quãto a indignaçam della era maior, & menor o resguardo delle; hũ dos quais por senam querer ir logo com a bofetada, se foi logo, com lhe darem cõ o chapim nos focinhos, & o que mais nestes dous cazos me consolou, alem de lhe ter dado antes a instrucçam, do que deviam fazer, foi acontecerẽ estas duas obras heroicas em duas festas da Senhora, debaixo de cujo amparo militamos.*

17 *Esqueciame hum cazo das pessoas, que andãdo sans, perpetuamente me requeriam confissoẽs, aquẽ dava o tempo, que de outras confissoẽs podia furtar, sem nunca em todo o tempo da peste com muitos, & severos requerimentos, que lhe fazia, as poder afastar de mim, fiandose os prudentes das diligencias, que me viam fazer por ordem do Padre Reytor, & os simples em cuidarem, que lhes naõ podia vir mal, de quem tãto bem lhes dezejava.*

18 *O cazo foi muito nomeado na rua direita desta Cidade.* Huma mulher de bem, cujo marido andava auzente, pelo que padecia grandes necessidades, sem fallar nellas me requereo por muitas vezes a confessasse. Fez ella a confissam na Igreja do Salvador ao Domingo; dandolhe terça feira a peste se recolheo sò em sua caza, & sentindose à meya noite estar na derradeira, bradou à vizinhança, lhe deitassem lume pela janela, com que ella accendeo a candea, & a tomou em huma maõ, & na outra huma imagem da Senhora, que eu lhe dera, & com os dulcissimos nomes de JESUS, & Maria, que suavissimamente entoou athe espirar, acordou, consolou, & edificou toda a sua vizinhã-

ça, como toda ella me contou com grande espanto ao dia seguinte indo por ali vizitando a Cidade. *Bem vẽ, Padres, & Irmaõs Charissimos, nestes favores, que a Virgem sempre nos foi fazendo, quã grande razam temos todos os da Companhia de JESVS seu filho, de a servimos, como a mãy nossa, & a tomarmos em todas nossas emprezas por protectora, & defensora, como nesta a tomamos.*

19 Athe aqui a Relaçam do Padre Antonio de Proença, cheya de exemplos heroicos, & admiraveis, dignissimos de que em semelhantes apertos os imitemos, os que temos a mesma profissam. O Irmaõ Pedro Francisco, que nesta ditosa empreza deu sua vida, era [como atraz disse na vida do Padre Manoel Rodrigues,] natural de Braga, morreo aos 23 de Mayo.

20 Despois destas, & outras santas obras o Padre Antonio de Proença pertendeo com grande fervor ir pera a India; & como o Padre Geral lhe naõ desse licença, lhe meteo escrupulo, escrevendolhe, que se lhe naõ concedia sua petiçaõ, o havia de accusar no dia do Juizo. Vendo o Padre Geral taõ santa importunidade, lhe concedeo a licença. Lâ morreo virtuosamente: nem o dia, nem o anno de sua morte me chegou à noticia. Fez sua profissaõ solenne aos 10 de Março de 1602, & no seguinte de 1603 foi pera a India.

CAPITULO XX.

Vida do Padre Gaspar de Amaral.

No mar da China anno de 1645.

1 NAsceo este ditozo Missionario no lugar da Curvaceyra no Bispado de Viseu. Seus pays se nomearam Diogo Fernandes de Amaral, & Domingas Francisca. Entrou na Companhia em Coimbra ao primeiro de Junho de 1608, tendo quatorze annos de idade. Antes de ser da Companhia, era bem costumado, & inclinado às cousas de Deos. Tendo huma grave doença na primeira idade, mostrou nella singular paciencia. Hum seu Irmaõ, que foi tambem da Companhia, disse, que no mundo nunca lhe vira acçam, que fosse offensa de Deos.

2 Em o Noviciado alem de outras virtudes se vio nelle singular devaçaõ ao Santissimo Sacramento, & à Virgem Senhora. Esta conservou por toda a vida. Vizitava nos Collegios o Senhor, & a Senhora todos os dias por tempo consideravel. Sempre foi mui pontual em seus exercicios espirituais. Sendo do Recolhimẽto andava com outros à porfia, a quem primeiro de menhaã havia de ir vizitar a Senhora. Tinha como em Ladainha todos os Santos, que lhe cahiam cada mez, & lhe era muito devoto, como a seus especiais protectores.

3 Nas faculdades, que professa a nossa Companhia, foi excellente estudante, grande humanista, Philosopho, & Theologo, & homem nascido pera os pulpitos. No primeiro anno de Theologia o fizeram Presidente; mas por cuidar, que era preferido, nam quis acceitar, & foi sua virtude nisto tam constante, que o houve de fazer obrigado com huma penitẽcia. No segundo anno o fizeram Mestre em Artes. Despois de estudar Philosophia o mandaram ensinar Latim a Bragança, & dahi a Braga, depois a Coimbra, & Evora, sem em tãta variedade de lugares dar algum sinal de repugnancia, como quem se tinha persuadido, que na Religiam devemos estar indifferentes pera o que de nòs quizer dispor a obediencia.

4 Sendo Theologo pedio com muita instancia ser mandado à India. Neste tempo tinha muita oraçaõ cõ muitas lagrimas diante do Santissimo. Declarando elle ao outro seu

Irmaõ da Companhia, que hia pera a India, lhe disse, que deixasse morrer a seus pays, & depois iria. Respondeolhe, que pera aquelle effeito se lhe nam dava de pay, nem de mãy. No anno de 1623 passou à India em Cõpanhia do Patriarcha Affonso Mendes. Levava de nosso Reverendo Padre Geral licença pera ir a Jappaõ, & com ella sahio em Goa, pera desviar os intentos dos Padres daquella Provincia, que queriam ficasse nella. Passou a Macao, onde começou a aprender a lingoa de Jappam; teve pera aprender linguas muita facilidade. De Macao navegou a Cóchinchina, pera se aperfeiçoar ali na lingua Japponeza.

5 Na Cochinchina se lhe offereceo hum Piloto Portuguez, pera o levar a Jappam com outros Padres. Como o Piloto tivesse pouca gente pera menear o navio, elle com seus companheiros se offereceo pera supprir a falta de marinheiros. Indo nesta viagem, sobreveyo huma grande tormenta, que os obrigou a arribar a Macao, aonde o Padre Andre Palmeiro Superior da Companhia o mãdou ficar à instancia da Cidade, por nam disgostar aos Jappoẽs com a sua ida, & se quebrar aquelle tam importante commercio. Ficou com isto o Padre muito desconsolado, mas houve de se accommodar com a vontade da Santa obediencia.

6 De Macao o mandaram a Tũquim por Superior daquella Missam com os Padres Antonio Cardim, & Antonio de Fontes, aonde em sette annos, que ali assistio, se bautizaram passante de quarenta mil almas. Aqui com o muito trabalho, & andar descalço pelas lamas, & muitas incommodidades se hia fazendo tizico. Por esta causa os Superiores o mandaram voltar pera Macao, aonde com muita repugnancia sua foi Provincial de Jappam, & China, & Reytor do Collegio de Macao. Jappam lhe levava os olhos, & succedendo passarem alguns nossos àquellas Ilhas; dis assim o Padre em huma carta sua: *Entraram em Jappam o anno de quarenta, & dous o Padre Vizitador Antonio Rubino com quatro nossos; & no de quarenta, & tres o Padre Pedro Marques com outros quatro por via de Manila. Ordenou o Padre Vizitador estas duas viagens com muitas contradiçoẽs, pelo que tocava à sua pessoa, porque o lugar me cabia a mim, & nam a elle, porem como Superior maior assim o dispoz, tomando pera si a viagem, obrigãdome a ficar com o governo, seja Deos por tudo louvado. Aos 22 de Março de 1643 foi martyrizado nas covas com os Padres Alberto Polaco, Antonio Capeche, Diogo Morales, Francisco Marques, & quatro seculares.* Estas as palavras da sua carta.

7 Vendo elle, que Jappam estava fechado, vivia com esperanças de voltar a Tunquim; & assim dis em outra carta: *Eu là tenho o coraçam, & vindo o Padre Vizitador, ou a quem entregue este cargo, lâ me torno a recolher, & apparelhar pera entre aquelles Christãos acabar.* Em outra dis: *Com a vinda do Padre Vizitador fiquei aliviado do trabalho do governo, que havia sinco annos me havia assaz cãsado. Quis o Padre, que eu fosse pera o Reyno succeder ao Padre Antonio Freyre, & apertou comigo por espaço de oito dias, mas o pejo de haver de tornar às commodidades do Reyno, que huã ves deixei, me obrigou a me escusar, escolhendo antes tornar ao canto de Tunquim, pera onde fico de caminho. Bem via a muita consolaçam, que teria em me ver com Vossa Reverencia despois de tãtos annos remontado neste cabo do mundo, porem pareceome mais acertado gastar esses poucos annos, que me restam, em ganhar almas pera Deos, & guardar essas consolaçoẽs pera o Ceo, em que espero na misericordia*

cordia do Senhor, que nos naõ faltarâ com ellas.

8 Assim como o escreveo a seu Irmaõ, o executou, & nesta viagem havendo tormenta se seguio naufragio, no qual acabou com seus companheiros no anno de 1645. Tinha este Padre na primeira vez, que fora a Tunquim, feito grandes serviços a Deos. Entre elles foi hum de grande importancia, & convem a saber, que os nossos Catequistas vivessem em Communidade; o que dali por diante fizeram cõ grande exemplo. Estes foram, os que sustentaram aquella numerosa Christandade em tempos, que os Padres foram desterrados de Tunquim.

9 Foi o Padre Amaral homem de grandes virtudes, de si mui esquecido. Seu Irmaõ lhe escreveo por vezes, lhe mandasse dizer, se tinha jâ feito a profissam de quatro votos, a que elle nam respondia, athe que professando no anno de 1638, em huma carta de dous de Janeiro 1642 dis assim a seu Irmaõ: *Agora quero dar a Vossa Reverencia conta do que tantas vezes me perguntou nas suas àcerca da minha profissam; digo, que muitos annos vivi consolado com cuidar, que ella esquecia, & o Senhor me faria mercê de a fazer no Ceo; porem os Padres tiveram mais cuidado, do que eu merecia, & assim a fiz em Tunquim dia de Reys, anno de 1638, & com ella me mandou o Padre Geral tantas escusas, & satisfaçoẽs da tardãça, que foi boa confuzam pera mim.*

10 Trinta annos tinha o Padre de Companhia, quando fez esta profissam, sem demora tam grande lhe causar aballo algum. Foi mui devoto de Saõ Francisco Xavier. Nas prayas de Sanchaõ, onde o Santo morreo, mandou levantar huma fermosa Cruz, que em huma parte tinha escrito em Portuguez, & na outra em lingua Japponeza, como o Santo morrera naquelle lugar. Era muito amante da santa pobreza. A seu Irmaõ, que lhe mandara algumas veronicas, escreveo, que nada lhe mandasse, salvo fosse algum livrinho, que de novo sahisse; nem em vinte, & tres annos, que esteve na India, mandou a seu Irmaõ mais que huma carta do Martyr do Senhor o Padre Francisco Pacheco, & outra do Irmaõ Ambrozio Fernandes, que morreo nos Carceres do Jappaõ. Estando no Reyno, nunca pedio licença pera pedir, ou aceitar dinheiro algum. Da India escreveo ao Padre seu Irmaõ, que se sua mãy era morta, repartissem sua legitima aos pobres, porque era mais cõforme ao Evangelho. Isto escreveo, naõ obstante ter elle muitos sobrinhos. Estas poucas cousas deste Padre deixou escritas seu Irmaõ o Padre Antonio de Amaral, & serviràm de despertador pera amplificar sua vida, aquem tiver mais miudas noticias de suas peregrinaçoẽs, & virtudes, do que eu pude haver.

CAPITULO XXI.

Vida do Padre Pedro Gomes.

Em Jappaõ ao 1. de Fevereiro de 1600.

1 Foi este virtuoso Padre homem de espirito Apostolico, & que illustrou a Companhia em seus principios; & com ser tam antigo, estam athe o prezente suas cousas pouco illustradas, & conhecidas. Direi o que delle encontrei em os nossos cartorios, & o que delle hâ em algumas memorias impressas. Varias patrias lhe dam, os que delle escreveram. O Author do Agiologio ao primeiro de Fevereiro, em que delle fas mençaõ, tem, ser natural de Higuera Bispado de Badajos. Porem este Pedro Gomes era Coadjutor espiritual, muito amigo do confessionario; falleceo na Caza de Saõ Roque. O Manilogio da Companhia, que se

lè na Caza professa de Roma, aquem o Agiologio costuma chamar Martyrologio da Companhia, tem, ser natural de Villaça no Bispado Orense. O Padre Nathanael Sotuelo na Bibliotheca da Companhia, que elle corregio, & accrescentou, tem, ser de Antiquera no Arcebispado de Sevilha, & que assim constava dos Catalogos antigos da Provincia do Jappaõ. Nisto corregio a Bibliotheca do Padre Alegambe, que tinha, ser o ditto Padre Portuguez, mas em verdade elle foi Castelhano, ainda que algum tempo foi Noviço em Portugal; nelle estudou, & foi Mestre, & depois passou a Jappam.

2 Deu occasiaõ a esta diversidade o entrarem em Coimbra tres sogeitos do mesmo nome, cada hum das terras nomeadas, & quasi nos mesmos annos, porque dos primeiros dous, hum entrou em Julho de 1555, outro em Dezẽbro do mesmo anno. O terceiro natural de Antiquera, de quem o livro primeiro das entradas do Noviciado de Coimbra dis o seguinte: *Pedro Gomes filho de Pedro Gomes, & de Ignez Dias, natural de Antiquera Bispado de Malaga, entrou na Cõpanhia em Alcalà a vinte, & hũ de Dezẽbro de 1553, & de Cuenca foi mãdado a este Collegio; chegou a 24 de Settembro de 1555.* Athe aqui o termo do livro. No arquivo de Coimbra està a sua carta de Ordens menores, que tomou naquelle Collegio aos 30 de Settembro de 1555, poucos dias, como se ve, depois de chegar a Coimbra. Deulhas o nosso Padre Patriarcha de Ethiopia Joaõ Nunes Barretto. Nella se dis ser de Antiquera no Bispado de Malaga. Daqui se ve, ser certo, o que dis o Padre Sotuelo, quanto à patria do Padre Pedro Gomes, pois os Catalogos das Provincias sam de muita authoridade, & naõ se presume, que em homẽ taõ avultado haveria erro, em lhe dar huma por outra patria. E como o Padre Sotuelo houve de corregir huma memoria publica, qual era a impressam da Bibliotheca antecedente, he certo examinou os Catalogos, que allega. Como era Secretario da Companhia em Roma, facilmente os pode rever.

3 Neste lugar hia escrevendo a vida deste bemdito Padre a tempo, que me picava huma dor de cabeça originada de ter gastado o dia em ler, & revolver papeis soltos, & de tais, ou quais letras, em ordem a dispor esta vida, quando levantei o pensamento a este Santo Padre, que me tirasse tal dor; logo que fis a petiçam, sem demora alguma me cessou. Levanteime a dar dous passeos pelo cubiculo, por ver se era imaginaçam, & achei, que em realidade cessara, & o quis aqui logo escrever em reconhecimento desta mercè.

4 Ensinou oito annos Philosophia, & alguns Theologia. No de mil quinhentos, & settenta El-Rey Dom Sebastiaõ acceitou ser Fundador dos Collegios da Ilha da Madeira, & Terceira: pera fundar o Collegio de Angra foraõ alguns Padres de grande ser; por Reytor o Padre Luiz de Vascõcellos, & por Prègadores os dous excellentes Varoẽs, o Padre Balthezar Barreira, de quem em seu lugar se escreve copiosamente, & o Padre Pedro Gomes, que naquella Ilha foi homem assombrozo, & obrou couzas mui raras.

5 Tomou esta nova Colonia o porto de Angra no primeiro de Junho do ditto anno. Foram recebidos com geral alegria da Cidade, do Bispo, & Senado. Começou em breve tempo o Padre Pedro Gomes a exercitar o santo ministerio da prègaçam com inexplicavel fruto. Ardia em odios inveterados a Cidade: prègando contra elles o Padre, se levantavam os inimigos, & ali em publico se pediam huns aos outros perdam; de que se seguio huma paz universal en-

entre todos, qual nunca se imaginou.

6 As suas prègaçoẽs so tinham por fim a emenda das vidas, & a frequencia dos Sacramentos; esta era tam pouca na Ilha, que se estranhava confessarse, & commungar alguem entre anno, & só o faziam pela Quaresma, ou havendo doença. Este abuso se foi com outros desterrando. Da Ilha Terceira passou à de Saõ Miguel, onde foi immenso o fruto do seu trabalho: de menhaã ouvia confissoẽs de mulheres athe huma, & duas horas; de tarde athe alta noite ouvia aos homens. Despertava a gente, como de hum profundo lethargo; toda em pezo concorria aos Sacramentos.

7 Passou à Ilha do Fayal, hospedouse na Caza da Misericordia, sem querer outros agazalhados, que lhe offereciam. Dous mezes se deteve naquella Ilha. Na primeira prègaçaõ foi tal o aballo da gente, que as mulheres indo pera sua caza deixaram os seus trajos ricos, & mais enfeites, & se vestiram honestamente. Era voz entre a gente, que quando o Padre dizia Missa, o viam levantado no ar. O seu bom modo, & cortezia levava a traz de si os coraçoẽs. A todos tirava o seu chapeo. Indo por huma rua, como tirasse o barrete a huns boys, perguntandolhe, porque o fazia? Respondeo, que eram animais santos, que tinhaõ bafejado ao Minino JESU no prezepe, & que por isso se lhes devia respeito.

8 A sua principal assistencia foi na Ilha Terceira. Havia na Cidade como trezentas mulheres de mao viver; (tais estavam os tempos.) Vivia esta peste espalhada pela Cidade, dõde se seguia maior facilidade nos vicios. Deuse ordem por meyo da justiça, que toda esta roim fazenda se arrumasse pera algum canto da terra, como em tempo de contagio fazem aos empestados; seguiose daqui, que muitas por nam soffrerem este labeo, deixaram seus tratos illicitos, & se melhoraram. Nos homens havia pejo de ir, ou passar por aquelle lugar infame; & deste modo se atalhou em grandissima parte este incendio.

9 Prègando na Sê, disse com muita lastima, que antes de poucos tẽpos se haviam de ver cercados de inimigos, & se haviaõ de ouvir em Angra tambores estrangeiros. Tudo assim aconteceo, por causa do Senhor Dom Antonio. Huma mulher santa na opiniam da gente disse, que ouvindo Missa ao Padre Pedro Gomes, ao levantar da Hostia lhe vira nas maõs hum fermozo minino. Huma minina de seis annos assistindo no Collegio com sua mãy às Missas, que os Padres diziam, affirmava, que quando o Padre Pedro Gomes se voltava a dizer ao povo, ***Dominus Vobiscum***, lhe via na bocca huma luz acceza, como de candea, o que nam via na bocca dos outros Padres.

10 Perseguio muito as onzenas, & fez com que houvesse muitas restituiçoẽs do mal levado. Huma vez fingindo em huma prègaçam, que o seu Anjo Custodio o levara ao Inferno, & lhe mostrara ali o castigo dos que morreram em odio, reprezentou este passo com tanta viveza, que assistindo ali homens entre si mui contrarios, se reconciliaram.

11 Indo prègar à Villa da Praya em tempo de grandes terremotos, com os quais andavam todos assombrados, se agazalhou na Mizericordia, como outras vezes: o homem, que tinha cuidado da caza, o espreitou de noite, & achou, que na noite se açoutara por largo espaço; & cessando dahi a pouco tempo os terremotos, se attribuio esta mercè de Deos às oraçoẽs, & penitencias do Padre.

12 A todos parecia este Padre no pulpito hum dos Santos Apostolos; & pelos tempos adiante, quando na Ilha Terceira se queria affirmar de algum, que era grande prègador, di-

ziaõ,

ziam: *He outro Padre Pedro Gomes.* Indo hum Vigario da Villa da Praya fallar a huma pessoa, pera que se puzesse bem com outra, respondeo: *Padre, naõ me peça isso, que o naõ hei de fazer, ainda que cà venha o Padre Pedro Gomes; que o nam posso mais encarecer.* Entam lhe disse o Vigario: *Ora fazei conta, que volo pede o Padre Pedro Gomes.* Respondeo: *Sò pelo elle pedir, faria o que quereis.* Pode tanto com esta pessoa a memoria do Padre, (que jâ havia annos era morto,) que no dia seguinte se foi ao Vigario, & deu o perdaõ.

13 Quando os Padres logo entraram na Ilha, os foi ver Joaõ Betãcòr de Vasconcellos, Fidalgo na terra mui authorizado. Ao despedir disse como por zombaria ao Padre Pedro Gomes, que o encommendasse a Deos. Ficou o Padre tam lembrado, que dali por diante sempre, que encontrava o Fidalgo, lhe dizia: *Senhor, faço o que me encommendou.* Nam lembrava ao Fidalgo, que cousa tivesse encommendado, athe que chegandose huma vez ao Padre, lhe perguntou, que era, o que dizia, pois lhe naõ lembrava? Respondeo: *Encommendo a vossa mercê todos os dias a Deos nosso Senhor em minhas orações, & sacrificios.* Estas palavras o compungiram tanto, que indo pera caza, cuidando em si, no dia seguinte se foi lançar aos pès do Padre; fez com elle huma confissam geral, & se tirou de trafegos; dali por diante viveo tam ajustado, que era exemplo de virtude em toda a Ilha.

14 Disse huma vez este mesmo Fidalgo ao Padre Pedro Gomes, que dezejava muito morrer pela Fè de Christo, & ser Martyr. Respondeolhe o Padre: *Senhor, isso he grãde mimo de Deos, & que elle faz aquem muito quer; mas se vossa mercè o deseja, nam serà muito, que Deos lho conceda.* Levado com estes dezejos procurou ir ao Cabo de Bretaõ, & o foi pedir a El-Rey Dom Sebastiaõ em Lisboa. Naõ sendo despachado, voltou à Ilha. Sobrevindo depois a rebelliam da Ilha, & levantamento nella de Dom Antonio, querendo Joaõ de Betancòr aquietar a Ilha, & que desse obediencia a El-Rey, como o tinha feito o Reyno, & mais Ilhas, foi prezo pelos ministros de Dom Antonio, & degollado na praça de Angra. No tempo da degollaçaõ a lem de algumas cousas notaveis o nosso Padre Estevam Dias, que com os mais nossos estava entaypado no Collegio, teve revelaçam da morte, & disse aos companheiros: *He degollado Joaõ de Betancòr.* E foi cousa notavel, que no tempo, que degollaram o Fidalgo, estando o Padre lendo por hum livro, que era do mesmo Fidalgo, vio correr pela pasta do livro hum licor de cheiro mui suave. Esta morte foi hum genero de Martyrio, por ser em odio da verdade, & paz publica; & se teve por cumprimento das palavras, que a este Fidalgo tinha ditto o Padre Pedro Gomes.

15 Foi maravilhoso o modo, com que Deos por meyo do Padre remediou hum onzeneiro. Este homem junto à Villa da Praya escondeo na terra huma panella com cento sessenta mil, & seiscentos reis. Outro homem, que trazia arrendada huma quinta de Joaõ de Betancòr no termo da Villa da Praya, sonhava, que junto a huma Ermida de Santo Amaro, junto da Villa ao pè de huma grande malva estava a tal panella enterrada, & que era de tal homẽ, que vivia casado em Angra. Fez ao principio pouco cazo do sonho, porem repetiolhe tantas vezes, athe, que hum dia passando por aquelle lugar, vendo a malva, por se tirar de imaginaçaõ, foi cavar, & deu com a panella de dinheiro.

16 Levou-a pera caza, & logo naquella,

quella, & seguintes noites sonhava ver enforcado ao dono do dinheiro. Era-lhe o sonho tam molesto, que o naõ podia soffrer. Foise à Cidade cõ o dinheiro, de que jâ tinha gastado seis centos reis; deu conta de tudo a Joaõ de Betancòr. Elle o levou comsigo ao Padre Pedro Gomes. Contoulhe tudo o succedido. Respondeo o Padre: *Esse homem està em grãde risco de se enforcar, qualquer hora que for, & naõ achar o seu dinheiro: fique aqui o dinheiro, eu o remediarei.*

17 Mandou chamar o homem, & lhe disse: *Senhor, estamos com as obras destas classes faltos de dinheiro, & me dizem, que o tendes; fazeime graça de nos emprestar cem mil reis, & daqui a quatro mezes volos tornaremos.* Começou a jurar, & trejurar, que nam tinha dinheiro algum. Respondeo o Padre: *Irmaõ, naõ jureis, posto que dizeis bem, que o nam tendes; porque quem tem dinheiro enterrado, tendo sua caza, mulher, & filhos, bem dis, que o nam tem, porque pode o diabo descubrilo aquem o và buscar, & lho tome.* A estas palavras jurava mais, affirmando, que naõ tinha hum só tostam.

18 Disselhe o Padre: *He verdade, que o nam tendes, porque o que vòs tendes enterrado na Praya junto a huma Ermida, & perto de huma vossa terra, jà naõ he vosso, porque outrem o tem.* Ficou o homem assustado com estes finais, mas tezo na sua teima de que naõ tinha dinheiro. Aqui lhe tornou o Padre: *Ja que assim he, ide ver se està onde o tendes enterrado, & se o nam achardes, vinde ter comigo, que eu vos remediarei.* Despediose, & foi logo a Praya: nam achando o dinheiro, voltando à Cidade comprou em huma tenda huma corda por trinta reis, & com ella debaixo da capa se foi ao Padre, dizẽdo a grandes vozes, que se lhe naõ dava o dinheiro, se iria enforcar, & mostrou a corda, que pera isso trazia. O Padre o aquietou; trouxe o dinheiro, mandoulho contar. Depois de o fazer, disse, que faltavaõ seis tostoẽs: respondeo o Padre: *Fulano volos darà*; E foi assim, que naõ deixou de os arrecadar: tam mesquinho, & taõ mofino era. Naõ dis a memoria, donde isto recolho, que fizesse alguma mudança em sua vida. Por ventura Deos, que o livrou da morte, que elle se daria, se naõ achasse o dinheiro, lhe tinha reservado pera outra occasiaõ algum castigo, ou beneficio.

19 Indo o Padre huma vez pela Cidade, acertou dar com hum homem, que tinha o diabo no corpo; disselhe com grande imperio: *Eu te mando da parte de Deos, que sayas desse corpo*: Obedeceo o demonio, & nunca mais a elle tornou.

20 Foi homem de muita penitencia; esta o tinha tam gastado, que tendo trinta, & oito annos quando estava na Ilha Terceira, cuidava a gente, que era mui velho. Sempre andava com os olhos no cham, & a cabeça inclinada pera diante: parecia sô dar fê do lugar, onde punha os pès. Esta mesma modestia guardava nas visitas dos seculares. Naõ o viram rir, & se alguma vez o fazia, todos viam ser com tanta frieza, que lhe naõ nascia de dentro, mas sô por cumprir com as pessoas, com que estava, & se ajustar ao conselho do Apostolo, que nos hemos de alegrar com os que se alegram.

21 Palavras occiozas naõ se ouviam da sua bocca. Sempre que escrevia cartas, depois de negocio, que nellas se continha, concluia a carta com alguma doutrina. Suas palavras nas prègaçoẽs naõ tinham concertos Rhetoricos, mas eram fortes, & penetrantes; os effeitos mostravam, que Deos as tomava por instrumento de grandes commoçoẽs, pois com ellas se moviam altos, & baixos, sabios, & ignorantes. Prègando em

dia

dia de todos os Santos da gloria dos bemaventurados na Villa da Praya, foi tal seu fervor, que houve pessoa grave, que disse juraria, que neste tempo o vira levantado no ar.

22 Na mesma Villa huma mulher ouvindo-o prègar ficou com dezejos de se dar muito a Deos. Quis fazer huma confissaõ geral, porem naõ se satisfazia dos Confessores da terra, & naõ se atrevia confessar com o Padre Pedro Gomes; porque o tinha por muito severo, por lhe ouvir sempre nas prègaçoẽs meter grandes terrores; huma noite, quando andava neste cuidado, ouvio que lhe diziam em sonhos: *Que queres mais, naõ ves os Padres da Companhia, que andam por essas ruas?* Acordando tomou resoluçam de se confessar com o Padre, & ficou tam satisfeita, que naõ cabia em si de alegria, & com sua doutrina se poz em grande santidade; & mereceo, que na ultima doença lhe apparecesse Santo Antonio, que a convidou com a gloria.

CAPITULO XXII.

Do mais, que lhe succedeo nas Ilhas, athe vir pera o Reyno.

1 PRègando na Ilha Graciosa, se viam, quando subia ao pulpito, tres sombras; o que causou grande admiraçaõ, & se dizia entre a gente, que estava acompanhado do Espirito Santo, & do Anjo da Guarda. Os effeitos denotavam, q̃ tinha especial assistencia de Deos, pois tudo era arrependimento de culpas. Em quanto esteve nas Ilhas, que seriam como sinco annos, todos os Domingos, & dias santos prègava. Vizitava as cadeas, levava aos prezos muitas vezes a goa às costas, & à sua imitaçam faziam o mesmo alguns moradores da terra.

2 Imaginou hum Clerigo da Ilha Terceira, que o Padre lhe estorvava alcançar elle huma Cònezia, de que andava mui sentido; & encontrando-o na rua publica, desabafou, dizendolhe muitas injurias; a vingãça do Padre foi lançarse-lhe aos pès, pedirlhe perdam, & chegando ao Collegio lhe mandou hum prezente, de que toda a Cidade muito se edificou. Prègando na Sè de Angra, no fim da prègaçam tirou de hum Crucifixo, & disse, que se ali estavam alguns em odio, lhes pedia por amor de Christo, naõ sahissem da Igreja sem se perdoar. Foi tal o aballo, que duas familias inteiras, que havia algũs vinte annos se tinham odio, ali huns aos outros se perdoaram. O que mais era, quem tinha inimigos, que naõ assistiam às prègaçoẽs, sahindo dellas os hia buscar, pera dar, ou pera pedir o perdam. Pessoas, que tinham duvidas de demandas, se louvavam nelle, porque sabiam havia de dar o seu a seu dono. Outros faziam desistencia de acçoẽs postas em juizo, que de ordinario se nam costumam proseguir sem odio.

3 Sendo convidado pelos Conegos, pera certo dia prègar na Sè, tinham os Irmaõs de huma Confraria assalariado outro prègador, sem saberem do intento dos Conegos: estando o Padre jà na Sancristia, veyo o outro prègador, & vendo o que passava, entrou em colera, dizendo suas prozas em seu abono, & que elle era o que havia de prègar. Aqui o Padre respondeo, que tinha muita razaõ, que prègasse; & elle mesmo amansou os Conegos, & foi hum dos ouvintes; ficando todos por extremo edificados da sua modestia, & desenfadados da desenvoltura do outro Religioso.

4 A opiniaõ de sua santidade era geralmente tanta, que diziaõ, lhes parecia hum Santo canonizado, que andava neste mundo. Costumava elle as poucas vezes, que se hia recrear à vi-

à vinha, tomar por bordaõ hum pao grosso em huma caza fora da Cidade, & ali o punha a vinda pera a outra vez. Logo que se foi da Ilha, hum Clerigo, que delle sabia, o foi buscar, & o poz em hum oratorio da sua caza por reliquia. Ali o teve, athe que sendo entrada a Cidade, & saqueada a caza do Clerigo, se perdeo.

5 Huma mulher grave estando em grande perigo de doença mandou chamar o Padre, & lhe pedio, que lhe puzesse as maõs na cabeça, tendo fé, que cobraria saude; porem elle se contentou com lhe rezar o Evangelho de Saõ Joaõ, & por fim lhe disse, que dali a tres dias se levantaria, & assim foi.

6 Havia em Angra hum Fidalgo rico, que vivia em mao estado com huma mulher. Confessouse com o Padre, & elle o tirou daquella miseria. Succedeo, que indo este Fidalgo na procissaõ de Endoenças, vio junto de si a mulher, que o naõ largava. Assustouse, fez o sinal da Cruz, & de subito vio a seu lado ao Padre Pedro Gomes, & a mulher desappareceo; sem mais ser vista: o Padre sem dizer palavra foi junto do Fidalgo algum espaço, & depois tambẽ desappareceo, ficando o Fidalgo mui consolado; & contava muitas vezes este successo. Chamavasse este homem Jeronymo da Sylva do Canto: era Provedor da fazenda, armada, fortificaçoẽs.

7 Tendo o Corregedor da Ilha hum filhinho mui mal, o foi visitar o Padre Pedro Gomes a tempo, que ouvia as partes; perguntoulhe pelo minino, & que o queria ver; o pay se levantou, entrou dentro, & fazendo pouca detença, veyo pera fora, & disse pera os officiais: *Grande he a virtude do Padre Pedro Gomes*; & logo se calou. Dahi a pouco viraõ vir o menino vestido como costumava; sam, & sem cousa alguma, porque a visita do Padre o tinha sarado.

8 Foi notavel o effeito, que a sua prègaçaõ causou em huma Dona nobre: esta levantou hum falso testimunho a duas donzellas nobres, só por fazer bom hum seu ditto. Penetrouse tanto da dor, ouvindo ao Padre, que vendoas ir por huma rua, se foi pera ellas: tanto que a sentiraõ, se meteraõ em huma caza, por evitarem o encontro; porem a mulher levada da sua magoa, entrou na mesma caza, & diante de muita gente se pos de joelhos, pedindolhes perdaõ, & desdizendose do que tinha injustamente, & com falsidade publicado de sua hõra. Era pera admirar; que quando prègava, as pessoas, que estavam de nojo, por mortes de dous, & tres dias, deixavaõ o nojo, por nam perderem a prègaçaõ.

9 Homem houve, que vivendo antes estragado, sendo suas culpas mais feyas pelo estado de matrimonio, em que vivia, de commum consentimento se apartou de sua mulher, & viviaõ na mesma caza em continencia, dormindo em camas asperas, tendo nellas huma pedra por cabeceira.

10 Havia hum abuso na Ilha; que as mãys, que tinham filhas, huma só vez no anno assim mãy, como filha hiaõ à Igreja ouvir Missa. Depois que o Padre começou a prègar, se tirou este abuso. Era cousa de espanto, como no pulpito dizia individualmente cousas secretas, que tocavaõ a pessoas dos ouvintes, sem declarar pessoa, mas esta ficava entendendo, que com ella entendia o avizo. Outras vezes tendo algumas pessoas tido em sua caza praticas em cousas santas, mas fallado com pouca certeza; elle na prègaçaõ as explicava, dizendo: *Tal, & tal cousa naõ se disse bem assim; mas hasse de dizer nesta forma.* As suas cousas, & dittos se tomavaõ tambem, que eraõ as praticas mais communas da gente de Angra. Quando pregava em alguma ermida, a gente,

que estava fora, por mais que chovesse, ou fuzilasse, se naõ tirava do seu posto, querendo antes soffrer taõ grãdes incommodos, que deixar de ouvir. Parecia ter santamente enfeitiçado a todos.

11 Huma mulher por nome Catherina Alvres experimentou em diversas occasioẽs o muito, que podiaõ as oraçoẽs deste bemditto Padre. Vendia ella em sua caza hum quarto de azeite: a tempo que ja hia no fundo, veyo ordem do Reyno, pera se cortarem as medidas, & por em o azeite imposiçaõ, oque athè ali naõ havia. Disselhe o marido, que as mandasse ao afilador? Respondeo, que o quarto era jâ pouco para disso pagar imposiçaõ. A isto disse o marido, que là se houvesse com o rendeiro, & com a sua consciencia. Ouvindo a palavra *consciencia* entrou em escrupulo. Foi ter com o Padre Pedro Gomes, que lhe disse, naõ havia, que fazer cazo de cousa taõ pouca. *Pois assim he*, respondeo ella, *rezeme, meu Padre, huma Ave Maria, peraque o rendeiro nam olhe pera a minha porta. Sim rezarei*, disse o Padre, *& tambem, peraque Deos accrescente o azeite.*

12 Dahi a poucos dias descendo a mulher à logem, onde tinha o quarto, meteo os pes como em hum lago: assustandose, pedio lhe trouxessem candea. Com ella vio a caza cõ altura de hũ palmo de azeite, desde o quarto athe a porta. Advertindo mais, vio, que aquelle quarto, que tinha o pouco de azeite, estava fervendo, & tresbordando. Mandou vir toda a gente de caza com alguidares; recolheraõ o azeite, & naõ só aquelle quarto, mas outros, que ja estavam sem nada, feraõ cheyos: & quãtas vazilhas houve em caza, se encheraõ com o azeite, que do quarto sahia. Cheya a mulher de assombro foi no dia seguinte dar as graças ao Padre. Elle lhe disse, que eram mercês do Senhor, & que quando estivesse em necessidade, se fosse ter com elle, peraque rogasse a Deos por suas cousas.

13 Querendo o marido desta mulher desfazer huma parede de sua caza pera a levantar mais, naõ veyo nisso huma vizinha, paredes meyas. Foi Catherina Alvres pedir ao Padre Pedro Gomes encommendasse a Deos naõ se originasse alguma desavença, & desastre. Respondeo, que rezaria a nossa Senhora huma Missa, peraque houvesse paz. Estãdo o marido da sobreditta mulher na praça, veyo a elle por detraz outro com a espada feita; gritandolhe, que se guardasse, desviou com o braço a pancada, mas logo o contrario o levou debaixo, tirou de huma adaga, & lha pos nos peitos. De improviso se lhe foi toda a colera, & ficou como se lhe tivessem maõ no braço. Experimentando tal novidade, lhe disse: *Alguma oraçam resaraõ por ti, mao homem, porque se me foi a vontade de te matar.* Tudo se attribuio à Missa, que por elle tinha ditto o Padre, oqual os mandou chamar, & fez entre si amigos.

14 Outra vez a mesma mulher amassando hum alqueire de pam o encõmendou ao Padre Pedro Gomes, pera que lho accrescentasse, como fizera ao azeite: depois de cuberta a massa, tornando-a a descobrir, achou ter crescido, & lhe durou o pam della, quanto lhe costumava durar a amassadura de dous alqueires.

15 Na logem da caza desta mesma mulher morava outra, que tinha hum filhinho à morte, & jà tinha feito dous termos; gritou, que lhe trouxessem huma candea, que estava o minino espirando; desceo abaixo Catherina Alvres, & disse: *Santo Padre Pedro Gomes, nam sereis servido de rogar a Deos dê vida a este minino, que era o meu desenfado?* Logo disse à mãy, que tirasse do peito leite, & lho desse dizendo, *ser bua*; respõdeo ella, que o naõ havia de levar, pois sempre o recusava. Com tudo fez, que lho desse, & o minino sem diffi-

difficuldade o levou, & tornandolhe a dar mais, se foi com este alimento recobrando, como a candea, que espira, aquem alentaõ com o azeite, & deste modo escapou da morte; o que tudo se attribuia à virtude do Padre Pedro Gomes.

16 Estando em Angra huã moça endemoninhada, & que de todos se ria, & lhes dizia os peccados, mandaraõ chamar ao Padre Pedro Gomes, que esconjurasse o demonio; logo que entrou pela porta, começou o corpo a tremer, & escumar, dizendo, que botassem aquelle Padre fora, que naõ tinha ali que fazer, que aquelle corpo era seu. Mandou o Padre trazer do Collegio a estola, & agoa benta. Aqui se rio muito o demonio, dizendo, que lhe naõ fazia mal a agoa benta, que elle entrava na Igreja, como o mesmo Padre, & que tambem fora bautizado, & que era fulano natural da terra, que por agastamento de sua mulher se fora enforcar em huma figueira, que quando assim o acharam, o amortalharam, & enterraraõ em tal Igreja, aonde naõ pudera estar, & fizera tanta matinada, que o Vigario o mandou enterrar em tal parte. Se o demonio fallava verdade, o homem era pessoa nobre da Ilha. Vindo a estola, em o Padre lha pondo ao pescoço, começou a escumar, & estrebuxar de sorte, que parecia despedaçarse, athe que finalmente se despedio, ficando a moça mui cansada.

17 Hum dos grandes soçobros, que tinha a Cidade de Angra, era poderem-lhe tirar ao Padre Pedro Gomes, portanto em corpo gesto escreveo a El-Rey a carta seguinte: *Senhor, receberaõ taõ grande beneficio, esmola, & mercê os moradores das Ilhas em vossa Alteza a ellas mandar os Padres da Companhia, & Collegio de JESVS, pelo muito fruto, que nellas tem feito sua doutrina, & principalmente em esta Cidade de Angra, onde residem, que he muito pera dar louvores ao Senhor Deos, & de continuo rogar pela vida, & estado de sua Alteza, por em seus tempos permittir serem as almas tam consoladas, & edificadas em o serviço do Senhor: & como isto assim seja, & com devida consideraçaõ se deva dezejar, seja isto permanente, & naõ desfallecer taõ grande bẽ, & nos ser ditto, que o Padre Pedro Gomes, cuja doutrina ouvimos, que ora he Reytor deste Collegio, o mandaõ ir pera esse Reyno, & como jâ estejamos com dor, & sentimento, de o anno passado tambem mandarẽ ir o P. Luiz de Vasconcellos Reytor em este Collegio, de que este povo teve, & tem muita desconsolaçam, por ser tal sua vida, & doutrina, que com ella o edificou muito, & exhortou ao serviço do Senhor Deos; & porque muito sentimos ao tempo de sua ida nam lhe podermos valer; & nos tememos nòs pode acontecer semelhante; & porque o Padre Pedro Gomes tem feito tanto fruto, & dado tanta doutrina em todas estas Ilhas, & com muita rezaõ concorre tanto povo apoz elle, que he pera muito louvar ao Senhor Deos; & teve, & tem muito, que fazer em estas partes, & certo, que seria grande escandalo, & desconsolaçaõ mandalo ir, & muito grande desserviço de Vossa Alteza; porque certo nos tememos, que havera muito tumulto, & amotinaçaõ no povo, & nos pareçe, que nam se fallarà com homem, que nam diga, que aventurarà cem vidas, a elle se nam ir, & que tal se naõ consinta; & porque por rezaõ de nossos cargos nos convem zelar o serviço do Senhor Deos, & de vossa Alteza, & bem deste povo, nos prevenimos com pedir a vossa Alteza, como pedimos pelo amor do Senhor Deos, & da morte, & payxam, que elle por nos passou na arvore da vera Cruz, permitta o ditto Padre Pedro Gomes nam ser mandado ir, nem levado desta Cidade, &*

Ilhas, porque ainda que se diga, ser pera o serviço do Senhor, em estas partes faz tanto, & ha tanta necessidade disso, que em nenhumas mais se poderà servir o Senhor Deos, nem que mais necessidade tenham ainda no Jappam, nem em outras mais longinquas; & vossa Alteza farà com isso muito serviço a nosso Senhor, & a nòs, & a todas estas Ilhas mui assinalada mercê. Nosso Senhor JESU Christo por sua Divina mizericordia accrescente a vida, & estado de vossa Alteza por mui largos annos. Escritta na Camara desta Cidade de Angra.

18 Ao pè desta carta se assinaraõ os Juizes, Vreadores, Procurador da Cidade, Escrivaõ da Camara, & os Mistères em nome do povo. Parecendo-lhes, que naõ bastava isto, escreveraõ em semelhante teór outra a nosso Padre Geral, & tiveraõ reposta, comque muito se consolaraõ, persuadidos terem alcançado por ambas as vias, o que queriaõ.

19 Ainda que estas cartas detiveraõ por algum tempo ao Padre, finalmente lhe foi avizo, que viesse pera o Reyno, em ordem a se partir à India, onde seu grande espirito o chamava. Nam se pode dizer com palavras o sentimento, que em todos houve. Quando era o dia de se embarcar, o povo se poz com maõ armada no caiz, & estorvou se embarcasse; vendo o Padre este motim, lhes disse: *Senhores, athe agora estive com gosto, porque era assim vontade de Deos; mas agora nam he bem, que esteja, pois a santa obediencia me manda ir destas Ilhas; pelo que vos peço pelo amor de Deos, & pelo que vos mereço, que me nam impidais esta ida, porque se me tolhereis o barco, estẽderei a capa sobre o mar, & nella irei ao navio por cumprir com a obediencia.*

20 De nenhum effeito foraõ estas palavras, & o povo continuou na sua residam. Por tanto foi precizo ao Padre retirarse ao Collegio; & o navio se fez a vela; porem tinham os Padres dado ordem secreta ao Capitaõ, que fosse tomar o Padre em certa paragem secreta, oque se fez, sem disso haver sospeita no povo.

21 Quando se divulgou a noticia de estar jà metido em a nao, foi o sentimẽto igual ao amor, que lhe tinhaõ. Algumas pessoas o foraõ ainda ver, & consolarse com elle; entre estas certo homem trouxe consigo hum pao de canella, que achou debaixo da cabeceira, onde estava o Padre enjoado. Este pao foi estimado como Reliquia. Dahi a alguns dias deu huma grandissima febre a huma criada da caza daquelle homem; logo se tirou hum pequeno da quelle pao, cozeraõ-no em agoa, deraõ-na a beber a enferma, & ficou saã de todo com admiraçaõ dos que viraõ, & souberaõ a maravilha, & cresceo a estimaçaõ do ditto pao. Estas, & outras muitas cousas obrou Deos nas Ilhas, em especial na cidade de Angra, por meyo deste seu grande servo, onde o seu nome foi mui celebre. Deos parece o quis tirar desta Ilha, por naõ ver cõ seos olhos as calamidades, que Deos lhe tinha revelado haviam de vir àquella terra. Por isso dizia nas prègaçoẽs: *Meus Irmaõs, naõ vos quereis emendar de vossos peccados; he grande o castigo, que Deos vos tem apparelhado: Senhor, permitti vòs, levarme desta Ilha, antes que o veja.* Assim como o pedio, lho cumprio o Senhor.

CAPITULO XXIII.

Vay pera Jappam, & do naufragio, que fez nesta viagem.

1 MUitos annos havia, que o Padre Pedro Gomes pedia a seus Superiores, o mandassem à India, & a Jappam, pera naquellas glorio-

glorioſas Miſſoẽs empregar todos os ſeus talentos, & fervores. Em effeito ſe embarcou no anno de mil quinhentos ſettenta, & nove com mais onze da Companhia. Chegou a Goa; dali paſſou à China. Deſta ſe embarcou pera Jappam a primeira vez, em que naufragou.

2 Dos trabalhos deſte naufragio fez o Padre Pedro Gomes huma Relaçaõ, ou carta pera o Padre Doutor Pedro da Fonſeca, a qual he a ſeguinte: *Aos ſeis dias do mes de Julho de 82 partimos deſte Collegio da China por ordem do Padre Viſitador, que aqui ficava, quatro Padres, & hum Irmaõ, convem a ſaber, o Padre Affonſo Sanches, que he hum Padre antigo, muito bom letrado, Caſtelhano, que aqui veyo dos Lucoẽs com ordem da obediencia, & hia pera Jappam, pera dahi o tornarem a mandar aos Lucoẽs, jâ que na China naõ havia embarcaçam, em que tornaſſe. Os demais eram o Padre Alvaro do Couro, & o Padre Chriſtovam Moreira, que ambos vieram de Jappaõ com o Padre Viſitador a tomar Ordens, & tornavam jâ ordenados, & outro Irmaõ, que foi deſſe Collegio, & veyo comigo, & eu.*

3 Poſto que o vento nos naõ era muito favoravel, toda via nos deixou chegar trinta, ou quarenta legoas deſta Ilha, & ſobrevindonos hum rijo Leſte, que he por proa, & nos fez tornar a deſandar o caminho, que tinhamos andado, & ſurgir ſeis legoas deſta Ilha, entre muitas Ilhas, que em alguma maneira nos defendiam da furia do vento, & por ſer eſſe dia, que era onze de Julho, conjunçam da Lua, nos deu hum tufam, que nos poz eſſa noite em muito perigo de ſe perder o junco, & quãto nelle vinha. Mas parte pela abrigada, em que nos tinhamos recolhido; parte (& eſta cuido, que foi a cauſa) porque tinhamos comnoſco huma cabeça das Onze mil Virgens, a qual quaſi toda a noite tive nas mãos, & todos com a inſtãcia, que em ſemelhãtes cazos coſtuma haver, lhe pediamos, que rogaſſe a noſſo Senhor, que abrãdaſſe ſua Divina juſtiça contra nôs, & puzeſſe ſeus olhos cheyos de miſericordia ſobre tãtas almas, como hiamos, & olhaſſe os bons dezejos, & propoſitos, que cada hum tinha.

4 Foi ſervido aquelle Senhor de ouvir os que nelle confiam, & durãdo o temporal menos de vinte quatro horas, ſe acabou, com nos ficar vento por poppa muito freſco, com o qual cõtinuàmos aos doze do meſmo mez noſſa viagem pera Jappam: & ditta huã Miſſa às Onze mil Virgens, fis huã pratica, dãdo graças a noſſo Senhor aſſim de nos ter livrado do perigo, em que eſtivemos, como de nos dar vento por poppa, como era o que levavamos.

5 Durou-nos eſte vento, & goſto quatro dias, nos quais andamos cento, & vinte legoas. Como os goſtos deſte mundo duram pouco, porque logo deſcobrem as fezes, & o fio dos diſgoſtos, com que vam tecidos, permittio noſſo Senhor, ou naõ ſei ſe diga, que aſſim o ordenou ſua Divina Mageſtade, que aos dezaſeis do meſmo mes de Julho pela menhaã no quarto da alva demos com o junco em huã Ilha, & coſta brava, onde naõ ſei ſe deram nunca Portuguezes, que ſe chama Liqueo pequeno, *& demos tãto na cabeça delle, que ſe deramos avante tãto como dous tiros de artelharia, eſcapavamos de todo o perigo.*

6 Tanto que o junco tocou, me vieram a chamar ao camarote, & acodindo com a cabeça das Onze mil Virgens nas mãos, comecei a conſolar a gente, & movela à contriçam de ſuas culpas. Era por certo couſa pera ver, porque Domingo à tarde eſtavam perto de quatro centas almas, que hiamos tam ledas, que nam cabiam de prazer, parecendolhe, que da-

dahi a ſinco, ou ſeis dias com aquelle vento ſurgiriam em Jappam ricos, & proſperos, & ſegunda pela menhaã todos chorando, & pranteando pedindo a Deos miſericordia, ſe quer pera ſalvar as vidas, jâ que as fazendas eram perdidas.

7 *Puzemo-nos logo os quatro Padres, que ahi hiamos, a confeſſar a gente, & em quãto huns ſe confeſſavam, outros alijavam o fato, & os outros cortavam os maſtros, que cõ velas, & vergas deitavam ao mar. Huns faziaõ preſtes a champana, & manchua, que levavamos; outros faziaõ jãgadas de rota, & taboas. Depois de termos toda a gente confeſſada, demos ordem como a manchua, que era muito pequena, foſſe a terra, & âs arrebatinhas ſe deitaram nella quatro peſſoas. Porem como a diſtãcia, que havia athe a terra, era perto de quatro legoas, & a manchua nam tinha vela, nem remo, & o vento era muito, & os mares encapellados, logo ſe alagou, eſcapando ſomente hum Portuguez, que nella hia.*

8 *Depois ſe botou a champana ao mar, que era maior, & aqui nos aventuramos a ſahir, por naõ haver outro melhor remedio. Entraram nella ſette, ou oito peſſoas, & quatro dos noſſos, ficãdo hum no junco com a gente, & cabeça das Virgens, & fizeraõ-me ſer por força hum deſtes quatro. Porem como a chãpana naõ tinha leme, nem maſtro, nem remo; ſenaõ mares, & ventos, & ondas, eſteve muitas vezes perdida, ſe Deos noſſo Senhor por ſua miſericordia nos naõ livrara, porque elle sò tinha a barca, que ſe nam alagaſſe, & que ſe naõ viraſſe; que foſſe pera terra, & naõ tornaſſe ao mar, pois naõ havia mais remos, que os dezejos, & deixarnos ir.*

9 *Finalmente chegou a barca, aonde tomãdo fundo ſahimos em terra. O junco cada vez hia abrindo mais, & a agoa chegava à bocca da bomba, pela qual causa a gente, que eſtava dentro, arreceando, que o jũco abriſſe de todo, & que morreſſem todos ali ſem remedio, ſe começaram a lançar no mar, huns em traveſſeiros, outros abraçados com camas, outros com taboas, & outros com jangadas a beneficio das ondas: mas a piedoza maõ do Senhor, & a Virgem noſſa Senhora, porquem todos gritavam, & as mãos dos Anjos da Guarda, que naquelle tempo, & paſſo naõ faltavam, de tal maneira lhes acodio, que de toda a multidaõ de gente, que lâ ficou, morreo ſomente huma peſſoa, chegando os de mais a terra, ainda que por debaixo da agoa; como entre outros muitos aconteceo ao Padre Chriſtovam Moreira, que era o que lâ ficava com a cabeça ſanta, bẽ contra minha vontade, porque vinha em huma jãgada cercado de alguns moços bons nadadores, & a cabeça da Santa Virgem atada no braço: & muitas vezes os mares viravam a jãgada, & o coitado do Padre por debaixo della com o* Miſerere *no coraçam, athe que ora aſſima da agoa, ora em baixo, o Padre puxãdo pela cabeça da Virgem, & a cabeça da Virgem ſecretamente puxãdo pelo Padre, ambos chegaram a terra, que cuido foram os derradeiros, onde ſe começaram a renovar os abraços.*

10 *Aqui entendi, que infallivelmente morrera, ſe ficara no junco, & me naõ fizeram embarcar com os outros Padres, porque como eu nam ſabia nadar, em qualquer jãgada, que me puzeram, naõ eſcapava. Mas noſſo Senhor, que ainda me naõ achou maduro pera a ſua meza, me nam quis ahi levar, empreſtãdome a vida por algum tempo; queira elle, que ſeja pera mais o ſervir.*

11 *Acabãdo nos todos de dezembarcar, nos ajuntamos na praya, hũs rotos, outros deſpidos, outros molhados, & todos com novos temores de*

naõ

naõ saber a terra, em que estavamos, nem o que fariamos; senam quãdo chegaram a nós alguns vinte gentios da terra despidos, encachados como Canarins com o cabello solto comprido athe as orelhas, posto que alguns traziam huãs tiras de papel brãco a modo de coroa, & todos com arcos nas mãos, & hum grãde mòlho de frechas, com ferros mui agudos, & compridos, & chegãdo a nòs sem nos dizer nada, começaõ a recolher todo o fato brãco, que ali havia de lenços, toalhas, camizas, & semelhãte; o que naõ somente naõ impediam os Portuguezes, que a hi estavam, mas antes lho davam de boa vontade; porque como ainda naõ havia armas, nẽ sabiam, que gente era aquella, se comiam carne humana, ou nam, nam lhes contradiziam a cousa alguma, principalmente do fato; antes tomavam por beneficio grande de Deos nam desarmar em nos seus arcos, & matarnos, sem escapar algum vivo.

12 *Por esta causa elles, sem achar impedimento, se carregavam de fato, & levando-o a esconder no campo, tornavam logo por mais, tam seguros, & affoutos, como se nenhum de nos estivera na praya. Sómente lhe escondiam os homens os paẽs de ouro, ou peças de prata, que tinham escapado, posto que ainda disto levaram seu quinham. O conselho, que no meyo destes temores se tomou, foi, que pois na terra havia povoaçoẽs, segundo collegiamos daquelle gentio, que nos fossemos a ellas seguindo-os, jà q̃ por acenos nos entendiam, & apprezentandonos a seu Rey nos daria algum arroz pera comer, & saberiamos, que modo de salvaçam poderiamos ter; porque isto era melhor, que morrer todos naquella costa brava sem remedio humano; & conforme a isto começamos a caminhar, o Padre Affonso Sanches por huma parte com muita gente, & eu com outra muita.*

13 *Depois de termos andado hũ pedaço, me veyo ao pensamento, que aquelle caminho, que faziamos, era desatino; que podia ser, que aquelles negros naõ tivessem Rey, senam que fossem como Brasiz, & posto que o tivessem, nam tinhamos lingoa, com que lhe fallar a elle, nem elle a nòs; & posto que a houvera, como nòs eramos tantos, & os negros segundo seu modo de viver eram tam pobres, nam haviam de ter com que nos sustentar; & naõ servia mais irmo-nos a elles, que irmo-nos meter a beneficio de seus arcos, & frechas, sem escapar nenhũ de nos. Que era melhor conselho tornarmo-nos à Bahia, & ver, se nas vazantes das marès podiamos salvar algum arroz do junco, & as armas, & com ellas fortalecermo-nos na praya, & da madeira, que do junco se tirasse, fazer huã embarcaçam, em que nos pudessemos salvar. Pareceo bem o conselho, & tornandome com a gente, que comigo hia, se tornou o Padre Affonso Sanches com os que hiam com elle no mesmo tempo, pelas mesmas rezoẽs, sem hum saber parte do outro.*

CAPITULO XXIV.

Do mais, que passou o Padre Pedro Gomes neste seu naufragio, & como delle sahio, foi a Jappam, & sua morte.

1 *AJuntando-nos outra vez na Bahia, fizemos com o Capitam, que desse ordem como algũs fossem ao junco a ver os mantimentos, que se pudessem salvar, pera q̃ todos os salvassemos, & puzessemos em monte commum pera todos. Dada esta ordem, se começaram a tirar alguns mantimentos do junco, como arroz, carne, vinho, & conservas: & porque pela enchente da marè se naõ podia ir ao junco, pelo mar ser alto, es-*

esperavamos cada dia hum pouco de jazigo na vazante; & entam se tiravam algumas cousas, que se punham em hum lugar commum, pera dahi se repartir com todos.

2 Durou isto quasi oito dias, os quais acabados, fendeo o junco, & se fez em pedaços, sem se poder aproveitar delle cousa alguma de mantimento, mais dos que estavam tirados. Nesta mesma praya hum pouco arredado do mar, onde a marè nam chegava, começamos a fazer de dous em dous, & de tres em tres nossas choupanas de palha, ou erva, que ahi segavamos, & os Portuguezes começaram a concertar suas espingardas, pera se defender dos negros da terra, que como moscas importunas nos visitavam, pera ver se podiam levar as cargas, que o mar botava à praya, & posto que a nôs nos nam servißem, toda via lhas impediamos, porque lhas queriamos dar em resgate de alguns saquinhos de milho, & arroz, que algumas vezes nos traziam: o que naõ foi pequena ajuda pera nos sustentar o tempo, que ahi estivemos.

3 Durou isto poucos dias, porque logo com desordens, que houve, se vieram os negros a escādalizar tanto de nòs, que jà nos nam traziam resgate, como amigos, mas nos tiravam frechas; & nos espreitavam, como a inimigos; & a hum Cafre mataram com frechas, & pouco menos a outros tres moços, cada hum dos quais trazia tres, ou quatro frechadas. Mataraõ-nos dous Chins gentios, & da noßa parte lhe mataram hum negro.

4 Neste primeiro lugar, onde fizemos as choupanas, havia tam roins agoas, que foi mercè de Deos naõ morrermos todos dellas: alem disso naõ havia lugar, pera se poder armar, & fazer huma embarcaçam, em que nos viessemos. Por esta causa fomos constrãgidos a mudar o sitio pera outro, que estava quasi meya legoa dahi, onde estava huã ribeirinha fresca de muito boa agoa, & se podia nella fazer hum navio, porque entrava por ella a marè. O trabalho, que tivemos assim em passar todo o mantimento, que tinhamos, como em acarretar a madeira do junco quebrado, pera fazer o barco, o nam crerâ, senam quem o vio. Finalmente com muitas calmas, & chuvas, frios, suores, descalços, & molhados, & em muitos dias nos passamos, & fizemos huã choupana grãde. No meyo della estavam os mãtimentos, & de huã parte estavam os Padres, & na outra o Capitam. A outra gente fez suas choupanas ao derredor.

5 Ordenamos tambem huã Capella, pera dizer Missa cada dia, & ladainhas, que foi huma das cousas, que naquelle trabalho mais nos consolavam, porque cada dia diziamos quatro Missas. Muitas vezes havia prègaçam; muitas pessoas se confessavam, & commungavam. Cada dia tinhamos ladainha na Capella, onde levavamos em procissam a Cabeça das Onze mil Virgens, arvoramos huã Cruz muito grãde, que fizemos, em sima de hum monte, onde a levamos descalços, & desbarretados em procissam com musica de cãtores a acompanhar, indo a Cabeça Sãta athe a por em seu lugar, & ali nos hiamos encommendar a ella.

6 A sustentaçam, que nestes dias tinhamos, era arroz, que tiramos do junco, & algumas ostras, que os moços armados com suas catanas por medo dos negros hiam mariscar pela praya, & algumas vezes se tomavaõ alguns peyxes na ribeira, & se matavam alguns veados no mato à espingarda, de que sempre nos mãdavam por sua charidade algum quinham. Com este tratamento nos adoeceo hum Irmaõ de febre, que lhe duraram quasi mes, & meyo, & lhe durariam todo o tempo, que a hi estivemos, se

Deos

Deos nosso Senhor per si mesmo sem mais mèzinha o naõ sarara.

7 Acodia-se aos doentes, que havia, ainda que pela misericordia de Deos eram poucos, & delles nos morreram dous de puro trabalho. Quando se começou a fazer a embarcaçaõ, logo o Mestre, que era gentio, determinou de a fazer grãde, assim pera salvar toda a gente, como tambem pera salvar algum fato, do que o mar botou na praya, que com muito trabalho ajuntaram. E naõ attentou, que sendo grãde, demãdaria muita agoa, mais, do que a ribeira tinha, & assim teriamos impedida a sahida; nam parece, que se attentou nisso, senam depois de feita a embarcaçam, que sahio tam grãde, que naõ podia sahir ao mar, porque a ribeira hia dando voltas, senaõ em conjunçam de Lua, & vazia, sem fato.

8 Augounos isto o gosto, que tinhamos de ver a embarcaçam feita, porque achavamos, que pera poder sahir, era necessario, que fosse calmaria, & que fossem agoas cheyas, & que naõ fosse dentro fato algum. Ora veja Vossa Reverencia, que fariamos, vendo que Settembro era acabado, & o inverno começado, & que a barra cada dia com area se nos hia serrãdo, & que as agoas eraõ huma sò vez no mes, & que os mãtimentos estavam jâ quasi acabados. Por certo que jâ começavamos a fazer traças de ficar ali, athe poucos, & poucos, ou às frechadas cahirmos mortos. A estes medos se ajuntou outro naõ menor, que estando o junquinho amarrado com seis amarras, ou cuido, que oito, meado Settembro veyo tal enxurrada de chuva, & vento pela ribeirinha abaixo, que a horas de vespera vimos com nossos olhos cassar, & quebrar todas as amarras, & a enxurrada levar o junco pera o mar, sem lhe poderem valer.

9 Vira Vossa Reverencia aqui renovar as lagrimas de todos, multiplicar os suspiros ao Ceo, chamar pela Virgem Maria, porque nenhũ remedio humano nos ficava, pera poder escapar, perdido o junquinho, & davamolo por perdido, que se chegava ao mar, logo o mesmo rolo do mar tornava a dar com elle na Bahia, & fazelo empedaços, & se encalhava em terra, as pãcadas, que com as ondas dava na mesma terra, o fariam em pedaços.

10 Mas como Deos nosso Senhor tinha determinado de salvarnos as vidas nelle, ordenou, como na ribeirinha, que hia fazendo voltas, se atravessasse em huã volta taõ longe do mar, que o rolo lhe naõ pudesse fazer mal, & à noite acodindo os Chins pela agoa, puderam chegar a elle, & acharaõ-no taõ saõ, que quasi nenhum mal tinha. Veja Vossa Reverencia a alegria, que isto causaria, nos que jâ se davaõ de todo o ponto por perdidos. Amarraraõ-no bem, & como cessou a enxurrada, o trouxeram aonde primeiro estava, athe chegar o dia das agoas, em que esperavamos poder sahir, assentãdo, que dentro nam levasse pezo, porque naõ demãdasse muita agoa.

11 Por tãto meteram hum pouco de arroz, que servisse de lastro, & de mantimento pera o caminho; & meteraõ-se dentro tres Padres com os Chins, que eram os marinheiros, & o Capitam, ficãdo eu com hum Padre em terra, pera consolar a gente, que nella ficava. Dia de Saõ Jeronymo pela menhaã, que era o dia das agoas, elles por mar, & nos ajudãdo por terra com toas, & agoa athe a cinta, & athe o pescoço, quis o bemavẽturado Sãto a poder de lagrimas, & Missas ajudarnos, que sahisse o junquinho, & chegasse ao mar.

12 Como o vimos no mar, puzemonos os da terra de joelhos a dar graças a Deos pela mercè. Começaram os abraços de huns & outros, & os perdoẽs, & lagrimas, porque entaõ

lhes parecia, que poderiam ir daquella Ilha, & vir a terra de Christãos. O junquinho naõ podia estar muito perto de terra pelo perigo de tornar a dar à costa, por isso foi necessario surgir longe. O vento, como em conjunçam de Lua, foi refrescãdo, & se muito crescera, forçadamente se havia de ir o junquinho, & ficarmos todos em terra. Bradei, quãto pude, que nas embarcaçoẽs, que hiam, & vinham, se naõ metesse fato, senaõ agoa, & gente, athe termos toda a gente dentro, & que se o vento nos desse lugar, entam meteriamos o fato, & se nam, ao menos se salvaria a gente.

13 *Por esta causa trabalhamos de embarcar primeiro toda a gente, & na derradeira barcada, em que eu hia, eu me vi mais perdido, que em todos os perigos passados, porque era hum barco pequeno, que fazia tãta agoa, que com dous baldes darem sempre nella, quasi que nam faziam moça. Hiamos nelle noventa, & tãtas pessoas com ar fresco, & ondas muito grãdes; mas quis nosso Senhor, que chegassemos ao junquinho, o qual como agazalhou a gente, nam esperou por mais, pelo perigo do vento, que crescia, & nos naõ era favoravel; & assim demos à vela dia de São Jeronymo daquella Ilha pera este Macao, onde chegamos em oito dias, sem encontrar ladroẽs, que naõ pouco temiamos. Bemdito seja o Senhor, que foi servido trazernos a salvamento com tãtos perigos.*

14 *Isto he, Padre meu, o que me lembra do nosso naufragio, o qual espero em Deos serà pera nossa salvaçaõ. Salvâmos os calices, & algũs ricos ornamentos, que levavamos, & salvarse-hiam perto de duzentos paẽs de ouro, que os mercadores levavam pera Jappam, & salvaraõ-se outras cousinhas de pouco preço. Agora fico nesta caza em Macao com nove companheiros, pera tornarmos apartir pera Jappam este Junho de 83, se nosso Senhor for servido. Entre tanto ficamos aprendendo a lingua. Nos santos sacrificios de Vossa Reverencia muito me encommendo. Macao 13 de Dezembro de 1582.*

15 Depois tornando a emprender a viagem, entrou em Jappaõ, onde gastou cousa de dezasette annos, nos quais obrou muito, & passou pelos trabalhos, que nestes annos houve naquella Igreja. Foi Superior dos nossos, que assistiaõ no Reyno de Bungo; depois foi por nove annos Vice-Provincial de todos os nossos, que estavam em Jappam, no qual tempo succedeo a cruel perseguiçaõ de Taycozama. Fazia imprimir muitos livros com imprensa, que tinham os nossos Padres, com os quais era geral o proveito das almas, que se recolhia; & se confirmavam os Catholicos.

16 No anno de 1600. lhe quis Deos dar o premio de suas virtudes, & trabalhos. Era elle enfermiço, & asmatico; deulhe hum accidente de apoplexia, o qual lhe tolheo logo a fala, & o tirou de seu acordo, mas tornando depois em si, ainda que naõ podia fallar, ouvia, & conhecia a todos. Mostrava no rosto grande alegria, quando lhe fallavam das cousas da gloria. Tornandolhe nova furia do accidente acabou a vida ao primeiro de Fevereiro de 1600. Houve a seu enterro grande concurso de gente. Achouse prezente Dom Agostinho, hum dos mayores senhores de Jappam, que o dia antes o viera visitar, & a despedirse delle, porque se hia pera a Corte. Prègou a suas exequias o Irmaõ Fara Martinho, Jappam, que tinha vindo a Roma. Depois de tratar em geral da morte, tratou das virtudes do Padre com tanta eloquencia, que a todos saltaraõ as lagrimas dos olhos.

17 Era o Padre tido, & havido por todos, assim de caza como de fora, por ho-

homem ſanto, por iſſo era geralmente reſpeitado, & amado. Ainda q̃ por toda a vida ſe preparou pera a morte, mais o fez nos ultimos dias, como ſe tivera noticia della: dizia por vezes, que naõ podia tardar muito. Poucos dias antes tinha feito confiſſam geral com o Padre Viſitador. No meſmo dia, que lhe veyo o accidente, diſſe Miſſa com muita devaçaõ, como ſempre o fazia.

18 Quando foraõ a mortalhar ſeu corpo, acharam aberto nelle a ferro os Martyrios da ſagrada Payxaõ de Chriſto noſſo Salvador, de maneira, que numa parte ſe viaõ os cravos, noutra a lança, noutra a coroa de eſpinhos, & os mais, que elle por ſua devaçaõ eſculpia em ſeu corpo, pera poder dizer com Saõ Paulo, que traſia em ſi os ſinais da Payxam do Senhor.

19 Foi homem, em quem as virtudes reſplandeceraõ em grao ſubido; manſo, humilde, paciente; tam obediente, que delle eſcreveo o Padre Viſitador Alexandre Valignano a noſſo Reverendo Padre Geral, que o Padre Pedro Gomes era homem ſem alguma vontade propria. Era devotiſſimo da Virgem Senhora, mui dado à oraçam, & de grande luz nas couſas eſpirituais. Teve grande zelo do bem das almas; o ſeu prègar era como o de hum Apoſtolo. Com nam o favorecer muito a voz, & eloquencia, eraõ as commoçoẽs tais, que com ſeus ſermoẽs fazia, que ſe via claramente, fallava Deos por ſua lingua.

20 Hum ſacerdote douto, & virtuoſo diſſe em hum ſeu teſtimunho, que elle ouvira prègar a homens mui aſſinalados, como aos Padres Ignacio Martins, Pedro Martins Biſpo de Jappaõ, Jeronymo Dias, & o grande Luiz Alvres, cujas vidas vaõ eſcrittas no primeiro tomo; que eram homens raros no pulpito, mas que nenhum vira, que com ſuas prègaçoẽs fizeſſe nos ouvintes igual aballo, ao que fazia eſte Padre. Elle meſmo confeſſou, que vinte, & ſinco annos pedio a Deos em Portugal a miſſam de Jappam, que ſe ſoubera as merces, & conſolaçoẽs, que Deos nella lhe tinha feito, tivera por bem empregado pèdir quarenta annos eſta miſſaõ.

CAPITULO XXV.

Refereſe huma carta do Padre Pedro Gomes, na qual ſe vem muitas virtudes ſuas, em eſpecial o amor à Companhia.

1 POr fim deſta vida quero aqui deixar em memoria huã carta ſua, que eſcreveo ao Irmaõ Domingos Joaõ, Cozinheiro Santo no Collegio de Coimbra, a tempo, que o Padre eſtava na Ilha Terceira. Ella eſtà taõ devota, & cheya de celeſtial doçura, que bem moſtra a muita devaçaõ de ſeu author, & o amor ſingular, que tinha à humildade, & a ſua mãy a Companhia. Diz pois aſſim.

2 *Irmaõ meu Chariſſimo. A Santiſſima Virgem Noſſa Senhora, Madre de Deos, Rainha dos Anjos, & Avogada dos peccadores, o conſole, anime, & ajude. Creame, Irmaõ Chariſſimo, que quando me lembra eſſa cozinha, em que andàmos; eſſes fracos ſerviços, que ahi faziamos, que me faz ſaudades, & creſcem os dezejos de ſer bom; pezame por me nam ter ahi aproveitado. Pezame, por haver perdido tãtas occaſioẽs, pera ſer bom, como ahi tive, & agora cayo na conta do que perdi. Praza a noſſo Senhor, que, ſe quer, deſta ſaudade me ſaiba aproveitar.*

3 *Irmaõ meu Domingos Joaõ, nam ſei, quãtos ſeram noſſos dias; iſto affirmo, que por muitos, que ſejam, ham de ſer muito poucos, & ſe os nam aproveitarmos, acharnos-hemos alcançados no tempo da conta.*

Eu lhe confeſſo, que me dâ noſſo dulciſſimo JESVS, pay clementiſſimo de noſſas almas, dezejos de começar; mas temo, que ſam fervuras de panella, que logo ſe apagam; & acabada a fervura, com que parecia, que a panella tresbordava, ſe acha mingoada, & falta. Oh quātas vezes acontece eſtar hum Irmaõ neſſa ſanta cozinha, & devotiſſimo Noviciado com fervores de devaçam, que lhe parece, que arde, & que nam cabe em ſi, dezeja tresbordar, & ajudar a outros; & dahi a pouco, quādo ſe occupa em judar a outros, & lhe paſſa aquelle fervor, ſe acha tam mingoado, & falto, que dezeja de novo tornar-ſe a chegar ao fogo. Pelo que em mim ſinto, julgo dos outros; que por certo pera me agora aquentar em devaçam, & recolhimento interior, tinha neceſſidade de eſtar alguns annos debaixo da maõ do meu Irmaõ Domingos Joaõ com mui eſpecial cuidado de mim neſſa ſāta cozinha, & eſcola de obediencia, & humildade.

4 *Naõ digo iſto, por me humilhar, mas creame verdadeiramente, que he aſſim, & que aſſim o ſinto em minha alma, nem pera iſſo lhe allego outra teſtimunha, que o dia do juizo, onde entendendo minha alma, conhecerà, quam certo he, o que lhe digo. Com tudo tenho eſte dezejo de ſer bō, & começar a ſervir a noſſo benigniſſimo JESVS, & a noſſa māy, & Senhora a Virgem Maria, pera o qual me he neceſſaria ajuda do meu Irmaõ Domingos Joaõ, a qual naõ ſerâ rezam, que me negue: ſe os paſſarinhos, & formiguinhas ajudam em ſeus trabalhos huās às outras, quāto mais rezam he, que os Irmãos nos ajudemos.*

5 *Se ao pè fraco, & doente ajuda, & ſerve a maõ; & a maõ ſerve aos olhos, com naõ terem juizo, quāto mais rezam he, que entre os membros deſte ſantiſſimo corpo da Companhia haja eſta Irmandade, & ajuda. Se a experiencia nos moſtra, que o amor natural, que hà entre Irmãos, filhos do meſmo pay, & māy, ſas ajudar de tam boa vontade hum ao outro, que arriſca por elle o que tem; que ajuda he rezaõ, que haja entre nos, cujo pay he o obedientiſſimo JESVS, & Amo o Sātiſſimo Padre Meſtre Ignacio, cuja mãy he a Sātiſſima Companhia, que nos ſuſtenta, na qual eſtamos unidos, atados, & aparentados nam com carne, & ſangue noſſo, ſenaõ com o ſangue de JESVS. Oh bemditta tal Irmādade, bemditto tal parenteſco, & bemditta tal uniaõ!*

6 *Naõ ſei, como naõ dezejamos os Irmãos de dar o ſāgue das veas, os olhos do roſto, & o coraçaõ huns por outros; porque ſe os parentes no mundo tem huma carne; nòs, que ſomos Irmãos, & parentes em JESVS, temos hum eſpirito, que he o de noſſo Superior, & eſte o de Deos. Eſte eſpirito de JESVS governa a Companhia; eſte rege, & allumia a noſſos Superiores; eſte diſtribue os officios entre ſeus membros; eſte conſola a ſeus filhos, & finalmente na fragoa da humilde obediencia prova a ſeus eſcolhidos.*

7 *JESVS he a cabeça, a Virgem Maria he o peſcoço neſte corpo ſantiſſimo da Companhia. Coitado de mim, & outra vez o digo, coitado de mim, como me ouzarei chamar membro deſte corpo? Prouveſſe a Deos, que eſcravo foſſe eu de JESVS, ſinalado com ſeu Divino ferrete, pera ſervir eſte ſeu tam ſanto corpo. Oh quem andaſſe, Irmam meu Domingos Joaõ, com o ferrete de JESVS na teſta, nas faces, nas mãos, & no coraçam, pera ſer conhecido! Oh quē trouxeſſe huā cadea muito rija deitada da maõ de JESVS, pera nam ſer fugitivo, como athe agora fui! Naõ quero carta de alforria de tam bom Senhor, ainda que elle ma queira dar, porque mais ganho com ſer eſcravo cativo, & afferrolhado ſeu,*

& de

& de sua espoza a Companhia, que de ser forro, & livre; & se alguns serviços alguma hora lhe fis, nam quero mais premio neste mundo, senam que de novo me cative mais, me prenda mais, & ate mais rijo em caza de minha mãy, pera que lhe nam fuja, nem desobedeça.

8 *Oh Santissima mãy, oh beinditissima Companhia de JESVS, quãto vos devemos? Vos, vindo nos cegos do mundo, nam sei com que nos abristes os olhos, pera ver a Deos; vos nossos ouvidos surdos abristes, pera ouvir as inspiraçoẽs Divinas; vos, como a mininos, que naõ sabiamos fallar de Deos, nos ensinastes a fallar com elle, & com os Anjos; vos como a criancinhas nos ensinastes a andar pera o Ceo; o mundo nos dà o temporal, & vos o espiritual; os pays da terra nos dam vida corporal, & vos espiritual; elles nos dam as mizerias, & vos nos ensinais a soffrelas; elles nos dam a carne, que puxa por nos pera baixo, & vos nos dais o espirito, que nos levãta pera sima; pois se tãto mais nos dais vos, que elles, quem terà os olhos abertos, que se naõ esqueça delles por amor de vos; consolãdome jà com isto a mim mesmo: mas he tarde, nam posso determe mais! O que lhe peço he, que à honra da Virgem nossa Senhora, do Nascimento, & do descendimento da Cruz, que mui particularmente se lembre de mim, offerecendo a nossa Senhora huma Ave Maria todas as vezes, que rezar seu Rozario. O mesmo peço a qualquer Irmaõ, que lhe acertar a ler esta carta. O mesmo peço a meu Charissimo Padre Frãcisco Martins, & Amantissimo Irmaõ Damiaõ Rodrigues, a quem naõ escrevo, porque hà pouco, que lhe escrevi, & ao meu Padre Pedro da Sylva. Esta carta acabado de ler, a rompa, Irmaõ meu, porque as simplicidades, que com meu Irmaõ fallo, nam saõ pera outros. Na santa bençam do meu Padre Manoel Rodrigues, Padre Fernam Peres, Padre Jorge Rijo, & Padre Christovam de Gouvea muito me encommendo. De Angra 30 de Agosto de 1574. Seu indigno Irmaõ, Pedro Gomes.*

9 Do Padre Pedro Gomes se faz mençam no Agiologio Lusitano, & na Bibliotheca da Companhia. Assim mesmo o Padre Fernam Guerreiro na Relaçam das cousas de Jappam pertencentes ao anno de 1600. Esta vida se recolheo de muitos documẽtos do nosso Cartorio de Coimbra, onde hà muitos papeis da gente nobre da Ilha terceira, em que testimunham o succedido naquella terra no tempo, que o Padre ali assistio. A Relaçaõ do seu naufragio anda impressa na segunda parte das cartas do Jappam.

CAPITULO XXVI.

Dos Padres Diogo Coelho, & Antonio Pires, & Irmaõ Francisco Rodrigues.

Bragança 6. de Junho de 1575

1 NAsceo o Padre Diogo Coelho em Arrayolos no Arcebispado de Evora. Entrou na Companhia em Coimbra aos 14 de Settembro de 1555, nella veyo a ser professo de tres votos solennes. Sendo Irmaõ foi a pè, & vestido pobremente em peregrinaçaõ ao Milagre de Santarem. Achouse ali em dia, que se costuma mostrar solẽnemente. Estãdo dentro da Capella, vio no Sãto Milagre a Christo em figura de peregrino, mas virado cõ as costas pera elle. Como o Irmaõ tinha grande affecto, de ver ao Senhor, lhe disse: *Senhor mostraime vossa face.* Logo o Senhor se voltou com a face pera elle, & lhe lançou a bençaõ. Ficou com este favor cheyo de inexplicavel alegria. Tanto se lhe imprimio a devaçaõ ao Senhor, que toda a vida lhe durou

com grande fervor, & piedade.

2 Dalli por diante teve singular devaçaõ ao Santissimo Sacramento. Elle mesmo confessou, que naõ sentia estar sette, & mais horas continuadas de joelhos diante do Santissimo, pelo grande gosto, & devaçaõ, que sentia em estar diante de Christo Senhor nosso. Isto mesmo se vio muitas vezes em Bragança em oraçoẽs continuadas, que se fizeram diante do Senhor pelas necessidades publicas, no qual tempo alem da oraçaõ, que por seu turno lhe cabia, elle tomava as horas dos fracos, & occupados.

3 Quando dizia Missa era tal sua devaçaõ, que parecia naõ se poder tirar do altar: eraõ muitas as lagrimas. Dizia, que elle dezejava no tempo de celebrar, accommodarse ao uso dos mais, porem que nam estava na sua maõ fazer outra cousa, pelo muito que o Senhor ali o enternecia. Todos os dias se confessava. A oraçaõ sempre era de joelhos, como tambem a reza do Officio Divino.

4 Foi muyto charitativo; a todos os de caza folgava de ajudar em seus officios. Quando vinham hospedes, o seu gosto era lavarlhes os pes, & procurarlhes todo o gazalhado. Se alguns estavam fora, tinha muito cuidado, que se lhe guardasse o comer, pera quando viessem. Consigo foi mui austèro, no comer parcissimo, & tinha voto de naõ comer muitas cousas de que a natureza mostrava ter appetite.

5 Dos pobres teve grande compayxaõ. Em Bragança sabia, os que estavam de cama, & em pobreza. Elle os visitava, consolava, & depois de acabarem, os amortalhava por hũ secular, que pera isso tinha, o qual lhe levava aos mais dezemparados as esmolas, que lhes grangeava; & assim era tido por pay dos pobres. Havia esmolas do Bispo, dos Ecclesiasticos, & seculares, comque acodia aos miseraveis. Em hum anno de fome, hia à portaria ajudar a repartir o comer aos pobres, elle os tosquiava com suas maõs; tal era a charidade deste bemdito Padre.

6 Das almas tinha grande zelo: prègava com muita devaçaõ ou fossẽ poucos, ou muitos os ouvintes, & costumava dizer, que tanto prègava com sôm, como sem sôm, porque com a mesma devaçaõ o fazia a grandes concursos, que a poucos ouvintes. Estando na ultima doença jâ sem falla, o Irmaõ, que lhe assistia de noyte, ouvio esta voz, *Irmaõ*, *Irmaõ*, com a qual espertou, que parece deu Deos entaõ falla ao enfermo, pera chamar o Irmaõ, em ordem a lhe meter na maõ a candea, a qual recebeo persignandose, que era nelle acçaõ ordinaria, & ajoelharse, & bater nos peitos, quando havia de começar alguma obra, ou havia de sahir, & entrar no cubiculo. Espirou com grande paz em Bragança aos 6 de Junho de 1575.

7 No dia seguinte sendo levado à Igreja, pera ser enterrado, em apparecendo, se levantou hum grande pranto de todo o Povo, por causa do amor, que todos lhe tinham, & conceito, que havia de sua charidade, & virtude. Na sua cova se notou por muitos annos estar hum como sinal do corpo todo a face da terra, como se fosse feito de azeite, o que dantes ali naõ havia. O Padre Francisco de Araujo, que escreveo estas cousas, diz, que no anno de 1593 vira ali esta nodoa, ou sinal; & que perseverava de veraõ, & de inverno; sendo, que o pavimento da Capella, onde estava enterrado, era mais alto, que o da Igreja, donde se collegia naõ ser humidade natural, mas algum sinal de sua santa vida, & misericordia com pobres. Por ser homem muito amigo de padecer, dizia, que nesta vida ou estar em Bragança, ou em Jappam, por serem terras asperas, & de maior trabalho.

8 *O Pa-*

Evora 2 de Novembro de 1608

8 *O Padre Antonio Pires*, a quẽ o Padre Nadasi no seu Annus dierum chama Antonio Pinas, foi Coadjutor espiritual. Era de tam fracas forças, & tam indispostas, que o naõ queriaõ por esta causa admittir na Companhia, porem com os desenganos, que lhe davam, naõ deixava de a pertender. Dizendo os Medicos; que se entrava, o mais, que poderia viver, seriaõ tres, ou quatro annos. Respondeo; eu hei de viver na Companhia, & hei de viver mais, que vossas mercês. Tudo se cumprio, porque foi recebido na Companhia, & nella viveo alguns quarenta, & oito annos.

9 Foi mui retirado de parentes: tres annos teve fechada huma carta, que lhe deraõ de hum seu Irmaõ, dela se servia pera cobrir o tinteiro. Huma molher, a quem asperamente reprehendeo do seu pouco pejo: logo se foi corrida de sua presença; servio em duas pestes com grande edificaçaõ, nas quais andou vestido de bocachim, & às vezes indo a cavalo pera acodir cõ presteza aos lugares necessarios, lhe succedia tomar os corpos mortos sobre o arçaõ da sella, & levalos à sepultura. Viveo despois sempre com edificaçaõ. O dia antes de morrer, pedio licença ao Padre Ministro, pera se recolher mais cedo, & ajuntou, que gostaria, o naõ soubesse o Padre Reytor, porque pedindo-o pera alguma confissaõ, naõ deixasse de o mandar.

10 Sua morte foi no Collegio de Evora aos dous de Novembro de 1608. Alguns annos depois se abrio sua sepultura, pera nella enterrarem outro defunto. Acharaõ toda a ossada unida, & como hum Irmaõ a fosse levantar por debaixo dos braços, ficou com as maõs cheyas de sangue. Succedeo outra cousa rara, & foi hum cheiro fragrantissimo, que se diffundio athe pellos corredores do Collegio.

11 O Padre Antonio Leyte, que compoz a Historia de nossa Senhora da Lapa, deixou escritto; que morando elle entaõ em Evora junto à portaria, sahira do cubiculo, & ao sahir foi tam grande, & taõ suave o cheiro, que cuidando ser o senhor Dom Duarte, Irmaõ do Duque de Bragança, que vinha muitas vezes ao nosso Collegio, se retirou outra vez ao cubiculo, athe elle passar. Dahi a pedaço tornou a sahir, & achou, que naõ era o senhor Dom Duarte, & o cheiro continuava. Entaõ se persuadio, que na sancristia se queimava algum perfume por causa dos corpos mortos das covas. Tambem nisto se enganou; & achou ser o cheiro dos ossos deste bemaventurado Padre.

12 O mesmo testimunhou o hortelaõ, que abrira a cova, o qual acabando seu tempo, se foi do Collegio. Succedeo dahi a hum anno, indo o Padre Leyte com outro Padre fazendo exercicio athe a Senhora do Espinheiro, meter pratica deste cheiro, & testimunho do Irmaõ, & do hortelaõ. Quando assim hiaõ praticando, vem vir pela estrada o hortelaõ, & chegando aos Padres, lhe disse o Padre Leyte: *Agora vinhamos fallando de vòs.* Respondeo elle, *apòsto que era sobre o vèlhinho*? Dizendolhe, que sim: tornou, que sobre o mesmo estivera elle a noite antes ao lume fallando com sua mulher. Estas cousas deixou apontadas o Padre Antonio Leyte. Naõ pude averiguar a patria deste Padre, nem o Noviciado, em que entrara. O Padre Antonio Leyte tem, que ouvira dizer, era natural da Mealhada. Muitas vezes acontece mudarem-se os nomes, ou sobrenomes dos sogeitos, & ficarem inuteis os primeiros Catalogos, quando nelles se naõ advertio a mudança. Por isso a estes tais meterei nesta obra no lugar onde me vierem à pena, pois he o principal assumpto, ficarem-nos em memoria as virtudes de nossos

Ir-

Irmãos; as outras circunstancias, pelas quais as encosto a este, ou àquelle lugar deste meu trabalho, sam cousas secundarias, & mui accidentais.

Evora 11 de Julho de 1613.

13 A morte do Irmaõ *Francisco Rodrigues* merece grandes invejas, & boa memoria. Ao certo se naõ sabe sua patria, cuidase ser Bragança. Depois de estar na Companhia, lhe levantaram ser Christam Novo; por este fallo testimunho o despedio de si a Companhia, porem como constasse, que fora aleyve, nosso Reverendo Padre Geral ordenou, o tornassem a receber, & entrou a segunda vez Procedeo sempre como Anjo.

14 Estava tisico no Collegio de Evora, quando no tempo do jantar se deu sinal com a campa, de que morria, acodiram alguns Padres, & Irmãos, acharaõ-no em artigo de morte, sem falla, os olhos cubertos de nevoa, esperando cada momento sahir desta vida, quando de repente se poz a rir com admiraçam de todos os prezentes, por verem acçam tam desacostumada em tal tempo. Perguntoulhe o Padre Sebastiaõ Rodrigues, se via alguma cousa? Com a cabeça disse, que sim. Perguntandolhe mais se via Nossa Senhora? Com o mesmo sinal da cabeça disse, que sim, & tornando ao semblante da morte, logo espirou. Falleceo no Collegio de Evora aos onze de Julho de 1613.

CAPITULO XXI.

Porto 16 de Outubro de 1613.

Vida do Padre Joam Pinto.

1 ESte ditoso Padre foi natural de Carquere no Bispado de Lamego. Seus pays se chamaram Francisco Botelho, & Lucrecia Teixeira. Entrou na Companhia em Coimbra aos 13 de Mayo de 1575, tendo dezaseis annos de idade. Em toda a sua vida o seu principal cuidado foi o estudo da perfeiçaõ. Dous memoriais se lhe acharam por sua morte, hum, que era como despertador dos seus bons propositos, outro, que seu confessor lhe mandou fazer, pera que à vista das merces, que o Senhor lhe tinha feito, se alentasse mais, & mais ao servir.

2 A ambos estes dous memoriais quero aqui tresladar por suas palavras, assim pera se ver o incansavel cuidado, que este santo homem teve de sua alma, como porque contem ensino, & se ve bem, quam uteis sejam semelhantes lembranças, aos que tratam de se unir muito com Deos. No primeiro, depois de dizer o dia, mes, & anno de sua entrada na Companhia, tem assim: *No anno de 84. inspirado nosso Padre Geral do Spirito Santo, alcãçou de sua Sãtidade hum Jubileu plenario pera os da Companhia se renovarem em espirito, confessando-se geralmente, & recolhendo-se quasi todos, pera o qual effeito eu tambem me recolhi em Coimbra no mez de Junho por espaço de oito dias, & fiz huã confissam geral, principalmente de nove annos proximos, ficãdo muito quieto, & satisfeito; & tãta apprehensam fis, que me veyo hũ estillicidio, de que se me inflamaram muito as partes interiores da boca.*

3 *Isto, afóra duas confissoẽs gerais, que tinha feito na Companhia dos annos de fora. Ao primeiro de Agosto de 86 estãdo em Braga tomei o segundo Jubileu, que nosso Padre Geral impetrou de sua Santidade, cõfessãdome de tudo, depois que tomei o outro Jubileu em Coimbra. Pera fazer esta confissam, me recolhi a fazer Exercicios huã semana, & no cabo me confessei, ficãdo muy quieto, & sem perturbaçam alguã de consciencia.*

4 *No anno de 88 se tomou neste Reyno pelo Spirito Sãto hum Jubileu, que sua Sãtidade tinha concedido*

do hum anno antes em favor, dos que pelejam contra os hereges, o qual eu tomei em Braga, & me confessei, sem ficar com escrupulo algum. No anno de 1592 a sinco de Março tomei Ordens de Missa; pera a dizer dia de Paschoa, me recolhi a semana santa, & foi grãde a suavidade, & consolaçam, & propositos de minha perfeiçam, com que aquella semana me vizitou Deos, meditãdo sua sagrada Payxam. No anno de 1594 aos 21 de Março me avizaram, pera ir com o Bispo Dom Luiz de Cerqueyra pera o Jappaõ. Fui de Coimbra a Lisboa em menos de tres dias. Aos tres de Abril do mesmo anno me confessei com o Padre Alvaro Lobo geralmente, principalmente de oito annos precedentes, & alguns escrupulos, ficãdo muito quieto na consciencia; & na verdade assim foi, porque aquella cõfissam foi feita por rezam do apparelho, que fiz no exame da consciencia, pera me embarcar. Com tudo fiquei, porque me foi mãdado em virtude da santa obediencia, que nam fosse.

5 *Nas ferias do anno de 97 tive em Coimbra huã semana de Exercicios, a fim de alcançar o Jubileu, que nosso Padre Geral impetrou de sua Sãtidade; tive muitos sentimentos de Deos, & dezejos da perfeiçam. Em particular fiz tres propositos. Primeiro,* de ser muito familiar com meu Deos. *Segundo,* de nunca dizer mal de alguem, & muito menos de Superiores, antes escuzar os outros. *Terceiro,* indiferença a qualquer obediencia, & acceitar o peyor. *Destes tres propositos me examinarei cada dia, athe me sentir aventajado com a graça Divina nestas virtudes.*

6 *Em Agosto de 98 tive huã semana de Exercicios spirituais, & tomei com paz de consciencia o santo Jubileu, que nosso Padre Geral alcãçou de sua Sãtidade. Aos sinco dias de Dezembro do anno de 99 fis profissam de quatro votos em Coimbra, precedendo confissam geral de todo o tempo da Companhia, que erã vinte, & sinco annos. Fis esta confissam com muitas lagrimas, & firmes propositos, & dezejo de me renovar, & de ser outro homem, & me examinarei, athe alcãçar o effeito. Fiquei sem escrupulo algum, muito satisfeito, & descarregado de tudo em minha consciencia, o que de minha parte podia fazer.*

7 *Nas ferias de 604 me recolhi alguns dias, & confessei geralmente, apparelhandome pera tomar o Jubileu, que pera os da Companhia concedeo o Papa Clemente, depondo quaisquer escrupulos de todos os sinco, ou seis annos precedentes. No anno de 605 por occasiam do Jubileu, que no principio do seu Pontificado concedeo o Papa Paulo Quinto, me confessei geralmente, & depus todos os meus escrupulos com satisfaçam, & fis tres firmissimos propositos, de que farei particular exame. Primeiro,* de pureza Angelica. *Segundo,* de me adiantar na oraçam. *Terceiro,* de por freo na lingua; *escolho pera isto por meus Mestres, & advogados o Beato Padre Ignacio, & a Santo Antonio Portuguez.*

8 *No mes de Julho de 606 me recolhi em Exercicios por oito dias, cuidãdo em meus peccados, & em minha vida, confesseime de todos meus escrupulos, & fiquei em paz de consciencia, dãdome Deos grãde vontade, pera executar aquillo de Saõ Paulo.* Cum autem factus sum vir, evacuavi, quæ erant parvuli, *procedendo na via espiritual com maior perfeiçam. Deume Deos dezejos intensos de alcãsar ser instrumento, de em mim se cumprir em tudo sua santa vontade.*

9 *Fundei na volta da vida, vẽdo-me de quasi sincoenta annos, huã escada de Jacob pera trato familiar com Deos de continuo.* Os dous lados *desta escada,* Amor de Deos, & do

proximo: *Os dous termos supremos*, Fè, & Esperança. *Os dous estribos infimos*, Conhecimento proprio, & Abatimento de mim mesmo. *Tres lãços de degraos pelo meyo: primeiro*, Humildade pera a liberdade de espirito: *Segundo*, Paciencia da mortificaçam pera a limpeza do coraçaõ: *Terceiro*, Oraçaõ pera devaçaõ da perfeita obediencia. *Farei todos os dias exame, de quanto subo. No anno de 608 adoeci em Coimbra de tercans dobres, & me confessei, como se houvera de morrer, posto que nam houve este perigo, & fiquei muito satisfeito. No mesmo anno ao primeiro de Novembro tomei o Sãto Jubileu, que concedeo sua Sãtidade pelas necessidades da Igreja, & depus meus escrupulos.*

10 *No mes de Julho de 610 me recolhi em Exercicios huma semana, & me confessei geralmente dos dous annos precedentes, & de todos os escrupulos, como se estivera no artigo da morte, o que fiz com paz inteira de consciencia. Toda esta semana disse Missa de Nossa Senhora, & algum Sãto, & da Payxam huã vez, pera alcãçar perdam de meus peccados. Fiz duas petiçoẽs: primeira*, Confirmai Senhor, o que obrastes em mim: *Segunda*, Quando faltar o meu esforço, naõ me deixeis. *Ao segundo de Fevereiro cheguei ao Collegio do Porto dia da Purificaçam da Senhora, pera succeder ao Padre Jacome de Medeyros Reytor, & tomei a Senhora por minha padroeira, & a Saõ Lourenço. Aos vinte de Janeiro de 612 com apparelho de huã semana de Exercicios fiz confissam geral, ficando quieto na consciencia.*

11 Athe aqui o primeiro memorial, o qual apontei, como o deixou, pera se ver melhor, como tratava da perfeiçam, & se andava de continuo purificando, & apparelhando pera a hora da morte. E com se ter confessado por tantas vezes geralmente, disse a hum Padre pouco antes de morrer, estando ainda sam, que antes de se ir do Porto, se havia de tornar a confessar geralmente. Lembrandose o Padre disto, estando elle jâ doente, & arreceando, que o mal fosse apertando com elle, lhe significou, que se sequizesse consolar com a confissaõ geral, que tinha dito, estava a bom tempo. Respondeo-lhe, que jâ tudo estava feito; porque se tinha muy de espaço confessado com hum Padre, preparandose pera morrer.

12 O segundo memorial tem cousa notaveis de algumas merces, & favores, que recebeo de Deos, como em premio do muito, que o procurava agradar. Dis assim: *Estas cousas me mãdou meu Confessor escrever, pera que achãdome alguã hora desgostozo, me lembrasse das merces, que Deos nosso Senhor me fes, & assim me animasse sempre ao servir exortãdome a mim mesmo, & fallãdo com minha alma. Lembrate agora alma minha, que estàs triste, dos gostos, & alegrias, que nosso Senhor te communicou. Agora he tempo de exercitar os bons pensamentos, & propositos, com que tãtas cousas dezejavas padecer por amor do mesmo Senhor, quãdo dezejavas de te ver em alguã occasiam, pera vencer o mundo, diabo, & carne, & pelejar fortemente contra a propria vontade. Lembrate alma minha, que prometer, & naõ cumprir, nam he de pessoa leal a Deos, & à sua Religiam.*

13 *Com estes, & semelhãtes pensamentos me esforçarei, trazendo-os à memoria, por muitas vezes mos communicar Deos nosso Senhor; mas sobre tudo o de que mais cazo farei, serâ, lembrarme de quãta consolaçam Christo nosso Senhor se me communicou por mais de oito, ou dez dias tam sensivelmente, que parecia,*

que todo meu corpo, & alma ſe derretia cada vez, que me lembrava huã reprezentaçam viva, que por ſonhos ſe me reprezentou.

14 Pareciame, que eſtava em huã Igreja, na qual muitas vezes tinha entrado, onde eſtava huã Imagem de Chriſto noſſo Senhor, que o reprezentava de quatorze, ou quinze annos, & outra do B. S. Jeronimo vivo. Eu chegãdome a elle lhe pedia, que rogaſſe a Chriſto noſſo Senhor, que quizeſſe ali moſtrarſe da maneira, que a Imagem o reprezentava; & eu tambem por minha parte lho pedia. Senam quãdo a Imagem ſubitamente deceo do altar, & ſe chegou alegre pera nós, & começou a fallar comnoſco; & a ſuavidade, que eu ſentia, era por chegar perto daquelle benigno Senhor, & tocar em ſuas roupas, mas que foſſe pouco, & porme à ſua ſombra.

15 Dahi a pouco me diſſe o bemdito Menino: Vamos peregrinar; E me levou por hum caminho taõ eſtreito, que nam teria de largura mais de hum palmo; mas era bem ſeguido, & cercado de huã parte, & outra de mato bravo, athe chegarmos ao cabo, onde enſima de huã rocha eſtava huma arvore muito grãde, & tudo o mais, que ſe ſeguia era hum grãde precipicio. O Senhor me mãdou, aſſentandoſe junto, que me puzeſſe ſobre huãs pedras, que eſtavam pera cahir. Eu me aſſentei, & ſentindo, que as pedras me hiam fogindo dos pês, comecei a chamar, que me valeſſe. O Senhor me diſſe entam, que me tiraſſe; & ajuntou, levãdome pera outra parte; que ſe queria ir pera o Ceo? Com o que fiquei triſte, mas naõ ouzãdo a contradizer a ſua Divina vontade, lhe pedi, que de ſeu Padre Eterno me alcãçaſſe duas virtudes, convem a ſaber Caſtidade, & Caridade: ao qual o Senhor, como quem me reprehendia, & ſe eſpãtava, diſſe: E naõ me pedes obediencia? Eu achandome alcãçado, deitãdome a ſeus pes lha pedi, & aſſim ſe foi.

16 Outra vez tambem em dia de Natal à meya noite no anno de 80 na Capella dos Irmãos de Coimbra me vizitou o Senhor Menino muito ternamente, chorãdo eu muitas lagrimas, vendo aquelle corpinho, em que eſtava enſerrado o Senhor, o Criador do mundo, a gloria dos bemaventurados, o Rey dos Ceos, & da terra, eſtar tremendo com frio ſem compayxam dos homens, por quem aquilo padecia. E aſſim me determinei de ter qualquer couſa em pouco por amor deſte Senhor, & naõ amar as couſas bayxas, pois elle as naõ amou.

17 Nem foi menor outra vizitaçam no mes de Mayo anno de 80, quãdo depois da morte de hum Irmaõ, ſentindome eu interiormente movido, alcancei do Padre Reytor licença, pera ter oraçam, & tomar huã diſciplina à meya noite na Capella dos Irmãos, onde entam eſtava o lenho da Sãta Cruz publico pelas neceſſidades deſte Reyno Ali comecei a oraçam das dez athe as doze, & tomei huã diſciplina entre huma, & outra hora, athe derramar ſãgue. Ali me conſolei muito chorando quaſi todo o tempo, que ali eſtive, meus peccados, & imperfeições, & pouco crecimento na virtude, tendo tãtos meyos na Companhia, pera crecer muito. Naõ poſſo exprimir, quam facil me pareceo ali o caminho da virtude, quam ſuave o modo de viver, & Inſtituto da Companhia, & quam alegre o ſerviço do Senhor; & iſto com hum grãde propoſito de me aperfeiçoar principalmente nas regras, & fazerme verdadeiro filho da Companhia, fiel a Deos em tudo, & agradavel aos homens, em quãto a honra de Deos ſenaõ interpuzeſſe; & iſto puramente por amor de Deos.

18 E aſſim dizia ao meſmo Senhor, eſtãdo naquelle lugar: Senhor, aqui vos offereço meu coraçam, mi-

nha alma, & tudo quanto em mim hâ. Tudo seja vosso, fazei de mim hum instrumento digno de vos servir. Senhor vos vedes minha alma: a mim pareceme, que com todas minhas forças dezejo fazer vossa vontade. Por impossivel tenho, naõ me ajudardes vós em cousa tam justa, como he servirvos, aquem todas as creaturas servem, & todos os Anjos adoraõ. Façase em mim vossa vontade, o mais passe, como passar. Se vir aos outros alevantados, & que se faz muito cazo delles, & que ninguem olha pera mim, façase vossa vontade. Se tambem vos aprouver, que doutra maneira vos sirva, façase vossa vontade, com tanto, que nunca me desempareis, nem me deixeis em minhas fracas forças estribado.

19 *No cabo de huma comprida doença me senti por huã parte compuncto, & por outra muito consolado, & foi desta maneira. Recolhidos jâ todos pera dormir, estãdo eu muito fraco, & debilitado das febres, & com a doença triste, se me reprezentou, qual seria a causa, porque Deos permittia, que eu fosse daquella maneira afligido: & revolvendo minha consciencia, me pareceo claramente, que a causa principal era a froxidam, com que procedia, tendo precedido muitas inspiraçoẽs boas, de que me pudera ajudar; por tãto com lagrimas, & amargura intrinseca do coraçam me lãcei aos pes da Divina Magestade. Determinei dali por diante vigiar sobre mim. Ser efficaz em minhas obras, & muito exacto em cumprir as regras da Companhia, & cuidãdo nisto por bom espaço de tempo, adormeci consolado. Acordãdo pela menhaã, se me tornou a reprezentar o mesmo pensamento, com que adormecera, & detendome nelle de vagar, me occorreo outra causa daquella doença nam menos principal; assim que achandome por muitas vias comprehendido, com muitas lagrimas pedi ao Senhor, que me perdoasse.*

20 *O que mais me consolou naquella meditaçam, foram as palavras do Psalmo:* Sacrificium Deo Spiritus contribulatus, cor contritum, & humiliatum Deus non despicies. *Porque por huma parte me via humilhado com a doença, & por outra me achava culpado interiormente, por eu ser a causa della. Desta maneira resignandome nas mãos do Senhor, que fizesse de mim, o que quizesse acerca de minha vida, ou morte, lhe pedi affincadamente saude, que eu propunha com sua ajuda de me emendar. E foi assim, que as cezoẽs se foram, & comecei a convalescer.*

21 *No anno de 83 me achei muito consolado, & tenramente movido, & muito allumiado interiormente, estãdo aquella noite em oraçam diante de hum presepe, que por sua devaçam hum Irmaõ fizera na caza do seu officio, & tãto mais proveitosa foi pera mim aquella vizitaçam do Senhor tam efficaz, quãto mais eu entaõ tinha necessidade della; porque bem te lembras, alma minha, que havia dias, que andavas triste, & nam sabias de què, & tãto que muitas vezes te puzeste a cuidar, que nam era possivel, senam que este Senhor estava de ti mui apartado por teus peccados, & naõ sentias senaõ confusaõ, & tristeza; & bem te lembras, que naquella noite te achaste resuscitada, ventãdo outros ventos, & apartãdose as nuvens. Nem te esqueças, alma minha, de dous propositos mais firmes, que entre outros entam fizeste, hum de procurar a virtude da humildade, & outro de te exercitar muito na santa paciencia, vendo quã necessarias te eram estas duas virtudes.* Este he o segundo memorial.

22 Tendo por toda sua vida preperado sua alma pera a morte cõ tanta

ta diligencia, bem se deixa ver, que seria de homem justo. Sobrevindolhe a ultima doença, nunca se lhe vio alguma desenquietaçam, excepto a que as dores consigo trazem. Vindo o Santo Viatico, antes de o receber, fez a protestaçam da Fè, disse ao Senhor palavras mui amorozas, & que tinha singular consolaçam de morrer em sua Companhia; pedio ao Senhor perdam dos defeitos, que tinha commetido em seu serviço, & aos prezentes tambem pedio perdam de suas faltas, & ignorancias, dizendo, que sempre dezejara fazer bem a todos. No Sacramento da Unçam, hia respondendo ao Sacerdote. Estando no dia antes de morrer tam fraco, que no braço esquerdo se lhe naõ achava pulso; & estãdo o do direito tam attenuado, que lhe faltavam pancadas, & de todo faltaram às nove da noite, perseverou com vida athe a menhaã seguinte; na qual aconteceo, que por erro o despertador deu sinal pelas quatro, a se levantar a Communidade, cuidando que eram sinco; entam indo hum Padre ao cubiculo do enfermo, elle perguntou, se estavam jà os Padres, & Irmãos levantados: respondendoselhe, que sim; mostrou alegria. E logo começou a entrar em agonia, como quem só esperava, que seus Irmaõs estivessem expeditos, pera orar por elle, & lhe irem dizer Missas, como em effeito foram, logo que com summa paz, & quietaçam espirou. Foi sua morte no Collegio do Porto aos 16 de Outubro pelas seis horas da menhaã no anno de 1613.

23 Tanto que se divulgou sua morte pela Cidade, foi o sentimento grande em todos, porque era mui amado de grandes, & pequenos. O Bispo mandou saber, a que horas se havia de enterrar, pera se achar prezente, como o fez. Concorreo a seu enterro todo o bom da Cidade, & muita gente do povo, porque todos tinhaõ de sua virtude a estimaçaõ, que merecia, & della havia grande opiniam.

CAPITULO XXVIII.

Vida do Padre Jorge Vaz, & do Padre Manoel de Morais.

Congo anno de 1553.

1 O Padre Jorge Vaz foi Superior dos primeiros da nossa Companhia, que prègaram a Fè no Reyno do Congo em Africa, ali padeceo muito, & ali finalmente acabou. Entrou na Companhia em Coimbra aos 16 de Novembro de 1545. Havia jâ Christaõs no Reyno do Congo desde o tempo Del-Rey Dom Joaõ o segundo, no qual este Reyno se descobrio no anno de 1484. Bautizouse o Rey, & a Rainha, foraõ pelo discurso destes annos prègar ali a Fè os Religiozos do glorioso Padre Saõ Domingos, & os Padres de Santo Elòy.

2 No anno de 1547, sendo em Congo Bispo Dom Joaõ Bautista, da Ordem dos Prègadores, o qual tinha assâs trabalho com os vicios do Rey; o mesmo Rey mãdou por seu Embayxador a Lisboa hum Sacerdote por nome Diogo Gomes, a dar conta a El-Rey das differenças, que tinha cõ o Bispo, & a lhe rogar, quizesse mandar, quem os doutrinasse, porque havia falta, de quem o fizesse.

3 Por esta occasiaõ determinou El-Rey, fossem alguns Religiosos da Companhia, & significou sua vontade ao Padre Mestre Simaõ. Logo escreveo ao Padre Luiz Gonçalves da Camara entam Reytor do Collegio de Coimbra, que nomeasse quatro, que fossem a esta Missaõ. Houve no Collegio muito fervor, & todos queriam ir, porem a sorte cahio sobre o Padre Jorge Vaz, os Padres Christovam Ribeiro, & Jacome Dias, & ao Irmaõ Diogo Soveral. Todos quatro se embarcaram com o Embaixador

dor Del-Rey no mez de Setembro de 1547, & com boa viagem chegaram à Ilha de Santo Thome, que he de ares muy destemperados. Nella adoeceram. Depois de mal convalescidos, continuando a viagem embocaram pelo rio Zaire, & chegaram a Pinda principal escala pera o Reyno do Cõgo.

4 Sabendo o Rey, cujo nome era Dom Diogo, a vinda dos Padres, os mandou receber ao caminho mais de sincoenta legoas fora da Corte. Onde foram levados em cavalos de pao: esta machina consta de hum pao comprido com hum modo de sella, em que o cavaleiro se assenta, & o levam dous negros aos hombros, hum por huma ponta, outro por outra; indo alguns mais de refresco, que se vaõ revezando. Nesta forma foram os Padres entre muitos tangères dos negros, com os quais costumam aliviar suas jornadas, porque sam naturalmente tam tristes como a noite, de cujas cores se vestem.

5 Chegando à Cidade de Saõ Salvador, que era a Corte, El-Rey, & seus filhos os sahiram a receber athe huma Cruz, que estava fora da Cidade. Entregaraõlhe a carta Del-Rey, naqual lhe dizia, em como enviava aquelles Padres, pera que com o Bispo Dom Joaõ Bautista o ajudassem, & a seus vassalos nas cousas tocantes a sua salvaçam. Festejou El-Rey muito esta carta, & os mandou agazalhar em cazas de palha, que saõ, as de que as povoaçoẽs dos negros se compoem. Logo foram dar obediencia ao Bispo, que se alegrou muito com este novo soccorro. Dispuzeraõ as cousas em forma, que se acudisse aos Christaõs jâ feitos, & a converter os gentios.

6 Neste principio foram as cousas com prosperidade, porque os Padres Christovam Ribeiro, & Jorge Vaz, sem perdoar a trabalho, discorrendo por varias terras do Sertam, converteram, & bautizaram muitos mil gentios. O Padre Jorge Vaz edificou tres Igrejas, huma ao Salvador do Mundo, outra da invocassam de nossa Senhora da Ajuda, a terceira a Saõ Joaõ Bautista, assistindo a estas obras El-Rey Dom Diogo.

7 Como a Ley de Christo naõ se compadece com os vicios; sendo estes de necessidade reprehendidos, os authores delles se haviam de disgostar. Queriam estes negros a Fè verdadeira, mas sem os seus encargos. Fazia-se-lhes mui duro deixar o uso de muitas mulheres, & o exercicio de suas feitiçarias, a que sam por estremo inclinados. Como os Padres os avizassem de sua obrigaçam, se enfadaram; deste enfado nasceo desprezarẽ-nos, gritando, que os lançassem fora, pois lhe queriam tirar seus antigos usos.

8 Vendo os Padres as cousas muy perturbadas, determinaram fallar com desengano a El-Rey: pera este effeito foram ao Paço, a cuja porta se puzeram assentados no cham, como o fazem os negros, que requerem, em sinal do respeito, que tem àquellas portas, dentro das quais assiste o seu Rey. Dandolhe o seu porteiro recado, que havia tempo estavam ali os Padres, respondeo com brados desentoados, que se fossem, que lhes nam queria fallar. Recolheraõ-se a sua caza, offerecendo a Deos esta repulsa.

9 Vendo os feiticeiros, que seu Rey estava desafeiçoado aos Padres, o atiçaram em forma contra elles, que lhes prohibio, o prègar. Intimãdose-lhes esta nova ordẽ, lhe mandaram pedir licença, pera ir a outras partes, aonde os convidavam. Como tratassem de sua partida, El-Rey lhes mandou rogar, que se nam fossem, arreceando perder os interesses, que lhe vinham do trato com os Portuguezes. Ficaram por entam continuando nos santos exercicios de prègar, confessar, & reprehender os vicios;

cios; porem isto era como refrescar as chagas, de que El-Rey se doia: começou a perseguir os Padres; muitas vezes os ameaçou com a morte. Abrangeo este odio aos Portuguezes, que ali contratavam, pouco faltou, pera os mandar a todos degolar. Reprimio este furor o medo, que tinha de quebrar com El-Rey de Portugal.

10 Como a ira contra os Padres era grande, ainda que lhe naõ poz suas sacrilegas mãos, fallava delles muy mal, & desenfreadamente. Naõ sofreo o Embaixador de Portugal tã to desaforo, embarcouse pera o Reyno, pera dar conta a El-Rey, do que em Congo passava. Com elle se partio o Irmaõ Diogo Soveral, pera informar ao Padre Mestre Simaõ. Este Irmaõ depois foi pera a India, onde fez a Deos muitos serviços. Com elles veyo tambem o Clerigo Diogo Gomes, que antes viera por Embaixador do Rey negro, & agora tornava, pera entrar na Companhia, como o executou, chamandose depois Cornelio Gomes.

11 Ficaram os tres Padres naquelle desterro cheos de magoa, por naõ poderem exercitar seus ministerios. Com estas vexaçoẽs do Rey, & malignidades do clima, que por ser de baixo da linha equinocial, he demasiadamente quente, se foi consumindo o Padre Jorge Vaz, & ali veyo a pòr fim a seus cansados dias no anno de 1553, nam acho o mes, & dia. Os outros dous, como tem a Historia geral da Companhia, mostraram, quanta virtude he necessaria, a quem hâ de andar muitos annos em semelhantes ausencias dos Collegios, & fora dos olhos de seus Superiores, que sam hũ grande freo dos subditos, porque houve rumor, que pouco a pouco se esfriaram no cuidado das almas, metendose em negociaçoẽs; por esta causa foram mandados vir pera o Reyno, & dar rezam de si.

12 Foi em seu lugar o Padre Cornelio Gomes, como pratico nas cousas de Congo, onde vivera, & o Padre Fructuoso Nogueira, este lâ morreo, & o Padre Cornelio, depois de lidar sem fruto, pera que El-Rey se puzesse em rezam, se voltou a Portugal, & foi Reytor no Collegio de Evora.

13 *O Padre Manoel de Morais*, a quem pera distinçam de outro do mesmo nome, chamaram *Senior*, nasceo em Bragança: foi recebido na Cõpanhia em Coimbra aos sinco de Novembro de 1543. Foi mandado à India no anno de 1551, foram treze por todos, os que da nossa Companhia no tal anno fizeram esta viagem. Era homem de conhecida virtude, o que bẽ se vio no mar, & na terra. Hia em huma das oito naos, que naquelle anno partiram pera a India, com mais quatro Irmãos da Companhia. Havẽdo de passar a linha, lhe deu por tanto tempo huma tal calmaria, que a gente perdeo a esperança de passar à India. Neste trabalho ordenou o Padre huma procissam, na qual sahio cõ disciplinantes, começando de hum altar, que se armou na popa athe outro que estava na proa com hum paynel de nossa Senhora da Piedade. *Em Goa Julho de 1553.*

14 Dando tres voltas à nao com a procissam, & chegando na terceira ao altar, onde estava a Imagem da Senhora, no mesmo ponto começou a refrescar hum vento por popa; & com elle continuaram, athe entrar em Cochim. Nesta viagem fez o Padre Morais muitos serviços a Deos, acodindo ao bem das almas, & dos corpos; elle era o Capellaõ da nao, elle foi sempre o enfermeiro; porque este foi o costume inviolavel dos nossos primeiros Padres, que emprenderam tam compridas navegaçoẽs. Pera elles o entrarem a nao, era entrar em huma Missaõ, & se ali acabavam cõ o trabalho suas vidas, as davam por muy bem empregadas; entendendo acha-

acharem na viagem da India, o que â India hiam buſcar, que era gaſtar as vidas em ajudar aos proximos. Elle, & ſeus companheiros de trabalho adoeceram, mas foi o Senhor ſervido, conſervar-lhes as vidas, pera ſe ſervir delles por mais annos.

15 Chegando a Cochim, como por haver de prêgar tres vezes cada ſemana, lhe naõ ficaſſe tempo pera a oraçaõ, ſe affligia muito; mas viudo ali de Jappaõ Saõ Franciſco Xavier, deſcobrindo-lhe ſua afflιçam, o Santo o inſtruio, & animou de ſorte, que ſoube mui bem ajuntar o trato de Deos com o do proximo. Prègando em Goa com grande eſpirito, à petiçam dos Portuguezes de Columbó, o Padre Provincial Gaſpar Barzeo o mãdou à Ilha de Ceylam, ſendo Capitaõ della Dom Duarte de Sâ, Fidalgo de muito valor, & piedade, o qual em Portugal fallando depois no Padre Morais, lhe naõ ſabia outro nome, mais que o de Santo, dizendo, que nunca nelle ſentira effeito de carne, ſenaõ de eſpirito, que ſo tratava das couſas do Ceo, & nada da terra.

16 Em Ceylaõ havia grandes abuſos nos Chriſtãos, como era comer carne em dias prohibidos, & ainda na Quareſma. Começando o Padre a prègar contra eſta devaſſidam, os ouvintes o tomavam em graça. Mas porfiou tanto ſeu incanſavel zelo, que foi entrando na gente o ſanto temor de Deos, & reſpeito às leys da Igreja. Houve tal contriçam, que ſendo os ſoldados, & mercadores gente deſconcertada neſte, & outros peccados, pediram ao Padre perdam de ſuas demaſias, tendo-o pedido a Deos.

17 Nos gentios fez muitas converſoẽs, em eſpecial foi muy notavel a converſam de hum poderoſo, ſenhor de muitas terras, que com ſua caza recebeo o ſanto bautiſmo. Foi ſeu trabalho tanto, que enfermou. Pera cobrar ſaude, foi mandado pelos Superiores a Goa, aonde viveo poucos dias: recebidos os Sacramentos morreo como Santo no mes de Julho de 1553. Depois de morto o acharaõ cingido com huma cadea de ferro. Foi homem, de quem Saõ Franciſco Xavier teve tam alto conceito, que partindo pera a China, o deixou em primeiro lugar nomeado por Provincial dos noſſos, fallecendo o Padre Meſtre Gaſpar Barzeo, & em ſegundo ao Padre Meſtre Belchior Nunes Barretto, cuja glorioſa vida fica eſcritta no primeiro volume, & ſendo elle hum tal homem, antepondolhe o Santo ao Padre Morais, he bom ſinal das grandes virtudes deſte ſervo do Senhor.

18 Do grande amor que teve à Companhia he boa teſtimunha huma carta ſua, que tras na primeira parte do ſeu Oriente Conquiſtado, o noſſo Padre Franciſco de Souza. *Bemdito ſeja* (dis a carta) *o Pay de noſſo Senhor JESV Chriſto, & pay de toda conſolaçam, que com as ſuas grandes Miſericordias aſſim nòs conſola, que podemos nòs tambem conſolarnos hũs aos outros, communicando entre nòs as graças, que nos faz, pera que todos juntos lhe demos infinitos louvores. Entre as grãdes mercês, que elle me tem feito, huã que me obriga a nũca ceſſar, de lhe render as graças, he o haverme trazido à Companhia de JESV, ſendo eu tam indigno, & tam inerte, pera a ſervir. Por iſto me reconheço tam obrigado, que ſe a ſerviſſe com mil corpos, & com mil almas, jà mais acabaria, de lhe pagar eſte favor; porque tenho pera mim, q̃ todas as miſericordias, que Deos me faz, me vem ſòmente, porque ſou deſta Companhia, & pelas oraçoẽs, & merecimentos de meus Irmãos.*

19 Houve tambem outro do meſmo nome, que fora primeiro pera a India, o qual tendo obrado couſas glorioſas na Coſta da Peſcaria, por fim naõ perſeverou na Companhia. Servindo-nos aſſim eſte, como outros

tros exemplos, que entre nòs hâ, de aviso, peraque ninguem, em quanto câ vive, por mais cousas, que tenha obrado, se de por seguro em sua vocaçam, antes indo de humas em outras obras santas, a modo de quem nada tem feito, se conserve. Do Padre Morais se faz mençaõ na Historia geral da Companhia, & na primeira parte da desta Provincia, & o Padre Sebastiaõ Gonçalves no livro sexto da sua Historia manuscrita da India.

20 *Prova disto he ver, que sendo eu tam insufficiente, & indigno, me trouxe a estas partes, pera converter as almas remidas com o sangue de JESV Christo, & me deu graça, pera prègar sua santa palavra, & aos outros vontade, & devaçam pera me ouvirem: alem de tãtas occasiões, que me tem dado de mais merecer, de mais padecer, de mais trabalhar, & de fazer mais penitencia; de maneira que posso dizer aquillo da Divina Sabedoria.* Omnia bona venerunt mihi pariter cum illa.

CAPITULO XXIX.

Dos Padres Jeronimo Rodrigues, & Francisco Henriques.

Coimbra 16. de Fev. de 1591.

1 DO Padre Jeronimo Rodrigues, he muy pouco, o que me veyo às maõs, mas como foi eleito pera huma larga peregrinaçaõ, por ser homem de especial edificaçaõ, farei delle aqui esta breve memoria. Sua patria foi a Cidade do Porto, entrou na Companhia em Coimbra aos 18 de Dezembro de 1564, tẽdo dezasete pera dezoito annos de idade. No anno de 1581, despois, que El-Rey Dom Philippe segundo tomou posse destes Reynos de Portugal, as primeiras Cortes, que teve, foram na Villa de Thomar, onde se abrio o testamento Del-Rey Dom Henrique de boa memoria, nelle se achou huma verba, que dizia desta maneira.

2 *Mando a meus testamenteiros, que despois do meu fallecimẽto façaõ ir por minha alma hum romeiro a Jerusalem a visitar os lugares santos, & irà por Roma, & beijarâ o pe a sua Sãtidade, pedindolhe me conceda huã absolviçaõ plenaria per modum suffragij por minha alma, juntamente pedirà a sua Sãtidade licença, pera ir a Jerusalem. & de caminho visitarà todas as Igrejas, em que hà estações em Roma.*

3 Vendo o Rey esta verba, logo mandou, que se cumprisse. Pera este effeito mandou chamar ao Padre Miguel de Souza entaõ nosso Vice-Provincial em ausencia do Padre Sebastiam de Morais, que era ido a Roma à eleiçam do Padre Geral Claudio Aquaviva; pediolhe El-Rey dous Padres, dos quais hum fosse pela alma de seu tio Dom Henrique, & outro por seu sobrinho Dom Sebastiaõ. Respõdeo o Padre Vice-Provincial, que pera fora da Provincia nam podia dar Padres sem licença do Geral. Logo El-Rey mandou escrever ao Padre Geral, o qual encomendou ao Padre Sebastiam de Morais, que ainda lâ estava, que nomeasse dous da Companhia, & fizesse avizo a El-Rey.

4 Tanto que o Padre chegou a Portugal, avisou ao Padre Jeronimo Rodrigues por romeiro pela alma Del-Rey Dom Henrique, deulhe por companheiro ao Irmaõ Balthezar Dias por El-Rey Dom Sebastiaõ. Feito El-Rey sabedor, mandou passar as cartas de crença necessarias, & dar o Viatico pera a despeza. Foram ambos despedirse Del-Rey. Disselhe o Padre: *Senhor, nos somos os peregrinos, que Vossa Magestade manda a Jerusalem, estamos expeditos pera a jornada, vimos saber, se quer de nos mais alguma cousa.* Respondeo: *Quero, que vos lembreis de me encõmendar a nosso Senhor nesses santos*

lugares, & nosso Senhor vos pagarà esse trabalho com os demais, que por seu amor fizerdes.

5 Naõ quis El-Rey darlhes a maõ, indo o Padre pera lha beijar, a escondeo debaixo da capa. Entam tomando a ponta da capa lha beijaraõ. Aos sinco de Dezembro do ditto anno de 1581 pelas quatro horas da tarde passaram o Tejo pera Aldea Galega. Foram atravessando toda Hespanha, visitando muitos dos mais celebres santuarios della, como o de Guadalupe, o de Monserrate, & outros. Passaram a Roma, a Veneza, & chegaram à Terra Santa.

6 Da jornada fez o Irmaõ hum roteiro, o Padre Jeronimo escreveo com grande miudeza hum memorial dos lugares santos, o qual he cousa mui devota, & curiosa, & o tenho diante de mim, quando isto escrevo. Todo elle està cheo da devaçam, de que o estam aquelles santos lugares, & estava, quem o escrevia. Aos palmos medio com suas mãos as circunferencias de tam inefaveis memorias, disse Missa nellas, onde hâ altares pera este fim. Algumas só venerou de fora, porquanto eram por nossos peccados entam mesquitas de Turcos, como o era a capella do santo monte Olivete, onde estam os vestigios do Senhor, quando subio ao Ceo. O Cenaculo, onde o Senhor celebrou, & veyo sobre os Apostolos o Espirito Sãto, & assim mais outros lugares, q̃ os Turcos converteram em cazas do seu Profeta, por estarem bem obradas pelos Christaõs.

7 Dis o Padre, que os lugares, de que os Turcos naõ faziam tanto cazo, eram os da Payxam de Christo, porque elles tem por cousa certa entre si, que Christo nam morreo, mas que os Christaõs por odio, que tem aos Judeos, lhe levantaram este falso testimunho; mas tem por cousa sem duvida, o que he glorioso, como o sobir ao Ceo da quelle monte. Do vagar, & devaçam com que o Padre vio os lugares, em que o Senhor obrou o nosso resgate, ficou tam penetrado de sua sacratissima Payxam, que no restante de sua vida nem podia gostar, nem cuidar de outra cousa. Veyo a fallecer muy santamente em Coimbra aos 16 de Fevereiro de 1591.

8 *O Padre Francisco Henriques* natural de Lisboa, entrou na Companhia em Coimbra aos 26 de Mayo de 1545. Delle tem o seguinte o Padre Manoel da Veyga no seu Memorial da Caza de Saõ Roque. *O Padre Francisco Henriques, ainda que lhe faltaram as letras, que naõ aprendeo, supprio por todas, as que podia aprender, a rara capacidade, juizo, & prudencia, de que Deos o dotou. Por estas partes sem ser letrado, lhe foi dado meritissimamente o estado de professo de quatro votos, que pode ser, fosse na Provincia exẽplo unico.* *Lisboã 16 de Março de 1590.*

9 *O talento grande, que tinha pera o governo, & negocios, se vio bẽ, & experimentou no tempo, que foi Reytor de Sãto Antaõ, Companheiro dos Provinciais, Procurador Geral da India, & Brasil, & Preposito desta caza, que todos estes officios fez com grãde satisfaçam.*

10 *Na Charidade pera com os proximos, & fervor em a exercitar, foi admiravel. Sendo Preposito no tempo da peste, em que ardeo esta Cidade, acodia aos enfermos; & ferido jâ com tres carbunculos, os visitava, & consolava, athe que de todo cahio, sem poder continuar com tam fervorosa charidade. Esteve muito mal, & muy proximo a dar a vida, a qual nosso Senhor lhe conservou, pera lhe fazer ainda muitos serviços, como fez, em quanto a gozou.*

11 *Ainda, sendo jà velho, & muito fraco, nam faltava no confessionario a ouvir todo o genero de penitentes,*

tentes, que se consolavam muito, de se confessarem com elle. Chamado, pera ir confessar os enfermos, acodia a elles arrimado em hum bordam, por lhe faltarem as forças corporais, mas nam as do espirito, & zelo pera trabalhar, por ajudar aos proximos no fruto de suas almas, & segurarlhes a salvaçam dellas, em quanto, & quanto pudesse.

12 *O conceito, que se tinha de sua virtude, & de seu entendimento, o fazia tam respeitado, que nas consultas de negocios de importancia cõmumente era ouvido com attençam seu voto, & seguido. No tratamento de sua pessoa foi muy exemplar, & no trato familiar com Deos mui solicito. Falleceo nesta Caza aos 16 de Março de 1590.* Athe aqui o ditto Memorial.

13 Sendo este Padre eleito pera ir a Roma por Procurador, se achava mui doente de tosse. Disseraõ-lhe os Medicos, que naõ estava pera caminhar. O mesmo lhe disse hum Padre grave vendo-o determinado a emprender a jornada, que a obediencia lhe impunha; acrecentando, que devia sua Reverencia accommodarse ao parecer dos Medicos, & naõ se arriscar sem necessidade. A isto respondeo: *Padre, a Companhia mais necessidade tem de exemplos, que de vidas:* Dando-lhe nisto a entender, que a obediencia se ha de antepor à vida, & à saude.

CAPITULO XXX.

No mar 7. de Fever. de 1585.

Morte do Padre Lourenço Cardim, & trabalhos seus, & de outros nossos Religiosos, que foram prezos pelos Hereges na viagem do Brasil.

1 DO Padre Lourenço Cardim só acho escritta sua morte, que por ser dada por Hereges inimigos de Deos, ainda que nam foi, quanto ao que parece, em odio da Fê, he digna de eterna memoria. Acrecentase, que estando nos ultimos alentos da vida, se lhe fizeram algumas vexaçoẽs, mais nascidas do odio à Igreja Romana, que de outro principio, como abaixo se dirà. Naceo este Padre em Viana de Alentejo da gente mais nobre daquelle povo. Seus pays se nomearam Gaspar Clemente, & Inez Cardim. Teve mais dous Irmaõs na Cõpanhia, a saber o Padre Fernam Cardim, grande servo de Deos, que foi Provincial no Brasil, o Padre Diogo Froẽs, que morreo em Lisboa servindo aos feridos de peste, ainda que entendo foi sendo jà Clerigo secular, por quanto sendo Padre Theologo o despediram.

2 Foi Irmaõ inteiro do pay do nosso ditoso Padre Joaõ Cardim, como digo em sua vida. Entrou na Cõpanhia em Evora aos vinte, & sinco de Julho de 1571, tendo dezanove annos de idade, & foi continuar em Coimbra. Sua morte teve a seguinte occasiaõ. Pedira elle com grande fervor ir ao Brasil a trabalhar na conversam dos gentios.

3 No anno de 1585 aos trinta de Janeiro partio de Lisboa com outros da nossa Companhia em huma nao Portugueza. Sahindo pela barra fora, naõ puderam andar aquelle dia mais de seis, ou sete legoas. Logo na mesma tarde tiveram vista da nossa nao duas velas Francezas bem artelhadas, & guarnecidas com alguns cem arcabuzeiros, que estavam junto à Ròcha de Sintra. Vendo passar a nao, deixaram anoitecer, & logo toda a noite a foram seguindo, athe que pela menhaã a alcançaram.

4 Estando à vista cousa de legoa, & meya, sospeitando o Capitam, serem cossarios, se começou a preparar pera a peleja. Exortou a todos, a defender suas vidas, nao, & fazendas. Todos sem nenhum discrepar, assim o

determinaram fazer. Acharse-hiam em a nao vinte, & finco homens de peleja. Os mais eram velhos, Religiosos, mulheres, & moços de pouca idade. A nao de armas hia mal provida, havia só dez espingardas, & essas sem haver pelouros, os quais se fizeram, & a cada espingarda se dariam finço todos inteiros. Havia quatro peças grossas de artelharia, & quatro pequenas, as quais por falta de balas, & outros apparelhos nam tiraram mais, que huma só vez. Lanças, & piques eram duas. De sorte, que havendo tanta falta de armas, sobejavam sómente animos, & se vio bem, quanto pòde huma boa resoluçam ainda desarmada.

5 Feitos os reparos convenientes ao redor da nao, & no Castello da popa, & proa se dividiram por suas estancias. Neste tempo o Padre Frãcisco Soares natural do Porto, que hia por Superior, lhes fez huma exhortaçam breve, propondo a obrigaçam, que no tal cazo havia de se confessar, & a vitoria, que Deos lhes daria, estando contritos, & confessados. Logo muitos se confessaram, outros disseram, que havia dous, ou tres dias, o tinhaõ feito em terra, & que naõ sentiam gravadas suas consciencias.

6 Ouvidas as confissoẽs, os animou a esperar na Payxaõ do Senhor, & nas Reliquias dos Santos, que hiam em a nao. Tirou huma Cruz de metal, na qual alem de outras Reliquias havia huma do Santo Lenho da Vera Cruz. Todos os da nao a beijaram com muita devaçam. Chegando os Francezes Luteranos a tiro de bombarda, mandou o Capitam amainar a vela da gavea, & virar a elles a nao, fazendo tirar huma peça das grossas, a qual passou por alto, sem lhes fazer danno algum. Começaram tambem os inimigos a esbombardear a nao, chegãdo-se mui depressa junto a ella, deitaram seus arpèos, & aferraram a capitania por proa, & o pataxo por popa.

7 A nossa artelharia despois da primeira carga, se naõ tornou a atacar. Os das espingardas tambem se serviram pouco dellas. Os Francezes como eram muitos, & mui destros, atiravam com tanta ordem, & presteza, que choviam os pelouros sobre a nao. Se algum se descobria, logo o derrubavam. Sua artelharia jugou sempre, em quanto durou a peleja, que seriam como tres horas. Nella fizeram muito daño em a nao, quasi lhe quebraram o mastro grande. A vela principal ficou como rede dos pelouros, que por ella passavam.

8 Alem disto lhe fizeram muito mal com o fogo, que lhe lançavam, o qual ateandose fortemente obrigava aos nossos sahir de suas estancias, pera o apagarem, o que fizeram por tres, ou quatro vezes muito à sua custa. Com tudo isto nunca os Francezes puderam entrar a nao, ainda que por tres, ou quatro vezes o intentaram; & os Portuguezes só com suas espadas, & dous piques os fizeram retirar; athe que vendo, era jâ alta noite, deixaram a nao, reservando o restante do combate pera a menhaã do seguinte dia.

9 Em quanto a peleja durou andaram metidos nella, dando animo à gente os Padres Joaõ Delgado, & Lourenço Cardim. Os mais Padres, & Irmãos estavam em oraçam, rogãdo a Deos, os ajudasse. No conflito morreram finco dos nossos, entre elles o Capitam, ficaram feridos outros tantos. Dos inimigos morreram quatorze, & sahiram feridos mais de outros tantos. Entre os nossos feridos foi hum o Padre Lourenço Cardim, que andava com hum Crucifixo, animando, os que pelejavam. Deulhe na cabeça hum pelouro, quebroulhe o casco; se acazo pudera ser curado, porque viveo ainda seis dias, poderia cobrar saude, mas o tropel dos ini-

inimigos, que no dia seguinte se apoderou da nao, ainda que houvessem surgiàm & medicinas, a nada deixaria lugar.

10 Vendo-se o Padre assim ferido, dizia com muita consolaçam sua, & de todos, que se tinha por mui ditoso de acabar por obediencia em tal empreza, desemparado de todas as consolaçoẽs humanas. Acabada a peleja foram os mortos, depois de encõmendados a Deos, lançados ao mar, & se curaram os feridos. Rompendo a menhaã, vendo os nossos, que os Francezes os tornavam a buscar, houve diversos pareceres; os mais diziaõ, que nam era bem pelejar, por serem os principais mortos, & por naõ haver jâ pelouros, nem apparelho necessario, pera jugar a artelharia, nem outras armas, pera se defenderem; donde se seguia, estar certa a victoria da parte dos Francezes, de que resultaria, tirarem a vida a todos. Tal era o valor destes poucos homens, que estando sem os principais, mortos jâ huns, feridos outros, todos cansados, ainda entravaõ em conselho, se se haviam de render: a tudo se anima, quem antepoem a honra à vida.

11 Em fim assentavam entre si, que se rendessem com tal condiçam, que se puzessem com elles a concerto; que os Francezes tirassem a fazẽda da nao, & lhes dessem as vidas cõ seus vestidos, papeis, & bastantes mãtimentos, pera em a nao se tornarem a Portugal. Tomada esta resolucam, levantaram bandeira branca, a nao Capitania dos Francezes levantou outra, significando, que nam queriam mais, que fazenda, que se entregassem, & lançassem o batel ao mar, pera se tratarem os concertos de parte a parte.

12 Parecendo fossem alguns Padres, & alguns Portuguezes, foi o Padre Francisco Soares, Padre Joam Delgado, & hum homem honrado, que hia pera o Brasil. Chegando a bordo, prometendo que nenhum mal lhes fariam, entraram seguramente; dos Francezes se meteram alguns soldados no batel, a ver a nossa nao. Eram capitaẽs destas velas, hum chamado Beltram, homem, que tinha muito de fera, & Andre Pè de pao homem de bom coraçam, sobre estes havia outro, que mandava a ambos, o qual era o destilado da crueldade. Cõ este trataram os rendidos, fazendo sua proposta; respondeo com boas palavras, o effeito veyo a mostrar eraõ só palavras.

13 Chegada a hora de jantar os convidaram com o seu biscouto, peixe salgado, & vinho de maçans. O Padre Soares; ainda que estava em jejum, nam pode enrestar a meter boccado na bocca, pelo asco que as iguarias lhe faziam, & tambem porque vindo o batel, imaginava, o deixariam voltar à nao, & lâ comeria, do que houvesse. Mas enganouse, tornou o batel à tarde, porem nam permittio o Capitam, que voltasse. Instando, que tinha lâ o Breviario, lhe deu o Capitaõ dous encontroens mui enfadado, & agastado.

14 Mandou só tornar à nao ao Padre Joaõ Delgado, ficando ali o Padre Soares com alguns Portuguezes. Partido o batel, saltaram os Grumetes nos Portuguezes, & os despiram, tirando tudo, o que lhes contentava, logo se foram ao Padre, o qual chamou pelo Capitam, veyo elle, & tal como os Grumetes desabotoou a jaqueta do Padre; achando-lhe ao pescosso huns Agnus dei encastoados, lhos arrebatou, & lançou ao mar. Depois achandolhe huma Cruz de metal chea de Reliquias, lha tomou com furia; como o Padre lha pedisse, dizendo ir ali hum pedaço da mesma Cruz do Senhor, imaginando, que ainda que herege, lhe teria algum respeito, nam fez cazo da petiçaõ; antes abrindo-lhe o parafuso com a

pon-

ponta do punhal, sacudio no mar as Reliquias cuspindo sobre ellas: havendo grande tristeza nos Portuguezes, & grande rizo nos hereges.

15 Feito isto envioufe ao Padre como fera assanhada, chamando-o Papista, gente do demonio, & outros nomes igualmente feos, que injuriosos. Despois o deixou em poder dos soldados, que athe meas, & çapatos lhe tiraram. Chegada a noite os meteram a todos debaixo da ultima cuberta, fechando a escotilha. De menhaã os tornaram a trazer pera o côvès, & nesta forma passou com os mais quatorze, ou quinze dias, que esteve em poder dos hereges, padeceo fomes, & sedes crueis, dormia sobre as pipas, & remos. Por vezes se persuadio, seria morto, porque lhe mostravam entranhavel odio.

CAPITULO XXXI.

Continuaõ-se os mesmos trabalhos, morre em grande desamparo o Padre Cardim, & como os mais vieram a Portugal.

1 NO tempo, que o Padre Soares padecia tanto, os que ficaram em a nao foraõ naõ menos vexados, em especial os da Companhia, a quem os hereges pegavam pelos collares das roupetas, & lhes punham os punhais na garganta, dizendo, lhes dessem o dinheiro, & as peças de prata, que levavam. Por mais, que lhe deram, o que traziam, nunca se contentavam; o que os moderava, era o Capitam Pê de pao, como homem mais posto em razam. Pedindo-lhe hum Irmaõ licença, pera concertar huma galinha pera o Padre Cardim, respondeo, que concertasse pera comerem todos. Respondeo, que por ser sesta feira, os mais naõ comiam carne; ao que elle repoz com algum sorrizo, *Andar, nòs temos cà noßas bullas do Papa, por isso nam temos escrupulo.*

2 Indose a seus navios os dous Capitans Beltram, & Pê de pao, veyo à nao o Capitam, que dissemos, era sobre ambos os dous Capitans. Este terrivel homem, ou fera ensangoentada, apertou muito com o Padre Delgado, lhe desse as peças de prata. Respondeo, que como naõ diziam Missa no mar, nam havia porque trazer consigo calices. Disse entaõ: dai logo ca o dinheiro, que ganhastes cõ as Missas, que athe agora dissestes. Respondeo o Padre nòs naõ levamos dinheiro por Missas. A isto acodio mui agastado: Como naõ? Pois heivos de fazer dizer aqui huma Missa; & tirando hum tostam da algibeira; disse pera o Padre, dizeime logo huma Missa por este tostam, senaõ heivos de cortar a cabeça.

3 Respondeo o Padre: bem me pode Vossa Senhoria cortar a cabeça, porem eu a nam hei de dizer, nem tomar dinheiro por ella. Aqui divertio a pratica pera hum Irmaõ chamado Diogo Martins, perguntando-lhe: vos outros, quem sois? Respondeo, que eram da Companhia de JESU: naõ entendendo, que queria dizer Padres da Companhia; perguntou de que Religiam eram? Respondeo, que eram JESUITAS. Ouvindo este nome se embraveceo chamando-os, hereges, diabos, mà gente, canalha do inferno, onde todos estavam; accrecentando muitas outras cousas contra elles, contra o Papa, & Santos; que logo os havia de matar a todos.

4 Apoz disto arremetendo a elles, os foi aos empuxoẽs lançando pela popa abaixo, & fazendo-os recolher pera o camarote; aqui foi no meyo desta ira encontrar com o Padre Lourenço Cardim, que estava ja sem juizo, & com os punhos da espada lhe deu algumas pancadas, athe os nossos o meterem dentro. Acodindo outro

Fran-

Francez, o despio, rasgoulhe a roupeta por diante, & o arrastou pelo chaõ, vendo se tinha algum dinheiro.

5 Assim ficaram todos no camarote animandose huns aos outros, imaginando, que segundo o odio, que os Hereges tinham aos da Companhia, determinariam de os matar. Passada huma hora, lhes foi recado, que subissem hum a hum ao Castello da popa. Aqui se persuadiram ser pera os matar. Foi em primeiro lugar o Padre Joaõ Delgado; subio assima, onde estavam dous soldados, que tinham junto a si de huma parte quatro, ou sinco espadas nuas, & da outra sinco, ou seis punhais. Em chegando lhe fizeraõ tomar huma vez de vinho, o qual lhe pareceo peçonha, persuadindose, que com ella os queriam ir matando a todos; mas naõ foi assim, porque o intento foi despilos, & ver se tinhaõ algum dinheiro comsigo.

6 Naõ pararam com isto os sustos, porque alguns soldados Francezes, & alguns Portuguezes lhe diziam, em como o Capitam determinava de os matar, por isso estavam apparelhados. Muitas vezes de noite os sobresaltavam jâ pondolhe os punhais na garganta, ja arrancando as espadas nuas, ameaçando-os com a morte, se lhe naõ davam dinheiro. O Pè de pao foi o seu remedio, elle foi, o que teve maõ nos Francezes, pera que os naõ matassem.

7 Dia da Purificaçam à noite ajuntaram todos os Portuguezes, que havia em a nao, & com os nossos Padres, & Irmãos os meteram todos jũtos no camarote. Eram por todas vinte, & seis pessoas. Por ser o camarote mui pequeno estavam huns atravessados sobre os outros. Aos meter dentro os despiram deixando a huns sem roupeta, & a outros só com ella. Pregaram a porta, & janelinha com muitos pregos, pera que nenhum pudesse sahir de dentro. Nesta forma os tiveram quatorze dias, & quatorze noites.

8 Neste tempo comiam de alguma fruta, que ficou dentro, & algum biscouto, que dous moços, que ficaram defora lhes davam por hum buraco. Tambem ficou hum barril de arroz, do qual mandavam cozer algumas vezes, mas pagava no fogam tantos direitos, que ou nada vinha, ou tam pouco, que quando os vinte, & seis metiam a maõ na panela, escassamente podiam tornar lâ a segunda vez.

9 Em tres de Fevereiro houve grande pendencia entre os Francezes da nao cativa, com os da outra nao sobre a pilhagem; estiveram a põto de se accometerem, & o fizeram se o Pè de pao os naõ aquietara. Neste mesmo dia à noite veyo taõ cruel tormenta, que todos se deram por perdidos. Naõ podendo dous homens governar o leme, tomou o Pè de pao o seu meneo, & por ser mui forçoso, elle sô o governou toda a noite, sem consentir, que outro algum se metesse nisto. Foi muito pera admirar os diversos effeitos, que fez em a gente este terror. O Pè de pao como homẽ de bom entendimento, & alguns outros fizeram propositos de mudar a vida, se chegavam athe a menhaã. Outros estavam como homens de pedra, sem isto lhes dar cuidado; o que mais he, havia alguns, que estavam neste tempo cantando, por ventura enganados com o proverbio, *Quem canta seus males espanta.*

10 Seriam onze horas da noite, quando a nao deu hum grande balanço, & se ouvio hũ grandissimo estouro. Foi o cazo, que a nao abrio por baixo, & fez hum braço de agoa. Adiaram a tres bombas, mas como todos andavam perturbados com o trabalho, todas tres se desconcertaram. Neste aperto hum Irmaõ nosso de dentro do camarote disse por huma greta oa Pè de pao, que os deixasse

la-

sahir, que todos ajudariam. Sahiram, & pondose com muitas panelas a formiga, foram esgotando a muita agoa, que entrava. Sendo tal o perigo, era tamanha a avareza dos Francezes, que naõ havia, quem quizesse dar hũ rolo de cera, dos que tinham furtado, pera os que trabalhavam, se allumiarem.

11 A penas se pode acabar, que dessem hum prato de estanho, que se pregasse na fenda. Pregado, que foi em breve tempo se esgotou, a muita agoa, que a nao tinha feito. Nesta tormenta desappareceo o navio mais pequeno dos Francezes, & todos tiveram pera si, que o mar o engulira. Em premio deste serviço os mandaraõ logo tornar ao camarote, & pregar a porta, como antes.

12 Por todos estes dias o Irmaõ Diogo Martins tinha rogado ao Capitaõ com muitas lagrimas, que se cõpadecesse daquelle Padre ferido, que os puzesse em terra, por ver, se o podiam curar. A reposta foi, que nam podia ser. Entre estas vexaçoẽs o enfermo em huma quarta feira à noite, ou huma quinta feira antemenhaã sete de Fevereiro, a puro desamparo entre as lagrimas de seus Irmaõs acabou esta cansada vida, pera ir gozar da vista de seu Creador.

13 Em a manhecendo, por muita mercè, mandou o Capitaõ despregar a porta, & que só o Irmaõ Diogo Martins tirasse pera fora o defunto, assim o fez, & o lançou com sua roupeta ao mar. *Foi* (dis o Padre Soares) *Muito sentida, & invejada sua morte dos Padres, & Irmaõs, que sobre elle choraram muitas lagrimas ainda estando vivo, & sendo o Padre Cardim tam bom Religioso, & vivendo na Companhia com muita edificaçam, ajuntandose a isto os trabalhos, & dezamparo, que naquelles dias com muita paciencia soffreo, podemos crer, lhe faria Deos nosso Senhor merce, de lhe dar logo sua gloria.*

14 Agora direi com brevidade o fim deste trabalhoso cativeiro. Logo que os Hereges tomaram a nao, se fizeram muito ao mar, pera a despejarem à sua vontade, & a seu salvo. Diziam aos prizioneiros, *Nos nam somos tam maos como os Portuguezes, pois vos deixamos viver; & vòs em nos tomando, nos enforcais no caes da pedra de Lisboa*, & este caes andava como proverbio entre elles. Tomaram por acordo irem à Ilha de Porto Santo junto à Madeira, esperando, que resgatariam a nao, & lhe dariam alguma cousa pelos prezos. Deste pẽsamento os tirou o Padre Joaõ Delgado, dizendo-lhes, que delles nam havia, que esperar. Em dezaseis de Fevereiro deixaram voltar à nao o Padre Francisco Soares, de cuja vista todos se alegraram, contandose huns aos outros seus trabalhos, & miserias athe ali soffridas.

15 Depois de tirarem da nao, quanto puderam levar, os deixaram nella como vinte legoas da Madeira, aonde os Padres dezejavam arribar, mas vendo ser mais bem cõmum, ir logo ao Reyno, puzeram a proa em Lisboa, naõ os favorecendo o vento, foram aportar a Galiza em hum lugar chamado *Nossa Senhora de Marin*. Dali passaram à Residencia de Saõ Fins, onde os nossos os vestiram, & puzeram em Braga, em que era Reytor do nosso Collegio o Santo velho Leam Henriques, lavoulhes os pès com suas maõs, vestios de novo à custa do Collegio. Dahi passaram a Coimbra, & logo a Lisboa com tençam, de no mes de Março deste anno, de 1585 se tornarem a embarcar pera o Brasil. Tanto era seu fervor, que com huns trabalhos se alentavam pera outros. A narraçam destas cousas mais diffusa, do que aqui vay, escreveo o Padre Francisco Soares, como quem nellas tivera tam grande parte.

CAPITULO XXXII.

Vida do Padre Sebaſtiam Dias.

Cochim 14 de Novembro de 1616.

1 FOi eſte virtuozo Padre natural de Lisboa. Seus pays ſe chamaram Antonio Bello, & Anna Ribeyra. Duas vezes entrou na Companhia. A primeira em Lisboa em o Noviciado de Campolide aos 17 de Abril de 1598 tendo quatorze annos de idade. Nam ſe acõmodando com a vida, ſe foi pera o mundo, no qual viveo alguns annos. Tinha elle outro Irmaõ na Companhia; quando houve de morrer, lhe deram licença ſendo eſtudante, que ſe achaſſe prezente. Eſte eſpectaculo o meteo muito por dentro, & determinou comſigo tornar a pedir a Companhia, onde a morte era tam ſanta, & aſſiſtida de tantos, & tam bons Irmaõs, como elle vira com ſeus olhos. Em effeito a pertendeo, & nella entrou a ſegunda vez em Coimbra aos dez de Fevereiro de 1604, tẽdo vinte annos de idade.

2 O tempo foi moſtrando, quanto tivera de Deos eſta ſua vocaçam, porque ſe lhe entregou muy de veras os annos, que viveo em Portugal, & os que depois viveo na India, pera aqual ſe embarcou no anno de 1614 com outros onze Religiozos noſſos, todos Portuguezes. Pouco depois do Noviciado lhe fez o Senhor hum favor raro, que ſó ſe ſoube depois de ſua morte por hum eſcrito da ſua maõ.

3 Tinha elle huma bolſinha quadrada de couro feita por ſua maõ, que lhe ſervia de Relicario, & a trazia pendente ao peſcoſſo, no Reyno por huma ataca, na India por huma fita de linhas. Eſta bolſinha teve ſempre em grande eſtimaçam. Huma vez em a nao a abrio a inſtancia dos Companheiros, moſtrou certas Reliquias, que nella tinha, & fechou na maõ alguns papeis, que della tirou. Por mais que o importunaram, nunca quis dizer, o que nelles ſe continha. Perguntandolhe, ſe era couſa de confiſſam? Reſpondeo, que era couſa melhor. Inſtandolhe, ſe eram Reliquias? Diſſe que de muita eſtima. Na doença ultima o ſeu cuidado era eſta bolſinha, trazendo-a ſempre de olho, tendo-a, ou ao peſcoſſo, ou à cabeceira.

4 Por ſua morte a tomou o Padre Reytor Andre Machado, & abrindo-a alem das Reliquias dos noſſos Santos, achou nella tres papeis dobrados. O primeiro dizia aſſim: *Remedios pera vencer as tentaçoẽes. Primeiro, lembrartehas, que es predeſtinado, & filho de Deos, & como tal naõ deves fazer vilezas. Segundo, lembrartehas da Payxam de Chriſto JESVS.* Da Payxam do Senhor foi devotiſſimo, & tinha os Paſſos della divididos por horas, nelles andava ſempre com o penſamento; & a tinha por remedio pera tudo.

5 Outro papel continha as ſeguintes palavras divididas em tres paragraphos: dizia aſſim o primeiro: *Pera tua grande conſolaçam, & pera que com facilidade poſſas reſiſtir às tentaçoẽs do inimigo, eſcreve as ſeguintes palavras, pera que quando te vires em trabalhos, as poſſas ler, & te poſſam ſer hum grande incentivo pera a perfeiçam.* O ſegundo paragrapho dizia aſſim: *Es predeſtinado pera os bens eternos. Eſtàs em graça, & confirmado nella. Has de morrer na Companhia, por tanto filho meu, animate a buſcar toda a perfeiçam; pera que aſſim me poſſas dar gloria, & pera ti adquirir muitos graos de graça, deſapegandote todo das couſas deſta vida, & lẽbrandote ſó de teu Deos, porq̃ me quero ſervir de ti, em quãto viveres, & iſto por minha mizericordia infinita. Hoje quarto Domingo da Quareſma ſinco de*

Março de mil seiscentos, & seis.

6 O terceiro paragrapho dizia: *Pois Senhor isto he assim, digo meu Deos, que naõ quero cousa nenhuma nesta vida mais que a vòs; & que procurarei com todas as minhas forças toda a perfeiçam com a vossa Divina graça, naõ vos offendendo em cousa nenhuma por muito leve que seja, & jâ que meu Deos fostes tam liberal pera comigo, vos peço, que o sejais tambem nisto, pera o qual tomo à Sacratissima Virgem por intercessora. No mesmo dia assima dito depois de Commungar.*

7 Quando se leo este escrito fez grande devaçaõ em todos, os que o ouviram, dando a Deos muitas graças por fazer àquelle seu servo hum tal favor, cuja santa vida bem mostrara ser homem, em quem Deos tinha posto o dedo, como em cousa muito sua.

8 Como este favor tam grande se lhe fez, quanto parece, do assima dito, em dia de Communham, foi como premio da grande devaçam, que teve ao Santissimo Sacramento. Foi esta tal, que nunca jâ mais perdia a prezença delle. Prègando huma vez de nosso Padre Santo Ignacio em Cranganòr, parou no meyo da prègaçam encostandose sobre a mam. Cuidaram os prezentes, que ou fora accidente, ou esquecimento. Perguntado depois do seu Confessor, que fora aquillo? Respondeo, que naquelle ponto advertira, lhe faltava (parece que com o fervor da prègaçam) a prezença do Divinissimo Sacramento, & que parara, pera a cobrar, & cobrada, continuou o sermam como dantes. A hum Superior abrindo sua consciencia disse, que nẽ quando rezava, nem em outro algum tempo, conjunçaõ, ou occupaçam lhe sahia da memoria esta prezença, conservandoa sem trabalho algum, & na reza a attençam do sentido às palavras, fazendo a cada versiculo particular offerecimento a nosso Senhor. Porque pera isto repetia o mesmo muitas vezes, era tido por escrupuloso.

9 Antes de ser Sacerdote, que tinha Companheiro, todos os Domingos, & dias santos, depois de commungar, se recolhia a huma capella, & ali com a porta, & janelas fechadas os gastava todos em oraçam dando graças ao Senhor pela merce recebida. Depois que nam teve companheiro, fazia o mesmo no seu cubiculo. Daqui nascia, que sendo jâ Sacerdote nẽ hum instante cortaria pelo tempo de dar ao Senhor as graças, depois de dizer Missa. Vindo de Coimbra pera Lisboa, quando se havia de embarcar, & dizendo Missa em Tomar, nunca jâ mais nem os companheiros, nem o almocreve puderam acabar com elle diminuisse o tẽpo de dar as graças por mais, que o importunaram, que perdiam jornada com a detença.

10 Em todos os seus trabalhos recorria ao Santissimo como a porto seguro, tendo diante delle hum quarto de oraçaõ: a este costumava elle chamar o quarto dos remedios contra todas as affliçoẽs. Esta mesma devaçam lhe deu forças, estando fraquissimo na ultima doença, pera ir ouvir Missa, & commungar à capella, tirando o ultimo dia, que teve de vida, que lhe levaram o Senhor ao cubiculo.

11 Era notaval a segurança, cõ que vivia de sua salvaçam; por esta causa nos perigos, que a nao teve, andando os mais em grande affliçam, elle nenhuma tinha; antes quando lhe diziam do perigo, respondia sem fazer cazo delle, deixem-me descansar, deixem-me dormir, se acazo estava recolhido. Quatro, ou sinco dias antes de morrer, estando hum nosso fallando com elle de Deos, de quem eram sempre as suas praticas, & vindo a tratar da predestinaçam, o doente

te lhe perguntou, ſe hum ſoubeſſe, que era predeſtinado, que faria? O outro lhe reſpondeo: eſtàr ſeguro, & deſcanſado, & conſolado. A iſto o enfermo levantando as maõs ao Ceo diſſe: Louvado ſeja Deos, grande couſa he eſſa.

12 Na doença nunca moſtrou triſteza. Ainda que lhe pediram, rogaſſe a Deos, lhe dilataſſe a vida, nam o puderam delle alcançar, dando por rezam, que elle queria eſtar indiferẽte pera o que o Senhor diſpuzeſſe de ſua vida. Se lhe diziam, que havia de ſarar com eſta, ou aquella mezinha, que ſe tinha por mais efficaz moſtrava triſteza, quando o certificavam da morte, moſtrava alegria no roſto. Dizendo-lhe hum Padre, que ſe alegraſſe, que brevemente iria gozar de Deos, chorando de conſolaçam reſpondeo, que com eſſa confiança jâ naõ dezejava viver, nem ſe atrevia dali por diante a tratar com gente, nem a contemporizar com os homens. Tambem diſſe, que com huma ſó condiçam ſoffreria ter vida, ſe de todos dali por diante houveſſe de ſer tido por inepto pera tudo, & tratado como hum bruto animal. Quando iſto dizia, ſó em ſe imaginar aſſim deſprezado, moſtrava tanto contentamento, que o Padre, a quem o dizia, ſe edificou, & admirou muito.

13 Em ſua vida todas as vezes, que podia, metia pratica, de quam grande couza era a graça de Deos, & quanto ſe havia de eſtimar naõ a perder. Mandandolhe huma vez fazer huma pratica de Noſſa Senhora aos eſtudantes, tomou por tema as palavras: *Ave gratia plena*, em toda ella naõ tratou outra couſa ſenaõ da eſtima da Divina graça, & quam excellente couſa era. A alguns noſſos pareceo entaõ naõ vinha, o que diſcorria, mui a propoſito ao intento prezente, mas a verdade he, q̃ lhe veyo à bocca, o de q̃ eſtava cheo o coraçaõ.

14 Teve ſingular devaçam à Senhora, a ella tomou por interceſſora, pera cumprir as promeſſas, que fizera a Deos. Em o papel dos ſeus ſentimentos eſpirituais poz eſte titulo: *Sentimentos, que Deos me deu por intercеſſam de ſua Mãy.* O primeiro quarto de tempo, que tinha, depois de ſe levantar pela menhaã, era dedicado à Senhora. Se algum dia, ou dias naõ podia fazer a ſua devaçam no tal quarto, no primeiro Domingo, ou dia ſanto, cumpria todos, os que tinha faltado.

15 Naquelle ſeu relicario, que aſſima diſſe, continha o terceiro papel eſtas palavras: *JESVS, Maria, hoje Seſta feira da Payxam de Chriſto Senhor noſſo, primeiro de Abril de mil ſeiscentos, & onze, proponho meu Deos, todo meu bem, de me entregar de todo coraçaõ a vòs, como de effeito me entrego, offerecendovos toda minha vida, & aſſim de hoje por diante me terei por morto a todas as couſas deſta vida, & muito em particular procurarei nam ſer honrado, nem eſtimado.*

16 Suas acçoẽs moſtraram a total entrega, que de ſi tinha feito à Deos. Hum Religioſo, que ſette annos o tratou em Coimbra, & algumas vezes ſendo companheiro do cubiculo, affirmou, que com elle, & outros attentarem nas couſas deſte ſervo de Deos, nunca lhe notaram couſa, que pareceſe falta, ainda muito pequena. Hum, que no Reyno o obſervara, & depois na India, vendo que lâ nam fallava em latim, imaginou, que o tinha apanhado em falta, porem depois advertio o nam era, por ſer aquelle o coſtume da terra. No ſilencio foi muy exacto. Nos tempos de fallar, eram as ſuas praticas ſempre de Deos; ainda que alguns imperfeitos, tendo-o neſta materia por importuno, ſelhe furtavam, nenhum ſentimento moſtrava diſſo, antes conſervava no roſto huma alegria ſanta.

17 No que lhe diziam, ou faziam de abatimẽto ſeu, parecia ſer eſtatua de pedra, ouvia eſtas couſas com roſto alegre. Alguem houve, que de palavra o tratou alguns mezes com aſpereza, uſando mal do ſeu ſoffrimento, com o qual mais ſe enfurecia. Vendo iſto o ſervo de Deos entrou em eſcrupulo, ſe por ventura o ſeu ſilencio dava occaſiam àquella deſcompoſtura, pedio conſelho a outro Religiozo em tudo inferior a elle, & dandolhe parecer contra ſua natureza, & vontade, ſe acommodou a elle. Eſtando na ultima doença propoz, ainda que com indiferença ao Superior certa couſa aſſaz impertinente, que delle ſenaõ eſperava. Sabendo iſto certo Padre, que com elle tinha confiança, o reprehendeo taõ aſperamente, como ſe fora hum Noviço, ou algum eſcravo. Dizendolhe, que naõ tinha ſizo, & que ſe o tivera, o perdera, & ſemelhantes palavras a eſtas. Ao que elle reſpondeo: *Padre a hi verâ, quem eu ſou, minha pouca prudencia, & virtude, fiz mal, & muito mal, no que fiz, ainda que nam foi mais, que reprezentar, o que ſe me offereceo, conheço minha grande impertinencia; agora veja, o que lhe parece, que eu faça, que tudo farei.* E aſſim apontando-lhe o Padre, o que era bem, fizeſſe, o cũprio a riſca.

18 Folgava muito de ſe accommodar ao parecer alheo em eſpecial, ſe o parecer era de Superior. Sendo eſcrupuloſo na reza, & tanto, que repetia a couſa vinte vezes, & mais; chamando-o hum Superior, & a outro Padre que com elle rezava, lhe mandou, que dali por diante nada mais repetiſſe; elle o guardou tanto à riſca, que em quanto aquelle Superior viveo na occupaçam, nunca repetio palavra. Porem morrendo elle, lhe tornaram os eſcrupulos, porque com a ſua morte ſe acabou a ſua obediencia.

19 Coſtumava dizer muitas vezes, ſe os Superiores o mandaſſem à grimpa da Sè, pera ver donde vinha o vento, que iria com tanta eſtimaçaõ da obediencia, com tanto goſto, & vontade, como ſe o mandaſſem prègar. Com tanta applicaçam leria huma eſcola de meninos, como Theologia. Com tanta alegria iria à cozinha, como ao confeſſionario, porque ſó tinha os olhos em ſervir a Deos, no que ſe lhe mandava. Tudo fazia com alegria, & indiferença.

20 Eſtando em Coimbra, & vendo avizar hum amigo pera India, lhe foi pedir conſelho, ſe pediria reſolutamente eſta Miſſaõ, pera aqual ſe tinha com indiferença poſto nas maõs dos Superiores. Dizendolhe o outro, ſe deixaſſe ficar em ſua indiferença, athe noſſo Senhor lhe dar maiores impulſos, pera pedir abſolutamente; depois na India lhe perguntou aquelle Padre, ſe pedira declaradamente ir pera a India? Reſpondeo, que ſim, porque interiormente ſe ſentira movido. Na doença nunca pedio couſa abſolutamente, mas ſó propunha, o que ſe lhe offerecia, ficando pera tudo indiferente.

CAPITULO XXXIII.

Das mais virtudes do Padre Sebaſtiaõ Dias, & ſua ſanta morte.

1 NA mortificaçaõ aſſim interior das payxoẽs, como na exterior de veſtir, comer, & mais couſas, teve grande cuidado, & meudeza. Em a navegaçam nas maiores calmas de Guinè, tomando os companheiros outras roupetas mais deſabafadas, elle nem importunado o quis fazer, nem na India uſar de algum dos privilegios, que pela quentura, & clima da terra ſe uſam. Nunca lâ bebeo vinho. No comer era taõ

par-

parco, que se podia delle dizer, que sempre jejuava. Aos que lhe diziam, ser consigo mui rigorozo. Respondia: *Com isto posso sustentar a vida, tenho escrupulo de comer mais. Que encurte com esta abstinencia dez annos de vida, vay pouco, com tanto que me mortifique.*

2 Tinha medido o seu sustento segundo os avizos, que nosso Santo Padre tem acerca desta materia no seu livro dos Exercicios. Advertindo hum Padre, que elle aos quatro boccados parava, & se dava por satisfeito nos ultimos tempos da vida; perguntado, porque assim o fazia, dava por reposta, que com aquelle pouco estava satisfeito. A modestia dos olhos, & mais acçoẽs era tal, que por ella lhe davaõ o nome de Santo. Vindo de Coimbra pera a India com seus companheiros, se encontrou com elles hum homem no caminho, & só de ver sua modestia, concebeo delle tal conceito, que vindo pelo Tejo no mesmo barco, & levantandose huma tormenta, com que cuidavam, se perdiam, disse o secular, (que tambem hia pera a India:) *Seguros imos, de nos perder, em quanto aqui for este Padre, assim seja eu ditozo, que vâ pera a India em a nao, em que elle for.* Succedeolhe assim, & por vezes dizia, que estivessem seguros de que a nao havia de chegar à India, pois levavam consigo aquelle Padre.

3 Em Cranganòr costumavam dizer os soldados do presidio, sendo gente de ordinario estragada, que a maior consolaçaõ, que tinham, era quando viam o Padre a huma janelà, em que elle costumava rezar. Em hum seu sentimento tem estas palavras: *Propuz de ser modesto na prègaçam, modesto no refeitorio, modesto no repouzo, modesto na classe, modesto nas ruas, & caminhar, modesto nos corredores, modesto no cubiculo, modesto com os secularos, modesto nos Santos, modesto nas praticas, modesto nas disputas, modesto na recreaçam, modesto no ler, & servir à meza, modesto finalmente em todas minhas acçoẽs.* Tal era o cuidado, que tinha desta Angelical virtude.

4 Esta circunspeçam, que teve nos olhos, guardou nos outros sentidos. Do ouvir, & cheirar tem as palavras seguintes: *Propus de nam ouvir novas, assim em caza como fora; de naõ ouvir adulaçoẽs, de nam ouvir murmuraçoẽs, de naõ ouvir ociosidades. Propus de emmendar isto, quanto pudesse, & quando nam, mostrar alguma gravidade no rosto, acompanhada com silencio. Propus tambem, de naõ ouvir, o que outros fallam, nem espreitar, se fazem alguma cousa mal feita. Propus finalmente de naõ ter, nem usar de cousa alguma de cheiro, antes de me mortificar, ainda que sejam contas &c. E soffrer, se alguma cousa me cheira mal, & de naõ ouvir liviandade.*

5 A cerca da lingua, & do tacto tem assim: *Propus de guardar silencio estreitamente, & fogir por esta causa das officinas, classe, ou ajuntamentos, onde mais facilmente se pode quebrar; de naõ fallar liviandades, de naõ murmurar, de nam adular, ainda que me traga capa de virtude, porque muitas vezes he engano. De naõ andar com os Superiores com mexericos. De rarissimamente fallar a pessoas de fora. De naõ ferir a meu Irmaõ ou encuberto, ou descuberto. De naõ dizer faltas no repouzo. De naõ fallar ociozidades. De naõ saber nada de meus parentes, senaõ o que for justissimo. De na recreaçaõ, ou repouzo nam porfiar, & haverme nella com grandissimo resguardo, & recolhimento. De naõ resmungar. De naõ me escusar, de nam responder, senaõ que avizandome pera alguma penitencia, ou outra cousa, inclinando a cabeça direi:* Sim Padre, ou sim Charissimo.

6 *Se tiver licença, pera fallar*

na

na classe, serà de duas cousas, conuẽ a saber de Deos, ou do estudo, & isso temperadamente. Nam fallarei com os Irmãos na classe, nem à ida, nem à vinda della. Quando houver de fallar alguma cousa necessaria, cercearei as mais palavras, que puder. Quãdo algum tiver licença, pera me fallar, sejam as palavras, quanto puder ser, de Deos, & poucas. Nem no repouzo, nem alguma outra parte me mostrarei sabio, ou bacharel, principalmente com os mais velhos.

7 *Propus de guardar estreitissimamente a regra de tocar, & quando abraçar alguem, seja com todo o resguardo, de tocar nos seculares, ou estãdo algum doente ver se tem febre na cabeça, ou em outra parte, & finalmente assim no estar assentado, cõ em tudo o mais, guardarei isto muito bem, & tambem da inconsideraçam das palavras, & mentirinhas fogirei mais, que do Demonio.* Estes propositos, que bem se ve, quanta perfeiçam denotem, guardava cõ exacçam, & como quem fazia estas escritturas, pera se ajustar com ellas.

8 Sendo tam mortificado, claro he, que havia de ser homem de oraçam, como verdade foi. Houve Padre, que tendo oraçam o Padre Sebastiam Dias, punha nelle os olhos, & só com ver a devota prezença, com que estava, sentia em si novo fervor. Notou mais, que em o Padre se pondo de joelhos, ficava com tal reverẽcia, que se lhe reprezentava, experimentar sensivelmente a Magestade de Deos, que lhe assistia. Quando tinha companheiros do cubiculo, por vezes deram fè, que com muita quietaçam, por naõ ser sentido se levantava de noite a orar, & nisto gastava boa parte della. Pela menham, quãdo hia o espertador, se punha dissimuladamente sobre a cama, fingindo, que se vestia. Isto mesmo guardou no mais tempo de sua vida, porque sempre levou adiante os primeiros fervores.

9 O que nesta materia observava, tem nos seus sentimentos espirituais por estas palavras: *A oraçaõ, & exames propus de ter sempre de joelhos com as mãos sempre no peito, sem encosto. De ler cada dia meu livro espiritual com consideraçam, & com tempo certo. Antes de me deitar lerei a Meditaçam, & sabelahei antes do exame. Guardarei as addicçoẽs da oraçaõ de nosso Beato Padre Ignacio, quãto puder. Depois de me levãtar feito o exercicio quotidiano, & ido pera a capella, ou Igreja, & lavado o rosto, me apparelharei do modo, que eu sei, rezãdo depois as devaçozinhas, que costumo.*

10 *Posto em oraçam fazendo os preludios, começarei a discorrer cõ viveza de entendimento, & affeiçaõ da vontade; & a mesma viveza com devaçam guardarei nos exames, de que farei muito cazo. Sempre acabarei a oraçam com os meus dous colloquios, notando o fruto, se puder. Farei meu exame particular, guardãdo muito bem suas addicçoẽs. Todas as horas darei graças a Deos pelo passo da Payxam daquella hora, trazendo-o sempre, quanto puder, na memoria; & nos quartos farei actos de amor de Deos.*

11 *Ouvirei minha Missa com as consideraçoẽs, que costumo. Todos os oito dias darei conta a meu Padre espiritual, tendo dia sinalado; & todos os mezes ao Superior pedindolhe juntamente penitencias com huã disciplina no refeitorio, & isto pelo Sãto, q̃ me cabir no mez. Rezarei a coroa cõ as consideraçoẽs, que sei. As ladainhas da Cartilha, conforme aos dias. As nove Salve Rainhas a nossa Senhora. Dous Padre nossos, & duas Ave Marias a Saõ Pedro, a antiphona de Saõ Miguel, a de Saõ Jozeph. O Officio de Nossa Senhora huã hora cada dia, & acabarei no sabbado; tudo isto com as petiçoẽs, que sei, meditãdo juntamente quãdo rezar;*

zar; mas nunca rezarei senaõ em pè, ou de joelhos, & sempre com as maõs levantadas. Quando naõ puder ter o quarto da Virgem todos os dias, todos os oito dias em hum grãde pedaço lhe darei conta dos propositos, que aqui escrevi. Athe aqui as suas palavras.

12 Estando na ultima enfermidade, & jâ mui debilitado, pedio lhe dessem hum Irmaõ, que huma, ou duas vezes no dia lhe lesse liçaõ espiritual, que ouvia com grande applicaçam, & devaçam. Foi mui desapegado de parentes. Quando foi pera a India, sempre que com elles fallava, o fazia de cousas de Deos, & nada mais. A primeira vez, que se embarcou, arribou a nao. Perguntandolhe os parentes, como se atrevia a tornar a emprender a viagem, tendo huma vez arribado? Respondeo, que nam só a segunda, mas a terceira, & quarta vez, & ainda quinta havia de porfiar com os mares, sò por chegar à India. Delles nada quis acceitar, mais que hum apparelho, pera dizer Missa, que na India fez, se aplicasse a hũa Missaõ pobre.

13 He certo, que teve grande amor à pobreza. Estando em Cranganòr, onde por falta de çapateiros senaõ remendavam os çapatos, os mandava a Cochim, que dista como oito legoas, encõmendando a hum Padre lhos mandasse concertar, dizendo, o nam fazia, por naõ saber, assim como remendava a sua roupa, quanto disso necessitava. Levando em a nao alguns doces, que por força lhe meteram nella, com ser enfermeiro de toda a nao, nunca delles deu hum sò boccado a doente algum sem especial licença.

14 Nos seus sentimentos fallando da pobreza, tem assim: *Propus de sempre dezejar o peyor, & mais velho. De pedir licença muitas vezes, pera pedir o peyor. De quãdo for ao official, dizer somẽte, tenho licença pera isto. De naõ ter outro relicario, senam o que hoje tenho. De quãdo me derem alguma cousa boa, pedir licença, pera a trocar por outra cousa mais velha. De naõ ter Agnus Dei, nem Reliquias, nem contas bentas; ainda que me venha, que as darei, ou mandarei a alguem. De naõ ter contas, nem veronicas, mais que as que hoje tenho. De naõ ter mais, que huã pena, & quãdo muito duas. De naõ ter nada no cubiculo, de que nam uze. De naõ ter nada, que me nam seja necessario, & ainda do necessario me privar. De trazer as cousas pobres muito limpas, & beijalas muitas vezes. De nam ter cartapacios demaziados. De quãdo for pedir alguma cousa, me persuadir, que ma naõ ham de conceder, como livros &c. De naõ ter rezisto, ou imagem propria, senam do cubiculo, ou quãdo muito huã pequenina de nossa Senhora com o Menino nos braços. De procurar, que as cousas me durem muito tempo. De naõ usar de escarpins, ceroulas, nem de duas camizas. Nem pedir na meza outra cousa, que a que mederem. Nem finalmente usar de cousas particulares.* Athe aqui, o que guardava nas materias da pobreza: direi agora, o que observava nas outras duas virtudes, que com esta constituem o estado Religiozo.

15 Fallando da Pureza tem as circunspeçoẽs seguintes: *Propus de amar sempre esta virtude, como huma riquissima pedra precioza, nam me fiando ainda que seja Religiozo, & tenha feito voto; porque ella he como hum fino vidro. Se acazo me vier algum pensamento roim, farei logo o voto, que tenho feito, & se for por diante tomarei huma disciplina, & darei conta, se for necessario. De nunca fallar, ou ouvir cousa, que possa cheirar a cousa impura. De ter muito tento no deitar, quãdo me despir fazendo-o com muita pureza.*

De

De dormir muito bem cuberto, nam me descobrindo, nem cossando pelo corpo; & se isto for necessario, seja por sima do fato; ainda, que seja nos braços. Passo em silencio outras meudezas, que tem neste seu escritto, por ser tal a materia, mas todas denotam hum grandissimo cuidado na cõservaçam desta Angelical virtude.

16 Naõ foi menos cuidadozo na santa Obediencia. *Propus* (dis elle) *de ser como huma bola, mandãdome, pera onde quizerem, sem eu estar mais apegado a huma parte, que a outra. De estar com cegueira de entendimẽto, & alegria. De obedecer à risca, & mais ao Sotoministro, & officiais sem escusa, nem murmuraçoẽs, ainda que me occupem muitas vezes. De quando me mãdarem ler, ou servir, ou lavar a louça, & mais cousas, inclinar a cabeça, & dizer:* Sim Padre, sim charissimo. *E se puder, naõ usarei de propostas, antes me offerecerei algumas vezes, se querem, que faça alguma cousa, indo ajudar à cozinha, refeitorio, & mais officinas, quando o puder fazer sem singularidade. De estar diante de qualquer superior com muita reverencia, reconhecendo nelle à Christo, & fallãdo pouco, ou nada. De ter muito amor santo a meus Superiores. De quẽ se me derem penitencia, a receberei sem responder, & com alegria, ainda que o Superior, ou Sotoministro ma dem muitas vezes.* Esta era a sua sogeiçam as cousas da santa Obediencia.

17 Na virtude da charidade deu em toda a sua vida, & mais em especial em a navegaçam da India singulares exemplos. Foi constituido enfermeiro geral da nao. Passavam os doentes da nao ordinariamente de oitenta, & com andar o Padre tam cortado da mortificaçam, que parecia huma morte pintada, a todos acodia visitando-os cada dia tres ves. Chegaram elles a passar de cento, & vinte, & cansando os companheiros, que algumas vezes pelo aliviarem, o ajudou, elle nunca cansava. Nunca quis largar esta occupaçam, & parecia ter pera ella forças mais, que naturais.

18 Havia esmolas dos ricos da nao, sendo de seu natural mui contrario a pedir, tratava ora cõ hũ ora com outro insinuandose cõ varios modos, & cumprimentos; de tudo se admiravam os nossos, que sabiam seu encolhimento, mas a charidade o fazia vencer a natureza. No bem espiritual dos enfermos, ainda que este estava a cargo de outro, tinha igual cuidado, todos se queriam confessar cõ elle, & elle a ninguem se negava. De todos era havido por homem santo. Chegada a nao à India, disseram alguns, que sairiam a terra, & descansariam dos trabalhos, que lhes davam aquelles doentes. A isto disse: *Vasse cada hum embora a buscar seu descanso, que eu com os meus doentes, & pobres hei de ficar, athe os ver remediados.*

19 Sendo tanto o seu trabalho com os enfermos, nem por isso deixava de fazer no convez as doutrinas, que por distribuiçaõ lhe cabiam. Afora estas, tinha outras particulares, que fazia na tolda dos bombardeiros, & dellas colhia bons frutos, porque como o tinham por Santo, tomavam sua doutrina como vinda do Ceo.

20 Com terem delle todos tanta estimaçam, elle se mostrava mui humilde. Em huma destas suas doutrinas lhe propos certo Ecclesiastico huma duvida, a qual a poder de brados com pouco fundamento quis sustentar. Parecendo aos ouvintes, que os brados tinham rezam contra a mãsidam do Padre, certo nosso, que ali se achou, lhe disse manso, que por hõra de Deos, & da Companhia defendesse a verdade em forma, que vissem os circunstantes, que a rezam era sua. Porem elle por naõ sahir de sua mode-

stia,

ſtia, diſſe unicamente com muita brandura, iſto he, o que me parece.

21 Haviaſe deſte modo, por guardar o ſeu propoſito, de naõ ſe moſtrar ſabio. Huma vez tendo diſputas, creceo a duvida, que propunha, com a repoſta do defendente. Aqui lhe diſſe o Meſtre, que apertaſſe o argumento, que eſtava em pontos diſſo. Tanto, que ouvio eſtas palavras, ſe callou, dizendo ſomente: *Eſtà bem reſpondido.*

22 Tudo era mui conforme aos ſantos propoſitos, que tinha feito de ſe mortificar; nelles tem aſſim: *Propus de ſer mortificado nas diſputas, argumentãdo mãſo, & tendo as mãos cruzadas, dãdo facilmente ventagem a todos, de me ter por mais neſcio, & nam fazerem cazo de mim. De ter muito reſpeito aos Irmãos Coadjutores, & Noviços, & mais moços, que eu; naõ os deſprezãdo em algum modo ou exterior, ou interiormente. Propus de medir o comer, de que tenho neceſſidade, & o beber, & regermehei pelas addiçoẽs do noſſo Beato Padre Ignacio. De naõ beber entre dia ſem licença, & com licença mui poucas vezes. De tomar, & fazer as penitencias, que tiver. De naõ comer fora do tempo ordenado. De varrer o cubiculo tres vezes na ſemana. De dobrar a cama, podendo, todos os dias. De ſer mui limpo, & concertado ſem demaſia. De ter repouzo com os meus iguais.*

23 *De naõ deſcobrir minhas couſas, ſenaõ a meus Padres eſpirituais. De me haver com todos no tempo da paz como ſe depois houveſſemos de pelejar. De nas quintas me mortificar, deixãdo recrear aos outros, & mortificãdome na propria vontade. De nam ſer boliçozo aſſim na quinta, como no cubiculo, nem em caza. De naõ ſer curiozo, aſſim no deſpedirem aos outros, como das novas, que ouço, como nas couſas da Igreja, armaçoẽs, & couſas ſemelhãtes. Do que cada hum tem, naõ ſaberei nada. De na recreaçam nam porfiar, ainda que eu ganhe, nem nella apertar os Irmãos, pera ganhar: mas ou ganhe, ou perca, humilharmehei. De naõ tomar nada, ſem que primeiro peça licença. Nam ſer moleſto a alguem, principalmente a meu companheiro. De viſitar os doentes com charidade, & principalmente os que menos vezes ſam viſitados. De nam fazer nada por reſpeito humano. Naõ ſer lizongeiro por obra, nẽ palavra. Fazendo alguma falta mais grave, de hir logo dizela ao Superior, ou a meu Padre eſpiritual. De pedir penitencia, quãdo quebrar, ou fizer alguma couſa mal feita. Finalmente de naõ interpretar por nenhuma via regras, & pedir ao Superior, que me mortifique bem.*

24 *Ter amizade com todos aſſim de caza, como de fora, & com nenhum particular, & mais com os naturais. Ser homem verdadeiramente mortificado. Ter morta a lẽbrança dos parentes, & do Egypto. Nam ſer entremetido, ainda que me pareça, que vay iſto, ou aquillo pela agoa a bayxo, de hum certo modo. Naõ fazer nada por reſpeito humano. Ser muito recolhido nas recreaçoẽs, & feſtas; & perder hum pouco mais por apertado, & todas eſtas couſas ſem ſingularidade.*

25 Eſte era o aranzel por onde governava ſuas acçoẽs, & eu o quis aqui meter por partes; por ſerem ſeus avizos, & miudezas mui proveitozas, aos que deveras tratam de Deos; ainda que de ordinario ſemelhante liçam nam faz a narraçam tam deſenfaſtiada, mas como a fas proveitoſa, pode ter ſua deſculpa. E ſemelhantes direcçoẽs, em quem dâ principio à vida eſpiritual, coſtumam gerar bons habitos, com que os verdadeiros Religioſos ſe actuam tanto nas virtudes, que as fazem couſa de caza, & a ſi muito naturais.

26 Com tam grande cabedal de virtudes se tinha o Padre Sebastiam Dias preparado, pera ir gozar de seu Deos. A tisica o foi comendo, athe que na Cidade de Cochim no anno de 1616 aos quatorze de Novembro entregou a Deos seu felicissimo espirito com opiniaõ de homem santo; & que com sua vida em tudo perfeita fez crivel a admiravel revelaçaõ, que se lhe achou escrito, & trazia sempre no peito, como joya, que era, de inestimavel valor. Sua vida escreveo o nosso Padre Manoel Barradas, cujo manuscrito houve do Cartorio do Collegio de Coimbra.

CAPITULO XXXIV.

Dasse noticia sumaria de muitos Religiosos de virtude, que nesta Caza foram Noviços.

1 NEste capitulo irei dizendo pouco mais, que os nomes de alguns Religiosos, de quẽ faz mençam o Menelogio da Companhia, que se le na Caza Professa de Roma, dos quais me nam chegou a noticia plena de suas virtudes, que nam podiam deixar de ser grandes, pois, o saõ as dos outros de quem faz commemoraçaõ o dito Manilogio. Pode servir tambem esta lembrança, pera que alguem nos tempos a diante encontrando as vidas destes nossos Irmaõs, as faça publicas.

Em Lisboa 28 de Agosto de 1569. 2 *O Irmaõ Gaspar Correa*, Coadjutor temporal nasceo na Villa do Conde no Arcebispado de Braga; aos dous de Agosto de 1566 entrou na Companhia em Coimbra. Pouco depois de acabar os dous annos do Noviciado, pedio com instancia servir aos feridos da peste em Lisboa. Neste santo exercicio, sendo ferido, falleceo em Lisboa aos 28 de Agosto de 1569. Esta foi a peste, que em Lisboa se chamou por antonomasia, peste grande.

3 *O Irmaõ Antonio de Mello* estudante, natural de Lisboa, entrou na Companhia em Coimbra aos 30 de Abril de 1582 tendo dezaseis annos de idade; era de geraçam mui nobre, & descendente dos Reys de Portugal. Foi devotissimo da Senhora, nas mais virtudes a todos era de grande exemplo. Nos Domingos da Quaresma sahia a fazer doutrina nos lugares à roda de Coimbra. Avizando-o pera a morte disse: *Athe agora estava triste, mas agora estou muito alegre por esta entrada no Ceo*; & assim nunca mais deu ayx de melancolia. Despediose de todos, dizendo: que naõ podia declarar a alegria, que tinha de morrer na Companhia; porque he, (dizia,) grande cousa morrer na Companhia de JESUS, sinto nisto muito, muito. Dizendo-lhe, que havia algumas esperanças de lhe durar a vida, respondeo: *Porque nam iremos hoje?* E assim foi dali a poucas horas no Collegio de Coimbra aos 8 de Fevereiro de 1598. *Em Coimbra aos 8 de Fever. de 1598*

4 *O Padre Francisco Gonçalves* natural de Viseu entrou na Companhia em Coimbra aos 22 de Fevereiro de 1562 tendo 29 annos de idada. Servindo aos feridos na peste grãde de Lisboa, foi ferido do mesmo mal, & morreo santamente aos 30 de Julho de 1569. O seu cuidado entre as ansias mortais era, que senaõ faltasse com nada aos enfermos. *Em Lisboa aos 30 de Julho de 1569.*

5 *O Irmam Pedro Nunes* Coadjutor temporal nasceo em Olivença; entrou na companhia aos 30 de Janeiro de 1562, naõ acho em que Noviciado. Dizia servir a Companhia naõ como Religioso, mas como seu escravo, pedio servir aos feridos de peste, & pegandoselhe o mal, delle morreo em Lisboa aos 22 de Agosto de 1569. *Em Lisboa aos 22 de Agosto de 1569*

6 *O Padre Fernam do Prado* natural de Carracedo, termo de Chaves no Arcebispado de Braga, entrou na Companhia em Coimbra aos 2 de Ju- *Em Lisboa 21 de Agosto de 1579*

Julho de 1548. Acabou sua vida servindo aos feridos de peste em Lisboa aos 21 de Agosto de 1579.

Em Cabo verde aos 5 de Julho de 1609 7 *O Padre João Delgado* natural da Atouguia no Arcebispado de Lisboa entrou em Coimbra aos vinte de Janeiro de 1584, tendo dezaseis annos de idade, vivendo nesta Provincia com grande exemplo, ensinou Philosophia em Evora, Theologia em Coimbra; chamado por Deos com singular devaçam pera a Missam trabolhosa de Cabo verde, a pedio com grande fervor. Ali se occupou com muito zelo no bem das almas dos Portuguezes, & negros, athe que falleceo santamente aos 5 de Julho de 1609.

Em Cabo verde aos 17 de Out. de 1607. 8 *O Padre Manoel de Almeyda* natural da Villa de Trãcozo Bispado de Viseu entrou em Coimbra aos 20 de Janeiro de 1582. Era nesta Provincia de singulares talentos pera os nossos ministerios, grande orador, & Rhetorico. Tudo estimou menos, que a Missaõ de Cabo verde, a qual pedio, & alcançou com muitas lagrimas. Na Cidade de Santiago abrio escola de ler escrever, & principios de gramatica aos negrinhos, fazendo esta occupaçam com mais gosto, do que ensinara cadeiras no esplendor das Universidades. Ali morreo santamente aos 17 de Outubro de 1607.

Coimbra 8 de Novemb. de 1623. 9 *O Padre Lourenço Fernandes* natural de Braga, Irmaõ do nosso Martyr Joaõ Fernandes, companheiro do Padre Ignacio de Azevedo, entrou em Coimbra aos 9 de Mayo de 1567 com dezoito annos de idade. Foi homem de muita humildade, & trato com Deos. Em sua bocca nunca se ouvio murmuraçaõ. Foi Mestre dos Noviços em Coimbra, notou-se nelle, que nunca dera mortificaçam, que primeiro a naõ fizesse. Morreo santamente em Coimbra aos 8 de Novembro de 1623.

Evora. 4 de Setẽb. 1623. 10 *O Irmaõ Martim da Fonseca* natural de Saõ Martinho de Cambras Bispado de Lamego entrou em Coimbra ao primeiro de Janeiro de 1564. Delle se conta huma cousa admiravel, que ensinando sincoenta, & oito annos a escola dos mininos de ler, & escrever, nunca de sua bocca se ouvira huma palavra agastada, nem hum minimo final de impaciencia. Foi dotado de huma brandura, & simplicidade verdadeiramente columbina. Mui amigo de servir a todos, inimigo de ser servido de algum, ainda na idade decrepita, em que falleceo, porque tinha noventa, & hũ annos. Falleceo em Evora aos 4 de Setẽbro de 1623.

11 *O Irmaõ Sebastiam Fernandes* Coadjutor temporal nasceo em Labunde Bispado do Porto, entrou em Coimbra no primeiro de Mayo de 1566, tendo 22 annos de idade. Foi vivo retrato de Coadjutores da Companhia, de singular charidade pera cõ Deos, & pera com o proximo servio em tres pestes, de que milagrozamẽte escapou. Teve no Collegio de Coimbra por muitos annos o Officio de Boticario. As mesinhas pera os enfermos preparava, como pera Christo. Esmerouse muito na obediencia, nam houve outro mais pobre em sua pessoa. Sempre athe os oitenta, & tres annos de sua idade, em que falleceo, seguio a Communidade, naõ admittindo particularidade alguma. Conheceo o dia de sua morte, & disse alguns dias antes, seria em quarta feira de Cinza, como foi, aos 17 de Fevereiro de 1627. *Coimbra 17 de Fev. de 1627.*

12 *O Padre Jeronimo Cardozo* natural de Gouvea, entrou na Companhia aos 27 de Junho de 1566, tendo 18 annos de idade. Suas praticas eram de Deos, trazendo muitos lugares da Sagrada Escritura, & Santos Padres, em que era versado. No trato de sua pessoa nunca admittio particularidade. Sendo Procurador Geral de Portugal, India, & Brasil, por ser fraco, & ter sobre si tantos nego- *Em Lisboa 3 de Agosto de 1605*

cios, lhe offereceram os Superiores cavalgadura, em que andasse tratando das cousas da Companhia: respondeo, que nunca Deos quizesse, que fosse elle o primeiro, que na Provincia introduzisse, andar o Procurador Geral a cavallo, que andaria a pè, em quanto pudesse andar, & que aquella nova ordem se podia dar a seu successor. Foi homem de muita charidade, & zeloso da observancia. Governou o Collegio de Braga, & foi companheiro do Padre Provincial. Morreo santamente na Caza de São Roque em Lisboa aos 3 de Agosto de 1605.

Em Evora 14 de Jan. de 1617.

13 *O Padre Martim de Mello*, natural de Catal vasco Bispado de Viseu, entrou em Coimbra aos 14 de Fevereiro de 1562. Viose nelle sempre huma exacta observancia, em especial na pobreza, tendo sido Reytor em varios Collegios, Vice-provincial, Visitador da Provincia, hia pedir licença athe pera huma linha, com tãta humildade como se entam começara a ser Noviço. Consigo era mui rigurosso, & com os subditos a mesma brandura. Morreo em Evora aos 14 de Janeiro de 1617.

Em Evora 29. de Fev. de 1608

14 *O Padre Marcos Jorge* natural da Nogueira Bispado de Coimbra, onde entrou na Companhia aos 15 de Março de 1546. Foi varam de perfeita humildade, & a buscava em todas as occasioẽs. Sendo de grande engenho, & letras, nenhuma cousa menos parecia, que letrado. No trato de Deos continuo, na pobreza mudo, na obediencia exacto. Tinhase por escravo de todos. Compos a Cartilha da santa doutrina, que decoraõ os meninos nas escolas. Falleceo em Evora aos 29 de Fevereiro de 1608.

Lisboa 2 de Março de 1553.

15 *O Padre Misser Joaõ Aragonez* foi Capellaõ das Infantas de Castella Dona Maria Imperatriz, & Dona Joanna mãy Del-Rey Dom Sebastiaõ, foi recebido pelo Padre Pedro Fabro em Lovayna, & dali mandado ter seu noviciado em Coimbra no anno de 1544. Sempre deu mostras de muita virtude, em special sendo companheiro do Padre Mestre Simaõ, quando sendo Mestre do Principe Dom Joaõ oa cõpanhavã à Corte, naqual a todos era exemplo de rara santidade. Era amparo de pobres, viuvas, & necessitados. Zeloso do bem das almas, incansavel em confessar; tinha particular graça pera trazer a gente às confissoẽs. Morreo em Lisboa na Caza de Santo Antaõ o velho aos 2 de Março de 1553.

Em Baçaim 16 de Mayo de 1618

16 *O Padre Manoel da Costa*, natural de Amarante no Arcebispado de Braga, entrou na Companhia em Coimbra aos 25 de Fevereiro de 1586, tendo dezaseis annos de idade. Passou à India. Em Baçaim o illustrou muito huma celebre profecia, que logo no dia de seu fallecimento se cumprio. Pregando poucos dias antes de morrer em Baçaim, & chorando os grandes peccados, que nella havia, disse publicamente do Pulpito: *Pobre de ti Baçaim, que grande castigo te tem Deos apparelhado, mas eu o naõ verei.* Foi assim, porque logo depois de se enterrar seu corpo, veyo huma grande tempestade naquella cidade assim no mar, como na terra, que nenhuma cousa deixou em pè, sendo inestimavel a perda, que deu nas fazendas; porem houve muitos lucros das almas, & mudanças de vidas; que por causa deste castigo se chegaram a Deos. Acabou o Padre em Baçaim aos 16 de Mayo de 1618.

Em Angola aos 27 de Agosto de 1627

17 *O Padre Antonio Machado* natural de Villa Real no Arcebispado de Braga, entrou em Coimbra aos 4 de Abril de 1609, tendo 15 annos de idade. Pedio com instancia a Missaõ de Angola; nella se houve como verdadeiro filho da Companhia; obrando Deos em seu favor cousas milagrosas, fazendo cahir a seus pès as setas dos inimigos da Fè, & do nome Portuguez,

tuguez, ſem alguma lhe fazer mal. Morreo aos 27 de Agoſto de 1627, curando os negros de huma como peſte, que entre elles houve. Tinha animo de deſcobrir caminho por aquelles vaſtiſſimos Reynos de Angola pera Ethiopia do Preſte Joaõ, cujos penſamentos lhe atalhou taõ ſanta morte. Teve outro Irmaõ inteiro na Companhia chamado Franciſco Machado, que morreo Martyr indo pera Ethiopia.

No mar aos 8 de Mayo de 1553. 18 *O Padre Urbano Fernandes* natural de Lisboa entrou em Coimbra aos 27 de Abril de 1545. Era homem grave na Univerſidade; na Cõpanhia viveo como ſanto; foi Meſtre dos Noviços; & fazẽdo-o Reytor do Collegio de Coimbra, chorou tantas lagrimas, que os Padres, & Irmaõs o houveram de conſolar, aos quais reſpondia, que aquillo era caſtigo de Deos. Depois ſendo Reytor do Collegio de Santo Antaõ, pedio, & alcançou ir pera a India. Em a nao de canſaſſo de ſervir aos doentes morreo aos 8 de Mayo de 1553. Era homem de tam rara prudencia, que Dõ Pedro Maſcarenhas, o que trouxe de Roma a Saõ Franciſco Xavier, ſendo avizado pera Viſo-Rey da India, diſſe, que acceitava, ſó por ir gozar em Goa da ſanta converſaçam do Padre Urbano, naõ ſabia ainda ſer elle fallecido na viagem.

Em Angola aos 26 de Julho de 1597 19 *O Padre Antonio Paes* natural de Lobelhe do mato Biſpado de Viſeu entrou em Coimbra aos 29 de Dezembro de 1570 tendo 20 annos de idade. Sendo mandado a Angola ſe occupou muitos annos na converſam dos gentios. Padeceo graviſſimos trabalhos, recolhendo delles copioſiſſimos frutos. Occaſionouſelhe a morte das muitas confiſſoẽs, & prègaçoẽs, que fez nos ultimos dias de ſua vida. Amou ſobre maneira a pobreza; viveo tam ajuſtado cõ a vontade dos Superiores, que parecia naõ ter vontade propria. Suas delicias eram tratar com Deos. Coſtumava dizer, que ſe os noſſos da Cõpanhia ſouberam, quanto Deos ſe communicava em Angola, aos que por ſeu amor, por ella deixavam as patrias, ſe deſpejariam os Collegios de Portugal. Morreo ſantamente aos 26 de Julho de 1597.

CAPITULO XXXV.

Dos Padres Luiz de Vasconcellos, & Antonio Carvalho.

1 O *Padre Luiz de Vaſconcellos*, natural de Lisboa, filho de pays illuſtres, chamavaõſe Dom Antonio de Menezes, & Dona Maria de Oliveira. Entrou na Companhia em Coimbra aos 7 de Abril de 1544; foi dos primeiros Padres, que fundaram o Collegio de Angra, & ſeu primeiro Reytor. Quatorze annos continuos o governou com rara edificaçam dos de caza, & dos de fora, dos quais era tido por hũ grande ſanto, & como a tal ſe emcõmendavam depois de morto. Nas occupaçoẽs de humildade, & trabalho elle era o primeiro, como no cõfeſſar, varrer, & outros ſemelhantes exercicios. *Angra 24 de Julho de 1590*

2 Era amiciſſimo dos pobres. Hum anno ſe apartaram dous moyos de trigo em huma caza, pera ſe darem aos pobres, alem da eſmola ordinaria, & cozendoſe cada dia ſeis, ſete alqueires, no fim o trigo ſe nam achou diminuido. Havendo de voltar pera o Reyno, queria o Reytor vieſſe com outros em huma caravela, porem o Padre lhe deu algumas rezoẽs, pera eſperarem, a vir em naos fortes, que ſe eſperavam. Vendo iſto o Padre Reytor ordenou, que os mais ſe embarcaſſem na caravela, & ficaſſe o Padre Vaſconcellos, pera vir com as naos. A iſto acodio, que de nenhum modo, convinha ficar elle, indo

indo os mais; que tambem iria, se assim parecesse a sua Reverencia: por fim de tudo o Padre Reytor o deixou ficar, & aos mais, pera irem juntos com as naos.

3 Neste tempo quis o Senhor dar o premio dos trabalhos a este seu servo com huma enfermidade de camaras de sangue, que lhe durou trinta, & quatro dias. Acazo huma vez fallando com o Padre Reytor a hum certo proposito lhe escapou esta palavra: *Eu, graças a Deos, hâ trinta, & sinco annos, que nam cometi cousa, que entendese ser peccado venial, & se entendera selo, antes morreria mil vezes, que deixarme cahir nelle.*

4 Morreo com muita paz, despedindose de todos os Irmaõs em geral, & de cada hum em particular. Pedio os Sacramentos, & os recebeo com muita devaçam, & alegria. Falleceo aos 24 de Julho de 1590, deixando a todos mui edificados, & saudosos. Depois de sua morte se vio bem o amor, que os de fora lhe tinham. A suas exequias se achou o Bispo, Religiosos de Saõ Francisco, & Santo Agostinho, & a principal gente da Cidade. Dahi a tres dias veyo o Bispo, Cabido, & Religiosos de Saõ Francisco, disse o Bispo Missa de Pontifical, & se fez hum officio mui solenne. Outro dia os soldados, & Capitans trazẽdo consigo o Cabido, lhe fizeraõ officio. Os estudãtes tomaraõ tambem seu dia. As Freiras no seu Mosteiro, lhe disseram officio no dia em que falleceo. Tudo saõ bons sinais do muito, que era amado, & estimado, & do bem, que a todos fazia.

Em Coimbra aos 29 de Mayo de 1601

5 *O Padre Antonio Carvalho* natural de Lisboa entrou na Companhia em Coimbra aos 29 de Mayo de 1558. Foi homem doutissimo nas letras humanas, & Divinas. Ensinou com grande nome as faculdades, que entre nos se professam, Rethorica, Philosophia, Theologia em Coimbra, & Evora, onde foi lente de Prima, & Doutor na santa Theologia. Porem o que mais nelle realçou, foi sua singular virtude. Os mais dos dias se disciplinava. Dizia Missa com muita devaçam, & lagrimas; tomava sempre pera a dizer, & pera o recolhimento huma hora, por mais occupaçoẽs, que tivesse.

6 Era muito pobre, naõ tinha cousa alguma de preço, nem imagẽ; & se lhe davam alguma cousa, logo a dava. Os livros eram pobrissimos assim nas encadernaçoẽs, como nas impressoẽs; & dizendoselhe huma vez, que se podiam alguns delles trocar por outros, pera que lhe naõ cansassem a vista; respondeo: *Que aquelles eram melhores por mais pobres.* Com ter fontes, & perpetuo estillicidio, & asma, nunca quiz, nem consentio ter algum cheiro no seu cubiculo. Fallava sempre de Deos no tempo de fallar, consolava com suas praticas, aos que tratavam com elle. Nada tinha de enfadonho, antes assim adubava, o que dizia, que recreava, aos que o ouviam.

7 Tinha pedido ao Padre Diogo Rebelo seu amigo, que todas as faltas, que nelle visse, lhas dissesse, pera se emendar. De algumas, que o Padre lhe disse, se emendou à risca. A este Padre confessou, que lera dezasete, ou dezoito annos Theologia com muita repugnancia, porque a sua inclinaçam era prègar; mas que podendo escusarse, & deixar de a ler, nunca quiz, por se deixar governar totalmente pela obediencia; & por lhe parecer, que era materia de grande desconsolaçam pera hum Religioso, gastar a vida em obras feitas por sua traça, & naõ de seus superiores.

8 Tambem lhe disse: que quando via, que faltava em alguma occupaçaõ algum sogeito, em que o podiam meter a elle com repugnancia sua, se armava com a oraçam pera a acceitar,

tar, se os Superiores lha dessem. Isto fazia particularmente nos annos, que ensinava latim, & nos que foi Theologo, por lhe ser entaõ mais necessaria esta santa circunspeçam. Disse, que o Senhor lhe pagava ainda nesta vida as repugnancias, que soffria, & estas preparaçoẽs, pera o mortificarem; porque nunca se lembrava, que fosse à oraçam, que nam sahisse della consolado.

9 Assim mesmo disse ao Padre Rebello, que sendo Mestre do Latim, ou Theologo, por sua Mãy, & Irmans cahirem em grande pobreza hum Provincial, ou Visitador lhe poz em sua maõ, o sahirse da Companhia, pera as remediar: ao que elle respondeo, que sahira mui escalavrado do mundo, que arreceava, que tornando a elle perigaria sua salvaçaõ, que havia de morrer na Companhia, & que sua Reverencia lhas remediasse em parte com algumas esmolas, que ainda que tivessem alguma necessidade, se sofressem. Isto he tanto mais de louvar, quanto sabia de certo, que huma Religiam mui authorizada, que nomeava, estava com os braços abertos, & grandemente dezejoza, de que se passasse a ella, por serem tam excellentes suas prendas; pelo qual caminho elle ficaria mui authorizado, & a pobreza de sua caza remediada. Chegandose o tempo de morrer, disse, que dava muitas graças a Deos por morrer na Companhia no mesmo dia, que nella entrara, & assim falleceo santamente em Coimbra aos 29 de Mayo de 1601.

CAPITULO XXXVI.

Em Macao aos 4 de Abril de 1635.

Vida do Padre Andre Palmeiro.

1 Nasceo o Padre Andre Palmeiro em Lisboa. Seus pays se chamaram Antonio Palmeyro, & Salvadora Fernandes. Entrou na Cõpanhia em Coimbra aos 14 de Janeiro de 1584, tendo quinze annos de idade. Foi homẽ de grãdes talẽtos, q̃ todos empregou no serviço, de Deos. Ensinou Latim seis annos. Quatro Philosophia. Doze Theologia em Coimbra. Dous annos foi Reytor do Collegio de Braga. Tendo de idade sincoenta annos, no anno de 1617 com mais onze Religiosos da Companhia se embarcou pera a India. Houve desta sua ida tanto sentimento em Braga, que a Cidade lhe fechou as portas, & o quis impedir, porem elle com seu bom modo os tirou deste pensamento. O Padre Frãcisco Soares Granatense escrevendo nesta occasiam a hum Padre da India: lhe dizia em latim estas palavras: *In Indiam proficiscitur Pater Andreas Palmerius, magnus sane vir, nemini in Lusitania secundus.* Querem dizer: *Pera a India se parte o Padre Andre Palmeiro, homem na verdade grande, & a nenhum segundo em Portugal.*

2 Na India foi alguns mezes Reytor do Collegio de Saõ Paulo de Goa. Servindo esta occupaçam teve patente do Padre Geral, pera ser Visitador do Malavar. Depois governou por oito annos as duas Provincias de Goa, & Malavar. Visitou muitas vezes a Costa da Pescaria passando varios perigos. Foi mandado por Visitador da Provincia de Japaõ, & Vice-Provincia da China. Neste officio gastou oito annos, & meyo. Correo a maior parte da China, athe chegar a Nanquim, & Pequim, que saõ as duas principais Cortes daquelle Imperio,

3 Desta sua visita resultaraõ grãdes bens à Missaõ. Estes quis o demonio atalhar logo em seu principio; porque quando havia da começar a viagem, esteve tres mezes escondido em huma barquinha no rio de Cãtaõ. Onde com o rigor do frio se lhe

to-

tolheram os braços de modo, que os naõ podia menear. Neste tempo deu principio às gloriosas missoẽs de Tũquim, Camboja, & Aynam. Intentou abrir Missaõ no Reyno dos Laos, pera cujo effeito mandou hum Padre, que informasse; do que se podia obrar naquelle Reyno. Estas occupaçoẽs do officio, ainda que grandes, naõ lhe tiravam o trabalhar, como qualquer obreiro particular. Pregava, confessava, aconselhava, acodia a compor discordias, porque pera tudo lhe deu o Senhor grande maõ, & modo singular.

4 Estes bons talentos eram acõpanhados de excellentes virtudes. Foi mui despido disto, que chamamos carne, & sangue. Vindo de Braga pera Lisboa em ordem a se embarcar pera a India, passando por hum lugar junto a Lisboa, onde sua Mãy assistia, a naõ visitou. Dando nisto hum tam valente exemplo, como o dera no principio da Companhia o glorioso Apostolo da India Saõ Francisco Xavier, quando indo pera India, passou junto a sua patria, sem querer chegar a despedirse de sua mãy, por mais, que lho persuadia o Embayxador Dom Pedro Mascarenhas.

5 Nas conferencias, que deste Padre se fizeram em Macao depois de sua morte, foi voto commum, dos que se acharam prezentes, naõ haver virtude, que nelle naõ resplandecesse em grao supremo. Na pobreza foi singular seu exemplo. O que por sua morte se lhe achou foram huns vestidos mui pobres, & alguns rezistos, & veronicas, que mandava aos Padres das Missoẽs. Quando ouve de ir pera a India, levava huma capa tam pobre, & gastada, que reparando nella o Bispo de Coimbra, naõ pode conter as lagrimas.

6 Nenhumas faltas castigava cõ mais rigor, que as da obediencia. Nella foi taõ exacto, que sabendo ser ordem do Padre Geral, dizia: *He isto ordem do Padre Geral, pois ponhamola sobre a cabeça.* Affirmou o Irmaõ enfermeiro, que em vinte, & quatro annos, que havia, tratava de enfermos da Companhia, naõ achara maior obediencia aos Medicos, & enfermeiros, que a do Padre Andre Palmeiro.

7 Foi de singular charidade, a todos amava igualmente, & por isso de todos era mui amado. Advertindo, que hum Irmaõ seu cõpanheiro estava mal enroupado, tirou o seu vestido interior, & lho deu, pera que se abrigasse com elle. Aos enfermos tratava com grande mimo; se estava algũ em perigo, seis, & sete vezes o visitava cada dia. Servia-os nos mais humildes ministerios. Estando mui occupado lhe disseram, dera a hum Irmaõ huma pontada, logo se foi ao enfermo, & ainda lhe pedio perdam da tardança, & o acompanhou por largo tempo. Era de condiçam affabilissima, de bellissimas entradas, todos se perdiam pelo tratar, & conversar.

8 Com esta suavidade ajuntavà o rigor, em ordem a conservar em seu ser a observancia Religiosa. O seu mandar, mais parecia pedir: se achava dureza no subdito, de tal modo dissimulava, que o mesmo subdito corrido da sua desatençam se lhe vinha a por nas mãos. Sua composiçam, & modestia exterior era tal, que diziaõ se podia por ella tirar o retrato da modestia Religiosa. Nem louvores seus, nem murmuraçoẽs de outrem cõsentia em sua prezença. Tinha particular devaçam ao Santissimo, todos os dias o visitava por espaço de meya hora. Outras muitas devaçoẽs fazia todos os dias; huma vez disse parte dellas a hum Irmaõ, que lhe dava conta de sua consciencia, & ficou pasmado das muitas, que eram, sendo tantas as suas occupaçoẽs. No comer era mui parco, rarissima vez bebia vinho.

9 Vi-

9 Viveo sempre com ardentissimos dezejos do Martyrio. Estes declara bem huma sua carta ao nosso Padre Ixinda Antonio Jappam, dandolhe os parabens da fortaleza, com que soffreo o cruel tormento das agoas da Ungem; cuja liçam naõ serà desgostoza ao Leitor; he a seguinte.

10 *Meu Padre Ixinda Antonio, a cujos pes daqui me deito, pois o nam posso fazer mais ao perto. Se me Deos abrira a porta, por onde pudera entrar nesse rigoroso carcere, abraçandome com elles, & beijando-os mil vezes, lhe declarara o affecto, com que minha alma festejara, o velo por Christo atado depois de atormentado. Ditozo Vossa Reverencia, illustre Confessor de Christo, & aquẽ Deos assistio, & assiste com tanta graça, que o faz victoriozo em tam arriscados tranzes, como os que tem passado, & os em que vive, & viveo. Naõ he a carne, & o sangue, o que tanto pode, & acaba; a graça, & favor do Ceo he, a que assopra, & bafeja nesse peito esforçado, & dâ alẽto, & vigor, pera com tanto esforço começar, & levar àvante com tãta gloria sua, empreza tam arriscada.*

11 *A Deos rendemos as graças de merce tam singular, porque estas, que a Vossa Reverencia communica, a todos se estendem, pois nam sò nos esperta, & aviva com o exemplo, que vemos, mas tambem a todos honra, pois que hum nosso Irmam passado por tãtos trãzes, soube, & pode alcãçar victorias taõ excellentes.*

12 *Quem me abrira hum caminho, ainda que apertado, & a tudo arriscado, por onde pudesse entrar nessa vinha tam rendoza, & nella cavar, & suar, & ainda acabar, fazendo boa Companhia ao meu Padre Ixinda. Gritamos a Deos, nos abra, pedimos com grande instancia, que descubra algum buraco, ainda que seja por fogo, ou tormentos apertados: elle nos nam quer ouvir, temo, que nasça isto tudo, de nòs naõ sabermos pedir. Vossa Reverencia està com a entrada mais franca, està mimozo de Deos, està valido; que os da chave dourada de sua Corte real samos Sãtos Confessores, que por sua honra, & amor padecem com tãto animo, como Vossa Reverencia o faz, & seus Sãtos Companheiros, a cujos sagrados pes daqui me prostro, & lhos beijo, pois Vossa Reverencia he, o que nos pode alcançar, que se abra esta porta, pera por ella entrar.*

13 *Mas jà que eu naõ mereço estes mimos regalados, mas câ me estou de fora adejando por entrar Cõtinue meu Padre Antonio neste bem, que emprendeo, leve ao cabo a empreza, que com tãta gloria Divina, & lustre de nossa Fè começou, continuou, & quasi ao fim levou. Jà se estam aprestãdo coroas victoriozas nos paços reais da gloria. Està nosso Santo Padre com os braços abertos esperãdo a entrada de seu filho triumphãte. Que esmaltes tam lustrosos afermosearàm esse corpo chagado por tantas partes com agoa tam fervente do cruel monte Ungem? Que colares tam luzidos ornaram esse pescoço, no qual por amor de JESVS estiveram penduradas fermozas cadeas de ferro? Que braceletes tam lindos reluziram nesses braços, que foram tam mal tratados com algemas rigorozas.*

14 *Que lustre, pera invejar, daram a esses pès ditosos novas invençons de calsado graciozo, que recompensem a pena, que os grilhoẽs carregados lhe podiam causar. Em fim quam ditoza troca acharâ Vossa Reverencia, quãdo entrar vencedor deste desterro cãsado naquella patria eterna. Quam bem lhe pareceram os tormentos atrazados; gozãdo jâ, aoperto tam aventajados premios. Oh quem o acompanhara, &*

pera o poder fazer, acabara logo. Eu tambem acabo esta, pois tambem athe esta consolaçam de escrever à vontade, ou nos incurta, ou nos tira a perseguiçam. Vossa Reverencia meu Padre Antonio, prezo por amor de Christo, que he o titulo mais nobre, que Sam Paulo conhecia, se lembre deste seu Irmaõ, que se com o corpo mortal o nam serve, & acompanha, com a alma, & todo o affecto está prostrado a seus pes, julgandose por indigno, de a elles poder chegar, pois sam pes de hum Confessor da verdade, & santa Ley, aquem se nam nega a morte, antes aqui o tem na vida, pera lhe dar muitas mortes. Esta a carta do Padre Palmeiro pera o Padre Ixinda.

15 Tendo o Padre Palmeiro gastado sua vida santamente, lhe quis o Senhor apremiar seus trabalhos com huma morte de homem justo. Havia perto de hum anno, que de quando em quando lhe davam huns vagados causados do rigor da sua abstinencia, que era sobre suas forças, & achaques. Sobreveyolhe huma rija dor de estamago, sem elle tratar de moderar seu rigor, antes corria com a Cõmunidade, tendo sempre por cea huma fatia de paõ molhada em agoa.

16 Agravousse de sorte a doença, que o sogeitou à cama com hum fastio mortal, & com o estamago taõ estragado, que nem hum apisto lhe conservava. Desconfiando os Medicos de sua vida o avizou o enfermeiro, que ella estava no fim. Recebeo a nova com alegria, & disse ao Irmaõ: *Vinte dias hà me confesso geralmente persuadido, que morro, & só tenho pena, de naõ morrer em huma fogueira por amor de Deos, aquem tanto devo.* Recebeo os Santos Sacramentos com singular ternura, derramando os circunstantes copiozas lagrimas. Acabada a santa Unçam, lhe pedio o Padre Reytor em nome dos Padres, & Irmaõs do Collegio, lançasse a todos huma bençam. Em lugar de bençam replicou o enfermo, peço a todos perdam de meu roim exemplo, tendo obrigaçam como Superior de o dar bom a todos. Feitas porem novas instancias, lhes lançou a bençam, & encommendou, aquem lhe succedesse no governo, hum especial amor pera com os moradores, & subditos daquelle Collegio.

17 Depois, que recebeo o Senhor, entrou em grandes saudades de ver a Deos, só nisto cuidava, & fallava, parecendolhe longos annos qualquer breve dilaçam. Os subditos disseram muitas Missas, & offereceram muitas oraçoẽs a Deos, pera que lhe desse saude. Alguns vendo, quam necessario era pera o bem commum, offereceram a Deos suas vidas pela do enfermo. Fez o Padre Reytor hum voto em publico ao Santo Xavier. Na Cidade foi extraordinario o sentimento, em particular no Governador do Bispado, que mandou offerecer Missas, & ladainhas por esta tençaõ.

18 Crecialhe a febre, & creciaõ mais os dezejos de ver a Deos. Davalhe muitas graças pela paz de consciencia, que lhe dava naquella trabalhoza hora sem temor algum da morte. Por vezes abraçandose com hum Crucifixo entre amorozos colloquios se queixava, de lhe faltarem fogueiras, covas, leoẽs por seu amor. Outras vezes tendo na maõ o santo lenho, pedia perdaõ de seus peccados, dizendo, que fora hum peccador abominavel, & huma furia infernal. Tal era sua humildade, & conhecimento proprio. Estava todo resignado na vontade de Deos. Dizia, estar como a balança, que carregasse Deos como, & pera onde quizesse; que igualmente estava preparado pera a vida, & pera a morte. As dores soffria, sem desabafar com hum ay. Finalmente lhe sobreveyo huma cezam mortal, aqual o privou do uso do

do seu juizo pera cousas indiferentes, & só lho deixou pera fallar da gloria. Nesta fallou toda a noite com tanta certeza, que parecia nam estar o uso da rezam fora de seus eyxos. Chegãdo o principio da oraçaõ de menhaã, huma quarta feira de trevas aos 4 de Abril de 1635 deixou esta vida mortal.

19 A seu enterro concorreo toda a Cidade de Macao com grande sentimento, por ser bem quisto, & amado de todos. Foi enterrado na Capella mor junto ao Santo Padre Alexandre Valignano seu antecessor no officio. Bem se deixa ver, que se me viera à maõ Relaçaõ mais copiosa de suas viagens, & trabalhos passados nellas, seria esta vida sem fastio mais diffusa; mas este pouco servirá, pera que outrem faça, o que eu por falta demais noticias naõ posso fazer.

CAPITULO XXXVII.

Vida, & ditosa morte do Padre Joaõ Barboza Missionario de Madurè.

Em Madurè aos 4 de Abril de 1671.

1 O Padre Joaõ Barbosa teve pouco tempo de Missaõ; mas nesse pouco o apurou Deos com graves, & continuas molestias. Nasceo este ditoso Padre em Vianna do Minho; vindo pequeno pera Coimbra, ali estudou, & entrou na Companhia. No anno de 1657 se embarcou pera a India, a fim de se empregar na salvaçam das almas. Era o Padre Joaõ Barboza prendado de excellentes dotes, & talentos, mas estes de que muitos usam pera buscar applausos proprios, serviram ao Padre Barboza de estimulo pera mais servir a Deos. Depois, que entrou na India, toda a sua sede, & ansia foi entrar nas missoẽs de Madurè. Havida licença, se foi a trabalhar naquella seara fecũda de perseguiçoẽs, & trabalhos. Na Residencia de Candalûr teve o seu noviciado de Missionario; a ella estava annexa a de Tricherapali: de ambas tinha cuidado o Padre Joaõ Barboza.

2 Intentou o Maniagar, ou Governador de Candalûr prender ao Padre. Teve noticia destes danados intentos, & logo se poz em cobro, retirandose da estancia, onde assistia. Naõ desistio com isto o Maniagar dos seus designios, antes lançou espias, que lho descobrissem. Huma vez em pessoa veyo o Maniagar a Candalûr, & entrando na Igreja, disse por desprezo, que quanto ali havia, eram cousas de Pranguis, & da sua ley, tam vil, & baixa como elles; porque naquellas terras tal se reputa a ley, qual he a gente, que a segue; & pelo nome *Pranguis* entendem Portuguezes, que por comerem carne de vaca, animal santo entre estes gentios, saõ tidos por gente abominanda.

3 Com esta perturbaçam se affligio muito o Padre Barboza, porque era ainda Noviço nestas experiencias, que ali saõ ordinarias; & tambem se desconsolava, por naõ poder ir a Candalûr a administrar os sacramentos aos Christaõs das castas bayxas; os quais naõ podiam vir ao lugar, aonde elle assistia, por ser morada de familias de casta mais alteada; segundo he estilo brutal daquellas regioẽs, ao qual se devem accommodar os missionarios; porque se fizerem outra cousa, seram tidos por gente infame, & nenhum fruto faram com seus trabalhos. Ali se deteve o Padre algum tempo com esperança de voltar a Candalûr, confiado no que lhe tinha mandado dizer Brominayque valido Del-Rey, que o Maniagar de Candalûr havia de acabar depressa o seu governo. Porem succedeo tudo ao cõtrario, porque o Maniagar chegando o fim do anno, foi continuando o governo. Esteve o Padre esperando,

athe que o Padre Domingos de Almeyda por outra via negociou a segurança neceſſaria, pera que o Maniagar de Candalùr naõ entendeſſe com o Padre.

4 Voltou pera a ſua Reſidencia, mas vendo o Padre Superior da Miſſam, que o Padre Joaõ Barboza, nam podia acodir ao immenſo trabalho das confiſſoẽs, ordenou ao Padre Andre Freyre, paſſaſſe a Candalùr, aſſim pera ſe ſatisfazer à conſolaçam daquelles Chriſtaõs, como à do Padre Joaõ Barboza: o qual eſtava moleſtado com huma febre lenta, que parecia ſer tiſica; que lhe ſobreviera no tempo, que eſteve fora de Candalûr, cauſada dos muitos deſabrigos, & incommodos, que padeceo. Foi preciſo ao Padre Freyre paſſar a Tricherapali, pera negociar mais o ſeguro da aſſiſtencia em Candalùr; neſte meyo tempo era grande o concurſo dos Chriſtaõs, que de longe ſe vinhaõ a confeſſar. Naõ eſtava o Padre Joaõ Barboza pera trabalho algum; mas ver tanto fervor nos Chriſtaõs, & naõ lhe ſoffrer o coraçam deſpedilos menos conſolados, lhe dava alentos, pera tirar forças da ſua grande fraqueza, & os ouvir de confiſſam.

5 Com eſte trabalho, que a qualquer homem ſaõ era inſeportavel, quanto mais aquem eſtava tam cortado da febre, empeyorou muito. Applicaraõſe-lhe medicinas; cõ eſtas ao principio deu moſtras de melhorar, & como elle dizia, ſe achou com ſaude. Mas brevemente ſe vio, que as medicinas mais reprezaram por algum pouco a doença, do que trouxeram ſaude. De repente começou a ir de mal em peyor, ſem os medicamentos, que ſe lhe applicaram, ſerem de effeito algum bom; antes com elles ficou como hidropico; ſem eſperanças de haver de tornar em ſi, & à ſaude antiga.

6 Parece, que Deos levou ao Padre Joaõ Barboza pera aquella Reſidencia, pera padecer perſeguiçoẽs & trabalhos; porque pouco depois, que entrou na Reſidencia, veyo ſobre Tricherapali, que diſta meyo dia de caminho, o exercito Del-Rey de Mayſûr. Com tam mà vizinhança naõ podia o Padre aſſiſtir em Candalùr; & aſſim andou muitos tempos por aquelles matos à chuva, ao vento, & aos mais incommodos do tempo; donde começou a ter origem a febre lenta. Duas vezes fizeram os inimigos diligencia pelo prender, & de ambas o livrou Deos. Era eſte Padre muy fervorozo. Mandoulhe o Padre Provincial licença, pera ſe recolher à Coſta da Peſcaria, em ordem a cobrar ſaude em ares mais benignos; porem elle eſcolheo antes morrer na ſua Miſſam, & quis antes ali menos vida, que as eſperanças de viver mais em outra parte.

7 Tinha grande amor à Companhia. Daqui lhe naſcia pena exceſſiva, todas as vezes que lhe occorria, que poderia por algum ſeu infortunio perder tam grande bem. Tres annos, & meyo, que viveo na Miſſam, moſtrou ſempre ſingular amor, & reſpeito a todos os Padres miſſionarios; & mais aos Superiores, aquem moſtrava toda a ſogeiçaõ, & humildade, quando lhes eſcrevia; ſendo as palavras da ſua carta hum vivo treſlado do ſeu animo. Sentia, que delle fizeſſem eſtimaçam alguma, querendo que todos o trataſſem conforme o bayxo conceito, que de ſi tinha.

8 A todas eſtas virtudes coroou huma morte chea de piedade, & ſantidade. Depois de ſete mezes de febre lenta cahio finalmente na cama, como ſe foſſe hidropico; hum mes paſſou de cama, ou de tormento cruel, porque naõ podia eſtar ſenam de coſtas. Quem punha nelle os olhos, mais ſe lhe affigurava ver hum homẽ poſto em huma Cruz, que recoſtado em hum leito. A paciencia era rara. Sempre eſtava com JESU, & MARIA

RIA

RIA na bocca, como quem os tinha tanto no coraçaõ. Finalmente naquella postura sem poder mover pè, nem maõ, estando sempre em seu perfeito juizo, entrou na ultima agonia vendo que se chegava a ultima hora, disse aos Padres, que lhe rezassem o Officio da agonia. Tomãdo nas mãos hum Crucifixo, fazendo amorosissimos colloquios, & fervorosos actos de contriçaõ, inclinando a cabeça pera a parte direita deu seu espirito ao Senhor em huma sesta feira pelas mesmas horas, que Christo espirou na Cruz. Foi sua ditosa morte aos 4 de Abril de 1671, tendo de idade 37 annos. Causou grande ternura nos Padres Missionarios a suavidade da morte deste servo de Deos, muy semelhante aquella, com que o Redemptor deu a vida pelos homens na arvore da Santa Cruz. Foi seu corpo enterrado em Candalùr, aquem fizeram as exequias, & honras funerais as lagrimas dos seus neophytos, & as dos Padres Missionarios, que lhe assistiram.

CAPITULO XXXVIII.

Na Missam de Madurè anno 1671.

Vida do Padre Manoel de Britto Missionario de Maduré.

Entra nas Missoẽs; refere-se huma grande perseguiçam.

1 NO mesmo anno, em que Deos levou pera si ao Padre Joaõ Barboza, levou tambem ao Padre Manoel de Britto, que foi huma grande perda pera a Missam de Madurè, aonde ambos incansavelmente trabalhavam. O Padre Manoel de Britto nasceo na Cidade do Porto, & ali aprendeo as primeiras letras, depois entrou na Companhia em o Noviciado de Coimbra. No anno de 1657 se embarcou pera a India. Alguns annos se deteve em Goa, a fim de acabar os seus estudos. No fim dos quais logo procurou passar à Missam de Madurè, pera onde Deos o chamara. No anno de 1665 entrou com o Padre Domingos de Novais na Missaõ, depois de ter gastado muitos dias no caminho, que fizeram a pè.

2 A Residencia de Pacùr por morte do fervoroso Padre Manoel Alvres ficou sem Padre, athe que vindo o Padre Manoel de Britto (que jà tinha sufficiente noticia da lingua) no fim do anno de 1665, tendo elle vindo em Abril, se lhe encommendou o cuidado daquellas almas. Tẽdo cuidado da Residencia de Cangupati esteve mui perto de alcançar a gloriosa coroa do Martyrio. Hia em grande augmento a conversam dos gentios; & via o Padre Manoel de Britto bem logrados os seus trabalhos. Naõ soffreo o demonio muito tempo tanta bonança, & destruiçam dos seus templos. Armou huma grãde tempestade, com que bateo furiosamente esta naveta.

3 Vieram ouvir o Catecismo dous lavandeiros, & suas familias, por todos faziam dez pessoas. Hum delles chamado Rayapem entre outros se mostrou sempre muy fervoroso; & de grande fê: & sendo ainda catecumeno fez algumas cousas notaveis. Entrando o espirito maligno em sua molher, que tambem era catecumena como elle, com lhe fazer o sinal da Cruz, à deyxou o mao espirito. Outra vez lhe cahio hum menino de peito de hum lugar alto, ficando como morto, fez-lhe o pay o sinal da Cruz, & logo o menino tornou em si. Estas cousas que augmẽtavam a fê, nos que ouviam o Catecismo, accendiam mais o odio nos gentios parentes seus, pera os perseguirem.

4 Aquem mais custou isto, foi a hum Bramane chamado Tantiangaro, cujos discipulos eram estes lavandeyros,

deyros. Vendo que diminuindo-ſelhe os diſcipulos, tambem ſe lhe diminuia o proveito, poz todos os empenhos, naõ ſó pera os fazer tornar a traz, mas pera deſterrar de toda a Provincia a Ley de Deos. Naõ lhe parecia difficultoſo, porque todos os grandes daquella terra eram ſeus diſcipulos. Por iſſo cuidando, que ſó com levantar a voz, concluiria tudo conforme ſeu dezejo; amotinou os povos, & facilmente ſe lhe agregaram mais de mil diſcipulos todos poſtos em armas, pera effeituarem tudo, o que ſeu Meſtre lhes mandaſſe.

5 A primeira furia diſparou contra os lavandeyros, aos quais bem dezejou, mas nam pode haver às mãos. Deulhes em ſuas cazas, prendeolhes as molheres, & filhos, & tomou poſſe de quanto, elles tinham de ſeu. Depois mandou chamar dous Catequiſtas; moſtrando querer concluir o negocio por via de diſputa diante do Senhor daquellas terras, lhes diſſe, que partiſſem pera Malùr, aonde entam aſſiſtia o dito Senhor. Porem como elle ſó queria levar a couſa por força, & naõ por rezaõ; dahi a pouco lhes mandou dizer, que ſe foſſem pera ſua caza, por entender, naõ eram neceſſarias diſputas.

6 No tempo, que iſto paſſava em Cangupati, eſtava o Padre Manoel de Britto alem do rio Colaram cõmunicando o Jubileo aos Chriſtaõs. Ali foi avizado, do que paſſava. Naõ tinha elle tençam de hir a Cangupati por rezaõ do perigo a que ſe expunha, andando tam furioſos os inimigos, mas foi forçado a ir là, pera fazer huã confiſſam, a que era chamado. Soube Tantiangaro da vinda do Padre: fingio logo hum recado do Senhor da terra, dizendo, que o chamava; (queria com eſta traça tiralo de caza) Entendeo o Padre o engano, & reſpondeo, que como lhe conſtaſſe por formam do ſenhor da terra, que o chamava, que entam iria; & que menos diſſo naõ havia, porque tratar de tal couſa. Vendo o Bramane a ſua reſoluçam, na meſma noite com todos os da ſua quadrilha cercou a caza do Padre, & lhe mandou dizer, que logo ſe puzeſſe a caminho pera Malûr. Deu o Padre a meſma repoſta.

7 Vendo elles, que o Padre ſe naõ reſolvia, feita conſulta entreſi; determinaram de o matar. Huma couſa ſe fazia difficultoſa a Tatiangaro, & era, que ſe depois o ſenhor da terra o multaſſe em dinheiro pela morte do Padre, haverem os diſcipulos de concorrer. Fazendo elle eſta duvida, todos a huma voz diſſeram, que de boa vontade concorreriam. Antes deſta ultima reſoluçam tinha hum deſtes viſto ali a hum menino, que foi por quem Deos livrou o Padre, & naõ ſabendo, que era Chriſtaõ, lhe perguntou, ſe o Padre tinha gente de armas conſigo. Reſpondeo elle, que ſim, & que entam tinhaõ entrado mais de duzentos ſoldados; por ventura, que Deos por livrar ao ſeu ſervo, mandaſſe ſeus Anjos em forma viſivel aos olhos do menino, aſſiſtir naquella caza; pois dentro da caza ſó eſtava o Padre encomendandoſe a Deos, & alguns ſeus moços.

8 Eſta repoſta do menino referio o diſcipulo a ſeu Meſtre, & mais cõdiſcipulos, que eſtavam com reſoluçam de matar ao Padre. Quando a ouviram, ficaram temeroſos, & frios no ſeu propoſito. Totalmente os deſanimou a voz de hum Chriſtaõ, que gritou, aos que eſtavam na Caza do Padre, dizendo-lhe, que ſe preparaſſem. Tendo por certo haver dentro gente de armas, deyxaram o poſto cõ reſoluçam, de virem pela menhaã. Conſideradas bem as couſas, ſe reſolveo o Padre, de partir logo na meſma hora pera Malùr, offerecido a tudo, o que pudeſſe ſucceder; attendendo tambem, que ſeria melhor ouvido, tendo antes fallado com o Governador. Em rompendo a menhaã Tantiangaro

angaro tornou à ſua empreza, & achando que o Padre ſe auzentara, ſem ſaber pera onde, fez ſuas peſquizas, & tendo noticia, que fora pera Malùr, logo no dia ſeguinte determinou tomar o meſmo caminho.

9 Quaſi todos, os que eſtavam em a fortaleza de Malùr, eraõ diſcipulos do Bramane, & nelles eſtava muy confiado. Por iſſo naõ teve o Padre lugar de fallar logo ao ſenhor da terra, como queria. Mas como conhecia ao Padre, lhe deu lugar dentro da fortaleza; ao Bramane prohibio a entrada, & dormir dentro por vir em tom de guerra. Tiveram audiencia aſſim Padre, como o Bramane; a eſte ſe perguntou, que negocio o trouxera ali. A repoſta foi dizer muytas couſas contra a Ley de Deos, & ſeus prègadores. Perguntaram depois ao Padre: *Quem era, que terra era a ſua, que doutrina enſinava.* A tudo reſpondeo em breves palavras, diſculpandoſe, que havia pouco tempo, que tinha vindo àquelles Reynos, & por iſſo naõ ſabia ainda a lingua de modo, que pudeſſe reſponder a tudo, o que lhe perguntavam: que ali eſtavam prezentes ſeus diſcipulos, que por elles daria a tudo repoſta conveniente.

10 Com iſto teve lugar de reſpōder hum Catequiſta, dando rezam a tudo, quanto ſe tinha perguntado ao Padre. O que fez com tāta ſatisfaçaõ, que confeſſaram os gentios, & com elles Tatiangaro ſer a Ley de Deos o caminho da ſalvaçam, mas que naõ era rezaõ tirarlhe ſeus diſcipulos, que o ſuſtentavaõ, aos quais enſinava a ſua ſeyta ſó pelo intereſſe temporal, que dali lhe vinha, naõ por entender, havia nella ſalvaçam. Muy frios ficaram os diſcipulos do Bramane, quando diante de tanta gente lhe ouviram confeſſar de plano, que na ſeyta, que enſinava naõ havia ſalvaçaõ: Dizendo os diſcipulos entre ſi: *He poſſivel, que nos dizia, que o que nos enſinava, era caminho pera o Ceo; & agora aqui em publico eſtà affirmādo o contrario.* Com iſto ſe acabou a primeyra ſcena deſta tragedia, recolhendoſe cada hum pera ſua caza, & o Padre pera a de hum Chriſtam.

11 Naõ deſconfiou Tatiangaro da victoria, ainda depois de confeſſar as ſuas ignorancias, nem os diſcipulos taõ cegos como elle o deyxaram, depois de lhe ouvir tam verdadeyros deſenganos. De todos o Bramane ſe valia, & todos o queriam ajudar. Os do paço, que elle tinha da ſua maõ, mādaraõ perguntar ao Padre por via de terceyro: *Se eſtaria pelo que, o Senhor da terra ordenaſſe.* Reſpondeo elle, que ſim, em quāto naõ encontraſſe a Ley de Deos, q̃ prègava. No dia ſeguinte foi outra vez o Padre chamado. Perguntaraõlhe ſe tinha dito algumas affrōtas cōtra os ſeus Deozes, & Meſtres das ſuas leys. Logo lhe intimaram duas couſas, a primeira, que nam diria o Catecìſmo aos diſcipulos daquelle Bramane, nem aos do Lingaõ, que he huma ſeyta turpiſſima athe no idolo, que veneram, que he a meſma torpeza. A ſegunda, que lhe entregaria os lavādeyros, que ouviram a Ley de Deos.

12 A'cerca das injurias diſſe o Padre: que nunca as diſſera, nem enſinara, que as diceſſem. Quanto ao enſinar o Catecìſmo, reſpondeo, que iſſo era grande virtude, & tambem o ouvilo, que quem tal couſa impediſſe, faria hum grāde peccado; que elle o havia de enſinar, aquem de ſua propria vontade, o quizeſſe ouvir. Que quāto aos dous lavādeyros, nem a Ley, nem a rezaõ o pediaõ; porque tinham ouvido a Ley de Deos, & eraõ jà ſeus diſcipulos. Vendo elles eſta reſoluçaõ, lhe tornaram a pergūtar, ſe eſtaria pelo que, lhe ordenaſſe o Senhor da terra. Reſpondeo, o que jà tinha dito. Aſſim ſe acabou a ſegunda ſcena deſta tragedia.

13 Sahio brevemente Tatiangaro com hum invento muy galante, pera amotinar o povo contra os Christaõs, & contra o Padre: trouxe elle, & a chusma, que o acompanhava muitas estatuas dos idolos, que ou ja estavam quebradas, ou elles entaõ as quebraram, pera reprezentar melhor o seu papel; & pondo-as todas encima de hum boy, as levaram pela Cidade, lamentãdose, de que os Christaõs tinhaõ feito aquelle estrago nos seus Deozes; & com grande lastima, a este mostravam com hum pè quebrado, àquelle com hum braço cahido, & a outros com cabeças, & narizes fora. Grande foi o furor, que o povo concebeo, vendo tanto diabo aleijado, desnarigado, & desorelhado. Postos todos em hum corpo assim os da seyta de Vixnu, que era a de Tatiangaro, como os da seyta de Xiven, da qual era o Senhor daquella terra, fizeram todos os esforços, pera arruinar a Ley de Deos.

14 Athe este tempo nem o Padre, nem o Bramane tinhaõ fallado com o Regulo, mas só com os da Corte. Deu suas peitas Tatiangaro, & teve audiencia do Regulo. Tanto soube dizer ao Regulo, q̃ este lhe fez honra, cõ q̃ elle, & todos os seus ficaraõ muy inchados, & soberbos. Divulgaram, que o Regulo mãdava matar a todos os Christãos, & catequista & atar o Lingam ao pescoço de certo Christaõ, contra quem estavam mais assanhados, & que mandava desterrar das suas terras ao Padre, depois de se lhe fazerem muitas affrontas. Lançada esta fama, os Christaõs se prepararam pera morrer pela fè: todos se confessaram com o Padre, o qual estava disposto, pera receber a morte, se Deos fosse servido, lhe fazer taõ grande mercè.

15 Depois, que Tatiangaro alcançou visitar ao Regulo, foi todo o seu empenho fazer, que naõ desse audiencia ao Padre. Pera o conseguir metco por valia a mãy do Regulo, & ao seu Mestre, os quais se houveram por tam empenhados, que disseram ao Regulo, que se admitisse o Padre a sua prezença, que logo o haviam de deyxar, & se partiriam pera outra terra, que nomearam. Alem destas valias as grandes peitas do Bramane fizeraõ, quanto elle quiz. O Regulo deu sentença contra o Padre, que se auzentasse de suas terras por dous mezes; & que o Bramane lançasse maõ dos dous lavandeiros, & os pudesse obrigar a retroceder: mas concedeo ficarem os Catequistas, pera attentar pelos Christaõs, & Igrejas.

16 Era este Regulo athe aquelle tempo bem affecto aos Christaõs, tinha noticia das verdades da Fè, por isso todos admiraram tam insperada mudança. Passados os dous mezes, o visitou hum catequista, ao qual disse, naõ era bem voltasse às suas terras, porque os sectarios de Vixnu, & Xiven o haviaõ de matar. Foi o Padre desterrado pera Maysùr, aonde os Padres, que naquella Missaõ trabalhavam, o receberam com grande amor. Ali teve huma gravissima doença, em que foi assistido com toda a charidade. Depois, que o Padre foi desterrado, algumas vezes com grande perigo acodio a confessar alguns enfermos. De caminho bautizou os dous lavandeyros, dilatando por certos respeitos os bautismos a suas familias. Estes dous sendo ainda catecumenos mostraram notavel constancia na Fè. Tanto que o Bramane sevio com a licença, que dissemos, lhes fes grande força, pera deyxarem a Ley de Deos. Multou-os em grande summa de dinheiro, este deram, mas naõ mudaram de proposito. Depois lhes poz com hum ferro abrazado o final de Vixnu em ambos os hombros; mas o fogo só servio, de os accender mais no amor da Fè. Quando se bautizaraõ, disseraõ ao Padre, que fazendas,

& vi-

& vidas perderiam, antes que deyxar a verdadeira Ley, que huma vez abraçaraõ.

17 Outra perseguiçaõ moveo na mesma Residencia hum mao Christaõ, o qual tinha apostatado. Este fora em traje de Jogue a Santo Thome, à Costa da Pescaria, & a Goa. Voltando pera Madurè começou a divulgar, que os Mestres da Ley de Deos eraõ Portuguezes, que comiaõ carne de vaca, & a sua ley, Ley dos Portuguezes. Todas estas cousas naquellas terras saõ abominandas: porque os Europeos saõ tidos, & havidos por gente vil, & bayxa, porque comem carne de vaca, & por consequinte dizem, que a sua Ley he tal como elles. Levando alguns Christaõs a mal estas injurias, lhe sacudiraõ muy bem as costas. Com esta medicina se empeyorou o enfermo. Ajuntou alguns gentios, & em tempo, que o Padre estava auzente, entrou na Igreja com alparcas nos pes, que he naquellas terras grande descortezia aos lugares sagrados. Em varias partes intentou fazer motim, mas como visse, que naõ tinha o sequito dezejado, se passou ao Reyno de Maysûr.

18 Na perseguiçam de Tatiangaro deyxou a Fê hum Christam principal, que jâ antes andava frio, por se ver perseguido de alguns infortunios. Fes sacrificio ao diabo, & a elle se encommendou. Sendo nisto grande a magoa do Padre, & dos Christaõs, hũ delles doendose da sua fatalidade, lhe quis dar santos conselhos, mas o miseravel tapando os ouvidos, disse: *Eu jà tenho largado a Deos, por tanto naõ tendes, que fazer comigo.* A penas proferio estas palavras, quando se lhe tolheo a falla, & assim espirou miseravelmente com grande espanto de todos os Christaõs, que neste cazo viram o rigor da Divina justiça contra aquelles, que se naõ querem aproveitar da sua misericordia.

CAPITULO XXXIX.

Virtudes do Padre Manoel de Britto: do muito, que padeceo, & sua ditoza morte.

1 QUasi seis annos trabalhou o Padre Manoel de Britto na Missaõ de Madurè com zelo, & fervor taõ singular, que o Padre Antaõ de Proença, Varaõ Apostolico, & de excellentes virtudes, lhe costumava chamar a pedra preciosa da Missaõ de Madurè; tal era o conceito, que delle tinha. Alẽ das grandes ansias, que tinha de converter a todos os gentios; elle, sendo tanto o seu trabalho, tomava sobre si muytas vezes o dos Catequistas, preparando aos penitentes, pera se confessarem. Quando lhes ensinava a fazer o acto de Contriçaõ, elle o fazia taõ de coraçaõ, que todos se compungiaõ, & choravam muitas lagrimas. Do zelo, que tinha de salvar as almas alheas, nascia o pouco cazo, q̃ sempre fez de sua vida, & saude. Por morte do Padre Jozeph Arcolino foi o Padre Manoel de Britto visitar a Christandade de Satiamangalaõ, aonde padeceo muito, por ser a terra doentia, & os caminhos às vezes por matos de espinhos taõ densos, que he necessario ir sempre incurvando o corpo, por naõ esfolar o rosto. Disseraõ-lhe, que os Christaõs de huma aldea estavam entre si desunidos; sendo a jornada perigoza, logo pera lâ fez endireitar o caminho. Disseraõ-lhe alguns Christaõs, que o acompanhavaõ, que o paiz era de ares muy nocivos naquelle tempo, que parecia temeridade exporse a tanto perigo. Respondeo, que se elle morresse, naõ faltariaõ operarios, com que Deos acodisse àquella vinha. Desta jornada se cuida, teve origem a doença, de que morreo, como logo diremos.

2 Do grande zelo, que tinha do bem das almas, lhe naſceo o amor, & affabilidade, com que tratava com todos; por iſſo de todos era amado como pay, & mãy. Nelle viaõ os neofitos como reſucitada a benignidade do Veneravel Padre Manoel Martins, de quem tinha o nome. Eſte Padre fora pera todos aquelles Chriſtãos como amoroſa mãy, & naõ havia couſa mais viva na ſua lembrança, que a ſuave memoria daquelle excellentiſſimo Miſſionario. Todas eſtas virtudes do Padre Manoel de Britto ſe fundavaõ em humildade profunda, & ſolida. Sendo homem de grande prudencia, nada fiava de ſi meſmo, em qualquer couſa fazia mais eſtimaçaõ do parecer de qualquer Padre Miſſionario, do que do ſeu juizo, & diſpoſiçaõ nas emprezas. Aos ſeus Catequiſtas tinha pedido, o avizaſſẽ de todos os erros, que deſſe no fallar da lingua, dando premio a qualquer delles, que lhe notava algum defeito. Tudo ſe entendeo ſer mais, por ſe humilhar, que por aprender lingua eſtrãgeira; pois a ſabia fallar muy bem.

3 Na ſua ultima doença moſtrou tanta ſogeiçaõ ao Medico, que ſendo a febre ardentiſſima, nunca ſem ſua licença enxaugou a bocca. A ſua mortificaçaõ foi em tudo rara: ſendo a vida, que ali profeſſaõ os Miſſionarios, muy auſtera, & rigoroſa, elle a obſervou com exceſſivo rigor. Naõ ſe contentãdo com caminhar ſempre deſcalço, comer dos comeres ordinarios, dormir ſobre a terra, tendo por cabeçal hum alforginho, em que levava o breviario, & alguns panos do ſeu uſo; ajuntava comer huma ſó vez no dia, & ſómente legumes, arroz, & algumas hervas; porque peyxe, carne, & vinho ſeria naquellas terras couſa execrãda, ſe as tocaſſe, quem faz, & profeſſa a vida de Religiozo penitente, como profeſſaõ ali os Miſſionarios. Padecia huma doença habitual, & havendo pera ella remedios facis naõ ſe cãſava cõ, uſar delles, naõ querendo extinguir aquella como fonte de padecer; naõ obſtante, que muitas vezes lhe tirava o ſono.

4 Sendo o Padre Manoel de Britto taõ inſigne neſtas, & outras virtudes, naõ he maravilha, que Deos lhe fizeſſe muytas merces, & favores, como coſtuma fazer aos ſeus ſervos. Porque o achou digno do ſeu agrado, o provou como ouro no grizol, pera lhe dar coroa mais illuſtre. Deſtes favores lhe fez tãtos, que entre os admiraveis Miſſionarios de Madurè naõ houve athe o ſeu tempo outro, que em taõ poucos annos de Miſſam padeceſſe tanto. Naõ fallãdo das graviſſimas doenças, que teve, das quais em huma eſteve deſconfiado dos Medicos, & como hidropico, ſem poder mover o corpo, tãto, que comia por maõ alhea, por naõ poder menear as ſuas. Mas iſto he nada em comparaçaõ do que padeceo pela Fè, que prègava.

5 Depois que foi deſterrado pela Fè por cauſa da perſeguiçaõ, que moveo Tatiangaro, [como diſſemos aſſima] deſterrado, & peregrino andou em huma roda viva de humas em outras terras ſem deſcanſo, nem alivio, por acodir aos Chriſtaõs, que eraõ muytos em numero, & em terras diſtãtes. Depois deſta perſeguiçaõ fez caza em dous lugares, mas em nenhum pode fazer aſſento. Em Vãdale, onde fez a primeyra, foi tal o odio dos inimigos da Fè, que ſe o houveraõ às mãos, ſem duvida lhe tirariaõ a vida. A ſegunda caza fez em Mangalaõ, a qual deyxou naõ tãto por cauſa do exercito do Nayque, que tudo aſſolava, quãto por entender, que o Senhor daquella terra o queria, & intentava prender.

6 Alem deſtas preſeguiçoẽs, deſterros, & peregrinaçoẽs taõ continuas, & trabalhozas. Huma vez em

Ariur

Ariur na Provincia de Tricherapali, os Bramanes lhe deraõ tãta pãcada, que lhe deyxaraõ o corpo cuberto de chagas, & feridas, & os braços em tal estado, que nada podia levar com a maõ à bocca. Outra vez em Tãjaor foi prezo por hum Bramane a tempo, que estava doente de cama, & naõ se podendo ter em pê, os ministros da justiça o obrigaram ir a juizo; aonde o condenaraõ a tratos de corda muy crueis, depois de lhe terem dado muitas bofetadas no rosto, & muitas punhadas no corpo, & feito inumeraveis injurias. Tudo foi em odio da Fè, & pera tirar delle alguma boa summa de dinheiro. Depois o meteraõ em hum apertado, & penozo carcere, que parecia retrato do inferno. A imundicie era, qual se naõ pode explicar, o calor intoleravel, os prezos taõ juntos, que se naõ podiaõ mover, & estavam, como se dis estar os condenados no inferno. Neste penoso carcere esteve quinze dias dormindo sobre huma esteyra, que por amor de Deos lhe mandou dar huma devota Christaã.

7 Todos estes trabalhos com serem taõ grandes, como se deyxa bẽ ver, eraõ muy suaves a este servo de Deos, que só dezejava padecer por seu amor; & Deos lhos adubava com multiplicadas consolaçoẽs do Ceo. Por fim de todos lhe deu hum, que mais, que todos, o atormentou no espaço do anno antes de sua morte. Sẽtiose privado de tudo, o que chamamos consolaçaõ, com huma doença de escrupulos taõ importunos, que dãdo delles conta ao Padre Andre Freyre lhe dis, que lhe parecia viver em hum inferno. Chegou a tal extremo, que imaginava, que todas as suas acçoẽs eram peccaminosas; por esta causa escreveo aos Superiores, que o mandassem retirar daquella Missaõ, allegãdo, que seus muitos peccados o faziaõ indigno de viver nella, aonde os Missionarios eraõ taõ santos. Porem este, que elle tinha por inferno, foi darlhe Deos nesta vida o Purgatorio, pera que assim satisfazendo, aumentasse tambem os merecimentos. Poucos dias antes de sua morte cessou esta tormenta, & se achou em bella paz, sem algum genero, ou resabio de escrupulos. Sabendo da doença do Padre Joaõ Barboza, se poz a caminho, pera lhe assistir. Mas no caminho cahio enfermo na Residencia de Mullipari, que entaõ estava a cargo do Padre Manoel Rodrigues. Este o foi buscar ao caminho, & o trouxe pera sua caza. Fez todas as diligencias, pera que cobrasse saude; mas naõ aproveitando, depois de receber os Sãtos Sacramẽtos, com grãde soccego acabou esta vida mortal, & passou à felicidade eterna.

8 Sentiram todos os Padres Missionarios a falta de taõ santo cõpanheiro, & mais que todos o Padre Manoel Rodrigues, em cujos braços espirou. Chorou este Padre tãtas lagrimas, que escreveo, o naõ podia fazer mais na morte de seus pays. Seu corpo foi enterrado em hum campo, no qual suas cinzas estaõ fazendo continua guerra à idolatria, à qual tantas vezes, sendo vivo, venceo, & triumphou. Morreo no anno de 1671; nem o mes, nem o dia achei apontado.

CAPITULO XL.

Vida do Padre Manoel Fernandez,

Da peste, que houve em Faro, & como nella servio. *Em Lisboa 10 de Junho de 1693.*

1 O Zelo, & incansavel fervor, com que o Padre Manoel Fernandes, Confessor, que foi Del Rey Dom Pedro o segundo deste nome, trabalhou em Faro no tem-

tempo, que aquella Cidade ardeo em peste; merece façamos delle huma honrada memoria; & que naõ deixemos em silencio taõ heroicos exemplos, que hà tanto, que admirar, venerar, & imitar. Sua patria foi o lugar de Fermoielhe no Bispado de Coimbra; entrou na Companhia em Coimbra ao primeiro de Março de 1631 tendo dezasete annos de idade. Ali passou o seu noviciado, & depois estudou. Em todas as occupaçoẽs, em que servio a Companhia, se houve com satisfaçam, dando em todas bom exemplo de virtude.

2 Porem onde realçou grandemente, foi na Cidade de Faro, quãdo em parte do anno de 1649, & parte do anno de 1650, a Cidade ardeo tanto em peste, que das tres partes de seus moradores a penas ficou com vida a terceira parte. Pegouse o fogo da ira de Deos naquella Cidade, depois de ter abrazado a de Tavira, a tẽpo que ardia na de Lagos, & Silves. Ateouse este mal com taõ estranho furor, que desses, que delle escaparaõ, naõ foram muitos, os que ficaraõ sem algum sinal dos cauterios do fogo, com que a cura os marcou.

3 Deu Deos nosso Senhor, como pay, que he de misericordia, grãdes significaçoẽs desta sua ira, antes que despedisse do arco as suas setas. Quãdo escrevi os fervores nesta occasiaõ do Padre Doutor Andre de Moura, apontei estes sinais, por isso me naõ detenho agora em os repetir, como nem tambem as causas naturais, de que a Divina ira se aproveitou, pera introduzir o seu açoute.

4 Aos sete de Abril de 1649 se começou o mal a explicar com algumas mortes, que entaõ foraõ correndo com nome de febres malignas; porque naõ queria a gente chamarlhe peste, assim pelo pejo das curas, como por naõ verem arder os moveis de suas cazas, como peças infectas com o contagio. Fez a estas doenças sospeitozas, a que deu em huma molher, em cuja caza se tinha hospedado hum caminheiro de Lagos, a qual brevemente morreo cuberta de pintas. Confessou-a o Padre Manoel Fernandes, & vendo as pintas, avisou aos Medicos, pera que advertissem naquellas doenças. Logo adoeceo, & morreo o marido, apoz elle hum filho pequeno. Concebeo a gẽte hum tal horror àquella caza, que ninguem se atreveo a entrar dentro, pera tirar o menino morto; mas de fora lhe lãçaraõ hum bicheiro comprido, com que o arrastaram pera fora da caza: & cahindo a criança no meio da praça de hum lãçol, em que a levavam, foi necessario apenarem dous homens pera a levantarem, & levarem à sepultura.

5 No mesmo tempo adoeceram tres pessoas em huma caza, foraõ pera ellas buscar Confessor; & naõ o achãdo, foraõ à Companhia, & as foi confessar o Padre Manoel Fernandes, que as achou a todas tres em huma cama. Ficou o Padre magoado de ver tanta pobreza. Confessou-as, & dentro de tres horas morreram todas tres. Logo pera cautella se tapou a caza, aindaque athe entam o mal naõ estava declarado.

6 Indo o Padre confessar certa molher principal, & depois o surgiaõ, que a curava, por estar aquella caza mui inficionada, & naõ ir o mal communicandose a outras cazas, pegandose às pessoas, que ali tinhaõ entrado, mandou o Guarda-mòr da saude, sahir pera degredo ao Padre Manoel Friz. Quatro dias esteve retirado na quinta de Saõ Christovaõ; mas ferindose logo outras pessoas na Cidade, deixada a quinta, foi acodir às confissoẽs.

7 Conhecido o mal, tudo foi perturbaçaõ. Tomado nesta materia algum assento, ficou sobre os hõbros da Companhia acodir às confissoẽs da Cidade, & termo. Os Padres, fei-

feita sua consulta em materia de tanto pezo, julgaram, que no Collegio ficasse o Padre Vice-Reytor Andre de Moura, & o Padre Manoel Fernandes, & dous Irmãos Coadjutores; & que os mais sahissem pera fora, porque como eraõ poucos, seria grande desacerto, expolos de huma vez juntos ao cruel golpe da peste. Demais, que como muita gente se retirara aos campos, lâ podiam fazer muitos serviços a Deos, como na verdade fizeraõ.

8 Logo o Padre Manoel Fernãdes se preparou, pera entrar neste incendio, como quem ali cuidava de acabar. Carregaram na Igreja tãtas confissoẽs, que no primeiro mes assistiam no confessionario da menhaã athe depois do meyo dia; sendo as mais das confissoẽs gerais.

9 A peste comecou a lavrar; os indicios naõ eram os mesmos em todas as pessoas, que dava; porque em humas eraõ carbunculos, em outras pontadas, & outras molestias diversas, mas todas tiravam a matar. Os motivos pera a compaixaõ a cada passo se offereciam. *Cortava*, dis o mesmo Padre em huma carta sua, *cortava o coraçaõ ver os filhinhos depois da morte das mãys, irem pera o degredo com seus Crucifixos nas mãos, lamentãdo sua orfandade. Por outra parte ir ferida, caminhãdo pera a Caza da saude a se curar, hũa viuva com seis criancinhas, de longe chorando apos ella, & quãdo a pobre hia caminhando aos poucos pela força do mal, se assentava pera descãsar, pondo os olhos naquelle orfaõ rebanho, que deixava entregue so nos braços da Divina providencia; acõteceo com os olhos fitos em taõ lamentavel objecto espirar; & assim era consolaçaõ pera as mãys, morrerenlhe os filhos primeiro, por naõ deixarem tãto desamparo. E às vezes se achavam as criansinhas vivas mamãdo nos peitos das mãys mortas.* Estas, & outras lastimas refere o Padre, que bem se ve, que athe a homẽs duros como pedras causaraõ compaixaõ, & magoa.

10 A dor principal era, ver morrer muitas molheres com os partos nas entranhas. Obrou aqui algumas maravilhas huma reliquia do Veneravel Padre Ignacio Martins, que naõ he bem as passe em silencio, por se naõ perder a memoria dellas. Tinha o Padre Manoel Fernandes esta reliquia.(& muito a estimava.) Vinte, & quatro horas havia, que huma molher estava com dores de parto, logo, que se lhe lançou a reliquia ao pescoço, pario. Outra tendo estado tres dias nesta affliçaõ, com a reliquia vio sem demora logrado o bom successo, que dezejava. Por ventura, que assim em partos, como nas doenças continuasse a reliquia em obrar maravilhas, mas a caza, a quem se emprestou, se fechou com ella, & a naõ quis mais restituir, dizendo, que temia, lhe entrasse o mal em caza, se della lhe sahisse taõ saudavel amparo. Foi esta molher ferida no lugar mais perigoso correspondente ao coraçaõ, & indo à Caza da saude levou huma criança, que assim doente lâ ao peito criava, & tambem levou a reliquia; o certo foi, que ambas tornaram sans pera sua caza.

11 Andava a peste mui solta em toda a Cidade. Havia dia, em que hiam noventa, & seis pessoas feridas pera a Caza da saude, afora as que se curavam na Cidade. Eraõ as mortes com tanta brevidade, que varias vezes aconteceo ao Padre, estar dentro confessando o enfermo, & os enterradores à porta esperando pera o levarem pera à Caza da saude, & acabarem a absolviçaõ, & vida no mesmo tempo. Outros morriaõ no caminho, & muitos por mais, que os Padres se apressavam, pera os confessar, quando chegavam, eraõ mortos. Isto se sentia mais em alguns, cuja vida

estra

estragada fazia mui incerta a salvaçam.

12 As doenças davam em crueis frenezis; de que se seguia matarem a alguns doentes, que estavam mais proximos a elles. A huma molher, que o Padre huma noite foi confessar, a qual estava gravissimamente ferida, & jâ muito fraca, lhe deu huma imaginaçaõ taõ vehemente, de que via os demonios, que a queriaõ levar, que se lançou ao Padre, gritãdo que por amor de Deos a defendese; & como por outra parte, da confissaõ, que fazia, lhe parecesse, que estava em seu juiso, a ouvio por largo espaço, sem ella nunca largar o Padre; porque tanto, que elle se queria subtrahir, logo bradava, que via o demonio, que arremetia a ella. Despedindose o Padre o melhor, que pode, se lãçou pela escada abaixo apos elle, de sorte que foi necessario ao marido tornala por força ao lugar, onde jazia; & com huma consideraçaõ pia, que o Padre lhe deixou, se defendeo toda a noite dos demonios, que naquelle viva imaginaçaõ a perseguiaõ. Estas saõ as imaginaçoẽs, a que o profeta chamou: *Immissiones per Angelos malos*. Explica Caetano serem phantasmas, sonhos, & imaginaçoẽs terriveis, com que o demonio, como ministro da ira de Deos às vezes persegue.

CAPITULO XLI.

Continua em acodir aos feridos,

1 Continuando o mal, fizeraõ os do governo certo voto a Saõ Sebastiaõ, & a Saõ Roque. Nesta funçaõ pregou o Padre Manoel Fernandes com muitas lagrimas dos ouvintes. Em parte abrandou o mal na Cidade: mas nos que estavam pelos cãpos, morando em cabanas com as incommodidades da calma, & outras achegas, que em tais occasioens naõ faltaõ; se accenderam terriveis cezoẽs. Havia grande necessidade de tudo; por isso muitos pereciaõ ao desemparo. Muitas familias destas, que se retiraram ao cãpo, lâ deixaram enterradas qual oito, qual dez pessoas; & algumas de todo se extinguiraõ.

2 Tambem nos lugares à roda de Faro deu o mal, ainda que menos. Em Moncarpacho dãdo o mal houve taõ grãde medo, que morrendo hum pay, a molher o deixou fechado com hum filhinho dentro em huma caza, & se retirou com outro de peito; & posto que o morto tinha muitos parentes no lugar, todos fugiraõ, & foi necessario mãdar recado a Faro, aonde tinha hum sobrinho, que como andava entre a peste, jâ lhe perdera o medo; & assim veyo, abrio a porta, & achou ao menino ainda vivo; mas como havia dias, que naõ comia, ja naõ podia fallar. Quizeraõ levalo à mãy, que se retirara a hum curral de gado; mas como sahira da caza infecta, acharaõ-na jâ morta; & a criancinha, que consigo levara, estava mamando no peito da mãy defunta. Objecto, (como se ve,) assas digno de lagrimas, & compaixaõ. Entaõ com humas lanças compridas foram arrastãdo os corpos mortos, athe os meter nas sepulturas. Em algumas partes era tanta a pressa, em enterrar os corpos, que estava ainda o doente vivo, & jâ a laçada da corda estava no pescoço, pera por ella o arrastarem à sepultura. Conto de caminho algumas destas estranhezas, pera que melhor se veja a grande charidade, de quem por amor de Deos se consagrou a servir, & acodir âquelles, a quem os mais chegados no sangue tinham tanto horror.

3 Alem da peste em 18 de Setẽbro do meyo dia athe as tres da tarde foi tal a tempestade de coriscos, rayos, diluvio de agoa, que os coriscos fi-

fizeram muitos estragos, & o diluvio matou muita gente, salvandose só, os que puderam retirarse aos montes, ou nos seus pes, ou nos braços alheos. Como, os que escaparaõ lidaraõ tanto com agoa, contrahiraõ doenças quasi iguais à peste.

4 No dia depois deste diluvio chamaraõ ao Padre, pera ir fazer nos montes huma confissaõ; indo no caminho achou huma criãça, que vinha ao Collegio pedir esmola, & dando-lhe o mal jazia na estrada. Chegou o Padre, & vendo o desemparo, se apeou, & a poz na cavalgadura, levando-a elle pela redea, athe a entregar a sua mãy, que estava dahi a espaço retirada.

5 Indo mais a diante, estava no caminho, trazido ali da corrente hum meyo corpo de huma pessoa, que morrera de peste, & fora mal enterrada. Era tal o cheiro, fazia tal horror, que a cavalgadura naõ queria passar adiante. Fez o Padre, com que passasse, chegou à quinta do Conego Gonçalo Ayres, aonde estava doente o Conego Frãcisco da Cunha, a quem hia confessar. A outro Conego, que ali estava doente, offereceo confissaõ, porem elle fazendose com mais tempo de vida, do que na verdade tinha, a naõ admittio, & naquella noite morreo. Quatro Conegos se retiraram pera aquella quinta, & todos quatro morreram. Dous que tinhaõ sido da Companhia, no tempo da peste, se naõ quizeram apartar da sua Sè, & estes ficaram sem o mal os tocar em premio de naõ desempararẽ o culto Divino; que Deos naõ se esquece de quem, delle se lembra em tais occasioẽs.

6 Recolhendose o Padre pera caza, encontrou em outra parte a cabeça do corpo, que à ida achara; procurou logo, que tudo se enterrasse. Alem do diluvio sobredito, que aconteceo de dia, veyo em a noite do primeiro pera o segundo de Outubro outra tormenta, que acabou de destruir tudo, & foraõ continuãdo tam multiplicadas, que alguma gente, que escapou, teve por melhor recolherse à Cidade, que toda via jà tinha lãçado bãdeira de saude; mas como esta gente vinha chea de miserias, & as cazas da Cidade naõ estavaõ de todo limpas, metendose nellas, deram materia a resucitar a peste; a qual se tornou a embravecer, & cõ tezidaõ foi continuando athe dia de Saõ Jozeph, no qual conhecidamẽte fes pausa, & dali por diante foraõ poucos os feridos; athe que finalmẽte dia da Invençaõ da Sãta Cruz se levãtou bãdeira de saude, na qual se pintou Nossa Senhora, & Saõ Jozeph dando as mãos ao menino JESUS, & Sãto Thomas Padroeiro da Cidade, & da outra parte Saõ Sebastiaõ, & Saõ Roque, especiais advogados da peste.

7 Em todo o tempo da peste naõ houve resguardo algum, quãto a administraçaõ dos Sacramentos em a nossa Igreja; & foi cousa, que muito se advertio, que sendo os ajuntamẽtos, & concursos mui nocivos em tal tempo, naõ se achou, que pessoa alguma fosse ferida por causa daquelles, que se tiveram em ordem a Deos, nem que por vir à Igreja, a tocasse o mal. Antes houve pessoa, que esteve retirada em huma quinta, & depois de passar a primeira força do mal, se veyo meter na Cidade; onde esteve sinco mezes, sem sahir de caza, nem à Missa, nem pera outra obra pia, com todas estas cautelas se ferio, & morreo. O ferir mais ordinario era no comer, & beber pelas tavernas, & nas cazas da luxuria.

8 O mesmo parecia ser nimiamente acautelado, que convidar a peste. Hum rico estava em huma cabana, qne dava a esmola na ponta de huma lãça pera mais resguardo; mas parece, que pela lança lhe sobio a peste, levandolhe quatro pessoas, & no mes-

mesmo dia, que esta lhe entrou em caza, no mar lhe tomaraõ os inimigos huã caravela, na qual hum seu filho hia pera o Brasil, levãdo na embarcaçaõ grandes empregos. Outro homem se guardava em huã quinta à espingarda, porem estes tiros de pouco lhe serviram, porque a peste lhe entrou em caza, matou tres escravos, & ferio outra gente. Hum Religioso de certa Religiaõ se sahio fora do convento ao campo a morar em huma cabana, dizendo, que nem com excomunhaõ o fariaõ voltar a caza, mas brevemente lhe deu hum carbunculo, que lhe tirou a vida; porque a morte parece anda de proposito buscãdo, aos que mais a procuravam desviar de si.

9 Da Companhia nenhum se furtou aos perigos, antes o Padre Manoel Fernãdes os andava desafiando. As freguezias todas ficaram à conta dos da Companhia, porque os Parocos mostrando ser mercenarios, se desviaraõ de suas obrigaçoẽs. O Padre Manoel Fernandes se offereceo muitas vezes pera fazer o officio de Parocho na administraçaõ da Cõmunhaõ, & o escreveo ao Governador do Bispado, que estava em seguro; porquãto em todo aquelle tempo o Senhor naõ sahio fora, nem ainda pera doentes, q̃ naõ eraõ de peste. Porem elle, & os mais como julgavam, ser isto de pouco credito seu, acharaõ por mais barato, naõ acceitar o offerecimento, agradecendo ao Padre com palavras honrosas a boa vontade.

10 Vivia em Faro hum herege Inglez velho nos annos, & no vicio da luxuria. Foi ferido do mal, estava só em huma caza, & à porta outro herege, que defendia a entrada. Entrou o Padre Manoel Fernandes ao doente, pera ver, se o podia em tal hora pòr no caminho da salvaçaõ. Estava cuberto de pintas, tinha duas inguas, & a peste no seu auge; abraçou-o Padre como amigo, tomoulhe o pulso como Medico, fez-lhe a cama como enfermeiro, deulhe os pezames da doença. E entre estas benevolencias o advertio, que pois a vida do corpo era acabada, naõ perdesse a salvaçam.

11 Propos-lhe a verdade da Fè Romana, & a cegueira dos Inglezes: nesta pratica gastou com elle boa parte do dia, & da noite; derramando o Padre muitas lagrimas, com as quais adoçava as palavras, & pera diminuir as affliçoẽs ao enfermo, lhe applicava de quãdo em quãdo os remedios corporais, que ali lhe serviaõ. Tudo isto hia afeiçoando o enfermo; o qual lhe disse: *Padre, agradeço muito esta visita: a materia he de grande importancia; cuidarei esta noite, no que me dis, & âmenhaã me tornarâ a ver, & conformarnoshemos, no que convem.*

12 Beijoulhe o Padre a maõ pelas boas esperanças, com que o despedia; mas quando no seguinte dia voltou, o achou jà com o juizo perdido, & quasi sem falla; & assim brevemente acabou. Causou esta charidade grãde edificaçaõ em todos, vẽdo que a charidade do Padre, se naõ estreitava só aos Catholicos. Ouvindo o Governador, ser morto aquelle homem, sem se converter, ignorãdo as diligencias do Padre, disse: *Pois como Giles* (assim se chamava) *morreo herege, naõ havia Padres da Companhia, que o convertessem.* Houve logo quem lhe respondeo: *Senhor com os Padres à cabeceira morreo; porem assim como o Medico corporal lhe naõ pode dar saude ao corpo, assim o espiritual lhe naõ pode salvar a alma.*

13 Melhor lhe succedeo com outro herege Calvinista de naçaõ Francez, aquem o Padre buscou, quãdo estava jà ferido do mal; propos-lhe as verdades da Fè, elle as abraçou, & morreo reconciliado com a Igre-

à Igreja. Era este homem de bons costumes, nelle naõ havia nota de deshonestidade, grãde limpeza de mãos, & outros costumes sem vicio, que por ventura moveraõ a misericordia de Deos, a por nelle seus olhos de piedade.

14 Tambem lhe passou pelas mãos a direçaõ de huã peccadora, que havia dezaseis annos vivia em mao estado com hum Ecclesiastico, a qual neste tempo do mal fez muitas diligencias, pera se tirar do poder daquelle homem perdido. Muitas vezes veyo de fora da Cidade a tratar este ponto com o Padre, peraque sem o saber o mao Ecclesiastico, lhe buscasse cõmodo, onde estar, athe se abrirem os portos, pera se recolher em hum Mosteiro; mas que no entretãto vivesse em huã lapa, comẽdo hũ paõ cada somana. Dizia, que quando tornava pera caza, lhe parecia, ir meterse em hum inferno.

15 Por ser o occasionado poderoso, & o tempo de peste, em que ninguem se atrevia a receber gente em caza, naõ era facil descobrir cõmodo. Ella porem levada do seu fervor, disse ao Padre, pedira instãtemente a Deos, que em quãto estivesse naquella caza, lhe desse doença, que a impossibilitasse a peccar. Comprio Deos sua petiçaõ, porque dãdolhe humas rijas cezoẽs vieram a degenerar em peste, de que morreo. Antes da morte tinha feito taõ aspera penitencia, que quasi hum mes levou a paõ, & agoa, & amaçou quasi tres moyos de paõ, que repartio aos pobres, & antes fez confissam com muitas lagrimas, deixando ao Padre esperãças, de que Deos teria della compaxaõ.

16 Huma molher, aquem seu marido, por causa da occasiam com que andava perdido, tratava mal, se retirou a huã quinta, onde temia ser morta de noite por seu marido. Mãdou aviso ao Padre Manoel Fernandes, o qual de noite foi a quinta, trouxe ao marido quieto pera sua caza; fez, com que ambos se confessassem, & cõmungassem na nossa Igreja. Depois veyo tambem a molher, que era causa da desenquietaçaõ, & fes promessa de emenda, & tudo ficou cõposto. Muitos outros disgostos se converteram em bella paz por industria deste virtuozo Padre.

CAPITULO XLII.

Faz a Deos outros serviços o he ferido da peste, como foi curado. O mais de suas virtudes, & morte.

1 A Maior peleja foi contra o vicio da luxiria; estava muy devasso na Cidade, & nas pessoas, que o deviaõ emendar. Nẽ bastava o terrivel açoute da peste, pera o desterrar; sahiao-se com suas occasioẽs da Cidade; & Clerigo houve, que tendo na mesma cabana a occasiaõ, com que vivia jâ de annos, foi necessario ir lâ o Capitaõ-mòr, & tirarlha, quãdo a peste estava no seu auge. Este finalmente morreo como bruto dãdolhe hum accidẽte na caça da mesma occasiaõ; & quando antes lhe diziam, que se emendasse, respondia; que a peste naõ era castigo, mas causa meramente natural, que levava a bons, & a maos.

2 Fallando o Padre com hum hereje, pera o reduzir, como alem de outras razoẽs lhe apõtasse a pureza, dos que professavam a Fè, respondeo: *Padre, essa rezaõ naõ tem força nesta terra, porque vemos o contrario naquelles, em que a obrigaçam do estado havia de ajuntar a pureza da vida com a pureza da Fè.* Destes occasionados naõ poucos sahiraõ do seu mao estado pelos santos avisos do Padre Manoel Fernandes.

3 Nesta occasiam obrou notaveis maravilhas a devaçam das nove Ave Marias, que o Padre ensinou, & tinha lido em historias antigas, em semelhantes fatalidades. O que nesta materia dis o Padre Manoel Fernandes, contarei com suas mesmas palavras: *Ensinavamos*, dis elle, *a devaçam das nove Ave Marias, peraque a rezassem todos os dias, & sentindose hum ferido, a cada Ave Maria, que rezasse, fizesse o sinal da Cruz sobre a parte lesa.*

4 *E ja com esta devaçaõ* dis Pelbarto, *que servindo na peste inguinaria de Ungria, muitas vezes, sendo ferido, escapara da morte, a qual devaçaõ elle jâ confessa aprender de outro devoto, que por ella na peste alcançara milagrosa saude. E deixãdo, o que com evidencia experimentei, referirei a de algumas pessoas, de que tive noticia.*

5 *Hum mãcebo veyo hum dia à noite pedir confissam à portaria: fui eu pera o confessar: Padre, respondeo elle, venho ferido, & quero-me confessar, & ir logo pera a Caza da saude, porque eu tive de hontem pera hoje vomitos, febre, dor de cabeça, & depois me deram huns ardores grãdes debaixo do braço, com que agora estou; & porque toda a minha gente se vay pera fora da Cidade, eu me quero ir pera a Caza da saude.*

6 *Ouvio de confissam, & animeio o melhor que pude, que por aquella noite se tornasse pera sua caza, aonde com resguardo passasse, & que rezasse nove Ave Marias à honra dos nove mezes, que a Virgem trouxe a Christo em suas purissimas entranhas, fazendo a cada Ave Maria sua Cruz na parte, que lhe doia, & que pela menhaã, se naõ estivesse melhor, se iria pera a Caza da saude. Assim o fez o mãcebo, & ao outro dia indo eu a huma confissaõ, o achei na rua fallãdo com seus amigos. Pergũteilhe pelo seu achaque. Padre, respondeo, jà naõ tenho nada de mal, louvores à Virgem Senhora.*

7 *Huma pessoa na Caza da saude rezãdo, & fazendo as Cruzes na parotide, que tinha de traz da orelha, a lãçou pelos narizes. Hum soldado, aquem tinha ensinado a mesma devaçam, confessandose, me cõtou, que anoutecera com hum polmaõ em hum braço, & fazendo esta devaçam amanhecera sem elle. Muitos outros favores experimentaram da Virgem Senhora os devotos das nove Ave Marias, & tinham jà muitas pessoas tãto por habito esta devaçam, que me disseram muitas mãys, que athe os filhos à noite naõ queriaõ dormir sem primeiro lhe rezarem as nove Ave Marias, & os benzerem com as nove Cruzes.* Estas maravilhas refere o Padre Manoel Fernandes desta devaçaõ, pela qual a Senhora nesta occasiaõ obrou notaveis prodigios.

8 De huma cousa se admirou huma vez, & foi, que dando a peste em certa caza, & levando a todos, so perdo ou ao dono da caza. Fallãdo o Padre acerca deste successo, reparãdo, em que aquelle mal dava muitas vezes em huma familia, buscando as pessoas, aindaque estivessem em diversas partes, como acontecera a tres Irmaõs, aquem deu no mesmo dia, estando elles em lugares distãtes, sem tratarem huns com os outros, antes estavam desavindos.

9 Vendo pois o Padre, que aquelle homem tratãdo com tãta gẽte ferida da sua caza, ficara só livre, disse: *Que mais merecimentos tinha fulano diante de Deos, que a mais gente, que lhe pertencia, pera so escapar, morrendo todos. Padre,* respondeo a pessoa, *Vi a esse homem fazer hũ acto taõ Christaõ jà ha tempo à porta desta Igreja, que por elle entendo, lhe conservou Deos a vida, porque tendo elle com seu pay nam sei que duvidas, o pay lhe deu huma*

huma bofetada, mas o filho com muita sogeiçam lhe tomou a mam, & lha beijou, & esta acçam lhe paga Deos agora com a vida prolongada. Julgou o Padre, que tinha rezaõ no seu discurso, assim porque nas Divinas letras a semelhantes filhos se promete longa vida, como pelos notaveis exemplos, que as Historias contam ou de castigos aos filhos descortezes pera com seus pays, ou de premios aos obedientes.

10 Nesta peste trabalhou o Padre Manoel Fernandes, sem perdoar a trabalho, nem perigo. Quis o Senhor, pera lhe aumentar o merecimento, que fosse ferido da peste, mas valendose da devaçaõ das nove Ave Marias, que tinha ensinado, Deos o livrou, experimentando em si a efficacia da devaçam, que ensinara aos outros. Por isso a inculca no primeiro tomo da Alma instruida, que compoz.

Alma Instruida tom. 1.c.5. doc. 1. fol.566.

11 No tempo que o Padre Manoel Fernandes esteve nas Ilhas, deixou nellas grande nome, porque cõ suas missoẽs fez grandes serviços a Deos. No Reyno ensinou Rhetorica, Philosophia, & Theologia Moral, governou com muita prudencia o Collegio de Santarem, o Noviciado de Lisboa, & a Caza Professa de Saõ Roque. Pera os governos tinha singular prudencia, vendose nelle todas as partes, que se requerem em hum cabal Superior. Costumava elle dizer: *Que hum Superior nẽ havia de ter menos de quarẽta annos, nem mais de sessenta*, julgando, que nestes de permeyo estam os homens mais em seu ser, antes de quarenta de ley mais ordinaria naõ o tem, & depois por frieza da idade, se lhe foi boa parte delle. Foi por muitos annos Confessor Del-Rey, Dom Pedro o Segundo. Era dito de muitos, que se o Padre Manoel Fernandes naõ entrasse em palacio, seria em virtude hum dos mais eminentes homens, q̃ houve na Companhia; naõ porque elle no Paço se esquecesse de ser bom Religioso, nas naõ sei, que tem o trato familiar dos Principes, & Paço, que de hum certo modo he pera a virtude, o que he o bafo pera o cristal.

12 Foi homem, que se naõ ensoberbeceo com o muito valimento, que teve com El-Rey. Por esta causa havendo muita gente pobre da terra, onde nasceo, que a elle concorria, allegando ter com elle parentesco, de ninguem se desdenhou, a todos abrigava, & fazia por acodir; o que tudo nascia de suas boas entranhas, & espirito de santa humildade, mui longe da altivez, que consigo trazem os cargos, & occupaçoẽs honrosas, como era, a que elle teve.

12 Merece especial memoria este bom Padre pela devaçam, a que deu principio, sendo Preposito da Caza de Saõ Roque em os oito de Agosto de mil seiscentos setenta, & sete, que foi em soando o meyo dia, daremse tres badaladas com o sino grande, como quãdo fazem sinal às Ave Marias, pera que se rezem tres Padre Nossos offerecidos ao Senhor na Cruz em memoria das tres horas, que nella esteve, rogando pelos que estam em agonia da morte. Este sinal depois à imitaçam da Caza de Saõ Roque se meteo em outras Igrejas na Corte, & fora della.

14 Foi o Padre Manoel Fernandes homem de muita prudencia, & assim com ella desviou muitas desordens, de que se podia seguir ruina do proximo. Direi huma, que acho individuada. Em Lisboa certo homem amigo de outro, homem hõrado, lhe desenquietava a molher, porem ella como boa Christaã deu sempre demaõ a esta importunidade. O louco vẽdose desprezado, por se vingar della, disse ao marido, q̃ sua molher tinha tratos illicitos com hum Reli-

gioso, que a matasse. Vendo elle que matando-a, arruinava sua caza, se foi ter com El-Rey Dom Pedro. Deulhe conta, do que passava, pedindo-lhe por merce, a mandasse meter em hum Recolhimento, quando naõ, que pois estava affrontado, a havia de matar.

15 Passou logo El-Rey decreto, pera que assim se fizesse. Chegãdo neste tempo o Confessor, lhe cõtou, o que passava. Acodio elle, como allumiado por Deos, que sua Magestade substivesse o decreto, athe elle se informar. Respondeo-lhe, q̃ fallasse com o homem, que fora estava. Assim o fez, & o achou com o falso amigo, que exagerava muito o cazo. Disse o Padre que fosse fallar com elle ao Noviciado, onde morava. Indo, lhe pedio, naõ bolisse em nada, athe elle se informar. Veyo nisso. Fez o Padre suas diligencias, & achou ser tudo falsidade.

16 Voltou dahi a dous dias o triste homem, dizendo, que jâ o cazo andava pelas cazas do jogo, que se a naõ fizesse recolher, a mataria. Entreveyo dizendo, que descansasse, que sua molher estava sem culpa, naõ se affrontase, & a seus filhos, que lhe segurava sendo criminosa, naõ ficaria sem bom castigo. Neste tempo teve a pobre dona noticia, do que passava. A virtude, com que se houvera, lhe deu alento, pera se desafrõtar; mandou hum recado ao louco amante, que na menhaã seguinte lhe desse huma palavra no adro de Saõ Vicente. Acodio elle, enganado do seu mao dezejo.

17 A dona preparou huma pistola, levou consigo a hum seu irmaõ estudante armado; vindo o homem pera lhe fallar, ella lhe tirou com a pistola. Resvalaram por causa do mãto as balas, assombrado com o sobresalto cahio em terra; entaõ o estudãte lhe deu na cabeça duas boas cutiladas com hũa catana; & deixãdo-o por morto, ou acabando a vida se recolheram à Igreja de Saõ Vicente; & se descobrio todo o enredo daquelle preverso homem. O marido foi agradecer ao Padre o bom modo, que nisto tivera, & rogarlhe, pedisse a El-Rey, naõ permitisse fosse culpada sua molher; respondeo El-Rey, que andasse segura de castigo, antes merecia hum bom premio, pelo valor, que tivera em acodir por sua honra.

18 No livro dos obitos da Caza de Saõ Roque se faz delle hum autorizado elogio, & se dis em como sendo Visitador das Ilhas, correra em Missaõ a de Saõ Miguel, Terceira, Fayal, & toda a do Pico, aonde naõ tinha ido Missaõ, sendo grãdissimos os concursos, & que o chamavam o *Padre Santo*, & que no Reyno fizera Missoẽs na Beyra, em que lhe succederaõ cousas mui notaveis. Que em todos seus governos exercitara grãde charidade com os subditos, aos quais amava, & consolava; que era pera elle sumo o gosto, quãdo tinha occasiaõ de alegrar, & remediar a algum, que estivesse afflicto. Que no provimento da Communidade foi mui liberal. Que com os pobres, assim sendo Superior, como subdito mostrava entranhas de grãde charidade.

19 Que exercitara vinte. & seis annos o officio de Confessor Del-Rey, athe sua ultima doença, fiando El-Rey delle, naõ so sua consciencia, mas os negocios de maior pezo, nos quais votou sempre desinteressadamente com valor, inteireza, & fidelidade ao Rey, que o amava summamente, mãdãdolhe assistir em suas doenças com os medicos da sua camara, & da sua cozinha com todo o regalo, & guizados, que lhe temperassem o fastio.

20 Cometeo-lhe El-Rey os exames, & fazer as consultas das Igrejas da Caza de Bragãça, cujos pro-

provimentos passavam por sua maõ. Na ultima velhisse começou a compor os seus devotissimos, & utilissimos livros da *Alma instruida*, que dedicou à Senhora Infanta Dona Izabel filha Del-Rey Dom Pedro, à qual tinha ensinado a doutrina Christaã. Estãdo o terceiro tomo na imprença o atalhou a morte.

21 Teve hum accidente de parlesia, de que escapou com vida, mas muito debilitado nas forças. Viveo ainda depois seis annos, jâ retirado das juntas, a que frequentemente era chamado por El-Rey, & somente se occupava com Deos, & com a composiçaõ dos seus livros, & em confessar a El-Rey. Ultimamente veyo a renderse à morte pela debilidade das forças, mas naõ do animo, & recebidos todos os Sacramentos, poz fim a sua vida aos dez de Junho de 1693, tendo de idade setenta, & nove annos; da Companhia sessenta, & dous, de Professo de quatro votos quarenta, & hum.

CAPITULO XLIII.

Vida do Padre Jozeph da Costa.

7. de Mayo de 1696.

1 Merece o Padre Jozeph da Costa, que naõ deixemos em esquecimento esse pouco, que pudemos saber, das virtudes, que exercitou; especialmente da charidade pera com o proximo, em que foi estremado, & de que deu mui singulares exemplos no officio de Procurador dos prezos em Lisboa, na qual occupaçaõ acabou os dias da vida temporal, pera continuar os da eterna.

2 Sua patria foi a Cidade de Coimbra; entrou na Companhia aos 2 de Agosto de 1668 tendo quinze annos de idade, na Religiaõ viveo sempre mui ajustado com suas obrigaçoẽs, sem queyxa de algum particular, porque a sua virtude o fazia bem quisto, & amado de todos. Ensinou Philosophia em Coimbra: depois de cumprir com esta occupaçaõ, o mandou a santa obediencia pera Lisboa a ser morador na Caza professa de Saõ Roque, & fazer o officio de Procurador dos prezos.

3 He este hum dos nossos ministerios, em que a charidade tem mais occasioẽs de se ver, & de se exercitar: todos os annos, que este Padre fez aquelle officio, foram hum continuado acto desta virtude. Sollicitava, como se fossem suas, as causas dos miseraveis: elle lhes negociava esmolas das pessoas pias, com que de continuo lhes acodia. Se vinha algũ dia dos que saõ alegres pera a Republica, como nascimentos de Principes, pera que o gosto publico fosse tambem participado dos seus prezos, lhes agenceava algum bom jantar pera aquelle dia: occasiam houve em q̃ no nascimento do Infante Dom Antonio comprou o peyxe, que era necessario pera dar de comer a quatrocentos prezos, elle mesmo o cozinhou em caza de hum Fidalgo seu amigo, & depois o foi repartir aos seus prezos.

4 Aos que sentenceavam à morte, assistia com especial cuidado, fazendo quãto estava na sua maõ pera escaparem da morte, & pera em parte lhes aliviar os rigores, & affrontas dos supplicios. Em Lisboa hiaõ as molheres, que eraõ levadas ao supplicio, descalças pera maior infamia da sua culpa; pareceo ao Padre, que havia naquillo qualquer deformidade; & fazendo petiçaõ, em que apontava as razoẽs, que o moviam, foi despachada, como pedia, & dali por diante se ordenou, que as dittas criminosas, quãdo eram conduzidas pera o lugar, aonde haviaõ de morrer, fossem com os pes calçados, porque assim o pedia a decencia, & gravidade Christaã.

5 Naõ teve tam bom despacho em outra petiçam, que meteo, pera aliviar aos homens; vam estes na Cidade do Porto atados pela cintura à cintura do algoz, mas em Lisboa vai a cadea enleada no pescosso do padecente, & atada à cintura do algoz, que lhe hâ de dar a morte; pertẽdia o Padre pera maior allivio dos miseraveis, que em Lisboa se usasse com elles, o que se praticava na Cidade do Porto; porem naõ se deferio a tal petiçam, ficãdo o Padre só com o merecimento de emprender esta obra de charidade.

6 Fes este officio de Procurador dos prezos com taõ bom modo, & tãto agrado assim dos Ministros DelRey, diante dos quais tratava as causas dos prezos, como dos mesmos encarcerados, que era voz de todos, naõ tinhaõ ali visto outro de igual virtude, nem que pera aquelle ministerio tivesse melhor cadencia: & assim foi por estremo sentida sua morte, como logo se dirâ.

7 Era incansavel em ouvir confissoẽs, nunca se escusou de acodir a ellas, quando pera isso o chamavam. Sendo Mestre em hum Collegio pequeno, acabada a classe de manhaã se hia pera o confessionario, & delle se naõ levantava, em quanto havia alguem, que se quizesse confessar.

8 Tendo vivido sempre exemplarmente vinte, & oito annos na Companhia, cahio na cama com a doença, que o levou à sepultura; & pelas cousas antecedentes, que tinha ditto, parece, que Deos lhe tinha dado a entender o tempo de sua morte. Quando de Coimbra foi pera a Caza de Saõ Roque, disse a hum seu amigo: Eu venho a esta caza, pera morrer aqui. Pouco tempo antes de adoecer, morreo naquella Caza o Padre Procurador, que naõ era ainda velho, & recolhendose o Padre Jozeph da Costa de lhe fazer o officio dos defuntos com os demais, perguntou a hum Irmaõ Coadjutor: *Quem de nos se segue agora?* Respondeo o Irmaõ: *Sigome eu Padre*: a isto acodio o Padre Jozeph da Costa: *Nam segue, meu Irmam, eu sou, o que agora me sigo*: assim succedeo.

9 Nos dias proximos a se entregar aos Medicos, se despedio dos seus prezos, dizendolhes, se ficassem embora, porque elle se hia pera o outro mundo. Tambem foi final mui evidente, de que tinha estas noticias, a disposiçam, & ajuste, com que tinha alguns dinheiros, que estavam na sua maõ, pera se repartirem em obras pias, pois se lhe naõ achou cousa alguma com confusam, & na hora, q̃ se mudou pera o cubiculo da enfermaria, disse a hum Irmaõ, que ficava com o cuidado da quellas cousas: *Ahi fica tudo arrumado, eu nam torno jà a este cubiculo.*

10 O cazo mais fallado entre os que delle tiveram noticia foi, o que lhe aconteceo com hum mercador acerca de hum dos seus prezos. Hum cayxeiro daquelle mercador lhe tinha furtado alguma fazenda, por esta causa tinha dado ordem, a que se prẽdesse; em effeito foi prezo; & convẽcido do seu crime, o condenou a justiça a ser açoutado pelas ruas. Procurou o Padre de obviar a infamia deste miseravel; fallou aos Dezembargadores, porem estes o remeteram ao mercador, significando, que se elle desistisse da accusaçam, tudo o demais se comporia. Com esta reposta se foi ter com o Mercador, & lhe pedio, que perdoasse ao cayxeiro, & desistisse da accusaçaõ: veyo nisso, & o Padre lhe agradeceo o bõ termo: fiado nesta palavra deu conta aos juizes, que esperavam fosse o Mercador fazer a desistencia em forma de direito: porem elle esquecido, do que tinha promettido ao Padre tam fora esteve de ceder, que antes ratificou a sua accusaçam.

11 Naõ se pode dizer em poucas pa-

palavras aparte o ſentimento, q̃ o Padre teve deſta ſem razaõ: & cheyo de magoa ſe foi outra vez a caza do Mercador, deſcobrindo-lhe o ſeu ſentimento, & cauſas delle; rogãdolhe encarecidamente, eſtiveſſe pela palavra, que lhe dera: porem a tudo o Mercador fez orelhas do ſeu officio; dizendo, que o deyxaſſe caſtigar. Vendo o Padre que trabalhava de balde, lhe diſſe ultimamente: *Ora Senhor, jà que voſſa merce nam me guarda a palavra, que me deu, daqui o cito, pera dar conta diante de Deos deſta ſem razam, que me faz, & de me nam cumprir a palavra, que me deu em tanto deſcredito do meu prezo.* Com eſtas palavras ſe deſpedio: & Deos que via a magoa, com que fallava, & quanto do effeito ſe pode conjecturar, tinha poſto na ſua lingua aquellas palavras, com que o citava pera diante de Deos dar conta daquelle agravo, em poucos dias moſtrou, que a citaçam naõ fora acazo, porque adoeceo mortalmente o Mercador, & tambem o Padre Jozeph da Coſta; & como eſpiraſſe o Mercador, & o diſſeſſem ao Padre levãtou elle a voz, & diſſe pera os circunſtãtes: *Pois agora me ſigo eu:* E aſſim aconteceo morrer dentro de poucos dias com ſuſpençam de todos, os que ſabiaõ deſte cazo. Foi ſua morte como de homem juſto entre muitos colloquios, & grande paz de conſciencia, como quem por toda a vida ſó tratara de ajuſtar as contas pera aquella hora.

12 Foi ſua morte aos ſete de Mayo 1696. Tendo de idade 43 annos, & de Companhia 28, era profeſſo de quatro votos. Todos, os que o conheciam, ſentiram muito ſua morte, & mais os prezos dos Carceres de Lisboa, que tãto bem tinhaõ delle recebido; & pera com algum ſinal exterior darem a entender o ſeu ſentimento, fecharam todas as janelas dos ſeus carceres, & nas trevas, & horror delles largaram as velas à ſua deſconſolaçaõ, repetindo huns com os outros os bens, que lhes tinha feito, & o zelo com que os ſoccorrera, & amparara em ſuas diſgraças.

13 Muitos eſtãdo no eſquife lhe beijaram os pès, movidos da opiniaõ, que tinhaõ de ſua virtude, a qual toda ſe fundava nas muitas obras de charidade, que de continuo lhe viaõ exercitar: eſta meſma opiniaõ tiveram delle os noſſos Religioſos, & era voz commua, que o Padre Jozeph da Coſta era unico pera o officio de Procurador dos prezos, & que o fazia como a Companhia dezejava ſe fizeſſe. Tudo o que aqui fica eſcritto ſoube de hum Religioſo, que lhe ſervia de Companheiro, quando ſahia fora a procurar as cauſas dos prezos. Na Carta Annua deſta Provincia ſe faz delle hum mui honrado elogio, mas como naõ refere couſas particulares, & ſó uſa de clauſulas gerais; naõ hà, porque me deter em o referir: todo elle ſe reduz a encarecer a ſua grande charidade pera com o proximo, & que era chamado Pay dos pobres, & affligidos, que no ſeu trato era mui affavel, & a ſua virtude mui humana; que era todo de todos.

CAPITULO XLIV.

Vida do Padre Antonio de Morais.

No Porto 22 de Março de 1704

1 A Grande charidade deſte Padre, com a qual à imitaçam de noſſo Santo Patriarcha, zelou a honra de Deos, procurando deſterrar do mundo as occaſioẽs de ſuas offenſas, & trazer a ſeu Creador as almas, que o demonio delle tinha deſviado, pede, que nos nam eſqueçamos de taõ virtuoſos exemplos.

2 Naſceo o Padre Antonio de Morais na Villa de Chaves no Arcebiſpado

biſpado de Braga, & Provincia de Traslosmontes; ſeus pays ſe chamavam Chriſtovaõ de Barros, & Joanna de Morais. Tendo 16 annos de idade entrou em Coimbra na Companhia aos 8 de Março de 1658. Na Religiaõ procedeo ſempre com bom exemplo, occupandoſe a maior parte da vida em prêgar, & confeſſar. O natural era brãdo, benigno, & ſoffredor, por iſſo era muy continuo no confeſſionario, ſendo o primeiro, q̃ a elle acodia, & o ultimo, que delle ſe levantava.

3 Prègou nos mais dos Collegios deſte Reyno, o que fazia com bõ nome; & em todas as pregaçoẽs procurava encaminhar as almas pera ſeu Creador. Nos ultimos annos de vida aſſiſtio no Collegio do Porto, aonde fez grandes ſerviços a Deos aſſim na incanſavel aſſiſtẽcia ao confeſſionario, como na converſaõ de molheres perdidas, pera com as quais exercitou actos de altiſſima charidade, naõ perdoando a diligencia, que na ſua maõ eſtiveſſe, pera meter a caminho eſtas ovelhas perdidas, & deſviadas do caminho do Ceo.

4 Formouſe deſta gente hum Recolhimento na Cidade do Porto, o Padre Morais era como o ſeu protector. Como naõ tinhaõ rendas effectivas com que ſe ſuſtentar, tudo haviam de ſer eſmolas; as quais o Padre agenceava de peſſoas pias, & do Senhor Biſpo, que todos concorriam liberalmente. Como aquella gente, q̃ ordinariamente mais por neceſidade, que por vicio ſe deita a perder, via eſte remedio a ſua miſeria, naõ era tam difficultozo apartala dos ſeus precipicios.

5 Negoceou eſmola, com que lhe arrendar cazas, que foſſem capazes de recolher todas, as que Deos tocaſſe: a eſtas poz ſua Regente, a qual foi hum dos grãdes inſtrumentos, que Deos tomou, pera a converſam de muitas; porque por ſeu meyo, ſe batia o mato, & depois o Padre hia per ſi a recolher a caça, perſuadindo vieſſem pera aquelle Recolhimento, que ali as ſuſtentaria, & viviriaõ ſem offender a Deos. Succedia tal vez eſcuſarenſe, por lhes faltar veſtido, com que poder apparecer; logo dava ordem a elle, & acodindolhe com aquelle abrigo, elle meſmo com inexplicavel charidade as hia conduzir pera o Recolhimento pelo modo, que ſe conta, o fazia em Roma noſſo Santo Patriarcha, ſeguindo elle como paſtor a ovelha, que ſe vinha retirando, & livrando da bocca do lobo infernal, em que eſtava.

6 Como eſta gente he tam bravia, coſtumada a andar à vontade, algumas ſe tornavaõ ao vomito. Naõ he explicavel o ſentimento, que tinha o Padre deſtas diſgraças; & com ſua coſtumada paciencia, (que era quanta dizer ſe pode,) a imitaçam do bom paſtor, applicava todas as diligencias, pera as tornar a por em razam, & trazer pera o Recolhimento. Quando as ſuas diligencias tinhaõ effeito, que era as mais das vezes, naõ ſe pode dizer em poucas palavras, a alegria que experimentava em ſi, & todos nelle viam: dava graças a Deos pelo bem, que fizera aquella ſua creatura; & contava ſua reſtauraçam, aos que antes ſabiam ſua recahida.

7 Logo que alguma ſe recolhia, a primeira couſa era exhortala, a ſe confeſſar geralmente. Todos os Domingos, & dias ſantos lhes hia fazer praticas, com que as movia a muitas lagrimas, & dor dos peccados. Em muitas, & das que foram mais deſpenhadas, obrava Deos mudãças muy notaveis, porque ſe davam deveras a Deos, & com tanto fervor ſe caſtigavam com penitencias, que era neceſſario ao Padre moderarlhas, por naõ enfermarem.

8 Quando entre ellas havia algum deſarranjo, & diſcordia, elle cõ boas

boas palavras as unia entre si, tendo muito que soffrer em reduzir a paz, & amizade naturais tam oppostos, & creados com tanta liberdade; mas o seu bom modo, & tambem a severidade, que sendo necessaria, lhe naõ faltava, punha tudo em seu lugar.

9 Soffria nesta materia muitos dittos de homens livianos, que lhe diziaõ, era mal empregada a esmola em tal gente; a estes com grande mãsidam dava tam boas razoẽs; que muitos delles ao depois eram, dos que lhe davam esmolas pera as Irmãas, que assim as chamava. Quando se lhe mandavaõ as tais esmolas, logo dizia a alguns nossos; agora fulano mãdou tal, & tal esmola, isto saõ beneficios, que Deos faz a nossas Irmãas, & se recolhia a ter oraçaõ por aquelle bemfeitor, mãdando avizo às Irmãas fizessem tambem oraçam por aquella pessoa; & dessem a Deos as graças, por assim se lembrar da sua pobreza.

10 Do Senhor Bispo, & de outras pessoas pias havia esmolas, de que fazia dotes, com que cazava a muitas. Quãdo alguns depois de receber o dote, naõ queriam viver cõ suas consortes, o Padre as tornava a meter no Recolhimento, & por via do Senhor Bispo se castigavam os maridos, & eram obrigados a cumprir com as obrigaçoẽs de sua consciencia nascidas do estado, a que se tinhaõ sogeito. Dentro de tres annos, depois q̃ se erigio aquelle Recolhimẽto, cazou algumas trinta, todas com seus dotes agenceados por sua grande charidade. Tinha no Recolhimento ordinariamente athe trinta; pera o sustento de todas acodia a providencia de Deos, tomãdo por instrumento as diligencias deste seu servo. Elle lhes buscava obras de costura, que fazerem, pera se ajudarem a sustentar com o seu trabalho, & com este tambem evitarem a ociosidade.

11 Foi taõ grãde esta sua charidade, que se diffundio muitas legoas fora da Cidade do Porto, porque por suas santas industrias trouxe pera o seu Recolhimento algũa desta gente da Cidade de Coimbra, & de Lisboa: persuadindo-as ora com seus santos avizos por carta, ora por vias particulares, que pera isso buscava sua charidade, que nestas materias era singularmente engenhosa. De todo aquelle numero tinha destinado a duas no traje diverso das demais, a cujo cargo estava pedir esmolas pera o Recolhimento succedeo fugirlhe huma destas; & por esta causa dizerem alguns homens livianos grãdes ridicularias destas suas diligencias, *que o effeito mostrava*, diziaõ elles, *serem todas perdidas, & isto lho lãçavam em rosto.* Elle os ouvio com sua costumadà mansidaõ; & encõmendando a Deos aquella alma; com tanto zelo, & cuidado a buscou, & tam santas palavras lhe soube dizer; que ella arrependida do seu desmancho, se restituio ao bem, que tinha deixado: de que o Padre teve gosto igual à pena, que antes tivera: este seu contentamento significou, aos que antes o motejavam por esta fugida; dizendo-lhes quãto motivo havia de se darem graças a Deos, por naõ desemparar de todo aquem, o tinha desemparado. Quãdo lhe aconteciam destes, & semelhantes cazos, pera ter nelles bom successo, recorria em primeiro lugar a Deos por meyo da oraçam, & depois applicava as suas diligencias.

12 Quem mais o favorecia, era o Illustrissimo Senhor Bispo do Porto Dom Frey Jozeph Saldanha, que cõ grande piedade, & naõ menor liberalidade concorria com boas esmolas. Como o Padre a elle recorresse muitas vezes, nam teve pouco, que soffrer no descomedimento de alguns creados, que pouco advertidos se enfadavaõ de o ver entrar; & como sabiaõ, que nada, do que lhe dissesse,

havia de chegar aos ouvidos do Senhor Bispo, se afoutavam a dizer, o que a sua desatençam lhes suggeria: Como era, *q̃ enganava ao Senhor Bispo; que nam tinha consciencia em desviar aquellas esmolas tam mal empregadas em semelhante gente: que devia ter mais conta com o credito de sua pessoa, & nam dar, que fallar aos seculares.* A este tom lhe diziaõ outras cousas, a que o Padre satisfazia com o seu soffrimento, & tambẽ com dizer, *que de nada fazia cazo, com tanto que aquellas creaturas naõ offendessem a seu Creador.*

13 Por ventura, que animada deste mao exemplo de alguns criados do Bispo huma Viuva, que ali esperava por sua esmola, tomou à sua conta injuriar ao Padre, dizendolhe, quanto lhe vinha à bocca: *Que era hum invencioneiro, que andava tirando as esmolas, que se deviam dar à gente honrada, & viuvas honestas, pera as gastar, no que lhe parecia, cõ capa de acodir ao Recolhimento.* Isto mesmo, & cousas semelhantes disse em varias cazas da Cidade, & athe ao Collegio o veyo a dizer. Quando pelas ruas encontrava ao Padre, sem reparo nenhum desabafava, dizendo, o que lhe ditava a sua payxam: tudo ouvia o Padre com grande mãsidaõ, & com a bocca cheya de rizo, como allegrandose de Deos lhe dar estas occasioẽs de merecer; & nunca entre tãtas injurias se lhe vio sinal de impaciencia, ou enfadamento.

14 Se alguma adoecia, lhe procurava os remedios necessarios: & sabendo que alguma desta gente se estava curando nos hospitais; tomãdo occasiam da enfermidade do corpo, lhe encarecia a da alma, persuadindolhe, que pera se curar della, se havia de ir morar àquelle Recolhimẽto, & pera as affeiçoar mais, lhes acodia cõ algumas charidades. Sendo aquelles lugares, em que estavam, de si nojentos, & asquerosos, elle se entrava por elles, como outros o fariam por hum jardim delicioso; porque o cheiro da sua virtude, & dezejo de salvar as almas fazia, com que naõ tivesse asco dos lugares, a que todos naturalmente tem horror.

15 Muitas vezes dos dias de peyxe, em que por assim lho ordenarem os Medicos, comia carne; estãdo alguma enferma no Recolhimento, deyxava de comer a sua porçam, & fazia, com que se lhe mandasse: dizendo, *que elle podia passar com outra cousa, & que aquella pobre nam tinha outro alimento competẽte a sua enfermidade, com que se sustentar.*

16 Da fruta, que havia no Collegio, agenceava tambem suas esmolas, que se lhe mãdavam. Ainda que estas petiçoẽs às vezes parecessem importunas aos officiais de caza, & por isso se mostrassem enfadados, o Padre soffria, & callava, fazendo porq̃ a esmola fosse pera o Recolhimẽto, que era o seu principal intento. Alguma vez pedio ao Irmaõ, que tinha cuidado da Cerca, lhe desse algumas laranjas das muitas, com que estava carregada huma arvore; mostrouse difficultozo, & na mesma noyte lha desfrutaram os ladroẽs. Outra vez pedindolhe alguma hortaliça, como lha negasse, deu nella a lagarta, & a comeo: o que o Padre attribuia tudo a castigo de Deos, por se lhe ter negado aquella esmola; & naõ hà duvida, que Deos muitas vezes com estas perdas ensina, que naõ arrecada mais, quem menos dà por seu amor.

17 Quando alguma, tinha falta de vestido, se hia às logens dos mercadores, fazendo diligencias, por haver pano, que menos lhe custasse; perguntava se tinhaõ alguã peça roida da traça, ou algum retalho, que ficasse de alguma venda, dizendo, q̃ era pera esmola daquella pobre gente. Vendo os Mercadores sua charidade,

dade, lha davam muitas vezes de graça; elle mesmo a levava debaixo da capa, humas vezes pera o Recolhimento; outras, quãdo era necessario, a caza de algum tintureiro, que lhe desse a cor conveniente, se a naõ tinha. Tambem lhe levava hortaliça, quando as que a vendiam, lhe davam esmolas della.

18 Soube o Padre, que assima do Douro em lugar distãte da Cidade, vivia huma destas molheres escãdalosas; meteose em hum barco, & indose ao lugar, aonde morava, de tal sorte a penetrou com suas santas palavras, que chorando ella suas miserias, & deyxãdo-as, veyo pera o Recolhimento no mesmo barco, em q̃ vinha o Padre; o qual com esta preza vinha mais alegre pelo rio abayxo, que os Argonautas com o seu vello de ouro, quãdo voltavam de Colchos.

19 Sendo jà grãde o numero destas peccadoras arrependidas, & apertadas as cazas, em que moravam; ajuntou o Padre huma boa esmola, com que lhes comprar cazas proprias, & mais capazes. Nestes pensamentos andava, quando Deos foi servido, de lhe apremiar sua charidade, & zelo da salvaçaõ das almas. Deulhe huã retençaõ, ou supressam, em que teve muito, que soffrer, mostrou nella incrivel paciencia, fazendo frequentemente muitos actos de homem santo: quãdo algumas vezes se esquecia, & estava como dormitãdo, tudo era lidar com confissoẽs pelo modo, que no confessionario, perguntãdo, se tinhaõ pezar das offensas de Deos, & lãçando absolviçoẽs. Tãto se tinha habituado por toda a vida neste santo ministerio, em que, como dissemos, foi incãsavel. Morreo, depois de estar preparado com todos os Sacramentos, aos 22 de Março de 1704, que no tal anno foi sabbado da Alleluia, morreo de menhaã, & à tarde se poz seu corpo na Capella mòr da Igreja, & se lhe deu sepultura, havendo justos sentimento em todos, os que sabiaõ as grãdes charidades corporais, & espirituais, que tinha feito naquella Cidade, em que a todos foi sua vida de muita edificaçam.

20 Naõ posso callar o modo, que tinha com estudãtes; quãdo tinha noticia, que algum andava desencaminhado ou no estudo, ou nos costumes, o chamava, & com premios, & boas palavras o affeiçoava às cousas de sua salvaçaõ; davalhe disciplinas, fazia, que acodisse à Confraria de Sãto Ignacio, de que o Padre era Protector; deste modo melhorou a muitos. Tambem acodia com esmolas a muita gente honrada, que as naõ podia pedir. De todas estas santas obras teceo a Coroa, com que o Senhor o apremiaria, como a hum de seus fieis servos.

CAPITULO XLV.

Vida do Padre Sebastiaõ de Magalhaẽs.

Suas occupaçoẽs na Companhia, amor à pobreza, & zelo do bem das almas. *Lisboa 23 de Julho de 1709.*

1 O Padre Sebastiaõ de Magalhaẽs foi homem, que na maior fortuna, a que pode subir, vivendo na Religiaõ hum Padre da Companhia, soube conservar a maior moderaçaõ, & modestia, q̃ dizer se pode. Foi Confessor do Senhor Rey Dõ Pedro segundo, teve cõ elle mais valimento, que nenhum outro. E sẽdo assim, que so huns olhos agradaveis de hum Rey, tiraõ a tãtos do seu andar, & os elevam, ou elles por isso se elevam sobre si mesmos; este Padre usou de tãta fortuna, como se a ella naõ subisse; modestissimo sempre, sempre observãtissimo, & muy

ajustado com aquella circunspeçaõ, & humildade, que em seus filhos quiz, & procurou sempre a Companhia.

2 Vio mui bem todo este Reyno sua modestia, & benevolencia, q̃ em hum homem posto em lugar tam subido, se naõ podia encobrir, porẽ nem todos viram as raizes, em que aquella sua imperturbavel paz, & modestia se fundavam, que eram as virtudes solidas, de que elle sempre fez mais estimaçaõ, do que de todas as outras estimaçoẽs, como quem sabia, quãto vay da virtude ao mundo. As cousas, que aqui disser, aindaque em qualquer outro Religioso particular, & q̃ naõ estivesse em tal fortuna, seriam dignas de muito louvor, comtudo, consideradas as circunstãcias neste Padre, & nos de semelhãte occupaçaõ, & valia, se devem ter por mui heroicas.

3 Nasceo este Padre na Cidade de Tãgere em Africa, em tempo, que era Colonia de Portuguezes. Seus pays se chamaraõ Manoel de Souza de Magalhaẽs, & Antonia Fernãdez de Araujo. Estudãdo na Universidade de Coimbra, tendo ja vinte annos de idade, entrou ali na Companhia ao primeiro de Mayo de mil seiscentos sincoenta, & sinco. Era homem de mui singular engenho, soube com primor as faculdades, que estudou. Em Evora foi Mestre de Philosophia. Depois ensinou Theologia em Sãto Antaõ. Foi Reytor daquelle Collegio, Preposito da Caza de Saõ Roque, & Provincial. Morto El-Rey Dom Pedro, o tornaram a fazer Preposito da Caza de Saõ Roque, & nesta occupaçam falleceo. Agora direi alguns de seus bons exemplos.

4 Huma das virtudes, que muito amou, foi a santa pobreza. O ordenado, que costumaõ ter os Confessores dos Reys, o mandava entregar ao Procurador, pera se gastar na Cõmunidade. Sendo-lhe necessario papel, ou alguma cousa precisa, pera dar aos moços, o mãdava pedir ao mesmo Procurador. Dizendo-lhe o Irmaõ seu companheiro, deixasse algum dinheiro, assim pera portes das cartas, como pera outras cousas precisas, que a cada passo occorriam, nunca o quis fazer, por naõ ter dinheiro em sua maõ. O que mais he, naõ conhecia dinheiro, nem sabia o seu valor. Daqui nascia, que sendolhe necessario dar algum, chamava o companheiro, pera lho ajustar. Se acazo o pedia emprestado, dizia; lho dessem certo, & trocado, por quanto elle o naõ sabia ajustar.

5 A pobreza do seu cubiculo vimos todos, os que nelle entramos. Naõ consentia nelle ornato, nem cousa, que cheirasse a curiosidade; bem verdade he, que o tinha sempre muy limpo, como ordena nossa regra, se faça pera a saude, & edificaçaõ. Mãdãdo acazo fazer huã escrivaninha, porque esta, contra o que elle queria, trazia alguns lavores, logo a deu; & ordenou, se lhe fizesse outra raza, sem algum genero de enfeite, dizendo, que o contrario, naõ convinha a hum Religioso, cujas alfayas deviam concordar com a sua profissaõ.

6 Por esta mesma causa naõ queria laminas, nem outras imagens de valor, & curiosas. Sò tinha tres estãpas de papel sem ornato algum, que era, o que bastava pera despertador da sua devaçam. Hum Crucifixo, que tinha em sua meza, o pedio emprestado da Sãcristia. Procurava sempre, naõ faltasse agoa benta no cubiculo, conforme o santo costume, que entre nos ha nesta devaçam.

7 O seu vestido todo assim interior, como exterior concordava com este amor à santa pobreza. Naõ consentia, lhe fizessem cousa de novo, senaõ quando a decencia jà nam permitia remendos. Tendo nisto cõ

elle

elle algumas contendas o companheiro, dava por reposta: *Irmaõ sômos pobres, & como tais nos devemos tratar.* Quando o Roupeiro era obrigado por sua charidade a dizerlhe, que lhe mandavam fazer roupeta nova; lhe protestava, que ainda podia passar com a que trazia. Perguntãdolhe, de que callidade a queria? Respondia sempre, como quizerem. Significãdo com isto, quam contrario era a qualquer modo de singularidade.

8 Nenhuns premios tinha, nem ainda veronicas; se necessitava de alguma, a pedia aos Irmãos esmoleres. Se lhe vinha cousa da India, que os Missionarios lhe mãdavaõ, a dava logo: sendo de custo a mãdava vẽder, & do procedido mãdava comprar curiosidades, que pudessem servir aos Missionarios em ordem a seus santos ministerios.

9 Nos dias de confissoẽs era elle o primeiro, que se assentava no confessionario, & o ultimo, que delle sahia; & naõ confessava senaõ pobres, & miseraveis. Em dias, que El-Rey se confessava, sendo dias solennes, tãto que o confessava, sem demora voltava pera caza, em ordem a confessar, & ajudar os mais Padres. Se nestas occasioẽs lhe vinhaõ fallar alguns senhores, os despedia com bons termos, dizendo, haver muitas confissoẽs, que em outra occasiaõ lhe poderiam fallar. Tinha dito ao porteiro, que havendo concurso, o chamasse logo pera as confissoẽs. Muitas vezes estãdo doente dos olhos, & impedido pera ir ao claustro, dizia lhe chamassem os penitentes ao seu cubiculo, & ali os ouvia.

10 No tempo da monçaõ da India, sendo grãde o pezo de cartas de negocios, a que devia responder, lhe dizia o companheiro, que pelo menos entaõ se fechasse Domingos, & dias santos no cubiculo, pera abrãger a tãtas cartas: respondendo elle, que sim; vindo os tais dias, mãdava saber, se havia confissoẽs; dizẽdolhe, que sim as havia; logo deixava as cartas, indose pera o confessionario. Se o Irmaõ lhe replicava, serem muitas as cartas, & as naos estarem de partida, & pouco o tempo; dava por reposta, que o serviço de Deos se devia antepor a tudo o mais; & assim naõ havia rezoẽs, que o fizessem desistir.

11 Vindo, como vinha ordinariamente do Paço às onze, & à meya noite, se achava alguã pessoa à portaria pedindo Confessor pera algum enfermo; dizia ao porteiro, naõ fosse inquietar os Religiosos, & logo encaminhava pera caza do enfermo, & o confessava. Como hum Padre reparasse na frieza, com que alguns acodiam ao confessionario, respondeo: *Padre acuda Vossa Reverencia sempre, vam, ou nam vam outros, nem ponha nisso os olhos, mas sô em ir fazer a Deos aquelle serviço.*

12 Quãdo assistia em Salvaterra, ou Alcãtara com El-Rey, todos os Domingos procurava, se alguem se queria confessar. Assistindo quasi dous annos em Alcãtara, considerãdo, que o respeito de sua pessoa, podia acanhar os penitentes a se cõfessarem com elle, todos os Domingos fazia ir dous Padres da Caza de Saõ Roque, assim pera confessar aquelle povo, como pera lhe fazerem praticas espirituais. Se os Padres, por haver concurso de confissoẽs em caza, naõ podiaõ ir, costumava elle fazer estas praticas, o que a todos era de muita edificaçaõ.

13 Em Salvaterra sahia nos Domingos de tarde a fazer doutrina ao povo no pelourinho. Quãdo elle naõ podia, suppria esta falta com o Padre, que com elle estava. Vendo huã Quaresma, que na Caza de Saõ Roque havia poucos Padres, pera acodirem aos sermoẽs, se offereceo ao

Pa-

Padre Miniſtro, pera prègar dous, pedindo-os em ſegredo. Ambos os fez, hum em Sãtos, outro em Saõ Jozeph. No de Sãtos, como houveſſe algum diſcommodo, apontãdolhe o companheiro modo, com que o podia evitar, reſpondeo, que pois os outros indo ali prègar, o naõ faziaõ, naõ queria elle niſto deſviarſe, do que os mais coſtumavam.

14 Foi conhecido o fruto, que fes em Lisboa nos Mouros Del-Rey, aquem procurava trazer ao conhecimento da verdade. Sò contarei a particular converſaõ de hum, que ſe bautizou no Collegio de Sãto Antaõ, & ſe chamou Joaõ Silveyra de Magalhães, tomãdo o ſobrenome do Padre. Eſte homem foi mãdado pera huã de noſſas conquiſtas; eſtãdo na ultima enfermidade, mãdou chamar hum noſſo Padre, & lhe rogou eſcreveſſe o ſeguinte ao Padre Magalhães, pera ſua conſolaçam. Que no tempo, que elle o tinha recolhido, pera que abraçaſſe noſſa Fê, & deixaſſe a Seita de Mafoma, huma noite em ſonhos, lhe apparecera a Senhora, & chegãdoſe a elle, lhe meteo ſeus Virginais peitos na bocca, repetindo eſtas palavras: *Acaba, acaba ja.*

15 Acordãdo o Mouro, levou a maõ à bocca, & achou nella huma ſemelhãça de leite, com a qual ſentio huã doçura a modo de nectar Divino. Logo ſe reſolveo a abraçar a Fè de Chriſto. Eſcreveo algumas cartas a El-Rey, em que lhe deſcobria a ſua reſoluçaõ, mas todas depois de feitas, as raſgava por tentaçaõ do demonio, atheque hum dia eſtãdo fazendo huma, chegou o Padre Magalhãs, perguntãdolhe, que fazia, reſpondeo, o que era; o Padre ficou muito alegre, diſſelhe, que acabaſſe a carta, & o meſmo Padre a levou a El-Rey. Bautizouſe, & junto da morte deſcobrio eſte notavel ſonho, dizendo, tinha feito propoſito de ſó entaõ o deſcobrir, o que fazia, diſſe, pera conſolar ao Padre Magalhaẽs, por ter ſido ſeu pay eſpiritual, que em Chriſto o gerara. O ſuccedido deixou eſcrito em carta de 1693 pera o Padre Magalhaẽs o noſſo Religioſo, que aſſiſtio a eſte ditoſo Mouro.

CAPITULO XLVI.

Outros exemplos, & morte do Padre Sebaſtiaõ de Magalhaẽs.

1 QUanto o permittia ſua occupaçam, dezejava, & procurava andar nas couſas da Cõmunidade com os mais. Advertia muitas vezes, o meteſſem no rol dos Padres, pera dizer a ladainha na ſua ſemana. O que fazia de ordinario no tempo dos Exercicios de Sãto Ignacio, que nos outros naõ era compativel com as aſſiſtencias de Palacio. Do meſmo modo, quãdo achava algum dia livre, hia ſervir no Refeitorio, & ſe queixava, de o naõ avizarem pera iſto.

2 Se no tempo, que tocavam a exame de conſciencia, lhe eſtava o companheiro eſcrevendo, o mandava parar, & que foſſe fazer exame, & que depois voltaſſe a continuar. Se neſte tempo o buſcavam, naõ fallava a peſſoa alguma, ſenaõ foſſe das de primeira nobreza, a quem ſe naõ podia mãdar, que eſperaſſem. Todos os Santos, que no mes lhe ſahiaõ, (ſegundo he ſanto coſtume da Companhia,) os eſcrevia em hum caderninho, dizendo, que aquella ladainha ſe lhe havia de rezar, quãdo morreſſe; porque o perdeu em huma jornada, ficou diſſo mui ſentido. Tinha eſcolhido hum livro de jaculatorias ſantas, o qual fez vir pera o cubiculo da enfermaria tres ou quatro dias antes de morrer, & mãdava chamar algum Padre, que lho eſtiveſſe lendo.

3 Nunca deixou de dizer Miſſa

ſenaõ por enfermidade. Como vinha taõ tarde do Paço, muitas vezes ficava ſem comer, por naõ faltar em dizer Miſſa no dia ſeguinte. Succedia muitas vezes pela meſma cauſa de vir tarde naõ achar, que comer ou por frio, ou por eſquecimento, dos que tinham iſſo a ſeu cargo; como o companheiro ſe affligiſſe, por eſtes deſcuidos, elle nunca ſe queixava, antes dizia: *Irmaõ, nam nos amofinemos por iſſo, antes demos muitas graças a Deos, porque eſte paõ, que aqui temos com eſta maçaã, falta a muita gente honrada, que padece mais que nos.*

4 Nunca conſentio, que com elle ſe uſaſſem particularidades no refeitorio, & tudo o que algum ſeu parẽte lhe mãdava, o fazia ir pera a Cõmunidade. Seus parentes o importunavam, que viſto ſuas occupaçoẽs, & ſe recolher tam tarde, permitiſſe lhe mãdaſſem algum guizado da ſua cozinha; porem tal couſa ſe naõ pode com elle acabar pelo muito odio, q̃ tinha a ſingularidades no refeitorio.

5 Coſtumava em alguma occaſiaõ pera deſafogo de ſuas occupaçoẽs, & enfermidades retirarſe a alguma quinta. Offerecendolhe ſeus primos, & ſeu Irmaõ a ſua, na qual podia eſtar ſeparado de toda a familia. Naõ foi poſſivel acceitar, dãdo por rezaõ a ſeu companheiro, que os Religioſos ainda em caza de ſeus parentes mui chegados, naõ pareciam bem. E aſſim o ſeu retiro era a alguma quinta das Cazas da Companhia. Quando converſava com ſeus parentes, ou cõ outros ſeculares, & Prelados de Religioẽs, procurava meter couſas de devaçaõ.

6 Nas materias, que pendiam de reſoluçaõ, aindaque foſſem leves, & per ſi as pudeſſe reſolver, ſe naõ fiava de ſeu proprio juizo, a conſelhandoſe com varios Padres, & com quem lhe parecia poderia nellas diſcorrer com acerto. Viaſe nelle muito zelo do bem das almas, poriſſo favorecia muito as Miſſoẽs ultramarinas. Dõde naſcia chamarenlhe os Miſſionarios *o Pay das Miſſoẽs.* Aſſim meſmo procurava a reduçaõ dos hereges, & alguns por ſeu meyo ſe converteram.

7 Quando ouvia alguma prègaçaõ com eſpirito, dizia a ſeu companheiro, que ſe conſolava muito com aquelle modo de prègar; & que os ſermoẽs, que aſſim ſe faziam, quando o eſpirito naſcia de ſer o Prègador homem de oraçaõ; o ſermaõ era ſemelhãte ao tiro, que leva bala, que alem do eſtrondo fere; mas que os que pregavam ſem eſte fundamento, eraõ como a peça, que atira ſó com polvora. Sendo Superior, eſtranhava muito aos Padres, que naõ pregavam doutrina, & lha encõmendava, & que trouxeſſem nos ſermoẽs alguns cazos, com que o povo ſe moveſſe.

8 Nenhum cazo o alterava, nem tirava de hum ſoccego grave, & modeſto. Em qualquer hora, que o chamaſſem, ſempre reſpondia com brandura, & com huma rara paciencia. Nunca ſe deu por achado de ſaber, que eſte, ou aquelle diſſeſſem delle alguma couſa, antes fallava à tal peſſoa, como ſe tivera delle dito grãdes louvores. Era de hum animo liberal pera com todos, affavel, grave, ſem genero de preſunçam, nem affectaçaõ, que ſignificaſſe entonarſe na eſtimaçaõ, que de ſua peſſoa ſe fazia.

9 Aos pobres, & humildes ſervia, & amparava com igual animo, que aos mais. Nunca peſſoa alguã ſahio com rezaõ deſcontente de ſua prezença. Suas palavras conſolavaõ aos requerentes da Corte: nenhum houve, que nelle naõ achaſſe huã bocca chea de benevolencia, & hum modo grato; com que de algum modo ſuavizaram os faſtios, que os re-

querimentos coſtumaõ comſigo trazer nas Cortes. Certo Miniſtro, que requeria, ſe chegou a elle, & lhe diſſe *Padre, eu nam tenho outro padrinho ſenaõ a meu tio o Padre Frãciſco Machado, que morreo Martyr indo pera Ethiopia*, Dizialhe iſto a tempo, que lho moſtrava pintado na clauſtra da Caza de Saõ Roque. Enterneceoſe o Padre, dizendo, *Pois he ſobrinho deſte bendito Martyr?* Reſpondendo, que ſim, & moſtrãdo papeis autenticos, lhe diſſe, *Pois nam queira mais padrinho*, & aſſim o fez deſpachar, como queria, porque tãbem ſeus merecimentos diziam mui bem com a virtude do tio.

10 Nas funçoẽs da Communidade em ir confeſſar aos Carceres, & Limoeyro [aſſim chamam ao maior Carcere de Lisboa] nunca faltou por maiores embaraços, que ſe lhe offereceſſem. Quãdo hia ao Limoeyro, pedia o mãdaſſem à enxovia, que he daquelle carcere o lugar mais aſqueroſo. Caſtigava ſeu corpo com os cilicios, jejuns, & diſciplinas.

11 Era homem de muita charidade, eſta alem de outras occaſioẽs ſe vio bem nelle, quãdo ſendo Prepoſito da Caza de Saõ Roque a ſegunda vez, ardeo com hum laſtimoſo incẽdio o Convento dos Religioſos Trinos; ſendo hum dos mageſtozos de Lisboa, ficou em breve tempo hum eſpectaculo de compayxoẽs, ainda aquem foſſe mais duro, que os bronzes. Acodiram os noſſos Religioſos todos a por cobro nas alfayas de tam honrados, & ſantos vizinhos, que em tais perturbaçoẽs ſe naõ hà cuidado, facilmente deſapparecem, ſendo às, vezes mais daninhos aos donos, os que vem apagar o fogo, do que he o meſmo incendio. Neſta laſtima o Padre Magalhaẽs lhe foi offerecer a ſua Caza, aonde teve a muitos daquelles mui Religioſos Padres, tratãdo-os como a Irmãos mui amados.

12 Vioſe mais ſua virtude depois da morte Del-Rey, procurãdo de viver em tudo como qualquer dos outros Religioſos. No dia, em que enterraram a El-Rey, o chamaram o Marquez de Alegrete, Conde de Vianna, Duque, & mais Miniſtros, que eraõ do Conſelho, peraque elle continuaſſe a meſma occupaçaõ, como athe ali. Eſcuſouſe, dizendo, que era tempo de ſe recolher ao ſeu cubiculo, pera tratar tambem da ſua morte.

13 Mãdãdolhe depois diſto o Thezoureiro da Alfandaga entregar o ſeu quartel de ordenado Del-Rey, lho tornou a mãdar, pedindo o riſcaſſem dos livos, em que eſtava aſſentado pera iſto, porque como a Religioſo pobre naõ lhe competia eſta congrua. Sabendo El-Rey noſſo Senhor Dom Joaõ o quinto eſte ſeu deſapego, mandou, que ſem embargo da ſua repugnancia, lho continuaſſem. Elle, como athe ali tinha feito, o applicou pera o ſuſtento da caza, & algumas obras uteis à Communidade.

14 Depois lhe mãdou o Eſtribeiro Mòr offerecer huma liteira prompta com criados, pera della ſe ſervir, em quãto viveſſe; elle do meſmo modo ſe eſcuſou. Logo pedio, aos que governavam a Caza, o pautaſſem nos ſermoẽs, & puzeſſem no andar, & eſtilo dos mais; pois morto El-Rey, naõ havia, porque ſe deſviar hum ponto da Communidade. Elle meſmo ſe foi ajuſtãdo com tudo com grande exemplo de toda eſta Provincia, que niſſo fallava, como em exemplo digno daquelles noſſos primeiros Padres, que foram Confeſſores de Reys.

15 Foi eleito ſegunda vez Prepoſito da Caza de Saõ Roque, onde era aos ſubditos huma regra viva de bons procedimentos. Padeceo ultimamente huma moleſtiſſima enfermidade por eſpaço de ſinco mezes continuados com grande paciencia,

man-

mansidam, & soffrimento. Vendo, que nam aproveitavam os remedios humanos, recorreo aos divinos. Cuidando ser a sua queixa de dor de pedra, em que se tinha sem effeito esgotado a medicina, mandou fazer huma Imagem de Saõ Liborio, como advogado deste mal, & a mandou collocar em huma Capella da Igreja; mas como a sua queixa nam era, a que cuidava, o Santo o curou por outro modo a juiso de todos prodigioso, que foi levallo no seu mesmo dia, aliviando-o das continuas dores, que padecia. Preparouse como Religioso Santo, & como quem havia muitos tempos só cuidava nesta hora. Recebidos os Sacramentos, falleceo na Caza de Saõ Roque de Lisboa às duas horas pera as tres da madrugada dos 23 de Julho do anno de 1709.

16 A seu Officio assistio o Illustrissimo Senhor Dom Simaõ da Gama Arcebispo de Evora, & alguns Fidalgos. Vieram os Religiosos Trinos em Communidade, & lhe cantaram hum responsorio na Capella, & outro ao meterem na sepultura. Mãdaram que os sinos do seu Convento se dobrassem juntamente com os de Saõ Roque. No seguinte dia veyo o seu Provincial com toda a Communidade, & lhe disseram hum Officio, & Missa solenne em significaçam do seu agradecimento à charidade, com que no trabalho do seu incendio se compadecera delles.

17 Foi enterrado na cova do numero quarenta, na qual como consta do livro dos obitos, tem sido enterrados homens de muito ser, & virtude, o Padre Alvaro Pyres, o Padre Jeronymo Lobo, cujas vidas nesta Obra vam escritas, o Sapientissimo Padre Estevaõ Fagundes, o Padre Andre Fernandes Bispo eleito de Japaõ, cuja vida vay escrita na Obra do Noviciado de Lisboa, foi Mestre, & Confessor do Principe Dom Theodozio. Os Padres Manoel de Andrade, & Domingos Leytaõ grãdissimos letrados, & agora o Padre Sebastiaõ de Magalhaẽs, com tais homens estam honradas estas cinzas, & com vozes mudas nos dizem, que quanto câ temos por avultado, he pò, cova, terra, & cinza, & que tudo nisto vem a parar. Tenho acabado esta segunda parte das vidas, & memorias dos Padres, & Irmãos, que se entregaram a Deos, & à Companhia em Coimbra, naõ se persuada, quem as leo, que aqui estaõ todas, porque estou certo me fica muito por dizer; naõ pude athe o prezente haver mais noticias, & sabe Deos, o que estas me custaram, seja tudo em honra, & gloria do Senhor, que os fes tais, & a nòs nos faça imitadores seus, jâ q̃ nos chamou à mesma Religiaõ.

F I M.

CATALOGO
DOS ESCRITORES, QUE NESTA Santa Caza foraõ Noviços; Obras que compuzeraõ.

A.

FORAM muitos os Escritores da Companhia, que neste santo Noviciado se criaram: delles quero aqui fazer hum Catalogo, peraque se veja a grande gloria, de que tem sido fonte, & origem. Poucos, ou por ventura nenhum Noviciado havera em toda a Companhia, de quem mais homens insignes em virtude, & em letras tenham sahido. Das virtudes tenho escrito alguma parte, agora somente farei mençaõ, dos que imprimiram livros, ou os deixaram compostos, aindaque naõ sahissem a luz. Seguirei a ordem do Alphabeto, de que usa a Bibliotheca da Companhia, que nesta materia he o meu principal Author, accrecentando alguns, que despois della impressa escreveram, & os mais, de que ella naõ faz mençaõ. Seja o primeiro.

Padre Affonso Mendez foi Patriarcha de Ethiopia, de suas virtudes fica escrita narraçaõ diffusa, mas mui limitada em comparaçaõ, do que em si foi; aqui só me resta dizer as suas obras. Huma narraçaõ da sua entrada na Ethiopia pera nosso Reverẽdo Padre Geral Mucio Vittelleschi, foi impressa em Roma no anno de 1628. A Oraçaõ, que fez em Evora a El-Rey Phelippe Terceiro, anda impressa no Anaçaphaleoses do Padre Antonio de Vasconcellos. Compoz hum Catecismo Ethiopico, o qual volume, que consta de doze livros divididos em duas partes, offereceo à Congregaçaõ de propagãda fide. Este hâ poucos annos se imprimio. A Historia de Ethiopia em tres livros, q̃ se guarda no Cartorio de Roma em dous tomos de folha. Huma Relaçaõ do Martyrio do Bispo Dom Apollinar de Almeyda, & seus companheiros, impressa em Manilla. Deixou os manuscriptos seguintes. Hum tomo das prègaçoẽs, que fazia em Ethiopia ao povo. Hum livro Synodal, em que emenda os erros dos livros dos Alexãdrinos. Alguns tratados em defensa da Companhia contra os malevolos. Hum livro de Magia. As suas exposiçoẽs sobre a sagrada Escritura, que ditou em Coimbra, & Evora, & locupletou em Goa, onde santamente falleceo aos 29 de Junho de 1656.

Padre Alvaro Lobo, natural de Villa Real no Arcebispado de Braga, entrou na Companhia o ultimo de Fevereiro de 1566, tendo quinze annos de idade. Foi grande orador, & singular poeta. Ensinou por muitos annos letras humanas, & quatro annos Philosophia em Evora. Foi Rey-

Reytor do Collegio do Porto. Viveo sempre com achaques, que soffreo com muita paciencia. Tinha grande paz de animo, & huma mansidam, que se naõ sabia alterar. Traduzio em Portuguez o Martyrologio Romano, que se imprimio em Coimbra. Compoz a Historia desta nossa Provincia de Portugal em dous tomos, que se guardam no Cartorio de Coimbra, & de quem muito se aproveitou o Padre Mestre Balthezar Telles, na que deu a luz, como elle o dis no prologo da primeira parte. Falleceo em Coimbra aos 23 de Abril de 1608.

Padre Amador Rebello natural de Mezamfrio no Bispado do Porto entrou na Companhia em Abril de 1559, tendo vinte annos de idade. Foi Mestre de ler, & escrever Del-Rey Dom Sebastiam. Ensinou cazos de consciencia, & foi Reytor do Collegio de Santo Antaõ. Fez huma relaçaõ tirada das cartas da India, China, Jappam, & Angola do anno de 1588, que se imprimio em Lisboa. Compoz a vida Del-Rey Dom Sebastiaõ, louvada por alguns Escritores, esta obra nam se imprimio. O mais deste Padre se escreve em seu lugar. Delle fas mençaõ o Agiologio em 7 de Mayo, em que falleceo no anno de 1622 no Collegio de Santo Antaõ.

Padre Andre Cardozo natural de Coimbra entrou aos 4 de Outubro de 1644 tendo 14 annos de idade. Ensinou Rhetorica, & Philosophia em Braga. Graduouse de Doutor em Evora, onde leo Theologia athe Prima. Foi grande prêgador. Dos seus sermoẽs se imprimio hum em Evora feito por occasiaõ dos desposorios do Duque de Saboya com a Princeza de Portugal. Morreo em Evora aos 18 de Julho de 1696. Foi muitos annos Cancellario da Universidade.

Padre Andre Gomes natural da Cidade de Coimbra entrou a 6 de Julho de 1589, tendo quatorze annos de idade. Ensinou Rhetorica, & letras humanas, & Philosophia em Coimbra, onde foi Lente de Escritura. Foi grande prêgador, exercitou este santo ministerio com muito fruto, & por largos annos na Caza de Saõ Roque, onde falleceo aos 14 de Outubro de 1649. Imprimio em Lisboa no anno de 1633 as festas, que nos Collegios desta Provincia se fizeram na Canonizaçaõ de Santo Ignacio, & Santo Xavier. Mais hum sermam, que prègou no Acto da Fè.

Padre Andre Gualdames, de quẽ em seu lugar escrevo, de naçaõ Castelhano, entrou em Coimbra na Companhia. Passou a Ethiopia com o Patriarcha Andre de Oviedo, lâ trabalhou, & padeceo muito, & morreo em odio da Fè no mes de Agosto de 1562. Traduzio na lingua Ethiopica muitos tratados pera a instruçam daquellas gentes.

Padre Antonio de Almeyda natural de Trancozo no Bispado de Viseu, entrou aos 4 de Janeiro de 1576 tendo dezoito annos de idade. Passou à India no anno de 1585, entrou na China, onde trabalhou muito, & falleceo aos 17 de Outubro de 1591. Escreveo a Annua da China de 1586. Outra da Provincia do Jappam do mesmo anno.

Padre Antonio de Andrade, cuja vida em seu lugar escrevo, entrou no anno de 1596. Era natural de Oleiros no Priorado do Crato, passou à India, descobrio o Reyno do Tibet. Morreo de veneno em Goa aos 19 de Março de 1633. Escreveo o Descobrimento do Catayo, que se imprimio em varias linguas.

Padre Antonio Carvalho natural de Lisboa entrou na Companhia aos 29 de Mayo de 1558. Foi mui douto nas letras humanas, ensinou Philosophia, por vinte annos; leo Theologia em Coimbra, & Evora, onde foi Lente de Prima, & Doutor na Santa

Theologia. Foi dos pregadores de nome do ſeu tempo. Era muy devoto, rara vez dizia Miſſa ſem derramar muitas lagrimas. Tinha grande amor à ſanta pobreza. Dandolhe a nova da morte, deu a Deos muitas graças por morrer na Companhia. Falleceo em Coimbra aos 29 de Mayo no anno de 1601. Eſcreveo Comentarios ſobre a primeira da ſegunda de Sãto Thomas, & outros ſobre a ſegunda da ſegunda do meſmo Santo, que ſe conſervam em Coimbra.

Padre Antonio Cordeiro natural da Cidade de Angra na Ilha Terceira entrou na Companhia aos 12 de Junho de 1657. Foi Meſtre de Philoſophia, Theologia Moral, & eſpeculativa por muitos annos em o noſſo Collegio de Coimbra, & depois em o Seminario de Lisboa. Imprimio hum curſo de Philoſophia, & a Theologia Eſcolaſtica, que ditou: mais dous tomos de Reſoluçoẽs Theojuriſticas: outro tomo in Quinqualegum. Afora eſtas obras compoz, & imprimio a Hiſtoria Inſulana em honra de ſua patria. Compoz mais outra Hiſtoria da milagroſa Imagem, & Sanctuario da Senhora da Lapa, & tinha ſido cauſa, de ſe fazer ali Reſidencia eſtavel da noſſa Companhia. O mais, que delle ſe pode dizer, tem em a ſua Hiſtoria Inſulana livro 6. cap. 24, deſde o numero 277. aonde remeto o Leytor.

Padre Antonio Fernandes natural de Coimbra entrou na Companhia ao primeiro de Fevereiro de 1572 tendo 14 annos de idade. Foi Doutor em Theologia pela Univerſidade de Evora, onde leo a Santa Eſcritura. Depois paſſou à India com dezejo de ſalvar almas. Em Goa foi Prepoſito da Caza Profeſſa. Voltando ao Reyno exercitou em Lisboa o officio de prègador, em que era eminente. Falleceo em Coimbra aos 14 de Mayo de 1628. Imprimio huns Commentarios ſobre as viſoẽs do teſtamento velho. Deixou compoſtos outros Commentarios ſobre o Propheta Iſaias.

Padre Antonio de Gouvea natural de Cazal no Biſpado de Viſeu, entrou na Companhia no anno de 1611, depois de acabar os eſtudos paſſou à China, onde trabalhou por mais de trinta annos. No anno de 1665 foi deſterrado pela Fè pera Cantam, onde eſteve ſeis annos prezo com outros Miſſionarios, athe ſe dar ſentença em ſeu favor. Solto tornou à Miſſaõ. Foi Vice-Provincial della. Fez imprimir em lingua Sinica, & Latina o ſucceſſo, & ſentença deſta cauſa. Compoz mais em Portuguez a Hiſtoria da Cõpanhia da Miſſaõ da China, q̃ ſe trouxe a Portugal, aonde ſe guarda manuſcrita. Naõ acho o dia, & anno, em q̃ falleceo. Trabalhou por mais de 36 annos na converſam dos Chinas.

Padre Antonio de Morais natural da Certam Priorado do Crato entrou na Companhia aos 12 de Fevereiro de 1586, tendo 16 annos de idade. Enſinou Philoſophia, foi Lente de Eſcritura em Coimbra. Foi Meſtre dos Noviços em Coimbra, o primeiro Reytor dos Noviços na Caza do Monte Olivete, Prepoſito da Caza Profeſſa de Saõ Roque, & finalmente Reytor do Collegio, & Univerſidade de Evora, no qual officio morreo em Novembro de 1639. Na Caza de Saõ Roque alem de outras couſas acõmodou os cubiculos da enfermaria na forma, que hoje eſtam, com a Capella, cujo paynel da Conceyçaõ trouxe de Roma; portais, & janelas de pedraria, que antes eram de alvenaria, & tejolo. Foi homem de grandes virtudes, & que teve ſingular modo pera criar Noviços. Deixou expeditos pera a imprença 4 tomos. Da Payxaõ do Senhor. Do Ornato do Sũmo Pontifice. De praticas domeſticas. O quarto de ſermoens do Advento, Quareſma, & dos Santos.

Padre Antonio Morim natural de Coimbra entrou na Companhia aos

15 de

15 de Fevereiro de 1657 tendo 17 annos de idade. Ensinou letras humanas, & Rhetorica, foi Mestre de Philosophia no Collegio de Santo Antaõ. Os mais annos fez officio de prègador. Imprimio em Lisboa hum livro de letras humanas, poezias, & oraçoẽs latinas, que intitulou *Dulces exuviæ*. Mais dous tomos de sermoẽs. Foi Mestre da santa doutrina na Caza de Saõ Roque, onde falleceo aos 16 de Abril de 1716.

Padre Antonio de Sousa natural da Villa de Amarante no Arcebispado de Braga entrou na Companhia ao 1 de Julho de 1606 tendo 15 annos de idade. Soube com primor as letras humanas, & as ensinou por muitos annos, sendo Mestre no Collegio de Santo Antaõ deu ao teatro diante Del-Rey Phelippe Terceiro no anno de 1619 huã Tragicomedia Del-Rey Dom Manoel, sobre o descobrimento da India, a qual quasi toda imprimio na sua Relaçaõ destas cousas Joaõ Sardinha Mimoso. Morreo no mar em o anno de 1625 na armada, que vinha do Brasil, depois de lãçar fora delle os Olãdezes.

Padre Antonio Vellez, natural de Portalegre, entrou em 9 de Janeiro de 1569, tendo 23 annos de idade. Foi professo de tres votos solennes. Ensinou por sete annos letras humanas. Por tres ensinou cazos de consciencia, sete annos foi Prefeito da Universidade de Evora. Por muitos annos fez officio de prègador, & cõfessor. Falleceo no Collegio de Evora aos 20 de Março de 1609. Imprimio em Evora no anno de 1599 os Cõmentarios sobre a Grammatica do Padre Manoel Alvres, obra neste genero excellente. Emendou os versos menos concertados do Padre Manoel Alvres, & meteo em metro elegãtissimo os preceitos de toda a dita Grammatica com tal valẽtia, que he huã suspensam a todos, os que entendem da faculdade, pela qual obra póde com rezaõ ser o Padre Vellez contado por hum dos melhores poetas latinos, & quem vè os versos dos outros grammaticos, & considera os seus, lhe parece, que os dos outros saõ como o carvam cõparado com os diamãtes. Elle ordenou o Cõpendio da Arte, de que vulgarmente se usa em Portugal. Tambem cõpoz em verso a vida do Padre Gonçalo da Silveyra glorioso Martyr do Senhor em Monomotapa, a quem naõ acho se imprimisse, nem que exista. Sem duvida seria obra excellente.

B.

Padre *Balthezar Alvres* natural de Chaves no Arcebispado de Braga entrou na Companhia ao 1. de Novembro de 1578, tendo 17 annos de idade. Oito annos ensinou Philosophia, doze Theologia na Universidade de Evora, onde foi Cãcellario. Depois fazendo-o Reytor do Collegio de Santo Antaõ, pedio com tãtas instancias ao nosso Reverendo Padre Geral, que o escusasse, que poz outro em seu lugar. Falleceo em Coimbra aos 12 de Fevereiro de 1630. Fez o Indice expurgatorio dos livros depois de Lutero athe o seu tẽpo, o qual com authoridade do Senhor Fernaõ Martins Mascarenhas Inquisidor Geral se imprimio no anno de 1624. Compoz o tratado da Alma separada, que he o ultimo do Curso Conimbricence. Revio, & accõmodou pera à Imprença os tomos posthumos do Padre Francisco Soares Granatense.

Padre Balthezar Telles natural de Lisboa entrou na Companhia aos 24 de Março de 1610, tendo quinze annos de idade. Por nove annos ensinou letras humanas, & as primeiras de Braga, Lisboa, Evora, & Coimbra. Por quatro Philosophia. Theologia moral, & especulativa por oito.

Foi

Foi Reytor de Seminario dos Irlandezes, & do Collegio de Santo Antaõ, Provincial, depois Preposito da Caza de Saõ Roque. Foi homem de genio muy amavel, & benigno, grande Religioso, a sua oraçam tinha sempre diante do Santissimo. Em Coimbra amplificou a Capella da quinta de Villa-franca, & fez nella pòr Sacrario com o Santissimo, como hoje tem. Era de muita authoridade, & com ella concordou entre si os Cabidos de Braga, & do Porto em algumas discordias, que tinhaõ entresi. Mortificava seu corpo com disciplinas, & cilicios. Falleceo em santa velhice na Caza de Saõ Roque aos 20 de Abril de 1675. Imprimio em Lisboa no anno de 1642 huma summa de Philosophia, que despois se imprimio em Pariz, & no Brasil se recebeo, pera se explicar nos estudos publicos. Da summa de Theologia tinha cõposto hum tomo, que pertendia dar a luz, quando lhe ordenaraõ, que compuzesse a Historia desta nossa Provincia em lingua patria, o que fez refundindo os dous tomos, que tinha della escrito o Padre Alvaro Lobo, os quais se imprimiram. Tambem imprimio em Coimbra no anno de 1660 a Historia de Ethiopia a alta, & o que nella obraram os nossos Religiosos. Pelas quais obras foi homem benemerito desta nossa Provincia, que sendo taõ gloriosa, tinha quasi todas suas cousas athe aquelle tempo como sepultadas.

Padre Bartholameu Pereyra natural de Monçaõ no Arcebispado de Braga entrou na Companhia no anno de 1603 tendo 15 annos. Ensinou em Coimbra Rhetorica, & foi Lente de Escritura por oito annos, & prègador de nome. Foi Reytor do Collegio de Braga. Falleceo santamente em Coimbra aos 18 de Novembro de 1650. Imprimio em Coimbra em verso latino elegãtissimo hum poema, que intitulou *Paciedos* repartido em 12 livros sobre o Martyrio do Padre Francisco Pacheco no Jappaõ. Tinha entregue ao Mercador de livros, pera se imprimirem huns Cõmentarios sobre Tobias, porem estes por descuido do Mercador se perderaõ.

Padre Belchior Nunes Barretto, natural do Porto entrou, aos 11 de Março de 1543. Passou a India. Foi o primeiro prêgador Evangelico, que prègou na China. Sua vida vay escrita no primeiro tomo desta Obra. Morreo em Goa aos 10 de Agosto de 1571. Escreveo muitas cartas das cousas da India, China, & Jappam, das quais muitas andam impressas.

C.

C*ollegio de Coimbra* primeiro dos Collegios de toda a nossa Cõpanhia, teve seu principio no anno de 1542, he fundaçaõ do Serenissimo Rey Dom Joaõ o Terceiro, que o quis pera Seminario de prègadores Evãgelicos no Oriente. Elle o dotou cõ rendas, que bastam, para sustentar duzentos Religiosos, q̃ he o seu ordinario numero, & annos houve, em q̃ teve muitos mais. Em templo, & mais edificio, & peças delle he grandioso, & magnifico. O mesmo Rey lhe ajuntou o Collegio das Artes, que he parte da Universidade, todo sogeito à Companhia, o qual antes fora no edificio, que hoje he Carceres, & tribunais do Santo Officio, depois se fez novo edificio pegado com o nosso Collegio. A este Collegio dedicou o famosissimo Doutor Navarro a Obra sobre o Capitulo, *Ita quorundam de Judæis*; & delle dis grãdes louvores. Tem onze classes de Latim, quatro de Philosophia, huma de Grego, & Hebreo, estas pertencem à Universidede. Tem mais duas cadeiras de Moral, que paga o Bispo. Mais quatro, hũa da Santa Escritura, & tres

& tres de Theologia, que he estudo sò dos nossos Theologos, porq̃ naõ saõ publicas, nem que pertençaõ à Universidade. Imprimio os Cõmentarios sobre os livros de Aristoteles dos Physicos, do Ceo, dos Meteoros, Ethicos, de Geraçaõ, & Corrupçaõ, & da Alma. Publicaraõse com nome de Curso Conimbricense em Colonia no anno de 1599. & em outras partes. O Autor delles foi o Padre Manoel de Goes natural de Portel no Arcebispado de Evora. Sam obra digna de taõ sabio, & Real Collegio, & que entre os doutos tiveraõ summo applauso. Em nome do mesmo Collegio no anno de 1604. sahiram a luz huns Commentarios suppostos sobre a Logica de Aristoteles, obra indigna de taõ grande nome como o do Collegio de Coimbra; por tirar este labeo, q̃ se lhe tinha posto, deu a luz os Cõmentarios sobre a Logica, que se imprimiram em Leaõ de Frãça no anno de 1607, seu Author foi o Padre Sebastiaõ de Couto natural de Olivença no Bispado de Elvas. O tratado da Alma separada do mesmo Curso cõpoz o Padre Balthezar Alvres, como fica dito. Tambẽ imprimio em Moguncia anno de 1601. os Problemas, que se explicaõ nos Commentarios Physicos.

Padre Doutor Christovaõ Gil, natural de Bragança entrou na Companhia aos 10. de Novembro de 1569. sua vida escrevo em seu lugar. Foi Mestre insigne nas letras humanas, na Philosophia, na Santa Theologia, q̃ ensinou em Coimbra, & Evora por espaço de 20. annos, cõ fama de Mestre excellẽte, & por tal o reconheceo o Sapientissimo Doutor Francisco Soares Granatense, quando em Evora, onde o Padre Gil era Lente, tomou o grao de Doutor. Foi em Roma Revizor dos livros da Companhia, & voltando a Portugal, pera succeder no lugar ao Padre Soares Granatense, falleceo em Coimbra aos 7. de Janeiro de 1608. Tense por certo, que conservou athe a morte a graça bautismal. Pedio que todas suas obras se queimassem. Compoz, & se deu a luz a obra Theologica, que trata da Doutrina, Essentia, & virtude de Deos, que contem doze livros. Outras obras deixou compostas, que se guardaõ no Cartorio de Coimbra.

Padre Cosme de Magalhaens, natural de Braga entrou na Companhia aos 27. de Junho de 1567. tendo 16. annos de idade. Foi Mestre de Rhetorica, Prefeito dos Estudos em Coimbra. Dez annos leo Theologia Moral. Foi Lente de Escritura no Collegio de Coimbra, onde santamẽte falleceo em 9. de Outubro de 1624. Escreveo a Sylva de Autores selectos pera a instituiçaõ dos estudantes. Cõpoz alguns seis tomos sobre a Santa Escritura, que se imprimiram em França. Escreveo mais dous tomos do Catecismo Japonez. Sobre os Problemas de Aristoteles compoz o que anda no Curso Conimbricense. Quando morreo estava pera escrever as vidas dos varoens illustres da Companhia.

D.

Padre *Domingos Nunes* natural de Idanha no Bispado da Guarda entrou aos 28. de Julho de 1657 tendo de idade treze annos. Ensinou letras humanas, Rhetorica, & Philosophia em Coimbra, & Evora; Theologia sò em Evora, na qual se formou Doutor. Foi Reytor dos Collegios de S. Antam, & Coimbra, Provincial, & Preposito da Caza de Sam Roque. Imprimio em Evora hum tratado sobre a opiniam provavel. Falleceo em Coimbra aos 30. de Abril de 1713. sendo segunda vez Reytor do Collegio.

E.

Padre *Estevaõ de Castro* natural de Lisboa entrou aos 10. de Agosto de 1589. tendo 14. annos de idade. Ensinou oito annos letras humanas. Foi Procurador da India, & professo de tres votos solẽes. Falleceo no Collegio do Porto no anno de 1639. Escreveo, & imprimio, Methodo de ajudar a bem morrer, que se tem impresso muitas vezes.

F.

Padre *Fernam Queyrôs* natural de Canavezes no Bispado do Porto entrou aos 26. de Dezembro de 1631. foi pera a India no anno de 1635. Compoz, & imprimio a vida do Irmam Pedro de Basto. Compoz mais a Historia da conquista de Ceylam, que athe o prezente se nam imprimio. Tambem ouvi dizer escrevera outros muitos livros, que se nam imprimiram.

Padre Francisco de Amaral natural de Lisboa entrou na Cõpanhia aos 14. de Abril de 1608. tẽdo de idade 15. annos. Ensinou Philosophia em Evora, & Theologia por nove annos em Lisboa. Governou o Seminario dos Irlandezes, o Collegio de Braga, & o de S. Antam, sendo Reytor deste morreo aos 4. de Setembro de 1947. Imprimio hũ tomo de Sermoens em Portuguez.

Padre Francisco Antonio natural de Lisboa, tendo 23. annos de idade, em que ja era mui douto no Direito Civil, & o tinha lido dous annos em Coimbra, entrou na Companhia no anno de 1558. Foi mandado a Sardenha com o Padre Balthezar de Pina, pera fundarem o Collegio de Fasser, trabalhou muito naquella Ilha. Em Roma foi Mestre dos Noviços. Foi Confessor do Santo Martyr Edmundo Campiano. Em Alemanha era o Confessor do Beato Estanislao, a quẽ com seus conselhos trouxe à Companhia. Trabalhou muito em Alemanha pera conservar a Fe. A Senhora Dona Maria de Austria, mui amante da Companhia, usou muito do conselho deste Padre, & por 36. annos o teve por Prègador. Foi pela mesma Senhora mandado com negocios a El-Rey Phelippe segundo seu Irmaõ, & vindo ella pera Madrid se servio do Padre Frãcisco Antonio athe a morte. Recolheose a viver, & como elle dizia, pera morrer em o Noviciado, onde falleceo santamente aos 15. de Fevereiro de 1610. Illustrou o Catecismo do Padre Edmundo Augerio, notando inteiros os lugares dos Santos Padres, que traz, pera refutar aos Calvinistas. Imprimio em Madrid, Avisos pera os soldados; mais huma obra do Sacrificio da Missa. Verteo em Castelhano as Sentenças do Papa Xisto, & os livros de Dorotheo, Nilo, & Izaias Abbades, que se imprimiram em Madrid.

Padre Francisco Furtado natural da Ilha do Fayal entrou na Cõpanhia aos 16. de Abril de 1609. tendo 21 annos de idade. Era Religioso de grande exemplo; estudando Theologia, com dezejos de entrar em Japam passou à India, & sendo applicado à Missaõ da China, nella trabalhou com grande fruto por 32. annos. Fez a profissaõ de 4. votos em Macao. Foi Vice-Provincial das Missoẽs da China. Falleceo santamente em Macao aos 21. de Novembro de 1653. Imprimio em lingua Sinica seis livros do Mundo, & do Ceo, nos quais cõ razoens Philosophicas mostra, que se dà Deos. Tambem compoz alguns tomos da Logica, & Metaphysica.

Padre Francisco Henriques nanatural de Lisboa entrou na Companhia aos 26. de Mayo de 1545. tendo 19. annos de idade. Ainda que lhe faltaraõ

faltaraõ letras, que naõ aprendeo, suprio, por todas, as que podia aprendera a rara capacidade, & prudencia, de que Deos o dotou: por estas partes, sem ser letrado, se lhe deu a profissaõ de quatro votos, que entendo he nesta Provincia exemplo unico. Foi Reytor do Collegio de S. Antam, companheiro de Provinciais, Procurador Geral da India, & Brazil, & Preposito da Caza de S. Roque. No qual governo succedeo a peste grande de Lisboa no anno de 1569. & teve boa parte dos muitos, & raros exemplos, que nesta occasiaõ deram os Padres da quella Caza. Era tanto seu spirito, que ferido jà com tres carbunculos, vizitava os outros feridos. Escapou da peste. Cõtinuou naquella Caza com grande edificaçaõ: sendo mui velho acodia encostado em hum bordam às confissoens dos enfermos. Teve muito trato cõ Deos. Morreo na Caza de Saõ Roque aos 16. de Março de 1590. Escreve delle o Padre Manoel da Veyga no Memorial da Caza de Sam Roque. Escreveo aos Irmaõs de Roma huma Relaçaõ do Martyrio do Padre Pedro Dias, & seus companheiros, a qual se imprimio em Napoles.

Padre Francisco de Macedo, natural de Coimbra, entrou na Companhia aos 22. de Mayo de 1610. tendo 14. annos de idade. Ensinou Rhetorica por muitos annos, por hum anno Philosophia, por alguns Chronologia. No de 1628. foi chamado pera Mestre de Rhetorica na nova Universidade de Madrid. Fez profissaõ de 4. votos o anno de 1630. Foi homem eruditissimo, & na poezia latina excellentissimo. Em quanto esteve na Companhia, deu a luz varias obras. Hũas conclusoens humanistas cheas de toda a erudiçaõ Hum poema da Canonizaçaõ do S. Xavier. A Canonizaçaõ de Santa Izabel. Epitome da Chronologia do principio do mundo athe o Nascimento de Christo. Arte poetica. Sete elegias na morte do Padre Francisco de Mendonça. Estas obras todas em latim. Em Castelhano a Vida de Dom Luiz de Ataide Vizo-Rey da India. He o que imprimio sendo da Companhia. As demais obras dirà a muito esclarecida, & Serafica Ordem dos Religiosos Menores, pera a qual por mais apertada se passou.

Padre Francisco Machado, natural de Villa pouca no Arcebispado de Braga, entrou na Companhia em 29. de Março de 1612. tendo 15. annos de idade. Por seis annos ensinou letras humanas, & fez por muitos annos officio de Prègador. Morreo em Estremoz aos 29. de Janeiro de 1659. Imprimio em latim o Mausoleo da Magestade de Dom Joaõ o quarto, cõ hum compendio de sua vida, & morte.

Padre Doutor Francisco de Mẽdonça, natural de Lisboa, cuja vida escrevo em seu lugar diffusamente. Escreveo tres tomos de Comentarios sobre os livros dos Reys. O 1. sobre os dous primeiros capitulos do primeiro livro. O 2. sobre o seis seguintes. O 3. sobre os outros sete. He obra sobre todos os elogios admiravel. Mais o Viridario da Erudiçaõ profana, que varias vezes se tem impresso. Depois de sua morte se impriram dous tomos dos seus Sermoens em Portuguez, que despois se verteraõ, & imprimiraõ em Castelhano. Mais hum tomo de Praticas, o qual manuscripto se conserva na Caza de S. Roque, onde o vi, & senti muito naõ estar impresso, como merece. Foi homem em tudo grãde. Morreo vindo de Roma em Leaõ de França aos 3. de Junho de 1626.

Padre Doutor Francisco Pinheiro natural de Gouvea no Bispado de Coimbra entrou na Companhia em 14. de Março de 1611. tendo de idade 15. annos. Ensinou letras humanas, Philosophia por quatro años,

Moral por tres, & dezaſeis Theologia Eſcholaſtica cõ fama de excellẽte Meſtre, & Doutor Sapientiſſimo na Univerſidade de Evora, onde tomou o grao de Doutor aos 21. de Julho de 1633. Foi Cancellario da Univerſidade. Nas virtudes era de grande exẽplo, & ſeus coſtumes eraõ muy ſantos. Foi Reytor dos Collegios de Evora, & Coimbra, neſta morreo aos 29. de Julho de 1661. Imprimio do Cenſo, & Emphyteuſi em Coimbra no anno de 1655. Depois de ſua morte ſe imprimio a obra de *Teſtamentis*. Todas tem grande acceitaçaõ.

Padre Franciſco Rodrigues, natural de Monte-mòr o Velho, Biſpado de Coimbra, entrou na Cõpanhia aos 17. de Novembro de 1608. Enſinou letras humanas, Philoſophia, & Theologia Moral. Foi Procurador das Provincias da Coroa de Portugal em Madrid. Depois foi Reytor do Collegio de Faro, & de Braga, onde morreo aos 26. de Mayo de 1654. Era Religioſo de grande obſervancia. Imprimio em Madrid hum Catalogo dos Martyres da Companhia, que padeceram em Japam pellos annos de 1633.

G.

PAdre *Gaſpar Ferreyra*, natural da Villa de Fornos, Biſpado de Viſeu, entrou na Companhia em 21. de Janeiro de 1589. tendo de idade 15. annos. Paſſou à India a ſalvar almas no anno de 1593. Là enſinou 4. annos letras humanas, ſeis foi Meſtre dos Noviços. Indo pera a China, foi algum tempo companheiro do Padre Mattheus Ricio na Corte de Pequin. Por mais de quarenta annos cultivou aquella Chriſtandade, entre ella morreo cheo de merecimentos aos 27. de Dezembro de 1649. Imprimio na lingua Sinica Meditaçoens dos quinze myſterios do Roſario. Mais os Santos de cada mes pera os Chriſtaõs com ſentenças dos Santos Padres.

Padre Gonçalo Rodrigues, cuja vida neſta Obra eſcrevo, natural de Calheiros no Arcebiſpado de Braga, entrou na Companhia no anno de 1545. Paſſou à India, & dali a Ethiopia. Eſcreveo hum livro dos erros dos Abexins. Huma Relaçaõ da ſua jornada de Ethiopia. Morreo na India em Goa aos ſinco de Março de 1564.

Padre Gregorio Barretto, natural de Cantanhede no Biſpado de Coimbra, entrou aos 22. de Janeiro de 1685 enſinou primeira de Rhetorica em Evora, & Coimbra, Philoſophia, & Theologia em Coimbra. Imprimio em Lisboa hum Compendio da Logica Conimbricenſe.

H.

PAdre *Henrique Henriques*, natural de Villa-Viçoſa, entrou na Companhia no anno de 1545. Paſſou à India, foi Miſſionario inſigne, & pay das Chriſtandades do Cabo de Comorî, homẽ de eſpirito grande, & incanſavel, como largamente eſcrevo em ſua vida. Morreo aos 6. de Fevereiro de 1600. Eſcreveo na lingua Famulica: Hũa Arte, & Vocabulario. Doutrina Chriſtã por modo de dialogo. Methodo de confeſſar. Vidas de Chriſto, da Senhora, & outros Santos, cujo exemplar ſe guarda em Roma na livraria Vaticana. Reduzio a Arte a lingua Malabar. Eſcreveo contra as fabulas dos gentios. Traduzio em Malabar as oraçoẽs, & preces dos Chriſtaõs. Eſcreveo muitas cartas, das quais andaõ algũas impreſſas.

I.

Padre Doutor *Ignacio Martinz*, natural de Gouvea no Bispado de Coimbra entrou no anno de 1547. De sua vida, & admiraveis virtudes tenho dito em seu lugar, o que ajuntei. Falleceo em Coimbra aos 28. de Fevereiro de 1598. Compoz 4. tratados pios, & proveitosos. Hũa Ladainha do Santissimo Sacramento, ordenada de lugares da Escritura. Acrescentou a Cartilha da Dourrina Christã cõposta pelo Padre Marcos Jorge, a qual se chama ordinariamente Cartilha do M. Ignacio. Imprimio huma prègaçaõ, que fez da Collocaçaõ das Reliquias na Igreja da Caza de S. Roque.

Padre Ignacio Manoel, natural do Lugar de Saõ Pedro junto a Bragança, entrou aos 30. de Agosto de 1663. Foi pera a India no anno de 1688. ja professo de quatro votos, sendo Prefeito dos estudos em Braga. Compoz, & se imprimio em Lisboa hum livro de cousas espirituais, com titulo de *Preparaçaõ pera a Eternidade*. Foi impresso na officina de Valẽtim Deslandes anno de 1705.

Padre Joaõ Carvalho, natural de Monte-mòr o Velho no Bispado de Coimbra, aonde entrou na Companhia ao 1. de Março de 1636. Foi homem cabal pera os pulpitos, & magisterios. Ensinou entre nòs todas as sciencias com esplendor, athe a Cadeira de Prima de Theologia no Collegio de Coimbra. Imprimio diversos sermoens avulsos, que prègou em Coimbra. Tambem se dis ser obra sua o livro intitulado *Panoplia Minervæ*, que com outro nome se imprimio em Roma. Foi grande Religiozo, como tal falleceo sendo Reytor do Collegio de Braga aos 30. de Abril de 1684.

Irmaõ Joaõ Fernandes, cõpanheiro de S. Francisco Xavier, cuja vida fica escrita, entrou a 19. de Mayo de 1547. Compoz a Arte da lingua Japoneza, & Vocabulario da mesma, & algumas cartas das cousas de Japaõ, que andam impressas. Foi varaõ Apostolico. Falleceo em Firando aos 26. de Junho de 1567.

Padre Joaõ Freyre, natural de Lisboa, entrou na Companhia a 24. de Abril de 1596. tendo 14. annos de idade. Leo em Coimbra Rhetorica, & succedeo na Cadeira de Escritura ao Patriarca Affonso Mendes. Como fosse de poucas forças, & muito estudo viveo pouco. Acabou esta vida em Coimbra aos 25. de Julho de 1620. Deixou por acabar hum Commentario sobre o livro dos Juizes, o qual se imprimio no anno de 1640. Escreveo mais a vida do Padre Soares Granatense, que anda no principio do seu tomo de Angelis.

Padre Joaõ de Lucena, natural de Trancozo no Bispado de Vizeu, entrou aos 14. de Março de 1565. tendo 15. annos de idade. Ensinou Philosophia em Evora. Foi Prègador de grande fama, & nome, & toda a sua eloquencia empregou em fazer fruto nas almas. De suas virtudes escrevo mais copiosamente em sua vida. Morreo na Caza de S. Roque aos 11. de Outubro de 1600. Escreveo a vida de Saõ Francisco Xavier, que da lingua Portugueza se traduzio, & imprimio em outras linguas.

Padre Doutor Joaõ de Mattos, natural de Lisboa, entrou na Companhia aos 9. de Mayo de 1598. tendo 17. annos. Ensinou letras humanas, Philosophia, & por doze años Theologia em Coimbra, & Evora, onde tomou o grao de Doutor aos 26. de Julho de 1627. Foi Reytor do Collegio de Santo Antaõ, & do de Evora, deste foi chamado pera ser Assistente em Roma, onde esteve athe a Congregaçaõ oitava Despois veyo por Vizitador desta Provincia; nesta occupa-

çaõ falleceo ſantamente em Lisboa aos 7. de Dezembro de 1648. Tinha preparados pera imprimir dous tomos de Theologia Moral, hum dos Juizos Divinos, outro dos Juizos humanos, que ſe naõ imprimiram por cauſa de ſua morte.

Padre Joaõ Pedroza, natural de Coimbram Biſpado de Leyria, entrou aos 26. de Fevereiro de 1632. tendo 16. annos de idade. Paſſou à India, por muitos annos ſervio na Chriſtandade de Sallete. Foi Reytor do Collegio de Racol, & do Noviciado. Morreo em Goa na Caza profeſſa em Mayo de 1672. Imprimio hum livro de Soliloquios Divinos. Tinha preparado outro, que intitulava, *Inſtrucaõ pera a Confiſsaõ Sacramentel.* por cauſa da ſua morte ficou ſem ſe imprimir.

Padre Joaõ Pereyra, natural de Pontadelgada na Ilha de S. Miguel, entrou na Companhia aos 23. de Novembro de 1662. teve diverſos cargos, como de Viſitador do Brazil, & deſta Provincia. Imprimio hum tomo de Praticas. Morreo Prepoſito da Caza de S. Roque aos 23. de Abril de 1715.

Padre Joaõ Rebello, natural do Prado Biſpado de Lamego, entrou na Companhia aos 21. de Julho de 1558. Viveo ſempre na Companhia com grande exemplo de ſantidade, como refiro em ſua vida. Falleceo no Collegio de Evora aos 14. de Julho de 1602. Imprimio do Roſario da Senhora hum livro. Mais dous Dialogos da Virgem Senhora. Tratado da vida de Chriſto, & ſobre a Doutrina Chriſtãa. Outras obras pias eſcreveo, que ſe guardaõ no Cartorio do Collegio de Evora.

Padre Joaõ da Rocha, natural de Braga, entrou no anno de 1585. Sendo ainda Noviço foi pera a India, entrou na China o anno de 1598. onde cõverteo muitos gentios, bautizou ao Doutor Paulo, que foi coluna daquella Chriſtandade. Morreo, ſendo Superior de toda a Miſſaõ, no fim de Março de 1623. Traduzio em lingua Sinica a Cartilha do P. M. Ignacio.

Padre Joaõ Rodrigues Giraõ (aſſim ſe nomeou pera diſtinçaõ de outro) era natural de Alcochete no Arcebiſpado de Lisboa, entrou aos 16. de Dezembro de 1576. tendo 18. annos de idade. Paſſou à India no anno de 1583. Trabalhou por muitos annos em Japam. Era Coadjutor Eſpiritual formado. Morreo no anno de 1633. Eſcreveo as Cartas Annuas de Japam de diverſos annos, das quais algumas ſe imprimiram traduzidas em Italiano,

Padre Joaõ Soeyro, natural de Monte-mòr o velho no Biſpado de Coimbra, entrou aos 8. de Janeiro de 1584. tendo 16. annos de idade. Paſſou à China, onde foi companheiro do Padre Mattheus Ricio. Era tido de todos por Santo. Padeceo grandes trabalhos por propagar a Fê. Soffreo grandes enfirmidades com muita paciencia. Morreo no mes de Agoſto de 1607. Compoz em lingua Sinica hum Compendio da Ley Santa, & hũ tratado dos Mandamentos da Ley de Deos.

Padre Joaõ de Vaſconcellos, natural da Cidade de Leyria, entrou aos 30 de Janeiro de 1607. tendo 14. annos de idade. Enſinou oito annos Moral. Foi Reytor dos Collegios de Bragança, Santarem, Porto, & Coimbra, onde falleceo aos 21. de Setembro de 1661. Imprimio com outro nome a Reſtauraçaõ prodigioſa de Portugal, que ſahio em Lisboa anno de 1643. Mais hum ſermaõ, que prègou, ſendo Reytor do Collegio do Porto, nas Exequias do Balìo de Leça fundador daquelle Collegio.

Veneravel Padre Jozeph de Anchieta, natural de Tenarife nas Canarias, entrou ao 1. de Mayo de 1550. Suas virtudes, & obras prodigioſas dam materia a grandes volumes. Cõmum-

mummente o chamaõ o Taumaturgo do novo mundo. O cubiculo em que viveo sendo Noviço em Coimbra, he hoje Capella. Dilatou muito a Fè, & Companhia no Brasil, onde morreo aos 9. de Junho de 1597. Escreveo huma Arte da lingua Brasilica. Vocabulario da mesma. Hum Catecismo. Dialogos dos Misterios da Fè. Instrucçaõ pera perguntar os penitentes na confissaõ. Avisos pera ajudar a bem morrer. Cantigas santas. Hum Drama, pera tirar os vicios dos Brasis. A vida da Senhora em verso elegiaco latino, que se imprimio no fim da Cronica do Brasil. A Historia da Companhia no Brasil, cujo treslado se conserva no cartorio de Coimbra. Andam impressas duas cartas suas.

L.

PAdre *Luis Alvres*, natural de Lisboa, entrou aos sinco de Janeiro de 1560. Sua vida escrevo em seu lugar, morreo de veneno, que lhe deram os Judeos em odio da Fè na Villa de Aviz aos 25. de Novẽbro de 1590, deixou alguns tomos de sermoens, porque foi famozissimo prêgador; estes se guardaõ no cartorio de Evora.

Padre Luiz de Azevedo, natural de Carvazedo no Arcebispado de Braga. No anno de 1592. Passou à India, & dahi a Ethiopia. Nella trabalhou incansavelmẽte por muitos annos, como digo em sua vida. Morreo aos 22. de Fevereiro de 1634. Traduzio em lingua Caldea os Commentarios do Padre Toledo sobre a Epistola aos Romanos, & os do Padre Frãcisco Ribeyra sobre a Epistola aos Hebreos. As Horas Canonicas, & da Senhora. Os Exeorcismos contra as tempestades. As Annotaçoens do Padre Nadal. Na lingua Amarâ, que he a da Corte, traduzio com o Padre Luiz Cardeira o Testamento novo. A Doutrina Christã. Compoz huma Gramatica da mesma lingua. Prado espiritual de prègaçoẽs sobre o Symbolo dos Apostolos.

Padre Luiz Brandaõ natural de Lisboa entrou aos 21. de Novembro de 1598. tendo 14. annos de idade. Ensinou dous cursos de Philosophia, leo Theologia em Evora, onde tomou o grao de Doutor aos 24. de Junho de 1621. Foi Visitador das Ilhas, Secretario do Provincial, Reytor do Porto, Assistente em Roma, depois Preposito da Caza de Saõ Roque. Foi homem, que em tantos governos a nimguem agravou. Mui dado às cousas de Deos, Deyxou 4. volumes de excellentes Meditaçoens, que depois de sua morte se imprimiraõ. Morreo na Caza de S. Roque aos 8. de Mayo de 1663.

Padre Luiz da Cruz natural, de Lisboa, entrou na Companhia ao primeiro de Janeiro de 1558. Foi eminẽte na eloquencia latina, nas linguas Grega, & Hebrea, poeta excellente, grande prègador. Doze annos foi Mestre de letras humanas, & Rhetorica. Foi Lente de Escritura, & depois ainda ensinou dous annos Rhetorica. Morreo santamente em Coimbra aos 18. de Julho de 1604. Imprimio os Psalmos de David em verso. Mais hum volume de Tragedias. Escreveo a vida do Irmaõ Domingos Joaõ, que se guarda no cartorio de Coimbra.

Padre Doutor Luiz de Molina, natural de Cuenca em Castella, foi recebido em Alcala aos 10. de Agosto de 1553. veyo a fazer seu Noviciado em Coimbra, onde chegou a 29. do mesmo mes. Foi grande em virtudes, & letras, como escrevo em sua vida. Em Portugal estudou as sciencias. No anno de 1564. começou a ler Curso em Coimbra com setenta ouvintes, dos quais treze eraõ da Companhia, dezanove de outras Religioens, os mais seculares. Em Evora tomou o grao

grao de Doutor aos 22. de Abril de 1571. Naquella Universidade leo Prima muitos annos Foi homem nas sciencias de sabedoria admiravel. Falleçeo em Madrid aos aos 12 de Outubro de 1600. Imprimio huns Commentarios sobre a primeira parte de Santo Thomas. Mais a Concordia da graça, & livre alvedrio. Naqual obra tratou da Sciencia Media;a quem deu os mais fortes alentos. No Cartorio de Coimbra nos consta havia huma carta sua, cujo treslado se mandou ao Padre Francisco Anato Francez da nossa Cõpanhia, que mandou saber a esta Provincia os documentos do primeiro Author da Sciencia Media. A tal carta continha, em como o Padre Molina perguntava ao Padre Pedro da Fõseca cousas sobre a Sciencia Media, q̃ delle aprẽdera. O Padre Francisco da Cruz, q̃ foi Mestre do Serenissimo Rey Dom Joaõ o Quinto de Portugal, & o Padre Doutor Andre Cardozo, que morreo Cancellario na Universidade de Evora, tiraram esta carta do tal Cartorio, & mandaram o treslado ao dito Padre, como mo cõtou hum Padre da nossa Companhia, a quem o Padre Francisco da Cruz o referio. Esta carta naõ devia chegar âs maõs do Padre Anato, ou chegaria tarde. Por ella fiz exactas diligencias no dito Cartorio, onde a naõ encontrei, aindaque achei outras do Padre Molina. E della se infere, que a dita opiniam tem por primeiro Author ao Padre Doutor Pedro da Fonseca, como tem a Biblioteca da Companhia porem o Padre Molina foi, o que a imprimio, & contra quem se armou a escola Thomistica, o que tudo foi em maior honra, & nome do Padre Molina. Compoz hum Appẽdix à mesma Concordia. Mais deu a luz seis tomos de Justitia, & Jure, em que se venceo a si mesmo, & admirou o mundo, pois sendo Theologo, & que naõ professou os direitos, nelles teve tal sabedoria, como os mais sabios nestas faculdades. Deixou outros dous tomos, que por causa de sua morte se naõ imprimiraõ.

Padre Luiz Nogueira, natural de Fermoselhe no Bispado de Coimbra, entrou aos 25 de Março de 1637. Ensinou Philosophia em Braga, & cazos de Consciencia no Porto, desta faculdade fez mais estudo. Cõpoz em Latim hum tomo da Bulla da Sãta Cruzada, que se imprimio no Norte. Mais hum tomo de questoẽs selectas, que se imprimio em Coimbra. Falleceo de huma apoplexia na Caza de Saõ Roque em 30 de Junho de 1696.

Padre Luiz Pinheiro, natural de Aveiro no Bispado de Coimbra, foi homem de muita observancia. Governou seis annos o Collegio da Ilha de Saõ Miguel, & foi Visitador dos outros Collegios das Ilhas. Morreo em Lisboa no anno de 1620. Escreveo em Castelhano huma Relaçam das cousas de Japaõ do anno de 1612 athe 1615 impressa em Madrid. De Madrid mandou o Christo sepultado, que está na Capella da Doutrina da Igreja de Saõ Roque, obra excellente, custoulhe mais de cento, & sincoenta cruzados. Fez na mesma Caza outras obras.

M.

P*Adre Manoel de Almeyda*, natural de Viseu, entrou na Cõpanhia no anno de 1595. Passou à India no de 1602, depois a Ethiopia, onde obrou, & padeceo muito, como escrevo em sua Vida. Morreo santamẽte em Goa aos 10 de Março de 1646. Delle faz mẽçaõ o Agiologio em 10 de Mayo. Compoz a Historia de Ethiopia, q̃ despois imprimio o Padre Balthezar Telles. Tambem fez as Annuas de Ethiopia do anno de 1626, que se imprimiram em Italiano.

Padre Manoel Alvres, natural da Ribeira brava na Ilha da Madeira, entrou

trou aos 4 de Junho de 1546. Sua vida chea de santos exemplos escrevo em seu lugar. Morreo em Evora aos 30 de Dezembro de 1683. Cõpoz a Arte de Grammatica, que he nesta materia a mais excellente obra, que sahio a luz. Tambem compoz das syllabas medias, & se imprimio, & hũ tratado das medidas, pezos, & moedas reduzidas a estas cousas em Portugal, que se imprimio no Indiculo do Padre Pomey.

Padre Manoel Cordeyro, natural de Abrantes Bispado da Guarda, entrou em 26 de Março de 1600. Ensinou Moral sinco annos. Foi Missionario em Mazagam em Africa, & depois Penitencieiro em Roma por sete annos, & Qualificador do Santo Officio. Morreo na Caza de Saõ Roque aos 9 de Mayo de 1649. Imprimio em Lisboa, das Obrigaçoẽs dos Clerigos Seculares, & Regulares. Do Parocho Perfeito, do Clerigo beneficiado, dos seus privilegios, & penas.

Padre Manoel da Costa, natural de Lisboa, entrou no anno de 1559. Ensinou dous annos Moral, foi Reytor do Collegio de Braga. Morreo santamente em Lisboa aos 25 de Fevereiro de 1604. Cõpoz, & imprimio Historia da Cõpanhia no Oriente athe o anno de 1568.

Padre Manoel Dias, natural de Castello-branco no Bispado da Guarda, entrou aos 2 de Fevereiro de 1592. Passou à India em 1601. Ensinou por seis annos Theologia em Macao. Foi Visitador da Missaõ da China, & duas vezes Vice-Provincial. Era de grande affabilidade, & mansidaõ, quarenta, & oito annos trabalhou na China cõ zelo incansavel. Falleceo em 4 de Mayo de 1659. Cõpoz, & imprimio na lingua Sinica huma obra sobre os Evangelhos de todo o anno, que consta de muitos tomos. As ladainhas dos Anjos, hum Volume do modo de doutrinar os gentios, hum tratado sobre a Esfera em lingua Sinica.

Padre Manoel Fagundes, natural de Viana do Minho, entrou na Cõpanhia em Coimbra aos dous de Novembro de 1583. Andando os annos foi Reytor dos Collegios da Ilha da Madeira, do Porto, Santo Antaõ, Evora, & Coimbra. Teve gande talento pera os pulpitos. Foi devotissimo das onze mil Virgens, o primeiro sermaõ, que fez em sua vida foi das Santas, & tambem o ultimo. Depois de ungido tomando nas mãos hum Crucifixo lhe deu as graças pela perseverança na Cõpanhia, & por nunca vacillar em sua vocaçaõ. E pedio ao Senhor desse aos nossos de menos annos conhecimento do bem, que lhes fizera, em os trazer à Cõpanhia. Morreo em Coimbra aos oito de Dezembro de 1639. Imprimio hum sermaõ prêgado no Acto da Fè em Coimbra.

Padre Manoel Fernandes, natural de Fermozelhe no Bispado de Coimbra, entrou na Cõpanhia ao 1. de Março 1631. Ensinou letras humanas, & Philosophia, fez muitas missoẽs nas Ilhas com grande espirito. Na peste de Faro deu notaveis exẽplos, q̃ escrevo em seu lugar. Foi Cõfessor do Serenissimo Rey Dom Pedro o Segundo; morreo na Caza de Saõ Roque aos 10 de Junho de 1693. Cõpoz, & se imprimiram tres tomos seus cõ titulo de *Alma instruida* trata do que ha de saber o Christaõ, pera bem pedir, bem crer, & bem obrar. Mais cõpoz as vidas dos Irmaõs Coadjutores Manoel Henriques, & Affonso do Valle, & huma Relaçaõ da peste nos Algarves, os quais manuscritos se guardaõ no Cartorio de Coimbra.

Padre Manoel Mascarenhas, natural de Lisboa, filho do Marquez de Montalvaõ entrou a 20 de Fevereiro de 1619 tendo 15 annos de idade. Depois de ensinar letras humanas, ensinou Moral por oito annos. Por

suas

ſuas poucas forças naõ pode continuar as Cadeiras. Foi Reytor do Seminario dos Irlandezes, & companheiro do Provincial. Era mui devoto da Senhora, ainda depois de Sacerdote lhe rezava o ſeu Officio. Na Quareſma jejuava quartas, & ſeſtas a paõ, & agoa. Nunca deixou de rezar o Officio Divino por grande, que foſſe a doença, aos que lhe metiam eſcrupulo, reſpondia com o exemplo de certo Sacerdote, que athe no dia, em que foi ungido, rezou o Officio. Teve muito, que padecer por cauſa de ſeus parentes no tempo, que o Reyno acclamou a El-Rey Dom Joaõ o Quarto. Duas vezes foi prezo innocente, huma por El-Rey de Caſtella, outra depois vindo a Portugal por El-Rey. A hum amigo, que o conſolava nos ſeus trabalhos, reſpõdeo: *Tacere, pati, & mori.* Callar, padecer, morrer. Foi deſterrado pera Braga. Arrebentando-lhe huma poſtema, o matou dentro de ſete horas. Confeſſouſe, recebeo o Santo Viatico, fallou com o Senhor taõ devotamente, que todos choraraõ, & diante delle cõfeſſou, que nem cometera culpa venial, por onde mereceſſe ſer duas vezes prezo. Foi ungido, & depois morreo em bella paz aos 28 de Novembro de 1654 no Collegio de Braga. Tambẽ ouve fama, que morrera de veneno. Depois de ſua morte ſe imprimio em Pariz hum tomo, que cõpoz dos Sacramentos in genere, Bautiſmo, Cõfirmaçaõ, Euchariſtia, & Sacrificio da Miſſa.

Padre Manoel de Sà, natural da Villa do Conde no Arcebiſpado de Braga, entrou aos 7 de Abril de 1545. Sua vida foi illuſtrada com muitas virtudes, em ſeu lugar as eſcrevo. Nas ſciencias era admiravel. S. Pio Quinto o deputou com outro da Cõpanhia pera corregir a Biblia. Morreo ſantamente aos 30 de Dezembro de 1596 no eſtado de Milaõ. Eſcreveo Eſcolios ſobre os quatro Evangelhos. Notados ſobre toda a Eſcritura. Aphoriſmo de cõfeſſores, obra que aperfeiçoou por quarenta annos. Eſtas obras ſe imprimiraõ. Eſcreveo a vida de Frey Joaõ de Texeda, que foi Confeſſor de Saõ Franciſco de Borja, a qual ſe naõ imprimio.

Padre Manoel da Veyga, natural de Villaviçoſa no Arcebiſpado de Evora, entrou no primeiro de Janeiro de 1583. Fez muitas Miſſoẽs pelo Reyno. Tinha grande humildade, por iſſo fogio ſempre de governar. Fazendo-o Reytor do Collegio do Porto, importunou tanto ao Padre Geral, que o livrou deſtas honras. Fez varias obras uteis na Caza de Saõ Roque, entre outras fes de pedraria as portas dos cubiculos do corredor deſima, que antes eram de alvenaria. Morreo ſantamente na Caza de Saõ Roque aos 15 de Janeiro de 1647. Eſcreveo, & imprimio huma Relaçaõ do eſtado da Chriſtandade de Ethiopia do anno de 1624 athe 1626. Do deſcobrimento do Catayo. Eſcreveo a vida de Simaõ Gomes, chamado o *Sapateiro Santo*, que ſe imprimio no anno de 1625. Mais a vida do Padre Vaſco Pyres ſeu Meſtre dos Noviços, cujo manuſcrito ſe conſerva na livraria do Padre Reytor do Noviciado de Liſboa. Fez mais hum livro, que intitulou *Memorial da Caza de Saõ Roque*, em q̃ cõprehẽdeo, o que toca àquella Caza, eſte ſe cõſerva no cubiculo do Padre Miniſtro da dita Caza. Houve mais dous Padres do meſmo nome Portuguezes eſcritores, mas ambos entraram na Companhia fora deſte Reyno.

Padre Manoel da Sylva natural de Ega no Biſpado de Coimbra entrou aos dous de Dezembro de 1643. Enſinou letras humanas, & Rhetorica em Coimbra: Foi Reytor dos Collegios da Ilha da Madeira, Porto, & Evora, Provincial, & Prepoſito da Caza de Saõ Roque. Verſou os pulpitos, pera os quais teve grande cadẽcia.

cia. Imprimio finco volumes dos feus fermoẽs, que foram geralmente bẽ aceitos, como o merecem. Depois de fua morte fe imprimio em Evora hum tomo das fuas praticas. Falleceo na Caza de Saõ Roque aos 12 de Dezẽbro de 1709.

Padre Doutor Marcos Jorge, natural da Nogueira no Bifpado de Coimbra, entrou na Cõpanhia aos 15 de Março de 1548. Era Canonifta de grande nome. Depois tomou o grao de Doutor na Univerfidade de Evora, onde enfinou Theologia. Foi Lẽte de Cazos no Collegio de Sãto Antaõ, teve por ouvintes a grande numero de Sacerdotes. Foi eminente nos pulpitos, efte talento empregou no bem dos proximos. Foi homem de grande humildade; dizia chãmente, que feu pay fora pedreiro. Na Cõpanhia teve outro Irmaõ por nome Silveftre Jorge, que foi grande architecto. Vindo de Roma, aonde fora por Procurador, morreo em Evora aos 10 de Dezembro de 1571. Compoz a Cartilha, que chamamos do Meftre Ignacio, a qual nefte genero he obra mui cabal, anda traduzida em varias linguas.

Padre Mattheus de Couros, natural de Lisboa, entrou aos 22 de Dezẽbro de 1583, tendo 16 annos de idade, fua vida Apoftolica, & morte ao defamparo em odio da Fè efcrevo em feu lugar: morreo aos 20 de Outubro de 1633. Foi homem verdadeiramente Apoftolico. Efcreveo as Annuas de Japaõ de 1603.

Padre Mathias de Sâ, natural da Cidade de Braga, entrou aos 24 de Março de 1582, tendo 17 annos de idade. Enfinou em Braga Philofophia. Foi Reytor dos Collegios de Angra, Faro, Santarem, Coimbra, & Prepofito da Caza de Villaviçofa. Morreo em Braga a 3 de Outubro de 1636. Efcreveo dous tomos de coufas efpirituais.

Padre Mathias de Souza, natural de Amarante no Arcebifpado de Braga, entrou a 29 de Janeiro de 1612, tendo 14 annos de idade Paffou a India, fervio na Provincia de Goa. Voltou ao Reyno, foi Reytor do Collegio de Santarem. Foi Procurador em Madrid. Morreo em Lisboa ao 1 de Junho de 1647. Compoz huma Relaçaõ das coufas de Japaõ.

N.

P*Adre Nicolao Godinho*, natural de Lisboa, entrou aos 17 de Abril de 1573, tendo 18 annos de idade. Enfinou letras humanas, & Rhetorica feis annos, Philofophia oito, Theologia fete. Foi a Roma a fer Revifor dos livros da Companhia, fez efte officio dez annos, & lâ morreo aos 7 de Dezembro de 1616. Imprimio a vida do Padre Gonçalo da Sylveira. Mais a Hiftoria das coufas dos Abexins, & dos Patriarchas Joaõ Nunes, & Andre de Oviedo em tres livros.

Padre Nicolao Pimenta, natural de Santarem, entrou aos 2 de Mayo de 1562, tendo 16 annos de idade. Enfinou por finco annos letras humanas, & Theologia em Coimbra, & Evora, onde tomou o grao de Doutor aos 7 de Julho de 1586. Governou por oito annos o Collegio de Coimbra. Foi mandado por Vifitador à India no anno de 1596. Morreo fantamente em Goa aos 6 de Março de 1614. Efcreveo huma Relaçaõ da fua vifita, que fe imprimio em varias linguas. Sua vida efcrevo em feu lugar.

Padre Nuno da Cunha, natural de Lisboa, da principal fidalguia defte Reyno, entrou aos 13 de Novembro de 1610, tendo 17 annos de idade. Enfinou fete annos Theologia efpeculativa, Moral por quatro annos. Foi Reytor do Seminario dos Irlandezes, duas vezes do de Santo Antaõ, & duas do de Coimbra, Prepofito da Caza de Saõ Roque, & Af-

ſiſtente em Roma. Foi homem de grande obſervancia, & zelozo della, de muita prudencia, amante de ſua mãy a Companhia, que nelle teve ſempre huma grande coluna. Foi devotiſſimo da Senhora; em ſeu obſequio fez, & ornou cuſtoſamente no Collegio de Coimbra a Capella da Senhora de Saõ Lucas. Em honra de Santo Antonio de Padua ornou a Capella, que o Santo tem no meſmo Collegio, & queria ornar a Cella, em que o Santo viveo no Convento de Santo Antonio dos Olivais, porem iſto naõ conſentiram os Religioſos, querendo-a conſervar com a toſquidam, que tinha, quando nella morou o Santo. Tambem fez converter em Capella o apozento, em que morou o Veneravel Padre Jozeph de Anchieta. Foi devotiſſimo do Santiſſimo. Indo a Roma adoeceo gravemente em Genova, & vindo o Senhor logo ſahio fora da cama, & ſe poz de joelhos, pera o receber. Nos ultimos tempos, que naõ podia dizer Miſſa, todos os dias commungava. Morreo na Caza de Saõ Roque as 14 de Outubro de 1674. Imprimio em Roma a vida do Veneravel Padre Diogo Mõteyro, nas Meditaçoẽs dos Attributos divinos do meſmo Padre Mais huma oraçaõ funebre nas exequias de Dom Franciſco de Caſtro, Biſpo da Guarda, & Inquiſidor Geral, feita em Portuguez impreſſa no anno de 1654.

P.

P*Adre Doutor Paulo Rodrigues*, natural do Caſtello de Lanhoſo Arcebiſpado de Braga, entrou aos 22 de Setembro de 1596. Paſſou parte do Noviciado em Lisboa em Campolide. Onze annos leo a Cadeira de Eſcritura, parte em Coimbra, parte em Evora, onde tomou o grao de Doutor aos 3 de Fevereiro de 1630. Foi Religioſo de grande piedade, mortificaçaõ, & deſprezo proprio. Morreo em Coimbra aos 20 de Mayo de 1653. Imprimio, *Triumphum veræ gloriæ utriuſque Joannis Baptiſtæ, & Evangeliſtæ*. Compoz mais hum Commentario ſobre os Evangelhos.

Padre Doutor Pedro da Fonſeca, natural da Cortiçada, por outro nome Proença a nova no Priorado do Crato, entrou aos 17 de Março de 1548 tendo 20 annos de idade. Foi dos primeiros Meſtres de Philoſophia, que teve a Companhia em Coimbra; onde tambem enſinou Theologia, & na Univerſidade de Evora, na qual tomou o grao de Doutor aos 8 de Março de 1570. Foi Reytor do Collegio de Coimbra, Prepoſito da Caza de Saõ Roque, Aſſiſtente em Roma, & Viſitador deſta Provincia. Em Lisboa foi, o que Santo Ignacio em Roma, nas obras de ſerviço de Deos. Tudo digo em ſua vida. Faleceo na Caza de Saõ Roque aos 4 de Novembro de 1599. Foi o primeiro na Companhia, que enſinou a Sciencia media, como tem a Biblioteca da Companhia. Eſcreveo, & imprimio ſobre o Izagoge de Porphirio a Dialectica em oito livros. Traduzio, & cõmentou a Metaphyſica de Ariſtoteles em 4 tomos, obra mui louvada, & muitas vezes impreſſa.

Irmaõ Pedro Gerardo, Coadjutor temporal, natural de Mons em Flandres, entrou aqui na Companhia a 20 de Outubro de 1694, traduzio da lingua da ſua terra em Portuguez hũ devocionario intitulado, *Fragoa do Amor Divino*, que ſe imprimio em Coimbra no meſmo anno duas vezes, & depois outras muitas.

Padre Pedro Gomes, de naçaõ Caſtelhano, natural de Antiquera no Biſpado de Malaga, entrou na Cõpanhia em Portugal no anno de 1553. Fez a profiſſaõ de 4 votos em Lisboa aos 25 de Janeiro de 1568. Enſinou por oito annos Philoſophia, & por algum tempo Theologia. Trabalhou muito nas Ilhas Terceiras; depois no anno

anno de 1579 passou a Japam. Por nove annos foi ali Vice-Provincial dos nossos. Obrou muito naquella Christãdade, como se toca em sua vida: morreo ao 1. de Fevereiro de 1600. Delle falla o Agiologio. Escreveo as Annuas de Japaõ dos annos 1592. 1593. Das cousas do Japaõ escreveo muitas cartas, que andam impressas. A Historia dos Martyres do Japaõ do anno de 1597. Algumas cousas da China. Da excellencia do Martyrio em lingua Japoneza.

Padre Pedro Perpinham, natural de Elche, diecesi de Carthagena. Orador excellente, doutissimo nas linguas Grega, & latina, cuja vida fica escrita. Compoz dezoito elegantissimas oraçoẽs, que despois de sua morte se imprimiram em diversas partes. Mais compoz a vida de Santa Izabel Rainha de Portugal, que se imprimio em Colonia no anno de 1609

S.

P*Adre Sebastiaõ de Morais*, natural do Funchal na Ilha da Madeira, primeiro Bispo de Japaõ, entrou ao 1. de Novembro de 1550. No anno de 1565 passou a Italia por Cõfessor da Princeza de Parma. Fez a profissaõ de quatro votos em Brexa no anno de 1569. Foi Reytor do Collegio de Parma, Vizitador das Provincias Romana, & Mediolanense. Indo pera a India por Bispo de Japaõ morreo em Moçambique aos 19 de Agosto de 1588. Escreveo em Italiano a vida da Princeza, que fora sua confessada, que verteo, & imprimio em Castelhano Francisco Alvarado. Compoz hum tratado de *Censuris*, que se guarda no Cartorio Romano. Sua vida fica escrita nesta Obra.

Veneravel Padre Sebastiaõ Vieyra, natural de Castro Dairo, entrou no anno de 1586, em 1602 passou à India, dahi a Japam; o muito que padeceo, & sua ditosa morte pela Fè, em seu lugar fica escrito. Foi morto aos 6 de Junho de 1634. Escreveo as Annuas de Japam de 1613.

Padre Simaõ Fernandes, natural de Gouvea Bispado de Coimbra, onde entrou na Companhia aos 11 de Janeiro de 1569, tẽdo dezoito annos de idade. Foi grande operario, & mui douto nas letras Divinas. Compoz em Latim quatro volumes em folio sobre os Evangelhos das Domingas, & festas do anno; os quais por sua morte ficaram approvados, pera se imprimirem, o que athe o prezente se naõ fez, & se conservam na Caza de Saõ Roque, onde morreo aos 26 de Agosto de 1630.

V.

V*Eneravel Padre Vasco Pyres*, natural da Cidade de Elvas, entrou aos 15 de Agosto de 1560. De suas virtudes, que foraõ admiraveis, escrevo largamente. Sua principal occupaçaõ foi ser por muitos annos Mestre dos Noviços em Coimbra. Morreo na Caza de Saõ Roque aos 21 de Setembro de 1590. Cõpoz huma liçaõ espiritual mui devota pera a noyte do Natal, que sempre se lè nos nossos Collegios de criaçaõ. Imprimiose em Roma.

EStes saõ os Escritores, de que pude ter noticia, muitos outros por ventura passarei em silencio por falta da noticia delles. Tambem alguns, de que nos Catalogos dos outros dous Noviciados faço mençaõ, aqui foraõ algum tempo Noviços, como os PP. Diogo Monteyro, Sebastiaõ Barradas, Francisco Soares Lusitano, & outros, como se dis em seus lugares, mas por ali fazer delles memoria, os calo neste prezente Catalogo. Assim nesta Relaçaõ dos Escritores, como nas dos outros Noviciados siguo o costume, dos que escrevem Bibliothecas, que he dar rezaõ do Author, aindaque a obra, que sahio delle a luz, fosse mui pequena, como hum Sermaõ, numa Devaçaõ, & semelhantes cousas de menos volume, pois tudo he em houra, & gloria de Deos, & utilidade do bem commum.

ADDITAMENTO
DE VIDAS
EXEMPLARES,
E MEMORIAS
DE ALGUNS RELIGIOSOS DA COMPANHIA DE JESU em Portugal, pertencentes aos tres Noviciados desta Provincia.

Pelo P. ANTONIO FRANCO, Religioso Professo da mesma Companhia.

ADVERTENCIA AO LEYTOR

TEndo aprovado por todos os Tribunais quatro Volumes das vidas dos Padres, & Irmaõs desta Provincia da Cõpanhia de JESU em Portugal, me vieraõ à maõ as virtudes, dos que neste Additamento se ajuntaõ; huns destes Religiozos saõ antigos, & outros de nossos dias, aos quais conversamos, & com quem vivemos, tendo-os sempre por homens exemplares, em que viamos muitas acçoens santas fora deste cõmum uso, que tem todos, os que saõ verdadeiros filhos desta santa mãy a Companhia. Por naõ ficarem huns, & outros em esquecimento, ajuntei seus virtuozos exemplos, pera se acostarem a algum dos outros Volumes, dos ja aprovados, peraque com elles se dem ao prelo, & todos os possaõ ler cõ a edificaçaõ, que em si contem. Advirto, que em quanto aqui vay escrito, me quero conformar cõ os decretos da Santa Madre Igreja, acerca das vidas de homens, que morreraõ com opiniaõ de virtude, ou de martyrio &c. & que assim as narraçoens, como as palavras, com que me explico, sò quero se tomem no sentido, que as permittem em seus decretos os Santos Pontifices, conformandome em tudo com o querer, disposiçaõ, & cẽsura da Igreja Romana, cujo verdadeiro filho me confesso.

ADDITAMENTO DE VIDAS EXEMPLARES

CAPITULO I.

Vida do Padre Manoel Mascarenhas.

Em Braga aos 29 de Nov. de 1654

1 O Padre Manoel Mascarenhas foi hum dos homens, q̃ Deos por fogo, & agoa, como se explica a Santa Escritura, chamou pera si, dãdolhe multiplicadas occasioẽs de soffrimento, vendo arruinados a seus illustrissimos Pays, & Irmaõs, & vendose a si perseguido, & desprezado por causa delles sem culpa sua. Nasceo em Lisboa. Seus Pays foraõ os Marquezes de Mõtalvaõ, Dom Jorge Mascarenhas, & Dona Francisca de Vilhena. Entrou na Companhia em Coimbra aos vinte de Fevereiro de 1619. tendo quinze annos de idade. No mesmo anno começando em Junho a ser habitada a Caza dos Irmaõs Noviços de Lisboa; sendo por esta causa desfeitos os dous Noviciados de Coimbra, & Evora, passando todos os Noviços pera Lisboa, foi alli continuar o Irmaõ Mascarenhas seu Noviciado.

2 Neste tempo deu huma valente demonstraçaõ de sua singular virtude, & do amor, que tinha à Companhia. Correo na Corte por nova indubitavel, que seu Pay, acabado o governo da praça de Mazagaõ em Africa, voltando com seus filhos pera o Reyno, travara pendencia no mar cõ algumas naos de Mouros. Que a nao, em q̃ vinha fora, queymada, & cõ ella tinham perecido o Marquez, & seus filhos. Por occasiaõ desta imaginada fatalidade Dona Maria Manoel avò do Padre Mascarenhas lhe escreveo huma carta, em que lhe dava os pezames, & juntamente lhe dizia, q̃ supposto ficar sua caza ao desamparo, deixasse a Companhia, pera se continuar a successaõ. A esta carta respõdeo o Noviço com outra, chea de hũ taõ valente, como santo, & desenganado espirito, a qual assim peraque ella se veja, como pera confusaõ dos que tendo no mundo pouco, ou nada facilmente vacillam em seus santos prepositos, me pareceo ajuntar aqui por suas palavras; he a seguinte.

3 *Se o lastimozo cazo de meu pay me tomara no mundo, envolto nas leys delle, bem era, que todos, os que me conheciam, tratassem de me animar, & eu a Vossa Merce no soffrimẽto de taõ grãde dor: mas achame este accidente neste paraizo da Religiaõ pela grande misericordia de Deos, & intercessam da Virgem sua mãy. Pelo*

que

que eu, tanto que soube esta nova, q̃ foi primeiro, que Vossa Merce, nem outrem a soubesse nesta Cidade, me cõformei com a vontade de Deos, & entendi, o que valem as cousas do mundo, & o pago, que dà àquelles, que nelle tem mais bens, & confianças; & assim nam tenho necessidade de algum outro conselho, que possa aliviar o sentimento de tam grande perda: & se athe agora agradeci a Deos a sorte bemaventurada, peraque me escolheo, agora o farei com muito maior fervor, offerecẽdo a sua Divina Magestade huma, & mil vezes meu coraçaõ, peraque o aceite em reconhecimento de taõ grande merce, como me fez nesta vocaçaõ, que na perseverãça delle, acompanhada com as virtudes de verdadeiro filho da Companhia, està certo o verdadeiro morgado do Ceo, que este he, o que podemos estimar mais, do que as miserias da terra, as quais deixadas pelo amor de Deos, sabe o Senhor galardoar cõ liberal maõ.

4 *Vossa Merce nam tenha, que temer, se a primeira nova de meu pay fora certa, no que toca ao morgado, & herança da caza, porque nesta naõ faltam herdeiros machos, & femea, & aindaque os nam houvera, nẽ porisso deixara de seguir o meu intento, pois o que deixava, era taõ pouco, que com o ter meu pay, & muito mais, que Vossa Merce sabe, & no navio se queimou, nam bastou pera o livrar deste desastre, mas por ventura, pera o meter em maior confusam; & eu pelo deixar, espero em bem, que se nam acaba, bemaventuranças eternas, que he gozar de Deos, que he o fim, a que vimos à Religiaõ; & aindaque a Vossa Merce lhe pareça, q̃ no mũdo se pode alcançar este premio (mas trabalhosamẽte) nisto q̃ toca à salvaçaõ, ou condenaçam eterna, hemos de buscar o mais certo, & este he o da Religiaõ. E entenda Vossa Merce, que nam sou eu o primeiro, que deixo estas cousas, pois alẽ de Emperadores, & Reys gẽtios de illustres Senhores sò nomearei o S. Padre Frãcisco de Borja, que sendo Duque de Gandia, deixou seu Ducado, & entrou em a nossa Companhia, pelo que mereceo ser terceiro Geral della, & adornado de muitas virtudes.*

5 *E o Beato Luis Gonzaga sendo Marquez de Castelhone, o renunciou, em pago do qual mereceo por sua virtude ser hoje beatificado pela Igreja, & em vesporas de canonizaçam. Outros muitos trouxera assim mesmo da nossa Companhia, mas por nam enfadar, o nam faço. Com tudo isto naõ se deixa nesta caza de se terem muitas horas de oraçaõ, jejuns, disciplinas, & cilicios por meu pay, & eu em particular o faço, pedindo a nosso Senhor vida, & saude desses Senhores, & principalmente o que for mais conveniente pera sua salvaçaõ. Desta carta poderà Vossa Merce entender, quam bem esteja de saude, & do mais, a Deos louvores, a mesma dè elle a Vossa Merce com hũa grande paciencia, como lhe eu peço, pera poder levar este pezo do resgate. A bençaõ de Vossa Merce, & da Senhora Dona Jeronyma, & mais Senhoras peço, a quem Deos guarde. Desta Caza da Provaçaõ da Companhia de de JESV do Monte Olivete, hoje 2. de Dezembro de 1619.*

Manoel Mascarenhas.

6 Desta carta se vè bem o espirito, com que emprendeo a vida Religiosa, em nada desdisse destes principios nos mais annos. Foi de engenho, & memoria felicissima. Depois de ensinar letras humanas, & Rhetorica, ensinou por oito annos Cazos de Consciencia no Porto, & Lisboa. Por suas poucas forças naõ pode continuar os outros magisterios. Foi Reytor do Collegio de Sam Patricio em Lisboa, & Companheiro do Provincial. Succedendo a gloriosa acclamaçaõ Del-Rey Dom Joaõ o quarto começaram

ſaram os trabalhos do Padre Maſcarenhas.

7 Era neſte tempo ſeu pay Governador do Braſil. Com a fidelidade, que delle ſe eſperava; em tendo noticia, do que paſſava em Portugal, acclamou naquelle Eſtado por Rey ao Senhor Dom Joaõ. Todo eſte eſplendor deſdouraram dous filhos ſeus em Portugal, arrebatados de hum inconſiderado deſacerto. Deſemparada ſua patria, por quem deviaõ dar o ſangue das veas, ſe paſſaram a Caſtella, ſeguindo as partes Del-Rey Philippe. Com eſta acçaõ deraõ principio à total ruina de ſua illuſtre caza, & aos trabalhos de ſeu Irmaõ o Padre Maſcarenhas.

8 Duas vezes foi prezo, huma por El-Rey de Caſtella, outra em Portugal. Da prizam em Caſtella naõ acho como, nem quando foi, nem porque occaſiaõ ſe achava fora de Portugal. Por ventura ſuccedeo iſto logo, que El-Rey Dom Joaõ foi acclamado, depois ſendo ſolto ſahio de Heſpanha, & foi a Roma. A ſegunda prizaõ ſeria, quando tornou, porquãto toda ſua caza foi ſuſpeita de infedelidade, & ſeu pay cuido que duas vezes prezo, tudo originado do arrojo de ſeus dous Irmaõs.

9 O mais, que de ſuas couſas alcancei, direi com as meſmas palavras da memoria, que delle ſe fez em o Collegio de Braga, onde eſtava deſterrado por El-Rey: dis aſſim a dita memoria. *Aos vinte, & oito de Novembro de 1654 neſte Collegio de Saõ Paulo de Braga paſſou a melhor vida o Padre Manoel Maſcarenhas, Religioſo profeſſo de quatro votos. Liberalmente repartio com elle a natureza (jà pode ſer, que por iſſo foi vexado da fortuna) porem mais liberal ſe houve a graça.*

10 *De ſuas virtudes ſe pudera fazer hum grande Catalogo. Naõ he facil decidir, qual haja de ter o primeiro lugar, porque todas o pertendẽ. A prudencia foi inſigne. A humildade profunda. A charidade ardente. A confiança em Deos notavel. O zelo da Companhia, & de ſua conſervaçaõ, & augmento mais, que muyto. O talento pera tratar negocios arduos, foi raro. Pera acabar tudo, o que emprendia, baſtava interpor ſua authoridade; tal era o reſpeito, que lhe tinham os ſeculares. Ninguem pera elle havia miſter valia. Todos achavam entrada franca; os miſeraveis eram os primeiros. Nũca o occuparam, que o naõ achaſſem. Nunca lhe eſcreveram carta, a que naõ reſpondeſſe. Poſto que naõ tiveſſe o nome de pay do proximo, toda a vida fez o officio.*

11 *Foi devotiſſimo da Virgem Noſſa Senhora, todos os dias alem de muitas devaçoẽs miudas ainda depois de Sacerdote lhe rezou o ſeu officio, & Rozario. Em ſuas vigilias, ainda que naõ foſſem de jejum, elle o fazia rigorozo em honra da meſma Senhora. Quartas, & ſeſtas da Quareſma jejuava a paõ, & agoa, & he de crer faria outras penitencias. Doente que eſtiveſſe, naõ deixava o Officio Divino. Querendolhe hum Padre ir à maõ hum dia, por julgar, que a doença o deſculpava (& aſſim era) o Padre lhe tapou a bocca com o exemplo de hum devoto, & douto Sacerdote, que no dia, que foi ungido, ſatisfez à obrigaçam das Horas Canonicas. Deſta piedade, & Religiam pera com Deos naſcia huma cordeal devaçaõ pera com os Santos.*

12 *Na converſaçam era alegre, no trato grave, na compoſiçam modeſtiſſimo. Nunca o puderam levar a confeſſar molheres, ſendo pontualiſſimo em acodir às confiſſoẽs dos homens. Com ſer todo do proximo, jà mais ſe deſcuidou de ſi no bem de ſeu eſpirito. Correo varias terras, & Provincias da Companhia; em todas deixou nome de perfeito Religioſo. Nem lhe paſſaram por alto os bons exem-*

exemplos; & tudo, o que conduzia pera o seu aproveitamento, notou, & advertio. Nas historias da Companhia era taõ versado, como se naõ trouxesse entre maõs outros livros. Foi dotado de feliz engenho, & grãde comprehençam. A memoria era huma livraria. Começava a dar à estampa os trabalhos dos seus estudos, quando o preoccupou a morte. Ainda assim deixou impresso, o que basta, pera ser contado entre os escritores da Companhia, & o serà com mais gloria, se houver, quẽ ponha a ultima maõ a seus escritos.

13 *Sobre tudo nos deixou varios exemplos de fortaleza. A mesma serenidade mostrava nas cousas adversas, que nas prosperas. Por mais, que o vimos perseguido, nunca o o vimos queixozo. A certo amigo, q̃ o consolava em seus trabalhos, costumava escrever estas formais palavras:* Penar, soffrer, morrer, & callar. *Chegou a dizer huma pessoa de calidade, & descriçaõ conhecida, que a nenhuma cousa desta vida tinha maior inveja, que ao grande animo, & paciencia do Padre Manoel Mascarenhas, & que nunca vira coraçaõ mais capaz, & soffrido. Bem o mostrou, porque de tanto callar veyo a abafar. Hum sabbado pelas sete horas da tarde o chamou Deos do trabalho ao descanso.*

14 *Nam podia deixar de morrer em dia dedicado à Virgem hũ seu taõ cordeal devoto. A maior parte deste dia andou de pè. Vindo pois do Coro, õde gastou a maior parte da manhãa, de visitar o Sãtissimo, se he, que se naõ foi despedir do Senhor pera a jornada, na qual tinha fallado a alguns Religiosos dous dias antes. Vindo, digo, do Coro lhe deu hum accidente, que lhe suffocou o pulso, mas nam impedio o juizo, nem a falla. Assim esteve athe as quatro horas da tarde. Nam ouzaram os Medicos notificarlhe sua desconfiança, mas elle os entendeo da perplexidade, em que os vio.* Eu, *Senhores,* disse, tenho trinta, & seis annos de Cõpanhia, & naõ vim a ella buscar outra cousa, mais que huma boa morte, se a hora he chegada, Vossas Merces me avizem logo, pera tratar de minha salvaçaõ.

15 *Assim o fizeram, & o animozo Padre tomou o avizo, como se fosse algum decreto Real, de ser acabado seu desterro. Pedio logo, que lhe chamassem o Confessor.* Algumas cousas, *disse,* tenho, que advertir, se o tẽpo der lugar, faremos hum papel; mas primeiro, que tudo, tratemos desta alma, que a morte mostra vir apressada. O Padre Francisco Soares sabe de minhas obrigaçoens, Vossa Reverencia o avize, que sobre elle ficam, & ao Padre Provincial meu Mestre, que disponha de tudo, como bem lhe parecer. *Confessouse por espaço de huma hora persuadido, que era o ultimo acto de penitencia, que fazia. Bem o mostrou nas lagrimas, q̃ chorou, & fez chorar ao Confessor. Acabada a Confissaõ, pedio, que lhe dessem o Viatico: tornouse a reconciliar, & antes de receber o Santissimo, pedio, que lhe lessem o Symbolo de Sãto Athanazio: este acabado fez hum devotissimo colloquio com tanto vigor, como se fallase do pulpito. Suas palavras enterneceram aos circunstantes tanto, que os Medicos naõ podiaõ estancar as lagrimas.*

16 *Admiravel se mostrou neste acto da Sagrada Communhaõ. Logo em prezença de todos pedio perdam do mao exemplo, que dera. Disse algumas confusoens suas com naõ menor confusaõ nossa. Ultimamente protestou pela hora, em que estava, & pela conta, que tinha, que dar a Deos, como elle fora duas vezes prezo em Portugal, outra em Castella, & que a nenhuma das prizoẽs dera causa, que agravasse sua consciencia venialmente. Ja me naõ admiro,*

que

que fosse tam favorecido na morte, sendo tam perseguido na vida. Sô lhe faltava o Sacramento da Extremaunçam, pera fechar os olhos do corpo, & abrir os da alma. Em quãto se hiaõ buscar os santos oleos, apalpando-o o Padre, que lhe assistia, o achou banhado em hum suor frio. Perguntando, que suor he este meu Padre? *Respondeo,* saõ suores da morte. *Meteolhe na maõ o Crucifixo. A este tempo chega o Sacerdote com os santos oleos. Cousa notavel! O mesmo foi ungirem-no nos pes, que partirse pera o Ceo.*

17 *A seu enterro, que foi hum Domingo à tarde de muita chuva, concorreo tanta gente, que nam cabia na Igreja. Pessoas muito graves assistiram em pe a todo o Officio, por naõ terem assento. Tomaram à sua conta fazer-lhe as exequias os senhores do Cabido, & Religiozos, que vieram em Comunidade. Nem pera pegar do esquife, tiveram lugar os nossos. Foi tam sentida sua morte nesta Cidade, que ainda hoje move a lagrimas, chorando os de fora a falta, que lhes faz em seus negocios, & os de Caza o allivio, que perderam em suas tristezas. Se bem tal morte mais se deve envejar, que chorar. Apressada foi, mas naõ improviza. Depois que a conheceo, naõ tratou mais, que da outra vida. Impossivel he naõ deixar este bom Padre muitos exemplos de virtudes, pois eu, que o nam cheguei a tratar meyo anno, notei, & adverti todas estas.* Athe aqui as formais palavras do manuscripto, que naõ tem o nome do Padre, que o escreveo. Sua morte foi causada de huma postema, que se foi pouco a pouco formando com taõ excessivos disgostos. Compoz hum tomo dos Sacramentos, que depois de sua morte sahio a luz em Pariz.

CAPITULO II.

Memoria do Padre Doutor Francisco Pereyra, Padre Antonio Leytaõ, & Padre Francisco Cabral.

1 O Padre Francisco Pereyra foi hum dos mais authorizados Padres, & dos mais letrados, que houve nesta Provincia. Nasceo em Britiande no Bispado de Lamego. Seus pays, que eram de grande nobreza, se chamaram Joaõ Luiz, & Izabel Pereyra. Entrou na Companhia em Coimbra aos vinte, & tres de Mayo de 1567, tendo quinze annos de idade.

Em Lisboa aos 16 de Novembro de 1619.

2 Seu avultado engenho resplandeceo muito assim no estudo das sciencias, como no magisterio dellas. Ensinou hum curso de Artes, & depois acabou outro. Por muitos annos foi Mestre da Santa Theologia em a Universidade de Evora, aonde tomou o grao de Doutor; de suas letras se servio muito o Tribunal do Santo Officio, de que foi Qualificador, & por muitos annos assistio no Concelho geral da Inquisiçaõ, com satisfaçaõ singular de sua virtude, letras, & prudencia.

3 Intentando a gente de naçaõ Hebrea alcançar Del-Rey Philippe hum perdam geral, se oppuzeram a esta pertençaõ os Arcebispos de Braga, Lisboa, Evora, & Martim Gonçalves da Camara, que fora valido Del-Rey Dom Sebastiaõ. Todos foram à Corte de Castella, pera impedir esta negociaçaõ; levaraõ consigo ao Padre Doutor Francisco Pereyra, pera arrezoar nos ditos negocios quanto aos pontos, que necessitavaõ de letras, por ter elle doutamente escrito sobre esta materia. Por sua grãde sabedoria foi consultado a sua Magestade com os Padres Francisco

Soares, & Luiz de Molina pera Lente da Cadeira de Prima da Universidade de Coimbra. Das principais pessoas deste Reyno, & do governo delle era frequentemente consultado. Assim mesmo varias vezes El-Rey o consultou por cartas, que lhe mandava escrever em negocios de grande pezo.

4 Na Companhia teve pera com os nossos grande authoridade por sua muita virtude, & santos exemplos. O primeiro cargo, que teve, foi o de Preposito da Caza de Saõ Roque, & depois o de Provincial. Foi tres vezes a Roma, huma por Procurador eleito na Congregaçaõ trienal. As outras duas à sexta, & septima Congregaçaõ geral: à sexta por eleiçaõ, à septima, por ser Provincial. Em seu governo foi muito acceito, em especial por duas razoẽs. Primeira, por mostrar (em quanto era possivel,) dezejo de consolar os subditos. Segunda, porque nem mostrava payxaõ, nem usava de fingimento, tratando a todos com muita lisura, & verdade. Foi sempre alheyo de praticas ociosas, de palavras de zombaria, & ainda cousas pequenas tratava com muito sizo, & recato. Nas cartas, que escrevia, foi tam advertido, que nem hum descuido se lhe notou nellas. Eraõ taõ graves, & serias, que salvo o segredo, que continham, se podia ler diante de todo o mundo.

5 De todos fallava com tanto decoro, que nem por via de murmuraçaõ, nem de desprezo se podia dar alguem por offendido delle. Suas entranhas eram todas de charidade. Jâmais lhe pedio alguem cousa, que podendo-a fazer, lha negasse. Acudia cõ boas esmolas a pessoas necessitadas, em especial se tinhaõ cousa sua na Cõpanhia; como a pays, ou irmãos de Religiosos nossos, peraque estes estivessem desassustados de alguma tentaçaõ. Por esta causa muitos o acharam menos depois de sua morte. Em sua pessoa se tratou sempre como pobre; o que se vio mais claramente depois de sua morte, porque toda a roupa do seu uso era a mesma pobreza. No comer guardava sempre muita sobriedade, & na mesa estava com estranha modestia.

6 Naõ dizia Missa, sem preceder larga preparaçaõ. Na reza foi exactissimo, assim em rezar com attençaõ, como na pauza, & vagar, com que pronunciava. Em huma palavra, naõ se vio nelle falta pessoal, de que alguem se pudesse desedificar. Foi homem sem ambiçaõ de governos. Quando foi a Roma, sendo Provincial, naõ consentio se lhe prorogasse o governo, antes importunou tanto ao Padre Geral, que este lhe escreveo, que nunca delle tivera alguma queixa; que por suas importunaçoẽs o alliviava. Pelo teor destas foraõ nelle as mais virtudes.

7 A doença, de que morreo, foi hum accidente de parlezia. Ao principio lhe deu por duas vezes brandamente dentro de dous dias. Na terceira foi taõ mortal, que nenhuns remedios lhe aproveitaraõ. No tempo da enfermidade foi muitas vezes mãdado vizitar pelo Vizo-Rey, Arcebispo, Inquisidor Geral, Colleitor, & outras pessoas graves, & titulares. Offerecendo-lhe hum Padre Missas pela vida, que lhas guardasse, pera depois da morte. A voz de todos era, que naõ podia a Companhia naquelle tempo ter maior perda, que a sua falta; porque alem das letras, authoridade, & governo, era raro na memoria, & comprehençaõ das cousas, de que se pudesse pedir, ou dar razaõ. Todas as tinha taõ prezentes, que offerecendose occasiaõ, aindaque repentina, discorria nellas com tanta firmeza, como se daquella hora as tivera estudado. Falleceo com todos os Sacramentos, que elle pedio, na Caza de Saõ Roque de Lisboa aos dezasseis

zasseis de Novembro de 1619, tendo sessenta, & oito annos de idade, & sincoenta, & tres de Companhia.

Angra 29 de Junho de 1631 8 *O Padre Antonio Leytaõ*, exemplo de Religiosos Santos, nasceo no lugar da Amoreira, termo da Villa de Obidos, a trinta de Março de 1568. Indo às Caldas no anno de 1577 o Veneravel Padre Vasco Pyres, lhe contentou muito por seus virtuosos procedimentos. Affeiçoousse à Cõpanhia, nella entrou em Coimbra aos vinte, & oito de Agosto de 1582, tẽdo quinze annos de idade. Teve por Mestre em o Noviciado ao Santo Padre Vasco Pyres, que por sua virtude o tratou sempre com especial affecto.

9 No fim do Noviciado entrou nos estudos. Dous annos tinha de Philosophia, quando pedio aos Superiores o deixassem antes servir nos officios humildes de caza. Nelles andou des do principio de Outubro de 1587, athe os dous de Abril de 1589, em q̃ os Superiores lhe ordenaram, tornasse ao estudo da Philosophia. Depois deste ensinou latim em diversos Collegios. No terceiro anno de Theologia o mandaram ensinar Mathematica no Collegio de Santo Antaõ, onde teve huma doença de tabardilho, na qual esteve ungido. Aqui se resolveo de se entregar de todo ao estudo da perfeiçaõ.

10 Indo pòr fim ao estudo da Theologia, ordenado em Viseu de Sacerdote, o mandaram pera o Collegio de Braga. Nelle viveo dez annos. De sua virtude houve em Braga singular opiniaõ. Diziase, que se ali morresse, todos seus vestidos se lhe tomariam pera Reliquias. No anno de 1611, foi mandado pera o Collegio da Ilha Terceira, onde passou o restante de sua vida. Sendo jâ, havia sinco annos, professo de tres votos solennes, naõ allegou rezoẽs, pera se livrar desta navegaçaõ, antes pedio, que o deixassem morrer naquella Ilha. Nella viveo alguns vinte annos.

11 Nunca dezejou, o fizessem Superior, nem deu significaçaõ de sentimento, pelo naõ fazerem. Tinha aos Superiores tal veneraçam, que em sua prezença naõ consentia, se fallasse mal delles. Sendo Admonitor, se alguem lhe dava queixa do Superior, respondia: *Nam fallemos nisso, que he tocar na cabeça*. Naõ sahio de sua bocca palavra, q̃ offendesse a pessoa viva. Excepto a obediencias, & cousas precizas naõ sahia do cubiculo. Pera naõ ter trabalho, quem o buscava, sahindo do cubiculo deixava a porta aberta; se a tinha serrada, era sinal, que estava dentro. Retiravase de quintas, & dos mais allivios, & recreaçoẽs. Sendo em Angra mui conhecido, ninguem o vizitava, nem elle visitava a alguma pessoa de fora, nem lhe entrava em caza, salvo chamado pera confissam. Sua visita ordinaria, quando sahia fora, era aos prezos da cadea, & aos enfermos do hospital.

12 Sempre o achavam occupado, orando, meditando, rezando, ou occupado em outros exercicios virtuozos. Compunha em vulgar versos de materias santas, pera, como o Santo David, com ellas levantar seus pensamentos a Deos. Seu maior allivio, indo fora, era ouvir humas vesporas bem cantadas, por quanto gostava muito de ouvir cantar.

13 Pera com os proximos tinha humas entranhas todas de charidade. Pelos aproveitar fez pela Ilha muitas Missoẽs, & de grande proveito. Mostrava singular charidade com os nossos. Por isso gostava muito de ver os Superiores solicitos no cuidado da saude dos subditos. Sua mortificaçaõ, & parsimonia foi grande. Muitos annos naõ tocou fruta, & muito menos doces, contentandose unicamẽte com o commum. Se acazo se dava vinho da Madeyra, o naõ tocava, pedindo em seu lugar do da Ilha, que he por estremo injucundo; còrava esta

mortificaçaõ com dizer, que o refrescava, & se dava melhor com o seu estamago.

14 Mais de vinte annos usou de huma jaqueta de pano grosseiro. Nũca a quiz largar, nem acceitar outra melhor. Teve singular conformidade com a vontade do Superior; porisso quando lhe fazia algũa proposta, se lha naõ acceitava, nunca mais fallou em tal cousa, nem mostrou sentimẽto.

15 Fogio tanto de dar molestia, que pelo naõ servirem, nem na ultima doença se sogeitaria à cama, se o Superior lho naõ ordenara. Naõ escarrava, sò por naõ dar pena aos mais. Foi isto com tal resguardo, que todos fizeraõ reparo. Perguntado por hum Padre Vizitador, se era certo naõ escarrar, como lho tinhaõ dito. Respondeo, que assim passava, & o fazia, porque sentindo elle pena em ouvir escarrar, imaginara, que seriam assim os mais; & por lhe naõ dar pena, assentara comsigo de naõ escarrar, & que exactamente o cumpria. Quãdo havia de descarregar o peito, ou a cabeça, se havia de modo, que naõ escarrava.

16 Três semanas lhe durou a ultima doença. Logo que cahio enfermo, começou a sentir notaveis dezejos de ver a Deos, & de acabar esta vida. No principio disse abertamente, que daquella doẽça havia de acabar seus dias. E que a maior graça, q̃ lhe podiaõ fazer os Medicos, era naõ o molestarem com medicamentos escusados. Depois do Santo Viatico pedio a Unçaõ, determinãdo a hora, em que lha haviaõ de dar. Estando mais vizinho à morte, pedio, que lhe rezassem o Officio da agonia, antesque se recolhessem a descançar. Na madrugada sentindo, que morria, disse ao Irmaõ, que lhe assistia, q̃ naõ despertasse a Cõmunidade, mas que lhe chamasse a hũ só Padre, vindo o Padre Reytor, lhe espirou nas maõs aos 29. de Junho de 1631.

17 Em quanto durou a doença, se lhe fizeraõ nos Conventos da Cidade de Religiosas muitas oraçoẽs. Diziaõ na terra, que Deos os naõ castigava, por terem entre si aquelle Sãto. A gente o pranteou, como se fora pay de todos. O Bispo Dom Joaõ Pimenta de Abreu, derramãdo muitas lagrimas, disse, que morrera hum grande Santo; que sendo elle Conego em Braga, todos por tal o respeitavaõ.

18 Houve a seu enterro extraordinario concurso. Aindaque muitas dignidades da Sè queriam levar o esquife; pareceo o levassem os nossos Padres. Concorreraõ as duas Irmãdades a da Pureza, que he dos officiais, & a da Annunciada, que he dos estudantes. A esta faltavaõ tochas, & dinheiro, que tudo proximamente se lhe tinhaõ furtado. Mandaraõ alugar cera, a qual pezada, depois nada diminuio no pezo; querendo Deos mostrar com este milagre, quanto lhe agradara o seu obsequio em honra de seu servo.

19 *O Padre Francisco Cabral*, a quem pera distinçaõ de outro do mesmo nome chamaram *Senior*, foi hum dos mais incansaveis homens, que tiveraõ nossos ministerios nesta Provincia. Nasceo na Villa de Fornos Bispado de Vizeu. Seus pays se chamaram Salvador de Figueyredo, & Maria de Mattos. Estudando Philosophia no segundo Curso em Coimbra, alli entrou na Companhia aos oito de Dezembro de 1604 tendo dezaseis annos de idade. *Em Lisboa aos 7 de Outubro de 1652.*

20 Foi sempre exemplarissimo em seus costumes. Em toda sua vida se lhe naõ ouvio dizer mal de alguem. Tinha trato singular, & muito intimo com Deos. Ensinando latim em Braga, commungou em a noite do Natal, & logo se deixou ficar em oraçaõ na Capella posto de joelhos. Nesta forma esteve sem alterar postura des-da meya noite athe o meyo dia

por

por espaço de dozes horas continuadas.

21 Foi insigne em o Divino ministerio das Sagradas Missoẽs: pera ellas tinha completamente todos os requisitos. Muito espirito, & muita virtude, & austeridade com sua pessoa. Donde se seguia, pregando muito com a palavra, prègar mais como exemplo. Estando na Caza de Villaviçoza, sahia diversos dias a fazer Missaõ nos lugares circunvizinhos, nos quais pregãdo duas vezes no dia, sendo os dias de preceito, sempre jejuava, naõ comendo mais que à noite, quando tornava pera caza. Compadecendose o Companheiro, o persuadia, que pelo menos tomasse huma collaçaõ, pera dar gosto ao hospede, que de taõ boa vontade os agazalhava. Escuzavase, dizendo ao Companheiro, que jantasse elle, & cumprisse com a vontade do hospede, que cõ isso se daria por satisfeito; porẽ o Padre nunca affroxou em seu rigor.

22 Tinha grãde, & boa facilidade no prègar. Preguntado, como a adquirira, respondeo; que do tempo, q̃ estudara Philosophia, notara tudo, o que lhe podia servir, pera ajudar a seus proximos. Nestas suas missoens, por mais, & maior, que fosse o trabalho, nunca deixava de dizer Missa. Tambem se notou, que naõ perdia occasiaõ de se mortificar na meza, cama, & caminhos, escolhendo sempre o peyor pera si. Nas cazas, em que pouzava, havendo de fallar com mulheres, naõ permittia, que o Companheiro estivesse auzente, mas ou o tinha prezente, ou quando o negocio pedia segredo, o havia de ter à vista.

23 Estando na Caza de Sam Roque, nunca fallou com mulher, senaõ ouvindo-a de Confissaõ. Por ter cuidado da Irmandade da Santa Doutrina, vinhaõ às vezes fallar com elle mulheres, pera conseguir suas petiçoens com a Meza dos Irmaõs. Mandava-lhes dizer pelo Sancristaõ, que guardassem a sua petiçaõ, pera quando os Irmaõs se ajuntassem, & que diante delles poderia fallar.

24 Tinha tal modestia, silencio, & circumspeçaõ em suas açoens, & madureza no fallar, que a todos dava occasiaõ, pera se edificarem. Confessou hum Padre grave, que ja mais dera sinal de impaciencia com algũ subdito no tempo, que foi Superior. Costumava elle dizer, que o Prelado desconcertandose com impaciẽcias, naõ ficava capaz pera encaminhar o subdito. Em todas as partes, onde esteve, deu sempre muita edificaçaõ, & por muito tempo duravaõ alli as memorias de seus exemplos.

25 Sendo Reytor no Collegio de Evora fomentou muito com seu exẽplo, & industrias a devaçaõ da Virgẽ Senhora. Todos os dias assistia à meditaçaõ, que se dava na Capella do Collegio. Depois de a ouvir, hia vizitar a Senhora na sua Capellinha, seguindo seu exemplo os mais Padres, & Irmaõs, que o imitavaõ em assistir à meditaçaõ, & liçaõ espiritual. Elle foi, o que instituio no Collegio a festa literaria da Conceyçaõ da Senhora. Esta se fas todos os annos de portas adentro na Capella do Collegio cõ muita solẽnidade de oraçoens latinas, poezias, enigma, & premios aos nossos Irmaõs Philosophos pella composiçaõ da prosa, & verso. Pera cõ seu exemplo affervorar os mais no obsequio da Senhora, sahia elle nestas occasioens com suas poezias, porque as sabia fazer mui bem, como tudo o mais.

26 Neste seu governo o viaõ todos os dias assistir por largo espaço em oraçaõ diante do Santissimo. Nũca se vio nelle sinal de altivez. Assim vivia, & tratava com os subditos, como se fora hum delles. Neste tempo, que governou aquelle Sãto Collegio, ninguem se queixou de mà palavra, que lhe dissesse o seu Reytor. Sempre o achavam com a mesma serenidade,

&

& brandura. Nam parecia homem da terra, porque tudo, o que cheirava a ella, lhe era abominaçaõ, & tinha por cousa empestada razoẽs parciais. A todos agazalhava com amor de pay, por isso nenhum subdito desconfiou delle, & todos lhe abriaõ seus coraçoẽs.

27 Aos pobres tratava com singular charidade. Naõ consentia, que lhes negasse esmola, antes em Evora lhes mandou acrescentar a ordinaria, que se lhe costuma repartir: por isso todos os annos lhe acodiraõ os frutos do Collegio com mais abundancia, q̃ em outros tempos: & assim pode fazer muitas obras, sem endividar o Collegio.

28 Tendo vivido com este santo teor de vida, o alcançou a ultima doença em Lisboa na Caza de S. Roque. Fallando a hum Santo Crucifixo, se lhe ouviraõ estas palavras: *Vos Senhor sabeis, que nunca fiz cousa contra o que entendi ser mais honra, & gloria vossa.* Depois de preparado cõ os Sacramentos, dizendo palavras de grande devaçaõ, se foi a gozar o premio de suas virtudes aos sete de Outubro de 1652.

CAPITULO III.

Vida do Padre Jeronimo Vogado.

Em Lisboa aos 15 de Out. de 1652.

1 NAsceo o Padre Jeronimo Vogado na Villa de Alconchel, fora de Portugal, nas arrayas delle em o Bispado de Badajòs. Seus pays se chamaraõ Fernam de Avelar, & Maria Vogada. Entrou na Companhia em Coimbra aos dez de Março de 1598. tendo dezanove annos de idade, sendo estudante de Philosophia. Em o Noviciado se vio logo sua muita virtude, a que elle deveo sua conservaçaõ na Companhia, porquanto padecendo muitos achaques se tratou de o despedirem, por se julgar naõ tinha saude competente. Pondose isto em consulta, nenhum Consultor se atreveo a votar, que o despedissem, dizẽdo, que por sua muita virtude se devia conservar, nam obstante quaisquer enfermidades.

2 No fim do Noviciado continuou o estudo de Philosophia tendo por Mestre ao Santo Padre Andre Palmeyro. Era assim aos condiscipulos de caza, como aos de fora hum vivo exemplo da virtude: Todos o respeitavaõ por Santo. Logo o mandaram à Theologia: tambem algum tempo lhe encarregaram o ensinar Grego, & Hebreo. Muito brevemẽte o mandaraõ ler Presidente de hum Curso, antepondo-o a outros de mais annos na Religiaõ, assim pelo seu saber, como por sua conhecida virtude. Escuzouse desta, que tinha por honra, allegando suas occupaçoẽs, & fraqueza de forças. Conhecendose, que tudo nascia de humildade, o naõ quizeraõ escuzar. Fez a occupaçaõ com tanto conhecimento, & humildade, que se passou muito tempo sem que com elle se pudesse acabar, que se assentasse na cadeira, como he costume; mas assentado em o banco fazia sua occupaçaõ de Presidente.

3 No tempo, que estudou Theologia mostrou muito zelo, de que entrassem na Companhia bõs sogeitos. Pera isso fallava à muitos, chegando-os à Religiaõ, & a Deos. Encarecialhes o grande bem da Religiaõ. Em especial lhes encõmendava a devaçaõ da Virgem Senhora. No fim da Theologia ordenado de Ordens Sacras, o fizeraõ companheiro do Mestre dos Noviços. Desta occupaçaõ o mandaraõ ler Cazos na Ilha da Madeyra; o que fez por espaço de sinco annos com muito credito de suas letras, & virtudes. Voltando ao Reyno leo Cazos em Evora por espaço de hum anno.

4 Naõ tinha lido hum anno, quando o mandaram pera a Missaõ de

de Angola. Acceitou, sem allegar, q̃ havia taõ pouco tempo, que viera da Ilha, nem outras razoẽs, que lhe naõ faltavam. Antes de se embarcar, fez sua profissaõ solẽne aos trinta, & hũ de Março de 1615. Partio aos 23 de Abril com o Padre Miguel Affonço. Foi a nao fazer escala a Cabo-Verde. Na demora, que fez, o Padre prègou, & confessou com tanto proveito, que delle se fez carta especial, que pera edificaçaõ se leo nos Collegios da Provincia.

5 Chegou finalmente a Angola com o cargo de Visitador dos nossos Religiosos. Exercitou esta occupaçaõ com acceitaçaõ geral dos nossos, & dos seculares. Mostrou sempre grande zelo da honra de Deos, do credito, & Christandade dos Portuguezes. Poz todas as forças, pera q̃ se naõ fizessem guerras injustas aos negros, nem cativeiros injustos, antes os conservassem em amizade, pera por meyos suaves os ajuntarem ao gremio da Igreja.

6 Postoque seu zelo era approvado por muitos, o encontrou o Governador do Estado Joaõ Correa de Sousa com pretexto do serviço Del-Rey, que he a tinta ordinaria, com q̃ os Ministros còraõ seus desacertos, & excessos. Como este homem naõ pudesse dobrar ao Padre Vogado, nem a seus subditos, mandou-o notificar da parte de sua Magestade, que se embarcasse pera Portugal em huma nao, que estava no porto. Respondeo o Padre, que Sua Senhoria nam tinha poder algum, pera o mandar, nem elle o havia de fazer, senaõ mandado por seus Prelados maiores, por cuja ordẽ era Superior dos da Companhia naquella terra; que só com violencia o poderiam tirar dalli, mas naõ de outro modo.

7 Foi tal o desacordo do Governador, q̃ indo em pessoa ao Collegio tomou as chaves ao porteiro, & mandou, que os Padres Vogado, Antonio de Amaral, & Mattheus Cardozo fossem levados por negros em redes ao navio. Assim se executou, sendo elle, & os Padres levados com violencia. Em todo este tempo nunca ao Padre se ouvio palavra alguma de payxaõ. Foi o navio a Pernambuco, & dahi a Portugal. Mandaraõ-no a Madrid a dar conta a El-Rey do succedido em Angola. Podendo neste caminho passar por lugares, onde tinha seus parentes, que nunca vira, o naõ quis fazer.

8 Foi bem ouvido Del-Rey Catholico, & despachado, como queria. Veyo direito a Elvas, sem querer vir pelas terras dos parentes. Por haver estado oito, ou nove annos em Angola, lhe offereceram os Superiores ficar em Portugal. Porem elle attendendo mais à honra da Companhia, a quem cõvinha sua tornada, & à honra de Deos, pedio o deixassem ir continuar na sua Missaõ. Deixando toda esta Provincia edificada com sua resoluçaõ, partio segunda vez pera Angola no anno de 1624. Em quãto nella esteve, naõ se lhe ouvio huma palavra em menospreço do Governador: a quem Deos naõ faltou com o castigo; porquanto aos mais desacertos ajuntou, o deixar per si o governo, & indo em direitura às Indias de Castella, ali nossos Padres o fizeram declarar por escõmungado pela violencia sobredita, em mandar os Padres. Assim mesmo foi prezo, por deixar a praça sem ordem Del-Rey. Mandado a Sevilha, foi remetido a Lisboa, & metido no carcere chamado Limoeyro, & ali morreo em grãde miseria.

9 Foi o Padre recebido dos nossos, & dos de fora com igual alegria ao sentimento, que tiveram na violencia passada. A opiniaõ de sua virtude authorizada com cousas notaveis, de que abaixo se dirá, era tam grande, que os navios, que daquella terra pera outras partiam, naõ sabiaõ senaõ

fal-

fallar da virtude do Padre Vogado. A perfeiçoou nesta segunda vez, o que fizera na primeira. Tinha feito em grande parte o Collegio, que ali temos, & a Igreja, enchendo a sancristia de peças riquissimas de prata, sedas, telas, & brocados em tal forma, que se dizia poder aquella Igreja competir em peças com as boas do Reyno, & jâ tinha junto, pera fazer hum Sacrario de prata. Fez tambem o pateo dos Estudos com suas colunas de pedra, & quatro classes.

10 Fizeraõse em seu tempo muitas Missoẽs com muito custo do Collegio, porque aviava os Missionarios com grande liberalidade, & charidade. Sustentava no Reyno de Dongo dous Padres com grandes despezas, porque com nada lhes faltava. O mesmo fazia com dous Padres, & hum Irmaõ, que tinhamos no Collegio de Congo. Os Padres se admiravam, q̃ pudesse abranger a tantos gastos.

11 Com a idade, & doenças veyo a enfraquecer tanto, que naõ podia andar. Por esta causa reprezentou a Roma vir pera huma das Ilhas Terceiras sem animo de tornar a Portugal. Foylhe a licença, & se embarcou em o anno de 1639 no galeaõ Saõ Bento, que ali arribou da India; tendo animo de ficar na Ilha de Saõ Miguel. Joaõ Soares Capitaõ Mòr do galeaõ o acceitou com particular gosto pela fama, que havia de sua santidade, confiando em Deos, que por sua virtude o traria a salvamento com o galeaõ, a quem hum rayo tinha queimado o traquete, & por esta causa arribara. Como naõ achou mastro da grandeza necessaria, suprindo sua falta com outro inferior, era a viagem sogeita a grandes perigos: porem como trazia consigo ao Padre Vogado, naõ duvidava o Capitaõ de chegar a Portugal; nem sua fe o enganou.

12 Deixando o Padre grandes saudades desi, se fes à vela. Tendo navegado alguns dias, sobreveyo taõ rijo temporal, que o leme saltou fora de todas as femeas; ficando prezo so por hum cabo, dava tais pancadas em a nao, que temendose abrir com ellas, foi preciso cortar o cabo, & deixar o leme ao arbitrio dos mares, pelo nam poderem recolher. Nesta forma ficaram sem leme, porque naõ havia outro, nem donde o fazer.

13 Aqui se vio a especial protecçaõ de Deos, & a efficacia das oraçoẽs de seu servo. O galeaõ veyo navegando taõ direito, & seguro, como se algum Anjo com maõ occulta o governasse. Detiveraõse muitos dias em intentar se podiaõ fazer huma grande espadela. Pera esta obra desfizeram toda a varanda; lançada fora, foi de nenhum proveito, porque a nao lhe naõ obedeceo, & sem ella navegara sempre caminho direito.

14 Fizeraõ entaõ das antenas, que sempre as naos da India levam de sobrecelente, duas espadelas mais pequenas. Lançavaõ huma pelo bombordo da popa, outra pelo estibordo, com que a nao algum pouco mais obedeceo. Postoque podia o Capitaõ tomar alguma das Ilhas Terceiras, pera se remediar, o naõ quis fazer, como se entendeo, por lhe naõ ficar nellas o Padre, no qual confiava mais, que em outros alguns remedios. Desta sorte milagrosamente entrou no porto de Lisboa em huma oitava da Paschoa do anno de 1640.

15 Concorreo toda a Cidade a ver esta nao admirandose, que tam desarmada de mastro, & leme pudesse chegar segura em viagem taõ comprida, & tendo padecido muitas tempestades. Contou depois o Capitaõ Joaõ Soares a hum nosso Religioso grave, que a nao estivera perdida muitas vezes, porem que de todas sahira por oraçoẽs, & merecimentos de hum Anjo, que nella vinha, que era o Padre Vogado; com o qual se hia ter, quando todos estavam mais desalentados; que sempre o achava alegre,

gre, como se de certo soubesse, que havia de chegar a salvamento, & que assim lho dizia, & o animava, & que era taõ grande o credito, que dava a suas palavras, que sempre delle se partia persuadido, que sem duvida Deos os traria a Lisboa pelas oraçoẽs de taõ grande Santo.

16 Quando esta nao avistou a Roca de Cintra, lhe deu huma grande tormenta, que entristeceo toda Lisboa; porque por huma caravela da Terceira se soube o perigo, em que vinha. Fizeraõse em Lisboa muitas oraçoẽs por seu bom successo. Hum nosso Religioso, que sentia muito esta perda assim pelo bem commum, como pelo particular do Padre Vogado, depois de encõmendar tudo a Deos, abrio a Escritura nos Psalmos, por ver se encontrava com algum versiculo, que o consolasse. Succedeo dar logo com os olhos neste do Psalmo trinta, & tres: *Multæ tribulationes justorum, & de his omnibus liberavit eos dominus.* Ficou muito consolado, esperando, que assim como Deos o tinha livrado de outras, o livraria desta tribulaçaõ. Assim foi, porque a nao se poz à capa contra os mares, & esteve quasi parada, athe os mares abonançarem, & com sua entrada encheo de alegria toda Lisboa. O Padre Vogado foi recebido dos nossos como homem do Ceo; & todos os da nao a huma voz contavam a jornada, como milagre da sua virtude.

17 Em descançando o mandaraõ ser em Coimbra Instructor dos Padres do Terceiro anno. Cousa de anno, & meyo pouco mais, ou menos, depois o fizeram Perfeito do espirito do Collegio. Ajuntaraõ lhe o cuidado dos enfermos, sendo Prefeito da saude. Todas estas occupaçoẽs fez com muita perfeiçaõ, & exemplo, athe ser eleito Preposito da Caza de Saõ Roque. Antes de acabar o anno veyo patente de Roma, pera ser Provincial; tendose por indigno de tanta honra, se escusou mui de veras.

18 Porem o Santo Padre Antonio Mascarenhas, q̃ se tinha escusado do cargo, achando, que em ninguem ficava melhor, o obrigou, que aceitasse. Só condescendeo com elle em presidir primeiro à Congregaçaõ, que naquella occasiaõ se fez. Acabada a Congregaçaõ, entrou no officio em o mes de Mayo de 1645. No Julho seguinte partio pera Roma, pera se achar em a oitava Congregaçaõ geral. Affirmou o Irmaõ, que nunca em toda a viagem do mar o occupara em alguma cousa, que tocasse a sua pessoa; & que por espaço de oito mezes, que no caminho, & em Roma o servira, nunca se queixara em cousa, que lhe tocasse, estar mal feito, ou menos a tempo.

19 Detendo-se em Genova, teve ali os Exercicios de Santo Ignacio. Todos os Padres o tinham por hum Santo. Tratando-o ali hum Religioso Bento, que depois foi Bispo de Avinhaõ, disse, ser dos homens mais Santos, que tinha encontrado em sua vida. Voltando de Roma chegou a Portugal em Setembro de 1646. Tornou a continuar no seu cargo. Teve por companheiro ao Padre Balthezar Telles, do qual ajuntarei aqui parte de huma carta, em que refere, como testemunha de vista suas excellentes virtudes. A carta tem sua data no Porto em nove de Novembro de 1652.

CAPITULO IV.

Referesse o testimunho do Padre Balthezar Telles de suas virtudes.

1 ACompanhei (dis o Padre Telles) *ao Padre Jeronimo Vogado, que Deos tem, sendo elle Provincial, & eu seu companheiro perto de dous annos, que foram*

ram parte de quarenta, & seis, & todo o de 1647, & parte de 1648. Em todo este tempo me edificou sempre este bom Padre summamente, & posso com juramento affirmar, que nunca nelle notei açaõ, que naõ fosse de grande exemplo, & edificaçam. Todos os dias se confessava comigo, & me edificava grandemente ver a chaneza, & clareza, a perfeiçaõ, & sinceridade, com que se explicava.

2 *A consciencia deste servo de Deos era purissima, & postoque com a mesma verdade posso jurar, que nũca nelle notei cousa, que tivesse sombra de peccado mortal, com tudo me admirava a meudeza, com que fazia escrupulo de cousas levissimas. Dizia Missa infallivelmente todos os dias, nem lhe eram impedimento os caminhos, que fizemos, visitando toda esta Provincia, quando em tempo de grandes calmas caminhavamos, & por fugir do sol nos levantavamos muito cedo: a qualquer hora, que chegavamos ao lugar, aonde haviamos de fazer alto, hiamos logo apearnos à porta da Igreja, & ali dizia Missa, aindaque chegassemos às onze, ou doze horas do dia.*

3 *Lembrame entre outras muitas vezes que vindo de Bragança sahimos de Villa Real em quinze de Junho de 1647, dia, que entam fazia grandissima calma por causa de hum vehemente soam, que muito nos molestava. Haviamos nos de ir aquella menhaã à Villa de Amarante, que distava sinco legoas, & mui trabalhosas, & mui em especial em razam da Serra do Maram, que passamos aquelle dia com grande rigor de calma. Chegamos finalmente a Amarante junto do meyo dia, & hia o bom Padre tam suado, & mostrava ir tam cançado, que a gente, que o via, se compadecia delle com palavras de sentimento, que eu a muitos ouvi.*

4 *Elle com tudo, conforme seu bom costume, sem tratar de estalagẽ, veyo apearse a huma Igreja pera dizer Missa. Dizendo-lhe eu,* Padre, isto he muito tarde, & Vossa Reverencia vem suado, & mui cançado, nẽ aqui ha, quem a tais horas nos de ordem, pera dizer Missa; *elle me respõdeo com a bocca chea de riso:* Eu ainda venho valente, pera andar mais, quanto mais pera dizer Missa; digamos Missa, que Deos nos darâ, quem nos agazalhe, como nos costuma fazer.

5 *Assim foi, buscousse apparelho, disse Missa, & antes della acabada, jà estava na Igreja hum homem dos mais graves da terra, que acazo por ali passou, & nos levou pera sua caza, & nos agazalhou muito bem. E he cousa certa, que todas as vezes, que nos fomos apear a Igreja, pera dizer Missa, sempre achavamos na mesma Igreja, quem logo nos levava pera sua caza, & agazalhava muito bem. E aisto alludia elle nesta occasiaõ, quando disse:* Digamos Missa, que logo teremos, quem nos agazalhe.

6 *Nos caminhos tinha este bom costume, que em saindo da caza, onde tinhamos passado a noite, gastava as primeiras duas legoas em oraçaõ mẽtal, nam permittindo, que entam se lhe fallasse em nenhum negocio; postoque o mais do tempo hia sempre ou rezando, ou encõmendãdose a Deos, fallãdo rarissimamente. Nos caminhos era mui accommodado. Com qualquer cousa se contentava; & como se elle naõ fosse o Superior, naõ se metia a governar as jornadas, mas em tudo se sogeitava ao que eu, & o Irmaõ, que o acompanhavamos, lhe ordenavamos.*

7 *Em todo o tempo, que o acompanhei, & em todos os caminhos, que fizemos, nunca se lhe pedio esmola, que a naõ desse: & se acazo diziamos ao pobre, que jâ lhe tinhamos dado esmola, elle por sua via lhe tornava a dar outra. Tambem sei, que em Lisboa*

boa fes esmolas de grande consideraçam, & sempre Deos lhe dava, que poder dar. E com haver em Lisboa muitos pobres importunos, que o vinham por vezes demãdar, pera lhe pedir esmolas, nunca deixou de ir à portaria ao seu chamamento, por mais occupado, que estivesse, nem mostrava sentir nisto molestia alguma; sendo assim, que a muitos homẽs charitativos costumam causar muitas impaciencias semelhãtes importunaçoẽs dos tais pobres. Tambem ouvi, que em Angola fizera milagres em materia de esmolas, de que me naõ espãtava pelo muito, que neste particular lhe vi fazer a pobres ordinarios, & a pessoas mui nobres, de que elle sabia, que estavam em aperto. E como tinha estado em Angola, & là tivera muitos amigos, mãdãdo-lhe alguma cousa, logo a fazia vender, & dava o preço della aos pobres.

8 *Tinha huma notavel paz de alma; & sendo assim, que as molestias do governo em hum Provincial sam grãdissimas, nunca o vi senaõ com huma grãde quietaçam, & serenidade de animo: por mais que tal vez algũs subditos excediam, elle sempre respondia com poucas palavras, & com tal brandura, que logo parece atava as mãos, ao que estava colerico. Por muitas vezes ouvi dizer a pessoa muito grave, que nunca vira corpo tam pequeno com animo tam grande.*

9 *Succedeo, que no tempo, que elle foi Provincial, veyo Visitador a esta Provincia o Padre Joaõ de Matos, que tinha sido Assistente em Roma, & sendo assim, que quãdo o governo desta maneira anda dividido, costuma haver alguns desgostos entre os dous Superiores, o Padre Vogado se portou com tanta prudencia, & comedimento, que nunca houve hum minimo dissabor entre ambos; antes se sogeitava com tãta resignaçaõ, q̃ tendo jà assentadas algumas cousas de importãcia no governo, & começadas a executar, se lhe chegava carta do Padre Visitador, em que nam approvava as tais cousas, elle immediatamente cessava da execuçam, como se nem por sonhos lhe lembrasse, o que ja tinha ordenado.*

10 *Dizendo-lhe eu muitas vezes:* Padre Provincial, este negocio esta ja muito adiantado, pera credito do mesmo governo convem, que proponhamos isto ao Padre Visitador; *elle o nam permittia dizendo:* deixe Vossa Reverencia, que melhor he fazermos, o que ordena o Padre Visitador, *deixãdome admirado de ver a pàz interior, que tinha em sua alma, na qual parece, que naõ havia payxam, nem affeiçam a seus particulares desenhos.*

11 *Entre outros cazos, em que se pode ver a paz interior, que tinha, & resignaçam na vontade de seus Superiores, apontarei hum, que muito me edificou. Estavamos em Coimbra visitãdo no mes de Outubro de 1647, no qual anno havendosse de partir pera o Brasil Salvador Correa de Sà, & Benavides, acompanhãdo a armada Real, que sua Magestade là mãdava, pera dali ir o dito Salvador Correa à Conquista do Reyno de Angola, succedeo, que este Fidalgo, como tam amigo, que he da Companhia, pedio em Lisboa ao Padre Visitador, que entam assistia na Caza de Saõ Roque, que lhe desse alguns Padres, pera levar consigo. O Padre Visitador lhe nomeou logo ao Padre Philippe Frãco, & pera Companheiro do dito Padre tratou de mandar a visar ao Padre Antonio de Couto, que tinha nascido em Angola, & entam estava em Coimbra estudãdo Theologia; & porque a armada estava ja de verga dalto, despachou o Padre Visitador hum proprio a toda a pressa a Coimbra a chamar este Padre Couto. Chegou o proprio em hum dia pela menhaã cedo, antes de*

tãgerem à oraçaõ, só com duas cartas do Padre Visitador, huã pera o Padre Provincial, outra pera o Padre Antonio de Couto.

12 *Porem como a pressa, dos q̃ enviaram o proprio, foi grãde, succedeo, que trocaram os sobrescritos às cartas; & à que havia de ser pera o Padre Provincial, puzeram o sobrescrito do Padre Antonio de Couto; & à que havia de ser pera o Padre Antonio de Couto, puzeram o sobrescrito pera o Padre Provincial. Entregaraõ-se estas duas cartas ao Padre Provincial, o qual logo abrio, a que trazia o seu sobrescrito, continha ella o seguinte:* Salvador Correa de Sà pede Padres, pera irem cõ elle a Angola, & como Vossa Reverencia jâ sabe daquella terra, & lhe conhece os ares, farà Vossa Reverencia grande serviço a Deos, & à Cõpanhia em acceitar esta empreza, que esperamos seja de grande gloria de nosso Senhor, & porque a armada està a pique, Vossa Reverencia se parta logo em recebendo esta minha carta.

13 *Leo o Padre Provincial esta carta, & como o sobrescrito era pera elle, & elle tinha estado muitos annos em Angola por duas vezes, & conhecia muito bem aquelles ares, na conformidade da carta, & a letra do sobrescrito era do Padre Antonio Barradas, que era Procurador Geral, a qual elle conhecia muito bem, se persuadio totalmente, que com elle fallava o Padre Visitador; & sem reparar em difficuldade, se foi logo ter comigo, & me disse,* Padre meu, havemo-nos de partir logo esta menhaã pera Lisboa, porque eu vou pera Angola.

14 *Fiquei eu tam sobresaltado, como a novidade do cazo pedia, & perguntãdolhe, quem o mãdava, & a que proposito podia aquillo ser, elle me mostrou a carta do Padre Visitador, & juntamente me entregou a outra, que trazia o sobrescrito pera o Padre Antonio de Couto, peraque lha levasse logo, julgãdo, que devia ser, peraque este Padre o acompanhasse pera Angola. E dito isto tãgeram à oraçaõ, & elle se recolheo ao cubiculo pera a ter, como costumava. Ficãdo eu com este sobresalto me occorreo, o que na verdade era, que podiam os sobrescritos vir errados, & entrãdo no seu cubiculo o achei de joelhos, & lhe disse, que permittisse, que eu abrisse a carta do Padre Couto, porque assim convinha, pois poderia haver algum embaraço.*

15 *Abri logo a carta, & vi claramente, que aquella era a do Padre Provincial, & que o aviso da viagẽ de Angola naõ era pera elle, mas pera o Padre Couto, ao qual logo levei a carta, & acceitou a ida com muita edificaçam; ficãdo eu admirado da paz de alma, & conformidade, com que hum homem tam velho, que actualmente era Provincial, se resolvia tornar terceira vez a Angola, aonde tinha estado quasi vinte, & quatro annos, sò por huã carta, que cuidava ser do Padre Visitador, sem reparar em alguma difficuldade, antes tratãdo de partir logo aquella menhaã.*

16 *Era exactissimo em acudir às cousas espirituais, sempre se levãtava antes da Communidade, tinha sua hora de oraçam, & acabada ella, dizia logo Missa, & tinha largo recolhimento, & tudo isto infallivelmente, aindaque os negocios fossem muitos, como costuma ter hum Provincial, especialmẽte em dias de correyos. Entre dia depois da huã hora se hia ao Coro, & ali se detinha por espaço de huã hora ao menos em oraçam, & naõ deixava este bom costume no veraõ por maiores, que fossem as calmas.*

17 *No trato de sua pessoa era muito pobre, nunca, em quãto o acompanhei, lhe vi vestir cousa alguã nova. Trazia hum gibam, o qual lhe ti-*

tinha servido muitos annos em Angola, & nunca teve outro em Portugal, aonde havia jà oito annos, que era chegado; & dãdo-o huã vez a cõcertar, o Irmaõ Roupeiro o achou em tal estado, que julgou naõ tinha jà concerto algum; & por isso lhe trouxe outro mais accommodado; mas o Padre Jeronimo Vogado naõ permittio este melhoramento, antes mãdou ao Irmaõ, que logo lhe fosse buscar o seu gibam, accrecentãdo, que elle o concertaria, porque havia annos, que ambos jà se entendiam, & assim o fez o Irmam.

18 *Destas cousas pudera contar muitas, que notei neste notavel servo do Senhor no tempo, em que o acompanhei, & posso com toda a verdade affirmar, que lhe fiquei obrigadissimo a seu honradissimo termo, a seu grãde primor, a sua muita cortezia, charidade, & confiança, com que me tratava, & em quãto eu viver, me naõ poderei esquecer do muito, que lhe estou obrigado.*

19 *Outras muitas cousas, que ouvi, poderia referir delle, direi huã, que por vezes ouvi contar ao Doutor Fernam de Matos de Carvalhosa Dezembargador, & Conselheiro da Mesa da Fazenda em Lisboa, o qual estãdo em Angola por sindicãte, & havendo-se de partir no anno de 1631 em Dezembro, indose despedir do Padre Vogado, ao qual tinha grãdissimo respeito, o Padre lhe disse estas palavras:* Ora Senhor Deos và com vossa merce, & o leve a salvamento ao Reyno, & advirta vossa merce, que sahe daqui em dia da Cõceyçaõ, & que entrarà em Lisboa dia da Annunciaçaõ da Senhora. *Tomou as palavras como ditas por hum Varaõ Sãto esperãdo, que o Senhor lhe havia de cumprir esta promessa, & assim foi, que sahindo de Loanda em oito de Dezembro veyo a lãçar ferro em Lisboa dia da Annunciassam, da maneira, que o Sãto Varaõ lhe tinha denunciado; & por este cazo, & outros muitos, que elle contava, & conta ainda hoje tinha ao Padre grãde respeito, & amor.*

20 *Ao Doutor Andre de Morais Sarmento, que esteve em Angola por Ouvidor Geral, & hoje he Dezembargador, & Provedor da Alfãdega de Bragãça, pessoa mui conhecida, & de muita verdade ouvi muitas vezes dizer, que o Padre Vogado sustentara a Angola com sua virtude, & com seus milagres: & q̃ quãdo ali foram os Olãdezes no tẽpo, em que era Governador Fernam de Souza, à muita industria, valor, & assistencia do Padre se devia o bõ successo, que entam teve aquella Praça, & victoria, que alcãçamos daquelles inimigos, & ao Padre mesmo ouvi dizer, que por espaço de dez dias naõ sahira do Lado do Governador, & nunca em todo aquelle tempo se deitara na cama.*

21 *Outras muitas cousas pudera contar a Vossa Reverencia deste meu mui prezado Padre, & dilectissimo Provincial meu, & amigo em o Senhor, mas por nam determais esta lembrãça, a remeto logo cõ estas poucas cousas, pedindo a nosso Senhor nos de nesta Provincia verdadeiro espirito da Companhia, pera imitarmos tam honrado filho de Sãto Ignacio.* Athe aqui a verba da Carta do Padre Telles, daqual se ve o teor de vida deste Santo homem, em quanto foi Provincial.

CAPITULO V.

De outras occupaçoẽs, que teve, & de sua santa morte.

1 DEpois que acabou de ser Provincial ficou na Caza de Saõ Roque por algum tempo, athe que sendo eleito, pera ir a Roma o Reytor do Noviciado, o poz a obediencia

diencia por Vice-Reytor daquella Caza, em quanto o proprietario foi, & tornou de Roma. Fez este officio naquella idade com tanta exacçam, como se entaõ começasse sua vida, naõ faltando em cousa alguma, que pudesse servir pera a edificaçam dos Irmãos Noviços, assim no exercicio da penitencia, como da oraçam, como finalmente em tudo, o que costumam fazer os mais exactos em tal lugar.

2 Depois desta substituiçaõ tornou pera a Caza de Saõ Roque. Passados alguns mezes acabãdo o Padre Pedro da Rocha o seu triennio de Provincial, que conforme os decretos do Papa naquelle tempo se naõ podia estender mais, o nomeou por Vice-Provincial. Fez grandes instãcias por se escusar, porem naõ foi ouvido. Nesta occupaçam o alcançou a ultima doença, & a morte.

3 Do que passou assim na doença, como na morte escreveo o Padre Antonio de Amaral seu companheiro o seguinte. Tanto, que adoeceo (dis o Padre Amaral) se resolveo, que morria, & ainda que toda sua vida foi huma preparaçam pera aquella hora, com tudo com particular cuidado se foi dispondo pera ella, reconciliandosse muito a meudo, & com muitos actos de amor de Deos, fè, & esperança. Pedio que lhe dessem o Viatico, que recebeo com grande consolaçam de sua alma, & dahi a poucos dias tornou à commungar. Pedio por algumas vezes a Extremaunçam; & quando nos cuidavamos, que elle melhorava, descahio de sorte, que foi necessario darselhe este Sacramento.

4 Acabado de o receber, pedio a todos perdam, & que lhe ajudassem à dar as graças a nosso Senhor pela grande merce, que lhe fazia em o levar pera si na Companhia: que encõmendava muito a todos, que procurassem de morrer nella, & procurassem de seguir, *Quæ Christi sunt*. E naõ pode ir por diante por rezam da fraqueza, que era muita. Logo os Padres, que ali estavam, lhe beijaraõ a maõ, pedindo-lhe a bençaõ.

5 Recolhidos os Padres, se entregou mais a huma profunda oraçaõ, em que com seu Creador tratatava os negocios de sua salvaçam, fallando com hum Christo, que tinha diante dos olhos, com grande juizo, o qual Deos lhe conservou perfeito, athe espirar. Pedio logo a imagem de nossa Senhora sua antiga companheira, & ficando com ella na maõ mandou sahir do cubiculo, os que lhe assistiaõ, & com ella esteve so por grande espaço de tempo, em forma, que chegamos à porta, que sem elle advertir, estava meya aberta, & nos consolavamos muito de o ver naquella forma, tratando com nossa Senhora. Depois de jâ cançado, lha tomamos da maõ, & dizendo-lhe eu, que fizesse actos de fê, respondeo, que sim fazia, & tambem de contriçam.

6 Dahi a pouco pedio a imagem de nosso Santo Patriarca, & com ella nas maõs esteve outro pedaço de tempo. Tirada esta, pedia o Crucifixo, de sorte, que revezando-as, gastou a tarde toda com estas imagens em suavissimas praticas, athe espirar. Duas horas antes de morrer pedio dous livros, hum da Affeyçaõ de amor de JESUS, & outro da Affeyçaõ de amor de Maria do Padre Eusebio; & os abrio, & rezistou, pera se lhe lerẽ, antes de espirar, & mandou a hum Irmaõ, lhe lesse nelles os lugares rezistados; & depois de ouvir o primeiro, mandou ler o segundo, os quais ouvio com grande consolaçaõ, & logo lhe mandou ler em outra parte, aonde estavaõ huns devotos actos de amor de Deos, fe, & esperança. E vendo, que lhe chegava a hora de sua morte, mãdou chamar o Confessor, & se reconciliou, & lhe mandou, rezasse o Offi-

cio

cio da agonia, por quanto se lhe accelerava a respiraçaõ, & estava pera espirar.

7 Rezado o Officio, que elle ouvia com grande quietaçaõ, & devaçaõ, pedio a imagem de Christo Crucificado, & da Virgem nossa Senhora, tendo os olhos nellas por bom espaço, os abaixou, & espirou com suma paz *in osculo Domini*: & adverti com reflexam, que alguns credos antes de espirar, mostrou no rosto mui particular alegria, como quem estava ja vendo de perto nesta vida, o q̃ tanto tinha procurado ir gozar na outra. Foi sua morte aos quinze de Outubro de 1652.

8 Posto o corpo revestido na Capellinha, lhe vieraõ beijar as maõs alguns Fidalgos, como o Presidente do Paço, o Marquez de Niza, & outros muitos, & alguns Religiosos graves, & huns, & outros o acompanharam athe a Igreja; indo sobre o corpo quantidade de flores, lhas tomavam, os que podiaõ chegar a elle. Assistiraõ ao Officio os Religiosos mais graves das Religioens, & o ajudaram a fazer, & cantaram as liçoẽs, assistiram muitos Fidalgos, & muito povo.

9 Acabado o Officio, antes de se lançar o corpo na sepultura, lhe fomos beijar as maõs, & os Fidalgos, & a mais gente lhe beijaram os pès com grande devaçaõ; & cada hum lhe tomava, o que podia. A Duqueza de Aveiro mandou pedir as contas, & que seus filhos dezejavam ter cousas suas. O Presidente do Paço mandou pedir alguma cousa do seu uso, & lhe mandaram hum barrete, & disciplinas. Outra pessoa das principais deste Reyno, & outros Fidalgos mandaram assim mesmo pedir cousas de seu uso, & se lhe mandaram. Finalmente em toda a Cidade, & Corte havia huma grande opiniam de sua Santidade, & em toda ella foi sentida sua morte. Athe aqui o Padre Amaral.

CAPITULO VI.

Das Virtudes do Padre Jeronimo Vogado, & como Deos as confirmou com cazos notaveis.

1 Athe agora temos referido o discurso de sua vida, & nelle grandes actos de virtude, da qual diremos mais em particular. A oraçaõ, que he como mãy das mais virtudes, pois nella se concebem as resoluçoens dos actos santos, foi nelle muita, & mui elevada assim nos Collegios, como nas jornadas: nestas de ordinario hia apartado dos companheiros, pera orar mais livremente. Em caza a tinha diante do Santissimo por largas horas. Depois da Cõmunidade recolhida gastava muito tempo em fazer suas devaçoens. Entam rezava os Officios da Conceyçaõ, & de S. Jozeph, & outros varios, que tinha em hum livrinho de suas devaçoens.

2 Todos os dias à noite andando por caminhos rezava com os cõpanheiros as ladainhas. Nunca jamais deixava de dizer Missa, & ainda depois de doente a hia dizer. Peraque o Cõfessor ordinario lha naõ impedisse pela noticia, que tinha de sua doença, se foi confessar cõ outro Cõfessor, sendo, que nunca o fazia. Na mesma doença rezou muitos dias o Officio Divino, & peraq̃ se naõ soubesse, mandava pór a vassoura à porta; achando-o o Irmaõ, que o servia, rezando, lho estranhou, a que elle respondeo: *Pois de que serve a vassoura na porta?* Rezava o Officio Divino com grande devaçaõ, & nelle era muito apontado. Sempre rezava sò, pera rezar mais devagar, & com maior consolaçaõ sua. Pessoas de credito testemunharam, que na oraçaõ o viram levantado no ar.

3 De nossa Senhora era devotissimo.

ſimo. Conſigo trouxe huma imagem ſua por eſpaço de quarenta annos, pera onde quer, que hia, & athe à hora da morte a teve conſigo, pera ſer ſua guia athe o Ceo. Em todas as prègaçoens, & praticas, que fazia, ſempre dizia alguma couſa de louvor da Senhora. Nas veſporas de ſuas feſtas ſempre lhe fazia eſpecial penitencia. Athe no dia immediato à morte lhe rezou a ſua coroa. Tinha varios livros, q̃ tratavaõ da meſma Senhora, alem de outros eſpirituais, de que fazia muito cazo. Ao Padre Geral pedio muitas vezes, que lhe deſſe licença, pera hir morrer a noſſa Senhora de Loreto, aonde a Senhora lhe havia feito grandes favores, quãdo por alli paſſou.

4 O Veneravel Padre Joaõ de Payva, que depois de eſtar muitos annos em Angola, morreo no Brazil cõ opiniaõ de Santo, ſendo Vice-Reytor do Collegio do Porto, diſſe do Padre Vogado o ſeguinte. Em hum anno, que eſtive no Collegio de Loanda cõ o Padre Jeronimo Vogado, notei nelle ſer homem de muita oraçaõ. Em huns Exercicios, q̃ la vi ter, adverti, que quaſi todo o dia gaſtava em oraçaõ mental, & tive occaſiaõ, pera ver, que a oraçaõ era affectuoſiſſima, & efficaciſſima, & ainda agora me eſpanto, como tiveſſe cabeça, & forças, pera aturar tanto tempo tal modo de oraçaõ. Notei ſer piiſſimo, & inclinadiſſimo a todas as couſas eſpirituais, & do culto Divino. Com muita facilidade, & goſto fallava de Deos nas converſaçoens, & cauſava nos outros, a quem fallava, os meſmos affectos. Athe aqui o Padre Payva. Nunca deixou de ter os Exercicios de Santo Ignacio.

5 Foi humilde de coraçaõ, como moſtrou na repugnancia, com que acceitou as honras, & cargos, que occupou, por mais naõ poder. Deu-ſe muito à penitencia. Naõ perdia occaſiam de ſe diſciplinar nas coſtas em o Refeitorio. As diſciplinas ſecretas tomava cada dia. Naõ ſe ſabe, que jamais procuraſſe couſa de regalo pera ſua peſſoa. Servia frequentemente à meſa, & lavava a louça na cozinha. Na occaſiam de ſe arear, ainda ſendo Provincial, & gaſtado de annos, naõ faltava.

6 Foi homem de raro ſoffrimento: tendo muitas occaſioẽs pezadas, nunca ſahio em palavra deſcompoſta. Em Angola hum homem grave lhe diſſe palavras injurioſas; em nada ſe perturbou. Depois caindo o homem em ſi, conſiderando a modeſtia do Padre, deu moſtras de ſentimento. Tẽdo o Padre Vogado noticia, do que paſſava, o foi logo buſcar, pera o cõgraſſar conſigo. Quando o homem o vio diante de ſi, admirandoſe muito, ſe lhe lãçou aos pès, & pedio perdaõ. O Padre lhe lançou os braços com muita affabilidade.

7 A Charidade, Rainha das virtudes, foi nelle eſtremada, & milagroſa. Ella lhe grangeou o nome de Santo, com que o apellidavaõ todos, aſſim os que viviam em Angola, como os que hiaõ ali negociar. Nunca ſe lhe pedio eſmola, que a negaſſe. O Padre Joaõ de Payva fallando delle neſta materia, dis o ſeguinte. De tres cazos me lembra, hum que eſcreveo a Congo, onde eu eſtava, huma peſſoa de authoridade, q̃ reſidia em Loanda, & eſcrevia, como couſa acontecida de freſco naquelles dias, & era, que mandando o Padre tirar farinha de hum caixam, pera dar de eſmola a huns pobres, & dizendo-lhe, que a naõ havia, por ſer jà gaſtada, elle com tudo a mandou tirar, & que indo a peſſoa mandada ao caixam o achara cheo de farinha.

8 Outro cazo ouvi contar a hũ ſecular de authoridade, que parece, tinha jà acontecido dantes, & era ſemelhante ao precedente, cõ eſta differença, que naõ ſó ſe achara a farinha no caixam, mas que apparecera, quando

quando elle se abrio, pullando, & tresbordando do mesmo caixam.

9 O terceiro me contaram nossos, & cuido foi o Irmaõ Sebastiam Gonçalves, & que me disse estivera prezente. Foi o cazo, que estando este Padre jantando no Refeitorio à segunda meza, mandara a hum negro velho, que amassava, & cozia o paõ, cozesse hum pouco, pera dar de esmola, & dizendolhe o velho, que jâ naõ havia farinha mais, que pera o pam de huma vez pera a Communidade, o Padre lhe respondera, fazei, o que vos digo, ide logo cozer este paõ, & naõ hajais medo, que nos falte, porque à menhaã a estas horas vereis por aquelle mar vir duas nàos com farinha, de que nos proveremos: & tudo assim succedeo, como o disse o servo de Deos. Athe aqui o Padre Joaõ de Payva.

10 A estes tres cazos se pode ajũtar, o que testimunhaõ outros Padres, que estiveram em Loanda com elle, dos quais o Padre Simaõ de Aguiar dis o seguinte nos apontamentos, que delle deu. Naõ usava só com os nossos de muita charidade, senam com todos os de fora, a que acudia com muita liberalidade, & Deos lhe fazia grandes mercès, dizem, que fez alguns milagres, & esta era a fama. Hum delles foi acrecentarlhe Deos a farinha, pera dar aos pobres, que dezejavam comer hum pequeno de paõ.

11 O Padre se resolveo de nam faltar a nenhum, que viesse pedir à portaria, fosse branco, ou fosse negro; & assim se davam à portaria sesenta paens cada dia, que valiam muito dinheiro. Foi faltando a farinha. Os nossos começaram a ferver pelo perigo de ficar a Communidade sem ter paõ, pera comer. E assim em modo de consulta lhe foram fazer seu requerimento; ao que respondeo, que naõ havia, que fallar neste particular, em quanto houvesse farinha, & peditorios, & quando se acabasse, comeriam os Padres, o que comiam os nobres da terra, que eram os mantimentos daquellas partes.

12 Naõ se aquietaraõ os Padres, mandaram chamar os Medicos, pera saber os doentes, que havia necessitados de paõ. Disse o Medico, que elle daria hum rol, dos que tinham necessidade, & que os outros o podiam escusar. Nem isto quis acceitar o Padre, senaõ, que se haviam de dar esmolas, a quem as pedisse, & que lhe naõ fallassem mais neste particular. Continuou-se neste teor muitos dias, estando nòs em sũmo aperto, sem haver farinha, nem ainda pera nós. Eis que vem ao porto huma embarcaçaõ de Lisboa com muita farinha pera o Collegio, & pera vender, a quem a quizesse. Foi isto muito soado por toda a terra.

13 Houve marinheiro, que neste tempo por sua industria mandava pedir por varios escritos paõ, & como o dessem sempre, por naõ ser conhecido, fez hum barril de paens abiscoitados, que valia muito dinheiro naquella occasiaõ; & quando se quis embarcar, disse, que aquelle barril lhe dera de esmola o Padre Reytor Jeronimo Vogado, com espanto, dos que o ouviam.

14 Outro exemplo contarei, & he, que me disse o Irmaõ Boticario, que eraõ tantas as purgas, xaropes, & mesinhas, que se davam, que pela valia da terra valiam quatro mil cruzados; donde se veyo a queixar o Boticario de fora, que todos acodiam ao Collegio, & que elle nam vendia cousa alguma, & que se perdia, que aomenos se contentasse com dar mesinhas aos pobres, & deixasse os ricos, que as fossem comprar a sua botica. Mas naõ quiz acceitar a condiçam; continuava como antes, sendo que de Portugal lhe hiam estas cousas; que là naõ ha, quem saiba, & assim ficavam sendo de maior preço.

Athe aqui o Padre Simaõ de Aguiar, com quem concorda em parte o Padre Domingos Lourenço, o qual accrescenta.

15 Que todos os sabbados se matava Carneiro bastante, pera se dar porçam a todo; o que mandava pedir; & advirto, que quis Deos galardoar esta charidade, com dar a sentir ao Irmaõ Gaspar Alvres, sendo ainda secular, peraque no anno de 1621. ou vinte, & dous fizesse ao Collegio huma doaçam entre vivos de sincoenta mil cruzados, naõ fallando em outras heranças, & ricos legados, que ao dito Collegio deixavaõ outras pessoas, vendo como o Reytor delle os sabia repartir com os pobres.

16 Falleceo o Irmaõ Gaspar Alvres Noviço no anno de 1623, & deixou por seus testamenteiros, ordenãdo na ultima clausula de seu testamẽto, que todo o remanecente de sua fazenda se gastasse em esmolas, & em cazar orfans; & neste ultimo de amparar orfans dispendeo o Padre Jeronimo Vogado dezasete mil, & quinhentos cruzados.

17 Naõ sómente deu mostras de sua charidade no Reyno de Angola, mas em Portugal buscava esmolas pera gente nobre, & necessitada, & tinha muitas pessoas, a que acodia cõ ellas; dando por vezes dinheiro consideravel. Estando pera morrer, ordenou, que humas esmolas, que se lhe haviam de mandar, as repartissem por certas pessoas pobres, que nomeou.

18 Na portaria do Collegio de Braga lhe pedio hum pobre esmola, dizendo, que era doente de gota coral. Voltouse pera outra parte, meteo a maõ no seyo, & tirou hum pequeno de unha de gran bestia, & a deu ao pobre, por ser remedio provado pera aquelle achaque. Geralmente fallando, parece, que pera elle naõ havia maior alvitre, que darlhe occasiam de fazer bem, & exercitar a charidade.

19 Testimunhou Mathias Lopes Cavalleiro do Habito de Christo, que estando elle homiziado no Collegio de Loanda com outro seu amigo, hum dia conversavam com o Padre Vogado em hum cubiculo, a parede do qual, em que tinham as costas, era de huma torre alta, que entaõ se fazia pera a Igreja. Andando muitos officiais trabalhando ensima da dita torre, ella se veyo toda abaixo, caindo pera a outra parte contra o cubiculo, em que estava o Padre. De todos aquelles officiais, que eraõ escravos de caza, nenhum, naõ só naõ correo perrigo, mas nem lhe doeo cousa alguma, tirando o mestre da obra, que tambem era de caza, que ficou com huma muy leve escalavradura em huma perna. Todo este successo se atribuio à virtude do Padre Vogado; o qual logo com todos aquelles officiais foi à Igreja dar graças a Deos pela merce, que lhes fizera. Tambem se teve por milagre naõ cair nada da torre sobre o cubiculo, em que estava.

20 A hum Padre, que esteve em Angola ouvi referir, que vindo o Padre a cavallo da fazenda do Bengo, o cavallo tomando o freo entre os dentes deu a correr desapoderamente. Veyo com esta furia pera o Collegio, endireitou pela porta, por onde costumava entrar, a qual neste tẽpo só tinha aberto hum postigo, por elle se embocou o cavallo; ao entrar se cozeo em forma com a terra, & se abateo tanto, que entrou com o Padre, sem este ter o minimo perigo; & se naõ se abatera, sem duvida o faria em pedaços na porta, que era muito baixa.

CAPITULO VII.

Em Evora 1. de Ag. de 1645.

Vida, & vizoẽs do Irmaõ Antonio Pereyra Coadjutor temporal, de quem se dis, que resuscitou.

1 O Irmaõ Antonio Pereyra viveo sempre com muita virtude. Nelle por seus altissimos juizos obrou Deos huma cousa estranha, qual foi o resuscitar, tendo estado tres, ou quatro dias morto, & visto no outro mundo cousas notaveis, que contem doutrina santa, & avizos muito proveitozos, pera os que vivemos neste valle de lagrimas. Nasceo em o lugar da Anobra no termo de Coimbra. Seus pays se chamaram Pedro Pereyra, & Maria Joaõ. Entrou na Companhia em Coimbra aos seis de Junho de 1594.

2 Achava-se no Collegio da Ilha de Saõ Miguel em o anno de 1599 sendo Reytor o Padre Luiz Pinheyro, & Provincial o Padre Christovaõ de Gouvea. No Collegio eram moradores os Padres Antonio Vaz, & Mathias Carvalho, & os Irmaõs Estevaõ Simoẽs, & Paulo Fernandes, que era enfermeiro, & o foi muitos annos no Collegio de Coimbra. No tempo da Quaresma deu ao Irmaõ Antonio Pereyra huma doença mortal. O enfermeiro, & os mais viram em o Irmaõ os finais, dos que espiram, lançando a ultima lagrima, como costumam, os que morrem.

3 O Padre Luiz Pinheyro delle tem o seguinte testimunho: *Este Irmaõ Antonio Pereyra adoeceo em Saõ Miguel de huma doença mortal, & chegou a termo, que depois de ungido ficou sem sentido algum, frio todo o corpo sem ponta de calor, nem pulso, sò se lhe sentia respirar mui sutilmẽte, & assim esteve estirado em hũa cama com os pes, mãos, & olhos compostos, pera o amortalharem: como lhe faltasse aquelle fogo, cuido, que tres dias pera quatro, & ao quarto tornou em si, & se bem me lembro, sam da doença, que tinha, sem febre alguma, mas com huma chaga de estar tã to tempo de costas.* Athe aqui, o que deixou escrito o Padre Luiz Pinheyro, encostado a huma narraçaõ, de q̃ recolho, o que se hâ de dizer, a qual se guarda em os cartorios de Evora, & Coimbra, o original em Coimbra, o treslado em Evora.

4 Entrando pois o dito Irmaõ na agonia, depois de perder a falla, se vio em extraordinarias angustias, em que o puzeram os inimigos invisiveis. Das palavras, que naquelle passo lhe dizia, quem o ajudava a bẽ morrer, sò lhe aproveitavam os nomes Santissimos de JESUS, & Maria, que dis, eram pera elle, como huma tocha acceza, que lhe dava alento. Quando lhe naõ diziaõ estes Santos nomes, lhe parecia ficar às escuras, mui triste, & cheo de grande temor. Dezejava elle dizer, a quẽ lhe fazia os colloquios, que nam cessasse, em lhe nomear estes Santos nomes. Forcejava, mas naõ podia fallar. Por esta causa emcõmẽda muito o Irmaõ, que quem assistir a moribundos, depois que perdem a falla, naõ descanse, em lhe repetir estes Santos nomes, porque elles alentam o moribundo, & quebram as forças ao demonio.

5 Depois de naõ entender jâ palavra alguma, entrou em hum passo de tantas angustias, que o Irmaõ o naõ sabe explicar; & dis, que se elle cuidara, que havia de tornar a tal passo, nem mil pregos mui grossos o puderam pregar de maneira em hum madeiro muy grosso, que naõ tremesse mais, do que treme huma vergontea com o maior vento, que pode haver: & que se elle naõ tivera grãde fè em Deos, de que o havia de salvar, dissera naquella occasiaõ: se eu hei de ir ao Inferno, logo daqui cahirei

rei nelle, porque me naõ atrevo a passar; & naõ sei, que mais pena possa lâ haver, que a da prezente agonia. Neste tempo fazia grandes movimentos com o corpo com tanta força, que nem tres homens o poderiam ter quieto. Todo este desinquietamento nascia do horror, que tinha de vencer aquelle passo ingreme, & espantozo.

6 Via nelle huns dragoẽs feros, & assanhados, que o faziam pasmar. Estando assim angustiado, appareceram diante delle dous mancebos muy fermosos, vestidos de branco, que ao Irmaõ pareceraõ ser o seu Anjo da guarda, & o Santo do seu nome, deraõlhe grande esforço, & o alegraram, dizendolhe, que passasse sem temor, pera isso lhe deram a maõ. Agradeceo-lhes muito a benevolencia. Passou livre de perigo por aquella fragosidade. Logo desappareceram os dous mancebos, o Irmaõ ficou sô imaginando, porque parte caminharia. De repente se achou em outro passo mais medonho, que o referido. Era elle a modo de hum rodizio, quãdo com mais velocidade anda; tinha grande estreiteza. Por elle havia de passar com tanto tento, que hum quasi nada, que se desviasse, seria a tassalhado daquelles rodos, & de muitos demonios, que ali estavam em figuras espantozas, quais nenhum pincel de algum pintor poderia debuxar.

7 Achousse neste lugar com outra alma, que padecia as mesmas angustias. Estando nestas affliçoẽs accrescentadas pelos ministros infernais, chamou pela Virgem Senhora, q̃ lhe acodisse. Logo lhe pareceo, que a Virgẽ estava prezente, & q̃ lhe dava a maõ. Com este socorro vẽceo em claro dous daquelles passos, ficando cheos de rayva os demonios, que moviam aquellas rodas. Fizeram novas diligencias, pera o fazer pasmar. Entaõ disse a outra alma, que chamasse por nossa Senhora, que ella o ajudaria. Daqui em diante nunca mais a tornou aver. Restavam ainda muitos momentos por passar. As rodas andavam taõ ligeiras, como horas, quartos, & momentos de tempo.

8 Os demonios entendiam, que naõ tinham, que fazer com o Irmaõ, porque se houvera de ir ao Inferno, antes de chegar ali, jâ lâ estaria. Porem tudo isto eram diligencias, peraque desconfiasse da misericordia de Deos, & que assim se perdesse. A seu parecer, se naõ fora o favor da Senhora, que o ajudou, naõ poderia ir adiante. Quanto mais se chegava ao fim, tanto mais empenho faziam os inimigos, pera o fazer desesperar. Neste tempo vieram aquelles dous mancebos, que atras disse, os quais o livraram daquelle aperto, & muito o consolaram. Acabando todas as sobreditas cousas, ficou o corpo quieto, quebrado, & frio, dando o ultimo arranco, & correndolhe dos olhos a lagrima, que he o ultimo sinal de se acabar a vida; mas porque Deos naõ queria, que o enterrassem, permittio, que estivesse na bocca hum bafozinho muito pequeno, quanto fazia huma nuvemsinha em hum vidro.

9 Antes que passemos adiante, & digamos, o que lhe aconteceo no outro mundo, teve huma visam, a qual elle naõ sabe distinguir, se acazo foi, antes de espirar, ou depois; ainda que quanto parece, mais congruencia tem, pera que fosse antes. Parecialhe, que estava enfermo com outros da Companhia, & que neste tẽpo entrara hum Padre muy grave, & mezurado da nossa Companhia, q̃ dis elle, entendia ser nosso Santo Patriarcha acompanhado tambem de outros Padres, o qual queria levar pera o Ceo a hum, ou a dous dos enfermos. Hia visitando a todos, pera ver, quais estavam dispostos plenamente pera a jornada. Chegando ao Irmaõ Pereyra, ficou muito alegre;

per-

perguntandolhe, a tempo, que lhe punha a maõ, se queria ir pera o Ceo. Creceo o seu gosto, & se vio como cercado de resplandor.

10 Dous, ou tres Padres, que acompanhavam ao Santo, lhe deram o seu voto, de que estava disposto, pera ir ao Ceo. Quando o Irmaõ isto ouvio, contentissimo, naõ via a hora, em que havia de subir. Porem este gosto brevemente se aguou, porque o Santo declarou, que ainda nam estava disposto pera aquella felicidade, por certa cousa, que nomeou. Aqui teve o Irmaõ huma grandissima dor, & ficou muy triste. Este tocar do Santo foi como tomar-lhe o pulso, & dar a conhecer sua enfermidade espiritual, dizendolhe com rosto severo, que ella o impedia. Assim foi apalpando outros, como o jardineiro os pomos, pera ver se estam assazoados. Dis o Irmaõ, que no mesmo tempo estavam tambem alguns à morte, dos quais hum, ou dous acabou esta vida. As lidas, que assima disse, eram significadoras daquelles ultimos esforços, que costumam fazer os inimigos invisiveis, quando a alma està, pera se partir do corpo.

CAPITULO VIII.

Do que succedeo ao Irmaõ Antonio Pereyra, & o que vio depois de se apartar a alma do corpo.

1 INdo agora ao que lhe aconteceo, depois de se apartar deste mundo. Aquelles dous mancebos, que assima tenho dito, tendo elle sahido dos passos terriveis, & tormentozos, o levaram a hum campo muy fresco, & aprazivel. No meyo delle se via huma como ermida muy fermosa. De dentro della sahia hum rio mui doce, & suave. No meyo deste o puzeram, como em hum brando leito. Parecialhe, que o rio lhe entrava pela bocca, & lhe causava grãde suavidade. Disseraõlhe os dous companheiros, que descançasse, & comesse, que vinha fraco, & cançado daquella grande batalha. Parecialhe comer, & beber, sem se enfastiar. Perguntando-lhe os dous, se gostava daquella doçura? Respondeo, *Que nunca vira cousa tam saborosa, & que naõ merecia elle tantos mimos.*

2 Depois de descançar, lhe disseram, que se levantasse, & esforçasse pera outros passos nam menos espãtozos, que os passados, & outros muy amorosos. Levaraõ-no pera hum jardim mui fresco, no meyo do qual estavaõ quatro, ou sinco mancebos muito especiosos, vestidos de branco com huma coroa nas mãos. Porem antes de chegar ao jardim, houve de ser examinado, se acazo merecia aquella coroa. Por ser o caminho escuro, começou a caminhar com tochas accezas nas mãos. Entrando em o caminho lhe sahiram ao encontro muitos demonios em figuras horrendas, & lhe apagaram as tochas, ficando elle às escuras. Faziam muita força, pelo arrebatar. Nestas ansias chamou pelo seu Anjo da Guarda, que lhe acudisse. No tempo que os demonios forcejavam, se pegava fortemente a humas oliveiras.

3 Acodiolhe o Anjo da Guarda, metendolhe na maõ outra tocha acceza. Ao passo, que o Anjo lhe metia a tocha, corriam os demonios, pera lha apagar. Nesta lida jâ accendendo-a o Anjo, jâ apagando-lha os demonios, foi vencendo o caminho. Entre estas lidas lhe disseram os dous mancebos, que pera aquella coroa tam fermosa lhe cahir na cabeça, havia de chegar a ella com sinco tochas accezas. Batalhou tanto com aquelles inimigos, que chegou a ter as quatro accezas, mas nunca pode chegar à quinta, por isso nam foi coroado. Esta visam explica o Irmaõ na

for-

forma seguinte, dizendo, *Que lhe succedia ali, como a hum Rey eleito por votos, a quem huns favorecem, allegando suas boas obras, & outros desfavorecem, pondo labeo nas tais obras, levantandolhe muitas falsidades, pera naõ alcançar a coroa.*

4 Aquellas tochas accezas eraõ as boas obras, pelas quais se merece a vida eterna. E assim como apparecia a boa obra, os demonios sahiam a contradizella, trazendo muitos defeitos, com que se fizera: por tanto, que de tal obra se naõ devia fazer cazo algum. Aquella tocha, a que naõ podiaõ apagar, era a obra feita com perfeiçam sem alguma nodoa, ou nuvem de defeito. O pegarse às oliveiras era o mesmo, que valerse das misericordias Divinas; quãdo naõ achava nas suas obras cousa, que o favorecesse, nem descargas, que dar, entaõ o unico remedio era valerse da infinita misericordia de Deos.

5 Chegando a ter as quatro tochas, & vendose ja perto da coroa, q̃ era mais fermoza, que o Sol, lhe disseram os dous mancebos, que vencesse aquelle pouco espaço, pera ser coroado. Respondeo, que elle naõ podia dar passo adiante. Neste tempo eraõ grandissimos os gritos, que os Demonios lhe davaõ, porque se ajũraram muitos mil ao contradizer, vẽdo, que se vencia o pouco, que lhe faltava, ficavam sem esperança de mais o poder encontrar. Dis elle, q̃ esta ultima tocha lhe faltara, por ser remisso, & froxo nesta vida, em resistir a certa tentaçaõ, que o Demonio de continuo lhe trazia. Vendo, que naõ podia chegar à coroa, o consolaram os mancebos com esperanças, de que ainda a alcançaria.

6 Neste passo lhe disseraõ os dous companheiros, que se esforçasse, pera ver outras muitas cousas. Dali o levaraõ a hũ posto muy lastimozo. Disseramlhe, que visse a infinidade de gente, que cahia no Inferno. Levantãdo os olhos vio cahir tãta multidaõ de almas, que sò Deos as poderia contar. Estas se precipitavam em huns fornos accezos, cahindo com tanta pressa, & sofreguidaõ, q̃ naõ esperavaõ, que cahissem os dianteiros, senão huns hiam por sima dos outros, ao modo, que cahe o trigo entre as mòs, pera se moer, sem que os graõs, que estam detras, esperem, os que vam de diante, procurando hir huns por sima dos outros com grande pressa: ou como quando em hum campo se lançam ao povo moedas de ouro, correm todos arropellandose hũs aos outros, a quem primeiro ha de apanhar. Com estas comparaçoens explica este servo de Deos, o que nesta occasiaõ se lhe mostrou.

7 Aqui lhe perguntaraõ os dous companheiros, se via aquellas cousas? Respondeo muy espantado: *He possivel, que toda esta gente se perde?* Responderam, que assim passava. Faziam hum inexplicavel estrõdo, & de cada-vez creciam tanto, que parecia apagarem aquelle immenso fogo: bem como, dis o Irmaõ, se estando hum forno de cal muy accezo, lhe metessem tanta lenha junta, que nam a podendo tragar o fogo, ficava como abafado, mas logo torna a surgir, consumindo-a toda. Assim era aquelle fogo tragador.

8 Depois de ver esta perdiçaõ, o levaram as duas guias às portas de hũs paços mui fermozos, & grandes, disseraõlhe, que esperasse naquelle lugar, athe chegar o Juiz, que o havia de julgar. Em quanto se deteve, lhe mostraram muitas cousas deste mundo, como as falsidades, que nelle havia, & semelhantes enredos. Pouco depois sentio hum estrondo à maneira de rodas, & que elle era levado cõ tanta ligeireza, que dezapparecia. No fim se chegou diante do mais fermozo homem, que imaginar se pode: seu rosto podia fazer espanto a todo o mundo, naõ tanto de rigorozo, como

mo de fermozo, & mageſtozo. Porque, aindaque vinha a julgar, era como o pay, que quer mais dar caſtigo ao filho, pera ſe emendar, que pera outra couſa.

9 Eſte homem era Chriſto Senhor noſſo, que o vinha a julgar, & a outras dez, ou doze almas, que alli eſtavaõ. Poz nelle o Divino Juiz hũs olhos tam graves, & ſeveros, que lhe pareciam ſetas, que o aſſeteavaõ, & o reprehendiaõ. Eſtava o Irmaõ ſem dizer nada, paſmado de ver ſua mageſtoza fermozura, & ainda que vinha a caſtigar, lhe achava tanta ſuavidade, que ainda que o mandaſſe pera o Inferno, que lhe parecia, que nenhum cazo faria das penas, por maiores, que foſſem, em quanto eſtiveſſe diante delle. Por iſſo julgava, que a maior pena, que teriaõ os condenados no dia do juizo, ſeria ver a fermozura deſte Senhor, ſem a lograr, nem gozar della.

10 Parecialhe, que à quelle juizo particular naõ eram chamados, os que morriaõ em peccado mortal, porque no meſmo tempo, em que elle era julgado, eſtavam cahindo a modo de nuvens no Inferno. Declara o Irmaõ eſte ſeu ſentir com a parabola do trigo, & da zizanha, em que o Senhor dis, que no tempo da ſega, attem a zizanha em paveas, & a lancem no fogo, & o trigo o levem pera o ſeu Celleiro: & como eſta ſentença eſtà dada, naõ tem os ſegadores neceſſidade de levarem no tempo da ſega a zizanha ao Senhor; mas como ſabem a ſua ſentença, & vontade, daõ com ella no fogo: & que aſſim faziaõ os miniſtros da Divina juſtiça com aquelles, que eraõ joyo, & zizanha, quais ſaõ os peccadores. Que o trigo depois de ſer trilhado, & muito bem limpo, ha de ſer preparado, pera delle ſe fazer paõ, pera a meſa do Senhor. E que Deos goſta delle, como o pomareiro da fruta, que plantou, dãdo por bem empregado o ſuor, que niſto teve.

11 Naquelle juizo naõ eraõ muitas as peſſoas, que aſſiſtiaõ cõ Chriſto, mas eſtavam com a Senhora, que tambem ſe achava prezente. Parecialhe, que Deos ſe havia ali, como hũ pay, quando quer caſtigar hum filho, que dis a ſua mãy, que quãdo o açoutar, ſe meta por interceſſora, & lho tire das maõs, fazendo elle promeſſa de ſe emendar. O meſmo ſe afigurava ao Irmaõ fazer Deos com elle, & com as outras almas. Naõ lhe diſſe o juis palavra alguma; mas pondo nelle os olhos, aſſim lhe eſtava reprezentando no entendimento, quanto em ſua vida fizera, como ſe entaõ o eſtiveſſe fazendo. A iſto ſe ajuntava huma reprehençaõ, qual as couſas mereciam, ſentindo tambem interiormente huma dor mui grande, & q̃ o Senhor dera ſentença contra elle, de que eſtiveſſe no Purgatorio algum tempo.

12 Depois, que o Senhor deu a ſentença, lhe começou a pedir perdaõ com grandes anguſtias. Quanto mais inſtava, mais o Senhor o reprehendia. Acabando de julgar a todos, deu as coſtas, & ſe foi andando. Naõ vendo ja o Irmaõ o roſto do Senhor, chamou pela Virgem Senhora, pedindolhe, que rogaſſe por elle. Naõ o fizera athe entaõ, porque a viſta do Senhor o tinha todo embebido em ſi, & ſem o deixar attender a outra couſa. Falloulhe com palavras mui ſentidas, allegandolhe, pera o favorecer, o ſeu Rozario, que todos os dias lhe coſtumava rezar. A Senhora lhe reſpondeo, *que ſe naõ deſconſolaſſe, porq̃ naõ eſtaria no Purgatorio muito tempo.*

13 Acabando eſtas palavras, huma das Santas, q̃ acompanhavaõ a Senhora, lhe lançou humas contas ao peſcoço, & lhe diſſe, que ellas o tirariam brevemente do Purgatorio. Pareceolhe ſer eſta Santa Urſula, & as outras Santas onze mil Virgens, a quem rezava todos os dias a ſua coroa,

roa, por ellas ajudarem muito em semelhantes apertos a seus devotos. Ficou com esta santa prenda muito alegre, considerando, que contas seriaõ aquellas, & lhe occorreo, deviaõ ser as das indulgencias, porque notavelmente o alliviaraõ. Apartousse a Virgem Senhora com as companheiras pera a mesma parte, pera onde se tinha ido o Senhor.

14 Ficando o Irmaõ muito triste, foi continuado, & os dous guias chegaram com elle a huma porta estreita, & abrindo-a, lhe disseram, que entrasse, entrãdo pera dentro, vio hũ lugar a modo de poço fundo, & largo, sem ter agua, nem outra cousa, muito escuro, sò là embaixo apparecia huma luz de fogo daquelles incendios, em que elle vira cahir as almas. Nada delle chegava assima. O que alli lhe dava tormento, era a auzencia de Deos. Delle proprio sahia huma grãdissima dor, que dis, nam haver cousa, a que a possa comparar. Elle a naõ podia soffrer, & lhe parecia, que com ella se fazia em pedaços. Cuidando, que naõ teria fim, disse aos dous companheiros, que estavaõ à porta: *He possivel, que aqui nestas escuridades hei de estar tanto tẽpo?* Respondeolhe, *que sim.* Tornou a dizer: *He possivel, que de mim proprio ha de sahir a cruel dor, que me ha de atormentar?* Responderaõ, *que sim.*

15 Tornou a dizer: *Ora seja meu amado Deos pera sempre louvado, aindaque me lançasse nos Infernos, o louvaria, & lhe daria muitas graças. Deme as penas, que quizer, porque muitas mais mereço. Neste lugar estarei, em quanto elle for servido muito conforme com a sua Divina vontade.* Foraõ-se as duas guias, & o Irmaõ ficou solitario lidando cõ suas dores. Como a dor o atormentou com extraordinaria, & inexplicavel vehemencia, começou a chorar. Aindaque naõ estava no fogo, aquella dor era taõ grande, que lhe parecia, a naõ poderia fazer maior o fogo mais intenso. O unico allivio, que tinha, era conformarse com a vontade de Deos: o que elle neste mundo fizera sempre em suas molestias, & affliçoens.

16 No meyo de suas penas lhe occorreo hum concerto, que com Deos fizera em vida. Muitas vezes em suas oraçoens meditando nas penas, que por seus peccados padeciaõ os condenados, & nas que elle merecia, pelos que tinha cometido contra Deos, disse ao Senhor: *Bem sei, que mereço muitos castigos por meus peccados, mas vos, Senhor, haveis de fazer comigo hum concerto: Vós sois de justiça, & misericordia: a justiça exercitai em meu corpo nesta vida, como, & quando quizerdes: Seja eu nesta vida o mais martyrizado de todos os homens; pague tudo o corpo, pois elle vos offendeo: de vossa mizericordia haveis de uzar com minha alma, nam permittindo, que seja pera sempre cativa dos seus inimigos.*

17 Esta lembrança lhe servio de o confortar, dizẽdo a Deos: *Senhor, muito mais mereço, porque vos offẽdi.* Fazendo este, & semelhantes actos adormeceo. Estando assim dormindo, sentio hum grande estrondo a modo de rodas mui ligeiras. Abriraõse as portas daquelle lago, em q̃ estava. Chegaraõ os dous mãcebos, dizendolhe, que sahisse pera fora do tormento. Tomaram-no pela mam, & o tiraraõ da escuridade. Sahindo, o veyo receber aquelle Senhor, que o tinha mandado pera o tormento. Vinha cercado de resplandor, lançãdolhe os braços com alegria, perguntandolhe, como lhe fora? Nam lembrou ao Irmaõ, quando estas cousas escrevia, qual fora a sua reposta. Dali o conduzio a huns paços grãdiozos, & magnificos, onde estavam muitos mancebos de estremada belleza, os quais tocavaõ instrumentos, & cantavaõ

tavam com tanta ſuavidade, que as muſicas mais excellentes deſte mundo ſeriam em ſua comparaçam, como o officio de finados.

18 Deulhe o Senhor ali hum bãquete de muitas iguarias, das quais comia, ſem ſe poder fartar. Quanto mais comia, tanto mais fome ſentia. Porem com ſerem tais as iguarias, de tanta ſuavidade, quanta ſe naõ pode explicar, ſó lhe enchia o coraçaõ a viſta do Senhor, que diante de ſi tinha, parecendolhe, que elle era o proprio manjar, de que comia. Aqui lhe diſſe o Senhor, *Que elle havia de tornar a eſte mundo, porquanto peſſoas muy ſantas, & devotas faziam grandes penitencias, & oraçoẽs, pera que lhe deſſe a vida; que eſta era ſua vontade.* Conformando-ſe muito com ella, ficou ſuſpenſo, como quem ſe magoava de deixar tanto bem, & felicidade, dizendo, que naõ ſabia, ſe tornaria a ver ſua bella face. O Senhor o conſolou, com lhe ſignificar, quanto ao que em parte entendeo, que o tornaria a ver: que era neceſſario tornar ao mundo pera ſatisfaçam das petiçoẽs, que lhe faziaõ, & pera acabar de merecer aquella Coroa, que ſe lhe moſtrara no jardim.

19 Apoz iſto ficou o Irmaõ como dormido, & acordando, naõ tornou mais a ver o Senhor. Indo pera fora de huma recamara, onde eſtava, lhe ſahiram ao encontro os dous mãcebos, pera o alegrar com hum officio, que lhe deram, & dis elle, lhe parecia ſer em premio de huma obra ſanta, que em vida fazia, & ſempre fez. Vinha eſta a ſer, que todas as ſegundas feiras do anno em agradecimento de em hum tal dia entrar na Companhia depois da Dominga da Santiſſima Trindade, applicava todas as ſuas obras daquelle dia, como diſciplina, cilicio, Rozario da Senhora, Coroa das Onze mil Vingens, & mais devaçoẽs pelas tres mais deſamparadas almas, que no tal dia eſtavam no Purgatorio, que pois elle goſtava de o ter Deos tirado do mundo, tambem ellas folgariam de ſahir daquellas penas.

CAPITULO IX.

Do mais, que o Irmaõ vio, & como depois de tornar à vida, viveo, & morreo.

1 O Officio, que lhe deram, foi meterlhe hum dos mancebos hũa vara branca na maõ, dizendolhe, que foſſe ao lugar, onde as almas eſtavam purgando ſuas culpas, & que em nome do Senhor as mandaſſe ſahir, & ſubir ao Ceo. Começaraõ logo veſtidas de branco a ſubir pelos ares a modo de pombas alviſſimas. Hia o Irmaõ a traz dellas com tanta alegria, que lhe naõ cabia no coraçaõ, & parecia, que o peito com ella ſe lhe queria romper. No meyo deſte goſto deſabafou com eſtas palavras: *O divino officio, grãde ſobre tudo, o que abaixo de Deos he grande, o de encaminhar, & meter almas no Ceo.*

2 Subiaõ todas pera huns paços de eſtremada fermoſura, a cujas portas eſtava Chriſto Senhor noſſo tam reſplandecente, que o Sol em ſua cõparaçaõ era como huma triſte nuvẽ: tambem ali eſtava a Senhora veſtida de luz inexplicavel. Eraõ as almas recebidas com ſuaviſſimas muſicas. Em quanto entravam, eſperava o Irmaõ, pera tambem fazer o meſmo. Diſſeraõ-lhe, que eſperaſſe ali. Deſapparecendo o Senhor, & a Senhora, o vieram conſolar os dous companheiros, de que tantas vezes temos fallado, dizendo-lhe, que ainda nam era tempo de entrar naquelles paços, mas que eſtiveſſe certo, que nelles havia de entrar. Levaraõno a diverſas partes, & o enſinaram, como ſe havia de haver no mundo.

3 Mostraraõlhe muitas cousas futuras, das quais dis, que muitas eraõ cumpridas, quando fazia estes apontamentos. Huma das cousas notaveis, que vio foi a restauraçaõ de Portugal, que elle, por se lhe naõ declarar o enigma, imaginou seria por El-Rey Dom Sebastiaõ, que havia onze annos se perdera em Africa, & sobre que houve tantas novelas, & fingimentos; & a penas a esperança de elle tornar a reynar, athe o prezẽte està em alguns extincta. Tantas foram as saudades, que de si deixou nesta sua naçaõ.

4 A visam foi pelo modo seguinte. *Via, que hum homem na terra tragava todo o ouro, & prata, & fazia grandes oppressoẽs: este, dis o Irmaõ, lhe parecia ser o Rey de Castella, & que vinha outro, que livrava os povos de suas oppressoẽs. Este dis, lhe parecia ser Rey de Portugal, mas que senaõ era El-Rey Dom Sebastiaõ, que naõ entendia, como se havia de cumprir, nem por entaõ sabia outro sentido.* Isto se veyo a cumprir quarenta, & seis annos depois, que teve a visaõ, em o Senhor Rey Dom Joaõ o Quarto.

5 Vio tambem diversas cousas sobre a Companhia. Achouse em huma sala mui grande, & resplandecẽte: nella estavaõ muitos Religiosos da Companhia vestidos ao nosso modo, assentados naquella sala todos à roda, & todos resplandecentes sem algum defeito. Conheceo alli a hum Irmaõ Coadjutor, que por aquelle tempo morrera, o qual era obedecido dos mais. Pareceo-lhe, que lhe queriam nisto dar a entender, quanto se apremea a obediencia cega. Mandou aquelle Irmaõ, que a sala se mudasse pera outra parte, & que o telhado ficasse por sobrado. Ficou o Irmaõ Pereyra muito assombrado da visaõ, & dizia comsigo: *Hasse de ver no mundo, que hum Irmaõ Coadjutor, que naõ sabe ler, nem escrever, ha de mandar mais, que quantos letrados, & doutores aqui estaõ?*

6 Dizendo isto consigo, porque por ser hospede, naõ se atrevia a fallar, o Irmaõ Coadjutor mandou fazer outras cousas semelhantes, & ao parecer fora de proposito. Neste passo naõ se podendo jà ter o hospede, que naõ fallasse, disse estas palavras: *Porque rezam este Irmaõ, sendo sem letras, manda tais cousas?* Responderaõ-lhe, *Que aquelle Irmaõ no mundo obedecera ainda em cousas, que eram contra rezam, conformãdo-se em tudo com o querer dos Superiores; que por se ter feito escravo da obediencia, era agora senhor.* Esta reposta o consolou muito. Declara, que este Irmaõ se chamava Joaõ Gonçalves, o qual morrera no Collegio da Ilha Terceira no tempo da peste, & que sendo jà velho costumava trabalhar como hum negro.

7 Outras mais cousas lhe mostraram, que elle confessa, naõ sabia declarar, & que se considerava, por ser hum Irmaõ ignorante, como aquelle, que tem muitos milhoẽs de ouro, mas que os naõ sabe contar. Deixadas diversas visoẽs pias, & devotas; tendo visto huma da Paixam do Senhor, ficou como dormido, & se achou no cubiculo, onde estava o seu corpo; & lhe parece, que duas vezes sua alma o viera visitar, ainda que de huma se naõ certifica muito. Naõ entrava a alma no corpo, mas defronte delle lhe dava aquelle alentozinho, com que se cuidasse, que ainda havia reliquias de vida. Observou o modo, com que estava o corpo, & as cousas, que havia no cubiculo, & quando depois a alma entrou no corpo, & tornou em si, achou serem as cousas bem, como as tinha visto, antes de entrar no corpo. Tornando depois destas visitas, lhe mostraram outras visoẽs, que seria largo referir. Finalmente voltou a alma ao corpo, abrio os olhos, & deu sinais, de que vivia, tẽdo

do estado tres, ou quatro dias com espanto de todos o corpo na forma, que temos dito.

8 Nos primeiros seis mezes teve muito, que padecer em maõs de surgioẽs de huma chaga, que se lhe fez nas costas, pizandoselhe a carne com aquella grande força, & luta, que teve a alma nos ultimos arrancos desta vida, & dos dias, que o corpo esteve morto, sem bolirem com elle, nos quais a carne se hia jâ fazendo podre. Seis mezes esteve de cama, sendo curado duas vezes no dia. Chegousse a desfazer, & a ser tirada toda a carne da Cruz das espadoas, athe lhe ficarẽ os ossos esbrugados, com esta palavra se explica. As dores eram grandissimas, mas lembrandolhe, o que por elle tinha passado, as levava com muito soffrimento, porque sendo tamanhas, eram cousa pouca em comparaçam, das que padeceo no tormento.

9 Daqui em diante procurou de viver com maior vigilancia sobre si. Vendo o demonio o cuidado, que punha em se aproveitar, reforçou as tẽtaçoẽs. Hum dia à noite o quis matar. Outra vez o pretendeo afogar. Passou tudo na forma seguinte. *Reprezentou-lhe com capa de santidade, que comettesse certo peccado.* Respondeo, *que tal naõ faria, porque seria condenado, & ainda que os homens o naõ soubessem, naõ se podia esconder a Deos.* Succedia isto estãdo meyo dormindo. Neste tempo se chegou a elle hũ feyssimo demonio, que com sua horrenda figura lhe fez espanto, persuadia-o, que cahisse na culpa. Respondeo, *Que havia juizo rigoroso, contra quem quebrava os preceitos de Deos.* A isto disse o demonio; *tal juizo naõ hà.* Como o Irmaõ replicasse; *que sim havia.* Acodio o inimigo; *E quem vos disse a vôs, que havia juizo?* Respondeo, *que o dizia o Evangelho. Quanto mais, accrescentou, que eu tambem o digo, porque estive no particular diante de Deos, & sei, o que lâ passa.*

10 Quando vio, que lhe respondia taõ livremente, & que nam tinha, com que o contradizer, lhe disse: *Jâ que naõ queres fazer, o que te mando, te hei de tirar a vida.* A isto respondeo, *Que por tal causa gostaria muito de a perder, pera ir gozar daquelle Senhor, a quem amava de coraçam.* Neste tempo cheyo o inimigo de impaciencia, lhe lançou as mãos a bocca, pera o afogar. O Irmaõ no seu interior se offerecia a Deos cõ grande alegria; por se ter confessado, & cõmungado; por ser dia de nossa Senhora, & naõ sentir remorso de cõsciencia, morria muito alegre; sò lhe dava pena acabar fora do Collegio, porque isto lhe succedeo tres legoas fora de caza, onde fora por companheiro de hum Padre, que hia prègar da Virgem Senhora.

11 Neste tempo lhe acodio a Virgem, & o demonio fogio. O Irmaõ ficou taõ moido, que a penas podia tornar em si, nem levantarse da cama. Outra vez o quis afogar, fazẽdo baraço da propria camiza do Irmaõ. Muitas outras vezes embuçãdose o quis enganar, assim em sonhos, & meyo dormido, como acordado. Nestes apertos o despertava o seu Anjo da Guarda, ou huma Senhora mui fermoza, & o ajudavam, pera rebater os assaltos do inimigo.

12 Por vencer estas importunidades, com que o demonio o exercitou, se castigava com o cilicio, que sendo aspero lhe parecia cousa branda, & mimoza: tomava disciplinas, que passavam de mil, & tantos açoutes. Porem naõ eraõ estes rigores, o com que mais enfraquecia ao inimigo, & se alentava a si. O que lhe dava maior alento, era dizer a Deos, *Que antes padeceria mil mortes, & mil martyrios, que consentir em huã minima falta contra sua divina bõdade,* Repetindo frequentemente,

Antes arrebentar, que peccar; antes ir ao Inferno, sem offender a Deos, que fazer cousa, que lhe descontentasse. Tinha grandissimo cuidado de andar em hum continuo exame, cõsiderando sempre, quais eram suas obras, & fazendo, que nellas se naõ misturasse desagrado de Deos.

13 Sentia ansiozos dezejos de dar mil vezes a vida por seu Deos cõ os maiores tormentos, que imaginar se podem; tendo pera si, que lhe devia tanto, que nem por padecer cousas taõ excessivas, merecia delle o minimo favor. Se naõ fosse a obediencia, faria na materia de penitencias, & rigores grandes excessos. Só lhe concederaõ disciplinarse duas vezes na semana; como lhe naõ tayxassem os açoutes, o numero ordinario passava alem de mil. Abrazava-se em grandes dezejos de morrer. Queixava-se da morte, que levando a tantos, o deixava neste mundo, dizendo, que em o naõ levar, era pera elle mais cruel, queixando-se della, porque se naõ deixava achar; que com rezaõ podia nisto repetir o dito do poeta Portuguez: *Tenho hum bem, que mal me trata, nam me entendo com ninguem, quero bem, a quem me mata, & fujo de quem me quer bem.*

14 Chorava muitas vezes de saudades por aquelle bem, em que se vira: o qual dizia, ser taõ grande, que naõ havia com que o explicar; trazẽdo pera isto, o que daquelles bens soberanos dizia o Apostolo Saõ Paulo, depois de vir do terceiro Ceo. Assim como o Santo Rey David dizia, que as suas lagrimas eram pera elle o seu paõ de dia, & de noite, o dizia de si este bemdito Irmaõ, & que os olhos muitas vezes se lhe punham como nuvens grossas, cheas de agoa. Quando escrevia aquelles passos saudozos, em que se vira, lhe sobrevinhaõ tais saudades, que apenas podia escrever.

15 Teve particular devaçam a Payxaõ do Senhor, sobre a qual teve devotissimas visoẽs, entre as mais, q̃ naquelles tres dias vio. Depois disto sentio em sua alma huma paz de consciencia taõ grande, que elle mesmo se desconhecia, dizendo a Deos: *Donde a mim tanto bem, que vos, Senhor, me deis, o que eu naõ mereço; mas vos usais de vossa misericordia com aquelles, que a ham mister: bem differente andava eu, antes de ver estas cousas, qualquer successo me punha em desinquietaçam; porem agora venham males, venham bens, nam os temo, nem os quero; o que temo, quero, & espero, naõ o tem esta vida em si, por isso nam se me dâ nada. O que choro he, naõ ter mais cedo conhecido hum tam bom Deos, & naõ ter padecido por seu amor todos os tormentos, affrontas, & injurias. Minha magoa he como a do mercador de pedras preciosas, que vendo huma muito fina foi remisso em a comprar, mas depois, que lhe conheceo bem o valor, tem pena de a nam ter conhecido mais cedo, pera empregar nella todo o seu cabedal.* Com estas palavras desabafavam por vezes suas saudades.

16 Quando houve de apontar estas cousas, que lhe tinham acontecido, o fez algũs annos depois, movido de huma força interior, que a isto o levava. Por vezes teve propositos, de as naõ escrever; mas logo se sentia obrigado daquella força, que lhe desinquietava a consciencia, & fazia escrupulo. Protestou, que escrevia as ditas cousas pera honra, & gloria de Deos, & pera sua propria confusaõ, & pera que os que isto lessem, dessem graças a nosso Senhor das merces, que com elle usou. Viveo este Irmaõ sempre na Companhia, como homem de Deos, athe o primeiro de Agosto de 1645. Cuidouse com fundamento, que a ultima doença tivera sua origem em serrar as fontes, pelas quais se descarregava de humores o corpo. Chegou a esta-

do, que vomitava, quanto comia. Preparou-ſe com os Sacramentos, & morreo como juſto. Foi enterrado na Capella das Onze mil Virgens da parte do Evangelho em a Igreja do noſſo Collegio de Evora, onde falleceo no primeiro de Agoſto.

17 As circunſtancias, que neſta narraçam concorrem, fazem crivel, que foſſe mais, que força da imaginaçaõ tudo o referido; & os effeitos ſantos, que daqui neſte Irmaõ ſe ſeguiraõ, moſtram, que aqui interveyo alguma eſpecialidade da maõ de Deos.

CAPITULO X.

Mayſſûr 1. de Junho anno de 1711.

Vida do Veneravel Padre Manoel da Cunha Proto Martyr da Companhia na glorioſa Miſſaõ de Mayſſûr. De como entrou na Miſſaõ, & de huma perſeguiçaõ, que nella teve.

1 NAſceo eſte ditoſo homẽ em Aldea nova do Cabo (aſſim nomeada pera diſtinçam de outra povoaçaõ chamada tambem Aldea nova) he do Biſpado da Guarda. Seus pays ſe chamavaõ Antonio da Cunha, & Izabel Antunes. Entrou na Companhia em Coimbra pera a Provincia de Goa aos onze de Julho de 1696. & entrou pera eſtudante tendo de idade 20 annos, ſete mezes, & quinze dias; ſendo Meſtre dos Noviços o Padre Antonio Vieyra, natural de Arrayolos, que, quando iſto eſcrevo, he Reytor em o noſſo Collegio de Santarem. Da certidam do bautiſmo conſta fora bautizado aos 4 de Fevereiro de 1675.

2 Era conhecidamente Noviço de muita virtude, & pelo ſer lhe concedeo o Padre Meſtre, que pudeſſe fazer os votos, que coſtumam os Noviços, antes de ter anno. Aos quinze de Março do ſeguinte anno de 1697 partio de Coimbra pera Lisboa, & ſe embarcou pera a India, ſendo ainda Noviço. Acabados ſeus eſtudos em Goa, foi pera a Miſſam do Reyno de Mayſſûr pertencente a Provincia de Goa.

3 He a Miſſaõ de Mayſſûr no trato como a de Madurè, os Miſſionarios profeſſaõ a vida de Jogues, ou penitentes, & aſſim a vida he tam aſpera, que naõ hâ em Europa Religiam mais eſtreita, nem penitente, naõ comem carne, nem peyxe, nem bebem vinho. Quem deſtes Jogues o fizeſſe, ſeria tido por homem execrando. Tem outros muitos uſos, & continencias penoſas, que juntas cõ o trabalho do officio requerem virtude mui apurada; & dizer de hum homem, dos que andam neſtas bemditas miſſoẽs, que he hum Santo em carne mortal, naõ he dizer muito.

4 Entrou na Miſſaõ pouco menos do anno de 1708. Tendo a ſufficiente noticia da lingua, começou a trabalhar, & a padecer; porque ſaõ ali mui continuas as perſeguiçoẽs, movidas pelos Meſtres da Ceita dos idolos, por ſe lhe tirarem com a converſaõ ſeus diſcipulos, de cujo enſino comem. Tem os Miſſionarios dividida a Miſſaõ em Reſidencias, ou deſtrittos tocantes a cada hum, pera aſſim acodirem melhor. Nos annos de 1709, 710, tinha o Padre Cunha a ſua conta a Reſidencia de Anacalû. Neſtes dous annos padeceo muitas enfermidades, que o naõ deixaram trabalhar à medida do ſeu dezejo.

5 Enſinou porem a lingua a dous Padres, que foraõ de novo pera a Miſſaõ. Bautizou 82 adultos, & ſetenta, & duas crianças. Sacramentou vinte, & quatro moribundos, o qual trabalho naõ he pequeno, por eſtarem em povoaçoẽs diſtantes. Entre eſtes foi hum Chriſtaõ, que havia trinta annos, nem ſe confeſſava, nem vinha a Igreja. Por ſer muito ſeu eſque-

esquecimento nas materias da Fè, se deteve o Padre com elle tres dias, em que o instruio, & confessou. Recebeo o enfermo notavel consolaçaõ, & logo entregou ao Padre sinco filhos, pera que os bautizasse.

6 Tambem nestes dous annos confessou duas mil nove centas, & sincoenta, & oito pessoas. Entre estas pessoas houve hum Christaõ, q̃ havia seis annos naõ vinha à Igreja, entrou em tanta dor de seus peccados, que hum dia inteiro esteve na Igreja chorando, & pedindo em altas vozes misericordia. Confessou-se, & dahi a tres dias o achou sua molher morto de repente.

7 He naquellas terras abominavel o cazeremse as viuvas. Como huma Christaã cazasse, se puzeraõ os gentios contra isto; porem assim cõ razoẽs, como com outros exemplos, ficaram convencidos, mas cheos de furor, espreitando occasiaõ, em que perseguir com algum pretexto a os Padres Manoel da Cunha, & Paulo Branco, contra quem era a sua tosse.

8 Começaraõ a meada aos 18 de Julho de 1710 estando os Padres em Capungàti. Depois de terem dito Missa, chegou ali o Governador de Tellemmangalaõ, Bramane por casta. Fingindo, pera melhor enganar, que era hum Bramane de Devandali, onde em traje de Bramanes assistem os nossos Padres Francezes, assentando-se junto à porta, mandou dizer ao Padre Cunha, que lhe fosse fallar. Indo o Padre, tanto que o vio, entendeo havia trayçaõ. Perguntoulhe, q̃ queria, respondeo com donaire; que lhe desse algum pouco de arroz, & legumes. O Padre lhe respondeo cõ desdem, que sendo Governador de hum lugar, a elle pertencia prover os Religiosos pobres, & naõ estes aos Governadores. Que se ficasse a paz de Deos, que elle tinha, que rezar, & se despedio a por em cobro alguns fanoẽs, dinheiro daquella terra, que apenas pode entregar ao moço, que lhe cozinhava o arroz, porque o Bramane lhe foi no alcance.

9 Começaraõ a concorrer soldados, que consigo trazia, & ficou clara a trayçaõ. Perguntandolhe o Padre Cunha, que tinha contra elle, a nada respondia. Fez vir o Padre Brãcã, & os moços, que serviam aos Padres. A todos meteo na Igreja; pondo o seu sinete na porta das suas cazas, & rodeando toda a Residencia de soldados. Tendo-os assim seguros, disse aos Padres, que haviam de ir com elle a sua povoaçaõ, que lâ saberiaõ, o que tinha com elles. Porque eram horas de jantar, disse o Padre Cunha, que era necessario tomarem algum sustento. Permitio-lhes, irem à cozinha com dous soldados. O jantar foram humas beringellas mal concertadas.

10 Feito isto partiram os Padres com as guardas pera a povoaçam, ficando o Bramane revolvendo as cazas, & fato. Em tudo, quanto achou, poz o seu sinete, fazendo escarneo de todas as peças, em especial de hũ Crucifixo. Logo foi pera hum alpendre da povoaçaõ, em que estavam os Padres, disselhes, que tinha ordem do seu Maioral de Ossûro pera os meter na fortaleza. Respondeo o Padre Cunha, que lhes desse culpas, ou que os deixasse ir a Ossûro, dar rezam, & descarga ao Maioral. Porem vendo, que naõ fazendo por vontade, o que o Bramane mandava, o fariaõ por força, padecendo alguma descortezia em desdouro da nossa santa Ley, se foram meter na fortaleza.

11 Para seu sustento lhes mandou dar quatro medidas do arroz, q̃ tinhaõ em sua caza, & huma medida de lentilhas. Apenas puderam alcançar, lhes mandasse entregar os seus Breviarios. O lugar, em que os puzeraõ com os seus moços, foi hum alpendre muy pouco reparado das injurias do tempo. Tanto que ali teve

os

os Padres, tornou a Capunagati, pera conduzir o fato dos Padres. Posto tudo em seguro, foi ter com os Padres jà com animo mais soccegado, acompanhando-o alguns Bramanes, que se compadeceram dos Padres.

12 Vendo-o o Padre Cunha mais brando, pediolhe concedesse do seu fato algumas cousas necessarias. Respondeo, que sim Por entaõ fez vir as suas pobres camas, dizendo, que no seguinte dia iria com elle ao alpendre, em que o fato estava, & tomaria, o que lhe fosse necessario. Varias vezes perguntou ao Padre se tinha algum dinheiro, a que respondeo, que nem consigo, nem em caza tinha algum, salvo huns seis Santos Thomes, que se achariaõ debaixo do cabeçal da sua cama em huma bolsa. Estes por esquecimento deixou o Padre de por em cobro. Respondeo o Bramane, que assim era, mas que elle naõ abrira a bolsa, que imaginando ter dinheiro, a metera em hum saco com outras cousas, que iriaõ ambos ao lugar, que lâ se abriria, & se veria, o que havia dentro.

13 Em effeito indo os Padres cõ o Bramane, & outra gente, aberto o saco, por mais voltas, que se deraõ ao fato, a bolsa naõ appareceo. Todos se persuadiam, que o Bramane a furtara, & o Padre Cunha instava pela restituiçaõ, por ser o ultimo quartel do sustento daquelle anno. Reforçouse a sospeita, em o Bramane escrever por meudo ao Maioral, o que achara no fato dos Padres, sem fazer mensaõ da bolsa. Vendo pois que naõ apparecia o dinheiro, se foi pondo às boas com o Padre, pera que naõ fizesse queixa do furto. Approveitouse o Padre da occasiaõ, em lhe pedir do fato cousas pera si, & seu companheiro, que elle dava de boa vontade, como quem o queria ter contente. O que mais estimou, foraõ os paramentos pera dizer Missa.

14 Mandou-os tornar a fortaleza, & que pudessem nella sahir a espaireccer athe hum tanque. Aos moços consentio irem comer a suas cazas, com tanto, que viessem depois disso pera a fortaleza. Indo ali algũs Bramanes, disseram ao Padre Cunha, *Que daquella vez ficava o seu contrario perdido*; & *que naõ devera dizer, que o dinheiro da bolsa era taõ pouco.* Respondeo o Padre, *Que nẽ por salvar todo o mundo podia elle dizer huma mentira, quanto mais por fazer mal ao Bramane.* Ficaraõ muito admirados de haver homem de tanta verdade, quando entre elles naõ hâ moeda mais corrente, que a mentira. Serviolhes a benevolencia destes Bramanes, porque na prizam lhes acodiraõ cõ algumas cousas necessarias, & fallaram em seu favor.

15 Tanto que estes Bramanes se apartaraõ, se chegou hum moço por nome Pedro ao Padre Cunha, & lhe disse em segredo, *Que elle tinha a bolsa.* A penas o creo o Padre, senaõ depois, que lha mostrou. Fora o cazo, que o moço Pedro era hum, dos que revolvia o saco, quando no alpendre se abrio, & buscava o dinheiro, estando sobre elle os olhos de todos os circunstantes, como se Deos os cegasse, elle tomando a bolsa, a meteo no pano, com que estava cingido, sem nenhum advertir. E naõ apparecendo, naõ occorreo ao Bramane mandar buscar, os que revolveram o fato. Permitindo-o assim Deos, pera por este meyo vir o Bramane a pagar suas insolencias, & maldades, cujo castigo se originou da falta da bolsa.

16 Nove dias eram jâ de prizaõ no desabrigo do alpendre, acabaraõse as quatro medidas de arroz. A fome era grande, & a remediavam com Nacheni, genero de comida mui vil, & aspera. Queixouse o Padre Cunha ao Bramane diante de outros Bramanes, que pondo a maõ na bocca (sinal entre elles de grande admiraçaõ

raçaõ

ção) differaõ: *Grande peccado, grãde peccado*, querendo com isto declarar, quanto mal tinha feito o Bramane, em assim tratar os Padres. Tẽdo o Maioral de Offûro noticia desta queixa, mandou aos Padres alguns fanoẽs, com que se foraõ remediando.

CAPITULO XI.

O mais, que passou athe o fim desta perseguiçaõ.

1 FInalmente foram levados com guardas a Offûro, fazendo seu caminho a pè. Chegando jâ tarde, os meteram em huma caza, onde hum Bramane lhes acodio com o necessario. No seguinte dia foram à prezença do Maioral, que os recebeo com severidade. Perguntoulhe o Padre Cunha, *Que era, o que tinha contra elles?* Respondeo, *Que seus crimes eram destruir a casta dos Gollaros, fazer discipulos à força de dinheiro, & encantos, estar na Provincia de Offûro sem licença, & que fazia ouro.* Assim o imaginam aquelles gentios, que os Padres saõ insignes alquimistas.

2 Respondeo o Padre. *Quanto aos cazamentos, com que me dizeis destruo as castas, eu sempre aconselho a meus discipulos, os façam conforme as ceremonias, & usos das suas castas.* Contentou a reposta, porque concordava com a dos Christaõs Gollaros, que ainda estavam prezos. *Quanto a fazer com dinheiro discipulos, se assim fora, disse, naõ faltariam Bramanes, que o fossem. Que os encantos eram as evidencias da verdade, que pregava, da qual constava naõ haver mais, que hum Deos, & que os idolos eraõ fingimento. Que se o Deos verdadeiro era hum, tambem havia de ser huma a Ley verdadeira.* Perguntandolhe por ella, lhes explicou os Mandamentos. No fim lhes perguntou, *se eram conforme a boa rezaõ.* Dizendo elles, *que sim*, ajuntou, *pois estes saõ os encãtos, cõ que faço discipulos.*

3 *Quãto ao estar na Provincia sem licença*, disse pera o Maioral; *quãtos annos hâ, que me lãçastes fora!* Respondeo, *que havia vinte ou trinta.* Acodio o Padre *Ahi vereis o vosso engano, pois hà somente dous annos, que estou nesta Provincia. O que eu sei he, que hâ quatro, ou sinco annos, que o vosso Rey passou provizaõ, que nem aos Padres, nem aos seus moços os rendeiros pedissem tributo. A provizaõ tenho em meu poder, nesta terra vive o escrivam, que a fez, delle o podeis saber.*

4 *Quanto ao fazer ouro, he dito engraçado: dizeime, se eu fizera ouro, nam podia fazer huã fortaleza a meu modo, armar soldados de outros Reynos, & vir tomar este vosso. Se naõ faço estas, & outras cousas, credetãbem, que nam faço ouro. Se assim he, acodiram os Bramanes, & que nada levais dos discipulos, donde vos vem o dinheiro, com que vos sustentais, & os vossos moços? Vẽme* (Respondeo) *cada anno certa quãtia da minha terra, com que nos remediamos. Bem està*, replicaram, *& quãdo agora vos prenderam, nam tinheis nada? Sim tinha*, respondeo; & a este proposito contou o cazo da bolsa, callando, o que o moço fizera em a recolher. Ficou com isto taõ satisfeito o Governador, que nada mais lhe fallou em dinheiro.

5 Por fim da disputa concluio o Padre, dizendo, *que examinasse de vagar os crimes impostos, & que achãdo-o culpado, o podia castigar.* Respondeo o Barbaro com ira, *que pera isso o mãdara prender, por lhe virem muitas queixas de suas cousas.* Dito isto os mãdou tornar à cadea, & que a elles, & ao seu cozinheiro lhe dessem o sustento, & que os mo-

moços prezos pediſſem eſmola pelo lugar de Oſſùro. Parecendo eſta ordem grãde tirannia a todos os prezẽtes; diſſe o Padre Cunha, *Que elle pediria eſmola, & que, o que lhe mandava dar a elle, ſeria pera os moços, por naõ morrerem à fome.* Como eſtavam prezentes alguns Bramanes, ficou o Governador envergonhado cõ a replica, & lhes mandou dar a todos arroz, ſal, & lenha pera o guizarem.

6 Depois de terẽ os ſervos de Deos padecido neſta prizam boas neceſſidades, porque a regra era apertada, foram chamados ao tribunal do Governador da Fortaleza. Cuidavam, que por naõ ſer Bramane, teriaõ menos deſabrigo, mas ſuccedeo-lhe pelo contrario, porque os tratou com mil zombarias, & vilipendios, que elles ſoffriaõ com grande conſolaçam, pelos padecerem por ſeu Deos. Perguntou ao Padre Cunha, *que faziaõ naquelle Reyno.* Reſpondeo com gravidade, *que enſinava a todos o caminho pera a gloria.* Replicou o Governador, *que pois aſſim era, lhe enſinaſſe o caminho, pera ir à ſua Queilaſſà* [aſſim chamaõ os idolatras a huma das ſuas glorias] *que dezejava ir lâ, & tornar a eſte mundo.* Reſpondeo o Padre, *que da gloria, que elle enſinava, naõ ſe tornava a eſte mũdo, porque era eterna.*

7 Daqui ſaltou a outra couſa, pedindolhe as chaves das gavetas de outro Padre, cujo fato ſe tinha tomàdo em huma caza dos moços. Reſpondeo o Padre, *que as naõ tinha,* imaginando, que nellas havia ouro, mandou vir hum official, abriraõ-ſe; achando nellas couſas de devaçam, tomãdo-as nas maõs faziaõ mil zombarias, punham os Bramanes as veronicas huns a os outros nas cabeças, dizendo: *Ja es diſcipulo do Padre,* & outras palavras de rizo. Cuſtou muito aos ſervos de Deos, ver eſcarnecidas as couſas ſantas; queriam moſtrar ſeu ſentimento, mas era tal à algazara, que nam dava lugar a ſerem ouvidos.

8 Neſte tempo Chegou ordem do Governador de Oſſùro, em que dizia, *eſtiveſſem apparelhados, pera tornar a Telem-Mangalam, pera ſe findar o ſeu negocio, & que elle tambem havia de ir.* Foi o Governador no cavallo do Padre Cunha: tem os Miſſionarios eſte ſubſidio, por ſerem muitas, & compridas ſuas viagens, & os moribundos, a que ſe deve acudir com preſſa, em lugares diſtantes. Os Padres hiaõ a pè. Vendo hum Bramane ir deſcalço ao Padre Branca diante do Governador, movido a compaixam, tirou os ſeus papuzes, que he hum genero de çapatos, & os deu ao Padre. Neſtes caminhos fes delles o governador por vezes eſcarneo, & zombaria.

9 Chegados ao fim da jornada, ſe tornou a dar volta ao pobre fato, q̃ lla eſtava, & à buſca à bolſa, q̃ era toda a lida neſta fatal buſca, ſem ella apparecer; deu algumas couſas do fato a os Padres, nas mais poz o ſeu ſinete. Naquella noite inveſtio com o Bramane Governador do lugar, que era ſeu ſubdito, & foi o primeiro, que fabricou eſta maquina, que agora lhe deu na cabeça. A negra bolſa foi, aque lhe deu garrote, porque todas as ſoſpeitas eſtavam contra elle. Chamando-o o Governador, & perguntadolhe, *ſe tinha alguma couſa dos Padres,* jurou por vezes, *que nada tomàra.* Fes hum termo por ſua maõ, em que dizia, *que ſe em ſeu poder, ſe lhe achaſſe couſa dos Padres, pagaria em penitencia doze patacas.*

10 Feito o termo, ſe paſſou ao caſtigo, levados alguns açoutes, confeſſou alguns furtos de couſitas curioſas, que os Padres uſam ter, pera dar em prezente aos principais, quando com elles vam tratar. Eſta confiſſaõ confirmou de todo a ſoſpeita, que havia contra elle do furto da bolſa;

por isso continuaraõ os açoutes, & elle naõ podendo soffrer mais, disse, *que tambem furtara a bolsa, sendo que tal naõ era.* Logo exhibio a suma, que se dizia estar nella.

11 No seguinte dia mãdou o Governador chamar ao Padre Cunha, indo achou num alpendre ao castigado taõ moido, que se naõ podia ter em pe; & taõ humilde, que tudo eraõ cortesias ao Padre, dizendo ser justo castigo do verdadeiro Deos. De cuidarem os Bramanes o mesmo, nasceo mostrarem grande respeito ao Padre. Chegando o Governador lhe mostrou bom rosto, dizendo, *que jà tinha apparecido o seu dinheiro*, & voltãdo-se pera o Bramane açoutado lhe disse grande soma de injurias. Jà o Padre era tocado de algum escrupulo, pelo ver taõ castigado, sem ter feito principal furto. Pedio ao Governador, lhe perdoasse, que antes queria perder todas suas cousas, do que ser occasiaõ, de que alguem tivesse a minima molestia. De quando em quando dizia pera o culpado, *que o Deos, que adorava, acodia por seus servos, quando padeciaõ innocentes, castigãdo, aos que lhe faziaõ mal.*

Edificavaõse os Bramanes da piedade do Padre, & disseram pera o Governador, *que naõ tinhaõ visto, que alguem fizesse mal aos Padres, & ficasse sem castigo do Ceo.* Doendo-se o Governador, disse, *que elle fazia oque lhe mandavaõ.* Deu sinco fanoẽs ao Padre, que montam tanto como huma pataca; & accrescentou, que lhe faria restituir tudo. Mas que em quanto naõ viesse reposta da Cidade, estivesse na sua Residencia sem susto, que os soldados, que lhe punha de guarda, eraõ só por ceremonia.

13 Logo tornou a entender com o miseravel, pera que pagasse as doze patacas do termo, visto estar comprehendido em furto. Como pedisse misericordia, o quis outra vez mandar açoutar; aqui acodio o Padre Cunha, pedindo, que aos favores, que lhe tinha feito, ajuntasse o de perdoar ao triste Bramane, que bem castigado estava. Abrandou-se, & resolveo, que em lugar das doze patacas desse doze fanoẽs

14 Depois de tudo isto tornou o Padre Cunha pera a Residencia, onde deixaua o companheiro. Estiveraõ athe os 30. de Julho com guardas. Veyo ordem do Vizo-Rey, que os soltassem, & lhe restituissem tudo: mandandoa ao Governador, fes della pouco cazo, sem os Padres entenderem a rezam. Por esta causa continuaraõ com guardas athe os onze de Agosto, em que veyo outra ordem mais apertada. Mandando-lha, o encontrou o portador no caminho, logo se apeou, entregando o cavallo do Padre em que vinha, & montando em hum seu, que trazia àdestra.

15 Chegou à povoaçaõ, foilhe fallar o Padre Branca, por estar com febre o Padre Cunha. Disselhe, *que queria fallar com o Padre Cunha*, foi este com trabalho. Entaõ lhe disse o Governador, *se faria, oque elle lhe pedisse*, Respondeo, *que se fosse cousa, que pudesse, naõ faltaria, pois naõ reconhecia naquella terra outro senhor, senaõ a elle.* Pagando-se de taõ cortez reposta, lhe disse, oque cõtinha a ordem à cerca da sua soltura, & restituiçaõ dos bens, mas que lhe havia de dar palavra, de naõ ensinar a sua ley a Gollaro algum, ajuntando muitas rezoẽs de conveniencia. A isto respondeo o Padre, *que tal naõ podia prometter, pois só a esse fim tinha ido a Mayssûr.* Finalmente por dar hum corte às altercaçoẽs, disse, que elle trataria o ponto com outros Padres, que se nisso viessem, lhe faria avizo.

16 Cõ esta reposta se accõmodou, & lhe deu os fanoẽs, que faziaõ os seis Sam Thomes da bolsa. Lançou ao Padre pela cabeça huma peça, de que elles

elles usaõ, & lhe deu bethe, & areca aos moços, que saõ sinais de benevolencia, dizendo ao Padre, que o fosse visitar muitas vezes a Ossuro, & que recolhesse o seu fato, se nelle faltasse alguma cousa, lha faria restituir. Vindo o Padre pera caza mandou por hum catequista dizer ao Governador, que no dia seguinte estimaria lhe fizesse graça de passar pella sua Residencia. Estimou a offerta, & indo deu grandes mostras de benevolencia. Ao despedir lhe fes o Padre offerecimento de huma cousinha curiosa, que muito estimou. Deste modo se pos fim a todo este enredo, & perseguiçaõ de que estes servos de Deos tiraram bom merecimento, & comque o mesmo senhor foi dispondo ao Padre Cunha pera o Martyrio, comque o queria coroar.

CAPITULO XII.

Da occasiaõ, que houve pera os inimigos da Fè affrontarem ao Padre Manoel da Cunha.

1 POucos eraõ os annos, que o Padre Cunha contava da missaõ, quando o Senhor lhe quis dar o premio, que nam deu a muitos em toda a vida gastada nestes gloriosos trabalhos. O modo comque Deos lhe preparou taõ feliz coroa, foi o seguinte. *Tendo o Padre assistido com outros missionarios ao Officio funeral do do Padre Paulo Branca, aquem Deos levara pera si na Residencia de Darmapuri, se partio pera Cangonti em ordem a tornar a levantar ali a Igreja, que na invasaõ dos Mouros se tinha queimado. Fes esta viagem no Abril de* 1711, *tempo, na terra, das maiores calmas, andando mal convalescido de humas febres, posto que o Padre Francisco dos Reys, em cuja Residencia se fes o Officio, o quis deter alguns dias, pera tomar mais algum alento, nada o pode impedir, porque o Ceo o chamava com huma força occulta, pera mais depressa o levar pera si.*

2 *Chegado a Cangonti, logo tratou de sitio pera fazer a Igreja; o antigo era apertado, & pequena a Igreja, sendo jà muitos os Christaõs; & havendo esperenças de se accrescẽtarẽ, a dezejava maior. Pera isso pedio licença ao Gaura, ou Maioral da Aldea, que servia em lugar de hum Bramane. Elle a deu de boa vontade, & tambem o Bramane. Com estas licenças se deu principio à pobre fabrica. Como o Padre naõ tinha caza assistia entre tanto debayxo de humas arvores, em que os Christaõs lhe tinham feito huma pequena ramada. A este lugar vieram ter com o Podre muitos gentios, os quais movidos assim doque tinham ouvido, como da sua pratica, prometteram de receber o bautismo. Auguns delles deram logo seus filhos, pera serem bautizados. Vieraõ tambem muitos de casta Dazaros somente pera disputar, & os mais mandados pello seu Gurû, ou Mestre principal, que tambem o era do Regulo.*

3 *Trasiaõ ordinariamente os mesmos Pontos pera a disputa, mas sempre com alguma difficuldade, que naõ sustentavam por muito tempo. Os pontos principais eraõ* da Unidade, & Incorporeidade. *Direi somente duas disputas, dellas se entenderaõ as mais.* A primeira foi de hum Bramane, que dizia, ser Deos corporeo. Duas rezoẽs fundava a seu modo naquelle principio, ou proloquio. Ninguem da oque naõ tem. Logo se Deos, dizia elle, nam tem corpo, como o deu a estas cousas creadas. *A esta disputa sò presidia o padre, & defendia hum catequista, por se fallar em lingua Tamul.*

4 *Respondeo pois o catequista, que pera Deos fazer o mundo, naõ era necessario, que fosse corporeo,*

assim como pera fazer tanta variedade de cousas, nam era necessario, que fosse cada huma dellas. Que o ser espiritual era mais perfeito, como elle dizia, & que sendo Deos Ente perfeitissimo, como elle tambem confessava, necessariamente havia de ser espiritual, & naõ corporeo. Com estas, & semelhantes rezoẽs convencido, concedeo que Deos era espiritual. Accrescentava porem, que pera fazer o mundo, fizera primeiro a Brumâ creador de todas as cousas, & como este era corporeo, por isso pudera fazer todas as cousas corporeas. Perguntoulhe entam o catequista, quem fizera o corpo do seu Deos Brumâ? Vendose o Bramane apanhado, sem responder, desviou a pratica, & se acabou a disputa com muita gloria de Deos, & louvor do catequista.

5 A segunda disputa foi de hum Dazaro, que vinha ainda mais empenhado, & tam arrogante, que trazia consigo outro Dazaro pera testimunha de suas glorias. *Impugnava este a Unidade de Deos, pertendendo mostrar, como Brumâ tambem era Deos, & senhor soberano, digno de toda a veneraçaõ. Perguntoulhe entaõ, se o Brumâ era creador de todas as cousas? Respondeo elle, que sim, & via mui bem, onde as perguntas hiaõ dar consigo. Neste passo o Dazaro, testimunha, começou a rir das repostas de seu companheiro. Indignouse muito, de que se houvesse daquelle modo, o que o devia defender, & cheo de colera lhe perguntou, de que se ria?* Respondeo, que athe entaõ callàra, pello ver nas primeiras perguntas obrigado a conceder huma cousa abominavel, nam só em Deos, mas ainda nos homens, porque se Brumâ era creador de todas as cousas, & foi cazado, seguese, que teve coito com suas filhas. *Com esta reposta tomou o Dazaro tanto fogo, que, se pudera, com unhas, & dentes, se lhe lançàra ao rosto.* O Padre, que muito se alegrava, de o ver assim concluido, pera ver se o podia fazer capas da rezaõ, começou a fallar com brandura, porem como o Dazaro estava tam assanhado, sem attender às palavras do Padre, mui enfadado, & colerico, se levantou, & se foi.

6 Nestas, & semelhantes disputas gastava o Padre muita parte do dia; naõ sem algum fruto, & grandes esperanças pera o tempo futuro, muitos gentios de outras seitas estàvaõ jâ tam abalados, que entendia o Padre delles, que nam esperavam mais, que pello fim das disputas, pera receber nossa santa ley. So os Dazaros, que nas disputas eram os empenhados, se davaõ por offendidos. Muitos delles ameaçaram o Padre. Andavam juntos, & em magotes, como quem buscava occasiaõ, pera se vingar, chegaram a tais termos, que os Christaõs avisaram ao Padre, que fosse dormir à Igreja, que supposto nam tinha mais, que as paredes, & essas quebradas; por estar dentro na Aldea, estava o Padre nella mais seguro.

7 Recolheose o Padre logo mais por consolar os Christaõs, q̃ por medo algum, que entaõ tivesse. Fiavase o Padre muito em duas cousas, a primeira, *porque nam avia exemplo de outra semelhante, depois que a Companhia andava em Maysur.* A segunda, *porque o Dalavay, ou Geral do Reyno, com quem ja tinha fallado, o recebeo, & tratou com muitas mostras de amor.* E como o nam he fóra desta narraçaõ, & serve, pera o que o adiante se ha de dizer, direi, o que passou nesta visita.

8 Havidas as licenças pera se tornar a levantar Igreja, & no tempo, que os Dazaros concorriam mais pera as disputas, mandou o Padre visitar ao Dalavay do Reyno, dizendo, que estava naquelle lugar, & que dezejava muito fallar com elle. Respondeo com cortesia, que entam naõ podia

podia, que passados certos dias viria; & naõ podendo ainda entam vir, mãdou avizar pera outro dia. Certificado o Padre de sua vinda, o foi esperar em huma caza, que o mesmo Dalavay tinha mandado concertar, por naõ ser costume, entrarem ali estrangeiros na fortaleza, em que o Rey assiste.

9 Trasia o Dalavay consigo o mesmo Regulo, que elle tinha feito, prendendo primeiro o Irmaõ mais velho, por naõ fazer cazo de huma sua filha, com quem o tinha cazado. Como o Regulo era moço, o Dalavay governava tudo com tanta authoridade, como se elle fora Senhor proprio. Assim como chegou o Dalavay, o Padre se levantou, & indo andando pera o receber, hum Irmaõ do Regulo, que vinha diante, se apeou logo do seu cavallo, o mesmo fes o Regulo, & o Dalavay, adiantandose este a fazer as cortezias com mostras de muita urbanidade.

10 Acabadas as cortezias se assentou o Regulo em huma alcatifa, & o Dalavay, supposto que tinha taõbem seu bancal pera o mesmo, o mandou afastar, & se assentou somente sobre huns paños, que os creados tinhaõ posto por baixo conforme o costume daquella terra. Vendo o Padre, que o Dalavay senaõ assentava no bancal, mandou tambem afastar o seu, oque elle nam consentio, dizendo, que fazia aquillo por outra causa, que o Padre naõ sabia. Com isto se assentou o Padre: offereceo logo ao Dalavay hum abàno, huma pedra de cobra, & huma couzinha da China, que elle recebeo de muito boa vontade, fazendo primeiro sua reverencia ao Regulo; & depois offereceo tambem ao Padre hum Tupeti fino, que he hum paño branco à maneira de lançol, hum cesto de graõs torrados com quantidade de jagra, & pera os moços tambem hum cesto de betha, & areca, que naõ offereceo ao Padre por ser cousa, que os Religiosos, & penitentes nam podem comer. Estiveram depois fallando por largo tempo, & dandolhe o Padre conta da Igreja, que tinha levantado, pedindolhe tambem o seu beneplacito, o Dalavay deu tudo por bem feito, & o confirmou de taõ boa vontade, como faria hum Principe Catholico em nossas terras; & lâ pella tarde, quando jâ se queria tornar, mandou o Dalavay chamar ao Padre & se despedio delle, com mostras de grande affabilidade, pedindolhe, que o tivesse no seu amor.

11 Esta foi a visita, & com ella ficou o Padre tam contente, & satisfeito, que dandose ja por seguro tratou logo a festa da Ascençaõ na sua Igreja nova, sem fazer cazo dos ditos dos Dazaros, ainda que elles nam deixavam as suas juntas, & se dizia de novo, que vinha tambem o Gurû, ou Mestre principal, oque a alguns dos Christaõs naõ parecia bem, mas o Padre confiado no Geral, & honras diante de tanta gente, que sô dos seus soldados seriam duzentos, naõ acabava de se persuadir, que elles pello medo do Geral, se afoutassem, ao que diziam. Confirmouse mais, porque na terça feira, antevespora da festa, o veyo visitar hum Bramane, que tinha o titulo de Mestre do Dalavay, mas o seu officio proprio era o de arrecadador do dinheiro.

12 Recebeo o Padre a este Bramane com muita affabilidade, & elle por aquella ves se fingio mui bem, porque trazendo consigo a tres Dazaros, & metendo hum delles a pratica das disputas, disse pera o Bramane, *Que o Padre ensinava, que somente Xarruvesparèn era Deos; & que Brumâ o nam era*; & respondeo o Padre; *que tudo assim era, & que nam sô o dizia, mas que o provava, como elle mesmo muito bem sabia.* Acodio o Bràmane, *que nam hia pera aquillo, & que sò queria huma mezinha pera alacraos*, que he huma das cousas, que

que muito procuram aquelles gentios. Como o Padre a naõ tivesse, pera lha dar, o Bramane se sahio hum pouco carregado. Ficou com tudo o Padre naõ sò mais confirmado, mas assentou consigo de todo, que as cousas naõ eram, como se diziam, & que o empenho do Guru naõ seria tã grãde, que senaõ acabasse tudo com huma disputa.

13 Nesta confiãça passou o Padre aquella noite de terça feira, mas na quarta sendo avizado, que os Dazaros vinham concorrendo de diversas partes, & espalhãdose huma voz sem autor, que o Dalavay do Reyno reparava ja em tanta assistencia, que o Padre fazia naquella terra, & perguntàra, porque senaõ hia elle dali embora, mandou chamar o mayoral da Aldea, & lhe perguntou, se tinha alguma ordem da fortaleza sobre elle, ou se os Dazaros sem ella executariam alguma cousa. Respondeo, q̃ elle naõ tinha ordem alguma, que sem ella os Dazaros nada se atreveriam, q̃ vindo ordem, a elle se havia de remeter.

14 Com isto se tornou o Padre a soccegar, & começou a concertar o seu altarzinho, pera dizer Missa, & celebrar a festa com a maior solemnidade, que lhe fosse possivel. Estando ja pera começar a Missa, mandou dizer ao Maioral, que tinha feito aquella Igreja com ajuda sua, & que estava pera dizer a primeira Missa, que dezejava muito, que lhe viesse assistir, pera que os Dàzaros naquelle tempo lhe naõ fizessem algum desacato. Respondeo, que por entam naõ convinha, por estar tudo cheo daquelles caens raivozos, & sospeitariam delle, que estava da sua parte, mas que podia fazer o seu Sacrificio, que elle entretãto os deteria. Pera segurar mais o Padre em prezença do Catequista fallou cõ os Dazaros, & lhe perguntou, o que queriam. Responderaõ elles, *que vinham pera fallar com o Guru de Xarruvesparen, pois ha de ser com a rezam, ou com violencia*, replicou o Maioral? *Nos nam vimos*, disseram elles, *fazer violencia mas vimos fallar com a rezam, estãdo vos tambem prezente.* *E quãdo ha de ser*, tornou o Maioral? *Quando vier o nosso Guru, que ha de vir ainda*, responderam elles, *& mais alguns Bramanes, & entam vos chamaremos.*

15 Com esta noticia, & segurãça, começou o Padre a sua Missa, que sendo a primeira, que disse naquella Igreja, foi tambem a ultima que disse em sua vida. Entre tanto vieram mais huns quarenta, & oito Dazaros, q̃ juntos com outros, & com bandeirinhas levantadas, atabales, & charamelas, davam significaçaõ dos seus intentos. O Maioral, que estava de vigia, vendo tanta gente junta, & temendo jà alguma desordem, mandou chamar hum Christaõ, dos que estavam ouvindo Missa, & mandoulhe, que fosse logo à fortaleza, & contasse da sua parte ao Dalavay tudo, o que passava.

16 Voltou o Christaõ logo pera a Igreja, disse isto mesmo ao Padre, que jà tinha acabado a Missa. Elle o despedio logo a toda a pressa, & fez huma breve pratica aos Christaõs exhortando-os a soffrer pelo amor de Deos todas as injurias, que lhe fizessem. Jà neste tempo se hiam chegando alguns Dazaros, & assentavaõse da banda de fora, ou pera vigiarem ao Padre, que se lhe naõ fosse das maõs, ou pera esperarem ali, pelos que faltavaõ. O Padre que naõ tinha jà entaõ menos perigo em fugir, que em ficar, & naõ querendo tambem deixar aos Christãos dezemparados, & a Igreja muito arriscada, se deixou estar da banda de dentro, esperando pela reposta do Dalavay.

C A-

CAPITULO XIII.

De como os inimigos da Fè feriam mortalmẽte ao Sãto Padre Manoel da Cunha, & o mais que passou athe sua ditoza morte.

1 ANtes que chegasse a reposta, vieram mais de sessenta Dazaros, & muitos Bramanes, & com grande algazara arremetendo pera a Igreja, começaram a espancar os Christãos, que lhe quizeram impedir a entrada, dous dos quais só bastavam pera afugentar toda aquella canalha; mas acodindo o Padre começou a fazer sinal com a maõ, pera que huns, & outros se accõmodassem. Obedeceram os Christãos, & os Dazaros vendo-se mais desembaraçados, correndo todos ao Padre, o começaram a levar aos impuxoẽs, pera onde estava o seu Gru, sem se atreverem ainda entaõ a mais, athe que o Bramane Gru do Delavay lhe deu cõ hum pao nas costas, & com isto começaram logo os mais a descarregar sobre o Padre, huns na cabeça, outros nos braços; estes com paos, & com os cabos das lanças, alguns com catanas, & athe aquelles, que naõ tinham armas, ou naõ podiaõ usar dellas, valendo-se das mãos, & da lingua, lhe davam muita punhada, & o hiam continuamente impuxando, & dizẽdo mil injurias.

2 Encostou-se o Padre a huma parede jâ meyo desmayado, & aqui foi, onde elles se desenfrearam mais; tanto assim, que se naõ fôra o Bramane, de que assima referi o argumento, que por ser de outra patrulha, ou por ter alcançado a verdade, o hia sempre defendendo, naõ seria facil ao servo de Deos passar adiante. Banhado jâ todo em seu sangue, que lhe corria de duas feridas da cabeça, & huma cutilada na maõ direita, foi o Padre apprezentado ao Gru, que estava assentado em huma alcatifa, taõ soberbo, & cheo de colera, como o Padre o estava de brandura, & humildade.

3 Falloulhe o barbaro com desprezo, chamãdo-o por *Tu*, & perguntoulhe logo, *Quem era, que lingua era a sua, & de que casta era?* Foi o Padre respondendo com mansidaõ, & chegando ao ponto da casta, ficou callado, naõ se atrevendo por escrupulo a nomear a casta de Xatri, de q̃ se fazem todos os Missionarios naquella terra. O Gru atribuindo o silencio a fraqueza, o perguntou a hum seu Catequista, a quem o Padre estava encostado, & respondendo elle, que o Padre era Xatri, passou logo às cousas da Ley, & perguntou ao mesmo Catequista, *Quem era Deos?* Respondeo elle, *que era o Senhor de força infinita*, & perguntandolhe o Gru, *quem era o Senhor de força infinita*, estiveram assim hum pouco de tempo metidos quasi em circulo, respondendo hum, & perguntando o outro; athe que perguntando o Gru, *quem era o Senhor de tudo?* Respondeo o o Padre, *que Xarruvesparen, ente a se espiritual, & perfeitissimo.* Esta he a palavra, porque alì nomeam ao verdadeiro Deos.

4 Desta reposta fez o Gru muita zombaria. *Sim, sim,* dizia elle, *& tu entam donde saiste, se Deos he ente espiritual?* Respondeo o Padre. *Que se elle quizesse, facilmente lho mostraria.* Naõ se querendo o Gru meter em contingencias, perguntou *se o Brumal de Tripudo, idolo celebre entre aquellas gentes, era Deos?* Respondendo o Padre, tomou logo por testimunha ao Mayoral da Aldea, que naõ estava muito pera isso, porque ainda que gentio chorava como huma criança. O mesmo faziaõ tambem alguns gentios de outras ceitas; & athe as molheres vendo levar assim ao Padre se lançaraõ aos pes dos

dos verdugos, pedindo-lhe, que o largassem, & naõ fizessem tam grande peccado.

5 Só o Padre estava cheo de hũ inexplicavel gosto, por ver exaltado, a custa de seu sangue, ao verdadeiro Deos. Aumentouse-lhe mais a consolaçaõ, porque pegando o Gru com hum Christaõ de pouco bautizado, & perguntandolhe, *se elle fora seu discipulo?* Respondeo, *Naõ*. Perguntando mais, *se seu pay o fora?* Disse tambem, *que naõ, ou que naõ sabia, nem elle se metia, com o que seu pay fizera, ou deixara de fazer. Pois pera que tomaste esta ley*, replicou o Gru. *Porque meu pay*, disse o Christaõ, *me nam ensinou nunca o caminho da verdade, como este Sacerdote agora fez.* Naõ se podia dar melhor reposta por hum Christaõ de muitos annos. Outro Neofito vendo levar prezo, & espancar o Padre, puxou de hum punhal, & com huma piedoza simplicidade, começou a gritar, que lhe largassem o seu Gru, ou Mestre, se nam, que se matava com aquelle punhal.

6 Dous Christãos antigos vendo ao Padre naquelle estado, se quizeraõ abraçar com elle, pera o defenderem à sua custa, ambos foram detidos com feridas, & hum delles com huma bem grave, que lhe deram no rosto. Tambem ao Catequista, que acompanhava ao Padre, deram huma cutilada nas costas, alem de muitas pancadas, mas nem por isso se afastou jâ mais do seu lado, antes elle era, o que o sustentava diante do Bramane, & o q̃ mais fallava diante de todos os Dazaros, que estavam tam furiozos, & dezejozos de acabar com o Padre, que varias vezes mandaram afastar a gente a grandes brados, & gritos. Vendo o Gru, que a maior parte do povo, & os Bramanes desapayxonados se lastimavaõ do Padre, & temẽdo algum castigo, voltando-se ao Santo Martyr, fingindo brandura, lhe ordenou, que se sahisse logo daquellas terras, dizendo-lhe: porque em quanto aqui estiveres, tirasme os meus discipulos, & tirandome os meus discipulos, tiras-me os meus fanoẽs, & tirandome os meus fanoẽs, tirasme a minha vida.

7 Quis o Catequista, que deixasse ficar o Padre ao menos por aquella noite, pera se curar, mas nam foi possivel. Instou o Padre a quem as feridas dos Christãos, & dos outros davam maior cuidado, que sua propria cura, mas tudo foi em vaõ, porque o Gru lhe mandou resolutamente, que fosse logo buscar o seu fato, & que sem falta, se partisse na mesma tarde. Pera maior segurança da execuçam mandou com elle algumas pessoas cõ ordem, que o naõ largassem, athe o naõ porem fora do Reyno. Vendo o Padre, que naõ podia ser menos, & q̃ o Christaõ naõ acabava de chegar da fortaleza, se tornou pera a sua Igreja acompanhado ja das guardas, & lançando os sacos sobre o cavallo; por naõ haver tẽpo pera mais, se partio a pè, despedindo-se primeiro dos Christãos: choravam estes inconsolavelmente, vendo o desamparo, em que ficavam.

8 Quis o Padre no caminho por via do Catequista, & de alguns fanoẽs facilitar as guardas, mas naõ foi possivel acabar com elles, que o largassem, athe o naõ lãçarem fora daquella terra. Nesta forma andou o Padre toda aquella tarde, & chegando a huma aldea, em que havia alguns Christaõs, se deixou ficar ali aquella noite, começando jâ entaõ a sentir algumas dores, porque athe aquelle tempo nem no caminho, nem em Cangõti, na occasiaõ das pancadas, as tinha sẽtido, como elle mesmo disse. No dia seguinte estava tam opprimido dellas, que se naõ podia bulir. O braço esquerdo estava como tolhido, porque alem de ter levado muita pancada, tinha levado huma no cotovelo, que o naõ deixava menear. Mais molestado

lestado ainda estava o braço direito, porque alem de estar ferido, era o que tinha levado mais pancadas, naõ sò por lhe ficar mais à maõ, mas porque caindo o barrete, & o pano ao Padre logo à primeira pancada, acodio com aquella maõ à cabeça, & deixando-a assim ficar, sobre ella descarregou a maior força das pancadas.

9 Finalmente o Padre se achava jà em tal estado, que nem a pè, nem a cavallo podia andar, obrigado porẽ da necessidade se poz ao caminho, & chegou no Domingo de tarde a Capinagati, cabeça da sua Residencia. Foi logo chamado hum surgiaõ de nome, por ter feito algumas curas admiraveis. Este alem de ser gentio, era de seita Dazaro; assim como vio as feridas, sem saber ainda o que passava, pera animar o doente, começou a dizer, que naõ era nada, & que lâ estava Brumâ, ou Rutren, que com o seu favor tudo havia de acabar em bem. O Padre que no Basar de Cangoti diante de tantos Dazaros, & depois de levar tanta pãcada, o negou por Deos, vendo-se agora em sua mesma caza, & por hum Dazaro encommendado àquelle diabo, ferido de outra maior dor, & de hum sentimento notavel, o mãdou logo pela porta fora mais de pressa, do que tinha vindo.

10 Estava prezente hum Catequista, que dezejava ver as feridas sans, & cuidãdo, que dizia alguma cousa, disse pera o Padre *Bom, bom Senhor faça elle a sua cura, que nisso he, que està o ponto.* O doente, que naõ tinha bem acabado com o gentio, voltou sobre o Catequista, & o reprehendeo mui bem. Callãdo-se o gentio, & vendo o Padre a sua necessidade se deixou curar, protestandolhe primeiro, que se o fazia pelas oraçoẽs de Brumâ, ou de algum outro diabo, naõ olhasse, nem puzesse maõ em suas feridas.

11 No dia seguinte vendo-se o Padre naquelle estado, despedio logo pera Darmapuri hum proprio, que de palavra contou tudo ao Padre Francisco dos Reys, que jâ naquelle tempo tinha algũa noticia, mas estava cõ grãde cuidado, por naõ saber, aonde o Padre estava, ou como se tinha achado, depois de sair de Cãgoti: certificado agora de tudo quizera partir, senaõ estivera de caminho pera Budapi a fazer a sua profissaõ, como jâ antes estava determinado, mas sendo preciso ir algum Padre, foi o Padre Antonio de Santiago.

12 Partio logo no dia seguinte, que foi huma quarta feira, chegando na quinta a Capinagati, achou ao Sãto Padre muito mais affligido, do que cuidava, ainda que por entaõ com a vista de taõ bom companheiro se esqueceo por algum tempo de suas dores, & feridas, que supposto naõ eraõ muito penetrantes, estava a maõ direita, & o braço todo taõ inchado, & com tais dores, que o naõ deixavam socegar de dia, nem de noite. Estava o Padre taõ conforme com a vontade de Deos, & taõ contente com todas estas molestias, que de todas ellas dava muitas graças a Deos, tendo-as por grande favor seu. Como na occasiam de Cangoti naõ sentira dores, julgava por nada tudo, o que athe ali tinha obrado, & alegrava-se muito, do que entaõ padecia.

13 Na forma sobredita foi o Padre passando athe sabbado, em que lhe começou a faltar o crecimento, & ficou alguma cousa mais aliviado, mas logo tãbem naquella noite começou a variar, & continuou assim por todo o Domingo, por mais que o Padre Santiago trabalhava, por lhe desfazer as suas apprehençoẽs. Naõ estava ainda o Padre sacramentado, nem o companheiro achava já lugar, ou intervalo pera o fazer. Como o Padre antes tinha pedido os Sacramẽtos, o Padre Sãtiago se lãçava a culpa a si, pelo ter entretido com espe-

graça de melhoria, por isso vigiou cõ mais cuidado, por ver se se abria occasiaõ opportuna, pera o poder sacramentar.

14 Na segunda feira de tarde tẽdo advertido, que a sua maior lida era com os Christãos, com a Religiaõ, & com as cousas de Cangoti, o companheiro o foi levando por este caminho, & metido o Sãto Varaõ em praticas do Ceo; como se sò pera ellas tivesse o entendimento expedito, foi logo tornãdo, athe ficar em seu perfeito juizo. Sabendo entaõ, que naõ estava sacramentado, se começou logo a dispor, gastãdo nisto cousa de duas horas, pedindo depois ao Padre lhe lesse hum capitulo de *Contemptus mundi*. Assentado em sua pobre cama, tendo hum Crucifixo nas mãos, banhado em lagrimas, fez huã confissaõ geral de toda a vida com tãta cõtriçaõ, que naõ sò fez admirar ao cõfessor, mas entendeo que Deos, como a creatura, que muito amava, o queria levar pera si.

15 Confirmou-se ainda mais, porque acabada a confissaõ, & todo o mais tempo, que depois gastou em fervorozos actos, tornou logo a perder o juizo, & assim ficou athe o outro dia; succedeo-lhe entaõ tãbem o mesmo, que antes, porque tornou em seu perfeito juizo, pera receber o Sãto Viatico, fazendo primeiro hum colloquio em tudo semelhãte a sua confissaõ. Brevemente tornou a cõtinuar com as mesmas lidas, chegãdo a termos de naõ querer comer com o sentido no martyrio. Se o Padre lhe fallava em comer, dizia, *Que jâ nam havia tempo pera isso, & que ambos haviam de ir jantar com Christo, por estarem sentenciados a morrer pelo mesmo Christo.*

16 Dizendo o Padre Sãtiago, *Que elle estava apparelhado pera a jornada, mas que primeiro hia dizer Missa, pois ainda tinha tempo pera a dizer. Visto isso*, respondeo o enfermo, *deixẽme deitar, & dormir.* Acabada a Missa, se persuadio facilmente a comer, por ver, que o Padre assim o fazia. Com isto se lhe foi em parte desfazendo aquella imaginaçaõ. Todas suas imaginaçoẽs, & perturbaçoẽs do entendimento lhe nasciaõ da falta do sono, porque depois de passada a primeira noite, que havia jâ huns doze dias naõ tinha o Padre dormido nada, mas soccegãdo na quinta feira alguma cousa, tornou a seu juizo perfeito, & ficou por espaço de dous dias sem outra molestia alguma, mais que a da maõ, na qual tinha jâ seis buracos grãdes, & cada dia se lhe abriaõ huns, & faziam maiores os outros, athe que finalmente depois de lãçarem muita materia, se começaraõ a esvair em sangue, que sahia huãs vezes de huns, outras de outros, algumas dellas em tãta quãtidade, que o surgiaõ desconfiou de todo.

17 Entaõ o avisou o Padre Sãtiago do estado, em que estava; elle, que em todos aquelles dias naõ perdera o tempo, vendo-se jâ mais propinquo à morte, tornou a renovar a sua mesma confissaõ, a repetir os actos, & multiplicar os colloquios. Chegãdo finalmente a hora de sua bẽdita morte, elle mesmo a conheceo, & se começou a ajudar, chamãdo pelo Sãtissimo nome de JESU, & depois de hum pequeno espaço, lãçãdo hum braço ao companheiro, com toda a quietaçaõ, & socego descãsou em o Senhor ao primeiro de Junho de 1711, havendo dezoito dias, que fora mortalmente ferido pelos Dazaros de Cãgonti em odio de nossa Sãta Fè. Este foi o glorioso trãsito do Sãto Padre Manoel da Cunha primeiro Martyr da Missaõ de Mayssûr, o primeiro Missionario, que no seu governo mãdara aquelle Reyno o Padre Manoel de Sarayva Provincial da Provincia de Goa. Foi sua morte em Capinagati.

CAPITULO XIV.

Outras cousas pertencentes a este martyrio, & ao Santo Padre Manoel da Cunha.

1 HAvia somente tres annos, que andava na Missaõ, & por meyo das duas perseguiçoẽs referidas o dispoz, & chamou Deos pera si. Espirou o Padre com a ferida da maõ ainda aberta, as da cabeça mal fechadas, & todo elle em tal estado, que estenderlhe Deos mais a vida, foi, pera mais se lhe prolongar o martyrio, & augmentar o premio. Naõ pode o Padre dizer, quãtas seriaõ as pãcadas, que levou, nem ellas se podiam tam facilmente contar, ainda que bem se pode inferir do effeito, & da confissaõ de alguns daquelles gentios, que vindo depois a Anacalû, destricto de outro Regulo, & referindo o successo todo, accrescentaram, que se o Padre naõ estava ainda morto, naõ tardaria muito, q̃ naõ morresse. O Catequista, que se achou naquella occasiaõ, & sempre o acompanhou, disse, *Que as pancadas foram mais de duzentas*; menos ainda bastariam, pera dar logo a vida, principalmente estãdo tam fraco, & sendo de taõ poucas forças, como era, depois que tinha ido pera a Missam, mas Deos lhe conservou a vida, pera por meyo de maior tormento lhe fabricar maior coroa.

2 Era o Padre Manoel da Cunha hum excellente operario. Naõ se poupava ao trabalho, naõ o rendiam suas enfermidades. Muitas vezes assim doente se punha ao caminho pera acodir ao proximo com tãto excesso, & detrimento seu, que o Padre Superior lhe escreveo ultimamente hum escrito, em que lhe pedia, & mãdava, que tratasse mais de si, & se houvesse de modo com o seu corpo, que naõ viesse a fazer maior falta à Missaõ, em tempo que ella tãto necessitava de operarios. Naõ sabia ainda neste tempo o Superior, o que tinha passado, mas avizado do estado, em que se achava o Padre, & do muito, que dezejava avistarse com elle, antes de morrer, mal convalecido ainda de humas febres, se partio de Assona, por ser o caminho comprido, & de muitas chuvas, teve aviso de sua morte, antes de chegar a Capinagati.

3 O mesmo tambem succedeo ao Padre Frãcisco dos Reys. O Padre Manoel de Carvalho natural de Matozinhos, a quem tive por discipulo do latim em o Noviciado de Lisboá, & hâ jà annos trabalha com muito espirito em Mayssûr, tendo avizo da morte do Padre, chamou os Christãos, & lhes fez sobre a materia huma breve pratica, que se arrematou com muitas lagrimas de todos.

4 Direi agora outras noticias pertencentes ao mesmo martyrio, & de como o author do maleficio foi castigado. No tempo que os Dazaros em Cangonti executavaõ seu furor, chegou à fortaleza o Christaõ, que assima disse, fora mãdado, contou da parte do Mayoral da Aldea ao Delavay, como os Dazaros com pretexto de argumentar, se dispunhaõ pera algum maleficio contra o Padre. Respondeo o Dalavay, *Que de nada sabia, nem que elles se atreveriam a tãto sem seu consentimento.* E disse ao Christaõ, *que se os Dazaros quizessem argumentar, o fizessem com a rezam, se o Padre quizesse depois ficar, ficasse, quãdo nam, o deixassem ir, tratãdo-o com benevolencia.*

5 Vindo o Christaõ com taõ favoravel reposta; encontrando outros dous, que lhe referiaõ a nova das pãcadas, voltou pera a fortaleza; contou ao Dalavay, o que passava. Espantando-se, do que ouvia, se começou a queixar, dos que governavam a Al-

a Aldea, por naõ impedirem tam grãde peccado. Chegou neste tempo hũ Dazaro com carta do Gru, que elle leo diante dos mesmos Christãos, que em poucas palavras dizia assim: *Lançamos fora a este Gru de Xarruvesparen, se vós naõ vierdes nisto, nos naõ podemos estar neste Reyno.* Com esta carta se encolerizou o Dalavay, & disse palavras irozas, que se elles naõ estivessem, nam faltaria, quem estivesse, se elles eram, os que governavam. E cousas semelhantes.

6 Sem responder nada à carta do Gru, despedio os Christãos com hũ soldado, pera saber, o que fizeraõ os do governo no meyo destas desordens. Quando chegaraõ, acharam em grãde oppressam aos Christãos. Tinha o Gru dado ordem, que ninguem lhes desse fogo, nem vendesse nada, nem deixasse tirar agoa dos poços. Prohibio aos barbeiros, & surgiões cozer, & curar as feridas aos Christãos. Como todos se persuadiam vir tudo por ordem do Dalavay, era obedecido à risca. Tomando noticia de tudo o soldado, tornou à fortaleza: informado o Dalavay mãdou logo por em guardas ao Gru com alguns Bramanes, avizou a certos ministros, que tomassem conhecimento do cazo.

7 Chamãdo estes diante de si ao Gru, & Bramanes, assistindo muita outra gente, lhe perguntaram pelas culpas do Padre. Respondeo o Gru por todos, que o Padre dissera, *Que somente Xarruvesparen era Deos, & que os mais eram diabos.* Pedindolhe os ministros testemunhas, nomeou hum moço, mas sendo buscado, se naõ achou. Veyo em seu lugar o Mayoral da Aldea, que prometteo de dizer, o que sabia, & o fez na forma seguinte.

8 No tempo, em que os Dazaros se vinham ajuntãdo, lhes disse eu, temendo alguma desordem, *A que vinham?* Responderam, *que a fallar como o Gru de Xarruvesparen.* Perguntei lhe mais, *Se haviam de fallar com a rezam, ou com violencia?* Responderam, *que com a rezam, & em minha prezença.* Vindo depois o Gru, & mãdãdome chamar, respondi, *que se vinham pera fallar com violencia, que naõ queria ir, nem assistir.* Dizendo, *que queria fallar cõ a rezam, vim com mais quatro pessoas.* Perguntoume o Gru, *quantos annos havia, que eu estava nesta Aldea, & quãtos annos havia, que aqui estava o Gru de Xarruvesparen.* Respondi, *que eu havia quarenta, que morava na Aldea, & que o Gru de Xarruvesparen haveria huns vinte, & seis desdo tempo do Rey grãde, que lhes dera licença, pera fazerem aquella Igreja.*

9 Aqui disse o Gru: *E quem lhes deu a elles licença, pera me tomarem minha molher* (por este modo desecocado entendia os seus discipulos) A isto disse eu, *que chamasse ao mesmo Gru, & lhe perguntasse isso, porquãto elle com todos fallava em publico. Quem toma minha molher,* disse o Gru, *naõ he capaz de vir a minha prezença.* Ouvindo seu Irmaõ, tirou de huma catana, & foi correndo pera a Igreja com toda a multidaõ de Dazaros, sem fazerem cazos das protestaçoẽs, que eu lhe fis.

10 Nesta forma foi o Mayoral referindo o mais, que succedeo, & fica jà dito. Em acabando de fallar, perguntaram os Ministros ao Grû, *se aquillo era verdade*, & ao Mayoral perguntaram, *se depois de virem aquelles Sacerdotes pera aquella terra, houvera delles alguma queixa, ou dos seos discipulos?* Respondeo, *que nam.* E o Grû confirmou tudo, oque elle dissera; como fora em publico, nam se atreveo a negar. Vendo isto os ministros, levantaraõ o interdicto aos pobres Christãos, & remetteraõ o Grû com todos estes informes ao Dalavay,

lavay, o qual o mandou logo prender, & assim o teve tres dias sem comer, nem beber, por mais, que alguns Bramanes intercederam por elle.

11 Passados os tres dias o deixou comer, porque o Grû lhe mandou dizer, *que se arrãcava a lingua, se assim o nam fazia.* Com tudo ficou ainda prezo mais huns sinco dias. No fim delles por petiçaõ dos Bràmanes, & sessenta pagodes, moeda da terra, foi absoluto de todo o mais castigo. Porem nam dissimulou muito Deos, porque chegando a caza, achou a hum seu filho espirando, tendo este com outros mininos cahido em hum poço, escapando os mais, só este morreo. Aindaque isto fosse acazo, como estes succedem de ordinario nas contradiçoẽs, que fazem a os Christaõs, os tem por castigo do Ceo.

12 Depois mandou o Dalavay restituir, o que faltava, que naõ era mais, que o Breviario do Padre, & outras cousitas do vestido, que no tempo das pancadas se tomaram. Andou o Grû por caza dos discipulos, & tudo se restituio, sem faltar mais que o pano da cabeça de hum, que se naõ pode descobrir. Mandou tambem o Dalavay tirar pelos mais culpados huma pena pecuniaria, que applicou à cura dos feridos. Porem esta nam chegou aos Christãos.

13 Sabendo o Padre Francisco dos Reys da boa vontade do Dalavay neste negocio, o mandou visitar com dous espelhos, hum pera o Dalavay, outro pera o Mayoral. Pagou-se muito desta lembrança o Dalavay, & dizendo o portador, que outro Padre Irmaõ do morto determinava ir a Cãgonti, o estimou, & deu licença. Athe aqui o que deste Santo Martyr nos veyo nas Relaçoẽs da India.

14 No tempo, que se leo no Refeitorio de Coimbra esta narraçaõ, escrita pelo Padre Antonio de Sãtiago, que assistio a sua morte, se persuadiraõ os ouvintes ser hum Padre Manoel da Cunha natural de Sam Giam, que fora pera a India no anno de 1681, & tivera outro Irmaõ na Companhia, chamado Agostinho da Cunha, que morreo sendo Reytor do Seminario dos Irlandezes em Lisboa, porque deste, como fora sendo Noviço, se naõ tinha muita noticia. Vendo eu os Catalogos, dos que desta Provincia foraõ pera a India, achando dous do mesmo nome, fiquei duvidozo, & indo ver os livros das entradas dos Noviços, achei, que o termo deste tinha à margem estas palavras: *Despedido na India.*

15 Nesta perplexidade escrevi ao Padre Antonio de Payva Procurador em Lisboa da Provincia de Goa (que muitos annos fora Missionario em Mayssur, onde esteve prezo, & padeceo muito pela Fè, & vindo a Roma, por seus achaques o mandaram ficar no Reyno) nos tirasse desta duvida, dizendolhe tudo, o em que se fundava. As palavras da sua carta saõ as seguintes: *A' cerca do que Vossa Reverencia me pergunta do Padre Manoel da Cunha, q̃ na Missaõ de Mayssur da Provincia de Goa mataraõ os Dazaros pela Fè, he hum Padre que de cà foi Noviço, natural de Aldeanova, Bispado da Guarda, & foi pera a India em 1697, & o dizerse, que foi lâ despedido, deve ser equivocaçaõ com hum Antonio da Cunha, que era quasi do mesmo tempo, & taõbem de câ foi pera a Provincia de Goa.*

16 *O outro Padre Manoel da Cunha, que foi pera a India em* 1681 *era Irmaõ do Padre Agostinho da Cunha, que falleceo Reytor do Seminario de S. Patricio. Suppostas estas noticias, Vossa Reverencia veja, se ha quem queira nesse Santo Collegio seguir as pizadas do venturozo, & felicissimo Padre Manoel da Cunha, q̃ em dous, ou tres annos de missaõ, que tinha, mereceo, o que eu naõ mereci alcançar em dezanove que la andei;*

mas

mas isto, Non est volentis, neque currentis, sed Miserentis Dei. Athe aqui as palavras da carta do Padre Antonio de Payva, com q̃ se tirou toda a duvida, & tambem o erro daquella margem do livro das entradas.

17 Mãdando eu saber em Aldea nova do Cabo, se deste bemdito Padre se sabiam alguns exemplos Santos, antes de ser da Compaubia, o Reverendo Padre Cura Manoel Cardozo, me mandou o seguinte: *Tomando informaçaõ eu o Padre Manoel Cardozo, Cura da Igreja de S. Cruz de Aldea nova do Cabo do Bispado da Guarda, achei, que o Reverendo Padre Manoel da Cunha da Companhia de JESV era filho legitimo de Antonio da Cunha, & de Izabel Antunes, jâ defunta, & perguntando pela virtude, me disse seu pay, o qual he de noventa annos, pouco mais, ou menos, que todas suas acçoẽs eram santas, & virtuosas, pois se confessava desde menino muito a meude, & jejuava a pam, & agoa muitos dias do anno.*

18 *Sua sobrinha Maria da Cunha, disse, que ouvira dizer, que se confeßava todos os sabbados, & que muita parte do anno jejuava a pam, & agoa, & que era muito humilde, virtuoso, & recolhido em sua caza, fugindo de conversas. Disseme o Padre Manoel Rebello seu condiscipulo, que era mnito Santo, & virtuoso, no que mostrava nas suas obras, & que ouvira dizer, que seu pay Antonio da Cunha tinha algum parentesco de Fidalgos. O Padre Manoel Bras da Cunha, o Padre Manoel Leytaõ, o Padre Manoel Nicolao, o Padre Pedro de Oliveyra, & o Licenciado Joseph Pereyra seus condiscipulos, disseraõ, que naõ havia nelle senaõ muita virtude, & santidade no seu procedimento, nas suas palavras, & em tudo.*

19 *Todos os que o conheceram, fallam da mesma maneira, & juntamente eu, & todos geralmente damos a informaçam da mesma sorte assima dita, por assim o ouvirmos dizer a muitos, que saõ os mais, que o conheceraõ, perfeitissimo na virtude do jejum, na frequencia das confissoẽs, na humildade, no procedimento, & em tudo muito santo, & virtuoso. Isto he oque achei na verdade, & muita mais seria a sua virtude, pois me disseram os seus parentes, que todas estas virtudes assima declaradas, & penitencias, as fasia, sem elles, nem ninguem saber, & esta he a verdade, & por verdade me assinei. Aldea nova do Cabo sinco de Marco de* 1714. *Cura o Padre Manoel Cardozo.* Deste taõ hõrado testimunho se deixa bem ver, como Deos pelo exercicio das virtudes foi, ainda sendo secular, dispondo aô Padre Cunha pera a gloriosa coroa do Martyrio, peraque o predestinarã.

20 Hum nosso Religioso da mesma patria, me dis assim em huma carta: *Oque eu posso dizer com verdade he, que conheci mui bem seus pays, & Irmaõs, os quais o criaram em amor, & temor de Deos em humas cazas, que ficam sos junto à Capella de S. Antonio da parte direita, vindo do Fundam. Foi unico filho, & so teve duas Irmãas, huã chamada Izabel da Cunha, as quais conheci, cazadas honradamente. Crieime com elle, & nunca lhe vi cousa de meninisse, antes sẽpre muito amigo de Deos, & fugia de travessuras de outros rapazes, & estudantes: nem se via pela maior parte senam em santo Antonio, fora de jogos. Fez exactas diligencias, por entrar na Companhia, & vendo, que o nam admittiam pera a Provincia, por ser ja algum tanto crescido, pedio instantemente pera a India.* Athe aqui as palavras do nosso Religiozo, chamado Estanislao de Oliveyra

C A-

CAPITULO V.

Vida do Padre Francisco da Cruz.

Em Lisboa 29. de Jan. de 1706.

1 ENtre os Padres de maior authoridade, que no seu tempo honraram esta Provincia, foi o Padre Francisco da Cruz. Sua patria foi o Louriçal, no Bispado de Coimbra, onde entrou na Companhia aos nove de Dezembro de 1643, tendo 14 annos de idade. Seus pays se chamaraõ Antonio do Rego, & Maria Soares. Em seus estudos sempre o tiveram por hum dos primeiros engenhos. Quatro annos ensinou letras humanas, & Rethorica em Braga. Depois de estudar Theologia navegou às Ilhas. De là veyo ensinar Philosophia em Coimbra. Fez este magisterio com nome de Mestre excellente. Suas postilas eraõ muito buscadas, & estimadas.

2 De Coimbra o mandaram ensinar Theologia nas escolas do Collegio de Santo Antam, & deste modo foi chamado pera Revizor dos livros da Companhia em Roma, onde esteve seis pera sete annos. Tornando a Portugal lhe veyo patente pera Reytor do Collegio de Santo Antam; confessou chãmente, que esta era a maior mortificaçaõ, q̃ tivera na Cõpanhia, por ser seu animo muito contrario a governar. O seu governo foi como delle se esperava, com muita prudencia, & affabilidade; com estas mereceo os agrados de muitas pessoas illustres, em particular do Bispo Capellaõ Mòr Dom Luiz de Souza, que depois foi Arcebispo de Lisboa, & Cardeal.

3 Este pelo ter mais junto ao seu Paço Arcebispal, pedio ao nosso Provincial, o mandasse morar no Seminario de S. Patricio, donde o chamava frequentemente, pera com elle consultar seus negocios, em que se naõ resolvia, sem o ouvir. O mesmo faziaõ varios Senhores da Corte, que o tinham por seu confessor. Estando no Seminario mandou fazer à sua custa hum confessionario, no qual assistia com grande continuaçam, ouvindo a toda a sorte de gente sem distinçaõ de nobres, ou plebeos, ricos, ou pobres; escravos, ou senhores.

4 Tinha particular modo pera cõ suas instrucçoẽs aproveitar os seus confessados. Contou hum nosso Padre, que indo viver a Evora certo Fidalgo levou consigo hum criadinho, o qual, querẽdo conservar o costume de se confessar com os nossos Padres, foi ao nosso Collegio: o Padre, que o confessou, achou tal consciencia, taõ boa distinçaõ, clareza, & affecto às cousas espirituais, que lhe perguntou, *Se tinha confessor certo, que nas materias do seu espirito o dirigisse?* Respondeo, *q̃ havia pouco viera de Lisboa, & que no Seminario tivera por seu confessor, & Mestre de espirito ao Padre Francisco da Cruz, que o ensinava a ter oraçaõ mental, a que dava todos os dias algum tempo.* Era este moço pouco menos de quinze annos, & servia na cozinha do Fidalgo.

5 Elle foi, o que animou a exercitar o officio de prègador a Antonio Vieyra Leytaõ, Prior de Santo Estevaõ em Lisboa: cõfessava-se com o Padre Cruz, sentio escrupulo, de que sendo pastor nam prègava a suas ovelhas, consultou ao Padre, dizendo em como nam tinha uso, aconselhou-o, que lhe fallasse de Deos, & fizesse suas praticas: compoz a primeira, vendo-a o Padre, lhe disse, quam boa estava, & que a podia dizer: assim o fez, & continuou praticando, & prègando apostolicamente, sendo seu espirito mui conhecido na Corte. Eleito Bispo de Angra, era nos pulpitos hum Apostolo. Là morreo com opiniam de Santo na Ilha de S. Jorge. Confessava de-

dever o affoutarse a exercitar este Santo ministerio a seu confessor o Padre Francisco da Cruz.

6 Do Seminario passou o Padre Cruz a morar na Caza de S. Roque. Nesta Caza escolheo hum confessionario nas Capellas da Claustra, onde nos dias de concurso gastava sinco, & seis horas ouvindo confissoẽs, & dizia por graça, *que de outra sorte nam podia acodir à sua freguesia*, que de ordinario constava de pobres, & gente desprezivel, os quais tratava com tam bom modo, que ainda vagando outros confessores, nam havia apartalos do confessionario do Padre Cruz, de quem sabiaõ, que tarde, ou cedo haviaõ sempre de ser ouvidos, por nam ser elle homem, que deixasse o confessionario, havendo penitẽtes, & ter em os ouvir huma invencivel paciencia.

7 A Sereníssima Rainha Dona Maria Sofia, de quem era confessor por substituiçam, por estar o seu confessor enfermo, lhe disse hum sabbado de tarde, que na menham do Domingo fosse ao Paço pera a confessar, & tambem a algumas Damas suas cõfessadas. A isto respondeo com toda a submissam, respeito, & cortezania: *Eu estou prompto pera obedecer a Vossa Magestade como a minha Senhora, & Rainha, mas Vossa Magestade me ha de dar licença pera propor huma difficuldade, que se me offerece.* Havida a benevolencia Real, accrescentou; *Vossa Magestade pera a sua confissam tem por seus todos os dias, & a mim prompto pera a ouvir, porem os meus confessados, como pobresinhos só tem os dias de festa, pera se aproveitarem dos Sacramentos. Servindo-se Vossa Magestade de escolher qualquer outro dia, ou de menhaã, ou de tarde, & deixandome as menhãas dos Domingos, & dias Santos, nem eu faltarei em vir ao Paço, como Vossa Magestade me ordena, nem acodir em caza ao meu confessionario, & aos meus pobres: porem na vontade de Vossa Magestade fica o dispor, & na minha o obedecer.*

8 Ficou a Rainha summamente edificada, & com semblante rizonho mostrou o seu prazer, & escolheo pera suas cõfissoẽs as vesporas dos dias, em que havia de commungar, deixando ao Padre livres as menhaãs, como pedia. Tratou depois o Sereníssimo Rey Dom Pedro Segundo nomear Mestre a seus filhos o Principe Dom Joaõ, & Infantes Dom Francisco, & Dom Antonio, & escolheo pera tam honrozo Magisterio ao Padre Cruz, em quem concorriam todas as partes, que de si pede tam elevado Magisterio. Elle o fez como de sua pessoa se esperava. Tendo os Principes idade competente, passou por ordem de Suas Magestades de Mestre a Confessor. Nestes tempos em os negocios de maior pezo era sempre consultado das pessoas Reais.

9 Vindolhe patẽte de Preposito da Caza de S. Roque, se escusou. Chegando o Dezembro de 1705, em que o Padre se achava muito cortado dos annos, & dos achaques, quando aos quinze do dito mez lhe deu hum accidente de asma. Nam se rendeu à cama, foi passando com trabalho athe os 29. de Janeiro de 1706, em que se lhe tomou de todo a respiraçaõ, & espirou. Ainda que a morte foi repentina, elle andava mui bem preparado, porque dous dias antes na Missa, que disse, commungou por modo de Viatico, como elle o descobrio a hum Padre, & sua vida foi sempre tam virtuoza, como a dos que de continuo se preparam pera a morte.

10 Tinha de idade 76 annos, & sessenta de Companhia. Sua Magestade o mandou retratar estando no esquife. A seu enterro, & officio assistiram muitos titulos da Corte. Era o Padre Francisco da Cruz muito modesto, cortez, & muito grave em suas

acçoẽs. Tinha grande zelo do credito, & bem da Companhia, & da salvaçaõ das almas. Muito observante em nosso instituto. No culto divino singularmente exemplar. Nas rubricas assim na Missa, como no Officio muito exacto, por isso se lhe encomẽdou a folhinha particular, de que usa a Caza de S. Roque, por causa das muitas Reliquias insignes, que ha em seus Santuarios. Andava jâ de muitos annos atras cõpondo huã Bibliotheca dos Authores Portuguezes, obra, que nam pode acabar, & sem duvida seria de grandissimo esplendor pera esta naçaõ. O que della tinha feito, se deu depois de sua morte pera a grãdioza livraria do Senhor Dom Francisco Xavier, Conde da Ericeira, que com instancias a pedio, & por ser notoriamente affeiçoado a nossas cousas, se lhe naõ pode negar.

11 Porem a memoria mais illustre, que de si deixou este Padre, foi o Convento do Sacramento do Louriçal de Religiozas da primeira observancia de Santa Clara, sogeito ao Bispo de Coimbra. Teve o Padre Francisco da Cruz huma Irmaã santa chamada Maria do Lado, de cujas virtudes falla o Agiologio Lusitano aos 28 de Abril, & houve nella cousas mui raras, & estranhas. Esta vivendo ali com grande exemplo, & retiro, foi ordenando suas cazas a modo de Convento, a que o Padre Cruz assistia com esmolas, athe que o Serenissimo Rey Dom Joaõ o Quinto se fez fundador deste Mosteiro, por memoria, & honra do Padre Cruz seu Mestre, que lho recõmendara.

12 O Padre lhe deixou feitas suas constituiçoẽs, que depois se approvaram, & porque se governam. Pera darem principio vieram algumas Religiozas do Calvario de Evora. Começou-se a habitar no Mayo de 1709. Em 24 de Abril de 1711 fizeram professam as primeiras Noviças. Assistio o Bispo de Coimbra Dom Antonio de Vasconcellos, entre outras pessoas de letras assistiram por petiçaõ do Bispo o nosso Padre Manoel de Oliveyra, Lente de Prima de Theologia em o nosso Collegio, & o Padre Antonio Galvam, Lente de Prima de Moral. Ao Padre Manoel de Oliveyra cometteo o Bispo antes de as approvar, as constituiçoẽs, que fizera o Padre Cruz, nellas somente pareceo cercear alguns preceitos, pera livrar as Religiozas de escrupulo. El-Rey o dotou em forma, que nam entram com dote; porem este rendimento està assentado de modo, que sẽpre he esmola Del-Rey, & as Religiozas professam sua primeira pobreza. Hũ de seus institutos he, que todas suas obras haõ de ser pelas Almas do Purgatorio Tem Laus perenne, estando de noite, & de dia alguma dellas successivamenre em oraçaõ. Algumas cousas tem sua accommodaçaõ com as nossas. Entre ellas he hum voto simplex, de nam procurar nem directa, nem indirectamente Prelasia. As que acabam seu Noviciado tem dous annos, que chamaõ de Recolhimento, em que estam debaixo do mando da Mestra das Noviças, com separaçaõ das demais. Deixo outros usos, basta dizer, que os que se accrescentaram à primeira Regra de Santa Clara, foram ordenados pelo Padre Cruz, & todos estam com grande acerto, & prudencia.

CAPITULO XVI.

Memoria dos Padres Antonio Coelho, Francisco Botelho, & Caetano de Abreu. *No Maranhaõ 3 de Março de 1709.*

1 O Padre Antonio Coelho foi sempre tido, & havido por homem de virtude singular, & escolhida. Nasceo no lugar de Sam-Giam no Bispado de Lamego. Entrou na Companhia em Coimbra aos dous de Abril de 1670. Todo o tempo, que

esteve em Portugal viveo no Collegio de Coimbra com notorio exemplo de virtude. Todos o tinham por Santo, & como de tal se fallava delle na Provincia. Em todas as acçoẽs de humildade propria, & naquellas humilhaçoẽs, que denotam especial affecto ao exercicio das virtudes, era elle continuo, como se só pera ellas entrasse na Companhia.

2 Dezejoso de salvar almas passou às Missoẽs do Maranham no anno de 1687. Neste tempo se disse, que o haviam de impedir, & deixar sempre viver em o Collegio de Coimbra, pera edificar. Em o Maranham continuou em mesma santidade. Diziam, os que mais o trataram, ser tal sua perfeiçaõ, que nunca se lhe vira acçaõ, em que se pudesse julgar havia peccado venial. Foi sempre pobrissimo no vestir, & mais cousas, de que usamos. Nunca quis ter livros proprios, nem premios, ou cousas de devaçaõ, em que muitas vezes se occulta o espirito de curiosidade. A sua caixa necessaria, aos que pelos rios andam de huãs em outras Missoẽs, era de palha. Nem tinha mais entendimento, & vontade, que o que entendiam, & queriam seus Superiores.

3 Em todas as occasioẽs buscava sempre o ultimo lugar De sua bocca ninguem ouvio palavra de jactãçia, ou estimaçaõ propria. Dava-se muito ao trato com Deos, & com tãta contençam, & fervor, que delle lhe resultava naõ poucas vezes fraqueza no entendimento; donde tambem se lhe originaraõ escrupulos, em que teve hum continuado martyrio. Pera nelles o divertirem, lhe ordenaram os Superiores, que assentado em lugar publico entre os alfayates, escravos do Collegio, os ajudasse a remendar a roupa; o que executou com toda a sogeiçaõ, como se fora hum dos escravos.

4 Usava com seu corpo de tanto rigor, & aspereza, que foi preciso irlhe à maõ, pera que este excesso lhe naõ encurtasse a vida. Sendo Reytor do Collegio, & Superior da Missam, amava estranhamente os subditos, promovendo-os na perfeiçaõ, & procurando, que nada lhes faltasse; como quem sabia que da falta do temporal, nasce muitas vezes a da observãcia Religiosa. Por extremo aborreceo toda a palavra de murmuraçaõ. Foi muito perseguido do demonio, pelo qual foi açoutado cruelmente.

5 Nenhum cazo fazia de sua vida, por cumprir com as obrigaçoẽs, & com as do seu officio. Recolhendo-se de visitar a Missaõ, cahio enfermo gravemente. Entendeose, que tivera revelaçaõ de sua morte, nem denotam outra cousa as singulares preparaçoẽs, que teve pera ella. Pedio o Viatico, & à noite a Extremaunçaõ. Depois pedio agua quente, pera se lavar. Vestiose, calçousse, & encostousse sobre a cama. Rogou, que o naõ descompuzessẽ, depois de morto, por quãto jà estava lavado, & amortalhado. Feitas estas preparaçoẽs, & diligencias, como se tivesse na maõ o morrer, entrou em huma suavissima agonia, com a qual espirou, deixãdo a todos, os que assistiam consoladissimos.

6 No tempo, que queriaõ levar pera a Igreja, & sepultura o cadaver, diante das Communidades do Carmo, & Mercês, cahio, sem se saber como, o Senhor Crucificado sobre os braços do cadaver. Todos tiveram o successo por maravilhoso, & por sinal do muito, que Deos se agradara naquelle seu servo. Por cousa notavel a publicou o Reverendo Provincial do Carmo ao povo, subindo ao pulpito, & dizendo muitos louvores das virtudes do Padre Antonio Coelho. Foi sua ditoza morte aos tres de Março de 1709.

7 *O Padre Francisco Botelho* foi natural da Villa de Linhares. Entrou na Companhia em Coimbra aos nove *Em Coimbra 8 de Ag. de 1707.*

nove de Janeiro de 1667. tendo dezoito annos de idade. Em Evora estudou todas as sciencias, q̃ professamos; & depois ensinou ali as letras humanas, & Rhetorica; & passados os estudos de Theologia foi na mesma Universidade Mestre de Philosophia. Pouco depois nosso Reverendo Padre Geral o mãdou ler Theologia nas escolas da Bahia no Brasil. Tomou esta obediencia, posto que dura, com grãde resignaçaõ na võtade de Deos, & da santa obediencia.

8 Era elle dos mais antigos pera as cadeiras do Reyno, padecia seus achaques. Tudo podia allegar, pera se livrar da navegaçaõ, mas deixadas escusas, só tratou de obedecer. Quatro annos leo em o Brasil. Alem do magisterio se occupava em confessar, pregar, & doutrinar com grãde zelo do approveitamento das almas.

9 Voltado do Brasil o fizeram Lente de Theologia no Seminario de Lisboa. Depois resolvedor de cazos na Caza de Saõ Roque. Desta occupaçam o mandaram ler a cadeira de Prima das escolas de Santo Antam. Desta cadeira o tiraram pera Reytor do mesmo Collegio. Estando neste cargo morreo o nosso Padre Francisco da Cruz Mestre, & Confessor do Principe herdeiro, que hoje he, & seja por largos annos Rey, Dom Joaõ o quinto. El-Rey seu pay escolheo ao Padre Francisco Botelho por Cõfessor de seu filho. Naõ pode o Padre deixar de beijar a maõ a El-Rey pela confiança, que fazia, como sempre da Companhia, a quem entregava a prenda de sua maior estimaçaõ. Por ser o Padre Botelho amigo do retiro do seu cubiculo, & nada appetitoso de honras, teve esta por grandissima mortificaçaõ.

10 Fallecendo El-Rey, foi acclamado seu filho. Logo concedeo ao seu Confessor todas as preheminẽcias, que tivera o nosso Padre Sebastiaõ de Magalhaens Confessor Del-Rey seu pay. Dellas era, & de grandes dependencias o provimento de todas as Igrejas do Padroado da Real Caza de Bragãça: porem o Padre beijando a maõ a El-Rey pela merce, se escusou della, dizendo, *que elle só queria fazer o officio de Confessor, no que tocava à consciencia de Sua Magestade, sem se meter em outras importancias de provimentos, & governos.* Esta reposta, & desinteresse, que foi bem sabido no Reyno, causou em todos edificaçaõ; & deu em parte a conhecer a virtude do Padre, & seu nenhum appetite de honras, & estimaçoẽs proprias. Em effeito esta occupaçaõ se ajuntou ao Illustrissimo Capellaõ mòr, de quem he o provimento dos beneficios do Padroado Real.

11 Esta honra, que a outros daria vida, ao Padre lhe apressou a morte. Aquellas penosas idas, & vindas, & assistencia do Paço juntas a huma interior repugnancia, assim o foram consummindo, que contrahio huma febre Etica. Julgaraõ os Medicos, que com os banhos do Rio Mondego se poderia curar, ou temperar. Por esta rezam passou ao Collegio de Coimbra, porem chegou taõ falto de forças, & desfallecido, que naõ estava jà pera aturar este genero de cura. Só viveo quarenta, & sinco dias metido na cama, assistido com grãde cuidado de tudo, o que se entendia, poderia ser de commodo ao enfermo. Era grãde seu soffrimento, & conformidade com a vontade de Deos. Logo se preparou com especial cuidado, dãdo a todos muita edificaçaõ com seu bom exemplo. Falleceo aos oito de Agosto de 1707.

12 Suas exequias se fizeram com muita honra. Foraõ officiadas pela musica da Sè, & Religiosos de Saõ Frãcisco. Assistio o Bispo Conde Dõ Antonio de Vasconcellos com sua tocha na maõ, com aqual, depois da Missa solenne acompanhou o corpo

athe o meterem na ſepultura. Aſſiſtiraõ os Inquiſidores, & Religioſos de todas as Religioẽs, Academicos, & Doutores, que entaõ havia em Coimbra.

13 Foi o Padre Franciſco Botelho, no que tocava a ſua peſſoa, quãto aos dotes naturais, de feliciſſimo, & claro engenho, naſcido pera os magiſterios, por iſſo fez todos, os que teve, com grande eſplendor, & como Meſtre cabal. Nos coſtumes o tivemos ſempre por hum Anjo, devoto, edificativo, modeſtiſſimo, & de ſingular charidade. Havendo no Collegio de Evora muitos doentes, foi ſua charidade taõ notoria, que nos avizos, que ſe coſtumam ler antes da Renovaçaõ dos votos, nomeadamẽte o louvaram a elle, & ao Padre Luiz Duarte, couſa que muito confundio aos Santos Varoẽs, pois tal nam ſabiam, nem ſonhavam.

14 Sua devaçaõ ſe via em particular no ſãto tempo do Natal. Em as noites, que a Cõmunidade ſe ajunta diante do preſepe do Senhor, & fomenta a devaçaõ com pios colloquios, & cantigas devotas, elle, ainda ſendo Meſtre de Philoſophia, cãtava, & inſtruia a outros, pera o fazerem; porque alem das outras ſciencias, tãbem ſabia ſolfa. Sendo em Lisboa companheiro do Meſtre dos Noviços, ſahia frequentemente a enſinar na Cidade a ſanta doutrina. Sempre viveo ſem queyxa de alguem, antes amado, & bem quiſto de todos; porque todos em ſuas obras, & palavras viaõ grãde bondade, virtude, & huma lizura, qual ſe venera nos homens ſantos.

15 *Do Padre Caetano de Abreu* darei huma breve noticia, que denota muito grãde virtude. Naſceo na Villa de Mello no Biſpado de Coimbra, onde entrou na Companhia aos ſinco de Setembro de 1704, tendo quinze annos de idade. Parte do ſeu Noviciado paſſou em Evora. Sempre foi Noviço, & Religioſo de coſtumes ſolidos, & ſantos. Em o Noviciado ſentindo-ſe fortemente tentado de huma importuna tentaçaõ em materia de caſtidade, concebeo contra ſi taõ grande ira, que tomando com hũ ſanto impeto hum alfinete, o cravou inteiro athe a cabeça em huma coxa da perna.

Em Goa 2 de Dezemb. de 1714

16 Agradouſſe Deos tanto deſte acto, como ſe deixa ver, em ſi taõ heroico, & generoſo, que dalli em diante naõ ſentio mais ſemelhantes eſtimulos. Como ſuccedeo a muitos Santos, que em tais apertos ſe valeram de violencias exquiſitas contra ſeu corpo, com as quais o mortificaraõ, & mereceram, que Deos naõ permittiſſe dahi em diante ao inimigo, que os moleſtaſſe.

17 Eſtudando Philoſophia em Coimbra, o mãdaram acompanhar a hum Padre em huma Miſſaõ eſtavel. Hum dia entre ſonhos ſe lhe poz diante hum noſſo Irmaõ eſtudãte chamado Thomás Duarte, que acabara de morrer no Collegio de Coimbra, ao qual tinha empreſtado alguns toſtoẽs. Eſte lhe diſſe, *em como elle acabava de fallecer em Coimbra, que por naõ ter, com que lhe ſatisfazer a divida, lhe rogava, que lha perdoaſſe*: O que elle fez de boa vontade. Deſaparecendo o ſonho, eſpertou. Ficoulhe notavelmente impreſſa a repreſentaçaõ do morto. Por ſe deſẽganar, eſcreveo a Coimbra, & combinado o tempo, em que o Irmaõ acabara, achou ſer o meſmo, em que a elle ſe lhe reprezentou.

18 Eſtudava em Coimbra Mathematica, quando entrou em grandes dezejos de paſſar à India, pera ſe empregar todo na converſaõ das almas. Seus parentes, o quizeram impedir, porem elle nenhum cazo fez delles, nem das ſuas pertençoẽs. No anno de 1714 partio com outros da Companhia pera a India. Pouco tempo viveo em Goa, porquanto acabou no meſ-

mesmo anno, pouco mais de dous mezes depois de sua chegada. Estãdo gravemente enfermo começou a fallar, como quem tinha alguem prezente, avizaram ao Padre Vice-Reytor do Collegio, o qual acodio, & lhe perguntou, com quem fallava? Sinceramente lhe disse, *Que com Saõ Frãcisco de Xavier, que lhe apparecera, & perguntara, se queria saude, que lha alcãçaria, & iria pera Jappaõ*; ao que elle respondera; *Que só queria, o que Deos quizesse, & fosse mais conforme a sua santa võtade.* Outra vez lhe tornou o Santo a apparecer, fazendo a mesma pergunta: a que elle acodio com a mesma reposta. A isto disse o Santo: *Pois apparelhate pera morrer*, & ditas estas palavras, desapareceo. O Padre se dispoz com mais especialidade; & falleceo santamente aos dous de Dezẽbro, dia, em que o Sãto tambem morrera. Estas appariçoẽs me referio hũ Religioso vindo da India, a quem o tinha dito o mesmo Padre Vice-Reytor do Collegio de Goa, que o ouvira da bocca do Padre Caetano.

CAPITULO XVII.

Vida do Padre Ignacio Pimentel.

Em Coimbra 25 de Fever. de 1714.

1 O Padre Ignacio Pimentel foi tido, & havido por todos, os que o trataraõ, por nome de vida inculpavel. Nasceo em Fermozelhe no Campo de Coimbra junto ao Rio Mondego. Tendo treze annos de idade, por se falseficar sem culpa sua certidam da idade, fazendo-o de quatorze annos, entrou na Companhia em Coimbra aos onze de Junho de 1695. Depois de feitos seos votos em Lisboa, onde fora a estudar letras humanas, por se ensinarem entaõ ali em o Noviciado aos nossos, muito acazo fallando o Padre Reytor sobre as profissoẽs, elle com muita innocencia lhe foi contar, a falsificaçaõ, que em sua certidaõ de idade se fizera, tendo escrupulo de o naõ fazer. Por se achar fora sua profissam nulla por defeito da idade, teve terceiro anno de Noviciado, porem estudando as letras humanas, em que o tive por discipulo, segundo me parece, mais de dous annos.

2 Hum Padre seu condiscipulo em Lisboa, & que o tratou familiarmente athe sua morte, depois della escreveo ao Padre Provincial Manoel de Andrade o seguinte das virtudes deste Santo Padre. *Foi o Padre Ignacio Pimentel sendo estudantinho muy comedido, modesto, & devoto, nem parece, que sabia outro caminho mais, que o de caza pera o nosso pateo, & do pateo pera caza, visitando sempre nestas idas, & vindas a Senhora do Salvador, que fica junto ao nosso Collegio. Entrou na Companhia de treze annos, & com tal innocencia de costumes, que na confissaõ geral, que fez, naõ sò naõ havia culpa grave, mas nem ainda cousa* notabiliter disforme in genere venialis. *E eu tenho por certo, que conservou por toda a vida esta innocencia, & graça bautismal.*

3 *Em o Noviciado, pera mais se mortificar, com santo, & indiscreto fervor andava nos dias de grãde frio sem veste, & algumas vezes foi necessario mãdalo jãtar segũda vez, porque a primeira naõ valia. E huma vez com pingos de azeite fervẽdo se queimou hum braço, & as costas da maõ. Applicouse ao estudo da lingua Grega com tal ahinco, que per si sò, & com grãde trabalho soube construir Homero, & sahio tam eminente nesta lingua, que lhe era taõ facil o compor, & entender Grego, como a qualquer de nos o entender, & compor latim.*

4 *Foi hum dos milhores humanistas da Provincia, nem algum dos comtemporaneos o excedeo em Philosophia, ou Theologia, nas quais era*

tam

tam vasto, que mais parecia Mestre, ou Lente exercitado nas cadeiras por muitos annos: & por esta causa em nossas duvidas todos recorriamos a elle, pera que as tirasse. No Moral tinha huã extençam muy grãde, adquirida com o estudo continuo dos Authores; porque todos os dias estudava sete horas ao menos, algumas vezes nove, & des horas; & porque eu o reprehendia deste excesso, me respondia, que como estudante da Companhia estava obrigado a estudar todo o tempo, que pudesse, & que o estudo lhe era recreaçaõ, & gosto.

5 Muitas vezes naõ hia à noite ao Refeitorio, pera ter mais tempo de estudo, contentãdose com hum boccado de paõ, & huã pouca de agoa, pera conciliar o sono, quãdo se deitava a Communidade. Tinha grande cuidado em dar a Deos enteiro, & sem quebras todos os dias o tempo destinado pera a oraçaõ, & exames. Alem disso o achei muitas vezes em oraçaõ, sendo pera elle tempo de meditar, & fallar com Deos, o que pera os outros Religiosos era de recreaçaõ, ou repouso.

6 Daqui, como de fonte, nascia aquella charidade, & amor pera cõ todos, de maneira que no coraçam deste bemaventurado Padre naõ havia, nem entravam rezoẽs particulares, como quem sempre trazia diante dos olhos o preceito de Christo: Hoc mãdo vobis, ut diligatis invicem.

7 Da mesma fonte da oraçaõ nascia aquella verdadeira humildade, com que se portava com todos. Escuzouse efficasmente da Borla de Mestre em Artes, que nosso Reverẽdo Padre lhe mãdou dar a elle singularmente, & procurou com grãde dezejo do Reverendo Padre como tambem de Vossa Reverencia o grao de Pio na Companhia, parecendo lhe, q̃ assim viviria mais quieto, porque livre de voto, cadeiras, & outras dignidades na Religiaõ.

8 Nunca lhe ouvi palavra menos composta, nunca o vi agastado, nẽ descobri nelle o minimo sinal de impaciencia, nunca se queixou, naõ sendo pera elle bastãte motivo pera este excesso, o que era superabundãte pera outros, & tal vez pera toda a Communidade. Da sua bocca naõ sahia palavra, que desfizesse nos outros, & dizia, que o fallar com defeitos alheios ainda que notorios, era falta contra a charidade, especialmente quãdo com o fallar se lhe naõ punha remedio.

9 Boas mostras deu deste silencio, & soffrimento quãdo a Religiaõ (por contemporizar com o senhor Bispo, que levou muito a mal, que o Padre lhe mandasse açoutar justamente hum seu criado discipulo do Padre Pimentel) o depoz por alguns dias de Mestre, & o mãdaram hir ao Paço dar alguma satisfaçam ao senhor Bispo. Nem lhe faltou, pera affinar o ouro da paciencia, a vexaçaõ de escrupulos, dos quais com a graça divina alcançou em breve tam felis victoria, que sò fazia escrupulo, do que he bem, que se faça.

10 Ficou com animo muito inteiro, & sereno, quãdo lhe deram a nova da morte de seos pays, como se o nam fossem, ou a idade de quinze annos, que entam tinha, nam fosse capaz destes sentimentos. Era exactissimo nas Ceremonias da Missa, q̃ dizia todos os dias com apontualidade, & gravidade, que a Igreja requere em hum digno Ministro do Altar. Acodia com diligencia ao confissionario, & gostava de exercitar este ministerio da Companhia.

11 Usava da prezença de Deos, que a Companhia ensina aos seos estudantes. Convem a saber, saudar com a oraçaõ Angelica a Virgem Senhora, de quem era grãde devoto. Sendo Mestre da primeira, tinha diante de si huma pequena imagem da Se-

Senhora em papel; a esta melhor, & mais fiel Musa invocava, quando cõpunha, & entaõ com mais ternura, quãdo a pena dava em seco, ou se via affligido, & apertado com o muito, que tinha pera fazer, & confessoume hũ dia, que recorrendo a esta soberana Senhora em semelhãtes apertos, fazia em menos de duas horas, o que nam fazia em muitas, & muitas horas de estudo.

12 *Era naturalmente compassivo, do que eu pudera pôr aqui alguns exemplos. Foi mui devoto, & diligente em ganhar indulgencias: & todos os dias ganhava, as que Paulo V. concedeo, depois de revogar todas, com nova liberalidade aos Religiosos, que vizitarem a sua Igreja. Tomava muitas vezes, quãdo se levãtava, huma boa disciplina. Quando lhe deram o Viatico segunda vez, lhe perguntou o Confessor hum pouco antes, se queria confessarse: a que respondeo*, que naõ tinha de que. *O mesmo lhe respondeo outra vez. Tinha o dia repartido por suas horas de maneira, que lhe naõ ficava hum quarto, em que naõ tivesse, que fazer.* Athe aqui o que daquella carta faz a meo intento.

13 Lembrame, que em todo o tempo, que foi meo discipulo, nunca lhe vi os olhos abertos, sempre cahidos, & modestos, cousa que me fez notavel reparo em tanto tempo, & tantas occasioẽs. Em tudo me parecia, & o tinha por Anjo. Ensinava Grego aos mais, assistindo eu, pera que os condiscipulos lhe guardassem a devida sogeiçaõ em dar suas liçoẽs. Aos principios, quando começou a fazer os versos, mostrava huma difficuldade ao parecer insuperavel, porem brevemẽte sahio a viveza do engenho com huma notavel promptidaõ, & boa facilidade, qual requerem as letras humanas, que elle soube, & ensinou athe a primeira classe em Coimbra, como os que bem o fazem.

14 Nesta ultima enfermidade cõmunicandome cousas de sua consciencia, me disse, que elle procurava naõ ser professo do quarto voto, & que se me parecia bem este caminho. Vendo eu o santo espirito, donde isto nascia, pelo aquietar, lhe disse, *Que o melhor era, porse com toda a indifferença nas mãos da obediencia, que fizesse ella, o que julgasse.* Respondeo, que o mesmo lhe tinhaõ dito outros, a quem communicara este ponto. Entre a mais pratica disse, ter feito voto de naõ pertender cadeiras nem directe, nem indirecte. Ajuntou, que o recolherse ao seu cubiculo nos tempos de fallar, que o naõ fazia, como cuidavaõ muitos, por estudar, mas por fugir certas praticas, que nas Communidades esfriaõ a charidade; & que como naõ tinha outro desabafamento, o procurava com os livros.

15 Depois de acabar o estudo da Theologia com as ventagens, que sem encarecimento ficam ditas, porque houve Mestre de Theologia, que disse que o Padre Pimentel sabia como hum grande Lente, o mandaram pera a Residencia de nossa Senhora da Lapa. Por ser o clima desabrido pelas frialdades das serras, & o Padre muito tenue de forças, brevemente cahio enfermo. Do Collegio o mandaraõ logo buscar. Quando chegou, trazia hum tostam, que sobejava do viatico, athe se naõ entregar, naõ pode aquietar, como se tivera consigo algum bicho peçonhento. Foi-se atenuando com huma febre continua, q̃ o entisicou, & della veyo a morrer no Collegio de Coimbra aos vinte, & sinco de Fevereiro do anno de 1714. Foi Geral no Collegio a opiniaõ de sua virtude, tendo-o todos por bemaventurado. Muitos em lugar de o encommendar a Deos, se encõmendaraõ a elle como a Santo. Outros lhe applicaraõ os suffragios condicionalmente, parecendo-lhes, naõ lhe se-

ſeriaõ neceſſarios. Naõ faltou, quem prudentemente diſſe, eſtar prompto pera jurar, que em toda a Provincia naõ havia outro mais obſervante, & Religioſo diante de Deos, & dos homens.

CAPITULO XVIII.

Em Evora aos 18 de Junho de 1714.

Do Padre Joaõ dos Santos, & Irmaõ Miguel Ribeyro eſtudante.

1 FAlleceraõ no anno de 1714 no Collegio de Evora alguͤs Padres, dos que mais com ſeus ſantos exemplos o edificavam, de cujas virtudes, por ſerem havidas por ſingulares, foraõ em conferencias perguntados os Padres, & Irmãos. do que elles diſſeraõ ordenarei eſta memoria pera conſolaçaõ noſſa, & dos vindouros.

2 O primeiro foi o Padre Joaõ dos Santos Meſtre dos Irmãos Noviços. Era natural de Maſſarelos no Biſpado do Porto, ſeus pays ſe chamavam Antonio Duarte, & Antonia dos Santos entrou na Companhia em Coimbra aos 31 de Janeiro de 1677, tendo dezaſeis annos de idade, eſtudou latins, & Philoſophia em Evora, Theologia em Coimbra. Depois o mandaraõ às Ilhas. Tornando pera o Reyno fez em Coimbra officio de Meſtre dos Noviços, da qual occupaçam o mãdaram fazer a de Prepoſito da Caza Profeſſa de Villa-viçoza, & deſta paſſou a ſer em Evora Meſtre dos Irmaõs Noviços, em que poz fim a ſua vida.

3 Seus coſtumes foraõ ſempre de homem grande Religioſo. Via-ſe nelle particular devaçaõ à Virgem Senhora, a quem rezava todos os dias o ſeu Rozario. Teve nelle circunſtancias particulares o principio deſta devaçam. Eſtando nas Ilhas ſentio inſpiraçam de rezar o Rozario da Senhora, porque athe entaõ lhe rezava ſomente a coroa. Poſto que eſta inſpiraçaõ o picava interiormente por vezes, ſempre ſe deixava ir com o ſeu antigo coſtume da Coroa, ajudado de naõ ter entaõ Rozario. Tinha huma confeſſada virtuoſa, da qual, quãdo ſe houve de embarcar pera o Reyno, ſe foi deſpedir. Eſta lhe meteo na maõ hum Rozario de contas brancas, dizendolhe, que dalli em diante naõ teria deſculpa, pera o naõ rezar, que lho dava enfiado em cordaõ verde ſinal da eſperança, que tinha, de que por ſua virtude chegaria em paz ao Reyno. Ficou o Padre admirado de ſer aſſim manifeſto ſeu interior, & perguntou, *quem lhe dera aquelle Rozario?* A iſto ſomente reſpondeo, *que o naõ quizeſſe ſaber*: donde alguns, que lhe ouviram contar o referido, ajuizaram, que a Senhora lho mandara dar por meyo daquella molher ſanta. A hum ſeu Noviço depois de ſua morte ſe deu eſta peça, & della fez particular eſtimaçaõ.

4 Sua devaçaõ pera com a Senhora foi taõ ſingular, que lhe naõ deſmerecia eſte favor. Nas veſperas de ſua feſta, & nos ſabbados ſempre gaſtava em oraçaõ o quarto antes da ladainha por mais occupado, que ſe achaſſe. Aſſim meſmo fazia alguma mortificaçaõ publica, como beijar os pes no Refeitorio, ou na Capella aos Irmãos, ou ir ajudar os Irmaõs em ſeus officios. Sendo Prepoſito da Caza de Villaviçoza, indo a Eſtremoz comprar alguns provimentos, havendo de tomar alguma refeiçaõ no campo, lhe eſtendeo o moço a toalha em hum penedo, que lhe ficava em proporçaõ de meſa, elle a mandou eſtender ſobre a terra, dizendo, que era ſabbado, em que os noſſos Religioſos comiam no cham em obſequio da Senhora, a que elle naõ devia ali faltar, pois o podia fazer.

5 Deſta ſua devaçam naſcia o inculcalla muito às peſſoas, com quem tratava, em eſpecial a do Rozario,

que

que elle rezava de joelhos diante da Senhora. Tambem todos os dias lhe rezava o seu Officio, como o costumam fazer os nossos Irmaõs estudantes, antes de tomar Ordens Sacras. Em suas jornadas a todas as pessoas, com q̃ se encontrava, & metia pratica, persuadia, se confessassem, & rezassem à Virgem o seu Rozario.

6 Dava-se muito ao trato com Deos. Sendo Preposito, sempre tinha em publico sua oraçam. Nos dias dos Exercicios de Santo Ignacio nam se assentava em cadeira, mas no chaõ, como he entre nos costume dos Irmaõs Noviços. Nas acçoẽs de piedade se via andar penetrado de Deos, como na Missa, no propor os pontos da meditaçaõ, nos fervorozos colloquios, que por vezes fazia, depois de dar aos seus Noviços a Sagrada Cõmunham. Nestas occasioẽs brotava sua devaçaõ em copiosas lagrimas, com que enternecia aos circunstantes.

7 Sempre tratou da mortificaçaõ, castigava seu corpo com rigorosas disciplinas, & cilicios. Seus sentidos andavam mui sogeitos ao espirito. No fallar muito edificativo, & na modestia dos olhos mui composto, como quem andava com os pensamentos em Deos. Criava os Noviços em grande temor, & amor de Deos, indo sempre diãte com seu exemplo, que he nos Mestres de espirito a mais efficaz exhortaçaõ. E assim nos officios humildes, & mortificativos elle costumava ser o primeiro. Em dia do Espirito Santo, pera delle no tal dia receberem particulares dons, como os Sagrados Apostolos, os fazia levantar huma hora antes da Communidade, a qual se gastava em oraçaõ, & apoz esta se seguia, a que todos temos de menhaã.

8 Tinha particular cuidado, em que os Irmaõs Coadjutores se criassem com humildade em tudo, por ser esta virtude a mais familiar ao seu estado, & sem ella nam ha Irmaõ, que seja verdadeiro filho da Companhia; por isso lhe naõ consentia usar de cousa nova. A hum, que vio com çapatos novos, reprehendeo severamẽte, & mandou logo dar os mais velhos, que se achassem. Com sua pessoa era muito pobre; particularmente se via o amor a esta virtude nos seus vestidos interiores. Huma vez mandando lavar hũ gibaõ de linho, o Roupeiro, porq̃ era ja inutil, lhe mandou hum novo, de que elle se sentio, & fez diligencia, por se lhe restituir o seu velho, & gastado. Nas consultas disse sempre, o que entendeo, posto que seu voto nam teria effeito algum. Vez houve, em que saindo da consulta, como lhe occorresse certo inconveniente, no que tinha votado, tornou ao cobiculo do Superior, & se desdisse.

9 Finalmente elle foi hum homẽ tido, & havido por justo de todos os que o tratavam, affavel com todos, charitativo com os enfermos, obediẽte, inimigo de singularidades na mesa. Sendo Preposito da Caza de Villaviçoza em annos alcançados, o Senhor lhe assistio com esmolas em forma, que nam experimentou a dureza dos tempos, o que em boa parte se attribuia à virtude do Superior. Pedia a Deos nosso Senhor, que o levasse pera si, sendo Mestre dos Noviços. Conseguio sua petiçaõ, provando-o nosso Senhor com huma prolongada enfermidade, em que mostrou no soffrimento sua grande virtude. Consolavasse muito em ouvir neste tempo ler liçaõ espiritual.

10 Quis Deos consolar o Collegio com a seguinte noticia. Aos 24 de Novembro do anno de 1713 falleceo no mesmo Collegio o Padre Antonio Carrilho, hum dos Padres mais antigos da Provincia, que tinha servido muito nos pulpitos, & morrera cõ morte de homem justo. Este Padre appareceo depois de sua morte ao Pa-

dre Mestre dos Noviços Joam dos Santos. Perguntando-lhe este, em que estado se achava na outra vida, o defunto lhe respondeo, que na Gloria, aonde brevemente o esperava. Dito isto desappareceo. O effeito foi seguir-se a morte do Padre Santos. Por nos nam ficar em silencio hum tam grande abono destes servos de Deos, o mesmo Padre Santos com sua particular singeleza o referio, & sendo elle homem de tanta virtude, naõ ha, porque fazer nelle duvida. Depois de recebidos os Sacramentos, & com todas as preparaçoẽs de varam justo morreo aos 18 de Junho de 1714.

Coimbra 21 de Junho de 1716. 11 *O Irmaõ Miguel Ribeyro*, exemplo de Irmaõs estudantes, nasceo em Alcayns no Bispado da Guarda. Entrou na Companhia em Coimbra aos vinte, & seis de Outubro de 1703. Sua modestia em todas suas acçoẽs dava bem a conhecer a innocẽcia de seus costumes. No tempo da oraçaõ, & exames sempre era achado de joelhos muito composto, & com as maõs levantadas ao Ceo. Todos os dias visitava os altares da Igreja, & convidava outros pera esta devaçaõ, em especial nos tempos, que chamamos de recreaçam. Nam faltava dia algum em rezar o Officio da Senhora, & castigar o corpo com a disciplina. Fogia de dar molestia a alguem com suas palavras. Acazo disse huma, em que mostrou sentimento. Tres vezes lhe pedio perdam, & o tornou a fazer com as maõs postas, & lagrimas nos olhos em a menhaã do dia, em que morreo.

12 Houve hum, que conhecidamente lhe era desaffeiçoado, sempre delle fallou bem, nem se lhe ouvio palavra, que o desdourasse. Acodia cõ muita charidade a servir os enfermos. Sabendo de algum Religioso padecer esta, ou aquella queixa, sem dizer nada, despedindo-se, a hia reprezentar ao Boticario, pedindolhe algum remedio, que logo levava, ao que padecia a queixa. Do grande amor, que teve à Companhia, nasceo huã estranha pena, que sentia em suas calamidades; fallando-se nestas, nam podia conter as lagrimas.

13 Foi muito composto, & modesto, donde nascia dizer-se, que nelle se criava hum excellente Mestre de Noviços. Notando o Padre Reytor, que em sua presença estava sempre com os olhos em terra, lhe perguntou, *porque nam olhava pera o seu Reytor?* Acodio, com a regra, que ordena, *que quando fallarmos com homens principalmente de alguma authoridade, nam tenhamos os olhos em seu rosto.* Era summamente agradecido, ao bem, que se lhe fazia. Sendo Mestre fazia sua occupaçam com singular perfeiçaõ, & cuidado. Em soando a meya hora, logo sobia à cadeira, o mesmo encõmendava a outros, com que tinha mais confiança; & que fizessem esta occupaçaõ com o escrupulo, & cuidado, que ella pede.

14 Resplandecia tando a virtude em suas acçoẽs, que houve Religiozo, que affirmou, *julgar em sua consciencia, que nunca peccara mortalmente.* Outro que muito o tratou, disse, *que nunca lhe vira acçam, em que houvesse culpa leve. Que notara, que nunca dissera mal de outros. Que quem quizesse ser seu amigo, ou lhe havia de fallar dos augmentos da Religiam, ou de seus varoẽs illustres, ou de cousas da outra vida.*

15 Com fundamento se entendeo, que tivera revelaçaõ de sua morte. Dous mezes antes della convidava a outro Religioso, pera gastar com elle os tempos de fallar, dizendolhe, *que se queria aproveitar do tempo, que jâ era pouco.* Suas praticas todas eram da morte, & de suas circunstancias. Tres dias antes de morrer, indo hum Religiozo ao seu cubiculo o achou assentado na cadeira jâ com vomitos, mas sem a doença declarada. Em

o ven-

o vendo lhe disse: *A Deos amigo, que jâ Deos me chama.* Respondendo-lhe ser dito, de quem nam estava em si. Acodio, *certamente, que Deos me chama.*

16 O mesmo lhe repetio por vezes diversas nos tres dias, & noites antes da morte. No dia, em que morreo, estando o mesmo dando-lhe de jantar, levantou os olhos pera hum Crucifixo, dizendo: *Ah Senhor, que estou agora comendo, & daqui a breve tempo hei de estar diante de vos.* Pedio com fervor os Sacramentos, & que lhe fallassem de Deos. Quando jâ nam podia fallar, apontava pera o Ceo, como significando, que estava de caminho pera elle. Sua doença nunca foi entendida dos Medicos. Dentro de tres dias lhe tirou a vida. Falleceo no Collegio de Coimbra aos vinte, & hum de Junho de 1716, dia, em que morreo nosso Beato Luiz Gonzaga, de quem este virtuozo Irmaõ foi imitador, acabando tambem no tempo, que estudava Theologia. Todos delle tinham opiniam de Religioso inculpavel.

CAPITULO XIX.

Em Coimbra 7. de Novẽbro de 1715.

Vida do Padre Manoel Manso.

1 O Padre Manoel Manso, homem de grande bondade, & virtude, nasceo em Avillâr no Bispado de Coimbra. Seus pays se chamaram Domingos Affonso, & Juliana Mansa. Estudava em Coimbra no Primeiro Curso de Philosophia, quando começou a pertender o estado de Religiozo. Era Reytor do Collegio o Santo Padre Luiz Lopes; quãdo a primeira vez lhe veyo fallar, por ser muito pequenino, lhe disse o Padre Reytor: *Menino, nam sois pera Padre da Companhia, por serdes taõ pequeno, & com poucas mostras de crecer.* A isto acodio com muita viveza, que a tin ha natural, ainda que innocente: *Padre Reytor o Æ diptongo do pateo tambem he da Companhia, & mais he, o que se ve.* Era este hum Irmaõ Coadjutor mui pequeno, porteiro da porta do pateo dos estudos, a quem pella feitura do corpo os estudantes nomeavam com aquelle appelido. *Quanto mais*, accrescentou o pertendente, *que dos pequenos se fazem os grandes.*

2 Contentou muito ao Padre Reytor a viveza natural revestida de boa indole, & coraçam lavado, que jà entam se lhe lia nas palavras, & modo de fallar. Indo pera caza, peraque o Padre Reytor visse a facilidade, comque elle podia crecer, mandou fazer huns çapatos mais altos, que os que trazia; & na primeira occasiaõ se aprezentou ao Padre Reytor, dizendo-lhe: *Jâ Vossa Paternidade naõ dirâ, que sou pequeno, nem deixarà por esta causa de me acceitar.* Apenas o santo velho pode ter maõ no rizo, quando vio tal esperteza; & por extremo se pagou delle, contando aos Padres estas suas vivezas; as quais nada tinham, que as fizesse desagradaveis.

3 Sendo acceito na Companhia, nella entrou em Coimbra aos 29 de Março de 1666, tendo dezaseis annos de idade. Ensinou Philosophia, Moral, & Theologia alguns annos em Evora com cadeira de Substituto. Depois a leo no Collegio de Coimbra athe a cadeira de Prima. Dali passou a Lisboa a ensinar no Seminario dos Irlandezes; donde tornou a Coimbra com a occupaçaõ de Decano de Theologia, & nella alcançou a ultima doença, & a morte.

4 Suas letras foram juntas com muita virtude, huma bondade innata, alhea de tudo isto, que chamamos *dobrez, & refolho.* Nenhuma cousa mais fogio, que governar; no que teve huma santa tezidaõ inexpugnavel. So acceitou o ser Qualificador do Santo

Officio pello trabalho da occupaçaõ. Vieraõ-lhe patentes pera dois Reytorados dos mais authorizados, ambas as regeitou, escusando-se com tanta efficacia, que se via claramente a grande pena, que tinha em governar. Em huma reposta lhe dizia o Padre Geral: *Quidquid sit apud Deum, certe apud homines indicat contumaciam. Seja o que for diante de Deos, certamente diante dos homens mostra Voßa Reverencia contumacia.* Estas palavras repetia dizendo: *Quidquid sit apud Deum.* E eu digo, *Quid quid sit apud homines.* Esteja eu bẽ cõ Deos, que tenho eu ca de ver com os homens?

5 Dizia, *que nos outros o escusarse era virtude, que nelle fora amor proprio. Que os Superiores deviam ser pays, que elle por ser de natural fogozo, & propenso a rigor, nam era capaz de governar. Que esta fora huma das rezoẽs, que allegara ao Padre Geral.* Se lhe diziam, *que ainda havia de governar*; respondia, *que se tal vißem com seus olhos, lhe deßem vayas com quantos modos, & instrumentos de vituperio soubessem.* Isto dizia com grande ahinco, pera mostrar as veras, comque fallava.

6 Nam soube fazer mal a pessoa vivente. Huma vez se chegou a elle certo Religiozo, mostroulhe huma carta, que escrevia aos Superiores maiores contra o seu Reytor, persuadindo-o, escrevesse na mesma conformidade. Estranhoulhe muito esta cõfiança, dizendo, *que quando tais cartas se escreviam, havia de preceder rigorozo exame do zelo, com que isto se fazia.* Huma vez lhe foi precizo dizer ao Superior defeitos alheos: teve primeiro muita oraçaõ, considerando diante de Deos, como havia de satisfazer a sua consciencia, de sorte que o Religiozo ficasse emendado, q̃ era, oque unicamente pertendia. E Deos lhe inspirou hum meyo, comque tudo succedeo como queria.

7 Foi muito apontado em sua consciencia; a qual se desinquietava com qualquer argueiro. Andando muito affligido com escrupulos, dos quais padeceo muito, os foi dizer a seu confessor. A reposta deste foi, darlhe huma maçaã, dizendolhe: *Tome este pomo, vâ pera o cubiculo, & o coma; & logo ficarâ quieto.* Oque parecia de riso, tomou muito de veras. Indo, & comendo a maçaã ficou totalmente soccegado. Referindo este acontecimento, accrescentava, *que lhe parecia fora merce do Ceo pela obediencia cega, comque fizera, oque seu confeßor lhe diße, sem attender a rezoẽs algumas de improporçaõ da obra, pera tirar os escrupulos.*

8 Huma das virtudes, que nelle realçou, foi a da santa pobreza. Nam somente nam tinha cousas superfluas, mas athe das necessarias carecia. Os seus moveis tirando os papeis, eram hum canivete de aparar penas, & hum copo pequeno. De sorte, que havendo de fazer jornadas, pedia emprestadas as cousas precizas, como bolsas, ou mala, em que levar os papeis.

9 Offerecendolhe seus parentes por varias vezes dinheiro, ou cousa equivalente, nada quiz acceitar. Em Lisboa muitas pessoas illustres, q̃ com particularidade o estimavam, dezejaram mostrar com obra este seu affecto; porem delles nenhuma cousa quis receber. Chegando a tanta falta de tabaco, do qual usava por mezinha, que lhe foi necessario pedir a hũ Irmaõ Coadjutor huma caixa emprestada. Tendo disto noticia hum seu parente, mandou dinheiro a hum Religioso nosso da Caza de Saõ Roque, pera lho dar: porem elle, como outras vezes tinha feito, o naõ acceitou.

10 Quando estava em Lisboa, mandou hum seu parente a hum devedor, que lhe desse duas moedas de ouro ao Padre Manso. Elle as recebeo, ima-

imaginando era, pera lhas remetter. Sabendo porem ser o intento, que ficasse com ellas, fez todas as diligencias, pera as afastar de si, como se fossem cousa contagiosa, & athe as intentou dar a hum filho do parente. Vendo, que este as naõ queria receber, tres annos as conservou, como cousa alhea, & se lhe acharam, quando morreo, dizendo, nam serem suas.

11 Teve muito cuidado com a observancia, & recato, que devem ter os homens da Companhia no trato com seculares. Huma vez certo homem de respeito lhe offereceo a caixa, pera que della tomasse tabaco. Como mostrasse repugnancia, o secular, querendo facilitalo, lhe disse: *Tome Vossa Paternidade, que tambem o Padre fullano*, nomeando outro da Companhia, *me faz graça.* A isto respondeo: *Eu sim tomo tabaco. mas nam da caixa de seculares; esse Padre teria tal vez licença.* Edificousse o secular da sua modestia; & o Padre muito admirado, dizia depois, *nam devia hum homem Religioso fiarse de seculares, que sam demonios tentadores.*

12 Posto que era de natural fogozo, tinha muito soffrimento em tudo, o que tocava em sua pessoa. Hũ Religioso com pouca advertencia, teve com elle huma desatençam. Callou o Padre. Como outro lhe dissesse; *Por certo aquelle Religioso merecia ser bem castigado pelo mao termo, com que se houve com Vossa Reverẽcia.* Acodio logo o Padre, dizendo: *Antes elle me edificou muito pela humildade, & bom termo, com que me foi ao cubiculo pedir perdam.* Fazẽdolhe huma mortificaçam em materia muito sensivel, nunca disse palavra, em que mostrasse a rezam de sua justa queixa.

13 Celebrava Missa com a consideraçam, de que aquella seria a ultima vez. Por isso se preparava com singular cuidado, pausa, & devaçam, gastando nella mais tempo, que o ordinario. Hum ajudante pouco devoto lhe faltou por vezes, sendo o Padre obrigado a depor as vestimentas sacerdotais, pera buscar, quem lhe ajudasse. Nunca destas faltas se queixou. Sabendo-as o Prelado, deu ao Irmaõ o merecido castigo. Ficou disso o Padre muito sentido; & foi rogar ao Superior, que nunca mais por tal cousa o castigasse.

14 Todos os dias era infallivel em se açoutar: & dizia, *nam tinha já merecimento na disciplina, porque o uso de tantos annos tinha nelle feito como callo.* Tinha pena de ser de natureza fogoza. Quando em algum argumento se encolerizava, vinha triste pera o cubiculo, & dizia comsigo: *Valhame Deos, que necessariamente se hâ hum homem de enfurecer!*

15 Succedendo-lhe advertir a algum Religioso moço certos defeitos, pera que se emendasse, lhe disse este: *Padre metase comsigo, & olhe pera si, que tambem em Vossa Reverencia naõ falta, que notar.* Entaõ o Padre com muita humildade respondeo: *Irmaõ, eu bem sei, que em mim nam falta, que notar, peçolhe, diga o que me nota, & eu me emẽdarei.*

16 Naõ foi de menos humildade, & sogeiçam, o que lhe succedeo ensinando em Evora Philosophia. Por fechar o cubiculo, quando hia pera a cadeira, se lhe deu huma penitencia, que elle fez, sem dizer palavra. Como, passados alguns dias, caisse na mesma falta, lhe segundou o Padre Ministro com outra penitencia. Elle como o mesmo silencio a foi fazer. Depois della foi ao Superior, dizendo com grande summissam. *Padre, eu pelo habito, que tenho de fechar a porta, sem o advertir, o faço, quando vou pera a minha cadeira, & como o ter na mam a chave, he causa*

de-

deste descuido; aqui a tem vossa Reverencia. Ficou o Superior confuso, & edificandose de sua modestia, & humildade, lhe disse, *que a levasse, & fechasse a sua porta como, & quando bem lhe parecesse.*

17 Tomava por modo de divertimento cultivar alguns canteiros de flores, que ficavam diante da janela do seu cubiculo. Perguntãdolhe, *porque se occupava naquelle cuidado?* Respondeo: *em quanto faço isto, naõ murmuro de vidas alheas; & tambẽ o faço pera exercitar a paciencia; porque todos vem entender com os meus craveiros.* Replicou o outro; *& tambem com os cravos, levãdo-os pera o cubiculo, & melhor he nam os ter, que sentir a pena de ficar sem elles.* Respondeo o Padre: *Pouco vay nisso, quem nam tem paciencia, nam se meta em criar flores.*

18 Em huma occasiaõ tinha dous cravos taõ fermozos, que por estranhos os admiravaõ todos os Religiosos. Naõ faltou hum, que por se dar o gosto a si, o tirou aos mais. Levando-os occultamente pera o cubiculo. Sospeitando outro Religioso, quem fora o delinquente, lhe foi ao cubiculo. Achandolhos, os levou ao Padre; dizendo, *que hia ao Superior, pera que o castigasse. Isso nam,* acodio o Padre Manso, *basta, que eu os ponha à janela, pera que o delinquente os veja, & isto lhe bastarà por penitencia.* De sorte, que o coraçam lhe naõ soffria ver magoado alguem por seu respeito.

19 Tinha grande indifferença, pera assistir, onde quer que o mandassem. Naõ consentia encontrarse a vontade dos Superiores acerca da disposiçaõ de sua pessoa. Quando a obediencia o mandou de Lisboa pera Coimbra a ser Decano da Theologia, huma pessoa da primeira Fidalguia do Reyno lhe quis embaraçar a jornada, & mudança. Sabendo elle isto, lhe disse: *Vossa Excellencia tal cousa nam intente, porque eu sou Religioso, & hei de cumprir com a obediencia, nem ha de haver outra cousa.* Disse estas palavras com tal intimativa, que a pessoa depoz a sua pertençam, vendo a pena, que nisso lhe dava.

20 Quando tinha alguma pena, costumava dizer: *Deos he, o que governa este mundo, pois que me podem fazer os homens?* Mostrando nestas occasioẽs, quam conforme estava todo com a Divina vontade. Teve grãde desapego de parentes, como se deixa ver do pouco cazo, que fazia de suas offertas. Tendo hum Religioso licença pera hir a sua patria cõ o Padre Manso, este lhe perguntou, *se acazo haviam lâ de dormir?* Respondendo, *que sim,* replicou o Padre: *Eu tenho horror a dormir em caza de parentes; porque he contra a observancia, & edificaçam Religiosa:* Por tanto o nam quis acompanhar.

21 Com todos tinha muita charidade. Naõ se escusava, do que lhe ordenavam. Acodia às confissoẽs fora de caza, logo que o mandavam. Finalmente elle foi homem, dos que na Communidade era tido, & havido de todos por justo, & amigo de Deos.

22 Sua doença ultima foi chea de exemplos santos, nos quais mostrou, quam radicado estava nos actos das virtudes. Como os medicos do Collegio naõ lhe atinassem com a doença, lhe disse hum Religioso, *que havia de mandar vir hum medico seu conhecido, pera que o curasse.* Perguntoulhe o enfermo, *se tinha licença*: respondendo, *que nam.* Acodio; *pois nam quero, que o chame. Visto isso* replicou, *morrerà vossa Reverẽcia.* Entam disse o Padre: *Irmam, a regra mãda, que ninguem chame medico sem licença do Superior; & eu jà sei hà muito, que morro desta.*

23 Hum seu parente tendo noticia

ticia do grande faſtio, que padecia, lhe mandou offerecer varias couſas appetitoſas; algumas dellas dezejara, & outras dezejava; porem accommodouſe antes com o ſeu faſtio, naõ as querendo acceitar, dando por rezaõ, que ſuppoſto comia cõ goſto as couſas, que lhe offereciam, as nam queria acceitar de ſeculares contra o coſtume, & obſervancia da Companhia. E ſe bem o diſſe, melhor o fez.

24 Perguntandolhe hum Religioſo, *porque pedira licença, pera ſe confeſſar com todos os Padres?* Reſpondeo: *Jà eſtou falto de memoria. Muitas vezes me eſquecem algumas couſas, de que eu me quizera confeſſar, & como às vezes me tornam a lembrar, as quero logo dizer ao primeiro Sacerdote.*

25 Depois de receber o Santo Viatico, diſſe muito alegre: *Jà nada temo o morrer.* Depois de eſtar frenetico, ſeus actos eram todos ſantos, repetia com os penitentes o acto de contriçaõ, & os abſolvia, pelo modo, que o uſava em ſeu juizo, quando confeſſava. Era notavel o reſpeito, que moſtrava, em lhe dizendo, *que a Senhora mandava iſto, ou aquillo*, logo obedecia, reſpondendo: *Pois a Senhora o mãda, obedeçamos.* Naõ havia couſa, que lhe mãdaſſem em nome da Senhora, que a naõ executaſſe logo; ſinal evidente da ſingular devaçam, que lhe tivera ſempre. Neſta conformidade continuou, athe que aos ſete de Novembro de 1715 entregou a Deos ſeu ditozo eſpirito em o Collegio de Coimbra. Os Lentes, & Theologos tomaram à ſua conta o fazerem todas as funçoẽs do enterro, & o officio; como a ſuperintendente da ſua faculdade.

CAPITULO XX.

Vida do Padre Pedro de Amaral.

Em Lisboa 29 de Dezẽb. de 1711.

1 O Padre Pedro de Amaral foi hum dos Religioſos mais incançaveis em noſſos miniſterios, que vimos, & conhecemos em noſſos dias. Direi o deque pude ter noticia, pera com os actos de ſuas virtudes ajudar, no que poſſo, a edificaçam commua. Naſceo em Azurara no Biſpado de Vizeu; ſeus Pays, que era gente nobre, ſe chamaram Miguel Paes de Amaral, & Jeronyma de Amaral. Entrou na Companhia em Lisboa aos 10 de Junho de 1636, temdo 15 pera 16 annos de idade, & andando na ſegunda Claſe das Eſcolas de Coimbra. Andando annos enſinou letras humanas, & Rhetorica em Braga. Eſtudando em Coimbra Theologia, a interrompeo, ſendo mandado enſinar Latim em Portalegre. Acabados os Eſtudos da Theologia, o mandaram por Prègador pera o Collegio da Ilha Terceyra. Deſta occupaçaõ voltou ao Reyno, & enſinou Philoſophia em Coimbra. Depois deſte Magiſterio o fizeraõ Lente de Eſcritura em o meſmo Collegio: & leo eſta Cadeyra por eſpaço de 15 annos com grande ſatisfaçam, & com a meſma acudia juntamente aos pulpitos com notavel frequencia, por ſer neſta faculdade promptiſſimo, & ſempre com ſingulares acceytaçoẽs dos ouvintes.

2 No anno de 1677 paſſou a morar na Caza de Saõ Roque, & no de 1688 o mandaram governar o Collegio de Braga. Paſſado eſte governo ſe recolheo à Caza de Saõ Roque, aonde viveo o reſtante de ſua vida. Teve o Padre Amaral grande zelo do bem das almas, o qual ſe vio em muitas Miſſoẽs, que fez com geral commoçaõ dos povos, em que prègava.

A

A primeyra fez sendo ainda Irmaõ Philosopho no anno de 1642. em companhia do Padre Antonio Bandeyra na Villa de Castelbranco, no Bispado da Guarda, em que foram tãtas, & taõ admiraveis as cousas, que assim por meyo do Padre, como do Irmaõ ali se obraraõ, que me naõ lembra ter encontrado, & escrito Missaõ estavel, em que os serviços de Deos fossem tantos, & taõ avultados, como largamente refiro no anno, em que se fez.

3 Aquelle nobre povo, que constava de 900 vizinhos, estava geralmente taõ perdido, como as cousas mais perdidas. Sò dous homens se dizia, que nam tinham odios, & quando se apalpou, o que havia nesta materia, se achou por fim de cõtas, que hum sô homem naõ tinha odio com pessoa alguma; tais eram as divisoẽs, & taõ gerais as discordias, que levavam consigo a nobres, & plebeos. Raro anno se passava, em que nam chegassem a dez as mortes violentas; fomentavaõse muito estas insolencias cõ a vizinhança de Castella, a que facilmente se acoutavam os matadores. Havia muita gente Fidalga no povo, & de grande riqueza, que a tudo se affoutavam. Com os Sermoẽs, & Doutrinas, & outras santas industrias de tal sorte se amansou esta fereza, & barbaria de costumes, que no fim da Quaresma a Villa parecia hum Cõvento de Religiosos reformados; todos se admiravaõ do que em si viaõ, & da geral mudança de costumes, feita por meio daquelles servos de Deos, a quem escolhera, como elles confessavaõ, pera os fazer Christaõs. Entraraõ em pensamentos de procurar huma fundaçaõ de Collegio da Companhia na sua Villa. Deixadas as particularidades, naõ callarei a devaçam de huma velha octogenaria. Sentiaõ muito os servos de Deos a pouca decencia, com que na Matriz estava o Santissimo; porque querendo o Bispo Dom Affonso Furtado passar a Sè do Bispado, que està na Guarda pera aquella Villa, por ser o clima mais amoroso, começou em effeito a edificar o templo da Sè naquella Igreja: porem como fosse promovido pera o Bispado de Coimbra, ficaram as obras em aberto, & os freguezes sem o cõmodo da sua Igreja. Animaraõse a expensas suas em accommodar pelo menos a Capella mor, & servirse della em lugar da Igreja. Assim o fizeraõ cõ tanta pressa, que se collocou nella o Santissimo sem se tirarem andaymes, nem simplices da abobeda. Sentindo muito os Missionarios a pouca decencia, com que estava o Senhor, costumavaõ chamar à tal Capella, *o pè de Pavam de Castelbranco.*

4 Ouvindo estes sentimentos a dita velha da gente ordinaria do povo, & que ja passava de 80 annos, cõfessandosse cõ o Padre lhe disse, que em sua vida fora sempre poupando, & que se achava com grande quantia de dinheyro, que dezejava empregalo bem, & levar diante de si esta tocha pera o outro mundo, em que brevemente entraria, que sentia impulso, pelo que lhe tinha ouvido, de dar tudo pera se fazer, & ornar aquella Igreja: que a encaminhassem no que devia fazer. Louvoulhe o santo proposito em que estava, & deu ordem a se fazer a applicaçaõ. Querendo ella que o Padre corresse com o dinheyro, respondeo, que se buscasse pessoa de provada consciencia, & confiança, que tomasse entrega do dinheyro, & corresse com a obra. Assim se fez, & diante dos Padres entregou formosos saquiteis de dinheyro, & na escritura de doaçaõ fez a velha escrever estas palavras, dizendo, que las consentissem pera sua consolaçaõ: *Declaro, que me resolvi a fazer este serviço a Deos, & esta doaçam ao Santissimo Sacramento pelos concelhos espirituais dos Santos Apostolos de JESU Christo o Padre Antonio Bandeyra,*

& o

& o Padre Pedro de Amaral, aos quaes Deos para bem das Almas trouxe a esta Villa primeyros Missionarios della nesta prezente Quaresma de 1642: Athe aqui as formaes palavras.

5 Alem de outras Missoẽs, que o Padre fez, nem menos que seis vezes foi em Missaõ à Cidade de Leyria por petiçaõ do Senado, & do Cabido, que quanto mais se tinhaõ aproveitado de sua doutrina, mais della se dezejavam aproveitar. No que obrou nestas Missoẽs, que foi muito, só encõtrei alguma cousa, do que fez na dita Cidade em o anno de 1665, em que teve por cõpanheyro ao Padre Antonio de Almeyda. Tendo feito em Leyria Missaõ na Quaresma do anno antecedente, como se fizessem novas instancias, se cõprio com a devaçaõ, de quem tanto o dezejava. Nesta occasiaõ introduzio duas Irmandades de novo, que muito fomentaram a devaçaõ Huma foi a dos escravos da Senhora, cuja distinçam era huma cadea em o braço, & que todos os mezes se haviam de confessar, & commungar. O dia principal foi o da Annunciaçaõ da Senhora, em que com grande solennidade se fez profissaõ publica na Se pelos, q̃ se tinhaõ alistado por escravos da Senhora, que era grande numero de Ecclesiasticos, & seculares, & o melhor da Cidade. Porque naõ era possivel fazer cada hum sua profissaõ particular, o Padre Antonio de Almeyda leo em voz alta a forma da escravidaõ, & os devotos da Senhora a hiaõ repetindo em voz bayxa. Tãbẽ nesta occasiaõ cõ grande soleñidade introduzio a devaçaõ de Saõ Francisco Xavier.

6 Em o anno antecedente lhe tinha pedido o Cabido, que lhe mãdasse fazer huma Imagem perfeita de Saõ Francisco Xavier, pera se collocar em hum dos altares da Sè; peraque a festa fosse com a maior solennidade, a reservou para as Oitavas da Paschoa, fazendo que entre tanto se fossem assentando Irmaõs em a nova Confraria do Santo, como se fez, começando pelos principais Ecclesiasticos, & seculares. Todos o Conegos, toda a nobreza se alistou no Catalogo dos Irmaõs do Santo, & grande numero dos mechanicos, dando todos esmollas conforme suas posses. Na primeira Oitava, que era o dia destinado pera se collocar a Imagem do Santo em a Sê, se ordenou huma lusida prociçaõ, que sahio da Igreja de Saõ Pedro, vizinha ao Paço do Bispo, com grande ordem, & variadade de figuras, & charolas ornadas custozamente, indo os Irmaõs do Santo com suas opas brancas, & murças de cor negra. Nesta forma correram as principais ruas da Cidade, & se recolheraõ à Sè, aonde o Santo se collocou no altar de Saõ Bento, que era o lugar mais cõmodo pera este intento; foi o concurso innumeravel. Os meninos da doutrina, pouco depois de sahir a prociçaõ, sem ninguem os chamar, se ajuntaram em grande numero, & diante do pendam ordenaraõ sua prociçaõ particular, ordenaram suas Ladaynhas a córos, em que andavaõ bem instruidos nas doutrinas, & a todos quantos encontravaõ nas ruas, mettiaõ na sua prociçaõ; donde quando chegou à Sè naõ havia menino na Cidade, que naõ fosse na prociçaõ.

7 Na segunda Oitava se disse Missa solenne, prègando nella o Padre Pedro de Amaral com a costumada acceytaçam. Na tarde deste dia se representou na mesma Sê hum Dialogo de treze figuras, feito com grande arte, & muita plauzibilidade de musica. Durou tres horas, o concurso nunca se tinha visto semelhante; o gosto de todos foi inexplicavel. Hum Tenente general, que por ordem Del-Rey fazia gente de guerra, vendo cousa de taõ geral alegria, naõ cabendo

bendo em si com ella, & quasi esquecido de si mesmo, naquelle grande cõcurso levantou a voz, dizendo: *Victor Santo Xavier, Victor Companhia, Victor Missionarios*, logo o seguiram muitos nobres, & a mais gente em voz alta em forma, que pareceo huma santa doudice. Depois se poz em forma perfeita a Irmandade.

8 Tambem entraraõ em grandes dezejos de edificarem Collegio â Companhia na sua Cidade, & queriam que logo ficassem os Padres em ordem a este intento, pera o qual se offereceo huma Capella muito capaz com caza de Sanchristia, & ornamẽtos de todas as cores; offereciam mais humas cazas grandes cõtiguas à Capella com sua cerca povoada de Aciprestes, Larangeyras, & outras arvores fructiferas, & campo bastante pera horta: mas porque a renda estavel naõ passava de cem mil reis, dandosse conta aos Superiores, nam lançaram maõ da offerta: o que muito sentiraõ duas Beatas virtuozas, de quem era a fazenda. A ultima dellas, quando morreo, tendo feito seu testamento; deixando seus bens a hum seu sobrinho, disse nelle, *Que lhe deixava as suas cazas, Capella, & cerca com tal condiçam, que se os Padres da Companhia em alguma hora quizessem fundar Collegio naquelle sitio, seria elle seu herdeyro obrigado a largar tudo livremente aos Padres, porque seu maior dezejo era dar tudo aos Padres da Companhia, pelo muito que ajudavam ao bem das almas.*

9 No anno de 1688, indo o Padre por Reytor do Collegio de Braga, ordenou em a Cidade huma Missaõ, depois da qual introduzio em a nossa Igreja a devaçam da Senhora da Boa Morte; tudo se fez em o mes de Julho. Havendo licença do Cabido, se puzeram escritos nos principais lugares da Cidade, em que se declarava a Missaõ, & modo de ganhar a Indulgencia, & se dizia começar no Domingo 11 de Julho, & que em todos os 8 dias seguintes pelas quatro horas da tarde haveria Sermaõ de Missaõ em diversas Igrejas da Cidade. Chegado o Domingo mãdou o Padre Reytor aos nossos Mestres fazer doutrinas nos arrebaldes da Cidade, & convidar a gente pera o Sermaõ, em que o Padre Reytor na Sè havia de explicar o Jubileu. Foi o concurso immenso, & a gente toda se sentio movida a devaçaõ. No segundo dia pregou o Padre Manoel dos Reys, que fora Lente de Escritura em Coimbra, & prègador insigne; o Sermaõ foi na Igreja de Santa Cruz. No terceyro o Padre Manoel Garcia em a nossa Igreja. No quarto o Padre Marçal de Faria no Covento das Religiosas do Salvador. No quinto o Padre Francisco de Brito no Covẽto das Religiosas dos Remedios. No sexto segunda vez o Padre Marçal de Faria na Igreja de Santa Cruz. No septimo segunda vez o Padre Manoel dos Reys no Covento das Religiosas da Conceyçaõ.

10 No oitavo segunda vez o Padre Reytor em a nossa Igreja. Acabado o Sermaõ foi expor o Senhor, & deu principio a devaçaõ da Boa morte com notavel devaçam. No fim de cada Sermaõ dos sobreditos se avizava, em que Igreja seria o seguinte. Em todos estes dias foi tal o concurso às confiçoẽs nos Coventos, & Freguezias, que se disse nam ficariaõ na Cidade 8 pessoas, que se naõ confessassem. As tardes em o Collegio se gastavam em confissoẽs, & as mais dellas gerais. Houve muitas restituiçoẽs, & amizades. Estendeo-se o Jubileu aos prezos, & se lhe fizeram praticas, confessaraõse, & commungaraõ. Pelo muito bem espiritual, que se seguio na Cidade, se vio de quanta importãcia fora a Santa industria desta Missaõ, cujo proveyto abayxo de Deos, se deveo ao

ze-

zelo do Padre Pedro de Amaral.

11 Nosso Reverendo Padre Geral Thyrso Gonçalles, que foi grande Missionario, por carta sua lhe aggradeceo a Missaõ, dizendo, *naõ ser nelle cousa nova este zelo, pois se sabia, que em muitas outras Missoẽs o tinha exercitado.* Na Carta accrescentou da sua letra as palavras seguintes, traduzidas fielmente do Castelhano. *Dezejo, que Vossa Reverencia introduza nessa Cidade o Jubileu das Doutrinas, que com tanta gloria de Deos se ha introduzido nas Provincias de Hespanha; & em Andaluzia se chama por antonomazia o Jubileu grãde, & se ganha de ordinario na Dominga in Passione, havendo-se explicado os 8 dias antecedentes a Doutrina Christam em a nossa Igreja; concluindo a explicaçam da Doutrina com hum Sermaõ de Missaõ, ou pratica ferverosa. Acharà Vossa Reverencia a Bulla deste Jubileu em o tomo do nosso Instituto, que se intitula* Appẽdix, *em que se poem os Decretos da oitava Congregaçam Geral, antes dos quais se poem algumas letras Apostolicas, & huma dellas he huma Bulla de Gregorio XV, & està a pag. 26. Se Vossa Reverencia dezejar saber o modo, como isto se faz, escreva a Salamanca ao Padre Joaõ de Beriarça, pedindolhe lho explique, & lhe mande hum papel impresso, em que se publica este Jubileu. Se Vossa Reverencia o introduz ahi, espero que dessa Cidade se dirivarà às mais de Portugal com grandissima gloria de Deos, & credito desta Companhia.* Athe aqui as palavras do Padre Geral.

12 Muitas vezes pregou juntamente menhãas, & tardes da Quaresma no mesmo dia. O que fez em Coimbra, & na Cidade do Porto, na qual em hum Domingo, tendo prègado de menhaã, & de tarde: depois do Sermaõ de tarde foi prègar os Passos, & o Calvario em hum Covento de Religiosas. No fim do quarto Sermaõ esteve com a voz tam limpa, & clara, como no primeyro. Naõ se contentando com esta frequencia de Prègaçoẽs, sahia a fazer as doutrinas, no qual ministerio tinha tambem modo muito especial, & aggradavel, assim nas preguntas, como em ponderar, & moralizar as repostas dos mininos. Fazendo doutrina em Coimbra, preguntou, *qual era o lugar, em que na Cidade se mentia mais:* Respondendo huns, *que na Portagem, outros que na Praça, outros que nos soalheyros,* sobre tudo foi fallando com graça, & doutrina, athe que sahio hum minino, dizendo, *que o lugar, em que mais se mentia, era a Porta da Salla da Universidade, depois que se faziam os actos.* Teve o dito grande applauso, & maior as ponderaçoẽs do Padre, dizendo, que este dera a melhor reposta; porque todos os parabens, que ali se davam, hiam sempre acompanhados com hum mente, dizendo os que os davam, *assombrosamente, pasmosamente, admiravelmente, excellentemente,* & nesta forma acumulou outros adverbios, de que nestas occasioẽs se costuma usar, dos quais a palavra *mente* he sempre o echo.

13 Pregando menhaãs, & tardes em Braga succedeo haver grande secca: fazẽdo-se preces publicas, lhe pediram o sermaõ, o qual elle fez à porta da Igreja de S. Cruz com grande commoçaõ no auditorio, pedindo com muitas lagrimas ao Senhor, que cõsolasse ao seu povo. Foi couza notavel, que depois da prègaçaõ começou a chover copiosamente, & estando os frutos perecendo, assim resuscitaram, & multiplicaram, que se naõ lembravaõ de anno mais fertil. Ficou como em proverbio naquella Cidade por muitos annos esta prègaçaõ, a quem chamavam *A pregaçam do milho.* Quando sahia a fazer a doutrina; ordinariamente hia cantando as Ladai-

nhas com os mininos.

14 Em S. Roque tinha cuidado de fazer as praticas aos Irmaõs da Senhora da Doutrina, as quais continuou athe ser tam debil, que era necessario, porque nam podia subir os degraos em que estava a Cadeira, tomarem-no em braços, subirem-no a ella, & depois tirarem-no tambem em braços. Querendo os Superiores alliviallo deste cuidado por sua debilidade, elle o naõ consentio; porque era assumpto seu, que o Religiozo da Companhia havia de trabalhar athe morrer. Em dia de Natal pela meya noite sempre dizia Missa aos Irmaõs da Doutrina, & lhes dava a Communham, sem o poderem tirar deste trabalho, athe que por compayxam fizeram, que o Padre Preposito lhe ordenasse, a naõ dissesse: entam respondeo: *Pois assim o ordenam os Prelados, naõ ha, que replicar*. Quando jâ se naõ podia quasi mover se naõ com grande trabalho, tinha dito ao noviço, que hia esperar à campa, o avizasse pera se ir pouco a pouco chegando pera a Ladainha. Vendo o Superior seu trabalho, mandou ao Novisso o naõ avizasse. Com tudo elle em ouvindo a campa, logo acodia, chegando humas vezes ou jâ acabada, ou quando se acabava.

15 Teve o Padre Pedro de Amaral todos os requisitos, que constituem hum insigne prègador. Aos talentos naturaes ajuntou grandissima liçaõ da Santa Escriptura, & Santos Padres, com que fazia seus discursos em tudo solidos, & substanciais. Por toda a vida, que foi dilatada, versou os pulpitos sempre com o mesmo nome, e com grande honra da Companhia. No confessionario tambem era frequente; no fim antes da absolviçaõ costumava sempre fazer Acto de Contriçaõ com o Penitente com humas palavras tam affectuosas, que se nam estava compuncto, o compungia. Daqui nascia chamaremlhe os Penitentes o *Padre Santo*. Quando visitava suas confessadas, & outras pessoas, sempre lhes fallava de Deos com tam bom modo, que a todos edificava.

16 Dizia sempre Missa com muita devaçaõ em o Altar mor pellas nove horas. Porque os Superiores nos ultimos annos compadecendo-se de sua molestia em subir os degraos, mandaram, que naõ fosse ao Altar Mor, teve disso algum sentimento; porque nam queria, que o tivessem por fraco em cousas, aonde havia trabalho. De ali ao diante a disse em hum dos colatraes, em que tinha menos, que subir.

17 Foi homem naturalmente bẽ fazejo, nem cabia na sua maõ obrar, ou dizer cousa, de que outrem pudesse ter molestia. Sendo Consultor da Provincia, sempre o seu voto era favoravel; por esta cauza lhe disse huã vez com graça o Padre Provincial Andre Vaz: *Eu tomara sempre a Vossa Reverencia por Juiz nas minhas causas*. Respondeo o Padre Amaral: *Bem he que nos compadeçamos de nossos Irmaõs*. Sendo Reytor em Braga, quando era prezo algum estudante, em lhe vindo com petiçaõ, que o mandasse soltar, naõ estava na sua maõ deixar de fazer, o que lhe pediaõ. Como o Guarda das Escollas fallasse sobre esta bondade com o Prefeito dos Estudos, & como se compadecia, disse pera o Padre Prefeito: *Este nosso Padre Reytor se fora Deos, ninguem havia de ir pera o Inferno, porque em lhe vindo a chorar, logo dava com elles no Ceo, so pelos naõ ver angustiados*.

18 Quando jâ se arrastava com trabalho pelos corredores, & lhe era penoza a ida, & vinda do Refeitorio por rezaõ das escadas, lhe disseraõ os Superiores, *que se deixasse ficar no cubiculo, que lâ se lhe mandaria o seu comer:* respondeo, *que elle naõ sabia comer no cubiculo*. Huma de suas virtu-

virtudes foi feguir fempre a Communidade, fem querer izençoẽs em couza alguma. Quando lhe diziam neftes ultimos tempos, que nam tomaffe efte, ou aquelle trabalho, nem fizeffe efta, ou aquella pratica, por andar tam desfallecido, refpondia com graça: *Mortos andam, por nam deixar luftrar os homens de prendas.* Todos os annos no dia do feu bautifmo, que foi em dia da Transfiguraçaõ, dava de jãtar a toda a Cõmunidade, fendo elle, o que benzia a meza. Eftimavam todos efta religioza funçaõ, & fe alegravam com os feus annos, que dezejavam accrefcentados como os de hum homem, que mais authorizava aquella Santa Caza. Aos Noviços diffe huma vez no tal dia: *Rogai a Deos, que me conferve a graça bautismal, que me deu nefte dia.* Defte modo de fallar ajuizaram, que a nam tinha perdido.

19 Por toda a vida foi recatadiffimo em fua lingua, nunca o ouviram murmurar, nem dizer mal de alguem. A maior parte das menhaãs, & tardes gaftava na Igreja, vifitando os altares, & rezando aos Santos, que nelles fe veneraõ, preparandofe com grande cuidado pera a ultima jornada defta vida. Alguns Padres achando-o algumas vezes, fem fe poder levantar, compadecidos lhe perguntaram, *que fazia, que melhor feria recolherfe ao cubiculo:* fua repofta era. *Ando pedindo a Deos tres coufas: voz pera pregar: ouvidos pera confeffar, olhos, & vifta pera rezar.* A coroa da Senhora rezava em varias horas do dia às decadas em voz algum tanto alta, tendo diante de fi a Imagem da Senhora, a qual beijava no fim de cada Ave Maria, & confiderava os Mifterios da Senhora. As dores, que nos ultimos annos padeceo, fendo graviffimas, as foffria com rara paciencia, que efta virtude affim nos achaques do corpo, como em moleftias do animo foi muito fua. Sempre fe tratou affim em fua peffoa, como no feu cubiculo com grande pobreza. Quanto a obediencia, nunca fe efcufou, do que lhe mandava, procurando, & dezejando fempre trabalhar nas occupaçoẽs da Religiaõ, como quem fó pera iffo vivia nella.

20 Dizia todos os dias Miffa; por caufa do frio lhe tinham ordenado a celebraffe na Capellinha dentro de caza. No dia da Conceyçaõ da Senhora, depois de a dizer, nam fe podendo ter em pe fe affentou, & dali foi levado em braços pera o feu cubiculo. Vefpora de Natal tomou o Santo Viatico, & aos 28 a Santa Unçaõ: no dia feguinte que foraõ 29 de Dezembro de 1711 pelas 8, & meia da noite entregou o feu bemaventurado efpirito ao Senhor. Deixou impreffa em latim huma Expoziçaõ fobre o Cantico *Magnificat*; & outro volume de Sermoẽs em latim com todas as licenças pera fe imprimir. Contava quando morreo 76 annos de Companhia, & 91 de idade: era o mais antigo Padre da Provincia, & conhecidamente o que mais trabalhara nos pulpitos, dandolhe Deos tam largos annos de vida pelo pouco, que os poupou, empregando-os todos em fervir de continuo a Deos, & a fua Religiaõ. Oito mil vezes fubio ao pulpito pera pregar, & praticar. Enfinando Philofophia, naquelles quatro annos prègou oitenta vezes. Todo efte trabalho continuado por taõ largos annos fem olhos em premio, ou lucro algum temporal, mas fó com os olhos em Deos, & por feu amor, bem da a entender o cumulo de merecimentos, com que fe acharia no fim da vida.

CAPITULO XXI.

Vida do Padre Thomas Arnau.

Em Angra aos 8 de Agofto do Anno 1713.

1 O Padre Thomas Arnau homem de efpirito incança-

cançavel, antigo, & muito celebre Missionario nas Ilhas dos Açores, & Terceyras: nasceo em Miranda do Corvo no Bispado de Coimbra. Seus Pays se chamaraõ Antonio Arnau, & Maria Neta. Seu Pay o criou com rigor, & bom ensino. Estudava em Coimbra com outro Irmaõ seu; se lhe vinha delles a minima queixa, os mandava buscar a Coimbra, & fechandoos em hum palheiro, como se fossem escravos, os sustentava com broa, & agoa, ajuntandolhe por conduto mui bons açoutes, & palmatoadas; tendoos assim oito dias, os tornava a mandar pera Coimbra. Indo o Pay hum dia com elles succedeo encontrar a Justiça, que levava prezo hum ladraõ: perguntada, & dita a cauza do crime, em chegando a caza deu a cada hum dos filhos duas duzias de palmatoadas, fazendolhe huma grande pratica, de que se lembrassem da occasiaõ, porque lhe dava aquelle castigo, peraque ao diante fugissem dos crimes, que viam naquelle homem. Com estes, & outros santos avizos, & ensino Christam passou os primeiros annos. Entrou na Companhia em Coimbra aos 21 de Mayo de 1654 tendo quinze pera dezaseis annos de idade. Acabados seus estudos, foi mandado pera as Ilhas, aonde viveo alguns quarenta & mais annos, sempre com fama de homem Apostolico, & de muita virtude.

2 Em sua vida era exemplarissimo, fora de todo o commercio de seculares, excepto no que tocava ao bẽ de suas almas; porque nesta materia em todo o tempo o tinham expedito, assistindo com a mesma charidade a grandes, & pequenos, de noite, & de dia com bom, & com roim tempo; porque nunca se poupou, antes se tratava, como se fosse hum vil escravo de todos. Era sempre o ultimo, que sahia do confessionario. Nas confissoẽs de noite era o primeiro, ainda depois de velho. Huma vez, que era chamado confessor da meya pera huma da noite, nam o querendo mandar o PadreReytor, attendendo a seus annos, & achaques, o sentio muito; porque elle pera trabalhar nunca consentio que o tivessem por velho.

3 Em huma noite chuvosa indo a huma confissaõ, nam obstante o bordam, a que por sua idade se encostava, cahio em terra, & levantandose muito alegre disse pera o companheyro: *Deixe, que la vay esta pera o livro de hâ de haver:* (alludindo ao modo, com que se explicam os contadores nos seus livros.) A hum Religiozo contou destas suas confissoẽs de noite o cazo seguinte. *Huma noite veyo à portaria hum pobre fatuo, & graciozo, & o chamou pera huma confissam. Sahindo o Padre, guiando-o o doudo, & chegando a certa rua apontou com o dedo para huma porta, dizendo*: ali o querem. *Ditas estas palavras, fugio a modo, de quẽ tinha feito huma grande peça, & vadiaria, entrou o Padre, admirandose muito a gente de caza de o ver ali a tais horas. Contoulhe o succedido. Responderam*, que o nam tinham mandado chamar, por nam haver doente em caza, & que so naquella tarde viera hum homem do campo algum tanto combalido pera se mostrar no seguinte dia ao Medico, que se sua Paternidade o queria consolar, o poderia fazer. *Entrou, deteve-se, depois de o dispor, o confessou, & descendo pera baixo disse à gente de caza, que de menhaã pedissem logo o Santo Viatico pera o enfermo. Assim se fez, & naquelle dia morreo. E costumava dizer o Padre*, que ficara muito contente do serviço, que Deos fizera naquella alma. Bem se deixa ver, que o fatuo nam fora levado de sua fantezia, mas que Deos o tomou por instrumento, pera salvar aquelle homẽ, que tinha escrito no numero dos seus escolhidos.

4 As Missoẽs, que fez por todas as

as Ilhas foram muitas, as moçoẽs nos auditorios grandiſſimas. Suas palavras pareciam ſettas, que penetravaõ os coraçoẽs deſabafando eſtes nas lagrimas dos olhos. Dos pulpitos fallava *tanquam poteſtatẽ habens*, dando terriveis reprehenſoẽs, & tudo era bẽ acceito; porque ninguem duvidava da ſantidade de ſeu zelo. Todos o reſpeitavam como a pay de ſuas almas. No tempo, em que no Fayal arrebentou o formidavel incendio do monte Capello, o Padre Arnau foi a geral cõſolaçaõ das immenſas miſerias, que cauſou o incendio.

5 Era devotiſſimo da Virgem Senhora, por vezes o acharam no ſeu cubiculo fallando, & chorando diante de huma ſua Imagem. Dizia Miſſa com muita perfeiçaõ, & devaçaõ. Era muito penitente, ainda depois de velho ſe diſciplinava tam fortemente que fazia eſpanto, aos que o ouviam. Nam tocava os comeres mais mimozos de aves, ou doces, que em certos dias mais ſolennes ſe punham na meza, contentando-ſe com o mais groſſeiro. Nem ainda em mezas de ſeculares nobres tocava, ſenam do que ſe traſia menos mimozo, como vaca, & hortaliça. Teve grande zelo do bem eſpiritual, & temporal de Religiaõ, como ſe vio nos Collegios do Fayal, & Angra, que governou. Em ſeu veſtido ſe tratava com deſprezo, & pobreza; remendava por ſua maõ o veſtido interior: com alguma peça foi achado nas maõs refazendoa, a qual apenas tinha por onde lhe pegaſſem. Dandolhe hum chapeo novo, ſe naõ atreveo a uſar delle.

6 Huma noite tinha elle ſahido a confiſſoens nam menos, que tres vezes, como o chamaſſẽ a quarta, reſpondeo o Padre Reytor, *que naõ queria matar o Padre, que ſe queriam outro, & que ſe o doente pudeſſe eſperar athe menhaã, entam mandaria o Padre, que neceſſitava de deſcanço.* De menhaã foi contar ao Padre Arnau, o que paſſava: ficou o Padre muito ſentido, & diſſe pera o Padre Reytor, *& ſe eſta alma ſe perder, quem tem a culpa? Na minha ſaude, & deſcanço vay pouco, na ſalvaçaõ de huã alma vay muito.* Hum ſecular grave vizinho do Collegio vendo o muito, que de noite o chamavaõ pera os moribundos, diſſe ao Padre Reytor, *que nam mataſſe aquelle Padre com tantas ſahidas fora de noite às confiſſoẽs, por quanto elle era a honra da Cõpanhia nas Ilhas.* Quando pregava, o chamavam do confeſſionario pera o pulpito, & depois, tanto que enxugava o ſuor, logo voltava ao confeſſionario. Em certos tempos do anno hia praticar, & doutrinar no Caſtello de Angra aos ſoldados, como a gente mais falta de doutrina.

7 Pregava com tal contençam, que o ſuor chegava [paſſado o mais veſtido] a molhar a ſobrepelliz, & aſſim pera nam apodrecer, era preciſo lavarem-na todas as vezes, que prègava.

8 Sendo naturalmente melancolico, ſe o chamavam pera alguma cõfiſſaõ, logo ſe alegrava. O conceito de ſua virtude era tam grande, que ninguem queria morrer ſenam com elle a cabeceira, & tinham pera ſi, que aquem elle aſſiſtia naquella hora, ſe ſalvava. Daqui vinha, que ninguem era chamado pera aſſiſtir aos moribundos, ſenam elle; & noites houve, em que hia quatro, & ſinco vezes fora a quatro moribundos, & eſte era o ſeu goſto. Muitos doentes deſeſperados dos Medicos, aque hia, ſó com a bençaõ, que na deſpedida lhes lançava, melhoravaõ. Sua abſtinencia era grande, paſſava muitos dias ſó com migas de pam, & agoa. Ante menhaã quando nos Domingos & dias Santos ſe dis a primeira Miſſa, fazia ſuas exhortaçoẽs eſpirituais a gente, que cõcorria, pera aſſim poderem acodir a ſuas cazas, levando alem do fruto da Miſſaõ o da palavra de Deos.

9 Sua

9 Sua authoridade com todos era igual ao conceito, que se tinha de sua virtude. No Fayal cõmetteo hum homem tais crimes, que sem duvida seria por elles enforcado, se o prendessem. Metteo-se em o nosso Collegio; deu o Padre Arnau ordem ao embarcar para o Brasil. Em effeito o fez metter em hũ barco, paraque o levasse a hum Navio, que partia: como ja nam o pudesse alcançar, voltou o barco a terra. Sabendo a justiça, q̃ estava nelle o criminoso, convocou huã cõpanhia de soldados, & a formou na praya, pera com segurança se fazer a prizaõ. Sabendo o Padre, o que passava, mandou tomar a capa a hum Irmaõ, dizendo-lhe que levasse huma estolla. Chegãdo à praya entrou pelas duas alas da companhia, & junto ao mar poz a estolla ao pescoço, mandou chegar o barco, & sahir o criminoso, dizẽdolhe, *que se apegasse à sua estolla, & o seguisse*: assim o fez, & nesta forma veyo cõ elle por meyo da cõpanhia, sem haver pessoa, q̃ se atrevesse a tirallo, & o metteo no Collegio. Ficando todos pasmados assim da invençaõ, & animo do Padre, como do santo respeito, que a todos os enleou, sem ouzarem estender maõ pera o prezo. Nesta forma o poz em salvo. Taõbem tem circunstancias notaveis o seguinte.

10 Na Ilha Terceira hum negro de Antonio de Pamplona, em huma sua quinta degolou bom numero de perus, & os metteo em hum sacco, pera os vender. Vendo este furto hum mulato, disse, *que o faria a saber a seu Senhor, peraque o castigasse*. Entaõ o negro arrancando de huma faca o matou, & se veyo acoutar ao nosso Collegio. Dali o veyo tirar hũ sobrinho do dito Antonio de Pamplona, dizendo, q̃ o queria embarcar pera o Brasil; mas o embarque foi mettelo nas maõs da justiça, que o poz em cobro na cadea. Sentio o Padre a aleivosia. No dia seguinte foi a caza do senhor o Padre Arnau. Fez Antonio de Pamplona grandes queixas das maldades do negro. Entam o Padre lhe disse, *que pois por merecer a morte, ja o dava por perdido, lho desse pera o Santo Xavier*: Respondeo, *que de muito boa vontade lho dava*, & *sua mulher disse tambem, que ella dava o que do negro lhe pertencia*. Succedeo fugirem da cadea todos os prezos, & pondo-se todos em salvo, só o negro cahio nas maõs da justiça, que o prendeo em hum alpendre da Igreja dos Capuchos. Indo o Padre à caza de Antonio de Pamplona, começou a fallar do negro, dizendo que o seu peccado o chamava. Aqui lhe disse o Padre Arnau: *Senhor, que tem Vossa Merce com o negro do Santo Xavier, deixeo, ja que lho deu, que elle està a conta do novo dono*. As cousas se dispuzeram em forma, que por se guardar a immunidade Ecclesiastica, foi reposto no mesmo alpendre, & tendo os Frades a Igreja aberta, se metteo dentro no Cõvento. Naõ eraõ passados muitos dias, quando o negro saltando pela cerca dos Frades se veyo recolher ao nosso Collegio, ou a caza do seu novo senhor o Santo Xavier. Logo o padre deu ordem a o embarcar pera o Parayba, aonde foi vendido por muito bom dinheiro, que se empregou em assucar, & do procedido deste se fizeram os paineis da Capella do Santo Xavier na Igreja do Collegio de Angra.

11 Como se tinha, & tratava como escravo da Religiaõ, naõ fugia de a servir, occupandosse em trabalhos proprios de servos. Havendo de se murar huma propriedade do Collegio do Fayal na Ilha Terceyra, hia em pessoa assistir à obra. Elle por suas mãos ajudava a despedir de hum monte a pedra, que rodando vinha cahir junto da obra. Elle tambem ajudava a fazer a parede, sendo hum dos Mestres, pera que ficasse enleada com segurança. De tarde quando

se

ſe recolhia pera o Collegio, vinha cõ os pedreyros, & moços da Cidade, que hiam ao mato buſcar lenha, cantando em voz alternada pelo caminho o Roſario da Senhora. Mandava ao Irmaõ que contaſſe as decadas, q̃ rezavam. Quãdo chegava a portaria, lhe preguntava o numero dellas, & dizia: *melhor he iſto, que vir murmurando.* No tempo della, trazia alguma fruta do pomar, com que conſolava, aos que o accompanhavam no canto.

12 Tambem repartia com muitos meninos pobres, que o eſperavaõ nos arrebaldes da Cidade. Fazia a repartiçam de tal modo, que os que ficavam ſem eſmolla, na ſeguinte occaziaõ eram os primeyros, a quem dava. Eſtando fazendo eſta eſmolla huma vez, ſe eſpantou a cavalgadura, em que vinha, & deu com elle em terra. Ficou da queda tam eſtroncado, que nunca mais ſe pode por a cavallo. Quando depois fallava neſte deſaſtre, dizia *que aquillo nam fora outra couſa, ſenam o demonio, que lhe quizera impedir, as eſmolas, & o exercicio de humildade no trabalho da quinta:* a qual por ſer fabricada com o ſeu ſuor, ficou tam proveytoſa, que he hoje das melhores da Ilha. Do meſmo modo ſe houve, quando fez as cazas do Porto Santo, que he huma quinta, & pomar do Collegio de Angra, onde vam os noſſos Meſtres paſſar nos tempos das ferias os dias determinados pera o ſeu allivio. Hia quaſi todos os dias dar calor a obra, nella andava trabalhando à imitaçam dos noſſos primeyros Padres, quando começou o Collegio de Coimbra. Pegava nas padiolas, tombava as pedras, ſem fazer de ſi diſtinçam aos mais trabalhadores, & pedreyros.

13 Nas Miſſoẽs uſou pelos caminhos, ſe naõ hia confeſſando, cantar o Rozario com a gente, que de huns em outros povos o ſeguia. Quando acompanhava em ſuas vizitas o Biſpo, hia ſempre diante delle; buſcava pera ſe agazalhar a caza de algum pobre; ao qual dizia logo, que o ſeu ſuſtento lhe naõ deſſe cuidado, que naõ queria mais que nabos feytos em quartos, & cozidos em agua pura. Eſtes eram o ſeu alimento. Como jà lhe ſabiam o eſtilo, nenhum pobre ſe ſeſobrava com o hoſpede, antes ſentiam grande conſolaçam em repartir com elle da ſua pobreza. Em Superior era muito eſmoller. Como huma vez mandaſſe dar a huma pobre dous alqueyres de milho, & o Procurador lhe foſſe replicar, em que era muito, lhe ordenou lhe deſſe quatro, pera lâ lhe naõ tornar com tais replicas. Tinha ordenado ao Porteyro, *que nenhum pobre ſe foſſe, ſem eſmolla; ſe ſoubeſſe o contrario, teria grave penitẽcia*; & ao Deſpenſeyro ordenou, *naõ fizeſſe pezo do paõ pera a portaria, mas deſſe, o que lhe pediſſe o Porteyro, pois ja lhe tinha dito o nam deixaſſe lâ apodrecer.*

14 De reſpeytos humanos nenhum cazo fazia, quando encontravam os divinos. Quis o Biſpo, por ter o parecer de outros, & ainda de algum da Companhia, que lhe approvaſſe certo modo de apanhar certos feytiços, que ſabia ſe lhe ordiam; nunca tal couſa com elle pode acabar. A outro noſſo, que jâ he defunto, foi muito reprovado dos Superiores maiores o tal concelho, & louvado o deſengano do Padre Arnau, que dahi em diante ſe retirou totalmente do trato, de quem tal ouſou de lhe pedir.

15 Depois de ſer Reytor de Angra, nunca mais viſitou ſeculares, nem lhe pagou vizita, o que elles naõ tomavam mal, por ſaberem, que o fazia por viver ſó a ſi, & ao proximo no ſeu bem eſpiritual, a que nunca ſe negou. Ouvindoſſe huma vez dobrar os ſinos na morte de outro Religioſo, cuidandoſe na Cidade ſer morto o

Padre Arnau, ſe encheo de gente o terreyro da Igreja, concorrendo a venerar ſeu enterro. Como os deſenganaſſem, que o Padre nem doente eſtava, ſe retiraram, moſtrando neſte concurſo a geral opiniaõ, que havia de ſua virtude, & o ſentimento que teriam, ſe lhe faltaſſe.

16 No anno de 1712 aos 19 de Outubro chegou hum Religioſo ao Collegio da Terceyra com ſete dias de cezoens, que lhe duravam quinze, & mais horas, & lhe continuaram muito tempo depois do dezembarque; & querendo hum dos Religioſos daquelle Collegio tomar à ſua cõta o aſſiſtir ao enfermo, & vendo que lhe naõ era poſſivel pelas efficazes razoẽs, que o doente lhe propunha, deſiſtio aindaque com bem repugnãcia ſua daquella obra de charidade, que pela ſua occupaçam ſe lhe fazia impoſſivel. Entrou o Veneravel Padre Thomas Arnau, durando ainda eſta Religioſa contenda, no cubiculo do enfermo, perguntou, ſobreque era aquella queſtam, informado do que ſe tinha paſſado, reſpondeo por eſtas formais palavras. *Meſtre deſcance, que lhe naõ ha de ſer neceſſaria aſſiſtencia; porque nam podera dormir, em quanto tiver febre.* Aſſim o experimentou o doente, naõ ſó em quanto lhe duraram, mas tambem em duas recaidas, que teve das meſmas cezoẽs.

17 Neſtes ultimos tempos de ſua vida tomou o Padre Thomas Arnau a ſua conta tratar da horta do Collegio, aonde andava com dous moços dirigindo-os, & trabalhando com elles, quãto permittia a debilidade de ſuas forças; porem hum Reytor daquelle Collegio lhe prohibio eſte trabalho, a que o Padre chamava recreaçam, com tanta pena ſua, que muitas vezes hia de huma janella da Livraria, que cahe pera a meſma horta, & com palavras, que moſtravam ſentimento, dizia. *Jà nam es horta; porque me nam tens por hortelam.* Era tam grande o conceyto, que na Ilha Terceyra delle ſe tinha, que em ſahindo à Cidade concorriam todos a lhe pedir, & tomar a bençaõ; naõ ſó meninos, & gente do povo, mas o meſmo Governador do Caſtello ſeu cõfeſſado, ou vindo ao Collegio, ou encontrando-o lhe pedia a bençam, & lhe beijava a maõ.

18 Sendo conſultor ſempre votava, o que entendia diante de Deos. Se algum intereſſado lhe fallava antes, pera o inclinar, coſtumava dizer, *que havia de votar, o que Deos lhe inſpiraſſe, & aſſim o fazia,* ſem attender a reſpeytos humanos. Acompanhando na vizita ao Senhor Biſpo, huma vez de puro trabalho cahio enfermo tam fraco, que todos imaginavam, que morria. Hum Capellam do Biſpo, que conhecia bem o genio do Padre, ſe chegou à cama, & lhe diſſe: *Voſſa Paternidade, pera ter ſaude, havia de ſahir ao pulpito, & dizer duas palavras de Deos ao povo, que o dezeja ouvir.* Parou o Padre hum pouco, como quem conſultava com Deos, o que faria; & reſpondeo: *Vamos ao pulpito.* Levaram-no em braços, & pregou com tanto zelo, & eſpirito, como antes, & ſahio do pulpito como ſe nada tivera. Todos attribuiram eſte ſuceſſo a eſpicial favor de Deos. O Padre dizia, *que lhe dera ſaude pela devaçaõ do povo, que tanto dezejava ouvir a palavra de Deos.*

19 A opiniam que delle havia em todas as Ilhas era, porque todas tinham experimentado grandes proveytos no ſeu zelo, & trabalho. Mãdando-o chamar o Biſpo pera ſe confeſſar com elle; porque o tinha eſcolhido por ſeu Confeſſor, eſtava tanta gente ſobra elle, que apenas ſe lhe pode dar o recado. Foi logo, & muito deſconſolado; porque naõ queria tal occupaçam; diſſe ao companheyro, *que nam havia lâ de tornar, nem deixar*

xar

xar tãtas pobresinhas sem confissaõ, que ao Bispo lhe nam faltavam confessores. Como o disse o cumprio, sem attender mais, que ao maior serviço de Deos.

20 Finalmente o quis Deos apremiar, chamando-o pera si com a ultima doença. Tendo-se preparado como o fazem os homens santos, acabou seus bemafortunados dias no Collegio de Angra aos 8 de Agosto de 1713. A seu enterro, & officio houve grandissimo concurso. huns o chamavam, *Varaõ cheo de Deos*, outros *o Santo Xavier das Ilhas*, & semelhantes elogios, que todos cahiam bẽ em suas grandes virtudes. De seus vestidos se cortaraõ tantos pedaços por reliquias, que pera ir com decencia, foi necessario vestiremlhe outros. Depois se contavam, como milagrosos muitos effeytos da applicaçam destes pedaços do seu vestido.

21 Isto he o que athe o prezente pude haver das virtudes deste Santo Religioso: posto que pedi, se lhe mãdassem fazer conferencias nas Ilhas, & se inquirissem suas particulares acçoẽs de edificaçam, pera se deyxarem aos vindouros em memoria, & com ellas nos consolarmos os prezentes; nada, ou quasi nada de lá se remetteo, se acazo se fez a diligencia, que se pedio. Cousa he sem duvida, que huma vida de tantos annos gastados em gloriosas, & Apostolicas Missoẽs, & consumida no bem das almas, nam podia deyxar de ter innumeraveis acçoẽs, & successos edificativos, que pudessem formar huma larga, & avultada narraçam. Pelo menos esta pequena escritura servirá, para que se saiba o seu nome, & avive hum justo sentimento, que naõ se pode escuzar, em que dezeja, se perpetuem as memorias, dos que nos fizeram taõ gloriosa esta Santa Companhia, em que vivemos.

CAPITULO XXII.

Vida do Padre Doutor Jozeph de Seyxas.

Em Coimbra 9. de Fev. de 1691

1 FOi o Padre Jozeph de Seyxas hum dos Padres, que conhecemos nesta Provincia de talentos mais cheos pera os governos, & todas as cousas grandes; ajuntando com elles grandes letras, & grandes virtudes. Nasceo em Lisboa. Seus pays se chamaram Belchior Gomes, & Izabel de Seyxas. Alli entrou na Companhia aos nove de Abril de 1627, tendo quatorze annos de idade. Teve pera os magisterios todos os requisitos, que constituem hũ Mestre em tudo cabal.

2 Ensinou Rhetorica; depois em Coimbra foi Mestre de Philosophia, & cazos de consciencia. Theologia ensinou em a Universidade de Evora, aonde tomou o grao de Doutor aos 4 de Julho de 1660. Leo esta sciencia athe a cadeira de Prima com o nome, que suas grandes letras, & magestade na cadeira lhe mereciam. Depois o fizeram Reytor do Collegio de Braga. Deste passou a governar o Collegio de Coimbra. Logo o mandaram ser Provincial do Brasil. Acabado o triennio ficou hum anno por Visitador da mesma Provincia. E mandava o Padre Geral o fosse, em quanto se naõ embarcasse, & que se acazo depois de embarcado arribasse, fosse continuando em ser Visitador.

3 Voltando ao Reyno foi quatro annos Provincial. Em seu governo foi a Roma à eleiçam do Padre Geral Carlos de Noyelle. Entregando o governo da Provincia ao Padre Andre Vaz, ficou segunda vez Reytor do Collegio de Coimbra. E ultimamente foi Vice-Reytor do mesmo Collegio. Nestes governos o occupou a

Companhia por alguns vinte annos.

4 Havia nelle alem dos excellẽtes talentos naturais pera os governos, cadeiras, & pulpitos, virtudes solidas, alheas de ceremonias, & hipocrisias. Foi tam humilde, que nunca de sua bocca se lhe ouvio louvor proprio. A esta humildade ajuntava grande mansidaõ. Nem se queixou de alguem, nem agravado fez cousa, que denotasse vingança. Amou sempre a verdade, ainda que fosse contra sua propria pessoa. Nem actos literarios, nem pregaçoẽs fazia, sem ir cingido com o seu cilicio.

5 Indo por petiçam do Bispo de Lamego Dom Luiz de Souza prègar a Quaresma naquella Cathedral, em todo o tempo, que lâ esteve, alem do trabalho das prègaçoẽs, nunca se deitou em cama, mas sobre o leito vestido, nem mudou camiza, com a que levou de caza, com essa, sem a mudar, tornou pera o Collegio.

6 Foi homem, que nunca tratou disto, que chamamos carne, & sangue. Pudera per si, ou por outros adiantar a seus parentes; porem houve se com elles, como se os naõ tivera. Ainda que era abastada a filha de huma sua irmaã, por lhe fazer obsequio, lhe quis accrescentar o dote o Conde de Vimiozo, em ordem a ser Religiosa. Respondeo a isto o Padre: *Que se sua Senhoria tal fizesse, lhe nam tornaria a subir a escada do seu Paço.* Quando foi mandado ao Brasil, intentando o Conde de Villar maior embaraçar a jornada por meyo Del-Rey, se oppoz com grande generosidade, dizendo, *Que por cumprir com a obediencia, negandoselhe nao, iria sobre huma taboa ao Brasil.*

7 Antes de o metter nesta empreza, o tentou o Padre Geral Joaõ Paulo Oliva por carta sua, a que elle respondeo, *Que nam tinha cousa em contrario ao parecer de sua Paternidade, & que estava promptissimo, pera quaisquer cousas, que lhe ordenasse: que elle nunca navegara, antes o occuparam sempre nos lugares mais honrozos da Provincia; que era bem padecesse alguma cousa trabalhoza, que por tanto sua Paternidade naõ só podia, mas o devia mandar ao Brasil.*

8 Sua charidade foi mui conhecida de todos. Sendo Superior, quãdo vinha o Medico, era o primeiro, que acodia, pera o ir acompanhando na visita dos enfermos, procurando, que com nada se lhes faltasse. Muitas vezes por toda a noite assistia, aos que estavam em perigo. Quãdo era Reytor de Braga vindo dous nossos enfermos de Bragança pera outro Collegio, hospedandose no seu, lhes mandou assistir com toda a liberalidade com cousas particulares, & de custo. Como o Procurador se mostrasse difficultoso, com severidade lhe ordenou, que a todo o custo acudisse aos dous hospedes, que pera isso eram os bens temporais da Companhia.

9 Nam permittia na meza cousa fora, do que se desse aos mais. Jejuou sempre os Adventos, & algumas vesporas de Santos jejuava a pam, & agoa, comendo de joelhos. Sendo homem de grande liberalidade com os outros, consigo era muito pobre. Morrendo hum Irmam Coadjutor seu companheiro, & amanuense, se encontrou na sua pobreza hum cilicio feito por suas maõs, que cobria todo o corpo, tomando-o nas maõs o Padre, o beijou, & guardou pera si.

10 Todas as vezes, que sendo Superior, nomeava alguns Missionarios pera a India, o fazia com lagrimas, & beijandolhe os pès, com humas palavras cheas de santo fervor, como quem envejava sua boa sorte. Sempre procurou abrigar aos nossos, que delle se valeram em seus trabalhos. A nenhum despedio da Companhia, que naõ tentasse antes todos os bons meyos, pera o conservar. Por este

este modo conservou muitos, que depois emendados serviram mui bem a Religiam, & nella morreram.

11 Tinha grande tento acerca, dos que se haviam de receber na Cõpanhia, & pelo semblante alcançava delles intimo conhecimento. No tẽpo, que foi a Roma, se admittio em o Noviciado hum moço da primeira nobreza do Reyno: quando voltou, disse, *que se cà estivera, o nam admittiria, & nam havia de perseverar*, & *assim foi*. Como o seu Anjo da guarda tinha singular devaçam, delle entre outros favores contava, que indo em Genova por huma rua, viera hum grande pezo do alto de huma janela, & lhe cahira diante dos pès, sem o tocar, nem a seu companheiro.

12 Padeceo muito de dor de pedra, & outros achaques, em cujo soffrimento teve bom purgatorio. Elle os levava com notavel paciencia, dizendo à volta della suas graças, sem sahir de sua authoridade, & gravidade, & as tinha a seu tempo mui desenfastiadas, ainda no meyo das afflicçoẽs. Antes de morrer entrou em tam humilde conceito de si, que dezejou confessar publicamente seus peccados; & o faria, se lhe naõ fossem à maõ. Pedio perdam de seus deffeitos a todos, accrescentando, que perdoava qualquer cousa, que contra elle se tivesse dito, ou feito. Tocado de algum escrupulo, perguntou a hum Padre, *Se podia dezejar a morte mais cedo, pera se ver com Christo*; respondendole, *que sim*; entrou em ansiozos dezejos de morrer.

13 A hum Irmaõ, que lhe assistia, disse estas palavras: *Irmaõ temei a Deos, temei a Deos, temei a Deos*. Frequentemente se reconciliava. Tendo indulgencia pera o ultimo artigo, achando estar nelle, deu sinal ao Sacerdote, pera lhe applicar a indulgencia. Feita esta applicaçam espirou. No dia antes entrando o enfermeyro, lhe disse; *Vindesme jà amortalhar, pera me por no esquife? A menhaã o fareis, & assim foi.* Falleceo no Collegio de Coimbra aos nove de Fevereiro de 1691, tendo setenta, & sete annos de idade.

14 A suas honras funerais assistio o Bispo de Coimbra, & o melhor das Religioẽs, & Universidade, dizendo todos grandes elogios do defunto, q̃ nelle morrera o maior homem, que a Companhia tinha em Portugal. Nosso Reverendo Padre Geral nomeando pera Vizitador das Provincias do novo mundo a certo Padre Castelhano, como este se escusasse, nam lhe quis admittir a desculpa, dizendo, que tambem o Padre Jozeph de Seyxas sendo o mayor homem da sua Provincia, fora pera o Brasil. Na Congregaçam geral se cobrou delle notavel conceito pelo acerto, & expediçaõ, com que fallava nas materias, que se tratavam. Por ser homem mui vendavel, & bem apessoado fazia respeito naquelle gravissimo congresso. Nam ficou por Assistente, por julgar naõ convinha ao decoro, que se devia à nobreza, letras, & virtude do Padre Francisco de Almada, que servira o tal cargo, chamado pelo Padre Geral.

15 Querendo em seu tempo a Universidade de Coimbra, ou alguns senhores affeiçoados à Companhia, darnos a cadeira de Prima de Theologia; nestes dous Padres puzeram os olhos pera esta promoçam, inclinando huns a hum, outros a outro. Estes intentos se desvaneceram, nem a Companhia se deu por achada nestas pertençoẽs, ou intentos.

CAPITULO XXIII.

Em Roma anno de 1709. aos 23 de Fev.

Memoria dos Padres Antonio do Rego, & Antonio Dias.

1 DEve a Companhia *ao Padre Antonio do Rego* alẽ do muito, que deu, os Santos exemplos, que lhe deixou. Nasceo em Carvalhal no Arcebispado de Lisboa, seus pays se charam Luiz Henriques, & Lucrecia do Rego, entrou na Companhia em Lisboa aos 24 de Março de 1639, tendo quatorze annos de idade. Depois de seus estudos acabados, foi pera Roma, onde viveo athe o fim da vida em diversas occupaçoẽs, das que ali fazem os Padres Portuguezes.

2 A noticia, que posso dar de suas virtudes, he a que me enviou o Padre Miguel Dias, q̃ foi em Roma seu companheiro muitos annos, quando era Assistente; & depois foi nesta Provincia Reytor do Noviciado de Lisboa, Confessor da Rainha Dona Maria Sophia, Provincial, Preposito da Caza de Saõ Roque, & ultimamente Assistente da Companhia em Roma; donde por seus achaques voltou pera Portugal, & quando isto escrevo, passa sua authorizada velhice em a Caza dos Irmaõs Noviços de Lisboa.

3 O que elle por carta sua me cõmunicou do Padre Antonio do Rego he o seguinte por suas mesmas palavras: *Foi*, dis o Padre, *por muitos annos Ministro Del-Rey, ou Residente em Roma, pera expedir os negocios desta coroa; & sendo, que sua Magestade El-Rey Dom Pedro por muitas vezes lhe mandou dizer, que do credito aberto, que tinha, tomasse todo o dinheiro, que fosse necessario pera sua sustentaçam, & pera andar em carroça, pois era velho, & nam poderia de outro modo expedir os negocios, sendo tam grandes os longes de Roma; nunca acceitou a tal offerta: sempre andou a pè, & do dinheiro Del-Rey nunca tomou pera si nem hũ só real.*

4 *Era devotissimo da Virgem Santissima; & de nosso glorioso Padre Santo Ignacio. Pera maior honra, & culto da Senhora, instituio, que todos os sabbados se cantassem as suas ladainhas, & se dissesse hum exemplo junto à sua capellinha de nossa Senhora da Estrada; & pera os gastos da musica, & cera deixou renda perpetua.*

5 *Pera honra de nosso Santo Patriarcha instituio hum octiduo, que elle mesmo compoz em hum livrinho, com muitas preces, pera se rezarem nos oito dias antecedentes à festa do Santo. E em cada hum dos oito dias se dis hum exemplo do Santo Patriarcha, concorrendo muitos devotos a este modo de Novena, & a beijar a Reliquia do mesmo Santo, que o Padre Rego tinha posto em hum bello Relicario; aos quais mandava repartir imagens do Santo, que pera este fim fazia estampar em grande numero. Tambem pera as despezas da cera, q̃ se gasta no dito octiduo, deixou renda perpetua.*

6 *Em ornar a capellinha da Senhora da Estrada, gastou vinte mil cruzados pouco mais, ou menos. E naõ pareça encarecimento, porque a ornou com muitos, & finos marmores, & a enriqueceo com dous preciosos Sanctuarios, & com muitas peças de prata, como castiçais, tocheiras, estatuasinhas de Anjos &c. E com hum sacrario, em que meteo muitas, & exquisitas Reliquias.*

7 *Nem pera tam grande despeza se valeo de algumas esmolas das muitas senhoras de grande nobreza, que eram suas confessadas; tudo sabio das grossas propinas, que sendo Residente recebia, quando expedia as bullas dos Bispos; porque lhe disseraõ,*

seram, que se o Residente as regeitava, nam tornavam à maõ dos Bispos, mas ficavam em Roma repartindose pelos officiais da Dataria: & sò entaõ se resolveo a acceitalas com licença do Padre Geral.

8 *A's Missoẽs da China, Jappaõ, Malavar, & Maranham deixou (cõ licença in scriptis, que teve do Papa, pera testar do dinheiro, que ainda tinha antes de morrer) oito mil cruzados, dous a cada huma. E pera hum frontal de prata pera a Capella grande deste Noviciado deixou setecentos mil reis; & outros setecentos pera outro frontal tambem de prata pera a Capellinha da Senhora de Saõ Lucas do Collegio de Coimbra.*

9 *As esmolas, que deu â Caza Professa de Roma, foram muitas. E muitas tambem, as que deu a pessoas de fora. Sò me lembra em particular huma de setenta, ou mais escudos Romanos, que de huma vez deu a certa Senhora de grande nobreza, que lhe reprezentou a muita necessidade, em que se achava. E pera melhor aremediar, reprezentou elle ao Papa as necessidades, que padecia a tal Senhora, pedindo a sua Sãtidade, a quizesse favorecer; o que o Papa fez, mandando-a prover dali por diante.*

10 *Todas as sestas feiras do anno, & todos os Domingos, & dias santos [nam obstantes as occupaçoẽs de Residente, & Assistente] assistia no confessionario, pera o qual hia em acabando a oraçam, ou antes disso; & nam sabia delle senam no tempo da mesa, porque o concurso das senhoras, & de outros penitentes, que acodiam ao seu confessionario, era extraordinario.*

11 *No trato de sua pessoa era mui austero, porque, ainda sendo jâ velho, nam admittia cousa alguma particular, contente sò com a pequena porçam de vaca, que se dava à Cõmunidade, & nem por isso usava de chuculate, nem de alguma outra cousa, pera reparar as forças, & poder aturar o trabalho de andar a pè, discorrendo todos os dias por Roma, pera agencear os negocios desta coroa.*

Athe aqui a noticia, que me remetteo o Padre Miguel Dias, a qual posto que breve, contem em si grandes virtudes, como bem se deixa ver.

12 Sua ultima enfermidade foi hum catarro fortissimo, que o affogou em tres dias. No segundo dia mandou chamar ao Padre Miguel Dias, que estava tambem de cama, levantouse, & o foi ver. Comunicoulhe o Padre algumas cousas de importancia, & se tornou a recolher. Falleceo tendo recebido os Sacramentos em a Caza Professa de Roma no anno de 1709. aos 23 de Fevereiro.

13 *O Padre Antonio Dias* foi varam perfeitissimo, que viveo, & morreo com opiniam de Santo. Nasceo em a Villa de Niza do Bispado de Portalegre. Estudou Philosophia, & Cazos em Evora; donde passou a Salamanca a estudar Canones. Tornando a Portugal se ordenou em Portalegre de Ordens Sacras. Por ser Sacerdote de virtude, & sobrinho do Chãtre da Se, o fez o Bispo Dom Joam Mendes Reytor do Seminario Episcopal. O tio queria nelle renunciar a dignidade, cousa de que o sobrinho estava mui longe, porque nada queria com beneficios, & dinheiros. *Em Põta delgada ao 1. de Set. de 1681*

14 Tinha singular devaçaõ à Senhora, a quem com muitas oraçoẽs tomou por valia, peraque Deos lhe desse a entender, onde se queria servir delle. Finalmente sentindo hum efficax impulso de ser da Companhia, a pertendeo, & nella entrou em Lisboa pera Coadjutor Espiritual aos nove de Abril de 1639, tendo vinte, & sete annos de idade. Pera se incitar ao exercicio das virtudes, se accommodava o de S. Bernardo, dizendo-se repetidas vezes: *Antoni, ad quid venisti?* Por isso de tal sorte tratou de seu apro-

aproveitamento, como quẽ pera elle buſcava a Religiaõ.

15 Acabados os dous annos o mandaram pera a Ilha de S. Miguel, onde viveo athe o fim de ſua vida, que foram alguns quarenta annos, ja ſendo Procurador, jà Miniſtro do Collegio. Naõ ſe atava ſomente a eſtas occupaçoẽs, porque acodia com frequẽcia aos miſeraveis prezos, & a fazer muitas obras de charidade em bem do proximo, pera ſatisfazer à devaçam dos muitos penitentes, que o buſcavam nam ſo de menhaã, mas de tarde, lhe era neceſſario acudir ao confeſſionario. A penas muitas vezes lhe ficava tempo, pera tomar o precizo ſuſtento.

16 Na Companhia jejuou ſempre as ſeſtas feiras por devaçam, & os ſabbados por voto em obſequio da Senhora. Eſtando na ultima doença, pera nam jejuar veſpora da Aſſumpçaõ, foi neceſſario, que o Superior lho prohibiſſe. Tinha aſſim em ſubdito, como ſendo Superior, grande zelo da obſervancia Religioza.

17 Parecia homem feito de charidade pera com os pobres. Com licença, que tinha, cerceava o ſuſtento, que ſe lhe punha na meſa, & o que ficava, elle o levava aos pobres. Nos jejuns do Advento ao principio entrou em cuidado, ſe os deixaria, por aceitar tudo, & forrar pera os pobres. Como lhe pareceſſe duro deixar eſta devaçam, ſe reſolveo aceitar à noite, o que ſe punha aos mais, & tocando de tudo fazia ſua moderada collaçam, & o mais ficava pera os pobres.

18 Ainda depois de velho nam deixava de ſe diſciplinar todos os dias. Depois da morte ſe lhe acharam as coſtas cheas das nodoas & pizaduras dos açoutes. Dormia ſempre cingido com o cilicio. Nam podendo rezar por falta da viſta, repetia todos os dias o Officio da Cõceyçaõ da Senhora, que ſabia de memoria. As commemoraçoẽs fazia ajudado de alguns Padres, & pera ſupprir os deffeitos, rezava todos os dias o Rozario da Senhora.

19 Suas delicias eraõ o trato com Deos pela oraçaõ. Huma vez foi achado em o ſeu cubiculo, quando orava, levantado no ar. Em ſeus exercicios ſantos foi exactiſſimo. Depois q̃ nam pode dizer Miſſa, ouvia muitas cada dia. Commungava todas as vezes, que os Irmaõs o coſtumam, & alem deſtes dias todas as quintas feiras. Na ultima doença o que mais ſẽtia, era nam ter commodo de commungar frequentemente. Depois que nam pode dizer as Miſſas, que por ſeu turno dizem os Sacerdotes pelas obrigaçoẽs entre nos coſtumadas, rogou, que o nomeaſſem, pera rezar as coroas, entrando niſto com os Irmaõs.

20 Sempre trouxe nas meninas dos olhos o credito da Companhia. Muito tempo eſteve como entrevado na cama, de que ſe lhe fizeraõ grãdes chagas, em que imitava a paciencia de Job; dizia frequentemente o de S. Paulo: *Cupio diſſolvi, & eſſe cum Chriſto.* Dizendo-lhe hum Religiozo, *que conſideraſſe, que aquellas dores lhas dava Deos, pera com ellas accreſcentar o merecimento,* Reſpondeo: *Faça-ſe a vontade de Deos, nem eu quero outra couſa, poſto que a alma dezeje apartar-ſe do carcere deſte corpo.* Dali em diante teve eſcrupulo de repetir o de S. Paulo, dizendo ſomente: *Faça-ſe em mim a vontade de Deos.*

21 Aos Padres, & Irmaõs, quando o viſitavam, pedia, rogaſſem a Deos, que lhe deſſe boa morte. Finalmente com a diſpoſiçam, & preparaçaõ de huma vida ſanta acabou ſeus dias no Collegio da Ilha de S. Miguel ao primeiro de Settembro de 1681. Ao amortalharem o cadaver, cauſaraõ admiraçam as muitas nodoas, que

tinha

tinha do rigor dos açoutes. Suas alfayas vinham a ser contas, breviarios, disciplinas, & cilicios, de que se approveitaram nossos, & seculares pera Reliquias; por quãto havia delle geral opiniaõ de homem Santo.

CAPITULO XXIV.

India 1715. *Vida do Padre Francisco Laynes Bispo de Meliapor.*

Entra na Companhia, fervor, com que pertendeo a Missam, pera onde parte, & nella trabalha com grande espirito.

1 A Muita devaçaõ, que em mim senti às veneraveis missoẽs de Madurê, pelo muito, que tinha lido de seus ditozos Missionarios, me obrigou a apontar os empregos Apostolicos de muitos, que ainda viviam, & que desta Provincia tinhaõ ido, & com quem convertaramos; pelos considerar a todos huns grandes servos de Deos. Nem o genero de vida, que professam, os trabalhos, em que vivem, as cousas tam avultadas, que emprendem, as perseguiçoẽs pella Fe, com que de continuo sam amartelados, podem estar, sem Deos alli influir com grande especialidade seus alentos, & serem aquelles bemditos homens singularmente escolhidos de Deos.

2 Hum destes foi o Padre Francisco Laynes, a quem no anno de 1708 [quando estas cousas escrevo] vimos em Portugal, onde chegou de Roma em Novembro de 1707, tendo padecido naufragio nas costas do Reyno de Granada. Nasceo este grãde Missionario em Lisboa. Seus pays se chamaram Pedro Troyano, & Anna Maria Neto. Antes de ser da Companhia se nomeava Francisco Troyano. Estudando no pateo de S. Antaõ, em sua patria entrou na Companhia aos 16 de Outubro de 1672, tendo dezaseis annos de idade.

3 Depois do Noviciado o mandaram estudar em o Collegio de Coimbra; onde deu mostras de seu singular engenho nas faculdades, que estudou. Porem as boas prendas, que em si via, as começou a estimar, so pera as empregar todas na salvaçaõ das almas. Sobrevieraõlhe abrazados dezejos de servir a Deos nas Missoẽs do Malabar. O fervor destes com nenhumas palavras se explica melhor, que com as suas. De sua pertençam encontrei a seguinte carta pera o nosso Padre Joam Madeira, que entam era em Lisboa Procurador da dita Missam. Dis assim.

4 *Nam posso encarecer a Vossa Reverencia a consolaçaõ, que recebi, assim por entender lograva a saude, que este seu servo lhe sabe dezejar, como por ver se cumprem ja de algum modo meus dezejos. O Ceo de a Vossa Reverencia muitos, & felices annos de vida, pera sua maior gloria, & minha consolaçaõ. Communiquei ao Padre Provincial, o que Vossa Reverencia na sua me dizia, & dandome da sua parte o bom despacho, que eu dezejo, me disse mandaria por o negocio na consulta da Provincia. Agora peço muito encarecidamente a Vossa Reverencia se lembre lâ deste seu subdito, pera que nam haja alguem, que resista ao espirito de Deos, que me chama negandome a licença, que ha tantos annos pertendo, & isto com todo o segredo possivel; pois, meu Padre, o que mais temo, he, que alguns amigos sabendo estes meus designios, procurem divertir aos Padres Consultores, de me darem a licença; nam advertindo, que procuram resistir ao Espirito Santo.*

5 *Pois se da primeira occasiam, que fis a saber ao Padre Procurador de Malavar, o que pertendia, o naõ*

soubessem alguns, pode ser tivesse ja feito serviços a Deos na minha muito amada, & dezejada Provincia do Malavar, mas disto daram estes estreita conta a Deos. Isto supposto, Vossa Reverencia tome à sua conta o negocio deste ja seu subdito, & venha o sim, que por mais batarias, que me dem, estou, & estarei sempre firme, porque fallo a Vossa Reverencia com todas as veras, que ja tenho grave escrupulo, de me dilatar mais, porque quando o amor proprio me pertende dilatar, me sugere a consciencia hum grave escrupulo da salvaçaõ. Em fim he esta vocaçaõ de Deos, que como cuido, nos trabalhos, & incõmodidades do Malavar tem cifrada minha salvaçaõ. E veja Vossa Reverencia se he bem pospor o negocio da salvaçaõ ao appetite do amor proprio. Fico esperando por cousas do serviço de Vossa Reverencia. Em cuja santa benção &c. Coimbra trinta de Dezembro de 1680. Indigno servo de Vossa Reverencia, Francisco Laynes.

6 Partio pera a India no anno de 1681 com o Padre Francisco Sarmento, que câ viera por Procurador. Ja no anno de 1686 estava na Missam de Madurè na Residencia de Catûr. Porque aquelles Padres tem dividido os Reynos, a que abrange toda a sua Missam, em varios destrictos com nome de Residencias; & cada Missionario tem à sua conta o destricto, que a obediencia lhe assigna, mudandose de huns a outros, quando assim o pedem as cousas, & o dispoem a santa obediencia.

7 Nesta de Catûr trabalhou alguns annos com zelo incançavel. Do que nella succedeo em o anno de 1687. dis o Padre Laynes assim em huma carta sua pera o Padre Luiz de Mello: *Por causa da fatal perseguiçaõ, que o anno passado escrevi a Vossa Reverencia, houvera no Reyno de Tanjaor, & porque ainda duram as reliquias della nos coraçoẽs de nossos inimigos, nam tive lugar este anno de correr, como dezejava, aquella Residencia, mas aqui desta de Catûr fis, o que pude, sacramentando, & ajudande a todos, os que nella me buscavam. Pela festa da Paschoa, em que se achavam aqui perto de mil almas, foi Deos servido livrarme a mim, & aos Christaõs das maõs dos Mouros, que governam estas terras.*

8 Foi pois o cazo, que vindo o Governador desta Provincia neste tempo a esta povoaçaõ de Catûr, & nam achando os moradores nella, perguntou por elles. Como lhe dissessem, que estavam na Igreja, partio logo com grãde furia, pera prender a todos, os que alli estavamos, & queimar a Igreja; em effeito o faria, se naõ fora hum Gentio nosso affeiçoado, que com elle vinha, & o tirou disso. Assim foi Deos servido, que em festa taõ solenne, como a de sua gloriosa Resurreiçaõ, nam perecessem as ovelhas com o Pastor às maõs de tam infernais lobos. Porem se este successo cauzou grande alegria aos Christaõs, nam deyxou de lhes ficar auguado, por nam terem occasiam em festa tam solenne de receber o pasto espiritual, que vieraõ buscar de tam longe; porq Sabbado da Alleluia me deram huãs febres, que me impossibilitaram a dizer Missa o dia de festa; & assim os despedi, consolando-os, & dizendolhes, que rogassem a Deos por mim, que foi servido, que em breve tempo se despedissem as febres.

9 Tambem a fome deste anno abrangeo a esta Provincia, & tam cruelmente, que mal se pode explicar cõ palavras, o que so pode servir de compayxam ao coraçaõ: pois nam so os Christaõs, mas milhares, & milhares de Gentios me vinham aqui chorar suas lastimas; & me cortava o coraçam ver tanto desemparo, & miseria; & muito mais vendo, que me nam achava com posses, pera os soccorrer.

Che-

Chegou a tanto extremo esta miseria, que os famintos mataraõ a hum Bramane [peccado nestas terras inaudito, & o maior de todos pera com os naturais] & lhe tiraram das entranhas arroz, que pouco antes lhe tinham visto comer.

10 *Nam parou aqui esta inhumanidade, & fome canina, que de dor de ilharga, (como dizem,) os apertava; porque tambem chegaram a comer os corpos mortos dos outros famintos, que achavam pelos campos sem sepultura: como succedeo na Cidade chamada Utapaleam nam muyto distante desta Igreja de Catûr. Como o cuidado destes Gentios andava todo applicado em ver, como poderiaõ escapar o rigoroso transe da morte temporal, nam tinham tempo de se lembrar da eterna, que os esperava. Por isso nam chegou o numero dos bautizados este anno mais que a trezentos, fora os que no artigo da morte entre tantas molestias, & miserias souberaõ com arrependimento ganhar os bens da eterna gloria, pera o que Deos entre tantos os tinha escolhido.* Isto o que dis o Padre Laynes daquelles matos de Catûr, aonde assistia padecendo alem dos trabalhos, que refere, os daquella solidam, que se podia chamar huma Thebaida, todo applicado a ganhar almas pera Deos; exercicio, que o nam deixava, ainda quando estava mais molestado de dores de cabeça, que ordinariamente o molestavam.

11 Dilatase o destrito desta Residencia pelas terras de hum Principe tributario à coroa do Reyno de Ginja, & por tres Provincias sogeitas ao Reyno de Tanjaor. Neste Reyno he grande o culto dos idolos, & por isso sam continuas as perseguiçoẽs contra os Christaõs. Mais de vinte annos havia, que se naõ podia alli prègar publicamente o Evangelho, nem acodir aos Christaõs senaõ de noite; & isso sempre a modo de quem anda fugitivo, porque sempre os Gentios andam no alcance dos Mestres da Ley de Deos. Nam podia o Padre assistir dous dias com segurança em hum lugar, discorrendo de noyte, & a pe descalço de humas em outras povoaçoẽs, & assim mesmo de noyte administrava os Sacramentos, por evitar de dia os concursos. A este continuo trabalho se ajuntava muita falta do necessario. O ouvir a cada passo os maos tratamentos, que os Gentios faziam aos Christaõs, era pera o Padre hum continuo martyrio.

12 Em huma carta, na qual o Padre refere os successos da sua Missam no triennio de 89 athe 91, foi a perseguiçaõ muy terrivel. O Padre a conta succintamente por estas palavras. *As perseguiçoẽs, que esta Christandade padeceo neste triennio, nam posso eu referir com a extençam necessaria, assim por serem muytas, & pera isso faltarem-me palavras pera exprimir a crueldade dos tyrannos, & constancia dos Martyres; como porque a pena nam pode correr neste papel banhado nas muitas lagrimas, a que me movem os lastimosos gemidos, que ao prezente estou ouvindo, dos que agora mesmo estam padecendo: pelo que basta dizer em summa, que só nos tres annos, de que fallo, tratearam duas vezes a hum Catequista, que huma o carregaram de ferros; que varias o mandaram desterrar por infame.*

13 *Que a hum Catecumeno deram tam crueis tormentos, que todos o avaliaram por morto; que o metteram em hum tanque de agoa, affogando-o no mais fundo della, sem que lhe deixassem tomar a respiraçaõ, diziaõ,* que invocasse aos falsos Deoses. *Que o tiveram em grilhoẽs de ferro muytos dias sem comer. Que sem piedade queymaram as costas a hum Neofito cõ laminas de fogo; que o ataram a huma arvore, descarregando nelle os açoutes, que o seu odio lhes* dita-

ditava; que lhe fizeram derramar muito sangue das feridas, com que o acutilaram. Que deram tam crueis açoutes a outro, que muitas horas esteve sem sinais de vida, que lhe ataram os buchos dos braços atraz das costas com tanta força, que lhe faziaõ chegar hum ao outro; tormento, com que lhe desconjuntaram os ossos, & com que fizeram arrebentar o sangue das veas; & lhe confiscaram tudo, quanto tinha, & ainda multaram no que nam tinha.

14 *Que deraõ em outros taõ deshumanos açoutes, que todo o corpo lhe ficou em chagas. Que a outros tiveraõ alguns dias carregados de ferros, sem comerem cousa alguma. Que a muytos juntos puzeram hum pezado madeyro atado ao pescoço. Que a hum quebraram os ossos de huma maõ com os tratos, que lhe deram. Que a huma Catecumena deraõ repetidas vezes tam crueis açoutes, que muitas horas esteve sem falla, nem uso dos sentidos. Que a outros tiveraõ muitos dias em grilhoens de ferro multiplicando com os dias os açoutes. Que a innumeraveis desterraram de suas povoaçoẽs por infames, negando-lhe ainda a falla como a excõmungados. E finalmente esta Christandade he hũ perpetuo ludibrio a qualquer Gentio, & o mais certo objecto de sua furia.*

15 *A todo este desemparo, & & muitas vezes a grande parte delle junto, he necessario, que eu so acuda cõ toda a vigilancia, pois a suma orfandade destes miseraveis Neofitos, nunca teve outro refugio. E posto que tudo me custa alem do muito trabalho, a penetrante dor, & copiosas lagrimas, de que he boa testimunha o mesmo Senhor, a cujos pes as derramo, dou tudo por bem empregado; pois assim o merece a constancia invencivel, & gloriosas vitorias, com que estes meus filhos em Chaisto triumpham a cada passo do tirano.* Athe aqui o que naquella carta escreve o Padre Laynes; & bem se deyxa ver o immenso trababalho que teria, & continuos sustos entre perseguiçoẽs tam crueis: nas quais pelas vias que podia, confortava a todos, & a todos dava novos alentos.

16 Destas furiosas perseguiçoẽs nascia nam ter o Padre em todo o Reyno de Tanjaor lugar seguro, em que fazer huma Igreja, na qual pudesse administrar os Sacramentos. Acazo fes huma bem limitada, porem logo os inimigos de Deos a queymaraõ, buscando ao Padre pera fartarem nelle seu odio; & o fizeram, se elle se naõ puzesse em cobro. Foi a Tanjaor, que he a Corte do Reyno, & lhe dâ o nome, pera ver se podia fallar ao Rey, & alcançar alguma segurança. Havia muitos tempos nam fora alli Padre, porisso foi excessivo o trabalho, que teve em sacramentar os Cristaõs; & maior o temor, que naõ houvesse noticia, de que alli estava.

17 Muitos prodigios obrou Deos naquella Residencia, que dis o Padre Laynes, nam referia, porque as suas occupaçoẽs nam davam a isso lugar. Dous conta, que eu naõ posso passar em silencio, por serem hum de muita gloria da Virgẽ Mãy, outro do glorioso Apostolo S. Frãcisco Xavier.

18 Tinha huma devota Christaã huma imagem da Senhora, que estimava em muyto, tendo-a sempre diante dos olhos, quando rezava o Sãto Rozario. Ateouse o fogo na povoaçam da Christaã a tempo, que ella estava auzente: queymou o incendio entre muytas cazas a da Christaã. Sabendo ella do cazo veyo correndo, & sem attender ao perigo, se metteo pelo incendio, & foi buscar a sua imagem. Achou-a sem lustre, & meya queymada, cousa que lhe causou sentimento inconsolavel. Muito tempo nem admittio consolaçam, nem ainda tomou o sustento necessario. Todo aquelle dia se lhe foi em se abraçar com a imagem, & lhe dizer

ternu-

ternuras, & em derramar copiosas lagrimas: assim continuou athe de noyte. Finalmente a venceo o sono; & começou a sonhar, que a sua imagem estava inteira, como se nunca fosse queymada. Com isto acordou, & pondo os olhos na imagem, achou, que era certo, o que tinha sonhado; estando ella na perfeiçam, que tivera antes do incendio. Os vizinhos da Christaã a viram, & tambem o Padre Laynes, engrandecẽdo todos a Deos por obrar tam rara maravilha.

19 O segundo cazo foi, que dous virtuosos cazados viviam em grãde pena por naõ terem filhos, que naquella terra se avalia por affronta, & infamia. Valerao-se nesta sua ansia do Apostolo do Oriente Saõ Francisco Xavier. Alcançaram hum filho, & o criaram alguns annos com incrivel gosto, & agradecimento ao Santo. Mas se o gosto foi grande em terem este filho, naõ foi menor o sentimento em o perderem, porque lhe morreo. Lembrarãose, que por intercessam do Santo Xavier o tiveram, acodiram logo ao seu patrocinio. Tomam o filho morto nos braços, levaõ-no a huma Ermida do Santo, & pondo-o a seus pes protestaram ambos, que o naõ haviam de levar de sua prezença, athe lhe naõ restituir a vida. Estando assim por algum tempo, eis que começa o menino com espanto de todos os prezentes a dar sinais de vida, & moverse, & a chamar pelos pays. Que com inexplicavel alegria se lançaram a elle abraçando-o, & fazendo as mais significaçoẽs de amor, que cazo tam inopinado de si pedia.

CAPITULO XXV.

De outros grandes serviços, que fez a Deos.

1 NO anno de 1694 teve este servo de Deos bem, que padecer, porque aos grandes trabalhos, que eram nelle ordinarios, accreceo o susto da cruel guerra, em que ardeo Tanjaor, & o Reyno de Ginja, onde cahia o destrito das Christandades, que havia tantos annos tinha a seu cargo. Tudo refere o Padre na carta seguinte pera o Padre Antonio Simoẽs tambem Missionario de Madure, que tinha à seu cargo escrever a carta Annua do sobredito anno. Dis pois assim.

2 *Começo a dar a Vossa Reverencia as noticias desta Residencia, & successos della no anno de 1694, mas como a falta, que experimentamos de Missionarios, me obrigou a tomar à minha conta algumas outras, de todas ellas fallarei nesta brevemente. No principio do dito anno depois de sacramentar muita parte da Christãdade do Marava, & recolher com muita consolaçam minha copiosos frutos, & conversoẽs naquella seara sempre muito fertil, vim tambem sacramentar, a que habita nas terras de Lingam, Reti, & Naynar; as quais chegando depois de nove dias de viagem, chegou tãbem a ellas o exercito do Sabagi Rey de Ginja; o qual logo assolou, & saqueou todos aquelles povos, sem que a grãde perda, que estes entam padeceram, & o estrondo das armas, que os atemorizava, lhe desse lugar, pera buscarem como sempre o pasto de suas almas, como dezejavam.*

3 *Como porem havia muito tempo, que se viam faltos delle, a devaçam venceo o medo de muitos; & assim foram muy repetidos, & numerosos os concursos pera mim tãto mais penosos, quãto mais continuos eraõ os sustos, que a vizinhãça dos inimigos causava em todos: pelo que me foi necessario muitos dias, & muitas noites estar affixo ao confessionario, pera dar a todos a expediçam necessaria: & porque me faltavam jà as forças do corpo, & o exercito se-*

vi-

vinha chegādo, determinei auzentarme. Chegou a tāto a fervoroza devaçaõ daquelles bons Christãos, que sabendo intentava eu com minha auzencia evitar nelles as graves perdas, que lhes temia: alguns sem que fizessem cazo dos muitos danos, que os ameaçavam, com devoto fingimento me vieram dizer, que jà todos estavam livres do perigo; porque o exercito fizera leva pera as terras da Coroa de Madurè, pelo que podia eu continuar nos meos ministerios, como em effeito fui continuando: athe que vendo as crueis hostilidades, que se faziam nas povoaçoēs vizinhas, pelas quais o Principe daquellas terras ordenou a seus vassalos, que se auzentassem com todo o precioso, que tivessem, eu tābem me parti pera o Reyno de Ginja, onde tratādo com o Padre Xavier Burgezi, Visitador entam desta Missam, os negocios della, passei às Ladroeyras de Tājaor.

4 Neste caminho me consolou Deos maravilhosamente com o encōtro de hum moribundo, que muito o dezejava. Pois sendo eu muito versado naquellas estradas, nam sei porque impulso deyxei o caminho direito, & fui rodeando por outros hum dia inteiro, no fim do qual me encontrei muito acazo com o dito moribundo; o qual com mostras de summa consolaçam estimou este por especial favor do Altissimo, a quem depois de sacramētado, & com sinais de predestinaçam deu sua alma em breve tempo.

5 Destas Ladroeyras atravessando o Reyno de Tājaor passei outra vez ao de Ginja, pera sacramētar a Christādade circumvizinha, que naquelle tempo costuma concorrer alli em grāde numero; como concorreo sequiosa à fonte da graça; naõ sendo menor a conversam dos Gentios: pois em mes, & meyo, que ali estive nam me lembra, que se passasse dia, em que nam administrase o sagrado bautismo a mais, ou menos catecumenos com summa consolassam minha; a qual crecia tāto mais, quāto maiores, & repetidas eram as maravilhas, que a poderosa mam do Omnipotente obrava naquelle lavatorio de vida, quādo jà esperavā por momentos a morte.

6 Outros ficavam livres do espirito maligno, que por muitos annos os atormentara, depois de se terem consumido em romarias, & offertas a seus falsos Deozes. De semelhātes cazos, que nem sem fundamento parecem milagrozos, podia eu referir muitos, mas por evitar a identidade, passo por elles; & vou ao Reyno de Tājaor; pera o qual me passei no principio da Quaresma, detendome toda ella nos matos vizinhos à fortaleza Palucotey, sem que tambem alli me faltassem concursos em nada menores, que os sobreditos, nem tābem maravilhosas reduçoēs de muitas ovelhas, que sem ouvirem por largos annos a voz de seu bom Pastor, andavam desgarradas, & entregues a pastos nocivos a suas almas; o que algumas, dellas conheceram claramente pelas graves & repetidas perdas, que experimentaram assim nos bens da fortuna, como nos da saude; merecido castigo a sua temeridade, & proporcionado instrumento, pera melhorar em espirito a gente como esta, mais facil de atrahir com a vista dos bens temporais, que com a esperāça dos eternos.

7 Estes, & semelhātes ministerios me fez interromper com bem magoa minha huā doença, que entam me sobreveyo tam mortal nos symtomas, como apressada no curso, pois em menos de vinte, & quatro horas me fez totalmente desesperar da vida, & a todos os circunstātes. O peyor era, que pera o apparelho da futura me faltava naquelles matos, quē me administrasse os Sacramentos, Viatico necessario pera aquella, entam

tam pera mim preciza viagem: pois o Padre, que mais perto estava, distava tres dias daquelle mato; o que muitas vezes nos succede nestes Reynos; pois nam poucas he necessario aos Missionarios ir tam longe como de Lisboa a Coimbra, só a fim de receber o Sacramento da penitencia.

8 Por tãto valendome do ultimo remedio, dispûs, q̃ cõ toda apressa avizassem ao Padre mais vizinho, & que assim moribundo como estava, me levassem athe o meyo do caminho, onde se chegasse com vida, me poderia encontrar com elle, & receber os Sãtos Sacramentos, que dezejava. Porem estando eu assim desesperado da vida, vendo aquelles devotos Christãos, que entam alli se achavam, vẽdome destituido de todo o remedio humano, valeraõse do mais prezente, & certo, que he o divino; & assim tendo já rezado as Ladainhas da Virgem Senhora nossa, como costumaõ todos os dias, pera a moverem mais à sua costumada piedade, segundaraõ todos juntos as mesmas Ladainhas com devaçam mais terna. Esta se deyxava ver nas copiosas lagrimas, que muitos delles derramavam; fazendo tambem alguns delles repetidos votos, & varias preces pela saude de seu Pastor; cuja falta senteriam tãto mais, quanto maior he hoje a orfandade, que experimentam. Foi cousa a todos maravilhosa, porque logo senti notavel melhoria, & pouco depois tam perfeita, que pela menhaã jâ valente como antes fui continuando nossos ministerios com admiraçam minha, & de todos; que avaliamos este favor por huma das maravilhas do divino braço, rendendo sempre as graças à sempre Virgem Maria entam com especialidade nossa advogada.

9 Vinhase jà entam chegando a festa da Paschoa, & porque o exercito do Mogor começava a por cerco à Cidade de Tãjaor, como logo direi, nam me foi possivel sahir daquelles matos. Nelles celebrei a mesma festa. Como o fizesse com alguma solennidade maior do costumado, foi innumeravel a gente, que concorreo a ella nam sò Christãos, mas tambem Gentios, principalmente dos que vinham pera aquelles matos fugindo dos Mogores, achando por este meyo muitos delles a liberdade, da tirania do & cativeyro do demonio. Como esta gente se deyxa mais levar da apparencia do vizivel, que da efficacia das razoẽs, vendo com seus olhos o aprazivel da festa, que os deleitava, & com isso desmentida a calumnia, com que os Gentios nos accusam, dizendo, que nam celebramos as festas com solennidade, & pompa, como elles costumam fazer, & em que se persuadem està cifrada toda a virtude da Religiam, & culto divino; vendo (digo) esta calumnia desmentida, & a infallibilidade das razoẽs, que entam se lhe propunham, foram tantos, os que entam se resolveram a abraçar as verdades de nossa Fè; que quãdo depois de muito bem instruidos foi necessario administrarlhes o santo bautismo, nam só foi necessario fazelo em hum cãpo largo; mas como eram muitos, & todos juntos, o fazer a todos elles as ceremonias da Igreja, me causou (seja pera sempre bemdita a misericordia divina) me causou grãde cãsaço, & molestia no corpo, sendo muito maior a consolaçam do espirito, que entam me acompanhava.

10 Mas jâ se deyxa ver, que o demonio nam podia soffrer a consideravel perda de tãtos, que se izentaram de seu cativeiro; & assim instigãdo a hum de seus ministros, lhe ditou as culpas, que seu odio lhe administrou contra nossa innocencia; das quais nos foi accusar ao Governador daquella Provincia, homem em tudo malevolo, & nosso inimigo declarado.

do. Este sem mais prova das culpas, ou vista das partes mãdou, que se prendeßem, & castigassem, quãtos Christaõs se achassem naquella Aldea, & nas circumvizinhas, & q̃ nam se consentisse, que se administrassem mais nellas nossos ministerios, como antes ja tinha ordenado varias vezes.

11 Entregouse esta execuçam a hum Capitam de Infantaria, da qual grãde parte eram Christãos: estes acabaram com seu Capitam, que acudisse pela innocencia, informãdo ao Governador do ajustado procedimento dos Christãos, como elle via com seus olhos. Assim o fez com bom effeito, que porque ainda que nam se extinguio o odio do Governador, parou a resoluçam, que mãdara executar. Ficou com grãde pezar o Gentio, que nos delatara; o qual depressa experimentou o açoute de Deos; porque em breves dias estãdo sam, & valente o assaltou huã grave dor de estamago, a dor do qual lhe tirou em poucas horas a vida com admiraçaõ; & temor dos que sabiam o cazo, & o seu empenho em perseguir os Christãos.

12 Jâ neste tempo o exercito do Mogor estava alojado no Reyno de Tãjaor, & por isso todo este penetrado com hum profundo medo, vendo o vastissimo poder daquelle barbaro, & temendo as muitas hostilidades, que ouvira fizera no Reyno de Ginja, por onde passara; as quais foram sem duvida crueis, & barbaras: pois alẽ de assolarem a ferro, & fogo Cidades, & cãpos ainda dos seus confederados, foram innumeraveis os que levou cativos de hum, & outro sexo, & de todas as idades. Os menores, nam sò pera se servir delles como escravos, mas pera lhe servirem de objecto a sua infame concupiscencia, & nefando vicio da sodomia, a que este barbaro foi sempre muito entregue, sem q̃ seu depravado appetite faça pera isso distinçam alguma de sexos.

13 Os cativos de mais provecta idade vende logo no exercito, onde tras pera isso mercadores, que vivẽ dos großos lucros, que fazem neste cõmercio, traspassando logo os ditos cativos pera terras longinquas, & pera elles incognitas. O que tudo por ser cousa, que esta gente detesta, & abomina sũmamente, causou em muitos delles temerarias, & lastimosas mortes: pois nam poucos principalmente molheres avaliando esta por mais suave, que a infamia do Cativeiro em poder de tam nefando barbaro, foram algozes de suas mesmas vidas, precipitãdose humas em altos poços, outras morrendo atropeladas do cavallo, de quem as cativava, por naõ quererem caminhar com elle; & outras tomando outros varios generos de morte com mais resoluçam, que acerto.

14 Pera resistir ao grandissimo poder deste inimigo, chamou El-Rey de Tãjaor em seu socorro a hum General de Cavallaria, que por ser poderoso, & ter muita, toda sua, se tem feito absoluto, sem reconhecer superior algum, militãdo ora nestas, ora naquellas guerras, & vivendo sempre de rapinas. Este veyo em effeito, & entrou no Reyno de Tanjaor com seis mil cavallos, & pouca Infantaria. Mas o que vinha em socorro do Reyno, foi a sua total ruina; pois discorrendo em tropas por todo elle nam sò o roubou, saqueou, & assolou tudo; mas quãdo já nam achava, com que satisfazer a sua cobiça, fazendo prizioneiros aos moradores, que achava nas Aldeas, pedialhes a quantia de dinheiro, que queria, ameaçãdoos, quãdo o naõ exhibißem, de lhes queymar as Aldeas, como fez a muitas.

15 O peyor he, que a quãtos passageiros encontrava, alem de os roubar tirandolhe athe o mesmo vestido, lhes fazia acarretar todos os viveres,

res, que tinha roubado; servindose tambem delles, & dos mais, que reprezava pera todo o serviço da cavallaria. A tudo se accommodavaõ, por naõ serẽ acutilados, & mutilados, & as molheres affrontadas. Pois ainda que este Barbaro nam era tam nefando, como os Mogores, fes nestas materias grandes desaforos nam so na gente plebea, mas nas molheres graves. Como os povos se queixaßem ao Rey, respondia, nam estar na sua maõ enfrear estes desatinos, coma na verdade nam estava: antes se temeo, nam usurpasse o Reyno.

16 Cresceo este receyo no defender a principal praça, que lhe fora entregue, que era a de Tanjaor. Formouse debaixo da artelharia desta fortaleza com os seus seis mil cavallos, & sinco mil Del-Rey de Tanjaor: porem tanto que teve vista do inimigo, deyxando a forma militar, fugio descompostamente pera dentro da Cidade, onde esperou ao inimigo; o qual se dera logo assalto à Cidade, sem duvida a entraria, por estarem todos como tolhidos com o medo. Tudo conheceo o Mogor; mas o intereße o deteve; pois so tinha perda em concluir a guerra; por quanto he costume daquelle Imperio dar so soldo, & premio, a quem anda na guerra; esta acabada, ceßa toda a paga Del-Rey naõ so à gente ordinaria, mas aos Cabos. porisso nam quis o Mogor proseguir a victoria, que tinha ja nas maõs: foi dilatando a guerra, sem por cerco real a Cidade, nem apertar com ella: antes começou logo a tratar de concertos, pedindo grande summa de dinheiro pera gastos do exercito.

17 Finalmente depois de dous mezes se concertou o Rey de Tanjaor de dar aos Mogores dous milhoens de patacas, com os quais se accommodaram, passando logo ao Reyno de Ginja, aonde sem resistencia se apoderaram de algumas fortalezas, que por medo estavam quasi devolutas; porem nam se encostaram à principal fortaleza, ou por dilatar a guerra, ou porque entendiam ser de sitio inexpugnavel.

18 Tanto que o Mogor levantou o cerco de Tanjaor, logo o Rey delle tratou de despedir ao General da cavallaria, que chamara em seu soccorro, assim porque fora a ruina do Reyno; como porque vira de quam pouco proveito fora, pera resistir ao inimigo. Dandolhe conforme ao concerto duzentas mil patacas, o despedio de suas terras.

19 As sobreditas hostilidades, & estrondo das armas nam permittio assistir naquelle Reyno. E assim que retirandome delle, sem que em tres dias de viagem encontrasse huma só pessoa em terras tam povoadas, & reduzidas já em campos de Troya, cheguei aos matos de de Urearpaleam: & posto que intentei logo passar adiante; porque o grandissimo numero de gente, que na espessura delles estava embrenhada, me promettia copiosos frutos, me detive nelles alguns dias, sem que minha esperança me enganasse; porque foram muytos os que vindo àquelles matos buscar a segurança de suas vidas, acharam nelles o caminho da vida eterna.

20 O que mais he, alguns dos mesmos, que athe aquelles tempos como inimigos declarados perseguiam a Christandade; viram seus descaminhos. Foi o cazo, que recolhendose tambem aos ditos matos hum dos Mestres destas seitas com grande parte de seus discipulos, & vendo o numeroso concurso assim de Neofitos, como de Catecumenos, que frequentavam o lugar, em que eu estava; cheo todo de malevolencia, & enveja fez consulta com os discipulos como poderia pôr termo â conversaõ, & perverter os convertidos.

21 Resolveram, que me offerecesse disputa, & nella diante de todos

me convencesse com a efficacia de seus argumentos, apontando alguns, em que mais se fiavam; porq̃ deste modo envergonhado eu, & os Christaõs; nem estes se confessariam por tais publicamente, nem os mais deixariam o culto de seus Deoses. Foi servida porem a divina bondade, que o mesmo meyo, que elles tomaram pera ruina da Fè, fosse pera grandes augmentos da Christandade: pois começada a disputa a poucos passos, & menor custo começou tambem o Mestre a verse em tais angustias, que em suas perguntas, & repostas nem a seus mesmos discipulos contentava; & posto que tambem estes com rizo de todos sugeriam ao Mestre, o que elle nam sabia; nam bastou isto, peraque elle nam concedesse cousas tam sem proposito, & absurdas, que athe aos mesmos Gẽtios era objecto de grande rizo, & maior escarneo, mas principalmente quando concedeo, que nem elle, nem homem algum racional tinha alma, que o animasse; & que sua virtude era tam efficaz, que podia fazer prodigios maravilhozos, & ainda resuscitar mortos.

22 *Aqui alguns Gentios por zõbaria lhe perguntaram*, porque nam resuscitava os seus dous filhos, que pouco antes lhe morreram, & de que elle ainda se lastimava. *Finalmente ficou o Mestre tam envergonhado, & convencido, que nam so os meninos lhe deram repetidas vayas; mas tambem seus mesmos discipulos, zombando delle com palavras, & obras deyxaram sua doutrina, abraçando algũs delles a verdadeira ley com grande consolaçaõ dos Christaõs, & confusaõ dor Gentios.*

23 *Com os copiosos frutos, que recolhi naquelles poucos dias, me parti daquelles matos pera as terras de Naynar, & Linguam Reti, a consolar outra vez aquella miseravel Christandade, tam cruel, & repetidamente vexada pela furia das armas, & roubos, que nellas se tinham feito; & posto que as achei todas despovoadas, com tudo tanto que os Christaõs souberam, que eu chegara, concorreram em tanto numero, quanto mais sequiosos estavam; que nam bastou o espaço de hum mez pera dar expediçam a todos, trabalhando de dia, & de noyte.*

24 *Tudo dava por bem empregado, vendo a fervorosa devaçam, com que frequentavam os Sacramentos, ainda quando mais vexados pela perda dos bens da fortuna, aos quais antepunham os da graça. Creyo que por isso a divina misericordia fes muitos favores a muitos delles. Entre elles achei muitos, que assim como tinham chorado a perda dos filhos, que os Mogores lhe tinham levado prizioneiros, assim estavam summamẽte agradecidos a Deos, vendo os livres, & prezentes a seus olhos por especial favor divino. Como aquelle Barbaro levasse destas terras innumeraveis prizioneiros, entre elles foram tambem alguns Christaõs especialmente meninos; cujos pays lastimados fizeram preces, & votos a varios Santos, & conseguiram seus dezejos.*

25 *Muytos delles dentro nos dias, q̃ tinhaõ determinado pera a execuçaõ dos seus votos, viram aos filhos livres do cativeyro, em que os choravam, Posso dizer, que nam sem especial providencia do Altissimo, pois sem ella era impossivel, que meninos de oito, nove, dez annos, fugissem do cativeyro, sem serem sentidos das vigias, que os guardavam, & que em tam tenra idade caminhassem doze, & quinze dias de viagem por entre a furia das guerras, em que ardiam todos estes Reynos, sem que em tam largo caminho experimentassem o menor impedimento, chegando a salvamento a suas cazas, como eu vi a muytos delles com grande admiraçam minha, & maior gosto dos pays,*

que

que os receberam. Nam fallo de outros favores milagrosos, com que Deos nosso Senhor apremiou a devaçaõ de alguns Catecumenos daquellas terras, livrando a tres, ou quatro do espirito maligno, que os atormentava, & a outros dandolhe perfeita melhoria das graves enfermidades, em q̃ suas vidas perigavam, todos taõ agradecidos a Deos, como arrepẽdidos das muitas romarias, q̃ tinhaõ feito a seus falsos Deozes, & do muito, q̃ com elle tinhaõ gastado sem proveito algũ, antes com muyto danno, & perda. Todas estas cousas, & variedade de successos refere o Padre Laynes, dos quais se deyxa ver seu grande zelo, & incançaveis trabalhos.

CAPITULO XXVI.

Continuaõse os empregos Apostolicos do Padre Francisco Laynes, & referemse algumas cousas notaveis.

1 DAquellas terras passou em Agosto a Madure a receber, & agazalhar ao Padre Simaõ Carvalho, que de novo vinha pera a Missaõ. Teve notavel consolaçaõ por lhe vir tal companheiro, por ser homem de partes, & talentos conhecidamente grandes, os quais todos quis empregar na cultivaçam desta vinha. Logo, que accommodou ao Padre, pera aprender a lingua da terra, se poz a caminho pera Tanjaor. Ahi achou a dous moribundos, a quem Deos parece conservava a vida, athe chegar o Padre àquella terra: diziam elles, *que não havião de morrer senão depois de vir o Padre, & os sacramentar.* Assim aconteceo, que receber os Santos Sacramentos, & espirar foi o mesmo. No que o Padre, & os mais ficaram admirados; por entenderem tiveram aquelles devotos Christaõs revelaçaõ de sua feliz morte.

2 Tambem alli foi de muito pavor, o que lhe passou com hum Gentio: toda a sua familia, molher, & filhos eram Christaõs; & elle tinha alcançado, & confessava ser a ley de Deos a verdadeira ley; mas por certos commodos temporais se naõ resolveo nunca a seguilla, ainda que por vezes lhe tinhaõ feito muytas instancias. Nesta occasiam apertou com elle o Padre Laynes, propondolhe o castigo de Deos, que estava ja sobre elle. Fechou os ouvidos como antes, só accrescentou, que Deos lhe daria espaço pera na ultima hora receber o santo bautismo, que pera isso tinha hum Catequista muito à maõ. Mas enganouse, como succede a semelhantes, pois em breves dias o passaram de parte a parte com hum pelouro, de que cahio morto, sem o Catequista lhe ser de proveito algum; pois vindo a toda a pressa, jâ o achou na outra vida.

3 Sacramẽtada aquella Christandade cõ grãde incõmodo do Padre, por haver de fazer alli os seos ministerios de noite: quãdo ja se partia da Cidade, achou haver nella muitos enfermos de castas bayxas, que por serẽ tais naõ podiam conconcorrer, aonde o Padre assistia; por tanto se passou pera huma horta, alli se occultou, & de noyte por evitar escandalo, sacramẽtou os enfermos, & decrepitos: ao romper da alva partio pera o Reyno de Ginja. O motivo desta jornada era principalmente a do Padre Provincial, que lhe mandava autenticar o martyrio do Veneravel Padre Joaõ de Britto. Dalli fez avizo ao Bispo de Santo Thome, que era o Padre Gaspar Affonso da nossa Companhia, pera que mandasse seus Commissarios a esta diligencia. Partio logo pera as terras confinantes ao Maravâ, aonde chegou depois de seis dias de caminho.

4 Em quanto se ajuntavaõ as testemunhas necessarias, pera formar o

processo, foi acodir à Christandade, que habita junto ao Cabo da Calhameyra. Foi grande o concurso dos Christaõs, que estavam muy sequiosos. Houve alli nam só numerosas conversoẽs, mas dellas algumas maravilhosas. Alguns só com decorarẽ o Catecismo ficaram livres de graves enfermidades, & outros por virtude do sagrado bautismo se livraram totalmente do espirito maligno, que havia muitos annos os atormentava.

5 Entre estes foi muy notavel huma energumena, molher rica, & de parentes principais, por isso era mais sentida a sua calamidade. Nam a deixava o demonio descançar, davalhe crueis tormentos, causavalhe dores agudissimas. O que mais era, que sendo de natural pudico, a obrigava a fazer gestos muy descompostos. Pera se livrar deste tiranno, gastou muyto em romarias aos Pagodes, a quem fez grandes offertas, & festas solennes, tudo sem proveito algum. Vendo que tudo era sem fruto, mandou chamar a hum Catequista. Tanto que este chegou a sua prezença, começou o demonio a tirannizala com maior violencia.

6 Brevemente amaynou esta furia, pondolhe o Catequista na testa huma Cruz. Perguntou ao demonio, *quem era, onde estava, & a que fim atormentava aquelle corpo?* Respondeo em voz alta, que todos ouviram: *Eu sou hum dos espiritos condẽnados ao fogo eterno, onde sempre estarei; com licença do Senhor de tudo tomei posse deste corpo, pera levar cõmigo a alma, que o anima.* Entaõ disse o Catequista: *Ainda, que alguns dias tiveste direito a esta alma, já agora nenhum lhe tens, porque conhece ao Senhor de tudo, de quem tu tremes. Por tanto em seu nome, & de seu Filho Unigenito JESU Christo te mando, que deixes esta molher. Nam deyxarei,* respondeo o demonio, *pois nem tu me podes mandar, nem eu sou obrigado a obedecerte; só mandandome, quem tem o lugar de Deos na terra, obedecerei, ainda que contra vontade. Mas pera que todos saibam, quam poderoso he o Senhor, que adoras, deyxarei de atormentar com a crueldade, que antes, athe que me mande, quem pode.* Tudo succedeo em effeito; chegou o Padre Francisco Laynes, & querendo administrar o santo bautismo à energumena, começou o demonio a chorar amargamente, como quem sentia ser despojado da posse de tantos annos. Quando o Padre lhe quis fazer os costumados exorcismos, perguntoulhe *como se chamava.* Respondeo o pay da mentira; *que nam sabia, nem diria seu nome, pois o Padre se queria aproveitar contra elle de sua mesma reposta.* Proseguio o Padre os exorcismos, & tanto que a bautizou, de repente ficou aliviada, como se tivesse sobre si hum pezo gravissimo; & dahi por diante viveo pacificamente.

7 Sacramentada aquella Chistãdade, & bautizados os Catecumenos em grande numero, voltou pera as terras vizinhas ao Maravà. Achou juntas as testemunhas, que mandara vir. Ahi teve huma triste nova, de q̃ o governador daquella Provincia, inimigo declarado da ley de Deos, tinha mandado queimar duas Igrejas, que o Padre fizera com licença, & onde tinha recolhido grandes frutos do seu trabalho; porisso foram muitas as lagrimas, que chorou de sentimento.

8 Penetrado com esta dor, com as testemunhas, se partio pera as terras vizinhas à fortaleza de Trangambar, situada nas prayas da Costa de Choromandel, & he dos Dinamarquezes. Alli lhe deram outra nova tambem de muito sentimento; porq̃ hum antigo inimigo da ley de Deos tinha em grilhoẽs a muitos Christaõs, & tinha queimado a Igreja, que o Padre

Padre alli fizera, & antes disso lhe tinha feito grandes desacatos, os quais por serem naquellas terras de grande discredito pera a ley de Deos, foram causa de vacillarem alguns Neofitos. Empenhouse o Padre, assim em fazer soltar os Christaõs, como em reedificar a Igreja, pera que a idolatria nam triumphasse. Tudo conseguio, vencendo pera isso grandes contradiçoẽs.

9 No entretanto se autenticou o martyrio do Veneravel Padre Joam de Britto. Sacramentou alli a todos os Christaõs, reduzio a muytos, que viviam esquecidos de suas obrigaçoẽs. Destes havia grande numero nas povoaçoẽs vizinhas a Tanjaor, assim pelas vexaçoẽs dos Gentios, como por nam poderem ser assistidos como em outras partes; por causa dos crueis inimigos, que tem alli a ley de Deos, que de continuo a perseguem, & a seus ministros; os quais so de noite, & com grandes cautellas podem administrar os Sacramentos.

10 Constando ao Padre o descaminho de muitos, pera os alentar a todos por meyo de alguns Gentios, conseguio qualquer segurança, pera em huma povoaçaõ celebrar às claras a festa da Natal. Foi isto de grande utilidade, assim pera corroborar aos fracos, como porque dos Gẽtios nam poucos se converteram. Fazendo o Padre rezenha dos que tinha bautizado aquelle anno, achou serem mil, & seis centos, & tres; & dis ser cousa mui grande, cõsideradas as fomes, guerras, & perseguiçoẽs daquelle anno.

11 No anno de 1695 fes o Padre Laynes muitas conversoẽs, padeceo grandes doenças, & esteve a ponto de morrer pella Fè, que era, o que so dezejava. Todos os seus trabalhos deste anno refere o Padre summariamente em huma carta sua, que dis assim. *Dei principio ao anno de 95 cõ bons auspicios; porque logo no principio delle tive occasiam de reduzir a melhor vida a muitos, que andavam esquecidos da eterna; pois havia muitos annos, que nam recebiam a graça dos Sacramentos; & entam a receberam com grande consolaçam minha, & proveito de suas almas. Passei logo ao Reyno de Ginja, aonde sacramentei aquella desemparada Christãdade; & logo ao de Tãjaor pera o mesmo effeito. Posto que me sobreveyo hum penoso achaque, que me deu muita molestia por muito tẽpo, nem por isso pude escusar o trabalho de administrar os sacramentos àquelles fervorosos Christaõs. Era tanto maior a molestia, quanto eram maiores os concursos, como sempre costumam ser naquellas terras.*

12 *Creceo tãto a molestia do achaque com o trabalho, que finalmẽte foi necessario cessar por algum tẽpo, porque me faltavam forças pera elle. De sorte, que ajuntãdose em certa occasiam, como em outras muitas, mais de duzentos Catecumenos, pera receberem o sagrado bautismo, foi necessario interromper por algumas vezes as ceremonias delle, pera as continuar com algum alento. Com pouco sahi daquellas terras, & passei as de Naynar, & Lingam Reti por occasiam de algumas obrigaçoẽs de officio, que entam exercitava. Donde composto tudo, entrei na Cidade de Tãjaor, na qual posto que estive poucos dias por causa do perigo, que nella corria, exposto a furia de nossos inimigos, foi com tudo grande a consolaçam, que tive em Christo, porque tive occasiam de sacramẽtar a muitos moribundos, que dezejavam muito aquelle viatico em viagem tam perigoza.*

13 *Entre estes huma Christam por nome Maria, molher de conhecida virtude, esperava jâ por instantes a morte, & dizia,* que nam havia de morrer, sem que primeiro viesse algum Padre àquella Cidade, pera lhe admi-

administrar os Sacramentos, que muito dezejava, o que parecia a todos impossivel; porque a enfermidade, que ella padecia, nam lhe promettia muitas horas de vida. *Succedeo porem, como ella dizia; porque chegando eu entam à dita Cidade, lhe administrei logo os Sacramentos, & no mesmo dia espirou com admiraçam de todos, & grande consolaçam minha.*

14 *De Tãjaor passei à Provincia de Manarcoil, na qual depois de exercitar nossos ministerios com grãde trabalho, por ser alli obrigado a fazelos todos de noyte, passei às terras de Patucotei, onde me detive mais de dous mezes por causa dos grãdes concursos, que alli tive assim de Neofitos, como de Catecumenos, q̃ concorriam em grãde numero. Finalmente o trabalho de acodir a todos, & mao clima daquellas terras foram causa de huma grande doença, que padeci por alguns dias: se jâ nam teve isto causa em meus demeritos pera com Deos nosso Senhor, nam sendo eu digno de padecer por sua santa Ley a morte, que me mãdava dar o Governador daquella Provincia: donde certamente me naõ apartaria, sacramentãdo aos Christaõs, & bautizãdo aos Catecumenos, se a enfermidade, que padecia, me nam obrigasse a retirarme.*

15 *O cazo foi: tinhame intimado o Governador daquelle Reyno, q̃ nam prègasse mais nelle o sagrado Evãgelho, queimãdome juntamente huã Igreja, que nelle estava. Mas como entam soubesse, que eu nam fazendo cazo de suas ordens, continuava o mesmo ministerio, mãdou huã companhia de soldados com ordem, que cercãdome de noyte a choupana, em que eu estava, me cortaßem dentro nella a cabeça; & se achassem dẽtro nella alguma cousa preciosa, que lha levassem. Eu què nam sabia cousa alguma, do que passava, vendo que a doença se hia cada vez mais agravãdo, & que o Padre, que me podia acodir, distava trinta legoas de caminho daquelle posto, mãdei me levassem pera mais perto, como em effeito levaram.*

16 *Logo conforme a ordem do Governador vieram os soldados, & entrãdo naquella pobre choupana cõ grãde furia; como nam achassem cousa alguma, do que buscavam, converteram todo seu odio contra hum Bramane, que os guiara, & me tinha accuzado ao Governador, injuriando-o gravemẽte de palavra; porque os trouxera de tam longe, perdẽdo sem proveito algum o descãço da noyte. Retirãdome daquelle posto, em que me tinha achado tam enfermo, logo dentro em dous dias sem alguã outra mezinha me achei de todo melhorado: dispondo, parece, Deos nosso Senhor as cousas nesta forma, por ser, & como disse, indigno de padecer por sua causa.*

17 *Passei logo às Ladroeiras a alguns negocio da Missam, & quãdo voltava dellas achei, que alguns Christaos tinham padecido muito pela Fè; porque tendo-a abraçado hum delles, havia pouco tempo; os parentes, que eram poderozos, o accusaram ao Governador: este o mãdou prender, & aos mais que havia naquella Aldea, açoutãdo-os a todos cruelmẽte, pera que deyxãdo a ley, que abraçaram, fizeßem certo sacrificio ao demonio; mas como elles nam viessem neste impio preceito, converteo o Governador toda sua furia contra o nosso Neofito. Nam so lhe confiscou os bens, que tinha, mas repetindo os açoutes com hũas correas retrocidas; lhe fez o corpo em huma chaga viva. Nem por isso elle fraqueou hum ponto na Fè, que tinha recebido, antes se mostrou mais constãte com grãde confusam do tiranno.*

18 *Com esta consolaçam pera mim summa passei às terras de Orear*

jâ

jà no fim do anno, onde me sobrevieram humas febres, que me molestaram por dous mezes, & me fizeram desconfiar da vida; porem Deos nosso Senhor foi servido, que se acabasse a doença com o anno: nelle bautizei a mil cento & vinte sinco, grande numero, se attentarmos pera as continuas guerras, grãdes fomes, & carestias, cousa que sẽpre faz que occupados os miseraveis em buscar o sustento do corpo, nam sejam tam cuidadosos no do espirito. Achei aqui a carta do Padre Francisco Laynes, que entam era Visitador de toda a Missaõ. Naõ necessita de ponderaçoẽs o muito, que aqui se dis, & a muita humildade deste servo do Senhor, seu zelo, charidade, & paciencia.

CAPITULO XXVII.

De outros muitos trabalhos, que padeceo o Padre Frãcisco Laynes; cousas notaveis, que lhe acõteceram, & como foi prezo pela Fé.

1 OS Missionarios conforme a ordem dos Superiores sam obrigados a remetter as noticias das cousas mais notaveis, que cada anno acontecem, & os frutos que se recolheram nas Residencias, que tem a seu cargo. Destas noticias se compoem as Annuas, que sam de grãde proveito aos auzentes, & muitos com as ouvir, se movem a abraçar semelhantes emprezas. Em remetter estas noticias acho muy louvado ao Padre Francisco Laynes, que dellas entre a sua tam cançada lida se nam esquecia, assim por cumprir cõ a obediencia, como pera exaltar a Deos, que em todo o tempo por instrumentos tenues obra cousas maravilhosas.

2 No tempo que houve de remetter as noticias do sucedido na sua Residencia nos annos de 96, & 97, se achou taõ cortado de huma cruel enfermidade, que a penas pode remetter huma summaria noticia, que he a seguinte. *Os dous annos de 96, 97 andei correndo as Christandades de Catur, & Cornapatu com muitos trabalhos, & perigos. Nas terras do Sul pertencentes à Residencia de Catur padeci grandes sustos, & perturbaçoẽs com perigo muito proximo de ser prezo por hum nosso inimigo declarado. Foram os sobresaltos tam continuos, & o perigo, em que me achei taõ provavel, que em todo o tempo, que assisti naquelle lugar, posso dizer, que me sustentei com pam de lagrimas.*

3 *O certo he, que todos os dias me apparelhava pera morrer: porque como o mesmo tiranno, que me tinha mãdado cortar a cabeça em outra occasiaõ, & os soldados, que vieram de noite armados, me buscaram na mesma caza, em que tinha estado o dia antecedente, tudo isto me dava fundamento, pera me persuadir, que devia estar sempre apparelhado pera a morte, supposto assistir entam nas terras do mesmo tiranno. Tinha elle posto espias, & soube, que andava procurãdo, se eu vinha prègar a Ley de Deos nas terras do seu dominio. Ainda que eu soubesse tudo isto, naõ me auzentava, por julgar era necessaria entam a minha prezença naquelle lugar, pera animar as minhas ovelhas.*

4 *Os Christãos da Residencia de Catur tem padecido muitas angustias nestes dous annos. Alguns delles foram prezos em grilhoẽs, & açoutados cruelmente. A hum delles arrastaram pela estrada publica, & foi cruelmente açoutado, de tal sorte, que temendo o tirãno, que morresse à força dos tormentos, lhe mãdou fazer algumas fomentaçoẽs, pera o alentar. Segunda, & terceira vez*

foy

foy atormentado, mas sempre esteve constãte na Fé, que professava. Finalmente foi sentenciado em pena pecuniaria com grãde excesso a suas posses. Nam se passa algum anno nesta Residencia, em que os Christaõs nam sejam muitas vezes perseguidos dos Governadores. Entre tantas perseguiçoẽs nam me faltou o fruto de meus trabalhos, porque nestes dous annos se bautizaram dous mil, & onze, limitado fruto pera o que se podia colher nesta seara, se nam fosse a fatal carestia, continuas guerras, perseguiçoẽs, & injustiças. Isto he o q̃ em summa conta o Padre Laynes dos seus trabalhos nestes dous annos, que eu gosto muito referir com suas mesmas palavras, assim por ser eloquẽte no fallar, como porque nenhumas podem melhor exprimir suas obras, que suas mesmas palavras, ditadas pela santa obediencia, que assim o dispoem: porque de outra sorte estes varoẽs santos nada escreveriam de suas cousas, contentandose, de que só as soubesse Deos: pois naquelles matos, & naçoẽs incultas nam tem testemunhas, que lhe saibam dar a estimaçaõ, que merecem.

5 No anno de 1698 tres foraõ as perseguiçoẽs, que os Gentios moveram contra os Christãos, & seu pastor. Queymaram algumas Igrejas, que tinha feito. Chegou a tanto a impiedade dos Gentios; que alem de açoutarem aos Christaõs, & os condeñarem a grandes summas de dinheiros, athe as searas lhe embargaram, antes de as recolherem. O mais que pode fazer o Padre com hum dos tirannos, foi, que permitisse aos Christaõs assistir nas suas terras, & recolherem suas searas. Dous mezes inteiros esteve em Tanjaor padecendo grandes trabalhos, pera alcançar Alvarâs de segurança pera os Christãos.

6 Nesta perseguiçam foi singular a constancia de hum mãcebo; este se bautizara por cobrar saude de huma grave enfermidade: vindo nisso seu pay Gentio só por naõ perder este filho, que muito amava. Porem tanto que o vio sam, esquecido da merce de Deos, começou a persuadir ao filho, se tornasse ao culto dos idolos. Vendo que nada podiam as palavras, o açoutou cruelmente; como nada obrassem os açoutes, o desherdou da herança de filho. Com estas vexaçoẽs creceo a constancia do mancebo, & o pay se vio como louco, quando o segundo filho por persuasoẽs deste primeiro se fez tambem Christam.

7 Considerando que seu poder era inferior à constancia de seus filhos, os accusou diante do Governador; dizendo delles crimes enormissimos, & grandes calumnias da Ley, que abraçaram. Foram tais os crimes, & calumnias, que o Governador os teve por fingidos, & suppostos; mas como tinha grande odio à Ley de Christo, deu ordem, que ambos os filhos fossem prezos. Elles tendo noticia se auzentaram, ficando o pay mais embravecido pelos nam poder haver às mãos.

8 Quando este Gentio estava mais accezo na sua payxam, succedeo chegar o Padre Laynes àquellas terras a visitar a Christandade. Levantou o Gentio grãdes poeiras, porque ajuntando outros do seu humor, divulgou muitas mentiras, & calumnias contra o Padre, & contra a Ley, que prègava. Deu noticia ao Governador, pera que o prendesse. Mas o Padre sabendo destes intentos, se auzentou pera declinar o perigo.

9 O filho do Gentio se tinha passado a outra Cidade fora da jurisdiçaõ daquelle tiranno, & lhe aconteceo alli huma cousa espantosa. Via naquella terra huma Christaã esquecida de suas obrigaçoẽs, sabendo disto o mancebo, por vezes lhe deu avisos saudaveis, jâ propondolhe a misericordia de Deos, jâ o castigo, q̃

nam tardaria, ſe faltaſſe a emenda. De nenhum effeito eram conſelhos tam proveitoſos. Paſſados alguns mezes teve o Chriſtam em ſonhos eſta viſam.

10 Parecialhe ver a hum Padre da Cõpanhia no traje, que alli uſam, com roſto ſereno, & mageſtoſo, cercado de gloria, & levantado da terra em hum trono de luzes, que chamando pera ſi ao noſſo Neofito, o animou a eſtar firme na Fè, propondolhe o premio dos bons, & o caſtigo dos maos. Mas pera que vejas (*dizia o Padre*) com teus olhos eſta verdade, & perſeveres conſtante, pera fugires da morte eterna, ve o diſgraçado fim, dos que eſquecidos do bem eterno, ſe abraçam com os deleites tranſitorios. Dizendo iſto, lhe moſtrava com a maõ aquella infeliz molher, de que aſſima fallamos. Eſtava ella com aſpecto horrendo, & medonho, cuberta de luto, & triſteza, tendo prezos os pès, & maõs com cadeas de ferro, pelas quais tirava hum eſpantoſo animal de eſtranha grandeza; o qual arraſtava aquella miſeravel com tal furia, que a fazia em pedaços, rõpendo ella como deſeſperada em laſtimoſos clamores, que cauſavam eſpãto ao Chriſtam, que via, & ouvia, & lhe parecia monſtro infernal. Deſpertou todo cheo de pavor, & como fora de ſi: mas cobrando alento, nam vio couſa alguma. Vayſe logo, aindaque era alta noite, a caza daquella diſgraçada molher, & achou que pouco antes tinha eſpirado. Combinado o tempo, entendeo morrera no meſmo, em que elle teve o ſonho; & julgou ſer condeñada; pois ſua vida, & ſua morte naõ dava lugar a cuidar outra couſa.

11 Conſolado o Padre com a cõſtancia dos Chriſtaõs, ſe partio pera as terras do Reyno de Ginja, pera no reſtante da Quareſma cultivar aquella Chriſtandade, & depois celebrar a Feſta da Paſchoa. Do exceſſivo trabalho, & aſſiſtencia no confeſſionario ſobrevieram ao Padre humas crueis febres. Como os Chriſtaõs tinham concorrido de muito longe, & o Padre os dezejaſſe aviar, & conſolar, na vacancia das febres acudia às confiſſoẽs. Mas com eſta teſidam, & rigor aſſim ſe aumentaram as febres, que o Padre nam pode aſſiſtir ao trabalho. Teve diſto noticia o Padre Simaõ Carvalho, veyo logo, aſſim pera lhe ſervir de enfermeyro, como pera conſolar os Chriſtaõs. Com aſſiſtenſia de tam charitativo enfermeyro brevemente cobrou ſaude.

12 Como a ſaude alli naõ he pera ſe poupar, partio logo pera as Provincias de Putucutei, & Manarcoil, onde teve ſua paciencia bem, em que ſe exercitar: porque o tiranno Valogi grande inimigo do nome Chriſtam, & por iſſo tambem do Padre, ſabendo, que eſte aſſiſtia nos confins do ſeu deſtricto, intentou prendelo; & o fizera, ſe o Padre tendo noticia de ſeus depravados intentos, ſe nam retirara. Era grande o dano, que eſte tirano fazia a Chriſtandade, à qual perſeguia com odio entranhavel; ao odio do tirano ſe ajuntou aquelle anno a fome, que ſó dava lugar a buſcar o alimento pera o corpo. Ainda recolheria alli o Padre maiores frutos do ſeu trabalho, ſe pudeſſe aſſiſtir naquelles matos: alguns recolheo, por cauſa de muitos, que cobraram ſaude com receber o ſanto bautiſmo.

13 No mes de Dezembro paſſou o Padre pelas terras do Reyno de Ginja, onde ſó achou fome, peſte, & guerra, que em todas eſtas tres calamidades ardia aquelle miſeravel Reyno. Sete annos havia, que durava alli a guerra entre o Sabagi, & o Mogor. He o Mogor o terror daquella Aſia, Monarcha muy rico, & poderoſo. Tendo conquiſtado os Reynos daquelle Sertam, lhe faltava ſô o de Ginja, cuja Corte tem o

mesmo nome do Reyno; està situada em altas serras, as quais fecha em circuito huma fortaleza defendida de sete baluartes. Por arte, & natureza parece inexpugnavel; mas pudera tomarse brevemente, impedindolhe os mantimentos, pois o Mogor tinha gente pera tudo. Mas dilatava a guerra a ley, q̃ ha nos Mogores, de se naõ dar soldo algum, a quem milita desde o ponto, que a guerra se conclue, & acaba. Como distava o exercito de sua caza dous, & mais mezes de caminho, & acabada a guerra, cessava a paga, em deter a guerra, tinham a sua vida. Enfandouse o Rey dos Mogores destas demoras, & com ameaças obrigou aos Capitans, que no anno de 1698 depois de dous mezes de cerco renderam a praça, fogindo o Sabagi, que a defendia, pera o Reyno de Velur.

14 Concluida a guerra, como cessou a paga a os soldados, estes se deram a roubos, & extorsoẽs; mas como a terra estivesse exhausta, nam achando que roubar, pouco a pouco desappareceram. Começou a gente a respirar, & decer dos matos, & serras pera suas povoaçoẽs, & o Padre teve mais lugar de se dar à cultura das almas, das quais entre tantas calamidades bautizou mil cento, & quarenta, & oito, que nam foi pouco fruto em anno tam cançado, & trabalhoso.

15 O anno de 1699 foi muy glorioso pera este servo de Deos, porque nelle padeceo grandes martyrios. No principio do anno entrou no Reyno de Ginja, no qual se deteve dous mezes. Dalli passou ao Reyno de Orear, onde celebrou a Paschoa com grãde concurso. Teve noticia, de como numa Provincia visinha os Gentios perseguiam bravamente aos Christaõs, pois nam fallando em cadeas, grilhoẽs, açoutes, confiscaçam de bens, fomes, & sedes, em que os punham; com tanazes abrazadas lhe arracavã a carne a pedaços. Marido Gentio houve, que accusando a sua molher de ser Christaã, elle mesmo pedio ser o algoz dos tormentos.

16 Todas estas inhumanidades atravessavam o coraçam do Padre Francisco Laynes, por nam poder remediar tantas lastimas. Procurou de impedir estas tiranias, pera isso passou logo ao Reyno de Tãjaor. Assistindo em huma Aldea nam longe da Corte, intentou por meyo do Governador daquella Provincia enfrear os desatinos dos Gentios. Este homem antes nam era contrario a Ley de Deos, mas pelas peytas, que os Gentios lhe deram, se mudou, nam dando ouvidos à justiça dos Christãos. Antes os inimigos da Fè foram, aonde estava o Padre, pera o prenderem; mas como lhe parecesse pouca a gente, com que vieram; deyxando centinelas pera lhe naõ poder escapar, foram conduzir soldados, & gente de armas. Vendo os Christaõs o perigo, se ajuntaram em grande numero, & o tiraram pelo meyo das centinelas, & puzeram em seguro.

17 Como nada pudesse effeituar em favor daquelles afligidos Christãos, passou ao Reyno de Golocondey, & dalli com excessiva molestia, & sem comer dias inteiros, à Provincia de Xengamâ, aonde padeceo muito. Tendo alli sacramentado aos Christaõs, & feito muitos bautismos, hum Idolatra tendo grande odio a huns seu parentes Christaõs, & nam podendo vingarse nelles, o quis fazer no Padre, que os ensinara. Foise ao Governador da Provincia, que era Mouro, dissellhe muitas injurias, & blasfemias contra a Ley de Deos, & mentiras contra quem a prègava. Nam fez o Mouro cazo dos seus ditos: mas nem por isso se aquietou o Gentio, antes instigou a dous Bramanes validos do mesmo Governador Mouro, pera prenderem ao Padre, dizendo-lhe, que era a destruiçaõ dos seus

ſeus Deozes, accreſcentando a iſto muitos falſos teſtimunhos.

18 Conceberam os Bramanes grande ira, & furor contra o Padre; mandaram de noyte ſoldados bem armados, os quais ſem reparar nem no eſcuro da noyte, nem na muita chuva, que cahia, executaram a ordem dos Bramanes, & prenderam ao Padre. Chegado ao Carcere achou aos Bramanes, que o eſperavam; por hoſpedagem, & primeyra ſaudaçam lhe diſſeram muitas affrontas, & injurias; dizendo pera os circunſtantes, *que o prendiam, & queriam caſtigar, por ſer famoſo feiticeiro, & que em poucos dias com ſeus feitiços tinha mortos a muitos moradores da povoaçam, onde eſtava.*

19 Paſſaram depois a perguntarlhe pela doutrina, que enſinava. Sobre iſto lhes fez o Padre hum largo arrezoado, no qual tambem lhes perguntava a elles pela ſua ſeita, a quem convencia de falſa. Como nam ſoubeſſem reſponder, ficaram envergonhados, & mudaram logo de pratica, mandando ao Padre fizeſſe reverencia a ſeus idolos, que alli tinham. Como o Padre deteſtaſſe tam grande maldade, inſtavam, que ao menos olhaſſe pera elles. Aqui o Padre lhes virou as coſtas com deſprezo, ſem querer por ſeus olhos naquelles monſtros. Accezos em colera os Bramanes o ameaçam com tormentos pera o dia ſeguinte. Aſſim molhado, como eſtava o Padre com grande incommodo, pois nam tinha onde ſe encoſtar, paſſou o reſtante da noite em oraçam, preparandoſe pera a peleja do dia ſeguinte.

20 Logo que amanheceo, mandaram os Bramanes roubar toda a pobreza de ſinco Chriſtaõs, que com o Padre tinham ſido prezos. Ao terceiro dia da prizam entraram de noite no Carcere tres Mouros inſtigados pelos Bramanes; & pegando ao Padre por hum braço, & levando-o com grande furia, lhe pediam quantia de dinheiro, pera aſſim lhe darem liberdade. Eſcuſouſe o Padre, alegando ſua pobreza; enfureceraõſe terrivelmente com eſta repoſta, arraſtaraõno pera fora do Carcere, mandando vir azorragues, & outros inſtrumentos, com que o ameaçavam. Neſte tempo hum dos Mouros a modo de libreo inveſtio ao Padre, ferrandolhe os dentes ora no braço, ora no peſcoſſo, & por vezes fazendo tiro com os dentes ao nariz. Nam foi Deos ſervido lograſſe eſte tiro, porque ficando o Padre aſſim mutilo, ficava inutil pera ſervir na Miſſaõ; pela grande affronta que eſte deffeito tras conſigo entre aquellas naçoẽs.

21 Mordia o maldito, onde accertava; de huma vez afferrou com tanta violencia hum braço, que lhe arrancou hum pedaço de carne. Depois deſtes martyrios o tornaram a metter no carcere. Eſtava elle muito debilitado, pois havia tres dias, que nam tinha comido couſa alguma, como neſte ſeguinte fez. Movido a piedade hum Capitam Gentio, logo de noyte foi fallar ao Governador, a quem inteirou das injuſtiças, que os Bramanes faziam ao Padre; pediolhe, o mandaſſe ir a ſua prezença, & attendeſſe benignamẽte por ſua cauſa. Vio o Mouro a juſtiça, do que ſe lhe pedia, mandou ir o Padre a ſua prezença. Recebeo com cortezia, fez-lhe varias perguntas em materias de Religiam. Finalmente mandou ſe lhe reſtituiſſe tudo, quanto ſe lhe tinha roubado, & que pera o caminho ſe lhe deſſe algum ſubſidio; & aſſim com toda a urbanidade o deſpedio.

22 Nam podendo porem os Bramanes ſoffrer, que o Padre foſſe ſolto, procuraram impedir eſta ordem como em effeito impediram por aquelle dia. Mas com o favor divino ſe desfizeram todos eſtes embaraços, & o Padre ficou de todo livre. Depois ſe poz a caminho pera Orear, ga-

gaſtouo na caminho ſeis dias com exceſſivo trabalho, muitas fomes, medos de ladroẽs, & de tygres. Alli celebrou a feſta do Natal, & tinha bẽ que offerecer a Deos Menino, no muito que por ſeu amor tinha padecido. Perto de vinte annos havia, que eſte ſervo de Deos trabalhava naquella Miſſam com zelo incançavel, do qual tudo o que athe aqui fica eſcrito, ſó he hum como indicio: pois ſempre andou lutando com hum mar de perſeguiçoẽs, & com moleſtiſſimas enfermidades. Sendo por vezes convidado dos Superiores pera terras mais benignas em ordem a ſervir com mais ſaude, & cobrar ſuas forças; ſempre ſe eſcuſou deſte favor, querendo antes alli as enfermidades, que em outra parte a ſaude. Neſte anno bautizou mil trezentas, & vinte ſinco peſſoas.

CAPITULO XXVIII.

Paſſa o Padre Franciſco Laynes pera a Reſidencia do Maravâ, & acode a perſeguiçam de Tanjaor.

1 SEte annos eſteve a Reſidencia do Maravâ ſem Padre, nam por falta de zelo, mas porque os Superiores, depois do Martyrio do Veneravel Padre Joaõ de Brito, nam quizeram dar licença a Padre algum pera reſidir naquellas terras, pera evitar novas revoluçoẽs, & trabalhos à Chriſtandade. Movido ao que parece com Superior impulſo, & com o dezejo do Martyrio o Padre Franciſco Laynes, entam Superior da Miſſam, pedio com grandes inſtancias aquella Reſidencia, & finalmente a alcançou, dandolhe eſta licença o Padre Provincial. Em Janeyro de 1700 tomou poſſe do Maravâ. Do que obrou eſte primeiro anno, que foi muito, naõ tive noticia, pode ſer diſ ſo final, & indicio, o que obrou no anno de 701, que he o ſeguinte.

2 Nas terras, & ſenhorio de hum Morgado illuſtre parente muito chegado do Principe do Maravâ, fundou o Padre Franciſco Laynes hũa Igreja dedicada a noſſa Senhora da Conceyçam; & com o favor deſta Senhora ſem alguma perturbaçam reſidia naquella terra. Nam ſabia diſto o Regulo, com tudo por ſer tal o patrono do Padre, os Chriſtãos confiadamente concorriam à Igreja em grande numero. Porque aquellas ovelhas muitos annos havia careciam de paſto eſpiritual, as inſtruio de novo cõ muitos exercicios ſantos de praticas, liçoẽs eſpirituais, & exercicio de oraçam vocal. Com eſte cuidado continuo ſe adiantou grandemente a Chriſtãdade, & houve copioſa converſam: pois ſó de Janeyro athe o fim de Setembro ſe bautizaram quatro mil ſetecentas, & vinte & ſinco peſſoas. Sem duvida fora maior o numero dos bautizados, ſe o Padre nam ſe auzentaſſe da ſua Reſidencia no mes de Outubro, pera acodir, como Superior, a perſeguiçam do Reyno de Tanjaor.

3 Bem ſe deyxa ver, que tãtos frutos naõ ſe colhem ſem exceſſivos trabalhos, & grãde diſpendio das forças, & ſaude do corpo. Aſſim o experimentou o Padre Laynes, porque muitas vezes lhe ſuccedeo faltarenlhe as forças, & cahir deſmayado no confeſſionario, aonde era obrigado a aſſiſtir a maior parte do anno mais de treze horas entre dia, & noite. Outras vezes nos dias de feſta, bautizando a trezentas, & quatro centas peſſoas ſuccedeo paſmarlhe o braço direito, & ſer neceſſario, que o Catequiſta lho ſuſtentaſſe, & o ajudaſſe a fazer as ceremonias do bautiſmo. Finalmente chegou a tãto o pezo das occupaçoẽs, que ſendo Miſſionario antigo, deſtro, & mui expedito, ſentio eram as forças do corpo deſiguais ao tra-

ao trabalho: por isso no mes de Agosto mãdou chamar a hum Padre seu vizinho, pera le acodir aos Christaõs, & recolher tam copioso fruto.

4 Vendo o Padre a confiança, com que os Neofitos esquecidos da perseguiçam vinham à Igreja, & celebravam as festas com solennidade, & numeroso concurso; considerou, q̃ tanta publicidade dia mais, dia menos havia de chegar à noticia do Regulo. Por esta causa determinou visitar o Regulo do Maravâ, & grangearlhe a vontade com mimos, & dadivas nam preciosas, mas por exquisitas naquelle Reyno, estimadas em muito. Teve a visita successo feliz, conseguiose por meyo de hum Eunuco do mesmo Principe. Mostrou o Regulo summo agrado nas dadivas, especialmente em huma manilha de ponta de Abada, toda armada de filagrana, & hum pavam feito de madre perola, obra delicadissima, que aos olhos parecia vivo, & animado. Remunerou o Principe o prezente com outro de fermozos, & ricos panos cõ bordas de ouro, que mandou dar aos Catequistas: & conversando com elles familiarmente, lhes perguntou pela saude do Padre, & em que lugar residia. E porque os Catequistas lhe descobriram o lugar, dizendo, *que o Padre residia fora das suas terras sinco dias de caminho pera a banda do Norte*, lhes mãdou dar dinheiro pera os gastos da viagem, & repetidas vezes lhes disse com palavras serias, & efficazes, *Que fossem chamar o Padre, & que o trouxessem a sua prezença, porque dezejava velo, & conversalo.*

5 Recebeo o Padre Laynes esta nova com summo gosto; mas logo se ajuntou outra, que suspendeo a visita, & foi a da perseguiçam de Tanjaor; a qual o obrigou a sahir do Maravâ, & acodir a Tãjaor, pera obviar os danos da cruel perseguiçam, que alli se accendeo: na qual morreo prezo no carcere pela Fè o ditoso Padre Jozeph Carvalho, como em sua vida escrevi largamente com as origens, & progressos desta tempestade.

6 Alli com os outros Padres cõsiderou o modo, que teriam em negocio tam difficultoso, depois de tẽtarem outras vias sem proveito algũ, se valeram do General das armas do Mogor: por lhe ser o tiranno feudatario, pelo naõ desagradar, desistio da perseguiçam. Passados alguns mezes, foi o Padre Francisco Laynes visitar em pessoa ao Regulo Pandaratar, com quem tinha amizade, & conhecimento, por ter estado muitos annos na Residencia de Corali, que he nas terras daquelle Principe.

7 Este tinha feito preza nas Igrejas do seu destricto, roubandolhes tudo, o que nellas havia; pertendia o Padre, que tudo se lhe restituisse. Teve grandes contradiçoẽs dos Fidalgos da Corte de Pandaratar. Finalmente com sua eloquencia, que era mui singular, & jucunda na lingua Tamulica, com sua costancia, & soffrimento venceo as difficuldades, q̃ o procuravam embaraçar. Resgatou as imagens sagradas, os livros da Ley, & alguns ornamentos da Igreja, que ainda estavam em ser. Alcãçou licença, pera que hum Padre pudesse residir como antes em Catûr, & Corali, & prègar o Evangelho naquelle Principado.

8 Como o Rey de Tanjaor desistio da perseguiçam mais por respeito ao Mogor, que por vontade propria; muitos dos Principes seus vassalos naõ cessavam de todo em affligir aos Christaõs. Pera atalhar estas desordens, o Padre Laynes, como Superior da Missam, determinou voltar à Corte de Tiruvalur. Nam obstante acharse mal disposto da saude, & ser a força do inverno, acompanhado de alguns Catequistas se poz ao caminho em 20 de Dezembro.

Che-

Chegando aos arrabaldes da Cidade escolheo pera sua habitaçam hum alpendre, que distava do palacio meya hora de caminho. Naquelle alpendre aberto aos ventos, & exposto a todas as inclemencias, frios, & chuvas, que no tal anno foram rigorosas, passou o santo tempo do Natal. Affligia muito ao Padre a murmuraçam de muitos Christaõs mal contentes, os quais queriam toda a expediçam dos negocios muito a seu sabor, nam dando algumas quebras aos tempos, pois eram tam calamitozos.

9 Sincoenta, & dous dias se deteve o Padre naquelle lugar, vivendo os Christaõs em grandes sustos. Estes lhes faziam crer humas vezes, que vinham prender a seu Mestre; outras, que lhe queriaõ cortar os pez, & as mãos, & desterralo fora do Reyno. Confessou o Padre Laynes, que tendo tantos annos de Missam nunca tivera tanta materia de soffrimento, como neste lugar. Depois de vencidos muitos impedimentos, deu Vagogi, primeyro Ministro do Reyno, audiencia ao Padre com sinais de estar algum tanto mais benevolo, do que se mostrara a vez passada.

10 Duas petiçoẽs fez o Padre. Em primeiro lugar pedio a liberdade de vinte seis meninos Christaõs, que El-Rey tinha prizioneyros, & mandava aprender canto, bayles, esgrima, & outras artes necessarias pera o passa tempo de suas comedias. Em segundo lugar pedia hum formam Real pera os Governadores das Provincias, no qual revogasse a ordem, que antes tinha dado de perseguirem aos Christaõs. A reposta foi, *que recommendasse aquelles pontos a certo medianeyro, que favorecia ao Padre, & que feito conselho, daria a reposta*.

11 Voltouse o Padre pera o seu alpendre com algumas esperanças de bom despacho. No dia seguinte repetio o seu requerimento. Nam deyxou o demonio de se oppòr; porque juntos os Bramanes em hum corpo, indo Vagogi a fallar a El-Rey, lhe sahiram ao encontro, cantando-lhe em versos adulatorios seus louvores (cousa de que muito se paga a vaidade daquelles Principes) louvaraõ-lhe muito ter perseguido aos Christãos, sendo protector dos seus Deozes, cuja exaltaçam a elle se devia; de caminho o exhortavam a perseverar no seu zelo, & de todo desterrasse a Ley de Deos. Naõ deu Vagogi final algum de mudança, porque se tinha por homem, a quem nem a lizonja, nem o vituperio alterava, mas que em toda a fortuna guardava hum animo igual.

12 Finalmente sem fazer cazo dos Bramanes, passou tres alvaràs mui favoraveis pera os Governadores. Quanto aos meninos nam deferio, dizendo *nam ser cousa de sua alçada, pois o Rey lhe estranharia muito fallar sobre isto, sendo cousa tanto do seu agrado ter aquelles meninos pera o seu divertimento*. Com este despacho se retirou o Padre desconsolado por nam resgatar os meninos, que era a principal expectaçam dos Neofitos. Quasi dous annos se foram ao Padre Laynes nestas revoluçoẽs, pera que as cousas daquella Missam tomassem alguma paz. No entretanto acodia a todas as partes, onde era necessaria sua prezença, & agencia.

13 Por auzencia do Padre Joaõ Venancio da Residencia de Aur, foi precilo ao Padre Laynes acodir àquella Christandade, que he numerosa. Partio pois pera aquella terra com intentos de celebrar alli a Paschoa. Estando pera soleñizar esta festa, teve hum rebate, & aviso, de que em Tricherapali se passara ordem pera o prender naquella festa, & à Christandade, que concorresse. Assombrados com estas novas os Christaõs, a quem

a quem a perſeguiçam de Tanjaor tinha ainda cheos de medo, ſe auzentaram pera ſuas povoaçoẽs. Só o Padre ſe deyxou ficar no meſmo poſto. Todos eſtes temores ſe deſvaneceram, porque ainda que os inimigos procuravam reſuſcitar a perſeguiçaõ, Deos a deſviava por outros, que amparavam aos Chriſtaõs.

14 Ainda que o Padre nam aſſiſtia na ſua Reſidencia do Maravâ, Deos o conſolou, enviandolhe de lâ hum Gentio com toda a ſua familia pera os converter. A eſte fizeram ſeus inimigos crueis feitiços, de que padecia tantas dores, que por vezes eſteve pera ſe matar, pelas nam poder ſoffrer. Fez grandes offertas aos idolos, tudo ſem proveito. Finalmente ſe reſolveo buſcar a Deos; & por iſſo veyo ter com o Padre. Começou a ouvir o Catecïſmo, mas com frieza, dando indicios de que ſó o dezejo da ſaude do corpo o trouxera. Ao compaſſo deſta frieza creſciam as dores, & ellas lhe meteram em caza huma pia affeiçam aos ſacroſantos myſterios. Com iſto foi à dôr amaynando. Finalmente dandolhe o Padre o ſanto bautiſmo ficou de todo livre.

15 Outro Gentio, que a ſeos proprios pays, & parentes perſeguia, por ſerem Chriſtaõs; quando mais accezo andava no ſeu odio, lhe veyo huma doença, de que ficou entrevado de repente, & tolhido dos pês. Aſſim como eſtava, fazia o levaſſem aos tẽplos dos ſeus idolos; gaſtou muito em offertas, & ſacrificios, tudo ſem lucro algum. Finalmente blasfemou de ſuas divindades, pois ſó ſerviam, pera lhe fazer gaſtar o ſeu remedio; com tudo era tal a ſua obſtinaçam, que dizendolhe ſeus parentes, que ſó na Ley do verdadeyro Deos acharia remedio, pois aquillo era caſtigo de a ter perſeguido, a nada elle dava ouvidos.

16 O pay o levou como enganado ao Padre Franciſco Laynes. No exterior ouvio as praticas, que lhe fez, moſtrando reſpeito, mas no interior era o meſmo. Creceram com exceſſo as dores; eſtas, & as praticas eſpirituais lhe abriram os olhos. Começou a ouvir o Cateciſmo com devaçam. Logo a doença foi enfraquecendo, & elle foi enrijando de ſorte, que quando recebeo o bautiſmo andava jâ por ſeus pès, o que alli viera em hombros alheos.

17 Ainda que athe eſte lugar fui ſeguindo os annos, conforme as Annuas da Miſſaõ de Madurè, agora tornarei a tras com a narraçam, por achar couſas tocantes ao anno de 1693, que em ſeu lugar naõ referi, por entam as naõ ter à maõ; como pertencem, ao que eſte ſervo de Deos padeceo na Reſidencia do Maravâ, agora que della trato, teram lugar. Depois que o Veneravel Padre Joaõ de Brito padeceo glorioſo Martyrio aos 4 de Fevereiro de 1693, teve o Padre Laynes cuidado da Reſidencia do Maravâ, nam de aſſiſtencia nella, que a iſſo nam davam os tempos lugar, mas acodindolhe, como o fazem os Miſſionarios às Reſidencias, que eſtam ſem Padre.

18 Recolheo as reliquias do Veneravel Martyr Padre Joaõ de Brito, & viſitou os lugares, que elle conſagrou com ſua ditoza morte, dezejando ter igual fim, ao que elle teve. Caminhando o Padre Laynes pera a Cidade Oreur, onde padecera o ditoſo Martyr, a poucas jornadas, como fizeſſe alguma demora, ſoube o Governador daquella Provincia, que o Padre eſtava nas ſuas terras. Deu logo ordem, que lho levaſſem prezo a ſua prezença, como em effeito o levaram.

19 Depois de varias diſputas, & trabalhos appellando o Padre pera o meſmo Governador, eſte ſe irritou grandemente contra a Ley de Deos, & ſeus prègadores. Logo eſcreveo huma carta à Corte do Maravâ, nella di-

diziagrãdes injurias da Ley de Deos: por fim accrescentava, *que temendo o Padre o matassem, como já se tinha morto outro, viera fugindo pera as suas terras, & matos: que seria accertado acabar huma vez com tal gente, & tampernicio sa ao bem daquelle Reyno.*

20 Com esta noticia se augmentou na Corte do Regulo Maravà o odio contra a Ley de Deos, & se respondeo ao Governador, *que fizesse do Padre, o que entendesse estava melhor ao bom governo das suas terras.* Com esta reposta determinou de concluir com elle, & o fizera, se Deos nam guardara a este seu servo, pera lhe fazer ainda muitos serviços. Hum valîdo deste Governador lhe contou muitos louvores, que tinha ouvido da Ley de Deos, & lhe pedio, *que desistisse de seus intentos; pois nam era justo perseguir, a quem o naõ merecia.* Foram as razoẽs deste homem de tanta efficacia, que o Governador o mandou soltar.

21 Depois disto teve lugar o Padre de venerar os lugares, onde padecera o glorioso Martyr. Nesta jornada bautizou a mais de quatrocentas pessoas, naõ obstante andar tudo cheo de pavor por causa dos tiraños; mas a vocaçam de Deos he mais poderosa, que todos os medos. Nam foi só esta prizam, a que teve o Padre naquellas terras. Havia nellas hum Principe muy poderoso inimicissimo do nome Christaõ. Estava o Padre exercitando seus ministerios junto da Cidade, onde elle morava. Por vezes este, & outros inimigos mandaram soldados, pera o prender. De todos estes perigos o livrou a proteçam de Deos, que naõ queria dar tanta pena aquelles Neofitos, quanta teriam em perigo tam evidente de perder a vida, na qual estavam tam interessados. Andava o Padre sempre disposto pera a morte, como quem de coraçaõ a dezejava. Rogaraõlhe os Christaõs, que se passasse a lugar seguro, pois ainda que elle morresse, naõ cessaria, antes se accenderia mais a perseguiçam. Diziaõlhe, que seria melhor visitar a El-Rey de Tanjaor, & impetrar delle carta de favor pera os Governadores daquellas terras.

22 Neste tempo lhe chegou carta do Padre Rodrigo de Abreu Superior da Missam, que estava doente da enfermidade, de que morreo; & lhe ordenava, se chegasse, athe onde elle estava, por ter negocios de importancia, que lhe communicar. Logo se poz a caminho; mas quando chegou, jà o Padre Rodrigo de Abreu era fallecido. Dalli se fez na volta de Tanjaor, pera alcançar do Rey a segurança pera os Christãos do Maravà. Naõ achando opportunidade favoravel, se partio a visitar alguns lugares de suas Residencias. Vendo porem, que as cousas do Maravâ dependiam muito da carta Del-Rey de Tanjaor, encommendando a Deos negocio tam arduo, finalmente depois de boas diligencias conseguio a carta; que servio de respirar aquella Christandade das muitas oppressoẽs, com que de continuo era assustada.

CAPITULO XXIX.

De como trabalhou, & foi prezo na Missam do Maravâ.

1 HE sem duvida o sangue dos Martyres semente, que dâ cupiosos frutos na terra, onde se derrama. Viose isto no Reyno do Maravâ, onde o Veneravel Padre Joaõ de Brito padeceo glorioso Martyrio. Dous annos teve o Padre Francisco Laynes esta Christandade a seu cargo, & nelles passaram os bautizados de treze mil, & seis-centos. Naquelles dous annos raro foi o dia, em que nam fizesse bautismos; & às

às vezes tantos, que passando de quatrocentos, & quinhentos, começava ao meyo dia, & acabava alta noyte; ficando-lhe às vezes o braço estupido, & os pès adormecidos, de sorte que naõ se podendo ter nelles, era preciso valerse de encosto. Quando os Catequistas lhe diziam, que se assentasse hum pouco pera descansar; respondia, sem admittir este alivio; deyxaime offerecer a Deos esta pequena molestia pela salvaçaõ das almas.

2 Naõ contente o Padre com a Igreja, que jà tinha, mandou pedir licença, pera fazer outra, a hum Principe successor do Regulo, que governava. Naõ sò concedeo a licença, mas passou ordem, que a Igreja se fizesse a expensas suas. Jà se sabe, que semelhantes offerecimentos naquella terra sò saõ pera a obra ter o nome de ser feita pelo Principe, que os gastos saõ de quem pede a licença: sò tẽ isto o proveito, de se ter à obra algum respeito, por estar à sombra de tal nome. A esta licença ajuntou huma carta de segurança. Mas tudo, & nada foi o mesmo, porque aquelles Principes naõ tem palavra de Rey, com a mesma facilidade, que concedem, tornam a traz no concedido.

3 Sabendo isto hum seu valido capital inimigo da Ley de Deos, lhe deu tam mâs informaçoẽs do Padre; que logo mandou huma manga de soldados com ordem, que desterrassem o Padre, & derrubassem a Igreja. Levaram ao Padre como em prizam athe os fins do estado do Principe. Os soldados o tratavam com grande desprezo. Eram grandes as vayas, que lhe davam os Gentios, por cujas Aldea passava: nenhuns queriam lhes ficasse na sua povoaçaõ, como se fosse homem empestado: muitos clamavam, se tirase a vida ao inimigo dos seus Deoses. Naõ tardou o castigo ao tiraño; porque no mesmo dia, q̃ se fez esta execuçaõ, morreo ao tiraño hũa filha unica, & de repente ardeo o paço, em que morava. No mesmo dia cahio hum rayo, que tirou a vida a hũ parente muy chegado do valido, que influira no Principe esta desordem.

4 Retirouse o Padre pera a sua primeira Igreja, aonde padeceo muito dos ladroẽs, que saõ naquellas terras insolentissimos, & delles se contam estranhas ferezas, que de caminho nam serâ molesto saber, & entenderſehà melhor o grande animo deste intrepido Missionario. Habitavam em huns matos naõ muy distantes da Igreja, vivem a maneyra de feras indomitas sem Rey, nem ley. Sahem em bandos pelos Reynos vizinhos. Daõ de repente nas povoaçoẽs mais oppulentas, roubando, & assolando tudo. Se acham resistencia nos moradores, fazem nelles crueis carnificinas. Saõ nas armas destrissimos, & os perigos, em que se criam, & vivem, os fazem destemidos, & sem pavor.

5 Como os Principes naõ tenhaõ amor aos vassallos, dissimulam nestas injurias pelo medo, que delles tem; porque alem de habitarem em matos impenetraveis, podem sahir a campo athe dez mil homens, todos gente escolhida, & exercitada, a quem vinte mil nam faraõ rosto. Elles o fizeraõ muitas vezes ao Regulo Maravâ, & ainda ao exercito de Madurè, com serem tam poderosos.

6 He inaudita a barbaria, que entre si mesmos usam, pera se vingarem, & tomar satisfaçam nas injurias. He esta tam inviolavel, que ainda hum cabelo, que na pendencia hum arrancasse a seu inimigo, fica por isso obrigado a deyxarse arrancar outro. O que espanta he, que quando algum agravado quer matar a seu emulo, à porta deste, ou diante delle arranca a sua propria lingua, ou quebra a cabeça em huma pedra. No tal cazo he infallivel morrer o agravante. He isto muy ordinario nas molheres; de sorte que às vezes por huma sò palavra morrem muitas: porque à primei-

ra, que se mata, corresponde logo a morte da contraria. Seguese logo alguma parenta das defuntas, que segunda com a sua morte, esta lhe paga logo ali à parte contraria com outra semelhante. Continùa a amiga desta com a sua, & com a sua lhe satisfaz tambem a amiga daquella. Assim vam continuando as mortes, athe que o furor da vingança se dâ por satisfeito.

7 Se a mãy naõ quer morrer, diante de sua inimiga mata a seu proprio filho: pegalhe pelos pès, dà com elle no ar huma volta, & na segunda lhe parte a cabeça em huma pedra: a contraria sem dilaçaõ alguma faz o mesmo a seu filho; ou quando ella o nam tenha, a outro de alguma sua parenta, que nesta occasiaõ lho dà facilmente. Repete outra mãy a morte de seu filho por alguma das partes, a outra com o seu lhe correspôde. Desta sorte succedeo por cousa de pouco momento matarem oito crianças humas em satisfaçaõ das outras.

8 Em certa pendencia disse huma molher a outra palavras affrontozas, querendo vingarse a affrontada, diante de sua inimiga quebrou a cabeça em huma pedra, & se tirou a vida. Seguiase, conforme estillo, a morte da agravante, mas ella pera fazer rebendita aos parentes da defunta, nam lhe quis pagar a vida com a sua, & se retirou pera lugar occulto. Acodem logo os parentes da defunta, assaltam a caza da fugitiva pera roubar tudo, & matar a toda a gente della, que assim o costumam em cazo semelhante.

9 Acodio o marido da fugitiva, dizendo estava prompto pera satisfazer aquella vida com outra de sua filha, a quem diante de todos matou logo, dandolhe com huma enxada na cabeça. Satisfeito o marido da defunta, foi dar parte de tudo a hum irmam della, este se agravou muito, & lhe estranhou ter acceitado a morte de hũa molher moça, q̃ naõ tinha filhos, por huma molher adulta, & mãy de filhos. Envergonhado elle, volta a caza da fugitiva, estranha ao marido a desigualdade da satisfaçam, & a pede competente. Respondeo, *que se queria satisfaçam igual, lhe desse outra vida pela de sua filha.* Naõ a tinha elle, mas huma sua irmaã lhe deu logo a sua, a quem elle com os punhos da espada quebrou a cabeça. Vendo isto o outro, trouxe alli sua molher do lugar, onde estava escondida, & matandoa deu fim a esta porfiada carnificina.

10 Junto desta casta de gente, ou de feras assistia o Padre Laynes, por ser o lugar menos incômodo em ordem a acodir aos Christaõs. Por algum tempo se abstiveram os ladroẽs de entrar na Igreja, dizendo *ser o Deos do Padre muy poderoso, & que os castigaria, se tal cousa fizessem.* Cõ tudo a sua cobiça lhes tirou estes medos. Em Dezẽbro de 1703 assaltaraõ à Igreja. Roubaraõ aos Christãos, que alli acharam, alãcearaõ a dous delles. Rasgaram as orelhas a hum Catequista, pera lhe tirarem as arrecadas, de que tambem naquella terra usam os homens.

11 Nam obstantes estes continuos assombramentos, era tanto o fervor dos Neofitos, que concorriaõ alli em grande numero, & era muita a conversam dos Gentios. Naõ pode o demonio soffrer estes concursos: rayvozo hum valido do Regulo, de se naõ extinguirem os Christãos com a morte do Veneravel Padre Joaõ de Brito, pera a qual elle tambem concorrera, determinou de os acabar, tirando a vida ao Padre. Manda logo dous Capitans com soldados, & ordem, que em todo o cazo lhe trouxessem ao Padre. Ao romper da alva postos em tom da guerra cercaraõ o mato, onde o Padre assistia. Dizẽdose ao Padre, o que passava, ficou contentissimo, mandou logo retirar

os

os Chriſtãos, & Catecumenos, & abrir a ſeve de eſpinhos, que cercava aquella Igreja.

12 Entraram nella os dous capitãns, & sò no Padre fizeram preza, porque ſò a elle buſcavam. Mas os Chriſtãos, & Catequiſtas nam conſentindo, foſſe ſò, mandaram quatro, que acompanhaſſem a ſeu Meſtre. Levavaõ-nos quaſi arraſtados, dizendo-lhe innumeraveis injurias, & fazendolhe as vexaſſoẽs, que o ſeu odio lhes ditava. Dando por arruinada a Fè, & Ley de Deos em ſuas terras. Entraram na Cidade feitos alvo de zõbaria. A hoſpedagem foi hum lugar publico, & immundo, aonde toda a fece da plebe pudeſſe fartar ſeu odio com os injuriar, como em effeito fez. Por vezes mãdou o Barbaro dizer ao Padre, prometeſſe naõ prègar mais a Ley de Deos nas terras do Regulo. A iſto reſpondia, *que nem o Regulo, nem ſeus miniſtros lhe podiaõ embargar a licença, que Deos lhe dera.* Como nam pudeſſe effeituar nada por ſeus menſageiros, ſe reſolveo acabar eſte negocio peſſoalmente.

13 Mandou que o Padre foſſe levado a ſua prezença. Feliz nova, pois com ella ſe dava jâ com o martyrio em caza. E ſem duvida o alcançaria ſe com o Padre naõ entraſſe em palacio huma carta do Principe, em cujo deſtrito o Padre fora prezo. Nella eſtranhava ao tiranno ſeu atrevimento, pois em terras de deſtrito alheo mandara fazer tal execuçam, em que ſô o Regulo a podia fazer. Por tanto que ſe naõ contentaria ſó com largar o Padre, que vivia debayxo da ſua protecçam, mas que eſperava ſatisfaçaõ competente. Lendo a carta diſſimulou ſua fereza, & começou a fallar com o Padre com cortezia, travando varias praticas, & diſputas. Depois o deſpedio com benevolencia. Retirouſe o Padre pera os ſeus matos cheo de triſteza por naõ morrer por ſeu Deos, couſa que inſaciavelmente dezejava.

14 Foram alli muitos os prodigios, que Deos obrou. Nenhum doente veyo àquella Igreja por ſaude, que a naõ cobraſſe. Sò deſtes morreo hum, que por apertar com elle a doença, ſe fez levar pera ſua caza. Vieram dous pay, & filho tam cheos de chagas podres, que metiam aſco, & horror: tinhaõ gaſtado muito com Medicos, & muito mais com os ſeus Deoſes. Vendo que tudo era ſem proveito, ouviram o Catecismo, foram bautizados, & como outro Naaman Siro, ficaram limpos como huma prata, & ſaons das encanceradas chagas, que vivos os comiaõ. Hum entrevado, que nam podia dar hum paſſo, com receber a Fê ficou totalmente livre. Muitos febricitantes ſô com a agoa, ou cinza benta cobraram ſaude. Por meyo de varias reliquias diverſos energumenos ficaram livres da tirannia do eſpirito maligno. Era entre os Gentios voz conſtante, que ſe alguem recebendo o ſanto bautiſmo naõ ficaſſe livre do demonio, bem o podiam ter por deplorado. Os meſmos feiticeiros, quãdo por meyo de hum demonio nam podiam expulſar outro de algum corpo, lhe aconſelhavam, que recebeſſe o ſanto bautiſmo, como remedio, que tinham por infallivel.

15 Vexando o demonio ao Principe Maravâ, ordenou elle, lhe chamaſſem ao Padre, pera ſe livrar da quella tirannia; porem os ſeus o deſuadiram com dizer; *Que tal couſa lhe nam convinha; pois pera receber o bautiſmo, havia sò de ficar com huma molher; que o Padre ſem iſſo lho nam daria.* Por eſta razam ſe divertio a boa fortuna, que podia ter aquelle Regulo. Neſte tempo ſuccedeo haver congregaçaõ Provincial, a que acodio o Padre Franciſco Laynes, & ſe fez em huma das cazas junto da Coſta do mar. Eſtando alli os Congregados, deceraõ os Gentios ſo-

bre a caza, & deram muitas pancadas nos Padres, & os roubaram, deyxando-os athe sem vestido na praya do mar. Nesta congregaçaõ foi eleyto por Procurador a Roma o Padre Francisco Laynes: & por occasiam desta auzencia fez o Padre Antonio Dias, que escreveo a carta Annua de 1703, no fim della hum resumo do muito que este varam Apostolico tinha trabalhado na Missaõ de Madurè; & a mim me pareceo escrevelo aqui com suas palavras; porque he como breve mapa da dilatada esfera deste grande Missionario.

CAPITULO XXX.

Refere-se huma summa dos trabalhos deste glorioso Missionario.

1 Este he (dis o Padre Antonio Dias) *este he, Reverendo Padre, o estado, em que ao prezẽte fica, & estes os successos, que o anno passado aconteceram nesta Missam de Madurè; à qual se temos visto sempre afflicta, sempre perseguida, vemos tambem no fruto, que recolhe, sempre gloriosa. Mas porque grãde parte da gloria, que logra, lhe communica o alivio das muitas afflições, que padece; temo muito padeça tambem ao diante algum dezar em suas glorias, porque dizem se lhe auzenta o maior alivio de suas afflições. Ouço, que o Padre Superior Frãcisco Laynes foi eleito na Congregaçam desta Provincia pera ir tratar os negocios della a essa Curia; & juntamente vejo as amaras lagrimas, que por tal auzencia derrama esta afflicta Christandade. Ella lhe deve em grãde parte seus augmentos, as muitas victorias, que hà pouco alcãçou de seus inimigos, a paz, & quietaçam, que hoje logra; nelle cifra as esperãças de sua conservaçam, & melhora: pelo que com razaõ teme, & com razam chora os mingoantes, que em tais progressos sua auzencia lhe pronostica.*

2 *Pelas Annuas passadas, & tambem por esta terà Vossa Paternidade entendido, era o Padre Superior o muro inexpugnavel, que estes Neofitos oppunham â bataria, que seus inimigos lhe faziam. Que era o escudo, com que todos se amparavaõ, & a consolaçam, a que todos recorriam; & assim nam he muito, que a grãde perda, que temem, lhe regule o excesso do sentimento, que experimentam. Nem eu por isso admiro o excesso, a que elles se atreveram. Resolveram todos embargar por força, a quem os Padres congregados nam quizeram admittir escusa: mas o mesmo Padre Superior, a quem este excesso foi notorio, & que lhe sabe manejar as vontades, com a esperança da volta fez, que desistissem da violencia.*

3 *Nam pode porem reprimir a do affecto, com que o amam, & que seus coraçoẽs explicam bem ao vivo nas mostras de penetrante dor, & sentimento, que os atravessa: pois vejo que suas lagrimas sam tam amaras, seus gemidos tam affectuosos, seus clamores tam sentidos, & tam repetidos os golpes, com que se atormentaõ, que tambem a nos os Missionarios, & tambem aos Gentios causam lastima; mas ao Padre Superior fazem estalar o coraçam de pena; & pera que à vista do excesso, que mostram estes seus filhos em Christo, nam passe tambem a sua a excesso, sem que admitta despedidas, vay passãdo de noyte por onde teme lhe seram mais violentas: ardiloso invento, pera fugir o que mais se ama. Mas nem tudo isso basta, porque lâ vam muitos seguindo de dia, a quem de noyte lhes fugira. Toda a violencia, que estes seus Neofitos intentavam fazerlhe, se faz elle a si mesmo, cortãdo naõ so pelo*

intimo affecto, que a todos elles teve sempre, mas tambem, & he o que mais sente, & a mim me consta, que mais lhe custa, dilatando a execuçam de seus unicos intentos, cujo despacho, sei eu, pede a Deos todos os dias.

4 *Eram elles, & sam hà muitos annos dar a vida por Christo: pera isso pedio aos Superiores com repetidas instancias, & a Deos com muitas lagrimas a Residencia do Maravâ, que hoje tem a seu cargo: mas quando nella se prometia esta dita, achase obrigado a sacrificar nas aras da obediencia melhor, que o sacrificio, a mesma vida, que dedicara a huma gloriosa morte. Admiraveis saõ sem duvida as disposiçoẽs divinas sobre os intentos, & discursos humanos. Annos havia, que o Padre Superior tinha a seu cuidado o Reyno de Tanjaor; & posto que nelle naõ lhe faltavam trabalhos, & sobejavam perigos, vendo com tudo, que no dito Reyno se dilatavam seus dezejos de derramar o sangue por Christo, passa as terras do Maravâ, cãpo apto pera semelhãte conflicto, & glorioso teatro de semelhãtes victorias; imaginãdo, que se em Tãjaor lhe fugira muitas vezes da maõ esta dita, nam poderia no Maravâ faltarlhe. Isto meditava o Padre Superior em seu animo; mas Deos Nosso Senhor, que por caminhos incognitos aos homens dispunha no Egipto varios meyos, pelos quais Jozeph conseguisse nelle a mayor gloria; & traçava outros diversos, pelos quais São Frãcisco naõ chegasse na Syria ao martyrio; dispoz a fortuna dos Padres Jozeph Carvalho, & Frãcisco Laynes muy contra ao que elles imaginavam: porque desprezãdo este o Reyno de Tãjaor por incapaz, de lhe dar huma gloriosa morte, nelle mesmo pouco depois a cõseguio aquelle; & reputãdo o Maravâ por lugar aptissimo pera ella, nem ainda sendo alli hà pouco prezo, lhe foi nelle concedida.*

5 *Mas se lhe faltou esta gloria, que elle ainda espera, nam lhe faltaram occasioẽs de conseguila: jà no Reyno de Ginja, onde foi duas vezes prezo, & huma dellas levado entre as insolencias de soldados em huma noyte escura de grãde chuva com os pes atravessados de espinhos, & depois metido em huma horrida masmorra entre cal viva, em que por vezes o sepultaram, & do que elle estava jâ muy perto, pois havia quatro dias, que lhe naõ davam, nem elle comia cousa alguma; davam sim muita pãcada; & ainda (estranho genero de tormento) como caens bem asanhados o mordiam fortemente pelo corpo, & com tãta violencia em hum braço, que com os dentes lhe tiravam a carne delle; & beberiam tambem o sangue, que das feridas derramava, se com especie de racionais nam quizessem palear o odio, que tinham a Ley divina.*

6 *Jà no Reyno de Tãjaor, onde tres vezes o buscaram pera a morte, & huma dellas Valogi o maior flagello, que o pobre rebanho daquelle Reyno tem experimentado, mãdãdo huma noyte huma mãga de soldados capitaneados por hum Bramane, que lhe accusara ao Padre, ordenou a todos, que entrãdo na Aldea, em que elle estava com pretexto de outro negocio, na mesma caza, em que o achassem lhe cortassem a cabeça, & lha levassem com todo o precioso, q̃ na mesma caza houvesse. Entraram os soldados na Aldea, de que o Padre na menhaã antecedente àquella noyte tinha partido, bem alheo da coroa, que o tiranno lhe preparara, & o que elle ainda hoje chora; & cercãdo todos a choupana, em que estivera, vendo que estava aberta, pois nem porta tinha; anciosos da preza, que esperavam, entraram dentro, & naõ achãdo nella ao Padre, acharam unicamente a taboa nua de sua cama, & huns castiçais de pao bem tosco, porque*

que

que o mais apparelho da Missa levara elle consigo. Foi grāde a furia, que os soldados conceberam com tal aspecto, & arremeçādose ao Bramane, que os levara, lhe perguntaram pelas riquezas, de que tambem accusara ao Padre, & com que os trouxera enganados, sem cearem, nem dormirem aquella noyte; & passando de palavras às obras, a que os estimulara o cāçasso, & fome, executaram nelle em grāde parte as ordens, que traziam contra o Padre, pois com punhos das espadas, & contos das lāças lhe deram tāta pācada, que naõ pode voltar com a reposta, a quē o mādara, & se voltasse, acharia o mesmo premio, porque mentira.

7 Em huma das outras duas vezes, que o mesmo tiranno buscou ao Padre pera a morte, & em que vieram muitos soldados a prendelo, poderia elle conseguir a felicidade, a que tāto anelava, se o mesmo amor de Deos, porquem queria dar a vida, o naõ obrigasse a impedir as offensas, que contra o mesmo Senhor entam previa. Se elle naquella occasiam fosse prezo perigava muito a Christādade; & assim por causa desta, & nam da sua pessoa, se retirou, antes que chegassem os soldados, que jà esperava: & caminhādo quatro noytes, porque de dia estava escondido em algum mato, sahio finalmente das terras, que tirañiza aquelle Barbaro: deyxādo nellas em sacrificio se naõ a vida os dezejos.

8 Nam quero proseguir as mais occasioes, que teve pera a execuçam delles; pois sendo muitas, tambem eu seria muy extenso na relaçam dellas. Affirmo porem a Vossa Paternidade, que hà muitos annos nam teve esta Missaõ Missionario, que andasse nella tam exposto a perigos de vida, como o Padre Superior anda: antes dizem os seus Catequistas, que nos perigos, em que outros trazem as māos na cabeça, tras elle a cabeça nas māos, buscādo quem lha tome. O certo he, que como deyxo dito na sua Residencia, elle sabe agora de hum penoso carcere, pera ir aos pes de Vossa Paternidade, & a nam ser o Principe, que inscio lhe procurou a liberdade, bem cuido eu, que em lugar delle, iria nesta Annua a nova da sua morte: as ancias, com que elle a esperava, & o muito, que padeceo no dito carcere merecem, que Vossa Paternidade o receba, como a hum valeroso Confessor de Christo.

9 O mesmo tambem merecem seus trabalhos, & fadigas na cultura desta Christādade; pera o que sempre anda discorrendo por todos estes Reynos, & no que seus agigātados passos em vinte, & dous annos excedem os limitados voos da minha pena em taõ breve carta. Mas rastejādo os caminhos, que elle fes muitos annos a pè descalço, vejo nelles suas pizadas impressas com o sangue, que correo dos pès cravados de espinhos, feridos em pedras, inchados do cāsasso, & tam cheos de empolas, que muitas vezes malignādose os humores dellas, alguns dias depois nam podia dar hum passo: & sei eu, que em occasiam semelhāte lhe ouviram amorosas queixas, que fazia ao nosso Santo Apostolo, porque permittia, que tal molestia lhe impedisse o progresso no bem das almas. Com isto no dia seguinte se achou com os pes tam melhorados, que pode com admiraçam de todos cōtinuar sua viagem.

10 Quam especiosos pès estes, de quem a tāto custo evangeliza a paz do Ceo, & publica guerra ao Inferno? Nam saõ menores as mais incommodidades, que experimenta nos caminhos; pois bastando pera isso serem continuos, & por terras como estas faltas do necessario, em todos elles nunca toma refeiçam alguma de dia, mas somente a noyte; naõ a que appetece o regalo, mas a precisa pera a necessidade, & ainda faltādolhe às ve-

vezes esta, sei eu, que depois de forcejar muito com a fraqueza, cahira no caminho desfalecido, sendo obrigados por isso os Catequistas seus cõpanheiros a pedirem esmola, com que o alimentaram. Mas o peyor he, que as vezes no termo da viagem acha por alivio incommodidades maiores, que as passadas: & pera que deyxe outras muitas, querendo elle escondido na Corte de Tãjaor sacramentar aos Christãos de castas inferiores, porque o nam podia fazer de dia, esteve vinte, & duas noytes desvelado neste santo ministerio, sem dar nellas descãso algum ao corpo, nem ainda em tãtos dias a refeiçam necessaria, porque o lugar, & circunstãcias nam permittia prepararlha; & assim que em todos elles sò com frutas, & leyte se sustentava: suppria esta falta a cõsolaçam da melhora, que via naquelles seus Neofitos; pois sendo mais de tres mil os que em tam pouco tempo receberam alli os sacramentos; quasi todos o naõ faziam havia dous, & tres annos, porque a tirannia dos Gentios lho nam permittira; & assim quãto mais famintos deste divino pasto, eram maiores as mostras de devaçaõ, & penitencia, que faziam, & com que consolavam ao Padre.

11 Antes o mesmo Deos parece lhe quer mostrar com maravilhas, que suas molestias no exercicio de taõ santo ministerio lhe sam muito agradaveis; & pera que deyxemos a identidade de outras, em occasiaõ semelhãte à sobredita estava elle em huma ramada sacramentãdo aos Christaõs de casta bayxa, que com a nova de sua chegada concorreram alli em grãde numero; & porque o Padre superior he sogeito a dores de cabeça taõ agudas, & intensas, que sò isto bastaria pera lhe fazer esta vida naõ digo ardua, mas totalmente insoportavel; se bem elle nem por isso interrompe seus trabalhos; as ditas dores lhe vieram no maior concurso de penitentes; forcejou porem cõ ellas, cõtinuando no confessionario algum tẽpo: quãdo porem sentio, que a vehemencia das dores lhe perturbava a attençam devida, à que este santo tribunal requere, com bem magoa sua se retirou delle; & com a sua retirada começaraõ os Christãos a affligirse; huns porque havia muitos dias esperavam, outros porque jà o sustento lhes faltava. A molher nesta demora temia ao marido Gentio, os filhos aos pays tãbem Gentios, os servos, que tinham dias limitados, temiam a seus senhores; finalmente todos temendo, que o achaque do Padre Superior continuase; & que voltãdo por isso sem os sacramentos pera suas cazas, naõ poderiam vir no mesmo anno outra vez a recebelos, choravam amaramente sua disgraça.

12 Avisou o Catequista ao Padre Superior de tãta lastima; & porque elle dezejava muito remediala, & a excessiva intençam das dores lhe nam permittia a devida attençam a este santo ministerio, respondeo ao Catequista, que ordenasse aos Christaõs da sua parte, pedissem todos a Virgem Senhora nossa, que lhe mitigasse aquellas dores, pera que elles pudessem conseguir a graça do Sacramento, que tanto dezejavam, pois athe a milagres he necessario recorramos, pera que estes desemparados Neofitos achem Sacerdote, que lhes administre tam precioso Sacramento, havendo nessa Europa tantos, que sem la fazerem falta, puderam bem remediar esta. Com aviso do Catequista recorreram logo os Christãos à Virgem Mãy Sãtissima, certo refugio pera o maior desãparo; & com devaçam, & affecto, que a necessidade prezente lhes ditava, em honra da mesma Senhora rezaram todos a sua coroa; & ainda ella naõ estava acabada, quãdo jà o Padre Superior vinha pera o confessionario, nam só com as dores mitigadas, com que elle se

con-

contentava, mas totalmente extintas, como os Christãos pediam; que os favores concedidos pelas mãos desta soberana Princeza foram sempre muy completos. Por tal o avaliamos todos, pois costumãdo hà muitos annos o dito achaque, quãdo se agrava, correr seu curso, & molestar ao Padre por alguns dias, na occasiam sobredita logo, que lhe apontou, o deixou livre.

13 *Outros varios favores, que deyxo por brevidade alcãçou o Padre Superior Frãcisco Laynes da mesma Senhora, & do Glorioso São Miguel Ancãjo, de quem he devotissimo; & por isso em honra destes seus dous padroeiros edificou entre outras muitas duas Igrejas em reconhecimento dos favores passados, & principalmente das perseguições, de que o livraram; q̃ na verdade foram muitas; pois nam sò as da sua Residẽcia, mas as de qualquer outra, q̃ tomava a seu cuidado; a todas assistia pessoalmente, & a todas remediava: pois sendo Superior desta Missaõ quatro vezes, a quem por isso incumbia o cuidado de toda ella, sò nelle vinhaõ finalmente fazer tiro todas as calamidades, que cada hum dos Missionarios padecia; que esse finalmente, & nam outro vem a ser o lucro, de quẽ governa.*

14 *Por tal avaliou sempre o Padre Superior aos trabalhos, que nas perseguições padecia, quãdo aliviava delles aos companheiros: os quais por isso, & porque sabem, que elle he unico, & muy destro no cativar as võtades destes Barbaros, atrahidos da eloquencia, & emphasi, com que na sua lingua lhes falla, temem com fundamento, que nas occasiões lhes falte ao diãte a industria de tal Missionario, & por isso sentem por extremo esta auzencia: pelo que humilmente pedem a Vossa Paternidade, que os console, recebendo a este seu filho em Christo com o paternal affecto, que merecem os preciosos despojos deste Oriente, de que elle vay carregado, & que seram muy gratos a Vossa Paternidade, quarenta mil almas, digo, que elle em cruel guerra com o Inferno nesta Missaõ resgatou do cativeiro eterno à liberdade Evangelica pelo santo bautismo.* Athe aqui o Padre Antonio Dias. Tinha o Padre Francisco Laynes vinte, & dous annos de Missaõ, quando foi eleito pera vir a Roma sobre negocios de muito pezo; por quanto a impugnara, quem naõ sabia os estillos das nações, aos quais sem offender a Religiam Christam se conformam aquelles Santos Missionarios.

CAPITULO XXXI.

Parte da India pera Portugal, & do que lhe succedeo, athe voltar pera a India.

1 PElo fim do anno de 1704 partio o Padre do Malabar pera Goa, chegou a barra de Goa à tẽpo que a nao estava pera dar à vela no dia seguinte pera Portugal: a penas, & com grande difficuldade alcançou do Vizo-Rey alguma demora pera visitar, & beijar os pes do Apostolo do Oriente S. Francisco Xavier, que beijou com grande devaçaõ, & nelles tocou muitas contas, que depois repartio em Europa. Chegou ao Brasil aonde se deteve alguns mezes, em quanto a frota se punha corrente pera a viagem. Neste tempo lhe foi necessario compor hum tratado, que imprimio em Roma, sobre os negocios, que o traziaõ a Europa. Como desuso, que os seus pes tinhaõ de estar parados, & estillo de se assentar no cham, como he uso em Madurè, lhe incharam muyto, de que nam padeceo pouco; & com esta molestia se embarcou, & lhe durou em parte por toda a viagem athe Portugal.

2 De

2 De Portugal passou a Roma. Nosso Reverendo Padre Michael Angelo Tamburino o recebeo como a filho, & estimou como a santo O Papa tambem o recebeo, & ouvio com singular agrado, & lhe deu grande numero de premios. Disselhe o Summo Pontifice, *que se houvesse com charidade, & amor com os Missionarios da sagrada Congregaçam de Propagāda Fide*; Respondeo o Padre: *Santissimo Padre, eu nada tenho, nem tive nunca com esses Missionarios. Porque, & como he isso?* Replicou o Papa? A isto disse o Padre: *Sātissimo Padre, a minha Missaõ he muy trabalhosa, lâ naõ hâ senaõ pācadas, & açoutes, por isso nella vivemos sós, sem là iremos Missionarios de Propaganda.* Ouvindo isto o Papa se fez noutra volta sem proseguir mais aquella pratica. Quis hum Missionario de Propaganda, como em huma sua carta Annua refere o Padre Laynes, trabalhar naquella Missam, os Padres folgaram muito com isso; porem depois, que o bom Religioso começou a experimentar a estreiteza da vida, & austeridade do trato; como homem virtuoso, que era, disse ingenuamente: *Meus Padres, eu naõ posso aturar tal genero de vida, ficaivos com Deos, que esta graça só he pera os filhos da Companhia, que com tanto zelo se empregam na salvaçam das almas por modos, & meyos tam exquisitos, & tam repugnantes a esta nossa natureza.*

3 O R. Padre Geral alem de premios lhe deu pera os seus gastos quinhentos, ou seis centos escudos em dinheiro. Partiose finalmente de Roma com bons despachos. Foi a navegaçam trabalhosa; junto de Malaga no Reyno de Granada deu a nao â costa com tam miseravel naufragio, que apenas os naufragantes puderaõ livrar as vidas, sahindo a terra pelo mastro grande, que por conselho do Padre Laynes cortara o Capitam, & da nao mea sorvida das ondas lançara a hum penhasco, servindo-lhe elle como de ponte, por onde com grande risco se puzeram em salvo. Chegou o Padre a Portugal por Novembro de 1707, havendo perdido todos os premios, & adjutorios pera a Missaõ, que trazia. Por isso na primeira carta, que escreveo ao Reverendo Padre Geral entre a conta, que lhe dava do seu naufragio, tocando nas liberalidades, que com elle usara, no que lhe dera; dizia: *Parece, Reverendo Padre, que Deos naõ queria, que fossemos senaõ nus, & despidos de todas as cousas da terra.*

4 Quando o Padre Francisco Laynes chegou a Portugal da India, foi nomeado por Bispo de Meliapor, pera succeder ao Padre Gaspar Affonso da nossa Companhia, Bispo da mesma Diecesi, & que por dias acabaria a vida cançada com muitos annos, & achaques. De Lisboa passou a Coimbra a conduzir Missionarios. Houve naquelle Santo Collegio grande fervor, ouvi dizer, que os que lhe pediram os levasse por companheiros, chegaram a quarenta. Algum sentindose dentro na alma estimular deste santo fervor, & por outra parte pugnando por si a natureza, que tinha horror do que o espirito lhe sugeria; ou por graça, ou de veras dizia: *Digam a este Padre Laynes, que se vâ deste Collegio, que nam hei de aquietar, nem descansar, em quanto aqui estiver.*

5 Dali passou ao Collegio de Evora, aonde entrou aos 3. de Fevereyro de 1708. dia de Saõ Braz. Foi recebido com grande amor, & charidade. Quando algum Religioso attendendo a estar eleito Bispo lhe chamava por Senhoria; dizia com muita graça: *Meu Padre naõ me perca a Reverencia*; dando com isto a entender, queria o tratassem como a qualquer dos outros Padres. Hospedouse no corredor da enfermaria logo a

entrada no ſegundo cubiculo da parte do naſcente. Aonde era aſſiſtido de todo o Collegio. Porque o trato, & converſaçam era ſuave, & agradavel; todos goſtavamos de lhe ouvir os ſeus trabalhos, & prizoẽs pela Fè. A mim, que iſto eſcrevo, me parecia ter diante de meus olhos hum glorioſo Apoſtolo.

6 Aos 10 do meſmo mes fez ſua pratica na Capella, veſtido no traje, de que ſe uſa na ſua Miſſam; que cauſou em todos muita piedade, & devaçam. Nam fez em Evora menor commoçaõ, que a que tinha feito em Coimbra; & ſe lhe offereceram muitos, & eſcolhidos ſogeitos. Se os Superiores deram a eſte bemdito Padre todos, os que pediram a Miſſam, bem creyo levaria conſigo mais de oitenta ſugeitos. Graças a Deos, que aſſim Conſerva na Companhia o eſpirito das Miſſoẽs; ſendo os que as pedem de ordinario os ſugeitos de talentos mais completos pera as cadeiras, & pulpitos, & pera os outros miniſterios de plauſibilidade, & eſplendor, que ha na Religiam. Aos 14. de Fevereyro partio pera Lisboa. Todas eſtas jornadas fez o Padre com grandes incõmodos por cauſa das chuvas, que foram mui deſmarcadas, & continuas: por iſſo de Coimbra athe Evora gaſtou onze dias no caminho; & ainda que actualmente chovia, quãdo partio de Evora, ſe poz à jornada por acudir aos negocios da ſua viagẽ, que o eſtavam chamando.

7 Aos 18 de Março de 1708 foi ſagrado Biſpo na Igreja do Collegio de Santo Antaõ de Lisboa pelo Eminentiſſimo Senhor Dom Nuno da Cunha, & Atayde Capellam Mòr, & Inquiſidor Geral, aſſiſtindo os Biſpos de Hiponia, & de Pernambuco. Partio pera a India aos vinte, & ſete de Março. Foi a viagem muito trabalhoſa com doenças, de que alguns dos noſſos acabaram ſeus dias. Por cauſa de os desfavorecer o tempo, foram obrigados a arribar ao Braſil. Lãçaram ferro no porto da Bahia aos dous de Agoſto.

8 Alli ſe detiveram as duas naos athe os quinze de Novembro, em que tornaram a continuar a viagem. Em Janeyro paſſaram o Cabo de Boa eſperança. Neſte tempo deſappareceo a nao S. Luiz, a qual ſe foi perder à viſta do Moçambique. A nao, em que hia o Padre Biſpo padeceo entre a Ilha de Saõ Lourenço, & Coſta de Africa tais tormentas, que os pilotos deſeſperados, determinaram de ir varar a nao em terra, & o fizeram, ſe Deos naõ acudiſſe ceſſando a tormẽta. Entraram na barra de Moçambique aos vinte, & tres de Março de 1709. Alli foram obrigados a invernar, & eſtar athe os quatorze de Agoſto. Partindo neſte dia chegaram a Goa aos vinte, & ſinco de Setembro, havendo dezaſete mezes, que tinham partido de Lisboa. Jà neſte tẽpo as duas naos, que naquelle anno tinham ido de Lisboa, acabavam de de deſcarregar.

9 Paſſou o Biſpo a governar a ſua Igreja de Meliapor. Tinha pedido ao Padre Geral lhe deſſe por Confeſſor, & Admonitor ao Padre Simaõ Carvalho, antigo Miſſionario de Madure, & Maleame. Poſto que o Padre ſe eſcuſava, o Provincial o obrigou a ir pera S. Thome por dous annos a eſtar com o Biſpo. Levantando o Governador Mouro huma perſeguiçam contra o Biſpo; eſte foi obrigado a andar peregrinando de humas em outras partes pelo ſeu Biſpado fora da ſua Metropoli. Em Outubro de 1713 havia ja dous annos, que andava neſte deſterro, padecendo muitos incõmodos, & trabalhos, que ſaõ as rendas deſtes Biſpados. Neſte anno de 1716 chega nova em como he fallecido. Do que fica eſcrito, que he muito pouco, pera o que obrou, entenderàm, os que cà o viram, quanto eſpirito nelle ſe occultava,

va, & quam excellente instrumento de sua gloria tinha Deos neste Santo Prelado. As cartas, que vieram da noticia da sua morte, dizem, que morrera de peçonha.

10 O Padre Jozeph Pereyra antigo Missionario escreveo de sua morte o seguinte: *O senhor Francisco Laynes falleceo em Junho de 1715, em Bengala, nam sem sospeita de veneficios, o qual desde que poz os pès na India, nam fez mais, que apostolizar; ainda antes de tomar posse do seu Bispado, porque na Costa da Pescaria, aonde eu era Reytor, crismou infinidade de gente, & vindo ensopado em suor, nunca quis mudar roupa, enxugandoa no corpo. Deu logo consigo na Missam de Madurê, & vestido, como qualquer outro Missionario consolou os seus amados Neophytos, administroulhes o sacramento da Confirmaçam, & voltando pera Meliapor, logo tratou de se expedir pera Bengala, devorando o perigo daquella arriscada navegaçam, & depois de dezembarcar, foi Missionando por aquelle dilatado reyno, ja engolindo o risco do precipitado Ganges, jâ embrenhandose pelos matos povoados de carniceiros tygres, & escapãdo destes, & daquelle veyo a fallecer do modo sobredito. A sua morte foi sentida de todos os bons, & ainda que funesta nos olhos dos homens, muito precioza nos do senhor, por ter seus resquicios de Martyrio, pois por fazer sua obrigaçam se meteo neste perigo.* Athe aqui as palavras daquella carta.

CAPITULO XXXII.

Vida do Padre Gregorio Luiz.

Em Lisboa 3. de Jun. de 1660.

1 O Padre Gregorio Luiz nos deixou taõ singulares exemplos, que naõ he justo, os sepulte o silencio, tam inimigo dos varoẽs benemeritos de eterna memoria. Nasceo em a Villa de Alpalham no Bispado de Portalegre. Seus pays se chamaram Simaõ Inchado, & Maria Luiz. Eram da gente principal daquelle povo. De menino o foi Deos chegando pera si com diversos favores, & merces, livrando-o de muitos perigos assim nocivos ao corpo, como tambem ao espirito. Sendo menino, & andando brincando na rua com os do seu tempo, vindo correndo desatentadamente hum Cavalleiro, o atroupellou em forma, que lhe ficou amolgado o casco da cabeça sobre o olho direito: a penas pode escapar com vida deste infortunio; o que elle attribuio ao seu Anjo da Guarda, como tambem o ser livre de outros perigos de vida.

2 Hum seu tio Conego da Cidade de Portalegre o chamou pera sua caza, & o applicou ao estudo das letras. Neste tempo, que foi pelos annos de 1699, o Bispo Dom Diogo Correa sobrinho do Arcebispo Santo de Braga Dom Frey Bartholameu dos Martyres, herdeiro nam menos do sangue, que do amor à Companhia de seu tio, levou àquella Cidade aos nossos Padres Antonio de Vasconcellos, & Estevam de Castro, pera darem nella principio a hum Collegio da Companhia, pera o qual o Bispo Dõ Joaõ de Alva tinha deixado alguns legados.

3 Com o trato dos nossos Religiosos se aproveitou tanto assim na devaçam da Senhora, como no amor à Companhia, que desde aquelle tẽpo dezejou abraçar nosso instituto. Ajudou-o muito em seus fervores, & propençam às virtudes hum virtuoso escrivam, o qual de tarde o levava consigo a rezar o Rosario em a Igreja de nossa Senhora da Alegria. Sendo mandado estudar em a Universidade de Evora, accertou sua boa fortuna de ter por Confessor ao veneravel Padre Doutor Gaspar Gomes da

nossa Companhia, homem de grandes letras, & maiores virtudes, cuja vida escrevi em a Imagem da virtude do Noviciado de Evora.

4 Por sua direçam se confessava, & commungava todos os oito dias, dando aos mais estudantes singular exemplo, & edificaçam. Contou em sua boa fortuna ter companheiros bẽ procedidos, que em nada o desviaram de se chegar a Deos. Indo no tempo das ferias a sua patria, correo grande perigo de deixar seus virtuosos intentos. Hum seu Irmaõ mais velho nos annos, nam em as virtudes, dezejou muito, que deixadas as letras, tomasse estado de matrimonio com huma donzella parenta sua: pera o ir pouco a pouco affeiçoando, o levou comsigo a caza da ditta parenta, pera cõ a conversaçaõ se lhe irem inclinando os affectos. Entendeo logo, aonde caminhavam estes divertimentos, & por nam chegarem a pontos, que que quando quizesse, se naõ pudesse desenredar, nunca mais o irmaõ pode acabar com elle, que continuasse as visitas.

5 Voltou a Evora, & com grande fervor começou a pertender a Cõpanhia. Reparou o Padre Vice-provincial Martim de Mello em suas forças, & saude, ao que mostrava, pouco segura, pera poder com os trabalhos da Religiam. Por esta causa o detiveram os Padres alguns tres annos, sem elle desistir da sua pertençaõ. Neste meyo tempo lhe pedio o nosso Padre Doutor Jeronimo Alvres, que lhe escrevesse a vida do Beato Luiz Gonzaga, que elle vertera de Italiano em Portugues, o que elle fez com singular gosto pelo proveito, que experimentava nos exercicios santos, qual era trabalho tam pio. Parece, que o santo quis por elle avogar, pera quando menos o esperava, ter o despacho da sua antiga petiçam de entrar na Companhia. Na primeira semana de Mayo o chamou o Padre Jeronymo Alvres, pera lhe dar em agradecimento da tresladaçam do livro hum bom premio. Entam lhe disse, *Padre, nam se moleste, porque jâ o Beato Luiz me apremiou, porque estou avisado, pera entrar na Companhia, que eram todos os meus dezejos.*

6 Naõ dilatou a execussaõ, porque logo aos nove de Mayo de 1610 entrou em o Noviciado de Evora. Tomou com tanto gosto a vida Religiosa, que nella nunca padeceo tentaçam alguma de a deixar. Naquelle tempo ainda que em Lisboa nam havia Noviciado, sempre de Coimbra, ou Evora hiam alguns Noviços servir na Caza Professa de Saõ Roque, como hoje o costumam os Noviços, que se criam em Lisboa. Foi mandado o Irmaõ Gregorio, & deu de si a devida satisfaçam.

7 Tornando pera Evora fez seu votos aos dez de Mayo de 1611 na Capella grande do Collegio, que entam começou a servir, & elle foi o primeiro, que nella fez os votos, sendo Reytor o Veneravel Padre Joaõ Correa de Villa Real. Nos annos seguintes, a que chamamos de Recolhimento, teve por Prefeito ao Santo Padre Paulo Carvalho, cuja vida imprimi em a Imagem da virtude do Noviciado de Evora, & por Ministro ao Padre Manoel Duarte, cuja vida escrevo na mesma obra. Com as direçoẽs, & muito mais com seus virtuozos exemplos foi crecendo nas virtudes.

8 Tambem o ajudou muito o virtuoso Padre Lourenço Ribeyro, de quem na mesma obra escrevo, por ser homem de singular perfeiçaõ. Este Padre sendo Theologo hia ao Recolhimento fallar de Deos com os Irmãos, a quem por estremo afervorava. Gostavam muito deste santo cõmercio os mais virtuosos, hum delles era o Irmaõ Gregorio Luiz. Estes, q̃ communicavam com o Padre Ribei-

ro,

ro, todos os mezes tinham hum dia de Exercicios de Santo Ignacio, no qual punham de parte o estudo das letras, dandose todos à oraçam, renovando nella os santos propositos do seu Noviciado, & fazendo outros de novo, pera nam afroxar com o estudo das letras no da propria perfeiçam.

9 Acabado o estudo da Philosophia, o mandaram ser Sottoministro no Collegio de Santo Antaõ de Lisboa. Posto que a occupaçam he, das que se provem com Irmaõs Coadjutores, elle sem repugnancia obedeceo, & fez sua obrigaçam com muito zelo. Do muito subir, & decer das escadas do Collegio, & lida continua, assim se lhe desordenou o calor, que começou a lançar sangue pela bocca. Por naõ entificar, foi mandado voltar a Evora, aonde convaleceo, & começou o seu estudo da Santa Theologia. Nestes annos foi Ministro dos Irmãos do Recolhimento, & Cõpanheiro do Mestre dos Noviços, procurando conservar, & adientar a huns, & outros na virtude.

10 No anno de 1621 foi mandado ter o terceiro anno de Noviciado em o Collegio do Porto, aonde entaõ se costumava fazer esta provaçaõ. No fim do anno ficou alli por Ministro. Depois passou pera o Noviciado de Lisboa, a ser Companheiro do Mestre dos Noviços, que era naquelle tempo o Santo Padre Diogo Monteiro. Passados alguns annos ordenou a obediencia, que fosse Ministro em o Collegio de Coimbra. Depois de fazer dous annos esta occupaçam, se lhe ordenou, navegasse a ensinar cazos de consciencia na Ilha de Saõ Miguel. Fez dous annos este magisterio, & tres o de prègador.

11 Erigio alli a Confraria dos Estudantes de nossa Senhora da Vitoria, & lhe ordenou estatutos, pelos quais se governasse. Assim mesmo erigio outra em honra de nosso Padre Santo Ignacio, porem esta cõ os annos se extinguio. Naquella Ilha esta va no anno de 1630 a tempo, que em dous de Setembro arrebentou o fogo das entranhas da terra no posto, que chamam Ponta da garça. He aquella Ilha sogeita a estas formidaveis irrupçoẽs, as quais saõ o mesmo horror, & espanto. O prezente incendio foi hum dos mais nomeados por sua estranheza. Sahio tanta cinza, & della se formaram no ar tam grossas nuvens, que no meyo dia se naõ via cousa alguma, senaõ accendendo a candea. Tanto, que soccegou o espanto, o Padre Gregorio cõ outro Padre por espaço de dous mezes andaram em Missam pela Ilha. Como os povos estavam bem dispostos com o terror proximo, foi o fruto deste trabalho copiosissimo.

12 No anno de 1631 lhe veyo patente, pera ser Reytor no Collegio de Angra na Ilha Terceira, pera onde passou, ficando de suas virtudes grandes saudades, & memorias na Ilha de Saõ Miguel. Neste Reytorado fez sua profissam de quatro votos. Adiantou muito o Collegio. Deu principio à Igreja. No seu governo o Chãtre da Sè Sebastiam Machado de Miranda fez ao Collegio doaçam do pomar, & cazas de Porto santo. No anno de 1634 tendo acabado o governo veyo pera o Reyno, & andou em Missaõ pelo Bispado de Portalegre em companhia do Bispo Dom Joaõ Mendes de Tavora, que visitava sua Diecesi.

13 Naõ o deixou a obediencia soccegar muito tempo em Portugal, porque no anno de 1638 foi mandado com outros Padres, & Irmãos a Angola, indo por Superior, & Visitador. Naõ sabia este virtuoso Padre, que cousa eram escusas, no que a obediencia lhe ordenava. Naõ allegou os muitos annos, que estivera nas Ilhas; porque só queria sua vida pera servir a sua Religiaõ. Indo na

Cos-

Costa de Guinè, foi o navio entrado por Cossarios Olandezes. Dous mezes com os mais Religiosos esteve em poder dos piratas, padecendo muitos trabalhos. O sustento era taõ escasso, que naõ passava de hum arratel de biscouto de avea, acompanhado com algumas lentilhas. Sendo tam mao o tratamento, foi Deos servido, de lhe conservar a todos a saude.

14 Depois de muitos trabalhos, sedes, & fomes, foram lançados na Ilha de Santiago, que he a principal das dez Ilhas de Cabo verde. Estando naquella terra, chegou alli huma nao da India, em que vinha o Conde de Linhares Dom Miguel de Noronha, & por seu Confessor o nosso Padre Diogo de Areda. Nella com outros dos nossos se metteo o Padre, & chegou a Lisboa aos quatorze de Dezembro de 1638. Foi mandado ser no Collegio de Evora Perfeito dos Irmãos do Recolhimento, occupaçam, que fez por espaço de tres annos.

15 Neste tempo foi Confessor da Madre Soror Violante de Ascenssam Freira no Convento do Salvador, filha de Dom Gonçalo da Costa Armeiro mor deste Reyno, Religiosa de grande santidade, a qual acabou sua vida aos dous de Fevereiro no anno de 1640. Neste anno estava o Padre fora do Collegio de Evora. Na hora, que lidava com os ultimos arrancos da vida, estando o Padre pera dizer Missa, sentio hum vehemente impulso interior, que lhe dizia, applicasse a Missa por Soror Violante, que se achava em grande aperto: assim o fez. Dalli a algum tempo, lhe chegou noticia, em como aquella Religiosa fallecera na hora, em que elle tivera o impulso. Por petiçaõ de outra sua irmaã freira o Padre escreveo suas virtudes, como quem dellas tinha as mais intimas noticias.

16 Depois gastou cousa de tres annos em visitar todas as fazendas, que possue o nosso Collegio de Evora nas Provincias do Minho, & Beira. Deste trabalho se recolheo com muitos achaques de Gota, & Sciatica. Tendo sido Mestre dos Noviços em Evora, Reytor do Collegio de Elvas, & Companheiro do Padre Visitador Andre de Moura, o mandaraõ pera a Caza de Saõ Roque de Lisboa, onde passou o restante de sua vida.

17 Os ultimos tres annos passou entrevado. Tolheraõselhe em forma os nervos dos pes, que nem se podia mover na cama. Nestes rigorosos trabalhos se houve com notavel soffrimento, & equidade de animo, sem dar hum ay entre suas molestias. Mostravase agradecidissimo a todo o bem, que se lhe fazia. Como as maõs lhe ficaram livres, occupava o tempo em escrever alguns tratados espirituais, entretendo sempre seus pẽsamentos com Deos. Em quanto as forças, & os achaques deram lugar, pedia aos Irmaõs, que o levassem em braços à Igreja, posto em o Confessionario se detinha neste santo ministerio. Depois que o naõ puderam levantar, nem vestir, confessava na cama aos nossos. Hum dia antes de sua morte, achandose com notavel mudança, & desfallecimento, pedio ao Padre Preposito, que lhe mandasse dar os Sacramentos. Recebe-os com singular devaçam, indo respondendo ao Sacerdote. Na menhaã do seguinte dia acabou em grande paz na Caza de Saõ Roque de Lisboa aos tres de Junho de 1660. Foi homem, em quem sempre resplandeceo o zelo das almas, & dezejo de servir a Companhia, no que o occupasse, athe morrer.

CAPITULO XXXIII.

Memoria do Irmaõ Noviço Simaõ Alvres. E do Padre Antonio de Souza.

Em Evora aos 19 de Novembro de 1601.

1 O *Irmaõ Simaõ Alvres* Noviço ſoube em pouco mais de hum anno ter as virtudes, a que naõ chegaram muitos provectos em idade, & annos de Religiam. Naſceo em Evora; ſeus pays ſe chamaram Paulo Ramalho, & Maria Simoẽs. Alli entrou na Companhia aos onze de Novembro de 1600, tendo quinze annos de idade. Foi logo moſtrando grande madureza em ſuas acçoẽs, & grande propençam a todas as couſas de piedade.

2 Entregouſe muito à oraçam, & prezença de Deos. O tempo, que lhe ficava livre, gaſtava diante de Deos orando. Enlevavaſe tanto na conſideraçam dos divinos myſterios, que ficava alienado dos ſentidos. Huma vez indo hum Irmaõ ao ſeu cubiculo, como eſtiveſſe às eſcuras, abrio a janella, & vio no meyo delle poſto de joelhos a eſte Irmaõ, abrazado o roſto, abſorto todo em Deos, correndolhe pelas faces ſuaviſſimas lagrimas. Admirado o Irmaõ, naõ o querendo privar de tam doce ſoccego, tornou a ſerrar a janella, & o deixou, ſem elle ſentir couſa alguma.

3 Em outra occaſiam foi achado em huma capella orando, tam elevado, que eſtando todo dobrado ſobre hum dos lados, cauſava admiraçam, como em tal poſtura nam cahia em terra. Metendoſe praticas de Deos, aſſim ſe ſuſpendia, que moſtrava eſtar todo nelle, em quanto ſe naõ acabavam. Seu fallar de Deos era muito fervorozo; em eſpecial nas veſporas de Communham parecia hum incendio de fogo do amor Divino.

4 Por cauſa de ſeus achaques eſteve huma ſomana em a quinta; neſtes dias nem huma ſô falta lhe notaram. Naõ havia nos outros falta, que naõ eſcuzaſſe. Fora da Companhia tinha hum natural colerico, & por ſeus effeitos muitas vezes foi açoutado. Mas na Religiam ſe quebrou, & mortificou em forma, que parecia fleimatico Deixavaſe encher de bichos, pera deſte modo atormentar ſeu corpo, & ſe naõ houveſſe cuidado, em lhe mandar, que tomaſſe outro veſtido, o naõ faria. Os que lhe ſahiam fora, os metia outra vez pelo peſcoço abaixo.

5 Rara vez temperava o peyxe, ainda que foſſe ſeco, aſſim o comia ſem adubo de azeite, & vinagre. O meſmo fazia, quando ſe davam ervas cozidas, pera ſe temperarem na meza. Dizia, que nenhum Religioſo devia ſahir da meza ſem fome. Neſta materia foi preciſo vigialo, por nam perder a ſaude, & forças com abſtinẽcias. As diſciplinas, com que ſe caſtigava, tinham nas pontas ſuas invẽçoẽs, que as faziam mais rigoroſas. Dizia, que eſtimara ter as forças de hum Irmam robuſto, que nomeava, ſô pera as empregar em ſe diſciplinar com mais rigor. Em havendo occaſiam de duvida, ſempre cortava pelo ſeu parecer, & juizo, antepondolhe o parecer alheo. Nunca o viram rir immodeſtamente.

6 Era tam compoſto, & fez niſto tal habito, que ainda tendo delirios na doença, em lhe deſcobrindo alguma parte, logo a cobria. Em todo o Collegio ſe tinha de ſua virtude ſingular opiniaõ. Hum Irmaõ querendo encarecer o deſabrimento de humas ervas, que ſe deram na meza, diſſe, *que eram tais, que o Irmaõ Simam Alvres as nam podia comer.* Dizendo o Meſtre huma vez as faltas aos Irmaõs em huma recreaçam, chegando a elle, como naõ houveſſe, que lhe notar, o paſſou, dizendo, *vamos a outro, ſois hum hipocrita.* Huma vez diſ-

disse o Padre Reytor: *O Irmam Simam irâ peregrinar, porque dâ no Collegio edificaçam.* Como depois outro Irmaõ lhe dissesse: *Em fim Irmam Simam Alvres, a elle louvaraõ-no.* Respondeo: *O Padre Reytor disse, o que disse, por me animar, nam porque houvesse em mim virtude.*

7 Suas rezas fazia com singular devaçam. Huma vez rezando o Officio da Senhora, quando chegou ao cantico *Magnificat*, se sentio notavelmente abrazado, levantou os olhos ao Ceo, & as lagrimas se começaram a destillar pelos olhos. Sahindo entam o Companheiro do cubiculo, quando voltou dahi a hum quarto, o achou na mesma forma, que o deixara. Em sua doença deu sempre exemplo de santidade, athe que em 29 de Novembro de 1601 poz fim a sua ditoza vida.

8 Na mesma noite, em que falleceo, succedeo junto a Coimbra huma visam notavel. Hum Padre do Collegio estando fora delle em huma caza, depois de se recolher o companheiro a dormir, ficou tendo oraçam. Encostouse sobre a cama, & entre sonhos começou a dizer: *Porque naõ irei eu.* Apoz estas palavras começou a chorar, & gemer. Despertando o Companheiro, perguntou-lhe, *que tinha?* Respondeo, *que vira huma procissam de Anjos muito fermoza, que no fim hia a Senhora com huma alma pela mam; que perguntando, que alma era, lhe respondera, ser a de hum Irmaõ, que acabara de espirar em Evora, que sabia do Purgatorio pera o Ceo. Por esta vezam dissera, porque nam irei eu?*

9 *Logo se seguia huma tropa de demonios, que queriam embargar a alma; que por isso chorara; mas que a Senhora os mandara desapparecer. Que depois ouvira musicas, que muito o recrearam.* Chegando a noticia da morte, & virtude do Irmaõ, ficou muito consolado. Depois de sua morte se fez na Communidade huma pratica sobre as palavras: *Consumatus in brevi explevit tempora multa.* E se disseram muitas virtudes de seu raro exemplo.

10 *O Padre Antonio de Sousa* foi hum dos mais authorizados Padres desta Provincia, porque nelle concorreo muita virtude, prudencia, & nobreza. Nasceo em Cadafais no Arcebispado de Lisboa de pays illustres, que se chamavam Rodrigo de Sousa, & Dona Brites. Entrou na Companhia em Evora ao primeiro de Março de 1590, tendo dezasete annos de idade. Andando annos teve diversos governos. Foi Superior da Caza de Faro, do Collegio de Braga, da Caza de Villa Viçoza, Reitor do Collegio de Evora, & de Coimbra, ultimamente Provincial, & neste cargo poz fim a sua vida. *Em Evora 16. de Jan. de 1643.*

11 Davase muito ao commercio com Deos pela oraçam. Quem o naõ achava no cubiculo, o tinha certo na Igreja orando. Nam se dava por satisfeito com o tempo, que nella gastava de dia, furtava muito ao sono da noite, pera orar. Disciplinavase duas vezes no dia. Os cilicios eraõ continuos. Alem de ser parcissimo no comer, nam tocava doces, nem carne de aves; fugindo de guizados, & de quaisquer iguarias deliciozas.

12 Foi de consciencia mui pura. Todos os dias se confessava com exacçam, & meudeza. Disse a seu confessor, *que todas as vezes, que se punha a seus pés, o fazia, como se acabada a confissam, houvesse de espirar.* Fomentava com grande fervor as Missoẽs ultramarinas; com nenhumas palavras acabava de encarecer os merecimentos, & perfeiçam, dos que nellas se occupam. Em fallando nesta materia, o fazia mais com as lagrimas, que com palavras.

13 Sabendo os interesses da Religiaõ em se criar com virtude a gente mo-

moça, procurava que esta florecesse na virtude mais, que nas letras. Dava premios, aos que via mais assinalados em virtude, pera que esta lembrança fomentasse a huns, & aos outros fosse estimulo. Foi homem despido de carne, & sangue. Ficando viuva huma sua Irmaã passou mais de vinte annos sem a visitar. Seus Irmãos, parentes, & todas as suas delicias foram a Companhia: em suas adversidades todo se cortava, & penetrava de magoa, & tristeza; nas prosperidades desta sua mãy naõ cabia em si de gosto, & prazer.

14 Suas devaçoẽs mais cordeais foram com o Santissimo, Virgem Senhora, & Santo do seu nome; a este sendo Reytor do Collegio de Coimbra melhorou de Capella, o que se fez com procissam por caza. Do Santo neste seu governo alcançou pera o Collegio singulares merces, como escrevo em outro lugar, fallando da devaçam, que sempre teve a Santo Antonio o nosso Collegio de Coimbra. Em Coimbra hia por vezes ajudar a varrer a Igreja do Collegio. Elle foi, o que no anno de 1640 abrio com solennidade em o primeiro de Janeiro a Igreja nova.

15 Em seus governos nam sô teve muito especial cuidado em aproveitar no bem espiritual os subditos, mas tambem com obras asseadas os Collegios, como se vio nos de Evora, & Coimbra, em que concertou as velhisses, & fez muitas obras de novo.

16 Tendo vivido sempre mui ajustado, se entendeo, que Deos lhe revelara o tempo de sua morte. Estãdo com inteira saude escreveo ao Padre Assistente Joaõ de Mattos, que estava em Roma, a quem na carta dizia, *que se nam cansasse com reposta, porque tinha por certo, que jâ o nam acharia nesta vida.*

17 Visitando o Collegio de Evora enfermou, logo se desembaraçou de todos os negocios temporais, nomeou por Vice-provincial ao Santo Padre Antonio Mascarenhas. Mandou, que alguns Padres lhe lessem livros devotos, & fallassem de Deos. Com esta liçaõ, & praticas se afervorava de modo, que lhe parecia estar jà entre os bemaventurados. Repetia frequentemente o Credo, & artigos da Fè, pera vencer as tentaçoẽs contra ella. Exortou a todos assim ao amor à virtude, como à Companhia com humas palavras tam saudozas, que nam havia, quem contivesse as lagrimas.

18 Logo chegandose a elle, jâ os Padres, jâ os Irmãos, os foi abraçando por ultima despedida. Por vezes pedio ao Padre Reytor, que nam consentisse, que nos seus funeraes se usasse de mais pompa, do que se costuma com qualquer outro Religioso. Pouco antes da morte mandou a hum Religioso, que lhe fosse pedir por esmola ao Padre Reytor huma sepultura, querendo com esta petiçaõ mostrar a sogeiçam, que lhe tinha, & o amor à santa pobreza. Invocando o Santissimo nome de Maria, poz fim a sua vida no Collegio de Evora aos dezaseis de Janeyro de 1643 sendo actualmente Provincial. O livro dos obitos do Collegio de Coimbra, em que se apontam, os que morrem nas outras cazas, tem delle esta honrada memoria: *O Padre Antonio de Sousa, Professo de quatro votos, defuncto em Evora aos 16 de Janeyro de 1643, sendo Provincial, varam de grãdes virtudes, mui penitente, & mui exemplar em sua pessoa, zelozo do bem da Religiam.*

CAPITULO XXXIV.

Memoria dos Padres Sebastiaõ Mẽdes, & Antonio Carrilho.

Em Evora aos 8 de Março de 1666.

1 Singulares foraõ os exemplos, que deu em sua vida o Padre Sebastiaõ Mendes, & muitas

as saudades, que deixou, assim por seus santos costumes, como por suas singulares prendas, das quais muito esperava esta santa Provincia. Nasceo na villa de Monlarâs de pays ricos, & dos melhores daquelle povo; chamavaõse Pedro Martins, & Maria Ribeyra. Tendo dezaseis annos de idade entrou na Companhia em Evora aos dezoito de Mayo de 1651. Em toda a sua vida mostrou em suas acçoẽs huma santa uniformidade, q̃ só se differençava em ir de bem em melhor. Naõ só em Noviço, mas nos estados, & annos seguintes foi tal sua modestia, que rarissimamente levantava os olhos do cham, ou fosse na conversaçaõ com os mais, ou fóra della. Hum Religioso, que muito o tratou, disse, *que lhe naõ lembrava, que encontrandoo, ou fallando com elle, o visse sem ter os olhos fixos no barrete diante do peito pelo modo, que os tem os Irmaõs Noviços.*

2 Procurou sempre de ser, & parecer pobre. Viviam seus pays em Evora muy ricos, & abastados. Nunca jâ mais quis delles acceitar hum real pera cousas de seu uso, nem ainda pera veronicas, ou quaisquer outras cousas de devaçam, as quais nũcas quis possuir. Todo o seu oratorio constava de hum rezisto de papel com a imagem de Christo Crucificado. Indo a caza de seus pays por occasioẽs de festa, tinha por abominaçam, que lhe offerecessem cousa alguma de comer.

3 Sendo Artista, Mestre, & Theologo, nenhum dia faltava às visitas do Santissimo, & da Senhora por espaço de meya hora, como em o Noviciado aprendèra. Oraçam, & exames tinha em lugar publico em alguma Capella. Do recolhimento, em que trazia suas potencias, & sentidos, nasceo huma notavel circunspecçam em suas palavras. Nam se lhe ouvio palavra desentoada, nem com que levemente murmurasse de alguẽ, ou molestasse pessoa viva; antes com o semblante tacitamente reprehendia qualquer pratica desconcertada.

4 Assim como mortificou o sentido da vista, mortificou tambem o do gosto. Nunca tocou doces, estes os deixava, ou os dava aos vizinhos na meza. Perguntando-lhe porque os naõ comia, só costumava responder: *Fazẽme mal.* Posto que andava enfermo da tisica, que o consumio, alguns mezes antes de morrer, como quem via, se lhe acabava o tẽpo de se mortificar passava as noites encostado sobre hum banco da enfermaria. Perguntandolhe a causa, respondia, *que a cama o esquentava, & lhe fazia dano.* Nunca se queixou da falta de alguma cousa necessaria em sua prolongada doença, nem do comer ser este, ou aquelle; mal, ou bem temperado. Dizia ao enfermeiro, *que o que elle lhe desse, & do modo, que lho desse, era o que lhe estava melhor.*

5 Sempre se prezou de ser humilde, & de se abater. Se em Caza havia algum enfermo menos assistido, elle o tomava à sua conta, & quasi se naõ apartava da sua cabeçeira, acodindo a todos os ministerios, que via ser necessarios ao seu commodo. Hum anno, que foi mestre de Grammatica no Collegio de Santo Antam, quis ser o enfermeiro, & moço de serviço do nosso Irmaõ Luiz da Sylva, que por ser cego, & cheo de chagas, tinha grande necessidade, de quẽ o alliviasse. Neste tempo jâ era Sacerdote. Todos os dias duas vezes lhe curava as chagas, sendo alem de muitas por estremo asquerosas. Nam sô lhas curava, mas lhas beijava, como o disse o mesmo Irmaõ Sylva. Duas vezes na semana lhe varria o cubiculo, alimpava a candea, & fazia a cama com todo o mais serviço, que antes lhe fazia hum moço com grande repugnancia, & horror do mao

chei-

cheiro das materias. Este Irmaõ Luiz da Sylva era sobrinho do nosso Padre Nuno da Cunha, & Irmaõ inteiro do Conde de Villar mayor, que depois foi o primeiro Marques de Alegrete. Venerava, como era bem, a estremada charidade do Padre Sebastiaõ Mendes.

6 No ultimo dia, em que o Padre Mendes acabou sua vida, estando levantado, de tarde o visitou hum Religioso seu amigo. Deteveraõ-se algum tempo, fallando da paciencia, & soffrimento. As palavras do Padre todas eram conformidade com a vontade de Deos. Tocandose neste tempo à Ladainha, como o Padre acodisse à obediencia, lhe rogou o enfermo, que o ouvisse de confissam, dizendo, que ainda que por vezes a tinha feito, lhe era entam necessaria. Ouvio, depois de o absolver, naõ fez o enfermo mais, que inclinar a cabeça, & espirar com grande suavidade. Sua morte foi no Collegio de Evora aos oito de Março de 1666. Contase, que a este ditoso Padre fallara a Virgem Senhora na sua imagẽ da Assumpsam, que antigamente estava no altar do Cruzeiro, que fica da parte da Epistola, & hoje se venera no altar, que està na sala da portaria do Collegio.

Em Evora 24 de Novẽb. de 1713.

7 *O Padre Antonio Carrilho*, quando falleceo, era dos Padres mais antigos da Provincia. Nasceo na villa da Povoa no Bispado de Portalegre, entrou em Evora na Companhia aos 16 de Mayo de 1652, tendo dezasete annos de idade. Quasi toda a vida, acabados seus estudos gastou em nossos ministerios de prègar, & confessar. Na Ilha da Madeira fez muitas Missoẽs com grande proveito das almas. Voltando ao Reyno prègou nas principais Cidades com boa acceitaçam, por ter bom talento pera este santo ministerio, do qual se naõ izentava, nem ainda na ultima velhisse, acodindo a prègar, & praticar as vezes, que a obediencia o occupava.

8 Era de genio amavel, bem quisto dos de caza, & dos de fora. Por muitos annos assistio em Villaviçosa, onde grãdes, & pequenos o amavaõ, & respeitavam, em especial aquelle Marte Portuguez Dom Diniz de Mello, primeiro Conde das Galveas, que em quanto viveo, sempre estimou grandemente ao Padre Carrilho, & por seu respeito acodia com liberais esmolas à Caza. Assim mesmo o Illustrissimo Senhor Dom Frey Luiz da Sylva Arcebispo de Evora se pagou tanto do seu santo, & muy Religioso modo, que indo o Padre Carrilho a morar na Caza de Villaviçosa, consignou huma grossa esmola em cada hum anno, pera que o Padre alli pudesse viver, sem o pezo do trabalho, & sem gravame da Caza. Porem elle, como se julgava ter nascido pera o trabalho, como a ave pera voar, acceitou a mercè, por vir della utilidade à pobreza, que professam as Cazas Professas, mas nam ó benesse de se forrar ao trabalho, querendo ser sô nisto Superior aos mais.

9 Com as esmolas dos seus devotos, que tinham gosto em lhas dar, ornou com aceyo, & custo a Capella da Senhora do Soccorro em a nossa Igreja, & em quanto alli esteve lhe prègava na sua festa: começou esta obra com huma pataca, & dalli em diante nunca lhe faltaram esmolas, com que a continuar. Naturalmente foi homem bemfazejo, & muy liberal, repartindo muitos mimos curiozos, que lhe mandavam, sem mostrar affecto a nada. Vivendo tãtos annos, nunca foi Superior, & cõtava elle isto por huma das grandes merces, que Deos em sua vida lhe fizera, trazendo-o sempre debaixo das vontades alheas.

10 Suas mais particulares devaçoẽs eram com o Santissimo, a quem en-

entre dia visitava na Igreja, & na Capella da Senhora da Conceyçam dentro do Collegio; na mesma Capella antes da ladainha tinha quasi todos os dias hum quarto de oraçaõ. Costumava dizer, *que elle de si sabia ser hum grande peccador, mas que fundava suas firmes esperanças da salvaçam no patrocinio da Virgem do Soccorro, por causa daquelle pequeno obsequio, mas grande pera a sua possibilidade, que lhe tinha feito, em lhe ornar a sua Capella na Igreja de Villa Viçosa.* Quasi sempre o veriam andar rezando pelas suas contas. A se confessar com elle concorria grande parte da Communidade pela sua affabilidade, & bom modo. Os que haviaõ de receber o Santo Viatico de ordinario com elle se confessavam. Mostrava muita charidade, & amor aos enfermos. Pagoulhe o Senhor esta virtude com as charidades, que os mais em sua enfermidade com elle mostraram.

11 Quasi dous mezes esteve de cama, em que deu a todos rara edificaçam; a penas houvè no Collegio Sacerdote, com quem se naõ confessasse geralmente; recebendo todas as semanas o Santissimo. Era de notavel edificaçam ver a obediencia, que guardava em tomar toda a variedade de medicamentos, que os Medicos lhe receitavam. Mostravase muito agradecido com os que lhe assistiam, & visitavam. A sua preparaçam em todo este tempo pera o caminho da eternidade foi tam exacta, que todos della tiveram muito, que aprender. Correspondeolhe huma morte em tudo de Religioso santo com tanta paz, & socego, quanta costumaõ nesta hora ter os homens de Deos.

12 Morreo no Collegio de Evora aos 24 de Novembro de 1713. Alguns mezes depois de sua morte appareceo ao Padre Joaõ dos Santos Mestre dos Noviços no mesmo Collegio: perguntandolhe este, que lugar tinha na outra vida? Respondeo, *que gozava da vista de Deos, onde brevemente o iria acompanhar.* O cazo foi, que pouco depois do Padre Joaõ dos Santos contar o referido a alguns dos seus Noviços, acabou seus dias tam santamente, como vivera. Fazendose conferencias no Collegio das virtudes de outros Religiosos, se fizeram das deste Religioso Padre.

CAPITULO XXXV.

Vida do Padre Doutor Sebastiaõ Vidigal.

Em Evora aos 25 de Julho de 1714

1 O Padre Doutor Sebastiaõ Vidigal, filho legitimo de Luiz Pyres Vidigal, & de Jeronyma Gioa, foi hum dos Religiosos, q̃ geralmente nesta Provincia tiveram por homẽ de escolhida virtude, os q̃ o conheceram, & trataram. Nasceo em Evora de pays muito hõrados, & virtuosos. Em sua patria entrou na Companhia aos 26 de Abril de 1669, tendo 19 annos de idade. Andando annos ensinou naquella Universidade Philosophia, Cazos de Consciencia, & alguns annos foi Substituto de Theologia, em que fez diversos actos em ordem a tomar o grao de Doutor. Estando nesta occupaçam o mandaram ler Theologia nas escolas do nosso Collegio de Lisboa, aonde continuou muitos annos na cadeira de Prima. Desta por ordem dos Superiores tornou a Evora a ensinar a cadeira de Prima daquella Universidade; por esta occasiaõ fez os actos, que lhe faltavam; & tomou o grao de Doutor na Santa Theologia.

2 Era homem de sobido engenho, posto que os muitos escrupulos, com que Deos o provou, & purificou por toda a vida, naõ deram lugar, a q̃ a Companhia se aproveitasse, como desejava, de suas letras. Nam continuou muitos annos nesta cadeira, por

se

ſe eſcuſar de tam honroſo magiſterio. Os que lhe reſtaram de vida paſſou no Collegio de Evora, padecendo ſua penoziſſima doença de eſcrupulos, que lhe continuou, em quanto viveo.

3 Suas virtudes ſempre foram na Religiam uniformes, indo cada dia em maior crecimento. Nos ſeus primeiros annos da Companhia ſe dedicou à Capella da noſſa quinta de Valbom no Collegio de Evora com muitos actos de letras, & devaçam. Tirandoſe ſortes da virtude, a unica, que neſta ſahio, cahio ao Irmaõ Sebaſtiaõ Vidigal entam do Recolhimento. Teve geral acceitaçam, dizendo todos, naõ ſer acazo, mas hum teſtimunho que Deos queria dar de ſua virtude, em que todos o julgavam por mais digno.

4 Ver o Padre Sebaſtiaõ Vidigal, era ver hum retrato de noſſas Regras, & Inſtituto; eſte era o commum ſentir, dos que tinham noticia de ſua vida des de ſeus primeiros athe os ultimos annos. Aquella virtude, porque a ſanta Eſcritura qualifica hũ varam perfeitiſſimo, dizendo *ſer eſte, o que nam offende com palavra, & nellas he inculpavel*, foi a que nelle realçou notoriamente mais, que as outras. Murmuraçam, poſto que nas Communidades em couſas ordinarias ſeja vicio domeſtico, nunca jâ mais alguem a ouvio de ſua bocca; antes ſe em ſua prezença murmurava algum ainda em couſas muito leves, como o ſemblante moſtrava o deſprazer, que tinha de ſemelhantes deſcuidos.

5 Naõ ſe perſuadia, que no mũdo houveſſe Religioſo, que nam fallaſſe verdade. Eſtando em converſaçam com outros Padres, referio hũ delles certa nova, dando por author a hũ Religioſo de certa Ordem; acodio outro dizendo, *que tal couſa naõ era, porque certamente ſabia o contrario*. Neſte paſſo a modo de ſantamente perturbado, ſe levantou o Padre Sebaſtiaõ Vidigal, dizendo cõ grande intimativa: *Nam ſei verdadeiramente, que diga; porque me perſuado totalmente ſer impoſſivel mentir hum homem Religioſo.* Parece, vivia eſte Santo homem na opiniaõ do glorioſo Santo Thomas de Aquino, que coſtumava dizer, *que ſe havia de crer mais facilmente voarem os bois, que mentir hum Religioſo.*

6 Confeſſam, os que o trataram, que nem em ſuas acçoẽs, nem em ſuas palavras viram couſa, que ſe pudeſſe avaliar por culpa venial, & que ſemelhante deffeito o naõ cometteria, ainda que o mundo ſe houveſſe de a fundir, & acabar de todo.

7 Tam alegre ficava, quando lhe negavam alguma licença, que pedia, como quãdo lha davaõ. Convidou-o hum ſeu Irmaõ, pera aſſiſtir em huma feſta, que ſeus pays faziam fora da cidade, pelo goſto que niſſo lhes dava: *Eu vou, pedir a licença*, diſſe o Padre; logo voltou muito alegre. Perguntando o Irmaõ, ſe trazia a licença. Reſpondeo: *Nam he feito nada, o Padre Reytor nam quis dar a licença.* Replicou o Irmaõ: *Pois como vindes tam contente?* A iſto diſſe: *Pois eu nam ſou Religioſo? Tã contente havia de ficar dandoma, como negandoma.*

8 Quaſi de continuo andava em prezença de Deos; iſſo denotava o recolhimento, & recato dos ſentidos exteriores, os actos de amor de Deos, em que frequentemente ſahia, andãdo pelos corredores, vindo-lhe a bocca o fogo, em que ardia ſeu coraçam. Na oraçam tinha hum modo tam encolhido, humilde, reverente, & compoſto, que fazia devaçam, em quem nelle punha os olhos. Parecia na prezença do Senhor, diante de quem orava, eſtar todo ſumido no ſeu nada, & quererſe cozer com a meſma terra. Muitas vezes viſitava o Santiſſimo

tiſſimo entre dia. Logo em ſe levantando, à Capellinha, onde eſtâ, era o ſeu primeiro caminho, pera com ſua bençam, & com a da Virgem Mãy dar feliz principio às obras de cada dia.

9 O Officio divino, por cauſa de ſeus eſcrupulos, reſava ſempre com outro Padre, & quando o naõ achava, pedia a algum Irmaõ o ajudaſſe, dizendo, que alem da charidade, que lhe fazia, aprendia de caminho a rezar. Em diverſas palavras mais do ſeu goſto eſpiritual ſe detinha ſaboreandoſe no ſentimento interior, que lhe cauſavam dentro no coraçam. Se quem o ajudava, imaginando ſer eſcrupulo de naõ eſtarem bem rezadas, lhe dizia, que foſſe adiante, lhe rogava o ſoffreſe,& ſe detiveſſe mais alguma couſa. *Ao Gloria Patri* abaixava ſempre a cabeça com grande ſummiſſam. Outras vezes entre os verſos dos Pſalmos rompia em fervoroſas jaculatorias. A Miſſa celebrava com notavel perfeiçam, & reverencia, moſtrando ſeu devoto exterior a penetraçam, que tinha ſua alma de taõ ſoberano myſterio. Nos Exercicios de noſſo Santo Padre ſempre revia as rubricas da Miſſa, & do Officio divino. Huma vez ſahindo de Exercicios lhe perguntou outro Religioſo, que fruto delles tirara? Reſpondeo, *que fazer cada obra, como ſe foſſe a ultima.*

10 Sua humildade era profundiſſima, tendoſe pelo mais vil, & abatido de caza. A todos eſtimava, como ſe lhe foſſem Superiores. Os ſermoẽs, que havia de prègar, moſtrava cõ ſingular humildade ainda a Religioſos de menos annos, rogando encarecidamente lhos emendaſſem, porque naõ queria dizer palavra, em que houveſſe nota. Paſſando pelo Collegio hum Padre, que fora ſeu ouvinte na Theologia, lhe foi dizer, que em certa queſtaõ, que lhe ditara na Theologia, ſeguiſſe o contrario, porque lhe parecia ter nella ſido algum tanto largo. Quando o louvavam, ſe recolhia em ſi, como quem ſe julgava por couſa vil, & indigna de louvor. Quando lhe perguntavam em Lisboa, ſe queria ir à quinta de Val de Roſal, coſtumava perguntar ſe hia algum Superior, ou outro Padre mais antigo; ſe naõ hia, ſe eſcuſava, por lâ naõ ſer Superior. Sendo huma vez precizado a eſta ſuperioridade, foi tãta ſua affliçaõ, que antes de acabarem os dias de quinta, ſe veyo pera Collegio, dizendo, o fazia por naõ mortificar os Meſtres, & ſe achar aſſim mais ſoccegado.

11 Nam obſtante a grande perſeguiçaõ, que ſoffria nos ſeus eſcrupulos, ſe perſeguia elle a ſi meſmo cõ mortificaçoẽs, & penitencias. Duas diſciplinas rigoroſas tomava todos os dias. Indo por ſeus achaques convalecer na quinta de Valbom, ficou por eſtremo ſentido, quando achou, que por eſquecimento lhe tinhaõ no Collegio ficado as diſciplinas. Logo foi pedir a outro Religioſo, que com elle fora, humas quatro varas de cordel, que lhe empreſtara pera enlear alguma roupa Entendendo elle, o que devia ſer, repugnou em lhas reſtituir, porem foram tantas ſuas ſantas importunaçoẽs, que pela pena, que tomava, lhe tornou os ſeus cordeis. Deſtes engenhou humas diſciplinas, cõ que ſe caſtigou, em quanto eſteve na quinta.

12 Quando ſeus Irmaõs lhe mãdavam algum mimo, o guardava, & repartia a ſeus tempos com os Religioſos enfermos. Dezejava muito trabalhar: eſtando ainda mal convalecido ſe foi ter com o Padre Miniſtro, pedindolhe ſermoẽs, que prègar, porque queria merecer o paõ da Religiaõ. Reſpondendolhe o Padre Miniſtro, *que convaleceſſe primeiro de todo, & tomaſſe forças, que entam lhe cumpriria a vontade,* continuou em inſtar nam ſo com palavras,

mas com lagrimas desfazendose nellas como hum menino, a quem a mãy nega, o que muito dezeja, & pede. Era muito rigorosa sua abstinencia, passando na meza de ordinario só com o paõ; a quem nisso reparava, dizia como em graça, que gostava do pam.

13 A observancia nas regras era exactissima. Ao Doutor Joaõ Paulo seu Irmaõ Prior da Igreja de Sãtiago, nunca pergũtava pelo q̃ tinha, ou naõ tinha em Caza, nem consentia, q̃ este lhe fallasse em guerras, quando o successo menos favoravel se imputava a algum particular, ainda que fosse cousa publica; dando por razam, que antes queria callar, que ter, de que se confessar. Perguntando-lhe este seu Irmaõ pela causa, que houve pera dous nossos serem expulsos da Companhia: respondeo: *Se alguem vos perguntar, pelo que passa em caza de nossos pays, dirlhoheis? Pois sabei, que minha mãy he a Companhia.* Cõ esta santa resposta atalhou aquella pergunta, & as mais que em semelhãtes materias com a confiança de Irmaõ lhe podia fazer. Accrescentou logo o Prior, que lhe fizera a tal pergunta, porque publicamente se dizia a causa da dita expulsam.

14 Indo a caza de sua mãy, que era huma virtuosa, & authorizada matrona, nunca lhe deu tabaco da sua caixa, sendo que varias vezes lho pedia, dizendo: *Eu nam sei, que tomais tabaco, pois vos deu o dinheiro, pera o comprar? Naõ sou vossa mãy, que tem isto contra si?* Elle se encolhia, & com bom modo se livrava. Porque sabia, que nestas visitas sempre lhe mandava trazer algum doce, pera que delle tomasse, & o companheiro; pela naõ descontentar, levava preveñida licença de seu Superior, & dizia ao companheiro, que se naõ desedificasse, que por ser em caza de sua mãy, & com a bençam do Superior condescendia naquella benevolencia.

15 Como por seus achaques naõ pudesse hum anno trabalhar, como dezejava, escreveo com grandes encarecimentos, pedindo pelas chagas de Christo a seu Irmaõ Dezembargador em Lisboa, que pagasse à Companhia, o que lhe tinha gastado aquelle anno, porque em nada a tinha servido; admirado da novidade o Desembargador, foi com a carta ao nosso Padre Provincial, & com dinheiro pera a satisfaçam. Foi a reposta o dizer muitos louvores da virtude do Padre, da qual nascia taõ pouco imaginado escrupulo.

16 Andando achacado, & nam podendo por esta causa dizer Missa, hia commungar à Igreja na primeira Missa, & outras vezes o fazia na Capella dos enfermos. Achando hum de seus parentes em sua caza hum sinete de JESUS ao modo dos que usaõ entre nos algũs particulares, offerecendolho, nunca puderam acabar com elle, que o acceitasse. Perguntando-lhe huma vez o Prior seu Irmaõ, que rezàm tinha pera se callar nas conversaçoẽs, em que se achava, como os outros o costumavam fazer? Respondeo, eu naõ fallando tenho menos de que me confessar, por isso quero antes cortar pelo meu gosto, & fazer nestas occasioẽs figura muda.

17 Se acazo dizia alguma palavra, de que lhe vinha remorso, pudesse ter dado alguns longes de desedificaçam, chãmente pedia logo perdam della, como se tivera dado algum notavel escandalo. Dezejava muito ver honrada a Companhia, a quem de ordinario chamava pelo nome de mãy, dizendo, *que sò dezejava ter grandes prestimos pera este fim.*

18 Quando no refeitorio servia à mesa, nam tirava o sentido da liçaõ espiritual, que nesse tempo se le aos Religiosos; viase nelle em diversos passos hum certo modo, de que se en-

entendia o penetravam, porque levãtava os olhos ao Ceo, fazendo algumas jaculatorias, como quem só tinha o coraçaõ no principio, donde as obras santas nasciam; & pera onde encaminhavam, aos que as ouviam ler.

19 Assim como era exactissimo na assistencia das obras, feitas em obsequio de Deos, dezejava, & ainda procurava, quanto estava em sua maõ, o fossem os outros. Hum dia de preceito vio elle em a nossa Igreja, que certo homem hia ouvir huã Missa jâ descabeçada, como nos explicamos. Naõ lhe soffreo o coraçaõ, se fizesse aquella offensa leve a Deos, quando havia outras Missas, que por inteiro se podiam ouvir; levantouse, foise ter com o homem, & com efficazes palavras o persuadio, a que fosse ouvir outra Missa, a que se dava principio; o que elle fes movido com as razoẽs efficazes, que o Padre com muita modestia, & summissam lhe reprezentou.

20 Julgava de si, que na Religiaõ nam merecia o sustento, que lhe davaõ. Estando enfermo receitandolhe o Medico para tomar à noite hum franganito: acodio dizendo: *Senhor Doutor, pera que sam gastos escusados, eu posso passar sem frango, humas ervas me sobejam.* Viase o seu amor à santa pobreza na meudeza, que guardava em pedir licença, como pera huma agulha, pera huma linha, & cousas deste jaez. Vindolhe nestas licenças alguma duvida, facilmente se hia ratificar com o Superior, por nam uzar da licença com algum genero de duvida. Huma vez voltãdo do Superior com licença pera hum gibam, tornou do corredor, & lhe perguntou, se lhe dava tambem licença pera o forro.

21 A charidade pera com todos era a mesma, sem genero das inclicoẽs, que a costumam deslizar. O seu gosto era dalo a todos. Acazo ouvio dizer a hum nosso Mestre, que dezejava muito ter hum cajado, ou bordaõ com volta. Achandose o Padre Vidigal com hum, que lhe pareceo, dizia com o dezejo do Mestre, pendurando-o do hombro, & cubrindo-o com a veste lho levou ao cubiculo. Como o nam achasse a primeira vez, tornou a segunda, & com muito agrado lho offereceo, & deixou no cubiculo. Nam faltava a dar os parabens à todos, os que faziaõ seus actos, alegrandose por estremo com o bom successo, que nelles tinham. Esta mesma urbanidade usava, quando hia argumentar nos actos literarios dos outros Religiosos, em que elle, por ser mui prompto, & agudo, o fazia, como grande Mestre. No fim do acto dava sempre os parabens aos sustentantes com palavras mui honrosas, & authorizadas.

22 Muito tempo ensinou a santa doutrina, & o fazia com singular espirito, de ordinario acabava com estas palavras: *Percase tudo, naõ se perca a alma.* As praticas aos nossos fazia na Capella com tanto fervor, que compungia; & viase fallar mais do coraçaõ, que da bocca. No fim dos sermoẽs ainda panegyricos sempre ajuntava cousas doutrinais. Como lhe dissessem, que bastavaõ por doutrina os louvores do Santo: respondeo, *que assim se achava mais quieto.*

23 Tendo o Padre Vidigal vivido neste inculpavel teor de vida os annos, que teve de Companhia, o chamou Deos para si com huma febre maligna, que algum tempo o alienou dos sentidos. Era de admiraçaõ ouvir a efficacia, com que neste tempo fazia em voz alta actos de contriçaõ, & amor de Deos; parecia, que com a vehemensia delles se lhe fendia o coraçaõ. Depois tornando em si recebeo o Santo Viatico, fazendo hũ colloquio taõ fervorozo, & perfeito, que todos os prezentes se enternecéram. No mais tempo estava sempre em

em altiſſima contemplaçam, como homem todo embebido, & enlevado em Deos. Vendo iſto hum Religiozo grave diſſe, *quæ lhe parecia, que o Padre Sebaſtiaõ Vidigal morria de amor Deos.*

24 Quando na doença lhe diziam, que brevemente iria gozar da viſta de Deos, ſe confundia muito, & encolhia todo na cama em ſignificaçaõ de eſtremada humildade, dizendo: *Eu miſeravel peccador, eu hei de ir ver a Deos!* A eſtas palavras levantando maõs, & olhos ao Ceo ſe ſuſpendia como em contemplaçaõ da bemaventurança. Quaſi ſempre eſtavà ſentido o pouco, que ſervira a ſua mãy a Companhia, & o muito, que com elle ſe tinha gaſtado ſendo tam inutil.

25 Finalmente aos 25 de Julho de 1714 junto do meyo dia eſpirou em bella paz, & ſocego. Depois de fallecer, ficou ſeu roſto bem aſſombrado, & tanto ao vivo, que por grãde eſpaço ſe duvidou, ſe eſtava morto. Ficou com os olhos alegres, & claros pregados em huma Imagem, que eſtava defronte da ſua cama, de modo, que mais parecia eſtar vivo, & elevado, que morto. Todos os preſentes niſto, como em couſa rara, fizeraõ eſpecial reparo, & lhes fazia devaçaõ por os olhos em tam veneravel eſpectaculo. Ainda antes de eſpirar procuravam alguns Religiozos haver couſas do ſeu uſo pera Reliquias. Outros depois lhe cortaraõ dos cabellos, & da camiza, com que morreo. Alguns ſeculares pelo grande conceito, que tinham de ſua virtude, procuraram tambem alcançar alguma couſa, de que ſe tiveſſe ſervido, & como Reliquia a eſtimaram. Hum Religiozo noſſo guardou huma barretinha de linho, de que o Padre uſava, & quando havia de fazer algum acto publico a mettia no ſeyo, & ſentia, como elle confeſſou, notavel alento com o patrocinio do Padre.

26 O Illuſtriſſimo Senhor Dom Simaõ da Gama Arcebiſpo de Evora, lhe coſtumava chamar Anjo em carne mortal, & com explicaçaõ engraçada dizia: *O Padre Sebaſtiaõ Vidigal he hum Anjo com tripas.* Geralmente fallando nenhum Religiozo da Companhia, que o tratou, & conheceo, deixou de o ter por homẽ juſto diante de Deos, & dos homens. Sendo Prefeito dos eſtudos em Lisboa, todos os eſtudantes o tinhaõ por Santo, & corria entre elles, que a Senhora lhe tinha apparecido; poſto que nos nam conſte, que tal houveſſe ſuccedido, porem a devaçam, que lhe tinha, & ſua virtude faziaõ crivel eſte favor. Foi couſa mui notavel, que tendo ſido tam perſeguido de eſcrupulos por toda a vida, nos ultimos dias totalmente ſe lhe varreram, & de repente ſe achou em huã grandiſſima bonança, como ſe tal moleſtia nam tiveſſe paſſado por elle.

CAPITULO XXXVI.

Vida do Padre Doutor Luiz Fragozo.

Em Evora aos 17 de Julho de 1714

1 CAuſava muita edificaçam a todo o Collegio de Evora a virtude do Padre Doutor Luiz Fragozo, que havia muitos annos era Cancelario da Univerſidade. Foi natural de Grandola, no Arcebiſpado de Evora, & da principal gente daquella Villa. Teve na Companhia outro Irmaõ por nome Domingos Leitaõ, homem dos grandes em letras, & talentos aventajados, que conhecemos neſta Provincia. Enſinou as Theologias athe a cadeira de Prima em as noſſas eſcolas de Coimbra, com o nome, que lhe mereceo ſua ſabedoria, & agudiſſimo engenho. Depois foi Reytor do Collegio de Braga, & Prepoſito da Caza Profeſſa de Saõ Roque, & alli acabou ſeus di-

as em authorizada, & santa velhisse.

2 O Padre Luiz Fragozo, de quẽ agora escrevo, entrou em Evora na Companhia aos 20 de Novembro de 1657 tendo 16 annos de idade. Acabados seus estudos de Philosophia ensinou em Lisboa as letras humanas athe a primeira classe de Rhetorica. A seu tempo foi Mestre de Philosophia em Evora. No anno seguinte ao fim deste magisterio, com exemplo desuzado o mandaram ensinar a primeira classe de Rhetorica na mesma Universidade, aonde algum tempo o vimos fazer esta occupaçam, em que considerados nossos usos fez hum grande sacrificio de sua vontade nas aras da santa obediencia; posto, que representando aos Prelados, que nẽ seus annos, nem o descostume de poetizar, era de proveito à tal occupaçam, estes o aliviaram, mandando-o servir no Collegio de Santarem. No caminho deu huma terrivel queda, q̃ grave-mente o affligio.

3 Tornou depois a ensinar cazos de consciencia em Evora, & Theologia Escolastica, em que tomou o grao de Doutor. Alguns annos continuou este magisterio. Delle o mandaram ser Reytor do Collegio de Portalegre. Escusousse do cargo, mas naõ da estancia, na qual foi Mestre de cazos de consciencia. Desta cadeira o mandaram ensinar a de Theologia em Lisboa no Seminario de Saõ Patricio. Dalli foi promovido ao cargo de Cancelario na Universidade de Evora. Estando nesta occupaçam, succedeo a morte de nosso Padre Geral Thyrso Gonzalez. Havendo Congregaçam provincial em ordẽ aos vogais, que haviam de ir à Roma, foi eleito, segundo nossas leys, por vogal o Padre Doutor Francisco Leytaõ, que era Revisor dos livros da Companhia em Roma, & por primeiro substituto o Padre Doutor Luiz Fragozo. Quasi no mesmo tempo, que no Reyno se tinha Congregaçam, falleceo em Roma o Padre Leytam; chegando ao Reyno este aviso, quando já eram partidos pera Roma os outros dous vogais, foi obrigado a ir supprir a falta do defunto o Padre Luiz Fragozo. Em effeito se embarcou, & voltando a Portugal, continuou athe a morte na occupaçam de Cancelario.

4 Isto o que toca às occupaçoẽs, em que gastou a vida; o que pertence a suas virtudes he o seguinte. Na opiniam de todos era tido por homem justo, & de antigua bõdade, Religioso muy observante em suas obrigaçoẽs, infallivel em seus exercicios espirituais. A oraçam de menhaã tinha sempre registandoa por hum relogio de area, que naõ admitte as diminuiçoẽs, que o outro. Por ser cõfessor da Communidade, em quanto algum Religioso no tempo da oraçam se confessava com elle, costumava deitar o seu relogio, pera ao depois encher cabalmente a sua hora. Neste tempo o achavam sempre de joelhos. Todas as tardes hia à Igreja visitar o Santissimo, & os altares. No das Onze mil Virgens rezava de joelhos a sua coroa.

5 Huma de suas particulares devaçoẽs foi a da Payxaõ do Senhor, por isso nas confissoẽs aos nossos Irmãos, ou dava de penitencia tres Padres nossos, & tres Ave Marias à hõra dos tres cravos, com que o Senhor foi pregado na arvore da santa Cruz, ou hum Padre nosso, & huma Ave Maria à honra da chaga de seu sacratissimo lado. E quando nomeava ou os cravos, ou o lado se enternecia.

6 Sua charidade era igual pera todos, sem mais amar a estes, que aquelles, nam tendo em seu coraçam lugar certos affectos, & inclinaçoẽs, que se acham nos imperfeitos. Elle mesmo com sua grãde bondade, como homem, que todos reconheciaõ por verdadeiro Israelita sem dobrez alguma, confessou, que nesta mate-

materia ſentia em ſeu animo a ſobredita igualdade, que todos ſabemos, naõ coſtuma andar ſenaõ acompanhada de hum muy ſobido grao de perfeiçaõ. Dizia, que os affectos, & amigos particulares nam faziam bem neſte mundo, nem em o outro.

7 Perguntandolhe, ſe tresladara humas ordens, em que noſſo R. Padre Geral prohibia, ſe diſſeſſem Miſſas, ainda que o eſtipendio foſſe para peſſoas de fora, & as em que mandava, que ninguem perſuadiſſe a outro, na Companhia acoſtaſſe a eſtes, ou àquelles: reſpondeo, *que eſſas leys nam eram para elle, porque nunca fizera tais deſordens, nem tinha tençaõ de as fazer.*

8 Sempre zelou muito o bem da Companhia por obra, & palavra. Cõ o meſmo zelo procurava conſervar, & adiantar o bem cõmum da Univerſidade, que eſtava a ſeu cargo, & de que eſtiveſſem em inteiro vigor os Eſtatutos, porque ella ſe governa. Nas propoſtas, que ſe faziaõ nos clauſtros, pera prover os officios da Univerſidade, nam moſtrava inclinaçaõ mais a huma, que a outra parte. Nam fallava neſtas eleiçoẽs nem antes, nem depois; conſiderando, q̃ quem votava, o faria, como em o Senhor o entendeſſe melhor, como elle o coſtumava fazer.

9 Como huma vez hum official da Univerſidade lhe trouxeſſe hum prezente de perdizes, lho eſtranhou, & com hum ſanto zelo lhe diſſe: *quer-me tapar a boca, paraque o nam reprehenda, quando o merecer? Naõ quero, nem lhe torne a ſucceder outra ſemelhante.*

10 Sua vida era como hum bem concertado relogio, tam uniforme na diſtribuiçaõ dos tempos para os ſeos exercicios ſantos, que naõ havendo alguma occurrenſia preciſa, jà os que de ſuas couſas tinhaõ noticia, ſabiam oque neſte, ou naquelle tempo fazia. No ſeu cubiculo nunca o achariaõ ſenaõ ou rezando, ou eſtudando. Todos os dias ſe diſciplinava. Aos enfermos viſitava procurando alegralos, como o diſpoem neſtas occaſioẽs noſſa Regra. Tendo alguãs occaſioẽs de ſoffrimento em materias muy ſenſiveis, ſe moſtrou ſempre como homem de Deos, levando eſtes contraſtes com paciencia invencivel. Foi homem muito alheo de honras, & ambiçam. Como alguns imaginaſſẽ, que elle em Roma pedira ao Padre Geral o livraſſe de governos; & lhe fallaſſem niſto, dizia com muita humildade, *que elle tal nam pedira, mas que os Superiores, por elle nam ſer capaz, o nam tinham feito Superior.*

12 Tendo vivido largos annos com teor de vida ſanta, o quis o Senhor apremiar. Imaginouſe lhe revelara o tempo de ſua morte: foi para iſto fundamento, oque elle diſſe, quando muitos annos antes falleceo ſeu Irmaõ o Padre Domingos Leytaõ: por varias vezes diſſe, que ſeu Irmaõ morrera de ſetenta & tres, pera ſetenta, & quatro annos, & que da meſma havia elle de acabar, como em effeito lhe ſuccedeo. Era muito devoto da glorioza Santa Anna, a quem rogava todos os dias lhe alcançaſſe huma feliz hora da morte. Foi ouvida ſua petiçaõ, porque teve morte digna de ſe envejar.

12 Cahindo enfermo, poz todos ſeus cuidados na eternidade, na qual ſempre andava com os olhos. Em todo o tempo da doença eraõ nelle continuos os actos de cõformidade com a vontade de Deos, tam fervorozos os actos das mais virtudes, que os Medicos, que o ouviaõ em ſuas viſitas, naõ podiaõ conter as lagrimas da ternura, & devaçaõ, que viaõ no ſeu enfermo.

13 Em todo o tempo da doença admirou, aos que o vizitavaõ, a ſerenidade, & ſoccego, com que ſe havia, como quem cabalmente tinha

composto todos os negocios, & pontos de sua consciencia. Os Sacramentos recebeo com notavel devaçaõ. Dizendolhe alguns, dos que o vizitavaõ, que ainda Deos lhe daria vida: respondeo em latim: *Sat vixi mihi, mundo, & peccatis meis*: depois repetia: *Cupio dissolvi; & esse cum Christo*. Quando lhe deram a Unçaõ, perguntandolhe o P. Reytor, *se tinha alguma cousa, de que se confessar?* Respondeo: *que já tudo estava ajustado, que pera aquella hora nada se havia de deixar, & accrescentou: Sum rite confessus.* No acto da unçaõ hia respondendo com os mais.

14 No dia, em que morreo, fazendo entranhaveis actos de Charidade, Fe, & Esperança com outro Padre, que o ajudava, este lhe rezou o Evãgelho: *Euntes in mundum universũ*: chegando às palavras: *super ægros manus imponent*, lhe pos as maõs sobre a cabeça, o enfermo repetio: *Bene habebunt, na alma, na alma, que no corpo pouco importa.* Tendo tomado os Sacramentos, dizendoselhe, que desse graças a Deos, respondeo, *que sim lhas dava de todo o seu coraçaõ*; & logo começou a repetir: *Sancta Anna succurre miseris*.

15 Indo continuando em todo o tempo com palavras, & actos suavissimos, porque sempre esteve em seu perfeito juizo, as ultimas, que se lhe perceberaõ, foram as do Apostolo: *Gratia Dei in me vacua non fuit.* Morreo aos 17. de Julho de 1714. sua morte foi taõ quieta, & soccegada, que pareceo hum suavissimo sono. Sentiraõ-na muito, & com rezaõ os Officiais da Universidade, porque os amava como a filhos, & elles o respeitavaõ como a pay.

CAPITULO XXXVI.

Vida do Padre Doutor Manoel Vidigal.

Em Evora aos 16 de Outubro de 1714.

1 O Padre Doutor Manoel Vidigal filho legitimo de Gregorio Rodrigues, & de Catharina Vinagre, foi primo inteiro do Padre Sebastiaõ Vidigal nam menos semelhante a elle no sangue, que na virtude. Nasceo no Odivor termo da Cidade de Evora, entrou em Evora na Companhia aos 8 de Fevereiro de 1670 tendo 15 annos de idade. Andando annos ensinou letras humanas em Lisboa, & Portalegre. Depois do estudo da Sagrada Theologia o mandaraõ trabalhar nas Ilhas dos Açores; ficou alguns annos servindo na Ilha de S. Miguel, onde foi Lente do Moral, quando veyo, o mandava o Padre Provincial ensinar escola de ler no Collegio de S. Francisco Xavier de Lisboa, respondeo, *que estava prompto, so reprezentava a sua Reverencia, que elle escrevia mal*; por esta razaõ o livrou o Padre Provincial; quando ao depois referia isto, accrescentava, que nunca tivera pezar de escrever mal, senaõ entam. Mandando-o ensinar Philosophia em Coimbra, nam teve effeito por entam este magisterio, assistio no Collegio do Porto lendo Theologia Moral, em Braga fez o mesmo.

2 Estando neste magisterio succedeo pedir a missam da India o Padre Mestre do terceiro Curso da Philosophia nas escolas de Coimbra. Sendo esta petiçaõ despachada, consultou o Padre Sebastiaõ de Magalhaës entaõ Provincial sobre o Padre, com que em tais apertos proveria a occupaçaõ, que de si pedia algum Religiozo, que tivesse jâ ensinado esta sciensia, por quanto dahi a hum anno havia de sustentar os actos das mesas Philosophicas,

phicas, que em Coimbra saõ mais trabalhozos, que nas mais escolas, por concorrerem estudantes de todos os outros estudos, cada hũ instruido em especiais opinioẽs de seus Mestres, & a todos se deve o Mestre accommodar.

3 Era Reytor do Collegio o Padre Doutor Manoel Correa homem em tudo grande, que em Evora, onde ensinara Theologia athe a cadeira de Prima, tivera pleno conhecimento da avultada esfera do Padre Manoel Vidigal pera os Magisterios, doendose, que a Provincia ficasse defraudada nas cadeiras de homẽ pera ellas em tudo cabal; disse ao P. Sebastiaõ de Magalhaẽs chamasse pera tomar este Curso ao Padre Vidigal. Fes nisto reparo, dizendo, *que alem de nam ter ensinado Philosophia, havia pelo menos seis annos sahira das escolas, & que naõ poderia em taõ pouco tempo abranger a trabalho tam excessivo com a satisfaçam, que o magisterio pedia.*

4 Deste susto o desembaraçou o Padre Manoel Correa dandolhe meuda relaçaõ da esfera do Padre Vidigal, a qual era tam plena, que lhe nam devia servir de regra, o que de ordinario acontece; que elle sendo ouvinte naõ sabia como discipulo, mas como grande Mestre, que nisso nam puzesse nem longes de duvida, que elle ficava por fiador; & que sabia de certo, lhe nam havia de pezar de o ter fiado.

5 Como era tam abonado o fiador, nam fez duvida o Padre Provincial, mandou vir de Braga o Padre. Entrou na Cadeira, & no tempo de hum só anno, que ensinou, o fez com tanto cabedal, & no fim as Mesas com tanto esplendor, & geral acceitaçam dos Doutores da Universidade, que vieram, & argumentaram a seus actos; que todos o julgaram por hum Mestre consũmado; & apenas se cria; que a tam plena satisfaçaõ tivesse precedido tam pouco tempo de Magisterio.

6 Foi o engenho deste Padre de grandissima comprehençam. Sendo ouvinte na Theologia estava tam senhor das materias, que se ditavam, que nam escrevia a postila extensamente como os mais, mas resumindo, o que se ditava com tanto accerto, & ajuste, como o pudera fazer muito de vagar no seu cubiculo. Estes resumos eram depois procurados por outros ouvintes, pera mais facilmente se fazerem senhores das materias, achando serem em tudo cabais, como se de proposito os fizesse hum grande Mestre. Em seus exames nam se atava a pontos, mas propunha toda a materia, como quem estava nella inteirado tam plenamente, como quem o examinava; & todos assim o entendiam, & viam.

7 Depois ensinou em Evora Theologia Moral, & especulativa, em que tomou o grao de Doutor, sempre com nome afamado, igual a sua grande sabedoria. Suas postilas eram estimadas, & procuradas como de Mestre excellente. Ajuntou nellas, quanto dezejar se pode; brevidade, & perspicuidade, cousas, que se unem raramẽte, eram cousa especial em suas postilas. Voz era commua, q̃ outros se fazem, mas que elle nascera pera os magisterios, por concorrerem nelle todos os requisitos, que de si pedẽ estas nobilissimas occupaçoẽs. Ensinou Theologia athe a Cadeira de Prima, em que continuou pouco tempo, por causa do molestissimo achaque de gota, que estranhamente o cortou.

8 Era muito pera ver, como muitas vezes hia encostado à sua muleta pera a Cadeira. Alguns Academicos diziaõ delle, *que lhes parecia a estatua de Nabuco, cabeça de ouro sustentada em pes de barro.* Em seus actos era modesto, pacato, & composto. Sendo obrigado pela atrocidade do dito achaque a desistir do magisterio, tendo nosso Reverendo Padre Geral noticia dos cabedais de

sua

sua sabedoria, lhe mandou, vindo hũ nosso Theologo de estudar em Roma, que alimpasse seus papeis, & os dispuzesse pera a imprensa, que se lhe daria escrevente, quando nisto houvesse difficuldade. Entrou em pensamentos de cumprir com a vontade da obediencia, mas logo alcançou estar taõ cortado dos achaques, que naõ podia acodir a estes empregos, de que totalmente desistio.

9 Ainda que a sciencia tenha de si entonar, como dis o Apostolo, a do Padre Manoel Vidigal foi acompanhada de humildade, & muitas outras virtudes, de que agora direi, o que me chegou à noticia, & de que eu em parte fui testemunha de vista. A paciencia, a que lhe deraõ grande materia por largos annos seus terriveis achaques, foi nelle maior, que nenhuns encarecimentos. No agudo das dores nunca se lhe ouvio hum ay, parecia nellas huma das bemditas almas do Purgatorio, que penetradas do fogo, que as purifica, só poem sua mira em se conformar com a vontade de Deos. Era esta paciencia taõ admiravel a todo o Collegio, que della se fallava vulgarmente como de cousa, que na fragilidade do nosso barro quebradisso, & sentido, merecia grãdes admiraçoẽs.

10 O que mais nella suspendia, era a boa graça, que a todos, os que o vizitavaõ, mostrava; como se as dores, que sentia, naõ fossem suas. Costumava elle dizer, que nellas lhe fizera Deos hum singular favor, pelo livrar, de poderem os Superiores entrar em pensamentos de o metterem nos governos. Vivia totalmente persuadido, que por aquelle caminho o queria Deos salvar. Daqui nascia a continuada alegria, que contra o ordinario nestes apertos costumou por tantos annos conservar.

11 Quando o achaque dava lugar a se poder menear encostado a duas muletas, sobia a confessar na Igreja com muito exemplo, & edificaçaõ, dos que viaõ ir forcejando pera subir, & decer escadas, outras vezes estava na antesacristia assentado em hum banquinho, rezando pelas suas contas, esperando os penitentes, dizendo, *que o fazia pera merecer a porçaõ*. De tarde hia à rouparia, occupando ali o tempo; huãs vezes remendando roupa velha, outras ajustandoa, pera se por em seus numeros.

12 Nas vesporas de festas solennes, quando os mais Religiozos se hiam disciplinar em o refeitorio, em quanto lhe foi possivel, nunca faltou; por vezes o vimos ir coxeando, encostarse a huma colunna, disciplinarse, & depois ajudarse da mesma colunna pera se levantar, pelo naõ poder fazer de outra sorte.

13 O regimento, que em seus achaques lhe davaõ os Medicos, por mais desabrido, que fosse, era pera elle mandamento da Ley de Deos, por se ajustar em tudo com a Regra, que nestas occasioẽs ordena, lhe obedeçamos. Pera com todos tinha hum trato affabilissimo, alegrandose em o Senhor, & alegrando-os. Aos que lhe fallavam das suas muletas, dizia, que huma dellas era mansa, que da outra se guardassem, que era maliciosa: aludindo, a que naõ podia terse em pe sẽ estar encostado a huã, mas que com a outra podia servir aos ociozos, que com ellas entendessem.

14 Estimava muito a pobreza, & o uso de cousas velhas. Tendo hũ chapeo demasiadamente velho em tempo, que lhe costumava servir, por mais, que lhe significaram a muita antiguidade, que tinha, & mostrava, se naõ desfes delle, athe que o Irmaõ Roupeiro lho tirou do cubiculo, deixandolhe em seu lugar hum novo. Logo que achou a mudança, chamou a hum Irmaõ de menos annos a tem-

po; que tinha na maõ o seu chapeo estando de caminho pera a quinta, deulhe o novo, pedindolhe com sua costumada graça, que lho amançasse, & ficouse com o velho do Irmaõ. Passados alguns dias, que estava, como entendera, o queria o Padre, lho foi levar. Entam lhe disse o Padre, *que fosse pedir licença pera elle, que tal chapeo lhe nam servia*. Com esta traça, & artificio se ficou com outro chapeo, quasi em tudo irmaõ legitimo, do que lhe tinha tomado. Tinha duas roupetas velhas, huma de pano das vestes, & esta trasia de ordinario, outra de pano preto, que vestia nas festas. Absolutamente custava ao Roupeiro fazerlhe acceitar cousas novas.

15 Sabia mui bem, o que dizem os Doutores à cerca de dar hum Religiozo a outro manuscritos, sem nisso haver offensa da pobreza. Havẽdo de dar alguns, o nam quis fazer sem expressa licença do Padre Reytor, O respeito à obediencia, & Superiores era singular. Por evitar grandes incommodos, que nisso dava ao Irmaõ enfermeiro, algum tempo costumou cear no cubiculo: certo zelozo, dos que nas Communidades nada soffrem nos outros, querendo talvez, que os outros lhe soffram tudo, zelou ao Padre Reytor, que o Padre Vidigal ceava no cubiculo, que os seus achaques nam o tinham em estado, que o izentassem de hir ao refeitorio da enfermaria. Feslhe o Padre Reytor avizo, do que passava, ordenandolhe fosse ao refeitorio. Logo o fes pontualmente, cortando pelos inconvenientes, que tocavam em sua pessoa, & achaques, que nam eram poucos, deixando o desembaraço, dos que tocavam ao enfermeiro na disposiçaõ do Padre Reytor; sem tratar de replicas, nem das rezoẽs, porque o faziam; no que muito edificou, aos que souberam do seu comedimento, que nam deixaram de estranhar, & darse ouvidos a tam imprudente, pouco caritativo, & escusado zelo; pois do contrario ninguem com rezam se podia desedificar.

16 Sendo Lente lhe pedio o Padre Procurador hum Sermaõ pera a festa de hum Santo da devaçaõ de hum feitor do Collegio, que lho pedira. O feitor rogou ao Padre Procurador, lhe mandasse os Padres em as mullas do Collegio. Estando ja o Padre Vidigal a cavallo, ou para mõtar, chegou o Padre Reytor, & com enfado perguntou ao Padre, quem dera licença pera irem nas mullas do Collegio? Respondeo, *que elle o nam sabia*. Pois replicou o Padre Reytor, *Vasse Vossa Reverencia, & seu companheiro pera o cubiculo, & o feitor se quizer sermaõ, que mande, em que o vam servir*. Nada o Padre se perturbou, com toda a paz, & sogeiçaõ se retirou pera o seu cubiculo. Dahi a algum tempo tomando o Padre Reytor outro conselho, lhe mãdou fazer avizo, que fosse: com a mesma paz voltou logo; como quem nam era outra cousa, senaõ oque o Superior ordenava.

17 Tinha muita charidade com todos em especial com os enfermos, que todos os dias visitava, & alegrava com suas praticas. A hum, que estava muito affligido, por se ver às portas da morte, assim alegrou, & cõsolou, fallandolhe da misericordia de Deos, que dali em diante tinha dezejos de morrer. Quando se naõ podia ter nos pes, hia arrojando a sua cadeira de rodas, & assim os visitava.

18. Quando ja estava muito entorpecido, & se naõ podia servir, (porque podendo naõ consentia, que outrem lhe fizesse cousa alguma) naõ permittia, que Sacerdote o servisse; & se algum o intentou, se agastava, & de nenhum modo o consentio.

19 Aos Irmaõs que lhe curavaõ as fontes, & faziaõ outras charidades,

des dizia: *Irmaõs supponde, que fazeis huma esmolla a hum pobre, que achais em hum alpendre tolhido, como eu estou; & que Deos vos dara a paga, de mim naõ a espereis, nem de homem algum.*

20 Vendo todos sua paciencia, & boa graça, o dezejavam servir, & este mesmo dezejo nos Irmaõs lhe dava Deos, como premio em parte de sua paciencia, a qual como disse, foi admiravel. A's vezes entre suas dores em lugar de queixas, cantava em vos entoada a cantiga do *Ay Ay*. Por quanto *Ay* a modo, de quem gemia, como disse, naõ se lhe ouvio.

21 Quando lhe davam os accidentes, nam podia estar deitado, & assim passava assentado na cama com os pes lançados pera fora noites, & dias, cõ a cabeça encostada à muleta, pondolhe o seu barrete ensima, & hũ lenço. Durando o accidente mais de dous mezes, os passou nesta postura, com muito pouca mudança; cousa que muito admirava, aos que viaõ tal tormento: & tal soffrimento. Naõ succediam estas cousas sem grandes actos interiores, & elevaçaõ do entendimento, & vontade a Deos, com quem todo estava conforme.

22 Alguns dez annos afio, nam comeo senaõ algum pedaço de carneiro assado, & secco sem algum tẽpero; & tendo accidente, algũ frango assado. A' noite comia hum bolo sem tempero algum, feito da massa do pam dos moços; a bebida era hum copo de agoa.

23 Muitas vezes se esquecia o enfermeiro de lhe abrir a janela de tarde; passãdo alguẽ levantava a voz, & chamava, peraque lha abrissem em ordem a rezar o Officio Divino. Pedia o Breviario, & que lhe resistassem os lugares. Tendo o Breviario diante de si, porque nam podia com as maõs, voltava as folhas com a barba, & os lugares rezistados, pegando com os dentes na fita, ou linha, que servia de rezisto. Em quanto pode usar destas suas santas invençoẽs, nunca deixou a reza, & tudo lia pelo Breviario. O mesmo encommendava aos Sacerdotes.

23 Os esquecimentos do enfermeiro desculpou sempre, nem queria, que nelles lhe desse satisfaçaõ. Se algum achando-o às escuras, zelava contra o enfermeiro, respondia, *que culpa ha em esquecimentos, todos os temos.*

25 Huma vez succedeo esquecerlhe levarlhe de jantar, passou o primeiro, & segundo repouzo, & o enfermo em jejum. Quando os que lhe fizeram graça de o ir consolar cõ suas praticas se despediam, disse ao ultimo, que lhe fizesse merce de dizer ao enfermeiro, que ja tinha vontade de jantar. Desta sorte remediou a sua necessidade, sem taxar, nem descobrir o esquecimento do Irmaõ.

26 Dizendolhe por graça, porque nam pedia a Deos, que lhe tirassa a gota: respondia: *tal cousa nam farei eu: nem sabem, que os gotozos sam ricos, & hei de pedir a Deos me de pobreza, fazendome tam rico?*

27 Sempre se tratou com pobreza: o que se lhe achou por morte, foi hum rezistro de S. Catherina, huma estampa de nossa Senhora, em hum quarto de papel, hum Christo do peito, huma veronica de indulgencias, & quarenta Sermoẽs, que com licença deu, aos que o serviam, *dizendo, que os conservara, porque nunca se attrevera a dar papeis senam a professo do quarto voto, porque naõ queria que fossem pera fora, ou pera outras Religioẽs, como hiam muitos.*

28 Hum copo de que uzava, era emprestado; estando visinho à morte advertio, de quem era, pera se restituir a seu dono. O seu ourelo era de muitos pedaços cozidos por sua maõ. O barrete a mesma velhisse. Tendo paren-

parentes ricos, delles nada quiz, contentandose como q̃ dava a Religiaõ, & era cõmum a todos. Naõ quis pedir licença para dispor de hum Breviario, que naõ fora havido com dinheyro da Religiaõ. De suas devaçoẽs foi huma rezar todos os dias o Officio da Conçeyçaõ da Senhora.

29 Em seu cubiculo o naõ acharaõ desocupado, salvo, quando a gota o tinha como tolhido, porque ou lia, ou rezava, ou remendava seu vestido, & concertava os andrajos, em que envolvia os pes, & braços enfermos, que eraõ tais, que nenhum pedinte os teria taõ pobres.

30 Levantandose a Cõmunidade, o hiam vestir, ficava assentado na cama, tendo sua oraçaõ; depois o levava o Enfermeyro em huma cadeyra de rodas a ouvir Missa da porta da Capella dos enfermos, & da cadeyra ouvia de ordinario duas Missas, se estava tolhido. Quando tinha os pes, & maõs livres, se hia arrojando encostado em duas muletas, ouvia as Missas assentado em hum banquinho, levantandose do Evangelho athe o Sacerdote consumir o Calix. Depois rezava as Horas menores, & sobia a confessar na antesancristia athe meya hora antes do exame, para ter tempo de chegar ao cubiculo.

31 Dizendo huma vez Missa na Capella dos enfermos, como faltasse huma peça do ornamento, disse ao ajudante, que a fosse pedir ao Enfermeiro. Bateolhe à porta, como nam mandasse abrir, foy dizer ao Padre, que nam apparecia, & que naõ estava no cubiculo. Entaõ movido de hum impeto interior, respõdeo, *Està no cubiculo.* Indo em pessoa, & abrindo a porta, o achou fora de seos sentidos no meyo do cubiculo com hum fluxo de sangue, quasi espirando. Semelhante cazo lhe succedeo em Coimbra. Em hũ dia de madrugada entrou pelo cubiculo de hum Irmaõ Coadjutor, com quem nam tinha trato especial, & o achou tam vizinho a morte, que so teve tempo para receber a absolviçaõ. Absolve-o, & nam viveo muito.

32 Religioso letrado, & grave disse, *que se atrevia a provar, como sua sabedoria tinha mais, que o natural, porque fazendo computo do tẽpo, que foy lente, & tivera melhor disposiçaõ, comparando-o com o que estivera doente, este fora dobrado. Accrescentase, que nam entrava a ler materia, que primeyro a nam cõpuzesse toda, & primeyro, que a compuzesse, a tinha toda comprehendida em seu entendimento.* Lentes houve fora da Companhia, que ditavam suas materias, sem lhe mudar palavra; dãdo por razaõ, que as perdiam, tirando-as do estilo de seu Author. A juizo de todos, os que as versaram, seriam de grande bem para as escolas, se se dessem à imprença. Foy retirado de trato de seculares, ainda que por suas letras era muito conhecido, & respeytado. Por vezes disse, *que se fora ao Inferno, nada lhe custaria mais, que ouvir blasfamar o nome de Deos.* Para com os proximos tinha singular charidade, ajudãdo-os com avizos, & conselhos, & com o mais que estava na sua maõ.

33 Entre as cousas, que lhe succederam, significadoras, de que sua virtude era mais, que ordinaria, foy a seguinte. Certo Padre andando muyto perturbado âcerca de sua salvaçaõ, lhe entrou no cubiculo sem lhe declarar sua molestia, o P. Vidigal lha tirou com hum largo discurso, no qual lhe manifestou, quanto passava na sua consciensia, como se lha estivesse vẽdo. De tal modo o animou, & consolou, que nunca se vio affligido com semelhante desconfiança. Assim o referio o mesmo Religiozo nas conferencias, que no Collegio de Evora se fizeram das virtudes do P. Vidigal.

34 Seus achaques ainda no mayor auge naõ lhe diminuiaõ o agra-

do, & affabilidade, que mostrava a todos; por isso teve sempre muitos, q̃ o servissem de boa vontade, & com gosto. Hum Religiozo partindose do Collegio disse, *q̃ mais lhe custava apartar do P. Monoel Vidigal, que de seu pay, & sua mãy*. Com esta affabilidade ajuntava singular mansidam, & a mostrou em diversas occasiões, nas quais ouvindo liberdades, que lhe disseram pessoas pouco cõsideradas, & colericas, tudo disfarçava sorrindose, sem dar o menor sinal de impaciencia. Tinha grande talento para a talhar qualquer sorte de murmuraçoens, para isso bastava levantar os olhos, ou fazer outro gesto, com que mostrasse desplicencia.

35 Nunca lhe sahio da boca palavra de louvor proprio, nem se chamou, ou teve por Mestre. *Dizia, que era mercê de Deos estar entrevado, porque se tivesse saude, nam se livraria de escrupulos, pois era hum tronco inutil.* Tinha grande valor, para dizer, o que sentia. Consultado sempre respondia o mais seguro, & assim o praticava.

36 Tẽdo penado por largos años neste seu Purgatorio de dores do achaque da gota, que alguns por verem nos accidentes sua paz, imaginavam ser gota mansa, sendo em verdade da mais terrivel, o chamou Deos para si por meio de huma erisipela maligna; de cuja cura brevemente desconfiaraõ Medicos, & Cirurgioens. Quando lhe disse o Superior desconfiarse de sua vida, recebeo o avizo com toda a serenidade, como quem por toda a vida, em especial nos ultimos oito annos, só teve seos cuidados em se dispor para a morte.

37 Recebeo todos os Sacramentos com singular piedade, & fervorosos colloquios, que de continuo fazia. Depois da Unçam disse com graça: *Venha agora a morte, que ja nam tenho medo.* Em tudo mostrava socego, paz, & alegria, nam como quem estava para morrer, mas como quem hia para algum lugar de recreaçaõ.

38 Pedio lhe rezassem o Officio da agonia, que lhe lessem a Sequentia, *Dies iræ*, & a Payxam de Christo, o q̃ tudo se fez repetidas vezez, por se lhe dar esta cõsolaçaõ. Dandose sinal â ladainha, disse aos prezẽtes, q̃ naõ faltassem a ella. Como se deixassẽ estar, por naõ ficar só, elle a disse toda, pondose os mais de joelhos, & nas preces accrescentou, como costumava sempre, a oraçam pelos enfermos.

39 Perseverou em seu perfeyto juizo athe a morte, delle se aproveitou para os fervorozos actos, que fazia de Fe, Esperança, Charidade, & mais virtudes. Applicou pelas almas do Purgatorio as indulgencias, que naquella hora podesse ganhar. Este acto de taõ heroica charidade fez em todos grande admiraçam, por ser desuzado nos outros moribundos. A os 19. de Outubro pelas seis horas da tarde acabou com grande paz, & socego, em o anno de 1714. no Collegio de Evora em o cubiculo segundo das enfermarias, à quem nellas entra à mam esquerda. Assistiram a suas exequias muitos Religiosos, de outras santas familias, & muitos seculares dos mais authorizados. Na menham seguinte à sua morte appareceram em diversas partes da Cidade sonetos, & outras poezias cheas de grandes elogios de suas letras, & virtudes.

CAPITULO XXXVIII.

Vida do P. Domingos Fernandes

Em Evora aos 24. de Abril de 1715.

1 NAsceo o P. Domingos Fernandes na cidade de Portalegre; seos pays se chamaram Thome Fernandes, Anna Gonçalves. Entrou na Companhia em Lisboa aos 21. de Novembro de 1665. tendo 20. años de idade. Na Cõpanhia foy sempre tido, & havido por homem de costumes santos, & Religiozo de conhecida observancia. posto q̃ entrou para Co-

rà Coadjutor espiritual, depois o fizeram estudante. Estudou Philosophia em Coimbra, foi Mestre de latim no Porto, & em Braga, procurando cõ especial cuidado o bem de seos discipulos assim nas letras, como na virtude.

2 Tendo estudado a Santa Theologia em Evora, foi mandado para o presidio de Mazagam em Africa. Parece, que previa o demonio o muito frutto, que de nossos ministerios se havia de recolher naquella praça, porque a viagem foy das mais trabalhozas, que tem havido em tam pequena jornada. Embarcouse em Lisboa no principio de Outubro de 1683. sendo a viagem de dous dias, todo o mes de Outubro andou no mar, padeceo a Caravella terriveis tempestades; mares, & ventos, eram contrarios, por esta causa tendo a Caravella navegado setenta, & oitenta legoas, era obrigada a arribar a algum porto do Algarve. Poucos houve, a que nam arribasse. Por fim destas repetidas, & molestissimas arribadas, querendo tomar porto no Algarve, nam o podendo fazer; foy descahir em Lisboa, onde entrou aos quatro de Novembro.

3 Em Lisboa se deteve athè Julho, em que o P. Provincial o mandou embarcar com o P. Agostinho de Souza, porque antes hia só para acõpanhar ao Padre Francisco Borralho, que lá estava. A viagem foy de dous dias, & duas noites. Era Governador da praça hum Fidalgo, que por justos respeytos se naõ nomea, como se verá, do que logo direi.

4 Começou o Padre a sua missaõ, pregando todos os dias de guarda, & fazendo doutrinas pelas ruas com grande fervor. Sua principal materia foy a importansia da confissam geral, & particular. Foy tal a commoçam em todos, que naõ houve pessoa na praça, que se nam confessasse geralmente. As pregaçoens, doutrinas, praticas, & meditaçoens da Irmandade da Penitencia de S. Ignacio, que alli tinham introduzido nossos Padres, & huma classe de estudantes tudo corria por sua conta. Alem disto assistia às confissoens. Seu companheyro, por naõ ser pregador, & ter achaque, tratava do cuidado de caza, & de ouvir confissoens.

5 Depois de chegar à praça, passaram alguns nove mezes, sem hir embarcaçaõ do Reyno. Nem tinham vinho para Missas, salvo huma galheta muyto pequena, que mandavam à Matriz. Neste tempo vindo de pregar com a camiza toda passada do suor, por nam ter huma gotta de vinho, com que temperar o calor, o fazia cõ agua quente. Porem nam era o seu trabalho, o que mais o magoava, cortavalhe o coraçam ver as injustiças do Feytor Del-Rey, por serem publicas, & muito escandalosas; nam pode acabar com seu zelo deixar de as perseguir em suas pregaçoens, & doutrinas. Humas meyas, que custavam tres tostoens, vendia elle por quinze; & nesta forma eram outras vendas.

6 Vencia cadahum dos pobres em cada quartel mil, & duzentos reis em dinheyro. Vencido o quartel, o soldado se chegava ao Feytor, que lhe pagasse. Respondia naõ ter dinheyro. Replicando o soldado, que lhe desse huma letra, para o arrecadar em Lisboa do contratador. Dava por resposta, *que tal letra naõ passaria, porem, que se elle quizesse sete tostoens pelos doze do seu quartel, q̃ lhos daria logo.* Daqui ninguem o tirava, athe que o pobre soldado naõ vendo mas, nem boas, como dizem; por nam perder tudo, se accõmodava com os sete tostoens, ficandolhe os sinco nas unhas daquella Harpya.

7 Sobre este roubo tam evidente gritava o Padre em seus sermoens, & doutrinas, dizendo a obrigaçam, que havia de se restituir, quanto hia dos sete aos doze; pois El-Rey doze dava ao contratador, para elle os dar ao

Soldado, & naõ para ſe ficar com elles o Feytor, que os naõ tornava a El-Rey: que naõ havia alguma, que livraſſe de furto eſte cerceo.

8 Como zelava tanto o bem cõmum tinha por ſi o favor do povo, & da pobreza. Só era contrario ao Padre o Governador, a cujos pagamentos as unhas do Feytor naõ chegavaõ, ſalvo era para os accreſcẽtar com parte do muito ſangue, que elle chupava a os pobres: poſto que iſto naõ conſtava, Deos ſabe, o que lâ hia por baixo da capa; pois a boa razaõ pedia, que o Governador foſſe o primeyro em o patrocinar. Como o Padre tinha sô os olhos em Deos, nada o acabavaõ reſpeytos humanos. Por mais de tres, ou quatro mezes, que o P. hia todas as noites converſar hum pouco com o Governador, todas as praticas eram deſtas injuſtiças, & obrigaçam de Sua Senhoria, em lhe por remedio, dando-lhe para iſſo muitas rezoens forçozas, & palpaveis: porem ſuas repoſtas sô eram palavras frivolas, & de nenhum effeyto.

9 Indo o P. continuando em ſuas pregaçoens, lhe mandou o Governador dizer por hum official; *que parecia, que em ſeus ſermoens ſe eſquecia do decoro, que ſe devia a ſua peſſoa.* Reſpondeo; *que ſe Sua Senhoria nam era contente, que ſobiſſe ao pulpito, que dahi emdiante o nam faria, mas que ſobindo, havia de pregar a doutrina, que via ſer neceſſaria, para tirar peccados, & eſcandalos.* Ouvida eſta repoſta, nunca mais entendeo com as pregaçoens; mas eſcreveo delle grandes queixas ao P. Provincial, & P. Geral.

10 Enfermando ſeu companheiro de modo, que foy precizo vir para o Reyno, determinou de ſe embarcar com elle, inſtando os do povo, que ficaſſe. Reſpondeo, *que lhe nam ſervia ficar ſem ſeu companheiro, expoſto a quantos falſos teſtemunhos lhe quizeſſem levantar.* Quis o povo, q̃ foſſe ſeu Procurador diante Del-Rey: tal couſa nam quis aceitar.

11 Indo-ſe deſpedir do Governador, eſte lhe diſſe: *Voſſa Paternidade sô veyo a Mazagam a pregar as minhas virtudes, como eſtas ſe acabaram, acabouſe tambem a materia dos ſermoens.* Reſpondeo o Padre com ſumiſſaõ: *Eu, Senhor, preguei a doutrina neceſſaria, & nam me meti com virtudes de ninguem.*

12 Ultimamente ſe foy a Igreja, aonde em voz alta fez hum devoto colloquio com muitas lagrimas ſuas, & do povo todo; com ellas nos olhos o acõpanharaõ athe ſe meter na embarcaçam. Chegando a Lisboa, antes de hir a Caſa alguma da Companhia, foy beijar a mam a El-Rey Dom Pedro Segundo, o qual lhe deu logo audiencia particular. Elle o informou muito à ſua vontade; & El-Rey lhe ordenou, que deſſe tudo eſcrito ao noſſo P. Manoel Fernandes ſeu Confeſſor, para ſe lhe por emenda. Em effeito foy mandado hum miniſtro de Juſtiça, q̃ remediou muitas deſordens.

13 Indo o P. vizitar na Caſa dos Irmaõs Noviços ao noſſo P. Martim Barretto, que em Mazagam eſtivera muitos annos; lhe diſſe o P. Barretto, *Meu Padre Domingos Fernandes, todos viamos o meſmo, mas ninguem ſe attreveo a deitar o chocalho a abelha, ſenam voſſa Reverencia.* Alem do muito, que o Padre padeceo em Mazagam, nam foy pouco, o que em Portugal padeceo dos meſmos da Companhia, que medindo as couſas por prudencias humanas, taxaram ao Padre de imprudente. Os Superiores em chegando, por darem ſatisfaçam às queixas do Governador, o privaram de pregar algum tempo. Eſte foy o habito de Chriſto, cõ que ſe recolheo de Mazagam. Em Lisboa ſe admiraram muito os Fidalgos, de que no Padre houveſſe tanto zelo, que ſe attreveſſe a eſtranhar as maldades, q̃ eſtra-

estranhou em tal lugar contra a võtade de hum Governador.

14 O P. Domingos Fernandes confessou, que em sua vida naõ tinha feyto serviço, que podesse alegar diante de Deos, senaõ este em Mazagam; & que temendo o Demonio, o que Deos alli por seu meyo havia de obrar, impedia sua primeyra navegaçaõ com tam desmedidos perigos, que por vezes se recolheo a seu belicho, como a sepultura, dando tudo por acabado. Do mais, que padeceo, nam fez muito cazo, porque como tinha grande satisfaçam de sua consciencia, & sô de Deos queria premio, julgava, que sendo mais abatido, & desprezado, & seu santo zelo reprehendido, & notado de imprudencia, seria mais aventejado diante de Deos o premio.

15 Nos annos adiante teve diversas occupaçoens. Duas vezes foy Ministro do Collegio de Evora, huma Procurador; Reytor dos Collegios de Elvas, Faro, & Evora. Vindo-lhe patente de Preposito da Casa de S. Roque, se escuzou; acceitandolhe a escuza, lhe mandou nosso R.P. Geral patente de Reytor do Collegio de Coimbra com huma carta tam honroza, & palavras tais, que naõ ficou lugar ao Padre de se escusar, posto que em carta, que eu vi, dizia a hum Padre seu amigo a muita repugnancia, que em si tinha; com tudo por cumprir com a vontade, & obediencia dos Superiores, estava disposto para a jornada, que a morte atalhou, como direi, depois de dizer suas virtudes.

16 Foy o Padre Domingos Fernandes de natural severo com sua pessoa, & por toda a vida nunca affrouxou nesta tezidam, tratandose com rigor. Parco no comer, que por ser homem corpulento, naõ podia deyxar de ser nelle mayor esta mortificaçàm. Nam tocava fruta, ou carne de melhor sabor a primeyra vez, que se punha na meza. A' noite nam comia porçam. Governando o Collegio de Evora, duas Quaresmas inteiras nam acceitou porçam ao jantar, excepto nos Domingos. Quando lhe mandavam cousa particular, a dividia em duas partes, & sem a provar, a dava a seus vizinhos. Costumava dizer, *que nam tinha, que dar conta a Deos de bons boccados*. Nos ultimos Exercicios de S. Ignatio, se houve com estranha austeridade. Teve-os em o Noviciado, morando no cubiculo do Anjo, assim nomeado, por nelle apparecer a hum Noviço o seu Anjo da Guarda, & ja no mesmo se tinha hospedado S. Francisco de Borja. Por estas rezoens tam despertadoras da devaçam, o escolheo, para ter estes Exercicios. Durando por mais de oito dias, passava todo o dia sem comer, somente à noite hia ao Refeytorio, accõmodandose, com o que os mais tinham para cear. As menhaãs gastava inteyras em oraçam na Capella dos Noviços diante do Santissimo; tẽdo as janellas fechadas, de tarde continuava por algumas horas na mesma Capella. Nestes dias, que foram mais dos ordinarios, nunca abrio a janella do cubiculo. O que mais se deve aqui reparar, he, que estava nam de todo convalecido de huma doença gravissima, em que esteve às portas da morte.

17 Levantandose desta doença, dentro de pouco tempo se meteo em tudo com a Cõmunidade, seguindo-a, como o fazia antes da doença. Posto que alguns zelozos de sua saude lhe advertiram, tivesse melhor convalescensia, pois nenhum prudente o poderia estranhar, sabendose o descuido, que de si tinha, quando saõ: Nam dava ouvidos a semelhantes conselhos, antes a hum Padre, que de outro Collegio lhe escreveo, o mesmo respondeo com estas palavras: *Nam sei, com que hei de pagar, nem sequer agradecer a Vossa Reverencia o cuidado, & compayxam, que tem de mim, & dos meus achaques. Pessoas publicas ham de dar exemplo, ou naõ estejam nas occupaçoens. Nam se canse Vossa Reverencia, que naõ me re-*

me regalo pouco, assim tratara eu do espirito, como trato do corpo. Ando muito bem disposto, graças a Deos, nam quero, que me chorem tanto. Com estas palavras significou a rezaõ, que tinha, para o que fazia.

18 Na mesa, quando ouvia ler as vidas de nossos Padres, & Irmaõs, tinha grande attençam, & devaçam: quando ouvia algum modo de exercitar a virtude mais especial, levantava os olhos, & maõs ao Ceo, como quem dava graças a Deos, pelos fazer tão perfeytos. Em seus papeis se acharaõ apontados alguns destes exẽplos dos nossos, cujas vidas na meza ouvia. Fallecendo os Padres Joam dos Santos, Luiz Fragozo, Sebastiam Vidigal, & Manoel Vidigal, mandou fazer conferencias de suas virtudes, por serem conhecidamente exemplares, & tambem por esta razam merece façamos memoria das suas.

19 Foy inclinado ao trato cõ Deos. Sẽdo Irmão estudãte tinha sua oraçaõ em publico, diante do Santissimo. Quando era Reytor no Collegio de Faro, se observou, que duas horas antemenham se levantava a ter oraçaõ no coro. O mesmo fazia no tempo do repouzo da noite. Tambem alli hia a todas as confissoens de noite, por nam molestar os subditos, & era incansavel em confessar. De boa vontade se exercitava nos officios humildes, & abatidos, posto que alguns por isso o tinham por grosseiro; nenhum cazo fazia desses pontos de honra, alheos de quem professa humildade.

20 Foy muito zelozo do bem das almas, como se vio na missam, que fica referida, & em outras que fez; elle mesmo disse, que se a Companhia o applicara ao santo ministerio das missoens, lhe parecia havia de servir nelle muito a Deos. Em seus sermoens procurava sempre fossem ordenados ao bem das almas. Deste zelo lhe nasceo o grande cuidado, que sendo Mestre de latim, punha no ensino de seus discipulos naõ so nas letras, mas na virtude: achando, que aquella occupaçam he mais escrupulosa, do que alguns cuidam; pois os seculares entregam seus filhos ao ensino da Companhia, & a Companhia se desencarrega nos Mestres, nos quais se houver descuido de cũprir, com o que devẽ, gravemente encarregaõ suas consciencias, pois a materia, como se vè, nam he leve, & tem consequencias de muitos danos, assim temporais, como espirituais. Os discipulos o tinham por homem santo.

21 O P. Nuno da Cunha, que foy hũ dos Padres mais authorizados desta Provincia, o estimou muito por sua verdade, & solida virtude, & o custumava chamar o Veneravel Irmaõ Domingos Fernandes. Nunca se poupou em o exercicio de nossos ministerios. Sendo Superior se affligia muito, quando via, que algum se escusava de accodir a elles; & tomava sobre si estas faltas, athe q̃ o avizaraõ nam ser conveniente por algumas razoens prudentes, que se lhe apontaram.

22 Nam consentia, que passasse mez algum sem pratica na Communidade, & elle fazia a mayor parte dellas. Tratava da observancia de nosso Instituto, ao qual tinha singularissimo amor, & à Companhia mostrava ter mais affecto, que o pode ter hum filho a sua may. Na ultima pratica, que fez, sendo Reytor em Evora, tratou do zelo, com que haviamos de servir a esta mãy. Depois de ter fallado neste ponto, acabou, sem o esperarem, com estas palavras; *que tratava daquella materia, porque a julgava necessaria, & que se nam agradava pelo estilo, que agradasse a Deos.*

23 Quando fez officio de Ministro, vigiou intrepidamente sobre a observãcia, sem excepçaõ de pessoas, nem idades, quando estas naõ estavaõ fora

fora das obrigaçoens da Communidade. Posto que alguns o taxavaõ de inconsiderado, cousa que elle sabia, disso fazia pouco cazo; porque se o fizera, naõ compriria com sua consciencia, segundo o seu parecer.

24 Duas cousas sendo Reytor se advertiram nelle, que denotava sua grande virtude, & charidade com os subditos. Primeyra, que nunca se queixou a Superior de subdito, tendo muitas occasioens de o fazer, pelo tratarem pezadamente, & com pouco respeyto, antes aos tais mostrava especial affabilidade, procurando occasiam de hir ao seu cubiculo, & mostrar, que se nam dava por offendido. A segunda, que nunca descobrio as faltas dos subditos, nem ainda ao P. Provincial, & quando recorriam a este, & lhe mandava pedir a causa de dar tal penitencia, ou prohibir tal cousa, respõdia de modo, que delle se nam pudesse saber a dita falta. Por isso nenhum com razam se podia delle queyxar nesta materia; antes com sua muita charidade cõservou a diversos na Companhia, quando seus defeytos os tinham quasi postos na rua.

25 Se julgava, que era necessaria para bem do subdito a penitencia em publico, nam havia intercessoens, que com elle pudessem cousa alguma; antes aos que se hiam fazer intercessores, dizia com modo pacato: *Meu Padre, he amigo desse Religiozo, sinto muito a sua falta, elle ha de hir ao Refeytorio com a penitencia, agora se Vossa Reverencia quer tomar por elle a disciplina nas costas, ou hir comer no cham, & assim em outras, mostrará Vossa Reverencia o affecto, & compayxam, que lhe tem em o Senhor: mas elle hâ lâ de apparecer para emenda sua, & cautella dos outros.* Como ao intercessor lhe naõ servia a pençam, nem pagar dividas alheas a expensas proprias, se retirava; & esta noticia divulgada forrava passos a outros intercessores.

27 Sempre se tratou com grande pobreza. Nem tinha mais, que algũs papeis seus, & de livros huma Escola de Belarmino, hum Castro de bem morrer, & huma Cartilha do Mestre Ignacio. Sendo Reytor do Collegio de Faro, mandou tingir de preto hũa roupeta parda de pano muito grosseiro, que alli chamam Suriano, & fora do Santo Irmaõ Coadjutor Joseph Soares, & della usava, sendo este pano, o de que veste alli a gente mais pobre, & mizeravel. Com os Seculares tinha especial acceitaçaõ, & modo grato, por isso o respeytavam. Por seu bom modo conseguio no Algarve a demãda dos meyos dizimos, que havia muitos annos corria entre o Ecclesiastico, & o nosso Collegio. Deveo-se nisto muito ao grande favor, que lhe fazia o Bispo D. Antonio Pereyra da Sylva, que sempre por sua virtude o estimou. Em Elvas lhe chamavam o Varaõ Santo. Como hum nosso Religiozo fosse depois delle ser Reytor para aquella cidade, como ouvisse fallar delle por este modo, perguntou, *quem era aquelle varam santo? Responderamlhe, que era o P. Domingos Fernandes, que esta opiniam tinham todos delle naquella cidade.*

27 Porem quem delle fez singularissimas estimaçoens foy o Senhor Infante D. Francisco filho segundo Del-Rey D. Pedro. Por seu respeyto duas vezes, sendo elle Reytor, quis honrar o nosso Collegio de Evora, huma hospedandose no Collegio, outra na quinta de Valbom, onde foy tambem assistido, que indo dizer tudo a El-Rey seu Irmaõ, este mandou dar as graças ao P. Provincial, Reytor, & Padres de Evora, pela boa hospedagem, que deram a seu Irmaõ.

28 Estava ja o Padre com a patente de Reytor do Collegio de Coimbra, & resoluto â jornada, quando hospedou ao Infante na quinta. Estãdo ja recolhido em seu leyto o Infante, entrou o Padre, & posto junto a

elle

elle de joelhos, o Infante lançolhe o braço aos hombros, & lhe disse: *Padre Reytor, nam vâ para Coimbra, q̃ naõ está capaz de fazer jornada, & vay morrer.* Respondeo: *Senhor mandame a Obediencia; & se morrer, morro por ella.* A isto replicou: *Pois fique aqui por Reytor, & o Padre, que vem governar este Collegio, va para o de Coimbra,* insinuandose no modo de fallar, que elle interveria na troca.

26 A isto acodio o Padre: *Senhor, nam perturbemos o governo da Companhia.* A esta resposta divertio o Infante a pratica, dizendo: *Ja, que se vay, nam tornarei a este Collegio.* A isto respondeo o Padre, *que aquella honra, que fazia, lha merecia todo o Collegio, & nam o Reytor, & que em toda a occasiam havia de hospedar a sua Alteza cõ o mesmo gosto, & alvoroço.* Por ultimo disse, *que elle fazia jornada muito de madrugada, que nem elle, nem o Padre Provincial se levantassem.* Entam beyjandolhe o Padre a maõ, se despedio. Todas as vezes, que depois em auzencia delle fallou o Infante, o fazia com agrado, & como de homem de muita bondade, chaneza, & virtude.

30 Como suas indisposiçoẽs fossem crescendo, tendo achaque muito intrinsicado, que as diligencias da Medicina nam podia vencer, preparado com huma vida sempre ajustada cõ as obrigaçoens de Religiozo Santo, o chamou Deos para si no Collegio de Evora a os 24. de a Abril de 1715. O P. Manoel Manso, de quem ja escrevi, que fora condiscipulo na Philosophia do P. Domingos Fernandes, tinha particular conceyto de sua muita virtude.

CAPITULO XXXIX.

Vida do Padre Francisco Borralho.

Em Santarem 16 de Junho de 1717.

1 Sempre vivem em todos os tempos nas Communidades Religiozas homens de vida exemplar, que ornados de muitas virtudes sam como luz a os mais no caminho da perfeyçam. Elles mudamente affervoram mais, a os que se lembram do seu estado, & sam vivas reprehençoens, a os que se esquecem de suas obrigaçoens, & vida, que promettẽ a Deos em sua profissam. Hum destes Varoens do Ceo, que entre nós conhecemos, & que todos tinhamos por homem justo, foy o Padre Francisco Borralho, Filho legitimo de Balthezar Fernandes Borralho, & de Anna Rodrigues.

2 Nasceo em a Villa de Terena no Arcebispado de Evora no anno de 1637. Entrou em Evora na Companhia a os nove de Janeyro de 1656. Observousse nelle, que nos muitos annos, que teve de Religiam, nunca alterou o seu modo santo de viver, cõforme nosso Instituto, salvo foy, em vir sempre de bem em melhor.

3 A vida gastou em nossos ministerios nos lugares, onde o occupou a Obediencia, que foy o norte de todas as suas accoens. Foy à missam de Angola. Assistio muytos annos na Cidade de Beja. Depois o mandaram a Mazagam em Africa. Vindo-se occupou em nossos ministerios em diversos Collegios. Tambem foy Ministro no de Evora, & Casa dos Irmaõs Noviços de Lisboa. Nunca fez escolha de occupaçam, nem armou sua vida, pondose unicamente nas maõs da Obediencia.

4 Esta virtude, brazaõ illustre da nossa Companhia, o foy tambem deste virtuozo Padre. Todos os que o trata-

trataraõ, & conheceraõ, naõ duvidaram haver nelle os pontos mais sobidos, que Santo Ignacio quer tenhaõ na obediẽcia seus filhos. Para elle naõ havia ser esta, ou aquella occupaçam cõpetente, ou naõ competente a seus años. So attendia a se o mãdavaõ, ou naõ. Diversas vezes o vimos, sendo jâ velho, fazer occupaçoens, q̃ secostumaõ sô encomẽdar a Religiozos naõ Professos, & as vezes nẽ ainda sacerdotes. Elle sem attender a tais circunstancias, as fazia, como se nenhuma cousa mais apperecesse.

5 Escusa no q̃ se lhe mãdava, nunca soube, q̃ cousa fosse. Depois de ter ido a Angola, mãdãdo-o a Mazagaõ; nenhuã palavra disse, para se escuzar, sendo q̃ facilmente seria ouvido, se allegasse a trabalhoza viagẽ, & estãcia de Angola. Como se referisse em sua prezẽça jâ nestes tẽpos ultimos, q̃ hũ nosso Religiozo se escuzava de hir a Mazagaõ, lhe disse hũ P. *E vossa Reverẽcia, q̃ faria, se agora o tornassem a mãdar a Mazagaõ?* Respõdeo: *Diga ao Superior, que me mande, q̃ me naõ hei de escuzar.* Vendo hum Religiozo por muytos años, q̃ de nada se escusava, lhe disse: *P. Francisco Borralho tenho advertido, q̃ V. Reverẽcia de nada, q̃ se lhe ordena, se escusa; sendo esta miseria tã ordinaria ẽ outros.* Respõdeo cõ estas palavras: *Meu P. assim o costumo fazer, & me acho muy bẽ; porq̃ as cousas mais pezadas, cõ obediencia saõ huã aresta, & as mais leves sẽ obediencia saõ hũ madeyro.* Significando cõ este dito, q̃ naõ hâ cousa molesta, onde hâ obediencia.

6 Succedẽdolhe nos ultimos años vir de fora muy cansado, mandando-o fora a hũa cõfissaõ, a foy fazer sẽ demora; sendo q̃ no mesmo tempo chegavaõ outros de fora de menos años, & robustos, naõ deu o minimo final, em q̃ significasse a inadvertencia de o mandarẽ a elle. Desta sua obediencia disse hũ Religiozo grave na conferẽsia, q̃ delle se fez em Sãtarẽ: *Que a obediencia nelle era taõ cega, q̃ sendolhe o seu exercicio livre pelo habito de obedecer, parecia necessario; enchendo verdadeyramẽte os dictames de nosso Santo Padre Ignacio.*

7 Perguntandolhe hũ P. Reytor em Santarem, *se gostaria de estar em Evora?* Respondeo, *q̃ sim, mas q̃ elle nunca pedira mudãça; mas sò estivera sẽpre, onde a obediencia ordenava.* Os que nesta virtude bẽ o conheciaõ, entendiaõ delle, q̃ se a obediencia lhe mandasse alguma das cousas extraordinarias, q̃ refere nosso S. P. na Carta da Obediencia, elle a executaria com àquella santa cegueyra, cõ q̃ o fizeraõ muytos dos Padres antigos, q̃ o Santo Padre alli refere.

8 Suas acçoens eraõ taõ ajustadas cõ as leys da perfeyçaõ, que disse delle hum Religiozo grave: *Que verdadeyramente lhe parecia hũ* Contemptus mũdi *animado, pois exactamẽte praticava as maximas, de q̃ se cõpoẽ este livro de ouro.* Tinha huã paz taõ grande, & dominio de suas payxoens, q̃ nenhũ contra tẽpo o fez mudar de animo, ou de sẽblãte. Nẽ se mostrava magoado, quando lhe diziaõ palavras injuriozas, & de sẽtimẽto. Antes tratava com quem o offendia cõ a boca chea de hum rizo santo, como se nada se lhe tivera dito em seu aggravo.

9 Em Beja se adiantou a dizer Missa em a nossa Igreja a hum Clerigo Capellaõ da Casa, q̃ estava para celebrar cõ a mesma vestimenta. Naõ dando o P. fè delle, se começou a revestir, apparecendo neste tẽpo o Clerigo, cõ liberdade alhea do seu estado sem attençaõ, a q̃ estava em casa alhea, & dizer Missa, se enfadou contra o P. chamãdo-o, *simples, & inadvertido,* ajuntando outras palavras pezadas, q̃ a colera, & desatento lhe suggerio. Nada se alterou o P. acabou de se revestir, foy dizer a sua Missa. E depois nem disse palavra, nẽ deu algũ sinal de sentimento; por quanto sò o

tivera da offensa, que aquelle homem commettera contra Deos.

10 Sempre teve cuidado de mortificar os appetites. No comer era muy parco. Notou hũ P. q̃ muytos annos viveo cõ elle em Beja, q̃ nunca almoçava, nẽ acceitava porçaõ à noite, nẽ tocava cousa de comer entre dia. Nem attentava se se lhe dava pouco, ou muito; bẽ ou mal cozinhado. Nestas materias ja mais se lhe ouvio palavra de nota, ou queyxa. Athe nos ultimos annos naõ deixou de comer no chaõ em os dias, q̃ a devaçaõ tem introduzido entre nós, sendo que seus achaques pediaõ dispẽsaçaõ neste, & em outros rigores, porẽ o seu bom costume de tantos annos naõ consentia affroxar.

11 Nũca deixou de castigar o corpo cõ cilicios, & disciplinas, estas eraõ de ferro, porẽ tessidas cõ huns abrolhos do mesmo metal; q̃ as faziaõ naõ sò mais mortificativas, mas horrorozas. Tambẽ usava de huã Cruz de Bronze semeada de bicos, q̃ trazia sobre o peyto. Para estar bẽ provido destes instrumentos santos, a prover a pessoas, que confessava, tinha, quando estava no Alemtejo, cõmunicaçaõ cõ hũ official delles em Lisboa, a quem dava bõ ganho. Nos dias, em q̃ por devaçaõ usamos disciplina nas costas no Refeytorio, nunca elle faltou, sendo q̃ seus cansados annos, & achaques o escusavaõ

12 Nunca acabaraõ com elle, que deyxasse de jejuar, quando assim annos, como achaques o davaõ por livre. Naõ comia peyxe, & assim passava os jejuns de toda a Quaresma, & os mais sem querer comer carne. Era descuidado no trato do vestido, muitas vezes o viaõ andar mal enroupado. Em hũa palavra, sempre tratou seu corpo, como se naõ fora seu.

13 Foy por extremo desapegado das cousas da terra. As faltas do necessario soffria sem pedir cousa alguã, esperando sempre a providencia dos Prelados, q̃ devẽ ser mais cuidadozos em acodir a os subditos, q̃ de si se descuidaõ mais. Huã moeda de prata, q̃ por obrigaçaõ de hũ legado se dà cada año a cada-hũ dos Religiozos do Collegio, em a recebendo a metia logo nas maõs do Superior, naõ obstante darlhe licenca, para dispor della, nò que lhe fosse necessario.

14 Sendo pobre de todas as mais cousas, só era rico de imagens de papel, de q̃ tinha cheo o seu cubiculo, fazendo especiais devaçoẽs a os Santos, q̃ reprezentavaõ. Alem destes nas estãpas tinha muitos Santos, & Santas de sua particular devaçaõ apontados em hum livrinho, a os quais fazia em diversos tẽpos suas devaçoens, & oraçoens.

15 Entre outros venerou cõ mais intimo affecto ao Archãjo S. Miguel. Sẽpre o trazia consigo em huã laminazinha de cobre. Rezavalhe hũa especial antiphona, versiculo, & oraçaõ, q̃ sendo em Evora Ministro dos Irmaõs do Recolhimento dava a os mesmos Irmaõs, para q̃ o rezasẽ, & a punha nas portas dos cubiculos. Em Santarẽ no dia do Santo Arcanjo sẽpre hia fazer pratica, & exortaçaõ em honra sua.

16 Da Virgem Senhora naõ podia deixar de ser devotissimo, sẽdo-o tãto dos Sãtos. Rezavalhe o seu Officio, & Rozario. Visitava suas imagens de particular veneraçaõ. O seu trato cõ Deos pela oraçaõ foy mui ordinario. No coro da Igreja gastava diante do Senhor muitas oras. Era em seu cubiculo achado de joelhos ẽ oraçaõ. Em especial nos ultimos, años parecia viver só deste santo exercicio. Rezado seu Officio Divino, o tẽpo se lhe hia ẽ orar, ler liçaõ espiritual, a q̃ foy mui affeyçoado, & fazer as mais devaçoens. Depois q̃ por falta de vista, se lhe cõmutou a reza do Officio Divino em hũ Rozario, cũpria cõ esta obrigaçaõ de tarde na Igreja em lugar, onde estivesse cõ os sẽtidos mais recolhidos.

Visita-

Visitava muyto ao Santissimo, de quẽ tãbem foy particularmente devoto. Todos os dias dizia Missa, & todos se confessava, posto q̃ em sua conciensia vivia ajustadissimo com as leys de Religiozo Santo.

17 Parecia Homem feyto de charidade. Ja mais se lhe ouvio murmuraçaõ, antes as costumava atalhar, se alguem as metia em sua prezença. Ao bẽ temporal, & espiritual do proximo acodio sempre cõ grande zelo. Quando ensinava a doutrina, hia cõ os minnos cantando a ladainha. Em havendo occasiaõ fazia praticas, doutrinas, ou pregaçoens. Outras vezes encaminhava para Deos os proximos com a liçaõ de livros santos, que lhes dava, ou encõmendava.

18 Era pontualissimo em acodir às confissoens assim em Casa, como fora, de noite, & de dia. Huã noite em Beja o chamaraõ sob pretexto de confissaõ dous rebuçados, & lhe entregaraõ hũ engeytadinho, o qual fez criar. Indo cõfessar em Beja enfermos pobres, & desamparados, elle alimpava a casa, & a preparava, para entrar nella o Santo Viatico.

19 Como era taõ humilde, q̃ nem hũa sò palavra se lhe ouvio, q̃ cheyrasse a soberba: o seu trato mais especial nas confissoens, & fora era com os pobres, & gente humilde; enfermos nos hospitais, & prezos nas cadeas, a quem fez grandes charidades em toda a parte, mas com mais particularidade em Beja, onde foy seu Procurador perpetuo, agenceãdolhe copiozas esmolas ja de pessoas particulares, jâ saindo elle em corpo a lhas pedir pelas portas.

20 A muitas almas poz no caminho da virtude, & perfeyçaõ. A's confissoens de noite acodia cõ tanta prõptidam, q̃ naõ consentia, q̃ algũ nisto se a ventajasse. Como pedindose hũa, acodisse elle, & o Superior, porfiaraõ entre si para cadahũ ter aquelle merecimento; chegou a santa contenda a tais pontos, q̃ o Superior se valeo do seu poder, mandando-o para o cubiculo. Aqui abaixou a cabeça, ficando sò com o merecimẽto da boa võtade.

21 Por causa das muitas obras pias, a que na cidade a codia, vinha as mais vezes para casa muy tarde depois do tempo do jantar. Como algum Religiozo, que alli esteve alguns dias, fizesse reparo neste costume quotidiano, & dissesse ao Superior, *como tal sofria.* Respondeo: *Padre, eu se tirar daqui o Padre, naõ hei de achar subdito como elle, que tanto sirva, & tanto edefique; pelo mais passo de boa vontade, sabendo que estas detenças saõ todas em serviço de Deos, & bem das almas.*

23 Em todas as partes, onde esteve, deixou bom nome de Religiozo de muita virtude. Em Angola durou por muitos años sua lembrança. Duas cousas disse a dous mãcebos, as quais depois se vieraõ a cumprir; a hũ, que se naõ cansasse, que naõ avia de ser Clerigo, posto q̃ entaõ o parecia procurar, mas teria estado de Matrimonio; & a outro pelo contrario, q̃ havia de ser Clerigo. Supposto o effeito, & circunstancias, se imaginou o dissera cõ conhecimento superior. Hũ Religiozo nosso disse, *que acabandose de confessar com o P. elle lhe dissera hũ successo futuro, que tocava ao mesmo Religiozo, de q̃ nenhumas premissas havia, & que tudo se cumprira, como o P. antes lho tinha dito.*

23 Nunca se queixou de algum Superior. Com os de fora seu trato era em tudo virtuozo, metendo logo pratica, & palavras de Deos, contando historias, & exemplos santos, com q̃ a todos edificava. A todo o Collegio de Santarem era sua santa velhice de grande exemplo. Assim como por toda a vida procurou naõ ser molesto, tambẽ lhe fez Deos mercê de o naõ ser no fim della.

24 Morreo no Collegio de Sãtarẽ a 9. de Junho de 1717. o Irmaõ Pedro Af-

fonſo o mais antigo, & velho dos Irmaõs da Provincia, & mui virtuozo. Pareceo, q̃ o P. Borralho previo ſer elle, o que ſe ſeguia, porq̃ ſahindo de ter oraçaõ no coro da Igreja todo deſcorado, por andar ja muy fraco, reparãdo niſto hũ Religiozo, & dizendolho, reſpõdeo, *que o Irmaõ Pedro Affonſo o chamava, & ſua vida era acabada.* Andando neſtes tempos vizinhos à morte muy quebrado, ſẽpre guardou ſeu inviolavel coſtume de ſeguir a Cõmunidade. Poſto q̃ experimentou alguãs faltas no ſeu cõmodo, nunca diſſe huã ſó palavra de queixa. Como lhe diſſeſſem, *q̃ andava taõ deſcahido, comeſſe gallinha, pois lhe era neceſſaria*, como em verdade era, huã ſó palavra naõ diſſe, em q̃ ſignificaſſe eſta ſua neceſſidade, ſeguindo ſempre aos mais na meſa.

25 Depois de ſe confeſſar como o fazia todos os dias, diſſe Miſſa o dia antes de ſua morte. No da morte pela menhãa pertendendo levantarſe, o naõ pode fazer, & vindo os Religiozos ſe achou eſtar muito no fim da vida. E aſſim neſſe meſmo dia acabou, q̃ foi nos dezaſeis de Junho de 1717. Havia opiniaõ conſtãte neſta Provincia, de q̃ era homẽ inculpavel, ornado de grandes virtudes Chriſtans, & Religiozas, muy ſincero, & charitativo amigo de ſer proveitozo ao bem eſpiritual de todos: homem, que naõ ſe, queixou de alguem, & de que ninguem ſe queixou. De ſuas virtudes ſe fizeraõ conferencias no Collegio de Santarem, dellas, & do que diſſeraõ outros Religiozos, que o trataraõ, ſe ordenou eſta narraçaõ.

F I M

INDICE

DE ALGUNS EXEMPLOS RAROS de Virtudes, que se contêm neste Tomo. O Primeyro numero indica a pagina, o segundo o paragrapho.

D

E

F

G

H

I

L

M

N

O

Tra-

T

V

Z

LAUS DEO

ERRATAS

O PRIMEIRO NUMERO SIGNIFICA A pagina, & o ſegundo o paragrapho, terceiro a regra, errata, emenda.

4. 1. 9. da, do 11. 4. 6. duos, dous 7. 14. 22. qurendo, querendo ibid. 2. 6. ameudamente, ameudadamente 18. 4. 14. ahte, athe 20. 14. 15. ſe diga Moçambique, como dalli athe Goa 22. 3. 10. domigo, domingo 38. 1. 19. delles, delle 79. 12. ulti ma; deque, que 85. 2. 12. neſte retabolo, neſtes retabolos 121. 12. 19. pedres, pedras 189. 3. 15. nos, no 202. 14. 35. olhss, olhos 221. 6. 8. orde, onde 223. 15. 12. aſte, eſte 231. 10. 6. Petercla, Pecorela 235. 2. 7. entres, entre 245. 8. 2. provimos, proximos 249. 13. 6. qorque, porque ibid. 15. 16. logo, fogo 257. 2. 6. a tal, ate tal 201. 2. 5. baleoto, baleato ibid. 5. 17. legos, legoas 263. 15. 12. ſou, ſeu 269. 14. 7. hum, hum dia 275. 3. 7. porem, porem nam 291. 9. 11. ſabia, ſaiba ibid. 10. 8. Adchieta, Anchieta 298. 17. 3. hum, huma 304. 9. 19. ante, antes. 306. 4. 3. Roque, Roca 337. 6. 9. Foraõnos, Foraõno 344. 8. 10 foſſe, foſſem. 352. 22. 21. tireſe-ſe 361. 16. 7. dezerdo, dezerto. 374. 6. 13. requero, requere 392. 7. 7. compadecendo, mas padecendo 396. 8. 14. folgava, folgavam ibid. 10. 3. domidgos, domingos. 403. 12. 1. longo, longe 411. 4. 6. muitos, muito 455. 12. 36. as, os 458. 8. 12. ſua, ſua ibid. 9. 11. que fazeis, que naõ fazeis 461. 4. 23. naſſo, noſſo. ibid. 7. 4. galinha, galinhas. 482. 6. 4. mandada, mandava 486. 11. 13. Reſidendia, Reſidenſia 487. 2. 2. Mazaganam em Aviſa, Mazagam em Africa. ibid. 2. 6. tireſe paſſou Africa &c. 488. 5. 15. qurto, quartos. ibid. 5. tirenſe as ultimas duas regras deſte §. 492. 14. 5. fallara, fallava. 502. 9. 3. deſte, deſtes. ibid. 11. 5. porque havia, porque nam havia. 515. 9. 14. pediam, podiam. 518. 7. 6. carros, carregos ibidem 9. 6. carros, carregos 522. 6. 30. obringandome, obrigandome. 523. 8. 9. & convem, convem 528. 3. 15. deſenfadados, enfadados. 540. 3. 21. judar, ajudar 546. 12. 2. couſa, couſas 552. o numero 19. ſe lea todo depois do numero 20. 558. 4. 5. encontrar, encontrou 559 10, 5. adiaram, acodiram 562. 11. 1. notaval, notavel 566. 7. 7. com, como ibid. 8. 3. como, como em 568. 17. 14. ajudou, ajudavam. 570. 26. 11. eſcrito, eſcrita 572. 13. 2. catal, cazal 584. 14. 20. lhe, de lhe 588. 1. 10. que hâ, em que hâ. 590. 12. 26. naquelle, naquella 592. 8. 24. anda, andava 593. no titulo do cap. o, &c. ibid. 1. 2. luxiria, luxuria ibid. 1. 14. caça, caza 595. 11. 29. nas, mas 599. 11. 2. tireſe a palavra, a parte 602. 15. 1. dos, nos 608. 13. 5. livos, livros. 613. col. 2. 12. a quem, qual 616. colun. 1. §. 4. reg. 8. Faller, Calher. 618. column. 2. §. 2. 20. Famulica, Tamulica 620. col. 1. §. 2. 12. ſacramentel, ſacramental 621. col. 1. §. 3. 2. Carvazedo, Carrazedo. 623. colun. 1. reg. 4. 1683. 1583. 629. 2. 21. ella, elle ibid. 2. 24. prepoſitos, propoſitos. 634. 7. 12. que, pedio que. 637. 20. 11. dozes, doze 638. 27. 3. lhes, ſe lhes. 650. 19. 16. perrigo, perigo 654. 8. 13. chegou, ſe achou 655. 9. 12. que lhe, lhe. 662. 5. 14. notaval, notavel. ibid. 7. 10. Branco, Branca 665. 9. 3. a buſca, buſca. 666. 11. 17. principal, o principal. 667. 2. 16. podre, Padre ibid. 2. 20 Auguns, Alguns. ibid. 3. 9. duas, ſuas 668. 7. 11. o nam, nam. 671. no titulo do

ca-

capitulo ſe diga, feriram. 676. 9. 14. cazos, cazo 679. 2.3. modo, magiſterio 680. 9. 5. tireſe a palavra quando 685. 1. 3. nome, homem ibid. 1.7. certidam, a certidam. 686. 8. 10. com, em. 690. 14. 1. tando, tanto. 696. 4. 25. las, lhas 699. 12. 8. eſtave, eſtava. 702. 3. 37. Deos, a Deos 703. 8. 24. Miſſam, Miſſa. 704. 9. 17. tomar a capa, tornar a caza. 706. 19. 8. ſobra, ſobre 707. 21. 22. em que, em quem 709. 12. 20. reſpondendole, reſpondendolhe 710. 1.6. charam, chamaram 714. 7. 14. ajudande, ajudando 719. 9. 15. tireſe do 720. 11.9. tireſe, que. 721. 15. 17. coma, como 723. 3. 7. conconcorrer, concorrer 726. 17. 2. negocio, negocios. 729. 11. 28. enfandouſe, enfadouſe. 730. 19. 14. arracavam, arrancavam 732. 22. 9. gaſtouo na, gaſtou no 733. 7. 9. coſtanſia, conſtantia. 737. 3. 12. aldea, aldeas 747. 2. 5. 1699. 1605. 749. 9. 18. adientar, adiantar 750. 14. 13. perfeito, prefeito 754. 2. 7. nuncas, nunca 758. 10. 27. pera, pera o 759. 14. 6. deu, dou 760. 18. 6. penetravam, penetrava 761. 24. 11. ſentido, ſentindo 767. 14. 24. lhe, ſe lhe 768. 26. 2. tiraſſa, tiraſſe. 769. 53. 12. nunca, nunca mais. 772. 7. 9. alguma, alguma rezaõ ibid. 8. 13. acabavam, acobardavam 773. 14. 9. belicho, beliche. ibid. 16. 19. exercicio, exercicios 775. 24. 2. denotava, denotavam 776. 25. 7. lançolhe, lhe lançou. ibid. 24. 11. vir, ir 767. 15. 32. & darſe, o darſe.